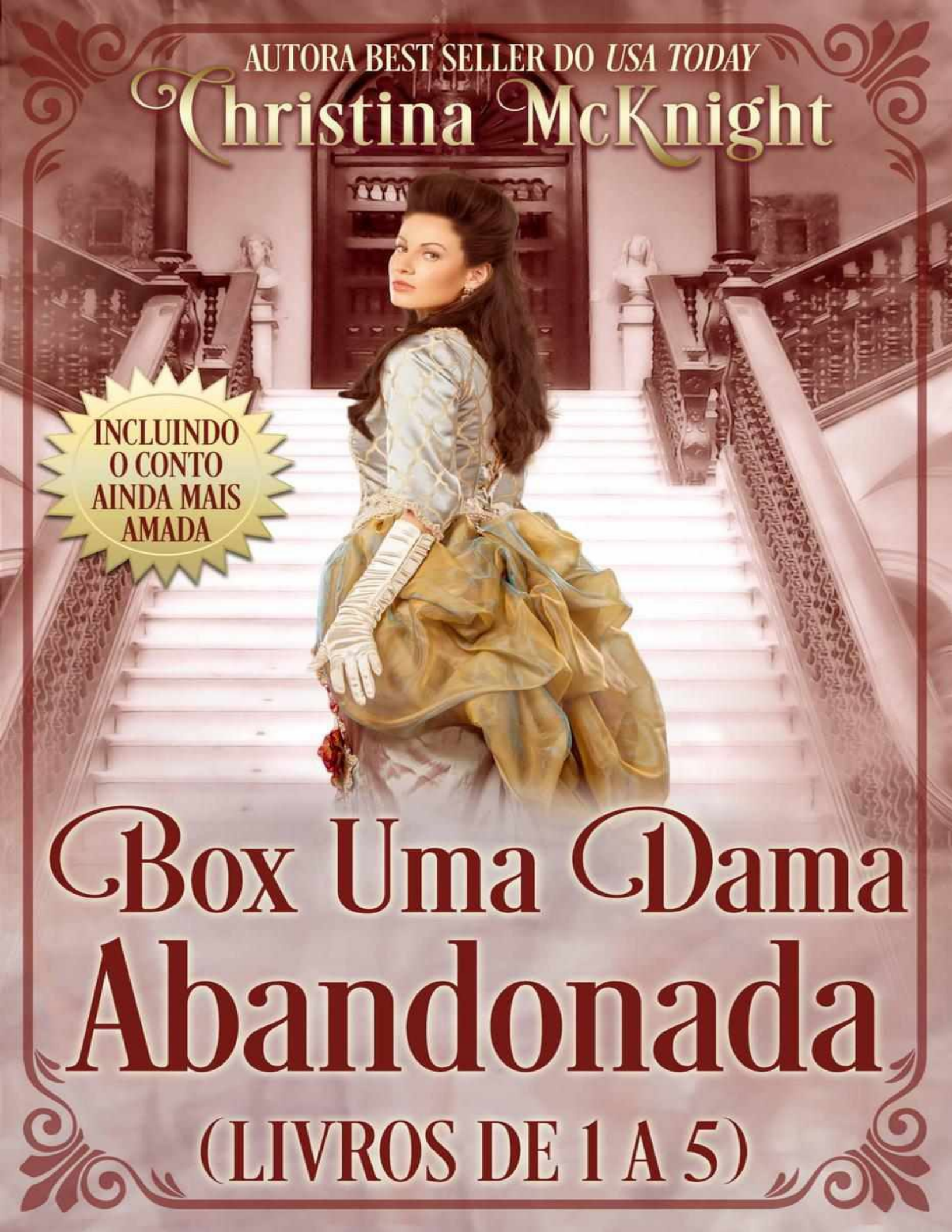
AUTORA BEST SELLER DO *USA TODAY*

Christina McKnight



INCLUINDO O CONTO AINDA MAIS AMADA

Box Uma Dama Abandonada

(LIVROS DE 1 A 5)

Box Uma Dama Abandonada (Livros de 1 a 5)

Christina McKnight

Traduzido por Éli Assunção

“Box Uma Dama Abandonada (Livros de 1 a 5)”
Escrito por Christina McKnight
Copyright © 2019 Christina McKnight
Todos os direitos reservados
Distribuído por Babelcube, Inc.
www.babelcube.com
Traduzido por Éli Assunção
Design da capa © 2019 Sweet n' Spicy Designs
“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

Página do Título

Página dos Direitos Autorais

Box Uma Dama Abandonada (Livros de 1 a 5)

Outros Livros de Christina McKnight:

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

EPÍLOGO

NOTAS DA AUTORA

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

EPÍLOGO

NOTAS DA AUTORA

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

EPÍLOGO

NOTAS DA AUTORA

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

NOTAS DA AUTORA

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

EPÍLOGO

NOTAS DA AUTORA

Avaliações dos Livros de Christina McKnight

A LADRA ROUBA O SEU CONDE

“Quando comecei a ler este livro, não consegui mais largá-lo... e isso me deu uma senhora ressaca literária. Eu queria ver como as coisas se desenrolariam quando o segredo de Judith fosse revelado e como Simon iria lidar com tudo... eu amei.” -*Sissy's Book Review*

"A história de Jude e Cart é um deleite! É tão diferente ver um mocinho tímido, sem qualquer trejeito social e que não seja rico. Eu amei esse livro... Com certeza foi um dos melhores que li nos últimos meses.” -*Reviews from a Thrifty Mom*

NUNCA MAIS ESQUECIDA

"Esta autora me fez voltar a amar romances de época. "

-*TwinsieTalk Book Reviews*

NUNCA MAIS ESCONDIDA

"O enredo é muito bom, a escrita é ótima. Suave e envolvente, eu li o livro todo de uma vez só, ele flui muito bem. Amo descobrir novos autores e com essa história maravilhosamente escrita pela senhorita McKnight, descobri uma nova autora de romances de época.” -*Bound by Books*

Ainda Mais Natal

"Ainda mais Natal é um maravilhoso conto de final de ano cheio de esperança, renovações, amor e recomeços. Se você é fã da série Uma Dama Abandonada, escrita pela Christina, esse livro é um algo a mais. E mesmo que você não tenha lido os livros anteriores, somente ele é uma bela adição à sua lista de leitura.” -*Literal Addiction*

Outros Livros de Christina McKnight:

Craven House Series:
A Ladra Rouba o seu Conde
A Amante Encanta seu Marquês
A Madame Captura seu Duque – Em breve
A Jogadora Aposta Seu Barão – Em breve
Lady Archer's Creed:
Theodora (Livro Um)
Georgina (Livro Dois)
Adeline (Livro Três)
Josephine (Livro Quatro)
Uma Dama Abandonada:
Nunca mais Rejeitada (Livro Um)
Nunca mais Esquecida (Livro Dois)
Eternamente Desprezada (Livro Três)
Muito mais Natal (Livro Quatro) – Em breve
Não mais Escondida (Livro Cinco) – Em breve
Muito mais Amada (Bônus Exclusivo) – Em breve

Disponíveis em todos os sites!
Livros Únicos
Um Beijo no Natal: Um Conto da Regência
The Siege of Lady Aloria, A de Wolfe Pack Novella
For The Love Of A Widow: Regency Romance Novella

Nunca Mais Rejeitada

Uma Dama Abandonada (LIVRO Um)

Christina McKnight

Copyright © 2014 por Christina McKnight
Todos os direitos reservados.
ISBN: 0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN-13: 978-0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN: 0-9882617-3-1 (Livro eletrônico)
ISBN-13: 978-0-9882617-3-0 (Livro eletrônico)

La Loma Elite Publishing



Todos os direito reservados. Nenhuma página dessa publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio, incluindo fotocópias, gravações ou quaisquer outros meios eletrônicos ou mecânicos, sem a autorização prévia do autor, exceto no caso de breves citações presentes nas avaliações e outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. Para permissões, envie um e-mail com o assunto “Atenção: Permissões” para o endereço abaixo.

christina@christinamcknight.com

Dedicatória

Para Lauren Stewart

Você mantém viva a minha paixão por escrever, mesmo quando esta é a última coisa que eu queira fazer. Sua amizade é única.

AGRADECIMENTOS

Escrevi este livro durante um período de grandes mudanças. Gostaria de agradecer a todos os que confiaram em mim e em minha jornada como escritora. Vocês nunca desistiram de mim, mesmo quando eu perdi o rumo dos meus sonhos! Um obrigada especial para Marc McGuire, Lauren Stewart, Jennifer Vella, Brandi Johnson Rachelle Ayala, Lucie Ulrich, e Mary Merrell. Todos vocês foram muito pacientes e apoiaram maravilhosamente o meu jeito excêntrico.

Um agradecimento muito especial à minha editora, Jen Blood. Você aceitou *Nunca Mais Rejeitada* sem pensar duas vezes. Estou ansiosa para trabalhar novamente com você. Jen pode ser contatada pelo e-mail jen@jenblood.com.

Revisão do original feita por Anya da Hour Glass Editing.

Capa e invólucro do original e design por Teresa Spreckelmeyer do Midnight Muse Designs.

Finalmente, obrigada a você por apoiar autores independentes.

PRÓLOGO



Hyde Park

Abril de 1806

VIOLA SEGUROU O cabo da sua sombrinha cor de rosa junto ao peito, esperando o espetáculo que estava por acontecer. Seu olhar estava fixo nas duas figuras encobertas àquela hora da manhã no Hyde Park. Os homens, na verdade meninos, começaram a contar enquanto se afastavam um do outro. As pistolas brilhantes estavam posicionadas em suas mãos direitas enquanto eles se preparavam.

Ela fechou os lábios com força para reprimir a risadinha que ameaçava escapar.

Quem teria pensando que ela, Lady Viola Oberbrook, teria dois homens querendo a sua mão - e na primeira semana da sua primeira temporada, nada mais! Que eles fossem os filhos gêmeos de Lorde Haversham era um grande *golpe de sorte*. Ela seria invejada por cada debutante. O assunto da cidade. Assim como deveria ser! Seu pai era o Duque de Liperton, afinal das contas.

Se ao menos conseguisse reunir toda Londres ali para testemunhar o duelo. Ela fez o que podia ao ter deixado escapar para a Sra. Tenchard. A velha fofoqueira com certeza espalharia as notícias mais rápido do que Vi conseguia gastar a sua atribuição mensal na loja da modista.

E Vi se orgulhava muito da sua habilidade de gastar o dinheiro do pai.

—Senhorita Viola, desculpa, mas não é bom ficar aqui, — sua criada, Sarah, sussurrou ao seu lado.

—Shhhhh, — Vi sibilou de volta, erguendo a mão para sinalizar para que Sarah segurasse a língua. Não queria perder um único momento do que estava por vir. Iria se lembrar disso pelo resto de sua vida. O dia que dois homens da *haute ton* duelaram em sua honra. Ela suspirou.

Os gêmeos – Cody, com o cabelo mais longo do que a moda ditava, e que tinha um certo brilho de determinação nos olhos, e Winston, com o cabelo louro muito bem cortado caindo logo acima do colarinho – deram os vinte passos e se viraram.

Suas pistolas dispararam ao mesmo tempo. O coração de Vi se elevou. Seu primeiro duelo... e certamente não seria o último, se tivesse algo a dizer sobre o assunto.

A leve brisa da manhã afastou a fumaça do cenário enquanto os dois homens caíam na grama encharcada pelo orvalho matinal. Gritos de alarde soaram. Homens correram para socorrer os gêmeos.

Um arrepio frio desceu por sua coluna; sua respiração ficou presa.

Nenhum deles se movia.

Uma respiração profunda soou ao seu lado, mas Vi estava com medo de tirar o foco da cena enquanto o cheiro pungente da pólvora a atingia.

—Chame o Doutor Durpetine. Rápido! — o Sr. Rodney Swiftenberg gritou. Sendo parente distante dos Havershams, Swiftenberg foi padrinho de Cody durante o duelo. Os outros, eram vagamente familiares, estavam ajoelhados ao lado dos dois homens.

Os jornais de fofoca teriam muito o que escrever sobre hoje. Vi mal podia esperar para ver seu nome lá. Talvez seu pai aumentasse o seu dote, já que ela seria altamente requisitada até o final do dia.

—Senhorita, — Sarah chamou. —Acho melhor irmos para casa. Seu pai ficará furioso quando descobrir que você escapou e agora esses dois coitados estão mortos aos nossos pés.

—Você deve estar brincando. Eles estão só fazendo drama – em minha honra, suponho. — Viola olhou para onde os dois grupos de homens estavam de pé, as cabeças sacudindo. Um tirou o casaco e colocou gentilmente sobre o corpo de Cody. Os olhos de Vi se atiraram para Winston, onde outro homem sacudia um xairel. O material áspero e grosseiro se moveu com a brisa da manhã e se assentou sobre o segundo corpo.

Estudou a cena à sua frente. Isso tinha tanto potencial para ser romântico. Uma história com a qual deliciaria os seus netos. Era uma pena que nenhum dos gêmeos fosse o herdeiro, e por isso, eram indignos da sua mão. Mas não via nenhuma razão para informar esse pequeno detalhe a eles e estragar a sua própria diversão. Descobririam em breve.

Lentamente, cada pessoa presente olhou para ela. Deu um passo atrás, para se afastar dos olhares severos. Cobriu a boca com a mão tremendo. Queria dizer a eles para afastar os olhos, ela era a filha de um Duque. Eles deveriam mostrar algum respeito. Nenhum desses homens tinha um título mais alto que o de Barão. Como se atreviam a olhar para ela assim?

Um homem alto e magro que carregava uma bolsa grande correu até Winston. Presumiu ser Doc Durpentire. Ele iria remendar os homens. Mas como tanto Cody quanto Winston foram alvejados, a rixa permaneceria sem solução. Viola imaginou o que o par pensaria para provar qual dos dois merecia a sua mão. Talvez uma corrida de cabriolé pelo Distrito de Mayfair. Sabia que conseguiria convencer Cody para levá-la junto e assim poder desfrutar da aventura. Praticamente podia sentir o vento na sua face enquanto a carruagem fazia curvas em alta velocidade, movendo-se no assento para que seu corpo macio pudesse se encontrar com o corpo rígido de Cody.

Imagine o que as jovens tolas e cabeça de vento pensariam. Iriam invejá-la ainda mais. Um sorriso espontâneo brincou em seus lábios.

O médico jogou o cobertor pesado de lado e moveu as mãos pelo corpo de Winston. Então, elas pararam. A cabeça dele foi para frente. Falou com os homens em volta dele, mas Vi estava longe demais para conseguir ouvir a conversa.

Rodney, com as mãos enfiadas profundamente nos bolsos, foi até ela.

—O que houve com eles? — ela perguntou quando ele chegou perto o bastante para poder ouvi-la.

—Acho que você deveria ir embora, Lady Viola. Esta não é o tipo de cena que uma donzela inocente deveria testemunhar, — Rodney respondeu. O cabelo louro era tão parecido com o de Cody e o de Winston, mas sua atitude sempre lhe pareceu arrogante para um homem sem título ou riqueza.

—Quem é você para mandar em mim? — Viola fechou a sombrinha com um estalido e a entregou para Sarah, e então colocou as mãos nos quadris.

—Não é hora para isto. Meus primos... estão mortos. Os dois. — Rodney parou. —Devo dar a má notícia para o meu tio.

—Você está enganado.

—Eu lhe asseguro, nenhum erro foi cometido hoje. — Ele se virou abruptamente, voltando para a multidão que se reunia entre os homens caídos.

Ele tinha que estar brincado, Viola pensou. Ela olhou para a dupla novamente, os corpos imóveis tão em desacordo com os gêmeos que ela conhecia. O calor da satisfação a deixou enquanto uma mão se apoiava em seu cotovelo. Viola sentiu os dedos calejados através de sua fina capa.

—Devemos ir, senhorita.

Vi espantou o toque suplicante do seu braço e tentou voltar o olhar para algo – qualquer coisa – além dos homens sem vida ali no chão.

—Bem, — Viola disse. —Isso foi...— O pavor fincou as suas garras e sua alma vacilou enquanto olhava para os homens deitados imóveis na frente dela. —...inesperado. — Toda a sua vida a conduziu a este momento – uma vida de exigências e rigores sociais que uma pessoa precisava seguir para ser aceita. Uma vida que tinha simplesmente parado, tão rápido quanto aqueles dois homens que agora estavam mortos. Mortos. Ela tinha matado esses homens – o pensamento a invadiu de uma vez, mesmo que a sua mente não o aceitasse. Cody e Winston, os gêmeos bobos que a tinham divertido tanto, não existiam mais. Ainda assim, ela continuava respirando. E com cada fôlego, de pé ali no Hyde Park, no ar frio da manhã, sentiu o peso das obrigações que vinham com a sua posição, normas e protocolos poderosos demais para uma menina de dezessete anos superar.

Olhou em volta procurando por ajuda, por alguém que dissesse a ela o que fazer, mas toda a sua concentração estava nos meninos ali no chão. Passou anos sendo ensinada sobre como se comportar e eles não a tinham preparado para nada assim.

—Senhorita, o que faremos?

—Eu acho que deveríamos... — Ela pigarreou. —Acho que é hora de recomeçar. — Ela sentiu, de alguma forma, que recomeçar seria simplesmente impossível.

—Recomeçar, senhorita? — A sobrancelha escura da criada se ergueu.

Viola endireitou sua postura impecável e forçou um sorriso brilhante antes de prosseguir. —Encontrar outro pretendente, sua boba! Desta vez, eu pretendo mirar algo um pouco melhor. — Ela girou em seus calcanhares, determinada a não tropeçar, para não esmorecer diante de tantas pessoas. Foi para a carruagem, passando pelos homens sem encontrar o olhar de ninguém, sentindo o peso dos olhares enquanto passava. Ela tinha que se preparar para os entretenimentos noturnos e tinha uma imagem a manter – não importa o quanto isso custasse à sua alma.

CAPÍTULO UM



Winchester, Hampshire
Julho, 1815

LADY VIOLA OBERBROOK contabilizou a lista de faturas na página pela quinta vez. —Impossível, — murmurou. Nos últimos oito anos, conduziu Foldger's Foals com um lucro decente. Mas os resultados vinham mudando nos últimos seis meses.

Colocando o lápis de lado, olhou a sala decorada com um rico padrão de azul e dourado, combinado com a madeira escura. Os arredores eram o seu lar. Decorada assim que fugiu de Londres, a sala exalava os gostos caros da sua juventude. A madeira escura da sua mesa era suave por baixo dos seus dedos. Valeria um bom preço. Teria que vender mais alguns móveis, já que os seus potros não estavam dando um bom retorno.

Como ela mudou. Agora valorizava a simplicidade em vez da extravagância. Uma parte dela ficaria feliz ao ver tudo isso desaparecer.

Uma suave batida na porta a tirou das memórias que eram melhores ser deixadas no passado. —Entre. — Vi fechou o livro contábil e ficou de pé, alisando o vestido com as mãos sujas de grafite.

As dobradiças enferrujadas rangeram enquanto a porta do escritório se abria para revelar Connor Cale, seu assistente e chefe dos estábulos. Sendo um homem de meia-idade da *ton*, ele tinha sido seu salvador quando precisou de um amigo todos aqueles anos atrás. Agora, o cabelo grisalho, o rosto honesto e seus contatos na sociedade de Londres permitiam que ela seguisse com o trabalho de sua vida sem se mostrar.

Ele andou hesitantemente até o escritório, parando em frente à mesa. — Um novo cliente chegou para avaliar o estoque disponível.

—Não estávamos esperando ninguém hoje. — Vi abriu a gaveta da mesa e colocou o livro contábil lá dentro.

—Entendo, mas ele viajou desde Kent e deseja se encontrar com o proprietário. — O olhar de Connor viajou pela sala, não parando em nada.

—Então, bem, traga o homem. — Sempre se preocupava quando permitia que alguém entrasse na propriedade. Um cliente muito curioso poderia despedaçar a sua vida – e as vidas que dependiam dela – imensamente. — Você conhece a família dele?

—Eu não o conheço *pessoalmente*. Ele chegou a pouco tempo na sociedade.

—Um recém-chegado? — Vi relaxou no assento, a causa da preocupação deixada de lado. A ameaça de já ter se encontrado com o cavalheiro seria nula e com um bônus adicional do dinheiro, sua presença seria uma bênção.

—Pela aparência dele, fui levado a crer que tenha voltado da Batalha de Waterloo. Enquanto ele estava ausente, o pai morreu. — O olhar de Connor finalmente encontrou o de Vi.

Estranho, ele nunca foi do tipo que não fazia contato ocular.

—Estou confusa sobre a razão para você estar aqui. Mostre tudo a ele, mas o impressione dizendo que a nossa mais nova leva de potros não será entregue antes de duas semanas. Isso não é negociável.

Connor pigarreou. —Há um problema, — Connor parou. —Ele gostaria de falar contigo.

—Para quê? A maioria dos homens fica contente em tratar de negócios com você. — Ela olhou a mesa para se ocupar. Além do óbvio – seu passado – não podia desperdiçar tempo mostrando as coisas ao homem.

—Mesmo que eu concorde contigo, ele foi muito insistente. Não acredito que possamos nos dar ao luxo de mandá-lo embora. — Connor se inclinou na mesa, as mãos firmes sobre a superfície.

—Mesmo que eu entenda a sua preocupação, nós também não podemos nos dar ao luxo que ele me reconheça. — Vi se inclinou, imitando a postura dele. Não se importava se sua pose ou a sua voz parecessem estar na defensiva, até mesmo que estivesse beirando a hostilidade.

—Concordo e devo dizer—

A maçaneta estalou e a porta se abriu. Precisava instalar um sino – ou, melhor ainda, uma fechadura.

—Desculpe interromper, mas eu não tenho o luxo de ficar esperando o dia todo. Tenho uma longa viagem de volta até a minha propriedade, — o intruso disse, entrando no escritório.

Ela olhou de Connor para o intruso e de volta para ele. O chefe dos estábulos estava certo, o homem que estava em sua frente tinha estado no exército. Até recentemente, suspeitava. A pele era bronzeada, os olhos

intensos e o cabelo castanho estava curto nas laterais e um pouco maior na parte de cima. Podia perfeitamente imaginar a brisa quente do verão soprando nas mechas escuras.

A sala ficou quente de repente, mesmo para o fim de Agosto, enquanto a sua mente vagava.

—Posso ver os seus cavalos hoje, ou devo voltar outro dia? — A voz estava cheia de impaciência.

Ela tinha estado encarando e havia altas possibilidades de estar de boca aberta. Afastou o olhar da forma primorosamente esculpida do homem, do seu cabelo atraente e dos olhos castanhos, e olhou para Connor. O sensível e prático Sr.. Connor Cale.

—O Sr.. Cale está mais do que feliz de mostrar os estábulos para você. — Ela olhou dentro dos olhos de Connor, implorando para que ele afastasse o homem do escritório. —Temos alguns potros de excelente qualidade, quase maduros o suficiente para a compra.

—De fato, por favor, me permita— Connor se virou para o homem com o braço aberto para guiá-lo de volta para os estábulos.

Mas o intruso permaneceu em seu lugar. —Você é a responsável pelo negócio?

—Eu sou. — Viola respondeu.

—Mas, você é uma dama...

—Obrigada por notar. — Vi ficou de pé e alisou as saias, pronta para escoltá-lo para fora do seu escritório. —Se você, por favor—

—Oh, sim, certamente *não* é difícil de notar. — Ele mediu o seu corpo da cabeça aos pés e todo o caminho de volta.

Vi contornou a mesa para confrontá-lo. Havia vezes como essa que ficava feliz por estar longe da sociedade, e das suas noções de o que uma dama deveria ou não fazer com o tempo dela. Mesmo sendo um afastamento forçado, tinha se afastado mesmo assim. —Senhor—

—Lorde, — ele corrigiu.

Deveria ter adivinhado que ele era um lorde e não apenas um filho mais novo. Sua arrogância era evidência do seu nascimento em berço de ouro. — Bem, lorde... posso perguntar o seu nome?

Vi passou pelo homem irritantemente presunçoso, atravessou a porta e foi para os estábulos, dando a ele a chance de segui-la – o que ela esperava que ele não tivesse feito – ou ficar para trás. Se ele respondesse a sua pergunta, não o ouviria.

—Tenho gerido a Foldger’s Foals por mais de oito anos. E tenho sido bem-sucedida, devo adicionar, — ela disse por sobre o ombro.

—Devo achar isso impressionante? — Ele de fato a tinha seguido.

—Sim—

—Eu salvei centenas de homens no campo de batalha.

Vi parou a poucos passos da entrada do estábulo. —Agora é a minha vez de ficar impressionada?

Quando se virou em direção a ele, eles quase colidiram. Andar mais rápido que ele não parecia ser uma opção viável.

—Eu apenas disse—

—Já que você está determinado a comparar o tamanho dos nossos egos, você também gostaria de bater no peito e uivar para a lua? — ela disse, os olhos agora aquecidos.

As mãos dele foram para o alto em defesa, mas ela viu um brilho de humor em seus olhos. —Começamos com o pé errado. Vamos começar de novo. Aparentemente, eu sou um completo símio com os modos de um cão selvagem, a quem falta todo o traquejo social. — Ele curvou-se.

Ela riu, escondendo seu enorme sorriso por trás da mão. —E parece que eu sou a mulher determinada a emascular cada meio-símio, meio-cão ao meu redor, — Vi disse, se abaixando em uma mesura.

—Eu sou Lorde Haversham...

Haversham? O sorriso sumiu do seu rosto e a risada ficou presa na garganta, fazendo com que fosse difícil respirar. Abruptamente, ela passou por ele mais uma vez e foi em direção à segurança do escritório. Não ouvia esse nome há anos. As pernas tremiam a cada passo, assim como todos aqueles anos atrás. Seria verdade? Ela pensou no rosto do homem, procurando por qualquer semelhança. Mas não, não viu nada. Enquanto Winston e Cody tinham a pele e os cabelos claros e altura mediana, o homem na frente dela tinha mais de um metro e oitenta e parecia francês.

—...e eu não quis ofender. Eu só queria entender o funcionamento interno do estábulo. — Ele a seguiu de volta para o escritório.

Claramente, ele não a tinha reconhecido, mas como poderia? Nunca se conheceram. Brock Spencer, herdeiro do Conde de Haversham, tinha partido há anos sob serviço do Rei George III. Ela precisava sentar ou os seus joelhos se dobrariam.

—Está tudo bem, Lady— Connor começou a falar.

—Não, é só o calor e o fato de eu estar trabalhando há muitas horas, — ela disse, interrompendo Connor antes que o homem idiota falasse o seu nome. Ela foi para trás da mesa e retomou o assento. Sentiu a confiança voltar enquanto apoiava a mão na superfície fria. —Começar de novo pode ser vantajoso para esta situação. Meu nome é Lady Posey Hale. Sou proprietária do Foldger's Foals há muitos anos. Como posso ajudá-lo hoje?

Manteve os olhos em Brock. Se ele olhasse na direção de Connor, estava certa que o veria olhando para ela com o rosto cheio de confusão. Ele ainda não tinha feito a conexão? Havia anos que discutiu o seu passado – e a sua necessidade de se esconder – com o chefe dos estábulos. Ele tentou acalmar a sua ansiedade, mas tinha passado muitos dias neste mesmo escritório, temendo o momento em que a sua identidade fosse exposta e a sua vida arruinada.

Isso não podia acontecer, não permitiria. Havia muitas pessoas dependendo dela.

—Eu quero construir um estábulo na minha propriedade. Disseram-me no Tattersalls que as crias de Foldger's Foals eram cavalos da mais alta qualidade.

—Você foi bem informado, meu lorde. — Se ele notou o seu desconforto, não demonstrou. —Meu homem de negócios pode mostrar os potros que não foram reservados ainda. — Ela o queria fora do seu escritório, da sua propriedade, e retornando em segurança para o seu lar.

—Por aqui, meu lorde, — Connor disse, conduzindo Lorde Haversham em direção à porta.

Ele fez uma mesura em sua direção. —Foi um prazer conhecê-la, Lady Hale. Estou ansioso para conhecer o seu marido quando voltar.

A coragem do homem! Pode ter sido uma presunção comum, mas isso a fez querer gritar e gritar. Em vez disso, engoliu a raiva e colocou um sorriso rígido nos lábios. —Pode me chamar de Lady Posey ou Lady Posey Hale, meu lorde.

As sobrancelhas dele se ergueram surpresas enquanto seu olhar viajava por todo o seu corpo. —Minhas desculpas novamente, Lady Posey. Espero que nos encontremos em breve.

—Sim, estou ansiosa. — O inferno congelaria quando se encontrassem novamente. Forçou um sorriso, esperando que não estivesse fazendo uma careta. —Diga-me se puder ajudá-lo com mais alguma coisa. Tenha um bom

dia. — Vi voltou a sua atenção para os papeis empilhados sobre a sua mesa, dispensando os homens.

O suave clique da porta lhe disse que eles tinham partido. Só então o seu corpo relaxou. Essa tinha sido por pouco. Por isso que tinha políticas e procedimentos que ela, Connor, e o resto do pessoal seguiam à risca. Seu bem-estar dependia da sua habilidade em esconder sua identidade.

Ela se inclinou e apoiou a bochecha na superfície fria da mesa, os olhos fechando. Ninguém compraria potros de uma menina responsável pela morte de dois jovens da *ton*. Não importava o fato de o seu pai ser um duque ou que ela tenha passado os últimos oito anos redefinindo o seu propósito na vida. Tinha sido rejeitada pela sociedade educada e seria algo com que viveria pelo resto da vida.

—Viola?

Maldição, ela realmente precisava instalar um sino naquela porta. Quando tempo tinha estado nadando na autocomiseração?

Erguendo a cabeça, viu Connor na soleira da porta.

—O que é? — ela perguntou.

—Lorde Haversham escolheu oito potros.

—Oito? — Não adicionava essa quantidade aos livros contábeis há seis meses. Deveria ter ficado animada por ser capaz de fazer sua doação auto imposta a tempo, sem ter que vender alguma mobília do seu escritório. Mas em vez disso, estava desalentada.

—Sim, ele voltará em algumas semanas para pegá-los.

Exatamente o que temia – que ele voltasse a Foldger's Foals.

—Você não pode entregá-los? — ela perguntou.

—Você pode discutir isso com ele, já que voltará pela manhã para negociar o valor por cada potro.

Vi olhou para Connor. Ele estava sorrindo? —Você sabe quem ele é, não?

Connor entrou no escritório e fechou a porta. —Eu percebi só depois que você quase desmaiou na frente dele.

—Você sabe que isso é ruim, certo? *Muito* ruim?

—Ele só está comprando alguns potros. — Connor se sentou na frente de Vi e esticou as pernas. —Ele virá amanhã para negociar o valor, e, depois disso, você não terá nenhum motivo para vê-lo novamente.

Vi apreciava a forma direta com a qual Connor lidava com os problemas: ele Já acalmou a sua ansiedade mais vezes do que podia contar. —Parece

razoável. Lidarei com ele pela manhã e nunca mais precisarei vê-lo. Resolveremos isso rapidamente.

—É claro.

—Irei redigir os contratos agora e os aprontarei para amanhã.

Mas, ela tinha essa estranha sensação de que as coisas não sairiam conforme o planejado.

CAPÍTULO DOIS



BROCK SPENCER, O conde de Haversham, puxou a cadeira de respaldo alto e se sentou. A sala cheirava a tabaco e suor, até mesmo a essa hora. Era como se o cheiro de homem tivesse sido absorvido por estas paredes assim como o delicado perfume das mulheres que se prendiam à pele. Os homens que estavam acomodados na sala, bebiam cerveja e comiam um café da manhã insípido, comprovando o baixo padrão do estabelecimento. Buscou abrigo aqui na noite anterior para esperar a hora da sua reunião com Lady Posey. Um sorriso se espalhou pelo seu rosto. A mulher era irascível, e estava ansioso para gracejar e brigar pelo preço dos potros.

—Precisa de mais alguma coisa, senhor?

Quando a dama, e aqui estava usando o termo muito livremente, apareceu na frente dele? Ela inclinou o quadril na mesa bem em frente a ele e serviu uma caneca suja cheia com algo parecido com cerveja. Ela não tinha percebido que mal eram oito da manhã?

—Pode me trazer o especial do dia, — Brock respondeu.

Ela apontou o polegar para a cozinha. —Minha mãe é quem cozinha e ela não faz nada especial. — Elevando o amplo busto, ela suspirou. —Eu te trarei um prato com queijo e pão... — Ela parou por um momento, permitindo que os seus olhos viajassem pelo corpo esguio de Brock. —É o meu favorito, — ela finalizou com um olhar esperançoso, como se esperasse que a convidasse para se juntar a ele.

—Servirá. — Ele só esperava que o trigo não estivesse infestado com cravagem. Viu muito dos seus camaradas tomados pelas alucinações e as convulsões, e, eventualmente, sucumbindo à inconsciência e então à morte. Não era uma boa forma de morrer.

—Voltarei logo com a sua comida. — Ela se endireitou, saindo da beirada da mesa e se virando enquanto mexia com o cabelo negro. Os quadris se moviam com um ritmo único enquanto ela ia até o balcão.

Brock se recostou, olhando em volta da sala. Odiava esperar e desperdiçar tempo. Seus anos servindo ao Rei tinha lhe ensinado que a ociosidade

conduzia à idiotice. Um jornal estava apoiado em uma mesa desocupada perto dele. Rasgou um pedaço do papel e limpou a boca da caneca. Não que isso fosse ajudar, mas ao menos os seus lábios não entrariam em contato direto com a superfície suja.

Quando deixou o jornal de lado, uma manchete chamou a sua atenção. — Conde Morre ao Alvorecer. — Um duelo tinha reivindicado outra vida. — Homens idiotas, — ele murmurou enquanto deixava o jornal de lado. Infelizmente, o nome impresso no artigo chamou a sua atenção. Continuou a ler:

O Conde de Davenderly foi morto na Terça de manhã em um duelo no Hyde Park. Este escritor se pergunta se Lady Viola Oberbrook está atualmente na cidade. Será que a Dama Assassina atacou novamente?

O artigo prosseguia falando sobre a legalidade dos duelos ao amanhecer e as consequências de ser pego pelo magistrado. Mas nada disso interessava a ele. Sua mente estava fixa no nome que amaldiçoou quase que diariamente desde o seu retorno à Inglaterra. Não tinha mais a distração da guerra, o perigo e o risco que corria lá o impediram de pensar muito sobre o assunto.

Brock jogou o jornal no chão com nojo. Como o autor do artigo se atrevia a esfregar na cara da sociedade a tragédia da sua família? Não tinham nenhuma cortesia pelo luto? Verdade, seus irmãos morreram há oito anos, mas a dor ainda pesava dentro de si. Tendo apenas voltado recentemente a conviver com a sociedade educada e à casa da família, finalmente estava lidando com a perda, junto com a inesperada morte do pai enquanto ainda estava longe. Voltou para casa esperando encontrar o pai de braços abertos esperando por ele, apenas para saber que ele estava morto. Isso o tinha devastado. Nenhuma única pessoa tinha avisado a ele. Foi um golpe que não havia esperado, abrindo o ferimento ainda fresco causado pela perda dos irmãos.

—A gente não recebe jornais com muita frequência, então os tratamos com gentileza. — A criada do bar colocou o prato de queijo e pão na frente dele e se inclinou para pegar o jornal que ele tinha jogado nas tábuas cobertas de poeira, os seios quase escaparam do vestido. —Tenha um bom apetite, senhor.

Não havia razão para corrigir a saudação incorreta. Embora ele ainda estivesse acostumado a se dirigir ao pai com o título, isso apenas chamaria mais atenção para si. Levou um pedaço do pão velho à boca enquanto ela se afastava, os quadris movendo-se com um pouco mais de força dessa vez. Se

algum dia ela pensasse em deixar o negócio da família, com certeza seria apreciada como mulher de conforto pela sua tropa.

Correção: Eles não eram mais a ‘sua tropa’. E ele não estava mais lutando no fronte. Parte dele não podia deixar de pensar se a vida em sociedade iria se provar mais perigosa que sua vida como soldado.

Afastou o pensamento da mente. Precisava se acostumar com isso. Pegou a sua fatia de queijo rançoso e o resto do pão em um guardanapo, e pegou umas moedas no bolso. A cadeira raspou no chão de madeira desgastada enquanto ele ficava de pé e ia para o quarto pegar os seus pertences.



O deslocamento até Foldger’s Foals não era muito longo, mas a estrada estava sulcada por causa do uso frequente. Uma espiada pela janela revelou um céu brilhante, com poucas nuvens no céu, embora o tempo pudesse mudar a qualquer momento e cair um pé d’água de uma hora pra outra. O clima nesta parte do país era inconstante, para dizer o mínimo.

Brock enfiou o restante dos seus pertences pessoais no alforje e foi até as escadas para pegar o seu garanhão, Sage. Foi a passo rápido para o salão, evitando o olhar fixo da filha do estalajadeiro. Tinha assuntos mais prementes. Tinha um estábulo para montar, uma propriedade para remodelar, o nome da família para polir e uma esposa para encontrar – não necessariamente nesta ordem.

Sage esperava por ele em frente à porta da estalagem, preso em um poste. Esperava que o cavalariço o tivesse alimentado bem e escovado depois da longa viagem do dia anterior.

—Oi, garoto, — Brock cumprimentou a única presença constante em sua vida. Sage tinha estado ao seu lado há mais anos do que podia contar. Com o focinho do animal na mão, ele coçou o ponto certo. Sage balançou a cauda para lá e para cá.

—Eu dei água e o alimentei, do jeito que me pediu.

Brock virou o rosto para o cavalariço, um sorriso caloroso no rosto. — Muito obrigado. — Ele jogou um xelim para o menino, carregou a sua bolsa com as poucas coisas que tinha trazido e montou.

Sage chegou rápido a Foldger’s Foals, e Brock estava feliz por isso. Enquanto os estábulos apareciam, olhou os campos, o cercado dos cavalos e a área dos estábulos procurando por Lady Posey. Disse a si mesmo que era

apenas para tratar o mais rápido possível dos negócios e voltar para a sua propriedade.

Isso é verdade? Se fosse ou não, não importava; tinha responsabilidades em Haversham House. Neste momento, deve estar chegando a madeira para reparar o abrigo das carruagens e o estábulo. Seu mordomo e a governanta estariam treinando a nova criadagem e ele esperava levar uma esposa para lá em breve.

Sim, Brock estava cansado de estar sozinho, vivendo a solitária vida de soldado. Sentia falta da risada da mãe, dos gritos do pai e das travessuras dos gêmeos.

Conduzindo Sage até a trilha que levava aos escritórios do haras, localizou Lady Posey atravessando um portão marfim antes de seguir para os estábulos. *A mulher estava vestindo um saco de batata?* Com certeza sua criada estava de folga para permitir que a sua patroa deixasse o quarto de vestir desse jeito.

Brock esporeou Sage, incitando-o a um galope, a poeira voava atrás de si. Temia que ela sumisse dentro dos estábulos e não voltasse para a sua reunião. Ficou admirado ao perceber que estava ansioso para discutir com ela; seria difícil barganhar com ela, Brock tinha certeza.

—Lady Posey! — Ele parou Sage a poucos passos da entrada dos estábulos. —Bom dia. — Apeou do cavalo e jogou as rédeas para o moço que tinha acabado de chegar.

O vestido dela não era bem um saco, mas a robustez do tecido marrom sem dúvida nenhuma seguraria uns cinquenta quilos de batata. A jovem donzela bem vestida que tinha conhecido ontem tinha desaparecido. Em seu lugar estava uma velha.

—E para você também, meu lorde. — Ela olhou timidamente para o chão enquanto fazia uma mesura a qual ele não via há muitos anos, se sequer viu alguma vez. —Eu já redigi os contratos. Por favor, me acompanhe até o escritório. Tuck, por favor, encontre o Sr.. Cale e diga para ele ir ao meu escritório. — Ela disse para o moço que levou Sage até os estábulos.

—Sim, senhorita.

—Eu não o esperava tão cedo, — ela disse enquanto caminhavam a curta distância até o escritório.

—Há muito tempo que tenho sido um madrugador. Mas você me surpreendeu. — O vestido cor de café, isso se esse fosse o tom exato, movia-se em volta dos tornozelos enquanto ela subia os dois degraus.

—Como assim, meu lorde? — ela perguntou por sobre o ombro. Parando, enfiou a chave na fechadura da porta.

—É do meu entendimento que a maioria das donzelas não levantam antes da refeição do meio-dia. — Pelo olhar severo e a dureza nos olhos dela, ele temeu tê-la insultado novamente. Outra coisa pela qual teria que se desculpar. —Não quis deSr.espeitá-la, Lady Posey, eu só—

Ela entrou na sala e se virou para ele. —Você logo aprenderá que eu não sou uma reles senhorita da sociedade ou uma debutante. — Ela endireitou a postura, impedindo a sua entrada na sala.

Ela estava esperando um pedido de desculpas? —Novamente, perdoe a minha falta de jeito. Eu só voltei recentemente ao convívio da sociedade educada.

Ela continuou olhando para ele, e ele para ela. Ele não podia pensar, pois isso lhe dava tempo para ele olhar dentro daqueles olhos azuis, tão claros quanto o canal que separava os dois continentes.

—Lorde Haversham, — o Sr.. Cale chamou. —Que bom vê-lo aqui de novo. Vamos finalizar a venda? Estou certo de que está ansioso para voltar para casa.

—Como estava dizendo para Lorde Haversham, os contratos já estão prontos para ser assinados, — Lady Posey disse, olhando para ele severamente.

—Eu estou, — Brock assegurou. Ele se afastou para permitir que o homem entrasse.

—Maravilhoso, maravilhoso. Lady V – Posey, posso lidar com isso caso tenha outros assuntos a resolver. — O Sr.. Cale atravessou a sala e ficou ao lado da mesa de Lady Posey, o corpo dele criando um escudo virtual entre Brock e a mulher. —Eu sei que você tem uma *reunião* importante para a qual se preparar.

A dupla se olhou nos olhos e Brock sentiu como se estivesse se intrometendo em um momento privado. Ele ficou desconfortável. Embora Lady Posey não parecesse corresponder ao sentimento, estava claro para ele que a postura do Sr.. Cale era mais do que um interesse profissional para com a sua empregadora.

—Isso seria de muita ajuda, Connor. — Lady Posey passou pelo homem e por Brock. Ela não parou até que a sua mão descansasse na maçaneta, pronta para fechar a porta assim que saísse. —Os papeis são redigidos de acordo com a nossa política, e os locais onde assinar estão marcados. Lorde

Haversham, Connor pode entregar os potros na sua propriedade em duas semanas, se você estiver de acordo.

Ela não deu chance de ele responder, fechando a porta logo em seguida.

Uma parte dele queria correr atrás dela. Ela o intrigava como ninguém o intrigava há muito tempo – isso se alguém o tenha intrigado alguma vez. Que ela fosse tão atraente quanto a sua personalidade apenas chamava ainda mais a sua atenção.

Em vez disso, ele se virou para o Sr. Cale enquanto o homem pegava a papelada.



Os corredores de Foldger's Hall estavam desertos a essa hora. Era cedo demais para limpar, tarde demais para reavivar o fogo. A sorte de Viola não poderia ser melhor enquanto subia as escadas correndo e percorria vários corredores da ala que compartilhava com a sua mais próxima e querida amiga, senhorita Ruby St. Augustin.

Vi virou para o último corredor e passou pela porta do seu quarto, indo para o quarto ao lado. Deslizou até parar, a bota ficou presa no tapete e ela quase bateu em um vaso cheio de flores que estava sobre a mesinha. Agarrou o vaso quando ele se inclinou perigosamente, espirrando água sobre e borda fina e delicada para estabilizá-lo.

Malditas botas! Por que ela tinha que usar essas coisas horríveis? Passou a noite anterior pensando no traje apropriado para que não chamasse atenção indevida. Essas botas, que pertenciam a uma das criadas que levava carvão até o seu quarto, tinham sido o toque final. Além disso, Vi tinha conseguido encontrar uma forma de substituir as botas velhas e gastas da garota sem ferir o seu orgulho. Vezes sem fim, a criada trabalhadora tinha declinado os chapéus e as meias de lã que Vi tentava dar de presente a ela.

A porta se abriu antes que pudesse bater.

—Viola! Esperava que você já estivesse nos estábulos. Estava me preparando para ir até lá. — Ruby bloqueou a entrada de Vi com sua forma alta e elegante.

Vi passou por ela, não dando a mulher sequer uma chance de sair do quarto. —Temo que isso não seja seguro para qualquer uma de nós neste momento.

—Sobre o que você está falando? — Ruby olhou para ela com suspeita. —Você parece aborrecida. Sente-se e me diga o que está acontecendo.

Quanto podia dizer a ela? Ruby tinha sido sua companhia e a sua mais querida amiga há quase sete anos. Se alguém sabia todos os segredos de Vi, esse alguém era Ruby. Seria justo sobrecarregar sua amiga com o seu mais novo problema, ou isso apenas a preocuparia desnecessariamente? Ela sentou na beirada da cama de Ruby, não querendo bagunçar a bela colcha com o traje sujo. —Eu corri até aqui.

—Você? Correu?

—Com certeza sou capaz de fazer um pouco de esforço quando é necessário. — Viola tentou, sem sucesso, controlar o tom defensivo das suas palavras.

—Você ainda tem que me dizer por que surgiu a necessidade.

—*Ele* voltou!

—Ele quem? — Ruby perguntou, erguendo uma sobrancelha.

—Lorde Haversham!

—Lorde Haversham faleceu há três meses. Minha mãe me escreveu contando as tristes notícias na sua última carta. Você deve estar enganada.

—Não o *antigo* Lorde Haversham... mas o *novo* Lorde Haversham!

—Brock Haversham voltou? Minha nossa!

—Oh, minha nossa, mesmo.

—Você precisa se acalmar. O que você quer dizer com ‘ele voltou’? — Ruby perguntou. —Não sabia que vocês dois se conheciam.

—Não nos conhecíamos até ontem. Ele chegou, sem ser anunciado, para olhar Foldger’s Foals. Ele teve a audácia de entrar no meu escritório e exigir conhecer a mulher que possuía um estábulo. — Vi se jogou na colcha, suas preocupações sobre manchar o tecido tinham desaparecido.

—Mesmo que eu não o veja há mais de quinze anos, isso soa como ele. Por que você não me contou ontem no jantar? — Ruby fez beicinho.

Ruby conhecia os Haversham desde criança, Vi se lembrou. É claro que ela conheceria o irmão mais velho.

—Eu estava muito preocupada, — Vi disse para acalmar a amiga. —Eu preenchi todos os contratos para a venda de oito potros e vesti essa roupa, no caso de ele exigir me ver.

—Onde você conseguiu este horrível vestido?

—Peguei emprestado com a Cook, e Sarah o alterou para servir em mim.

—E essas botas? Bom Deus, deve ser três vezes o seu tamanho.

—Daphne as estava usando esta manhã. Ela estava mais que disposta a trocá-las por um par de luvas de pelica e dinheiro o bastante para que

comprasse um novo par na cidade, — Vi prosseguiu enquanto sentava na cama para retirar as botas muito grandes.

—A criada do andar de cima? O que ela vai fazer com luvas de pelica?

—Não me importo com o que ela vai fazer com elas.

—Presumo que Lorde Haversham partiu assim que descobriu quem você é, então por que não é seguro que cumpramos nossas tarefas nos estábulos?

—Você acha que eu sou louca? — Vi perguntou.

—Às vezes—

—Ruby St. Augustin, pois eu lhe digo que eu – nós – temos feito um trabalho árduo para ver o nosso rebanho, entre outras coisas, em apuros por causa da chance de um encontro entre mim e um membro da *ton*.

—Então me diga como você conseguiu fazer uma venda para o único homem que tem todo o direito de desprezar a sua mera existência. — O pé de Ruby batia em um ritmo rápido, uma expressão severa obscurecia o seu rosto normalmente sereno.

—Eu fiz o que qualquer pessoa no meu lugar faria... Eu disse a ele que o meu nome é Lady Posey Hale.

—Lady Posey Hale? De onde você tirou esse nome?

—Isso não importa. O que importa é que eu nunca mais verei o homem!

—Ele é tão bonito quanto eu me lembro?

—Mesmo não sabendo o quão bonito ele era, ele realmente tem uma boa presença, — Vi admitiu com relutância. Suas mãos foram para as bochechas, certa de que elas tinham ficado cor de carmim.

—Talvez devêssemos nos esgueirar pelos estábulos, para que eu possa dar uma olhada.

—Certamente não nos esgueiraremos pelos estábulos até que Connor venha assegurar de que não haja mais perigo.

—Isso é muito sábio, — Ruby admitiu. —Não serviria para nada ter o seu nome circulando na boca dos fofoqueiros novamente. — Ela se moveu pelo quarto e sentou na escrivaninha. —Minha mãe não escreveu contanto sobre o retorno de Brock para o Kent. Imagino se deveria escrever contando. Seria muito bom informar à minha mãe antes que ela ficasse ciente.

—Provavelmente ela está em Londres para a temporada. — Viola tinha imaginado sobre o relacionamento entre Ruby e a mãe. Mais ainda, por que ela insistiu que Ruby ficasse com Vi todos esses anos em vez de conseguir casamento para ela em Londres. Se a sua amiga imaginasse o mesmo, nunca disse nada para ela. —Talvez ela mande buscá-la esse ano.

—Desisti disso há anos, Vi. Além disso, devo ficar aqui e me certificar que você não se meta em nenhuma outra situação infeliz.

Fazia anos desde a primeira e única ‘situação infeliz’ de Vi. Embora seu pai parecesse acreditar que ela se meteria em outra se fosse deixada a seu próprio encargo. —Você não pode pensar que eu me colocarei em uma situação como aquela novamente.

Ruby ergueu uma sobrancelha.

—Bem, não quero que isso aconteça, como você bem sabe, e pare de me olhar assim. — Vi levantou da cama e foi até a lareira e voltou. Se sentia presa em sua própria casa, incapaz de corrigir este desastre iminente.

—Ele vai partir logo e não vai voltar, certo?

—Sim. Connor se ofereceu para entregar os potros na propriedade dele quando eu julgar que eles estão prontos. — O pensamento de não vê-lo novamente deveria ter acalmado o seu desconforto, mas em vez disso o que ela sentia era uma pontada de decepção.

—Então você realmente não está em nenhum tipo de situação. Ele partirá e ficaremos aqui. Então a volta dele para a Inglaterra não significa nada para nós, — Ruby disse. Esfregou as mãos enquanto tirava a sujeira que poderia estar lá, e mostrou as mãos limpas para Vi. —E isso dará a Connor a desculpa de parar em Londres para você. Faz quanto tempo que você recebeu uma carta da Sra. Hutton?

Vi pensou por um momento. Quanto tempo faz? —Há alguns meses, eu acho.

—Então seria sábio que Connor desse uma parada lá e checasse a ela e às crianças, — Ruby disse. —Isso pode não ser muito para que ele faça um desvio do trajeto.

—Temo que eu tenha uma doação menor ainda este trimestre.

—Você realmente acha que as crianças se importam com o quanto você pode dar?

Vi desejava poder mandar mais, fazer mais por todos, mas com os negócios do jeito que estavam ultimamente, teria que limitar suas contribuições para o orfanato por um tempo. —Acho que não. — Embora, a compra de Lorde Haversham certamente fosse adicionada ao montante.

—Quando Connor partirá com os potros? Eu tenho alguns cachecóis e casacos para mandar para eles.

Quanto antes melhor.

Sim, o problema iria partir em breve e eles voltariam aos negócios, como sempre. Viola não tinha planos de voltar para a sociedade educada, mesmo que a aceitassem de volta, então não havia nada a temer.

—Ruby, muito obrigada, como sempre. — Vi tentou reprimir as emoções que borbulhavam bem abaixo da superfície da sua calma auto imposta.

—Pelo quê?

—Por ter ficado aqui depois de tantas pessoas me abandonarem. — Uma lágrima escorreu por sua bochecha e ela a limpou rapidamente. Não faria nenhum bem chorar pelos erros do passado. Já tinha seguido por esse caminho, e isso não resolve nada. Era melhor aceitar seu fardo e fazer o melhor que podia.

—Agora, Lady Viola Oberbrook, tire esse olhar de pesar do rosto e fique orgulhosa de tudo o que conseguiu, enquanto não precisa ter medo de um monte de pomposos Zé ninguéns te olhando por sobre o ombro. Você mudou – nenhum membro da *ton* te reconheceria agora.

Vi não sabia se acreditava nas palavras de Ruby, mas esperava que fossem verdade.

CAPÍTULO TRÊS



CONNOR PRESTOU ATENÇÃO no amigo enquanto ele se sentava na sua frente. A forma esguia e quase feminina se encaixou com facilidade na cadeira de madeira robusta, e Connor notou que a aparência de Hamp não tinha mudado em todos esses anos. Ele ainda tinha a aparência juvenil, o cabelo do mais escuro ébano onde não se podia ver um único fio de cabelo grisalho.

—Eu não entendo por que você insiste em se encontrar comigo nesta insofrível taverna, como se eu fosse do tipo que frequenta esta classe de estabelecimento. — O olhar do homem esquadrinhou os arredores.

Você é o único insofrível aqui. Connor não pôde fazer nada mais que verificar o local. A taverna era respeitável, assim como todas as tavernas no interior. A família que a administrava mantinha o bar e a estalagem limpos, a comida era boa e os quartos arrumados. As pessoas da região não reclamavam. —Ao contrário de você, pretendo manter nossos assuntos em segredo. As pessoas aqui não são muito propensas a fofoca, já que eu conheço a maioria dos clientes.

Ambos pararam quando a filha do estalajadeiro chegou para anotar os pedidos.

—Bom dia para você, Sr. Cale, — ela disse e sorriu para Hamp. —E para você, meu lorde, é sempre um prazer servi-lo. — Ela piscou.

Connor jurava que ela tinha lambido os lábios. Sutileza não era o forte de Darla, e o pai dela sabia bem disso. Era de se imaginar por que o estalajadeiro não tinha enviado a menina para viver com parentes em uma área remota, mas vendo como ela atraía a multidão, Connor estava disposto a apostar que ele ansiava por suas indiscrições.

—É sempre um prazer estar em sua companhia, senhorita. — O sorriso disfarçado do amigo espelhava o de Darla.

—Vamos querer whisky, — Connor disse e sacudiu a mão para dispensá-la.

Fazendo beicinho, Darla foi até o bar onde estava o pai.

Hamp observou enquanto ela se afastava, o cabelo se movendo no mesmo ritmo que os quadris largos. Connor imaginou que o seu sócio não tinha nada contra este estabelecimento no fim das contas.

Connor notou o *plastron* perfeitamente atado do homem e o impecável traje de montar e um raio de inveja atravessou o seu corpo. Houve um dia em que tinha se vestido de forma similar, quando as mulheres olhavam para ele do jeito que Darla olhava para este homem – como sempre esperou que Lady Vi olhasse para ele. Um dia, prometeu, ela iria – e seria tarde demais.

—Não posso ficar aqui por muito tempo. Sobre o que você quer falar? — Connor perguntou, tirando a atenção de Hamp da garota.

Relutantemente, seu parceiro de negócios voltou sua atenção para Connor.

—Você deveria aprender a aproveitar a vida um pouco mais.

—Eu não aproveito a vida por não estar metido na cama da filha do estalajadeiro? — Connor ouviu o cansaço na sua própria voz.

—Essa é apenas uma das formas com as quais você não aproveita a vida. Lembra quando costumávamos sair pela cidade? — Hamp riu. —Aqueles eram bons tempos. Agora, você trabalha até a morte para aquela menina ingrata.

—Você não deveria reclamar sobre o meu emprego com Lady Viola. — A voz de Connor estava cheia de raiva. Respirando fundo, ele prosseguiu. — Se não fosse por Foldger's Foals, não poderíamos começar de forma bem sucedida o nosso—

Darla voltou com as bebidas e eles interromperam a conversa.

—Aqui estão as bebidas, meninos. — A luxúria pingava daqueles lábios, e ela direcionou suas palavras para o acompanhante de Connor. —É melhor você me procurar antes de partir.

—Sempre procuro, meu doce, — Hamp disse.

A porta da taverna se abriu e Connor olhou para ver que tinha chegado. Ele não reconheceu a dupla vestida em calções bem feitos e camisas.

—Estarei esperando por você, meu lorde. — A menina se inclinou na mesa para mostrar seus atributos enquanto limpava um pouco da cerveja que caiu na mesa.

—Darla, — o estalajadeiro chamou, uma expressão mal humorada no rosto. —Os recém-chegados precisam de uma bebida.

Ela olhou por sobre o ombro e bufou antes de lançar um último sorriso para o acompanhante de Connor e ir até os recém-chegados.

—Lorde Featheringdon entrou em contato contigo? — Connor perguntou para chamar a atenção de Hamp novamente.

—Sim, eu recebi uma carta do seu homem de negócios com o jornal de ontem. Ele está enviando seu cavalariço para comprar novos potros. — Hamp virou o whisky em um único gole e sorriu. —Isso é whisky ou xixi de cavalo?

—Não estamos no seu clube em Londres—

—Falando em Londres, estou precisando de mais dinheiro... — A voz do homem esvaneceu enquanto esperava que Connor oferecesse mais dinheiro.

—Eu tirei o máximo possível sem que ela percebesse. Não há mais dinheiro.

—Sempre há mais dinheiro. Se eu tenho que impressionar clientes potenciais na cidade, eu preciso ter dinheiro.

—Você já queimou toda a sua herança? — Connor não pôde evitar perguntar. Sua curiosidade quanto ao status financeiro de Hamp tinha crescido durante o último ano. —Pelo que ouvi, sua mãe está vivendo confortavelmente com a atribuição.

—Não pergunte sobre a saúde das minhas finanças. Isso não é da sua conta. — Ele inclinou o copo e bebeu, as juntas dos dedos ficaram brancas enquanto apertava o copo um pouco forte demais.

Connor tinha atingido um nervo. Tinha que se lembrar que o amigo de longa data só podia ser pressionado até um ponto – Hamp não era um homem com quem Connor quisesse ter qualquer desentendimento. —Há pouco dinheiro entrando e muito saindo para alimentar e pagar o que resta da criadagem.

—Então, ela está perto da falência? — Hamp perguntou.

—Muito perto.

—E você copiou toda a lista de clientes?

—É claro. — Connor tirou uma folha de papel do bolso casaco. —Todos os trinta e seis clientes e os seus endereços.

Ele esticou a mão para pegar o papel, mas Connor tirou a lista do seu alcance.

—Isso não é seu. Ainda.

—Por que não?

—É cedo demais para entrar em contato com alguém. Mais quinze dias e estará claro que a Foldger’s Foals está fora dos negócios. Será muito mais fácil persuadir os clientes para comprar conosco.

—Sabia que havia uma razão. Estou de acordo. — Ele ergueu a mão para sinalizar para Darla trazer outro whisky. —Outro? — Quando Connor sacudiu a cabeça, o homem ergueu mais um dedo na direção do bar.

—Eu só acho que é importante que não sejamos óbvios demais em convencer os clientes dela a comprar com a D & C. — Connor abaixou a voz enquanto outro homem sentava na mesa mais perto da deles —Não podemos arriscar que um cliente procure Lady Viola.

—Duvido que haja algo que ela possa fazer a esta altura. Acho que ela irá para Londres e contará para todo mundo sobre você tê-la enganado, mas assim ela estaria se expondo.

Ele odiava quando Hamp estava certo. Irritava-o ainda mais quando ele percebia.

—É tudo o que você deseja discutir? — Connor perguntou.

—Eu precisava verificar se você e eu ainda estávamos trabalhando em comum acordo.

Darla se inclinou na mesa e serviu a bebida do homem. —Isso é tudo, cavalheiros?

—Sim, — Connor respondeu antes de o homem estender essa reunião inútil por mais tempo. —Quando devo?

—Não se preocupe com isso, Sr. Cale. Seu amigo fará mais que pagar a conta. — Ela riu e foi até os homens da mesa ao lado.

—Eu não me importo de trabalhar para pagar a conta, — ele disse com uma piscada.

Isso é a única coisa pela qual o homem já trabalhou na vida, Connor não pôde impedir de pensar.

Connor ficou de pé. —Você não mudou, meu amigo. Se não houver mais nada, estarei me pondo a caminho. Tenho que voltar para alimentar os potros. — Ele fez uma mesura e se virou para sair.

Antes de dar um passo, o homem segurou o seu braço, detendo-o.

—Preciso de mais dinheiro para continuar em Londres, — ele falou baixo.

—Planejo ir a Londres em breve. Levarei o seu dinheiro.

—Assegure-se de que faça isso, ou serei forçado a fazer uma visita à Foldger’s Foals.

Connor não fez nenhum comentário, perplexo com a posição em que tinha se posto. Mas se tivesse que escolher entre Lady Vi ou o seu próprio

retorno à sociedade e à respeitabilidade, sabia que não hesitaria. Connor escolheria suas próprias necessidades acima de qualquer coisa.

CAPÍTULO QUATRO



BROCK CAMINHOU POR Haversham House e quase caiu de joelhos. Era difícil entrar neste lugar sem que as memórias afogassem a sua mente. Memórias da sua bela mãe, grávida dos gêmeos. Ou seus irmãos mais novos escorregando pelo corrimão principal enquanto brincavam de pirata. Ou do seu pai, a voz elevada com raiva por causa das escapadas inadequadas de Winston e Cody.

Eventualmente, seus pensamentos se voltaram para *ela* – Lady Viola Oberbrook. Como desprezava a mulher! Que os céus o ajudassem, e todo mundo em volta dele, se ele ficasse frente a frente com aquela uma. Não sabia o que tinha acontecido a ela, e não tinha desejo de perguntar sobre o seu paradeiro. Ele conhecia a imprevisibilidade dos irmãos, a tendência de se jogarem em decisões precipitadas e seu desprezo pelas consequências, mas por que apenas os seus irmãos sofreram aquele dia? Com os dois mortos, a culpa deveria ter caído sobre os ombros dela, mesmo que não fosse justo.

—Meu lorde. — Seu mordomo fez uma mesura. —Posso pegar o seu casaco?

—Obrigado, Thamston. Por favor, envie água para um banho. Depois de dois dias sobre uma sela, devo cheirar pior que os cavalos do estábulo que visitei. — Brock moveu os ombros para tirar o casaco e foi até as escadas.

—Meu lorde?

—Sim, o que é? — Ele parou a meio passo, virando-se para Thamston.

—O Sr. Jakeston espera por você no salão da frente.

—Bem, por que não me disse logo? — Brock mudou a direção e foi em direção à porta do piso principal, abrindo-a amplamente para cumprimentar o velho amigo. —Harold! Eu me lembro perfeitamente de dizer que avisaria quando voltasse de Hampshire.

Seu aparecimento súbito assustou o amigo, que parecia estar cochilando em uma cadeira estofada, os pés descansando sobre uma banqueta. O Sr. Harold Jakeston se ergueu e tirou as botas de cima da banqueta estofada com um delicado tecido da cor creme. —Eu peço desculpas por vir sem ser

convidado. — O cabelo estava uma confusão e as pálpebras pesadas por causa do sono.

Brock bufou. —Você é sempre bem-vindo na minha casa, meu amigo. Você parece exausto. Outra briga com o seu pai?

—É tão óbvio? — Harold esfregou os olhos sonolentos.

—Não para alguém que não o conheça tão bem quanto eu. Eles vão pensar que você sempre foi desanimado e abatido. Thamston ou a senhorita Styles já lhe ofereceram refrescos?

—Não, não. Eu não quis atrapalhá-los. — Harold sacudiu a mão, afastando a preocupação de Brock.

—É sobre o vicariato novamente?

—Sobre o que mais seria?

—Você deve ser sincero e dizer que não tem intenção de seguir os passos dele. — Brock foi até o aparador e serviu dois bons dedos de brandy.

—Mas como terceiro filho, eu não tenho outras opções. Sem um xelim no meu nome, este caminho será imposto a mim. — Harold afastou o cabelo que caía em sua testa.

—Tome uma bebida. Tudo parecerá melhor.

Harold pegou o copo de Brock. —Nenhum xerez?

—A situação pede algo um pouco mais forte, você não acha?

Harold assentiu, inclinou o copo e bebeu todo o conteúdo.

—Outro?

—Não, obrigado. — Harold foi até a cadeira na qual estava cochilando e sentou, seu corpo super tenso caiu sobre a poltrona.

—Estarei viajando para Londres em breve para começar a procurar uma noiva, — Brock disse. —Insisto que me acompanhe. Talvez possamos casá-lo com alguma herdeira. Então você não terá que se preocupar com o seu pai ou o vicariato.

—É quase demais esperar que algo assim aconteça. — A tensão se transformou em desespero e ele se afundou ainda mais na poltrona.

Brock levou a própria bebida aos lábios e ponderou sobre o problema do seu amigo. Não tinha pensado em Harold acompanhando-o até Londres antes, mas isso seria vantajoso para os dois. Harold poderia ficar longe do pai e Brock não ficaria sozinho durante sua primeira incursão na sociedade depois de quinze anos. Não era mais que um rapaz quando escolheu seguir a carreira militar, indo contra os desejos do pai.

Enquanto Harold parecia perdido em pensamentos, Brock olhava a sala em que estavam. A última imagem dos seus pais estava sobre a lareira. O olhar baixo da mãe escondia o sorriso que queria invadir o seu rosto. Ela tinha acabado de descobrir que estava grávida novamente, depois de muitos anos tentando. Seu pai encomendou a pintura imediatamente.

Seu pai, o quinto Conde de Haversham, sorria com orgulho atrás da mãe de Brock. Nenhum deles podia saber que dali a sete meses ela estaria morta e o seu pai assumiria a tarefa de criar os gêmeos, apenas com a ajuda de um Brock de doze anos e uma casa cheia de criados.

E agora, todos se foram: a mãe, o pai, e os meninos que ainda não tinham saído quando a pintura foi feita. Se não fosse por Lady Viola Oberbrook, seus irmãos ainda estariam vivos; seu pai nunca teria morrido por causa do coração partido. Ela tinha levado a sua família.

—Você está me ouvindo? — Harold se queixou.

Brock engoliu a raiva que constantemente borbulhava quando pensava em Lady Oberbrook, e se afastou da pintura. —Desculpe-me. Minha mente estava em outro lugar. O que você disse?

—Eu perguntei como foi em Foldger's Foals. Você achou que os animais são de boa qualidade?

Oh, tinha achado algo de qualidade lá, embora não estivesse certo se tinha algo a ver com os animais que estavam à venda. —Fiquei muito satisfeito com os animais que vi.

—Com quantos você voltou?

—Eles ainda não estão prontos. Em quinze dias, voltarei e trarei oito potros para casa. — Mesmo com o Sr. Cale insistindo em entregar os animais em Haversham House, Brock tinha expressado o seu desejo de ele mesmo ir pegar os animais. Ele ganharia outro olhar da séria Lady Posey? Suas esperanças estavam altas. —Até lá, trabalharei no reparo dos estábulos. Você é bem-vindo para ficar e ajudar.

—Isso pode ser exatamente o que estou precisando.

—Estava indo tomar banho e recomeçar pela manhã, mas podemos muito bem começar agora, — Brock disse. —Antes que seu pai diga que seu tempo acabou.



Dias se passaram e Viola ainda não tinha encontrado uma solução para os seus problemas. Um aumento nas vendas ou uma diminuição nas despesas

ajudaria bastante. Sentou-se sobre um fardo de feno e ouviu enquanto Alexander, seu cavalariço forte e bem treinado, pronunciava cada frase que tinha ditado para ele uns minutos antes. O garoto, à beira da masculinidade, estava com ela há anos. Ela sabia que ele tinha mais a oferecer do que mostrava o braço mutilado. Robusto e capaz, trabalhava duas vezes mais que a maioria dos seus homens, apesar da sua deficiência. Queria ter esse mesmo impulso insaciável quando tinha a idade dele.

—Posso pegar o seu casaco, meu lorde? Como eu tô inu, Lady Vi?

Vi olhou para Alexander parado em frente a ela. —Desculpe-me. O que foi isso?

—Minha lady, você tá bem hoje? — ele perguntou.

—É, 'como eu estou indo' e, 'minha lady, você está bem hoje?' E sim, Alexander, eu só tenho estado muito ocupada ultimamente. — Vi observou enquanto Alexander assentia e voltava ao trabalho, continuando a recitar sua mais recente lição.

O garoto era inteligente, e digno de uma vida melhor do que Viola poderia dar a ele. Um dia, seria um chefe de estábulo em uma grande propriedade ou um mordomo nas áreas mais elegantes de Londres... ele só precisava se dedicar aos estudos. Quando ele ficou velho demais para permanecer no orfanato, Vi tinha rapidamente pegado Alexander e o colocado para trabalhar. Tinha ficado maravilhosamente surpresa de que a sua deficiência não limitava nenhum pouco as suas habilidades físicas.

—Muito bom, — ela o elogiou. —Agora, por favor, recite o *Ensaio sobre o homem* de Pope.

—De novo, minha lady?

Vi sabia que o trabalho que exigia dele era mentalmente exaustivo, mas esperava que um dia ele agradecesse. —Sim. Até que você possa recitar todo o poema com a pronúncia perfeita, você o recitará todos os dias. — Ela sorriu com encorajamento. —Você precisa tê-lo memorizado.

—Eu não vou conseguir— ele começou.

Vi ficou de pé e tirou o feno da saia, pensando em suas palavras antes de dizê-las. —Alexander, eu já lhe disse muitas vezes. Para trabalhar em uma casa importante, para um nobre e sua família, você *precisa* corresponder às expectativas.

Alexander olhou para ela sem expressão.

—Você se lembra do dia que te disseram que você precisava encontrar um outro lar? E um emprego para pagar por sua própria comida e por seu

abrigo?

—Sim, senhora.

—Como aquilo te fez sentir? Sozinho? Desesperado? Necessitado? — ela perguntou. Essas mesmas emoções tinham estado dentro de si; elas viviam em sua mente enquanto estava acordada e assombravam o seu sono a cada noite. Ela as conhecia muito bem.

Alexander ponderou a sua pergunta por um minuto antes de responder. — Como se eu não fosse bom para nada. Fiquei assustado ao pensar naqueles asilos de pobres e o que acontecia com as pessoas como eu lá.

Sabia que estava sendo muito dura com ele, mas precisava fazê-lo entender as consequências se ele não tentasse com afinco, especialmente sabendo que não seria capaz de mantê-lo por muito mais tempo. —Estou aqui para mostrar, para ensinar, que se você acredita em si mesmo, você nunca estará sozinho ou desamparado. Nenhum asilo de pobres estará em seu futuro.

Eles eram tão diferentes – de mundos completamente diferentes, mas ainda assim eram a imagem espelhada um do outro. Ela uma ex-dama da *ton*, e ele um menino rejeitado. Havia tanto que ansiava ensinar a ele, sabedoria que queria ter tido a essa idade. Imaginava se teria ouvido seu próprio conselho.

—Num sei o qui um alejado como eu pode fazê por alguém.

Aquelas palavras levaram lágrimas aos seus olhos. Com apenas uma mão funcional, Alexander ainda era mais competente do que qualquer outro cavalariço que tinha empregado. Ele tinha um jeito com os animais que desafiava as leis da natureza. Era como se eles entendessem profundamente as necessidades uns dos outros.

Ele se importava com eles.

—Você é muito mais que a sua deficiência, Alexander. — Ela pegou a mão que pendia sem vida ao lado dele e massageou a pele danificada. — Você é inteligente, compassivo, cuidadoso, trabalhador...

Alexander baixou o olhar, como se estivesse embaraçado com o elogio.

Ela prosseguiu, esperando provar o seu ponto. —Você é muito mais! E você terá tão mais quando ficar mais velho e usar as habilidades que o bom Senhor deu a você. Um dia, eu prometo, você terá sua própria casa e uma família só sua. E, se você trabalhar duro agora, terá um meio com o qual sustentá-los. Você nunca mais ficará sozinho.

Ele levantou os olhos cheios de pesar para os dela. —Eu agradeço di curação tudo o que tem feito por mim.

—Esse foi quase perfeito, mas não é ‘di curação’. Tente ‘de coração’, ela corrigiu, dando leveza à conversa. —Agora, *Ensaio sobre o homem*, de Pope.

Alexander assentiu e sua voz profunda preencheu os estábulos com as palavras do seu homônimo, Alexander Pope:

Conhece-te a ti mesmo, e não a um Deus que não pode escutar
Define o homem o próprio estudo da humanidade.
Posto entre dois estados diferentes, estando no meio
É sábio sem luzes, é grande com baixeza

Ela se deixou levar pelas palavras. Elas a cobriram como uma capa pesada, fazendo-a se afundar nas lembranças do seu passado e na dureza da humanidade. Não apenas a da sociedade, mas a dureza dela também. A sociedade apenas a puniu como merecia.

Com conhecimento demais para ser cético,
Com fraqueza demais para o orgulho estoico,
Ele paira nos meios; pensando se deve agir, ou descansar,

Tinha sido fraca, ainda era. Apenas esperava que um dia ganhasse o conhecimento e a força para consertar os seus erros. Ela poderia se humilhar para a humanidade para renovar o seu corpo e a sua alma? Procurar perdão pelo que a sua ingenuidade infantil causou? Cody e Winston não nasceram apenas para morrer. E ela também não tinha.

Ela tinha atacado aqueles jovens, os incitou, e por fim, causou as suas mortes. Se fosse julgada aquele dia, teria sido destituída? Teria corrigido qualquer um dos seus erros?

Teria alguma chance de consertar o seu passado? Talvez não devesse forçar Alexander para preservá-lo quando, na verdade, ela tinha desistido de tudo. Ainda tinha que encarar os seus pecados e fazer reparações; mas, em vez disso, se escondia no campo e se resignava ao seu destino.

O pensamento surgiu novamente, de não temer e admitir os erros e conseguir perdão de tudo e de todos, e assim poder respirar novamente. Mas conhecia somente uma única pessoa que poderia lhe dar o perdão que buscava.

Brock Spencer, Lorde Haversham, tinha o seu futuro nas mãos, mesmo que ele não soubesse disso. Esperava chegar o dia em que pediria por esta absolvição.

Alexander prosseguiu com firmeza, chegando ao fim e então parou. Claramente, buscando em sua mente a pronúncia correta da palavra.

—A palavra é absolvição, — Vi disse. Mesmo enquanto dizia a palavra, sentiu o peso sobre os seus ombros.

Era uma tola. Uma tola por pensar que alguém a perdoaria e removeria a capa de vergonha que vestia desde que fugiu de tudo o que conhecia em Londres. De verdade, era uma tola por pensar que tinha o direito de pedir a Brock que lhe concedesse absolvição.



Brock observou o progresso que tinha feito nos últimos dias. Tinha estado hesitante em assumir ele mesmo os reparos na propriedade, mas estava feliz por ter feito isso. Havia algo reconfortante em estar ocupado novamente. Era este o tipo de vida que estava acostumado e o que ansiava – um que mostrasse o seu valor. Ele não invejava as mãos ociosas dos seus compatriotas que nasceram com privilégios.

—E agora, Brock? — Harold perguntou, também estudando o trabalho deles.

Passou a mão pelo cabelo esperando que o suor não caísse nos seus olhos. —Por que não nos concentramos na selaria? É importante que as selas, os xairéis, e o couro não fiquem ao relento.

—Bom. Você ainda não me disse por que está com tanta pressa. Ainda nem lamentou a morte do seu pai e se apressou para reconstruir a propriedade – a mesma propriedade da qual você não podia estar longe o bastante quando era mais novo.

Harold era um homem inquiridor e inteligente, e Brock sabia que era apenas questão de tempo antes de o seu amigo questionar a sua pressa de seguir em frente.

—Desejo preparar a minha casa para uma família, para voltar a preencher as paredes com risadas. Se não puder cumprir esse objetivo em futuro próximo, ao menos me ocuparei com os cavalos. Com o treinamento e coisas assim.— Temia ter compartilhado demais, se exposto a piadas sobre casamento apressado e rumores sobre a ruína financeira, o que não poderia estar mais longe da verdade.

—Entendi, — foi a única resposta de Harold enquanto ele ia para a selaria.

—O que infernos você quer dizer com isso? — Brock o seguiu.

—Nada. Você não planeja contratar alguém para cuidar dos estábulos por você, para treinar seus novos potros? — Harold perguntou enquanto entrava na selaria.

—Para quê? Sou completamente capaz de assumir a tarefa, não sou? — Seu amigo mais verdadeiro pensava que ele era fraco? Que lhe faltava algo?

—Porque sim, alguns diriam que você é mais que capaz. Mas você tem toda essa responsabilidade pesando sobre os seus ombros, e, no entanto, você pretende conhecer, cortejar e casar com uma menina em Londres?

O homem tinha feito um ponto, um que Brock ainda não tinha pensado. Imagens de Lady Posey invadiram a sua mente: o cabelo escuro – ele cairia por suas costas quando ela os soltava do coque severo em que os mantinha? Os olhos azuis, tão claros quanto os mares ao longo da costa francesa... Mas principalmente, a sua própria presença. Embora tenham se encontrado em duas breves ocasiões, ele estava certo de que ela iluminaria qualquer cômodo em que entrasse. —Darei um jeito.

—Não tenho dúvidas de que dará.

Brock levantou um feixe de madeira e o carregou até o local, deixando-o aos pés de Harold que estava perto da parede apodrecida. —Basta de conversa. Parecemos duas viúvas conversando na hora do chá. — Ele pegou um martelo e se ajoelhou perto da parte da parede que mais precisava de reparos.

Antes que Harold pudesse responder, Brock ouviu passos atrás dele.

—Bem, bem, bem. Tão bom de sua parte fazer melhorias na minha herança, primo.

Brock levantou a cabeça e os cabelos da sua nuca se eriçaram. —Se não é o meu primo mais bem relacionado, o Sr. Rodney Swiftenberg. — Ele adicionou uma ênfase extra ao ‘senhor’ antes do nome do seu primo em terceiro grau. —A que devo esta honra?

—Eu só passei para checar a minha futura herança, — Rodney respondeu. —Espero que você não esteja esvaziando os meus cofres para reparar esta imitação de estábulo.

—Eu nunca sonharia em esbanjar a sua maldita vida, primo. Você se lembra do Sr. Harold Jakeston, não? — Abaixando o martelo, Brock ficou de pé para olhar para o primo.

—Ah, sim, sua sombra da infância. Como eu poderia esquecer o dócil e magro futuro vigário? — Rodney respondeu com a sua habitual condescendência, fazendo um gesto na direção de Harold.

Brock não olhou para o seu amigo de longa data, mas um calor distinto vinha da direção de Harold. Era uma tentação agir de forma violenta – agarrar o seu primo pela garganta e jogá-lo contra a parede podre da selaria, ou usar o criativo e intrincado nó da sua gravata para torcer aquele pescoço magro.

Em vez disso, ele sorriu.

Rodney arrumava confusão a cada oportunidade enquanto cresciam e isso não tinha mudado.

—Você nunca vai esquecer que Harold e eu te excluíamos das nossas aventuras quando éramos crianças.

—Isso não é verdade. Winston, Cody e eu ficávamos muito felizes em procurar as nossas próprias aventuras, — Rodney disse.

Havia verdade na declaração do primo. Apenas um ano mais velho que os gêmeos, Rodney se divertia à custa deles. Quando as tortas da cozinheira desapareciam ou quando um penico foi lançado por sobre a balaustrada no segundo piso, pousando no vestíbulo e cobrindo a Sra. Pearl St. Augustin de fezes, Rodney tinha estado presente para jogar a culpa do incidente nos gêmeos. O pai cedia ao trio todas as vezes. Sua declaração ‘meninos sempre serão meninos’ ainda soava na mente de Brock.

—Você pretende ficar na propriedade? Harold e eu podemos fazer uso de outro par de mãos para terminar este projeto antes de a semana acabar. — Não tinha visto Rodney desde que voltou para a Inglaterra, e achava suspeito o primo ter aparecido agora. Brock também tinha sabido que Rodney sequer achou oportuno mostrar o seu rosto no funeral do tio.

Poderia culpar o primo por não comparecer ao funeral que ele mesmo não tinha ido? Brock gostava de dizer a si mesmo que se soubesse que o pai tinha falecido, que teria voltado para casa, e cuidaria de todos os detalhes para homenageá-lo.

—Tinha planejado passar uns dias restaurando a minha constituição. A temporada pode ser bastante cansativa, caso você se lembre. — Rodney se apoiou no batente da porta, olhando o cômodo onde Brock estava.

Seu primo não tinha trabalhado um único dia em toda a sua vida, nunca precisou prover a si mesmo ou à sua família. Brock pensou que ele tinha ficado aborrecido ao ouvir que o herdeiro de Haversham House tinha voltado, vivo e capaz de assumir a herança.

Ajoelhando uma vez mais, Brock arrancou uma tábua meio apodrecida da parede, jogando-a por sobre o ombro, mirando em Rodney. —Seja útil, primo, e me dê o saco de pregos que está perto da porta.

—E macular as minhas novas Hessians? Eu acho que não.

—Eu os pegarei, — Harold disse, deixando Brock sozinho com o primo.

—Bom menino, — Rodney provocou.

Brock levantou e quase voou pela sala. Coçava para envolver as mãos em volta do pescoço perfeito e pálido de Rodney. —Primo! Vou te avisar somente desta vez. Não desrespeite os hóspedes que estão na *minha* casa. Você entendeu?

—Você não quer dizer *nossa* casa, querido primo? — O idiota se atreveu a firmar sua posição e desafiar Brock.

—Meu pai, que o Senhor proteja a sua alma, pode ter dado permissão para você viver aqui, mas eu não sou tão compassivo quanto ele. — Brock deu um passo mais perto, forçando Rodney a recuar. —Este estábulo, a casa e tudo o mais que estiver vinculado ao título Haversham pertence a mim, e somente a mim. Você é aceito aqui e nas minhas outras residências porque eu permiti a sua entrada.

Rodney deu um passo atrás, seu pé ficou preso em uma ripa de madeira, ele se desequilibrou e caiu no chão.

Brock continuou a avançar e ficou sobre o primo, apontando para a casa. —Até chegar a hora da minha morte, e se eu não tiver um herdeiro, você não será conhecido como nada mais que o Sr. Rodney Swiftenberg. — Achava que qualquer forma de impor a força fosse detestável, mas o seu primo precisava aprender qual era o seu lugar, antes que Brock permitisse algum espaço a ele. A essa altura, seria difícil controlar o homem.

—Desculpe ter dado a impressão de ter pensado ser direito meu tudo o que seu pai fez por mim desde que minha mãe e meu pai morreram, — Rodney retrocedeu. —Eu não quis ser desrespeitoso.

Um pouco de raiva escapou com as palavras de Rodney. Rodney também tinha passado por muitas dificuldades na vida, perdendo o pai quando jovem e então ou seus dois melhores amigos e primos.

Ele não tinha sido o único a sofrer com a morte dos irmãos.

Brock ofereceu a mão e o primo a segurou. A mão úmida quase escorregou da de Brock. Com um pequeno puxão, Rodney ficou de pé e passou as mãos pelo calção para remover a sujeira.

—Se você não pretende ajudar a mim e a Harold, você pode voltar para a casa principal. Nos encontraremos no jantar, — Brock disse.

—Sim, eu poderia gastar um pouco de tempo para me refres—

—Precisaremos de tudo isso? — Harold arrastou uma sacola cheia de pregos para o cômodo. —Eu posso sentir as bolhas começando a aparecer.

—Quais são os seus planos para este lugar? — Rodney olhou para os dois.

—Brock está preparando os estábulos para a chegada dos potros, — Harold respondeu antes que Brock pudesse detê-lo.

—Potros? Quando eles chegarão? — Rodney perguntou.

—Eles não estão chegando. Harold e eu partiremos em alguns dias para pegá-los e trazê-los para cá. — Brock queria que Rodney desse o fora – quanto antes, melhor. Se isso significasse que ele e Harold também tivessem que deixar a propriedade, paciência.

—Brock, mas eu pensei que você tinha dito—

Brock silenciou Harold com um olhar. —Houve uma mudança de planos, pensei que tivesse lhe dito no café da manhã. Algo aconteceu e nós precisamos ir até Foldger's Foals para pegar os cavalos.

—Foldger's Foals em Hampshire? Não tenho o prazer de visitar um haras há anos. Acho que vou junto.

O pior pesadelo de Brock parece ter se tornado realidade. —Você percebe que é uma viagem de mais de cinco horas no lombo de um cavalo? — ele perguntou na esperança de desencorajá-lo. —A viagem pode requerer que fiquemos alguns dias. As estalagens nesta parte do país são muito primitivas.

—Não tenho nenhum compromisso até o baile do Duque de Essex daqui a quinze dias. — Rodney sorriu maliciosamente para Brock, claramente desfrutando do desconforto do primo. —Acredito que uma viagem ao campo será uma ótima forma de passar os dias.

CAPÍTULO CINCO



VI ENTROU NO vestíbulo e foi até a escadaria, suas botas deixavam uma trilha de lama no chão recentemente limpo. Exausto, seu corpo ansiava por um banho quente e um cochilo antes que o jantar fosse servido. Os músculos do seu pescoço latejavam enquanto o seu pé alcançava o primeiro degrau. Suas panturrilhas se esforçavam para levantar a bota pesada para poder subir o outro degrau.

—Senhorita, — a criada, Sarah, chamou.

—Sarah. — Vi suspirou. —Justamente quem eu queria ver. Por favor, me prepare um banho e diga à Cook que me atrasarei um pouco para o jantar. — Ela voltou a atenção para a tarefa que tinha em mãos, vencer as escadas e de alguma forma atravessar o infinito corredor que levava até o seu quarto.

—Seu pai pede que vá imediatamente até o escritório, — Sarah prosseguiu.

—Meu pai? O que ele está fazendo aqui? A temporada ainda não acabou. — Nunca era bom para Viola quando o pai chegava sem ser anunciado. Por muitos anos, ele vinha na esperança de convencê-la a voltar para Londres com ele. A cada ano, ele ia embora desapontado para terminar os festejos da temporada sem ela.

—Ele não dá explicações para tipos como eu, senhorita.

—Era uma pergunta retórica. — Viola suspirou. Era melhor acabar logo com isso, descobrir o que ele queria e ajudá-lo a voltar para a cidade. — Obrigada. Eu irei vê-lo imediatamente.

Sarah fez uma mesura e desapareceu no corredor que levava à cozinha.

Vi apenas tinha que conseguir subir duas escadas, mas a viagem de volta seria ainda mais dolorosa, se isso fosse possível. O novo lote de potros era incontrolável. Com Connor cada vez mais tempo longe dos estábulos – procurando novos clientes – o treinamento e o cuidado dos cavalos ficavam por sua conta. Eles tiveram que deixar vários cavalariços irem embora nesses últimos meses.

Felizmente, o escritório do pai ficava a uma curta distância. Ela foi se arrastando pelo chão, movendo-se em um ritmo insuportavelmente lento.

Enquanto se aproximava da porta entreaberta, ouviu vozes. A situação era pior do que pensava. A Duquesa Viúva de Darlingiver tinha acompanhado o seu pai, Lorde Liperton. O casal tinha estado em contato há mais de quinze anos, mas raramente viajavam juntos.

Vi parou do lado de fora e ouviu. Mesmo que a espionagem não fosse algo bem visto para uma dama da *ton*, ela tinha deixado essa vida há muito tempo – o que apenas fazia com que o seu talento estivesse um pouco enferrujado.

—... mas John, meu querido. Isso é pedir demais, — a Duquesa Viúva murmurou. —Você não vê que eu tenho as mãos cheias com o meu próprio filho rebelde? Eu acho que o garoto gasta a sua atribuição antes mesmo que o advogado entregue o cheque.

O que o seu pai, um homem que tinha tudo, estava pedindo à viúva?

—Mesmo que eu tenha concordado contigo por muitos anos, chegou a hora. A situação dela não mudará a menos que ela confronte-a e os faça mudar de ideia. — A voz do seu pai estava determinada. —Além disso, o atual Lorde Darlingiver é um bom jovem, um pouco vivaz, mas essa vivacidade irá diminuir com o tempo.

Isso não podia, não seria, nada bom. Seu pai obviamente tinha traçado o seu plano de ação para Foldger's Hall.

—É a minha reputação que está em jogo, meu lorde.

—Isso eu entendo. Isso tem pesado muito em minha mente, mas Viola mudou, — o pai prosseguiu.

—Se você diz, — a velha matrona respondeu.

O que a Duquesa Viúva sabia sobre o quanto ela tinha mudado? A mulher tinha sido a sua madrinha durante a sua temporada de estreia, e ao primeiro vislumbre de escândalo tinha se distanciado de Vi e do pai. De fato, Vi não se lembrava de ter visto a mulher por pelo menos uns cinco anos depois que deixou Londres. Como a duquesa se atrevia a falar mal dela sem sequer conhecê-la?

Vi tentou se acalmar. Não veria o seu pai, depois de todos esses meses, fazendo careta. Olhando para baixo, seu grosseiro vestido de trabalho estava manchado com lama, e tinha feno grudado em alguns lugares. Não havia nada que pudesse fazer quanto a isso agora. O pai tinha requisitado a sua presença e ela não queria aborrecê-lo ainda mais fazendo-o esperar.

Colocando um sorriso sereno no rosto, abriu a porta. —Pai, que bom vê-lo! e Lady Darlingiver, faz tanto tempo. — Vi foi até a enorme lareira onde o pai estava e o abraçou, então fez uma mesura para a viúva, que estava sentada em um pequeno sofá.

Seu pescoço se torceu com a pose e o pé tremeu, mas não cederia aos protestos do seu corpo cansado ou deixar o seu sorriso, socialmente aceitável, vacilar.

—Minha querida Lady Viola, — a mulher mais velha irrompeu. —Você está tão linda como sempre, embora um pouco descuidada. — A viúva tampou o nariz com a mão.

—Peço desculpas pelo meu traje. Eu acabei de voltar dos estábulos e temo que esteja precisando de um longo banho, — Vi disse entre dentes. Novamente, seu sorriso não vacilou. Se havia algo que tinha aprendido no seu curto período em Londres foi como ‘sorrir e prosseguir’, assim como seu pai dizia.

—Minha querida filha! Olhe para você, — Lorde Liperton disse enquanto ia para o seu lugar no outro lado da sala.

—Pai—

—Você está quase tão escura quanto um francês! Isso não ajudará em nada.

O quê? Viola ergueu a mão. Era verdade, sua pele tinha ganhado um pouco de cor. Mas escura como um francês? De todas as coisas absurdas que o seu pai poderia ter dito, não esperava por esta.

—Como você pretende encontrar um marido adequado quando parece que acabou de voltar do continente? — ele perguntou.

Vi olhou entre o pai e Lady Darlingiver, incapaz de formar uma resposta.

—Muito impróprio. Viu, John. Nada mudou, — a mulher mais velha bufou.

Viola encontrou a voz. —Então acho que é uma coisa boa que eu não esteja, nem planejo estar, procurando um marido. — Parece que eles estavam pulando até o cerne da questão que havia trazido seu pai até ali antes do fim da temporada e longe dos seus deveres no Parlamento.

—Não seja tola, menina. — Seu pai ficou de pé entre Vi e a viúva, como se precisasse interferir em alguma briga entre as mulheres. O que era absurdo, já que Vi era uns vinte centímetros menor que o seu robusto pai, e a viúva era ainda maior que o duque, a cabeça dele só chegava até o ombro dela.

—Ouça o seu pai pelo menos uma vez, Lady Viola.

Ouvir o pai? A mulher não tinha noção se e quando Vi tinha ouvido o pai nos últimos anos. —Eu sempre ouço as palavras do meu pai com a mais alta consideração, minha lady.

—Sente-se, — o pai disse, fazendo gesto para o sofá perto da duquesa.

Viola optou por uma cadeira estofada com couro que ficava perto da porta do escritório. Se precisasse de uma rota de escape, seria muito conveniente.

—Viola, — o pai prosseguiu, tomando o assento que Viola tinha declinado. —Estive pensando—

—Obviamente.

—Não interrompa o seu pai, mocinha, — a viúva se intrometeu.

—Viola... — o pai começou novamente.

—Eu lhe disse, a menina não tem um único osso refinado em todo o corpo. Foi feita para ficar aqui no campo e não para a vida na cidade, — a mulher se lamentou. —Suspeito que até mesmo o meu filho teria dificuldade de apresentar a garota.

O pai pegou a mão da senhora na dele, afagando-a. —Dê uma chance a ela, Evie.

Evie? Nunca na vida o pai tinha se direcionado a uma mulher de forma tão informal. O relacionamento deles definitivamente tinha progredido desde a última vez que falou com o pai. Quase sentia como se estivesse se intrometendo em um momento íntimo entre os dois.

Imaginou o que o filho da viúva, Hampton, tinha a ver com a sua volta para a cidade.

—Posso me retirar para me refrescar? Talvez possamos continuar esta discussão durante o jantar.

—Eu acho que não. — A voz do pai se elevou com raiva.

—Prossiga, John, — a viúva incitou.

Isso era demais! Eles agiam como se a *própria* Vi tivesse se exilado em Foldger's Hall. —Pai, por favor, diga o que deseja.

—Como você bem sabe, já faz muito tempo que acredito que você precisa de um marido—

—E contra os meus desejos, seu pai pediu o meu apoio, — Lady Darlingiver interrompeu mais uma vez.

—Evie, o seu apoio e compreensão todos esses anos foi o que manteve a minha esperança.

Viola queria jogar alguma coisa nos dois, se ao menos isso fizesse o seu pai cuspir logo o que ele queria. Quantas vezes já passaram por isso? Eles iriam discutir e então ele voltaria para Londres, não seria visto por muitos meses até que resolvesse mais uma vez convencê-la de que precisava de um marido.

Seu pai se ajeitou no assento, chegando mais perto de Lady Darlingiver, se isso fosse possível. —Eu acho que já passou da hora de você voltar para a sociedade e procurar um marido. Não vai continuar aqui brincando com cavalos.

—Você acha que eu brinco com os cavalos? — Vi explodiu. —Eu administro um rancho muito bem sucedido há oito anos. Eu não brinco com cavalos.

Precisava se acalmar. Contou até dez antes de prosseguir. —Além disso, se não me falha a memória, foi você, Lady Darlingiver, quem me convenceu a abandonar Londres em primeiro lugar.

—Naquela época, seu pai e eu pensamos ser o melhor—

—Por que eu deveria voltar agora? Eu construí uma vida aqui. Têm pessoas que dependem de mim.

Seu pai ergueu as mãos, as palmas para cima, como se estivesse pedindo atenção. —Eu não sou jovem, Viola. Você precisa casar e assegurar o seu futuro. Não serei capaz de sustentá-la para sempre.

—Sustentar-me? Pai, Foldger's Foals é completamente autossuficiente.

—Sim, mas se algo acontecer comigo, a propriedade vai para o meu primo, Gerald.

—Mas não Foldger's Foals. A propriedade não é vinculada ao ducado, — Vi disse.

—Seja como for, seu segredo se espalharia e seu meio de sustento desapareceria, — ele prosseguiu.

Maldição. O pai estava certo. Ela precisava seguir por outro caminho. — Você acha que eu não vi os jornais de fofoca? — ela disse. —Eu não fui sequer esquecida pela *ton* ou fiquei longe das suas fofocas doentias.

—É verdade, seu nome ainda aparece nas páginas de muitos jornais. Mas seu retorno fará cessar as fofocas. Você é uma pessoa diferente agora.

Lady Darlingiver enrijeceu ao lado do pai. Obviamente, a mulher não tinha a mesma opinião. Talvez Vi pudesse encontrar uma aliada nela.

Ela redirecionou a sua atenção. —Lady Darlingiver, na sua estimada opinião, você sente que eu possa reentrar com sucesso na sociedade?

A mulher olhou para o pai de Vi antes de falar. —Isso vai apenas depender do seu comportamento, querida.

Essa era uma resposta segura; claramente, a mulher não estava disposta a assumir a responsabilidade por Viola novamente. Nem Vi poderia culpá-la. A viúva tinha conseguido entrada às casas mais elegantes de Londres durante a desastrosa temporada de Vi. Tinha sido apresentada aos melhores partidos e Viola se burlou dela.

—Aprecio a sua honestidade, Lady Darlingiver, e eu não procuro me impor a você. Seria um grande compromisso me reapresentar à sociedade. — Viola esperava usar a necessidade da mulher de manter a sua reputação ilibada ante a *ton*.

—Evie não se importa com o desafio. — Lorde Liperton virou para a sua parceira. —Importa-se?

—Meu lorde, Lady Viola tem um ponto.

Então eles tinham voltado às formalidades. Isso servia bem à sua causa.

Lady Darlingiver prosseguiu. —De fato necessitaria um grande empreendimento. E mesmo que não me oponha a um desafio, não estou certa se este seria bem-sucedido.

Seu pai se arrancou do assento e ficou em frente à Viola.

Ergueu o pescoço para olhá-lo nos olhos, seus músculos lutavam com o ângulo.

—Serei claro, Viola. Você se casará, e se casará logo! Que os céus me ajudem, não me importo se você se case com Connor, mas você se casará!

Viola imaginou por que imagens de Lorde Haversham surgiram em sua mente neste exato momento.

CAPÍTULO SEIS



LORDE HAVERSHAM TINHA evitado o olhar ameaçador do seu primo pelas últimas horas. Infelizmente, isso também significava não fazer contato visual com Harold, que montava do lado de Rodney.

—Você tem que ir a um passo tão rápido, primo? — Rodney segurou a cabeça da sela enquanto suas pernas se penduravam contra os flancos do cavalo, os pés tinham perdido o apoio dos estribos há muito tempo.

A viagem até Foldger's Foals tinha começado com Rodney posando como o dândi que era, seu casaco de montar caia sobre seus brilhantes calções amarelos de forma muito elegante. Isso tinha sido há horas. Agora, suas muito apertadas calças amarelas estavam imundas e os cabelos sacudiam para lá e para cá ao ritmo dos passos do cavalo.

Brock achou difícil não rir do óbvio desconforto em que Rodney tinha insistido em se colocar. —Como disse antes de partirmos, estamos sendo esperados e eu não desejo deixá-los esperando. Não tema, a estrada é bem após a próxima elevação.

—Por que eu deveria estar preocupado? — Rodney se endireitou na sela. —A jornada foi maravilhosa até aqui.

—A forma com a qual você está segurando a cabeça da sela conta outra história, — Harold caiu na risada.

Brock reduziu para um trote, sabendo que chegariam em breve. Lady Posey não estaria esperando, mas não podia passar mais um dia na companhia do primo. Pensou que quando ele fosse confrontado com a realidade de várias horas sobre uma sela, que Rodney iria mudar de ideia e voltaria correndo para Londres como um roedor antes de uma tempestade. Este não tinha sido o caso, para a tristeza de Brock.

—A estrada é aquela, querido primo? — O tom alegre na voz do primo provou o quanto tinha estado errado.

Buxos perfeitamente aparados bordejavam cada lado da estrada bem cuidada que levava até os estábulos. Embora fosse quase hora do jantar, o

rancho fervilhava com atividade. Cavalariços corriam para lá e para cá carregando comida e outros suprimentos.

—Não tema, chegamos. — Brock conduziu Sage até a estrada, Rodney e Harold o seguiram.

O trio parou suas montarias do lado de fora dos estábulos bem conservados e apearam. Dois jovens correram até eles, pegaram as rédeas dos três cavalos e os conduziram para a área coberta do pátio do estábulo sem dizer uma palavra.

—Cavalheiros, vocês chegaram cedo! — uma voz chamou atrás deles. Brock se virou para ver Connor Cale saindo do escritório.

—Sr. Cale, posso apresentar o meu primo, Sir Rodney Swiftenberg, e o Sr. Harold Jakeston?

Connor fez uma pequena mesura na direção de Rodney. —É um prazer tê-los aqui em Foldger's Foals, sejam bem-vindos. — A seguir, ele inclinou a cabeça para Harold. —Você também está interessado nos potros?

—Eles estão apenas me acompanhando, — Brock disse.

—Bem, sejam bem-vindos mesmo assim. Eles são um grupo enérgico e mãos extras são mais do que bem-vindas. — Connor virou para os homens que passavam no lado mais distante dos estábulos. —Lady V – Posey está trabalhando com o jovem, enquanto falamos. Vocês cavalheiros gostariam de dar uma olhada no nosso processo de treinamento?

Brock assentiu, notando que Harold tinha feito o mesmo. Rodney parecia querer um banho quente e possivelmente uma bebida forte. —Gostaríamos, obrigado. Não gostaríamos, Rodney? — Ele cutucou o primo.

—Certamente, certamente. Você está certo, como sempre, *querido* primo. Eu devo reunir tanto conhecimento quanto possível para conduzir de forma eficiente os *meus* estábulos, — Rodney contra-atacou.

—Os potros não vão para Haversham House, meu lorde? — O olhar confuso de Connor foi de Brock para Rodney.

—Perdoe o meu primo. Ele está um pouco ansioso para reclamar a sua herança. — O olhar penetrante de Brock pousou em Rodney, desafiando-o a falar novamente. —Vamos dar uma olhada. Você tem um chefe dos estábulos ou um treinador de cavalos?

—Ah, não meu lorde. Lady Posey prefere lidar ela mesma com os potros.

—O quê? — Harold perguntou atrás de Brock. —Não sou um homem da cidade, mas isso parece altamente incomum para uma dama da *ton*.

—Como verão, Lady Posey é qualquer coisa menos uma tradicional dama da *ton*. Deem vocês mesmos uma olhada.

Algo no comentário irreverente fez Brock enrijecer.

Connor se virou e seguiu para o outro lado do estábulo. —Por aqui. Temos uma área de treinamento nos fundos.

Enquanto davam a volta no fundo dos estábulos, Brock parou de súbito. Na frente dele estava Posey, usando calções enquanto segurava um potro com uma corda longa. O jovem potro ia de um trote a um galope com graça, mal exigindo uma palavra da sua senhora. Mesmo que Lady Posey segurasse um longo chicote, Brock sentiu que ela nunca o usou em um dos animais, ou em qualquer criatura. O chicote estalava em um movimento constante no chão ao lado dela; enquanto o bater aumentava, a velocidade do potro também aumentava.

—Incrível! — Brock mal notou que a palavra saiu da sua boca.

—Sim, nossos potros são muito bem treinados.

O homem era louco? Brock não estava olhando maravilhado para o potro, mas para a visão da mais bela mulher que já teve o prazer de ver. Os calções se agarravam às pernas torneadas como se tivessem sido costuradas no corpo. Mas isso era impossível! Que modista em seu juízo perfeito criaria um par de calções para uma mulher?

—Por aqui, cavalheiros. Tem um melhor ponto de observação bem ali. — Connor aproximou-se do local onde estavam Lady Posey e o potro.

—É uma mulher ali? — Harold franziu a testa.

—Sem dúvida é uma mulher, seu bufão, — Rodney disse, batendo nas costas de Harold, fazendo-o tropeçar.

As mãos de Harold foram para frente para evitar que colidisse com a grade.

Brock engoliu a reprimenda que provavelmente iria envergonhar o primo e optou por dar outro olhar gelado, o que apenas garantiu um sorrisinho e um erguer de sobrancelhas de Rodney.

Um suave estalo soou na área gramada. Relaxando a postura, Brock afastou o olhar do primo e voltou a observar a celestial criatura que comandava o potro sem fazer esforço algum. Ela parou a pequena besta e o puxou gentilmente em sua direção. Brock esperou, com a respiração suspensa, pelo que ela exigiria do potro.

—Tão entretido quanto isso seja, acho que eu aproveitaria muito mais uma xícara de chá ou um bom scone, — Rodney disse para Connor. —Talvez

haja um lugar onde eu possa me refrescar?

—É claro, — Connor disse. —Minhas desculpas por não oferecer isso mais cedo. Onde estão as minhas maneiras?

—Não faz mal, — Brock disse. —Rodney e Harold, por que vocês não vão com o Sr. Cale, e eu consultarei Lady Posey sobre o treinamento dos potros? Encontrarei com vocês em breve.

Harold olhou de Brock para Rodney. Os olhos diziam claramente que não havia nada que quisesse menos do que estar na mesma sala que o primo de Brock.

—Não demorarei, — Brock disse, esperando que isso arrefecesse o desconforto de Harold. Ele só queria uns minutos sozinho com Lady Posey.

Harold assentiu e foi até Rodney e Connor enquanto eles seguiam para o escritório do haras.

O estalar continuava, chamando a atenção de Brock para o cercado. Lady Posey chamou o animal mais uma vez. Ela jogou a corda e o chicote para o lado. Enquanto o animal se detinha em frente a ela, ela estendeu a mão e pegou a cabeça do potro e acariciou suavemente o focinho aveludado.

A brisa carregou uma canção. A melodia familiar trouxe memórias à sua mente.

—Eu vi uma donzela, sentada e cantando, ela ninava um bebê, — Lady Posey cantava suavemente.

A mente de Brock se encheu com imagens da mãe cantando até que ele dormisse, seu pequeno corpo grudado ao dela. Não ouvia a música há quanto tempo? Vinte e nove ou trinta anos? Como o tempo passou rápido. A vida estava sempre mudando, raramente se movendo na direção que ele esperava.

Mandou as memórias voltarem para onde elas pertenciam e pigarreou. Não queria parecer engasgado quando falasse com ela.

Lady Posey levantou a cabeça e olhou em sua direção, erguendo a mão para proteger os olhos do sol da tarde. —Connor? — ela chamou.

Brock passou por baixo da cerca. —Não, Lady Posey. Sou eu, Lorde Haversham.

—Meu lorde! Não o esperávamos ainda. — Ela esfregou as mãos na frente das calças e olhou para ele. O potro a seguiu como se fosse um bichinho de estimação.

—Infelizmente, não pude demorar nem mais um dia para inspecionar o progresso do meu investimento. — *Nem esperar mais uma hora para vê-la,*

queria adicionar. Olhou para o chão para evitar tropeçar no piso irregular e empedrado.

—Mesmo que entenda a sua preocupação, você deve lembrar que eu sou a responsável pelo treinamento dos potros por quase oito anos. Asseguro-lhe que o meu pessoal e eu somos mais do que capazes de cumprir com as nossas obrigações. — Ela parou a poucos passos dele.

—Não é o que você está pensando, minha lady. — Por que Brock sempre sentia que precisava acalmá-la? —Eu só quis dizer que estou muito ansioso para levar seus potros para o meu próprio estábulo. Isto é tudo.

Lady Posey inclinou a cabeça para o lado, como se julgasse a verdade nas suas palavras.

O potro se aproximou e cutucou as costas dela, querendo atenção. —Se você aguardar Connor em meu escritório, eu o enviarei para terminar a papelada.

—Eu já o encontrei. Na verdade, ele que me trouxe aqui.

A sobrancelha dela se inclinou. —Ele trouxe?

—Sim, está providenciando refrescos enquanto nos falamos.

—Adorável, — ela murmurou. —Permita que eu devolva Star à sua baia e então irei até o escritório.

Ela começou a se afastar quando a bota ficou presa em um trecho irregular, fazendo com que tropeçasse. Brock esticou o braço. Antes que soubesse o que tinha acontecido, ele estava enlaçando a cintura dela. O material áspero da sua roupa esfregava em seu antebraço e ele a trouxe para si, interrompendo a trajetória descendente.

Com o corpo preso firmemente contra ele, ela levou a mão ao seu peito. A respiração difícil roçava o seu pescoço, chamando a sua atenção para as batidas do seu coração que tinham começado a ecoar em outros lugares. O contato íntimo foi inesperado.

Mas ele pretendia usar isso para sua própria vantagem.

—Meu lorde, obrigada pela ajuda. — O corpo dela enrijeceu. Ela tentou empurrar o seu peito, mas o braço a estava segurando com força, prendendo-a a ele.

Olhou para baixo, fazendo com que o local onde sua respiração atingia, mudasse, então seu fôlego doce foi para o rosto dele e os olhos azuis olharam os dele. Seu olhar foi mais para baixo, onde o busto lutava contra o material da túnica de algodão marrom.

Será que o corpo dela tinha a mesma resposta elétrica que o seu? Um raio com certeza tinha escapado do céu e estava correndo pelo seu corpo.

Ela balançou em seu aperto, mas não pronunciou uma palavra de protesto. Não que fosse capaz de ouvi-la falar com o sangue correndo por suas veias e criando um alto zumbido em sua cabeça.

Fazia quanto tempo que tinha beijado uma mulher? Não as meretrizes que seguiam a sua tropa, não – Lady Posey estava muito acima delas. Mesmo cheirando a terra e a trabalho duro, ela era a dama que aquelas mulheres nunca seriam.

Sua cabeça abaixou lentamente, para que não a assustasse, e apoiou a boca contra os lábios macios. De repente, ela não mais o afastava, mas se aconchegava. Brock aceitou o leve peso e levou os lábios aos dela, coagindo-os a seguir os seus movimentos.

Pouco a pouco, ele notou as mãos dela se movendo do peito escorregando para a lateral do seu corpo, cravando os dedos em seus ombros.

Brock precisava chegar mais perto dela, desejava que fossem um só. As mãos doíam para descer até a parte inferior das suas costas indo em direção ao traseiro, agarrar a carne firme e segurar o corpo com firmeza contra o dele.

Como se de longe, um potro relinchou e a realidade bateu.

Brock trilhou os lábios da boca até a orelha e para o pescoço antes de se afastar.

Posey suspirou. Segurou-se para não capturar a boca mais uma vez, certo de que não a soltaria novamente. Em vez disso, levou as mãos até os quadris dela para estabilizá-la e deu um passo atrás.

Enquanto a observava, os olhos dela se abriram e o rosto se tingiu de um adorável tom de rosa que se espalhou das bochechas até o pescoço – o pescoço esguio que os seus lábios tinham acariciado há apenas uns minutos. As mãos deixaram os seus ombros para descansar ao lado dela, incertas e estranhas. —Devo procurar Conn – o Sr. Cale e ver se ele precisa de ajuda, — ela sussurrou. Ela afastou o olhar e as costas se enrijeceram uma vez mais.

—Até lá, minha lady. — Brock deu um passo atrás e fez uma mesura enquanto ela se virava e tropeçava até o portão que levava aos fundos do estábulo. A única coisa que parecia melhor que as pernas torneadas naqueles calções apertados, era o traseiro redondo.

Um sorriso surgiu em seus lábios enquanto ele a imaginava na sua propriedade. Ela se inclinando para pregar uma tábua solta ou enchendo baldes com grãos enquanto ambos completavam as tarefas da manhã.

Sem aviso, uma imagem de uma Posey sorridente embalando um filho com Brock orgulhoso atrás deles substitui a pintura da sua família no vestíbulo da sua casa.

Esse era o tipo de mulher com o qual se casaria – nada como a garota que seus irmãos gostavam.

Lady Posey não era preguiçosa e vaidosa.



Isso era exatamente o que Viola *não* precisava. Tinha acabado de convencer o pai e Lady Darlingiver da inutilidade da sua visita. Logo após o almoço, ela os colocou na carruagem e os despachou para Londres pelo resto da temporada.

Agora, ela tinha Connor levando Brock para a área de treinamento e deixando-o observar enquanto o mestre dos estábulos preparava refrescos. Eles definitivamente tinham algumas coisas a discutir depois que os convidados partissem.

E aquele beijo! No que estava pensando, permanecendo nos braços dele por tanto tempo? Não tinha estado pensando. Foi pega no momento; seu coração ainda batia de forma errática. Parou do lado de fora do estábulo para recuperar o fôlego. A mão foi descansar sobre o peito. Os seios expandiam e contraiam contra o tecido da túnica.

O que estava errado com ela? Tinha sido pega com a guarda baixa – isso foi tudo. Ela só não tinha esperado vê-lo ali na área de treino. Respirou fundo e entrou.

Alexander apareceu ao seu lado enquanto ela entrava nos estábulos com Star em seu encalço.

—Posso ajudá em alguma coisa, milady?

—É minha lady, Alexander.

—Sim senhora. — O garoto inclinou a cabeça.

—Alexander, já falamos isso várias vezes. É, ‘Sim, minha lady’. Você nunca será contratado por um estábulo chique em Londres se não falar de forma apropriada.

—Entendo, minha lady.

—Muito melhor. Você virá para a sua lição depois do jantar, certo?

—Nunca perderia a minha lição, minha lady, — Alexander disse enquanto fazia uma mesura e então foi até a porta da baia de Star, o braço aleijado inerte ao seu lado. —Para dentro, menina.

Assistiu em descrença enquanto o potro entrava na baia sem causar problemas e Alexander fechava a porta atrás dela. Além dela, apenas Alexander demonstrava tal habilidade com os potros. Estava certa de que ele seria um excelente mestre de estábulo em uma das casas mais elegantes de Londres, se a *ton* pudesse ignorar a sua deficiência e ver o seu coração, ele iria ser bem-sucedido depois de um início tão duro. Se eles não pudessem, é claro, Alexander sempre encontraria um lar em Foldger's Foals e na propriedade adjacente do seu pai, Foldger's Hall.

—Por favor, verifique novamente os baldes de água em cada baia depois que escovar Star.

—É claro, minha lady.

Ela se virou e foi em direção ao escritório – e para certa exposição, estava certa. A chegada inesperada de Brock tinha arruinado seus planos de ficar convenientemente longe dos estábulos no dia que ele voltasse para pegar os cavalos.

O maldito homem tinha estragado tudo.

Não apenas tinha voltado inesperadamente, mas também se atreveu a beijá-la. Tanto quanto Vi gostasse de fingir que nada aconteceu, ela já sentia algo acordando dentro de si, algo que tinha reprimido há muitos anos. Amor não estava no seu futuro. Um beijinho não mudaria isso, não importa se o seu coração flutuasse com o pensamento.

Enquanto se aproximava do escritório, ouviu vozes. Vozes de homem. Várias – mais que duas – vozes. Não podia imaginar quem, senão Connor e Brock, estava em seu escritório. Não estava esperando outros clientes. Foi devagarzinho e espiou.

—Aqui está ela, cavalheiros.

Maldição!

Connor deu a volta na mesa e foi até a porta. Os homens em seu escritório também viraram em sua direção. Um estava vestido como se tivesse acabado de sair de um recital musical que acontecia em muitas das casas de Londres. As calças amarelas eram ofensivas aos olhos de Vi. Felizmente, não tinha encontrado o homem do lado de fora, ou talvez ficasse cegada pela luz que ele emanava. Brock e o outro homem estavam vestidos mais adequadamente, considerando a tarefa que tinham em mãos.

—Permita-me apresentar Lady Posey Hale. — Connor ficou ao lado de Vi e olhou para os convidados. —Este é o Sr. Rodney Swiftenberg, primo de Lorde Haversham.

O dândi fez uma mesura em sua direção, os olhos estudando o seu rosto. —É um prazer conhecê-la. — Ele parou como se estivesse pensando. — Embora deva confessar que sinto como se já tenhamos nos visto antes. Você vai à cidade com frequência?

—Igualmente, Sr. Swiftenberg. Não tenho o prazer de ir à temporada há muitos anos. — Viola olhou para o homem de forma similar, certamente já tinham se visto antes, mas não conseguia lembrar onde.

—E este é o Sr. Harold Jakeston, — Connor prosseguiu.

—Lady Posey. — O Sr. Jakeston fez uma mesura mais baixa do que era o costume. O sujo cabelo louro cobriu os seus olhos. Passou a mão pela testa, afastando eficientemente a mecha fujona, revelando olhos dourados.

—Bem-vindos a Foldger's Foals. Estão aqui para adquirir alguns potros para si? — Viola perguntou confusa.

—Estamos aqui apenas para ajudar Haversham a levar os cavalos para os seus estábulos, — o Sr. Swiftenberg se intrometeu.

—Isso é maravilhoso, mas chegaram cedo. Alguns potros ainda não estão prontos para partir. — Vi se moveu entre os homens e foi para a segurança da sua mesa, sem lançar um único olhar para Brock. Tinha certeza que o seu rosto queimaria caso se atrevesse a olhar.

—Espero levar os potros que estão prontos—

—Isso não será necessário, — Vi disse, mudando de ideia abruptamente. —Todos ficarão prontos hoje.

—Você tem certeza? — Connor perguntou. —Você acabou de dizer—

—É claro, Sr. Cale, — ela interrompeu. —Você se importaria em acompanhar Lorde Haversham até a sua propriedade e se certificar de que a viagem seja tranquila? — Ficou chocada por ter bolado um plano sem sequer pensar nele, mas isso daria um jeito na problemática presença de Brock. Ela não o teria andando por aí por Deus sabe quanto tempo. E se o seu pai decidir voltar e tentar convencê-la a ir à Londres?

Isso seria um desastre de proporções épicas.

—Estou certo de que isso não será necessário— Lorde Haversham começou novamente.

—Meu lorde, você é um homem ocupado e eu não quero desperdiçar o seu tempo. O Sr. Cale pode acompanhá-lo para que os potros se ajustem à vida na sua propriedade. — Vi se virou para Connor, esperando que o seu desconforto pudesse ser creditado ao negócio. Com certeza o mestre dos estábulos não podia adivinhar que ela estava se contorcendo por causa da

lembrança dos lábios de Brock firmemente pressionados nos dela. —Por favor, apronte os potros. Lorde Haversham tem uma longa jornada pela frente.

Manteve os olhos fixos em Connor, temendo que cada pessoa na sala pudesse ver o que estava por trás do seu ardil.

—Ajudaremos nos preparos. — Lorde Haversham fez um gesto em direção do Sr. Jakeston.

Viola sentiu a pressão deixando a sala enquanto Connor, Brock e o Sr. Jakeston saíam. Apenas o Sr. Swiftenberg ficou. Novamente, Vi sentiu que já conhecia o homem, mas não sabia dizer de onde. Se tivessem se conhecido em um baile ou na ópera, com certeza ele não se lembraria dela.

Ele também foi até a porta, como se estivesse seguindo os homens.

Vi se afundou na cadeira e abaixou a cabeça, apoiando-a na mesa. Precisava de alguns minutos para se recompor. Os dedos coçavam para tocar os lábios ainda inchados. Desde o seu primeiro encontro com Brock, nada tinha acontecido da forma que queria ou planejava.

Em vez disso, ouviu a porta se fechar e a tranca se mover com um estalo ensurdecedor.

Levantou a cabeça.

—Bem, bem, bem. Sempre imaginei o que teria acontecido contigo. — O Sr. Swiftenberg não se virou, mas manteve as costas para ela.

E então se lembrou. A névoa matinal... tiros... *Eu lhe asseguro que nenhum erro foi cometido hoje*. Suas roupas eram diferentes agora, mas a arrogância era a mesma.

—Você achou que eu não a reconheceria? Tsc, tsc. Não se passaram tantos anos—

Os olhos de Vi se estreitaram. Seria capaz de intimidá-lo para que ficasse em silêncio? Precisava convencê-lo a guardar o seu segredo.

—Lady Viola Oberbrook. — Swiftenberg girou e fez uma mesura. —Não estou certo se posso dizer que é um prazer vê-la novamente, mas ao menos você não fez nenhum homem inocente perder a vida hoje.

—Você deve ter cometido um erro— Vi ficou de pé. O apelo em sua voz era inconfundível, ao menos para ela.

—Acredite em mim, eu realmente desejava estar enganado. — O Sr. Swiftenberg – Rodney – atravessou o escritório e rodeou a mesa onde estava, os passos ficando lentos, até que eles ficaram um de frente para o outro. — Quero que você fique longe do meu primo.

—Você acha que este é o meu plano? Ficar frente a frente com um membro da sua família novamente?

—Você sempre foi uma rapariga conspiradora e intrigueira!

Vi recuou por causa do veneno na voz dele. —Eu não tenho nada a ver com Bro – Lorde Haversham. Eu só quero que ele pegue os seus potros e parta. — As mãos tremiam, as pernas estavam prontas para ceder.

Rodney se virou em seus calcanhares e levou a mão até a cabeça, passando-a pelo cabelo imaculado. —Não preciso de você complicando as coisas para mim a esta conjuntura. Eu estou tão perto!

—Perto de quê?

—Isso não era para acontecer. Nada disso era para ter acontecido. — O homem parecia estar ficando perturbado.

—Do que você está falando? — Vi perguntou.

—Estou falando da *minha* propriedade, e da *minha* herança! — A cada 'minha' ele batia o dedo no peito.

—Você acha que eu o convidei a vir aqui? Que eu quero desenterrar o meu passado? — As perguntas saíram apressadas dos seus lábios, mas Rodney não deu uma indicação de que as tinha ouvido ou compreendido sequer uma palavra. —Por favor, não diga a ele quem eu sou!

—Temo não ter outra opção senão expô-la. — Rodney andava para lá e para cá na frente de Vi. —Ele está interessado em você. Por que mais ele voltaria para cá tão rápido, se não fosse para ver a bela Lady Posey Hale?

—Impossível... — Mas mesmo enquanto protestava, imaginou a forma de Brock perfeitamente encaixada à dela.

—Impossível ele estar enfeitiçado por você? Ou impossível ele não ter podido reconhecer a mulher responsável pela morte dos seus dois amados irmãos? — Rodney riu.

Um arrepio subiu pela coluna de Vi. Seu segredo estava quase sendo exposto. A vida que construiu desde aquele dia – o dia que estava marcado a fogo em todo o seu ser – seria arrancada dela. —Eu não o encorajarei, nem planejo voltar ao convívio da sociedade. Nunca.

—A bela do baile não deseja mais ser o centro das atenções? Por favor! As coisas não mudam. As pessoas não mudam.

—Eu não vou a um baile faz oito anos. Apesar do que você pensa, eu mudei.

—Altamente improvável. — Ele parou de andar e a encarou.

A vida como conhecia estava escorrendo por suas mãos. Se fosse a público que ela era a dona de Foldger's Foals, seu pai iria prosseguir com a sua ameaça de vender seus estábulos e fazê-la voltar para uma vida de indolência. Uma vida preenchida apenas com bordado e visitas ocasionais a membros da família. A coisa mais espantosa disso tudo eram as muitas pessoas que seria incapaz de continuar ajudando.

Uma parte dela considerou o outro lado da moeda. Talvez *realmente* devesse algo a Brock e à sua família em retribuição pelos pecados que cometeu contra eles. Pecados pelos quais ela era responsável. Não era direito de Brock puni-la como quisesse, em vez de qualquer penitencia que ela já tenha feito?

Poderia ter remorso por querer diminuir o peso da sua alma?

Talvez tivesse chegado a hora de confessar os seus pecados. Em vez disso, perguntou, —O que você quer de mim?

—Eu quero que você fique longe de Brock. Depois de hoje, eu quero que você aja como se nunca o tivesse conhecido.

—Feito. — Por que sentiu um quê de rebeldia nesse acordo?

—Não, você levara isso mais longe. Se ele tentar contatá-la – o que não tenho dúvidas de que ele fará – você irá ignorar as cartas. Refutar qualquer avanço que ele possa tentar fazer no futuro. — A postura de Rodney se endireitou, sua confiança estava retornando. —Sim, isso me servirá muito bem.

—O que quer que você queira. Mas, por favor, saia do meu escritório. Sinto que esteja um pouco descomposta e preciso descansar um pouco.

Rodney assentiu. —Isso é perfeito. Oferecerei as suas desculpas aos homens por não ajudar na nossa partida.

—Diga o que quiser.

Um sorriso satisfeito espalhou pelo seu rosto. —Até... nunca, Lady Posey Hale. Gostei muito da nossa conversa. — Com uma mesura, Rodney se virou e abriu a porta, fazendo as dobradiças rangerem.

CAPÍTULO SETE



—AÍ ESTÁ VOCÊ.

Viola tirou a cabeça da mesa. Piscou algumas vezes para afastar o sono dos olhos. Como tinha caído no sono?

—Você não foi almoçar, fiquei preocupada, — Ruby disse enquanto entrava no escritório, o vestido cor de lavanda se movia com fluidez em volta de suas pernas. —Mas agora vejo qual foi a razão de você perder a refeição.

—Para onde você está indo com isso? — Vi esfregou os olhos. —Parece que eu caí no sono.

—Você andou chorando? — As mãos de Ruby foram descansar nos quadris. Uma postura com a qual Vi ficou acostumada com o passar dos anos.

—Não, eu não andei chorando—

—Não minta para mim, Viola Oberbrook! Seus olhos estão vermelhos e inchados, então, a menos que você tenha rolado pelo feno, você esteve chorando.

Vi há muito tempo não era capaz de esconder algo de Ruby. —Não se preocupe. Estou um pouco sobrecarregada com a situação financeira de Foldger's Foals, isso é tudo. — O que não era totalmente mentira, mas conduzir as preocupações de Ruby para outra direção.

Ruby tirou as mãos dos quadris e abraçou Vi. —Eu sabia que a situação era preocupante, mas não tanto assim. Teremos que nos esforçar para encontrar uma solução.

—Isso é exatamente o que eu preciso fazer. — Vi realmente precisava de uma solução, mas não para o problema que Ruby pensava.

Ruby sentou na cadeira em frente a Vi. —Agora, quem são aqueles homens lá fora? Tem um camarada lá se pavoneando com calças amarelas! — Ruby ergueu uma sobrancelha. —Achei que você não teria nenhum cliente até a próxima semana.

—Aqueles, querida amiga, seriam Lorde Haversham, o primo dele e o Sr. Harold Jakeston. — Debateu sobre quanto contar à Ruby. Não fazia sentido

as duas ficarem preocupadas com a ameaça de Rodney. —Chegaram cedo para levar os potros para Haversham House.

—Ele veio pelos potros ou para ver você?

A garota era perceptiva. —Não seja louca. — Vi olhou por trás de Ruby e então para a janela. —Eles estão voltando. Você acha que a gente pode escapar e voltar para a propriedade sem sermos notadas?

Ruby ficou de pé e se virou para a janela. —Temo que não. Eles estão vindo para cá. Nossa melhor opção é nos agachar. Quem você disse que é o outro homem com Lorde Haversham? Ele me parece vagamente familiar. — Ela se aproximou da janela para ter uma vista melhor.

Como Ruby conhece Rodney? O calor invadiu o rosto de Vi. —O homem de amarelo é—

—Não, não. Não ele. O outro cavalheiro. — O nariz de Ruby estava pressionado no vidro. —O alto e esguio.

—Ummm, eu acredito que ele foi apresentado como Sr. Jakeston. Não foi dado nem título nem residência. — A tensão no corpo dela acalmou um pouco, embora ainda continuasse alerta.

—Jakeston... Jakeston. O sobrenome é estranhamente familiar.

—Parece que todo mundo é estranhamente familiar ultimamente.

—O que você quer dizer?

—Nada, nada. — Vi desconversou.

—Você está estranha.

—Eu não estou!

Ruby se afastou da janela. —Parece-me que eles estão se preparando para partir.

—Tem certeza? — Vi ficou de pé e foi lá dar uma olhada na janela.

—Eu posso não ter um rancho ou cavalos, mas eles parecem estar montando seus corcéis com os potros a reboque. — Ruby sorriu sarcasticamente para Vi.

—Seu engenho brilha mais do que um certo par de calções ocre. — Vi olhou pela janela. —Eu nunca a considerei tola.

—Espero que não. Agora, vamos sentar. Não faria bem você ser flagrada observando Lorde Haversham partir. Alguém pode pensar que você sentirá falta dele. — Ruby voltou a se sentar.

—Alguém poderia estar completamente enganado ao considerar verdadeira esta ilusão. — Vi voltou para a mesa parecendo tão desinteressada

quanto possível. Não faria com que sua amiga se preocupasse de que ela fugisse para a cidade atrás de homem.

Agora, de onde aquele pensamento veio?

Pela primeira vez, Viola notou a pequena cesta na beirada da sua mesa. —O que você trouxe? — ela perguntou, sentando-se.

—Só um pouco de pão e queijo. Como eu disse, me preocupei quando você não foi almoçar. Sei o quanto você detesta perder uma refeição.

—Não é que eu tema perder a refeição, mas eu trabalho duro.

Ruby pegou a cesta e espalhou o conteúdo entre elas. —Não é segredo o quão duro você trabalha.

—Se não me falha a memória, você também não é do tipo que perde uma refeição, — Vi provocou. Pegou um pedaço de pão e o preencheu com um pouco de queijo. Enfiando-o na boca, não pôde evitar lembrar daquela refeição há muito tempo, quando viu Ruby pela primeira vez. Tinha sido o período mais sombrio da vida de Vi, sozinha na propriedade do pai por quase um ano, com nenhuma companhia exceto a do criados e Connor. Estava precisando de uma amiga – alguém que ainda tivesse a esperança que o futuro aguardava algo, qualquer coisa, para ela. O profundo desespero e o isolamento quase a tinham enlouquecido. Se o pai não tivesse insistido para que permanecesse no campo, teria fugido para Londres como uma idiota e encarado a sociedade que a tinha rejeitado. Infelizmente, estivera destruída – ainda não estava pronta naquela época, e temia que talvez nunca estivesse.

Maldições e relinchos afastaram as memórias agridoces de Vi.

—O que é isso? — Vi – esquecendo a comida – correu até a janela com Ruby logo atrás.

—Se não fosse esses calções amarelos, temo que teríamos visto uma lua cheia bem no meio do dia, — Ruby disse com uma risada.

Rodney estava no chão ao lado do cavalo com o traseiro virado para a janela do escritório de Viola. O recém-adquirido potro de Lorde Haversham estava nervoso ao lado do homem caído.

Viola correu até a porta.

—O que você está fazendo? — Ruby gritou.

—Meu potro. Alguém pode se machucar. Preciso acalmá-los. — A luz do sol cegou Vi enquanto corria até os estábulos e em direção ao caos. Cascos voavam enquanto um cavalo erguia as patas da frente, apenas fazendo outro potro empinar, suas patas pequenas, mas letais, foram para cima, pairando

sobre a cabeça de Brock. Relinchando, outro potro mordiscou o flanco do cavalo empinado.

Viola correu para o meio da confusão, indo em direção a Brock, que ficou preso no meio da refrega.

Para a sua surpresa, ele estendeu a mão e pegou uma das rédeas, em um segundo limitou o alcance dos movimentos do cavalo. Com os dois potros acalmados, Viola virou para avaliar o perigo. Do outro lado da confusão, Alexander também tentava acalmar os cavalos. Vi relaxou um pouco e caminhou devagar em direção aos animais assustados.

—Apple... Pixie... Gunther, — ela sussurrou. Três pequenas cabeças abriram caminho enquanto os três potros que estavam mais perto se acalmavam. —Venham!

O trio caminhou hesitantemente em sua direção enquanto Alexander pegava os arneses dos outros potros. Com todos os três animais ao seu lado, Vi olhou ameaçadoramente para Connor enquanto ele tentava ajudar Rodney a se levantar.

—Fazemos um bom time, você e eu. — As palavras foram sussurradas em seu ouvido, e seus braços se arrepiaram no mesmo instante.

Brock estava bem ao lado dela, com dois arneses presos aos potros assustados.

—Não seria necessário realizarmos um trabalho tão perigoso se o Sr. Cale estivesse fazendo o trabalho dele, — Viola repreendeu, falando com Connor enquanto evitava olhar para Lorde Haversham. —Você percebe o perigo em que pôs esses homens e os cavalos?

—Peço desculpas pela confusão. — Connor segurou Rodney por sob os braços, em uma tentativa de colocar o homem de pé enquanto ele voltava a escorregar.

Rodney caiu novamente com um —Humph! — Ele chutou os pés com irritação, acertando o casco do cavalo de Brock com o salto da bota enquanto tentava ficar de pé.

Como se para devolver a injúria, o cavalo deu um passo atrás e pisou no pé de Rodney. Um grito de dor preencheu o ar enquanto Rodney libertava o pé. —Seu sarnento—

Vi ignorou a confusão mesmo quando Lorde Haversham olhou, sorrindo, para a própria montaria. —O que aconteceu? — ela perguntou, olhando de Connor para Rodney e então para Lorde Haversham.

—Por que, eu nunca— Rodney começou a falar.

Sem esperar por uma resposta, ela falou com Alexander. —Leve os potros. Mandarei buscá-los quando esta situação estiver sobre controle.

Lorde Haversham entregou as rédeas para o Sr. Jakeston, que também tinha apeado. —Peço desculpas pela inépcia do meu primo na sela, Lady Posey.

—Minha inépcia? — Rodney gritou.

—Você sabia que os potros poderiam ter ficado seriamente machucados ou poderiam ter ferido outros animais neste frenesi? — Ela esperava que seu olhar ameaçador fizesse um buraco nele.

—Eu lhe asseguro que nós—

—Não me assegure nada, meu lorde. — Vi gritou com ele. —A primeira coisa que tem que aprender sobre esses animais é que eles ficam agitados muito facilmente. Quando em grupo, essa agitação se transforma rapidamente em medo, o que os induz a lutar ou fugir.

Não pôde impedir de imaginar se a sua fuga de Londres tinha sido similar ao espetáculo que acabou de se passar. Assim como os potros, correu ao primeiro sinal de perigo, incitada pela raiva do pai e a vergonha – assim como o pinote do cavalo tinha feito o outro empinar. Ela teria a mesma reação agora, ou iria ficar e lutar, mesmo se significasse assumir as suas falhas de uma vez por todas?

—Você acredita que sou um ignorante que não tem nenhuma habilidade com cavalos? Pois saiba que eu liderei uma batalha de cavalaria com quarenta homens contra o próprio Napoleão. Eu sou versado na arte de acalmar cavalos, — Brock disse com frieza.

A declaração a pegou com a guarda baixa. Vi sabia que ele tinha participado da guerra contra a França, mas como um soldado ativo? Ela o tinha visualizado instalado em um acampamento bem longe dos perigos da morte ou da mutilação. —Minhas desculpas, meu lorde. Não estava a par da sua história e preocupação para com os meus animais. — Ela deu um passo atrás, mas manteve os olhos em Lorde Haversham.

—Você não quer dizer os ‘meus’ animais? — ele perguntou. —Se não me falha a memória, você tem um saco recheado com moedas bem em cima da sua mesa.

Nunca teve tanta dificuldade ao abria mão dos potros como agora. Essa era a natureza do seu negócio, afinal das contas. —Eu não me enganei, meu lorde. — As palavras foram ditas entre dentes. Verdade, ele tinha pagado –

uma bela quantia – pelos potros, mas lá no fundo, eles ainda eram seus bebês. Importava-se com cada um deles desde quando nasceram.

Ruby pigarreou.

—Ah, perdoe minha falta de cortesia. Esta é a minha amiga, a senhorita Ruby—

—Prazer em conhecê-lo, meu lorde, — Ruby cortou as palavras de Viola. Ela ergueu a saia e fez uma cortesia para Brock.

O que ela estava pensando? Se tivesse dito o sobrenome de Ruby, Lorde Haversham teria imediatamente feito conexão com a sua propriedade. Felizmente, Ruby estava em pleno uso das suas faculdades mentais.

—O prazer é meu, eu lhe asseguro. — Brock fez uma mesura para Ruby, mas manteve os olhos em Vi. —Apresento-lhe o meu primo, o Sr. Rodney Swiftenberg e o meu amigo, o Sr. Harold Jakeston.

—Como estão, cavalheiros? — Ruby disse com a graça natural de uma dama da *ton*.

O Sr. Jakeston olhou para Ruby da forma mais estranha, assim como Ruby tinha olhado para ele pela janela do escritório. Os dois se conheciam mesmo? Era bem possível que Rodney não precisasse temer que Vi revelasse a sua verdadeira identidade, mas Ruby seria reconhecida por Lorde Haversham ou por Jakeston.

—Agora que as apresentações foram feitas, presumi que estava com pressa de iniciar a viagem para casa, meu lorde, — Vi disse, na esperança de pôr um fim na batalha de olhares que estava se passando entre Ruby e o amigo de Lorde Haversham.

—Já nos conhecemos, senhorita Ruby? — Jakeston perguntou.

O homem não desistiria.

—Eu acho que não. — Ruby afastou o olhar.

—Connor, por favor, diga para Alexander trazer os potros novamente—

—Perdoe-me, mas você parece com alguém que conheci. De onde você é? — Jakeston prosseguiu.

—Novamente, você deve estar enganado. — Ruby evitou a pergunta.

—O presbitério da minha família fica na propriedade de Haversham. Você tem família naquela área?

Mais uma vez, o ardil de Vi estava em perigo. Por que fugiu do escritório para ajudar? Amaldiçoou a sua idiotice. Com certeza Connor teria lidado com os potros.

—Estou com pressa de voltar, primo, — Rodney falou. Ele era a única pessoa ali que desejava tanto quanto ela que a sua identidade permanecesse secreta.

—É claro, — Brock disse. —Lady Posey, obrigado pelos ótimos cavalos.

Vi suspirou aliviada. —Meu lorde, obrigada pela compra. Confio que com a ajuda do Sr. Cale, seu retorno será tranquilo.

—Não prevejo nenhum problema. — Brock pegou as rédeas com Jakeston. —Coloquemo-nos a caminho, cavalheiros.

Vários minutos mais tarde, Viola e Ruby observaram o grupo partir com Connor e os potros a reboque.

—Temo que quase fomos descobertas. — Vi cruzou os braços sobre o peito.

—Nós? Você que está se escondendo, não eu.

—Você foi muito rápida em me cortar quando quase disse o seu sobrenome. — Vi replicou.

—Foi para o seu bem, não o meu. Eu não apoio mentiras, mas entendo as suas razões.

—Você conhece o Sr. Jakeston?

—Sim. Ele e eu crescemos juntos com Lorde Haversham e os irmãos, mas assim que fiz oito anos, meu pai insistiu que eu deveria agir como uma dama. Então começou meus anos de vestidos, tutores e treinamentos em todas as coisas que as mulheres devem saber. Faz muitos anos desde que pensei nele, — Ruby disse com um suspiro.

—Por que sequer pensou nele? — Vi cutucou. Havia um homem e um relacionamento no passado de Ruby do qual Vi não estava ciente? Não se lembrava de a amiga ter falado de alguém. Talvez isso explicasse a falta de comunicação entre Ruby e a família.

—Não estava pensando nele em particular, mas em todos eles. Passei a minha infância em meio a uma horda de meninos. — Ruby piscou para Vi, aliviando o clima. —Agora, não pensemos mais em garotos, e vamos terminar nossa refeição.

—Certamente. — Viola não forçaria a sua amiga. A possibilidade de Ruby virar o jogo e fazer perguntas sobre Brock poderia fazer Vi explorar a sua própria conexão desconfortável com o homem... e o beijo que ainda podia sentir em seus lábios.

CAPÍTULO OITO



O SOL MAL tinha sumido no horizonte quando Brock fechou o último potro na última baia disponível em seu estábulo recém-reformado. A viagem para casa não teve grandes problemas, mas foi caótica. Sem dúvidas, o fato de o Sr. Cale tê-los acompanhado pela maior parte do caminho tinha sido muito benéfico para ele.

—Vamos para casa? Estou precisando de um banho e uma refeição reforçada, — ele disse para Harold.

—Uma refeição seria muito bem-vinda.

—Eu acho que você precisa mais de um banho do que de comida. — Brock riu da expressão ofendida do amigo. —Esperemos que Rodney já tenha se retirado. O homem é um dândi inútil, isso se eu já tenha visto um alguma vez na vida.

—Rá! Ele mudou para pior desde que não foi mais capaz de passear com os trajes dos gêmeos.

A lembrança da morte dos irmãos afastou todo o humor jovial de Brock. Parecia que não podia ir a lugar nenhum sem que alguém os mencionasse. Gostou do dia em Foldger's Foals, estar tão ocupado que ninguém trouxe a tragédia à tona. Era improvável que Lady Posey e o Sr. Cale soubessem da história dolorosa da família, não parecia que algum deles tivesse frequentado a temporada nos últimos anos – se sequer já tenham ido. Agora, a senhorita Ruby era outra história. Harold tinha lhe assegurado de que conhecia a menina, mas não se lembrava de onde.

—Brock.

Brock afastou os pensamentos.

—Algo sempre parece trazer o passado à tona—

Brock ergueu uma mão para silenciá-lo. —Não. Eu posso conversar sobre eles com outras pessoas, mas não com você... temos muitas outras coisas a discutir.

—Como o quê?

—Como a nossa viagem para Londres para encontrar uma noiva para mim. Já passou da hora de essa propriedade ser preenchida com risadas e confusão! — Brock passou o braço em volta de Harold e o conduziu para fora dos estábulos, indo em direção à casa.

—Divertimo-nos muito correndo por aí, não foi?

—Com certeza, amigo! — Subiram dois degraus por vez. A porta da frente se abriu antes que Brock tivesse a chance de pegar na maçaneta. —Boa noite, Buttons! Por favor, peça a Cook para preparar o jantar para dois e o mande ao meu escritório daqui a uma hora.

—Certamente, meu lorde, — o mordomo baixinho e corpulento respondeu enquanto inclinava a cabeça. —Também mandarei levarem água quente para o senhor.

—Muito bom. Mande um pouco para o quarto de Harold também – mas não desperdice água quente com ele. — Brock riu.

—Bondade a sua, — Harold disse. —Se eu quisesse ser maltratado, teria ido para a casa do meu pai.

—Irei pedir a água. — Buttons se virou em seus calcanhares e foi para a cozinha.

—Você assustou o meu pobre mordomo com a sua reclamação, — Brock provocou.

—Como se já não tivéssemos assustado a nossa cota de criados ao longo dos anos. Lembra-se daquela vez— Harold parou de caminhar no meio da frase, as sobrancelhas se juntaram em confusão. —Minha nossa! Eu descobri!

—Como se livrar o seu pai dominante? Eu poderia ter lhe dito—

—Não. Como a conhecemos.

—Como conhecemos quem? Você não está falando coisa com coisa.

—A senhorita Ruby! Ela é Ruby St. Augustin. — Harold sorriu, um olhar de orgulho cruzando o seu rosto.

—St. Augustin? Por que conheço este nome?

—Como você não lembra? Ela é a garota da propriedade ao lado da sua. A danadinha que nos seguia o tempo todo quando éramos crianças. — O sorriso satisfeito não deixou o rosto de Harold.

—Bem, ora bolas! Você deve estar certo. Mas como ela foi parar em Hampshire? É muito longe do Kent.

—Verdade. Tinha pensado que a garota tivesse frequentado a temporada em Londres e tivesse sido arrebatada, — Harold prosseguiu. —Mesmo que a família dela não tenha dinheiro, seu pai tinha um título.

Brock começou a subir a escadaria que levava aos seus aposentos com Harold ao lado. —Você gostava dela? — não pôde evitar perguntar. A garota não passava de uma memória difusa de uma criança suja com o cabelo escuro que vivia atrás deles quando embarcavam em suas aventuras pela propriedade.

—Importaria alguma coisa? — Harold suspirou. —Ela está muito acima da minha classe. O pai dela é um barão, pelo amor de Deus.

Frequentemente imaginava por que Harold tinha uma opinião tão ruim acerca de si, mas visualizou o Vigário Jakeston, só fogo do inferno e danação. A viagem para Londres seria boa para os dois. —Ela seria sortuda por tê-lo como marido, meu amigo.

—Tanto faz, Brock. — Harold parou na frente da porta do quarto de hóspedes. —Irei encontrá-lo no escritório daqui a uma hora.

—Atrase-se sequer um minuto e eu comerei toda a refeição. — Brock riu novamente e prosseguiu, indo em direção ao quarto.

Era lamentável a forma como o pai de Harold o tratava, como se ele não tivesse uma única qualificação na vida. Enquanto Brock tinha feito tudo o que estava a seu alcance para escapar do seu pai distante, e às vezes ausente, o amigo tinha sido deixado com um homem que continuamente e sem piedade, destruía todo o espírito de Harold. Seu amigo tinha precisado dele, mas Brock tinha estado preocupado demais com seus próprios problemas para se importar. Ele não só fugiu dos problemas que tinha em casa, também tinha abandonado seu melhor amigo quando ele mais precisava dele.

Só esperava que, com os estábulos recém-reformados e as altas expectativas com a viagem à Londres, Harold também renascesse. Brock queria ver o amigo feliz e despreocupado mais uma vez.

CAPÍTULO NOVE



—OBRIGADO, PARSONS. ISSO é tudo. — Brock olhou para o seu reflexo no espelho. O *plastron* estava perfeitamente atado e as Hessians brilhavam sob a luz do seu quarto de vestir. Depois de anos como soldado, tinha se acostumado a nunca ver a própria imagem. Tinha ficado feliz com a falta de espelhos disponíveis no acampamento porque isso deu a ele dez anos sem olhar nos olhos da mãe... seus olhos... Não tinha que ver suas ondas castanho-escuras, também iguais às da sua falecida mãe.

E, por sua vez, Brock estando longe de casa não precisava ver a dor, o pesar e o sofrimento nos olhos do pai a cada vez que olhava para o filho mais velho. O casamento dos pais de Brock tinha sido um dos poucos por amor em meio à *ton*, ambos vinham de uma linhagem excelente. Frequentemente imaginava o que teria acontecido se os pais não tivessem nascido em famílias ricas e poderosas. Teria a sua mãe abandonado uma vida de riqueza e privilégio para viver uma vida de privações ao lado de seu pai? Ou o pai teria casado com a sua mãe se ela fosse uma criada? Nos sonhos de Brock, eles ficariam juntos não importava as circunstâncias dos seus nascimentos.

—Brock? — Harold chamou de dentro do quarto. —Você está pronto para dar prosseguimento a esta noite infernal?

—Noite infernal? — Brock saiu do quarto de vestir e encontrou Harold na frente da lareira. —Você parecia estar se divertindo muito na noite passada.

—Eu gosto de estar em qualquer lugar em que meu pai não esteja, mas é horrível usar estas roupas. — Harold ficou de pé e puxou o nó do *plastron*. — E olhe para esta bengala! Todas essas coisas absurdas. Que homem carregaria essa coisa de boa vontade quando pode andar perfeitamente sem ela?

—Rá! Você passou muito tempo entre os plebeus do Kent. — Brock foi até o aparador e se serviu um copo bem cheio de whisky. —Escolha o seu veneno, — ele disse.

—Não me faça começar a falar sobre a minha aversão por bebidas alcoólicas! — Harold se jogou no assento como se fosse uma criança de

cinco anos se recusando a ir para a cama. —Eu com certeza não entendo o fascínio de estar completamente vestido e o de perder uma fortuna nas mesas de carta a cada noite.

—Acredito que você daria uma esposa maravilhosa, meu amigo. Você gostaria de uma boa taça de xerez para começar a noite? — Brock gargalhou. Ele não provocava seu amigo desse jeito quando estavam na companhia de outras, mas quando só estavam os dois, Brock gostava muito de atormentar o homem.

—Posso lidar com o xerez. Doce e leve. Tudo o que o whisky não é. — Harold se inclinou para frente em expectativa.

—É uma pena que eu não tenha xerez nos meus aposentos. Vamos? — Brock perguntou, então engoliu o whisky com um só gole.

—Se é o que você quer. — Harold se levantou e seguiu Brock.

Quando chegaram ao vestíbulo, Buttons já estava pronto com os seus casacos em mãos. —Meu lorde, sua carruagem espera.

—Maravilhoso. — Já era hora de organizar suas prioridades: esposa, propriedade, família. Haveria lugar para a vingança assim que a sua casa e seus estábulos estivessem cheios novamente? A ânsia de se certificar de que a justiça fosse feita não diminuiu desde o seu retorno, mas ele precisava focar em seguir com a vida, mesmo que isso significasse que nunca veria o passado ser corrigido. —Por favor, diga a Parsons para não me esperar acordado. Pressinto que a noite será longa. — Brock colocou o casaco e piscou para Harold, que estava arrastando a bengala atrás de si. O ar da noite era pontuado pelo golpe da bengala enquanto ela batia a cada passo que davam.



Embora estivesse ficando tarde, Vi permaneceu atrás da sua mesa em Foldger’s Foals. Tinha tido esperança de que os negócios melhorariam, talvez até mesmo melhorassem tão rápido quanto estavam piorando. Infelizmente, sua situação financeira tinha piorado ainda mais. Passou a mão pela correspondência que chegou logo após o jantar. E que agora descansava sobre a superfície fria da mesa, as duas cartas tinham mensagens completamente diferentes, mas ambas sinalizavam desgraça.

Afastou uma lágrima que tinha caído sem que notasse. O Tattersalls tinha escrito ponto um fim ao longo contrato com Foldger’s Foals. A carta, escrita com a caligrafia forte de um homem, dizia que desejavam procurar “potros mais acessíveis” em um lugar mais perto de Londres.

Ela empurrou o papel, revelando a segunda carta – essa vinha do pai, implorando para que reconsiderasse a sua decisão de permanecer no campo.

Cobriu a cabeça com as mãos, e se apoiou na mesa. Um sentimento de impotência a atravessou. Antes de ser rejeitada pela *ton*, nunca se sentiu como se estivesse à deriva, incapaz de nadar e sem sequer um remo ou uma boia.

Do jeito que as coisas estavam indo, não teria outra alternativa a não ser voltar para Londres ou ficar completamente desamparada na propriedade do pai. Nenhuma opção era boa.

Foldger's Foals tinha sido o melhor rancho de criação de cavalos por quase todo o tempo em que esteve à frente dos negócios. Irônico, mas nunca viu a *ton* mudar suas opiniões quando se tratava de negócios. Agora, parecia que muitos decidiram comprar em outro lugar fornecendo pouca ou nenhuma explicação. Isso não deveria machucar tanto, mas se sentia abandonada uma vez mais. Como se estivesse sendo rejeitada pela segunda vez.

Basta!

Ela se endireitou no assentou e ergueu os ombros. —Eu não vou falhar, — disse para a sala vazia. Ela, com a ajuda de Connor, descobriria a razão para o declínio dos clientes e colocaria as coisas nos eixos. Não tinha nenhuma outra opção.

Uma imagem de Lorde Haversham passou por sua mente. Os braços fortes, a risada profunda, o sorriso. Alguma vez o teria visto sorrindo ou apenas sonhou com o brilho nos olhos dele? Teria ele pensado nela depois que partiu? Provavelmente não. Ele agora era um homem da cidade. Sem dúvidas estaria valsando em um enorme salão de baile vestido de acordo com a última moda de Londres.

Suspirou e pegou a carta que tinha jogado na mesa em seu momento de fraqueza. Amanhã, ela pensou consigo mesma. Amanhã seria um novo dia, e ela descobriria os problemas que Foldger's Foals tinha pela frente.



Brock detestou sequer pensar em dizer a Harold que ele estava certo. Até aqui, a noite tinha sido algo tedioso, preenchida com interesseiras mães casamenteiras com filhas menos que apropriadas e frequentemente bitoladas. Uma parte dele tinha pensando que entraria em um salão de baile, escolheria uma bela debutante, a cortejaria, e casaria com ela dentro de um ano. Infelizmente, a jovem que tinha feito seu sangue ferver em um instante o

tinha feito fugir para as montanhas com conversas insípidas e falta de... Bem, não estava certo do que estava faltando, mas tinha certeza de que alguma coisa faltava.

Mais de uma vez, se encontrou imaginando como Lady Posey se vestiria para um baile como esse. O cartão de dança dela se encheria rápido? Ela teria a permissão do Almack's para dançar a valsa? Ela sequer se importaria com a aprovação do grupo de matronas que há muito passaram dos melhores anos?

—Do que você está rindo?

—Nada importante. — Brock se afastou da parede onde estava encostado e pegou a bebida que Harold entregou a ele. —Como está se saindo esta noite? Melhor que eu, espero.

—Devo admitir, Lady Garnerdale tem o mais delicioso xerez que já tive o prazer de provar. Você acha que ela se importaria se eu levasse uma garrafa para casa?

—Nunca saberemos, porque se você se atrever a perguntar tal coisa, nunca conseguiremos sair vivos daqui. — Brock olhou para o copo. —Isso não é xerez, é?

—É claro que não. Embora vou manter isso em mente para a próxima vez que eu bancar a babá e for pegar uma bebida para você.

Enquanto tinha estado longe, Brock tinha sentido falta do companheirismo fácil que tinha com Harold. Ainda o surpreendia ter sido capaz de retomar a amizade como se não tivesse passado um dia desde a sua infância.

—Você colocou o seu nome no cartão de alguma sortuda? — ele perguntou a Harold.

—Vamos lá. Depois de terem posto as vistas em você, nenhuma me dá tempo para sequer ser apresentado, — Harold suspirou. —Temo que esteja condenado a voltar para o vicariato e viver uma vida de solidão.

—Solidão? Estou certo de que passará seu tempo atormentando a mim e à minha família. Tenho certeza que os meus filhos irão amar o tio Harold.

—Sua esposa também, sem dúvida. — Harold ergueu as sobrancelhas.

—Rá! Só espero que esteja errado quanto a isso. Agora, vamos conhecer algumas jovens damas para que não sejamos condenados a passar a eternidade juntos, só nós dois.

—Isso seria tão horrível?

—Insuportavelmente horrível, meu amigo. — Brock bateu nas costas de Harold e o xerez do amigo escapou da taça e caiu no chão. —É bom esperar

que a nossa anfitriã não tenha visto isso. Ela é bem chata quando se trata do piso do salão de baile. E onde está a sua bengala?

—Eu a escondi atrás de um vaso de planta por aí. Eu tropecei naquela coisa umas três vezes – e isso foi antes de a banda ter a chance de aquecer.

—Certifique-se de pegá-la antes de partirmos. — Brock olhou o salão lotado. Vestidos de cor pálida giravam para lá e para cá enquanto as mulheres adornadas com chapéus ridículos se moviam junto com a música nos braços dos dândis da *ton*. Encontrar uma esposa convenientemente atraente seria mais difícil do que tinha imaginado. Para onde olhava, via Lady Posey, segurando seu xerez, falando com um homem da *ton*, ou movendo-se ao ritmo de uma valsa.

—Não olhe agora, mas a nossa anfitriã está vindo em nossa direção com um adorável par de meninas a reboque, — Harold disse ao lado dele.

—Vamos esperar que ela não tenha visto o seu passo em falso e esteja vindo para nos expulsar. — Brock sorriu quando Harold ficou pálido. — Anime-se, Harold. Parece que ela está prestes a nos apresentar duas jovens elegíveis.

—Espero que não sejam ambas para você, — Harold murmurou.

Brock suavizou o sorriso enquanto Lady Garnerdale parava na frente deles, as duas damas atrás dela quase a fizeram cair. —Lady Garnerdale, o baile está sendo um sucesso. — Ele fez uma mesura para a anfitriã, e acotovelou Harold no estômago quando ele não fez o mesmo.

—Umpf! É um prazer, minha lady.

—Lorde Haversham! É uma honra tê-lo em minha pequena festa esta noite, — a matrona transbordou. —Você esteve afastado por muito tempo da sociedade educada.

—Alguém precisa vencer o maligno Napoleão. Você não concorda?

—Meu lorde, eu não presumo saber qualquer coisa sobre as complexidades da política.

—Certamente, — Brock respondeu.

Os olhos dela se arregalaram por causa da sua falta de maneiras e pela menção de um assunto de homem, mas ela se recompôs rapidamente. —Meu lorde, posso lhe apresentar a senhorita Gylinanda e a senhorita Hylinanda Unkers. — Ela apontou para as duas mulheres atrás dela. —Onde estão vocês? — ela perguntou enquanto se virava e encontrava as duas meninas exatamente atrás dela.

—É um prazer, damas, — Brock respondeu, olhando para as duas pela primeira vez. Gêmeas! E elas não podiam ter mais que dezesseis anos, mal saíram da sala de aula.

Harold riu baixinho por causa do óbvio desconforto de Brock.

—E eu posso lhes apresentar o estimado Sr. Harold Jakeston. Ele mora na propriedade adjacente à minha. — Não era uma mentira deslavada. A casa de Harold era muito próxima de Haversham House; elas não precisavam saber que Brock na verdade era o dono do vicariato e da terra onde ele ficava.

—Sr. Jakeston. Eu não estava ciente da sua amizade com Lorde Haversham. De fato, é um prazer conhecer um amigo querido de meu lorde. — Lady Garnerdale honrou Harold com um leve inclinar de cabeça e a mão foi para o chapéu enfeitado que estava inclinado sobre o cabelo perfeitamente penteado.

—Lorde Haversham. Sr. Jakeston, — as gêmeas falaram e fizeram mesuras dignas de um rei.

—Damas, é um prazer. É muito presunçoso de minha parte pedir uma dança para mim e para o meu amigo?

As gêmeas soltaram risadinhas.

Que o Senhor o ajudasse a sobreviver a esta noite amaldiçoada, ele pensou.

—Jovens tão adoráveis quanto vocês já devem estar com o cartão lotado desde que chegaram, — Brock pressionou.

Outra rodada de risadinhas preencheu o ar. —Nós temos algumas danças disponíveis esta noite, meu lorde, — a gêmea vestida de laranja claro respondeu, com o leque cobrindo a boca.

—Maravilhoso! Vamos? — ele perguntou enquanto estendia o braço para a gêmea que foi corajosa o bastante para falar, deixando Harold com a menina paramentada com um vestido que lembrava muito a cor do vômito.

—De fato, isso é maravilhoso, — Harold murmurou.

Brock ouviu as primeiras notas de uma contradança e ficou aliviado por não ter que conversar banalidades com a senhorita Gylinanda. Ou estaria escoltando a senhorita Hylinanda? Estava lutando para decidir se isso importava.

CAPÍTULO DEZ



BROCK OBSERVOU HAROLD girar a senhorita no vestido pútrido por toda a pista de dança pela segunda vez naquela noite. Se o amigo não se cuidasse, na manhã seguinte se encontraria enfiado no escritório do pai da garota discutindo o acordo de noivado. Ele mal teve um minuto para falar com Harold depois que a anfitriã descobriu que ele tinha uma propriedade. Lady Garnerdale o tinha levado pela sala apresentando uma debutante atrás da outra. Brock não podia reclamar, se ficasse por conta própria, as mães casamenteiras ficariam intimidadas por causa da careta que ficava fixa em seu rosto logo depois de dançar com outra garota insípida.

—Oh, céus! — Lady Garnerdale disse atrás dele.

Se a mulher pensava que o apresentaria a outra amostra de dama ele arrancaria os cabelos. E enquanto fazia isso, talvez arrancasse o chapéu que estava pendurado na cabeça dela e o pisotearia.

Ele se virou para deter a mulher antes que ela começasse outra rodada de apresentações, e congelou.

A anfitriã se afastou dele para interceptar um homem e um par de damas enquanto eles atravessavam o salão de baile indo em sua direção. Brock ergueu o pescoço para ver por cima dela.

Aquele era... Não, não podia ser! Mas havia outra explicação para Lady Garnerdale estar correndo pelo salão de baile?

O Duque de Liperton! Ninguém menos que o pai da tal Lady Viola Oberbrook.

Brock vasculhou o salão de baile a procura de um vislumbre da garota responsável pela morte dos seus irmãos. Não que tivesse ideia de como ela era, não seria capaz de localizá-la em uma sala durante um chá, quem dirá no meio de um salão lotado.

Voltando o olhar para a anfitriã, Brock observou enquanto Lorde Liperton fugia, deixando as duas mulheres para trás. O homem sequer parou para pegar o casaco enquanto saía da sala e possivelmente até mesmo da casa.

—Aquele era Lorde Liperton? — Harold perguntou ao seu lado.

—Parecia ser.

—Você acha que ele te viu?

—Não acho que ele fosse sair tão rapidamente caso não tivesse visto. — Brock olhou para o amigo e então para a pista de dança. —O que aconteceu com a sua parceira?

—Aconteceu alguma coisa com a costura do vestido e ela também se retirou rapidamente, — Harold disse. A voz monótona e o gesto das mãos soaram como se o amigo se deparasse frequentemente com esta situação.

Brock estava tentado a rir, mas temia que fosse parecer o som delirante de um homem perturbado. Suas mãos tremiam e o coração estava disparado por causa do quase encontro com Lorde Liperton.

—Você acha que eles fugiram para o mesmo lugar? — Harold perguntou.

—Você quer dizer para a sala das damas?

—Eu acho que não.

—Acho que vou atrás dele. Não tivemos o prazer de nos conhecer ou discutir a mão que a filha dele deu na desgraça da minha família. — Brock começou a ir na direção para onde o Duque tinha fugido, mas Harold segurou o seu braço.

—Isso é sábio? — Harold ergueu uma sobrancelha, e apertou um pouco mais o braço de Brock. —Deixe isso para lá.

—Deixar para lá? — Brock sentiu as palavras ecoarem entre eles. Não esperava que Harold entendesse a perda de um irmão – os dele estavam vivos e respirando. Não esperava que ele soubesse o que era a culpa, a angústia emocional, de voltar da guerra para descobrir que o pai está morto. Não apenas emocionalmente morto, como ele tinha estado após a morte da mãe, mas frio e debaixo da terra.

Brock tinha esperado voltar para casa para fazer as pazes por abandonar o pai enquanto o velho lidava com a perda da sua amada esposa. Então, não pôde voltar para enterrar seus irmãos, aprofundando ainda mais o peso da culpa e do luto.

Brock respirou fundo. Não podia culpar seu amigo por sua incapacidade de compreender a dor que ele carregava dentro de si há tanto tempo. —Sim, você pode estar certo, meu amigo, — ele disse. Deu a única resposta que Harold entenderia – a resposta que indicava que Brock estava disposto a tentar seguir em frente, tirando o peso do passado de sobre os ombros. — Além disso, nossa estimada Lady Garnerdale está vindo em nossa direção mais uma vez.

Certamente, a mulher estava indo até eles. Afastou a mão de Harold.

—Bem, bem, bem. Essas mulheres com certeza estão fora da sala de aula, — Harold comentou, sua atenção direcionada a duas matronas que acompanhavam a anfitriã. —Espera—

—O que é agora? — Brock perguntou.

—Esta é a nossa vizinha, a Sra. Pearl St. Augustin – a mãe da senhorita Ruby. Imagina só que coincidência. Vimos a filha dela em Hampshire, e agora a Sra. St. Augustin está em Londres—

—Você pode fazer o favor de se calar?

Harold teve o descaramento de parecer ofendido.

—Quem é a mulher mais velha com ela?

—Eu já posso falar agora?

—Se for direto ao ponto, — Brock disse.

—Não faço ideia.

Pela primeira vez em sua longa amizade, Brock queria estrangular o amigo.

—Devemos nos preparar para descobrir porque elas estão quase aqui.

—Meu lorde. — A anfitriã se curvou, o chapéu quase caindo da cabeça. —Posso lhe apresentar Lady Evienne Darlingiver?

—Minha lady. — Ele se inclinou sobre a mão dela. Isso era algo que não sentia falta na sociedade educada: todas essas mesuras e formalidades. —É um prazer.

—Meu lorde, — Lady Darlingiver deu a resposta apropriada.

—E esta, Lorde Haversham, — a anfitriã prosseguiu, —e a Sra. St. Augustin. Fiquei sabendo que vocês já se conheciam.

—Já faz muitos anos, Sra. St. Augustin. — Brock se curvou, enquanto ela fazia uma mesura. —Nossas propriedades são próximas uma da outra.

—Isto é maravilhoso, meu lorde. — Lady Garnerdale notou Harold a esquerda de Brock. —Oh, Sr. Jakeston, você também conhece a Sra. St. Augustin? Sua propriedade também deve ser—

—Certamente, — Brock a interrompeu antes que a história de Harold fosse comprometida. —Crescemos brincando nas pastagens entre as casas das nossas famílias. — Ele olhou para a Sra. St. Augustin na esperança de que ela não deixasse escapar que a família de Harold era empregada pelo atual Lorde Haversham, assim como as últimas três gerações dos Jakestons.

—Naquele tempo, havia tantas crianças vagando pelos campos. — A Sra. St. Augustin pareceu um pouco irritada com o fato.

—Isso é verdade, — Harold disse, dirigindo-se à anfitriã. Virando-se para a Sra. St. Augustin, ele disse, —Tivemos o prazer de ver a senhorita Ruby há uns quinze dias, na propriedade de Lady Posey Hale.

—Lady Posey Hale? Você deve estar enganado. — A Sra. St. Augustin olhou confusa para Lady Darlingiver, quem estava balançando a cabeça.

Brock sentiu como se toda uma conversa estivesse se passando entre as damas, uma que nem ele nem Harold estavam a par. Estranho. —Eu lhe asseguro, era ela, — ele disse.

—Oh, Lady Danderland! — Lady Garnerdale quase gritou, assustando as damas que conversavam a poucos passos de distância. —Com licença. Preciso falar com Lady Danderland.

O grupo observou enquanto a sua anfitriã ia em direção ao salão de baile perseguindo uma dama que claramente não queria ser pega.

Brock voltou a sua atenção para a Sra. St. Augustin com o seu sorriso mais charmoso. —Atrevo-me a dizer que a senhorita Ruby está igualzinha à como me lembrava dela quando criança. Ela e Lady Posey têm planos de vir para a temporada? — Não pôde se impedir de perguntar por Lady Posey.

—Acredito que não, meu lorde. Pode nos dar licença, também? Temo não estar me sentindo bem.

As mulheres deram os braços e se afastaram antes que Brock e Harold pudessem desejar boa noite.

—Ouso dizer que este foi o corte mais direto que eu já vi, — Brock murmurou. —Harold, acredito que é hora de pegar a sua bengala.

—Finalmente. Pensei que esta noite não acabaria nunca.

—Mande-os buscar a carruagem e eu lhe encontrarei lá na frente. Vou pegar alguma coisa antes de nos pormos a caminho. — Brock olhou os cavalheiros e as damas ao seu redor em uma tentativa de localizar os anfitriões. Ambos estavam ocupados com vários membros da *ton*.

Brock caminhou casualmente pelo salão de baile. Passou pela mesa de refrescos e prosseguiu pelo corredor que levava ao salão de jogos. Olhou por sobre o ombro para se certificar de que ninguém o estivesse vendo. Assim como pensou, ninguém estava prestando atenção enquanto ia pelo corredor que levava não apenas às salas de descanso, mas também ao escritório de Lorde Garnerdale.

Quando chegou ao final do corredor, afastou-se da sala de descanso das damas e foi em direção ao toalete dos homens e ao escritório. Manteve o passo calmo quando ouviu um grupo de damas saindo da sala atrás dele.

Quando elas foram em direção ao salão de baile, Brock apertou o passo e atravessou a porta no fim do corredor e então a fechou.

Um cheiro denso e almiscarado invadiu o seu nariz. Olhando em volta da sala de fumo, Brock procurou por alguém escondido nas sombras. Convencido que de fato estava sozinho, foi até o aparador e abriu um dos armários. Havia garrafas e garrafas de whisky, brandy e scotch da melhor qualidade, todos alinhados nas prateleiras. Tirou cuidadosamente várias garrafas a procura do seu objetivo – uma garrafa de Madeira para Harold.

—Você tem que ter ao menos uma garrafa, — Brock murmurou. Já tinha alcançado o fundo do armário e não achava o que procurava. Agachando-se, puxou uma garrafa alta e esverdeada e examinou o rótulo. —Ahá!

Brock rapidamente reestocou o armário de bebidas. Como último pensamento, roubou uma garrafa de scotch para si. Era o mínimo que seus anfitriões podiam fazer depois de submeterem ambos a tipos como as gêmeas Unker. Fechou a porta.

Agora, só precisava sair do escritório sem ser notado. Colocou a orelha contra a porta para tentar ouvir vozes no corredor. Não ouvindo ninguém, agarrou a maçaneta e abriu só uma fresta. Se tudo continuasse assim, seria capaz de atravessar o corredor e em vez de voltar para o salão lotado, iria sair pela porta da frente e seguiria até a carruagem.

Um sorriso surgiu em seu rosto por causa da travessura – não que os Garnerdale fossem notar a ausência de duas garrafas de bebida. Brock ansiava para ver a cara de surpresa de Harold quando entregasse a ele a garrafa do Madeira importado.

Momentos antes de empreender sua fuga, passos apressados soaram da direção do salão de baile. Brock se enfiou na sala de descanso dos homens. Provavelmente era um monte de damas se apressando para chegar à sala das mulheres para reparar um vestido descosturado. Talvez o infeliz incidente da senhorita Unker tenha se repetido. Com a volta do silêncio no corredor, Brock abriu a porta e espiou.

Duas damas estavam de pé onde o corredor do salão de baile terminava, as cabeças estavam juntas enquanto conversavam. Brock não podia ter certeza com as costas delas voltadas para ele, mas o vestido cor de limão parecia com o de Lady Darlingiver. Presumiu que a companheira fosse a Sra. St. Augustin.

Enquanto Brock se esforçava para ouvir a conversa delas, Lorde Liperton apareceu e se juntou às damas. Sobre o que eles estariam falando?

Encontrando-se em um corredor escuro não indicava ser nada de bom.

—Se eu soubesse que ele estava na cidade, teria ficado em Foldger's Hall. — Lorde Liperton levantou a voz o suficiente para que as palavras chegassem a Brock, os braços gesticulando descontroladamente.

Lorde Liperton pareceu se acalmar quando Lady Darlingiver colocou a mão sobre seu braço. A conexão entre os dois era óbvia, apesar da distância.

—O que você quer dizer com que ele esteve em Foldger's Foals? — Liperton se afastou um pouco das damas. Sua voz atingiu um tom agudo, dando a impressão de ser um gritinho feminino. —Sabia que não deveria permitir que Viola permanecesse naquele rancho. É uma maldita—

Algo atingiu o estômago de Brock.

—Agora, não esquente a cabeça, Lippy. — A voz de Lady Darlingiver se ergueu para ser ouvida sobre o tom cada vez mais alarmante de Liperton.

Se estavam pensando que Brock se importava por ter visto a senhorita Ruby morando no campo, estavam completamente enganados. Ele mal pensou duas vezes na garota. Agora, Lady Posey era uma história completamente diferente.

—Por que não? Essa é a pior coisa que poderia acontecer.

—Ela não disse o nome verdadeiro. — Foi a vez de a Sra. St. Augustin acalmar Lorde Liperton.

—Graças aos céus que a garota tem um pouco de bom senso naquela cabeça.

Brock se impediu de atravessar o corredor para confrontar o trio, exigindo respostas. Não era verdade, não podia ser. Ele a tinha beijado, tinha gostado de discutir com ela... Sonhado com ela!

—Já faz oito anos, Lippy. Com certeza ele já lidou com a tragédia e seguiu em frente. Não há razão para temermos de que ele suspeite de alguma coisa. — Lady Darlingiver se aproximou de Lorde Liperton mais uma vez. — Tivemos uma ótima conversa.

Brock não podia ouvir mais uma palavra sequer, mas manteve seu ouvido pressionado na porta, não querendo perder nada.

—Ele não falou de mim? — Lorde Liperton perguntou.

—Não. Agora, vamos aproveitar a noite. Pearl viu o Sr. Jakeston partir há vários minutos, e estou certa de que Lorde Haversham foi logo atrás dele.

Brock espirou pela fresta da porta.

Lady Darlingiver ofereceu o braço a Liperton. —Vamos voltar ao salão de baile? Eu gostaria muito de uma taça de xerez antes de ir para o baile de

Lady Estque. — Era difícil não ver o sorriso da mulher na luz do corredor; os dentes brilhavam, absorvendo a luz das velas que iluminavam os corredores.

Brock saiu da sala de descanso dos homens e depois de dar três passos, saiu do corredor. Sua mente era um turbilhão, cheia de pensamentos conflitantes. Tudo o que queria era sair desta casa, e entrar na segurança da sua carruagem. Com as garrafas de bebidas roubadas sob o seu braço, saiu pelo corredor, nenhum pouco preocupado em parecer estar com pressa e o que isso significaria para os outros. Seus passos ecoavam pelas paredes, surdos aos seus próprios ouvidos.

A mulher o tinha enganado. Deliberadamente e sem remorso. Lady Posey! Queria rir da sua própria estupidez. Chorar pela habilidade da garota de feri-lo, mesmo depois de todos esses anos. Lady Viola Oberbrook tinha enganado a sua família mais uma vez. Felizmente, ela se atreveu a enganá-lo e não aos seus irmãos fracos de mente ou seu pai ancião. O acontecimento se assentou – não havia mais ninguém para ela enganar. Apenas ele, e ela fez isso com maestria.

Ela o envolveu com o seu charme. Mentiu bem na sua cara. Pegou o seu dinheiro. O beijou sem nenhuma vergonha lá naquele cercado. Desde aquele dia, isso era praticamente tudo em que pensava. Ela tinha lhe dado esperanças de um futuro cheio de amor e companheirismo, talvez não com ela, mas com alguém. Pela primeira vez desde a morte da mãe, realmente tinha pensado que uma vida de felicidade estava a seu alcance.

Agora, esse sonho tinha virado poeira.

Enquanto se aproximava do final do corredor, Brock se forçou a diminuir o passo para permitir que um lacaio o ajudasse a colocar o casaco, embora seu sangue fervesse bem abaixo da superfície. Se o lacaio percebeu que Brock fazia malabarismos com as garrafas roubadas, não disse nada. Ele estava queimando, certamente seu rosto estava da cor da libré dos Garnerdale.

O vento frio da noite o atingiu enquanto saía da casa e acalmou o seu humor. Ajudou o fato de a sua carruagem já estar esperando lá fora. Brock olhou em volta, mas Harold não estava por perto. Esperava que o homem estivesse esperando lá dentro, ou então o deixaria para trás.

—Simeon, — Brock fez um gesto para o seu próprio lacaio.

—Meu lorde, espero que tenha tido uma noite agradável. — O homem fez um gesto com a cabeça. —Para onde?

—Para casa, — Brock ordenou. A voz soou brusca acima do barulho dos convidados que estavam saindo da festa. Sua noite tinha terminado, mas ainda tinha muitos planos a fazer.

CAPÍTULO ONZE



A POEIRA LEVANTAVA dos cascos de Sage e o suor molhava a sua crina. Ainda assim, Brock forçou ainda mais, indo em direção à mulher capaz de enganar cada homem da sua família. Indo em direção ao confronto que não estava certo se estava preparado para ter – e se algum dia estaria preparado. Tinha planejado encarar a mulher responsável por tudo o que tinha acontecido de ruim para a sua família.

Nunca tinha sonhado que também ficaria encantado por ela.

Ao chegar em casa, ele e Harold tinham se afogado nas bebidas roubadas e Brock tinha traçado um plano para confrontar aquela mulher. Exigiria respostas – respostas que o seu pai nunca teve. Contra o seu melhor julgamento – e os protestos bêbados de Harold – Brock tinha pedido que o seu corcel fosse aprontado na primeira hora da manhã.

Assim que ele chegou, montou com toda pressa para Hampshire. Mal notou a chuva atingindo-o enquanto se inclinava sobre o pescoço de Sage.

Subiu a última colina e a entrada da propriedade apareceu. Seu sangue bombeava em suas veias e seus dentes estavam apertados com determinação.

Como ela se *atrevia*! Ela fez a sua família de idiota vez após vez. Não a deixaria se safar mais uma vez. Ela pode tê-lo enganado uma vez, mas não mais. Ele não era, e nunca tinha sido, idiota. Meio que culpava os gêmeos por terem permitido que uma mulher os colocasse um contra o outro. Afastou o pensamento da mente, já que ela também o consumiu nesses últimos quinze dias, sonhava com o beijo que tinha dado nela. Comparava as damas de Londres com ela.

A ironia disso tudo era que ainda pensava nela como Lady Posey Hale.

Sage se virou na alameda vazia e Brock cravou os calcanhares no cavalo para fazê-lo ir mais rápido. A pastagem e a grama estavam desertas, tanto de cavalos quanto de homens, enquanto a chuva fria batia no chão. A água tinha começado a empoçar na estrada e ele diminuiu o passo, temendo que o animal torcesse o tornozelo. Era inaceitável ferir Sage por causa da sua imprudência e da sua pressa.

O estábulo e o escritório apareceram. As janelas estavam fechadas e as portas do estábulo também. O lugar parecia abandonado.

Fez com que Sage parasse e os cascos do cavalo escorregaram no chão lamacento. Brock saltou da sela e pousou numa poça de lama, sujando as suas Hessians.

Nenhum cavalariço veio pegar as rédeas de Sage. Brock as enfiou na sela, certo de que o cavalo estava cansado demais para ir longe.

Por um momento, imaginou o que esperava encontrar ali: Um cercado agitado, cavalos sendo preparados para irem para as suas novas casas? Ou possivelmente Lady Viola esperando a sua chegada, com uma desculpa pronta? Não encontrou nada disso – muito pelo contrário. O lugar parecia bem cuidado, mas não tinha nenhuma atividade. O relincho dos potros sequer podia ser ouvido.

O vazio, a solidão e a esterilidade do espaço o atingiram. De repente, a realidade se afundou. O que pensava que encontraria no final dessa corrida?

Forçou-se a prosseguir. Não importava se o que encontraria ali seria o mesmo isolamento, a mesma desolação, que tinha experimentado desde o seu retorno. Estava ali por uma razão. Brock focou sua atenção na porta do escritório e na mulher que com certeza estava ali.

Abriu a porta e invadiu a sala. Uma sala vazia, pelo que parecia, sem nada vivo lá dentro. Parecia a mesma da última vez que esteve ali: a mesa enfeitada e as cadeiras luxuosamente ornamentadas.

Mas de alguma forma, pareceu diferente.

Agora, sabia que ali se desenrolavam os negócios de uma garota egoísta e mesquinha, não a mulher confiante e controlada que acreditava que Lady Posey fosse.

Sobre a mesa, viu duas cartas. Apenas hesitou por um momento antes de invadir a privacidade dela. Ela não mereceria esse luxo. Pegou os dois envelopes e os arrancou da mesa. Um estava endereçado a Foldger’s Foals, enviado pelo Tattersalls, em Londres. Ele jogou esse de lado, nada interessado nos negócios dela.

A segunda carta também vinha de Londres. Lady Viola podia não morar em Londres, mas ela estava obviamente envolvida na cena social que tinha aproveitado quando era uma jovem debutante. O endereço de resposta era na Dover Street, uma parte muito elegante da cidade. A carta seria de um antigo amor? Ou talvez de um atual?

Incapaz de se impedir, tirou a carta do envelope. Desdobrou o papel creme e começou a ler.

Minha querida Viola,

Espero que esta carta lhe encontre gozando de boa saúde. Estou preocupado com a sua ausência em Londres. Sinto muito a sua falta, mais do que as palavras podem expressar. Entendo a sua hesitação a voltar para a sociedade educada, mas comigo ao seu lado, tudo se sairá bem. Eu amo você e sinto falta do seu humor agradável. Eu lhe imploro—

A partir dali, a carta tinha ficado ininteligível. Gotas gordas tinham caído sobre o papel e a tinta estava com uns borrões indecifráveis.

Ele se impediu de rasgar a página e queimar os pedacinhos.

Tinha tido a esperança de que a mulher tinha mudado, que iria confrontá-la e que a verdadeira natureza dela viria à luz, mas parecia que ela ainda manipulava os homens, alimentava as suas esperanças e os descartava. Uma parte dele sentia pena do pobre diabo que esperava a sua presença em Londres com tanto amor e esperança. Brock deu a volta na mesa e procurou por um papel e uma pena com a qual pudesse escrever. Anotou apressadamente o endereço do remetente. Se surgisse a oportunidade, planejava alertar o homem. Talvez poupá-lo do sofrimento que o próprio Brock suportou pelos últimos oito anos, e que voltou com força total na noite anterior.

Lady Viola não merecia nenhum amor ou aceitação. Ela era tão enganosa e manipuladora como sempre tinha sido. Redobrou a carta e a enfiou de volta no envelope, colocando-a debaixo da carta do Tattersalls. Então, voltou a procurar os rastros dela.

A porta do escritório fechou por causa da chuva, checou Sage e foi em direção aos estábulos. Agarrou a maçaneta e abriu a porta o suficiente para passar por ela. Apesar de estar possesso com a patroa deles, não seria responsável pela fuga de nenhum potro.

O interior dos estábulos estava escuro, pois a luz do sol não estava atravessando as janelas como nas suas últimas visitas. Uma pilha fresca de estrume estava em um canto e feno fresco preenchia as baias.

Brock abriu a baia mais próxima. O balde de água parecia ter sido enchido a pouco tempo, e o cocho tinha um pouco de aveia.

Onde estava o jovem garoto aleijado que cuidava dos estábulos?

Fechou a porta da baia, se certificando de passar o trinco, e foi em direção à porta dos fundos, indo para a área de treino. A chuva tinha recuado desde

que entrou nos estábulos. Agora, uma leve neblina tinha se assentado nos campos. Desde o seu ponto de visão, a propriedade permanecia deserta.

Ele sabia que a propriedade do pai dela era ali perto. Havia algumas horas que os efeitos da bebedeira da noite anterior tinham passado, do contrário teria batido em todas as portas em um raio de dez quilômetros à procura do paradeiro da ardilosa Lady Viola.

Sua raiva diminuía enquanto ele prosseguia com a sua busca em Foldger's Foals. Sem uma alma para descontar a sua raiva, seu temperamento esfriou. Por que viajou toda esta distância para confrontá-la? Não era o tipo de homem que se enfurecia, gritava ou depreciava uma pessoa, não importava o quanto a dita pessoa merecesse tudo isso – e Lady Viola merecia o ódio de toda uma vida.

Dando uma última olhada no escritório, Brock reconheceu que era hora de partir. Foi até Sage e subiu na sela, o couro úmido ensopou os seus calções. A viagem de volta a Londres seria menos apressada, daria a ele tempo para considerar as suas opções. Havia uma coisa que sabia com certeza: Isso ainda não tinha terminado. Haveria retribuição pelo sofrimento da sua família.



Estava cansada dos olhares de pena que os criados lhe davam. Os tsc, tsc de Cook. A expressão de sofrimento da sua criada pessoal. Viola tinha que ir à propriedade do pai, não importa o quão terrível estava o tempo. Estava disposta a arruinar um bom par de sapatos nas muitas poças de lama ao longo do caminho até lá.

Acreditava que manteria seus problemas financeiros longe das pessoas que via todos os dias? O filho de Cook teve que procurar trabalho na taverna local, porque Vi não poderia continuar pagando o seu salário e assegurar um lugar para ele viver. Sua criada tinha perdido seu último interesse amoroso quando o filho da cozinheira tinha partido no dia anterior, temendo que ele voltasse às bebidas e às mulheres.

A pior parte foi ter visto Alexander partir para Londres naquela mesma manhã, acompanhado de Connor. O garoto tinha implorado para Vi não mandá-lo embora, para dar outra chance a ele. Fez de tudo para convencê-la a mudar de ideia. Ainda não tinham terminado as lições, ele disse. Nenhum lorde iria querer um aleijado trabalhando para eles, argumentou.

A angústia naquelas palavras quase a fez chorar.

Mas ele não percebeu que o estava enviando para Londres para que ele tivesse a chance de ter uma vida melhor. Seu novo empregador, Lorde Drake, era um homem justo que não tinha a reputação de maltratar a criadagem. Ela sabia que os seus estábulos tinham a mais alta qualidade, já que o homem tinha comprado a maior parte dos seus animais com ela.

Vi nunca quis ver Alexander partir, por medo de que o mundo o tratasse mal, mas ele precisava ir. Precisava forjar sua própria vida e seu próprio destino; abrir caminho por si mesmo. Ela queria que ele tivesse mais do que ela tinha. Uma vida no campo era algo ao qual tinha se resignado, mas Alexander deveria ter mais: a chance de conhecer e casar com uma mulher que amava, a chance de ter uma família.

A única coisa que lhe dava conforto era saber que ele iria trabalhar em uma casa respeitável não muito longe da casa do seu pai na Dover Street. Alexander tinha partido sabendo que se surgisse algum problema, se ele fosse maltratado, ele poderia buscar abrigo na casa de Lorde Liperton.

Pouco depois do almoço, Vi vestiu o seu vestido mais quente, complementou com um xale lavanda para se proteger da chuva e escapou. Atravessou o portão que separava as duas propriedades e pulou outra poça.

O som de cascos chamou a sua atenção. Viola observou enquanto um único cavalheiro atravessava a alameda. Teria perdido um cliente potencial? Isso era impossível. A última reunião da temporada tinha sido no dia anterior, e ninguém tinha aparecido. Pensou em correr atrás da pessoa que se afastava, sacudir o xale para chamar a atenção do homem, mas que bem isso faria? Foldger’s Foals estava oficialmente falido. Tudo o que restava era contar ao seu pai.

Agora, não apenas tinha muitas pessoas dependendo dela em Londres, mas também uma dúzia de potros que precisavam ser alimentados, com nenhuma renda para fazer isso. A aveia e o feno acabariam já que não tinha dinheiro para comprar mais.

Connor acreditava que encontraria compradores para o resto dos potros durante a sua viagem à Londres. Seria vantajoso que a viagem servisse para não apenas levar Alexander para o seu novo emprego, mas também para talvez ganhar o suficiente para salvar o seu negócio da completa ruína – ou foi o que Connor disse. Na verdade, sabia que não poderia empregar Connor por muito mais tempo. Ele teria pressentido isso? Viola não estava certa se o homem tinha algum lugar para ir. Uma parte dela esperava que ele procurasse emprego enquanto estivesse na cidade.

Viola resolveu escrever para o seu pai falando dele. O Duque de Liperton tinha muitos amigos em Londres, e talvez um deles estivesse precisando de um homem de negócios confiável.

Gotas gordas e frias atingiam o seu rosto, fazendo-a se mexer, observando o homem a distância. Se não buscasse abrigo, iria pegar um resfriado mortal.

Não, chamar o homem de volta não resolveria nada.

CAPÍTULO DOZE



BROCK SE RECLINOU na cadeira e olhou para o fogo. As chamas lambiam a madeira seca e refletiam na parede atrás dele. Tinha chegado à Londres há uma hora e, depois de trocar as roupas molhadas por um traje de noite, tinha saído de casa para evitar Harold. A última coisa que precisava era ouvir as observações calmas do seu amigo sobre a situação.

Nada apto para interações sociais, Brock tinha ido para o White's, onde estava sentado com uma garrafa de whisky na mão e uma de bourbon na outra. Dispensou o homem que tinha lhe oferecido um copo de cristal. Preferia tomar o licor direto da garrafa em situações como essa. Embora, não pudesse se lembrar de já ter estado numa situação assim. Na verdade, a última vez que bebeu esta quantidade de álcool, foi quando estava de luto pela perda dos seus irmãos.

Estranho como as coisas tendiam a dar voltas completas.

Tomou um longo gole de whisky; o líquido âmbar queimou enquanto descia por sua garganta. Obviamente ainda não tinha bebido o suficiente, já que ainda estava queimando.

Todo o caminho de volta a Londres, seu pensamento tinha sido absorvido com a necessidade de entender como Lady Viola tinha escondido sua identidade dele – e da sociedade. Tinha verificado com vários homens de negócios antes de ir até Foldger's Foals. Ninguém tinha ligado a desprezada Lady Viola Oberbrook à operação. A mulher provavelmente tinha enganado todas as boas pessoas da Inglaterra nos últimos oito anos. Ele deixaria isso continuar?

Imagens da mulher cantando baixinho para o potro depois de um treinamento pesado invadiram a sua mente, espontaneamente. Com a memória, mais uma vez se lembrou da sua mãe cantando uma canção de ninar. Como desejava que essa mulher não tivesse se tornado a única com a qual nunca poderia estar, quem dirá no mesmo aposento.

Suspirou.

A garota doce que o potro parecia adorar era, na verdade, uma a vadia fria que tinha sido responsável pela morte da sua família. Como elas poderiam ser a mesma pessoa? Infelizmente, a carta de amor que tinha descoberto na mesa dela provava que não tinha mudado.

—Ah, querido primo. Lorde Hurst estava certo, — Rodney falou atrás dele.

—Deixe-me em paz, Rodney, — Brock disse. —Não estou no humor para discutir contigo esta noite. — Ele continuou a encarar as chamas.

—Discutir comigo? — Rodney pareceu afrontado. —Eu só queria descobrir o que fez o meu querido primo cair de cabeça na bebida.

—Isso, — ele disse, levantando seu copo em um brinde debochado, — não é da sua conta. Desejo-lhe boa noite.

—Passei por tua casa hoje e fiquei chocado ao saber que você tinha saído de Londres indo a caminho de Foldger's Foals mais uma vez. Uma certa jovem chamou a sua atenção? — Rodney riu e deu a volta na cadeira onde Brock estava sentado e sentou ao lado dele.

Ele se ergueu no assento e olhou para o primo. —Você sabia?

Rodney deu uma risada profunda.

Brock atirou uma das garrafas meio cheias. Errou a cabeça de Rodney por muito pouco, e ela se quebrou na parede atrás dele. —Seu maldito filho da puta!

—E você se diz homem de armas com uma mira dessas? Tsc, tsc, — Rodney disse, estranhamente calmo em face à fúria do primo.

—Vou perguntar só mais uma vez. Você sabia que a mulher que conhecemos era Lady Viola Oberbrook? — Brock olhou dentro dos olhos do primo. Ele podia não mais usar o uniforme de soldado, mas certamente iria chutar o traseiro de Rodney dali até o continente e todo o caminho de volta se ele continuasse com essa charada.

—Importa se eu soubesse?

—Primo, você está caminhando por uma linha muito fina. — Brock apertou a outra garrafa, não querendo desperdiçar mais álcool quando provavelmente erraria o alvo. —É claro que importa. A mulher é responsável pela morte dos meus irmãos e dos seus supostos melhores amigos! Você sequer lamentou a morte deles ou você só viu que o acontecimento te deixaria dois passos mais perto do meu título?

Rodney sinalizou para que um criado trouxesse um copo de brandy.

Brock esperou até que o criado tivesse saído antes de prosseguir, não vendo necessidade de descarregar o drama da família na frente dos ouvidos curiosos da criadagem. —Responda. — Sua ordem sussurrada ecoou por toda a sala.

—Você está exigindo uma resposta? — Rodney levou o copo à boca. — Eu estava aqui. Fui eu quem ajudou o seu pai a enterrar Winston e Cody, meus melhores amigos. Fui eu quem observou o lento declínio da saúde do seu pai. O coração dele se partia um pouco mais a cada dia. E tudo isso enquanto você brincava com os seus soldados.

—Não houve nada de divertido no tempo que eu servi Sua Majestade. Também havia morte e pesar e tristeza onde eu estava. — Brock se forçou a relaxar no assento quando dois cavalheiros sentaram em um par de poltronas do outro lado da sala.

—Seja como for, eu estava aqui, não você. — O copo voltou aos lábios de Rodney enquanto ele bebia o licor âmbar.

—Quando soube que ela era? — Brock perguntou novamente.

—No segundo que a vi.

—E você não me disse. O que me faz imaginar o porquê. — Brock tinha bebido tanto que foi incapaz de guardar os pensamentos para si. Já estava na hora de voltar para casa.

—O que eu gostaria de saber é como exatamente você descobriu quem ela era.

—Não tenho dúvidas de que você gostaria de saber isso. — Brock levantou-se. As pernas estavam instáveis. —Infelizmente, eu não tenho tempo nem energia para desperdiçar com tipos como você.

Brock pegou a sua bengala e foi até a saída.

—Querido primo, uma pergunta antes que parta.

Ele se virou para Rodney. —É claro.

—O que você está fazendo em Londres depois de você e Harold terem trabalhado tão diligentemente para reparar os estábulos e de ter comprado novos potros?

—Esta é uma pergunta que eu realmente tenho tempo para responder. — Brock sorriu. —Estou aqui para arrumar uma esposa, para que a eventualidade de você herdar o meu título nunca aconteça. — Ele riu amargamente enquanto deixava a sala. A necessidade de olhar por sobre o ombro para ver a reação de Rodney era enorme, mas preferia morrer antes de ceder a ela.



O som de água sendo despejada acordou Brock. Estava deitado com o rosto para baixo, a colcha cobrindo o seu corpo completamente vestido. Rolando, abriu os olhos e havia luz em praticamente todas as janelas. Sua cabeça reclamou e seu cérebro latejava atrás dos seus globos oculares. Para aliviar o calor insuportável que sentia, afastou as cobertas e viu que ainda estava com as botas. O que diabos tinha feito na noite passada?

—Então está acordado, — Harold disse.

Brock moveu a cabeça na direção da voz de Harold. Seu amigo estava encostado no batente da porta do quarto de vestir de Brock.

—O que diabos aconteceu na noite passada? — Brock perguntou.

—Ninguém sabe ao certo, mas Cook encontrou você dormindo na varanda da frente quando ela saiu para ir ao mercado antes de amanhecer. — Harold ergueu uma sobrancelha. —Esperava que você pudesse *nos* dizer o que aconteceu.

—Eu cheguei de Foldger's Foals e decidi beber alguma coisa no White's. — Uma garrafa ou duas mais precisamente.

—E...?

—Eu bebi uma quantidade enorme de whisky—

—Presumi pelo seu cheiro—

—Rodney apareceu e nós discutimos—

—Naturalmente, — Harold interrompeu mais uma vez. —Tenha a bondade de avançar para a parte onde você dormiu na varanda da frente.

—Eu saí do White's... mas é a última coisa que eu lembro. — Brock esfregou a testa dolorida e se sentou. —Como cheguei ao meu quarto?

—Eu e o seu valete te carregamos, é claro.

—Por que ainda estou usando as minhas botas? — Brock jogou as pernas para a beira da cama e colocou o pé calçado no chão.

—Não somos *tão* bons amigos assim. — Harold riu. —Agora, levante-se. Seu banho está pronto.

No canto mais afastado de Harold estava a banheira de Brock, cheia até a borda com água fumegante. —Você não tira as minhas botas, mas preparar o meu banho está de acordo com a nossa amizade? — Foi a vez de Brock erguer a sobrancelha. Ele se levantou e tirou o casaco.

—Rá! Se tivesse ficado por minha conta, eu teria te jogado um balde de água bem ali onde você estava adormecido. Já está pronto para me contar o

que aconteceu em Foldger’s Foals ontem e por que só voltou depois de ter se afogado na bebida?

—Ela me enganou.

—Quem te enganou? — Harold se afastou da porta e se sentou no banco aos pés da cama de Brock.

Brock tirou a camisa e começou a remover as botas e as calças. —Lady Viola Oberbrook, — ele disse enquanto se inclinava para desatar os cadarços e esconder o rosto corado.

—Lady Viola enganou muitas pessoas, mas isso ficou no passado. Você precisa esquecê-la e seguir em frente com a sua vida. Insistir nisso não trará seu pai ou os seus irmãos de volta.

Brock se ergueu e tirou as botas. —Não – a mulher ainda está empenhada. Ela só está fazendo isso sob o nome de Lady Posey Hale.

—Você só pode estar brincado, — Harold disse com descrença.

—Eu lhe asseguro, estou muito certo de que elas são a mesma pessoa. — Brock tirou as calças e as deixou cair no chão.

—Maldição. — Harold afastou o olhar um segundo tarde demais.

—De fato. Enquanto eu roubava a sua garrafa de Madeira no baile dos Garnerdale, ouvi Lorde Liperton falando com a Sra. St. Augustin e com Lady Darlingiver. — Brock parou e olhou para Harold enquanto entrava na banheira. —Você sabia que Liperton e Lady Darlingiver estão em um relacionamento romântico há vários anos?

—Muito pelo contrário, eu não tinha ideia. — Harold manteve os olhos afastados.

—Eles estão. Ela o chamou de Lippy! Você pode imaginar?

—Você está se esquivando do assunto. O que o fez ir para Hampshire como se os sinos do inferno estivessem tocando atrás de ti, e que culminou com você se esquecendo de como abrir a porta?

—Estou chegando lá! — Brock se afundou na água quente. —Fique quieto, parece que tem uma fanfarra na minha cabeça.

—E de quem é a culpa? — Harold perguntou, novamente olhando para o amigo. —Você sabe que eu tenho pouca simpatia por—

—Eu estava saindo do escritório de Lorde Garnerdale,— Brock prosseguiu, cortando-o —com uma garrafa de Madeira debaixo de um braço e uma de whisky debaixo do outro, quando ouvi passos apressados e então cochichos. Liperton não tinha saído da casa, conforme pensamos, mas estava escondido, provando-se o covarde que eu sabia que era.

Harold fez um gesto para que Brock prosseguisse.

—Ao que parece, nossa querida amiga, senhorita Ruby, tem sido a companhia de Lady Viola Oberbrook, filha do Duque de Liperton pelos últimos sete anos em Foldger's Hall. Mencionei que Foldger's Hall pertence a Foldger's Foals? — Brock perguntou.

—Assim como a sua propriedade faz fronteira com a minha? — Harold cruzou os braços sobre o peito.

—Você está comparando as mentiras e enganos daquela mulher com as minhas tentativas de salvá-lo das garras do seu pai? — Brock olhou para o amigo enquanto esfregava o peito.

—Não exatamente. Mas achei irônico. Então, me diz, você saiu correndo para Hampshire e colocou Lady Viola em seu lugar? Você gritou com ela? Ela se desculpou por conduzir os seus irmãos àquela perseguição descabida?

Brock desejava que nada disso tivesse acontecido. —Ela não estava lá, — ele murmurou, esperando que Harold não se agarrasse à oportunidade de questionar a sua decisão de ir procurá-la.

—Não estava lá? E naturalmente, você correu de volta para Londres e bebeu ao ponto de não ser capaz de passar pela porta. Entendi.

O tom do seu amigo deu nos nervos.

—O que pretende fazer agora? — Harold ficou de pé e foi até a porta. — Vamos esperar que ninguém tenha visto o resultado da sua bebedeira. Eu não me importo com quanto você tem nos seus cofres, casar com um bêbado não é o destino que a maioria dos pais respeitáveis desejam para as suas filhas.

—Anotado.

—Vou esperá-lo lá embaixo, na sala de café da manhã. — Harold fechou a porta.

Tão aborrecido quanto Brock estivesse no momento, seu amigo estava certo: O que planejava fazer? Só queria saber. Agiu no calor do momento quando foi correndo até o campo, e então para o White's. Se isso afetasse as chances de Harold conseguir uma boa esposa, Brock não se perdoaria.

Mas apesar de tudo, não poderia deixar que Lady Viola se safasse.

Brock massageou o braço com a esponja e então o seu ombro enquanto contemplava o seu próximo movimento. Uma parte dele queria voltar para a propriedade e esquecer essa ideia de procurar esposa e de vingar sua família. Muitas pessoas que tinha encontrado desde a sua volta pensavam que ele *tinha* esquecido a morte dos irmãos.

Se Harold tivesse a mínima ideia do quanto aquilo o oprimia, o amigo provavelmente bateria na sua cabeça e o manteria trancado em sua propriedade até que ele voltasse a pensar com razoabilidade.

A chave para o retorno da sua sanidade estava no conhecimento que a culpa pertencia somente a uma pessoa: Lady Viola Oberbrook.

Pela primeira vez desde o seu retorno, Brock agradeceu ao Senhor por ele não ter ficado frente a frente com Lady Viola.

O elemento surpresa ainda estava a seu favor.

CAPÍTULO TREZE



A VIDA DE uma ociosa dama da *ton*, escondida na sua propriedade no campo, dava nos nervos de Viola. Mais de uma vez, tinha se encontrado ansiando jogar o seu bordado na parede.

As paredes! Outra coisa para a qual não tinha estômago. Quem, do alto do seu bom senso, escolheria salmão para as paredes? A sala de estar precisava urgentemente de reforma, mas passou tantos anos em Foldger's Foals que não tinha se incomodado com a propriedade antiquada do pai.

Com tanto tempo livre, encontrou-se caindo nos passatempos que tanto gostava. O desejo de renovar cômodos, arrumar novos uniformes para os criados do pai, e modernizar o guarda-roupas de Ruby era muito forte. Mas ela não era mais assim. Tinha mudado. Não era mais a sensação da temporada, dominada por todas as coisas que respiravam... Não, ela era a filha velha de um duque.

Suspirou.

—Qual é o problema agora, Vi? — Ruby perguntou do seu assento do outro lado da mesa onde elas tinham posto as linhas coloridas.

—Se eu tiver que olhar para estas paredes mais um segundo, temo que meu estômago elimine os deliciosos sanduíches que comemos no café da manhã.

—Prefere ir para o lado de fora?

—O lado de fora, os meus aposentos, a cozinha... é tudo igual. — Vi jogou o bordado em cima da mesa e se atirou no sofá.

—Sente-se direito. Irá amarrotar o seu vestido, e você sabe o quanto Sarah detesta passá-los.

—É realmente importante que eu me sente erguida? — Vi descontou o mau humor na amiga. —Para ser honesta, talvez eu comece a passar as minhas próprias roupas. Deus sabe que eu tenho tempo. — Estava azeda já tinha alguns dias, mas sabia que punir Ruby com o seu mau humor não ajudaria.

Ruby ignorou o chilique de Vi e continuou a bordar.

—Eu sinto muito. Não sei o que está acontecendo comigo esses dias, — Vi disse.

—Você acha que eu não sei qual é o seu problema? — Ruby finalmente deixou o bordado de lado e olhou para Vi. —Você está tão desiludida e absorta que não consegue perceber? — Antes que pudesse falar alguma coisa, Ruby prosseguiu, —Você não é mais o tipo de mulher que se senta ociosa e espera os dias passarem. Você se recusa a ir para Londres e atender ao pedido de seu pai, mas também não tem nada para ocupar seu tempo aqui.

Para seu desgosto, Vi reconheceu a verdade no que Ruby disse.

—E você se recusa a dispensar Connor, então ele está fazendo as poucas coisas que precisa fazer para cuidar dos potros. Se você quiser a minha opinião—

—Não tenho certeza se quero, — Viola disse. Nunca tinha visto Ruby tão agitada.

—Oh, mas você ouvirá. — Ruby ficou de pé, colocou as mãos nos quadris. —Você precisa tirar o seu rabo de dentro desta casa. Você nunca foi do tipo que desiste. Por que vai começar agora?

—Eu tentei—

—Sério? Você tem certeza que colocou cem por cento de esforço em tornar Foldger's Foals um sucesso?

Vi assentiu. —Eu passei noites sem fim pensando em todas as nossas opções.

—Este é o meu ponto! Você passou tempo *pensando* sobre os problemas, mas o que você fez?

Viola não entendeu o arrebatamento da amiga. Ruby teria um lugar aqui independente das condições dos negócios de Vi.

—Talvez seja hora de você ir para Londres—

—Eu não estou precisando de um marido, — Viola quase gritou.

Ruby se inclinou sobre a mesa, os dedos batendo no ar na frente de vi. —Por que você está tão presa em atrair um marido? Há mais que homens procurando casamento lá fora. Há homens de negócios. Pare e pense sobre os benefícios de uma viagem à cidade.

Se Vi fosse do sexo oposto, ela teria deixado sair uma frase bastante explícita – ou duas. Ruby estava certa. Não tinha pensando que uma viagem até Londres fosse fazer bem para os seus negócios. —Mesmo que eu possa entender o seu ponto, como poderia me esgueirar por Londres sem que meu pai saiba?

—Agora, isto é algo sobre o que você deveria estar pensando. — Ruby recuperou o assento e a compostura, pegou o bordado e voltou ao trabalho.

Como era possível a mulher estar em pé de guerra em um minuto e trabalhando calmamente no segundo? Como invejava a aceitação da amiga com tudo o que acontecia na vida.

—Entre, — Ruby disse sem levantar a cabeça.

Viola não tinha ouvido a batida na porta.

—Minha lady, — Sarah entrou na sala. —Isso chegou no correio hoje e o Sr. Cale pediu que eu trouxesse imediatamente.

—Obrigada. — Vi pegou a carta. Que o Senhor a ajudasse se fosse outra carta do pai implorando que voltasse para Londres.

—De quem é? — Ruby não se importou em erguer o olhar.

Viola virou a carta. —É de um endereço que não reconheço. — Hanover Square... Vasculhou o cérebro por um conhecido ou um velho amigo que vivia naquela área da cidade, mas não se lembrou de ninguém.

—Bem, abra! — Ruby colocou o bordado de lado e olhou para Vi em expectativa.

—Não é todo dia que recebemos cartas inesperadas de Londres. Talvez seja um novo cliente.

O envelope tinha sido endereçado à Lady Posey Hale. Seu estômago se afundou, temeu que o almoço de fato fosse fazer outra aparição.

—Por que o olhar de desgraça e tristeza?

—É de Lorde Haversham, endereçada à Lady Posey Hale.

—Sabia que não tínhamos nos livrado de Brock. Ele estava muito encantado por você.

Vi ergueu o olhar, desejando esquecer a carta. —Encantado? O que você sabe sobre isso?

—Não muito quando aplicado a mim mesma, mas eu cresci com Brock e os irmãos— Ruby conseguiu parecer arrependida quando Vi estremeceu com a menção de Cody e Winston. —Desculpe-me, mas eu não vou açucarar a situação para fazê-la ser mais fácil para você engolir.

Vi acenou, sinalizando para Ruby prosseguir.

—Eu odeio quando você sacode a mão assim para mim.

Ela sacudiu a mão na direção de Ruby novamente, provocando.

Ruby bufou e prosseguiu, —Eu ia dizer que eu cresci com Brock, e eu me lembro da vez que ele tinha ficado encantado pela moça que ordenhava as

vacas na nossa propriedade. Ele sempre aparecia por lá e a seguia por aí. Quando minha mãe descobriu, o despachou.

Vi não pôde refutar as similaridades das situações. Brock – quando tinha começado a pensar nela como Brock e não como Lorde Haversham? – tinha chegado cedo para pegar os potros. Também a seguiu até o pasto e a observou por sabe Deus quanto tempo. Agora, recebia uma carta dele. Uma parte si queria gritar como uma menina recém-saída da escola, mas a mulher prática sabia que a carta não continha nada além de más notícias e decepção.

Ruby pigarreou e disse. —Abra.

—O conteúdo importa? Todos os nossos encontros foram uma artimanha, e quando ele descobrir, irá me odiar ainda mais.

Sua queria amiga foi se sentar ao seu lado e passou um braço em volta dos seus ombros. —Eu acho que importa muito. Dê para mim, e eu lerei. — Ruby tirou a carta das mãos de Vi e abriu o envelope.

Vi tinha esperanças de destruir a carta, seria como se nunca a tivesse recebido, estavam um pouco amassadas já que Ruby estava alisando o papel.

Observou de perto enquanto Ruby estreitou os olhos em confusão, arregalou-os com surpresa e então sorriu. —Preciso ler isso para você. — Ela parecia deleitada.

—Tem certeza de que é algo que eu queira ouvir?

—Sem dúvidas, Vi.

Viola não estava tão certa, mas hesitava dizer não. —Muito bem. — Ela esfregou as mãos no vestido cor de oliva. Por que tentava limpar as mãos toda vez que estava ansiosa?

Ruby pigarreou e falou com uma voz profunda. —*Lady Posey Hale*—

—Pare com isso!

—Oh, tudo bem. Você fica muito chata no que diz respeitos aos seus ardis. — Ruby parou e começou a ler novamente. —*Entrei em contato com vários homens que desejam expandir seus estábulos. É necessário que venha à Londres se encontrar com os cavalheiros. Por favor, avise quando chegar.* — Ruby dobrou a carta e a colocou de volta no envelope.

—Isso é tudo? — Vi perguntou e se recostou no assento. Não tinha reparado que tinha ido para a beira do sofá. Se Ruby tivesse lido mais uma frase, Vi teria caído no chão.

—Você esperava mais? — Ruby ergueu uma sobrancelha.

—Você sabe exatamente o que eu esperava! — A mulher era insofrível.

—Não sei o que mais você queria. Isso foi tudo o que ele escreveu.

—Não se faça de desentendida. Caso tenha se esquecido, eu aperfeiçoei essa arte há muito tempo. Como Bro – Lorde Haversham, assinou a carta? — Parte dela imaginava por que se importava. A outra parte sabia que isso importava muito.

Ruby levou tempo para tirar a carta do envelope mais uma vez e a alisou.

—Bem, isso é estranho. Ele assinou, “Sinceramente Seu, B”.

Os olhos de Viola se arregalaram.

—Não tenho certeza de como te chamar. Você prefere Lady Viola ou Posey? Você tem sentimentos por ele. — Ruby pegou a mão de Vi, amassando a carta enquanto envolvia os dedos nos dela. —Oh, quando você planeja ir?

—Eu não farei isso... não posso fazer isso!

—Mas era exatamente sobre isso que estávamos falando. Uma forma de salvar Foldger’s Foals.

—O custo seria grande demais.

—Que outra escolha temos? Se você planeja manter Foldger’s Foals aberto e ser financeiramente independente, você precisa ir.

Viola ficou de pé. Precisava aliviar a agitação que ameaçava paralisá-la. Quando soltou as mãos de Ruby, a carta de Brock ficou na sua mão. Era verdade. Precisava manter os negócios girando. Havia muitas pessoas dependendo dela. Mas, nunca imaginou voltar à Londres e encarar as pessoas que a tinham feito fugir quando mais nova. A *ton* não acreditava que as pessoas pudessem mudar. E ela tinha mudado. Poderia se esgueirar por Londres, ir à reunião e partir sem fazer alarde? Será que conhecia os cavalheiros? Havia muitos riscos.

Foi do sofá até a lareira e voltou antes de outra batida soar na porta. — Entre, — Vi disse.

Connor entrou na sala e fez uma leve mesura para Vi e depois para Ruby.

—Damas. Espero que esteja tudo bem.

A voz dele irritou Vi. Ele soava quase tão jovial enquanto ela e Ruby debatiam o destino de Foldger’s Foals.

—Terminei as tarefas no rancho. Precisa de algo mais? — Connor perguntou.

Uma ideia surgiu na sua mente. Por que não pensou nisso antes? —Na verdade, tenho outra incumbência para você.

—O que precisar, minha lady.

—Preciso que vá à Londres e se encontre com alguns clientes potenciais.

—Vi— Ruby começou.

—É claro. Tenho estado ansioso para voltar à Londres e verificar Alexander.

Vi evitou fazer contato visual com Ruby, a desaprovação dela tinha ficado evidente em sua respiração. —Preciso que parta imediatamente. Isso é um problema?

—Não. Vou me preparar. — Connor fez outra pequena mesura para as mulheres e se virou para sair da sala.

—Connor? — Vi o deteve e ele se virou para ela. —Precisarei que entregue uma carta para mim enquanto estiver na cidade.

—Será um prazer.

Ele saiu da sala.

Viola se virou para Ruby e sabia pelo olhar da amiga que teriam muito a discutir. —O quê? — Vi perguntou.

—Por que está enviando o Sr. Cale quando eu sei que você deseja ver Brock?

—Por que não estou disposta a arriscar tudo que consegui nos últimos oito anos pela chance de ver um homem por algumas horas. Precisarei listar todas as outras razões pelas quais não posso ir à Londres? — Viola ergueu a mão, com os dedos esticados, e numerou as razões. —Número um: eu forneci um nome falso. Número dois: nenhuma pessoa da sociedade educada irá gostar da minha volta, e número três – Rodney. — Vi fechou a boca tão rápido que acabou mordendo o lábio.

Os olhos de Ruby se estreitaram. —Rodney... o Sr. Swiftenberg? O que aquele dândi tem a ver com a sua decisão de não ir à Londres se encontrar com Brock?

—Eu disse Rodney? Eu quis—

—Você é uma péssima mentirosa.

Vi suspirou e se jogou na cadeira perto da lareira esculpida. Maldita seja Ruby por conhecê-la tão bem.

—O que você não está me contando? — Ruby perguntou.

—Assim como você conhece Brock, Harold e Rodney desde a infância, eu também tenho meio que uma história com Rodney. — Só pensou por um momento antes de decidir contar tudo a Ruby. Não havia razão para que não contasse tudo o que aconteceu; certamente não havia motivo para não contar. —Rodney estava lá naquele dia.

—Você está falando sobre *aquele* dia? Você deixou muito claro que nunca mais queria falar sobre aquele dia.

Era verdade, Viola tinha esperado que ao deixar Londres e começar uma nova vida, deixaria todo aquele dia horrível para trás, mas do jeito que estava, seu passado nunca ficaria para trás. Tinha passado os últimos oito anos fugindo do que tinha feito.

O silêncio de Vi deve ter encorajado Ruby a continuar com o interrogatório.

—Ele falou contigo no dia que veio aqui? Isso é altamente impróprio.

—Sim, falamos em particular, mas a única coisa imprópria que ocorreu foi que ele me mandou ficar longe do primo.

—Ele com certeza sabia que você não procuraria Brock, e não tinha planos futuros para cultivar um relacionamento com ele. — Foi a vez de Ruby levantar do assento e andar para lá e para cá.

—Bem, é claro que foi o que eu disse. Ambos sabemos que o homem me odiará se algum dia descobrir meu nome verdadeiro... Se eu fosse ele, também me odiaria.

—É triste, não é? Por que as pessoas não acreditam no poder da mudança?

—Alguns dias eu imagino qual é a vantagem de mudar – exceto que eu não poderia viver muito tempo comigo mesma.

—Não sinta pena de si mesma – é inconveniente. Espero que tenha posto Rodney em seu lugar.

—Não havia razão para isso. Eu espero nunca mais ver aquele homem insofrível. — Viola pegou o bordado e voltou ao trabalho.

Nunca mais seria muito cedo. E ela definitivamente nunca planejou ver Rodney novamente, a ira dele era algo que não ansiava experimentar. Connor iria fazer um bom trabalho representando Foldger’s Foals em Londres, afinal de contas, a sobrevivência dele dependia do sucesso do negócio tanto quanto, se não mais, que a de Vi.

Nunca tinha pensando no que Connor faria sem o seu emprego e o salário. Teria uma casa para a qual voltar? Economias, até mesmo uma renda, para ajudá-lo até que conseguisse outro emprego?

Connor deve saber o quanto essa reunião é importante para todos eles.

CAPÍTULO CATORZE



BROCK OBSERVOU ENQUANTO o cavalariço colocava o potro em marcha, começando com uma caminhada e indo a um trote, depois um galope e eventualmente correndo. Mal havia lugar na pequena área gramada nos fundos da sua casa em Londres, mas conseguiram. As transições foram suaves, quase sem interrupções. Todo o lote de potros excedeu as suas expectativas. Agora sabia por que a mulher tinha ganhado tanta fama.

—Meu lorde?

Ele se virou e viu o cavalariço com um envelope na mão e a cabeça inclinada.

—Sim, Charles, — Brock disse. Estava sendo difícil convencer a criadagem a ficar à vontade em sua presença. Não era um homem rude, o que aprendeu ser uma raridade na sociedade hoje em dia.

—Você pediu para o seu valete que lhe trouxesse o correio assim que chegasse. — O garoto entregou um envelope.

Vinha esperando uma resposta de Lady Viola há vários dias. Para o plano ser executado, tinha que conseguir com que a mulher insofrível viesse para a cidade.

—Obrigado. — Brock rompeu o selo e pegou a carta, escrita em papel rosa claro.

—Desculpe-me, mas posso ir, meu lorde?

—É claro. Não queremos que o chefe dos estábulos pense que você esteja enrolando para completar as suas tarefas, não é?

Charles enrijeceu de surpresa, mas Brock deu uma piscadinha, o garoto relaxou e se afastou apressadamente.

Brock olhou para a carta em suas mãos.

Enquanto lia, seu humor piorava e não pôde evitar dizer a frase explícita que veio a sua mente. —Maldição, que mulher insuportável!

—O que Lady Viola fez para te irritar agora? — Harold perguntou atrás dele. —Eu não posso pensar no que, já que ela nem ao menos está no mesmo condado que você.

—Eu não ficaria tão certo de que ela não pudesse fazer o meu humor azedar só porque está há horas de distância. — Brock entregou a carta para Harold.

—Ah. Você está chateado porque a mulher não virá correndo para Londres só porque você chamou. — Ele olhou para Brock e lhe entregou a carta. —Ela pode ser a causa por trás da tragédia da sua família, mas não é tola. Ela conseguiu esconder a identidade de todas as pessoas com as quais fazia negócios, não é lógico você esperar que ela viesse para cá para se encontrar com novos clientes.

—Estou cansado da sua visão sobre a mente humana. — Brock passou pelo amigo e foi em direção ao jardim nos fundos da casa. Por que as coisas não poderiam sair conforme o planejado? A vida em Londres era muito diferente da sua vida de soldado. Seus homens faziam o que ele mandava, do jeito que ele mandava.

Harold foi atrás de Brock, andando rápido para poder alcançá-lo. —O que você fará agora?

Brock parou e Harold quase o atingiu. —Não é óbvio? Eu tenho que organizar uma reunião para que o Sr. Cale possa se encontrar com clientes potenciais.

—Não estava ciente que você realmente tinha pessoas interessadas em comprar cavalos...

—Eu não tenho, mas tenho certeza de que podemos angariar alguns clientes.

—Nós?

—É claro. — Brock voltou a ir em direção a casa. Novamente, ela encontrou uma forma de evitá-lo. —O Sr. Cale chegará pela manhã. Isso me dá algumas horas para resolver isto, — ele disse por sobre o ombro. —Oh, eu não planejo me afastar da minha casa. — Não era como se precisasse realmente encontrar alguém disposto a gastar dinheiro para comprar os potros. Brock apenas precisava apresentar algumas pessoas que *parecessem* dispostas.

—Isso vai ser muito interessante.

—Meu lorde, tem certeza de que poderemos entrar no White’s? — Buttons, o mordomo de Brock, falou em nome dos três homens que o acompanhavam

até uma das salas privadas do White's. Todos seguravam copos com dois dedos de whisky e se sentava perfeitamente erguidos.

Era um completo contraste com Brock, que tomou dois copos seguidamente. Como pôde sequer pensar que isso daria certo? Seu mordomo, o valete e o chefe dos estábulos fantasiados de homens da ton. Tinha estado tão seguro do seu ardil durante o percurso.

Brock olhou seus criados e notou o óbvio desconforto. —Está tudo bem. Vocês estão acompanhados por um conde, quem se atreverá a questionar as minhas companhias? — Esperava que a sua voz fosse convincente, porque não estava certo quanto ao protocolo de trazer convidados ao clube. —Tome a sua bebida e relaxe ou nunca conseguiremos pôr um fim nisso.

—Como quiser, meu lorde, — Parsons disse.

—E, por favor, me chame de Haversham durante esta noite. — Brock olhou para os três – seu chefe dos estábulos de Londres, Jeffers, Parsons, seu valete e Buttons.

Após a insistência de Brock, todos os homens beberam o seu whisky e olharam o ambiente com desconforto. Podia imaginar o espanto de estar enfiado no luxuoso e opulento santuário que era o White's. Muitos homens só podiam sonhar em conseguir um convite para conseguir passar pelas portas da frente. Mesmo Brock tendo desistido das melhores coisas da vida quando foi para o exército, tinha sido criado em meio à riqueza e ao privilégio – não importa o quanto tentasse esquecer desse fato.

Ouviu barulho de passos e duas vozes podiam ser ouvidas do lado de fora da sala.

Uma suave batida soou e a porta se abriu.

—Lorde Haversham, estou feliz por você e seus parceiros terem podido se encontrar comigo, — o Sr. Cale disse.

Brock ficou de pé e apertou a mão estendida do homem. —É claro. Estou certo de que você esteja ansioso para voltar para Hampshire.

—Estou sim, meu lorde.

—Então, começamos? — Quando o Sr. Cale inclinou a cabeça, Brock prosseguiu com as apresentações. —Posso lhe apresentar Lorde Parsons, o Sr. Buttons e Sir Jeffers? E este, cavalheiros, é o representante de Foldger's Foals.

Os homens apertaram a mão de Cale e olharam para Brock, tentando descobrir o que fariam a seguir.

—Sentemo-nos. — Brock e Harold tinham decidido evitar confusão com os papéis dos seus criados; eles manteriam seus sobrenomes. Essa reunião não duraria muito tempo e não era necessário que o esquema fosse complexo. Tanto quanto sabia, o Sr. Cale não era um homem da *ton* e alguns aristocratas de mentirinha não seriam notados.

Felizmente, o Sr. Cale tinha vindo preparado e sondou os homens perguntando sobre os seus respectivos estábulos.

Brock tinha tido o bom senso de instruir a cada homem sobre a sua linhagem e localização da propriedade, todas elas à segura distância de mais de um dia de cavalgada de Foldger's Foals, situadas em desconhecidos vilarejos remotos para a maioria das pessoas que não fossem da região.

—Sir Jeffers, o que você necessita? — o Sr. Cale perguntou.

Jeffers pigarreou, olhou para Brock e tomou um gole da bebida antes de responder. —Estou procurando por cavalos para carruagem. Viajo frequentemente entre Londres e as minhas propriedades. A jornada é longa e meus cavalos não são tão resistentes quanto eu queria.

Brock fez sinal para que ele prosseguisse.

—Meu – Lorde Haversham falou muito bem de vocês. — Buttons gaguejou.

—Nós temos os melhores potros da Inglaterra, ou é isso que o Tattersalls costuma dizer. — O Sr. Cale riu, não percebendo o deslize. —Obrigado, cavalheiros por se encontrarem comigo. Gostaria que visitassem Foldger's Foals se algum dia estiverem por perto.

—Oh, com certeza. — Parsons falou.

—Bem, cavalheiros. Vocês têm nosso endereço. Por favor, avise se puder ajudá-los quando forem fazer as suas compras. — O Sr. Cale apertou a mão de cada homem e fez uma mesura para Brock. —Deixarei que aproveitem a noite.

—Nós também já estamos indo, o acompanharemos. — Brock esperava parecer comprometido com os negócios enquanto eles saíam, principalmente para desencorajar qualquer conversa com outros membros do clube. —Por aqui. — Ele caminhou ao lado do Sr. Cale, com seus homens tomando a dianteira. —Obrigado por vir a Londres mesmo que tenha pedido com tão pouca antecedência. Acredito que no que diz respeito a negócios, você deve se agarrar às oportunidades.

—Lady Posey está muito grata por sua recomendação. — O Sr. Cale sorriu.

Brock não estava certo de por que o homem o irritava, mas a presença de Cale o fazia franzir o cenho para aquela jovialidade excessivamente esmagadora. Era muito possível que tivesse algo a ver com a mulher para quem o Sr. Cale trabalhava. —Eu gosto de ver os empreendimentos recebendo o que merecem. — Brock sorriu de volta.

Atravessaram o salão principal e foram em direção à entrada. Homens estavam sentados, bebendo e jogando cartas nos muitos recantos do clube. A fumaça dos charutos era tão densa quanto a neblina da manhã. Um criado abriu as portas e uma voz familiar chamou Brock.

—Cavalheiros, por favor, podem ir para a carruagem. Irei logo em seguida, — Brock disse para os seus criados e se virou para cumprimentar o seu onipresente primo. —Boa noite, Rodney.

—Brock, este era— Rodney tentou olhar por sobre o ombro de Brock para ter um vislumbre dos homens que partiam com o Sr. Cale.

Brock foi rapidamente para a esquerda para bloquear a vista de Rodney. —Você está certo. O Sr. Cale veio à Londres para se encontrar com alguns clientes potenciais.

—Não, pensei ter visto outra pessoa. — As sobrancelhas se elevaram com suspeita, Rodney relaxou sua postura. —Espero que você não *a* tenha convidado para vir à Londres.

Ambos sabiam a *quem* Rodney se referia.

—Nem sonharia com uma coisa dessas. — Brock não tinha parado tempo o suficiente para sonhar em convidá-la para vir à cidade, mas se apressou a escrever uma carta para ela – o que resultou na presença do Sr. Cale. — Preciso ir. Damas para conhecer e bailes para ir.

Nunca se cansaria de esfregar na cara de Rodney que ele, Brock, tinha o destino do Condado em suas mãos. Se ele escolhesse se casar e ter filhos, o aperto de Rodney no título iria escorregar cada vez mais longe de suas mãos.

—Bom dia, primo. — Brock pegou o casaco com o criado e saiu do clube com as portas fechando silenciosamente atrás de si.

CAPÍTULO QUINZE



CONNOR SAIU DO White’s com os cavalheiros que Lorde Haversham tinha apresentado a ele, pausando na calçada. —Foi um prazer conhecê-los, Lorde Parsons, Sr. Buttons e Sir Jeffers. — Connor olhou para cada homem. —Espero que façamos negócios no futuro.

Mesmo enquanto dizia isso, Connor continuava visualizando a cena em que tinha tropeçado uns dias atrás: Lorde Haversham e Lady Vi, nos braços um do outro. Haversham não tinha o direito de beijá-la – ela era dele! Até mesmo o pai dela tinha concordado com a união.

—Bom dia, — os homens murmuraram, rigidamente.

Estranho, os homens não agiam como a maioria dos homens da *ton*. Em seu passado não-muito-distante, os homens da alta classe tinham grande prazer em dar ênfase à sua baixa posição, sempre encontrando a oportunidade de demonstrar a sua superioridade.

—Por favor, repassem meus cumprimentos a Lorde Haversham. Preciso ir a outra reunião antes de voltar para o campo.

—É claro. Aproveite o seu tempo. — Lorde Parsons olhou em volta nervosamente.

Teria ele esquecido como chamar a carruagem? Não era da sua conta, de qualquer forma. Connor se virou e seguiu pela rua. Quando chegou à esquina, virou a esquerda, seguindo o passeio. Seu parceiro esperava na carruagem que levaria a si e a Connor até a próxima reunião.

Connor entrou na carruagem e tomou o assento que dava de frente às traseiras.

Hamp se sentava confortavelmente em seu assento virado para frente, o rosto coberto pelas sombras da manhã. —Essa foi uma reunião muito breve. Tudo foi bem?

—Foi tudo bem, embora não esteja certo se os homens estão interessados.

—O que o faz pensar que eles não estão? — o homem perguntou.

Não podia apontar a exata razão. —Eles pareciam pouco à vontade, como se gastar dinheiro não fosse um hábito para eles.

Hamp se inclinou, o maxilar duro não mais coberto pelas sombras. —Mas você conseguiu passar um dos cartões que eu dei a você?

—Eu não sou ignorante ou incompetente, Hamp. — Eles se conheciam há anos, Connor pensou irritado, e ainda assim o homem continuava pensando nele como alguém inferior e incapaz de cumprir a sua parte nos negócios.

Em vez de responder, Hamp voltou para as sombras e bateu na lateral da carruagem com a bengala, sinalizando para o condutor partir.

—Obrigado por me oferecer transporte enquanto estou na cidade, — Connor disse para aliviar a tensão.

—Você tem o dinheiro que prometeu?

Deveria saber que o homem tinha uma razão para estar levando Connor para todas as reuniões. Parecia que tudo girava em torno de dinheiro. — Como lhe disse, não há dinheiro suficiente para ser—

—Não muito, mas algum... — O homem o interrompeu.

—Passa para cá! — a voz de Hamp era quase um choramingo.

Imaginou quanto Hamp tinha bebido até aquele momento. Pelo cheiro dentro da carruagem, ele tinha começado bem cedo e ainda não tinha parado.

—Você percebe que está roubando comida das bocas das crianças ao pegar este dinheiro, não é? — Connor pegou o envelope fechado e o tirou do alcance de Hamp.

Seu amigo riu. —Em todo esse tempo que me conhece, você acha que eu dou a mínima para crianças e se elas estão sendo alimentadas?

A dúvida golpeou Connor com força. Levou toda a sua força para não enfiar o envelope de volta no bolso do casaco e sair da carruagem. Passou anos certo de que Lady Viola merecia tudo o que aconteceria a ela. Ela brincou com ele por anos, mas nunca tinha se preparado para que a sua vingança espirrasse sobre crianças inocentes. Essa seria a última vez que Hamp seria beneficiado ao tomar dinheiro que era do orfanato.

Connor puxou o envelope que Lady Viola pediu para que entregasse e o deu a Hamp. —Isso é tudo. Qualquer outro dinheiro, você terá que ganhar ao vender os nossos próprios animais.

—Por ‘nós’ – o homem ergueu uma sobrancelha —você quer dizer ‘você’, não é?

CAPÍTULO DEZESSEIS



BROCK PULOU NA carruagem antes que alguém tivesse a oportunidade de segui-lo ou que o chamasse. Tomou o assento virado para frente, os rostos ansiosos dos seus criados olhavam para ele. A cena era um pouco cômica, com todos os três homens apertados em um único assento. O traje que usavam provavelmente ficaria irremediavelmente danificado. Os três estavam metidos em um lugar apertado, com os olhos arregalados. Sardinhas enlatadas.

O cocheiro pôs a carruagem em movimento e eles adentraram à rua movimentada, indo em direção à casa de Brock. —Fizeram um trabalho magnífico, cavalheiros, — Brock disse elogiando os homens.

Buttons, seu mordomo, virou o pescoço e olhou para Parsons antes de falar. —Meu lorde – posso te chamar de ‘meu lorde’ agora?

—Sim.

—Bem, meu lorde, — Buttons começou a falar, —isso será algo frequente? Não que esteja reclamando de vestir roupas elegantes e ter uma noite de folga, mas... — A voz dele vacilou enquanto a incerteza cruzava o seu rosto.

—Presumi que o meu pedido iria confundi-los, e eu não prevejo outro acontecimento como o desta noite. — Ele ignorou a interpretação da criadagem sobre o que tinha acontecido – por que Brock precisava contratar os próprios criados como amigos e conhecidos. Não era lorde há tempo o suficiente para mandar ou pedir certas coisas dos seus criados, e era compreensível que eles estivessem questionando o seu julgamento. — Voltaremos para casa e vocês três estão livres para passar a noite como bem quiserem.

Todos os três assentiram e trocaram um olhar de alívio.

O que Brock não faria para ter a vida desoprimida de um criado.

Enquanto atravessavam as lotadas ruas de Londres, Brock percebeu que tinha passado a maior parte do seu dia livre do peso de conseguir justiça para a sua família. Não tinha bolado um novo esquema para trazer Lady Viola

para Londres, nem pensado em um jeito de levar Foldger's Foals à falência. Ele tinha se concentrado somente em seu encontro com o Sr. Cale, e tudo se deu maravilhosamente.

Os homens continuaram a trocar olhares enquanto Brock pensava em seu próximo movimento.

—Meu lorde?

—Sim, Jeffers. — O homem claramente queria discutir algo, mas estava hesitante de falar. —Por favor, fale a vontade. — Temia ter assustado os seus criados ao pedir que se vestissem como cavalheiros. Teria sido cruel apresentar a eles uma vida que nunca teriam?

—Quando eu apertei a mão do Sr. Cale, ele me passou um bilhete. — Jeffers mostrou um pedaço de papel dobrado. —Aqui diz—

Brock pegou o bilhete, arrancando-o das mãos de Jeffers, fazendo-o se calar. O bilhete era mais um cartão de visitas do que uma carta ou uma mensagem. —Estarei na cidade até amanhã. Por favor, procure-me em um horário de sua conveniência para discutirmos a compra de potros muito melhores. Estarei na Smythe's Guest House, — ele leu em voz alta. —O que diabos? — Ele virou o cartão. —D & C's Fine Foals?

—Eu também fiquei confuso, meu lorde. Tive a impressão que estávamos indo nos encontrar com o homem da Foldger's Foals, — Buttons disse.

—Nós nos encontramos com ele, — Brock pensou. —Aquele filho da puta!

Os homens se afundaram em seus assentos como se para se distanciarem do rompante de Brock, incertos de como interpretar o que disse.

—Relaxem, sim? Minhas palavras não foram direcionadas a vocês. — Os criados pareceram não acreditar nele. —Pelo amor de Deus! Button, você me conhece desde que eu era um garoto chorão. Eu sou um homem cruel? — Brock tentou uma nova tática.

Buttons não respondeu pelo que pareceu uma vida e então percebeu que os seus criados, na verdade, não o conheciam. Eles tinham conhecido a criança ferida e triste que tinha perdido a mãe; lembravam-se do jovem despreocupado que vagava pela propriedade com os dois irmãos mais novos a reboque, mas eles não conheciam o homem que tinha se tornado.

—Jeffers... Parsons, vocês não me conhecem há tanto tempo, mas estou certo que os outros criados falaram alguma coisa. — Brock olhou para os três enquanto a carruagem parava em frente à sua casa.

Brock suspirou. A porta se abriu e os degraus foram baixados. Não havia nada mais que pudesse dizer; o que a criadagem pensava dele era algo que estava fora do seu controle. Talvez com o tempo venha a fazê-los mudar de opinião ou ao menos suavizar a reserva que tinham para com a sua pessoa. Se não fosse capaz de encontrar uma esposa e engendrar um herdeiro, seria apenas ele e os criados pelo resto da sua vida. Que pensamento mais assustador.

—Aproveitem o resto da noite, — Brock disse e saiu da carruagem lotada indo em direção aos seus aposentos. Subiu dois degraus por vez e parou, esperando que a porta fosse aberta. Falhou em lembrar que o seu mordomo estava na carruagem.

Segurando a maçaneta, Brock abriu a porta e foi em direção à escadaria que levava aos seus aposentos. Nunca teve a oportunidade de se sentir sozinho rodeado pelos homens sob seu comando, sempre havia planos a serem avaliados, doenças e ferimentos para atender e brigas para mediar.

Felizmente, tinha muito no que pensar. Mais importante, por que o Sr. Cale parecia estar trabalhando para outra pessoa enquanto sabotava Lady Viola e Foldger’s Foals? Uma guerra se desenrolava dentro de si quando chegou à porta. Ela merecia qualquer castigo que recebesse, mas ele se viu inexplicavelmente irritado por alguém estar tirando vantagem da mulher daquela forma. Poderia esquecer a sua honra, abandonar a sua integridade e simplesmente fechar os olhos?

—Maldição.

—Só está em casa há alguns minutos e já está amaldiçoando? Presumirei que a sua reunião não saiu conforme o planejado. — Harold estava sentado de frente para a lareira, uma taça de cristal na mão – preenchida com xerez, sem dúvida.

—Você está ficando um pouco confortável demais entrando no meu quarto quando bem entende. Não queremos que a criadagem tenha ideias erradas, queremos? — Brock ergueu uma sobrancelha, esperando por um fim à conversa e evitar falar sobre a reunião.

Harold se assustou, enrijecendo-se em seu assento.

A tentativa de usar o humor como distração falhou. —Qual é o problema? Eu me encontrei com o Sr. Cale, apresentei-o a clientes em potencial e parti. Tudo correu bem.

—Então qual é a razão deste humor horrível? — Harold pressionou.

O homem era perceptivo demais. —Nosso bom Sr. Cale entregou, disfarçadamente, um cartão de visitas para um dos meus homens antes de partirmos.

—E...?

—Então, o cartão convidava o meu funcionário para se encontrar com ele e discutir negócios não relacionados a Foldger's Foals. — Brock tirou o casaco e se jogou na cadeira ao lado de Harold, o calor do fogo penetrou nos seus pés calçados.

—Interessante. — Harold levou a taça de xerez aos lábios.

—É sim, de fato.

—O que você pretende fazer?

—Por que você presume que eu farei alguma coisa?

—Como um homem de honra, é altamente improvável que você vá permitir que uma mulher, não importa seus sentimentos por ela, seja passada para trás.

—É uma pena que os meus criados não me vejam sob a mesma luz. — Novamente, ele tentou mudar o assunto. Ficou chocado quando funcionou.

—Dê tempo a eles, Brock. Você ficou longe por mais de quinze anos. Você não passava de um rapaz quando fugiu.

—Eu não fugi.

—Sério? Você se despediu do seu pai?

Brock sacudiu a cabeça.

—Dos seus irmãos?

Novamente, ele sacudiu a cabeça.

—É difícil acreditar que a única pessoa para quem contou fui eu – na calada da noite, nada menos. Sabe, levou meses para que seu pai descobrisse como você pagou pela patente. — Harold riu.

—Foi o que ouvi.

—Ele ficou lívido por você ter vendido as joias da sua mãe.

—Elas eram minhas e eu podia fazer o que quisesse com elas.

—Eu entendi. Seu pai, não.

—O que ele queria que eu fizesse? Continuasse a viver na propriedade, passar a temporada em Londres, os feriados em Bath... e todo o tempo sendo atormentado pelos gêmeos. Eles eram a viva imagem da minha mãe. — Sua garganta se apertou por causa do rompante. A verdade era que daria qualquer coisa para tê-los seguindo-o. Brock saiu da cadeira e se serviu de um pouco de whisky. Engoliu a bebida de uma só vez e bateu o copo sobre o aparador.

—Não podia passar todos os dias lembrando continuamente da mãe que eu perdi.

—Eles também tinham perdido a mãe.

—Eu sei! — Brock se virou para Harold, certo de que a sua raiva e o seu arrependimento eram evidentes em seu rosto. —Mas eles não a conheciam. Ela nunca os colocou na cama. Ela não cantava para que eles dormissem. Eles não sabiam o que tinham perdido. Eu sabia. — Suas mãos desgastadas pela guerra esfregaram o rosto e foram para o cabelo.

—Você ainda tinha o seu pai.

Brock tentou acalmar o coração disparado. Fazia anos desde que tinha pensado na rejeição e na solidão daquela época: seu pai ocupado com os gêmeos e Brock sendo deixado com a babá. Sim, seu pai ainda estava vivo, mas dificilmente se preocupava com o filho mais velho. Nunca mais Brock teve alguém para colocá-lo na cama ou que o presenteasse com contos sobre terras distantes e desconhecidas. Em vez disso, ficou por conta de Brock cuidar dos irmãos enquanto eles cresciam e o seu pai ficava mais distante. A dor por ter perdido a esposa tinha ficado maior à medida que os anos se passavam, e ele preferia passar mais e mais tempo em Londres.

—Brock?

—Sim, você está certo. Eu tinha um pai... ao menos de corpo. — Se não pela mente nem pelo coração.

—Ele fez o melhor que podia.

—Sem dúvidas.

—Fique feliz por ele não governá-lo com punhos de aço, assim como o meu faz.

—Ao menos eu saberia que ele se importava, — Brock falou.

Um silêncio desconfortável preencheu o quarto. E então Harold suspirou. —O que faremos agora?

—Gostaria de saber. — Nunca disse uma frase tão verdadeira. Não tinha ideia de qual seria seu próximo movimento ou sequer se tinha outro movimento a fazer. Talvez fosse hora de concentrar a sua energia em encontrar uma esposa e se reintegrar à sociedade em vez de arruinar Lady Viola. Mas como poderia desistir da raiva que o alimentava nos últimos oito anos?

—Sempre haverá as gêmeas Unker. — Harold agitou as sobrancelhas.

Ambos riram e a tensão foi dissipada.

Mesmo estando relaxado, a mente de Bock continuava voltando ao seu dilema. Arruinar Lady Viola ou esquecê-la e finalmente começar a viver a própria vida? E se fizesse isso, poderia ignorar a clara sabotagem de Connor Cale com a mente tranquila? Em conflito e sem desejar pensar mais nisso, Brock se jogou à companhia do amigo. De um jeito ou de outro, ele sabia que teria que tomar uma decisão muito em breve.

CAPÍTULO DEZESSETE



—POR QUE VOCÊ está escondida aqui? — Connor entrou no escritório parecendo preocupado.

Os dedos afastaram uma lágrima que trilhava por sua bochecha. Vi esperava que a vermelhidão tivesse sumido dos seus olhos. —Não tenho nenhum outro lugar para onde ir. — Seu suspiro pareceu muito dramático, até mesmo para os seus próprios ouvidos. —Como foi a reunião?

—Mudança de assunto bastante eficiente. Você tem sorte por eu não poder deixar de te satisfazer a cada momento. — Connor fez uma mesura e seu cabelo caiu sobre os olhos. —Temo que a reunião não tenha ido muito bem.

Outro revés. —Mas Lorde Haversham escreveu dizendo que era da maior importância ir encontrar com eles imediatamente, — ela pensou. Estava com esperança de que esses homens se tornassem clientes – preferencialmente clientes mão aberta.

—Sinto muito.

O olhar de pena no rosto dele lhe causou náuseas. Estava tudo acabado.

Connor sempre tinha lhe dado apoio e sido compreensivo. Junto com Ruby, ele sabia todos os seus segredos... e ainda estava com ela. Ao longo dos anos, tinha imaginado o que seria se casar com ele – deixá-lo cuidar dela. Ele seria um marido e um pai bondoso e justo? Dispersou o pensamento. Um dia ele seria um excelente marido, mas não o marido *dela*. Não tinha nada a ver com a idade avançada, a beleza rude da sua juventude apenas amadureceu desde que se conheceram, deixando-o com uma aparência distinta. Seu pai tinha dito que a união o agradaria.

Era hora de ela começar a pensar no que agradaria aos outros em vez do que agradaria a si mesma? Temia ter chegado a hora, ainda assim não via motivo para se assentar – nem que se atar permanentemente a Connor seria se assentar. É só que, nunca tinha ansiado casar com alguém. Mesmo mantendo seus arrependimentos escondidos, lá no fundo onde mantinha as coisas que não poderia mudar, eles de vez em quando voltavam para feri-la. Ainda que

não tivesse a própria família, ela *tinha* o pai, Ruby, seus criados e os cavalos que dependiam dela. Disse a si mesma que a companhia e amor deles não era diferente do que o de um marido e dos filhos.

Não se permitia pensar na eventual morte do pai, ou na transferência da propriedade para o primo. O pensamento de que seria forçada a vender o rancho e viver da generosidade de parentes que não passavam de estranhos era algo que mantinha guardado lá no fundo.

Sim, ela não tinha tempo para arrependimentos.

—Se lhe agradar, eu alimentarei os cavalos antes de me retirar pelo dia. — As palavras de Connor a tiraram de suas abstrações.

—Só mais algumas coisas antes de você ir. — Vi ergueu os ombros. Havia coisas mais importantes com as quais se preocupar. —Você conseguiu entregar o envelope?

Connor curvou a cabeça. —Sim. Eu o entreguei a Hutton como você disse.

—Obrigada. Entendo que não é a área mais promissora de Londres e que às vezes é insegura—

—Não precisa se explicar. — Connor fez um gesto com a mão, dispensando as explicações.

—Bem, mas obrigada mesmo assim. Agora, conte-me mais sobre a reunião.

Connor se sentou na poltrona azul na frente da mesa de Vi. —Havia algo estranho naqueles homens. Embora estivessem ouvindo com interesse o que estava sendo oferecido, eles pareciam desconfortáveis e nervosos—

—Nervosos como? — Vi perguntou.

—Um pouco desconfortáveis. Posso estar fazendo tempestade em um copo d'água, mas eles olhavam frequentemente para Lorde Haversham como se estivessem pedindo permissão para falar. É uma atitude estranha para homens da *ton*.

Era incaracterístico de muitos homens, ao menos pelo que sabia.

—Fui incapaz de conseguir outras reuniões.

—Você fez o que podia. — Vi ficou de pé e indicou que a conversa tinha terminado antes de perguntar com indiferença. —Br–Lorde Haversham perguntou por mim? — Não tinha pensado em outra coisa nesses dois dias. Esperava que Brock tivesse perguntado, mesmo que temesse a possibilidade de ele ter perguntado.

Connor olhou para ela com suspeita e virou a cabeça. —Eu não me lembro de ele ter mencionado Lady Posey.

—Bem, então está tudo como deveria estar, — ela disse para disfarçar o seu interesse. —Não faria nenhum bem Londres ser alimentada com novas fofocas. As pessoas poderiam começar a imaginar quem é o dono de Foldger's Foals. — Agora que as coisas tinham acabado, seria irônico se as notícias fossem espalhadas.

—De fato, seria. — A cadeira de Connor estalou enquanto ele levantava e ia para a porta. —Irei comer e voltarei pela manhã. Por favor, não se sobrecarregue.

A porta se fechou e Vi olhou pela janela. Nunca tinha querido se colocar nesta situação novamente; a mentira era algo que abominava na sua versão mais jovem. Era difícil convencer os outros de que tinha mudado quando todo esse engano estava a sua volta.

Alguns instantes depois que Connor já não podia mais ser visto, a porta do seu escritório se abriu. O coração de Vi foi para a garganta por causa do susto quando Ruby entrou ofegante.

—Vi! Aí está você. — Ruby se inclinou e colocou as mãos nos joelhos.

—Aqui estou eu. Qual é o problema? — As mãos de Vi foram para os quadris fazendo uma imitação da pose que Ruby normalmente fazia.

—É o seu pai—

—O que tem ele? — Sua voz quebrou levemente na última palavra.

—Ele está na propriedade e deseja vê-la imediatamente. — Ruby respirava fundo à medida que a sua respiração se acalmava.

—Não pode ser algo tão importante já que ele lhe mandou aqui.

—Mas é... eles o tiraram carregado da carruagem. Lady Darlingiver não para de andar para lá e para cá. — Ruby se endireitou, as mãos se contorcendo de preocupação. —Ela disse que ele desmaiou em um baile na noite passada.

Vi se pôs em movimento, apagando as velas e pegando o xale no gancho atrás da mesa. —Vamos.

Ruby segurou as saias, levantou-as até a canela e correu para a porta, Vi ia bem atrás dela. Elas se esquivaram de muitas poças no estábulo e seguiram o caminho que levava até a propriedade do pai.

Seu pai não era jovem. Ele vinha compartilhando as preocupações que tinha com a sua saúde e o fato de Vi permanecer solteira ao longo dos últimos

anos. De fato, ela se lembrava de isso ter ocorrido duas vezes nos últimos meses.

Elas correram enquanto atravessavam o portão que separava as duas propriedades, subiram os degraus e entraram no vestíbulo, o mordomo escancarou a porta para que elas passassem.

—Onde ele está? — A voz de Vi ecoava na sala cavernosa, saltando pelas paredes.

—Por aqui, Lady Viola. Ele está descansando no salão. — Smith, o mordomo, tentou liderar o caminho, mas Vi não estava com paciência. Andar de forma elegante estava fora de questão.

As saias do vestido esbarraram no homem enquanto ela passava por ele. O corredor familiar passava enquanto ela saía apressadamente do vestíbulo, atravessava o corredor e finalmente chegava ao salão.

—Pai—

—Lady Viola, acalme-se! — A voz de Lady Darlingiver cortou Vi. —Ele está descansando. A jornada até aqui foi árdua. — A mulher bufou. Ela estava sentada em uma cadeira ao lado do sofá onde seu pai estava reclinado. A mão cheia de veias agarrava os dedos moles de Lorde Liperton.

A figura forte e rotunda que tinha sido o seu pai há apenas quinze dias tinha sido substituída por um homem frágil e de aspecto doente que ela mal reconhecia. —O que aconteceu?

—Fomos ao baile dos Everheart na noite passada – a filha mais nova deles foi apresentada à sociedade – e seu pai estava discutindo política com vários cavalheiros. — A voz da viúva subia enquanto prosseguia com a história. —Eu o tinha deixado por apenas alguns momentos quando um criado veio correndo me contar que Lippy, quer dizer o seu pai, havia desmaiado. — A mulher soltou a mão do pai e tirou uma mecha de cabelo de cima dos olhos fechados.

—Eu mandei chamar o médico assim que chegamos à casa dele. Doutor Durpentire autorizou a viagem até aqui.

O nome pareceu estranhamente familiar.

Vi puxou uma cadeira para si e se sentou ao lado da mulher com quem passava mais tempo discutindo do que tendo uma conversa civilizada. —Por que você o trouxe aqui? Ele precisa descansar. Você poderia ter me mandado chamar.

—Eu não o trouxe até você. — A voz da mulher ficou confusa. —Nós viemos para cá para nos afastarmos dos olhos curiosos da sociedade. Se

tivéssemos permanecido na cidade, eu não seria capaz de ficar e cuidar dele – isso não poderia ser feito.

Essa era a Lady Darlingiver que Viola conhecia.

Vi sorriu. —Eu aprecio o cuidado que tem por meu pai enquanto ele está na cidade. Se você não tivesse ido ao baile com ele na noite passada, temo pensar o que teria acontecido a ele. — Se a mulher percebeu o sarcasmo de Vi, não percebeu ou não se importou.

—Não posso concordar mais, minha querida. — A viúva soltou a mão pálida do pai e pegou a de Vi como se quisesse acalmá-la.

Aproveitando a oportunidade, Vi pegou a mão do pai e a apertou gentilmente.

—Viola? É você? — o pai murmurou. A cabeça dele virou para o lado e os olhos se entreabriram.

Vi soltou a mão de Lady Darlingiver e afagou o rosto do pai. —Estou aqui, pai.

—Você veio? — Um quê de surpresa podia ser ouvido na voz dele. — Você finalmente veio para Londres. — Os olhos dele se abriram e ele puxou a manta que o cobria.

—Não, Lippy. Eu o trouxe para Foldger's Hall. — A viúva se aproximou.

Seu pai se sentou. —Vocês podem me dar um pouco de espaço? Está bastante cheio aqui sem vocês duas pairando sobre mim como se eu estivesse à beira da morte.

As mulheres voltaram para os seus assentos. Viola temia que ele sofresse outro desmaio.

—Por que vocês estão olhando para mim assim?

—O que aconteceu na noite passada? — Viola perguntou. A voz cheia de preocupação.

Lorde Liperton olhou a sala, mas não estava focando em nada. —Ummm, bem...

—Você esteve no baile dos Everheart, — Viola induziu.

—Oh, a última coisa que me lembro é que Lorde Hucklestone estava falando e falando sobre—

—Prossiga. Diga a ela o que as páginas de fofoca estão dizendo. — Foi a vez de Lady Darlingiver induzir o seu pai a continuar.

Seu pai olhou dentro de seus olhos e se recusou a deixar que ela afastasse o olhar. Uma nova tristeza preenchia os seus olhos. —Toda Londres sabe,

Viola. Tudo o que fizemos para esconder as suas atividades nos últimos anos foi para nada.

Um arrepio subiu pela espinha de Viola. Ele não podia estar dizendo o que ela pensava que ele estava dizendo. Suas atividades nos últimos anos... *Toda Londres sabe... por nada...* As palavras corriam por sua mente. Por um momento, pareceu que era *ela* que corria o risco de desmaiar.

—É verdade, — Lady Darlingiver disse. —Eles sabem que o seu pai financiou Foldger's Foals e que você tem conduzido o rancho desde que se afastou da sociedade.

Sua boca caiu aberta, ela se virou para o pai. —É verdade?

—Temo que sim.

—Mas é muito pior que isso. Os fofoqueiros se fixaram no seu pai agora.

—Que coisas ruins eles podem estar dizendo sobre o meu pai? Ele é um pilar da sociedade de Londres. — O ultraje de Vi a tomou e ela se levantou. —O que eles estão dizendo?

—Querida, isso não é impor—

—É claro que é importante, — a viúva falou. —Eles estão dizendo que o seu pai a fez virar uma preceptora.

—Evienne. — O tom de advertência na voz do pai era algo que Vi não ouvia desde que era criança e era pega roubando tortas na cozinha.

—É justo que a criança saiba o que está sendo dito sobre ela – assim como você, — ela disse. —Eles estão dizendo que você não serve para preceptora já que provavelmente seus empregadores se apaixonariam por você. Eles temem uma epidemia de mortes nas salas de aula.

—Isso foi desnecessário. — A pele pálida do pai ficou cor de carmesim.

—Bem, isso foi o que escreveram. Acredito que o artigo foi até mesmo acompanhado por uma charge—

—Deixe-nos! — Lorde Liperton gritou, afastando-se da amada.

Ela bufou e levantou do assento. —Irei providenciar o seu jantar.

A porta se fechou fazendo um som mais alto do que o necessário, revelando a ira da mulher.

—Em quem você confiou, Viola? — ele perguntou. —Você se correspondeu com alguém de Londres? Um velho amigo, talvez?

Viola negou. —Não, prometo que nunca procurei ninguém daquela época. Nem sequer deixei a propriedade nos últimos cinco anos. — O pensamento de seu pai estar sendo ridicularizado por causa do seu comportamento partia o seu coração.

—Eu contratei a senhorita Ruby como sua acompanhante, e você concordou—

—Eu disse que não contatei ninguém. Nenhuma carta... — Sua voz falhou à menção das cartas. Ela recebeu correspondência de Londres – mas era impossível Brock saber a sua verdadeira identidade.

—Viola? — ele perguntou.

—É só... Eu tive um cliente inesperado umas semanas atrás. — Ela agonizou sobre o quanto divulgar. Com certeza não falaria do beijo... ou das muitas horas que passou sonhando acordada com o beijo, ou a sensação dos braços de Brock em volta dela.

Não, aquele momento ficaria guardado para si. Estava resignada à realidade de que não compartilharia algo assim com qualquer outro homem.

Ele olhou fixamente para Vi. —Quem veio aqui? — ele perguntou.

Se dissesse a verdade, ele poderia ajudá-la?

—Eu não posso ajudá-la, criança, se eu não estiver ciente do potencial do dano. — As palavras de encorajamento do pai a incitaram a falar.

—Lorde Haversham—

—O Lorde Haversham? Viola! — a voz do pai ribombou.

A porta da sala se abriu e a cabeça de Smith apareceu. —Precisa de algo, meu lorde?

—Não! Minha filha, por outro lado, está precisando de um pouco de bom senso.

Vi olhou para o mordomo, suplicando para que ele saísse e esquecesse as palavras cruéis do seu pai.

Com um pequeno gesto de cabeça, Smith saiu da sala.

—Ele te reconheceu, e agora pretende arruinar a nossa família mais do que *você* já fez.

—Mas ele não me reconheceu—

Ele ergueu a mão. —Eu lhe asseguro, nenhum homem pode esquecer a mulher responsável pela morte dos irmãos.

CAPÍTULO DEZOITO



VIOLA SENTOU-SE à direta do pai enquanto ele jantava codorna fria e queijo. Seu pai e Lady Darlingiver tinham se recusado a fazer contato visual com ela desde que a refeição tinha começado, optando por uma conversa amena sobre o tempo e o filho da viúva, que tinha recentemente comprado uma propriedade não muito distante dali. O louvor que o atual Lorde Darlingiver recebia o fazia soar como o epítome da *haut ton* de Londres.

Vi continuou a remexer a comida no prato e esperar a oportunidade para se retirar. Não sabia dizer por que se preocupava com os modos agora.

O tilintar do garfo de Lady Darlingiver fez Viola levantar a cabeça. —O que faremos agora? — ela perguntou. —Lippy, ela não pode mais se esconder no campo.

—Concordo, meu amor. — O pai também largou o garfo.

Sua oportunidade de escapar tinha desaparecido. Vi não podia deixar de imaginar se a viúva estava mesmo preocupada com ela ou com a sua própria reputação.

—Pretendo permanecer aqui e prosseguir como sempre.

—Isso não é possível, Viola, — Lorde Liperton disse. —Já é hora de você confrontar o seu passado de cabeça erguida. Se você mudou, a sociedade verá que—

—O que você quer dizer com, ‘*se* eu mudei’? — Ele tinha tão pouca fé nela? Era como se ele não a tivesse visto desde a sua estreia e a subsequente desgraça. Ele não tinha testemunhado a sua transformação em primeira mão?

Seu pai prosseguiu sem pausa. —Estou vendendo Foldger’s Foals, e você cuidará de mim em Londres. Eu não acredito que um casamento esteja fora de cogitação, mas você precisa ser vista para conseguir uma oferta.

—Mas, Pai—

O pai ergueu uma mão para calar os seus protestos. —Eu já me decidi, e temo que há pouco o que possa dizer ou fazer para me fazer mudar os planos. — Ele pegou o garfo e espetou um pedaço de carne. —E se você discutir sobre isso, serei forçado a dispensar a senhorita Ruby e você ficará sozinha.

—Ir para Londres está fora de cogitação – e casamento? Você sabe que eu não tenho planos de me casar. Ficarei aqui com Ruby. Encontraremos coisas com as quais ocupar o nosso tempo. — Vi tinha certeza que enlouqueceria se ficasse quinze dias sem ter o que fazer, mas isso não era algo que dividiria nem com o seu pai, nem com sua acompanhante.

—Agora não é hora de discordar do seu pai. Ele sabe o que é melhor para você e para esta família, — Lady Darlingiver ralhou com ela.

A mulher sempre conseguia fazer com que Vi se sentisse como uma criança – e neste caso, uma criança mimada. —Posso me retirar? — Que o decoro se danasse. Se ela não saísse da sala imediatamente arriscava mostrar para aquela mulher o quanto ela podia ser infantil.

—Certamente. Por favor, que você e a senhorita Ruby se preparam para a nossa viagem à Londres. — O caráter definitivo daquelas palavras fez um arrepio de pavor passar por ela.

Seus anos de fugir do passado tinham chegado ao fim. A cadeira deslizou enquanto ela se levantava e ia em direção à porta.

—Viola? — O pai chamou.

—Sim, — ela respondeu sem olhar para trás, lutando com as lágrimas.

—As coisas sempre parecem ser muito piores do que realmente são.

As palavras, ditas para acalmar os seus nervos, apenas adicionaram temor pelo que viria. —Eles também dizem que as coisas tendem a piorar antes de melhorarem. — Com a cabeça erguida e as costas retas, Vi saiu da sala.

Vi precisava de ar fresco – do vento contra o seu rosto. E ela sabia exatamente aonde ir.

Brock correu com o seu cavalo, sem saber para onde ir ou que esperava encontrar. As direções no verso do cartão de visitas tinham sido um fracasso. O zelador disse que o Sr. Cale tinha partido mais cedo e o seu paradeiro era desconhecido.

Brock já estava cambaleando desde então. A vontade de ignorar a fraude do criado, agindo como se não o conhecesse, tinha chamado a sua atenção de início. Não era da sua conta, de qualquer forma. Mas, como homem, Brock não podia ficar parado e deixar que outra pessoa mentisse, manipulasse e destruísse o futuro de outra pessoa – especialmente de uma mulher.

Toda atitude que tomou até aquele momento, tinha dado em um beco sem saída. Mais cedo, tinha ouvido falar de um novo rancho de potros em algum

lugar nas cercanias de Winchester. Novamente, partiu de Londres sem falar nada, sem um destino definido, mas esperando encontrar algo, qualquer coisa que deixasse a sua consciência em paz.

Ele montou Sage durante as chuvas da madrugada, ambos encharcados até os ossos, e o medo de ficar doente se tornou uma preocupação real. Parou em várias tavernas e pousadas ao longo do caminho, esperando encontrar um proprietário que pudesse ajudá-lo.

Infelizmente, ninguém tinha informações.

Brock não sabia por quanto tempo poderia continuar ou se Sage conseguiria chegar à próxima pousada.

Apertou os olhos por causa da chuva, forçando-se a permanecer focado no caminho.

Por cima do som do vento, Brock ouviu o relincho de um animal em perigo. Puxou as rédeas de Sage, diminuindo a velocidade enquanto o som de cascos enchia o ar noturno.

Um grito violento ecoava pela vastidão dos campos, cada vez mais perto dele, enviando um arrepio por sua espinha. Sage enrijeceu, como se o arrepio tivesse passado para o animal e tivesse ido procurar abrir no solo.

Brock procurou a origem dos sons perturbadores, a fatiga desaparecendo enquanto seu coração acelerava.

Com lama voando para todos os lados, uma égua apareceu. Tão rápido quanto surgiu, ela prosseguiu e passou por ele desaparecendo na escuridão, o cavaleiro segurava as rédeas com força.

Pelo cumprimento do manto de equitação, Brock suspeitou que o cavaleiro fosse uma mulher.

O que uma mulher, ou qualquer outra pessoa, estaria fazendo no meio desta tempestade?

Sem um segundo pensamento, fez Sage entrar em movimento, indo em direção ao cavalo e ao cavaleiro. Poderia não ser capaz de ajudar Lady Viola esta noite, mas outra donzela estava em perigo – e provavelmente uma mais digna de receber a sua ajuda.

A chuva batia em seu rosto enquanto perseguia a dupla. Ansiava tirar a água dos olhos, mas não queria soltar as rédeas.

Brock esporeou Sage para que ele fosse mais rápido, tentando alcançar o cavalo fugitivo.

A mulher, com o capuz ainda sobre a cabeça, levou o rosto até o pescoço do cavalo, os pés firmemente presos nos estribos.

Sage finalmente se aproximou do outro cavalo e Brock alcançou as rédeas para parar o animal. —Agarre a sela, — ele gritou para o cavalheiro.

Por um milésimo de segundo ele entrou em pânico, enquanto o cavaleiro não soltava seu aperto de ferro e o cavalo se virou, mostrando os dentes em um rosnado, mordendo a sua mão estendida. Seu medo diminuiu rapidamente quando ela soltou as rédeas e Brock forçou ambos os cavalos a pararem.

Ela saltou de Sage para acalmar a égua aterrorizada antes de virar a sua atenção para o cavaleiro.

—Posso ajudá-la a descer? — Brock perguntou, continuando a esfregar o pescoço do animal.

A mulher ergueu a cabeça, o capuz ensopado escondia o rosto dela.

—Venha. — Ele foi até o lado dela e segurou a cintura da mulher, levantando-a da sela e colocando-a no chão molhado e lamacento. —Você está ferida?

—Obrigada. — Ela levantou as mãos trementes e empurrou o capuz para trás. —Não, meu cavalo só ficou assustado.

E Brock olhou dentro daqueles olhos azuis da cor do cristal da mesma mulher que o tinha feito vagar pelo campo.

—Lorde Haversham— ela gaguejou.

—O que você está fazendo aqui fora a esta hora da noite? — ele disse ao mesmo tempo.

—Estava voltando para casa quando a chuva irrompeu. — Ela deu um passo para trás e as mãos dele caíram da sua cintura estreita.

—Sua casa? — A chuva continuava a bater na terra enquanto Brock olhava os arredores. Eles não estavam longe da alameda que levava a Foldger’s Foals. Não fazia ideia de como tinha terminado ali. Havia montado por horas, parando em muitas pousadas e tavernas, mas não tinha esperado que a sua busca por informações o tivesse levado até ali... com ela.

O pânico nos olhos dela combinava com os da égua, e por um breve momento Brock imaginou se ela sabia que ele tinha descoberto o seu estratagema. Como se tivesse chegado a hora de eles encararem o passado.

A escuridão, com a chuva caindo implacavelmente era o plano de fundo perfeito para o fim desse relacionamento sórdido e doloroso. Ele quase riu com o absurdo do seu pensamento. Eles não tinham um relacionamento, ele e essa sedutora. Não, ela tinha se intrometido na sua vida. Colocando-se convenientemente em seu caminho.

—Eu realmente preciso voltar. — Lady Viola agarrou as rédeas e tentou montar novamente. —Meu pai ficará preocupado.

Brock não podia ter certeza, mas parecia que a voz dela falhou. Ele olhou de perto.

Os olhos dela estavam vermelhos e inchados, o nariz escorrendo e o cabelo bagunçado sobre os ombros. Nunca a tinha visto descomposta. Mesmo durante o breve beijo nos estábulos, ela se manteve a distância, nunca se apoiando completamente nele.

—Qual é o problema? — ele se ouviu perguntando, quase contra vontade.

Os ombros dela pareceram pesar por sob a capa. Tentou arrumar o cabelo com a mão livre. —Verdade, preciso voltar antes que eles mandem alguém vir me procurar. — Seus olhos imploravam para que ele a deixasse ir, para não fazer mais perguntas e possivelmente esquecer que tinham se visto.

Naquele momento, ele esqueceu quem ela era... e as coisas terríveis que ela tinha feito. Na frente dele estava uma mulher na sua forma mais honesta e crua. Ela vestia uma capa, mas não estava escondida dos seus olhos.

Ela estava quebrada.

Ela estava ferida.

Ela estava desamparada.

Uma concha da menina que deve ter sido quando esteve em Londres todos aqueles anos atrás.

E Brock queria nada mais que pegá-la em seus braços e deixar tudo melhor para ela – para eles. Lavar os pecados do passado enquanto a chuva lavava a sujeira dos dois. Afastá-la do pesar. Invocar os ventos que mudariam a vida dos dois.

—Por favor... — Ela se afastou e virou-se para o cavalo.

Brock a deixou ir.

Ele a observou tempo suficiente para vê-la seguir o caminho de casa em segurança antes de montar Sage.

E assim, o oceano entre eles tinha voltado.

Ela não era Lady Posey Hale, ele se lembrou. Ela não era uma vítima. Ela era Lady Viola Oberbrook – a garota que tinha feito a sua vida ruir. A garota que tinha lhe tirado tudo.

E ele era o homem destinado a fazê-la pagar por seus pecados.

CAPÍTULO DEZENOVE



—PEÇO DESCULPAS, MEU lorde, mas não conheço nenhum outro negociante de cavalos que não seja o Tattersalls. — Lorde Galles torceu o nariz por Brock ter mencionado a classe trabalhadora.

—Obrigado pelo seu tempo.

—Certamente. Você pretende ir ao musical e à leitura de poesia de Lady Galles e Lady Sophia esta tarde? — ele perguntou, empinando ainda mais o nariz. As botas dele brilhavam no sol do fim da manhã.

Pais casamenteiros eram quase tão cansativos quanto as mães caçadoras de marido. —Acredito ter respondido ao convite e ter incluído um convidado. Passar uma tarde rodeado por música clássica e as mais novas poesias parece algo divino. — Sage trocou os pés. Brock imaginava se Galles percebeu o sarcasmo na sua voz.

—Você disse um convidado? — O cavalheiro se contorceu em sua sela.

Brock estava dividido entre deixar o homem acreditar que ele pretendia ir com outra mulher ao seu lado – possivelmente uma amante, o que seria altamente inapropriado – ou informar ao cavalheiro que o convidado era o seu melhor amigo, Harold. Melhor deixar o homem suar um pouco. Ele provavelmente tinha se adiantado e prometido uma apresentação à sua muito provavelmente pálida e frágil filha. Ignorando a pergunta, Brock prosseguiu. —Estou ansioso para conhecer Lady Galles. A reputação dela como uma anfitriã de primeira é legendária em Londres. — Ele inclinou a cabeça e conduziu Sage pela alameda, adentrando o Hyde Park.

A mentirinha tinha saído com facilidade, quando na verdade nunca tinha ouvido falar de Lorde e Lady Galles antes de receber o convite duas noites atrás. A resposta afirmativa foi somente porque era altamente provável que o xerez estaria sendo servido. Harold não perdia a oportunidade de beber aquela coisa vil em um lugar socialmente aceitável.

Brock tinha vindo ao Hyde Park não para socializar com a *haut ton*, mas para ver o lugar onde seus irmãos tinham perdido a vida. Uma fraqueza por Lady Viola estava se rastejando por seu interior nos últimos dias,

particularmente depois do seu encontro inesperado na chuva dois dias atrás. Não poderia perder a oportunidade de vingar a sua família pelos erros que aquela mulher tinha cometido.

Esperava que a visita a este local, embora dolorosa, fosse renovar o seu propósito.

A multidão começou a se dissipar enquanto ele entrava no parque. Mulheres não mais andavam de braços dados com seus amores tendo uma criada logo atrás; homens não mais montavam os animais mais belos que o dinheiro poderia comprar na esperança de chamar a atenção de certa mulher; os vendedores não eram mais ouvidos. Quando o local ficou em silêncio, não pôde evitar pensar que foi isso o que seus irmãos provavelmente ouviram: total tranquilidade. Mas não, isso não estaria certo. Eles tinham vindo ansiando apontar a arma um para o outro. Teriam eles pensado que isso era alguma brincadeira? Que alguém interviria antes que fosse tarde mais?

O que eles poderiam estar pensando quando apontaram as armas na sua imagem espelhada? Ele concederia algo a Lady Viola Oberbrook: a mulher era cativante, resplandecente com o cabelo longo e os olhos azuis cristalinos. Ela tinha tomado a frente em seus encontros anteriores, uma verdadeira mulher de negócios. Seus irmãos teriam negócios? Passou por sua mente o fato de que ela talvez sequer lembrasse o nome deles. A possibilidade de que ela sequer tivesse reconhecido Brock como irmãos deles bateu.

Sage se movia devagar enquanto se aproximavam da legendária clareira que era usada para os duelos nos últimos duzentos anos. Um pesar se assentou em Brock, o peso de muitas vidas perdidas. Tinha sido o mesmo nos campos de batalha, as almas dos mortos buscando-o. Tirou o pé do estribo e apeou. A necessidade de estar perto da terra onde o sangue dos irmãos corria era forte.

Uma parte dele pensou em pedir Rodney para acompanhá-lo, já que ele saberia o lugar exato onde seus irmãos tinham dado o último suspiro. Mas por fim, Brock queria estar sozinho para pensar em seu futuro, tão influenciado pelo passado. Sonhava em deixar toda essa dor e raiva para trás e começar de novo. Isso significa não buscar vingança pela morte dos irmãos e, de certa forma, pela do pai.

Brock caminhou pela clareira e afundou os pés no chão duro. Verdade, não queria estar ali; não tinha planejado vir. Abaixando-se, pegou algumas folhas da grama e as levou ao nariz. Cheiravam a frescor e promessas, não a morte e desespero. Uma pessoa deveria aprender com as pequenas coisas na

natureza? O que poderia ser ensinado pela grama? Esfregou os dedos. A grama caiu da sua mão, e foi pega pela brisa e levada para longe.

Ansiava pelo dia que poderia planejar seu futuro em vez de remoer o passado, mas hoje não era esse dia.

Sage encostou em seu ombro, sempre o criado fiel.

—Vamos sair daqui, — ele sussurrou. Brock montou no lombo do cavalo e o incitou a um galope, voltando para o parque lotado. Mal viu as pessoas saindo do seu caminho enquanto ele e Sage trovejavam pela multidão. Os homens gritavam para ele e as mulheres saiam do caminho para evitar a poeira que os cascos do cavalo levantava.

Com o vento batendo com força em seu rosto, não se preocupou com nada; nem com a sua busca por esposa, nem com o seu passado.

Sage reduziu a velocidade por conta própria enquanto chegavam à rua principal que bordejava o parque. Com um passo rápido, eles atravessaram a via movimentada indo em direção à casa de Brock e então seguiu pelo caminho que levava aos estábulos. Jeffers se materializou ao seu lado assim que ele entrou.

—Meu lorde, — Jeffers disse e pegou as rédeas que Brock jogou para ele.

—Por favor, prepare a carruagem, Jeffers. — Brock desmontou e foi em direção à casa. Uma bebida forte ajudaria a clarear a sua mente antes que a tarde fosse preenchida por jovens damas batendo em instrumentos variados e homens afetados recitando sonetos. Realmente esperava que o xerez valesse a pena.

Brock entrou em seu quarto e arrancou o casaco de montar. Como sempre, Parsons já tinha o seu traje passado e disposto para a sua aprovação – não que Brock sequer visse a necessidade de julgar as escolhas do homem. Afundou as mãos na enorme bacia de água que estava sobre a penteadeira e lavou a poeira e fuligem do seu rosto.

A porta rangeu e ele presumiu que fosse Parsons que tinha chegado para vesti-lo. —Não estou pronto ainda. Deixe-me sozinho. — Disse com brusquidão.

—Vejo que não seguiu o meu conselho e que foi até o Hyde Park.

Ele se virou e Harold lhe entregou um copo de whisky.

—Pela sua aparência, vejo que estou certo. — Harold foi se sentar em uma das cadeiras perto da lareira.

—Novamente, sua familiaridade com o meu quarto é muito suspeita, — Brock atirou.

—Sua má disposição de hoje não afetará o meu humor.— Seu amigo fechou os olhos e tomou um gole do seu cálice. —Isso é celestial. Quais são as chances de você surrupiar outra garrafa do estoque pessoal de Lady Garnerdale?

—Para você? Sem chance. Dê um jeito para atender a sua necessidade de tomar bebidas de mulher. — Brock sabia que tinha ido longe demais quando seu amigo se levantou e foi até a porta.

—Deixarei você lidar com seus demônios. — Harold inclinou a cabeça. —Mande me chamar quando estiver pronto para ir.

O que diabos o homem sabia sobre seus demônios? —Estarei pronto logo.

—Eu realmente espero que o seu humor melhore, ou você espantará as damas. — A porta se fechou quando o amigo o deixou sozinho.

Brock precisava colocar a cabeça em ordem. Pegou uma toalha ao lado da bacia e enxugou o rosto. Abaixando a toalha, foi até a cama. Os lençóis e a colcha estavam esticados sem uma ruga sequer. O estrado rangeu quando ele sentou para tirar as botas. Precisava se preparar, era má educação chegar tarde a um recital.

Depois de retirar as botas, Brock foi para a camisa e então se levantou para remover as calças sujas.

—Meu lorde, posso ajudá-lo? — Parsons apareceu no quarto de vestir. O pequeno quarto do seu valete não ficava muito longe dali.

—Por favor, — Brock suspirou.

O homem deu início às suas atividades, parecendo reunir coragem para finalmente falar. —Se não for muito abuso de minha parte, seus irmãos não iriam querer vê-lo se debruçando sobre a morte deles.

—Você está ultrapassando os limites, — Brock disse, o humor ficando ainda mais azedo a cada minuto. —Como ousa dizer que sabe o que meus irmãos iriam querer?

—Eu ajudei os dois no ano daquele dia fatídico.

—Não estava ciente de que você conhecia os meus irmãos. — Brock ergueu uma sobrancelha, interessado.

—Eles eram homens tão confiantes. Eu vesti os dois na manhã do duelo. Foi com grande tristeza que fiquei sabendo da morte deles... — As palavras do homem esvaneceram.

Brock sabia que ele queria dizer algo mais. —Por favor, prossiga.

—É só que eles eram melhores amigos, e aproveitavam muito a vida. Você sabia que eles se aprontaram no mesmo quarto?

—Eu não sabia.

—Sim, dificilmente eles ficavam longe um do outro. Iam às mesmas festas, aos clubes... Frequentemente compartilhavam as companhias femininas. — Um pequeno sorriso surgiu nos lábios do valete e Brock sentiu uma pontada de ciúme.

Não tinha conhecido os irmãos a esse ponto – não os via desde que eles usavam calções. Naquela época, Brock podia pensar em pouca coisa que não fosse escapar da sua casa e das memórias que vinham com ela. Os gêmeos eram crianças quando ele fugiu.

Quando Brock não respondeu, Parsons prosseguiu. —Tudo o que eu quis dizer foi que eles morreram fazendo o que queriam. Sua presença em Londres não teria mudado isso. Se eles não tivessem morrido naquele duelo, provavelmente teriam perecido em um acidente de carruagem ou encontrado a morte precoce pelo cano da arma de um marido traído. — Parsons parou e deu um passo para longe dele. —Você está pronto, meu lorde. Aproveite a sua noite.

Brock duvidava muito que a noite seria aproveitável, quem dirá suportável. Olhou a sua bengala, mas decidiu não pegá-la. —De fato.

Os degraus passavam lentamente abaixo dos pés enquanto Brock descia para encontrar Harold no vestíbulo, parando antes que o amigo percebesse que ele estava observando. Harold andava para lá e para cá. A preocupação desfigurava o rosto dele. Brock não podia impedir de imaginar o que o estava incomodando tanto. Tinha a ver com Brock ou com o seu próprio pai?

—Buttons, — Brock chamou, ganhando a atenção de Harold e de Buttons. —Por favor, pegue a bengala do Sr. Jakeston e então nos poremos a caminho.

—Onde está a sua bengala? — Harold perguntou.

—Eu não precisarei dela.

—Alto lá! Se você não levará essa coisa maldita, eu também não vou.

—Oh, mas você vai. — Brock infundiu toda a autoridade a qual estava acostumado a usar com seus homens. —Isso dá um certo ar de nobreza ao cavalheiro que a está usando.

—Então por que você não está usando uma?

—Porque, veja bem, eu sou um conde por nascimento, dessa forma minha nobreza é inquestionável. — Desprezava aludir ao seu status, mas a

declaração era verdadeira. Ele não tinha nada a provar à *ton*. Harold, no entanto, tinha muito a provar se ele pretendia se casar bem e escapar das garras do pai. —Vamos?

Brock não esperou a resposta de Harold. Saiu pela porta da frente e entrou na carruagem com o amigo logo atrás.

A casa Galles estava a três quadras de distância e eles chegaram bem rápido por causa da hora. A maior parte da classe trabalhadora ainda estava em seus empregos e a nobreza estava em casa se preparando para os entretenimentos noturnos. Havia poucas carruagens do lado de fora dos Galles, o que aumentava o seu desconforto. Esperava com todas as forças que o musical não tivesse sido planejado apenas para ele. Por causa da sua chegada à cidade, Rodney tinha lhe avisado sobre os perigos das mães casamenteiras. Estava agradecido por ter Harold ao seu lado.

—Desfaça essa expressão de desgraça e tristeza, Brock, — Harold disse.

Brock afastou o olhar da janela e olhou para o amigo. —Com certeza eu não estou fazendo cara de 'desgraça e tristeza'. Na verdade estou muito animado para ouvir os últimos sonetos de Byron.

Uma risada escapou de Harold. —Eu não acreditei em uma palavra sequer. Mas estou feliz por você ter deixado os planos de lado para poder aproveitar a tarde.

—Eu não diria que planejo aproveitar a tarde, que com certeza será sofrível.

A porta se abriu e um lacaio colocou os degraus para que eles saíssem. A porta da frente dos Galles estava aberta antes que eles tivessem a oportunidade de descê-los.

—Entrem, — o mordomo disse. As cordas de uma harpa podiam ser ouvidas. A melodia parecia familiar e estava sendo tocada com um tanto de habilidade.

Brock e Harold entregaram os casacos e um criado os conduziu por um longo corredor até os fundos da casa. Foram cumprimentados pelos anfitriões quando entraram e então escoltados até os seus assentos na fileira da frente na sala vazia. Lorde Galles parecia muito aliviado por Brock não ter vindo com uma mulher a reboque. Eles se sentaram e um criado entregou uma taça de madeira a cada um deles. Brock quase podia sentir a felicidade irradiando do amigo.

A jovem ante eles, não mais que uma criança, tocava as cordas da harpa e criava uma melodia suave que até mesmo Brock não podia negar que era

primorosa. Ficou ali por várias peças enquanto uma variedade de jovens assumia seu lugar atrás de uma seleção de instrumentos, cada menina parecendo tão jovem quanto a primeira.

Seu olhar percorreu a sala, que estava em sua maioria preenchida com pais devotos e outros homens elegíveis da *ton*. À sua esquerda, Brock viu Rodney, que inclinou a cabeça em cumprimento.

—O que o seu primo está fazendo aqui?

Brock notou o desgosto no tom normalmente seguro de Harold. —Estou certo que ele está aqui para ficar de olho em mim. Ele tem um vasto interesse em meu futuro. — Ele se virou para a apresentação quando uma dama sentada atrás dele pediu silêncio.

Com um floreio, a menina que estava ao piano bateu a última nota e ficou de pé fazendo uma mesura para agradecer ao público.

A anfitriã, Lady Galles, foi até a frente do grupo para falar. —Se fizerem a bondade de se juntar à nós no jardim, daremos início ao recital de poesia. — As damas e os cavalheiros se moveram como um único rebanho colorido, atravessaram a porta e foram para a varanda onde cadeiras e cobertores tinham sido posicionados para que pudessem relaxar ao sol da tarde.

À direita havia uma mesa com refrescos preenchida com comidas leves. Brock e Harold foram naquela direção, Brock pretendia procurar uma bebida com um pouco mais de substância que o vinho que estava segurando.

—Lorde Haversham? — Um jovem cavalheiro o encontrou na frente da mesa. —Ouvi dizer que você estava na cidade.

Brock não se lembrava de conhecer o homem. Ele parecia anos mais novo que ele e Harold, então a possibilidade de se conhecerem era bem baixa.

—Desculpe. Sou Lorde Darlingiver. Fui à escola com os seus irmãos.

É claro – ele conhecia os gêmeos. —Posso lhe apresentar ao Sr. Harold Jakeston? — Brock fez as apresentações.

—É um prazer.

—Certamente, — Harold disse, imitando a frase de apenas uma palavra que Brock tinha aperfeiçoado desde a sua volta à sociedade.

—Ouvi dizer que você estava em busca de melhorar a sua propriedade, já que ela foi negligenciada nos últimos anos. — Lorde Darlingiver pegou uma taça na mesa e direcionou Brock e Harold a um grupo de cadeiras bem distante de onde os poetas se reuniam.

—De fato estou. — Brock ergueu uma sobrancelha para Harold. Talvez este homem pudesse saber algo sobre os negócios secretos de Connor Cale.

—Atualmente estou tentando expandir os meus estábulos. Você já ouviu falar de D & C Fine Foals? — Brock se aventurou enquanto eles se sentavam.

—D & C's? Tive a impressão de que você estava trabalhando exclusivamente com a Foldger's Foals.

Onde o homem tinha conseguido esta informação? Brock não pretendia manter os negócios em segredo, mas seu círculo social em Londres era bastante pequeno – mais exatamente, inexistente.

—Eu lidei com o Sr. Cale no passado, entretanto ouvi recentemente sobre este outro rancho e me interessei. Infelizmente, não fui capaz de conseguir a localização do estabelecimento.

—É claro, é completamente entendível você não querer se associar com Foldger's Foals. — O homem se apoiou em seu assento.

—Perdão? O que quis dizer com isso? — Brock pegou o olhar questionador de Harold com o canto do olho.

—Você não ouviu? Não gosto de ser mensageiro de más notícias, mas pensei que você soubesse. — O homem parou para tomar um gole de sua bebida. —Não posso culpá-lo por cortar os laços com Lady Viola Oberbrook – sendo ela a responsável pela morte dos seus irmãos. Um incidente bastante infeliz, devo dizer.

Brock manteve a boca fechada, debatendo as consequências de negar que estava ciente da participação de Lady Viola em Foldger's Foals. Seria prejudicial a ele caso admitisse não saber do fato?

Harold não lhe deu tempo de responder e falou. —A desgraça da família de Lorde Haversham pertence ao passado – águas passadas, como dizem. Oh, por favor, nos dê licença. Vejo que nossos anfitriões estão nos procurando.

Harold ficou de pé e fez gesto para que Brock fizesse o mesmo.

Enquanto iam em direção a Lorde Galles, atualmente conversando com a esposa, ele perguntou, —O que foi tudo isso? Você sabe que essas águas ainda movem moinhos. — Brock engoliu a raiva para evitar chamar a atenção de Lorde Darlingiver ou dos outros presentes.

Harold fez um gesto para abranger a atenção que estavam recebendo desde a sua chegada. —Você entende que não havia jeito de você sair são e salvo daquela conversa. Admitir que foi enganado recentemente por aquela mulher seria idiotice. E alardear que não estava ciente de que ela é dona de Foldger's Foals insinuaria falta de inteligência de sua parte.

—Que sortudo sou eu por ter um amigo como você, — Brock disse sinceramente. Se fosse Rodney, com certeza ele teria ficado feliz em vê-lo

fazer papel de tolo. —Quem você acha que está espalhando as notícias sobre Lady Viola?

—Não é você? — Harold parou e se virou para Brock. —Pensei que fosse parte do seu plano para arruinar a vida dela.

—Mesmo que ela mereça ter a vida arruinada assim como arruinou a dos meus irmãos, não fui eu.

—Então quem foi? — Harold fez a pergunta que Brock tinha estado pensando. Os dois chegaram até os anfitriões, pondo um fim à conversa.

—Lorde Haversham, posso apresentá-lo à minha filha? Lady Sophia, este é o Conde de Haversham, — Lorde Galles disse enquanto a filha fazia uma mesura.

Brock afastou os pensamentos sobre Lady Viola com determinação, focando na jovem na frente dele. Recusava-se a reconhecer os pensamentos que estavam se formando lá no fundo de sua mente, comparando a figura esguia da menina com as curvas femininas de Lady Viola, o sorriso suave da criança comparado com a sagacidade e o fogo que tinha visto na primeira vez que se encontrou com Viola. Fez uma mesura para a menina insípida e forçou um sorriso.

—É um prazer, Lady Sophia.

CAPÍTULO VINTE



O ESCRITÓRIO DE Viola estava livre, tinha apenas a sua mesa e algumas cadeiras. A velocidade com a qual seu pai tinha agido para aprontar o rancho para venda a deixou chocada. Suas decorações tinham sido removidas das paredes e quase todos os arquivos tinham sido transferidos para a propriedade do pai.

—Parece que você acabou de ver um filhotinho morrendo. E isso não é tão ruim quanto você pensa, — Ruby disse de onde estava sentada. —Tudo ficará bem... com o tempo.

Tempo? Isso era tão relativo. O tempo realmente já fez as coisas melhorarem? Diminuía a dor das lembranças? Já tinha ouvido dizer que o tempo curava tudo. Vi queria conhecer o tolo que inventou esta expressão porque nos últimos oito anos, não tinha curado nada. Não mudava o que tinha feito, não diminuía as consequências das suas lamentáveis ações, e certamente não lhe trazia perdão.

Não tinha se perdoado.

O pai não a tinha perdoado.

A sociedade nunca a perdoou.

E certamente, nunca poderia esperar que Brock fosse perdoar ou esquecer.

Queria ter um grama da força que Ruby tinha. Sua amiga não tinha sequer piscado com o anúncio de Vi de que elas iriam em breve para Londres. Enquanto Vi estava horrivelmente assustada, Ruby parecia ansiar pela aventura. Vivia esquecendo que a amiga nunca teve uma temporada – quem dirá uma na qual o pai de Vi estaria providenciando guarda-roupas completos com sombrinhas, luvas e sapatilhas de dança.

Vi suspirou. —Lady Darlingiver providenciou para que a modista se encontre conosco assim que chegarmos para tirar as medidas necessárias para os vestidos que precisamos para nos misturar com a sociedade educada. Não que eu planeje ir a muitos encontros.

—Você acha que verei a minha mãe enquanto estiver na cidade?

Vi sentiu a primeira nota de apreensão na voz de Ruby. —Acho que sim, já que Lady Darlingiver e sua mãe são muito amigas. — Olhou para a amiga. Era nervosismo o que via ali? —Sua mãe ficará muito feliz em vê-la, tenho certeza. — Viola abaixou a cabeça para se concentrar na carta que estava escrevendo antes de Ruby entrar.

—Oh, estou certa de que sim. Como estão indo as cartas?

Viola se propôs a escrever para os clientes para informá-los do fechamento de Foldger's Foals. Esta estava se provando uma tarefa muito mais árdua do que tinha pensado. Escreveu um total de cinquenta e três cartas e faltava apenas mais uma, mas se viu bloqueada. Incapaz de terminá-la.

Ruby ficou de pé e espiou a carta que Vi estava lutando para escrever. — Ah. Lorde Haversham.

—Sim, Lorde Haversham. — As bochechas de Vi se aqueceram.

—Por que a carta para ele é mais difícil de escrever que as outras? — Ruby perguntou.

—Temo que a próxima vez que nos encontrarmos será sob diferentes circunstâncias.

—Isso pode não ser de muita ajuda. Também, não há garantias de que iremos nos cruzar com ele em Londres.

—Minha esperança é de que ele esteja no campo, mas temo que minha sorte não anda em alta ultimamente, — Viola disse. Molhou a pena na tinta. Apesar de tudo, esperava ver Brock novamente, embora não pudesse dizer isso a Ruby.

—Seu pai está muito feliz por você tem concordado em ir à cidade com ele, — Ruby disse, mudando de assunto. —Ele parece anos mais novo e totalmente recuperado.

—Eu não duvido de sua animação por eu ter concordado em ir. — Ela colocou a pena para baixo e olhou para a amiga. —Você realmente acredita que eu não pretendia causar qualquer embaraço ao meu pai? — Era importante para ela que Ruby soubesse que suas interações com Brock não tinham sido um conchavo para manchar o nome do pai e o da família ainda mais. Talvez na sua juventude, teria instigado tal arranjo para chamar atenção, mas isso tinha sido há muito tempo.

—É claro, Vi. Qualquer um pode ver as mudanças que você sofreu e a sua vida é tão cega quanto a de um tritão.

Viola não pode parar a risada. —Um tritão? Com certeza você quis dizer um morcego.

—Não, eu quis dizer um tritão. Que é uma salamandra cega. Eles vivem no Novo Mundo, sabia? — Ruby olhou para Vi como se ela fosse uma criança de rua mal educada.

—Eu realmente gosto muito de trivialidades aleatórias. Mas não sei absolutamente nada sobre salamandras cegas. — Vi pegou a pena novamente, determinada a terminar a última carta e voltar à propriedade para organizar os criados nos preparos para a partida à Londres. —Tanto quanto eu goste—

Ruby levantou a mão. —Você tem trabalho a fazer. Irei deixá-la agora e te verei no jantar.

Ela voltou a atenção para a carta enquanto a amiga fechava a porta silenciosamente.

Por que era tão difícil escrever esta carta? Para responder a isso, provavelmente teria que se afundar em seus sentimentos por Brock... e para isto, teria que admitir que ela *tinha* sentimentos por ele que iam além da simples atração física.

A ideia de escrever a carta que sonhava escrever cruzou a sua mente. Abaixou a pena e escreveu: *Querido Brock, senti sua falta. Encontre-me em Londres em quinze dias. Com amor, Viola*. Sim, assinou a carta como Viola. Infelizmente, isto era apenas uma fantasia. Ele não sabia o seu nome, e se soubesse faria qualquer coisa, menos encontrá-la em Londres.

O papel se desfez com facilidade em suas mãos. Idiota, pensou. Nenhum homem, especialmente Brock, se esforçaria para chamar a sua atenção. Era isso que realmente a assustava? O pensamento de ser rejeitada presencialmente? Tinha fugido de Londres logo depois do duelo e por causa da insistência de Lady Darlingiver, antes de encontrar qualquer membro da *ton*. Sarah e a governanta tinham empacotado as suas coisas, vestidos e laços de cabelo que nunca tinha usado e ela já tinha fugido antes do chá.

Que menina estúpida tinha sido... e possivelmente ainda era.

Vi passou a mão por uma nova folha de papel, com a pena a postos. Já era hora de passar as palavras para o papel, não as que queria dizer, mas algo para pôr fim às suas interações e não encorajá-lo a se corresponder.

Afundando a pena na tinta mais uma vez, começou.

Lorde Haversham,

É com pesar que escrevo para informá-lo de que estamos fechando Foldger's Foals. Obrigada pela recente transação. Espero sinceramente que os seus estábulos sejam um sucesso de primeira.

Afetuosamente,

Lady Posey Hale

Afetuosamente – de onde aquilo tinha saído? Jogou areia por cima da tinta molhada e devolveu a pena ao lugar. Estava feito, e não havia nada mais a fazer a não ser reescrever a carta. Tirou o excesso de areia do papel, dobrou a carta e a colocou no envelope.

Pegando outra folha limpa, Vi começou a escrever novamente. Escreveu sobre os seus arrependimentos – não apenas os erros de menina, a tragédia de sua primeira temporada, mas também tudo o que sabia que nunca seria seu. As palavras encheram toda a página, preenchidas com pesar, tristeza e sacrifício.

Essas não eram palavras para acalmá-la – não, ela as escreveu para Brock.

Pela família dele, que não mais vivia.

Por seus futuros filhos, que nunca conheceriam os tios e o avô.

Escreveu sobre a sua tolice, seu orgulho, sua vaidade.

Mas principalmente, a página continha o perdão que temia nunca ser capaz de pedir a ele. Iria, se pudesse, voltar para aquele dia e mudar tudo. Em seu coração, desejava poder voltar ainda mais no tempo, muito antes da sua primeira temporada.

A seguir, escreveu para os irmãos de Brock: o quão vibrantemente eles tinham sido em vida, o quanto amavam tanto Brock quanto o pai, o quanto tinha sido fervorosa a disputa por sua atenção. Para dizer tudo isso, também precisaria admitir sua necessidade por atenção, sua falta de carinho e seu egoísmo. Confessou tudo, sua mão escrevia furiosamente para segurar cada pecado e prendê-los no papel antes que escapassem.

Vi parou de escrever. Todo o seu ser doía para escrever sobre a sua vida de agora. O quão bem estava indo, as vidas que tinha salvado, os erros que tentava corrigir. Mas não havia espaço para pensamentos ou justificativas para as suas faltas – especialmente para si mesma. Tinha destruído a família de Brock naquela época, e continuava trilhando o caminho do engano ao mentir para ele agora.

Não, não podia modificar o passado – nem as suas palavras iriam, escritas sobre um inútil pedaço de papel. Colocou a pena de lado e leu as suas confissões mais uma vez antes de rasgar o papel em dois, como se destruindo a evidência do seu passado fosse consertar alguma coisa. Como queria que as coisas fossem tão simples.

Terminou o bilhete original com três palavras simples, ‘eu sinto muito,’ escritas com todo o seu coração. Mas aquelas palavras nunca expressariam o

que queria que Brock Haversham soubesse.

Suspirou e afastou a cadeira, pegou o maço de cartas e levantou. Apagou as velas quando saiu, Vi deixou o escritório pela última vez. Não podia se obrigar a olhar por sobre o ombro enquanto atravessava o estábulo vazio e ia em direção à propriedade do pai. Seu futuro, para o bem ou para o mal, acabava de chegar.

CAPÍTULO VINTE E UM



—QUANTO TEMPO VOCÊ pretende fazer o seu pai esperar? — Ruby perguntou.

—Eu não sei do que você está falando. — Era tão fácil assim saber o que ela estava fazendo? Viola tinha pensado estar sendo extremamente sutil ao atrasar a sua partida para Londres.

—Sério? Primeiro, você insistiu que o seu pai descansasse uns dias antes da nossa viagem. — Ruby levantou os dedos para listar as transgressões de Vi. —A seguir, você insistiu em acompanhar a venda de Foldger's Foals. E por último, você exigiu que a caleche dele viesse de Londres para poder nos levar.

Vi evitou fazer contato ocular com a amiga. —Eu só pensei que a viagem seria mais confortável para ele na caleche. — Talvez as suas ações tenham sido um pouco óbvias, ao menos para Ruby, que tinha passado anos na companhia de Vi.

Ruby suspirou.

Viola não tinha outra escolha senão olhar para ela.

—Seu comportamento mesquinho pode enganar o seu pai, mas a mim não, — ela franziu o cenho. —Como você atreve a arriscar todo o seu trabalho? É essa a impressão que pretende passar quando estivermos em Londres? Ainda a debutante egoísta e mesquinha que causou a morte de dois jovens?

O comentário machucou e Vi queria gritar que não era isso o que pretendia.

—Você precisa tomar uma decisão, porque assim que chegarmos não será apenas a sua reputação – ou o que resta dela – que estará em perigo, mas a minha. Se você não for se comportar como a pessoa que eu sei que você é, desistirei disso tudo e voltarei para casa. — A convicção da voz de Ruby assustou Viola. —Diga-me que levará isso a sério e dará a si a chance de um futuro melhor.

—E se eu escolher ser a velha Lady Viola – você irá me abandonar? — Ela sabia que estava sendo injusta. Ruby não merecia um ultimato, especialmente de sua parte.

Ruby fez uma careta, sua expressão era de pesar.

—Ruby, eu não quis—

Ela fez um gesto com a mão, cortando as palavras de Viola. —Não se desculpe por uma pergunta que você não está arrependida de ter feito. — Ela olhou com firmeza para Vi e prosseguiu. —Esteja avisada que eu poderia ter te abandonado há muito tempo. Quando eu soube dos seus delitos, eu poderia ter escrito para a minha mãe e ter implorado para ir embora de Foldger's Hall, mas eu não fiz isso.

Viola secou a lágrima que escorria por sua bochecha.

—Eu reconheci a bondade em você, então fiquei. No fim das contas, essa foi a melhor decisão que minha mãe fez em meu favor. — Os olhos de Ruby brilharam com as lágrimas não derramadas, espelhando as de Viola.

—O que eu vou fazer agora? — Vi perguntou. —Meu pai deve estar pensando o pior de mim.

Ruby sacudiu a cabeça. —Não, ele também viu a sua transformação. É Lady Darlingiver que tem lá suas preocupações. E com razão, devo adicionar.

O ceticismo que a mulher tinha sobre a habilidade de Vi conquistar a *ton* mais uma vez não era nenhum segredo. —Não me importo nenhum pouco com o que ela pensa sobre mim – ou com o que a *ton* pensa sobre mim.

—Embora eu não acredite nenhum pouco em você, eu tenho—

A porta da sala se abriu e o mordomo fez uma mesura, primeiro para Vi e depois para Ruby. —Lady Viola, o correio chegou. — Na sua bandeja de prata estavam vários envelopes.

Ela os pegou e agradeceu.

—Precisa de algo mais, minha lady? — ele perguntou antes de partir.

—Não, obrigada. — Vi olhou as cartas. Várias eram endereçadas a Foldger's Foals, e provavelmente eram notas de pesar postadas por seus antigos clientes de toda a Inglaterra. A última vinha de Londres. De um endereço que lembrava ter visto antes.

—Esta é de Brock. — Suas palavras foram suspiradas.

Ruby sentou-se com excitação, a conversa anterior tinha sido esquecida.

—Abra. — Ela quase pulava no assento.

Vi passou o dedo por baixo do selo de cera. Com um pequeno puxão, o selo em forma de H se quebrou e o envelope se abriu, revelando uma carta

perfeitamente dobrada. O papel em suas mãos era liso e limpo enquanto ela o desdobrava.

—Vá em frente. — Ruby foi até a borda do assento e se inclinou precariamente perto de Vi.

A carta continha as condolências habituais e desejava boas novas para o seu futuro, nada mais.

—Não estou certa do que eu esperava...

Ruby observou a carta. —Bem, isso revela o seu pesar pelo fechamento de Foldger's Foals, mas só um minuto... — Ela se inclinou e pegou o envelope sobre a mesa. —Podemos estar com problemas.

—Do que você está falando?

Ruby ergueu o envelope confiscado.

Viola engasgou.

Ruby assentiu.

Elas com certeza tinham problemas.

O envelope tinha sido endereçado a ninguém mais que Lady Viola Oberbrook.

—Você acha que ele...? — Viola parou. Certamente Brock não teria ido às fofoqueiras com o seu segredo... teria? Era verdade, não o conhecia e não sabia do que ele era capaz, mas ele com certeza a odiava. Ele tinha todo o direito de amaldiçoar o seu nome com todo o ódio para qualquer pessoa que quisesse ouvir. Viola ficou de pé, a carta escorregou para o seu colo. —Ruby, prepare-se. Iremos para Londres na primeira hora da manhã.

Sua amiga apenas ergueu uma sobrancelha.

—A carta dele vem de Londres. Se nos apressarmos, podemos surpreendê-lo enquanto ele estiver na cidade. — As engrenagens estavam girando em sua cabeça. —Ele certamente não espera que eu vá à Londres.

—Você não pode estar pensando que ele é o responsável.

Ela não tinha ideia do que pensar. —Você tem uma explicação melhor? — Quando Ruby não respondeu, Vi prosseguiu. —Não há ninguém mais. Fomos tão cuidadosos. Você não vê a coincidência de Brock aparecer aqui sem ser anunciado e depois Londres ficar em polvorosa? — As mãos de Viola foram para os quadris, a postura como se estivesse pronta para confrontar.

—Seu pai ficará extasiado com essa mudança nos planos. — Ruby devolveu a carta. —Vou arrumar as minhas coisas.

Vi puxou a corda do sino para chamar a governanta depois que Ruby fechou a porta.

Se elas se apressassem, Lorde Haversham não terá partido da cidade. Contava com o fato de ele presumir que ela ficaria escondida no campo, com medo de ir até Londres para confrontá-lo.

Enquanto esperava, seus pensamentos corriam para o seu segundo encontro, quanto ele tinha vindo pegar os animais. Ele já sabia? Ele a seduziu de propósito?

E quanto àquela noite – na chuva. Com certeza ele sabia, ainda assim não disse nada. Maldito seja por tê-la salvado. Aquela noite tinha passado por sua mente umas mil vezes. Ela discutiu com o pai e na sua pressa, tinha saído de casa sem a capa. O vento e a chuva tinham vindo de lugar nenhum, pegando-a de surpresa. Ou ela teria estado tão distraída e desconsolada que não tinha notado?

Se tivesse ficado e conversado com Brock, ele teria dito tudo a ela? Teria lhe repreendido não apenas pelo comportamento irresponsável daquela noite, mas também por seu mau comportamento da juventude?

Ele pretendia envergonhá-la ainda mais? Como ele se atrevia! Se ela ainda fosse quem era quando tinha dezessete anos, teria desafiado a *ele* a um duelo para defender o nome do pai. Felizmente para ele, ela *tinha* crescido e não tinha mais tendência à violência.

—Lady Viola?

Viola ergueu o olhar para ver a Sra Dale de pé na porta. —Oh, perdoe a minha distração. Você poderia informar ao meu pai que amanhã de manhã será a hora perfeita para a nossa viagem à Londres?

A governanta fez uma mesura. —É claro.

Se Lorde Haversham pensava que ela se esconderia no campo enquanto a sociedade falava mal da sua família, ele podia tirar o cavalinho da chuva. E se ele pensava que ela era a mesma garota que tinha juntado as coisas e fugido, ficaria chocado ao descobrir a extensão da sua transformação.

Brock não visitava o mausoléu da família desde a sua volta, e agora lembrava por que. O local tinha estado cheio de ervas daninhas quando foi lá, antes de fugir da casa do pai para virar soldado. As coisas não tinham mudado: A pequena área cercada até mesmo agora estava tão lotada com ervas daninhas

e flores do campo que ele puxou uma mão cheia para ver o lugar de descanso da sua família.

Descansando lado a lado, o epitáfio da lápide dos pais era simples, — Aqui jaz o 5º Lorde e a 5ª Lady Haversham. Que o seu eterno resplendor seja sempre repousante e sereno.

Ela não tinha a mínima ideia de quem tinha feito a inscrição.

E uma parte dele imaginava o que a dele diria. Possivelmente, algo tão asinino e inútil quanto a dos seus pais? *—Aqui jaz Brock, o 6º Lorde Haversham, que faleceu sem um herdeiro.*

Ou algo que caísse como uma luva para defini-lo esses dias, *—Aqui jaz Brock, o 6º Lorde Haversham, um idiota que quase se apaixonou pela inimiga. E então a tratou de forma horrível, como só um covarde faria.*

De qualquer forma, tinha feito pouca coisa digna de nota. Não haveria nada para que as futuras gerações olhassem para trás com orgulho. Não tinha respeitado o pai como um bom filho faria. Não tinha honrado a memória da mãe ao dar continuidade ao nome da família. Em vez disso, tinha cobiçado a inimiga da família, ainda ansiava segurá-la em seus braços. Ele também tinha relegado seu único parente vivo a um grau que nenhum dos dois tinha estômago para o outro.

Brock tinha voltado para casa com grandes planos para corrigir os erros do passado, para reavivar e renovar a casa da família, e buscar justiça por eles. Mas tudo o que fez até agora foi estragar tudo o que tinha tocado.

—Pensei que fosse encontrá-lo aqui.

Brock se afastou do túmulo dos pais e viu Harold, no lombo de um cavalo do lado de fora da cerca de ferro negro que protegia o mausoléu da família. —Minhas desculpas, eu não o ouvi se aproximar.

—Duvido muito que você teria ouvido até mesmo uma manada de garanhões selvagens passando. — Harold prendeu as rédeas na sela e desmontou. As botas atingiram o chão com força. —Você partiu há muitas horas e eu fiquei preocupado.

Brock percebeu naquele momento que ele não estava completamente sozinho em sua empreitada. Harold, seu amigo, era alguém com quem sempre poderia contar. Eram mais próximos que irmãos. Assim como ele e Rodney deveriam ser, mas era o tipo de relacionamento que Brock e o primo nunca teriam.

—Fiquei preocupado demais com os estábulos e negligenciei a minha família, — Brock confessou. —Devo mandar alguém aqui para reparar o

cercado e remover as ervas daninhas.

Harold atravessou o portão e ficou ao lado de Brock. —Você tem muita coisa na cabeça, meu amigo.

Ambos os olhares foram para as lápides.

—Desculpas, sempre desculpas.

—Você é duro demais consigo mesmo.

Brock olhou para Harold. —Não há mais ninguém com quem eu possa ser duro. Eu falhei demais com as minhas obrigações.

Harold ergueu a mão e a colocou no ombro de Brock, tranquilizadoramente. —Há tempo, Brock. Você acabou de voltar. Ninguém esperaria que você atingisse seus objetivos de vida em um mês.

—Às vezes, eu imagino se dez anos seriam suficientes para a tarefa, — Brock suspirou. —Imagino se tudo valerá a pena. As pessoas têm expectativas muito altas.

Harold riu. —Pessoas? Ou você mesmo?

—Isso importa?

—Acho que não. Mas o que você pensa que as pessoas esperam de você? E por que você se importa tanto?

Brock se virou para o túmulo dos irmãos. —Eu não sei nada sobre o que os outros esperam, mas eu presumo que seja algo mais do que ser enganado por uma mulher – mais do que só renovar a propriedade e me assentar com alguma garota. — Enquanto os corpos deles estavam enterrados ali, o sangue deles permanecia em Londres, encharcando o campo onde deram seus últimos suspiros.

—Iremos para Londres em breve? — Harold mudou de assunto.

Brock assentiu, ainda distraído. —Sim, devemos pôr-nos a caminho. Tem uma jovem para quem eu devo um passeio pelo Hyde Park.

Na verdade, não havia nada que Brock queria menos do que passar outra tarde ouvindo o tagarelar insípido e incessante de uma jovem debutante.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



VIOLA OLHOU O quarto que não tinha visto em oito anos, e queria bater na tola que pensou que aquela decoração fosse elegante. Tudo o que ela olhava era rosa: colcha rosa, *chaise* rosa e cômoda rosa, para complementar o conjunto escovas com o cabo rosa, perolado. A extravagância da sua juventude olhava de volta para ela em cada canto – provocando-a a negar a garota que tinha sido. Imaginou as bocas que poderia alimentar e o tratamento médico que poderia ministrar com o dinheiro gasto em todas as coisas inúteis e extravagantes que preenchiam este quarto. Só as escovas alimentariam todo um orfanato por uma quinzena – poderia ter sustentando Foldger's Foals por meses.

Várias emoções passaram por ela: arrependimento, desapontamento e muita vergonha. Vergonha pelo que fez o pai e a família de Brock passarem. Vergonha por sua falta de amor pela vida, a dela e as de Cody e Winston. Enquanto o seu mudo tinha se transformado completamente naquele dia, no fim das contas foram os irmãos de Brock que pagaram o preço, sacrificando as vidas, suas chances de um futuro, por um jogo bobo e a possibilidade de ganhar o seu afeto.

Sentou-se no banco da penteadeira e se olhou no espelho. Já fazia tanto tempo que tinha se preocupado com a sua aparência. Quem olhava de volta para ela era uma mulher que mal seria reconhecida se comparada com a garota que tinha sido na última vez que esteve naquele quarto. O cabelo caia pelas costas em ondas selvagens, impossíveis de domar, a pele era tão escura que parecia que tinha vivido sob o sol por anos. Vi puxou o cabelo cor de café para trás das orelhas e as mãos apareceram em seu campo de visão. Elas estavam tão desgastadas quanto o cabelo e a pele, cobertas por calos pelas horas que passava cuidando dos cavalos.

Tinha sido uma forma de punição que ela adotou logo após o exílio. Todo o dinheiro que tinha gastado comprando roupas elegantes, todo o tempo que gastou arrumando o cabelo de acordo com a última moda – o que aquilo lhe deu? Nada além de sangue em suas mãos. A perda de duas vidas inocentes.

Se não tivesse sido aquela garota vaidosa e superficial, onde Cody e Winston estariam agora? Casados e felizes com suas próprias famílias, ou ainda seriam os meninos tolos tentando se distrair com a próxima grande emoção? Não importa qual caminho teriam seguido; ao menos estariam vivos. Ela era a única responsável por tirar isso deles.

Não havia nada que pudesse fazer sobre a sua aparência, exceto prender o cabelo, aplicar um pouco de pó e usar luvas de manhã, de tarde e de noite. Isso mal parecia valer o esforço.

Ela suspirou. E quanto a Brock? Ele ainda estaria servindo ao Rei se o seu pai estivesse vivo? A imagem de Brock sorrindo enquanto girava uma loura alta e bela por um salão de baile preencheu a sua cabeça. A mulher ria, feliz e sem reservas, enquanto eles giravam cada vez mais rápido, movendo-se entre os casais sem nenhum esforço. Teria ela roubado isso dele também? A chance de viver sem a sombra da tristeza e da solidão era o desejo que tinha para ele.

Uma leve batida soou na porta.

—Entre, — ela disse.

Ruby enfiou a cabeça dentro do quarto, sorrindo de orelha a orelha. —A modista está aqui.

Viola respondeu com um sorriso e se virou para a amiga, determinada a não estragar o bom humor da garota. —Maravilha. Você já tem uma lista com tudo o que vai precisar? — Seu pai, fiel a forma, tinha fornecido fundos ilimitados para que elas pudessem ter tudo o que fosse necessário para reentrar na sociedade vestidas de acordo com a última moda. Como tudo ao seu redor, essas coisas pareciam um desperdício colossal. —Vamos?

Dando uma última olhada no quarto de sua infância, Vi seguiu Ruby até o salão familiar – o qual continha ainda mais rosa que até mesmo o seu quarto. Desejou mais uma vez ser possível voltar no tempo. Ela passaria um sermão – ou cinco – em sua versão mais jovem. O que não daria pela oportunidade de voltar e avisar a si mesma sobre as consequências das suas ações.

—Mademoiselle Viola. — Uma mulher pequena e magra com o cabelo escuro e um busto enorme fez uma mesura. —É uma honra vesti-la de acordo com a última moda. — O sotaque da mulher desapareceu na última palavra.

—Você deve ser Madame Sauvage. Obrigada por nos atender tão em cima da hora.

—Não há problema em avisar em cima da hora. — A mulher pequena estalou os dedos e quatro mulheres se materializaram ao seu lado, cada uma

com uma fita métrica na mão. —Minhas meninas vão tirar as suas medidas e as de Mademoiselle Ruby. Logo em seguida discutiremos as cores e os tecidos.

Viola não teve a chance de responder antes que Madame Sauvage estalasse os dedos mais uma vez e as meninas se colocassem a postos medindo cada centímetro do seu corpo – e alguns outros que ela sequer sabia que existia. Ruby parecia igualmente desconfortável enquanto uma menina tirava as medidas dos seus seios e quadris.

Felizmente, as meninas eram boas no que faziam e rapidamente as enviaram para Madame Sauvage, que mostrava belíssimas sedas, leves organzas e algodão resistente. —Vocês precisarão de oito vestidos de noites, cinco vestidos de dia, dois trajes de montar e algumas camisolas... E é claro sapatilhas, luvas, sombrinhas, laços e xales para combinar com cada um deles, — a mulher disse sem afastar os olhos do que estava fazendo.

Enquanto a mulher listava os itens, Viola tentou estimar quanto custaria tudo aquilo. Tarde demais, percebeu que não tinha a mínima ideia de quanto custava um vestido para a sociedade de Londres. Tinha se acostumado a encomendar vestidos prontos da costureira local em Winchester.

—Acredito que isto ficará maravilhoso em você, Mademoiselle Viola. — A mulher entregou uma medida de uma belíssima seda iridescente.

Vi deu um passo para frente e passou a mão pelo material.

—Parece divina, Vi, — Ruby irrompeu. —Os homens brigarão para colocar os nomes no seu cartão de dança.

—Eu duvido muito—

—*Non*, você será o assunto da cidade usando isto, — Madame Sauvage lhe assegurou. —Eu farei o decote baixo, já que você não é mais uma debutante, e irei criar um chapéu único. — Ela recuou e avaliou o busto de Vi.

O comentário sobre a idade avançada de Vi talvez chateasse outra mulher, mas estava confortável com a sua posição de mulher de idade e solteira. — Não muito revelador ou eu temo que meu pai não permita que eu saia de casa. — Vi piscou para a mulher, e todas as três caíram na gargalhada. Se estavam ou não rindo da mesma piada, Vi não podia ter certeza.

—Eu acho que um verde esmeralda e um vermelho profundo cairão muito bem com o seu... — a voz da mulher foi esvanecendo.

—Sim, a minha pela sempre foi naturalmente beijada pelo sol, — Viola disse para disfarçar o momento desconfortável. Não podia deixar de imaginar

se a mulher sabia sobre o seu passado.

Sem perder uma batida, Madame se virou para Ruby. —Você, Mademoiselle, ficará bem com os pasteis. Sua juventude será evidenciada pelo lavanda e o azul claro.

Ruby e vi se olharam e ambas caíram na gargalhada.

—Não entendo o que é tão divertido, — Madame Sauvage disse com seriedade.

—É só que Ruby é cinco anos mais velha que eu, — Viola disse entre risos.

A mulher olhou de uma para outra, a sobrancelha franzida como se ela estivesse examinando Ruby e Vi. Finalmente, seu olhar foi para Ruby. — Será muito mais fácil conseguir um marido para você.

Ruby empalideceu e seus olhos se arregalaram.

A declaração da mulher se provaria mais verdadeira do que ela supunha.

Se a aparência da amiga era devido a intromissão da resposta de Madame ou sobre a ideia de que ela realmente atrairia alguém, Vi queria saber. Tinha estado tão preocupada com seu próprio futuro que não tinha parado para pensar sobre o de Ruby. Com certeza o objetivo da amiga não era ficar com Vi pelo resto da vida.

—Bem, eu acho que os pasteis são ótimos, — Vi disse para cobrir a estranheza que se assentou na sala.

—E com as cores de Mademoiselle será simplesmente—

Vozes altas e passos pararam o que a modista ia dizer. A porta se abriu antes que o mordomo pudesse anunciar o visitante, e a mãe de Ruby entrou intempestivamente na sala, as narinas dilatadas.

—Mamãe! — Ruby gritou com prazer. O sorriso que tinha preenchido o rosto da amiga fazia com que parecesse que ela tinha acabado de sair da sala de aula.

—O que você está fazendo em Londres? — A Sra. St. Augustin passou por Vi e pela modista parando em frente a filha, que agora estava se encolhendo como uma criança.

Viola estava prestes a desarmar a agitação da mulher, mas a Sra. St. Augustin respirou fundo e pareceu assumir o controle das suas emoções.

Isso era estranho, Vi pensou. Por que a mãe de Ruby ficaria aborrecida por ela estar em Londres? A maioria das mães ficaria extasiada ao saber que a filha teria uma temporada paga em Londres – mesmo que fosse apenas durante parte da temporada.

O sorriso no rosto da mulher ameaçava quebrar o exterior duro. — Desculpe o meu choque. Eu não estava te esperando. — Ela abraçou Ruby rigidamente. —Por que você não me escreveu contando que planejava vir à cidade?

Um sorriso amarelo voltou ao rosto de Ruby. Vi não podia deixar de imaginar quanto tempo fazia que não se viam. Vi apenas tinha visto a Sra. St. Augustin uma vez em todos esses anos e Ruby tinha parado de ir para casa nos feriados há anos, dizendo que não queria deixar Vi e o pai sozinhos.

—Temo que eu seja a culpada por Ruby não avisar que estava vindo, — Viola disse. Apressou-se para ficar ao lado de Ruby, incerta de por que sentia que a amiga precisava do seu apoio, mas mais do que disposta a dá-lo. —Eu decidi arrancar todo mundo do campo em um ato de capricho e aqui estamos. Sou tão sortuda por ter uma amiga como a sua filha para me mimar. — Agora, todas as três mulheres puseram sorrisos genuínos nos rostos.

—Mãe, por favor, sente-se, irei pedir o chá.

—Não é necessário, não posso ficar. Eu só queria ver se o que ouvi era verdade. — A mulher pareceu olhar a sala pela primeira vez, notando a modista e as empregadas. —Uma prova? Você planeja ficar muito tempo?

—Isso é com Lady Viola e o pai dela, — Ruby disse.

—Ficaremos em Londres durante a temporada, — Viola respondeu, tentando confortar Ruby com o olhar.

—Bem, é bom saber. Estou ansiosa para vê-las por aí. Devo ir agora, marquei um chá com Lady Darlingiver. — A Sra. St. Augustin saiu sem dizer adeus para Ruby. Viola podia jurar ter ouvido a mulher murmurar, —Londres está com problemas.

Mesmo sentindo muito a falta da mãe, Vi preferia não ter uma mãe como a de Ruby. A mulher sequer convidou a filha para ficar na sua casa, ou a convidou para ir com ela ao chá.

—Vamos voltar para a nossa diversão? Ainda temos cinco tons de pastel para escolher para você. — Vi apertou o ombro de Ruby, dando apoio. — Esse rosê ficará maravilhoso com os seus olhos verdes.

—Tenho certeza que você combina muito mais com a cor do que eu.

—Eu realmente acredito que a cor ficará maravilhosa nas duas, — Madame disse.

Vi e Ruby trocaram um olhar horrorizado com o pensamento de usar rosê em público. Com uma risada, a tensão foi quebrada e elas voltaram à mesa cheia de tecido.

—Você não acha que a sua mãe estava um pouco descontrolada? — Vi perguntou enquanto elas olhavam as fitas. Não queria ir longe demais, mas estava curiosa com o relacionamento estranho que a amiga tinha com a mãe.

—Oh, minha mãe está sempre um pouco descontrolada, temendo que o mundo vá acabar a qualquer momento e essas bobagens. — A resposta indiferente não enganou Vi. Ruby tinha estado resguardada desde a partida da mãe, e de fato, ela sempre se enrijecia um pouco quando a mãe era mencionada.

Um dia, Vi iria pressionar para saber o motivo. Infelizmente, não seria hoje.

—Você teme que ela não concorde com a nossa amizade enquanto estivermos em Londres? Entenderei se ela pensar assim... — Viola ergueu o olhar e viu Ruby estudando de perto dois laços verdes com as cores quase idênticas. —Quer dizer, ela deve estar preocupada que isso vá interferir na sua busca por uma união vantajosa.

—Minha mãe desistiu da possibilidade de uma união para mim há anos – quando meu pai morreu, para ser exata. Qualquer oferta naquela altura seria aceitável para ela, — Ruby respondeu enquanto aproximava as fitas do rosto para poder vê-las melhor. —Qual tom de verde você prefere?

—Para dizer a verdade, eles parecem iguais para mim. — Sim, hoje não era o dia para jogar água no ânimo da amiga, mas um dia, em um futuro próximo, Vi iria trazer o assunto à tona.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

VIOLA OLHOU O cenário ao seu redor, tão familiar e ainda assim completamente estranho. As árvores pareciam mais altas? O caminho mais batido? Tinha se proibido a voltar a esse lugar desde aquela fatídica manhã, o que não tinha se provado difícil já que tinha fugido logo depois de voltar à casa do pai naquele dia, com suas sapatilhas ainda molhadas pelo orvalho.

Ao menos hoje foi diferente. Hoje, ela e Ruby visitaram o Hyde Park em uma hora mais civilizada, bem depois de o orvalho ter secado e ser substituído pelos membros da *ton*. Até aqui, ninguém tinha atirado nada nela, nem comida estragada nem palavras. Uma parte de si queria gritar de alegria com o pensamento de que retornar à sociedade seria algo fácil. As pessoas passavam nos lombos de seus cavalos ou a pé dando-lhe um aceno de cabeça.

Ruby puxou o braço de Vi. —Eu ainda não entendo sua necessidade de caminhar, ainda mais pelo Hyde Park.

Vi tinha tentando explicar a razão mais cedo, mas não obteve sucesso. —É impossível que os nossos caminhos se cruzem com os de Lorde Haversham se não formos aos lugares onde ele possa estar.

—Mas por que Lorde Haversham estaria no Hyde Park – no mesmo lugar que seus irmãos morreram?

—Eu não espero que ele esteja aqui! Mas para conseguir convites para alguns dos bailes de Londres, precisamos aparecer em público. — Ela se encontrou falando devagar, esperando que Ruby fosse entender.

—Por que alguém iria convidá-la – sem querer ofender – para às suas casas?

Essa era uma boa pergunta, algo que Vi tinha ponderado várias vezes desde o seu retorno, antes de chegar a uma conclusão. —Porque a *ton* ama escândalos. Você aprenderá logo que se o seu baile ou recital não estiver caído na boca dos fofoqueiros, ele não terá sido um sucesso. Acredito que as anfitriãs brigarão entre si para me ter em suas reuniões. E imagine a jogada de uma delas assegurando que tanto Lorde Haversham quanto eu estejamos sob o mesmo teto, na mesma noite.

—As pessoas tentarão incitar uma cena entre vocês dois? — Ruby perguntou cética.

—Não seja ingênua, Ruby, ou você será comida viva. — Vi desejava saber os perigos que vinham com a *ton* antes da sua estreia. Infelizmente, não tinha nenhuma mulher para guiá-la ou ajudá-la. Lady Darlingiver pode tê-la apadrinhado, mas apenas para crescer aos olhos do pai de Vi. Funcionou, com o bônus de Lorde Liperton estar em dívida com ela mesmo depois de Viola ter sido rejeitada, manchando a reputação ilibada da viúva.

Vi sorriu e fez um gesto com a cabeça para um grupo de debutantes que passeavam com suas criadas logo atrás de si, vigiando-as.

—Você fez muitos amigos durante a sua temporada?

A pergunta inesperada de Ruby pegou Vi de surpresa. —Nenhum que tenha ficado ao meu lado depois que eu fui banida. — Pensou por um momento antes de prosseguir. —Mas eu também não era uma boa amiga. Estava preocupada demais em chamar a atenção do melhor partido da *ton* para ter sido uma amiga confiável e verdadeira.

—Então foi bom eu tê-la conhecido.

—Por que isso? — Vi olhou inquiridoramente para a amiga.

—Porque ninguém mais quis ser sua amiga – o que foi uma enorme tragédia para eles.

Vi quis rir. Era muito possível que Ruby nunca tenha tido outra amiga. — Prometo não oferecer a minha amizade para outra pessoa.

—Aquela é a minha mãe? — Ruby ficou na ponta dos pés e vasculhou a multidão em frente a elas. —Acredito que sim! Mãe! Mãe!

Vi também ficou na ponta dos pés para ver para quem Ruby estava olhando, sua pequena estatura era uma desvantagem ao lado da figura alta de Ruby.

—É ela. Está vindo para cá. Mal posso esperar para que ela me veja em meu novo traje. — Ruby disse animada.

Estava além do entendimento de Vi por que a amiga tentava agradar a mãe. —Que sortudas fomos por termos recebido os vestidos esta manhã. — Vi ergueu a mão e acenou para a mãe de Ruby. Ruby estava estonteante, alta e graciosa, em seu vestido cor de pêssego. Vi também optou por um tom pastel para o passeio, um vestido lavanda. Concordaram que ele tinha algo de modesto. —Acredito que Lady Darlingiver está com ela. — Pensou ter escapado da mulher quando deixaram o campo.

—Boa tarde, — tanto Vi quanto Ruby disseram enquanto faziam uma mesura para Lady Darlingiver.

—Não esperava que vocês duas fossem sair tão cedo. Acredito que a minha modista foi do seu agrado?

—É claro. Obrigada, minha lady, por providenciar o nosso guarda-roupa, — Vi disse.

—Adorável. — Os olhos de Lady Darlingiver estavam fixos em algo sobre o ombro de Vi. —Oh, acredito que vi um conhecido com o qual preciso falar. Vocês, jovens, aproveitem a caminhada. — As mulheres passaram por Vi e Ruby indo em direção a um grupo de damas mais velhas. Quando chegaram lá, Lady Darlingiver conseguiu ficar o mais distante possível de Vi e Ruby, deixando óbvio que qualquer associação com a garota banida era algo que a dama queria manter em segredo por mais tempo.



Brock conduziu o seu faetonte durante a hora mais elegante de Londres, quando a *ton* saia para passear pelo Hyde Park, enquanto tentava ignorar a voz esganiçada ao seu lado. O que tinha dado nele para concordar em acompanhar a filha de Lorde Galles em um passeio? Ele tinha pegado a garota com o pai há apenas uns minutos e já estava tentado a parar seus cavalos e pedir para que ela saísse. Se abandonar uma jovem não fosse completamente imperdoável segundo os parâmetros sociais, ele já teria feito isso.

—Você não acha? — ele respondeu quando Lady Sophia ficou quieta.

—Essa foi a minha resposta, meu lorde, — ela começou novamente. — Imagine a coragem da garota, dançando a valsa sem a permissão do Almack’s.

—Que vergonha! — ele fingiu interesse enquanto se imaginava enfiando penas afiadas em seus ouvidos, pondo um fim definitivo ao vulcão verbal dessa menina. Era de se admirar ela não ter percebido a sua falta de entusiasmo com a conversa.

Seus olhos passaram pelos rostos desconhecidos no mar de gente fazendo seus exercícios diários no parque. Surpreendia-lhe o número de pessoas que tinha em Londres. Ele poderia ir a bailes todas as noites por anos e ainda assim conheceria membros da *ton* todas as vezes. Ele fez um gesto de cabeça para um grupo de matronas, e viu Lady Darlingiver e a Sra. St. Augustin no meio delas. Seus olhares o pegaram de surpresa antes que as mulheres

abaixassem o queixo em retorno ao seu cumprimento e apertassem o passo indo na direção oposta.

Voltando sua atenção para a menina ao lado dele, os olhos de Brock de repente viram um rosto familiar. Sua respiração ficou presa. Mesmo com o cabelo escuro preso sob um chapéu elegante e vestida de acordo com a última moda em vez de com o algodão resistente que ele estava acostumado, lá estava Lady Viola.

—Meu lorde? — sua companheira de carruagem perguntou, com um pouco de aborrecimento na voz.

—Perdoe-me, o que foi? — Brock afastou os olhos de Lady Viola e olhou para a menina chiando ao seu lado.

—Perguntei se você estaria disposto a me escoltar até o Gunther's para tomar sorvete algum dia. — A irritação desapareceu quando ele voltou a prestar atenção nela.

—Acredito que será uma tarde muito agradável, — Brock respondeu, embora não tivesse intenção de visitar a garota novamente.

Ela sorriu e cumprimentou uma mulher na carruagem a esquerda de Brock.

Quando olhou por sobre o ombro de Lady Sophia, Lady Viola tinha desaparecido.

Ele com certeza a veria em breve, não tinha dúvidas. Juntos, eles representavam o pior escândalo que se abateu sobre Londres na última década. Era impossível que seus caminhos não voltassem a se cruzar.

Ele agitou as rédeas e os cavalos se apressaram enquanto saíam do parque. Mal podia esperar para se livrar da companhia da jovem Lady Galles e voltar para sua casa. O correio chegaria em breve, e ele tinha convites para aceitar.

—Meu lorde, — ela disse, e segurou o seu braço enquanto os cavalos erguiam as pernas mais alto, aumentando a velocidade. —Já é hora de voltar para o meu pai?

Varreu a expressão de tédio total do rosto antes de responder a pergunta. —O tempo passa quando duas pessoas de mentalidade semelhante se conhecem, não é? — Mordeu a língua antes de adicionar que o tempo também podia se arrastar e se arrastar. Não muito tempo depois, a carruagem de Brock conseguiu um lugar entre o trânsito da tarde e seguiu para a casa de Lady Sophia.

—Concordo, meu lorde. — Ela não soltou o seu braço. —Estarei no baile de Viannate esta noite, você pretende ir? — A voz dela era um pouco pegajosa, Brock poderia apenas imaginar a palestra que ela tinha recebi antes de sair com ele. O pai com certeza a instruiu para que garantisse outro encontro com Brock.

Não poderia dizer se estaria ou não em qualquer baile que Lady Sophia planejava ir. A jovem provavelmente não sabia quem Lady Viola era, e sem dúvida não entenderia a sua necessidade de vê-la. Conseguir a lista de lugares que ela pretendia ir seria difícil.

Como seus irmãos, ele estava determinado a conseguir o que queria. Exceto que em vez da atenção de Lady Viola, Brock queria vingança.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



VIOLA RIA ENQUANTO ela e Ruby desciam os últimos degraus da escada e chegavam ao vestíbulo. Realmente não sabia o que tinha dado nela. Desde que voltaram do passeio no Hyde Park, Vi tinha estado com um ótimo humor e estava ansiosa pelos próximos passeios. Talvez um sorvete no Gunther's. Tinha algo nessa cidade, em seus vestidos elegantes e na amiga ao seu lado que lhe dava esperança. Não apenas esperança de que o resto da temporada se passasse sem que envergonhasse o seu pai, mas um otimismo genuíno para o futuro.

Seria possível, apesar da fofoca contínua, que a sociedade a perdoasse e esquecesse suas transgressões? Não era ingênua o bastante para esperar isto, mas não podia deixar de sonhar com a possibilidade.

—Diga-me, qual modelito você usará primeiro? — Ruby perguntou, mas não esperou pela resposta antes de prosseguir. —Eu pretendo usar o vestido rosê. Você e a modista estavam certas, ele realmente combina comigo.

Elas foram em direção à sala de jantar, de braços dados, assim como tinham caminhado pelo parque. —Você deve acreditar mais em meus conselhos, — Vi disse. —Não se esqueça que eu já fiz isso antes.

—E você fez bem demais, pelo que ouvi. — Ruby mal conseguiu terminar de responder antes de rir.

Viola sorriu, assumindo a piada pelo que era. —Você está certa.

Elas atravessaram a porta e entraram na sala de jantar, onde o pai de Vi e Lady Darlingiver esperavam pela refeição.

—Ah, boa noite para vocês duas! — O tom do pai assumia um novo gosto pela vida, uma vida que com certeza tinha sentido falta quando ele foi para o campo não fazia muito tempo. —Vejo que as duas estão desfrutando da visita à Londres.

Vi foi obrigada a concordar, já que tinha sido tão resistente em acompanhar o pai até a cidade. —Acho a mudança de cenário refrescante, pai.

—E você, minha querida? Está é a sua primeira vez na cidade, se não estou enganado. — Ele virou seu sorriso para Ruby e Viola respirou com um pouco mais de facilidade.

—É sim, meu lorde. Obrigada pelos belos vestidos.

—Bobagem, criança. Você é como se fosse minha outra filha.

Vi sentou-se ao lado do pai, com Ruby do outro lado. Enquanto o lacaio puxava a sua cadeira, Vi poderia jurar ter visto lágrimas brilharem nos olhos da amiga.

—Lady Darlingiver estava justamente falando sobre todos os convites que ela aceitou em seu nome, Viola, — ele disse, dando um sorriso caloroso à mulher. —Diga o que você planejou, querida.

Todos os olhos se viraram para a mulher mais velha. Irônico, já que ela não queria ter nada a ver com elas no parque hoje mais cedo, mas agora – na presença do seu pai – Lady Darlingiver era a epítome da anfitriã educada.

—Depois de vê-las no parque esta tarde, fui diretamente à loja de Madame Sauvage para verificar se os vestidos ficariam prontos em breve.

—Vá em frente, querida, diga a elas. — O pai praticamente pulava em seu assento, a excitação irradiava dele.

Lady Darlingiver olhou de Vi para Ruby e de volta para Lorde Liperton antes de colocar o garfo para baixo e falar. —Esperava guardar segredo por mais tempo, mas concordo com o seu pai. — Ela se virou para Vi. —Você precisa de tempo para se preparar.

O sorriso da mulher cresceu. O desconforto invadiu Vi, enviando um arrepio por sua espinha. —A fofoca sobre o seu retorno à cidade correu solta. Penso que devemos fazer uma comemoração. Então eu—

—O que você quer dizer com ‘comemoração’? — A pergunta veio de Ruby antes que Vi pudesse dizer uma única palavra. A boca dela ainda estava aberta.

—Bem, Lady Viola – e você, também – precisam ser adequadamente apresentadas à sociedade. Alguma de vocês notou que nenhuma pessoa veio visitá-las ou deixou seu cartão de visita? — Ela ergueu as sobrancelhas questionando e dobrou as mãos no colo.

Vi esteve temendo o dia que seria forçada a ir a uma soirée, na verdade esperava secretamente que a modista estragasse seus vestidos.

—Vejo que não. — Um sorriso presunçoso tomou o lugar do sorriso sereno da viúva. —É altamente impróprio – como você deveria saber, Viola –

visitar uma pessoa sem uma apresentação apropriada. Então, estou dando um jantar íntimo em sua honra.

—Íntimo? — Vi lembrou o grupo 'íntimo' que Lady Darlingiver tinha convidado para o seu baile de estreia. Era um termo bastante risível. Tinham sido enviados convites para cada lorde, lady, sir e senhorita de toda a Inglaterra – e possivelmente para alguns na fronteira da Escócia. —Pai, diga-me o que você— Ela olhou com raiva para ele.

—Agora, Viola, acalme-se. Você não está levando a sério sua missão de encontrar um marido?

É claro que ela não estava empenhada em encontrar um marido, mas não diria ao pai.

O pai prosseguiu. —E eu não sou jovem. O que acontecerá contigo depois que eu deixar este mundo?

Viola esticou a mão para pegar a dele. —Não fale assim. Eu concordei em vir à Londres. — Ela pareceu evasiva, até mesmo para os seus ouvidos.

—Haverá apenas cinquenta dos nossos mais próximos e queridos amigos, — Lady Darlingiver prosseguiu. —Isso, nos padrões de Londres, é bastante íntimo. Você não concorda, Lippy?

—Eu concordo, — o pai disse e pegou o garfo, sinalizando que sua participação na conversa tinha chegado ao fim.

Mas Vi ainda não tinha acabado – não estava nem perto. —E quando será este 'jantar íntimo'? — Era como arrancar um dente.

—Como? Amanhã à noite, é claro.

E assim, o controle de Vi sobre o seu retorno à sociedade foi tirado dela – como se tivesse estado no controle.

Olhou suplicantemente para Ruby, implorando por ajuda.

—Espero que nossos vestidos estejam prontos a tempo.

Vi deu um chute, atingindo a sua amiga mais próxima bem no joelho.

—Ai, — Ruby disse e esfregou a perna, um pouco acima do joelho.

Vi se agarrou a seu único fio de esperança para evitar o desastre iminente que seria o jantar de Lady Darlingiver. —Madame Sauvage não poderia aprontar os vestidos a tempo.

O sorriso presunçoso retornou ao rosto de Lady Darlingiver. —Muito pelo contrário, querida. Como eu disse mais cedo, eu fui à loja dela, e os dois vestidos de baile estarão prontos para serem experimentados amanhã.

—Vestidos de baile? — Vi e Ruby disseram ao mesmo tempo.

—Não pode haver um jantar sem um pouco de dança, — seu pai disse enquanto levava um garfo cheio de codorna à boca.

—Isso é verdade.

Naquele instante, Vi ansiava pela serenidade de Foldger's Foals. Quando a criadagem ficava a postos com o anúncio da chegada do pai, ela poderia escapar e ir cuidar dos cavalos, sair para montar pela propriedade ou simplesmente trabalhar em seu escritório. Em Londres, não poderia se dar ao luxo.

Os criados recolheram os pratos para poder servir a sobremesa. Enquanto um lacaio colocava tigelas individuais cheias até a borda com o pudim com calda de ameixa da cozinheira, seu pai se juntou à conversa uma vez mais.

—É muita sorte que o filho de Lady Darlingiver esteja na cidade. Você se lembra do Duque de Darlingiver, não se lembra?

—Como eu poderia esquecer Hampton? — É tudo o que Vi poderia fazer para não revirar os olhos ao pensar no garoto insofrível que a tinha seguido durante sua primeira temporada. Viola era sete anos mais nova que ele, mas ainda assim ele parecia ter acabado de sair de Oxford. Parte dela imaginava se aquele tinha sido o jeito que ele pensou que atrairia a atenção dela.

—Vi, você nunca mencionou Hampton antes, — Ruby olhou entre Vi e Lady Darlingiver.

—*Lorde Darlingiver*, — a mulher disse, enfatizando o nome formal, —é um velho amigo de Lady Viola. Eram praticamente inseparáveis na primeira temporada dela. Ele está bastante ansioso para vê-la novamente.

Isso era irônico, queria dizer. Ele teve todos esses anos para visitá-la quando sua mãe viajava para Foldger's Hall; a propriedade dele ficava a menos de uma tarde de carruagem da propriedade do seu pai. Ainda assim, ela não viu nem rastro de Hampton Darlingiver até que voltou à sociedade. Em vez de falar o que estava pensando, Viola sorriu para o pai e a sua acompanhante. —Estou ansiosa para que ele me visite depois de todo esse tempo.

—Agora que tudo está resolvido, gostaria de desfrutar da minha sobremesa. — O pai de Vi pegou uma colher generosa de pudim e a levou à boca, suspirando quando a doçura tocou a sua língua.

Viola comeu em silêncio e pensou sobre o seu tempo em Londres. Sua busca por Brock teria que ser adiada, ao menos pelas próximas vinte horas, enquanto ajustava as cordas e era manipulada pela velha que estava em sua frente. Uma marionete em um teatro de títere.

Suspirou. Não havia nada que pudesse fazer até depois do jantar e do baile na noite seguinte.

Ruby se inclinou e sussurrou, —O que está havendo contigo? É só um baile... Uma noite.

Ruby nunca tinha experimentado uma temporada. O pensamento de ir a um baile excitaria a sua amiga, e bastante. Vi não tinha passado incontáveis horas à luz de velas explicando todas as maravilhas de Londres: os bailes grandiosos, os vestidos elegantes e os homens sedutores? —Tinha esperado voltar à sociedade nos meus próprios termos, — Vi sussurrou de volta.

—O que importa se a sua primeira aparição for numa festa dada por Lady Darlingiver e o filho, ou indo à opera? Ao menos no caso de Lady Darlingiver, você estará rodeada por poucas pessoas.

Ruby – sempre a voz da razão – estava certa.

—Uma noite, — Vi sussurrou.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



—VOCÊ PERCEBE QUE esperam que estejamos vestidas daqui a menos de duas horas? — Ruby perguntou.

—É claro que sim. É por isso que temos que nos apressar. Agora, entre na carruagem. — Vi empurrou a amiga em direção à carruagem a qual tinha um lacaio esperando para ajudar uma dama a entrar no veículo.

—Não amarrote meu lindo vestido de manhã, estou indo o mais rápido possível. — Ruby pegou a mão estendida do lacaio e entrou na carruagem.

Vi seguiu logo atrás e sentou-se. —Teremos tempo o bastante para fazer um desvio antes de chegar à loja.

O olhar que Ruby lhe deu disse a Vi que a amiga não acreditou nem por um segundo que chegariam a tempo do compromisso, isso se chegassem.

—Ruby, prometo que não perderemos nosso primeiro baile – ou a prova para que fiquemos lindas para o dito baile, confie em mim.

Sua amiga relaxou no assento enquanto a carruagem se afastava da casa do pai, indo em direção ao East End.

—Seu pai sabe para onde estamos indo?

—Você acha mesmo que eu diria ao meu pai que estamos indo para uma das piores partes de Londres, desacompanhadas, sem nenhuma outra proteção a não ser pelos criados de libré?

—Eu acho que não—

—Se eu tivesse dito, você acha que *ainda* estaríamos a caminho de lá e não trancadas em meu quarto?

Ruby não se incomodou em responder a pergunta de Vi enquanto um olhar ferido tomava o seu rosto.

Vi se sentiu mal por ter sido tão ríspida. —Sinto muito, é só que estou nervosa com esta noite.

—Seu humor azedo não tem nada a ver com o lugar para onde estamos indo agora?

Seu humor tinha tudo a ver com o lugar para onde estavam indo. Como diria a eles que este era todo o dinheiro que poderia dar? Que não poderia

mais doar? Eles iriam sofrer, e seria por causa dela. Não poderia viver com este peso sobre os ombros, mas não tinha ideia de como continuar fazendo o que tinha feito nos últimos sete anos. Estar à mercê do pai não era fácil – embora depender de um marido para tudo o que precisava na vida seria muito pior.

—Às vezes imagino se você sequer ouve quando eu falo. — Ruby olhou para ela e Vi percebeu que não tinha respondido a última pergunta.

—Acho que estou um pouco sobrecarregada por tudo. É muito provável que eu seja rejeitada no baile de hoje à noite... e assim, você também terá uma marca sobre a sua cabeça. — Era verdade, Vi se preocupava com o fato de a sociedade aceitar Ruby em seu meio caso ela fosse menosprezada.

—Eles não aceitariam o convite se não quisessem te dar uma chance. — Ruby deu um sorriso reconfortante.

Novamente, imaginou como a amiga tinha ganhado um ponto de vista tão admirável depois de ter estado escondida no campo por tantos anos. Vi esperava que o que ela disse fosse verdade; não estava certa de que o pai poderia lidar com mais vergonha causada por sua filha. —Suas palavras são reconfortantes.

—Somos você e eu contra o mundo!

—Felizmente, não estou preocupada com o mundo – apenas com uma pequena parte dele.

—A sociedade é assim tão ruim? Minha mãe parece gostar muito de estar em Londres.

—Quando você está no mais alto escalão da *ton*, é maravilhoso. Mas quando você cai em desgraça, é um lugar cruel e implacável. — Vi tentou não deixar que o pesar que sentia desse cor às suas palavras. Estava envergonhada em admitir que houve um dia que tinha estado dentre os poucos no mais alto escalão – e que tinha tido muito prazer ao ver a queda dos outros.

Mas não mais.

Sua posição na sociedade agora dependia dos outros. Poderia apenas rezar para que eles fossem mais bondosos do que ela tinha sido em sua juventude, embora não acreditasse merecer bondade ou perdão.

—O que é este cheiro horrível? — Ruby fez careta e cobriu o nariz. — Isto é pior do que aquela vez que você me convenceu que um pouco de trabalho manual iria melhorar a minha saúde. — Ela abanou o lenço com

aroma de rosas na frente do rosto para afastar os cheiros horríveis do East End.

Vi olhou pela janela enquanto passavam pelo bairro empobrecido. Ela deixou a cortina cair antes de falar com Ruby. —Este é o cheiro do desespero, do pesar e da desesperança – e exatamente onde há esperança de mudança, ao menos para uns poucos. — Um sorriso fraco cruzou o seu rosto.

A carruagem parou ao norte do Rio Tamisa, onde os cheiros pútridos eram ainda mais fortes. Ruby puxou a cortina e olhou para o prédio em frente a elas. —Minha nossa.

A cortina que cobria a janela de Vi ficou no lugar. Não podia se obrigar a olhar o estado deplorável em que muitos eram obrigados a viver – enquanto os tipos como Lady Darlingiver gastavam pequenas fortunas dando festas extravagantes. Mas devia uma explicação a eles, em pessoa, sobre a promessa que seria obrigada a quebrar.

Com uma lufada do ar frio da manhã, a porta se abriu, os degraus foram posicionados, e uma mão ajudou Vi e Ruby a descer. Quando elas saíram, Vi não podia mais evitar olhar o lugar para onde enviava o dinheiro do qual poderia dispor.

O prédio alto bloqueava a luz do sol, lançando sombra sobre Vi e a carruagem. A tinta estava tão descascada que provavelmente precisaria de muitos reparos para ajeitar as paredes. Felizmente, todas as janelas e portas estavam intactas.

—Devemos bater?

Vi sacudiu a cabeça para dispersar a névoa da sua cabeça e se dirigiu ao lacaio. —Levaremos apenas alguns minutos.

—Devo anunciar a sua chegada? — ele perguntou.

—Não será necessário.

—Sim, minha lady. — Ele fechou a porta e assumiu seu lugar na traseira da carruagem.

As mulheres estavam em frente ao prédio intimidante, temerosas em fazer o primeiro movimento.

—Por que você não quis que o lacaio nos anunciasse? — Ruby sussurrou.

—Porque isso não faria nenhum bem. Eles não têm ideia de quem é Lady Viola Oberbrook, ou que sou eu a pessoa que possibilita o funcionamento deles. — Vi se castigou por não ter enviado um bilhete avisando sobre a visita.

—E pensar que eu estava sob a impressão que uma hora com a costureira seria mais interessante que isso, — Ruby disse baixinho enquanto dava o primeiro passo em direção à porta.

Antes que Viola pudesse acompanhá-la, a porta foi aberta por uma mulher baixinha e atarracada, usando um vestido azul manchado, um avental branco atado com firmeza em volta da cintura. —Quem são vocês? — ela perguntou, com as mãos descansando em seus quadris.

Vi queria rir, mas conseguiu se segurar. A mulher a olhou assim como Ruby costumava olhá-la quando queria repreender Vi por uma coisa ou outra.

—Bem? O gato comeu a sua língua? Estou esperando uma encomenda do açougueiro em breve e ele precisará passar por aqui, já que não temos uma entrada nos fundos.

—Peço desculpas—

—Não precisa se desculpar, apenas tire esta coisa do caminho, — a mulher disse agressivamente, interrompendo as palavras de Vi.

A antiga Vi teria se sentido afrontada pela audácia da mulher ao chamar a carruagem do pai de coisa, e a teria posto imediatamente no lugar. Em vez disso, Viola respirou fundo e sorriu. Ela se virou para o condutor e sinalizou para que ele desse uma volta no quarteirão.

Ele assentiu, e a carruagem se juntou às outras que passavam.

—Assim está melhor – agora, desembuchem. — A mulher fez um gesto com as mãos como se para varrer Vi e Ruby da calçada. —Não preciso de nenhuma moça atrevida rondando por aqui ou ele provavelmente não irá parar. — Ela se virou e foi em direção à porta.

Viola forçou um sorriso. —Por acaso você seria a Sra. Hutton?

A mulher olhou interrogativamente para Vi e Ruby. Endireitou as costas e alisou as saias com as mãos por sob o avental, como se quisesse parecer mais apresentável para as damas da classe alta. —Essa sou eu.

Vi deu um passo à frente e esticou a mão para cumprimentá-la. —Eu sou Lady Viola Oberbrook.

A Sra. Hutton olhou a sua mão, mas não fez gesto para pegá-la ou falar alguma coisa.

—Eu sou de Hampshire, — Vi prosseguiu.

—Oh, céus e condenação, — a mulher gritou. —Por favor, entre, eu prepararei um pouco de chá. — Ela subiu as escadas correndo e entrou na construção sombria, deixando Vi e Ruby no pórtico.

—Sim, muito melhor que a prova de um vestido, — Ruby riu. Os poucos cachos que tinha em volta do rosto balançavam com alegria, e ela seguiu a Sra. Hutton.

Vi olhou ao redor. A carruagem tinha partido e ela temia que elas ficassem presas no East End. Não havia nada mais a fazer do que compartilhar as notícias e entregar o restante do dinheiro. Imitou as ações da mulher, endireitou as costas e alisou as saias.

Assim que entrou, ouviu Ruby mais para dentro do corredor conversando com alguém. Não podia discernir as palavras. A luz difusa mostrava um corredor muito limpo, recém-encerado, ladeado por várias portas e que conduzia para dentro do prédio. De algum lugar lá dentro, Viola ouviu mais vozes e passos. Imaginou a casa fervilhando de atividade – uma atividade que sempre faltou em sua casa no campo.

Uma luz se acendeu mais adiante e ela conseguiu ver Ruby, agachada ao lado de uma criancinha que estava sentada em uma cadeira minúscula.

—Bem, Samuel, eu acho que você é muito bonito, e eu não me importaria com o que Abby diz, — Ruby disse para a criança.

—Isso é muito bom, senhorita. — Até mesmo o tom suave da voz do menino repercutia pelas paredes.

Enquanto Vi se aproximava, ela estudou o menino angelical. Seu cabelo formava cachos em volta da cabeça, muito parecido com os de Ruby. Os olhos azuis brilhavam na luz das velas que Ruby segurava. Foi só quando ela estava a alguns passos de distância que Vi percebeu que a criança não tinha parte do braço direito.

—Atingido pelo próprio pai. — A Sra. Hutton fez um muxoxo ao seu lado. A mulher saiu de lugar nenhum, assustando Vi.

Quando ela só olhou, a mulher continuou baixinho. —Não deixe que ele a veja encarar, e não subestime os mais novos. Ele é muito esperto e será um bom homem.

O otimismo na voz da mulher era contagiante, dado os arredores. Vi não pôde deixar de imaginar o que aconteceria com Samuel nos próximos anos – depois que o resto do seu dinheiro acabasse. Ele seria jogado na rua? Forçado a trabalhar em um reformatório? Duvidava que o garoto fosse capaz de acompanhar outros que estavam em possessão de todos os membros.

—Não fique tão triste, Lady Viola. — A Sra. Hutton colocou uma mão reconfortante no ombro de Vi. —Samuel é um dos menos afetados aqui.

Lágrimas ameaçavam cair por seu rosto enquanto as emoções brigavam dentro dela. Não tinha acreditado o quanto seria afetada – que podia ser afetada assim. A profundidade da sua mudança – não por fora, mas lá no fundo – se tornou muito real. Queria se afundar no chão e chorar pela injustiça da situação de Samuel; protestar contra as tristezas da vida e ir atrás de vingança contra a pessoa que fez isso – o próprio pai do menino. A parede no corredor apertado estava a alguns centímetros dela. Seria tão fraca ao ponto de usá-la para reunir um pouco de força?

Mas, sabia que não merecia a ajuda da parede ou de qualquer outra pessoa. Vi tinha causado este sentimento de devastação em outros – no pai de Cody e Winston, e novamente em Brock quando ele soube da tragédia.

Vi pode não ter segurado a arma que tirou a vida deles, mas ela era responsável, assim como o pai de Samuel tinha sido. Não era diferente dele. Enquanto queria vingança contra o homem que machucou o próprio filho, Brock queria se vingar dela.

Poderia culpar Brock caso ele seja a fonte do rumor sobre ela? Não seria justo ficar com raiva dele – ele era o único que podia estar com raiva e com sede de vingança.

—Milady, você gostaria de conhecer os outros? — A Sra. Hutton afastou Vi dos seus pensamentos sombrios.

Uma parte dela achava que não poderia lidar ficando cara a cara com mais devastação. Mas respondeu, —É claro. Quero conhecer todos. — Sabia que estava se punindo por seus pecados do passado, e continuaria se punindo até o dia que fosse para o túmulo.

Ruby se levantou. —Foi um prazer conhecê-lo, Samuel. Ficaria honrada se você me acompanhasse para tomar sorvete qualquer dia desses.

—Você não está tentando deixar a Abby com inveja, está? — ele perguntou.

—Eu espero que esteja.

Vi desejava ter o coração puro da amiga.

—Se formos tomar sorvete estaremos nos cortejando, certo? — O menino inclinou a cabeça e olhou por entre os cachos castanhos.

—Eu não deixaria um homem me levar ao Gunther’s se ele não estivesse me cortejando oficialmente, — Ruby piscou e prosseguiu. —Eu sou uma senhorita decente, afinal das contas.

O sorriso sincero do menino foi tudo o que Vi viu enquanto ela e a Sra. Hutton passaram pelos dois e foram para as entranhas da casa. Mesmo com a

tinta descascando em alguns lugares, as paredes estavam limpas. Vi apenas podia esperar que as crianças fossem tão bem cuidadas quanto a propriedade.

—Viemos pra cá há três anos. — A mulher disse com orgulho. —A gente tem dez quartos agora e uma boa cozinha, até mesmo um jardim nos fundos.

Com base no que viu do lado de fora, Vi tinha temido que o interior fosse tão decrépito quanto o exterior, mas o temor foi por nada. —Conte-me sobre a última casa, — Vi pediu com a intenção de manter a mulher falando para ter tempo de olhar para as coisas.

—Oh, estávamos em um lugar pavoroso, milady. Colocávamos sete, oito crianças no mesmo quarto. — Ela fez um muxoxo novamente. —Não havia forma de criar as crianças, até mesmo as tão danificadas quanto essas.

Quanto tempo levaria para que a Sra. Hutton e as crianças fossem forçadas a mudar para uma casa menor – ou pior, para as ruas? —Quantas compartilham os quartos agora?

—Não mais que quatro. Agora temos uma sala de aula e um bom refeitório. O quarto de brincar é por aqui. — Ela abiu uma porta que dava para uma sala de estar escassamente mobiliada. O sofá e as cadeiras não combinavam, mas estavam limpos. O tapete cobrindo o chão de madeira estava gasto e as cortinas tinham mais buracos que o queijo que Vi costumava encomendar da queijeira perto de Foldger’s Hall. —Sente-se, vou providenciar o chá. A cozinheira só vem para preparar o jantar. — Ela pareceu contrita, como se envergonhada por não poder oferecer a Vi um chá com açúcar, creme e sanduíches.

—Adoraria uma xícara de chá puro. Gosto muito do sabor natural das folhas, — Vi disse para diminuir o desconforto da mulher.

—Volto logo. — Ela foi para o quarto e fechou a porta até que apenas uma fresta de luz entrasse pela abertura.

Isso deu a Viola alguns minutos para olhar em volta. De repente, um pensamento surgiu. A mobília da sala de estar da casa do pai ficaria muito bem na sala. Sim, poderia fazer uma última coisa pela Sra. Hutton e as crianças – e quando o dinheiro acabasse, eles poderiam vender as peças para pagar o aluguel. Vi ficava doente a cada vez que entrava naquela sala, mas aqui... Aqui, iria iluminar a atmosfera e transformar o lugar em um lar – seja por quanto tempo for.

—Seu vestido é muito bonito, senhorita.

Vi virou-se lentamente para a porta, não querendo assustar quem quer que tenha falado. Um par de olhos castanhos espiava pela abertura da porta, uma

mecha de cabelo louro passava pela abertura. —Obrigada. Você gostaria de entrar e sentar?

—A Sra. Hutton diz que a sala é somente para convidados. Não para nós crianças – mas nós nunca temos convidados.

A voz da menina era culta, como se tivesse nascido em uma família de posses.

—Tenho certeza de que a Sra. Hutton não se importará se você me distrair enquanto ela prepara o chá.

—Você tem certeza? — A dúvida na voz da menina não demonstrava medo ou ansiedade por ser descoberta na sala de estar, apenas curiosidade.

—Absoluta. Por favor, junte-se a mim e poderemos conversar.

A porta foi aberta com hesitação e a menina entrou na sala. Viola ficou sem fôlego ao olhar para aquela aparência angelical: os compridos cabelos louros com admiráveis olhos castanhos, quase esverdeados e a pele muito clara.

Vi bateu no lugar ao lado dela no sofá. —Você pode se sentar aqui.

Ela sorriu enquanto virava o rosto para Vi. Quando ela fez isso, Vi firmou a respiração e se forçou a permanecer impassível com o que via.

O lado esquerdo do rosto da garota estava completamente destruído, o olho fechado.

—Qual é o seu nome? — Vi perguntou, agradecida por notar que a sua voz permanecia calma.

—Meu nome era Lady Cynthia, mas todo mundo aqui me chama de Abby. — Ela se sentou ao lado de Vi e arrumou as saias, cruzando os tornozelos como uma dama da *ton* faria.

—A Abby do Samuel?

A menina corou. —Eu certamente não sou a Abby *do Samuel*. Ele disse isso? Eu deveria puxar as orelhas dele. Ele sequer perguntou ao meu pai se poderia me cortejar.

Vi queria rir, puxar a menina feriada para si e abraçá-la com força. Prometer o mundo a ela, mas nada disso seria apropriado. Era importante – ao menos para Vi – que a menina não pensasse que estava sendo julgada por causa do seu ferimento. —Minhas desculpas, Abby. Isso é algo que Samuel deveria corrigir se ele deseja prosseguir com o relacionamento. Quantos anos você tem?

—Onze. Meu aniversário é na próxima semana, e então eu terei doze anos.

—Quase uma verdadeira dama da *ton*. Há quanto tempo você mora com a Sra. Hutton?

A menina se mexeu desconfortavelmente. —Há quase quatro anos. Fará quatro anos no meu aniversário.

Abby tinha vindo viver aqui no dia do seu aniversário.

—A Sra. Hutton vai fazer um bolo – só para mim. — A animação na voz da menina foi difícil de não ser notada. —Você virá para a minha festa?

—Eu adoraria.

—Não temos dinheiro para enviar convites elegantes...

—Está tudo bem. Você se importa se eu trouxer alguém comigo?

—Um amigo? — Abby deu uma risadinha.

—Não, minha mais querida amiga, Ruby. — Por que Brock passou por sua mente? —Ela está aqui comigo hoje.

—Só se ela trouxer um presente.

Viola riu, uma risada profunda. Foi bom, algo que não sabia que precisava. —É claro que traremos presentes. Não viria a uma festa de aniversário sem presentes.

—Ano passado, a Sra. Hutton me deu o mais bonito laço roxo para eu usar no cabelo.

—Roxo é a minha cor favorita também. — Vi instintivamente ergueu a mão e passou no cabelo da menina, puxando-o para trás da orelha boa. —O que gostaria de ganhar este ano?

—Gostaria de viver com a minha família novamente. — O pedido foi dito de forma tão simples.

Pela terceira vez naquela manhã, Vi quis se jogar no chão e chorar. A *ton* não apenas a desprezou, eles também a tinham protegido da injustiça do mundo real.

Naquele momento, elas ouviram passos. Abby se levantou do sofá. —Eu tenho que ir. Tenho tarefas a cumprir lá embaixo.

—Foi um prazer conhecê-la.

—Diga que virá à minha festa. — O olho bom da menina implorava para que Vi dissesse sim.

—Ficarei muito feliz em vir.

—Não esqueça o meu presente. Eu tenho que ir agora. — Abby passou por baixo dos braços da Sra. Hutton a qual estava carregando uma bandeja de chá. —Bom dia, Sra. Hutton. Estou quase acabando as minhas tarefas. — Ela se apressou pelo corredor sem sequer esperar uma resposta.

—Essa menina será a minha morte, espere e verá. — A Sra. Hutton sacudiu a cabeça, mas os olhos brilhavam. Ela claramente gostava muito de Abby.

Vi percebeu que a Sra. Hutton era tudo o que esperava quando ouviu falar de uma casa que cuidava de crianças feridas por armas de fogo. Ela era cuidadosa e compassiva, assim como Vi imaginava que a sua mãe fosse.

—Ela é uma criança adorável. O que aconteceu com ela? — Era a pergunta que Vi temia fazer, mas precisava saber.

A Sra. Hutton colocou a bandeja na mesa, sentou-se na cadeira em frente à Vi e serviu o chá. —Nossa residente é membro da *ton*. Ela e a babá estavam indo para a casa elegante do papai quando um sujeito tentou roubar uma carruagem, em plena luz do dia! Você pode imaginar? A arma dele disparou e a bala atingiu a pobre Abby bem do lado esquerdo do rosto. — A tristeza preencheu os seus olhos. —O pai dela queria deixá-la morrer – bem ali na rua suja. Mas não a minha irmã, que era a babá. Ela correu com Abby para a velha casa e chamou um médico. Ela gastou o salário de um ano para que a menina fosse tratada. — A mulher não podia olhar nos olhos de Vi.

Ela temia ter desperdiçado dinheiro? Salvando a garota?

—Você fez a coisa certa, Sra. Hutton.

—Não comemos carne por pelo menos dois anos para poder compensar o gasto. Parte de mim desejava ser forte o bastante para deixar a menina com o Lorde. Que tipo de vida ela teria agora? Nenhuma. — Ela parou e olhou para a xícara de chá barata. —Você gostaria de um pouco de açúcar?

—Não, obrigada. — Ela tinha outra pergunta, mas não estava certa de como a mulher reagiria. —Por que você a chama de Abby e não de Lady Cynthia?

—Simples. Quando eles chegam aqui, a maioria foi abandonado. Desprezados pelas famílias. Aqui, eles são livres para escolher quem querem ser. Não são mais crianças de rua – ou membro da *ton*, no caso de Abby. Eles são meus. Houve um dia que me deram a chance de ser quem eu queria ser. Isso é o mínimo que eu posso dar a eles – e alguns dias é o tudo o que eu posso dar.

Oh, como Vi desejava poder ser outra pessoa, qualquer pessoa. Quem seria se pudesse escolher?

A Sra. Hutton prosseguiu. —Ela tinha uma boneca em casa. Uma boneca muito bonita e cara. O nome dela era Abby, e ela teve que deixar a boneca lá. O pai dela não permitiria que ela voltasse para casa.

Vi estava espantada com a habilidade da mulher de falar da tristeza da situação de Abby sem verter uma única lágrima, já ela se rasgava por dentro ao ficar a par da maldade do pai da menina.

—Não fique tão triste pela menina. Eu tenho muitos outros com histórias muito piores. Abby é uma das sortudas – ela teve uma vida boa.

—Mas isso não justifica ainda mais a dor, sabendo o que ela perdeu?

—Não podemos ver as coisas assim, — A Sra. Hutton disse pensativamente. —Prefiro pensar que ela sabe quem pode ser.

—Mas como?

—Lady Viola—

—Por favor, me chame de Vi, — ela interrompeu.

—Certo, Vi, — A Sra. Hutton disse desconfortável, —Abby é educada, muito mais que a grande parte das crianças. Ela terá opções. Espero que algum dia ela vá assumir uma casa.

Naquele momento Vi resolveu que não iria – não poderia – despedaçar os sonhos da mulher e o futuro da criança em questão. Vi precisava encontrar outra forma de cuidas dessas crianças... mesmo se tivesse que vender tudo o que possuía. Mas mesmo assim, sabia que o dinheiro não seria o bastante.

—Por que você está aqui? — A Sra. Hutton mudou de assunto, e Vi ficou grata. —Veio conferir se não estamos desperdiçando o seu dinheiro?

Vi não tinha vindo por aquela razão, embora estivesse curiosa. Teria sido mais fácil enviar um criado com o dinheiro. —Não, não foi por isso. Aconteceu de eu estar na cidade e quis passar para deixar a minha doação pessoalmente. — Não adicionou que esta provavelmente seria a última.

—Estava começando a me preocupar com você. Já faz muito tempo desde que mandou alguma coisa. Temi que tivesse encontrado outro lugar para o seu dinheiro.

Muito tempo desde que mandou dinheiro? Mas Connor tinha vindo à cidade há menos de quinze dias. Ele disse que tinha deixado o envelope. Teria que haver alguma explicação, tinha certeza.

—Peço desculpas por preocupá-la. — Vi abriu a pequena bolsa que estava presa em seu pulso e puxou um envelope. —Isso deve acertar as coisas.

Os olhos da mulher ficaram arregalados e a mão trêmula enquanto pegava o envelope vultoso. —Milady, isso é muito.

—Não, está certo e parece que vim na hora certa. Por favor, faça um bolo extra-especial para o aniversário de Abby. Algo que impressionaria o pai

dela.

A Sra. Hutton ergueu o olhar. Um novo pesar preencheu os seus olhos.

—Eu disse algo errado? — Vi falou sem pensar.

—Por que você quer impressionar o pai dela?

Vi abaixou a xícara, incerta de como responder. —É só que quando eu perguntei a ela o que queria para o seu dia especial, Abby disse que gostaria de voltar a viver com a família.

—Ela ainda deseja isso? Pobre criança.

—Está tudo bem com a família dela?

—Oh, tenho certeza de que está tudo bem, mas não teria como saber. Veja bem, eu não vi rastro deles desde que Abby veio viver aqui.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



BROCK ENTROU O salão de baile dos Darlingiver quando um *reel* começou a ser tocado. Ele e Harold tinham deixado seus casacos na porta bem depois de os anfitriões terem encerrado os cumprimentos; tinham chegado tarde para o jantar. Agora, as pessoas se moviam pela pista de dança da mesma forma que tinha visto incontáveis vezes nas soirées desde que voltou ao convívio da sociedade educada.

Tinha planejado ir ao White's aquela noite para uma partida de cartas, mas mudaram os planos quando o convite chegou com uma nota pessoal de Lorde Darlingiver, pedindo a sua presença na festa.

—Você tem certeza que não está familiarizado com o Duque? — Harold se aproximou para perguntar por sobre o barulho da música.

—Certamente. Tudo o que sei sobre o homem é que a mãe dele tem uma ligação com Lorde Liperton. Daí termos aceitado esse convite tão em cima da hora. — Brock localizou as gêmeas Unker nas bordas da pista de dança, cada uma se balançando ao som da música. —Por que não vamos para a sala de cartas?

Harold foi atrás de Brock, a bengala batendo no chão enquanto caminhava.

—Você o viu?

—Não faço ideia de como ele é, então não, eu não o vi. — O homem tinha pedido uma resposta ao seu convite e eles tinham respondido; Lorde Darlingiver estaria esperando-os. Mas Brock não estava certo de por que ele tinha permitido que eles entrassem em sua casa.

—Pegarei bebidas para nós e te encontrarei na sala de jogos. — Harold não esperou que Brock o avisasse sobre as consequências de ele voltar com xerez.

Brock adentrou a sala, indo em direção ao cheiro de cigarro e aos homens. O fato de que sabia sobre a ligação de Lady Viola com a família de Darlingiver o tinha feito aceitar o convite. Depois do vislumbre que teve dela dois dias atrás, não a tinha visto novamente. Ele e Harold foram a um baile, a

um musical e à opera desde então, mas ela não esteva em nenhum desses encontros, seu ânimo diminuía quando cada noite chegava ao fim.

O tempo estava passando. Brock tinha negligenciado a sua propriedade devido à sua sede de vingança, e não podia ficar muito mais tempo nisso.

A multidão na sala se movia com a música, até mesmo aqueles que não estavam dançando. Chapéus extravagantes e vestidos coloridos giravam, muito parecido com qualquer outro baile que tinha ido. Toda noite era igual, embora esperava que hoje fosse diferente.

Quando chegou às portas duplas que levavam a sala de jogos, vários homens estavam saindo. —O que está havendo? — ele perguntou para um cavalheiro que passava, o qual tinha reconhecido do White's.

—Ela está aqui.

—Ela?

—Como seu eu precisasse dizer a você, de todas as pessoas, quem *ela* é, — o homem bufou e passou por Brock indo para o salão de baile que de repente tinha ficado em silêncio.

Brock se virou para olhar a sala atrás dele. Para onde quer que olhasse, as pessoas estavam olhando para porta pela qual ele tinha entrado há apenas uns instantes. Vasculhando as cabeças das mulheres e as carecas e perucas dos homens, seu olhar foi para algumas figuras reunidas no topo das escadas que levavam ao salão.

Ela estava de costas para ele enquanto um lacaio retirava o seu casaco. Brock estava incerto sobre o que fez a mulher ser o centro das atenções – até que ela se virou para a multidão que estava em um silêncio aturdido.

A luz das velhas iluminava o roxo iridescente do vestido de baile, com corte baixo nos ombros e que mal escondia os seios. O corpete apertado evidenciava a cintura fina. O cabelo castanho tinha sido preso em um coque no alto da cabeça, muito pouco parecido com o penteado severo que usava para trabalhar com os potros. Nenhum chapéu ridículo escondia aquela magnificência da vista.

Brock tirou os olhos dela e percebeu que não era o único afetado por sua presença. Cada homem e mulher estavam ali com as bocas abertas de admiração. Os pares se separaram. Os criados congelaram no lugar, as borbulhas nos copos de vinho subiam lentamente para o topo.

E o pequeno grupo não parecia ter notado nada disso.

Uma parte dele queria gritar, reclamar da adoração que a multidão dava a ela. Outra parte queria mais tempo para observá-la em toda a sua glória, antes

que a sua insaciável necessidade de vingança assumisse.

Sua anfitriã, Lady Darlingiver e um homem mais novo – o anfitrião, Brock presumiu – encontrou o grupo assim que terminaram de tirar os casacos. Mesuras e cumprimentos foram trocados, seguidos por abraços.

Finalmente, o grupo se virou para a multidão. Lady Viola sorriu.

Não o sorriso de uma mulher confiante da *ton*, ou até mesmo um sorriso tímido de uma debutante recém-apresentada. O sorriso era um de absoluto terror. Era algo pouco natural.

Como ele sabia disso? Porque já tinha visto seus sorrisos antes. Se olhasse de perto, veria as mãos tremendo enquanto ela erguia as saias para descer as escadas que levavam ao salão de baile.

E então, tudo voltou ao normal. A música preencheu as suas orelhas mais uma vez e os membros da *ton* voltaram à sua conversa incessante. Era como se nada tivesse acontecido.

Brock balançou a cabeça para tirar a imagem de Lady Viola da sua mente.

Como se fosse algo premeditado, a multidão se separou e um caminho foi aberto para ele. Um caminho que levava diretamente a ela.

Parecia que a hora tinha chegado, embora não tenha antecipado passar nela a descompostura da sua vida em um salão de baile lotado. Possivelmente em uma varanda vazia, mas ali?

Infelizmente, não tinha mais tempo para ponderar as suas opções.

A cabeça dela se levantou e seus olhos se encontraram, os olhos cor de safira e os castanhos. O que via refletido neles era bem parecido com o que tinha em seu próprio interior: raiva pura e simples.

Do que ela poderia estar com tanta raiva? Brock e sua família tinham sido a parte injuriada, não ela. Enquanto o pai dele sofria, ela tinha ido para o campo atrás de um novo passatempo, embora soubesse que ela não tinha deixado os velhos hábitos para trás. Ele tinha visto a carta de amor na mesa. Ela teria vindo para Londres na esperança de reatar aquele romance?

Poderia permitir que ela arruinasse a vida de outra família? Cada fibra do seu ser gritava que não. Ele não podia permitir isto. Mas como poderia impedir? Não obteve sucesso na sua tentativa de localizar D & C Foals, e temia que também fosse falhar nisto.

Lady Viola abaixou as mãos e ergueu as muitas camadas de saias, suas sapatilhas agora a conduziam através da recém evacuada pista de dança, indo em sua direção.

O propósito dela acendeu algo dentro dele e Brock foi em direção a ela, seus passos ecoavam na sala novamente silenciosa. Foi por isto que tinha sido convidado esta noite? Teriam eles sido forçados a este encontro? Não se importava; tudo o que importava era colocar essazinha no lugar. Ela tinha destruído muitas vidas e era sua responsabilidade – não, seu dever – se certificar de que ela também sofresse.

Olhou por sobre o ombro dela enquanto eles se aproximavam. A Srta. Ruby vinha hesitante logo atrás dela, e o pai, Lorde Liperton, estava atordoado e fora de combate.

O destino tinha sido traçado. Brock se preparou para a batalha como tinha feito todos aqueles anos servindo ao Rei, os ombros para trás, o queixo levemente elevado, os passos longos e seguros.

Tarde demais, ele viu sua própria determinação espelhada nos passos dela. Não pôde deixar de imaginar se isso seria uma luta até a morte. Ao menos um deles deixaria este baile sendo o vitorioso, ao contrário do duelo que tirou a vida dos dois irmãos – e, por fim, a do pai.

O progresso dela pelo salão parecia levar dias, até mesmo anos.

Ele parou. Deixe que ela venha até ele. Não queria ser conhecido como o cavalheiro que acossou uma dama da *ton* no meio de um salão de baile.

Colocando as mãos nos quadris e ajeitando a postura, Brock olhou em volta. Assim como suspeitava, todos os olhos estavam no encontro que estava prestes a acontecer – incluindo os do jovem que estava ao lado de Lady Darlingiver. Um sorriso inclinou o canto da boca do idiota, e Brock não teve dúvidas de que este encontro tinha sido orquestrado. Uma parte dele queria evitar fazer o que o homem queria, mas naquele instante, Lady Viola parou na frente dele.

Assim como os seus passos combinavam com os dele, aconteceu o mesmo com a postura, os pés separados e as mãos nos quadris.

—Lorde Haversham. Que bondade a sua ter vindo a um baile dado em minha honra.

Em honra dela? Agora sim ela tinha toda a sua atenção. —Você acha que eu iria a qualquer baile dado em sua honra?

—Sua presença aqui não é confirmação o bastante? — ela atirou de volta.

—Então, vamos fazer isso? No meio de um salão lotado?

Ela se atreveu a rir um som frio enquanto abria os braços. —Eu sei que este não é o seu estilo preferido. Você é do tipo que se esgueira por aí e

espalha fofocas sobre os outros. Ficar a vista deste jeito deve ser desconfortável para você.

—Você se atreve a me confrontar sobre 'ficar a vista'? Eu nunca escondi quem eu sou, ou as minhas motivações.

Uma mão segurou o seu cotovelo e deu um leve puxão. —Brock, eu acho —

—Harold, se você não quer ter o nariz quebrado, dê um passo atrás e me solte, — Brock disse, nunca tirando os olhos da mulher que estava na frente dele.

—Eu não achava que você fosse um homem violento, Lorde Haversham. — A voz de Lady Viola pingava veneno.

—O Sr.. Jakeston está certo. Acredito que nós—

—Ruby, vá ficar com o meu pai, ou provavelmente Lorde Haversham irá te ameaçar também.

—Você não pode acreditar que Brock iria— Harold começou a falar.

—Oh, com certeza eu acredito, Sr. Jakeston, — ela disse, sem tirar os olhos de Brock.

—Posso lhe oferecer um xerez, senhorita St. Augustin? — Harold perguntou nervosamente.

—Penso que uma bebida fria cairá muito bem, — Brock ouviu a amiga de Lady Viola responder, e o peso deixou o seu braço. Ele girou os ombros, tentando aliviar a tensão que crescia ali.

—Posso dizer que você está arrebatadora esta noite, minha lady? — Ele tentou mudar o tom. Enquanto cada fibra do seu ser ansiava por este confronto, mesmo que este momento tivesse demorado a chegar, não queria lavar a roupa suja da família num lugar tão público. —Suspeito que você tivesse aparência similarmente, — ele a olhou da cabeça aos pés antes de continuar, —escandalosa quando manipulou os meus irmãos.

—E eu tenho certeza que enquanto eu estava seduzindo os seus irmãos para a morte certa, você estava no continente correndo atrás de mulheres.

A resposta dela o pegou de surpresa; mal podia acreditar em seus ouvidos. Ela admitiu a responsabilidade nas mortes de Cody e Winston – mais que isso, ela praticamente tinha jogado na sua cara. A mulher era tão má quanto presumia. —Não faça pouco do meu serviço pelo meu país – pelo nosso país.

—Eu não ousaria menosprezar o homem que sabotou o meu negócio para apaziguar a própria culpa por não ter feito parte da vida dos irmãos.

—Não tente se fazer de desentendida sobre a nossa situação. Foi você quem arruinou a minha vida. Você tirou a minha família de mim por causa dos seus jogos mesquinhos e egoístas. Você admitiu há apenas alguns minutos!

—Basta! — Lorde Liperton gritou.

Brock piscou, tirando os olhos do seu alvo. O pai de Lady Viola estava ao lado dela com o rosto vermelho de raiva.

—Isso é o bastante! Viola, estamos partindo... agora.

A tensão se quebrou, eles olharam em volta, vendo pela primeira vez a cena que estavam causando.

Os olhos olhando para Brock estavam satisfeitos, embora não estava certo se esses olhares eram para ele ou para a mulher asquerosa que estava de frente para ele. Virou para a esquerda quando uma gargalhada preencheu o salão. Seu primo, Rodney, estava inclinado na porta da sala de jogos. Pelo tamanho do seu sorriso, ele estava gostando muito das atividades desta noite.

Quando Brock voltou a olhar para o seu alvo, tudo o que viu foi ela se afastando, arrastada pelo pai, indo em direção a um lacaio que segurava seus casacos.

Olhou novamente em volta. Os membros da *ton* continuavam a olhar para ele com desdém. Sim, os sentimentos de desprezo estavam sendo dirigidos a ele.

Maldição! Ele estragou tudo, regiamente.



—O que demônios você estava pensando?

—Eu não sei, — Vi respondeu ao pai. A verdade era que tinha estado pensando em tantas coisas quando ficou cara a cara com Brock: a sua manhã, que tinha se tornado uma tarde, no orfanato; a perda de Foldger’s Foals; e, por fim, a perda de si.

Antes que a carruagem partisse, as duas mulheres St. Augustin entraram. Ruby sentou-se ao lado de Vi, e a mãe perto de Lorde Liperton. Vi tinha ficado tão tomada pela presença de Lorde Haversham que não notou a mãe de Ruby no salão lotado – não que tivesse visto qualquer coisa depois que seus olhos cruzaram com os de Brock.

—Isso foi realmente desnecessário, Vi — Ruby a repreendeu.

As palavras de despedida de Lady Darlingiver passaram por sua cabeça naquele momento. *Eu sabia que isto seria um erro! Meu lorde, abri mão de*

muitas coisas pela sua filha... mas isto? Em seu primeiro compromisso social? O uso do título disse a Vi que a mulher que o pai parecia amar já estava se distanciando da família dela – pela segunda vez.

Doía, mas não tanto quanto isso machucava o pai, estava certa. Quem ele escolheria desta vez? Quantas vezes mais Vi faria que ele escolhesse a filha acima de tudo?

Ele se mexeu no assento. —Não pense que a sua atitude intratável e o seu silêncio farão com que isso passe, Viola. — O pai avisou.

Ela sabia que isso não ia passar – não poderia passar. O pensamento de repetir as ações de oito anos atrás causava repulsa. Não tinha intenção de fugir novamente ou deixar que a *ton* a desprezasse pela segunda vez.

Um braço foi passado pelos seus ombros e envolveu a forma tremente de Vi. Não tinha percebido que estava chorando, seu corpo sacudia com os soluços silenciosos. Tinha conseguido cumprir a missão que veio executar em Londres. Embora o confronto tivesse se passado na hora e no lugar mais inesperados, estava feito. As palavras dolorosas que se derramaram de sua boca também foram inesperadas.

Ele saberia que suas palavras não eram verdadeiras? Sabia que não poderia deixar a cidade sem que ele soubesse que não tinha – até mesmo na ingenuidade da sua juventude – planejado a morte de seus dois irmãos. Era verdade que não se importava com nenhum deles; não sentia nada por nenhum dos gêmeos. Mas, a mera imagem do irmão mais velho deles fazia o seu corpo zunir com... não sabia com o quê.

—Deixaremos a cidade imediatamente. Ruby, você está livre para ficar com a sua mãe até o fim da temporada, se você quiser, — o pai prosseguiu.

—Pai, eu não— Sua cabeça se levantou para encontrar o olhar dele.

—Eu não quero ouvir sequer uma palavra vinda de você.

Ruby se encolheu ao lado da amiga por causa das palavras enraivecidas do pai de Vi. —Se não se importa, meu lorde, eu prefiro voltar com Vi para o campo.

Viola quase irrompeu em lágrimas novamente por causa da lealdade da amiga – e depois de ela ter arruinado qualquer chance de Ruby ser um sucesso em Londres.

—Isso não é neces—

—Concordo com o seu pai, Vi, — Ruby disse. —Não quero ouvir uma palavra vinda de você. Eu vou e não há nada que você possa fazer sobre isso.

—Sim, talvez vocês tenham sido feitas para a vida no campo, — a Sra. St. Augustin murmurou.

Vi não se incomodou em seguir a conversa daquele ponto em diante. Os três discutiam sobre o seu futuro, suas opções, sem se incomodarem em perguntar o que ela queria. Mas na verdade, eles não eram capazes de lhe dar o que desejava. *Ela* deveria ser capaz de dizer o que queria. Só esperava recuperar o amor do pai e a confiança da amiga – sabia que não merecia nada além disso.

—Você não voltou à Londres para encontrar um marido, não é?

Aquelas palavras, proferidas a partir da forma derrotada do pai, solidificaram o seu conhecimento sobre o fato de que estava prestes a embarcar em uma viagem longa e penosa.

CAPÍTULO VINTE E SETE



AINDA NÃO TINHA amanhecido quando a carruagem subiu a última elevação antes de chegar a Foldger's Hall. Como Viola ansiava dizer ao condutor para prosseguir, passar a propriedade do pai e ir para Foldger's Foals – seu refúgio. O lugar tinha nascido de uma menina mesquinha e ingênua, cujo único sonho tinha sido manter os padrões de uma sociedade que tinha prazer em desprezar os seus, a mulher tinha aprendido a sustentar não apenas a si, mas aos outros que tinham sobrevivido a coisas muito piores.

Não seria um refúgio por muito tempo, sabia disso; só voltaram para vender o resto da propriedade. Em breve voltaria à Londres, seu pai tinha explicado enquanto saíam tarde da noite, Vi teria que fazer as pazes – com Lady Darlingiver, Lorde Haversham e a sociedade como um todo.

Ela suspirou.

Mesmo sabendo que devia a Lady Darlingiver um pedido de desculpas por ter arruinado a festa dela, não entendia por que tinha que fazer as pazes com Brock ou com as insofríveis pessoas que faziam parte da classe mais importante de Londres. Eles tinham se desculpado com a menina que tinham ridicularizado incansavelmente todos esses anos por causa dos erros que cometeu em sua juventude? Erros que foram causados por causa do direito incutido nela desde o nascimento? De acordo com as suas estimativas, eles que deviam a ela, e a cada debutante, uma desculpa. A expiação seria pelas pressões sob as quais colocava as meninas, elas deveriam se vestir de um jeito, agir de determinada forma, mostrar deferência por seus superiores, mas principalmente por roubaram a sua juventude – um tempo que seria mais bem aproveitado educando-se em línguas, nas artes da poesia e na plenitude do trabalho duro, não na busca de se casar acima da sua posição sem o benefício do amor ou do respeito.

Agora, de onde aquilo tinha vindo?

Vi sabia que nunca conheceria o que era ser amada por um homem, exceto por seu pai. E respeito... de acordo com a sua experiência, os homens

quase nunca respeitavam as mulheres. Não importa se fosse a esposa, mãe ou uma conhecida, não fazia diferença.

Ruby se inclinou contra ela, tinha caído no sono no segundo que saíram da casa da cidade. Vi invejava a postura relaxada da amiga. Várias vezes na viagem de quatro horas tentou se entregar ao sono, mas não conseguiu este conforto. Com nada mais a fazer, olhou para a noite enquanto passavam, escutando o leve ronco do pai enquanto pensava em seus erros, tentando se reconciliar com o seu futuro.

Ocasionalmente, Ruby suspirava e Vi imaginava com o que ela estaria sonhando. Parte dela estava feliz por não estar dormindo, porque estava certa de que teria pesadelos. Sim, enquanto estava acordada podia controlar seus pensamentos, mas dormindo seria incapaz de fazer a sua mente para de imaginar assuntos que era melhor deixar em paz.

—Pai, — ela disse baixinho enquanto eles paravam, não querendo assustá-lo. Quando suas pálpebras se abriram, Vi prosseguiu. —Chegamos.

As próximas horas se passaram em um estupor enquanto Vi inventariava todos os pertences de Foldger's Foals e também os da propriedade do pai. Ela não sabia que a intenção dele era se desfazer de todas as suas posses terrenas. Ele via isso como uma forma de punição por suas ações e comportamento na noite anterior? Ele tinha que notar que ela vinha se punindo incansavelmente pelos últimos oito anos. Desfazer-se dos seus pertences não iria afetá-la em nada.

Sua sala de estar estava vazia e o seu quarto também, exceto por sua cama e pelo guarda-roupa. Se esperava voltar para a propriedade do pai em um futuro próximo, aquela esperança tinha sido desfeita enquanto cada item era empacotado, desde os seus vestidos aos laços de cabelo quase esquecidos desde a sua juventude.

Vi tinha instruído que a carruagem fosse preenchida, e sabia que já estava indo em direção à Sra. Hutton e as crianças. Suas crianças. Um bilhete enfiado em uma velha caixa de vestidos instruía a Sra. Hutton a cortar seus vestidos de trabalho para fazer roupas duráveis para as crianças. Vestidos simples para as meninas e calças para os meninos.

Agora, Vi estava se preparando para se encontrar com o homem que queria comprar os excedentes do rancho quando percebeu que ainda estava usando o vestido roxo – o vestido que tinha pensado que daria início a uma vida nova, apagando os pecados do seu passado. Este não tinha sido o caso, e por um momento temeu não ter mudado ou crescido tanto quanto tinha

pensado. Verdade, tinha sido bem-sucedida em enganar cada pessoa que conhecia – exceto, talvez, Lady Darlingiver.

Não importa o quanto tenha decepcionado o pai, Vi tinha desapontado ainda mais a si mesma.

Ela voltou para o cômodo esparsamente mobiliado e colocou algo mais adequado, um vestido de algodão resistente, desceu as escadas e saiu pela porta da frente. Não havia mais necessidade de Connor agir como o seu contato, já que a associação de Vi era conhecida por todos. Temia encontrar com ele antes de partir para Londres; ele era um homem inteligente, e sem dúvida sabia que o seu emprego em Foldger's Foals não iria durar quando a propriedade não mais pertencesse à família Oberbrook.

Foi até o portão e seu escritório apareceu. Encontrou-se sem pressa de seguir caminho – possivelmente pela última vez – indo ao lugar que tinha sido seu consolo por tanto tempo. De onde tiraria contentamento agora? Anos atrás não tinha sido madura o bastante, preocupada o bastante, para sentir o desconforto que sentia nesse momento.

A grama, molhada por causa do orvalho da manhã, agarrava-se às suas sapatilhas assim como tinha feito naquela manhã, anos atrás. O cheio do carvalho e das bétulas; a visão dos homens reunidos em grupos pequenos... o som das pistolas. Os tiros que tinham ecoado alto quando os homens caíram no chão. Por que não tinha reparado no som de arrebentar os tímpanos?

—Lady Viola? — uma voz vagamente familiar chamou.

Ela afastou o olhar dos pés e olhou para o homem que tinha dito o seu nome.

—Hamp – Lorde Darlingiver? Que agradável surpresa. Você não estava em Londres na noite passada? — Ele estava lá, ela tinha certeza disso.

—Sim. Eu fui até a minha propriedade hoje cedo, ela fica a apenas uma hora de distância daqui. — Ele sorriu. —Eu tinha um horário agendado contigo hoje... — Ele olhou para o sol, como se julgando a hora antes de prosseguir. —Bem agora, na verdade.

—Temo que não saiba do que você está falando. — A única reunião que sabia que tinha era com o homem que queria comprar os equipamentos usados. —Foldger's Foals está fora dos negócios. Estou certa de que a sua mãe lhe informou o acontecido. — Ele provavelmente foi um dos primeiros a saber, ou devia ter sido. A imagem de rostos sem forma rindo às suas custas nublou a sua visão.

O sorriso dele sumiu. —Sim, eu estava ciente. Sou eu quem você veio encontrar.

—Oh. — Não pôde pensar em uma resposta melhor e não estava certa se teria força para pensar em uma que valesse o seu tempo.

Continuou a ir para o celeiro em companhia de Lorde Darlingiver. Os passos dele diminuíram para acompanhar os dela, as mãos dele estavam presas atrás das costas. Ela o olhou pelo canto do olho. Ele não tinha mudado muito desde a última vez que o tinha visto, ele ainda se vestia na última moda, ou o que ele presumia ser a moda. Ele tinha boa aparência, refinada com um quê de arrogância.

Uma coisa que estava diferente era a confiança dele. Ele não andava mais com passos leves, mas com os passos seguros de um homem confortável com o seu lugar no mundo.

—Por que você precisa dos meus equipamentos? — ela se aventurou.

Eles entraram no celeiro antes de ela responder. —Eu tenho o meu próprio rancho não muito longe daqui. Um estábulo nunca tem muitas bridas e ganchos – ao menos é o que meu mestre dos estábulos diz. — Ele riu, mas Vi não se encontrou com vontade de se juntar a brincadeira.

Queria perguntar por que ele não mandou o seu mestre dos estábulos para negociar e pegar os acessórios? Infelizmente, isso levaria à pergunta de por que ela estava cuidando dos próprios negócios. Eles entraram no estábulo, indo em direção à selaria localizada a meio caminho do corredor das baias. Enquanto se aproximavam, ela ouviu o som de metal.

Quem estaria na selaria? Todos os empregados ou tinham ido embora ou tinham ido para os estábulos do pai em Londres. Ela não parou ou hesitou enquanto entrava no local.

—Connor? O que ele estaria fazendo ali? A presença dele reforçava a necessidade de que ela pusesse um fim nas coisas e dizer a ele que era hora de seguir em frente.

A cabeça dele se levantou enquanto ela virava em sua direção. —Lady Viola. Pensei em empacotar o que restava aqui.

Ele sempre tentou fazer as coisas mais fáceis para ela, e ela sentia um pouco de gratidão pelo homem que esteve ao seu lado todos esses anos. — Obrigada. Gostaria de lhe apresentar... — Vi olhou para o lado, esperando que Hampton estivesse ali. O lugar estava vazio. —Lorde Darlingiver? — Ela enfiou a cabeça pela porta, olhando pelo corredor dos estábulos. O homem tinha desaparecido.

—Você disse Lorde Darlingiver? — Connor ficou tenso enquanto fazia a pergunta.

—Sim. Ele me encontrou para dar uma olhada no restante dos itens à venda. Você o conhece?

Connor voltou à sua tarefa, e o golpe das bridas quase engoliu a sua resposta.

—Não. Quer dizer, sim... Ele tem uma propriedade não muito longe daqui, não é?

Vi não deveria estar surpresa: Connor tinha estado ao cargo de conseguir novos clientes por muitos anos. Ele era um bom homem de negócios. —É isso mesmo. — Por que este nome em particular o deixava desconfortável?

—Bem, eu devo— As bridas que estavam presas aos ganchos se soltaram aos pés dele.

Ele estava com pressa de partir. Mas Vi imaginava o motivo.

Ele se endireitou e olhou para ela, como se pressentindo o que estava por vir.

—Você sempre se entregou ao meu negócio e—

—Vi! Você está aqui? — A voz de Ruby viajou pelo estábulo vazio, ecoando pelas paredes. —Não pense que eu vou vagar por este estábulo escuro a sua procura. Apareça.

Vi riu, feliz pela interrupção. —Connor, podemos nos falar mais tarde?

—É claro, minha lady. — Ele fez uma mesura.

—Estou indo, — Viola gritou para Ruby. —Irei vê-lo antes de partir.

—Bom dia. — Ele também parecia querer adiar o inevitável.

—Bom dia, Connor.

Ela se virou, saiu da sala correndo e seguiu pelo longo corredor de baias, olhando em cada uma enquanto passava na esperança de encontrar Hampton. Ela parou em seco antes de sair dos estábulos e olhou para trás. As memórias dos últimos oito anos a invadiram: sua primeira vez com um potro... a primeira vez que foi atirada de um cavalo... os muitos piqueniques com Ruby. Como sentiria falta deste lugar – o lugar onde descobriu quem era, e quem queria continuar sendo. Não foi fácil, e a jornada que tinha a frente não seria menos difícil, mas havia algo que precisava fazer, se fosse somente para provar para si que a vida valia a pena. Mesmo que isso significasse ir contra os protocolos sociais.

—Não demore, — Ruby disse.

Assustada, Vi se virou para a amiga com um sorriso. —Você não deveria espiar as pessoas. Poderia ver algo que não deseja.

—Acho difícil.

Viola passou um braço por Ruby e foi em direção à porta. —Vamos?

—Acredito que seria sábio. Seu pai está se preparando para partir, e ele disse que devemos estar na carruagem daqui a uma hora.

Em uma hora? Pensou que eles passariam alguns dias ali antes de voltarem para Londres. —Não podemos discordar dele, não é?

Ruby sacudiu a cabeça. —Eu não sugeriria tal coisa.

Enquanto voltava para a propriedade, Vi lembrou-se de que não tinha sido capaz de demitir Connor, ou dizer para que ele encontrasse outro emprego.

Ela parou de repente antes de entrar na casa grande, e Ruby se deteve ao lado dela. Não tinha perguntado a Connor sobre a última doação, lembrou-se de repente – a que ele disse ter entregado quando foi a Londres se encontrar com Brock. O dinheiro nunca foi entregue à Sra. Hutton. Para onde ele tinha ido?

A mente tinha ficado presa no tumulto da noite passada. Entretanto, ela sabia que teria que desvendar este quebra-cabeça. Vi não queria acreditar na possibilidade que uma pessoa, um amigo em quem confiava sem reservas, pudesse traí-la. Mas estava certa de que a Sra. Hutton não mentiria; ela nunca recebeu o dinheiro que Vi tinha confiado que Connor entregaria. E baseado nas palavras que a mulher disse, essa não foi a única vez que Connor tinha retido os fundos que eram para a Sra. Hutton e as crianças.

Se ele tivesse pegado o dinheiro, em que ele seria diferente de homens como Brock, que a tinham usado como seu saco de pancadas particular? O assalto verbal de ontem a noite ao menos tinha sido dito na sua cara e não pelas costas.

Seria capaz de lidar com a possibilidade que ele tinha estado secretamente trabalhando contra ela? Não era da natureza humana devotar sua vida, seu tempo e toda a sua energia para o sonho de outra pessoa. Imaginava com frequência por que Connor era tão leal a ela e por que tinha desistido do seu lugar entre a sociedade para ajudá-la. De início, pensou que ele gostasse dela, mas enquanto os anos foram passando, eles entraram num relacionamento como se fossem família. Muito mais que patrão e criado. Seria possível que suas motivações não fossem o que ela imaginava? Que ele tinha segredos dos quais não estava ciente?

—Apresse-se, Vi, a criadagem está em polvorosa com os preparos para a partida do seu pai. Não há ninguém para nos ajudar a embalar nossos pertences.

Vi tinha sido forçada a deixar Sarah, sua criada, na cidade por causa da pressa do seu pai na noite anterior. —Você entra e começa a embalar. Preciso voltar aos estábulos e trocar umas palavras com Connor. — Antes que pudesse mudar de ideia ou Ruby poder dar voz à sua objeção, Vi se virou e correu para o portão que separava as propriedades.

Quando estava fora de vista, diminuiu o ritmo e enquadrou os ombros, esperando ganhar um ar de confiança.

O estábulo estava igual há uns momentos atrás: vazio. Sem os cavalariços com os quais tinha se acostumado correndo para lá e para cá, sem os fardos de feno que normalmente ficavam alinhados do lado de fora. Sabia que as baias pareceriam cavernosas sem os potros que amava tanto. Se gritasse, sua voz ecoaria pelas paredes vazias, não havia mais bridas, cordas, ganchos e forcados.

Em branco, desocupadas, vazias, ocas, estéreis. Essas palavras – os sentimentos que invocavam – também representavam a sua vida. Não havia mais nada. Seu rancho não era mais seu. Seu pai se afastava a cada menção do escândalo que tinha causado, tanto o de quando era jovem quanto o da noite anterior. Agora, ela também seria forçada a abandonar a Sra. Hutton e as crianças. Se não pudesse dar dinheiro a eles, teria mais alguma coisa a dar? Temia que não. Ela era inútil, como tantas debutantes insípidas se orgulhavam de ser.

—Connor? — Ela chamou quando entrou nos estábulos silenciosos, não querendo ouvir o eco da sua voz. Quando não houve resposta, ela entrou no local mal iluminado onde o tinha visto pela última vez.

Conforme esperava, estava vazio.

Talvez ele tenha terminado o que estava fazendo e ido para casa. Talvez soubesse que ela tinha falado com a Sra. Hutton e descoberto que ele não tinha entregado a doação.

Era desnecessário ir atrás dele. Quando chegasse à Londres, enviaria uma carta para ele e nunca precisaria saber a verdade. Dizem que o que os olhos não veem o coração não sente. Vi esperava que este fosse o caso.

Enquanto se virava para sair, ouviu vozes exaltadas flutuando em sua direção, vindas dos fundos dos estábulos. Uma pertencia a Connor. Ela a tinha ouvido aumentar de volume muitas vezes enquanto ele chamava por um

cavalariço ou quando conduzia um grupo de potros. Mas a outra voz, ela não reconheceu

—... vir aqui? Ela está acabada, o negócio faliu.

Eles falavam dela?

A porta da traseira estava aberta enquanto se aproximava. Não conseguiu ver ninguém. Com quem Connor poderia estar discutindo? Todos os cavalariços foram dispensados antes que fosse para Londres.

—Quis me certificar de que você estava procedendo de acordo com o planejado.

—Você precisa ir. Se Lady Viola nos vir conversando, ela juntará dois e dois. Apesar do que você pensa, a mulher é muito esperta. — A voz de Connor ficou mais alta.

—Você acha que eu estou preocupado com ela ou com o que ela sabe? — O homem que não podia ser visto riu. —É tarde demais para ela mudar qualquer coisa. Além disso, tenho outras razões para estar aqui.

—O que então? Está precisando de mais dinheiro?

Vi imaginou Connor jogando as mãos para o alto em exasperação.

—Administrar um rancho requer dinheiro, como você bem sabe.

—Eu não tenho mais dinheiro. Assim que a carruagem partir levando Lady Viola, o pai e a senhorita Ruby, eu estarei indo para a sua propriedade. Repassarei as finanças e pensarei em alguma coisa.

Pavor, um completo pavor passou por seu corpo. Ela conhecia aquela voz – pertencia a Lorde Darlingiver. Mas por quê? Eles tinham conspirado contra ela, roubando o dinheiro que seria enviado para crianças com deficiência, apenas para vê-la fracassar? Com que intuito?

Ela deu um passo atrás e bateu no portão parcialmente aberto. Fez as dobradiças guincharem enquanto ele fechava uma polegada.

Vi congelou.

Quando os homens continuaram discutindo ela entrou em uma baia, esperando se esconder nas sombras, fazendo com que as palavras enraivecidas não chegassem a ela. Não tardou muito e seus passos lentos a levaram para a parede do fundo da baia e ela colocou a mão na madeira. A outra mão protegia os olhos. Alguma parte irracional do seu cérebro dizia a ela que se não pudesse vê-los passando pela baia, significaria que nada disso tinha acontecido. Não teria ouvido o que agora estava gravado a fogo em sua memória. Traição. Se seu mundo já não estivesse fora dos eixos... isso apenas serviu para tirá-lo completamente de prumo.

Seu fôlego saiu em uma exalação de náusea e sua cabeça foi descansar na mão que estava apoiada na madeira fria. O pensamento de que alguém estava armando contra ela – não apenas alguém, mas uma das pessoas na qual mais confiava – era inimaginável. Imperdoável.

Um soluço escapou do seu peito, alto para os seus próprios ouvidos. Lágrimas corriam por seu rosto e ela ficou ofegante. Seu peito se afundou como se algo estivesse tentando arrancá-lo e ela desistiu de tentar ficar em pé enquanto escorregava indo em direção ao chão coberto de palha.

À distância os gritos pararam e passos ecoaram não muito distantes de onde estava. Ela se concentrou em determinar se eles pertenciam a um homem ou aos dois, tentando parar a torrente que circulava por sua cabeça.

—Maldição, — Connor gritou.

Um barulho alto soou enquanto algo batia na porta da baia atrás dela.

Felizmente, Connor atravessou os estábulos e saiu pela porta.

CAPÍTULO VINTE E OITO



—IMBECIL! — CONNOR BATEU a caneca de cerveja na mesa de madeira do bar. O líquido quente espirrou molhando a sua mão. —Pelo amor de Deus.

Tinha estado azedo desde que saiu de Foldger's Foals. Em vez de ir para a propriedade de Hampton, como tinha prometido, montou feito um demônio indo para Londres. Além da pequena pousada a qual visitavam em ocasiões para discutir sobre negócios, não havia um lugar que pudesse pagar para ter um pouco de privacidade. Procurou um lugar – e um tempo – para clarear a mente e decidir sobre o seu próximo movimento. Em Londres, seria fácil desaparecer por um dia ou uma semana, isso era certo.

O Caçador e a Raposa foi onde decidiu ficar. Oito cervejas depois, ele ainda tinha que resolver um dos seus problemas. Ele tinha uma mão em pôr fim ao negócio que tinha lhe dado segurança financeira nos últimos sete anos, tinha negociado com uma pessoa péssima, que gastava dinheiro com frequência e não tinha nada para abastecer os cofres, e havia pouca chance que toda Londres não fosse descobrir a verdade quando chegasse o fim da temporada.

Connor estabeleceu seu curso de ação há anos e tivera muitas chances de modificar o caminho, mas tinha apostado muito – no lado errado.

—Posso te servir outro copo, moço? — O atendente perguntou secando uma caneca recém-lavada com uma toalha suja que pendia de seu cinto.

O bolso de Connor estava mais leve desde que tinha entrado no bar. Se fosse permanecer em Londres, precisaria vigiar onde gastaria o resto do seu dinheiro. Ele não investiu apenas o dinheiro que roubou de Vi, mas também as suas próprias economias para manter Hamp. Tinha sido a sua idiotice que o tinha levado a acreditar na palavra do amigo de que ele tinha estado trabalhando, fazendo contatos para a D & C's Fine Foals. Na realidade, Hamp tinha gastado cada tostão para sustentar a sua amante em um apartamento na parte mais elegante da cidade. —Homem odiável!

O atendente parou de esfregar e olhou para Connor. —Olha, eu acabei de perguntar se você precisava de outra bebida.

Connor enfiou a mão no bolso, pegou o dinheiro e o colocou sobre a mesa.

—Minhas desculpas. Estava falando sozinho. — Colocou metade do dinheiro no balcão. —Isso deve ser o suficiente. Tenha uma boa noite. — Connor olhou a multidão enquanto colocava o casaco.

O bar tinha enchido desde que chegou horas atrás, mas Connor não tinha ouvido as risadas dos homens bêbados ou o embaralhar de cartas na mesa do canto. Ele foi em direção à multidão e atravessou a porta. Quando o sol tinha se posto, e levaria quanto tempo para nascer? Esfregou os olhos cansados, feliz pelo ar fresco. Olhando para a esquerda e depois para a direita, seguiu caminho indo para uma parte mais povoada da cidade. A última coisa que queria era se encontrar em uma estrada deserta frequentada por ladrões e salteadores.

Enquanto atravessava a rua, a qualidade do traje dos homens e das mulheres mudava do algodão resistente para calças de alfaiataria e vestidos finos. Puxou o casaco sobre traje gasto para esconder a sujeira da vista.

No tempo que passou no Caçador e a Raposa, tinha perdido o foco do cenário – o princípio dos seus problemas.

Lady Viola Oberbrook.

Ela não era uma amiga.

Ela não era confiável.

Ela merecia tudo o que aconteceu com ela – e merecia ainda mais do que tudo o que tinha sido tirado dela recentemente.

Sim, ela o tinha manipulado. Cerrou os punhos. Ela o engambelou. Ela teria se aproximado com o tempo – até mesmo o pai dela tinha indicado a possibilidade de uma união entre eles. Gastou anos de sua vida com ela. Verdade, ela era a única pessoa culpada pela situação na qual ele estava, o que ele tinha perdido e a decadência que sem dúvida enfrentaria.

Ela tinha escolhido aquele caminho. Ela tratou as pessoas como ela de forma injusta todos aqueles anos atrás. Não era da sua conta se ela estava pagando por seus pecados só agora.

Mas ela deveria pagar por seus pecados. As pessoas só podiam fugir dos seus erros por um tempo – algo que ele estava começando a entender agora.

Não fazia ideia de quanto tempo tinha caminhado, que distância tinha percorrido ou que horas seriam. O ar frio de Londres tinha se infiltrado por seu casaco e arrepios se espalhavam por seu corpo. Precisava encontrar uma

pousada acessível, ou ao menos um bar para escapar do frio. Olhando em volta, tentou determinar sua localização exata.

Infelizmente, tinha vindo para uma área muito isolada da cidade.

—Sr. Cale? — uma voz chamou.

Connor olhou em volta para ver quem estava chamando por ele quando um homem saiu de uma porta bem iluminada vários passos atrás de si. A rua escura, combinada com as luzes do estabelecimento que tinha acabado de sair, lançava sombras sobre o rosto do homem.

—Sou eu, Rodney Swiftenberg. — A voz parou enquanto o homem ia em direção a Connor.

Para complementar a sua má sorte, foi visto pelo primo de Lorde Haversham.

—Sim, boa noite, Sir. — Connor manteve a voz plana e fez uma mesura – colocando a mão na parede para não cair. —Bom vê-lo novamente.

—Muito boa, de fato. Posso lhe oferecer uma bebida?

Os pedestres desviaram dos homens parados na calçada. Não faria bem perambular por onde alguém pudesse vê-lo. —Isso seria bom. Ficou frio de repente. — Tarde demais, ele percebeu que eles estavam do lado de fora do White's. O interior do clube estava repleto de homens que procuravam refúgio e bebidas após uma noite gasta em um baile ou na ópera. Cada homem digno de ser chamado de homem ou estava no clube ou a caminho de lá. A sorte de Connor não estava boa esta noite.

Instantes depois, Rodney sentou-se em uma cadeira vazia e fez gesto para que Connor fizesse o mesmo. —Scotch ou brandy? — ele perguntou, e sinalizou para um criado atendê-los.

—Brandy, por favor. — Connor olhou a sala enquanto Rodney falava com o criado. Parece não haver ninguém que conhecia ali naquele momento. Talvez a sua sorte estivesse de volta.

—Agora que tudo está prestes a se revelar, podemos falar com franqueza?

E tão rápido quanto pensou que sua noite estava melhorando, ela foi jogada na sarjeta. —É claro. — De que outra forma poderia responder?

—Sei que ambos conhecemos certa jovem, — Rodney parou para pegar a bebida com o criado, —de quem o desaparecimento nos beneficiaria grandemente. Estou certo?

Connor olhou para ele, incerto de como responder. O homem poderia estar muito bem tentando enganá-lo, tentado fazê-lo se entregar. —Não sei o que você quer dizer.

—Oh, vamos lá. — Rodney levou o copo aos lábios pacientemente, como se esperando que o significado das suas palavras fosse se afundar. Quando Connor permaneceu quieto, ele prosseguiu. —Lady Viola e a sua presença em Londres pode prejudicar, e muito, o nosso futuro.

Connor tinha uma boa razão para querer Lady Viola longe de Londres, mas qual seria os motivos de Rodney? Esperou que o homem falasse, forçando-o a revelar suas motivações.

—Veja bem, eu tenho um vasto interesse, como você já deve saber, na propriedade Haversham. Não seria bom para a minha causa o meu querido primo se casar agora.

Confuso, Connor perguntou, —E o que isso tem a ver comigo e com Lady Viola?

O homem riu. —Não finja que você não viu o quanto a sua patroa cativou o meu primo. O homem fica desnorteado cada vez que o nome dela é mencionado.

Foi a vez de Connor tomar um bom gole da sua bebida. —E você acha que depois da noite passada, que tanto Lady Viola ou Lorde Haversham vão querer procurar um ao outro?

—O passado mostrou que os homens Haversham não são os melhores juízes de mulheres. — Rodney se inclinou em seu assento e colocou o copo vazio sobre a mesa. —E seria muito ruim para você caso Lady Viola expusesse a sua deslealdade.

Connor se encolheu. Não teria escolha, caso toda Londres soubesse que ele tinha sabotado Lady Viola; suas chances de conseguir um emprego seriam perdidas.

Maldito seja Hampton e sua imprudência.

Maldita seja Lady Viola e sua juventude egoísta.

Maldito seja Lorde Haversham pelo seu horrível senso de oportunidade.

Mas principalmente, maldito seja ele!

—O que faremos sobre este dilema? — Connor perguntou. Não poderia ser nada mais revoltante do que o que Viola tinha feito com ele.

O homem sorriu. —Para ser honesto, eu não me importo em resolver o seu problema. Apenas o meu.

—Então por que estamos nos falando?

—Porque você me ajudará a resolver o meu problema, ou eu irei espalhar as notícias das suas transgressões para a sociedade. Vê como podemos ajudar um ao outro agora?

Estava perfeitamente claro para ele. Se Connor o ajudasse a manter os dois separados, então Rodney o ajudaria a não espalhar o seu segredo mais rápido do que viria a tona algum dia. Deveria se resignar ao fato de que tinha se associado com um sujeito desonesto – chamado Hampton – quem tinha tirado vantagem dele. Agora, aquele ciclo continuaria. Mentiras atraem mentirosos. —E se eu me recusar a te ajudar?

—É muito simples. Eu vou— Rodney parou para olhar por sobre o ombro de Connor, em direção à porta. —Primo, que ótimo vê-lo. Junte-se a nós para uma bebida.

Connor se virou enquanto Lorde Haversham ia em direção a eles, com um olhar sombrio no rosto.

—Eu não tenho tempo, Rodney, — Lorde Haversham disse enquanto passava pelo assento que Connor ocupava. Mas antes que entrasse na sala de carteado, se virou. —Sr. Cale?

Uma nuvem mais escura do que a que tinha visto se assentou no rosto de Lorde Haversham.

Connor ficou imediatamente de pé, fazendo uma mesura a modo de cumprimento. —Boa noite, meu lorde. Como vai? — Tarde demais, Connor percebeu o seu erro. É claro que o homem não estava bem. Ele entrou em uma batalha épica com Lady Viola na frente de toda *ton*. Isso fazia o que Lady Viola tinha feito com Connor parecer algo mínimo em comparação. — Eu quis dizer—

Lorde Haversham se virou completamente para Connor. —Eu não me importo com o que você tenha querido dizer... ou ouvir você dizer qualquer coisa.

As palavras venenosas fizeram Connor se inclinar na cadeira, como se ele tivesse sido atingido fisicamente. —Meu lorde? — Connor olhou para Rodney buscando ajuda, mas o homem já tinha ido, deixando Connor enfrentar a ira de Lorde Haversham sozinho.

—Você é uma vergonha. É o ápice da imoralidade abusar da confiança de uma mulher como você fez! — Lorde Haversham cuspiu.

—Mas— Connor estremeceu. —O que eu fiz de diferente do que você fez? — Ele sabia que não era sábio fazer aquela pergunta e se arrependeu no mesmo segundo.

As narinas de Lorde Haversham incharam e seus olhos lançavam facas. —E o que precisamente eu fiz que sequer se assemelhe com as atrocidades que você cometeu?

Connor sabia que teria que selecionar muito bem as palavras que diria se quisesse sair vivo do White's. Os homens de todos os cantos da sala se aproximaram um pouco para ouvir a conversa acalorada. Sem dúvidas o livro de apostas estaria cheio em alguns minutos com especulações como sobre o que eles estariam discutindo, quem desafiaria quem a um duelo e se era mais provável que Connor ou Lorde Haversham fosse dormir com Lady Viola. Connor tinha calculado muito mal Lorde Haversham e a sua raiva.

—É só que... ummmm... ela mentiu para você, te usou e feriu a sua família. Assim como fez comigo todos esses anos. Eu sei exatamente quanto você detesta a mulher. — Ele estava balbuciando e sabia disso, mas não poderia recuar agora. Precisava que Lorde Haversham entendesse. —Ela é uma charlatã de primeira. Uma belíssima de uma cad—



—Filho da puta! — Brock massageou o punho. Nunca tinha sido um homem violento, mas Connor implorou por isso. Nenhum homem insultava uma mulher em sua presença, não importa o que Brock sentisse por ela.

O mordomo do clube correu até ele, e os homens que se reuniram para assistir deram um passo atrás.

—Meu lorde. — O mordomo pegou Brock pelo cotovelo e o levou até uma pequena sala ao lado do salão de carteado. —Por aqui, por favor.

Brock estava ciente de que o White's não aceitava violência dentro de suas paredes, e era comum que os homens saíssem quando fossem cair na mão. Olhou por sobre o ombro uma última vez antes que a porta se fechasse aos olhos curiosos da *ton*. Os homens estavam alinhados, ansiosos para fazer apostas no famoso livro do clube. Não havia dúvida de que a especulação correria à solta e apenas adicionaria lenha na fogueira para os fofoqueiros de toda a cidade. Só esperava que as chamas não queimassem a ele e à Lady Viola.

A sala parecia encolher enquanto ele caminhava para lá e para cá, tentando se acalmar. Seus passos longos comiam o chão sob os seus pés e antes que soubesse, estava voltando de novo, indo em direção ao outro lado da sala. As paredes se fechavam em cima dele e lutou para que o ar entrasse em seus pulmões. Antes que soubesse o que estava fazendo, arrancou o seu *plastron* e o descartou junto com o casaco.

—Porra! — Ele se jogou em uma poltrona em frente ao fogo e arregaçou as mangas. —Inferno e danação.

A maldição aliviou um pouco a sua raiva. O que estava pensando? Mais uma vez, causou uma cena – uma cena desnecessária. Connor não valia o seu tempo ou a possibilidade de ser banido de um clube o qual os membros da sua família eram associados há séculos.

Ele não era violento. Até mesmo em seus anos como soldado procurou resolver os conflitos de forma pacífica. O que estava acontecendo agora?

A porta se abriu, batendo na parede.

Brock ficou de pé, pronto para algo que não sabia o que era.

—O que diabos aconteceu aqui?

Ele ouviu Harold antes de vê-lo.

—Olá? Responda! — Harold gritou. —O que deu em você?

—Feche a porta, sim? — Brock suspirou. —E abaixe a voz.

Harold fechou a porta com o pé e foi em direção a Brock. —Manter a voz baixa? Manter a voz baixa? — Harold repetiu com descrença. —Essa é boa. Você socou um homem – sem ser provocado, de acordo com o que estão dizendo – e você está preocupado com o *meu* tom de voz elevado? — Ele segurou Brock pelas lapelas e o sacudiu.

—Tire as suas malditas mãos de mim ou você terá um destino parecido.

O aperto de Harold se intensificou. —É essa a sua nova solução para os problemas? Sair por aí acertando as pessoas que se atrevem a insultá-lo? Isso é patético.

—Ninguém se atreveria a me insultar, — Brock gritou de volta. —Eu sou Lorde Haversham, e serei respeitado.

Harold riu, mas não o largou. —Você fala sobre respeito, mas a quem você vem demonstrando respeito ultimamente? Definitivamente não à memória da sua mãe—

—Não traga a minha família para isso. — Brock empurrou o amigo, mas Harold não recuou.

—Tudo bem. Eu posso deixar a sua família fora disso. — Harold continuou a olhar duro para Brock. —E quanto a Lady Viola e a família dela? Que respeito demonstrou quando você a envergonhou diante de toda a sociedade?

Brock só devolveu o olhar duro para o amigo.

—Se você for bater em mim, vá em frente, — Harold sussurrou. —Se isso fará você se sentir melhor, mais homem, então, por favor, desconte sua raiva e a sua frustração em mim.

Com aquele comentário, ele se afastou um pouco de Brock. E evitou olhar para ele.

—Não? Lamentável. — Harold soltou a camisa de Brock e foi para a porta.

—Harold, — Brock chamou enquanto se afundava na cadeira.

Seu amigo parou, mas não se virou. —Vejo você em casa.

E então, Brock estava sozinho mais uma vez. Total, completa e assombrosamente sozinho.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



QUANTO TEMPO ELE ficou ali?

Brock não fazia ideia, mas estava cansado à beça. Em algum momento, um criado tinha entrado rapidamente na sala, deixou uma garrafa de scotch e uma refeição leve, e fechou a porta.

As palavras de Harold giravam em sua cabeça.

Brock sabia que a resposta para os seus problemas não estava na violência.

Então por que ele tinha batido em Connor, além da óbvia razão de o homem ser detestável?

Connor tinha manchado a reputação de Lady Viola, e nenhum cavalheiro respeitável o deixaria sair incauto. Então, ele teve a audácia de acusar Brock de fazer a mesma coisa. Teria ele batido em Connor porque se ressentia da insinuação que ele tinha feito ou por alguma outra coisa?

O pensamento era absurdo. E absolutamente – sem sombra de dúvida – verdadeiro. Isso o sacudiu e alterou brutalmente o seu paradigma pessoal. Ele era exatamente o homem que Connor – e Harold, um pouco menos – o acusaram de ser.

Desde que tinha voltado do continente, Brock tinha estado concentrado apenas em si, estava sendo autoindulgente, estava na defensiva e vinha agindo como um total idiota. Entrou em uma batalha de vontade com Lady Vi em vez de adiar o confronto e lidar com o desacordo em um cenário mais privado.

Se estivesse sendo honesto consigo mesmo, o que sabia que não vinha sendo, quis atrair a mulher para Londres, forçar um confronto e dar a ela o que ela merecia. Não podia ficar aborrecido com as consequências, considerando o fato de que foi ele que colocou a catástrofe em movimento.

Uma batida soou na porta. Brock esfregou os olhos e ficou de pé.

—Entre.

O homem que passou pela porta tinha um grande machucado na mandíbula que ia até o canto do olho. O corte no canto da boca de Connor

tinha sido limpo, mas ainda sangrava.

Não era de se admirar que sua mão doesse como o inferno.

—Meu lorde—

—Você acha que é seguro ficar sozinho em uma sala comigo nesta conjuntura? — Brock perguntou.

Connor manteve os olhos no tapete aos pés de Brock. —Eu só quero explicar as minhas ações.

—Que explicação você poderia me dar para justificar a forma horrível com a qual tratou Lady Viola e a sua total falta de lealdade? — Ele prosseguiu esfregando as juntas machucadas. —Você não tem honra? — Brock perguntou, mesmo pensando que ele mesmo tinha perdido a própria honra. O último lugar que lembrava tê-la visto foi quando deixou seus homens para trás na França, em seu caminho para assumir o título.

O queixo de Connor se levantou, mas seus olhos não encontraram os de Brock. —Qual pergunta eu deveria responder primeiro?

O homem tentava a paciência de Brock. —Eu duvido que você tenha uma resposta satisfatória para qualquer uma delas.

—Mas eu tenho, meu lorde. Veja bem, quando eu disse que você e eu éramos parecidos—

—Não ouse dizer essas palavras. — A voz de Brock trovejou pelas paredes da sala pequena e vazia.

Connor ergueu as mãos, com as palmas em direção a Brock. —Espere, espere, — ele gaguejou. —Lady Viola não destruiu apenas a sua família, tirando a vida dos seus irmãos—

—Ela não tirou a vida deles, — Brock interrompeu. —Eles escolheram seguir este caminho. Eram tolos e irresponsáveis. — Sua necessidade de defendê-la parece ter vindo de lugar nenhum.

—Eu só quero que você entenda a minha dor, o sofrimento que ela causou a mim.

—Vá em frente, mas seja rápido. Eu não tenho a noite toda.

—Meu conto é bem parecido com o dos seus irmãos. Eu também cortejei a jovem, vivaz e enérgica Lady Viola durante a primeira temporada dela. Eu a levei para corridas de carruagem, para tomar sorvete, para a ópera... até mesmo dançamos em diversas ocasiões.

Cada parte de Brock queria se rebelar contra as palavras do homem. Gritar que elas não eram verdadeiras. Teria Connor sido o interesse amoroso

de Lady Viola todos esses anos? Ela teria se rebaixado ao tomar um amante fora dos laços do casamento?

—Eu e minha família gastamos rios de dinheiro para impressioná-la. Dinheiro que não tínhamos, — Connor disse.

Brock sentiu o seu humor fervendo bem abaixo da superfície, exigindo ser libertado. —E por que está me dizendo isso? Você está aqui para esfregar na minha cara que ela preferiu você em vez dos meus irmãos?

Ele sacudiu a cabeça. —Como desejava que as coisas tivessem sido assim. Infelizmente, ela fugiu de Londres depois daquele dia fático sem me dar uma palavra. Nenhum bilhete explicando sua ausência ou as razões por sua parte no duelo. Nada.

—Eu deveria sentir pena de você?

Lágrimas brilharam nos olhos de Connor. —Ontem, eu teria respondido sim a isso, agora, não estou certo. Veja bem, gastei meses procurando Lady Viola. Eu estava pronto para ser o seu cavalheiro em uma armadura brilhante. Planejei galopar em meu garanhão e pegá-la. Eu devolveria sua honra como uma dama do reino.

Brock voltou a se sentar. —Que nobre da sua parte, — ele disse lentamente.

—Sim, bem, eu era uma pessoa diferente na época. Uma pessoa confiável. — Connor suspirou. —E para responder a sua pergunta, eu acredito que aquele foi o dia que desisti da minha honra.

Quando Brock apenas olhou para ele, imóvel, Connor prosseguiu.

—Eu localizei Lady Viola na propriedade do pai, Foldger’s Hall. Usando o meu traje mais elegante, eu bati na porta do pai dela e fui imediatamente conduzido até o salão familiar. Meu primeiro pensamento foi que ela estava esperando por mim e me castiguei por não ter vindo mais cedo.

—Vá direto ao ponto, Cale.

Connor começou a andar para lá e para cá. —É claro. Bem, quando Lady Viola entrou na sala, ela não tinha ideia de quem eu era. Pensou que eu estava lá para ser entrevistado para a posição de homem de negócios. Todos aqueles meses eu ansiei por ela, sonhei com ela e com o nosso futuro, e ela não pensou em mim nem de passagem. Naquela altura, minha família estava desamparada e eu não tinha outra opção a não ser aceitar a posição que ela me ofereceu.

Brock riu com o absurdo da declaração de Connor. —Essa deve ser a história mais patética que eu já ouvi na vida. Você acha que só porque uma

mulher dispensou os seus avanços ela merece ter a vida arruinada? — Impensável!

Mas o que isso diferia do que Brock queria fazer com ela? Seus irmãos morreram em uma vã tentativa de chamar a atenção dela, e Brock tinha trilhado o caminho da vingança desde seu retorno à sociedade. —Maldição.

—Irei me retirar, meu lorde. — Connor se virou e foi em direção à porta, e à liberdade.

—Espere, — Brock comandou. Apesar da sua recente introspecção, não podia deixar o homem escapar ileso. Assim como Brock procuraria se punir, retificar os seus erros, Connor deveria fazer o mesmo. —Você ajeitará as coisas com Lady Viola.

—O dano já está feito. O negócio dela está fechado e todos os clientes a abandonaram. Como eu poderia corrigir isso? — Connor perguntou.

—É bem simples, na verdade. Presumo que você tenha um parceiro no seu empreendimento atual, D & C's Fine Foals?

O rosto de Connor revelou o seu choque. —S-s-s-s-i-m, — ele se atrapalhou com a resposta.

Brock estava brincando com o homem, mas ele não se importava. Connor merecia cada tanto de problema que Brock poderia causar para ele. —E quem seria esta pessoa?

—Hampton. Lorde Darlingiver.

Um frio atingiu o interior de Brock. Lorde Darlingiver? —Como *o* Lorde Darlingiver, cujo a mãe está romanticamente envolvida com Lorde Liperton – o pai de Viola? — Brock se esticou na cadeira. O que ele queria fazer era atirar a cadeira pela sala. Fazer um buraco na parede perfeitamente revestida. Ambas as opções eram melhores do que fazer o seu punho entrar em contato com o rosto de Connor novamente.

Connor pigarreou, claramente desconfortável e assentiu.

—E o quê, exatamente, ele trouxe para o negócio? — Pelo que Brock sabe sobre Lorde Darlingiver, ele vivia de um pequeno estipêndio, sua propriedade estava virtualmente falida. Bem como Rodney, ele ia de um dia para o outro mantendo as aparências de grandeza e riqueza, quando na realidade tinha sorte por não estar na prisão dos devedores.

—Muito pouco. Era para ele ter usado seu bom nome e a posição da família, mas ele fez pouco mais do que gastar cada centavo que eu dava a ele em mulheres e apostas. — Connor suspirou. —Eu deveria encontrá-lo

quando deixei a propriedade de Lady Viola hoje – ou foi ontem? Na verdade, não importa.

Brock sentiu como se estivesse pastoreando ovelhas enquanto tentava manter o assunto. —Para?

—Não importa mais. Eu não pretendo me encontrar com aquele tolo.

—Mas importa para mim, — Brock disse.

Connor deu de ombros. —Para dar a ele a lista de clientes de Lady Viola.

Suas orelhas se animaram. —Você está com a lista agora?

—É claro! Você acha que eu sou estúpido? — Connor procurou em seus bolsos. Primeiro, revirou o bolso das calças, depois foi para o casaco, mas não encontrou nada. —Tenho certeza que está aqui em algum lugar.

Brock se recostou no assento, contente ao observar a luta do homem.

A seguir, Connor procurou no bolso da camisa. —Ah! Aqui está, — ele disse quando puxou o papel dobrado, sujo e desgastado do bolso.

—Dê a mim. — Brock esticou a mão.

—E por que eu faria isso?

—Porque você pretende corrigir os seus erros.

—Se fosse assim, por que eu daria a lista a você? — Connor perguntou. —Você tem mais razões que eu para desprezar aquela mulher. Como saberei que você não usará a lista contra ela?

—Você está questionando a minha integridade? — Brock ficou de pé. A raiva retornando. —Seria sábio parar de se comparar comigo. Não somos parecidos. — Até mesmo dizer as palavras era um pedido para que o Senhor o derrubasse por causa de suas mentiras. —Você me dará a lista e, então, deixará Londres.

Brock arrancou o papel da mão de Connor enquanto o homem caía em um silêncio aturdido na frente dele.

—Está claro?

—Mas para onde eu vou?

—Eu não me importo, contanto que você fique longe de Londres, de Lady Viola e de mim.

—E quanto a Hampton?

—Ele provavelmente se colocará na prisão dos devedores até o final da temporada. — Brock passou pelo homem e saiu pela porta antes que pudesse pensar nas razões para querer aquela lista.

CAPÍTULO TRINTA



BROCK NÃO SABIA por que estava ali, o que diria, ou, o mais importante, o que queria. O que sabia era que estava cansado. Não tinha dormido as últimas horas da noite depois de ter deixado o White's. Em vez disso, preferiu pensar.

Sobre o homem que era.

Sobre o homem que queria ser.

Sobre os filhos que esperava criar no futuro e que tipo de homem eles seriam.

Sua carruagem tinha parado na rua da casa de Lorde Liperton há uns vinte minutos, e ele ainda não pôde se obrigada a sair dali e bater na porta. Só sabia que tinha que fazer as pazes com ela. Independentemente de ela ser culpada, ele sabia que carregava os próprios pecados sobre os ombros.

Poderia culpá-la por agir da forma como agiu? Não mais do que poderia culpá-la por ele ter dito o que disse. O fato era que – assim como Harold ficou feliz em lhe recordar – ele tinha envergonhado uma dama da *ton* em público, diante de todos os seus iguais.

Ele se reclinou no assento de veludo e deixou a cortina cair em seu lugar, obscurecendo a sua vista. Não importa quem ele era, ou o que ela tinha feito no passado. Os membros da *ton* nunca perdoariam qualquer homem que tivesse difamado uma mulher, não importa que eles a tivessem desprezado anos atrás. A noite anterior tinha sido pavorosa. Os homens tinham se apressado para sair do caminho dele e de Harold, as matronas tinham empinado o nariz enquanto ele passava, e o cartão de dança de cada jovem disponível tinha ficado misteriosamente cheio mesmo antes de o baile ter começado.

Honestidade era algo de que tinha se orgulhado a vida toda. E agora era hora de ele ser honesto: Ele estava ali para apaziguar a *ton*, nada mais. Não tinha nada a ver com estar arrependido por ter gritado ou reparar o orgulho ferido de Lady Viola.

Não. Isso era sobre se redimir aos olhos da *ton* por tempo o bastante para encontrar uma esposa.

Se ao menos pudesse esquecer a necessidade de vingar os erros cometidos contra a sua família.

Por apenas dez minutos, vinte se ela o mantivesse esperando, ele disse a si mesmo. Ele poderia fazer isto – ele tinha que fazer isto.

Brock desejava ter insistido para que Harold o acompanhasse, agindo como um tipo de amortecedor. Harold tinha jeito para acalmar as pessoas. Mas seu amigo insistiu para que Brock fosse sozinho, e parte dele estava meio que agradecido. Havia uma grande probabilidade de que ele não fosse aceito na casa de Lorde Liperton. Ou que o deixassem entrar apenas para que ele fosse expulso rapidamente de lá. E ainda, Lady Viola poderia exigir um longo e cansativo pedido de desculpas, e ele duvidava que pudesse manter essa farsa por muito tempo.

Pensou em pedir para o cocheiro voltar para a casa, mandar as desculpas para os diabos e ir para o campo – permanentemente. A ironia da situação não foi perdida. Lady Viola tinha feito o mesmo anos atrás. Ela tinha esperado ficar no campo, mas ele a arrastou para a cidade.

—Meu lorde? — seu cocheiro chamou, aguardando o comando para abrir a porta e descer os degraus.

—Sim, Jeffers. Estou pronto para ir.

—Não é isso, meu lorde. Ela está saindo.

—Quem está saindo? — Brock perguntou.

—Lady Viola. Ela está entrando em um tílburi[i].

Brock puxou a cortina para o lado. Era certo, ele a viu não muito longe da casa, com um pacote debaixo do braço. Não fez mais que sinalizar com a mão para um tílburi que passava parar e então subiu no assento ao lado do condutor, colocando o pacote entre eles.

Algo sobre a forma como ela se comportava, ou talvez fosse o pacote misterioso em seus braços, fez Brock parar. Lady Viola olhou em volta com desconfiança, como se o que fosse fazer fosse ilícito, antes de subir na carruagem.

O que a espantosa mulher estava fazendo agora? A vida de quem iria destruir?

Em um instante, Brock tomou a sua decisão.

—Rápido! Siga aquele tílburi!

Jeffers se pôs a caminho e manobrou para desviar de um grupo de homens a cavalo.

Brock enfiou a cabeça pela janela e gritou, —Não os perca de vista. Não os deixe saber que estão sendo seguidos.

A cortina caiu de volta no lugar e Brock esperou que a carruagem parasse. Por que ela pegaria um tílburi?

Várias imagens passaram por sua cabeça: ele a seguindo até um encontro romântico. Talvez ela tivesse escapado para encontrar o homem que enviou a carta de amor que ele tinha encontrado na mesa dela. Sua raiva ressurgiu. A coragem daquela mulher, correr para se encontrar com um homem enquanto ele engolia o orgulho e ia pedir desculpas por um incidente do qual não se arrependia, nem um que estava certo de que não fosse se repetir caso os dois continuassem a irem nas mesmas festas.

Um odor estranho invadiu o seu nariz, e Brock mais uma vez se inclinou para puxar a cortina. Espiando, viu enquanto eles cruzavam o rio Tamisa e chegavam ao East End. Que péssima escolha para um encontro amoroso. Com certeza eles poderiam encontrar um local mais respeitável no qual se encontrar – ela obviamente não tinha pouco dinheiro.

Sua carruagem diminuiu a velocidade e o seu condutor navegou pelas ruas congestionadas, entrando ainda mais na vizinhança empobrecida.

—Eles estão parando, meu lorde, — Jeffers gritou por cima do som das rodas batendo nas ruas mal conservadas.

—Pare aqui.

Brock observou enquanto Lady Viola entregava o dinheiro ao homem, pegava o pacote e descia do tílburi. Olhando rapidamente os arredores, foi em direção a porta de um prédio que parecia prestes a ruir, se não fosse pelos prédios o escorando. Ela ergueu o punho e bateu na porta. Ela se abriu e uma mulher muito parecida com uma criada a fez entrar. A porta se fechou com força, deixando Brock olhando para um pórtico vazio.

Por ter usado um tílburi, ela obviamente estava em um lugar onde não deveria estar. Se o pai dela concordasse com as atividades, ela teria ido na carruagem familiar, acompanhada por uma criada.

Sua curiosidade foi desperta. De acordo com o que sabia, Lady Viola não vinha à cidade há anos. Quem ela poderia conhecer neste lugar?

Que ardil a mulher estava preparando agora? Se ela realmente tivesse tomado um amante nesta detestável parte de Londres, ele veria por si mesmo. Disse a si mesmo todas essas coisas, recusando-se a aceitar a verdade: Apesar

de tudo, ele estava preocupado. Temia pela segurança de Lady Viola. Tão difícil quanto era admitir, não queria que a mulher se ferisse. De fato, o pensamento o congelou até os ossos.

Antes que pudesse mudar de ideia, ele abriu a porta e saiu. —Voltarei em breve, — ele disse enquanto atravessava a rua. O pórtico estava livre de detritos, o que era estranho nesta parte da cidade, onde a população era tão grande que o lixo delineava as ruas e as calçadas, com nenhum outro lugar para jogá-lo que não fosse no rio.

Ele bateu e esperou a criada que tinha aberto a porta para Lady Viola. Ouviu vozes cantando lá dentro e então passos vieram em sua direção.

A porta se abriu revelando uma mulher robusta, com um sorriso no rosto.

—Posso ajudá-lo... — Ela o olhou de cima a baixo. —Milorde?

Maldição. Ele não tinha ideia se a mulher poderia ajudá-lo. —Ah, sim. Eu estava passando pela vizinhança—

—Isso é algo meio estranho para tipos como você, — ela o interrompeu.

—Bem, — ele pigarreou e começou de novo. —Como estava dizendo, estava passando por aqui e acredito ter visto uma amiga muito querida entrando na sua casa. — Uma amiga? Ele já estava duvidando da sua impulsividade.

As mãos dela foram para os quadris e franziu o cenho. —E quem seria? — ela perguntou.

—Desculpe-me. — Ao que parecia, teria que se desculpar muitas vezes hoje. —Eu sou Lorde Haversham. Talvez o seu patrão se encontre?

—Eu sou a dona desta casa. — Ela tentou fechar a porta na sua cara.

Brock enfiou o pé entre a porta e o portal e a impediu enquanto uma voz soava atrás da mulher.

—Sra. Hutton, Sra. Hutton, — veio um grito de criança. —Olhe o que a dama trouxe para mim. Não é a coisa mais elegante que já viu?

A mulher, Sra. Hutton, empurrou a porta com força contra a sua bota e se virou para a criança. —Espere um minuto, Abby. Você não vê que estou atendendo a porta?

—Mas olhe para isso. Eu nunca tinha visto—

—Por favor, volte para a festa, — ela ralhou.

Com a atenção da mulher dividida, Brock empurrou a porta com força. Ela soltou da mão da mulher e bateu contra a parede.

—Milorde! — A Sra. Hutton tentou segurar a porta, mas não conseguiu. Ele deu a volta nela e entrou no vestíbulo mal iluminado.

Na frente dele, uma menina rodopiava. Rodopiava tão rápido que ele não via nada além do cabelo claro em volta do rosto dela. Uma vela, pendurada na parede, oferecia um pouco de luz que refletia no roxo iridescente do vestido que a menina girava maravilhada. Um vestido que ele tinha visto há pouco tempo – mas era impossível. Aquele vestido tinha sido feito de acordo com a última moda e para se adequar as curvas de uma mulher madura. Ele se lembrou que ele tinha um decote baixo para mostrar os ativos da proprietária. Agora, o vestido tinha uma gola recatada.

Ele ficou ali olhando enquanto a criança parava, notando a sua presença.

A criança – Abby, se bem lembrava – afastou os cachos dourados do rosto e Brock fez tudo o que pôde para não engasgar. Parte do rosto da menina estava faltando, o olho dela estava fechado sobre um buraco que ele sabia que estava ali embaixo. Tinha visto ferimentos como aquele muitas vezes durante a guerra. Por que o machucado parecia muito pior, tão mais devastador, em uma criança? Ele não tinha dúvidas de que isso tinha sido um ferimento a bala.

—Você não precisa encarar. — As mãos da criança foram para os quadris, em uma pose muito parecida com a mulher que estava atrás dele, e o seu único olho olhava para ele.

Parecia que ele devia outra desculpa. —Perdoe-me, minha lady. — Brock fez uma mesura para a criança.

Ela riu e a cabeça se afundou para esconder a face deformada. — Perdoado.

A criança certamente tinha nascido na *ton*, a pose, a fala e as maneiras incutidas desde o berço. Ela era filha do dono da casa? A pessoa a quem Lady Viola obviamente estava ali para ver?

—Talvez você conheça quem eu estou procurando, — ele disse para a criança.

A Sra. Hutton bufou atrás dele e fechou a porta, bloqueando a luz que vinha da rua.

—Você está falando da Lady Vi? Ela veio para a minha festa e trouxe esse esplêndido vestido para mim. — O entusiasmo da criança era contagioso.

—Criança, volte para a festa—

Brock deu o seu sorriso mais charmoso. —Sim, eu estou procurando Lady Viola. — Não sabia em que estava se metendo, e parte dele queria sair por aquela porta tão rápido quanto tinha entrado. Mas era tarde demais. Uma

espiada no corredor e ele viu cabecinhas espiando na sala lá no fundo. A música e a conversa tinham cessado.

Não havia volta agora.

CAPÍTULO TRINTA E UM



VI SE LEVANTOU do sofá de brocado que uma vez tinha estado no seu escritório em Foldger's Foals. —Crianças, voltem. A Sra. Hutton disse que não ia demorar. — Ela foi até a porta para impedi-los de espiar a mãe adotiva enquanto atendia a porta.

—Lady Vi, é um homem. Não vemos muitos deles por aqui, — Daisy, uma menina de cabelo escuro que não tinha uma mão, disse.

—Estou certa de que isso pode não ser lá grandes coisas. Com certeza o açougueiro vem aqui e vocês não têm um professor?

—Sim dona, mas esse é elegante, — Samuel falou enquanto empurrava as crianças mais novas para poder ver melhor. —Ele tem um bom casaco também, sem buracos ou remendos.

Agora era a vez dela se embrenhar no meio do grupo para dar uma olhada.

—Por favor, deem um passo para trás para que eu possa ver.

—Lady Vi, ele é tão lindo, — outra menina – Lila, pensou – disse. A menina levou a mão até a testa, fingindo desmaiar.

Vi riu.

—Oh, ele é tão alto, e os cabelos são macios como um travesseiro.

Não estava certa de qual criança falou; todos estavam em volta da porta para dar uma olhada no seu mais novo convidado.

—Você acha que ele é o pai de Abby? — Samuel perguntou com nervosismo.

—Não pode ser ele. Abby é loura e ele tem o cabelo escuro.

—Bem, ela com certeza olhou para ele como se fosse o pai dela, — Daisy disse.

—Então é melhor eu perguntar se posso cortejar a filha dele, — Samuel disse seriamente.

Vi olhou para o menino enquanto ajeitava a camisa e desamarrotava as calças.

—Não, vamos esperar aqui até a senhora Hutton voltar. Se ela quiser todos vocês bombardeando o homem, ela os chamará, — Vi disse enquanto afastava as crianças da porta e voltava para a sala decorada para o aniversário de Abby. —Agora, voltem a brincar.

Enquanto as crianças se escondiam em vários lugares óbvios, Vi foi em direção à porta com a intenção de fechá-la.

Mas uma voz viajou pelo corredor – uma voz muito familiar —... procurando Lady Viola.

Como aquele homem se atrevia! Ele planejava invadir a casa e humilhá-la na frente das crianças? Das *suas* crianças?

Em vez disso, ela espiou, tentando não chamar a atenção das crianças. Oh, mas Brock estava tão lindo, e Abby parecia muito afetada por ele.

Estranho como ele causava aquele efeito nas pessoas.

No que estava pensando? Ela ergueu os ombros e se preparou para marchar pelo corredor e expulsá-lo. Isto era dela, e ele não iria arruinar o seu santuário recém-encontrado, assim como tinha feito com Foldger's Foals.

Ela parou enquanto deixava a sala. De repente, percebeu que dado os acontecimentos, não sabia com certeza de que tinha sido Brock que tinha espalhado aquela horrível fofoca por toda Londres. Era muito mais provável que os culpados fossem Connor e Hampton Darlingiver.

Isso não mudava o fato de que ele a tinha humilhado quando tudo o que queria era começar de novo. Sim, ele ainda precisava ir embora.

Com a nova decisão, ela abriu a porta e seguiu pelo corredor – e ficou cara a cara com Brock, segurando a mão de Abby enquanto ela o levava na direção de Vi.

—Lady Viola—

—O que você está fazendo aqui? — A voz dela estava cheia de veneno.

—Eu estava na sua casa—

—Você me seguiu até aqui? — ela perguntou interrompendo-o novamente.

—Bem, sim, mas—

Isso era demais. —Você precisa ir embora. Sra. Hutton, pode mostrar a saída para Lorde Haversham, por favor? — Vi sorriu para a Sra. Hutton quem estava parada com os olhos arregalados logo atrás de Abby.

—É claro. Por aqui, milorde.

—Mas, Lady Vi, ele disse que estava aqui para a minha festa. — O rosto de Abby pareceu abatido, seus pequenos lábios fazendo um beicinho.

Tão rápido quanto tinha surgido, a raiva de Vi desapareceu. Estava sendo egoísta novamente, ralhou consigo mesma – parecia que era incapaz de fazer outra coisa. Como poderia desapontar a menina no seu dia especial? Com a renda de Vi fora de jogo, Abby talvez não tivesse outra celebração. A Sra. Hutton estava muito preocupada em alimentar todas as crianças; não haveria dinheiro para presentes ou bolos.

Talvez fosse melhor que fosse embora, então eles poderiam aproveitar a festa. Vi tinha entregado o vestido alterado para Abby, o presente foi dado – poderia partir.

—Milady, — a voz da Sra. Hutton tirou Vi dos seus pensamentos. — Você quer que eu o ponha para fora?

—Não, na verdade, eu estava me despedindo das crianças. Temo que eu tenha que partir. — A voz de Vi não tremeu.

—Mas você acabou de chegar, — Abby alegou. Ela largou a mão de Brock e deu um passo para frente para pegar a de Vi. —Você não pode ficar mais um pouco?

—Temo que tenha muitas coisas a resolver agora que estou de volta à cidade. — Vi apertou a mão da menina. —Mas eu voltarei. Aproveite o seu novo vestido, e tenha um maravilhoso aniversário. — Ela largou a mão de Abby e deu um passo em direção a porta da frente.

—Lady Viola, espero vê-la em breve. — A Sra. Hutton se apressou para abrir a porta.

—Irei acompanhá-la, Lady Viola. Minha carruagem está lá fora.

—Oh, não. Não será necessário. — Mas sabia que esta era uma batalha perdida, ele já estava ao seu lado e já tinha passado seu braço no dele.

Ele sorriu para Abby, para a Sra. Hutton e para as crianças que estavam reunidas a apenas alguns passos de distância. Imagens de todos ali levando as mãos à cabeça como Lily surgiram na sua mente.

Vi queria gritar.

A seguir, ele virou aquele sorriso cheio de dentes para ela. —Vamos?

Não, ela não queria sair com ele. Mas não havia nada que pudesse dizer com todo mundo olhando. —É claro. — Pareceu que todo o grupo deixou sair um suspiro coletivo, como se eles estivessem esperando uma briga.

—Eles formam um belo casal, — Vi ouviu Abby sussurrar para Samuel, quem tinha ido para o lado dela.

—Nós podemos ser belos também, — ele murmurou de volta.

De repente, Vi percebeu que os suspiros não eram por causa do desastre que foi evitado, mas porque eles pensaram que Brock a estava cortejando!

Brock estremeceu de júbilo ao lado dela.

De todos os absurdos.



A porta se fechou e Vi arrancou o braço do dele. —Como você se atreve, — ela sibilou.

—Por favor, permita que eu a leve para casa. — Era o mínimo que ela poderia fazer após forçá-lo a segui-la por todas as ruas de Londres, finalmente parando no East End.

Brock seria sortudo se o seu condutor não tivesse sido assaltado e a sua carruagem roubada. Ela percebia o perigo que enfrentava indo sem escolta até este lugar – e em um tílburi, nada menos? A mulher era descuidada e irresponsável, mas agora não era o momento para apontar todas as falhas dela. Primeiro, ele precisava colocá-la dentro da sua carruagem, a qual felizmente ainda estava do outro lado da rua esburacada.

—Você só pode estar delirando se pensa que eu vou entrar em uma carruagem contigo depois de você praticamente gritar para toda Londres que seria melhor eu estar morta.

Maldição, ela tinha razão. —Peço desculpas por meu comportamento. — Agora era uma boa hora para isso, embora ele nunca tenha sonhado que isso aconteceria nas ruas na frente de vários passantes na pior parte da cidade. — Agora, você poderia—

—Pare.

Brock calou a boca para se impedir de passar ainda mais vergonha.

Ela olhou para ele e ele olhou para ela – assim como imaginou que seus irmãos olharam um para o outro enquanto erguiam as duas pistolas de cabo perolado. Não havia nada separando ela e Brock, com a exceção de cada pessoa na rua lotada e das crianças que sem dúvida estavam com os narizes pressionados na janela.

Obviamente, arrastá-la para a carruagem não era uma opção, e esse jogo de encarar não os levaria a lugar algum. —As crianças estão olhando. — Ele tentou uma nova tática.

Pela rigidez nas costas dela, ele soube que tinha escolhido o caminho certo.

Ela olhou por sobre o ombro e quando se virou de volta para ele, ela estava sorrindo. Era um sorriso desajeitado e assustador, mas era um sorriso mesmo assim.

Ele ergueu o braço e ela apoiou a mão em seu cotovelo.

—Maldição, — ela murmurou.

—Eu prometo não levá-la até a porta da casa do seu pai. Eu só quero um momento do seu tempo para pedir desculpas de forma apropriada. — Brock olhou para os dois lados e atravessou a rua indo em direção a sua carruagem. —Viu, não é assim tão horrível.

—Você está certo, meu lorde, — ela olhou para ele. —É muito pior.

Ignorando o comentário, Brock a conduziu até a carruagem e disse para Jeffers:

—Liperton House.

—É claro, meu lorde.

Brock entrou na carruagem e encontrou Lady Viola sentada como se estivesse pronta para fugir do assento voltado para frente. As mãos dela pareciam prontas para guiá-la em direção à porta fechada. Quando o clique soou, ela se afundou no assento, com os braços cruzados.

A carruagem entrou no tráfego e foi sacudindo pelas ruas irregulares. Ele tinha apenas uma quantidade limitada de tempo para falar com ela; não havia dúvidas em sua mente que assim que parassem, ela iria sair como um raio pela porta, se bobear até mesmo passaria pela janela estreita. E isso seria ainda pior que a cena que eles fizeram antes.

Mas como fazê-la falar?

—O que era aquela casa? — ele perguntou, esperando quebrar o gelo.

—Não é a sua conta. Você não voltará lá.

—Não estou tão certo de que não voltarei. A pequena Abby pareceu bastante afrontada por eu ter aparecido na festa dela sem um presente. Prometi que voltaria para retificar o meu *faux pas*.

A carruagem atingiu um buraco e Viola apoiou a mão na lateral para se equilibrar antes de falar. —Por que você se importa com a garotinha?

—Eu não sou um homem sem coração, Vio—

—Lady Viola.

—Tudo bem. *Lady* Viola, eu não sou um homem sem coração. E, agora, parece que você não é a mulher fria e sem coração que eu pensei que fosse. — Ele falava a verdade. —É estranho. Nunca pensei que você fosse o tipo de mulher que gostava de crianças.

Ela cruzou os braços uma vez mais. —Você não me conhece.

—É verdade... Mas eu me encontro querendo conhecê-la. — Imagens piscaram em sua mente sem serem convidadas – pensamentos que ele mantinha na superfície desde quando soube que a tentadora Lady Posey era, na verdade, a mesma mulher culpada pela desgraça da sua família nos últimos oito anos. Por um momento, deixou os pensamentos invadirem. Ele queria saber como seria senti-la contra o seu corpo; a forma como os lábios dela se derreteria contra os dele. Queria ver aqueles cabelos caindo soltos pelas costas... e possivelmente sobre seu corpo despido, enquanto a mão dele corria por aquelas ondas sedosas.

—Por que você está olhando assim pra mim? — Ela pressionou os lábios.

Ele sabia onde encontrar o que estava procurando. Ao menos o último comentário dela o fez afastar seus pensamentos do corpo nu... dos lábios dela contra os dele.

Maldição! Esta era a mulher responsável pela morte de Cody e de Winston, como ele poderia estar olhando para ela com luxúria? O que ela tinha feito e quem ela era hoje estava em completo desacordo.

—Você ainda está encarando, — ela disse. —Por que você me seguiu?

Tudo bem, ela queria falar. Ele também queria falar... entre outras coisas.

—Como eu disse, senti que seria honrado me desculpar por meu comportamento da outra noite. — Isso não foi tão verdadeiro quanto as suas outras admissões. —E para devolver algo que foi tirado de você.

—Por que não esperou que eu voltasse para casa?

—Você partiu em um tílburi, sem uma criada e veio parar no East End. Minhas ações foram justificadas.

—Dito isto, eu já sou uma mulher crescida.

A dureza nos seus calções se dissipou com o tom gelado. Ele a olhou da cabeça aos pés, e voltou a olhar o seu rosto. —Estou muito ciente de que você é uma mulher crescida.

Ela se enrijeceu, como se só agora estivesse vendo a tolice de entrar em sua carruagem sem mais protestos. —Bem, aceito suas desculpas e espero que possamos ignorar um ao outro no futuro.

Eles chegariam à casa do seu pai a qualquer momento. A rua tinha nivelado, e ele sentia o trepidar dos paralelepípedos abaixo das rodas. —Eu ainda tenho que me desculpar – eu apenas expressei o meu desejo de falar isto.

Ela o olhou com suspeita. —E suponho que você espera que eu me desculpe também?

—Absolutamente. Não há tempo o bastante em um dia para você se desculpar por tudo o que fez. — Suas palavras foram extremamente duras.

Ela franziu o cenho enquanto puxava a cortina. —Estamos quase chegando, e estou muito ocupada, então obrigada por seu 'desejo de se desculpas.' Acredito que será conveniente para nós dois agirmos como se não nos conhecêssemos.

—Oh, acredito que estamos muito além disso.

—E por quê?

—Eu acho difícil não deixar que os outros saibam que você não é a garota fria e que todo mundo pensa que você seja.

—Eu deveria ter fugido no segundo que ouvi o seu nome em Foldger's Foals, — ela murmurou, com os braços ainda cruzados.

—Ah, mas então não saberíamos que havia química entre nós.

—Não há química entre nós, a não ser que o ódio conte.

—Vamos lá, Viola, você não pode negar que não sentiu nada naquele dia.

—Eu não sei do que você está falando.

—Não? E quanto ao beijo? Ou àquela noite na chuva? Você também negará nossa conexão nesses encontros?

Ela não podia negar que sentia algo. Ele sabia que não poderia continuar negando por muito tempo. Verdade seja dita, se Brock não tivesse descoberto sua verdadeira identidade, ele sabia que a teria procurado novamente – sob circunstâncias muito diferentes.

—Felizmente, eu sei exatamente o dia, a hora e o clima. Você estava caminhando a passos largos pelos pastos—

—Eu não caminho a passos largos, isso não é elegante.

—Perdoe-me, minha lady. Você flutuava pela grama vindo em minha direção, seus quadris balançado com uma leve sensualidade, e...

Suas bochechas coraram e ela abaixou a cabeça, quebrando o contato visual.

—Seu potro te seguiu, completamente hipnotizado, assim como eu estava.

Agora, o rosto dela estava completamente vermelho, espalhando-se pelo pescoço e pelo decote modesto.

—Enquanto você vinha em minha direção, tudo o que podia pensar era em minhas mãos descansando em seus quadris estreitos... meus lábios contra

os seus.

Os olhos dela encontraram os dele mais uma vez.

—E então, nossos lábios estavam se tocando – dançando – e foi exatamente como eu sonhei que seria. — Com aquele pensamento, o calor invadiu o seu corpo. Sem pensar, ele se sentou ao lado dela, o corpo atraído para ela.

Para sua surpresa, ela não se afastou, mas se inclinou em direção a ele.

—Seus lábios eram tão macios, tão convidativos. — A mão dele subiu para acariciar a sua mandíbula. Novamente, ela não se afastou. —Eu teria envolvido meus braços em você e nunca mais a deixaria ir, se não fosse por —

Ele tirou a mão. O que ele estava fazendo? Tinha enlouquecido? Ela era a única responsável por todas as suas perdas – por tudo o que sentia falta. Família.

Mas não, ele teve um vislumbre da mulher que ela se tornou quando ele a encontrou, molhada até os ossos no lombo de um cavalo. Ela estava coberta de tristeza, abatida emocionalmente – muito além do que qualquer mulher deveria ter que experimentar, e possivelmente mais para baixo do que o pior momento de Brock.

Apesar de tudo o que ela tinha passado, encontrou a coragem para começar de novo, reconstruir a sua vida e se doar aos outros. O que ele tinha feito além de focar em arruinar o pouco que ela tinha alcançado?

Viola tinha cumprido a sua penitência dez vezes mais.

Brock se perdeu naqueles olhos por um momento, e ele não estava certo se o passado deles importava o mínimo.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



UM SENTIMENTO DE perda a invadiu quando Brock parou de tocá-la. Queria contar tudo a ele: sobre a traição de Connor, seu trabalho com as crianças, e acima de tudo, seu arrependimento pela dor que causou a ele e à sua família. Mas não podia mudar nada em seu passado. Queria fazer alguma coisa, qualquer coisa, para trazê-lo para perto novamente.

Podia ser que o seu pai estivesse certo? Ela ansiava pelo amor e companheirismo que apenas um homem – um marido – poderia prover?

Seu corpo lhe disse que sim.

Seu coração gritava que sim.

Mas sua mente não estava tão segura.

Aqueles olhos castanhos, tão escuros que quase se perdia em suas profundezas, a estavam afogando. Ela queria confiar nele, acreditar que eles deixariam o passado para trás. Como, não sabia, mas queria muito tentar.

Vi suspirou. Era agora ou nunca. —Eu passei os últimos sete anos tentando corrigir o que causei à sua família, — ela disse, tão baixinho que não estava certa de que ele tinha ouvido.

Ele juntou as sobrancelhas e fechou a visão que tinha de sua alma. —Era isso que você estava fazendo com aquelas crianças feridas?

—Sim—

—Você tem vindo a Londres todos esses anos?

Não estava certa do que esperava que ele dissesse ou como iria reagir, mas não pensou que seria assim. —Não, eu confiei em Connor—

Ele se afastou. Por um momento, ela temeu que ele fosse voltar para o outro assento. —Você confiou naquele canalha, não é?

Com aquela pergunta, ela sentiu a traição dos últimos dias voltar com força toda. —Uns dias atrás, teria dito que eu confiava nele com a minha vida... mas não mais. — Ela afastou o olhar. Tinha sido uma tola e agora era hora de admitir a ele. —Sinto muito por culpá-lo de ter alimentando as fofocas para a *ton*. Eu sei que não foi você.

Ele ergueu o queixo. Por um momento, eles se olharam. Ela achou difícil respirar, parecia que seu coração ia saltar do peito. E então, finalmente, os lábios dele tocaram os dela. Não foi um beijo voraz como o que tinham compartilhado umas semanas atrás. Não, este era um beijo de perdão – um que curava as feridas que estavam abertas há muito tempo.

A insistência macia dos lábios dele a cativou, tentando os seus a se partirem, para permitir que a língua dele entrasse. Sabia que também tinha permitido, a contra gosto, que ele entrasse em seu coração. Os segredos, as mentiras, a dor... Nada disso importava quando ela estava em seus braços. Atrever-se-ia a sonhar que nada disso importava para ele também?

Suas mãos o puxaram para perto, movendo-se por vontade própria, mais insistentes, os lábios agora o incitavam.

Para não ficar para trás, as mãos dele foram para o lado do corpete do seu vestido até que subiram por seu corpo. Um gemido escapou de seus lábios. E de repente não importava quem ela era, quem ele era, ou o que a sociedade pensaria deles.

O dedão dele esfregou o seu mamilo através do tecido do vestido e a língua dele combinava com o ritmo, empurrando e se retirando. Suas costas arquearam e ele tomou o movimento como encorajamento. Seus dedos puxaram o corpete do vestido para baixo e seus seios ficaram expostos. O ar frio da carruagem soprou no peito nu e seus mamilos se enrijeceram ainda mais.

Uma risada profunda escapou dele enquanto ele trilhava beijos por seu pescoço, por sua clavícula e finalmente em seus seios expostos. Era disso que estava sentindo falta—

—O que diabos você está fazendo?! Tire as mãos da minha filha agora mesmo.

A voz do seu pai parecia estar a milhas de distância. Não queria que ele se intrometesse, que pusesse um fim ao seu tempo nos braços de Brock. Ela o agarrou com mais força, erguendo as costas e puxando o cabelo dele.

—Viola, largue este jovem!

Oh – Agora seu pai percebeu que Brock não estava tirando vantagem dela, então era a sua filha que estava do lado errado desta situação instigante e comprometedora. Felizmente, ela estava de costas para a porta e o seu pai não via seus seios descobertos. Ela agarrou a mão de Brock com a sua e aprofundou o beijo, sabendo que ele não duraria muito mais tempo – e não era garantido que ela estaria em seus braços novamente.

Ele os moveu para que pudessem colocar o corpete no lugar. E rápido assim, ele desenredou suas mãos do cabelo dele e a fez girar no seu colo com um rápido aperto antes de soltá-la.

—Assim é melhor. Agora, Viola, saia dessa carruagem imediatamente. O que os criados vão pensar? Vendo-a aqui como uma prostituta comum de Cheapside. — A carruagem rangeu enquanto seu pai descia.

Ela não podia olhar para ele, ver a decepção em seus olhos uma vez mais, embora também temesse olhar para Brock. O que veria lá? Desgosto, desdém, repulsão.

—Você está me ouvindo, mocinha?

De repente, ela era uma criança novamente que foi pega roubando os doces favoritos do pai. Vi juntou coragem e se preparou para enfrentar a ira do pai. Endireitou os ombros e Brock riu.

Uma risada alta e profunda que ecoava na pequena carruagem.

Lentamente, seus olhos encontraram os dele. Não havia aversão, perturbação ou desgosto. O que ela via olhando para ela levou lágrimas aos seus olhos.

Alegria, aceitação e admiração.

—Aqui, pegue isto, — Brock disse, e pressionou o papel dobrado em sua mão.

Ela fechou os dedos em volta do papel desgastado. —O quê...?

—Viola, saia já daí! — a raiva do seu pai preencheu a carruagem.

Brock riu novamente. —Abra mais tarde. Você entenderá, eu prometo. Agora vá. Irei vê-la em breve, tenho certeza.

Ela se virou, pegando a mão estendida do pai enquanto saía da carruagem.

—Jovem, espero ver *você* pela manhã.

—É claro, sua graça, — Brock disse enquanto a carruagem se afastava da casa.

Vi enfiou o papel no bolso da saia e marchou para as escadas da frente, com o pai a apenas alguns passos de distância. Não esperou pela descompostura que sabia que estava a caminho, mas foi correndo para o quarto. Assim que a porta bateu, arrancou o papel do bolso.

Enquanto o desdobrava, percebeu que eram dois pedaços de papel. Um estava escrito com a letra firme de Brock; o segundo era algum tipo de lista. Ela pôs o bilhete de Brock de lado.

Desdobrou o segundo pedaço de papel e analisou as palavras. Cada um dos seus clientes, antigos e atuais, incluindo detalhes de compras e localização das propriedades, estavam listados com a letra de Connor.

A seguir, pegou o bilhete que acompanhava a lista.

Ele dizia:

—Isso foi tirado de você. Permita-me demonstrar minhas mais sinceras desculpas pela injustiça cometida contra você e seu sustento pelo canalha que se chamava de homem. Você não precisa temer que tipos como este te traiam novamente no futuro. Eu lidei com a situação da melhor maneira para corrigir este delito.

A nota estava assinada apenas com um B.

Vi sorriu. —Acho que ele foi capaz de pedir desculpas, afinal das contas, — ela sussurrou.

EPÍLOGO



A IMAGEM QUE olhava de volta para Vi era uma de contentamento – e de inacreditável felicidade. O último mês foi passado em um torpor de euforia e descrença. A euforia era graças ao amor que via nos olhos de Brock cada vez que ele olhava para ela; a felicidade era devido ao comportamento do pai com os recentes acontecimentos. A descrença vinha do fato de que Brock pudesse sentir carinho por ela depois de tudo que tinham passado. Ele a amava apesar da dor que tinha causado à sua família.

Ela sorriu e se virou para o espelho e para o quarto de vestir improvisado, onde uma vez tinha sido o seu escritório. O quarto estava diferente agora. *Ela* estava diferente.

Uma coroa de flores frescas estava em volta da sua cabeça e entrelaçadas pelos cabelos que caiam por suas costas. O vestido tinha chegado há apenas umas horas, vindo da loja de Madame Sauvage, em Londres. O vestido cintilante, branco-pérola, fluía por seu corpo, assim como seu cabelo descia por suas costas, envolvendo-a nos lugares certos.

Em todos os lugares certos – um deles era o lugar onde se sentia em casa. Embora, depois de hoje Haversham House fosse se tornar a sua casa. Ela só podia sonhar que ele seria o santuário que Foldger's Foals tinha sido.

Uma leve batida soou e a porta se abriu. Estava na hora.

Hora de um novo começo.

Hora para ela assumir o lugar onde pertencia.

Ao lado de Brock: era onde deveria ficar.

—Entre, — Vi disse.

A porta se abriu e Ruby entrou, o sorriso combinando com o de Vi. — Você está linda. — Sua amiga a olhou de cima a baixo.

—Está todo mundo pronto?

—Sim. Minha mãe e Lady Darlingiver finalmente chegaram, e todo mundo está acomodado.

—*Ele* está pronto?

—Por ‘ele,’ eu presumo que você esteja falando de Lorde Haversham. Ele está lindo, de tirar o fôlego.

—Eu me lembro de você usando esta frase há pouco tempo. Como as coisas mudaram. — Borboletas voavam em seu estômago e seu rosto se aqueceu.

Hoje, ele seria dela e ela seria dele.

—Estou muito feliz por você ter se entendido com Lorde Haversham, — Ruby disse enquanto abraçava Vi.

—Eu também. — Vi se afastou e olhou, realmente olhou, para a amiga. —Você também está estonteante.

Ruby estava usando um vestido cor de ameixa, com decote alto e as costas baixas expondo os ombros e o pescoço longo. O cabelo estava preso com apenas um ornamento para distrair a pessoa da sua beleza natural.

Corando, a amiga abaixou a cabeça. —Obrigada. Este é um dos vestidos que não tive a chance de usar em Londres.

—Eu sinto muito. — Vi puxou a amiga para outro abraço. —Eu realmente quero que você tenha a temporada que não pôde ter quando mais jovem. — Era o único arrependimento de Vi desde que deixou Londres um mês atrás para se preparar para o casamento. Não tinha sido daquele jeito. Seu pai mais uma vez a tinha mandado para o campo, temendo outro escândalo. Mas Brock tinha feito as suas intenções serem conhecidas e ele tinha vindo até Vi para lhe propor de maneira apropriada.

Ruby se afastou e virou um sorriso brilhante para Vi. —Não se aflija por mim. Irei para a propriedade da minha família até a próxima temporada. O que significa que eu e você não estaremos longe.

—Essas são notícias maravilhosas, — Vi irrompeu.

A porta se abriu e Abby entrou de supetão, com um sorriso iluminando o rosto. —Olha, Lady Viola! — a criança gritou. Ela empurrou um tecido sedoso em seu rosto.

—O que você tem aí?

—Oh, apenas a mais adorável das luvas! — Abby prosseguiu, puxando as luvas de volta e acenando com elas. —E olhe para isto.

Vi segurou as luvas que combinavam perfeitamente com o vestido rosa de Abby.

—Todas as outras meninas também ganharam e esses belíssimos lenços.

—Eles são lindos. — Ruby estava atrás de Vi, admirando-os por sobre o ombro dela.

O material foi manuseado por Vi enquanto ela admirava o acessório bem feito. Em um canto estava o monograma *LAH*. —O que isso significa? — perguntou a Abby.

—Lady Abby Haversham, é claro.

Estupefada, Vi olhou de Abby para Ruby e de volta para Abby. Ambas sorriam, como se elas soubessem de algo que Vi não estava a par.

—Lorde Haversham disse que já que você se casará com ele – e seu nome será Lady Haversham – todos os seus filhos também terão o título. Eu não disse a ele que estou ciente da forma correta de se dirigir a um conde. — A criança piscou para Vi. —Então, a partir de hoje, eu sou Lady Abby Haversham.

Ambas as mulheres riram.

Naquele instante, ela se apaixonou por Brock novamente. Como sequer pôde pensar que ele era frio e arrogante?

—Vamos, senhoras? — Ruby perguntou, fazendo um gesto em direção à porta.

—Não há nada que eu queira mais, — Viola respondeu. E não havia mesmo.

O trio atravessou a porta e foram cumprimentadas por uma multidão de amigos próximos e queridos por Vi e por sua família. Todos estavam lá, com seus sorrisos brilhantes, espelhando o dela.

E logo depois deles estava o homem mais lindo, indulgente e compassivo que já conheceu. O homem que tinha sido corajoso o bastante para deixar o passado para trás e abraçar o futuro com Vi ao seu lado. Ele estendeu a mão para ela. Levou tudo o que estava em seu poder para não correr para ele.

Ele era uma parte do seu passado trágico.

Ele era a razão para a sua felicidade no presente.

E ele seria a sua salvação no futuro.

NOTAS DA AUTORA

Obrigada por ler Nunca Mais Rejeitada, Série Uma Dama Abandonada (Livro Um).

Se você gostou de Nunca Mais Rejeitada, não deixe de escrever uma breve avaliação no seu site favorito.
Eu adoraria ouvir sobre você!
Você pode me contatar em:
Christina@ChristinaMcKnight.com
Ou escrevar para:
P O Box 1017
Patterson, CA 95363
www.ChristinaMcKnight.com
Verifique o meu site para brindes, avaliações de livros e informações sobre futuros projetos ou entre em contato por meio das redes sociais:
Twitter: @CMcKnightWriter
Facebook: www.facebook.com/christinamcknightwriter
Assine a minha newsletter aqui:
http://hyperurl.co/CMNL
Vire a página para saber mais sobre a série Uma Dama Abandonada!

SÉRIE UMA DAMA ABANDONADA

Esta série é o romance de época em seu melhor. Volte no tempo com as damas e os cavalheiros da série “Uma Dama Abandonada” e apaixone-se pelo gênero.



Nunca Mais Rejeitada
Nunca Mais Esquecida
Eternamente Desprezada
Ainda Mais Natal
Nunca Mais Escondida

DISPONÍVEIS EM E-BOOK

Nunca Mais Esquecida

Uma dama abandonada (livro dois)

Christina McKnight

Todos os direitos reservados.
ISBN: 0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN-13: 978-0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN: 0-9882617-3-1 (Livro eletrônico)
ISBN-13: 978-0-9882617-3-0 (Livro eletrônico)

La Loma Elite Publishing



Todos os direito reservados. Nenhuma página dessa publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio, incluindo fotocópias, gravações ou quaisquer outros meios eletrônicos ou mecânicos, sem a autorização prévia do autor, exceto no caso de breves citações presentes nas avaliações e outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. Para permissões, envie um e-mail com o assunto “Atenção: Permissões” para o endereço abaixo.

christina@christinamcknight.com

Dedicatória

Para Marc~

Meu próprio Harold. Você sempre está lá para me salvar... mesmo que seja de mim mesma!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os que confiaram em mim e em minha jornada como escritora. Vocês nunca desistiram de mim, mesmo quando eu perdi o rumo dos meus sonhos! Um obrigada especial para Marc McGuire, Lauren Stewart, Jennifer Vella, Brandi Johnson e Latisha Kahn. Todos vocês foram muito pacientes e apoiaram maravilhosamente o meu jeito excêntrico.

Um agradecimento muito especial à minha editora, Jen Blood. Estou ansiosa para trabalhar novamente com você no futuro. Jen pode ser contatada pelo e-mail jen@jenblood.com.

Revisão do original feita por Anya da Hour Glass Editing.

Capa e invólucro do original e design por Teresa Spreckelmeyer da Midnight Muse Designs.

Finalmente, obrigada a você por apoiar autores independentes.

PRÓLOGO



Hyde Park

7 de Abril de 1783

NENHUMA PARTE DE mim sabe por que eu tive que colocar este momento terrível em papel, por que estou criando provas contra mim mesma. Parte de mim acredita – não, tem esperança – de que se eu não aceitar esses horríveis pecados que cometi contra a minha família, todos serão esquecidos. Infelizmente, não posso mais me esconder das minhas próprias transgressões tanto quanto posso me esconder da peste. Isso me consome, consome meus pensamentos quando estou acordada, e devora meus sonhos à noite...

Na verdade, não queria trazer desonra ao meu marido, eu não fui atrás da ruína – uma queda tão profunda que eu não posso mais ser quem sempre fui. Então, eu mudei drasticamente... ou talvez não eu, mas a minha percepção do meu mundo e do meu lugar nele.

Eu fui a ilustre senhorita Pearl, filha de um Barão inglês.

Eu fui, e tenho sido a senhora Pearl St. Augustin há mais de dez anos.

Mas o que eu sempre quis foi ser mãe.

Talvez tenha esperado que o Senhor tivesse feito planos grandiosos para mim e para o meu marido.

Ou possivelmente Ele tenha esquecido completamente de mim.

Eu não sei de nada. Parei de me importar com o que o Senhor tinha planejado para a minha vida na noite que eu conheci o homem que partiu o meu coração ao meio, despedaçou a minha alma e manchou cada sonho, cada desejo que eu tinha para a minha vida. Ele fez tudo isso enquanto colocava as batidas do coração de uma preciosa criança em seu lugar.

Era para ele ser a minha salvação e em vez disso ele me condenou a ficar escondida para sempre. Esconder os meus pecados, o meu amor e o seu bebê.

Talvez eu tenha escrito isso para me lembrar que os demônios pedem o que não era para ser seu – para avisar aos outros, incluindo o meu filho não

nascido, da maldade da raça humana.

CAPÍTULO UM



Londres, Inglaterra
Janeiro de 1816

A SENHORITA RUBY St. Augustin olhou por sobre o ombro enquanto percorria o comprido corredor que levava à segurança de um cômodo vazio. Parando em seco, abriu a porta e a atravessou sem emitir um único som. Inclinou-se contra a porta, respirando fundo enquanto a trancava. Esperava não ter sido seguida, embora não pudesse ter certeza.

Estava há apenas alguns dias na cidade, mas lutava com todas as forças para ficar longe do alcance da mãe. A mulher ia a cada reunião social, desde chás vespertinos até os grandes bailes.

Isso dava nos nervos de Ruby. Não estava pronta para encarar a mulher. Ainda havia informações a coletar, sentimentos a descobrir e um certo homem para localizar - mesmo que ao fazer isso, estivesse trabalhando contra os interesses da mãe.

Ruby olhou em volta enquanto seus olhos se ajustavam à luz difusa do cômodo. Sentiu o aroma pungente de fumo. Era um padrão do estilo londrino: uma mesa enorme que nenhum cavalheiro da *ton* realmente usava, duas cadeiras de frente para a monstruosa área de trabalho e uma lareira grande o bastante para queimar toda a mobília inútil da sala. Duas cadeiras estavam próximas à lareira, e um sortimento de artigos colecionáveis e livros estavam espalhados pelo lugar. A única coisa que mudou nessa casa tinha sido a paleta de cores. Lorde Trenton, ou possivelmente a sua estimada esposa, tinha escolhido uma mistura de vermelho sangue e dourado. Espalhafatoso e de mau gosto, mas era o último grito da moda.

Ruby tinha aprendido rapidamente que discrição e eficiência iriam beneficiá-la bastante se estivesse esperando encontrar o que procurava sem ser pega por outro convidado ou – que os céus não permitam – o lorde da casa. Ela poderia lidar com um criado, dizer que estava perdida procurando pela sala de descanso das damas, mas seria difícil dissipar as suspeitas de outras pessoas. Pondo-se em movimento, foi direto para a mesa e abriu uma

gaveta depois da outra, empurrando os papeis cuidadosamente para o lado e levantando objetos devagar, tendo a atenção de voltar tudo para os lugares certos. A mãe tinha descrito a coisa com muitos detalhes, Ruby sentia que poderia desenhá-la até mesmo dormindo.

Um abridor de cartas, de metal polido, incrustrado com rubis e com a inscrição, *Jamais teve curso tranquilo o verdadeiro amor*. Ela conhecia a citação muito bem, até mesmo sem a mãe falar sobre a frase escolhida. Escrita por William Shakespeare, e contracenada no teatro local na noite em que o seu verdadeiro pai colocou os olhos sobre a sua mãe. Como a mãe tinha escrito, foi amor à primeira vista, a fala coincidia com o momento em que seus olhares se cruzaram – Pearl instalada no camarote da sua querida amiga, Lady Darlingiver, seu pai, entretanto, estava com os plebeus na plateia.

Sua mãe escreveu inúmeras páginas sobre como tinha vendido suas posses mais valiosas para mandar fazer aquele abridor para o ‘seu amor’, como ela o chamava em seu diário. A mãe tinha transbordado de orgulho quando escreveu sobre o presente que deu ao amante. Sobre como ele o aceitara com reverência e declarara o seu amor. As palavras e os sentimentos no diário eram estranhos para Ruby, assim como as pessoas que ele descrevia. Não sabia que a mãe foi uma mulher que poderia se preocupar tanto com outra pessoa que chegou ao ponto de abrir mão dos próprios bens para fazê-la feliz.

Apenas algumas páginas depois, a mãe escreveu sobre o seu desejo de esfaquear o seu amor com o dito abridor de cartas quando o caso tinha chegado ao fim. As palavras, escritas com tanta sabedoria, se provaram proféticas para o casal – assumindo que o homem tinha chegado a amar a sua mãe. Ela lamentava e lamentava sobre as injustiças do mundo, o inconstante coração dos homens e o fardo de conviver com as decisões.

Apesar da inadequação dos seus métodos até aquele momento, Ruby não via outro jeito de encontrar o que procurava sem se aproximar da única mulher com o conhecimento para facilitar as coisas para ela. Ainda assim, uma parte sua tinha esperado que alguém fosse dizer que o que encontrara no sótão da sua propriedade rural era um ardil, os escritos de uma mente imaginativa, os relatos de uma mulher solitária e entediada.

Infelizmente, Ruby não iria – não podia – confiar na mãe que tinha ignorado a sua existência por toda a sua vida adulta, que a tinha tratado com um inconveniente, e que assim que pôde, enviou-a para a propriedade um amigo no campo para se tornar a dama de companhia de uma jovem. A ironia

da situação não foi perdida: por anos a mãe tentou evitá-la, e agora Ruby fazia tudo o que podia para fugir da mulher.

Ruby fechou outra gaveta depois de não encontrar na útil. —Onde você está? — ela murmurou. Abrindo outra gaveta, moveu papeis, mais tinta e um estojo com selos.

Não se arrependia, nem por um minuto, dos anos que passou no campo com a sua mais próxima e querida amiga, Lady Viola. Mas Vi agora estava casada e começando a própria vida ao lado de Lorde Haversham, então ela não precisava mais de uma acompanhante paga.

Como Ruby desejava poder voltar no tempo quando não sabia dos pecados da mãe. Um tempo em que pensava que a mãe, a Sra. Pearl St. Augustin, era apenas uma mulher amarga com instintos maternais limitados. Foi há apenas seis meses? E apenas poucas semanas depois de ter encontrado o diário da mãe, detalhando seu caso extraconjugal?

Fechando outra gaveta, ela voltou a atenção para a maior de todas. Olhou a fechadura com suspeita, como se ela fosse se fechar se ela a segurasse rápido demais.

Ruby respirou fundo antes de tentar a última gaveta que poderia abrigar todas as respostas do seu passado, sobre a sua verdadeira origem. Seus pulmões se expandiram por causa do ar que guardou lá dentro. Não expirou até que eles começaram a queimar. Com os dedos trêmulos, ela levou a mão à gaveta e puxou.

Suas unhas bem aparadas quase quebraram quando segurou o puxador e ele escorregou da sua mão por causa da força que usou para tentar abrir a gaveta. Mas ela nem se moveu.

Trancada!

—Oh, meleca! — disse entredentes. Levando as mãos até as pregas do seu vestido, Ruby procurou uma bolsinha enfiada no fundo do bolso. Colocando-a sobre mesa, ela tirou de lá seus dispositivos de arrombamento, apenas alguns grampos e pequenos fios que tinha juntado desde a sua primeira noite – e sua primeira tentativa fracassada de arrombar uma mesa – para ajudá-la a abrir a gaveta.

Precisava saber quais segredos *este* lorde escondia. Iria encontrar lá dentro um envelope onde estaria escrito ‘Filha Abandonada’, ou um relatório dos Bow Street Runners com detalhes sobre ela – cor do cabelo, o tom de verde dos seus olhos, lugares que tinha ido, talvez detalhes de suas atividades ao longo da vida?

Nada digno de nota era encontrado com facilidade.

Nenhum homem, casado ou não, manteria registros do seu passado nefasto. É mais provável que o pai não tenha pensado nela, ou na mãe, duas vezes depois de ter expulsado a amante grávida da sua casa no meio da noite com a roupa do corpo sem ter sequer meios para ir para casa.

Ruby não era idiota, mas se viu continuando a busca mesmo assim. Não precisava de uma confissão assinada – só precisava daquele abridor de cartas.

Com os grampos na mão, ela se ajoelhou na frente da gaveta e olhou a fechadura, soprou uma mecha de cabelo do rosto. Não tinha obtido muito sucesso ao tentar abrir gavetas. Mas talvez a sorte estivesse ao seu lado esta noite. Ela entrou no baile sem fazer alarde, pouco depois os anfitriões tinham saído da linha de recepção. Era surpreendente o quanto a disposição das casas de Londres eram similares. Ruby tinha navegado pelos corredores do segundo andar e encontrou a sala que procurava muito rapidamente, sem ver uma viva alma.

Os grampos escorregaram na fechadura ao mesmo tempo em que a língua saía da boca para lamber os lábios enquanto ela se concentrava em movê-los da forma certa para que a tranca se abrisse. Lutou para manter as mãos firmes quando a testa começou a suar. Estava ficando sem tempo.

Ruby aplicou um pouco mais de pressão e o grampo quebrou, caindo inútil dentro da tranca. —Que você queime no inferno, mãe! — ela amaldiçoou e se sentou, secando a testa.

Sempre tinha se visto como uma garota sensível, uma filha obediente e uma boa amiga. Só podia imaginar o horror no rosto de Vi se a visse agora. Uma ladra comum. Uma gatuna. Uma invasora de privacidade.

Mas, isso tinha que ser feito.

Procurava respostas e naquele momento tudo o que tinha era uma interminável lista de perguntas.

Ficando de pé mais uma vez, pegou a bolsinha e a colocou de volta no bolso. Voltou a atenção para a longa mesa perto da parede atrás da escrivaninha. Inclinando-se, correu a mão ao longo da lateral da peça, procurando por compartimentos escondidos ou – se a sua sorte tivesse voltado – uma pasta cheia de papeis.

—Xerez, senhorita Ruby? — uma voz estranhamente familiar perguntou atrás dela.

Harold Jakeston observou enquanto ela se levantava. As costas se ergueram e o corpo ficou tenso.

Ela se virou lentamente em sua direção, os olhos estavam arregalados e a boca aberta.

Ele queria rir, mas temia que fosse assustá-la ainda mais.

Mesmo tendo amadurecido, a senhorita Ruby St. Augustin ainda lembrava a moleca suja que ficava seguindo ele e Brock quando eram mais novos. Os olhos dela sempre estavam cheios de travessura e aventura, como estavam agora. A íris verde mal brilhava na sala pouco iluminada. O cabelo não estava mais solto em volta dos ombros, mas preso em um penteado elegante no alto da cabeça. Ela sempre tinha sido alta, agora ela tinha quase um metro e oitenta de altura.

O olhar dele voltou para ela. —Aceita um xerez? — ele perguntou de novo, oferecendo o copo a ela enquanto admirava a suave curva do seu pescoço.

—Sr. Jakeston... eu... bem.

Ele relaxou. —É uma pergunta simples. — Ele parou, levando o copo aos lábios para dar um gole. —Ou você aceita um copo de xerez ou não.

Quando ela só o olhou sem emitir uma palavra, Harold prosseguiu, — Você sabe o que quer? — Ele estava atormentando-a. Ela com certeza não estava fazendo o mesmo que ele, se escondendo da multidão para ter alguns minutos de silêncio depois de uma noite difícil. Suas maldições e manuseio na escrivaninha de Lorde Yorkton demonstravam claramente que ela estava procurando por alguma coisa – e que não tinha encontrado. Mas *o que* ela procurava?

—Perdoe a minha grosseria, Sr. Jakeston. Não, eu não desejo um copo de xerez, mas obrigada por oferecer. — Ela esfregou as mãos na frente do vestido. —Você me assustou. Pensei que estivesse sozinha. — Ela olhou em volta da sala, como se esperasse que mais alguém saísse das sombras.

Harold riu. —Por nada. Gostaria de se juntar à mim perto da lareira? — ele perguntou. Sem esperar a resposta dela, ele se afundou na cadeira estofada que estava vazia há apenas uns momentos. A sala mobiliada de forma moderna satisfez a necessidade que Harold tinha por espaço. Esperava ter alguns minutos para ficar longe das muitas pessoas que tinha encontrado durante a noite, mas descobriu que não estava contrariado com a interrupção dela.

Mesmo sendo altamente impróprio de sua parte, queria convencê-la a sentar – e esperava uma explicação para a sua presença no escritório de Lorde Yorkton.

Seus passos relutantes podiam ser ouvidos enquanto ela cruzava a sala, tomando o assento ao lado dele. Mesmo ficando em frente ao fogo, as cadeiras também estavam levemente inclinadas uma em direção a outra. Ele olhou para o queixo erguido, o cabelo perfeitamente penteado e as esmeraldas que pendiam em volta do pescoço e das orelhas. Apostaria um penny de que elas combinavam perfeitamente com os seus olhos – olhos que neste momento encaravam o fogo enquanto ela agarrava o assento da cadeira.

Depois de vários momentos de silêncio, ele perguntou. —Está aproveitando a noite? Não sabia que você estava na cidade.

—Por que você saberia se eu estivesse na cidade? — Ela não tirou os olhos do fogo.

—Suspeito que Lady Vi, quer dizer Lady Haversham – o nome ainda é novidade para mim – iria estar estourando de animação por causa da sua chegada.

Ela finalmente olhou para ele. —Quando você viu Vi?

—Todas as manhãs, durante a refeição do meio-dia. — Ele parou e tomou um bom gole da bebida. —E então na carruagem que vinha para cá. Estou ficando na casa dos Haversham afinal das contas, já que sou um pobre futuro vigário.

Tudo sobre aquela mulher era suspeito, desde a sua busca atrapalhada até a atitude ansiosa. Se a luz estivesse boa, ele poderia ver a pele dela brilhando de suor.

Ela enrijeceu as costas. —Mas eu não... — As palavras esvaneceram. — Sr. Jakeston, eu posso—

—Por favor, não é como se não nos conhecêssemos. É só Harold. — Ele riu do desconforto dela. —Sr. Jakeston, ou melhor Vigário Jakeston, é o meu pai – ou qualquer um dos meus irmãos mais velhos.

Ela aquiesceu, mas continuou em silêncio, os dedos fechados com força sobre o colo enquanto ela torcia as dobras do vestido.

—Posso fazer uma pergunta, Ruby? Eu também posso abandonar as formalidades?

—É claro.

Ele olhou para ela com suspeita. Ele lembrava dela como uma criança barulhenta, precoce ao extremo. Seu breve encontro no ano anterior mostrou

que Ruby era articulada, jovial e aberta. —O que você estava fazendo esquadrinhando a escrivaninha de Lorde Yorkton?

Ela continuou sem demonstrar emoção, sem entregar nada.

—Prefere que eu adivinhe? Sempre me orgulhei da minha capacidade de raciocínio. — Ele bateu os dedos no copo. —Deixe-me pensar... O que uma dama da *ton* poderia estar fazendo saqueando—

—Eu com certeza não estava saqueando o escritório de Lorde Yorkton, — ela exclamou.

—Bem, bem, bem, a dama pode falar afinal das contas, — ele riu. —Permita-me parafrasear meu comentário. O que uma dama da *ton* poderia estar procurando – assim está melhor? – na escrivaninha de um lorde, enquanto age como se fosse uma convidada em sua casa? — Ele sorriu e ergueu a sobrancelha na direção dela, esperando que ela lhe desse algum vislumbre do que estava acontecendo.

Fiel à forma, ela segurou a língua.

—Oh, eu sei! — ele apontou o dedo para o teto. —Você está com poucos fundos e estava querendo pegar *emprestado* um pouco do nosso bondoso anfitrião. Talvez uma bugiganga ou algo do tipo que ninguém fosse sentir falta.

—Eu nunca—

—Não? Deixe-me tentar novamente. Você terminou uma reunião com o nosso generoso anfitrião e esqueceu alguma quinquilharia no escritório dele, — Talvez suas insinuações estranhas fossem arrancar alguma coisa dela.

—Agora, isto é ridículo!

—Mas não tão disparatado como muitos presumiriam, — ele disse. —Mas novamente, devo estar errado. Possivelmente isso tenha algo a ver com a sua mãe?

Ruby finalmente virou-se para ele e pegou a sua mão, a preocupação estava estampada em seu rosto. —Por favor, diga que você não tem contato com a minha mãe. Ela não pode saber o que você viu esta noite. —Claramente acreditando ter dito demais, ela se jogou na cadeira de brocado em silêncio.

Harold preencheu o copo. —Tem certeza de que não quer um pouco? — ele perguntou sem olhar para ela.

Sua pergunta foi recebida com silêncio.

Ele estava curioso, mas temia assustá-la antes de descobrir o verdadeiro motivo para ela estar revirando as coisas de Lorde Yorkton. Ele estremeceu

ao pensar nas consequências caso Ruby tivesse sido encontrada por outra pessoa que não fosse ele – ela não teria enfrentado apenas um dano potencial, mas também a reputação de Lady Haversham ficaria manchada por causa da amizade delas.

—Senhorita Ruby, de que forma você está relacionada com Lorde Yorkton?

A resposta dela foi baixa, quase inaudível – como se fosse o sussurro de amantes no meio da noite. —Eu o vi duas noites atrás, e hoje quando eu cheguei.

—E você sabe alguma coisa sobre o homem? — ele incitou.

—Não muito.

—Ele não é bom, nem do tipo que perdoa.

—Eu não planejava conhecê-lo melhor esta noite.

—Esta noite? — As respostas dela apenas captavam ainda mais o seu interesse. A noite estava ficando mais intrigante a cada segundo, um bom adiamento das pressões do seu próprio dilema.

—Eu devo ir.

Não queria que ela fosse. Mas também sabia os perigos que corriam caso alguém os visse sozinhos.

—Isso seria sábio. Posso escoltá-la até o salão de baile?

Ruby ficou de pé, alisando as rugas do vestido. —Não, obrigada. Isso também levantaria suspeitas. — Ela olhou para ele como se o escrutinasse. — Posso confiar de que você não falará nada para ninguém?

Não estava certo de para quem ele contaria, mas nesse preciso momento ele prometeria qualquer coisa a ela... se ela ao menos ficasse. —Nenhuma palavra sairá dos meus lábios.

—Obrigada, — ela disse. —... Harold.

Harald adorou ouvir o nome saindo dos lábios de Ruby.

Ela se levantou para sair, o vestido farfalhando enquanto ia para a porta.

Escapando.

O feitiço se quebrou, libertando os dois.

—Ruby, — ele chamou.

—Sim? — Pelo tom abafado ele soube que ela ainda estava de costas para ele, assim como ele para ela.

—Você está esplêndida esta noite. — Ele queria dizer muito mais coisas: encorajá-la a pensar em Lady Haversham quando se colocasse nessas situações menos que convenientes, ou para refrear o linguajar enquanto

estivesse na cidade. Em vez isso, disse exatamente a coisa que tinha estado pensando desde que entrou na sala. —Por favor, tenha mais cuidado no futuro.

Ouviu a porta se fechar.

—Até a próxima, docinho, — ele murmurou para a sala vazia e tomou o resto da bebida.

CAPÍTULO DOIS



NO QUE ESTAVA pensando?

Ela não estava. Ao menos, não claramente desde que encontrou o diário da mãe. Só queria encontrar respostas – mas não tinha pensando no que custariam.

E no final da noite, o custo poderia muito bem ter superado o prêmio.

O estalo do fogo na sala para a qual fugiu era o único som no corredor deserto, infiltrando-se por baixo da porta e ecoando à sua volta. Os pés cobertos por cetim escorregavam em direção à grande escadaria enquanto ela voltava para o salão lotado. Enquanto descia, o som das risadas e da música a recebeu.

Precisava ser mais cuidadosa em suas buscas, mais vigilante em seus movimentos e mais alerta ao seu entorno.

E se tivesse sido encontrada pelo lorde da casa ou um dos seus criados? Poderia dizer que tinha se perdido ou fingir confusão e sair de lá a toda pressa. Ou teria coragem de perguntar a Lorde Yorkton a questão que a estava dilacerando.

Ele tinha tido um filho, fora do casamento, com a Sra. Pearl St. Augustin?

A pergunta parecia absurda. Só podia pensar na insanidade das palavras sendo ditas em voz alta; não apenas para Lorde Yorkton, mas para todo homem na sua enorme lista de pais em potencial.

Pai – o termo a rasgava. Todas as suas noções pré-concebidas sobre a palavra eram vazias. Por trinta e dois anos ela chamou de ‘pai’ o homem mais cuidadoso e amável que já conheceu. Ele participava de suas festas de chá quando era uma criancinha, comprou para ela elegantes vestidos de musselina quando estava maior, e a ensinou a andar a cavalo. O dia que o enterraram foi surreal. Lembrava da longa caminhada até o mausoléu da família nos fundos da propriedade, com o caixão do pai dentro da carruagem. Nenhuma menina em idade escolar deveria viver a perda de um dos pais.

Buscou a mão da mãe várias vezes naquele dia – não sabia se queria dar ou receber conforto – mas a mãe sempre se afastava. Sua mente se lembrava

da mãe com clareza naquele dia, e nos muitos dias que se seguiram. Ela não derramou uma única lágrima. Ruby nunca a ouviu chorar até dormir como ela mesma tinha feito após a morte dele. Ela nunca teve aquele olhar de saudade quando recordava as lembranças queridas.

A falta de pesar da mãe não a tinha alarmado naquela época. Pearl St. Augustin sempre tinha sido distante e indiferente. Foi só agora que percebeu que a mãe vivia em um luto perpétuo desde antes de Ruby nascer.

Será que o pai sabia da traição da mãe? Se sim, ele tentou compensar a frieza da mãe com amor e atenção. Ele era o melhor dos homens, não buscando punir a criança pelos pecados da mãe. Parte de Ruby ansiava poder perdoar Pearl, apagar os anos de dor e solidão e encarar o futuro juntas, venha o que vier.

Secou a lágrima perdida que escorria por seu rosto. Agora não era hora – na verdade, não sabia se chegaria a hora de lamentar, pela segunda vez, a morte do homem que a criou.

—Maldição, mãe! — Ruby amaldiçoou por sobre a respiração enquanto se espremia entre as pessoas indo em direção à varanda, evitando fazer contato visual. Agora não era hora, ralhou consigo mesma. Deixou o cocheiro de Lady Haversham saber que ela só ficaria trinta minutos e iria voltar para a carruagem. Com o tempo que tinha demorado para entrar na casa e subir as escadas sem ser notada, uma hora tinha passado mais rápido que pensava ser possível.

Enquanto se movia entre a multidão, cumprimentando as poucas pessoas que conhecia, ouvia as divagações dos convidados.

Sua alta estatura permitia que ela olhasse por sobre a multidão, possibilitando que evitasse fazer contato com a mãe ou seus amigos. Só podia imaginar a descompostura que receberia caso fosse encontrada em Londres, desobedecendo o desejo da mãe de que ela permanecesse no campo devido aos fundos limitados.

Tinha sido uma vantagem para ela que a sua mais próxima e mais querida amiga, Lady Viola Haversham, estivesse indo para Londres no mesmo dia que Ruby tinha chegado na propriedade dela, com um segredo obscuro na ponta da língua. Estava pronta para contar tudo para Vi, mas se segurou quando viu a criadagem empacotando as coisas para a viagem à Londres. Ruby só tinha imaginado seu próximo movimento. Precisava estar em Londres se esperava conseguir respostas.

Ruby era grata pela generosidade de Vi, mesmo que a amiga tenha deixado claro que tinha seus próprios motivos egoístas para querer Ruby por perto. Estava grávida do primeiro filho, e temerosa de ficar sozinha. Mesmo Ruby sabendo nada sobre bebês e parto, estava ansiosa para compartilhar este momento com a melhor amiga.

Devido a condição de Vi, Ruby tinha uma desculpa para acompanhá-la à Londres – contra a vontade da mãe – e então poderia dar início à busca do seu verdadeiro pai. Ela não tinha muito com o que começar quando chegou, tinha apenas a bagagem e o velho diário da mãe. Ela conseguiu uma cópia do *Pares do Reino* em uma loja na Bond Street, enquanto Vi comprava um novo lenço de bolso para o marido. Ruby trabalhou rápido, fazendo sua lista de lordes que estavam solteiros em um certo período de tempo. Depois de ter eliminado aqueles que não estavam em Londres na época em questão, e mais aqueles que já tinham ido para as casas, viu a sua lista diminuir a seis nomes.

Ao menos os motivos da mãe para mantê-la longe dos olhos dos outros faziam sentido agora. A Sra. St. Augustin não arriscaria que a filha – e por consequência ela mesma – fosse ligada a um homem que não fosse seu falecido marido.

Olhando em volta, Ruby viu um cavalheiro que a altura refletia a sua própria forma esbelta. Outro com o mesmo tom de verde dos seus olhos, e ainda outro que o cabelo e a pele combinavam com a sua compleição escura.

Pelo que pareceu a milionésima vez, a dúvida, a incerteza e a desesperança a invadiram. A dúvida por nunca saber quem realmente era, aonde pertencia e qual era o seu lugar no mundo. Incerteza se ia ou não querer saber a verdade, se o homem que era o seu pai quereria algo com ela, se iria gostar do caminho que estava tomando. E desesperança por ela não ser nada qualificada para essa busca.

—Ruby?

Parou há vários passos da porta que dava para a varanda – e para a sua liberdade.

Colocando um sorriso no rosto, que esperava estar alcançando seus olhos, ela se virou. —Vi, — disse. —Não sabia que você estava aqui, ou eu teria vindo contigo e com Lorde Haversham.

Vi olhou para ela sem acreditar. —Tenho certeza que eu disse hoje mais cedo durante a prova do vestido.

Não faz muitos meses que Ruby tinha visto Vi agir de forma suspeita. —Eu acredito que não, mas estou feliz por ver ao menos uma pessoa conhecida.

— Ruby deu um abraço apertado em Vi para abafar as perguntas que a amiga estava ansiosa para fazer. Perguntas para as quais ela não tinha resposta.

Depois de um momento, Vi devolveu o abraço e então segurou Ruby à distância de um braço. Os olhos azuis cristalinos da amiga a olharam da cabeça aos pés. —Você está esplêndida esta noite. A Sarah arrumou o seu cabelo?

Ruby sorriu. Sabia que ficaria maravilhosa no vestido de cetim, com o cabelo preso no alto da cabeça. —Não. Decidi vir de última hora. — Ruby ainda segurava as mãos de Vi. —Não quis incomodar Sarah ou outro criado.

—Que bobagem, você é nossa convidada.

As lágrimas se formaram uma vez mais, mas dessa vez foi por uma razão completamente diferente. Depois que o pai morreu, Ruby não teve amor de uma família até que foi viver com Vi como acompanhante paga, o que acabou se transformando em uma amizade muito invejada. Foram inseparáveis por anos, passando os feriados juntas como se fossem irmãs. Lorde Oberbrook, pai de Vi, até mesmo tinha comprado um esplêndido guarda-roupa para ela passar aquela semana mal fadada da última temporada de Vi em Londres.

Naquela noite usava um elegante vestido púrpura que nunca tinha posto antes. Alguns poderiam ser identificados como moda da última temporada, mas Ruby nunca se sentiu tão elegante. O vestido transformava a sua forma magra em um corpo gracioso e esguio de uma refinada dama da *ton*.

—É só que eu não queria incomodar ninguém, — Ruby respondeu. — Você e sua família já fizeram tanto por mim. — Olhou por sobre o ombro de Vi. Felizmente, a mãe dela não podia ser vista. Ruby precisava escapar antes que fosse tarde demais.

Vi soltou as mãos de Ruby e deu um passo atrás. —Basta. Devo procurar um parceiro de dança para você?

—Não, por favor. Estou sentindo um pouco de calor. Estava indo para a varanda tomar ar quando você me viu. — Ruby fez sinal para as portas francesas que não estavam muito longe delas. —Aceitarei a sua oferta depois que me refrescar um pouco.

—Irei me juntar a você—

—Não é necessário, — Ruby cortou. —Estou vendo Brock vindo em nossa direção. Suponho que ele vá querer a sua companhia. Irei me juntar a vocês em um instante. — Com outro rápido abraço e uma beijoca na bochecha, Ruby foi em direção às portas.

—Olá, meu amor, — Ruby ouviu Brock cumprimentando Vi enquanto ela ia até a porta, longe dos olhos curiosos da *ton* e mais longe ainda das garras da mãe.

O ar frio da noite acariciou a sua pele aquecida, mas logo a deixou fria. Desejou não ter deixado o xale na carruagem, mas não teve escolha. Os criados na porta da frente teriam olhado com suspeita se ela não deixasse o item com eles quando chegasse, e ela não podia pagar por outro no caso de deixá-lo para trás. Chegar *sans* xale tinha sido uma necessidade, e dar a volta na casa para chegar à carruagem não levaria muito tempo.

Abraçou os ombros nus para se proteger da brisa e foi até os degraus que levavam ao jardim, tendo o cuidado de manter a cabeça baixa. Mesmo não conhecendo muitas pessoas na cidade, não arriscaria ser reconhecida antes que estivesse preparada. Isso sem dúvidas incitaria fofocas que apenas interfeririam e complicariam a sua busca. A varanda estava praticamente vazia e ela foi capaz de descer as escadas e ir em direção ao portão.

Chegando lá, Ruby olhou por sobre o ombro para se assegurar de que não estava sendo seguida. O que viu a fez para em seco com a mão apoiada no portão.

Harold estava lá, na beirada da varanda, com a taça de xerez erguida em um brinde.

O homem tinha uma figura impressionantemente elegante. Uma que Ruby tinha dificuldade de afastar o olhar já que o brilho do salão o iluminava. O corte da camisa podia aparentar ser da última temporada, mas os ombros largos nunca saíam de moda. Tinha achado difícil manter os olhos no fogo mais cedo, queria olhar para ele, mas temia que fosse entregar o terror absoluto que sentia por ter sido pega. Ela o achava sedutor e meio perturbador, embora essa fosse a última coisa que estivesse pensando no momento.

Tentou afastar o olhar antes que ele notasse, mas ele fez um gesto com a cabeça para ela e tomou um gole da sua bebida.

Se não estivesse enganada, a risada dele ecoou pelo jardim enquanto ela se afastava.

CAPÍTULO TRÊS

HAROLD RIU ENQUANTO ela escapava pelo portão e ia em direção à entrada de veículos, ninguém mais a tinha visto. O olhar de choque de Ruby quando a cumprimentou tinha feito sua corrida desembestada pela casa valer a pena.

Foi apenas para que ele se certificasse de que ele chegaria em segurança ao salão de baile, tinha dito a si mesmo. Ela tinha saído com tanta pressa, que ele se preocupou que ela fosse tropeçar nas escadas ou ser encurralada em um canto escuro por algum convidado bêbado.

Precaução nunca era demais. Assegurou a si mesmo de que o fato de Ruby St. Augustin ter captado o seu interesse de um jeito que poucas fizeram desde que chegara à Londres não tinha nada a ver com a sua preocupação pelo bem-estar dela.

A mulher não chamava a atenção apenas pela beleza, mas ela tinha um certo ar de mistério graças à sua procura apressada e a partida repentina. Tanto quanto sabia, a senhorita Ruby não tivera uma temporada em Londres nem tinha contatos na cidade além da nova Lady Haversham e, é claro, a mãe. Ele sequer poderia imaginar a razão de ela estar se esgueirando pelo escritório de Lorde Yorkton no meio de um baile para revirar documentos pessoais. O escritório de um homem era o seu domínio pessoal. Muitos mantinham suas possessões mais valiosas ou escondiam seus segredos em seu santuário privado, sabendo que ninguém se atreveria a cruzar a porta sem ser convidado.

Não conseguia descartar a suspeita de que ela tinha se envolvido em algo e que estava com problemas, e por isso precisava da sua ajuda.

—Harold, é você? — Lady Haversham disse por trás dele.

Ela estava alguns passos de distância do salão de baile. O sorriso dela o ofuscou como sempre fazia. Harold não poderia ter escolhido uma esposa e parceira mais perfeita para o seu melhor amigo, Brock. —Sou eu, sua senhoria. — Ele fez uma mesura. —Como está se sentindo esta noite?

—Estou um pouco cansada, mas grata por Brock estar se certificando que eu descanse bastante entre as danças. — O sorriso dela ficou ainda mais brilhante. O brilho alcançou seus claros olhos azuis e trouxe luz à varanda escura. —Quantas vezes terei que pedir para que me chame de Vi?

—Ao menos mais uma vez, — Harold respondeu. —Minha lady.

Lady Haversham olhou ao redor da varanda.

—Posso ajudá-la com alguma coisa? — ele perguntou.

—Não tenho certeza, — Ela esquadrinhou o jardim antes de prosseguir. —Por acaso você viu a Ruby por aqui?

Harold pesou suas opções. Se dissesse a Vi que não tinha visto Ruby, ela ficaria preocupada. Se dissesse que a viu saindo pelo portão do jardim, isso também faria com que ela se preocupasse com a amiga. Mas que alternativa tinha para impedir que Lady Haversham fosse atrás de Ruby? Era necessário envolver outra pessoa nessa situação?

—Bem? — Vi ergueu a sobrancelha.

—Encontrei a senhorita Ruby há uns minutos. Saiu em busca de ar fresco. Ela disse algo sobre não estar se sentindo bem, então a acompanhei até a carruagem. Minhas desculpas por não localizar você ou Brock mais cedo para contar. — Ele se lamentou pela mentira, mas não hesitou por causa das consequências.

Mentir para a esposa do melhor amigo para acobertar os atos nefastos de uma mulher que ele mal conhecia era algo que nunca tinha pensado que fosse fazer.

Vi suspirou e a tensão abandonou o seu corpo. —Oh, não se preocupe. Eu não esperava encontrá-la aqui esta noite. Irei vê-la quando voltarmos para casa.

—Quando vocês voltarem para casa...? — Harold deixou as palavras esvanecerem a modo de pergunta.

—Bem, sim. Ruby está ficando em Haversham House desde que eu cheguei. Você não a viu?

Mas ela não estava mesmo! Não viu nem rastro da mulher. Nem Ruby tinha lhe dito onde estava hospedada quando se encontraram no escritório. Ela certamente estava tramando alguma coisa, e havia chances de que Brock e a esposa não tivessem a mínima ideia. Parece que o fato de Ruby estar se esgueirando por aí não escapou apenas da sua percepção, mas também da deles. Ele tinha jogado bilhar com Brock há duas noites, tomou o café da manhã com o casal todas as manhãs e veio para o baile na carruagem deles. E

o nome dela não tinha sido pronunciado uma única vez, nem teve um vislumbre dos olhos cor de esmeralda, nem ouviu o som da voz melódica pelo corredor.

—Eu só soube esta noite, minha lady.

Vi colocou a mão sobre a manga de Harold e se aproximou, como se tivesse confidenciando alguma coisa. —Não se sinta deixado de fora. Ela não quer que saibam que ela está em Londres.

Ele baixou a voz na esperança de conseguir mais informações. —Isso é muito interessante considerando que ela acabou de sair de um baile com quase trezentas das pessoas mais influentes de Londres.

—Na verdade há apenas uma pessoa que ela quer evitar. — Uma risada leve acompanhou as palavras.

Isso captou o seu interesse. —E quem *nós* devemos estar evitando durante nossa estada?

—O que você disse para fazer a minha esposa rir desse jeito?

Harold se virou no mesmo instante que Lady Haversham. Brock – o amigo de infância de Harold e marido de Vi – estava envolto pela luz das velas enquanto atravessava a porta. Seu amigo, recentemente aposentado do serviço à coroa, ainda tinha uma figura intimidante.

—Estou brincando. — Brock foi até o terraço e se juntou a ele. —Não pareça tão aflito ou não terei outra escolha a não ser pensar que você quer roubar a minha esposa.

—Se eu pensasse que tivesse a mínima chance, teria feito a minha jogada na última temporada enquanto você ainda estava com fogo em determinadas partes do corpo.

Lady Haversham soltou o braço de Harold e foi até o marido. —Pensei que você tivesse ido para o salão de jogos, meu amor.

—Os jogos não captaram o meu interesse esta noite, e eu queria ver se você estava se sentindo bem. Sobre o que vocês falavam com tanto interesse?

—Depois que dançamos, eu vim procurar a Ruby, — Vi disse. —Eu não a vi voltar para o salão e fiquei preocupada.

Harold concordava que Lady Haversham devesse estar preocupada, mas com algo completamente diferente. —Eu estava explicado que a senhorita Ruby não estava se sentindo bem, e eu a levei até a carruagem.

Brock franziu o cenho. —Não percebi que ela estava aqui. Devemos voltar para casa e verificá-la? Posso chamar um médico caso seja necessário.

—Não, não, não é necessário, — Harold interrompeu. Ele não fazia ideia se ela tinha mesmo voltado para casa. —Ela disse que iria descansar e ver os dois no café da manhã. Acredito que fosse apenas uma dor de cabeça.

Viu pouca necessidade em preocupar Brock ou Lady Haversham até que soubesse mais. Pressentia que algo grande estava em curso, mas com nada além de ter visto Ruby vasculhando a mesa de Lorde Yorkton, não podia soar o alarme. Ela podia muito bem virar o jogo e perguntar a ele o que o tinha levado lá.

—Ah, bem, então está certo. Se não estiver muito cansada, posso ter a próxima dança, minha querida? — Brock perguntou.

—Temo que minhas habilidades de dança estejam um pouco enferrujadas, — Harold disse.

Brock e Vi riram enquanto davam os braços e voltavam para o salão de baile enquanto as notas de uma valsa eram ouvidas através das portas.

—Não esperem por mim, — Harold disse para o casal.

—Não sonharíamos com isso, — Brock disse por sobre o ombro.

Harold queria chamar Lady Haversham e pedir para terminarem a conversa. Para descobrir quem Ruby estava evitando e se ela estava com problemas – ou qual seria a causa do problema. Ela parecia ansiosa no escritório de Lorde Yorkton e bastante esgotada quando, ele presumiu, não encontrou o que estava procurando.

Pela segunda vez naquela noite, Harold estava feliz por não pensar em seus próprios problemas e preocupações. Não tinha pensando nenhum segundo em sua necessidade de voltar à casa do pai ou em sua futura função como vigário. Seus irmãos, malditos sortudos, tinham escapado de casa e forjado o próprio caminho. Infelizmente, sendo o mais novo, Harold não podia se dar ao mesmo luxo – e seu pai estava ficando sem paciência.

Ele suspirou. Seus dias vagando pela cidade, e sua liberdade, estavam chegando ao fim depressa demais. A responsabilidade batia cada vez mais alto e mais forte à sua porta.

Sua vida era uma bagunça – tinha o direito de envolver mais alguém nela? Parte dele duvidava da sua habilidade de pesar as ações de Ruby quando ele mesmo não tinha a força moral para lidar com a própria situação.

O tempo estava voando e Harold passaria as próximas semanas – ou possivelmente dias – fazendo o que o deixava feliz, antes de se assentar e fazer a vontade do pai.

O copo em sua mão estava vazio. Ele o colocou em uma mesinha e foi em busca de um par para dançar.

CAPÍTULO QUATRO



27 de Novembro de 1783

MINHA HORA ESTÁ chegando, e mesmo que eu devesse ser grata pela bondade que Sir St. Augustin demonstrou, temo que eu seja uma esposa horrível e em breve serei uma péssima mãe. Veja bem, querido diário, não quero nada com essa criança. Tanto se for um menino com os olhos dele *e uma inclinação para o romance, quanto se for uma menina com o meu cabelo escuro e sua formidável estatura, temo que não possa amá-la. Como poderei viver a cada dia com o filho dele correndo pela propriedade?*

É com tristeza que escrevo isso, esse será o meu último registro nessas páginas. É hora de eu arranjar outra saída para o meu pesar e minha angústia, já que a minha obsessão em escrever não está sendo capaz de melhorar a minha disposição.

A vida é cheia de miséria e eu sofro mais que a maioria das mulheres. Acredito que um dia poderei ser feliz também... embora tema que a minha felicidade nunca virá do meu marido e do meu filho. Talvez um dia eu seja forte o bastante para escapar de tudo isso e forjar o meu próprio destino.

Ruby fechou o diário e colocou a mão aberta sobre ele. Pegou o livro, observou aquelas palavras tantas vezes que apostava que já estava ficando mais familiarizada com ele a cada dia. A imagem da mãe escrevendo freneticamente ou sempre mantendo o diário por perto não saía da sua mente.

Fechou os olhos com força, reprimindo as emoções e focando na raiva. No ressentimento. Na sua necessidade de validação.

Todo dia jurava que nunca mais abriria o maldito livro, mas vez após vez se via precisando lembrar por que estava fazendo o que estava fazendo – arriscando tudo o que era em busca da verdade. E para alcançá-la, era importante que não permitisse que as emoções levassem a melhor sobre ela, que arruinassem sua concentração e motivação.

Folheou as páginas vendo a letra da mãe, procurando por pistas da identidade do pai. Mas a cada leitura, não via uma menção ao nome dele.

Nenhuma única informação sobre quem seria o misterioso homem de pouca moral.

Ela estava desanimada, mas continuava a insistir.

A vontade de queimar o livro até que virasse cinzas a esmagava. Seria tão fácil voltar para o quarto e jogar a maldita coisa na lareira, ver as chamas lambendo as laterais e as páginas queimando, todas as enganações da mãe sumindo diante dos seus olhos. Nenhuma alma poderia provar o que ela sabia – tudo o que tinha lido.

Em vez disso, colocou o diário dentro do bolso, não confiando em deixá-lo a vista de ninguém.

A lista de Ruby estava diminuindo – rapidamente. Riscou outro nome. O escritório de Lorde Yorkton não tinha nada útil. Não havia um bilhete de amor, um abridor de cartas incrustado de rubis ou um valioso anúncio de teatro. Era o mesmo em cada casa que procurava. Não havia evidência de que qualquer um dos homens pelos quais tinha passado até agora não fossem o seu pai, exceto pelos poucos que não estavam em Londres naquela época. Agora, com poucos nomes na lista, precisava focar na pessoa que possuía qualquer característica que pudesse ser ligada a ela.

A mãe tinha escrito incessantemente sobre os bilhetes diários que mandava para o amante e de como derramava todo o seu coração e alma em cada um deles. Verdade, era idiotice de Ruby pensar que os bilhetes e o abridor de cartas significassem algo para o homem. Ele podia muito bem tê-los jogado fora assim como descartara a sua mãe.

Aquele sujeito sem coração.

Mas não. Ruby não sentia pena da mãe. Cada vez que essas emoções aborrecidas e incômodas começavam a surgir, ela as afastava e as trancava lá no fundo. Não sentiria pena da perda da mãe. Não podia perdoar suas ações e cada uma das consequências estavam sem dúvida nenhuma sobre os ombros de Lady St. Augustin.

A vida era feita de escolhas.

Cada dia, cada minuto alguém era forçado a fazer uma escolha. Havia pequenas escolhas que mal afetavam a vida, como escolher o tecido para um vestido. A vida era cheia dessas decisões inconsequentes – e que muitas vezes eram feitas de forma precipitada.

Mas a vida também era cheia de escolhas maiores. Eram essas decisões que definiam uma pessoa, que guiavam a vida de cada um.

Ruby pegou uma folha nova na gaveta da escrivaninha e escreveu as grandes escolhas que a mãe tinha feito, cada uma em conflito direto com o que Ruby queria para si. Frequentemente fazia essa lista de transgressões para ajudá-la a manter o foco – e como uma lembrança do quanto foi fácil para a mãe cair em perdição.

1. *Infidelidade*
2. *Deslealdade*
3. *Desonestidade*
4. *Não sentir amor, compaixão e carinho*

Pearl St. Augustin tinha escolhido, com todo o coração e continuamente, a afundar a própria vida e a da família na lama. Ruby não tinha notado a mácula em si mesma até recentemente, e não conseguia se livrar da desonra forçada à sua própria existência por uma pessoa que deveria amá-la – cuidar dela – incondicionalmente.

—Maldita seja, mãe! — Ruby amaldiçoou.

—Tsc, tsc. A maioria das palavras que já te ouvi dizer foram maldições à sua linhagem.

Ruby endireitou as costas e cobriu a lista com um livro. Não tinha ouvido a porta se abrir. O arrepio que percorreu o seu corpo ao ouvir a voz dele a deixou impressionada. Contra o seu melhor julgamento e muito para o seu próprio desalento, os pensamentos sobre Harold Jakeston tinham se infiltrado em sua mente mais do que uma vez desde a noite anterior.

—É má educação insultar a mãe, não?

—Você não tem ideia do que está falando. — Ruby não se deu ao trabalho de responder – tinha sido difícil demais tirar o homem da cabeça na noite anterior, e não via motivos para se atormentar mais. Continuava vendo-o como ele estava ontem na frente do fogo, ou saudando-a enquanto ela fugia pelo jardim.

O Sr. Jakeston deu uma risadinha profunda e masculina. —O gato não comeu a sua língua hoje pelo que vejo.

Ruby baixou o lápis e olhou para o homem exasperante. Os lábios estavam curvados em um sorriso encantador. —O que acontece ou não comigo não é da sua conta.

Ele se aproximou. —Poderia ser, — ele respondeu.

—Por que você se importa?

—Sou um homem honrado, senhorita Ruby. E você é uma donzela em perigo—

—O que te faz pensar que eu esteja em perigo? E um homem que se autonomeia honrado, dificilmente é, — ela prosseguiu sem dar tempo de ele responder.

—Touché. — Ele sorriu. —Você sentiu isso?

—Senti o quê? — A casa estava em silêncio. Nenhuma brisa entrava pela janela do salão.

—Essa vibração no ar. É bastante estimulante.

O homem era mais que exasperante, ele era incorrigível, arrogante e talvez meio retardado. Embora sentisse isso, e muito mais, ela se se lembrou com firmeza de que era do seu próprio interesse manter essa informação para si. —Novamente, Sr. Jakest—

—Harold, por favor, — ele a interrompeu. —Concordamos em deixar as formalidades de lado na noite passada, não?

—Muito bem, Harold. — Rubia teria que aplacá-lo – por agora. —Eu ia dizer que você deve ser um pouco pateta, perdoe a franqueza.

—Eu só procuro ser franco, uma qualidade que penso que falta na maioria dos membros da sociedade. — Ele foi até o sofá, que estava há alguns centímetros dela, e sentou.

Ruby o encarou. —O que você está fazendo?

—Sentando, — ele respondeu com o tom uniforme. —E o que você está fazendo?

Ele repetindo e imitando o que ela fazia estava lhe deixando louca.

—Eu não te convidei a ficar. — Ela queria gritar, chutar o homem por estar tomando tais liberdades, mas se refreou. Não era do tipo que agia como criança, embora estivesse seriamente tentada. —Não é apropriado que um homem e uma mulher de certa idade, e que sejam solteiros, fiquem sozinhos.

Ele riu. O tom ecoou pela sala e pelo corredor. Talvez a especulação de Ruby sobre a estabilidade mental dele não fosse assim tão implausível. Felizmente, um criado não demoraria muito a intervir graças ao excessivo barulho que ele fez.

—O que é tão engraçado? — Ruby perguntou.

—Por que eu teria que ser convidado a ficar? — ele perguntou.

—Não responda a minha pergunta com outra pergunta. É rude.

—Você quer saber o que eu acho rude?

Ela pensou se responderia a sua óbvia pergunta retórica, mas ficou quieta. Ruby olhou para a porta, a qual estava aberta da forma como a sociedade considerava aceitável para uma mulher solteira ficar na presença de um homem sem estar acompanhada. Não deveria se importar com o que a sociedade pensava sobre ela ou sobre suas ações já que mal circulava às margens da *ton*. Nunca tinha feito a sua estreia social.

Quando voltou a olhar para ele, ele lhe olhava parecendo confuso. Em seu olhar estava todas as perguntas que ele queria fazer, mas era cavalheiro demais para se permitir.

Ele ergueu o braço e apontou para o assento em frente a ele. —Sente-se, senhorita Ruby.

Preocupada com a retomada das formalidades, ela olhou novamente para a porta, esperando que alguém viesse resgatá-la.

—Eu não mordo, — ele disse dando uma piscadinha. —A menos que você queira, mas temo que a nossa amizade não está progredindo para esse ponto.

Ruby não lembrava desse homem sendo tão cândido. Na sua memória, lembrava-se de um menino esguio que explorava as terras entre a propriedade dela e a de Lorde Haversham. Ele raramente falava, e ela estava tendo problemas de ligar o homem diante dela ao menino que pensava ter conhecido quando criança.

—Isso é algo muito impróprio para dizer a uma dama, — Ruby o repreendeu enquanto seu cérebro traidor pensava em Harold mordendo o seu pescoço. A reprimenda pareceu sem importância, mas estava sem saber o que dizer. —O que você acha rude? — Ela tentou apaziguar a picada de seu último comentário.

—Ah! Agora, esse é um assunto muito mais apropriado de falar do que sobre mordidas. — Ele sorriu e fez sinal novamente para o assento perto dele. —É rude você não ter me dito noite passada onde você estava ficando em Londres.

Ruby cedeu e sentou. —Talvez eu preferisse não aprofundar a nossa amizade. — Ela pareceu insensível, mas estava em Londres por uma razão, uma razão muito específica – e isso não incluía renovar amizades passadas nem começar um namorico com qualquer pessoa, não importa o quanto ele fosse tentador. Tinha visto como aquilo tinha funcionado para a mãe. Harold Jakeston não tinha lugar em sua vida, e ela não tinha lugar na dele. —Espero que você não tenha se esforçado muito para descobrir a minha localização.

—Oh, não foi necessário nenhum esforço.

Ruby tinha estado certa ao ser discreta, mas sabia que seria inevitável que ela e Harold não se cruzassem enquanto estavam na mesma casa. Agora, só esperava que ele não saísse pela cidade gritando aos quatro cantos, fazendo um alarde sobre a sua presença. —Se você me der licença, tenho muitas cartas a escrever. — Quando ele continuou olhando-a atentamente, ela se levantou. —Foi um prazer vê-lo novamente.

Quis que as palavras soassem educadas, mas ainda assim desdenhosas. Quando ele continuou parecendo relaxado, seus pensamentos vagaram novamente para a saúde mental dele. Tinham lhe dito que os homens da *ton* poderiam ser tapados, mas ele reconheceria uma dispensa quando ouvisse uma?

Mas Harold não era um homem da *ton*, ela se lembrou, não mais que ela era uma dama da *ton*.

Talvez devesse culpar a falta de maneiras pelos anos que passou no campo.

Ela pigarreou para chamar a atenção dele. —Se você não se importa—

—Eu não me importo nenhum pouco, por favor, cuide de sua correspondência, — ele disse, se aconchegando no sofá. —Não irei perturbá-la. Devo pedir chá?

Ela ficou embasbacada enquanto ele lhe olhava. Havia um sorriso educado no rosto sereno, mas ainda assim os olhos dele brilhavam de travessura.

—Isso não será necessário. Acho que vou para o meu quarto para me aprontar para a refeição do meio-dia, — ela disse, mal conseguindo fazer passar o som por entre os dentes. Sem dúvidas ele tinha um rosto bonito, mas o homem era enlouquecedor – e possivelmente doido. Pegou suas coisas com pressa, mais determinada que nunca de que nenhum homem, menos ainda Harold Jakeston, fosse tirá-la de curso.



Ela fugiu da sala como se o próprio diabo estivesse atrás dela. Se precisasse de qualquer confirmação de que a mulher estava tramando algo, o comportamento dela acabou de comprovar o fato. Mesmo que ele tivesse pouco experiência com mulheres e suas atitudes voláteis, tinha certeza que não a tinha ofendido ao ponto de ela sair de toda sala em que ele entrava.

Ela não fazia sentido, mas que mulher fazia? Ainda não conhecera uma que não falasse meias palavras, meias verdades ou completas mentiras.

Mas bem, os homens não eram diferentes. Certamente, ele era culpado por ser menos que honesto com as jovens que conheceu na cidade. Brock insistia que Harold insinuasse que ele vivia na propriedade adjacente à de Haversham, quando na verdade seu pai residia *na* propriedade Haversham e sua família tinha servido com muito orgulho a três gerações de Havershams.

Ele estava desanimado a admitir que tinha pensado que Ruby fosse diferente – muito acima das outras mulheres da sua classe. Infelizmente, ela disse meias palavras e no melhor dos cenários, meias verdades, isso se não tivessem sido completas mentiras. Pensava o que ela tinha a ganhar por manter suas ações em segredo.

Harold não era apenas leal à família Haversham como um todo, mas estava em dívida com Brock. Se Ruby estivesse envolvida com algo ou alguém que fosse lançar uma luz ruim sobre Lorde e Lady Haversham, ele tinha o dever – não, a responsabilidade – de descobrir o que era e corrigir a situação. Lady Haversham já tinha sido muito machucada em sua curta vida, e Harold faria tudo em seu poder para se certificar que a única pessoa em que ela confiava mais que no marido não destruísse aquela confiança.

Ficando de pé, ele foi até a mesa de Ruby. Os itens femininos de sempre estavam lá: papeis chiques, uma pena e três potes de tinta, ilustrações de moda, um livro e um kit de selos. Ele pegou o livro, que estava no meio da mesa. *Pares do Reino*. O volume, velho para os padrões da sociedade, era pesado e cheirava há anos de uso.

Ele folheou o livro notando várias anotações ali, mas as palavras e famílias onde havia observações, não significavam nada para ele. Colocando-o de lado, ele olhou para os papeis espalhados sobre a mesa. Ele estaria cruzando uma linha e invadindo a privacidade dela se lesse qualquer uma daquelas folhas.

Acalentou a ideia de dar apenas uma olhada antes de pegá-las e voltar para o seu assento. Ela não teria saído da sala, deixando os papeis, se eles fossem de natureza particular. Talvez sua correspondência incluísse cartas para uma tia anciã ou instruções para a diretora de Casa Foldger's para Crianças Abandonadas, o orfanato que Harold sabia que Lady Haversham ajudava a administrar.

Mas temia encontrar a carta de alguém especial, possivelmente um homem esperando que ela voltasse para o campo. O sentimento era ridículo,

totalmente desconhecido para ele – e agora não era hora de perder tempo pensando em seus próprios problemas. O que sentia por Ruby – se sentisse alguma coisa – seria errado e indesejado baseado na atitude da mulher até então.

Ele só queria confirmar a sua natureza e a possibilidade de ações menos que honestas.

Ainda assim, olhou a letra bonita, sem focar nas palavras, mas na forma delas no papel, tão diferente dos seus movimentos fortuitos de ontem à noite. Ela tinha estado apressada, nervosa e consumida pelo que quer que fosse que estivesse procurando. Esperava que ela tenha encontrado o que estava procurando e que não se colocasse em perigo novamente.

A porta, ainda fechada, poderia ser aberta a qualquer momento e os papeis – sua única fonte de informação – poderiam ser arrancados de sua mão muito facilmente, e então perderia a oportunidade de conhecê-la melhor.

Concentrou-se nas palavras

Ambas as folhas tinham listas – uma de cavalheiros com títulos e a localização de suas casas em Londres, e a outra uma lista de más qualidades.

O tempo era essencial, Harold agarrou uma folha em branco e escreveu tudo o que pôde. Reconheceu alguns nomes como sendo tanto parceiros de negócios quanto conhecidos de Brock. Ainda assim, não conhecia a maioria. A lista continha homens de cada nível social, desde um barão a três duques. Eles não estavam em uma ordem particular. Muitos nomes estavam riscados sem razão aparente, e não havia nenhuma nota ao lado deles.

Estudou de novo a estranha lista de transgressões. Imaginava se elas se aplicavam aos homens da outra lista ou à ela mesma. Parecia que cada vez que se encontrava com a mulher, ela estava tramando alguma coisa.

Tinha a esperança de que seria capaz de descobrir o que ela estava fazendo antes de voltar para o campo. Se não conseguisse, colocaria Brock a par das suas suspeitas e quaisquer descobertas que fizesse.

CAPÍTULO CINCO



O CÔMODO DEU à Ruby privacidade e uma vista direta da porta da sala de estar. Tinha estado tão perturbada com a invasão de Harold que fugiu da sala com apenas metade das suas coisas, se esquecendo completamente dos papeis.

Agora não tinha escolha além de esperar que ele saísse – e rezar para que ele não tivesse olhado a escrivaninha nesse meio tempo.

As janelas estavam fechadas por causa do sol do fim da manhã, deixando o corredor às escuras.

—O que você está fazendo?

Ruby se enfiou um pouco mais no cômodo escuro ao ouvir a pergunta de Vi, esperando que a amiga não a tivesse visto, e que na verdade ela estivesse falando com algum criado. O bater do sapato no chão polido apagou qualquer esperança de Ruby passar despercebida.

Ela se levantou do assento no peitoril da janela, entrando na luz. —Oh, Vi, — ela disse, adicionando um pouco de choque na voz. —Só estava sonhando acordada e perdi a noção do tempo.

A amiga soube que as palavras eram falsas, assim como Ruby temia. —Sobre?

Ruby tinha muita coisa na cabeça, então não conseguiu pensar em algo rápido o bastante e que fosse convincente.

—Vamos lá, — Vi continuou. —Você tem agido estranho desde que chegamos em Londres, e nós sabemos que você é tão propensa a sonhar acordada quanto a começar a falar italiano assim do nada. Você está indisposta?

—Indisposta? — Ruby perguntou confusa. —Eu me sinto bem—

—O Sr. Jakeston disse a mim e a Lorde Haversham que você não estava se sentindo bem ontem à noite, e ele teve a bondade de te escoltar até a carruagem. Eu teria te acompanhado de bom grado já que eu também estava cansada, isso se você tivesse ido me procurar.

Ruby deveria lembrar de agradecer a ele da próxima vez que o visse, embora estivesse desconfortável com a inverdade. Estava grata por ele ter pensado rápido, mas não precisava que Harold mentisse por ela.

Vi tocou a testa de Ruby. Ela deu um passo para trás, assustando a amiga com o movimento.

—Bem, você não tem febre. — Viola cruzou os braços duvidosa. —Sua cabeça dói?

—Não.

—Eu só quero saber por que você está agindo de forma tão peculiar, — Vi bufou.

Ruby debateu se deveria ou não confiar na amiga – na verdade, a única amiga que já teve. Mas contar a alguém sobre a traição da mãe iria manchar a memória do pai, o homem que a tinha criado. Não importa o que a mãe tivesse feito ou não, Ruby devia ao pai mais respeito e devoção do que exibir a roupa suja da família pela cidade. Além disso, mesmo que confiasse totalmente em Vi, não podia arriscar expô-la a qualquer estresse a esse ponto da gravidez.

—Estou muito cansada, isso é tudo. Só preciso me acostumar ao ritmo agitado da cidade.

—Acho que você se acostumará com o tempo. Por favor, não se aflija. — A amiga sorriu compreendendo. —Eu entendo. A mudança da vida do campo para a da cidade também tem sido exaustiva para mim.

Uma porta se fechou baixinho atrás delas fazendo com que elas se virassem.

—Bom dia, senhoras, — Harold murmurou, fazendo uma pequena mesura. Sem dizer outra palavra, ele deu meia volta e foi em direção à escadaria principal.

—Todo mundo está agindo estranho, — Vi suspirou. —Talvez tenha algo acontecendo.

Ruby estava perdida. Sem dúvida havia algo acontecendo, talvez até mesmo por perto. Enganar Vi era algo que não queria fazer. Se ao menos pudesse manter seu segredo por mais algum tempo e descobrir quem é o seu verdadeiro pai, então poderia voltar para a propriedade da família. E teria bastante tempo para pensar no seu próximo movimento – ou esquecer tudo o que tinha descoberto, se fosse o que queria. Escreveria para Vi da segurança do campo e explicaria tudo.

—Tenho certeza que o Sr. Jakeston é um homem ocupado. — Harold tinha lhe dado cobertura na noite anterior, o mínimo que podia fazer era devolver o favor, mesmo se isso a deixasse doente. —Preciso ir. Tenho muitas cartas a escrever. As crianças da Casa Foldger's têm se correspondido com certa regularidade desde que você providenciou para que as cartas deles fossem entregues semanalmente.

Vi sorriu, como geralmente fazia quando mencionavam as *suas* crianças. —Eu agradeço por você escrever a elas. Eu sei que elas amam quando o correio chega com cartas para cada um.

Ruby se confortava com o conhecimento de que ela realmente planejava escrever para algumas crianças naquele dia – só que não naquele momento. —Eu sei que você gostaria que pudéssemos vê-los com mais frequência. O mínimo que eu posso fazer é escrever para me assegurar de que eles estejam se dedicando aos estudos e não causando problemas para a Sra. Hutton.

—Brock prometeu que me levaria ao campo assim que puder tirar alguns dias de folga. Isso se eu me sentir bem o bastante para viajar. — O rosto de Vi se acendeu ao mencionar o marido. —Eu espero que você venha conosco.

—Não há outro lugar onde eu queira estar. — Outra promessa que esperava não romper. —Vejo você daqui a pouco.

Ruby deu a Vi um sorriso tranquilizador, embora fosse mais para se convencer de que tudo daria certo. Ninguém descobriria a verdadeira razão para ela estar em Londres. Não havia chance de um encontro entre ela e a mãe. Iria encontrar o verdadeiro pai e, independente do resultado do seu encontro, iria voltar para o campo.

—Ruby?

—Oh, você disse algo?

—Perguntei se você planeja acompanhar a mim e a Brock esta noite.

—Esta noite? — Por sua vida, Ruby não se lembrava de qual baile tinha concordado em ir esta noite. Como os membros da sociedade conseguiam ir a todas essas reuniões durante a temporada estava além do seu entendimento.

—O baile na casa de Lorde Spires, sua boba.

Como pôde esquecer? Mas a melhor pergunta era, como esqueceu de cancelar? —É claro, eu não perderia por nada. — E por 'não perderia', Ruby quis dizer que ficaria a tarde toda procurando alguma desculpa para não ir. Tinha poucos vestidos de baile e Lorde Spires não estava na sua lista de possíveis pais.

O tempo era essencial e ela não desejava desperdiçá-lo esta noite.

—Maravilhoso, — Vi disse. —Irei me retirar para escrever algumas cartas.

Ruby foi em direção à sala que Harold tinha acabado de sair, esperando que ele não tivesse mexido nas suas notas.

—Oh, e Ruby, — a amiga chamou antes que fosse capaz de fugir. — Você se importa em ir dar uma olhada em Alex na casa do Marquês de Drake? Estou preocupada com ele.

O nome – Marquês de Drake – era familiar, principalmente porque estava dentre os poucos que ainda restavam em sua lista. —Sim, irei dar uma passada lá e ver como ele está.

—Não há razão de ir imediatamente. Talvez você possa escrever um bilhete e pedir a um dos criados para entregar no estábulo do marquês.

Concordaria com qualquer coisa para colocar fim à conversa e voltar para a escrivaninha. —Certamente.

Mas só depois de determinar se Harold tinha ou não olhado seus registros pessoais – e o que ele poderia ter encontrado. Felizmente, ela tinha ao menos guardado o diário da mãe no bolso antes de que ele entrasse na sala. Era pouco conforto, mas se contentaria com o que tinha.

CAPÍTULO SEIS

HAROLD ANDAVA PARA lá e para cá no estábulo. Não tinha ideia de por que a carruagem estava demorando tanto. Se continuasse assim, teria que voltar logo para se aprontar para as atividades da noite, e ele tinha um compromisso muito urgente e estava sentindo uma ansiedade considerável.

Sentou-se em um caixote que estava apoiado na parede do estábulo enquanto esperava... e pensava.

O bilhete que tinha recebido logo depois de chegar à Londres não podia ser ignorado para sempre. Seu irmão mais velho, William, requisitava a sua presença. Era o primeiro contato que faziam em mais de cinco anos. Harold deveria ter se agarrado a chance – mesmo que por nada além de ver como William estava indo, não estando mais sob o jugo do pai.

Em vez disso, se viu preocupado. Seria possível o Vigário Jakeston ter escrito para um dos seus filhos mais velhos, reclamando sobre a rebeldia do mais novo? Se o pai tivesse convocado a ajuda dos irmãos para convencer Harold a voltar para casa, não estava certo sobre o que faria.

Ruby e seus ardis o tinham distraído por um tempo. Disse a si mesmo que seu interesse não tinha nada a ver com a graça tentadora e com os lábios beijáveis, e tudo a ver com suas atividades suspeitas. Essa atração não fazia sentido. Seu envolvimento era apenas para verificar se as ações dela iriam ou não colocar a reputação e os sentimentos de Lady Haversham em perigo. E se repetisse isso vezes suficientes, ele pensou meio esgotado, talvez eventualmente começasse a acreditar.

E como se a tivesse conjurado, Ruby entrou nos estábulos usando um vestido de brocado do mais claro laranja. A cor ficaria absolutamente estranha em outra mulher, mas o cabelo escuro de Ruby e os olhos verdes combinavam bem com a tonalidade.

Ela estava com a cabeça erguida enquanto ia em direção ao beco atrás dos estábulos.

—E para onde será que você está indo? — ele perguntou.

Ela deixou um grito escapar e pulou de susto. —Harold! Você tenta dar nos nervos de todo mundo que conhece? — Ela levou a mão ao peito, como se para acalmar o coração.

—Perdoe-me, mas eu não estava te procurando. Foi você que tropeçou em mim enquanto espero pela carruagem de Haversham.

Quando ela só olhou, ele prosseguiu. —Você está indo a algum lugar? Ficaria feliz em escoltá-la. — Harold sabia que não teria tempo para deixá-la em qualquer que fosse o lugar aonde estava indo, e correr o risco de ser convidado a esperar e deixá-la em casa sem perder a reunião.

—Eu *estou* indo a algum lugar, — ela disse hesitante. —...mas eu não preciso de acompanhante.

—Você pretende montar?

—Não. É aqui perto.

—Você gostaria que eu a acompanhasse em sua breve caminhada?

—Novamente, não é necessário. Lady Haversham me mandou fazer algo para ela, e eu não pretendo demorar.

—Sr. Jakeston, — um cavalariço chamou. —Sua carruagem está pronta.

Ele estava dividido entre seguir a senhorita Ruby ou pular na carruagem e se colocar a caminho. Ele já estava ficando atrasado.

—Por que você está esperando a carruagem aqui e não lá na frente? — ela perguntou

Ele preferia ser aquele fazendo as perguntas, e essa passou perto demais. —Uh – estou com pressa, e a rua da frente fica bem lotada a essa hora.

—Oh, entendo, — ela disse. —Bem, tenho que ir – e eu sei que você também está com pressa. Espero vê-lo novamente em breve.

Por sua breve despedida, ele soube que não havia nada que ela quisesse menos do que vê-lo novamente, o que lhe servia muito bem. Ele estava com a lista, e pretendia descobrir as motivações de Ruby sem a ajuda dela.

—Tenha uma tarde maravilhosa, Senhorita Ruby.



Ruby olhou por sobre o ombro várias vezes enquanto passava pelo beco. A carruagem de Harold tinha ido para a direção oposta, mas ainda temia que o homem dispensasse a carruagem e fosse atrás dela.

Felizmente, ele parecia estar com pressa e pouco propenso a se atrasar por sua causa. Não tinha prestado muita atenção nas idas e vindas dele desde a sua chegada, mas imaginava o que ele estava fazendo. Não que importasse

muito contanto que ele estivesse ocupado com assuntos que não fossem ela. Ele não tinha mencionado nada sobre o tempo que passaram juntos mais cedo, ou seu encontro casual na festa de Lorde Yorkton. Era possível que ele tivesse deixado o incidente para lá.

Determinada, tirou o assunto do Sr. Jakeston da mente. Esperava resolver logo o mistério do pai. E então... não fazia ideia.

Ela abordaria o homem, ou simplesmente iria para o campo sabendo quem ele era – mesmo se ele não soubesse dela?

O tempo diria. Temia que as emoções fossem ditar suas próximas ações.

Mas, no momento, não estava mais perto de descobrir quem era o homem do que quando chegou à Londres.

Com a lista enfiada dentro do bolso, foi verificar Alex, um dos antigos cavalariços de Vi. Alex tinha ido para Londres no ano anterior esperando trabalhar em um estábulo chique. Foi então que Vi encontrou uma vaga para ele trabalhar com o Marquês de Drake – que por acaso estava na lista de Ruby – uma coincidência que Ruby não viu razão em questionar.

Chegou aos estábulos de Drake rapidamente. Depois de ter se convencido de que Harold não a estava seguindo, entrou no local.

—Posso ajudá-la, senhorita? — um homem idoso vestido com o preto e vermelho de Drake perguntou.

Ela deu o seu sorriso mais brilhante para o homem. —Acredito que sim. — Ruby tinha aprendido que a forma mais segura de conseguir o que queria de alguém era fazer a pessoa se sentir imprescindível para atender o seu pedido. —Estou aqui para ver Alex, um dos cavalariços.

—Que que cê qué com o menino alejado? — Pôde perceber que as palavras do homem não tinham a intenção de diminuir Alex e sua deficiência, mas apenas para mostrar que ele sabia de quem ela estava falando.

—Fui enviada por Lady Haversham para verificar se ele está bem. — A declaração era verdadeira... até um certo ponto. —Ele é protegido dela, e ela me enviou para ver se ele estava precisando de alguma coisa.

O homem a olhava com suspeita. —O marquês cuida bem dos seus criados, senhorita.

—Oh, eu não duvido disso, mas Lady Haversham é como uma mãe para o menino. — Ela sacudiu a cabeça, como se não entendesse a relação dos dois.

—Bem, eu sou James, o chefe dos estábulos, — ele finalmente disse. — Lady Haversham criou bons cavalos em seus dias. Estamos felizes por ter o garoto. Você vai encontrá ele na selaria, verificando as rédeas e essas coisas.

Ruby fez uma mesura para o homem, imaginando que não faria mal – ela poderia precisar da ajuda dele no futuro. —Obrigada pela ajuda, James. Eu só o interromperei por um momento.

—Espero que sim. Há muito trabalho pra ser feito por aqui e nunca tem mãos o suficiente. — James foi em direção ao estábulo enquanto Ruby ia à selaria.

Ela não tinha pouca experiência com estábulos. Depois da morte do pai, os anos que passou ajudando Vi em Foldger's Foals foram os melhores de sua vida.

A sala onde encontrou Alex tinha pouca luz, mas era bem cuidada. Bridas e cordas estavam penduradas nas paredes, organizadas e polidas a perfeição. Drake mantinha os estábulos bem arrumados, mas era de se esperar de um marquês com tal riqueza. Alex estava de costas para ela, pendurando um conjunto de rédeas recém-limpadas. O menino tinha dominado a sua deformidade tão bem que alguém tinha que olhar com muita atenção para ver que um lado se movia um pouco diferente do outro. Sofreu um acidente de carruagem quando tinha apenas um ano de idade, Alex passou muito tempo escondendo o braço machucado o qual, devido aos recursos limitados da época, não tinha sido tratado corretamente. Como resultado, seu braço esquerdo era muito mais fraco que o direito. Com muito esforço físico, a perna de Alex – que também tinha sofrido dano – tinha adquirido uma quantidade adequada de músculos para disfarçar o leve desequilíbrio no andar. Muitas pessoas teriam se livrado de uma criança com injúrias tão severas, mas não Viola. Não, ela fundou uma casa – um santuário – para elas. Um lugar onde eram amados e educados. Um lugar onde elas teriam uma chance.

—Alex. — Ruby não queria assustar o menino.

Foi ela que ficou assustada, quando ele se virou, ela não estava mais olhando para um menino, mas para um homem. Alex tinha adicionado muitos músculos à sua forma esguia. Não se parecia mais com o menino com o braço ruim que conseguia acalmar qualquer cavalo. Agora, ele parecia um homem que estava pronto para conquistar o mundo.

—Senhorita Ruby? — Ele foi até o lado dela, pegou a sua mão e a levou aos lábios. —É tão bom vê-la. Peço desculpas por minha aparência.

—Não se preocupe com a sua aparência. — Ela olhou para ele: calças resistentes, camisa cor de creme que estava para fora da calça e botas brilhantes. O cabelo castanho claro, recém-cortado, estava um pouco

bagunçado por causa do trabalho. Ele tinha uma boa figura, sem dúvidas. Não levaria muito tempo para chamar a atenção de alguma senhorita de sorte. — Só passei para ver como você está.

—O marquês é um homem justo, um pouco excêntrico e mal humorado. — Alex disse. Embora as palavras tenham acalmado os medos de Ruby, elas trouxeram novos questionamentos.

—Ele é um homem bom?

—Isso importa? — ele perguntou. —Ele não tem o hábito de chicotear seus criados e é bastante reservado.

—Lady Haversham ficará feliz ao ouvir isso. Você tem alguma noite de folga?

—Eu sou novo aqui, senhorita Ruby, e bastante sortudo por ter um emprego. Talvez um dia eu tenha uma folga por semana, mas não ainda. — Ele olhou para baixo, um leve rubor tocando as suas bochechas. —Além disso, temo não ter ninguém para visitar.

—Lady Haversham adoraria se você passasse na casa dela, — Ruby disse. —Quando tiver uma tarde livre.

—Farei o meu melhor.

—Direi para ela esperá-lo uma tarde dessas. — Eles se olharam por um momento. Ruby sabia que estava na hora de ir, mas tinha muitas perguntas que precisava fazer para saber se tiraria Drake da lista ou se deveria investigar mais a fundo.

—O marquês costuma dar festas?

—Ummm, bem, não desde que estou aqui, — Alex disse, claramente confuso com a pergunta. —Ele parece preferir ficar sozinho. Também não recebe muitas visitas, pensando bem. Por quê?

—Só perguntei porque Lorde e Lady Haversham ainda não receberam um convite para vir à residência do marquês.

Ruby se amaldiçoou interiormente. Precisava melhorar as suas habilidades de interrogatório se esperava conseguir informações úteis com outras pessoas.

—Por favor, diga para que eles não se sintam ofendidos, — Alex disse. —Ouvi dizer que Drake não recebe convidados há mais de dezesseis anos.

Então, além de um pouco excêntrico, também era recluso. —Ele costuma sair de casa?

—Apenas para a sua noite semanal no White’s. — Alex pegou uma brida em uma caixa de madeira, sinalizando que precisava voltar ao trabalho. —Por

favor, diga a Vi – quer dizer, Lady Haversham – que está tudo bem aqui, e que Drake é um patrão justo.

Ruby deu adeus e foi em direção à Haversham House, parando para agradecer James enquanto saía dos estábulos.

Não conseguiu muitas informações sobre o marquês em sua breve conversa com Alex. Ser um homem justo, excêntrico e recluso não era o suficiente para que ele fosse riscado da lista. Mesmo que esperasse encontrar um libertino cruel e despreocupado, as pessoas mudavam com o passar dos anos. Não, não podia tirar o Marquês de Drake da lista. Nem poderia focar somente nele – havia outros nomes, e ela queria investigar cada um deles.

CAPÍTULO SETE



HAROLD OLHOS OS arredores enquanto se aproximava do prédio onde iria encontrar William. Situado em Cheapside, não muito longe das docas, era um bom lugar para uma forja. Tinha lhe incomodado o fato de não ter visto motivo para visitar o irmão em Londres, mas até pouco tempo não tivera negócios na cidade para justificar a viagem. Sua permanência na temporada anterior foi tão breve e tão cheia de escândalo, que não teve tempo para pensar sobre a situação da família.

Admitir que invejava a liberdade dos dois irmãos era algo inútil, além de ser um desperdício de energia. Não deveria se debruçar sobre a vida emocionante do irmão mais velho, Edward, a quem foi dada uma quantia para comprar uma comissão na marinha do Rei. Ou a partida de William para Londres aos dezesseis anos para ser aprendiz de ferreiro, eventualmente assumindo a loja quando o homem morreu há vários anos.

Ambos o deixaram. Na época, viu isso como sorte dos dois. Eles não precisariam mais enfrentar a ira do pai ou as constantes mudanças de humor. Ao menos eles estavam longe criando uma vida para si, mesmo se isso não o incluísse.

Mas sua generosidade de espírito evaporou lá pela época dos sermões pedantes do pai sobre o que era esperado para a vida de um homem do clero. Foi então que Harold percebeu as suas próprias circunstâncias. Não culpava os irmãos por terem abandonado os mandos e os desmandos do pai, mas ainda abrigava a esperança de que um dia eles fossem voltar para buscá-lo.

Anos mais velho, e tinha a esperança de que mais sábio, seria benéfico tanto para ele quanto para William deixar a infância no passado e criar um laço de irmandade, similar à relação que Harold tinha com Brock. Era fácil apontar a fraqueza dos seus laços no vicariato, mas agora eles eram homens – adultos – com a escolha de aprofundar o seu relacionamento sem a interferência do pai.

Apertando o passo, Harold virou a esquina. A loja não estava muito longe. Na luz de fim da manhã, uma figura estava encostada na frente do

prédio. Instintivamente, Harold tirou as mãos dos bolsos, se preparando para algum imprevisto. Brock o tinha avisado sobre vir a essas partes de Londres sozinho, mas Harold queria que o encontro com o irmão fosse o mais informal possível. Ele não tinha ideia de por que o irmão o contatou agora, mas envolver Brock em problemas familiares não era muito sábio.

—Irmão. — William se afastou da parede.

Harold ficou chocado ao ver o irmão do meio, vestido com trapos sujos e o cabelo muito maior do que o pai teria considerado aceitável. Parado na frente dele, o homem era quase irreconhecível. Sem pensar duas vezes, Harold o puxou para um abraço. —William, senti a sua falta.

Apenas acrescentou ao desalento de Harold sentir os ossos do irmão por baixo das roupas grandes demais.

Quando William se afastou, Harold estudou o seu rosto – magro com círculos escuros por baixo dos olhos, como se ele não tivesse dormido desde que saiu de casa.

—Está tudo bem? — Harold perguntou, olhando por sobre o ombro. — Onde é a sua loja? Acho que você não vai querer deixá-la sozinha por muito tempo.

—Temo que as coisas não estejam como deveriam estar. — Os ombros de William caíram.

Nada nunca tinha sido menos que perfeito para seus irmãos mais velhos. —Não entendi.

—Por favor, venha comigo e logo você entenderá.

Harold seguiu o irmão sem pensar duas vezes. —Mostre o caminho.

—Não é longe.

Fiel a palavra, William parou a apenas três prédios de distância. Eles olharam para um prédio de madeira, meio queimado. Placas de madeira tinham sido colocadas nos vãos das portas e das janelas para impedir que as pessoas entrassem. O teto desmoronou, muito provavelmente expondo o que havia restado no interior às intempéries.

—Onde estamos?

—Isso é o que restou da minha forja, — William murmurou. —Alguém a queimou completamente depois que Sir Jenkins morreu três anos atrás.

—Três anos atrás? — Harold estava confuso. —Por que eu não soube – o que você tem feito desde então?

—Eu não tive coragem de dizer ao pai, mas ele mandou avisar que você estava vindo para Londres, eu... — William abaixou a cabeça, —...queria ver

você. Eu tenho uma forma de conseguir voltar para os trilhos. Possivelmente abrir outra loja. Mas... — As últimas palavras foram ditas tão baixinho que Harold mal conseguiu ouvir. —...eu poderia precisar da sua ajuda, irmão.

Harold estava estupefato. Primeiro, o comportamento manso do irmão era algo que nunca tinha visto; segundo, não tinha ideia de como William achava que ele poderia ajudá-lo. Mas ele era honrado e iria ajudar, se estivesse em seu alcance. Os anos das rivalidades infantis sob o julgo do pai ainda estavam frescos em sua mente. Sabia que tinha que esquecer o passado e começar de novo com William. Nenhum homem merecia ser julgado pelo passado e uma criação sobre a qual não tinham nenhum controle.

—Onde você tem vivido desde o incêndio?

—Aqui e ali. — William olhou para o prédio em frente a eles.

—Eu não vou fingir que sei o que isso quer dizer, — Harold disse. —Você sabe quem iniciou o incêndio?

—Não importa se eu sei.

—Importa bastante. Há recursos. Esse não é o Novo Mundo. Temos leis. Um sistema legal.

—As leis não funcionam para todos, e o fogo não foi para mim. Veja bem, — William se virou como se estivesse preparado para acabar com a casca oca da sua vida passada. —Sir Jenkins estava muito endividado, e eles estavam cansados de esperar pelo dinheiro.

—Mas se Jenkins estava morto...

—Então eles jogaram a responsabilidade da dívida sobre o novo dono da forja. Eles queriam dinheiro. Quando acossar a viúva de Sir Jenkins não surtiu efeito, eles colocaram os olhos em mim. Juro que não tinha noção do que Jenkins fazia quando saía da loja à noite.

Harold imaginou se o irmão estava dizendo a verdade – se os débitos eram realmente de Jenkins, ou do próprio William. Ele abandonou aquela linha de pensamento rapidamente, envergonhado. Seu contato com a senhorita Ruby estava fazendo com que pensasse o pior de todo mundo, e essa não era a forma de pensar sobre o próprio irmão.

—O que eu posso fazer, William?

—Eu sabia que você ajudaria. — As palavras dele soaram como se fossem para convencer mais a ele do que por acreditar na integridade de Harold. —Você sempre foi o inteligente da família.

—Obrigado.

—Não, não. Eu realmente quis dizer isso, — William disse. —E eu tenho uma forma de pagar as dívidas de Sir Jenkins e colocar um pouco de dinheiro nos nossos bolsos.

—Os homens não consideraram a dívida como paga depois de terem queimado o prédio? — Harold perguntou.

William sacudiu a cabeça. —Temo que não.

—O que você precisa que eu faça?

—Bem, como dizem, precisa de dinheiro para fazer dinheiro.

—E você acha que eu tenho dinheiro? — Ninguém, além de Brock, sabia da boa quantia que ele tinha recebido em uma aposta que tinha registrado no livro do White's no ano anterior, o que permitiu a ele viajar para Londres, comprar novos trajes e vagar pela cidade com Brock. Nem mesmo seu pai sabia dos seus fundos, já que ele claramente iria dizer que era parte dos cofres do vicariato.

William riu. —Oh, eu sei que você não tem um xelim em seu nome.

Harold não sabia se deveria se sentir aliviado com as palavras do irmão, ou desconfortável com o que viria a seguir. —Então como você acha...

—Eu sei que você conhece pessoas que têm fundos ilimitados.

Ah, então era isso. —E quem seriam essas *pessoas*?

—Oras, Lorde Haversham, é claro. Eu sei que você às vezes o aconselha em seus negócios e transações.

—Isso é verdade, mas eu não tenho ideia de como você soube disso.

—Novamente, ali e aqui. — William redirecionou a conversa. —Se você ao menos pudesse falar bem de mim com ele e com alguns parceiros de negócios, ajudaria bastante.

—Como os contatos de Brock te ajudariam se você não tem dinheiro?

—Esse é o próximo assunto que eu gostaria de discutir com você.

—Bem, vá em frente. — Harold precisava ouvir todo o plano de William antes de poder falar pro irmão desistir.

William pigarreou antes de prosseguir. —Brock tem mais dinheiro do que qualquer homem poderia gastar. Não seria uma grande perda para ele se você – por assim dizer – pegasse um pouco emprestado para investir em mim. A quantia seria trivial para um homem como ele.

—Pegar emprestado? — Harold não tinha o hábito de pedir a Brock mais do que ele já lhe dava – especialmente não dinheiro. Assim que um amigo ficava em débito com o outro, a dinâmica da amizade nunca mais era a mesma. Essa era uma linha que Harold nunca teve a intenção de cruzar.

—Sim, pegar emprestado, porque— William ficou um pouco mais erguido, ganhando confiança com a conversa. —provavelmente teremos dinheiro para pagá-lo de volta daqui a um mês. E daqui a alguns meses, eu terei o suficiente para pagar a dívida de Sir Jenkins e abrir uma nova forja.

—Eu não vejo como eu me beneficiaria com essa transação.

—Oh, é muito simples, — William disse com entusiasmo crescente. — Você continuará gerenciando os negócios, o que lhe daria os meios para continuar vivendo em Londres, sem a ajuda de Lorde Haversham.

Seu irmão estava brincando com a necessidade que Harold tinha de escapar das responsabilidades familiares, dando a ele meios para sair; a possibilidade de dizer a Brock para encontrar outra família para assumir o vicariato da propriedade Haversham... Era tudo o que ele queria. Harold suspeitava que o irmão esperava que ele fosse se agarrar à chance com unhas e dentes.

Mas com a esperteza de Harold também vinha a capacidade de discernimento para saber quando algo era bom demais para ser verdade – e essa oportunidade estava cheirando a isso. Harold não pediria a Brock ajuda financeira, mas isso não significava que Harold não pudesse investir um pouco de seu próprio dinheiro nessa especulação financeira. William não precisava saber que o dinheiro vinha direto do bolso de Harold.

—Estou intrigado. O que você precisa que eu faça? — Harold perguntou.

—Apenas uma reunião com um homem que esteja envolvido no ramo da navegação, preferencialmente alguém a cargo das chegadas e partidas dos navios.

O pedido era muito simples, muito mais do que ele esperava. Ele e Brock tinham viajado para Londres antes da temporada começar para tratar de algumas transações financeiras. Brock recentemente tinha investido em vários navios que estavam viajando para o Novo Mundo com suprimentos, e tinha apresentado Harold a vários homens envolvidos no setor. Agora, Brock conseguiu ganhar uma grande quantia quando os navios voltaram com mercadorias que não estavam disponíveis na Inglaterra.

—Estou certo em supor que seja um investimento em navegação?

—De certa forma, sim.

—Verei o que posso fazer, — Harold disse. —Por agora, você tem um lugar adequado para ficar?

—Por favor, não deixe as roupas te enganarem. Não estou dormindo na rua, ainda.

Não foram as roupas que levaram Harold à conclusão de que William estava completamente sem dinheiro, foi a aparência: o corpo magro, as bochechas chupadas, a sujeira debaixo das unhas, o cabelo longo e oleoso. Mas Harold sabia que não fazia sentido apontar essas coisas para William, apenas serviria para deixar o irmão ofendido. William sempre tinha sido o mais engenhoso dos irmãos Jakeston, encontrando lugares para eles ficarem nas noites em que o temperamento do pai estava explosivo demais.

—Você sabe onde eu estou caso precise de alguma coisa, — Harold disse. —Como posso contatá-lo?

—Por agora, eu tenho um quarto na Pensão Carruagem e Bebidas, fica a algumas quadras daqui. Caso isso mude, eu avisarei.

Eles ficaram lado a lado, nenhum completamente virado para o outro. Isso dizia muito sobre o relacionado que Harold não teve tempo ou necessidade de identificar, mas ele deu o primeiro passo para corrigir tudo quando deu um abraço apertado no irmão. —É bom vê-lo, irmão. Espero que não passe muito tempo antes que nos vejamos de novo.

William ficou rígido no abraço, nem passando os braços em volta de Harold nem chegando perto, o que era aceitável. Harold não pensou que eles iriam corrigir todas as diferenças em uma pequena conversa sobre negócios e o compartilhamento de uma única confidência.

—Ficaremos em contato, não tenho dúvidas. — William se forçou a dizer. —Estou certo que você tem negócios importantes a tratar, entrarei em contato em breve.

Harold pensou o completo oposto. Ele voltaria para a casa, ficaria de olho em Ruby, mas em vez disso se viu convidando William para uma refeição. Quando William recusou educadamente, insistindo que tinha coisas a fazer, eles seguiram por caminhos diferentes com o compromisso de se encontrarem novamente dali a quinze dias.

CAPÍTULO OITO



A SALA ESTAVA horrivelmente quente e o ar parado pesava sobre seus ombros, fazendo com que fosse difícil respirar. Mulheres usando vestidos maravilhosos e enfeites de cabelo exagerados desfilavam nos braços de cada homem aceitável que estava na festa. Os homens pareciam estar entediados até o âmago, era cedo demais para ir para o salão de cartas para beber porto e fumar seus cigarros.

Fieis ao estilo de Londres, as velas brilhavam nos candelabros de cristal. O anfitrião tinha selecionado os sempre populares tons de creme e azul para as festividades desta noite, apresentando a filha mais nova à *ton*. Arranjos de rosas creme e azul bebê estavam adornando cada superfície e metros e metros da mais pura seda pendiam das cortinas do salão de baile.

Ruby olhou para o seu traje de gala, feliz por ter pegado emprestado o vestido safira com intrincados bordados de pérola. Pareceu combinar com o seu cabelo castanho escuro e os olhos verdes, ou foi isso que Sarah, a criada de Vi, tinha insistindo quando entregou o vestido à Ruby na noite anterior. Além disso, Sarah lamentou, Vi não poderia vesti-lo por muito tempo devido ao aumento do tamanho da sua cintura.

A mãe odiava que ela aceitasse os presentes de Viola. Parte de Ruby desejava ter os meios para se manter – mas ela sabia a razão para a generosidade da amiga, e isso não era caridade ou pena. Ambas eram filhas únicas, nunca foram presenteadas com um irmão a quem se dedicar. E até recentemente, nenhuma delas esperava se casar ou ter filhos, o que as fez serem ainda mais próximas.

Parte dela invejava a nova vida de Vi: a chance de ter uma família, uma casa só dela, e segurança quando envelhecesse. Acima de tudo, cobiçava a segurança que um marido traria. Nenhuma mulher desejava viver da generosidade de um primo distante.

O cheiro de sândalo interrompeu seus pensamentos, e ela reconheceu a presença de Harold antes que ele pudesse emitir uma única palavra. —Posso ter o prazer desta dança?

O pedido enviou uma onda de calor por seu pescoço. Já fazia algum tempo que tinha sido tirada para dançar – isso se já tivesse sido pedida. — Temo que as minhas habilidades na pista de dança possam envergonhá-lo, mas obrigada mesmo assim, — ela disse enquanto se virava.

As próximas palavras ficaram presas em sua garganta. Ele estava vestido de forma simples, todo de negro e um lenço azul era o único ponto de cor. Achou suspeito que o lenço combinasse perfeitamente com o seu vestido. O cabelo dele, curto com um levo ondulado, tinha sido cortado recentemente e caía perfeitamente sobre o colarinho da camisa. Queria passar os dedos pelos cabelos dele e por aqueles ombros largos.

Os olhos de Harold também a percorreram, o sorriso sinalizando que tinha gostado do que via. —Então talvez um pouco de xerez e uma volta pelo salão?

Planejava achar a maior planta do lugar e se esconder até que Vi e Brock lhe chamassem para ir. Naquela hora, a dupla estava girando pela pista de dança, o sorriso de Lorde Haversham iluminava a sala enquanto Vi ria de algo que ele tinha sussurrado em seu ouvido. Eles ainda eram objeto de muitas fofocas e olhares estranhos por causa do espetáculo que eles armaram na temporada anterior, mas eles tiravam de letra.

—O gato comeu a sua língua? — ele perguntou.

—Sr. Jakes— ela começou.

—Concordamos com Harold, não?

—É claro, — Ruby disse. —Harold, como eu disse antes, nossos encontros frequentes não beneficiam nenhum de nós dois. Você está em busca de uma esposa—

Ele ergueu uma sobrancelha. —Isso é muita presunção da sua parte.

—deixe as coisas como estão, você está *precisando* de uma esposa, e as minhas razões para estar em Londres não poderiam ser mais diferentes.

—E qual *é* exatamente o seu motivo para estar em Londres?

—Você não perde a oportunidade de me atormentar. Você é pior que as fofoqueiras.

—Assim você me magoa, senhorita. — Harold levou a mão ao coração. —Se você resolvesse confiar em mim, eu não contaria os seus segredos a uma única alma. Você tem a minha palavra.

Ruby tinha passado muito tempo ao ar livre. Sua permanência em Londres dependeria da sua habilidade de estar um passo à frente da mãe. Ficar de pé no meio de um enorme salão de baile era o auge da idiotice.

Olhou em volta da sala. A mesa de refrescos estava em um canto discreto, não muito longe das portas da varanda.

—Acredito que eu gostaria de uma taça de xerez, — ela concordou. Então, poderia se retirar do salão de baile e procurar refúgio no jardim.

Harold, sempre cavalheiro, ofereceu o braço.

Ela o pegou e eles foram em direção à mesa de refrescos. A caminhada, essa era a única forma de descrevê-la, foi lenta enquanto lutavam para abrir caminho. Mesmo não querendo admitir, Ruby se sentia confortável com ele. Ele a conduzia sem ultrapassá-la, algo que ela atribuía à infância que passaram juntos.

—Noite adorável, não? — ele perguntou.

—Sem dúvidas, senhor. — Ansiava perguntar a ele sobre aquela tarde. Ele teria lido seus papeis? Quando finalmente tinha conseguido voltar lá, tudo parecia como tinha deixado, mas não podia ter certeza. —As cores são divinas, e a filha de Lorde Spires é primorosa.

Harold riu. —Primorosamente ingênua? Primorosamente aborrecida? Ou primorosamente enfadonha?

—Possivelmente os três. — Eles não deveriam estar debochando da filha do anfitrião, ela se repreendeu. A pressão sobre as jovens de Londres era massacrante, como a própria Ruby sabia, e ela nunca tinha sido o centro das atenções.

—Ela ficou colada a Lorde David quase a noite toda, — Harold disse. — Se ele não tomar cuidado, será forçado a pedir a mão dela antes da meia-noite.

Nunca entendeu as diretrizes rígidas da *ton*. Se uma mulher dançasse mais que duas vezes com um cavalheiro em uma mesma noite, eles estavam praticamente noivos. E Deus os ajudasse se o jovem dançasse duas peças seguidas com a mesma parceira. Um encontro à meia-noite no escritório do pai da garota seria garantido.

As desvantagens de ser madura e pobre não pareceram tão horríveis para Ruby naquele momento. Ninguém esperava que ela se vestisse de acordo com a última moda. Tinha sido capaz de se mover dentre a *ton* sem ninguém notá-la – exceto Harold, mas ele não contava. Ele estava praticamente na mesma categoria que ela. O terceiro filho de um vigário sem um xelim no bolso não estaria rodeado pelas mães casamenteiras da *ton*. Nenhuma menina tentaria armar um incidente comprometedor com um cavalheiro sem título,

não importa o quanto suas conexões fossem poderosas. Que o amigo dele fosse um membro da elite não significava nada.

Pegou um vislumbre com o canto do olho, ficando abismada com o perfil nobre do queixo dele. Ele era todo um cavalheiro, mesmo se não tivesse a honra de um título.

—Tem algo no meu rosto? — ele perguntou, pegando-a em flagrante.

Ela foi rapidamente para a fila dos refrescos. —Não. Só estava pensando em nossas circunstâncias similares. — Sabia que o assunto era sensível, mas estava sem outro assunto que não fosse o tempo.

—E quais seriam essas circunstâncias?

Ruby não queria falar coisas indelicadas e insultá-lo. —É só que eu e você somos bem parecidos. Nós—

—...temos a mesma personalidade autêntica? — ele interrompeu.

Assustada com o comentário, Ruby perdeu o fio do pensamento. —Bem... ummmm... é claro. Acho que sim. — Talvez falar sobre o tempo não fosse tão terrível no final das contas.

—Somos abençoados por ter amigos tão compreensivos e que nos apoiam?

—Outra verdade.

—Vejamos, nós dois—

—O que eu quis dizer é que não temos títulos, estamos à margem da sociedade e sem um xelim no bolso. Muitos podem pensar que vivemos às custas Vi e Brock.

—A maioria não perde tempo notando a nossa existência. — Ele riu. —E como você sabe que eu não tenho fundos?

A risada e os gracejos a deixaram à vontade. Era difícil encontrar uma pessoa com quem pudesse não apenas se relacionar, mas também ser completamente honesta. —Você acha que uma mulher não reconhece os sinais de um homem menos-que-rico? É bastante óbvio mesmo para alguém como eu, que não está à procura de marido.

Ele olhou para ela enquanto esperava que o criado lhes servisse os refrescos. —Por favor, me explique como posso parecer mais interessante para o mais belo sexo.

—Sua atratividade não está em questão. — Quis pegar as palavras de volta logo que elas saíram de sua boca. O elogio não intencional levou à conversa a um novo nível. Um nível que nenhum deles queria,

principalmente ela. —O que eu quis dizer é que a sua aparência não te prejudica.

—Prossiga. — Ele pegou duas taças e entregou uma a Ruby, e os conduziu até as portas da varanda. —Estou achando essa conversa muito estimulante.

—Bem, você está usando roupas da temporada passada.

—Certo, sim, eu encomendei esse traje no ano passado, — ele confidenciou. —Mas o seu vestido não parece fora de moda.

Ruby olhou para o vestido emprestado. —Oh, não. Não este vestido. Você está certo. Este é novo, mas temo que não seja meu. Isso foi um oferecimento de Lady Haversham... e possivelmente um ato de piedade.

—Vamos lá, — ele disse. —Lady Haversham não sente pena de você, sua mais querida amiga.

—Então me explique por que a criada dela apareceu na minha porta uma hora antes de partirmos com esse vestido e uma fita combinando?

—Ela acreditava que a cor combinaria com a sua pel—

—Foi exatamente o que ela disse, e por isso que eu sei que ela foi movida pela pena. — Tinha dito para si a noite toda que aquilo não era verdade. E ela quase se enganou para acreditar.

—Deixe estar, você está maravilhosa.

—Obrigada. — Seu rosto corou por causa da constante atenção. —Além disso, você chegou em uma carruagem de aluguel esta noite.

—Muito observadora. Eu me atrevo a ter a esperança de que nem todo membro da *ton* seja observador como você, mas ainda assim me sinto lisonjeado por você estar prestando tanta atenção às minhas idas e vindas.

—Como você disse, a maioria sequer sabe que existimos. Isso é, até um dos seus filhos gostarem da gente. Então eles serão como falcões de olho na próxima refeição.

—Você está insinuando que a minha aparência agradável e minha personalidade maravilhosa não são o suficiente para distrair uma donzela do fato de que devemos ir andando para um baile porque não sou capaz de pagar por uma carruagem confortável para ela – ou qualquer tipo de transporte? — ele perguntou com o rosto muito sério.

Ruby não estava certa se ele estava brincando, mas a imagem que surgiu em sua mente a fez sorrir.

—O quê? — ele perguntou com expressão assustada. —Você não gostaria do exercício de caminhar pela cidade? Prometo que carregaria todas

as suas compras – isso é, se qualquer um de nós tivesse dinheiro sobrando para comprar qualquer coisa. Temo que você teria que cortar e costurar nossas roupas em breve.

A conversa começou a conjurar pensamentos indesejados. Ela se viu vivendo com Harold no vicariato, não muito longe de onde tinha crescido. A imagem a surpreendeu – nela ela parecia feliz e contente. —Oh, mas não seríamos capazes de viver a vida da cidade já que moraríamos longe. E eu me atrevo a dizer que eu estaria remendando as ceroulas dos lordes para colocar comida na mesa.

—Minha esposa não lidaria com as ceroulas de outro homem – e principalmente, não por dinheiro. — Ele pareceu afrontado, e mais uma vez ela quis rir do absurdo daquela conversa.

—Então temo que morreríamos de fome, e as crianças seriam mandadas para algum orfanato horrível.

Ele parou em seco, a alguns passos da porta da varanda. —Crianças? Eu ainda não a pedi em casamento e você já está falando dos nossos filhos?

Ela sabia que ele agora estava brincando, mas não pôde deixar de ficar séria enquanto eles olhavam um para o outro.

—O pensamento parece tão horrível assim? — ele perguntou, mais suavemente agora.

—Não foi o que—

—Então o quê?

Ela afastou o olhar e foi em direção às portas e deu as boas-vindas ao ar fresco. Harold estava logo atrás dela. —Não é algo que tenha planejado para mim mesma. Não tem nada a ver com você.

—Oh, o que todas as mulheres dizem. ‘Não é você, sou eu.’ — Ele afinou a voz para imitar o tom suave e lamuriento de uma mulher.

Ela deu um passo ao lado, o ar quente da noite a envolveu. —É assim que eu soo? E quando uma mulher lhe disse isso?

Harold pegou o seu cotovelo mais uma vez, e a direcionou para os degraus que levavam ao jardim e longe da multidão que lotava o terraço. —Foram muitas para poder nomeá-las.

As palavras dele a pegaram de surpresa. Que tipo de mulher o dispensaria? Se ele tivesse atrás dela – e ela teria aceitado dizer cortejando – ela se consideraria sortuda.

Mas ele não estava atrás dela.

E ela não estava disponível para ser cortejada, nem agora nem nunca.

Além disso, a sorte não tinha lugar em sua vida. De fato, a sorte tem trabalhado contra ela desde que descobriu o problema com a sua ascendência. Era hora de voltar o foco para a sua busca. Mesmo que gostasse da companhia de Harold, isso não era algo que pudesse cair no hábito de querer. Passar tempo com ele não deixaria os seus objetivos mais próximos. Harold apenas colocaria em perigo a sua descoberta, o que ela não poderia permitir.

—Não foram tantas assim.

—O quê?

A luz tinha diminuído bastante enquanto eles se afastavam das portas. —As mulheres que me dispensaram.

Ele piscou, dizendo que ele não estava levando a sério. O homem era um perito em atraí-la, apenas para dizer algo chocante, deixando-a com a impressão de que ele brincava.

Ela abaixou a cabeça para esconder o embaraço por se perder em pensamentos durante a conversa. —Bom saber.

Eles ficaram calados enquanto desciam as escadas e continuavam caminhando. O ar da noite, cheirava a flores e frutas cítricas. Não podia pensar em uma sensação melhor. Eles continuaram em uma camaradagem quieta, ambos perdidos em seus próprios pensamentos.



Ruby estava calada enquanto eles caminhavam pelo jardim.

Harold estava hesitante em interromper os pensamentos dela. O rosto dela parecia em paz, sem traços de nervosismo. Isso também lhe deu a chance de avaliá-la: a inclinação do queixo, a segurança dos passos, e as linhas suaves em volta dos olhos e da boca. Sabia que eram de risos. Como queria vê-la sorrindo e com os olhos brilhando por causa de alguma coisa que ele tenha dito ou feito.

Mas ela sempre parecia resguardada em sua presença.

Agora, entretanto, ele estava feliz em caminhar ao lado dela. Sem discussões, sem observações sarcásticas e nem enigmas. Eram apenas duas pessoas, caminhando entre as flores em um jardim imenso. Procurava por algo inteligente a dizer – qualquer coisa que fosse chamar a atenção dela, superar os problemas e levar um sorriso a aqueles lábios.

Enquanto caminhavam, ele a observou tocando as flores, as pontas dos dedos roçando as pétalas cuidadosamente, tentando não perturbá-las enquanto admirava a textura sedosa. Ela parou ao lado de um vibrante arbusto de

campânulas azuis, as flores pareciam brilhar. Era como se elas tivessem passado a vida dentro de uma estufa, e tivessem sido levadas para fora apenas para esta noite em especial.

O tom combinava com o vestido creme e azul de Ruby – e também com o lenço de bolso que enfeitava a sua casaca. Pensou que o lenço fosse um presente de Brock, mas agora sabia que foi uma sutil tentativa de Vi para juntá-los.

Imaginou se Ruby tinha notado. Perguntaria, mas temia que a ansiedade dela fosse voltar e arruinar o momento.

Ela se inclinou levemente para cheirar as flores, e então prosseguiu.

Eles fizeram uma curva e logo estavam de pé em um lago tranquilo e plácido, não havia uma tremulação em sua superfície. A luz, alta no céu, lançava um brilho sobre a água que iluminava o pequeno barco amarrado na doca.

Finalmente, Ruby ergueu o olhar e quando seus olhos absorveram a vista, ela sorriu.

—Você lembra do lago na propriedade Haversham? — ela perguntou.

—Como poderia esquecer? — Harold disse, mantendo a voz baixa. — Brock e eu brincávamos de pirata a cada chance que tínhamos.

—Sim, eu lembro. — Ela olhou séria para ele. —Eu era proibida de brincar porque eu era menina e vocês dois diziam que mulher no mar dava má sorte que eu iria fazer o navio afundar.

Ele teria rido se ela não parecesse tão séria. —É verdade – pergunte a qualquer marinheiro.

Ela olhou para a água. —Você sabe, eu ainda os observava.

—Não sabia.

—Oh, sim. Eu me escondia nos arbustos que havia em volta do lago e observava você e Brock brincando – às vezes por horas.

As palavras dela o deixaram chocado. —Por quê?

—O que mais tinha para eu fazer? — O sorriso dela voltou. —Eu imaginava içar velas com vocês dois em uma aventura pelo Novo Mundo ou pela Índia, deixar a Inglaterra para trás e partir para o desconhecido. — A voz dela tinha uma tristeza que não combinava com o sorriso. Se a luz fosse melhor, imaginou se veria que o sorriso dela não alcançava os olhos.

Harold olhou para o barquinho, pesando sua flutuabilidade. —Não é tarde demais.

—O que você quer dizer? — ela perguntou.

—Navegue comigo, — ele disse enquanto pegava a mão dela. — Podemos ir agora, mesmo que apenas por uns minutos.

—Eu não sei...

—Permita-se esquecer o aqui e o agora – seremos apenas a Ruby, a menina que eu lembro, e o Harold – amigos de infância.

Os olhos dela estavam incrédulos enquanto olhavam para ele. —Queria que a vida fosse assim tão simples.

—Ela pode ser. É tão difícil assim deixar para lá as coisas que não podemos mudar?

—Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta. — Em vez de dar meia-volta e ir para a casa, como ele esperava, ela pegou sua mão e foi para o pequeno cais.

—Talvez seja inviável esquecer completamente a vida, mas... — Ele sorriu enquanto a ajudava a entrar no barquinho. —...ambos podemos concordar com um breve tempo juntos, sem as perguntas e preocupações da nossa vida diária. Podemos fazer isso?

Ele segurou o ar enquanto esperava a resposta dela.

—Acho que é possível.

Entrou no barco logo atrás dela, ajudando-a a sentar na frente da embarcação. Então assumiu seu lugar de frente para ela. Estendeu a mão e desatou a corda que mantinha o barco preso ao cais, então pegou os remos.

—Para onde, minha lady?

—Bem, meu lorde, — ela respondeu. —Gostaria de ir à Paris... Talvez dar uma olhada nas últimas modas de lá ou visitar o Louvre.

—E se eu não quiser fazer um tour pela elegante Paris, mas ir para as savanas africanas?

—África? Quem gostaria do horrível calor que faz no deserto? — ela perguntou. —Acredito que não estamos vestidos de acordo para esta viagem.

—Mas para Paris sim?

Ela olhou sério para ele. —Acho que você está certo.

Remando, Harold se afastou do cais. Enquanto remava, as ondas batiam, perturbando a serenidade da água. À distância ele podia ouvir as notas de uma valsa e as risadas dos muitos homens e mulheres que estavam lá, mas no lago, havia apenas os dois.

—Talvez eu possa levá-la em um passeio de barco tranquilo por um lago no meio de um jardim, bem fora da vista de um baile muito cheio?

—Isso seria adorável, Harold.

Ela deixou de usar o imaginário ‘meu lorde,’ e isso o fez feliz. Ele era apenas Harold, ou Sr. Jakeston. Um título não estava em seu futuro, e nem ele invejava quem tinha a alcunha.

O silêncio da noite só era quebrado pelo leve barulho dos remos enquanto Harold ia em direção à outra margem do lago e longe dos olhos curiosos da *ton* que poderia também ter resolvido caminhar pelo jardim.

Procurou por um assunto seguro – um que não envolvesse perguntas ou acusações. Não podia perguntar o que ela estava fazendo em Londres, nem se ela planejava ir para a casa dos pais no Natal.

—Você está gostando do seu trabalho na Casa Foldger’s para Crianças Abandonadas? — Não havia assunto mais neutro, e Harold realmente queria saber como estava indo o lar de Vi depois que todas as crianças tinham sido alocadas no campo.

Um brilho acendeu nos olhos dela. —Oh, as crianças estão se adaptando muito bem. Estão aprendendo a montar. As meninas na sela lateral e os meninos escarranchados. A cozinha é bem grande, então a Sra. Hutton começou a dar aulas para todos aqueles interessados na arte de cozinhar.

—Você e Lady Haversham planejam ir para lá em breve? — Ele esperava que a pergunta tenha sido sutil. Encontrava-se muito interessado nos planos dela para o futuro, e esperava que eles incluíssem a sua permanência em Londres.

—Antes de o inverno ficar rigoroso demais, — Ruby respondeu. — Precisamos vestir todas as crianças com roupas adequadas para o frio.

—Ah, então você gosta do que faz lá?

—Bastante.

—Ouvi dizer que Brock tem muitos planos para renovar a casa.

—Vi gostaria de ajudar não apenas as crianças doentes, mas também as que vivem nas ruas. Para fazer isso, Lorde Haversham autorizou a construção de um prédio de dormitórios que irá permitir que a Sra. Hutton cuide de mais trinta crianças. — Enquanto ela falava, Ruby deixou a água acariciar os dedos, assim como tinha feito ao tocar as flores.

Ele parou de olhar e voltou a prestar atenção na conversa. —A Sra. Hutton é uma verdadeira santa.

—Ela é. Não consigo pensar em vocação mais digna para uma mulher como ela.

—E você?

—E eu, o quê? — Ela ficou um pouco mais erguida com a pergunta.

—Qual é a sua vocação? — Harold não estava certo se falar do futuro também fosse inaceitável para o seu tempo ‘no mar.’

Um olhar pensativo atravessou o seu rosto e ele imaginou – não pela primeira vez – que segredos ela mantinha. O que a afligia tanto.

—Temo que eu seja como o nosso pequeno barco aqui.

—Como assim? — Ele parou de remar para ouvir melhor.

—Estou à deriva, sem muito controle, dependendo daqueles à minha volta. Assim como o nosso rumo pode ser alterado por uma pequena brisa, o meu também pode ser alterado por poucas palavras.

Tinha sido mais do que ela tinha falado sobre a vida até então, ainda assim as palavras apenas o confundiram. A vida dela, comparada com a dele, parecia livre de problemas e sem responsabilidades ou compromissos. Ela podia viver onde quisesse, ir às funções sociais e se comprometer com quaisquer causas que lhe interessasse. Ele sentia que havia mais nela do que ele sabia, mas estava sem saber como mostrar a ela que poderia confiar seus problemas a ele.

—Estou aqui caso você precise de alguém com quem conversar.

—Isso é muita bondade sua. — Ela olhou para a margem distante. Com aquele gesto, ele soube que o momento tinha passado e o mundo real tinha dominado mais uma vez.

—Devemos retornar, meu capitão?

Ela riu, e o humor voltou a ficar leve. —Acredito que não temos outra escolha. Já está ficando tarde e eu imagino que Vi e Lorde Haversham logo sentirão a nossa falta.

Harold não queria que ela voltasse para lá. Enquanto os levava de volta para o cais, ele observou a expressão saudosa voltar para o rosto dela e tentou mais uma vez afastá-la dos problemas. —Posso levá-la para um passeio no Hyde Park amanhã?

—Seria ótimo, mas—

Ele sabia que haveria algum motivo para que ela recusasse.

——Vi e eu já planejamos fazer compras.

—Entendo, — Harold disse. A proa bateu no cais. —Chegamos. Espero que tenha aproveitado o passeio no mar.

Ruby se levantou com os pés instáveis. —Não fomos atacados por piratas, nem por criaturas do mar, então acredito que nossa viagem foi muito agradável.

Eles voltaram para o baile assim como tinham saído de lá, mas agora Ruby pegou o braço que Harold ofereceu e ele notou que ela olhava sutilmente para ele.

Harold segurou o sorriso e esperou que eles pudessem fazer uma nova volta. Ficou chocado ao perceber que ele não tinha pensado no comportamento suspeito e as atividades secretas dela desde que desceram as escadas do jardim.

Estava otimista que a trégua fosse durar a noite toda e talvez os próximos dias.

CAPÍTULO NOVE



HAROLD SEGURAVA A carta recém-chegada – ou deveria dizer cartas – com força. Queria atirar a mesa ou socar a parede, mas isso não causaria nada além de dano a algo que não era dele para destruir. Rompantes de violência não resolviam nada, e só se misturavam com os problemas já existentes. Cada vez que o pai repreendia, batia ou censurava os filhos, não mudava nada. Eles não podiam viver de acordo com os padrões morais impossíveis de alcançar, e Harold e os irmãos certamente nunca respeitaram o vigário por suas exibições agressivas. O número de vezes que o bom vigário tinha atirado o prato na parede não tinha melhorado as habilidades da mãe na cozinha.

Parsons, o valete de Brock, tinha acabado de entregar as correspondências no quarto dele. Hoje, Harold tinha recebido três cartas do pai, cada uma exigindo a sua presença no campo. Ontem, tinha chegado uma carta, e anteontem dois bilhetes.

Não podia deixar de pensar que o pai teria mais tempo para cumprir todos os seus deveres – coisas que ele dizia que precisava da ajuda de Harold – se passasse tanto tempo realizando-os e menos escrevendo cartas ameaçando o filho.

Precisava perguntar a William se ele também recebia infinitas cartas de reclamações.

Infelizmente, o pai tinha muito pouco bom senso.

A sua sugestão idiota de que o bom vigário não poderia lidar com os reparos necessários era completamente sem fundamento. O pai tinha muitos paroquianos fortes e bem dispostos para ajudá-lo, ele só precisava chamá-los.

Brock tinha lhe informado que foram destinados fundos à reforma muito necessária da igreja agora que os estábulos de Haversham tinham sido completamente remodelados. Mas não havia pressa, os materiais ainda precisavam ser encomendados.

Não – Harold não iria ceder ao comportamento manipulador. Não iria correndo para casa. Não iria se curvar aos caprichos do pai. Não deixaria outra pessoa ditar como seria a sua vida.

Ao menos não ainda.

Um dia teria que voltar para casa e assumir as responsabilidades que o pai tinha relegado a ele. Ele faria o máximo para continuar com o vicariato da família, servindo a Brock e à sua crescente família, assim como o pai e o avô antes dele. Ele não se esquivaria dos seus deveres para sempre.

Mas esse dia não era hoje.

E se a parceria com William fosse bem-sucedida, então um outro rumo para o seu futuro talvez fosse muito possível. Era importante que eles começassem imediatamente.

Harold amassou os papeis enquanto andava pelo quarto.

Precisava de mais tempo. Antes de se resignar à uma vida de rotina, ele precisava viver. Experimentar tudo o que o mundo tinha a oferecer. Isso faria com que o seu futuro fosse mais tolerável? Não sabia. Mas o que sabia era que o pai nunca tinha viajado mais que umas poucas horas no lombo de um cavalo em toda a sua vida. Ele nunca tinha provado as delícias de Londres, a relaxante Bath ou a excitação de atravessar a fronteira da Escócia. Harold mal tinha realizado a primeira e sabia que Londres oferecia muito mais coisas do que pensava.

O vigário tinha ficado feliz ao se casar com a mãe de Harold, a filha de um fazendeiro vizinho, enquanto Harold sonhava com muito mais para si.

Harold parou de andar e se jogou em uma cadeira que ficava em frente à janela. O sol brilhava e estava alto no céu. A vista geralmente o deixava animado e o enchia de esperança, mas desde a sua chegada à Londres se sentia estranhamente vazio. Seus encontros com Ruby eram a única coisa que o fazia se sentir útil, vivo. Agora, com o plano de William ele esperava voltar a sentir que tinha um propósito.

Uma batida soou em sua porta. Sem esperar permissão para a entrada, Brock abriu a porta e entrou no quarto.

—Vá em frente e entre como se você fosse dono do lugar, — Harold murmurou, tentando espantar o mau humor.

—Você esqueceu que eu sou o dono do lugar?

—E se eu não estivesse decente?

—Eu teria chamado todo mundo que estivesse a um grito de distância para entrar e dar uma olhada, — Brock brincou. —Mas eles só espiariam. Eu gosto de ter exclusividade sobre você. — Ele deu uma piscadinha e se sentou na cadeira em frente a Harold, esticando as pernas e cruzando-as na altura dos tornozelos.

Eles ficaram em silêncio, Brock olhava para ele, mas Harold se recusava a tirar os olhos da janela.

—Você está me matando, — Brock finalmente disse. —Por que você está tão azedo?

Harold ergueu a mão e mostrou as cartas.

—Ah. Eu ouvi que você tinha recebido algumas cartas de casa. Esperava que fossem de alguma dama, e não do indômito Vigário Jakeston, — Brock disse. —Mas pela sua cara e o seu humor, só podem ser dele.

Harold olhou de má vontade para o amigo. —A última diz que o jugo dele nunca foi tão pesado, e a sua força está se esvanecendo.

Brock ficou em silêncio por um instante. Ele parecia aborrecido. —Não há razão para o fardo do seu pai estar mais pesado que no passado. Se tivesse que estar alguma coisa, seria mais leve – eu fui muito atencioso com as necessidades dele. A última vez que o vi, ele estava com as mangas arregaçadas e uma multidão de paroquianos fortes trabalhavam ao lado dele. Mas eu entendo se você sentir que precisa ir para o campo atender às demandas dele.

Harold riu, assustando-se com a loucura do som. —Oh, não, meu pai não colocará as garras em mim tão facilmente.

—Mas se ele precisa de ajuda—

—Ele não precisa. E mais, você sabe que ele não precisa – mas você se fez entender.

—Podemos ir até lá a qualquer hora e dar uma olhada na sua família, — Brock insistiu, mais sério agora. —Se você está preocupado, estaríamos de volta ao anoitecer, isso se tudo estiver bem.

—Você sabe que ele não permitirá que volte à Londres depois que eu estiver em casa. Se você pensa de outra forma, você é tão tolo quanto os outros dizem.

—Quem diz que eu sou tolo? — Brock perguntou.

—Foi só isso o que você ouviu?

—É claro. Eu me importo muito pouco com o seu drama familiar, mas se alguém fala mal de mim, então estou muito interessado.

Harold sabia que era tudo brincadeira. Antes do desaparecimento de Brock e depois do seu retorno no ano passado, ele tinha estado bem envolvido na vida de Harold. Eles compartilhavam tudo, incluindo as brigas familiares. Não havia outro ser que conhecesse as lutas de Harold como

Brock. Não havia outra pessoa com quem ele pudesse compartilhar tudo o que ele era, tudo o que queria e todos os demônios que o assombravam.

—Você não precisa assumir o vicariato. — O tom de Brock permanecia sério, o que era fora do comum. —Eu posso encontrar outro vigário para servir à minha família. O lugar está bastante obsoleto, de qualquer forma, já que eu raramente vou lá. — Desde que Brock tinha encontrado Lady Haversham, ele tinha trocado os seus demônios pelo amor e pela paz.

Harold não sabia como responder. Queria se agarrar à chance e se livrar das responsabilidades que nunca quis. Ele se sentou um pouco mais erguido, o peso da expectativa se levantou dos seus ombros, mas com isso veio a intimidante pergunta ‘e então?’ O vicariato tinha sido um fardo, mas também significava segurança – ou o conhecimento de algum tipo de estabilidade em seu futuro, apenas esperando para que cumprisse o seu papel. Sem ele, poderia forjar o seu próprio caminho, encontrar o seu lugar no mundo.

E isso o assustava muito.

Não estava pronto para desistir do seu sustento garantido.

Ainda assim, sua reunião com William tinha trazido novas oportunidades à luz – uma forma de vida que não seria dominada pelo pai.

Brock entendeu que o seu silêncio significava exatamente o que significava. Harold não estava pronto para tomar nenhuma decisão. —Você só precisa falar, Harold.

—Obrigado. — Ele estava feliz por saber que esse caminho permanecia aberto, mesmo que não estivesse preparado para assumi-lo.

—Basta de lamúrias. — Brock se levantou. —As mulheres farão compras esta tarde, o que significa que seremos deixados por conta própria.

—Oh, sério? — Harold perguntou.

—Sim. Vamos ver em que tipo de problemas podemos nos enfiar?

—O que você tem em mente? — Harold riu, determinado a esquecer os seus próprios problemas, ao menos por uma tarde.

—Por problemas, eu quis dizer negócios, — Brock disse. —Tenho uma reunião com Lorde Yorkton sobre a aquisição de uma ninhada muito importante e pensei que você gostaria de se juntar a mim.

—É claro que pensou. — Harold gostava de acompanhar Brock por suas muitas reuniões ao redor da cidade. Isso ajudava a melhorar suas habilidades com negócios e mantinha sua mente trabalhando. E é claro, Brock nunca reclamava se Harold fosse capaz de ganhar o que ele queria por um preço muito melhor. —Por quanto você deseja adquirir o animal?

—Pergunta muito sábia, camarada. O preço não é muito importante para mim, mas a aquisição. Veja bem, a égua é um presente para Lady Haversham.

—Ah, agora eu vejo.

Brock assentiu. —Acredito que sim. Eu sei o quanto ela sente falta dos cavalos. Mesmo que administrar um rancho seja impossível com as minhas obrigações no Parlamento, tenho certeza de que ela iria gostar de ter uma égua aqui na cidade, e possivelmente fazê-la procriar com Sage.

Havia apenas uma coisa que Brock amava mais que o seu garanhão, Sage, e era a sua esposa. A felicidade dela vinha antes que tudo.

—Isso é louvável de sua parte. Quando iremos?

—Lorde Yorkton nos aguarda em breve.

Harold registrou o nome. Ele tinha estado no escritório do homem há algumas noites para escapar do tédio da reunião social – e lá tivera seu primeiro encontro com Ruby. Estranho que Brock tivesse uma reunião com um dos homens da misteriosa lista dela. Talvez ele devesse estar preocupado com o bem estar de Brock no que ia de encontro às atividades de Ruby.

—Então vamos logo, — Harold disse. —Não queremos deixar o bom lorde esperando. Ouvi dizer que ele tem um péssimo temperamento. — Ocorreu-lhe que talvez pudesse dar uma olhada no escritório do homem, e então talvez descobriria pelo que Ruby estava procurando.



Ruby caminhou ao lado de Vi, os braços carregados com pacotes, indo em direção à carruagem. As lojas estavam cheias de mulheres escolhendo o tecido perfeito para um vestido de dia, ou luvas de pelica para uma festa à noite, ou homens escolhendo o lenço que combinaria perfeitamente com a nova aquisição da amada. Por causa da multidão, Vi instruiu ao lacaio que esperasse perto da carruagem. Daí os braços carregados e os pés doloridos de Ruby.

—Você tem certeza que está bem carregando todos esses pacotes? — Ruby perguntou.

—Eu estou grávida – e não de muito tempo, devo adicionar – não sou inútil. O exercício fará bem.

Sua mais querida amiga podia comprar como nenhuma outra pessoa. Com certeza tinham passado grande parte da manhã comprando camisas, saias e sapatos para todos as crianças de Casa Foldger’s para Crianças Abandonadas,

por isso as dores de Ruby poderiam ser atribuídas às boas ações e não aos hábitos mimados e egoístas da elite rica, o que lhe agradava muito.

—Depois que deixarmos esses, iremos procurar materiais para roupas de cama. As crianças ficarão animadas se Sarah e outras criadas fizerem novas colchas para suas camas. — A animação na voz de Vi era contagiante.

Ruby riu enquanto trocava as caixas de braço. —Oh, podemos fazer roxo para as meninas e verde para os meninos. Você sabe o quanto Abby gosta de roxo. Eu posso começá-los imediatamente.

—Oh não, você não pode, Ruby St. Augustin, — Vi ralhou. —Eu não lhe darei outra desculpa para você não me acompanhar nas minhas saídas noturnas.

Ruby sabia que estava ficando sem desculpas, mas esperava ter mais algumas noites livres para continuar a sua busca. —Juro que não sei do que você está falando.

—Você é incorrigível! — Vi riu. —Eu te trago para Londres e você mal sai de casa. Eu tive que te arrastar essa manhã enquanto você chutava e reclamava.

A única razão para Ruby ter acompanhado Vi hoje foi porque sabia que sua mãe tinha uma inclinação para dormir até tarde, e isso reduzia muito o risco de encontrarem com Lady St. Augustin durante o passeio. —Como eu poderia deixar passar a oportunidade de gastar o dinheiro de Lorde Haversham? — Ruby perguntou, mudando o rumo da conversa.

—Eu mesma raramente deixo a oportunidade passar, — a amiga confidenciou em um sussurro. —Oh, lá está o cocheiro. Jacobs, obrigada por esperar.

Ele pegou os pacotes e os colocou no assento da carruagem.

Vi ajeitou a frente do vestido rosa e esfregou as mãos. —Bem, para onde vamos agora? — ela perguntou.

Ruby olhou de um lado para o outro, esperando ver uma loja de chá ali por perto. Vi poderia descansar um pouco, não importa o quanto dissesse o contrário. —Temo não conhecer a área— Suas palavras foram cortadas imediatamente quando viu a mãe saindo de uma loja a algumas portas de distância acompanhada por Lady Darlingiver. As mulheres foram na direção delas.

Sem dar uma palavra de aviso à Vi, Ruby se jogou na carruagem, afundando no chão e fechando a porta para se esconder. Tinha boas razões

para estar em Londres, verdade seja dita, mas não tinha a intenção de informar a mãe sobre a sua presença.

—Lady Haversham, — a mãe de Ruby chamou. —Que bom vê-la. Está sozinha? — Ruby poderia imaginar Pearl St. Augustin e Lady Darlingiver olhando em volta, procurando pela escolta de Vi. Era altamente impróprio que uma mulher da *ton* saísse sem o marido, outro membro da *ton* ou por sua criada pessoal.

Detestava colocar Vi nesta situação, mas agora não era hora da mãe descobrir que ela estava na cidade contra as suas ordens.

—Ummm, bem, — Vi congelou, e Ruby sabia que a amiga estava vasculhando o cérebro. —Não, estou esperando o retorno de Lorde Haversham. Ele insistiu em comprar algo especial para mim – e como eu poderia recusar tal gesto?

—É claro que não poderia, — Lady Darlingiver irrompeu. —Seu pai e eu esperamos vê-la esta noite. Se eu não soubesse, teria pensado que você tem evitado nossa companhia ultimamente.

Ruby tinha implorado para Vi não convidar Lady Darlingiver, ou a mãe, para o chá, e tinha recusado convites para as casas delas da mesma forma. Era injusto da parte dela estar causando um óbvio desconforto entre Vi e a família.

—Muito pelo contrário, Lady Darlingiver, — Vi prosseguiu. —Tenho estado ocupada preparando a Casa Foldger's para Crianças Abandonadas para o inverno – e para o nascimento do meu próprio filho. Temo que minha carruagem esteja abastecida.

Ruby sabia que as mulheres virariam o nariz para qualquer atividade que lembrasse trabalho. Um pouco de levantamento de fundos para a caridade sujava as mãos dela mais do que era apropriado para a classe alta. Mas a menção de outro Haversham fez ambas as mulheres arrulharem de prazer.

—Oh, você deveria chamar Ruby caso precise de ajuda. — Foi Pearl falando agora. —Tenho certeza que ela estaria disposta a se mudar para Foldger's Hall mais uma vez para ajudá-la ou ir à você quando for para Haversham House esperar a hora.

Bem próprio da mãe oferecer a própria filha para trabalhos manuais, Ruby pensou.

—Oh, eu escrevi para ela há alguns dias e ela se voluntariou a fazer *trinta e duas* novas colchas para as crianças. — Vi adicionou ênfase no número de

colchas que Ruby estaria responsável por fazer, punindo-a por tê-la abandonado nas garras das duas matronas.

Ruby viu semanas de dedos machucados e mãos enrijecidas em seu futuro.

—Bem, tenho que ir, — Vi disse. —Oh, olhe, lá está Brock.

Ruby espiou pela janela, escondida pelas sombras. As mulheres olharam na direção que Vi apontou e acenaram, tentando ter um vislumbre do belo marido de Vi.

—Ele está acenando para mim, — Vi prosseguiu. —Ele teve ter uma surpresa muito especial. Foi um prazer vê-las. — Ela fez uma mesura para Lady Darlingiver e acenou com a cabeça para a mãe de Ruby.

—Nós podemos acomp—

—Não é necessário que vocês se desviem do seu caminho. Ele está bem ali, há menos de dez metros de distância. — Vi tentou seu melhor para impedir que as mulheres a seguissem. —Além disso, vocês estão indo na direção oposta. Vocês sempre estão ocupadas.

—Bem, sim, Lady Darlingiver, vamos? — Pearl perguntou.

—Muito bem, — a outra dama respondeu. —Seu pai está tão animado com o seu bebê. Venha nos visitar em breve.

—É claro, minha lady.

Ruby suspirou quando as mulheres se afastaram, desaparecendo na multidão.

—Ruby, traga a sua forma covarde aqui fora agora mesmo!

Não podia dizer se a amiga estava louca de raiva ou a ponto de rir. Levantando mais a cabeça, Ruby puxou a cortina e olhou pela janela.

Vi estava de pé na calçada, com as mãos nos quadris. —Como você se atreve a me deixar sozinha com aqueles dois abutres?

—Eu sei que você está com raiva—

—Não presuma saber como eu me sinto. — Vi cortou, mas a tensão saiu do seu corpo. —Não foi o seu desaparecimento em si, foi por você ter me deixado com poucas opções além de mentir. Você sabe que eu detesto mentir.

Era verdade. Ruby ficou cheia de culpa. Desde que a amiga tinha levado Brock a pensar que ela fosse outra pessoa, Vi tinha sido muito severa com a sua política de ‘não mentir.’

—Não foi a minha intenção.

—Oh, venha aqui.

Ruby se aproveitou da sua posição elevada para vasculhar a multidão em busca da mãe, mas a mulher desapareceu. Provavelmente entrou em outra loja cheia de frivolidades que elas não precisavam.

—Elas já foram, posso lhe assegurar, — Vi encorajou. O lacaio deu um passo à frente, abrindo a porta, e colocando os degraus para Ruby. Ela olhou para ele, depois para os degraus e finalmente para Vi antes de descer. — Vamos procurar alguns refrescos antes que eu desmaie no meio da rua.

—Você disse que estava se sentindo muito disposta hoje e que um pouco de exercício lhe faria bem, — Ruby disse alarmada, arrastando-se para o lado de Vi.

Vi riu.

Depois da agitação da manhã, Ruby refletiu que era hora de descobrir uma forma mais eficiente de avaliar sua lista de possíveis pais. A realidade da situação não bateu inteiramente até que estava amontoada no piso da carruagem, escondendo-se da sua própria carne e sangue. E se esgueirar-se por de casas, enquanto ocupadas ou não por seus donos era um risco. Precisava encontrar uma forma de lidar com aquele risco... e rápido.

CAPÍTULO DEZ



HAROLD OLHOU PARA os três ases e o par de reis na sua frente. Não foi a primeira mão boa que teve naquela noite, e tinha esperança que não fosse a última. Coçava para virar as cartas na mesa e mostrar a mão vencedora, mas em vez disso manteve o rosto passivo e os dedos parados.

Tudo o que Harold precisava era mais algumas mãos boas e sua bolsa iria aumentar dez vezes em apenas uma noite. A chance de ganhar o dinheiro que precisava para financiar o investimento do irmão sem ter que pôr as mãos nas suas sempre diminutas economias era boa demais para deixar passar. Quando Brock o convidou para ir ao White's para apostar, ele tinha se agarrado à chance. Sempre foi um ótimo jogador de cartas – e em todas as atividades que envolviam algum risco, incluindo investimentos arriscados. Brock gostava de brincar que esse era o verdadeiro motivo da sua amizade duradoura – isso, e os convites para ficar na casa de Haversham na cidade.

O Marquês de Drake, Andrew Penton, segurava a mão perto do peito. Harold estava incerto se era para esconder as cartas da vista ou porque os olhos dele estavam ficando ruins com a idade. Apesar disso, Harold estava certo de que tinha a melhor mão, mesmo com os rumores sobre ele sempre ter a melhor dama em seus braços. Sua reputação como o maior libertino da sua época era legendária, até mesmo para aqueles que cresceram longe dos jornais de escândalos.

Atreveu-se a olhar para a esquerda, Brock o observava de perto. Depois de jogarem muitos anos juntos – e ganhando a mesada dos irmãos assim que eles a recebiam – Brock conhecia os trejeitos de Harold. O sorriso no rosto do amigo dizia a ele que Brock estava ciente de que ele tinha cartas altas, mas que ele estava disposto a arriscar o próprio dinheiro para ver aquelas cartas sobre a mesa. Brock empurrou uma pequena pilha de notas para o centro da mesa. Ambos olharam para Drake, esperando pelo próximo movimento. Sem hesitar, Drake, também, empurrou dinheiro para monte crescente, deixando apenas algumas moedas e uma nota ou duas na frente dele.

Então, foi a vez de Harold. Ele olhou para as cartas, dando a Drake a impressão de que ele estava apreensivo sobre adicionar seu próprio dinheiro e arriscar a perder tudo. Para um efeito mais dramático, ele secou a testa com o antebraço como se afastasse o suor causado pela situação tensa. Manteve a respiração estável mesmo que o sangue corresse mais rápido que uma estrela cadente em suas veias, ele também empurrou o dinheiro para frente.

Ao mesmo tempo, Brock recostou-se na cadeira e deu uma pancada causada pela animação. —Bem, cavalheiros, — ele disse. —Acredito que temos um prêmio que ninguém vê neste clube há mais de uma década.

Harold não tirou os olhos de Drake enquanto esperava o lorde ancião mostrar as cartas.

Tinha a esperança de que fosse as cartas perdedoras.

Por um momento, por um piscar de olhos, Harold ponderou as ramificações caso a mão não estivesse ao seu favor. Significaria perder metade do dinheiro que tinha conseguido economizar. Seria forçado a voltar para a casa do pai antes do que planejava.

Harold deixou sair o ar quando Drake abaixou as cartas, uma mão similar, mas ainda inferior a dele.

Brock jogou as cartas voltadas para baixo, admitindo a derrota.

Mantendo a excitação a baia, Harold colocou as cartas sobre a mesa: um *full house*. Ele juntou o monte de notas e moedas e puxou-as, todo o tempo permanecendo composto. Era pouco cavalheiresco esfregar a sorte na cara de alguém na mesa de cartas – para não mencionar que isso assustaria outros jogadores. E Harold precisava de outros jogadores além de Brock, se ele quisesse aumentar o capital.

—Que golpe de sorte, — o marquês murmurou. —Haversham, você é o responsável por trazer este escroque arrogante para o nosso clube?

—Oh, não seja um mau perdedor. Você sabe tão bem quanto eu que se alguém estiver disposto a arriscar o dinheiro em uma rodada de cartas, essa pessoa também tem que estar preparada para vê-lo ir para o bolso de outra pessoa. — Brock riu. —Eu perdi dinheiro assim como você.

—Espero que o homem não tenha tão poucas maneiras para que saia sem me dar a oportunidade de recuperar os meus fundos.

Drake falava como se Harold não estivesse sentado de frente para ele. Homens da *ton* eram um espécime peculiar. —Eu lhe asseguro, sua senhoria, que eu não tenho outro lugar para estar esta noite. Continuarei com o nosso

jogo até que esteja pronto para partir, ou até que eu perca todos os meus fundos e tenha que implorar a Lorde Haversham por mais.

—É bom que você conheça o seu lugar, menino, — o marquês disse. Ele empurrou as cartas perdedoras para Brock, que as juntou para embaralhar e começar novamente. —É difícil encontrar homens hoje em dia que conheçam a sua posição na sociedade. Não é, Haversham?

—Oh, o Sr. Jakeston conhece o seu lugar muito bem, — Brock disse enquanto piscava para Harold. —Eu o mantenho a rédeas curtas desde que éramos crianças.

—Certifique-se de que continue fazendo isso, — o ancião bufou. —Não podemos ter esses aduladores assumindo o nosso país.

Harold queria rir do termo antigo que o homem usou para se referir aos alpinistas sociais. Se uma pessoa não pudesse traçar sua linhagem há pelo menos trezentos anos, então eles obviamente miravam muito alto de acordo com a opinião do marquês.

—Posso dar as cartas, cavalheiros?

—Muito bem. — Drake olhou para Harold com suspeita, como se esperasse que cartas fossem cair de suas mangas.

Harold assentiu também. Enquanto Brock embaralhava e cortava as cartas, Harold olhou a sala. Esperava que mais alguns homens se juntassem ao jogo e aumentassem seus ganhos potenciais, mas o clube estava calmo a essa hora da noite.

Pegando as duas cartas que tinham lhe dado, Harold viu que no melhor dos cenários, tinha duas cartas medíocres. Uma rainha de copas e um oito de paus. Ele olhou a mesa, julgando as primeiras reações de Drake e de Brock antes de pegar as últimas três cartas. Ele conhecia a dificuldade de esconder as reações naturais – mesmo se boas ou ruins – de primeira. Fiel a forma, um sorriso cruzou o rosto de Drake antes que a expressão voltasse a ficar plácida. Ele provavelmente tinha um par ou um conjunto de cartas boas.

A rodada de apostas se seguiu rapidamente, aumentando o pote para mais do que Harold tinha em frente a ele. Pegou suas três últimas cartas, esperando que elas salvassem a sua mão. Quando viu outra rainha e outro oito entre o três, queria erguer o punho em triunfo. Em vez disso, ele olhou a sala novamente, como se seu interesse estivesse em qualquer outro lugar, menos no jogo.

Um lampejo de movimento do lado de fora da janela chamou a sua atenção. Estava tarde, e as ruas de Londres não eram um local seguro para um

pedestre solitário, embora provavelmente não fosse nada além de um garoto de rua tentando ter um vislumbre do que se passava dentro de um clube exclusivo. Nada se moveu lá fora por tanto tempo que pensou que tivesse imaginado.

Harold voltou ao jogo, empurrando apenas o bastante de dinheiro para o centro da mesa para não assustar Drake.

Novamente, um movimento lhe chamou a atenção. Focando lá mais uma vez, ele finalmente descobriu o que era. Um rosto estava pressionado no vidro, vasculhando a sala. Havia um campo de visão muito limitado, e as cortinas pesadas fazia com que fosse quase impossível às vezes. Um homem saindo do clube abriu a porta, iluminando a área escura lá fora da janela e, com isso, a pessoa que estava espiando.

As cartas de Harold caíram da sua mão. Ele lutou para ajeitá-las antes que os oponentes a vissem. Ele reconheceria aqueles cabelos escuros e os olhos verdes em qualquer lugar.

Ruby, tão preocupada que estava em vasculhar a sala, não notou Harold olhando-a enquanto ela focava em cada rosto da sala.

—Maldição, — Harold exclamou.

—É tão ruim assim? — Brock perguntou.

—Oh, não, é só que eu tenho que ir—

Brock se virou para olhar o que tinha chamado a atenção de Harold e a sala começou a se mover em câmera lenta. A mulher estava tão distraída que não notou que tinha chamado atenção lá dentro. Se Brock a reconhecesse – e ele iria – então ela teria muitas explicações para dar. Mas tanto quanto queria saber o que ela estava tramando, Harold não faria isso à custa da amizade de Lady Haversham com Ruby.

—Vamos lá, — Drake bufou. —Estamos no meio de uma partida. Haversham, você permitiu a entrada desse rapaz. Estou pensando em pedir que os dois sejam expulsos.

Com a ameaça de Drake, Brock se virou para o jogo e Harold suspirou.

—Não, eu terei o prazer de terminar esta rodada. — Harold empurrou todo o seu dinheiro para o centro da mesa.

Brock atirou as cartas, não engolindo a isca.

Drake, por outro lado, deixou sair uma risada e empurrou seu próprio dinheiro para igualar a aposta de Harold.

Duvidava que o homem tivesse uma mão melhor que a sua, mas Harold não teria tempo para descobrir.

Quando o marquês colocou as cartas abertas sobre a mesa, Harold fez o mesmo, empurrando a cadeira para trás. Sua mão era muitíssimo melhor que a de Drake, e ele imaginou se o homem só pagou para ver se Harold teria coragem de desafiá-lo.

—Ah, bem, estou desapontando em dizer que estou sem tempo, — Harold disse enquanto se levantava. —Agradeço aos dois pelo excitante jogo. Mas eu tenho que ir agora.

Ele disse ao Marquês de Drake. —Para ser justo, estou deixando meus ganhos com Haversham para que você não se sinta traído por perder a oportunidade de ganhar seu dinheiro de volta.

Isso deu a Brock nenhuma outra opção além de ficar na mesa, deixando Harold livre para partir sem a possibilidade do amigo segui-lo.

Ele se virou para sair, sabendo que o olhar de Brock tinha muitas perguntas – nenhuma que ele estava apto a responder neste momento. Ele só esperava que a sua forma bloqueasse a visão de Ruby na janela.

Enquanto ele ia para a entrada, o olhar de Ruby finalmente posou nele. Os olhos dela se arregalaram, e no minuto seguinte ela tinha ido. Abrindo a porta de canto a canto, Harold foi para a calçada e olhou para a esquerda, na direção para onde ela tinha fugido.

Ela não estava na calçada como ele tinha esperado.

Uma carruagem de aluguel se movia pela rua.



Ruby se afundou no piso sujo da carruagem assim que saltou lá dentro, era bem provável que tivesse arruinado seu vestido.

—De volta para Haversham House, depressa, por favor. — Ela respirou fundo quando a carruagem começou a se afastar do meio-fio. Ela tomou o assento atrás dela, mas manteve a cabeça baixa. Era possível que Harold não a tivesse visto fugindo nessa carruagem em particular. Na verdade, ele poderia não tê-la reconhecido, já que havia pouca luz.

Mas a expressão no rosto dele enquanto ele saía apressado do clube lhe dizia outra coisa. Nunca tinha visto Harold não estar calmo e reservado, com aquele comportamento despreocupado. Esta noite, entretanto, viu fogo nos olhos dele, até mesmo fúria – e algo que não pôde reconhecer.

Ela se atreveu a olhar pelo assento e para trás. A poeira erguida enquanto eles passavam fazia com que fosse impossível ver se estavam sendo seguidos.

O alívio a invadiu. Talvez não tenha sido pega... em flagrante, pelo menos.

Era hora de reavaliar o plano, possivelmente pensar mais em suas ideias antes de colocá-las em marcha. Seu objetivo esta noite tinha sido muito simples: confirmar que o Marquês de Drake estava dentro do White's, jogando ou bebendo, para que ela pudesse voltar para a casa dele e dar uma olhada.

Deveria ter sido simples, algo instintivo. Infelizmente, pensou *demais*, esperando evitar ser pega como tinha sido algumas noites atrás. Ruby tinha verificado se a carruagem de Drake estava parada no estábulo, seus criados jogavam cartas com outros criados que aguardavam por seus mestres. Em vez de sair depressa para ir dar uma olhada na casa de Drake e voltar para casa, sem maiores contratempos, ela tinha que ver o homem. Mesmo se para verificar onde ele estava sentado e ocupado pelas próximas horas ou se por sua necessidade egoísta de colocar os olhos nele, Ruby não sabia.

Era o mesmo com cada homem para quem olhava. Sonhava que colocaria os olhos sobre o homem e saberia, sem sombra de dúvidas, que compartilhavam o mesmo sangue. Seus pensamentos noturnos descambavam a partir daí. Muitas noites acordava com um sorriso no rosto depois de o homem dos seus sonhos também reconhecê-la pelo que ela era, sua carne e sangue que voltava para ele. Ele iria pegá-lo nos braços, abraçá-la, e dizer que tinha procurado por ela por muito tempo. Mas seu sorriso esvanecia rápido. Seu pai sabia da sua existência, e nunca tinha ido atrás dela.

Agora, estava voltando depressa para a casa Haversham no caso de Harold e Lorde Haversham a terem visto. Ela esperaria um pouco lá, aproveitando o tempo para se recompor. Então, veria se ainda tinha tempo para completar a tarefa. Se não fosse esta noite, teria que esperar mais alguns dias até que Drake saísse de casa novamente. Maldito seja o homem por ser tão recluso e fazer com que fosse tão difícil entrar na sua casa. Alex apenas podia dar um pouco de informação e acesso antes que ele corresse o risco de ser pego.

Ruby nunca se perdoaria se ele perdesse sua posição devido ao descuido dela. Alex tinha dado muito mais do que Ruby merecia, já que ela não podia dizer a ele por que precisava da informação. Não iria retribuir sua bondade ao levar Harold direto para a residência de Drake.

A viagem de volta para casa deu a ela tempo para ponderar sobre o que tinha visto. Drake era um lorde como qualquer outro. Ela ainda podia ver a

qualidade de suas roupas, apesar de ele ter estado sentado. Nada no homem lhe parecia familiar. Ele era muito mais novo do que parecia. Sua postura fraca e encurvada adicionava mais dez anos à sua idade. Ela não saberia o que a mãe viu no homem, *se* Drake fosse quem ela estava procurando.

Ela disse ao condutor para dar a volta nos estábulos quando eles se aproximaram da casa. Seria muito mais fácil entrar sem ser notada pelos estábulos do que entrar pela porta da frente e ter todos os criados testemunhando a sua chegada – e fofocando sobre isso.

A carruagem parou uma casa abaixo da de Haversham, no beco.

—São seis pence, senhorita. — Ele ergueu a mão tão suja quanto o piso da carruagem para aceitar o dinheiro.

O olhar suspeito que o condutor deu a ela combinava com o que ela deu para a mão esticada.

Não querendo mais desperdiçar tempo, Ruby colocou a quantia na mão dele e saiu do veículo, não esperando e nem querendo ajuda.

—Brigado.

Ela assentiu antes de seguir para o estábulo de Haversham, tomando cuidado para se manter nas sombras. Contratar uma carruagem de aluguel em Londres – mesmo que não fosse problemático demais – era extremamente cansativo. Não dava para saber se seriam levados ao destino com segurança. Felizmente, o condutor dessa noite conhecia muito bem as ruas e a entregou inteira em casa.

Tudo o que restava era se assegurar de que ninguém na casa soubesse da sua partida e consequente chegada, pegar seus acessórios para arrombamento em sua escrivaninha, e então se colocar a caminho mais uma vez.

Um dia, esperava fazer as coisas direito e ter apenas uma noite onde tudo saísse conforme o planejado. Com sorte, descobriria quem era o pai, daria à sua mente a paz que precisava para seguir com a vida, e deixar esse tempo infeliz para trás.

A casa estava quieta enquanto ela ia em direção à porta da cozinha, tendo o cuidado de fechá-la completamente para que Cook não suspeitasse que alguém tinha usado a saída enquanto ela estava na cama. Dificultaria muito a habilidade de ir e vir de Ruby se a porta batesse atrás de si. Abrir a fechadura de uma mesa estava dentro das suas limitadas habilidades, mas a porta daria muito mais trabalho, e provavelmente chamaria atenção com o barulho.

O estábulo estava tão abandonado quanto a casa. Lorde Haversham e Vi estavam fora e não chegariam tão cedo. A maioria dos cavalariços ou estava

na cama ou tinha saído para se divertir.

O beco atrás da casa estava há meros passos de distância, e seu destino pretendido há apenas alguns minutos de caminhada. Talvez a noite fosse melhorar afinal das contas.

Uma sombra entrou na frente dela e suas esperanças se afundaram como a poeira debaixo dos seus pés.

—Temos que parar de nos encontrar em situações tão dúbias. Eu prefiro muito mais um jantar ou um chá. Mas uma caminhada noturna também cairia bem.

CAPÍTULO ONZE



—EU REALMENTE NÃO sei por que deixei você me arrastar nessa busca temerária. — Harold se apertou entre duas peças de mobília cobertas por um lençol branco e parou. —Por onde agora?

—Oh, essa é boa! — Ruby disse entredentes. —Eu não pedi a sua ajuda, nem a queria. De fato, eu não ficaria ofendida se você desistisse agora. — Ela tentou despistá-lo ao dizer que apenas iria visitar os estábulos, mas ele não comprou o seu blefe. Isso a deixou apenas duas escolhas: Perder a chance de vascular a casa do marquês enquanto ele estava fora, ou levar Harold com ela. Se ela queria acelerar seus planos – o que estava comprometida a fazer – então o desperdício de outra noite não seria aceitável.

Harold riu. —Sem chance. Você conhece a minha inclinação por ajudar donzelas em perigo. Parece que estou me tornando um adepto.

Ela estava se arrependendo muito da sua decisão.

—E pela milionésima vez, eu terei que lembrá-lo que eu não estou — Ruby fez uma pausa para dar ênfase às suas próximas palavras. —e nunca estarei, em perigo. Sou perfeitamente capaz de lidar com a minha própria vida e tudo o que vem junto com ela.

Ela seguiu Harold através da passagem apertada e olhou em volta da sala vazia e empoeirada. De acordo com Alex, essa sala deveria abrigar o escritório do Marquês de Drake, mas parecia estar abandonada há mais de vinte anos.

Harold correu a mão sobre uma superfície plana. O tecido ou cobria uma mesa muito grande ou uma pilha de entulho. Ruby rezava para que fosse o primeiro, mas a julgar pela aparência da sala, poderia muito bem estar cobrindo algo que fosse completamente inútil para ela.

—Eu deveria ao menos receber alguma explicação sobre o *porquê* de estarmos aqui, já que eu provavelmente levarei a pior parte da punição caso sejamos pegos.

—Novamente, eu tenho uma boa razão para estar aqui. Enquanto você, por outro lado, se grudou a mim sem eu ter chamado. — O homem era

irritante, como sempre, mas parecia certo em uma casa com uma mesa enorme. Ainda era um mistério como ele conseguiu alcançá-la no caminho de volta do White's.

Mas já que ele tinha, Ruby ainda precisava cumprir a sua tarefa da noite. E ela estava há apenas três quadras de distância. A noite estava fria. Com um leve xale, vestido escuro e botas confortáveis, ela tinha decidido seu caminho, esperando que Harold não a seguisse – mas ao mesmo tempo sabendo que o homem era incapaz de deixar passar uma oportunidade de aborrecê-la.

Uma parte sua era grata pela companhia dele. A ideia de entrar na casa do marquês tinha deixado Ruby agitada. Tinha se visto atravessando furtivamente o interior escuro, procurando a sala. Mas enquanto caminhava sozinha pelo beco escuro e sujo que passava por trás das casas, os primeiros fios de ansiedade, medo e dúvida tinham começado a se desenrolar.

As incessantes perguntas de Harold no caminho para a casa de Drake não tinham ajudado também. Ela disse que sim, sabia que o que estava fazendo era ilegal. Sim, sabia que as repercussões poderiam levá-la à uma cela úmida e escura – e foi por isso que ela tentou convencê-lo a não acompanhá-la. E finalmente: Não, Vi não sabia sobre suas saídas altas horas da noite ou que andava xeretando nos assuntos da *ton*.

Ela temia a sua decisão de não confiar em Vi ou ao menos não deixar um bilhete dizendo qual era o seu paradeiro.

Mas Ruby conhecia a amiga muito bem. Vi não faria perguntas, mas insistiria em acompanhá-la. Arrastar a nova Lady Haversham em seus problemas era inaceitável, particularmente levando em conta a atual condição de Vi. Brock nunca perdoaria Ruby se elas fossem pegas invadindo e entrando na casa de um marquês extremamente influente. Ruby buscava respostas, mas não à custa da reputação da amiga.

Sua própria reputação não importava muito. Ela era uma ninguém. A filha de um barão empobrecido, ou era o que ela tinha sido levada a acreditar.

—Foi por isso que viemos procurar?

A pergunta sussurrada assustou Ruby e ela se pôs em movimento. Alex só tinha garantido a eles duas horas ininterruptas que era quando Drake ia ao clube de cavalheiros jogar cartas. As duas horas incluíam o tempo que ela gastou para encontrar uma carruagem para levá-la ao clube, entrar na casa, completar a busca e partir sem ser notada – e isso sem levar em consideração o tempo que desperdiçou voltando para a casa de Haversham. A criadagem

de Drake passava esse tempo fora, isso garantia que a casa estaria vazia. Alex manteve vigia nos estábulos depois de mostrar a ela e a Harold a porta lateral que havia no jardim. Ele ficou chocado – e um pouco cauteloso – ao ver Harold, mas manteve sua palavra. Enganá-lo não era algo que planejava fazer.

Ela ainda estava confusa sobre o porquê de qualquer um deles ajudá-la. Ela estava em perigo, e iria colocá-los em perigo também. Alex sentia uma profunda lealdade para com Vi – e por associação, à Ruby – o que de certa forma convenceu Ruby de que ele só fez o que Vi gostaria que ele fizesse.

—Só permita que eu dê uma olhada por aí e logo partiremos, — Ruby disse.

—Por que você estava no White's?

—Eu não tenho tempo para as suas perguntas. — Apesar de que deveria estar focada em Drake e em qualquer coisa que ele estivesse escondendo, ela continuava dando olhadelas na direção de Harold. Ele parecia completamente à vontade se esgueirando pela casa do marquês.

—Alguém pode pensar que você nunca tem tempo para perguntas.

—Fique quieto antes que alerte alguém sobre nossa presença, — ela ralhou. Ruby estava adquirindo muita habilidade em evitar o inquérito de outras pessoas, e hoje não foi uma exceção. Ela puxou o tecido que cobria a mesa. Se os deuses da sorte sorrissem a seu favor, as gavetas estariam destrancadas e prontas para a sua verificação.

Deixou escapar um enorme suspiro. Imediatamente, abriu as gavetas e começou a sua busca. O tempo era crucial, e ela não tinha um segundo a perder. As primeiras gavetas estavam vazias. Essa não devia ser a sala onde Drake passava várias horas do dia. Sua dúvida surgiu assim que entrou ali e encontrou todos os móveis cobertos por anos de poeira e abandono.

A última gaveta abriu guinchando por causa dos trilhos desnivelados, revelando vários itens valiosos. Ruby se inclinou para dar uma olhada melhor na pouca luz. A única fonte vinha do corredor por trás da porta, o que lançava uma luz que iluminava mais ou menos três metros dentro da sala. Não poderiam se arriscar a acender uma vela e alertar algum criado que estivesse passando por ali.

—Eureca! — Harold falou por detrás do seu ombro.

Assustada, Ruby ficou de pé, preparando-se para fugir quando sua cabeça bateu em algo sólido.

—Ai! — Harold disse.

Ruby se virou para ver Harold segurando o queixo dolorido. Ela estava massageando irritada o que sentiu que seria um galo no alto da cabeça. —Eu te disse para ficar quieto. Agora olha para você. Como você vai explicar um queixo machucado? Você é insofrível.

O olhar ferido no rosto dele fez Ruby se arrepender das palavras severas.

—Apenas fique em silêncio, por favor, — Ruby sussurrou.

Ele ergueu as duas mãos com as palmas viradas para ela, e deu um passo para trás, se rendendo. —Seu desejo é uma ordem.

Ela voltou para a gaveta, sabendo que precisava levar os objetos para a luz para vê-los mais claramente. Pegando-os, Ruby ficou de pé e deu um passo em direção à porta. Conseguiu dar um único passo antes de seu pé ficar preso no tecido que tinha removido. Os objetos voaram das suas mãos enquanto tombava na escuridão. As mãos procuravam por alguma coisa que pararia a sua queda e o inevitável barulho que ela causaria. Quando suas mãos encontraram apenas ar, o futuro de Ruby passou diante dos seus olhos.

Expulsa da casa de Lorde Haversham em desgraça.

Esquecida mais uma vez na propriedade da família, envelhecendo sozinha sem ter respostas para as suas muitas perguntas.

O que mais ela merecia depois de perambular por Londres nesta missão mal fadada?

Os segundos passaram como se fossem minutos enquanto seu pé buscava apoio, mas apenas ficava ainda mais emaranhado no tecido.

Enquanto se protegia para o impacto, braços fortes envolveram a sua cintura, parando a sua queda quando ela estava a um respiro do chão. A parada repentina enviou o último item, que estava preso debaixo do seu braço, escorregando pela superfície de madeira antes de bater na parede. O som de vidro quebrado ecoou pela sala cavernosa e pelo corredor vazio.

Ruby congelou, esforçando-se para ouvir o som de passos se aproximando ou as vozes dos criados enquanto eles corriam para investigar o que tinha acontecido.

Harold riu, seu fôlego quente esfregava contra a sua orelha. Os braços apertados em volta da sua cintura. —Como eu disse, donzela em perigo. Sinta-se livre para me chamar de Cavaleiro Branco. — Com outra risada sincera, ele virou Ruby em seus braços e então eles ficaram frente a frente, os narizes quase se tocando. Se ela inclinasse a cabeça só um pouco, Ruby só teria que inclinar a cabeça alguns centímetros em direção a ele e seus lábios

se tocariam. A sala desapareceu a sua volta, deixando apenas eles. E ela queria... não tinha ideia do que queria. Só que queria.

A ameaça de serem descobertos ainda era latente, Ruby respirou fundo, implorando ao coração para se acalmar. —Você pode me soltar agora.

—Oh, não é isso o que acontece quando um cavaleiro destemido resgata a donzela, mesmo que apenas dela mesma. — As sobrancelhas dele se elevaram em choque, o rosto estava sério. —Eu não mereço um agradecimento? Ou, me atrevo a dizer... talvez um beijo?

Foi só então que Ruby percebeu que suas mãos – essas coisas malignas – estavam segurando os ombros dele – os ombros largos... musculosos... ombros feitos para resgatar donzelas em perigo.

—Posso ajudá-los? — Uma voz ecoou pela sala, quebrando o feitiço que mantinha os braços de Harold em volta dela e as mãos dela segurando-o com força em busca de apoio.

Os olhos de Harold ainda estavam presos aos seus, indisposto – ou incapaz – de aceitar que o momento tinha passado. Mas Ruby o empurrou até que ele a soltasse. Desejou que o chão se abrisse e engolisse ela e Harold. A força para se virar e encarar a mulher na porta fugiu.

Ele ergueu as sobrancelhas mais uma vez.

Por que tinha deixado ele vir junto? Não era o suficiente se colocar em perigo, mas agora tinha arrastado Harold para tudo isso?

Os olhos de Ruby provavelmente estavam grandes como pratos. Eles tinham sido pegos, mas agora Harold receberia a pior parte da punição, só porque estava com ela.

—O que vocês estão fazendo no escritório do Marquês de Drake? — a garota pressionou.

Harold pigarreou. —Minhas descul—

—Por favor, permita-me, — Ruby o interrompeu antes que ele pudesse se incriminar. Ajeitando os ombros, ela se virou para a figura delineada na porta. —Eu posso explicar.



Harold mal podia esperar para ouvir como Ruby planejava explicar a presença deles na casa de Drake. Duvidava da veracidade da explicação dela, mas estava ansioso para vê-la tentar. Assim que a situação saísse do controle, ele iria se intrometer – mais uma vez. Isso estava virando uma tendência que ele estava gostando muito.

A mulher – apenas uma menina, na verdade – entrou na sala. A luz fraca das velas que iluminavam o corredor fez parecer como se o cabelo dela estivesse em chamas. Ela era pequena, mas esguia. —Não precisa se incomodar. Eu posso ver com meus próprios olhos o que está acontecendo aqui.

Era estranho ela ter ideia do que estava acontecendo quando ele não tinha nem noção. O que era ainda mais estranho era que ele não se importava com os motivos de Ruby. Embora estivesse justificadamente suspeitando do comportamento dela, ele ainda achava difícil desconfiar dela. Tinha a ver com aquele comportamento – ou por causa dele, era por isso que Harold gostava de ficar com ela. Apesar das circunstâncias, quando ele fosse chamado para assumir o lugar do pai, ela seria uma memória distante de uma época feliz.

—Eu realmente sinto muito, — Ruby murmurou. —É só—

—Se vocês estão procurando um lugar romântico, este não é o lugar ideal. — As mãos da menina foram para os quadris, a postura era estranhamente familiar.

Ele se abaixou e sussurrou para Ruby. —Deixe-me saber quando você quiser que o cavaleiro branco assuma e te resgate dessa infeliz situação.

—Deixe-me lembrá-lo que não estaríamos nessa situação se você não tivesse me assustado até a morte, — ela relembrou. Embora ela fosse a culpada por eles estarem na situação que o levou a assustá-la, Ruby não pensava que essa fosse a hora de aceitar o fardo da responsabilidade.

—Não é um encontro romântico? — A menina parou e olhou os dois de cima a baixo. —Talvez vocês estejam planejando aliviar o marquês de alguns dos seus pertences? Nada mais que ladrões comuns. Eu devo admitir que nunca ouvi falar de uma mulher sendo arrombadora, mas não deveríamos ficar surpresos com a depravação da sociedade.

A menina não parecia uma criada, seu vestido era feito de um tecido de qualidade e o cabelo estava preso para cima, com uma fita combinando. O modo de falar era culto e refinado. Possivelmente uma parenta de Drake, uma prima ou sobrinha. Com a reputação do homem, Harold achava difícil acreditar que qualquer membro da alta sociedade fosse permitir que a filha vivesse sob a proteção do Marquês de Drake.

Mas, lá estava ela, Harold não podia ficar ali e permitir que ela continuasse especulando mais. —Eu lhe asseguro que não somos ladrões – apenas estamos perdidos.

—Perdidos? No escritório de um marquês? — A voz dela transmitia a sua incredulidade. —Isso é muito duvidoso e suspeito, você não acha?

Harold olhou para Ruby querendo alguma ideia, mas ela só transmitia pânico. —Minha lady... — ele começou, esperando ao menos conseguir o nome da menina ou alguma coisa que revelasse a sua identidade.

Uma olhada de perto disse a ele que ela não tinha mais que dezesseis anos, mal tinha saído da escola. Que mãe seria tão descuidada com a reputação da filha ao permitir que ela ficasse com o lendário marquês, que tinha gerado metade dos jovens de Londres?

A garota podia ser cria de Drake. Não tinha ouvido falar que o homem tivesse assumido alguma.

—Nós viemos nos consultar com o seu pai sobre um assunto de extrema importância. — Harold disse. —Seu criado nos trouxe aqui para esperarmos a chegada dele.

—Ele *não* é meu pai, — ela cuspiu as palavras, —E mais ainda, ele não está em casa. — Ela cruzou os braços, mantendo distância. A garota não estava com nenhum medo deles?

—Então devemos nos pôr a caminho, — Ruby disse.

Ela encontrou a língua, mas Harold não estava pronto para ir. A garota não estava prestes a gritar por socorro, alertando sobre a presença deles, ou ela já teria feito isso. —Estou certo que podemos esperar por ele.

—Você enlouqueceu? — Ruby perguntou em um sussurro.

—Assim como você, que me arrastou para isso, — ele respondeu.

Ela lhe lançou um olhar suplicante. —Por favor, nos tire daqui.

—Temo que seja tarde demais para partirmos incólumes.

—O marquês não trata de negócios aqui, nem os criados usam esta sala, — a garota retrucou. —Agora, eu preciso decidir o que fazer com vocês dois.

—O que fazer conosco? — Ruby ofegou ao lado dele.

A garota inclinou a cabeça como se estivesse pensando, batendo o dedo sobre os lábios. —Talvez eu chame o magistrado.

Harold queria um pouco de aventura, criar algumas memórias antes de ser forçado a se assentar, mas ir para Newgate? Não podia imaginar como explicaria isso para Brock, quem dirá para o seu pai.

—Isso não será necessário, — Ruby rogou. —Isso tudo é um mal entendido. Se você ao menos me der a oportunidade de explicar.

Ruby tinha insistido que Drake estaria fora durante a noite e que não voltaria até altas horas da madrugada. Essa foi a única razão pela qual Harold

sequer cogitou deixá-la seguir em frente com esse plano absurdo. Estava claro que ela sentia que o resultado da busca iria afetá-la bastante, mas ele queria saber como – mesmo que isso o pusesse em perigo. A punição por roubar de uma pessoa rica e com título era grave, já que todo homem no Parlamento era de berço rico e intitulado. Eles não levavam levianamente aqueles que achavam que podiam pegar o que lhes pertencia.

Era muito duvidoso que qualquer um deles estivesse sorrindo se fossem eles sentados numa cela de prisão, comendo pão mofado e bebendo a água podre do rio Tâmisa.

—Acredito que começamos com o pé errado. Permita que nos apresente, — Harold iniciou seu último esforço para salvá-los.

Ruby se enrijeceu ao seu lado. —Não—

Harold segurou o cotovelo dela para confortá-la. —Peço desculpas pela confusão. Estamos aqui para tratar de assuntos oficiais. — Ele fez uma mesura leve e desajeitada, ainda segurando Ruby com firmeza. —Veja bem, minha sócia e eu somos representantes da Casa Foldger para Crianças Abandonadas, um orfanato em Hampshire. Escrevi para o Marquês de Drake pedindo uma reunião para esta noite e discutir sobre uma doação vultuosa.

A garota bufou – de verdade. Ele nunca tinha ouvido uma mulher fazer aquele som em particular, mas por alguma razão aquilo combinava com a jovem. —Mesmo que isso soe perfeitamente crível e – para qualquer membro da *ton* – seja uma causa generosa, você obviamente nunca conheceu o marquês. Primeiro, ele preferiria colocar seus xelins em uma bolsa e atirá-la no oceano em vez de doá-los. E em segundo lugar...— Ela numerava as razões com os dedos. —É mais provável que ele jogue as crianças junto com o dinheiro para não vê-lo ser gasto com elas.

—Desculpa? — ele gaguejou, certo de que tinha ouvido errado.

—Eu disse que ele iria preferir afundar o dinheiro e os órfãos a doar a quantia de boa vontade. — Um sorriso de canto a canto tomou conta do rosto dela.

Ela estava gostando do seu desconforto. A megerazinha!

—Agora, eu estaria sendo negligente ao deixá-los sair daqui sem pagar por seu crime, — ela prosseguiu, o sorriso ficando ainda mais maligno. — Então, vocês são apostadores?

Harold balançou a cabeça, e ele sentiu que Ruby fez o mesmo. — Acredito que se você pensar um pouco, nenhum dano foi feito. Posso contatar o marquês outro dia e tentar encaixar um horário com ele.

—Que sorte a de vocês que eu estou livre. — Ela saiu da sala escura e sinalizou para que a seguissem, sem dar a entender que tinha ouvido as palavras de Harold. —Por aqui, por favor. Precisaremos de um lugar mais confortável para discutirmos a aposta.

Eles a seguiram em fila indiana, ao longo do corredor escuro. Harold tentou ficar na frente de Ruby tentando protegê-la dos perigos desconhecidos que poderiam ser causados pela figura diminuta na frente deles. Mas fiel a forma, Ruby – com a cabeça erguida e os ombros encaixados – marchou como se estivesse indo para a guilhotina. Ele foi para o lado dela, determinado a encarar o que quer que estivesse à frente. Uma grande responsabilidade por esta situação pesava sobre os seus ombros, ele estava bem ciente disso. Ele era o homem, afinal de contas, e deveria ter sido capaz de impedir que ela seguisse com o plano. Nada disso era divertido, ainda assim se encontrou rindo do pensamento de algum dia dissuadir Ruby quando ela estivesse resolvida a fazer alguma coisa.

Sua risada parou abruptamente quando Ruby olhou séria para ele, seguido pelo quase idêntico olhar da sua desconhecida captora. Não teve tempo para ponderar a semelhança já que todos pararam do lado de fora de uma sala no corredor escuro, perto da entrada principal.

Enquanto entravam, Harold olhou o vestíbulo. Nenhum criado a vista – e Brock mantinha o marquês ocupado no White’s – a chance de escapar sem que ninguém notasse foi dada a eles.

—Sentem-se, por favor. — A garota moveu o braço, mostrando a sala iluminada por várias velas e pelo fogo, muito quente para o clima ameno que fazia lá fora.

Ruby imediatamente foi sentar em uma cadeira de respaldo alto, a cabeça abaixada como se ela estivesse esperando ser repreendida pela diretora da escola. Harold optou por uma poltrona, de frente para Ruby. A poltrona era confortável, o que ele considerou um bom sinal. Não havia como precisar quanto tempo a menina iria mantê-los ali, ameaçando chamar o magistrado.

O único assento livre perto deles era um canapé. Sem surpreendê-los, a menina optou por andar pela sala, com os braços para trás como se estivesse avaliando a presa.

Sim, Harold sentia como se ele fosse um rato, vigiado por um falcão esperando o momento certo para mergulhar e fincar as garras nele.

—Onde estávamos? — ela perguntou. —Oh, sim! O que fazer com os dois intrusos indesejáveis.

A menina estava brincando com eles, isso era tudo. Ela riria da derrota deles e os deixaria ir embora, eventualmente.

—Seria tão horrível assim nos deixar ir, assim como entramos, sem ninguém saber? — Ruby disse. Ela olhou para a garota em desafio, chegando à mesma conclusão que Harold.

Ela bufou novamente. —Mas eu soube. Como vou saber se vocês não estão escondendo a prataria debaixo da roupa?

—Você pode nos revistar, — Ruby ofereceu.

—Oh, mas eu acho mais divertido que o magistrado os reviste.

—Você só pode estar brincando, — Harold exclamou, sua paciência estava quase no fim. —Isso é absurdo. Viemos para uma reunião com Drake. Ele não pode nos encontrar, então partiremos agora. — Harold se levantou e fez sinal para Ruby fazer o mesmo.

—Não pense que será fácil sair da mesma forma que foi para entrar. — A garota parou de andar e olhou para eles. —Posso ser forçada a espalhar que vocês dois foram pegos em uma situação bastante comprometedora.

—Que situação comprometedora? — Ruby explodiu.

—Eu os encontrei sozinhos numa sala escura com os braços desse tipo em volta da sua cintura de forma muito pouco apropriada, não?

Ambos ficaram em silêncio, não querendo colocar mais lenha na fogueira.

—Senhor. — Ela se virou para ele. —Você, por favor, pode esperar a sua *sócia* do lado de fora?

—Eu prefiro não fa—

—Obrigada. Eu gostaria muito que você partisse agora mesmo dessa casa. Sua senhorita e eu temos muito a discutir. Em privado, se você fizer o favor.

A diabinha. Ele estava sendo definitivamente dispensado, e naquele momento não havia nada que pudesse fazer. O risco era grande demais, ela poderia soar o alarme e fazer com que os dois saíssem dali, algemados, para todos verem.

Ele fez uma mesura relutante para Ruby. —Estarei logo ali na frente esperando a sua saída.

—Eu me sentiria melhor se ele ficasse—

—Infelizmente, isso não é decisão sua, — a menina disse. —Se você se orgulha da sua habilidade de vagar por aí sem restrições – especificamente

com correntes em volta dos seus pulsos e tornozelos – então você irá nos deixar sozinhas.

Ele olhou para Ruby. Se ela pedisse para ele ficar, ele ficaria. Que se danassem as consequências.

—Boa noite, sua senhoria, — a voz de um criado flutuou pela sala.

—Muito bom, o marquês está de volta. Devo pedir para ele se juntar a nós? — a menina perguntou.

—Isso não será necessário. — Harold deu a Ruby um sorriso tranquilizador. Com a volta de Drake ele não seria capaz de impedir que ela anunciasse a presença deles, mas Harold poderia ser capaz de distraí-lo tempo o bastante para tirar Ruby em segurança da casa. —Eu sairei e falarei com ele.

Ela balançou a cabeça. —Harold?

Ele se inclinou e sussurrou. —Tudo ficará bem, confie em mim.

A garota bateu palmas, como se gostando do desconforto deles. —Bem, está resolvido. Você já pode ir, *Harold*, — ela disse, e ele foi em direção à porta enquanto continuava a falar com Ruby. —Agora que ele se foi, podemos falar com liberdade.

—Sobre o que poderíamos falar? — Ruby pareceu tão incerta que Harold quase deu meia-volta.

—Apenas uma coisa. Especificamente... — ela fez uma pausa dramática, —...como eu posso esquecer a cena que acabei de ver...

As palavras da menina esvaneceram quando ele fechou a porta do escritório.

Ruby ficaria mais segura na sala com a jovem captora do que ficando frente a frente com Drake.

Colocando um sorriso no rosto, Harold deu uns passos em direção a Drake e fez uma mesura. —Sua senhoria. — Harold imitou o cumprimento do criado.

—Sr. Jakeston? — Drake vociferou. —O que você está fazendo aqui – a essa hora da noite?

—Eu vim assim que terminei o que estava fazendo, — Harold disse. — Foi muito inconveniente ter que partir com pressa mais cedo e eu queria perguntar quando você estará no White’s novamente. Eu te devo outro jogo de cartas para compensar a minha grosseria.

Enquanto falava, Harold notou que o marquês olhava com expectativa por sobre o seu ombro para a porta fechada do salão.

—Ah, muito bem. É o mínimo que você podia fazer depois de partir tão apressadamente.

Felizmente, a porta permaneceu fechada atrás dele e a voz das mulheres não podia ser ouvida. —Como você já sabe, eu estou em Haversham House com Lorde Haversham por ora.

—Sim, Haversham mencionou esta noite. Junto com a notícia de que Lady Haversham está esperando seu primeiro filho, — Drake disse.

—Isso é verdade. A senhorita Ruby St. Augustin veio com ela para a cidade para ficar de olho nela. — Ele esperou por algum sinal de que ele reconheceria o nome.

Harold foi recompensado quando Drake perguntou, —Eu conheço este nome. É a filha mais velha de Sir St. Augustin?

—Na verdade, a única filha dele, — Harold disse. —Você o conhecia?

—Não, nunca vi o homem, mas esbarrei com a Sra. St. Augustin ao longo dos anos. — Drake pareceu muito desconfortável com a mudança de assunto. —Bem, isso foi há muito tempo e é melhor deixar isso no passado. Está tarde e meus ossos estão cansando rápido ultimamente. Se você não se importar, meu mordomo te mostrará a saída. — O tom dele tremeu com um pouco de agitação enquanto ele fazia sinal para a porta e o seu mordomo.

—Boa noite, sua senhoria.

—Por aqui, Sr. Jakeston, — o mordomo de Drake tentou lhe mostrar a saída.

Só quando Drake chegou ao segundo patamar dos degraus, que Harold se permitiu virar e ir para a porta da frente.

A garota não tinha pedido ajuda, e com certeza não faria mal que Ruby ficasse na casa com Drake e seus criados.

Enquanto ele saía da casa, Harold ponderou sobre a revelação de Drake. Ele aprendeu duas coisas importantes esta noite: Primeira, Drake conhecia a mãe de Ruby, e segunda, ele queria manter o fato escondido. Infelizmente, nada tinha significado para ele, e ele não estava perto de descobrir o que fazia Ruby prosseguir com essas atividades, mas a conexão era clara. Ou Drake conhecia Ruby ou sabia da existência dela.

CAPÍTULO DOZE



RUBY CAMINHOU TÃO rápido quanto o seu vestido permitia, saindo da casa de Drake e passando direto por Harold. Ela quase pulou da porta, passando pelos três degraus e indo para a calçada. Mesmo não tendo a chance de olhar para trás – com medo de que a garota mudasse de ideia sobre soar o alarme – ela sabia que Harold estava logo atrás dela.

E embora detestasse admitir, estava grata por saber que ele estava esperando.

—Pare, — ele chamou. —Com o que você concordou?

Ela parou em seco, acreditando que já estavam longe o bastante, e o confrontou. —Isso não é da sua conta, mas eu acredito que escapamos do magistrado por agora.

Harold atirou os braços para o alto em frustração. —Você realmente acredita que ela chamaria as autoridades depois que o marquês chegou em casa?

—Eu não sei, mas não estou disposta a apostar a minha reputação – ou a sua, — ela disse. E era verdade. A única sorte que teve recentemente foi a má sorte – não estava certa de que poderia sofrer mais com ela.

—Eu me preocuparei com a minha própria reputação, — Harold disse. —Assim como você está determinada a acabar com a sua.

—É isso o que você acha que eu estou fazendo?

—Não vejo outra razão para o seu comportamento inconsequente. — Ela tinha certeza de que Harold não queria ter essa discussão agora, em uma rua importante para que toda Londres pudesse testemunhar. Ainda assim, ele persistiu. —E, eu estava – ainda estou – disposto a ajudá-la com o seu problema, apesar das repercussões que isso possa causar a mim, mas eu preciso de respostas. Preciso que você me diga de que se trata tudo isso... Que eu não estou em alguma busca inútil, sem chance de ser recompensado.

—Inútil? Recompensa? — ela gaguejou. —Se você pensa que por me *forçar* a aceitar a sua ajuda que você vai ganhar algum tipo de recompensa – monetária ou não – você está enganado.

—Não foi isso o que eu quis dizer, e você sabe! Eu não quero mais nada do que ver a menina com quem cresci – e a mulher que conheci na última temporada – voltar. Essa criatura dissimulada, paranoica e desmiolada não é você.

O queixo dela se ergueu e ela enquadrou os ombros, se fechando para ele. Ela estava com tanta raiva que mal conseguia falar. A coragem desse homem! —Eu me recuso a continuar essa conversa em um local tão público, — ela disse entredentes. —Você pode vir comigo, ou ficar para trás. A criatura desmiolada que eu sou, não se importa nenhum pouco com o que você vai escolher.

Ruby se virou e continuou andando pela calçada, indo para o beco que levava aos estábulos. Precisava alertar Alex da virada dos eventos no caso de alguém tê-lo visto permitindo a entrada deles. Vi ficaria extremamente desapontada se Alex perdesse sua posição entre a criadagem de Drake depois de ela ter usado seus contatos para conseguir este posto para ele.

—E para onde você está indo? — Harold perguntou.

—Para o estábulo de Drake, oras.

—Você enlouqueceu?

—Não mais que você.

—E por que você acha que *eu* enlouqueci? — ele perguntou, exasperado. —Não sou eu que estou me colocando em perigo noite após noite em uma perseguição desembestada por Deus sabe o quê!

Ela parou tão subitamente que ele quase bateu nela, quase fazendo com que os dois fossem para o chão. —Busca desembestada? É isso o que você pensa que estou fazendo? Desperdiçando o meu tempo e me colocando em perigo por algum capricho?

—Que outra explicação você tem para me dar? — ele contra-atacou.

Cada palavra que ele disse era certa, mas Ruby sabia que não poderia confiar em ninguém – nem mesmo no amigo mais próximo de Lorde Haversham. —Eu não convidei você para vir comigo. De fato, eu me lembro muito bem de pedir para você ir embora em várias ocasiões. — Ela queria gritar, jogar as mãos para o alto para exprimir a sua frustração, sair intempestivamente e deixá-lo para trás.

—Você ainda pretende não me contar nada? — ele perguntou.

Ruby sacudiu a cabeça. Desabafar iria aliviar a tensão, mas as consequências eram grandes demais, para ela e para a sua família.

—Então, você permitirá que eu pense o pior? Porque é exatamente o que está passando pela minha cabeça agora. Eu posso te ajudar... se você permitir.

Eles se olharam no beco escuro, nenhum deles disposto a desistir. Ela queria aceitar a ajuda mais que qualquer coisa, e sabia que ele queria tranquilizá-la. A força dos braços dele quando a segurou no escritório de Drake lhe disse o quanto. Já que ele não a tinha deixado cair naquela hora, ele não a deixaria cair agora.

Se ela ao menos tivesse a força para aceitar o que ele oferecia.

—Não há nada que você possa fazer por mim, a não ser ficar longe do meu caminho. — Assim que as palavras saíram, ela quis pegá-las de volta. O rosto dele ficou nublado com dor e confusão. Quando ela voltou a falar, foi em um tom mais gentil. —Por favor, deixe que eu lide com os meus problemas. Eles não são da sua conta.

—Posso ao menos acompanhá-la até em casa? — ele perguntou.

—Tenho certeza que você tem outros planos para esta noite. Alex me levará até a casa de Haversham. — Ele queria protestar, ela podia ver, mas Ruby prosseguiu antes que ele pudesse. —Eu ficarei segura, prometo.

—Nada mais de invasões?

—Não hoje. Minha sorte foi testada até os limites, — ela lhe assegurou.

Ele suspirou. —Eu quis dizer nada mais de invasões – ponto final.

—Você sabe que eu não posso garantir que eu não vá ter que fazer isso novamente. — Ela parou, querendo acalmá-lo, mas pouco disposta a fazer promessas que não poderia cumprir. —Mas evitarei a todo custo.

Harold vivia uma vida livre, seguro em sua posição como vigário. Ele conhecia uma sensação de completude como Ruby nunca tinha sentido. Ele seria um bom marido, provedor e protetor algum dia – mas não para alguém com a origem tão escandalosa quanto a dela. Ele merecia algo muito melhor.

Ruby espera um dia descobrir quem realmente é e qual é o seu lugar no mundo. Até lá, ela era apenas Ruby St. Augustin – filha de Angus e Pearl St. Augustin. A filha de um barão.

Ela era uma fraude.

Nascida de uma traição.

Criada sob falsos pretextos.

Amaldiçoada a viver sozinha e esquecida.

CAPÍTULO TREZE



A TARDE ESTAVA quente, não passava nem uma brisa leve. Harold amaldiçoou o tempo enquanto ajeitava o casaco, buscando um pouco de alívio para o calor enquanto o suor encharcava as suas costas. Sua única vantagem era o fato de que a maioria dos membros da *ton* preferiam ficar dentro de casa durante essas longas tardes secas, o que significava que tinha menos chance de ser descoberto à espreita perto da entrada de veículos de um certo lorde.

Tentou se convencer de que seria idiotice dar uma olhada em alguns dos homens da lista de Ruby, mas não conseguiu reprimir a curiosidade. Todos os homens eram de certa idade e tinham boa posição social. Alguns casados, uns viúvos e outros já estavam mortos. A lista não tinha pé nem cabeça. Infelizmente, ele a via como o único meio de conseguir as respostas que ela não estava disposta a dar. Acontecia que dois daqueles homens eram conhecidos de Brock, o que deixava Harold inquieto. Se ela, por fim, estava tramando algo para ferir Lady Haversham ou Brock, Harold sabia que teria que ir até o amigo e contar as suas suspeitas. Mas para isso pretendia reunir alguns fatos – provas irrefutáveis do que ela estava, ou não, fazendo.

Então, em vez de lutar com Brock em seu clube de esgrima, Harold estava ali, do lado de fora da casa de algum cavalheiro aleatório – praticamente sentado nos arbustos... esperando. Pelo que, não sabia. Os últimos dois homens que procurou também não tinham lhe dado uma luz sobre as razões para Ruby estar em Londres. Eram homens comuns, vivendo vidas comuns. Nenhum era excessivamente rico ou bonito, não que Harold fosse um bom juiz sobre a atratividade de outro homem. Eles eram importantes, membros ativos da *ton*, cuja longa linhagem familiar estava enraizada na tradição.

Todas as coisas que Harold não possuía: riqueza, prestígio e boa linhagem.

Os principais atributos que as mulheres ansiavam em seu companheiro.

Será que Ruby queria o mesmo? Ela tinha negado veementemente, dizendo que seus motivos nada tinham a ver com o casamento. Ele queria acreditar que ela era melhor que as senhoritas egoístas e interesseiras. Podia não conhecê-la tanto quanto queria, mas via coisas boas nela; sabia que ela tinha sido de muita ajuda para Lady Haversham começar com a Casa Foldger's para Crianças Abandonadas muito antes de eles saírem de Cheapside.

Inesperadamente, uma carruagem encostou na entrada não muito longe de onde ele estava. Tinha estado tão entretido em seus pensamentos que não ouviu o barulho das rodas.

Harold se enfiou um pouco mais nos arbustos enquanto ouvia risadas vindas da carruagem. Antes de o veículo parar completamente, um lacaio saltou do seu posto na traseira da carruagem e abaixou os degraus. O homem abriu a porta do veículo e duas meninas, com não mais que treze e quinze anos, apareceram, ainda rindo.

—Larkens, — uma voz gutural chamou de dentro da carruagem. —Por favor, leve as coisas das minhas filhas para os quartos delas. Minha e esposa e eu iremos para os jardins. E peça a Sra. Goods para enviar o chá. — Com isso, o lorde da casa saiu da carruagem. Virou-se e estendeu a mão para ajudar a esposa.

A casal era impressionante, ambos com o cabelo do mais claro tom de louro e pele branca como leite. As filhas entraram na casa, réplicas da mãe, ambas tão pequenas que mal alcançavam os ombros do pai. Todo o tempo elas sorriam e riam de alguma piada que Harold não teve a sorte de ouvir.

Ele continuou olhando para o casal enquanto eles instruíam o lacaio e o mordomo, dizendo quais pacotes iriam para cada quarto. Harold ficou confuso de por que Ruby estaria interessada neste homem e em sua família.

Havia pouco que podia fazer além de observar.

Depois de mais algumas instruções, o casal seguiu as filhas para dentro da casa, fechando a porta atrás deles.

Eventualmente a carruagem também saiu, indo para onde Harold assumiu ser os estábulos, deixando-o sozinho mais uma vez.

Ele saiu do seu lugar nas sombras e foi em direção à rua. Era pouco depois de meio-dia, e havia muito o que fazer antes de acompanhar Brock e Lady Haversham à uma peça esta noite.

Harold caminhou as poucas quadras necessárias até entrar em uma rua movimentada e pegar uma carruagem de aluguel para ir até Cheapside.

Naquela manhã ele enviou uma mensagem para William encontrá-lo para discutirem os contatos que tinha feito nos círculos de navegações de Londres, graças à disposição de Brock de incluir Harold em algumas das suas reuniões de negócios. O homem tinha concordado prontamente a se encontrar com Harold, independente de Brock. Era importante para ele que Brock não fosse incluído em seus negócios com William, se isso falhasse, Harold não queria ter a culpa sobre os seus ombros.

Se a ideia de William tivesse mérito, esses homens poderiam estar aptos a ajudar. O sucesso significaria não apenas uma forma de ajudar a si mesmo, mas também a oportunidade de o irmão se recuperar financeiramente depois da morte do seu empregador.

As ruas estavam entupidas com os viajantes do meio-dia: carruagens caras levando mulheres da *ton* para fazer compras na Bond Street, ou pedestres abrindo caminho indo e voltando dos seus locais de trabalho.

Enquanto Harold se aproximava do rio Tâmisa, as carruagens foram sumindo enquanto o tráfico aumentava. Havia vendedores em cada canto, gritando para as pessoas na esperança de ganhar algum dinheiro. O sol estava começando a sua lenta descida, e Harold soube que estava atrasado. Esperava que William ainda estivesse perto da forja abandonada.

Harold jogou algumas moedas para o condutor quando eles chegaram e saltou na frente do prédio dilapidado. Seu irmão mais velho apareceu, como se estivesse escondido esperando que Harold aparecesse. Seu traje parecia ser o mesmo – usado, calças grandes demais e uma camisa que já tinha visto dias melhores, mas ao menos o rosto e as mãos pareciam limpos. Enquanto William se aproximava, seus pés se arrastavam. Harold suspeitava que as botas que ele usava fossem grandes demais.

—Como está, irmão? — Harold perguntou em cumprimento.

—Melhor agora que você entrou em contato. Temi que não conseguisse fazer as conexões que *nós* precisamos.

Harold ouviu a ênfase no ‘nós’ e, surpreendentemente gostou da ideia de trabalhar ao lado do irmão em direção a um objetivo comum. Fazia anos desde que tinham passado tempo juntos. Até mesmo naquela época, a diferença de idade fazia com que fosse difícil que eles se conectassem mais do que irmãos briguentos, como meninos se tornando homens.

Ele se impediu de abraçar William dessa vez, sabendo que o relacionamento que eles compartilhavam nunca seria como o que tinha com Brock. —Eu tive uns probleminhas para conseguir uma reunião para você.

William sorriu. —Essas são boas notícias. Quando irei encontrá-los, e onde?

Essas eram exatamente as perguntas que Harold tinha estado ponderando há algum tempo. Seu irmão não poderia tratar de negócios com suas atuais vestimentas, descuidado como estava. Mas a situação seria mais fácil de corrigir do que pensava.

—Eu marquei um horário para você com o alfaiate e aluguei um quarto. — Harold entregou um cartão com o endereço do alfaiate e o nome de uma pensão para o irmão. —Eles estão esperando por você.

Ele sacudiu a cabeça, não pegando o cartão. —Não, não posso ficar em dívida contigo.

Harold riu. —Imaginei que você fosse dizer exatamente isso, e é por isso que você vai me pagar de volta – cada centavo.

Os Jakestons eram teimosos demais e não gostavam de estar em débito com outra pessoa. Quando Harold tinha viajado para Londres com Brock no ano anterior, ele não tinha aceitado dinheiro nem do pai, nem de Brock. Foi sorte ter feito uma aposta vencedora no White's e por isso foi capaz de pagar por roupas novas. Seu irmão, ele sabia, era igual.

Ainda hesitante, William pegou o cartão e o virou nos dedos, lendo. —Obrigado.

—Bem, não podemos permitir que você vá para a reunião assim.— Harold bateu nas costas do irmão. —Agora somos parceiros de negócios, e devemos parecer bem se quisermos ser tratados como tal.

—Então você conseguiu os fundos necessários? — William ergueu a sobrancelha.

—Você duvidou de mim?

—Jamais, — William disse.

Por 'conseguir os fundos', Harold tinha simplesmente reunido seus ganhos nas apostas para levantar o suficiente para financiar o empreendimento e se manter alimentado.

Depois de discutir o empreendimento mais detalhadamente, Harold estava bastante convencido de que o esforço seria lucrativo para os dois.

Com um passo confiante, Harold saiu de Cheapside.

CAPÍTULO CATORZE



RUBY NÃO FAZIA ideia de por que concordou acompanhar Vi e Lorde Haversham. A noite estava fadada a ser um antro de fofocas e associações desnecessárias que não ajudariam em nada os seus objetivos. O teatro já estava cheio com a elite de Londres instalados em seus camarotes privados não só com uma vista espetacular do palco, mas também dos outros camarotes. As pessoas admiravam os outros membros da ton através dos seus binóculos.

Aqueles que não tinham um camarote privado ou fundos para alugar um pela noite estavam na plateia. Eles também esquadrinhavam a multidão acima deles, procurando rostos familiares ou talvez um lorde importante trazendo a amante enquanto sua família ia em outra reunião social.

Ruby tinha se refugiado no último assento da fileira, escondida nas sombras, mas ainda capaz de ver a maior parte do salão. O único evento social que a *ton* gostava mais que um grande baile, era o teatro. Muitos gostavam da oportunidade de admirar os outros participantes, sejam da sua própria classe social ou não. Enquanto os pobres trabalhadores comiam com os olhos as roupas elegantes e a bela postura, muitos ficariam chocados ao descobrir que a maioria dos homens da *ton* mal conseguiam ler, e ficavam felizes em deixar seus negócios para os homens que resolviam esses assuntos.

Vi e Lorde Haversham sentaram na frente dela, as cabeças inclinadas enquanto conversavam e exclamavam sobe o cenário da peça desta noite. O palco tinha sido transformado em uma floresta mágica, as luzes estavam baixas e uma lua brilhante estava suspensa no alto. Na verdade, se tivesse sido qualquer outra peça, Ruby teria inventado uma desculpa para não ir, mas mesmo que quisesse, não poderia deixar passar a oportunidade de assistir a produção que significava tanto para a sua mãe. Tanto que Pearl St. Augustin tinha encomendado um abridor de cartas encrustado com rubis para o seu amante com a fala da peça gravado no precioso metal.

Ruby sabia que no primeiro ato – na primeira cena – de Sonho de uma Noite de Verão, as palavras que significavam tanto para a sua mãe seriam

ditas.

‘Nunca foi tranquilo o curso do verdadeiro amor.’ Ruby cria que palavras mais verdadeiras nunca foram ditas. Algo tão avassalador quanto o amor que sua mãe tinha sentido pelo seu pai verdadeiro era algo que Ruby não conseguia entender, e não havia outra pessoa que não fosse a mãe para agradecer por isso. Através da perda dela, Ruby pensaria duas vezes e com mais critério se algum cavalheiro alguma vez a quisesse. Questionar as motivações de alguém não seria desencorajador só porque eles eram membros da *ton*. Não podia deixar de pensar que se ensinassem às jovens a questionar as intenções dos homens, elas seriam muito mais felizes com o que a vida tinha reservado para elas quando decidissem quem seria o seu marido.

—Com licença, este lugar está vazio?

—Maldição! — Ruby murmurou. Não tinha ouvido a porta abrir, nem Harold entrando no camarote e tomando o assento ao seu lado.

—É claro que não, Harold. — Vi se virou e sorriu para ele. —Não tínhamos certeza se você viria esta noite.

Ruby amaldiçoou a sua sorte. Depois da noite anterior, a última pessoa que queria ver – além da diabinha que conhecera na propriedade de Drake – era Harold.

—Não perderia uma noite no teatro por nada. — Harold olhou para Ruby, os olhos se encontraram enquanto ele dizia as palavras seguintes. — Especialmente com uma companhia tão maravilhosa.

—Vá Harold, eu sei vesti o meu terno novo, mas por favor, elogie as damas também. — Brock entrou na conversa. —Temo que esse seu fascínio por mim tenha que chegar logo ao fim, ou Lady Haversham pode começar a sentir aversão por você.

Harold riu, mascarando o som da cadeira enquanto ele a puxava para perto de Ruby.

—Jamais eu iria insultar Lady Haversham ou a senhorita Ruby, que, por acaso, estão arrebatadoras esta noite.

—Obrigada, Harold. — O rosto de Vi ficou iluminado.

—Oh não, não se atreva, Harold, — Brock disse.

—O quê? — Harold pareceu confuso, a mão descansando no peito em choque.

—Não atire tais palavras por aí com a minha esposa presente.

—Minhas desculpas, — Harold disse. Ele se inclinou para Ruby e prosseguiu. —Você está realmente arrebatadora esta noite.

Ruby olhou o melhor que pôde com o canto do olho. —Você não acha que já nos metemos em problemas suficientes esses dias?

Ele poderia ter esquecido tão facilmente o iminente perigo da associação deles com a menina que estava decidida a espalhar seus segredos para todo mundo? Não que houvesse um segredo a contar, mas mal entendidos e percepções infundadas corriam à solta por Londres. Muito raramente alguém parava para examinar se havia verdade nas fofocas que espalhavam.

Harold desdobrou seus binóculos e espiou o local, focando em vários camarotes. —Eu realmente acredito que não corremos perigo de sermos descobertos esta noite. Parece que nenhum lorde ou lady aqui presente está prestando atenção na gente. O que eu acho extremamente esquisito, já que somos um casal muito impressionante.

—Pare com isso! — Ruby disse. O homem estava sendo exasperante, como sempre. Parecia que ele gostava de provocá-la.

—O quê? — ele perguntou, afrontado.

—O que você está fazendo. Você sabe tão bem quanto eu qual é o nosso lugar na sociedade – como um casal não escandaloso – e isso só dependerá da nossa discrição.

—Como um casal... fico deliciado ao ouvir isso. — Ele piscou.

—Você sabe que eu não quis dizer isso. E eu ficaria *deliciada* se você voltasse a sua cadeira para o lugar de onde a tirou.

—Eu acho que você reclama demais. — Com uma risada, ele voltou seu assento para o lugar de origem, o que ainda era mais perto do que Ruby desejava.

Será que ele não via que a única coisa que ela queria era manter os nomes deles longe das fofocas? Nenhum deles poderia permitir que sua pessoa fosse posta em dúvida. Harold por precisar de uma esposa, e Ruby por ainda não estar preparada para a mãe saber que ela está em Londres.

—Minhas reclamações não são nenhum pouco tão veementes quanto deveriam ser, — ela contra-atacou.

Nessa hora, as luzes diminuíram e a multidão suspirou maravilhada. — Shhhhh, — Harold sibilou.

A English Opera House, usada tanto como teatro quanto salão musical, era uma diversão luxuosa que muitos não podiam pagar, mas que juntavam

dinheiro o bastante para ir de qualquer forma, às vezes à custa de uma refeição – ou sete.

Ruby estava feliz por se perder na apresentação, a beleza dos figurinos, e a veia dramática dos atores. As palavras, preenchidas com tanta emoção e convicção, lavaram a sua alma. Ela entendeu o apelo do teatro, era quase hipnótico. O temperamento sensual de todo o desenlace era muito como o caso real que a mãe e o pai tinham compartilhado por um breve momento. O próprio relacionamento deles era bem parecido: um começo mágico, um clímax arrebatador e um final triste e depressivo que ninguém previu – assim como a audiência suspirava e bradava durante a peça. Foi com o coração leve que ela lembrou que essa peça não terminou da mesma forma que o caso tórrido dos seus pais. Oberon, Titania, Hermia e Demetrius tiveram um final muito mais feliz.

—Você está indisposta?

Ruby não notou ter soluçado até que Harold murmurou a pergunta e ela ergueu o olhar para ver que tanto Vi quanto Lorde Haversham estavam olhando para ela.

—Por que todo mundo sempre está preocupado com a minha saúde? Eu estou bem, — ela disse para esconder sua reação não intencional. —A peça é linda, isso é tudo.

Vi e o marido aceitaram as palavras e voltaram os olhos para a apresentação. Harold continuou olhando para ela, colocando a mão sobre o seu joelho.

—É sério, eu só fui arrebatada pelas belas palavras, isso é tudo.

Ele não tirou a mão, nem voltou para o seu lado do camarote. Felizmente, a luz baixa fazia com que fosse impossível que alguém do lado de fora visse a mão dele ou o quão perto ele estava dela. A mão era incrivelmente reconfortante enquanto a peça prosseguia, algo que nunca admitiria para uma alma sequer.

Ela não se moveu. Sua respiração ficou presa em antecipação.

Ele mantinha os olhos no palco enquanto os dedos começaram a afagar a sua coxa. Enquanto o primeiro ato se desenrolava, o toque ficou mais exigente, dominante, como se estivessem sob o encanto da peça. Com cada aumento de pressão, a respiração de Ruby também aumentava.

Assustada, sentiu o ar frio na sua perna. O toque suave de Harold tinha puxado a sua saia para cima e agora ela estava toda enrugada na altura do seu

joelho. Ela respirou fundo e segurou a mão dele enquanto tocava o seu joelho.

Pele com pele, um contato que nunca tinha sentido antes.

Ao lado dela, a respiração de Harold também soava pesada.

Frenética, Ruby olhou para Vi. O casal estava focado na peça.

Ruby relaxou, aproveitando a carícia de Harold, sabendo que não iria – não podia – durar muito... e talvez não experimentasse nada como isso novamente.



Custou toda a força de vontade que Harold tinha para não continuar. Sobrecarregar Ruby com o seu toque apenas levaria a uma barreira que ele tinha trabalhado duro para ultrapassar, ou ao menos diminuir um pouco. Os muros que ela tinha construído em volta de si estavam se provando difíceis de romper, mas ele estava determinado ou a escalá-los ou a derrubá-los, um por um.

A cada doloroso centímetro, ele ergueu a saia dela, certificando-se de tapar a vista com a sua própria perna. Mantendo o olhar na apresentação, segurou a seda do vestido, e a levantava cada vez mais.

Finalmente a sua pele tocou a dela e ele estava em chamas, e sem ter como extinguir a sua necessidade. Se Brock e Lady Haversham não estivessem tão próximos – e toda a *ton* não estivesse a vista – ele a teria em seus braços, pressionada contra a parede e suas mãos teriam levantando mais ainda as saias. O corpo estaria pressionado com firmeza sobre aquele belo corpo, as mãos dela estariam correndo por seus cabelos. E o mais importante, sua boca estaria na dela.

O beijo continuava se repetindo em sua mente, uma extensão dos seus pensamentos sobre a última vez que estiveram juntos. Ele imaginou o gosto dos lábios dela, doces como o mel. A sensação das mãos dela sobre ele, seguras e cheias de necessidade. A pressão dos corpos juntos em um arroubo de desejo.

Seu único pensamento claro era como ele poderia fazer *aquilo* acontecer – onde eles conseguiriam um momento a sós no meio de centenas de membros da elite de Londres.

Ele levou a mão mais para cima, puxando o material junto.

Ruby mantinha os olhos no palco, mas ele a sentia tremer, sua ânsia era tão grande quanto a dele.

Ela estava certa em recusar a sua ajuda. Não sabia se não levaria as coisas longe demais, que não fosse pedir demais dela – mais do que ela estava disposta a dar.

Ela o recusaria agora? Negaria a si mesma o prazer que queria tanto?

Ele afastou a mão e ela choramingou, o som era ao mesmo tempo erótico e devastadoramente inocente. A pureza do seu corpo – e coração – era uma das coisas que ele mais admirava.

Harold aproximou sua cadeira uma vez mais, para atender melhor às necessidades de Ruby. Necessidades que ela provavelmente não sabia que tinha ou como satisfazê-las.

Suavemente, seus dedos se moveram para a parte interna das coxas dela, acariciando a pele suave, intocada por qualquer outro homem. Os quadris dela se elevaram com o seu toque, foi tão suave que ele quase não percebeu.

—Ruby. — Suas palavras foram pouco mais que um gemido, o clamor de um homem que com certeza tinha perdido a cabeça. Um homem disposto a arriscar ser visto por todos somente para segurar esta mulher – esta mulher linda e inteligente.

De repente, as luzes se acenderam e os aplausos soaram, indicando que já era hora do intervalo.

Harold soltou o vestido de Ruby rapidamente e ajustou as próprias calças para esconder a sua excitação.

Lady Haversham e Brock se levantaram enquanto aplaudiam o fim do ato. —Bravo! — Ambos gritaram.

—Isso foi incrivelmente lindo, — Vi exclamou, virando-se. —Você gostou da sua primeira peça, Ruby?

Harold olhou para Ruby quando ela não respondeu logo. As pálpebras estavam pesadas, como se ela tivesse caído no sono – ou possivelmente seu sangue corria tão rápido em suas veias, esperando um alívio que não chegaria.

—Ruby? — Vi perguntou.

A voz de Lady Haversham finalmente penetrou o torpor de Ruby. —Oh, sim. Estou enfeitiçada com as falas. É tão diferente de ler nas páginas de um livro.

—Concordo, senhorita Ruby, — Harold entrou na conversa, esperando tirar um pouco da atenção de cima dela.

Brock deu um passo para frente, com Lady Haversham ao lado. —Nós vamos pegar umas bebidas. Querem se juntar a nós?

A pergunta tinha sido dirigida aos dois, mas Ruby não respondeu, deixando Harold recusar a oferta. —Acho que vou esperar vocês aqui. — Era cedo demais para ele se levantar, já que isso certamente entregaria para onde seus pensamentos tinham ido durante a apresentação.

—E você, Ruby? — Vi perguntou.

Ela se sentou erguida. —Não, obrigada. Ficarei aqui fazendo companhia ao Sr. Jakeston.

—Meu querido amigo se comportará muito bem com uma babá de olho nele, — Brock riu enquanto acompanhava Lady Haversham para fora do camarote e fechou a porta.

Ruby foi para cima dele na mesma hora. —O que você estava pensando? — ela perguntou. —Se alguém tivesse visto o que estava se passando, então a minha pequena chantagista seria o menor dos nossos problemas.

—É óbvio que eu não estava pensando nenhum pouco. — Ele não sabia como responder as palavras hostis. Ela sem dúvida nenhuma tinha gostado. —E, nós somos convidados de Brock e Lady Haversham. Ninguém questionaria nossa presença como algo mais do que nós somos – os amigos pobres e sem título do mais novo casal influente de Londres.

—E é exatamente por isso que nossa associação irá prejudicá-lo.

—Prejudicar a mim? — Harold não fazia ideia do que ela estava falando. Qualquer associação com Ruby seria o extremo oposto disso.

—Como você pretende conhecer uma garota aceitável se as pessoas pensarem que você está me cortejando?

O pensamento o fez parar em seco. —Cortejar você – ou qualquer uma, até onde eu sei – não é o meu objetivo. Eu só fui sortudo ao encontrar contigo em algumas festas e aconteceu de estarmos morando debaixo do mesmo teto. As pessoas esperam que ajamos de certa forma baseadas nesses fatos. — Embora o pensamento de que membros da *ton* imaginavam que ele a cortejava, não lhe caía mal.

Mas, por tudo o que sabia, ela lutava contra isso com toda a força porque seus objetivos na cidade, na verdade, tinham a ver com outro homem. Ele tinha visto as notas apressadas e a lista de homens. Se ela estivesse usando a lista como um catálogo de homens casadouros, precisaria de muita revisão. A maior parte deles ou era casado ou velho demais para o gosto de uma mulher jovem.

Ruby se levantou. —Só acho que deveríamos manter distância, isso é tudo, — ela disse, indo em direção à porta.

—Onde você está indo?

—Decidi que preciso de um pouco de ar fresco.

—Pensei que fosse ficar comigo. Quem vai me manter fora de problemas se você for?

Ela o olhou com suspeita. —Parece que nos metemos em problemas tanto juntos quanto separados. Boa noite, Sr. Jakeston. — Com isso, ela abriu a porta e saiu.

A maneira firme com a qual ela fechou a porta indicava que ele não deveria acompanhá-la. O que ela não percebeu foi que a apresentação estava apenas na metade. Quando ela voltasse, ele estaria esperando.

CAPÍTULO QUINZE



HAROLD ESPEROU PACIENTEMENTE pelo retorno de Ruby, todo o tempo mantendo os olhos na multidão lá embaixo. Muitos concordavam que o público que estava na plateia eram o verdadeiro entretenimento da noite. A multidão essa noite estava bastante efusiva, o humor jovial infundia o salão com uma sensação de leveza que combinava com a natureza extravagante da peça.

Ele se concentrou em uma figura familiar, olhando de volta para ele. Reconheceria aqueles olhos verdes em qualquer lugar, mas ele não fazia ideia de por que Ruby estaria vagando entre a plateia. A multidão era totalmente imprevisível, calma e risonha em um momento e no próximo estariam lutando e amaldiçoando.

Alarmado, ele tentou localizar Brock na multidão ou alguma outra pessoa com quem ela poderia estar, mas não havia ninguém perto dela.

Harold se levantou da cadeira e foi até a borda do camarote, pronto para gritar com ela. Antes que pudesse dizer uma palavra, ela se embrenhou na multidão. Foi então que a roupa que ela usava foi registrada em sua mente – um vestido azul brilhante, e um familiar cabelo vermelho como fogo. A menina lá embaixo não era Ruby, mas a jovem da casa de Drake.

Ele retomou o assento, determinado a trocar algumas palavras com Ruby assim que ela voltasse.

Mas ela não voltou.

Brock e Lady Haversham entraram no camarote quando as luzes diminuíram e os atores voltaram ao palco.

—Onde está a senhorita Ruby? — Ele perguntou baixinho, não querendo parecer preocupado demais. A mulher tinha uma inclinação por desaparecer. —Ela saiu logo depois de vocês.

—Oh, sim, encontramos com ela no lobby, — Lady Haversham disse enquanto se sentava. —Ela viu a mãe em outro camarote e estava querendo terminar de assistir à peça com ela. Não estou certa de por que ela desejaria

ficar com ela a essa altura, mas ainda assim não estava inclinada a dissuadi-la de passar tempo com a própria mãe.

Brock lhe olhou com a sobrancelha erguida. —Não tema. Ela será levada para casa em segurança pelo pai de Vi e por Lady Darlingiver.

—Não estou preocupado com o paradeiro dela, — Harold disfarçou. — Eu só perguntei porque o assento dela tem uma vista muito melhor. Vocês têm certeza de que ela não vai voltar? — Quando Brock balançou a cabeça, Harold foi pro assento dela.

O resto da peça foi arrastado. Ele procurou por ela em cada camarote – também mantendo um olho na plateia, procurando pela menina. Não viu nenhuma delas.

Nem viu um camarote com Lorde Oberbrook ou Lady Darlingiver dentro dele.

Harold só poderia imaginar em que problema Ruby estava se metendo agora, mas havia pouco que podia fazer. Quando a peça terminou, agradeceu Brock e Lady Haversham por terem lhe convidado, mas recusou ir com eles até o próximo destino, preferindo voltar para casa. Esperava que Ruby estivesse segura em seu quarto – embora soubesse que as chances fossem pequenas.

O mordomo abriu a porta antes que ele saísse da carruagem de aluguel. Depois de jogar algumas moedas, o condutor partiu para outras viagens.

—Boa noite, Sr. Jakeston.

—Boa noite, Buttons s, — Harold disse. —A senhorita Ruby já voltou?

—Sim. Ela foi para o quarto logo que chegou. — Se ele pensou que a pergunta de Harold era estranha, não deixou transparecer. —Você gostaria que eu mandasse alguém para avisá-la para se juntar a você aqui embaixo?

—Não, obrigado. — O criado enviado para dar o recado provavelmente voltaria de mãos vazias, tinha sido fácil para Ruby escapar sem ser notada em mais de uma ocasião. Não queria alertar a criadagem caso ela tenha feito isso novamente.

Ele subiu dois degraus por vez e se virou para o vestíbulo, olhando por sobre o ombro para ter certeza de que o mordomo não o seguira. Quando viu que a barra estava limpa, ele passou da porta do quarto dele, prosseguiu pelo corredor e virou à esquerda – e encontrou justamente a pessoa que procurava.

—Perdão— ela começou antes de ver em quem tinha dado um encontrão. —Você está me seguindo?

—Você ficaria brava se eu estivesse?

—É claro. — Ela deu um passo para trás, as mãos indo para os quadris demonstrando o seu desprazer. —Eu não consigo fugir da sua presença, não importa o quanto eu tente.

—Por que você está evitando a minha companhia? — Ele não queria admitir – e nunca admitiria para outra pessoa – mas a saída dela do teatro feriu o seu ego. —Entendo que as minhas habilidades no diálogo estejam um pouco enferrujadas—

—Não foi isso. — Ela suspirou. —Eu tinha coisas a fazer esta noite que não incluíam Vi ou Lorde Haversham – ou você, até onde eu sei. Agora, por favor, afaste-se.

A única pessoa que já tinha sido bem-sucedida em dispensá-lo de forma mais cortante foi o seu próprio pai. —Com certeza eu não vou me afastar. Você está audaciosa demais, e temo que você vá se meter em alguma coisa que vai te mandar para a forca, mais cedo ou mais tarde. — Ele olhou as roupas escuras dela, estavam ainda mais escuras por causa da falta de luz no corredor. —O fato de você estar vestida como nada mais que um ladrão comum parece confirmar as minhas suspeitas.

Ruby olhou para o vestido de lã cinza. Perfeito para alguém que queria se esconder nas sombras.

A sobrancelha de Harold se ergueu, desafiando-a a negar a razão por ter vestido aquela roupa.

—Eu com certeza não estou vestida como uma ladra.

—Então posso saber onde está indo?

—Não, não pode.

—Talvez indo visitar sua querida mãe novamente? — Sabia que ela tinha usado a desculpa com Lady Haversham para escapar do entretenimento noturno, preferindo algo de natureza mais arriscada. O olhar assustado lhe disse que tinha adivinhado. —Eu acho que não.

—Você é insofrível. Por que não pode me deixar em paz?

—Por que a sua paz pode levá-la a ser pega em outra situação comprometedora – e isso pode acontecer com um homem não tão honrado quanto eu.

—Honrado? — ela bufou.

—Sim. — A voz dele aumentou.

—Um homem honrado iria se intrometer nos assuntos de uma dama que não quer ou não deseja essa intromissão?

—Talvez o que você precise seja uma babá.

O rosto dela ficou vermelho como fogo. —Uma babá? Retiro o que disse, você não é insofrível, você é total e completamente disparatado.

—Eu vou te mostrar o disparate! — Antes que ela pudesse se mover, Harold a segurou, envolvendo-a com os braços. Ele a inclinou para trás e cobriu os lábios dela. Ela lutou para afastá-lo, mas os braços estavam presos entre eles. Depois de vários segundos, sentiu o instante em que ela entregou os pontos, os lábios se entreabriram, permitindo que sua língua entrasse. Só levou um instante até que a língua dela encontrou com a dele, tentando assumir o controle como ela sempre fazia com tudo.

Sem avisar, ele a soltou e a ergueu. —Isso foi disparatado? — ele perguntou, meio sem fôlego.

Ela olhou para ele, os olhos arregalados, tentando decidir o que dizer.

E Harold soube pelas fagulhas que ela lançava com os olhos, que as palavras seriam terríveis.



—Seu homem vulgar e insuportável! Como você se atreve a tomar essas liberdades comigo?

—Você não pareceu se importar com as liberdades que eu tomei no teatro.

—Eu não sou uma mulher qualquer que tomaria um homem fora do casamento. — As similaridades das suas ações com as da mãe – no mesmo teatro – não passaram despercebidas, mas não ia cair na mesma armadilha. Não importa o quão certo pareceu ter as mãos dele sobre si, ou o quanto queria que ele a beijasse novamente, ela não seria levada à ruína tão facilmente.

—Nunca sugeri que você fosse, — ele disse, confuso. —Foi pouco mais que um toque – um toque que fez você quase ronronar sob a minha mão. Seu humor muda de acordo com a hora, não é possível.

Sabia que se ele fosse como os outros homens, ele esperaria mais. Um simples toque aqui ou um beijo ali nunca seria o bastante. Ele ia pedir mais e mais dela; antes que soubesse, estaria loucamente apaixonada e esqueceria seus próprios ideais apenas para agradá-lo. Ruby tinha lido a forma com a qual sua mãe tinha sido descartada, ridicularizada, por seu amor. Não estava disposta a acreditar em qualquer homem que tivesse o potencial de destruir o seu coração.

—Por que você continua a me aborrecer? — ela perguntou, desesperada para afastá-lo antes que fosse tarde demais.

—Eu te aborreço pelo bem da sua própria segurança.

É claro que sim. Tudo o que ele fazia era para protegê-la, mas ela não queria proteção. —Você está muito enganado se pensar que toda mulher estar ansiando por um cavaleiro em armadura brilhante. Você é pouco melhor que os homens no palco esta noite. Pura aparência, sem muita substância. — O olhar abatido no rosto dele lhe mostrou que ela disse a coisa certa. Precisamente o que ia causar uma ruptura entre eles, uma do tipo intransponível. —Você não pertence a esse lugar. Seu lugar é no campo com os outros plebeus de pensamento limitado.

As palavras dolorosas e irritadiças escorreram da sua língua, levando consigo um pedaço dela. De todas as pessoas, Ruby sabia como era ser ferida. Fazer tudo o que estava ao seu alcance para fazer com que a pessoa sentisse que era amada e cuidada, apenas para que ela apunhalasse seu coração com palavras malditas ou oferecendo um falso consolo.

—É isso o que você pensa de mim? Que eu sou um bronco retardado? — A dor nas palavras dele quase a fez pedir desculpas por cada sílaba que tinha dito desde que se encontraram.

Mas sabia que deveria insistir. —Os verdadeiros tolos nunca enxergam por si mesmos. Acho que seria melhor para todo mundo se você voltasse para a casa do seu pai e assumisse o vicariato, onde claramente é o seu lugar – e me deixar encontrar qual é o meu.

—É assim que você se sente? — Os olhos dele buscaram os dela.

Ela queria chorar ao saber que tinha posto aquela dor no olhar dele.

—Sim. Venho tentando lhe dizer isso há dias. — Ela disse cada palavra com cuidado, como se estivesse explicando algo para uma criança. —Deixe-me em paz, fique fora da minha vida, e – pelo amor de Deus – tire a sua armadura antes que se empale com a própria espada.

CAPÍTULO DEZESSEIS



HAROLD OLHOU PARA o líquido âmbar enquanto girava o copo. Não fazia ideia do que era, mas tinha certeza de que não queimaria tanto quanto as palavras de Ruby. Queria nada mais que engolir a bebida em um único gole e continuar até acabar com a garrafa.

Talvez fosse mesmo o homem fraco que tanto Ruby quanto seu pai pensavam que fosse.

Seu próximo passo racional foi ficar bêbado. Sem título, sem fortuna e bêbado. O que mais teria o seu pai previsto para a sua vida?

Ruby estava certa em tudo o que tinha dito. Ele deveria voltar para o campo. Viver a vida de um vigário empobrecido prestando serviços para um lorde rico e deixá-la encontrar o local ao qual pertencia – encontrar o homem que se tornaria seu marido. Um homem que poderia dar a ela um lar, e filhos, e estabilidade financeira, enfim, todas as coisas que Harold não poderia garantir para ela ou para qualquer outra mulher.

Ainda assim, ele continuava a avaliar o copo, pesando as opções. A queimação do líquido descendo por sua garganta valeria a pena se ele pudesse esquecer – mesmo que por uma noite – tudo o que tinha acontecido, todas as palavras acaloradas que ela tinha jogado em cima dele.

Na verdade, ele não tinha outras opções viáveis.

Não fazia ideia do que o impedia de cair no esquecimento por uma noite, de afogar as mágoas na água do diabo. Ele preferia passar uma noite no inferno do que revivendo cada palavra que tinha passado por aqueles lábios delicados. O toque de Lúcifer não poderia tê-lo queimado tanto quanto os insultos de Ruby.

—Maldição! — O copo se partiu em mil pedaços contra a lareira.

Antes que soubesse o que estava fazendo, sua fúria – consigo mesmo, com o pai e com ela – entrou em erupção. O decantador foi a próxima vítima. Cacos de vidro bateram sobre cada superfície com o arroubo de sua raiva. Se o seu sangue não estivesse correndo tão rápido por suas veias, produzindo um

zumbido em sua cabeça, Harold teria ouvido o som de vidro quebrado ecoando pela casa, e as maldições vindas da porta da frente.

Em vez disso, Harold pegou um vaso e o virou em suas mãos, estudando a pintura. A peça estava em boas condições, mal tinha um arranhão ou uma lasca. O vidro fino iria explodir, ao contrário do copo grosso e do decantador.

Estava certo que a chuva de cacos de vidro iria satisfazer a sua necessidade de alívio com mais eficácia que beber grandes quantidades de só Deus sabe o que.

Nenhum deles resolveria seus problemas, sua vida, ou lhe faria orgulhoso das suas ações na manhã seguinte.

—Se você não se importa, isso foi um presente da adorável Lady Haversham. — O vaso foi retirado de suas mãos e colocado no lugar.

Ele deveria estar envergonhado por causa do arroubo, e com remorso por ter destruído as coisas de Brock. Mas a verdade era que ele estava cansado de se desculpar pelas coisas, de cuidar dos outros. Mais importante, estava cheio de permitir que os outros ditassem o rumo da sua vida.

—O que deu em você? — Brock perguntou.

Harold continuou olhando os cacos de vidro na lareira. —Não sei do que você está falando.

—Eu não sou idiota. — Brock rodeou Harold. —Você nunca foi um homem propenso à violência... de qualquer tipo, e, acredite em mim, eu sei que você esteve em várias situações em que eu não teria mantido a compostura com tanta graça.

—Talvez eu esteja cansado de manter a compostura e agir como se as coisas tivessem ao meu contento. — Seu amigo não fazia ideia de tudo o que pesava dentro dele. Harold tinha pensado que Ruby seria apenas uma diversão, algo para tirar a sua cabeça do seu próprio exílio no campo. Mas ela era tudo, menos simples. Ficar atrás dela tinha se tornado uma missão de tempo integral, e isso dificilmente salvava alguém de si mesmo, especialmente quando eles não percebiam que precisavam ser salvos.

—Você queria que o meu cristal de boa qualidade estivesse espalhado pelo chão?

—Não.

—Então o quê?

Uma pergunta tão simples deveria ter uma resposta simples, mas Harold não tinha palavras para expressar o que queria.

Brock sentou em uma das poltronas que ficavam de frente para a lareira. —Conselhos?

—Claro. — Harold deu de ombros e se afundou na outra poltrona. —Não pode ser pior do que o que eu andei pensando.

Harold cobriu o rosto com as mãos, esperando que o amigo fosse compartilhar alguma sabedoria que mudaria a sua vida.

—Se você quer alguma coisa, faça o que for preciso para conseguir.

—E se o que você quer não estiver alinhado com as exigências dos outros?

—Simples.

—Como assim? — Harold perguntou.

—Pare de se preocupar com o que os outros exigem de você e viva a vida que te fará feliz. Quando nos sentarmos aqui daqui a trinta anos, eu quero estar feliz com as escolhas que fiz e não ter arrependimentos sobre o que eu consegui na vida.

—É fácil quando você nasce com um título e uma propriedade. — Ele olhou o amigo dentro dos olhos. —Para mim, um plebeu, há muito mais no que pensar.

—O que você disse é verdade. Eu nunca fiquei sem fundos ou sem um lar quando precisei deles, mas isso é muito mais do que dinheiro e abrigo. Eu poderia viver sem qualquer dessas coisas desde que eu tivesse Viola e a habilidade de conseguir viver uma vida decente.

É como se Brock soubesse exatamente o que lhe afligia. —Eu queria que fosse assim tão simples.

—Você sabe que você sempre terá abrigo debaixo do meu teto, ou em quaisquer outras das minhas propriedades.

—Sim, mas viver da riqueza e do título de outro não é a vida que qualquer homem deseja.

—Eu não estou dizendo para você ficar nos meus quartos vazios e comer a minha comida para sempre, mas agora você tem a oportunidade de se concentrar no que você deseja sem o medo de ficar desabrigado e com o estômago vazio. Se ao final você decidir voltar para Haversham e assumir o vicariato, então ao menos você terá explorado outras oportunidades.

O negócio do irmão e o potencial de sucesso estavam firmes em sua mente, apenas para serem substituídos por pensamentos de Ruby – vestida em um traje simples e sorrindo enquanto completava os afazeres domésticos.

Como ela podia ser o que ele queria? Era como se ela estivesse disposta a não ser nada de bom, e correndo o risco de ferir todo mundo com quem Harold se importava. Ela tinha segredos que ele só podia supor o que era. E ela deixou muito claro o que sentia por ele.

Tinha que focar na área da sua vida que estava sob seu controle. E ele e William seriam bem-sucedidos, então outras oportunidades se apresentariam – assim como a potencial segurança financeira que uma esposa e uma família precisavam.

—Eu substituirei o que quebrei, — Harold murmurou.

—Espero que sim. — Brock sorriu.

Harold não gostava de esconder coisas do seu melhor amigo, nem de Lady Haversham. O conflito entre a lealdade aos seus amigos e sua necessidade de avaliar e descobrir quais eram as motivações de Ruby não era algo fácil de pesar.

Se tudo saísse conforme o planejado com William, ele teria dinheiro suficiente e acesso a mercadorias raras para substituir os cristais que tinha quebrado e o licor desperdiçado. Agora, ele só precisava entregar o dinheiro ao irmão e providenciar o transporte necessário.

—Bem, vejo que o meu trabalho aqui está acabado, — Brock disse. —Eu te deixarei pesando suas prioridades enquanto vou lá para cima cuidar das minhas.

Harold mal notou o amigo sair da sala enquanto sua cabeça se enchia com os planos que ainda precisavam ser revistos – nenhum deles incluíam a misteriosa e encantadora senhorita Ruby St. Augustin.

CAPÍTULO DEZESSETE



—POSSO AJUDÁ-LA, SENHORITA?

Levou um tempo para Ruby reunir seus pensamentos enquanto ficava de frente com o criado de Drake. —Sim, estou aqui para ver...

O mordomo olhou para ela sério enquanto ela vasculhava a cabeça, buscando um nome.

Esqueceu de perguntar o nome da menina que ela tinha sido forçada a buscar e levar para o Gunther's para tomar sorvete. —Ummm... a lady da casa.

—Meu lorde não é casado.

—Perdoe a tolice, mas eu esqueci o nome dela.

Ele ergueu a sobrancelha para o desconforto dela antes de tirá-la da miséria. —Por aqui, por favor. — Ele deu um passo atrás e permitiu a entrada dela. —Lady Ellington irá recebê-la no salão. Presumo que você saiba onde fica.

Ellington? Era um nome estranho para uma menina.

Talvez ela tenha mudado de ideia sobre alertar as autoridades. Era bem possível que Ruby entrasse na sala e fosse imediatamente presa – e mais uma vez tinha saído da casa dos Haversham sem informar o seu paradeiro.

—Eu sei onde fica o cômodo, obrigada. — Era uma curta caminhada até o salão para onde Lady Ellington tinha levado Harold e ela depois de encontrá-los no cômodo escuro e abandonado um pouco mais para baixo no corredor. Era muito mais convidativo ali do que no escritório escuro e coberto por lençóis.

Ainda se perguntava como a menina tinha ido viver com Drake. Lady Ellington se vestia como uma dama, falava como uma dama, e definitivamente se comportava como se estivesse acima dos outros... mas havia algo estranho. O mordomo nem levou Ruby ao salão, nem perguntou se ela queria chá. Um tratamento muito inapropriado para um convidado na casa de um marquês.

Talvez Ellington fosse uma acompanhante paga, assim como Ruby tinha sido, ou uma criada pessoal. Mas a criada de quem? Tanto quanto sabia, o marquês nunca tinha se casado, e nenhuma parenta próxima tinha sido listada no *Pares da Realeza*.

Ruby havia vindo em partes para obter um vislumbre – informações sobre a veracidade das fofocas em volta do marquês, seu passado escandaloso e especialmente sobre o homem em si. Ao longo de sua pesquisa, esse foi o mais perto que conseguiu chegar de ter acesso a toda a casa de um dos lordes da sua lista. Se ficasse amiga de Ellington, seu acesso seria substancialmente ampliando. Então rapidamente seria capaz de tirar o marquês da sua lista, junto com o seu passado dúbio.

O pensamento deste libertino ser o seu pai a assustava até a morte. Seria pior não fazer ideia de quem era o seu pai, ou ter como progenitor um homem da qual a reputação de sedutor – para não mencionar seu extraordinário recorde reprodutivo – não conhecia limites.

O tratamento deplorável que deu a sua mãe faria total sentido se ele fosse o homem que procurava. Mas seu coração sobreviveria à conexão biológica com um homem que era realmente implacável em suas atividades sexuais?

Ruby entrou no cômodo que tinha passado alguns momentos na noite anterior. Já não estava mais incrivelmente quente por causa do fogo aceso; nem havia cortinas bloqueando a luz do sol da manhã. A sala tinha um ar sinistro antes, um perfeito cenário para negócios escusos e encontros à meia-noite. Hoje, a sala era quase agradável.

Completamente em desacordo com a menina que acabara de entrar na sala. Lady Ellington franziu o cenho para Ruby, com as mãos nos quadris.

—Você está atrasada, — ela ralhou.

Ruby quase riu do ridículo da fúria de Ellington. As narinas se alargaram um pouco e o rosto estava um tanto vermelho. Ela parecia uma mãe repreendendo o filho por inúmeras transgressões.

—Agora, acalme-se, — Ruby disse baixinho. —Mal é hora do lanche da manhã e o Gunther’s só abre depois da refeição de meio-dia. Por que você está com tanta pressa?

Ellington olhou por sobre o ombro antes de fechar a porta, acabando com a possibilidade de algum criado ouvir a conversa dela. —Não estou com pressa. Só esperava que você cumprisse a sua palavra.

—Minha palavra? — Foi a vez de Ruby ficar com raiva. —Quando dou minha palavra, eu a cumpro, mas quando sou forçada a fazer alguma coisa—

—Isso foi causado por uma situação que você mesma criou.

—Seja como for, quando dou a minha palavra, eu a cumpro. — A menina era esperta, além de um pouco irritante e impertinente —Neste momento, estou sendo obrigada a estar aqui, não confunda isso com *querer* ou *precisar* estar aqui.

O sorriso do seu último encontro estava de volta. —Os dois queriam e precisavam estar na minha casa não faz muito tempo, não?

Quantas vezes Ruby teria que se desculpar por suas ações? —Já está pronta para ir? — Ela esperava que a mudança de assunto fosse aliviar o humor da sala.

—Eu já estava pronta – foi você que se atrasou.

—É assim que a nossa tarde vai ser? — Ruby não estava certa se poderia aguentar dez minutos, quem dirá duas horas na presença da menina.

Ela estreitou os olhos. —Nossa tarde vai ser exatamente como eu quiser que ela seja.

Ruby não tinha irmãos e não tinha ideia de como lidar com uma menina presunçosa que mal saiu da sala de aula. —Ellington, eu só quis dizer—

—Você só quis dizer o quê? — ela interrompeu Ruby. —E não me chame de Ellington. Eu atendo por *Lady* Ellie.

—Como estava dizendo, eu só quis dizer que a nossa tarde pode ser incrivelmente desagradável, ou nós podemos tirar o melhor de uma situação que *nós* criamos. — Ruby enfatizou. Sim, Ruby tinha invadido a casa de Drake, mas Ellington tinha condenado as duas a passarem um tempo juntas.

Em seu caminho até ali, ponderou as razões da menina por tê-la feito concordar com esses passeios bizarros, mas não chegou a uma conclusão. Tanto quanto Ruby podia dizer, a menina era provida financeiramente, usava boas roupas, fitas elegantes, e sapatos de qualidade. Ela também tinha boa aparência: estava banhada, o cabelo vermelho brilhando e os dentes pareciam bons.

O que ela poderia ganhar de uma ex-acompanhante paga sem um xelim no bolso? Mesmo que Ellington não conhecesse as terríveis circunstâncias de Ruby, elas apareceriam em breve. O dinheiro que Ruby tinha para gastar era tão pouco que preferia não usá-lo com coisas frívolas – incluindo sorvetes. Tinha concordado em passar tempo com Ellington – Ellie – mas não tinha concordado em gastar seu parco dinheiro.

Era hora de seguir em frente com isso. —Vamos ou você prefere reclamar um pouco mais?

Com um bufo Ellie saiu da sala, sem parar para que o mordomo abrisse a porta da frente. Ela saltou os degraus de uma só vez, como Ruby tinha feito na noite anterior, o vestido não a impedia o mínimo.

Parando abruptamente na calçada ela olhou para um lado e para o outro e então para Ruby enquanto ela erguia o vestido, dando passos lentos.

—Onde está a sua carruagem? — ela perguntou.

—Eu não tenho carruagem.

As sobrancelhas de Ellie se abaixaram em confusão. —Como você acha que vamos ao Gunther's?

Foi a vez de Ruby de rir, provavelmente o riso mais sincero desde que chegou em Londres. Ele borbulhou de dentro dela. —Acredito que vamos transpor as ruas a pé.

—Você não pode estar falando sério. — A perplexidade na voz de Ellie quase a fez rir novamente.

—Estou falando muito sério, — Ruby disse. —Eu não tenho o luxo de uma carruagem ao meu dispor.

—Mas na outra noite, eu vi você saindo da casa de Lorde Yorkton em—

A garota percebeu seu deslize ao mesmo tempo que Ruby. —Você sabia quem eu era? — Ruby sabia que sua expressão espelhava a perplexa que Ellie tinha feito há apenas uns instantes. —Sua malandrinha.

Ellington segurou a língua.

—Você sabia quem eu era o tempo todo. Por que nos acusou de sermos ladrões? — Pergunta atrás de pergunta passava por sua cabeça, mas a calçada do lado de fora da casa de um marquês não era lugar para fazê-las. Elas já estavam chamando a atenção dos membros da *ton* que iam em direção ao Hyde Park ou indo fazer compras na Bond Street.

Se ela não tivesse sido pega dentro da casa de Drake, Ruby pensaria que Ellington estava de certa forma atrás dela.

—Eu só sugeri a possibilidade – eu não fiz exatamente uma acusação.

Tantas coisas sobre a menina a faziam parecer muito mais velha, mais sábia do que sua aparência sugeria. Pela primeira vez, Ruby olhou para ela – olhou mesmo. Ela viu o que o imaginava que o mundo via quando olhava para Ellie. Ela era bem cuidada, mas também tinha algo de mundano, como se tivesse visto e vivido muito em sua curta vida. Os olhos esmeralda, muito parecidos com os de Ruby, tinham uma profundidade e conhecimento incomum em alguém tão jovem. —Quantos anos você tem?

A perguntou a tirou dos trilhos e pela primeira vez Ellie não deu uma resposta espirituosa. —Velha o bastante.

—E quão velha é ‘velha o bastante’ —? Ruby perguntou. —Se for catorze, muitos acreditam que é ‘velha o bastante’ para deixar a sala de aula. Ou dezesseis, o que muitos creem ser ‘velha o bastante’ para ir ao seu primeiro baile. Ou talvez dezoito, que é a idade preferida para o casamento. Há muitos, muitos estágios de ‘velha o bastante’ para uma jovem. Vamos logo. Não tenho o dia inteiro, mas há bastante tempo para você responder a minha pergunta, e talvez tempo o bastante para você fazer algumas.

Ellington foi indo em direção ao Gunther’s, deixando Ruby para trás. — Eu não tenho por que responder as suas perguntas... e certamente nenhum interesse em saber mais sobre você, — ela disse por sobre o ombro. —Não desperdice o seu tempo.

Ruby suspirou e foi atrás dela. Se Ellie insistisse em andar cinco passos à sua frente todo o caminho, ao menos isso lhe daria tempo para pensar, algo que estava faltando em sua vida ultimamente. Toda vez que se virava ou Vi ou Harold estavam por perto, prontos para envolvê-la em uma conversa ou em uma discussão desnecessária.

A visão de Ellie também era interessante. Ela andava com confiança, os passos seguros e a cabeça alta. Uma autoconfiança incutida apenas em uma pessoa nascida com privilégio. Uma firmeza de postura que Ruby invejava.

Essa menina sabia qual era o seu lugar.

Ellie estava segura do seu futuro papel na sociedade.

Queria saber mais sobre a menina – e por que ela estava perseguindo Ruby. O que, Ruby não tinha dúvidas, que Ellie estava. Dada a atual situação, a menina coagiu Ruby a concordar com os passeios. Poderia ser que ela fosse solitária, ou que estivesse precisando de uma dama de companhia adequada. Se fosse assim, havia um sem número de matronas que tomariam a responsabilidade de apresentá-la à sociedade, se ao menos o marquês tivesse pedido.

Infelizmente, Ruby estava precariamente à margem da sociedade educada, a filha ilegítima de um barão empobrecido e sua infiel esposa. A verdade tinha penetrado tanto na sua rotina que ela imaginava se outros tinham lido seus segredos, se sabiam do engano da mãe. Ruby nunca teria a evidente confiança de Ellie.

Enquanto se aproximavam do West End, o trânsito ficou pesado e Ruby apertou o passo mantendo um olho em Ellie. A menina andava pelas ruas

como se tivesse sido criada correndo por ali. De vez em quando ela fazia gesto de cabeça para damas e cavalheiros, obviamente familiarizada com a elite de Londres.

Mas, de repente, as mãos de Ellie se moveram rapidamente.

Ruby piscou. Ela tinha visto o que pensou ter visto?

Vigiando a menina de perto, ela observou um vislumbre da mão de Ellie enquanto um homem vestido com um terno caro passava por ela, indo na direção oposta. Os dedos dela seguraram um objeto escuro e logo em seguida o colocou dentro do bolso invisível da saia.

Ruby sabia uma coisa ou duas sobre bolsos invisíveis e seus usos. Ela escondia seu conjunto de arrombamento em um desses bolsos que ficavam escondidos entre as dobras do seu vestido de noite.

Seus olhos deviam estar lhe enganando. Por que uma jovem dama da *ton* estaria roubando? Enquanto observava, dividida entre alertar os estranhos do roubo ou fazer Ellie ficar de joelhos para levar uma boa sova, a menina ergueu um muito grande – e muito caro – relógio de bolso.

Quando Ruby arfou, Ellie olhou por sobre o ombro e reduziu o passo para combinar com a velocidade elegante de Ruby.

—O que você está fazendo? — Ruby disse entredentes.

Ellie riu, atraindo a atenção de dois jovens que passavam por elas. Os cavalheiros sorriram e piscaram para Ellie e seguiram seu caminho.

—Shhhh, — ela se inclinou e sussurrou no ouvido de Ruby. —Se eu for pega direi a quem quiser ouvir que você me obriga a fazer essas coisas. Você não gostaria disso, gostaria?

Maravilhoso. —Pode parar! — Agora, ela estaria ligada a outro crime.

—Sem chance.

—Você quer que sejamos presas?

—É claro que não. Passei uma noite numa cela, e não é para mim. — Ellie deu a Ruby um olhar de desgosto e avançou alguns passos.

Havia pouco que podia fazer a não ser observar Ellie bater carteira atrás de carteira enquanto elas caminhavam... e ainda faltavam mais três quadras para chegar ao Gunther’s.

Ao menos Ruby não se sentiria mal ao insistir que Ellie pagasse pelos sorvetes. O pensamento a fez querer rir e chorar ao mesmo tempo. Ela era uma pessoa honesta. Nunca tinha roubado ou mentido para outra pessoa – exceto desde o seu retorno à Londres. Mas era uma situação temporária, e a razão para o seu ardil forçado era válida.

Cada decisão que tinha tomado desde que encontrou o diário da mãe a tinha levado para o lugar onde estava neste momento.

E aqui estava ela, prestes a ficar ainda pior.

O cavalheiro alto e bem vestido caminhando em direção à Ruby estava batendo em seus bolsos parecendo alarmado. Ele enfiou a mão rapidamente dentro do bolso do casaco, mas voltou com a mão vazia. A descrença nublou o rosto dele e ele parou em seco.

Ruby apertou o passo e segurou a carteira que Ellie estava prestes a enfiar no bolso.

Virando-se, ela chamou, —Senhor!

O homem ergueu a cabeça e se virou para Ruby.

—Acho que você deixou cair isto.

O alívio inundou o rosto dele enquanto Ellie arfava atrás dela.

—Muito obrigado, — ele disse. E prosseguiu em seu caminho, deixando Ellie atirando em Ruby com os olhos.

—Essa era bem rombuda. — A irritação de Ellie era óbvia.

Mas o desprazer de Ruby era ainda maior. —Você percebe que se coloca em perigo cada vez que rouba algo? E se ele fosse um homem propenso à raiva e rompantes violentos?

—Eu posso cuidar de mim mesma – sempre cuidei, sempre cuidarei.

A fúria de Ruby evaporou. Ela não conhecia Ellington, quem ela era ou pelo que ela tinha passado. Ela não poderia atirar a primeira pedra, a não ser que quisesse que aquela pedra fosse atirada de volta para si. Em vez de ralhar com ela mais uma vez, Ruby passou o braço pelo dela e continuou a caminhar. —Bem, estou aqui agora e seria uma irresponsabilidade de minha parte não salvá-la de si mesma. — Se mantivesse as mãos da menina ocupadas, era menos provável que ela as colocasse em problemas.

Elas se conheciam há menos de dois dias, mas Ruby já tinha uma esmagadora urgência de ajudar a menina, de guiá-la, possivelmente influenciá-la a ser uma pessoa melhor. Ela reconhecia a perda e a solidão no olhar de Ellie. Os anos de dor que brilhavam em seu exterior resistente.

—Você não estará aqui por muito tempo – seu tipo nunca fica.

—Meu tipo? — Como Ruby queria perguntar a ela. Talvez tivessem mais em comum do que pensavam. A vida solitária não era fácil, e com certeza não desejaria isso para ninguém, especialmente para alguém tão jovem quanto Ellie. Ao menos Ruby tivera o pai até os quinze anos.

Ellie chutou uma pedrinha enquanto andavam. —Claro, você sabe. Damas importantes que fingem se importar, tudo porque querem algo de mim. Mas quem se importa, são todas feias de qualquer forma. — Sem outra palavra ou justificativa, Ellie se afastou dela e entrou no Gunther's.

Ruby tinha que se lembrar que tinha concordado em passar três tardes com a menina – nenhuma a mais. O passado de Ellie, e com certeza o seu futuro, não envolviam Ruby. Tinha seus próprios problemas com os quais se afligir sem adicionar os de uma jovem batedora de carteiras.

Respirando fundo para se acalmar, Ruby seguiu a menina.

Fiel à forma, Ellie insistiu que Ruby pagasse pelos doces. Então, elas foram até as mesinhas na calçada, e se sentaram.

O sorvete era maravilhoso, embora Ruby tenha tomado depressa, não deixando muita oportunidade para saborear a iguaria rara como ela merecia. A menina estava em silêncio, para o deleite de Ruby. Não fazia ideia sobre como deveria abordar qualquer assunto que não fosse o tempo. Adicionado a isso, sua briga com Harold ainda pesava dentro dela.

Mesmo que se arrependesse das palavras horríveis, não sentia muito pelo efeito que tinham causado. Ele permitiu que ela se fosse e não foi atrás dela. Na ausência dele, ela foi capaz de riscar outro homem da sua lista em apenas alguns minutos interrogando a criada do cavalheiro. Foi dito ao impossivelmente bem-dotado Conde de Ivertime quando ele ainda era jovem que não era capaz de ter filhos, eliminando a probabilidade de a mãe tê-lo achado desejável e digno do seu objetivo final. Ruby tinha lido cada palavra de partir o coração da luta da sua mãe para conceber; cada ano de falha arruinava um pouco o relacionamento dos pais até que a mãe procurou outra pessoa para lhe dar o que tanto queria.

—O que faremos agora? — Ellie perguntou.

Olhando para a menina, Ruby notou que ela tinha terminado o sorvete e estava sentada erguida no assento, olhando para ela com expectativa.

—Não pensei em muitas coisas para a nossa tarde.

A menina bufou e cruzou os braços. —Você só pode estar brincando. Se você pretende manter as suas atividades noturnas longe dos fofoqueiros, então deveria colocar um pouco mais de esforço nos nossos passeios.

—Você ainda está assumindo que há algo a dizer para os fofoqueiros, — Ruby refletiu. —Estou certa que as suas ações são tão dignas de nota quanto essas, caso forem a público.

—Minhas atividades? — Ellie se sentou erguida. —Tanto quanto a *ton* sabe, eu não existo.

O comentário chamou a atenção de Ruby, não as palavras em si, mas a emoção por trás delas. Que pessoa gostava de viver no limbo?

—O que ele está fazendo aqui? — Ellie perguntou de repente. —Pensei ter deixado bem claro que ele não deveria saber dos termos do nosso acordo.

O comentário e o fato de a menina estar olhando com atenção por sobre o ombro de Ruby foi alarmante. Virando-se, Ruby viu Harold falando com um homem do outro lado da rua. Carruagens e passantes obscureciam a sua vista, mas a forma alta e confiante era inconfundível. Talvez sua repreensão não o tivesse desencorajado a se envolver em seus assuntos.

—Eu meio que tenho a intenção de ir até o escritório do *Gazette* que fica há apenas três quadras daqui e compartilhar algumas informações saborosas sobre um caso escandaloso entre duas pessoas que acabaram de chegar em Londres.

Ruby voltou a olhar para a garota presunçosa. Não fazia ideia de onde a menina tinha conseguido a informação. Não foram muitas pessoas que tinham notado Ruby, quem dirá que ela era nova no círculo social de Londres.

—Eu certamente não traí o nosso acordo, se é assim que você está chamando isso. — Ruby estava com raiva, embora não estivesse certa de quem merecia mais a sua ira, Ellington ou Harold. —E não pense que você está por cima neste acordo. Estou aqui porque escolhi estar aqui, não por você ser uma mestra na arte da chantagem. — Ambas sabiam que suas palavras eram uma farsa, mas Ruby não se rebaixaria mais. —Não estou certa dos negócios dele nessa parte da cidade, nós não nos conhecemos bem.

Enquanto observavam, Harold tirou um envelope do bolso e entregou para o homem ao lado dele. Primeiro o homem pareceu ser um cavalheiro modesto desses que você vê caminhando por Londres, mas olhando de perto o cabelo dela estava mal cuidado e mais longo do que a sociedade considerava apropriado, embora não de um jeito rebelde. E o homem usava botas muito grandes. Seus pés não podiam ser tão grandes daquele jeito. O homem abriu o envelope e puxou um maço de notas, se abanando com elas.

—Hey você! — Ellie gritou, assustando Ruby.

—O que você está fazendo?

—O que eu estou fazendo? — a menina retrucou. —O que *eles* estão fazendo é uma pergunta muito melhor.

Ruby olhou para os homens, que estavam olhando para elas. Enquanto eles observavam, o homem que ela não conhecia – embora parecesse estranhamente familiar – guardou o envelope dentro do seu casaco e começou a caminhar, suas botas grandes demais mal deixavam a calçada.

—Oh, ele está vindo para cá, — Ellie exclamou. —E ele não parece feliz.

CAPÍTULO DEZOITO



HAROLD TINHA IMAGINADO se teria como as últimas vinte e quatro horas piorarem, mas felizmente a resposta se apresentou na forma de Ruby, sentada do outro lado da rua – observando-o entregar dinheiro ao irmão – enquanto estava em companhia da pequena chantagista.

Ele não tinha ideia do que a garota estava armando, já que o expulsou da sala, mas era algo importante o bastante para Ruby ter concordado. Imaginou se isso tinha a ver com o segredo dela.

A mulher era quase ignorante demais para ser verdade. Ou possivelmente ele fosse o ignorante, e elas estavam do outro lado da rua rindo às suas custas. Ele não sabia, mas estava prestes a descobrir. O plano dela, o que quer que fosse, estava prestes a vir a luz e se isso chegasse perto de colocar a reputação de Lorde e Lady Haversham em perigo, ele a despacharia e ele mesmo verificaria se ela estava empacotando as coisas para voltar para a casa da família no campo.

Atravessando a rua, ele mal ouviu os gritos raivosos dos cocheiros e dos homens no lombo dos cavalos. Só podia pensar em uma coisa e apenas uma coisa: desmascarar a mulher pela mentirosa que ela era. Ela não tinha feito nada além de tramar e mentir desde que chegou à Londres. A parte ilógica dele realmente acreditava que ela deveria confiar nele, que se abrisse com ele. Por que isso importava tanto a ele, não sabia, mas continuava buscando na mulher que via em sua frente, a pessoa que lembrava que ela era. Infelizmente, ele podia muito bem aceitar que aquela mulher tinha ido embora e nunca mais voltaria.

—Bom dia, — ele disse enquanto fazia uma mesura. Não se incomodou em deter a menina enquanto ela se afastava de Ruby sem ser vista.

—Sr. Jakeston, — ela murmurou. —Que prazer vê-lo. Mas, mais uma vez, posso contar com você para estar à espreita.

Ele não entendeu o veneno em suas palavras.

Foi ela quem tinha insultado a sua masculinidade.

Ela que foi pega tomando sorvete com a menina que tinha a reputação dos dois nas mãos.

Era ela que estava guardando um segredo que tinha o potencial de destruir a esposa do seu melhor amigo.

E ela o repreendeu?

—Primeiro, eu não estou à espreita. Segundo, não há nada que eu gostaria mais do que ficar fora do seu caminho, mas parece ser impossível me livrar dos seus passeios nefastos.

—Por favor, diga ao Sr. Jakeston— Ruby olhou para o assento vazio ao seu lado, abandonado por sua co-conspiradora uns momentos atrás. —O quê...

—Sozinha sem explicações mais uma vez, pelo que vejo. — Quando ela ficou em silêncio, ele prosseguiu. —Toda vez que digo a mim mesmo para ficar longe de você – para esquecer que você existe – eu te acho nas situações mais suspeitas. Então eu fico com nenhuma outra opção que não descobrir o seu propósito.

—Como você se atreve. — Ela ficou de pé, chegando mais perto e olhando dentro dos olhos dele. —Você me desafiou, mas ainda assim mantém reuniões secretas pela cidade, entregando dinheiro para Deus sabe o que.

Harold tinha estado ciente de que ela teve uma boa visão do seu encontro com William, e ele tinha que admitir que parecia tão suspeito quanto suas próprias ações. Mas não foi isso que ele veio aqui para discutir, e ele sabia que suas ações eram genuínas – embora não pudesse dizer o mesmo dela. —Não mude de assunto.

—Eu faço o que eu quiser. — Ela ergueu a voz. —Agora, se você fizer a bondade, eu tenho que me preparar para a noite.

Ela passou por ele e foi em direção à Haversham House – a mesma direção para onde Harold iria, apensar das circunstâncias. Ele começou a caminhar ao lado dela, mantendo o seu passo.

—O que você está fazendo?

—Te acompanhando até em casa.

—Acho que você já fez o bastante por mim ultimamente. — Ela apertou o passo.

—Oh, mas eu nunca deixaria uma dama desacompanhada nas ruas de Londres, apesar da espada que deve estar saindo das minhas costas.

—Sabe, eu não quis dizer—

—Não precisa se desculpar pelos seus comentários grosseiros e desconsiderados.

—Eu não tenho intenção de me desculpar. Eu só quis dizer que não deveria ter dito meus pensamentos em voz alta. — Ela olhou para ele pelo canto do olho. —O que você estava fazendo dando um envelope de dinheiro para aquele homem?

Ele sabia que a mudança de assunto era para pegá-lo com a guarda baixa, mas não tinha crescido com dois irmãos mais velhos e muitos outros pela propriedade para se deixar ser enganado tão facilmente.

—Aqui está uma proposta: eu respondo suas perguntas se você responder as minhas.

—Então é como se fosse uma pesca? — ela perguntou. —Você acha que pode me fazer morder o anzol para que eu te conte tudo?

—Não é a pior ideia. — Harold queria rir. Ela era cortante como um chicote, e sabia disso. Talvez ele não tivesse uma chance. Desistir de sua busca por respostas não era a coisa mais honrada a fazer, mas certamente salvaria o seu ego.

Ela suspirou. —Apenas me diga quem é o homem.

Ela estava tão cansada de brigar quanto ele, mas podia confiar que ela lhe contaria alguma coisa em retorno? Não deveria estar surpreso por ela não ter reconhecido William. Até mesmo Harold tinha que admitir que ele era a casca do homem que tinha sido. A forma desgastada, até mesmo nas roupas novas, ainda o deixava meio que irreconhecível.

—Acho que não me sinto inclinado a ser aberto sobre os meus negócios.

—Talvez eu esteja inclinada a perguntar a Lorde e Lady Haversham sobre seus negócios.

—Então serei forçado a falar com Lady Haversham sobre suas escapadas noturnas.

Nenhum deles pareceu notar que tinham parado no meio da calçada, forçando os outros a se desviarem deles. Eles estavam frente a frente, chamando a atenção de várias pessoas.

—Acredito que chegamos ao que chamam de um beco sem saída, — Ruby disse entredentes, com as mãos nos quadris.

—Minha lady, não estamos sem saída.

Ela arregalou os olhos. —Seus modos são lamentavelmente inadequados.

As palavras o atravessaram, nem sequer apunhalando a concha onde tinha guardado as suas emoções desde o último confronto deles. —Mas deixe estar,

senhorita Ruby, eu a levarei de volta à Haversham House. No futuro, me certificarei de ficar fora do seu caminho, se você concordar em me conceder a mesma cortesia.

—Será um prazer. — Ela estendeu a mão.

Pegando-a, ele a colocou sobre o braço, e, como se não fizesse um momento que estavam perto de gritar um com o outro no meio de uma rua lotada, eles se viraram e começaram a curta caminhada até a casa dos Haversham.

Se ela pensava que podia se fazer de desentendida com ele, ela estava muito enganada. Podia não ter suas respostas agora, mas ele chegaria ao cerne da razão para ela estar em Londres.

E ele faria tudo que estava em seu poder para evitar que isso espirrasse sobre Lady Haversham.



Enquanto ela andava, com a mão apoiada no braço dele, imaginou se a atração que sentia por ele ia além do que sabia. Era como se os poderes do destino estivessem empurrando-os um para o outro, aproximando-os. Parte dela queria aceitar isso, mesmo que fosse mais provável que Harold estivesse apenas seguindo-a e nada mais.

—Uma moeda por seus pensamentos? — ele perguntou ao lado dela.

Ela olhou para ele, temendo fazer contato visual. Virava uma idiota balbuciante toda vez que olhava diretamente para ele. Não era típico dela falar demais, mas ainda assim se arrependia muito das palavras duras que tinha dito antes. Não importa se ela o desencorajasse sempre que podia, ela continuava tentando.

Aquela noite no lago tinha mostrado a ela que eles podiam conversar sem revelar muito e sem que ela o tratasse mal. Se iam passar a temporada vivendo com Vi e Lorde Haversham, precisavam ser civilizados. Seus anfitriões não eram tolos, e muito provavelmente perceberiam que eles estavam se evitando.

—Às vezes, mesmo quando estamos um do lado do outro, eu sinto como se você estivesse a quilômetros de distância. Por que será?

—Eu penso o mesmo, — ela confidenciou.

—Você sempre deseja deixar as coisas acontecerem e não se preocupar demais? — Ele olhou para frente enquanto falava. —Talvez desaparecer por um tempo e começar algo por conta própria.

Ruby não sabia se as perguntas eram para ela ou se ele estava apenas examinando a vida em voz alta, mas queria que ele continuasse falando. Apesar de fazer tudo o que podia para afastá-lo, não podia negar que era atraída fisicamente pelo homem. A rua ficou menos cheia enquanto eles se aproximavam da casa de Haversham, se afastando da área mais movimentada da cidade.

—É muito mais fácil dizer que fazer, — ela disse.

—Como assim?

—Temos amigos e família – responsabilidades – que nos prendem a este tempo e lugar. — Seria um alívio massacrante deixar tudo para lá, não se importar quem era o pai, ficar longe da mãe dominadora, e começar tudo do zero.

Harold deu um tapinha em sua mão. —Sim, nós temos, o que é uma pena.

—Você deixaria Lorde Haversham para trás?

—Brock e eu temos o tipo de amizade que não depende da proximidade. Ela aguentaria um período de separação – já aguentou antes. Você não deixaria Lady Haversham, mesmo com a promessa de um futuro bom, sabendo que seus caminhos se cruzariam novamente um dia?

—Eu não acho que o futuro de alguém possa ser garantido, — ela disse. —E seria muito maçante se fosse, não seria?

—Oh, nada conosco seria maçante. Podemos partir agora, ir para o campo – talvez para Dover – e nos assentar no nosso próprio chalé. — A animação na voz dele enviou um arrepio pelo seu corpo.

Quando eles foram de discutir a vida particular de cada um, a imaginar um futuro juntos? Lutando consigo mesma a cada passo, Ruby tinha que admitir que a cena que ele pintou parecia celestial. Em Dover, não importaria se ela fosse uma bastarda, que a mãe tinha traído o homem que adorava, ou que alguém poderia descobrir tudo.

—Poderíamos criar ovelhas ou aprender a cuidar da terra.

—Oh, você poderia lidar com um rebanho de ovelhas? — Ela olhou para ele surpresa. —E com a colheita?

—É claro. Podemos viajar para Londres alguma vezes por ano e abastecer nossos celeiros. Ficar com Brock e Lady Haversham, e voltar para as crianças.

—Você não acha que as crianças também deveriam visitar os filhos dos Haversham? — Mais uma vez eles construíram uma vida – imaginaria – juntos.

—Ah, verdade. — Ele olhou para ela, os olhos cheios de travessura. — Mas eu também ia gostar de passar um tempo sozinho com a minha esposa.

As bochechas dela se aqueceram sob o olhar dele, e ela rapidamente afastou o olhar.

—Faz de conta são bons para crianças, — ela disse, já se arrependendo das palavras. —Somos adultos, adultos com responsabilidades. Com problemas de adultos. Além disso, já chegamos. Sinto muito, Harold, mas essa será a única casa que compartilharemos.

—Como quiser. — Ele ainda segurava o braço dela com firmeza enquanto subiam os degraus e o mordomo abria a porta.

Eles chegaram ao vestíbulo e pararam, olhando um para o outro. Ela não sabia o que dizer, ainda sob o feitiço da conversa deles.

—Sr. Jakeston, Lorde Haversham lhe aguarda no escritório.

—Obrigado. — Ele pegou a mão dela, a levou aos lábios e sussurrou, — Eu realmente espero que seus desejos mudem. Tenha uma tarde maravilhosa.

Ele se ergueu, fez uma mesura e foi para o escritório.

Entretanto, Ruby foi deixada ali, de boca aberta, imaginando todo um futuro novo – se ao menos pudesse deixar o passado para trás.

—Senhorita? — o criado disse ao lado dela.

—Oh, sim?

—Lady Haversham solicita a sua presença em seus aposentos.

—Está tudo bem?

—Sim, eu acredito que ela esteja experimentando vestidos novos.

Ruby afastou o pensamento do que poderia ser e se concentrou no aqui e agora.

CAPÍTULO DEZENOVE

HAROLD A OBSERVAVA do outro lado da mesa, empurrando a comida para lá e para cá, recusando-se a olhar para ele. Talvez estivesse preocupada com os próprios pensamentos. Talvez, certos pensamentos que ele pôs na cabeça dela umas horas atrás.

Ele tirou total vantagem da visão. Era a primeira refeição que faziam juntos desde que Ruby e Lady Haversham tinham chegado à Londres.

É claro, Lorde e Lady Haversham estavam absortos em sua própria conversa, deixando Harold e Ruby por conta própria. Ele tentou iniciar uma conversa várias vezes, sobre o tempo ou que grupo de teatro itinerante estava na cidade, mas depois de alguns acenos de cabeça e uma palavra aqui e ali, a conversa tinha empacado. Não importa o quanto tentasse, eles não retornariam para a conversa fácil que tiveram naquela noite no lago, ou durante suas reflexões no caminho para casa neste mesmo dia. A distância que ela impunha juntamente com as ações que andava praticando fazia com que fosse impossível confiar nela, não importa o quanto tentasse.

Brock riu escandalosamente, chamando a atenção dos dois.

—O que te fez ficar tão alegre? — Harold perguntou, grato pela distração.

—Oh, eu só estava contando a Vi o que eu descobri no livro do White’s hoje.

Harold riu, incapaz de se impedir. Deveria admitir que aquilo talvez não fosse moralmente aceitável, mas ele dificilmente era do tipo que se envergonhava por uma aposta – ou que jogaria pedras nos que mostrassem a mesma inclinação.

—Lorde Grafton realmente apostou todo o seu estábulo no nome que Lorde e Lady Sully escolheriam para o primeiro filho? — Vi perguntou, a mão cobrindo a boca para abafar a risada.

—É claro que sim! — Brock prosseguiu. —O vencedor ganhará uma boa soma. Lorde Sully ama cavalos e quer muito comprar a égua de Lorde Grafton. Harold, diga o nome a elas!

—Pompous Buckton. — Harold tinha que admitir que o nome era cômico, mas esperava que a criança não fosse amaldiçoada com ele. —Sim, é provável que o próximo Conde de Sully seja batizado com o nome Pompous.

Toda a mesa caiu na gargalhada, até mesmo Ruby. O olhar no rosto dela quando ria era algo que nunca tinha visto. Ele via alegria, amor, paixão lá... Se ao menos ela permitisse que ele a fizesse rir com mais frequência.

Brock foi o primeiro a se controlar. —Nem todas as apostas são tão divertidas assim, mas às vezes eu me distraio dando uma olhada lá. Eu mesmo já ganhei uma boa soma em uma delas. — Ele piscou para Harold.

Verdade seja dita, os bolsos de Harold tinham sido preenchidos na mesma época.

—E que aposta foi essa? — Ruby se juntou à conversa. —Diga-me que tem a ver com algo digno.

—Oh, sim. De fato está diretamente relacionado com a pessoa mais digna que faz parte da minha vida atualmente. — Ele olhou para a esposa, pegando a mão dela e levando-a aos lábios.

—Pode parar agora mesmo, Brock. — Lady Haversham puxou a mão. — Nós temos convidados.

Parecendo afrontado, Brock perguntou, —Convidados? — Ele olhou dramaticamente ao redor. —Onde?

—Você sabe exatamente de quem eu estou falando.

Não importa o quão frequentemente Harold estivesse na companhia dos seus amigos, ele nunca se cansava dos gracejos entre eles. Ansiava ter algo parecido algum dia, se não igual.

—Esses dois? Se eles são convidados, eles com certeza estão abusando da nossa hospitalidade, — Brock continuou brincando.

A risada preencheu a sala novamente.

—E qual foi essa aposta que nos deixou fora da prisão dos devedores? — Vi perguntou.

—Ela envolvia a mulher mais teimosa e cabeça dura que eu já tive a sorte de conhecer.

—Sério? — Ruby se juntou à conversa mais uma vez.

—Certamente. Alguém, que não terá o nome citado, pensou que seria engraçado fazer uma aposta sobre essa mulher e um homem muito belo e inteligente que causaram um escândalo no meio de um salão de baile.

—E o que exatamente era essa aposta?

—Oh, lá dizia que o casal – embora seja importante dizer que esses dois não estavam nem próximos de ser um casal naquele tempo – se casaria dentro de um ano. — Brock direcionou sua resposta à Ruby, mas manteve Vi em sua visão periférica.

—Pobre mulher! — Harold disse exasperado.

—Oh, não... ela é uma mulher extremamente sortuda, — Brock rebateu.

—Assim diz o homem mais belo e inteligente? — Vi perguntou.

—É óbvio!

—Está mais para o homem mais teimoso e cabeça dura do que a dita mulher, — Harold se sentiu compelido a dizer. O amigo tentou negar sua atração pela esposa por tanto tempo que ele quase arruinou o que eles tinham atualmente.

—Que outro tipo de apostas os homens fazem no White's? — Ruby perguntou. —Quer dizer, sem ser nomes de crianças e casais potenciais dentre a elite de Londres?

O interesse dela chamou a atenção de Harold. Enquanto Brock e Vi continuavam rindo, e fazendo piadas, o comportamento de Ruby se tornou mais sério, e ela ouvia com atenção.

Brock partiu um pedaço de carne, o levou à boca e mastigou enquanto tentava lembrar de algo interessante que tinha visto no livro. —Bem, os homens apostam em corridas de cavalos, negócios e coisas do tipo. — Harold sabia que ele tinha filtrado os assuntos, não querendo falar das coisas mais escandalosas sobre as quais os homens apostavam.

—Vamos lá, — Ruby incitou. —Deve haver coisas mais interessantes que isso.

Harold imaginava que tipo de informação ela buscava com as suas perguntas. —Você está certa, senhorita Ruby. — Harold decidiu lançar o anzol, falar e ver se ele conseguiria captar qualquer coisa sobre o que a mulher estava atrás. —Eles apostam sobre qualquer coisa, desde que cantora receberá um solo na ópera à como estará o tempo daqui a quinze dias.

—Certo, Harold. Você não pode compartilhar todos os nossos segredos sujos ou Vi não vai mais me deixar sair de casa. E então eu perderei toda a diversão.

—Com certeza há coisas mais importantes que isso naquele livro de apostas. — Ruby colocou os cotovelos sobre a mesa, cativada.

—Minha nossa, sim! — Vi disse. —Eu ouvi dizer que há uma lista das amantes de Londres e filhos ilegítimos.

—Que vergonha, Lady Haversham, — Brock a repreendeu. —Discutir assuntos tão delicados na frente de damas é altamente impróprio. Precisamos nos dedicar ao seu decoro.

—Meu decoro? — O ultraje não combinava com o sorriso no rosto dela.

—Você é a mulher mais desgovernada que eu já vi! Acho que é melhor contratar um tutor para te ensinar os costumes da sociedade de Londres, — Brock prosseguiu, Harold e Ruby tinham sido completamente esquecidos.

—Bem, esse será um empreendimento enorme, mas eu me voluntariarei, — Harold se intrometeu.

—O inferno que você vai, — a voz de Brock trovejou pela sala. —Eu conduzirei a minha própria esposa, mas obrigado mesmo assim.

Harold riu, seu olhar voltando para Ruby, que olhava para nada em particular. —O jantar está a seu gosto? — ele perguntou. —Senhorita Ruby?

Ela voltou ao presente. —Está muito bom. — Ela pegou o garfo e voltou a comer.

Enquanto Brock e Vi voltavam para a sua conversa e Ruby se concentrava na refeição, Harold observava. Ele não entendia a mulher, e não importa o quanto tentasse, não podia fazer com que ela confiasse o bastante nele para contar o que se passava.

Prometeu ficar de olho nela, fazer com que ela não voltasse a se enfiar em outra situação complicada como aquela na casa de Drake, ou a noite quando ele a encontrou no escritório de Lorde Yorkton. Se ela não fosse cuidadosa, acabaria sendo pega por alguém que não era ele.

CAPÍTULO VINTE



—SÓ ESTOU DIZENDO que os meus estábulos são muito melhores do que a maioria dos que são encontrados dentro dos limites da Inglaterra. — Brock arrumou as bolas para outra partida de bilhar, depois de ter perdido de forma vergonhosa para Harold.

Harold riu. —Você realmente acredita que as éguas criadas por sua amada esposa produzirão os melhores potros que o país já viu em mais de três décadas?

—Isso não é uma declaração, é um fato inegável.

—E você pretende convencer todos os homens de Londres? — Harold perguntou.

O amigo estava indo longe demais no que era considerado apoio marital. Para Brock, Lady Haversham não cometia erros.

—É claro... e eu irei fazer uma segunda fortuna em cima disso!

Harald sabia que a insistência de Brock em apoiar os cavalos de Lady Haversham nada tinha a ver com ganhar dinheiro, e tudo a ver com amenizar a dor que ela sentir por ter perdido o seu rancho, Foldger’s Foals, no ano anterior. Apesar de agora a propriedade não passar de um alqueive – ela agora abrigava a Casa Foldger’s para Crianças Abandonadas – a esposa sentia falta da vida anterior, de ter um propósito.

—Quisera eu ter os fundos disponíveis na época para comprar alguns, — Harold disse. —Mas então eu também precisaria de dinheiro para um estábulo... oh, e uma propriedade para abrigar o estábulo.

—Como disse antes, dinheiro, ou a falta dele, não muda totalmente a vida de alguém.

Tinha sido difícil pensar em qualquer outra coisa desde que conversaram algumas noites atrás. Não, dinheiro não mudaria a sua vida completamente, mas lhe daria liberdade.

Harold deu um passo à frente para dar a sua tacada. O taco se moveu com suavidade em seus dedos e as bolas bateram umas nas outras e se espalharam, três caíram na caçapa.

—Muito bom, — Brock disse. —Eu deveria ter pensando duas vezes antes de supor que eu te superaria no bilhar se jogássemos mais uma partida.

—Eu lhe dei a oportunidade de sair com a sua dignidade intacta, mas mais uma vez, você deixou passar. — Eles jogavam bilhar há anos – e há anos, Harold ganhava quase todos os jogos. Assim como sua habilidade nas cartas, era algo inato.

—Meu lorde? — Buttons chamou. —Você tem um convidado.

Harold apoiou o taco na parede enquanto Alex entrava na sala.

—Alex. — Brock abraçou o jovem antes de puxá-lo para trás e olhá-lo da cabeça aos pés. —Já faz um tempo, garoto.

Harold evitou fazer contato visual, esperando que Alex não traísse a confiança de Ruby ao relatar seu breve encontro na casa de Drake. O jovem não tinha motivos para manter as idas e vindas de Harold em segredo, mas Ruby era outra coisa.

—Meu lorde. — Alex deu um passo para trás e fez uma mesura para Brock. —Tempo demais.

—Olha você, — Brock exclamou. —Você deve estar treinando a sua fala, assim como Lady Haversham te ensinou.

—Eu estarei eternamente em dívida com ela.

—Você veio aceitar a minha oferta de emprego? — Brock perguntou. —Como eu disse, dobrarei o que quer que o marquês esteja te pagando.

—Mesmo que isso seja muito generoso, meu lorde, eu preciso trilhar o meu próprio caminho. Um dia terei a minha própria família para sustentar e eu não posso permitir que Lady Haversham cuide de mim.

—Você avisará imediatamente caso você esteja infeliz ou sendo maltratado? — Brock incitou.

—É claro, embora eu esteja muito satisfeito com o meu atual empregador, e esteja aprendendo muito com o mestre dos estábulos.

—Lady Haversham ficará extasiada ao ouvir isto. Mandarei chamá-la.

—Isso seria ótimo, mas temo que não tenha muito tempo e eu vim falar com o Sr. Jakeston, caso não se importe. — Alex fez um gesto em direção a Harold.

—Oh, certamente. — Brock olhou para eles. —Não sabia que vocês dois se conheciam.

—Apenas através da senhorita Ruby, — Harold se voluntariou antes que Alex pudesse dizer uma única palavra.

—Muito bem então. Harold, estou ansioso para uma revanche. — Brock fez um gesto de cabeça para Harold e deu um tapinha nas costas de Alex antes de sair da sala, fechando a porta atrás dele.

Harold não podia imaginar o que Brock pensava que eles tinham a discutir, mas ficou feliz pela privacidade. Ficou imediatamente ciente de que não viu Ruby nas últimas horas – mas na verdade, em quais problemas ela poderia se meter no meio da tarde?

—Está tudo bem? — ele perguntou assim que ficaram sozinhos.

—Não estou certo, Sr. Jakeston.

—Por favor, me chame de Harold.

O jovem assentiu e prosseguiu. —Você é amigo da senhorita Ruby, certo?

—Não estou certo de que ela me chamaria de amigo, — Harold respondeu com cautela. —Mas eu estou cuidando dela, então, sim.

Alex assentiu, parecendo aceitar sua resposta. —A senhorita Ruby veio me procurar não faz muito tempo e implorou para que eu lhe emprestasse um dos meus uniformes.

—Para quê?

—Infelizmente, ela não me disse para que, mas fez várias perguntas estranhas.

—Vá em frente.

—Ela queria saber se o Marquês de Drake estaria no clube esta noite.

—E o que você disse?

Alex suspirou, como se Harold já soubesse a resposta. —Eu disse a ela que o meu mestre só ia ao clube uma única noite por semana e ela sabia muito bem qual noite era.

Novamente, Harold sentiu que algo não se encaixava.

—Sr. Jakeston – quer dizer, Harold, — ele disse, enquanto Harold olhou para ele meio absorto. —Ele esteve lá há apenas algumas noites, quando eu ajudei vocês dois a entrarem na casa.

—Como ela recebeu as notícias?

—Pareceu aliviada, eu acho.

—Muito peculiar, — Harold pensou.

—Foi isso mesmo que eu pensei. — A expressão do jovem era de confiança. —Temi que ela fosse pedir para ajudá-la a entrar na casa de Drake novamente. Fiquei muito aliviado quando ela só pediu o meu uniforme.

Ela queria o uniforme e ficou aliviada ao saber que Drake não estaria em casa.

O que poderia significar apenas uma coisa...

—Alex, obrigado por vir me procurar. — Harold passou pelo jovem indo para a porta e se virou. —Por favor, não conte a Lorde ou a Lady Haversham sobre isso.

—É claro que não.

—Agradeço a sua discrição. Vou descobrir o que esta mulher está tramando antes que ela se machuque.

—Entendo que as coisas nunca são o que parecem, — Alex disse. — Espero que você a encontre antes que ela faça algo insensato.

—É o que pretendo, e espero que ela seja responsável por seus atos. — Com um rápido aceno, Harold foi para as escadas. Esperava encontrá-la no quarto, mas algo dentro de si lhe dizia que era tarde demais.

Sem bater, ele abriu a porta. O quarto estava vazio. O fogo estalando na lareira lhe dizia que a criada não esperava que ela saísse esta noite. Ele passou os olhos pelo quarto, procurando por qualquer coisa que lhe desse a prova concreta de para onde ela tinha ido. Desperdiçar tempo procurando nos lugares errados poderia muito bem custa a reputação de Ruby.

O quarto estava cheio de coisas que Harold julgava ser comum à uma mulher da *ton*: escovas, espelhos e acessórios de papelaria.

Uma coisa estava fora de lugar.

Ao lado do criado-mudo, entre uma vela e uma bacia, havia um livro. A capa, esfarrapada e desgastada, praticamente se soltou das páginas quando ele o ergueu. Ele o virou na mão e o abriu. Encontrou palavras escritas a mão. Não a letra que conhecia muito bem dos papeis que tinha lido e que foram escritos por Ruby, mas uma escrita caprichosa e fluída, de outra pessoa, amarelada pelo tempo.

Harold folheou o que agora ele sabia ser algum tipo de diário, cada página preenchida com as palavras escritas pela mesma mão.

As palavras pulavam do papel, trazendo à sua mente o que tinha lido na escrivaninha de Ruby não fazia muito tempo. *Não me julgue ou condene por amar um homem que não corresponde esse amor.*

Confuso, ele folheou até encontrar um registro mais novo, esperando encontrar uma explicação melhor. Em vez disso, ele se deparou com mais comentários distorcidos. *Essa criança, como posso amá-la se só me trouxe pesar?*

Harold leu por cima a página antes de encontrar o final de um registro muito longo, onde um único nome estava escrito: *Pearl*.

Seu coração despencou ao ler aquele único nome.

A mãe de Ruby.

Em minutos, ele leu por alto o suficiente de um registro para ao menos lançar uma luz sobre o conteúdo do resto do diário.

Página após página da sórdida confissão da infidelidade de Pearl, a visão sombria que ela tinha sobre o próprio futuro... e que a criança que ela carregava, gerada não por seu marido, mas por outro homem. As peças se encaixaram. A lista de homens mais velhos de Ruby. Ela não estava procurando marido; ela não estava pretendendo causar dano a Brock e Lady Haversham. Ela só queria encontrar o homem que a gerou.

Harold deixou o livro exatamente onde o tinha encontrado.

Ela precisava dele, mais que nunca. Ela não ter confiado nele não era chocante. De fato, ele nem podia culpá-la.

Saiu do quarto dela e foi direto para a cozinha, indo em direção ao estábulo de Brock e ao beco.

Ele só podia pensar em um único assunto que tinha chamado a sua atenção recentemente – e esperava, pelo bem dela, que estivesse errado sobre o lugar para onde ela tinha ido.

CAPÍTULO VINTE E UM



RUBY OLHOU A sala lotada e cheia de fumaça por baixo do chapéu que tinha posto para esconder o seu rosto. Nenhuma quantidade de cabelo preso e traje masculino conseguiam esconder a sua forma. Nunca tinha se visto como curvilínea, mas assim que colocou os calções, tudo pareceu saltar à vida.

Alex estava certo quando disse que conseguir entrar no White's era bem simples. Tudo o que teria que fazer era assentir para o homem que ficava na porta e entrar na sala reservada apenas para a criadagem da elite de Londres. O vento e a chuvinha fina tinham cumprido o seu papel e mandado os cocheiros procurarem refúgio no clube, ao invés do espaço limitado do estábulo.

Depois de entrar pela porta dos fundos, seu medo de ser descoberta diminuiu. Nenhuma única pessoa sabia da sua presença. Ela estava vestida com a libré vermelha e preta de Drake.

—Boa noite, — ela murmurou para outro criado, aprofundando a voz.

Tão aborrecido quanto fosse admitir, desejava que Harold estivesse com ela. Não importa o quanto negasse, tanto para si quanto para ele, o fato era que ela se sentia melhor e mais segura com Harold ao seu lado – como se nada grave pudesse lhe acontecer quando ele estivesse por perto. Afastando os pensamentos desconexos da mente, Ruby se forçou a retomar o que tinha planejado para esta noite.

Era simples. O objetivo era dar uma olhada no livro de apostas que era uma grande parte da história do White's. Ela estava ficando sem pais potenciais para investigar e seu tempo em Londres poderia chegar ao fim se alguém ficasse ciente da sua busca. Esse livro de apostas tinha potencial para ter a exata informação que buscava.

Ela tinha ouvido durante o jantar da noite anterior que o livro era mantido em uma saleta no salão principal, o que era melhor e mais rentável para o clube. Os homens podiam ver quando uma nova aposta era feita e poderiam apostar o próprio dinheiro escolhendo um lado ou a probabilidade de algo acontecer.

Havia chances de ter algo ali sobre a mãe e o pai. Era altamente improvável que o caso deles passasse despercebido dentre a alta roda de Londres. Talvez houvesse uma aposta lá que não tivesse saído nas páginas de fofoca. Depois de conseguir acesso ao livro, Ruby iria calcular os meses após o seu nascimento e cruzar com qualquer aposta feita no período em que sua mãe teve um caso. Possivelmente uma mulher sem nome ligada a um lorde rico. Lorde Haversham tinha compartilhado no jantar que muitas vezes os indivíduos eram identificados apenas pelas iniciais. E algumas iniciais eram mais informação para trabalhar do que as que tinha agora.

O livro devia ser imenso para abrigar tantos anos de apostas, e provavelmente o volume contendo as entradas desde antes do nascimento de Ruby já tenha sido removido e substituído por um mais novo. Infelizmente, era uma possibilidade que ela precisava explorar.

A tarefa parecia simples o bastante até que viu a saleta – e vários homens em volta do lugar onde as apostas eram feitas e registradas.

Ruby sabia que não conseguiria passar despercebida por muito tempo, e essa noite poderia ser a sua única chance de dar uma olhada no livro. Ela coçava para tocá-lo, virar as páginas e descobrir algo sobre si mesma. Recuou, escondendo-se nas sombras da sala, bem longe do fogo, e de certa forma separada dos homens que lá estavam, ela observava e esperava. Era melhor não se apressar. Ela tinha toda a noite para chegar lá. Vi e Brock tinham saído mais cedo para ir a um jantar. A amiga tinha implorado para que ela a acompanhasse, mas entendeu o pedido de Ruby por ‘algumas horas de solidão,’ dizendo que as demandas da *ton* a deixavam extremamente cansada.

—Posso ajudar?

Tinha estado tão preocupada olhando para o livro de apostas e a multidão em volta dele que não notou o homem ao lado dela nas sombras.

Ela abaixou a cabeça, olhando para o chão, aterrorizada que o homem saísse gritando que havia uma mulher lá dentro. —Não, estou esperando o meu lorde. — Ela forçou a voz a permanecer profunda, irritando a garganta.

—E quem ele seria? — ele perguntou.

Ruby se recusou a olhar para o homem, mas as botas pareciam caras e a voz estranhamente familiar. Ela sabia que as cores da libré do marquês seriam reconhecidas por todos. —O Marquês de Drake, milorde?

—Oh, — ele disse. —Eu não o vi aqui esta noite.

Deveria saber que seria pega – e enviada para o magistrado por ter se passado por um criado e entrado em um clube do qual não era membra. Sua

lista de crimes aumentava mais a cada dia. —Com licença. — Não era tarde demais para ir embora e desistir do seu plano estúpido. —Esperarei por ele junto dos outros criados.

Dedos seguraram o seu braço quando ela tentou sair.

—Não tão rápido, Senhorita Ruby. — Ela olhou para o rosto familiar de Rodney Swiftenberg, o primo de Lorde Haversham e atual herdeiro do Condado. —Que invulgar vê-la aqui, — ela sibilou em sua orelha.

Ela entrou em pânico.

Eles se olharam.

Ruby não estava disposta a admitir a derrota, apesar das melhores tentativas de Rodney para intimidá-la. Não funcionaria. Ela não era facilmente intimidada como Vi tinha sido ano passado quando Rodney pensou que ela estava correndo atrás de Brock com a intenção de se casar com ele. Eventualmente, eles se casaram – mas aquela nunca tinha sido a motivação de Vi.

—O que você quer? — ela perguntou, decidindo que seria melhor ir direto ao ponto. As chances de Ruby não gostar da resposta dele ou não ter os meios para assegurar o seu silêncio eram muito altas.

Uma brisa fria atingiu Ruby quando alguém abriu a porta do clube, deixando entrar um grupo de homens.

—Rodney! Seu trapaceiro sujo! — um homem do grupo de recém-chegados gritou.

Os próximos minutos foram um borrão. Em um segundo estava olhando para Rodney, e no seguinte estava deitada no chão, com o rosto ardendo de dor, incapaz de focar nos homens em volta dela. Ela se sentou e tentou buscar apoio na parede mais próxima, longe dos homens. As palavras voavam em volta dela enquanto tentava dar sentido a elas.

A cabeça doía e ela quase caiu no chão, tonta.

Levou a mão à bochecha só para ter os dedos presos em seu cabelo solto. Seu chapéu tinha escapado de sua cabeça quando caiu.

Ainda confusa, ela olhou para os homens em volta dela. Um esfregava as juntas como se estivesse acariciando-as. Suas palavras finalmente fizeram sentido. —Seu covarde!

—Eu? O covarde? — Rodney gritou de volta. —Não fui eu que tentou socar um homem sem avisar.

—Eu lhe dei mais avisos do que você merecia. Pensar que você iria voltar para a cidade às escondidas e não saldar as dívidas de jogo que você tinha

comigo. Você tem sorte do rapaz ter entrado na sua frente e levado o soco no seu lugar.

Ruby só ficou ali, esperando que ninguém olhasse para baixo, atrasando assim o momento que a descobririam.

—Senhor, lamento que você tenha levado o golpe no lugar deste patife. — Infelizmente, sua sorte continuou a ser a mesma que tinha sido durante toda a sua vida quando o homem decidiu ir em sua ajuda. —Permita-me ajudar-te a ficar de pé e eu conseguirei—

As palavras foram interrompidas quando ele viu Ruby esparramada no chão, o cabelo caindo livremente sobre os ombros, os calções se agarrando às suas coxas e a mão pressionado no rosto.

Antes que ela pudesse dizer algo – ou que o porteiro do clube a expulsasse – braços a colocaram de pé, jogaram o chapéu de volta em sua cabeça e a conduziram em direção aos fundos do clube. O movimento rápido aumentou a sua tontura e ela balançou sobre os pés. Se não fossem pelos braços fortes em volta da sua cintura, ela sem dúvida teria encontrado o chão mais uma vez, o mundo continuava girando descontroladamente a sua volta.

—Não despeje o conteúdo do seu estômago sobre mim, — Harold sussurrou. —Já vai ser difícil te tirar daqui sem ninguém reconhecê-la. Só chamará mais atenção se o seu jantar estiver cobrindo toda a minha camisa.

Ela poderia muito bem ter feito isso se não fosse por Harold estar com os braços em volta dela, lhe oferecendo apoio, e praticamente arrastando-a para fora da sala. Seus pés buscavam apoio no chão muito polido, tentando recuperar o equilíbrio e aliviando um pouco o seu peso.

Segundos mais tarde, eles passaram pela entrada dos fundos e pelo estábulo, onde os criados esperavam por seus senhores, embrenhando-se ainda mais no beco frio e escuro.

Harold parou.

—Você está sangrando? Seu rosto está doendo? O que aconteceu? — Ele continuava fazendo perguntou e a sua cabeça girava, tentando formular respostas.

—Vá mais devagar, por favor, — ela murmurou. Levando a mão à bochecha machucada, ficou feliz por ver que não estava sangrando. Ela nunca se perdoaria se tivesse danificado o uniforme de Alex. —Minha cabeça está doendo demais. Eu realmente acabei de levar um soco?

—Aqui, sente-se. — Harold lhe ajudou a sentar em um caixote que havia perto da parede do prédio. —Sim, você levou. E o recebeu melhor que muitos

homens crescidos, devo adicionar.

Ruby riu. Não sabia se por ter achado o comentário engraçado ou do absurdo da situação que finalmente tinha conseguido registrar.

—O que você estava pensando, indo ao White's – e com Rodney! — Dava para sentir a raiva nas palavras dele. —O homem é um arremedo de ser humano.

—Eu não fui—

—E usando nada mais que um calção colocado nas suas coxas e um chapéu? — Ele se afastou dela, as sombras da noite escondendo o seu rosto. —Você é realmente um perigo para si mesma!

—Como você se atrev—

—Como eu me atrevo? Você compreende as repercussões caso alguém tenha te reconhecido?

Ele não deixaria que ela falasse uma palavra ao contrário, então ela ficou ali em silêncio, esperando que ele desse vazão à fúria que sentia.

E então eles ouviram alguém do outro lado do beco, —Eles foram por ali.

Ambos olharam na direção do White's e para o som de pés vindo em sua direção.

—Temos que ir. Você pode andar ou eu precisarei carregá-la?

Não podia permitir que ele fosse punido por sua ideia tola. Apoiando as mãos com firmeza no caixote, ela se levantou. Mesmo que o pensamento de estar nos braços dele fosse bem-vindo, ela disse, —Vamos. — A náusea revirava seu estômago, mas engoliu a bile e permaneceu de pé.

Ele passou o braço pelas costas dela mais uma vez e eles foram até a rua a passos lentos.



Harold queria gritar com ela, repreendê-la por suas escolhas terríveis, e ao mesmo tempo queria nada mais que puxá-la para os seus braços. Convencer a si mesmo de que – no todo – ela não estava ferida.

Ele queria confidenciar que sabia o que ela estava procurando e que ele poderia ajudar, mas sua ajuda não seria bem-vinda. Ela foi bem longe para continuar mantendo os segredos para si. Seria um assunto bem delicado revelar que ele já sabia de tudo.

—Como você me encontrou? — Ela não ergueu a cabeça, mantendo os olhos no chão irregular enquanto caminhavam.

—Eu não sou tolo, Ruby. — Embora se sentisse como um por ter chegado tarde demais para impedir o ferimento que com certeza estaria muito aparente pela manhã. —O seu interesse na nossa conversa na noite passada foi muito explícito.

Ele olhou para ela e ela apoiou a cabeça em seu ombro.

Eles prosseguiram em silêncio. Ruby se apoiando nele e Harold aceitando o peso, feliz pela chance de ajudá-la, mesmo que tivesse sido alguns minutos tarde demais. Precisava ficar de olho nela e em suas atividades extracurriculares. Ele nunca se perdoaria se ela se machucasse demais. Ele sabia que havia algo pesando sobre os ombros dela... e ele ignorou o seu desconforto. Nunca mais.

Não seria o homem fraco que o pai acreditava que era – e o pateta maleável que Rodney e os irmãos de Brock sempre tinham clamado.

Se tinha aprendido algo do seu tempo em Londres, era que um dia ele seria senhor de si, viveria por seus próprios meios e não dependeria de ninguém. E além do mais, não precisaria da aprovação dos outros, apenas da sua própria.

Não se deu tempo para reconhecer que machucou o fato de ela ter aceitado a ajuda de Rodney, enquanto recusava as suas ofertas, recusava a ele. Rodney não podia oferecer a ela algo que Harold não podia oferecer.

Era isso o que o feria até a alma: Ruby não confiava nele – provavelmente nunca confiaria o suficiente.

Eles viraram em um outro beco que levaria à rua principal que passava na frente do White’s Gentlemen Club, duas quadras abaixo. Ninguém os seguira até então, e Harold esperava que tivessem desistido de procurar. Ele parou debaixo da luz que saía e um prédio ali perto para dar uma olhada melhor nos ferimentos dela.

Ele ergueu o queixo dela levemente. —Está doendo muito?

—Não muito. — Ela afastou o queixo e a mão dele caiu. —Desculpa por envolvê-lo nisto.

—Eu queria nada mais que ajudar você, mas você deixou muito claro que preferia a ajuda de Rodney ao invés da minha. — Ele tentou manter a mágoa longe da voz, mas não obteve sucesso. Ela já tinha passado por muita coisa esta noite – na verdade, desde que chegara a Londres – e a última coisa que precisava era a sua fúria e um inquérito sobre as pessoas que ela escolhia para lhe fazer companhia.

—Eu não—

—Você não me deve respostas, — ele cortou. —Eu estou feliz por você estar bem e, além de uma dor de cabeça e provavelmente um inchaço pela manhã, você escapou ilesa e com a reputação intacta.

Ela suspirou, deixando cair os ombros. —Obrigada por tudo. Mas Harold...

Com a hesitação nas palavras, ele perguntou. —Sim?

—Eu não sabia que Rodney estaria no White's. Foi pura coincidência ele estar na cidade.

Ele relaxou, a sinceridade aparecia em cada uma das palavras. Um assunto, ao menos, tinha sido resolvido de forma satisfatória. Harold não podia se imaginar recuando graciosamente caso Ruby se envolvesse com Rodney Swiftenberg.

O barulho de pés se movendo rapidamente em direção a eles, chamou a atenção de Harold. Sua primeira reação foi proteger Ruby, dizer para ela correr antes que fossem encontrados. Mas a figura veio de outra direção. Enquanto a forma sombria corria para baixo das luzes em direção a eles, ele viu que era uma menina, usando um vestido verde brilhante.

Harold apertou os olhos enquanto ela se aproximava e passava debaixo de outro poste. A luz brilhou sobre o cabelo vermelho.

—Sua— Harold olhou ao mesmo tempo que Ruby dizia, —Ellie.

—A menina tem um péssimo *timing*, — ele prosseguiu. —Livre-se dela, antes que ela chame atenção demais.

—Obrigada Deus. — Ellie parou em seco na frente dele antes que Ruby pudesse responder. —Eu te encontrei antes que você fizesse algo realmente estúpido.

—Antes? — Harold perguntou.

—Sim, Alex – quer dizer, meu cavalariço – veio me contar que você pegou emprestado um dos uniformes dele e fez várias perguntas específicas. — A menina parou para recuperar o fôlego, curvando-se com os braços em volta da cintura. —Ele estava preocupado e eu não quis que você fizesse algo tolo antes que sua pena fosse paga.

Ruby revirou os olhos e Harold lutou para não rir. —Bem, sinto muito dizer que você chegou tarde demais.

—Tarde demais? — Ela olhou de Ruby para Harold.

Ruby ergueu o queixo e virou o rosto machucado, a bochecha já estava ficando escura e podia ser vista sob a luz baixa. —Olhe por si mesma.

—Pelos sinos do inferno! — Ellie exclamou. —É enorme.

—Pode ter certeza que eu sinto que seja mesmo.

Harold colocou a mão no ombro dela para reconfortá-la. —Tente não falar, só vai aumentar a dor.

Ellie se aproximou. —Ela precisa examinar essa bochecha. Venham comigo.

—Oh, não, — Harold disse. —Não vamos voltar para a casa de Drake. Você com certeza preparou outra armadilha e espera que nós caíamos indefesos nela.

Ellie estreitou os olhos, e ele não pode deixar de notar uma vaga familiaridade na expressão dela. —Se você se lembrar, não fui eu que entrei na casa do marquês sem ser convidada na calada da noite. E eu não enviei bilhetes requisitando a presença de vocês.

A menina estava certa, e Ruby realmente precisava ser examinada por um médico para ver se estava com algum osso quebrado. O inchaço estava tomando o seu rosto com grande rapidez.

Harold relaxou um pouco. —Você está certa. — Ele não conhecia nenhum médico na cidade, e temia não poder pagar por um mesmo se conhecesse. Até que o negócio dele e de William começasse a dar lucro, ele estava praticamente falido. —Por favor, vá na frente, e eu irei ajudá-la. Ela ainda está um pouco tonta.

—Vocês dois poderiam parar de falar como se eu não estivesse aqui, — Ruby disse. —Eu posso andar.

Ela afastou o braço de Harold e foi para o lado de Ellie, enquanto cobria a bochecha machucada.

—Para onde? — Ela disse por sobre o ombro.

—Por aqui, fica só a algumas quadras.

Uma pontada de orgulho o picou enquanto Ruby, sempre independente, andava na frente dele com a cabeça erguida apesar da dor que devia estar sentindo. Naquele momento, Harold decidiu que seria melhor manter a descoberta para si mesmo. Talvez ela fosse confiar nele o bastante e lhe contasse, mas não correria o risco de que ela o banisse por ter invadido o quarto dela.

Ellie passou por Ruby, virando na primeira esquina. Ele se apressou para acompanhar Ruby. —Você confia nela?

Ruby riu, depois se encolheu por causa da dor. —Não muito, mas a atitude impetuosa dela é uma vantagem, eu acho.

Não tiveram muito tempo para falar sobre a garota desde que fugiram da casa de Drake. —Quem é ela?

—Passamos aquela tarde tomando sorvete, mas temo que não saiba nada além do que já sabia, além do fato de que ela é uma batedora de carteiras muito competente.

—Você está de brincadeira!

—Queria estar. — Os passos de Ruby ficaram mais firmes enquanto caminhavam. —Eu vi com os meus próprios olhos. A sirigaita é precoce. Acredito que ela tenha feito isso para me deixar chocada.

—Acontece que eu lembro de uma outra menina igualmente precoce, e ela era muito mais nova. — Ele tentou tirar a atenção dela da dor. —A menina gostava de perseguir dois meninos por aí, brincando na lama e roubando as tortas de Cook.

O olhar que ela atirou lhe disse que tinha sido bem-sucedido.

—Oh, sim, aquela menininha franzina estava sempre se intrometendo e causando problemas.

Ele não pode deixar de sorrir. —Eu não lembro de ela se intrometer – mas acredito que eram aqueles meninos problemáticos que a levavam para o mau caminho. — Ele não desejaria a sua infância para outra pessoa, ou tentar aliviar os maus-tratos e as provocações que sofria na mão do pai, embora pensaria duas vezes em voltar para aquela época para passar alguns momentos com uma Ruby mais aberta.

—Hey, pombinhos, — Ellie disse por sobre o ombro. —É o próximo prédio. Fiquem quietos e deixem que eu fale.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



RUBY SE AFASTOU de Harold, colocando um pouco de espaço entre eles. A distância dava a ela a chance de pensar. Sua cabeça ainda doía, mas esse devia ser o último dos seus problemas neste instante. Ela queria se recostar nele, deixar que ele tirasse o peso de sobre os seus ombros, mas não sabia como pedir.

Ellie parou na frente dele e se virou para olhar o que parecia ser uma hospedaria, com uma placa do lado de fora escrito Craven House. —Como eu disse, fiquem quietos e me deixem resolver as coisas.

A casa, muito melhor que algumas de Mayfair, era mais bem cuidada do que grande parte das hospedarias que já tinha visto. —O que é este lugar? — Ruby perguntou.

—Você tem certeza de que há um médico aqui? — Harold perguntou cético.

Ellie percorreu a lateral do prédio e foi em direção à porta. —Algo do tipo. Eu nunca disse que ela precisava ver um médico, apenas que precisava de cuidados médicos.

—Minha culpa por não ter sido mais específico com minhas palavras. — Harold percorreu a distância que Ruby tinha posto entre eles enquanto seguia Ellie até a porta. —Podemos dar meia-volta agora.

Ruby subiu dois degraus que levavam à porta dos fundos, meio insegura. —Podemos.

Ellie se virou para eles antes de bater. —Eu não estou forçando nada. Eu conheço alguém que tem experiência com esse tipo de coisa. Ela dará uma olhada, irá bisbilhotar um pouco, e nos colocaremos a caminho.

Parecia simples, e ela precisava saber o quão ruim estava o seu rosto sem ter o risco de envolver Brock e Vi.

—Vocês estão de acordo? — Ellie perguntou.

Quando eles assentiram, Ellie bateu na porta.

Alguém do outro lado bateu de volta.

Ruby e Harold trocaram um olhar. O dela definitivamente questionava a decisão de confiar em Ellie, o dele tenta lhe assegurar de que a manteria segura.

Ruby sabia que ele iria – não porque se conheciam há muito tempo, mas porque esse era o tipo de homem que ele era.

—Os corvos azuis voam para o sul, — Ellie disse, alto o bastante para ser ouvida através da porta de madeira maciça enquanto dava um passo para trás.

Ruby reparou no prédio enquanto esperavam, não estava certa do que procurava. O jardim era bem cuidado, com um bom estábulo nos fundos. O exterior do prédio parecia ter sido pintado há pouco tempo e estava preservado. Era uma casa estranhamente grande para abrigar uma clínica e ela não pensava que até mesmo um médico poderia arcar com as despesas para manter uma família numa casa tão boa.

Quando a porta se abriu, Ruby olhou por sobre o ombro de Ellie e viu uma sala banhada por uma luz dourada. Quem quer que tenha permitido que eles entrassem, estava atrás da porta, escondido da vista. A sala era quente em contraste com a brisa fria do lado de fora. Enquanto os olhos de Ruby se ajustavam ela notou que as paredes e a mobília eram de vários tons de dourado. O tecido dourado adornava cada superfície, incluindo a enorme cama de dossel que dominava a sala.

Harold segurou o seu cotovelo com força. Olhando para ele, ele fez um gesto com a cabeça para a direção por onde entraram.

Uma mulher vestida de forma elegante estava na frente da porta. O cabelo louro estava preso em um penteado elaborado que provavelmente levou horas para ser feito. Ela usava pérolas no pescoço, nas orelhas e nos pulsos. Um vestido de seda vermelha com o decote tão baixo que mal era aceitável de acordo com os padrões mais brandos de Londres, se agarrava ao corpo pequeno e se arrastava atrás dela.

—Ellington, eu não te esperava esta noite, — a mulher disse com uma voz culta, antes de olhar para Ruby e Harold, com a sobrancelha erguida. —E quem são seus acompanhantes? — A forma como ela disse a palavra ‘acompanhantes’ fez Ruby se sentir como nada além de sujeira de rua que Ellie tinha recolhido no caminho até ali.

Ellie baixou a cabeça, como se tivesse recebido uma descompostura. — Eu sei. É só que a minha amiga, — Ellie falou a palavra bem rápido, soando envergonhada por chamar Ruby de amiga, —foi ferida e precisava de alguém

para dar uma olhada em seu rosto. Eu não pude pensar em outra pessoa a quem recorrer.

A mulher, uma cabeça menor que Ruby, se virou para ela. —Eu sou Marce Davenport e sejam bem-vindos à minha— ela parou um momento, procurando a palavra certa, —casa. Venham por aqui, e eu daria uma olhada. Ellington, por favor, avise Jude e Sam que temos companhia e então nos encontre no salão dianteiro.

Se a mulher se perguntava por que Ruby estava vestida com roupas de homem, não disse nada.

—É claro, — Ellie respondeu com um quê de reverência.

Quem era essa mulher, e que tipo de casa era essa? Ruby tinha aprendido há muito tempo a não julgar uma pessoa por seu passado – e às vezes nem pelo seu presente.

—Por aqui.

Harold estava estranhamente quieto desde a chegada deles. Ela olhou para ele para se certificar de que ele ainda estava ali. —Bem, nossa noite não pode ficar mais distorcida do que já está, — ela sussurrou.

—Não seja tola, — a senhora Davenport disse. —As coisas podem ficar piores, mas eu agradeceria que você deixasse isso para depois que chegar em casa.

Com isso, ela saiu da sala, os quadris balançando em uma batida inaudível, deixando Ruby e Harold sem nenhuma escolha que não fosse segui-la. O resto do primeiro andar era mais do mesmo, cada quarto pelo qual passavam era de uma cor diferente, mas a mobília e a disposição eram idênticas. Finalmente chegaram ao salão, o único cômodo drasticamente diferente dos outros. Essa área lembrava mais um *pub* do que um salão. Quatro mesas de carteado estavam espalhadas pela sala, só faltavam os jogadores. Uma mesa longa estava apoiada em uma das paredes, preenchida com enormes decantadores cheios de bebidas de cores variadas. Uma mesinha com duas cadeiras eram os únicos assentos aceitáveis.

—Você tem uma bela casa, Sra. Davenport.

—Pode me chamar de Marce. Obrigada, todos os meus cavalheiros concordam. — Ela sorriu para os dois. —Por favor, sentem-se, e eu irei ver o quão ruim é o seu ferimento.

—Cavalheiros? — Harold perguntou.

—Meus clientes, — ela respondeu com confiança, prestando atenção em Harold pela primeira vez. Pelo sorriso dela, Ruby podia dizer que ela estava

gostando do que via. —Posso lhe servir um drinque, Lorde...

—Não sou lorde. Apenas o Sr. Jakeston. E eu gostaria muito de um pouco de xerez, se não for muito incômodo.

Com essa resposta, o sorriso de Marce esvaneceu e ela voltou a prestar atenção em Ruby. —Você encontrará tudo o que precisa na sala ao lado. Eu não mantenho o xerez aqui. — Ela apontou para a porta, trazendo uma vela para perto da bochecha machucada de Ruby. Ela virou o rosto de Ruby para lá e para cá.

A dor percorreu sua bochecha e seu pescoço.

—Se você acha que está doendo agora, espere até amanhã. — Ela fez um muxoxo. —Quem te bateu? Seu amante ali? — Ela inclinou a cabeça na direção em que Harold tinha partido.

Chocada, Ruby se afastou da mulher. —Ele não é meu— ela engoliu em seco antes de dizer a palavra, —amante!

—Irônico que tudo o que você ouviu no meu comentário foi que eu insinuei que ele fosse seu amante. — Ela riu, pegando o queixo dela mais uma vez. —Eu não julgaria se ele fosse. Ou se ele fosse o responsável pelo seu machucado. Eu vejo isso o tempo todo. Um dia você não aguentará mais.

—Harold não é meu amante, e ele nunca me machucaria. — Ela estremeceu de desconforto novamente enquanto Marce examinava a sua bochecha.

—O abuso raramente vem dos lugares esperados.

Ruby ficou aliviada quando Marce finalmente se afastou. Ela queria um banho quente, talvez um pouco de gelo para o ferimento.

—Para a sua sorte, nada está quebrado. Infelizmente, você estará com um hematoma horrível amanhã. — Ela se levantou e foi até o bar servir uma bebida – Ruby esperava que para si mesma, já que ela não perguntou se ela queria uma. —Recomendo gelo para reduzir o inchaço. O hematoma durará uma semana. Eu tenho um creme que irá cobri-lo com eficiência. Beba isso.

Ruby olhou para o líquido cristalino que ela lhe oferecia. —Não, obrigada, mas—

—Beba, rápido, você ficará feliz por ter bebido. A dor ficará bem forte daqui a pouco.

Ela girou o copo e o levou aos lábios, bebendo em um único gole. Ele queimou enquanto engolia.

—Irá aquecê-la também.

Ruby tossiu, tentando recuperar o fôlego. —Posso te perguntar uma coisa?

Marce olhou para ela com suspeita. —Fique à vontade.

—Como você conheceu Ellington?

—A mãe dela e eu éramos muito amigas. Você está pronta para encontrar o Sr. Jakeston? Estou certa de que você gostaria de descansar.

—Só mais uma pergunta? — ela pediu.

—Se você acha que deve.

—O que é esse lugar?

Marce riu. —O paraíso para alguns, o inferno para outros.

—Eu não entendi.

—Você não imaginou por que Ellington achou que deveria trazer você até mim?

—Eu não estava em posição para argumentar.

—É muito comum que os homens abusem das mulheres—

—Eu já lhe disse, não foi Harold quem me bateu.

Marce ergueu a mão, pedindo por silêncio. —Não me importo com quem tenha batido em você. Mas, infelizmente, eu vejo isso com muita frequência. Garotas vêm a mim por diversas razões. Seja por desventuras financeiras, um marido ou pai abusivo, ou apenas querendo encontrar um lugar onde se sintam acolhidas e sejam livres para ser elas mesmas.

Ruby ainda não fazia a mínima ideia de quem e o que Marce era.

—Aqui é um bordel e uma casa de apostas, — Marce finalmente disse com um suspiro, como se Ruby fosse obtusa demais para o seu gosto. —Eu atendo homens ricos e com título. Incidentes ocasionais ocorrem e eu tenho que cuidar das minhas meninas, mas os homens não podem mais voltar. Violência, de qualquer forma, não é permitida dentro dessas paredes. Eu protejo o que é meu, assim como tento proteger Ellington desde a morte da mãe dela.

Ruby não sabia o que dizer. As palavras da mulher eram inesperadas, para dizer o mínimo, mas faziam muito sentido agora que foram ditas.

Felizmente, Harold e Ellington voltaram antes que a conversa se aprofundasse mais que o necessário. Ruby sentiu que ela não cuidou apenas do seu ferimento esta noite, mas também ponderou tudo o que tinha aprendido sobre Ellington. E ela deveria tentar, tentar bastante, não se debruçar sobre o fato de que tinha passado a noite em um clube de cavalheiros e em um bordel.

—Você está pronta? — Harold perguntou. —Vi e Brock voltarão logo. Se nos apressarmos, podemos voltar sem sermos notados.

Ruby assentiu. —Obrigada, Marce. Não esquecerei a sua bondade.

—Você esquecerá logo, tenho certeza. — Ela colocou um pequeno frasco na mão de Ruby quando ela estava de saída. —Mas, não esqueça disso. Vai ajudar com o ferimento até que ele suma. Se precisar de mais, é só pedir Ellington para vir buscar.

Ruby sorriu e pegou o cotovelo de Harold. —Obrigada novamente. — Quando eles se viraram em direção à porta, Ellington ficou. —Você vem, Ellie? Podemos levá-la até em casa antes de seguirmos caminho.

—Nah, — ela murmurou. —Eu posso ir sozinha.

Ruby estava dividida entre ficar para se certificar de que Ellie voltaria em segurança, ou se agarrar a Harold e permitir que ele cuidasse dela. Quando Marce fez um gesto com a cabeça em direção à porta atrás de Ellie, Ruby soube que a garota ficaria bem.

Sorrindo, ela olhou para Harold, que a olhava com preocupação. — Vamos? Estou e-xausta e precisando de uma noite de repouso.

—Será um prazer.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

DEIXANDO O PERIGO iminente para trás, parecia que Harold não ia conseguir deixar Ruby em casa rápido o bastante. Um único pensamento dominava a sua mente: Encontrar Rodney e bater nele até arrancar sangue do maldito canalha. Como ele se atrevia a colocar Ruby em perigo dessa forma e então deixá-la por conta própria? Seu sangue fervia ao pensar nas consequências que isso causaria a ela só porque Rodney de alguma forma tinha se intrometido no assunto.

Suas botas ecoavam pelo corredor e os criados se enfiavam em outros quartos enquanto ele passava. Só podia imaginar a fúria que eles viam em seu rosto. Ele era um vulcão prestes a entrar em erupção, e ninguém iria querer estar em seu caminho quando isso acontecesse.

Havia apenas uma questão agora, onde encontraria o homem. Estava tarde, as mesas de jogos do White's encerraram já fazia uma hora. Grande parte da *ton* já estava indo para seus entretenimentos noturnos.

Mas a sorte de Harold estava melhorando, porque ele não precisava mais pensar nos métodos possíveis para encontrar o patife já que uma carruagem de aluguel encostou uma casa abaixo da de Brock e Rodney saltou, indo em direção a ele.

—Rodney, — Harold gritou. —Seu filho da puta!

Os passos de Rodney vacilaram e ele olhou para o tílburi, que já descia pela rua em busca da sua próxima corrida. Ele voltou a olhar para Harold, sabendo que suas chances de fuga eram mínimas.

—Que noite agradável, não? — Rodney perguntou enquanto se afastava. —Um pouco fria, mas confortável.

—Não tente ser condescendente comigo.

—Do que você está falando?

—Você sabe muito bem do que eu estou falando. — Harold avançou, pegando a frente do casaco do homem, fazendo-os ficar frente a frente. — Não tente me fazer de idiota.

Rodney se encolheu, as mãos sobre as de Harold como se tentasse fazer com que ele o soltasse. —O que você estava pensando? — Harold prosseguiu. —Ela poderia ter se ferido gravemente – ou pior, ter sido descoberta.

O canalha empurrou Harold. —Solte-me. Eu acabei de chegar na cidade, e eu não tenho ideia do que você está falando.

—O inferno que não sabe. — Muitas emoções invadiam Harold. O homem era um trapaceiro de marca maior, sempre mentindo e manipulando. —Nada mudou desde que éramos crianças.

—Temo que você esteja certo. Você ainda está correndo por aí com as roupas do meu primo, vivendo da sua riqueza e posição social.

Harold jogou o punho para trás, pronto para socá-lo. Rodney tinha evitado o primeiro golpe antes, mas não havia como escapar agora. Harold tinha anos de raiva guardada para liberar, e neste momento toda ela estava apontada para este homem. Quando criança, Rodney tinha lhe ridicularizado, humilhado e hostilizado sem misericórdia. Nada mudou quando se tornaram adultos. Em cada ocasião que se encontravam, o homem tentava denegrir Harold, frequentemente o embaraçando na frente dos outros.

Ele nunca tinha sido um lutador, mas Harold poderia esmagar o homem responsável pelo machucado no rosto de Ruby.

—Harold. — O grito frenético de uma mulher penetrou a sua fúria. — Harold, solte-o.

—Sim, Harold. Solte-o agora mesmo. — O aperto de Harold relaxou e Rodney riu. —Agora corra como um bom menino e se esconda.

Harold soltou o casaco de Rodney e o empurrou, não confiando que não iria atingir o rosto do homem com o seu punho – algo que sabia que deveria evitar fazer na frente de Lady Haversham.

—Vá, — ele gritou para Rodney. —E esteja avisado que isto ainda não acabou.

—O que está acontecendo aqui? — Brock perguntou. O casal estava fora da carruagem, já que tinham acabado de chegar dos seus compromissos noturnos. —De onde Rodney veio? Não sabia que ele estava na cidade.

Harold tirou um momento para se acalmar antes de responder. Inspirou e expirou várias vezes para acalmar o coração acelerado. Ele sabia que Rodney não era particularmente bem-vindo na casa de Haversham quando Brock e Lady Haversham estavam na residência – não desde que ele tentou chantagear a esposa de Brock antes que eles se casassem.

Recuperando a compostura, Harold procurou uma explicação para dar a Brock, que também acalmaria Lady Haversham. A verdade estava fora de questão, por que isso causaria problemas para ele e para Ruby.

Lady Haversham estava ao lado de Brock, parecendo aflita e com a mão pousada sobre o abdômen expandido.

Ele se sentiu responsável pela reação dela. Depois de uma longa noite ela deveria estar cansada.

—Lady Haversham, — ele disse. —Peço desculpas pelo meu comportamento pouco cavalheiresco.

—Se alguém está agindo de forma pouco cavalheiresca eu não tenho dúvidas de que tenha sido o meu novo *primo* por casamento. — Lady Haversham sorriu, mudando de comportamento. —Agradeço por tê-lo espantado.

—Você fez um favor para todos os envolvidos, — Brock se intrometeu. —Se você não o tivesse afugentado, eu mesmo teria. Vamos entrar. Eu estou precisando de uma bebida. — Brock pegou o braço de Lady Haversham e eles entraram na casa, com Harold logo atrás.

Harold olhou o vestíbulo, esperando pegar um vislumbre de Ruby enquanto temia que ela encontrasse com eles, com o ferimento a mostra para quem quisesse ver. Felizmente, ela não apareceu, então ele presumiu que ela estava segura lá em cima, dentro do quarto.

—Bem, cavalheiros, temo que esteja exausta e que meus pés estejam necessitados de um bom escalda-pés. — Lady Haversham beijou Brock na bochecha e deu um rápido abraço em Harold. —Se me derem licença.

Ambos fizeram uma mesura enquanto ela saía da sala.

Assim que entraram no escritório de Brock, com as bebidas na mão, seu amigo fez uma pergunta atrás da outra.

—Então, o que aconteceu?

—Rodney chegou ao mesmo tempo que eu e as coisas saíram do controle.

—Bobagem.

—Você duvida que só de ver o homem o meu sangue não ferve?

—Oh, eu não duvido disso, — Brock disse. —Mas eu também sei que você não é igual a mim. Precisa de mais que um olhar e algumas palavras para te tirar de prumo.

—Talvez eu tenha mudado.

—Muito difícil. Depois de todos esses anos de Rodney tentando fazê-lo ficar com raiva, agora foi a hora de você ter decidido revidar e colocá-lo no

lugar?

—Exatamente.

Brock sacudiu a cabeça. —Desculpa, meu amigo. Isso não parece verdade.

—Bem, é verdade.

—Tudo bem, você pode manter seus segredos, mas saiba que estou aqui por você – e Vi também está. Ela te ama como a um irmão. E além do mais, se eu sequer pensar que você está envolvido em algum tipo de problema, eu irei me intrometer e você não terá outra opção além de me contar o que está acontecendo.

—O quê? Você acha que é meu pai ou algo do tipo? — Harold perguntou, brincando.

Brock ficou sério e olhou para Harold. —Não compare o meu amor por você com as ações daquele homem manipulador e rancoroso – nunca mais. — Seu amigo se inclinou e bateu o copo no de Harold e tomou a bebida em um só gole.

—Aos melhores amigos e aos familiares ingratos, — Harold brindou e esvaziou o próprio copo.

—Outro? — Brock perguntou.

—Mas é claro, — Harold respondeu – porque era melhor ficar bêbado do que falar de coisas que ele não estava pronto para discutir, até mesmo com o seu melhor amigo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



—LADY ELLIE, POR favor. — Ruby entregou o seu novo cartão de visitas, com os cumprimentos de Vi, ao porteiro. —Ela está me esperando. — Ela colocou um sorriso no rosto, temendo que ele não alcançasse seus olhos quando sua bochecha ainda dolorida reclamou, embora soubesse que o creme foi aplicado com generosidade para esconder o hematoma.

Alguém uma vez lhe disse que uma pessoa poderia enganar a si mesma levando-se a sentir algo que não sentia. Então, hoje, com um sorriso no rosto, um belo vestido de dia e com seu novo cartão de visitas na mão, Ruby tinha saído da casa dos Haversham para levar Ellington ao seu segundo passeio. Mesmo que temesse as horas que tinha pela frente, tiraria o melhor da situação já que havia apenas mais um passeio pendente.

Então, ela e Harold não teriam mais com o que se preocupar. A ameaça de espalhar a fofoca entre a *ton* já seria coisa do passado e eles seguiriam em frente, sem os olhos da sociedade sobre eles.

Levou um momento para ela perceber que o porteiro tinha lhe deixado de pé nos degraus da porta da frente quando foi em busca de Ellie. Ela já tinha ido à casa duas vezes, uma na calada da noite e a outra para pegar Ellie para o seu primeiro passeio.

Entrando no vestíbulo, Ruby fechou a porta e encarou. A enormidade das casas da sociedade ainda a deixava sem fôlego. Era exorbitante o valor para manter uma propriedade como essa, algo que Ruby via como o auge do desperdício.

O teto, arrematado com um grande lustre, se erguia três andares acima de sua cabeça. Seu pescoço doeu depois de apenas uns segundos olhando para a maravilhosa moldura, pintada com um delicado tom de creme. Ela desceu o olhar pelas paredes até o piso de granito imaculado que se espalhava em todas as direções. Os criados necessários para o funcionamento dessa casa deveriam custar ao marquês uma pequena fortuna: mordomo, porteiro, criadas, cozinheira, valetes e ali estava uma das criadagens mais elegantes de toda Londres.

E Ellie tinha sido criada com tudo isso. Ao menos, era o que Ruby pensava. Isso explicaria muito sobre o seu egoísmo e a atitude altiva. Ellie estava acostumada a conseguir o que queria, mesmo que se o que quisesse fosse de encontro ao que era melhor para ela. Estava claro que ela teve poucos limites. Ela parecia bem educada, mas extremamente rebelde.

A garota ainda precisava compartilhar algumas informações sobre si. Ela só verbalizava uma única coisa: o marquês não era seu pai – e a mãe estava morta, de acordo com Marce. De quem ela era e como terminou com ele? Talvez ela fosse filha de amigos ou de algum parente. Quanto mais Ruby pensava sobre Ellie, mais ficava sem respostas. Ela falava como uma dama, mas batia carteiras como uma menina de rua, para não mencionar sua associação com Marce e a Craven House. Havia tantos detalhes sobre aquela menina que não faziam sentido.

O que não era muito diferente de tudo o que estava acontecendo com Ruby neste momento. As perguntas sobre o pai, a mãe, a traição e a verdadeira identidade dele continuavam a aumentar. Parte dela realmente gostava do tempo que passava com Ellie – sem contar os furtos – porque ela não tinha pensando em seus problemas naquela tarde. Ruby não tinha olhado cada homem que via na rua imaginando se era ele. Ela não ficou procurando por nomes de ruas, sabendo que o pai em potencial morava ali perto. Tinha sido um dos seus momentos mais despreocupados desde que chegou à cidade.

Enquanto pensava na sua atual situação, ela adentrou ainda mais na casa do marquês, admirando os retratos da família que estavam alinhados ao longo do corredor. A qualidade de cada pintura a deixou impressionada. O artista teve a inquietante habilidade de captar a indiferença e a aura de poder que emanava dos membros dos mais altos círculos sociais. Um exclusivo grupo de pessoas que Ruby nunca pensou que faria parte – e nunca desejou. Havia muitos alpinistas sociais orbitando ao redor da *ton*, sempre buscando estar associado com o lorde tal ou com a lady tal ou procurando se casar acima da sua própria posição.

Uma porta bateu, como se tivesse atingido uma parede quando se abriu, em algum lugar da casa. Vozes enraivecidas e abafadas preenchiam a casa que até então estava quieta.

Ruby voltou para o vestíbulo para ouvir melhor a comoção e – se estivesse sendo honesta – ficar mais próxima da saída caso fosse necessário.

—...sua insofrível, horrenda...

As palavras flutuaram pela escadaria principal, chegando ao vestíbulo, o resto da frase não foi compreensível.

—Eu posso ser insofrível, mas ao menos não sou uma criança mimada, altiva e egoísta, — um homem lançou. —Eu deveria ter te deixado na minha varanda para morrer de frio.

A voz alta de Ellie se seguiu. —Queria que você tivesse feito isso. Teria tirado nós dois da nossa miséria!

—Minha miséria começou muito antes de você, garotinha, e não teria terminado com a sua morte.

Ruby arfou com as palavras duras e cruéis que estavam sendo atiradas. A voz do homem só podia ser de Drake.

—A única coisa que eu gostaria mais do que vê-lo viver na miséria cada dia da sua vida é vê-lo morrer... sem o benefício de um herdeiro. — A risada desagradável de Ellie preencheu o vestíbulo e um arrepio correu pela espinha de Ruby. —Você morrerá sozinho, assim como você estava quando eu vim para cá.

—Não se esqueça de que com a minha morte também chegará ao fim o seu resplendoroso estilo de vida. — Foi a vez de Drake rir. —Não vai mais haver vestidos bonitos, criadas, dinheiro para miudezas, e me atrevo a dizer, tudo o que você tirou de mim sem mais que um agradecimento. É provável que você morra faminta nas ruas.

As palavras estavam mais claras agora, como se os dois estivessem brigando há poucos centímetros dela.

—Eu tenho querido ir embora, implorado para você me deixar ir, já faz anos.

—Oh, mas eu nunca permitiria isso.

—Não, em vez disso você pretende me manter trancada aqui – no seu pelourinho particular. Por quê? — A pergunta demonstrava toda a dor e sofrimento de uma vida vivida de acordo com a vontade de outra pessoa.

—Eu não te devo nada. Nem preciso justificar minhas ações para qualquer um.

O lustre tremeu acima de sua cabeça e Ruby se aproximou da porta para evitar se machucar caso ele caísse, mesmo que estivesse compelida a subir as escadas – e colocar um fim no abuso verbal que ocorria lá em cima. Nenhuma pessoa merecia ouvir comentários maldosos sobre elas, não importa se fossem um homem adulto ou uma criança.

Passos altos ecoaram.

—Para onde você está indo? Eu ainda não te dispensei!

—Eu tenho planos que não incluem ficar parada aqui enquanto você me insulta. — A dor já havia sumido das palavras de Ellie, a confiança tinha voltado.

—Eu ainda não acabei de falar com você.

—Bem, sinto muito. Sinta-se à vontade para gritar para a sala vazia. Ou talvez eu posso mandar um criado para ficar no meu lugar. — O comportamento presunçoso fora restaurado, Ruby queria cumprimentar Ellie por se proteger, por desprezar as regras da *ton*. —Você conseguirá o mesmo resultado.

—Você está indo passar mais tempo com a outra bastarda? — ele perguntou.

—Não fale dela desse jeito. — Ellington deve ter parado no corredor, atirando as palavras em Drake.

Ruby imaginava quem era a outra amiga de Ellie. Só podia esperar que a 'outra bastarda' fosse uma boa influência para a menina, mas o medo já tinha começado a se infiltrar dentro dela.

—Eu falarei dela do jeito que eu quiser. Ela é nada, nasceu de uma rameira, — as palavras dele também tinham perdido um pouco do ímpeto. — Assim como você.

—Você não a conhece. Ela é uma boa pessoa.

—Uma boa pessoa assim como você? — ele perguntou. —Você acha que eu não sei sobre as suas atividades menos que exemplares quando você não está aqui? Ela também procura a emoção de bater carteiras para conseguir mais dinheiro? Você a levou para conhecer aquela mulher Davenport?

—Pare!

—Talvez as duas procurem empregos como cortesãs. Eu me atrevo a dizer que os cavalheiros gostarão do seu temperamento impetuoso e do cabelo vermelho. Embora, ela seja um pouco velha para o gosto de grande parte dos homens. A maçã nunca cai longe da macieira. Por que você não a traz para me conhecer?

Um pouco velha? Uma bastarda? Os comentários flutuavam pela sua cabeça, dando-lhe uma dor de cabeça instantânea.

—Eu nunca a trarei até você. — A voz de Ellie se elevou novamente. — Você não a merece e eu não deixarei que você a machuque assim como faz comigo.

—Ah! Então você não foi sincera com ela? Eu não esperava nada menos de você.

—Eu já disse o bastante a ela.

—O que ela pensará quando descobrir a verdade sobre você? Todos os detalhes sórdidos do seu passado – sua linhagem menos que nobre? Você acha que ela vai querer algo contigo? A filha bastarda de uma prostituta é inútil e descartável.

—Assim como você descartou a minha mãe quando soube que ela estava grávida de você?

As similaridades da história se desenrolando lá em cima e a sua própria eram inegáveis – e profundamente apavorantes.

Ela possivelmente tinha encontrado o pai – e uma irmã no processo.

Ruby queria subir as escadas e interromper a briga, mas ao mesmo tempo se encontrou colada no lugar, temendo que se caso se intrometesse, conseguiria as respostas que buscava. Não importa o quão terrível fosse a verdade, ela queria ouvir tudo. Ela precisava ouvir cada palavra.

E então precisaria de tempo para processar tudo.

Não tinha sonhado que encontrar o pai causaria mais mágoa do que já tinha sofrido até ali. Não, tinha sido ingênua, seus pensamentos giravam em volta de um pai, de braços abertos, abraçando-a, dando a ela o amor que sentia tanta falta desde a morte de Sir St. Augustin.

Em vez disso, ela estava de frente com uma possibilidade pior do que poderia imaginar: O pai era um libertino que usava e descartava as mulheres a seu bel-prazer. E uma irmã chantagista, rebelde e indomável.

Ruby tinha uma fraqueza por Ellie, apesar das palavras feias e dos dedos escorregadios. O comportamento dela fazia muito mais sentido agora, ouvir o que Ellie provavelmente ouvia diariamente desde que tinha vindo viver com o marquês... Ela poderia culpar a menina por fazer o que precisava para sobreviver?

As vozes enraivecidas tinham parado lá em cima, possivelmente buscando mais palavras dolorosas – palavras piores. Algo para machucar o outro tanto quanto estavam sendo machucados. O que mais a dupla poderia fazer?

—Gostaria de ter me desfeito de vocês duas de uma forma mais permanente!

E com isso, os insultos alcançaram um novo patamar – e ela soube que tinha que pôr um fim a isto. Não havia mais nada que poderia conseguir se

continuassem atacando um ao outro.

Uma porta bateu lá em cima e gritos abafados foram ouvidos.

Ruby subiu as escadas tão rápido quanto o seu vestido permitia e se virou no primeiro corredor, colidindo com Ellington.

Elas se seguraram uma na outra, ambas tentando recuperar o equilíbrio – e se olharam.

O rosto de Ellington estava inchado e vermelho, os olhos brilhando com as lágrimas não derramadas.

—Ell—

Ellington endireitou os ombros, piscou rapidamente para se livrar das lágrimas. —Você chegou cedo, — ela disse entredentes. —Você nunca faz nada certo?

Ruby queria abraçar a menina, dar a ela o carinho que tanto lhe faltava... e que ela tanto precisava. —Eu estava esperando lá em baixo, mas ouvi gritos. — Não queria que Ellie pensasse que ela estava ouvindo escondida, mas também queria que ela soubesse que ela tinha ouvido cada palavra cruel e dolorosa.

—Não sei do que você está falando. — Ela tentou passar por Ruby. —E lhe faria muito bem parar de xeretar a casa das pessoas; é rude e altamente suspeito.

A menina realmente podia classificar tudo o que tinha acabado de acontecer e sair pela porta da frente como se nada fora do comum tivesse ocorrido? —Eu só subi para ajudá-la—

—Você acha que eu preciso de ajuda? Especialmente da sua ajuda, — Ellie a interrompeu. —Ninguém pode me ajudar. E se você for esperta, partirá antes que não possa mais ser salva.

Aquelas palavras soaram mais profundas que qualquer oceano.

Ruby não sabia o que poderia fazer para ajudar Ellington, além de implorar a Lorde Haversham que permitisse que ela se mudasse para a casa dele. Estava certa de que com o apoio de Vi, ele concordaria, mas isso significava contar tudo à amiga – todas as formas que a tinha enganado. Isso também causaria discórdia para Brock caso Drake tentasse lutar para tirar Ellington da casa dele.

Outro pensamento lhe ocorreu. Alex provavelmente perderia a sua posição nos estábulos, já que ele tinha conseguido a vaga por intermédio de Vi. Muitas pessoas seriam afetadas, mas a alternativa – deixar a sua irmã exposta a este abuso contínuo – não era uma opção.

—O que ele disse é verdade? — Ruby perguntou. —Nós somos irmãs?

—Isso importa?

—É claro que sim. — Como ela podia pensar que não importava? Esse tinha sido o objetivo de Ruby ao vir à Londres, a razão pela qual tinha enganado seus amigos e tinha evitado a mãe. Tinha relevado tudo o que considerava querido na esperança de encontrar seu verdadeiro pai – um lugar ao qual pertencer, alguém que a aceitasse, e então talvez ela pudesse aceitar a si mesma, sentir-se bem em sua própria pele.

—Você não pode ver a semelhança?

O cabelo de Ruby era escuro como o ébano enquanto o de Ellie era do mais brilhante vermelho, mas os olhos eram do mesmo tom de verde, embora os olhos da menina fossem encobertos e pesados pela vida dura em uma oposição direta ao que ela representava. As duas eram altas, com os corpos esguios. Enquanto a pele de Ellington era coberta de sardas, a de Ruby era pura perfeição, mas o tom era claro, e se queimava facilmente com o sol.

—Você acha que é melhor que eu?

—Não—

—Porque você foi criada por um barão enquanto eu fiquei aqui apenas com o primeiro nome – e um nome de menino ainda por cima – por toda a minha vida? — Ellie acusou. —Eu sou, como ele mesmo disse, inútil e descartável.

As palavras soaram ainda mais detestáveis vindas da boca de Ellie. — Você realmente acredita nisso?

—Essas foram as palavras que eu ouvi todos os dias da minha vida, como eu poderia não levá-las em consideração? — Ruby podia dizer que as palavras tinham ficando raízes no subconsciente da menina.

—As palavras de um homem amargo e sozinho não têm significado. — Ela olhou dentro dos olhos de Ellington, esperando que ela visse a verdade lá – que as palavras dela pudessem desenraizar toda a negatividade.

Ruby suspirou. —Apenas responda a minha pergunta. Ele é nosso pai? Nós somos irmãs? — Ruby não sabia por que precisava de confirmação se já sabia no fundo da sua alma que era verdade. Olhando para a menina na frente dela, algo lá no fundo reconheceu Ellie como sendo sua irmã. Sua alma a reconheceu e aceitou como ela mesma – seu próprio sangue.

—Não se iluda. Podemos estar relacionadas, mas nunca seremos irmãs, assim como ele nunca será o meu pai. Eu prefiro passar a vida sem um

sobrenome a que ser afiliada a aquele homem vil e maligno lá em cima. Ele pode me ter presa agora, mas ele não viverá para sempre.

Sua irmã – um relacionamento que nunca esperou ter com outro ser humano – obviamente estava planejando sua fuga por mais tempo que Ruby podia supor. —Se você é minha irmã, não há nada que possa me impedir de clamá-la como tal. Meu sangue. — Ela sentiu as palavras tão completamente que lágrimas surgiram em seus olhos.

—Eu não tenho o desejo de ser reclamada por você. De fato, não quero mais nada do que ter você fora da minha casa, e da minha vida.

O que ela dizia não podia ser verdade. Ruby entendia que o pai não queria nada com ela – ele deixou aquilo bem claro quando mandou a mãe embora. Mas Ellington, a menina que não tinha nada para chamar de seu, alguém esperaria que ela se agarrasse a qualquer um que a quisesse. —Você não quer dizer isso.

—Oh, mas eu quero. — Ellington riu. O som idêntico ao do pai. —Veja bem, eu posso parecer novidade agora, uma coisinha com o que brincar, mas eventualmente você voltará para a sua vida. Talvez uma casa no campo, ou para um cavalheiro de quem você goste. E eu serei esquecida, assim como minha mãe me esqueceu. Assim como meu pai deseja esquecer que eu existo todos os dias.

Era Ruby que deveria estar divagando, dominada por tudo o que tinha descoberto na última hora, mas era Ellie quem precisava de tempo para se adaptar. Ruby estava fora da sua zona de conforto, sua experiência com os feridos era limitada ao seu trabalho na Casa Foldger's para Crianças Abandonadas. Mas aquelas crianças estavam feridas fisicamente, as cicatrizes de Ellie não estavam à mostra. Seus ferimentos eram emocionais. Tão fáceis de esconder e de passarem desapercebidos.

Como não tinha visto a dor nos olhos da menina? Era tão aparente agora. —Arrume as suas coisas. Você virá comigo para Haversham House. — Ela falou impulsivamente. —Nós daremos um jeito. Você não pode ficar aqui.

—Eu não vou para lugar nenhum com você. — A voz de Ellie foi forte. —Além disso, você acha que ele me deixaria ir?

—Ele claramente não gosta que você fique na casa dele.

—Eu tenho tentado ir embora durante grande parte da minha vida. Infelizmente para mim – mesmo que seja auspicioso para ele – ninguém vê vantagem em perder o seu pelourinho. Mesmo que o nosso *pai*, assim como você o chama, não suporte me ver, ele também não suporta me deixar partir.

— Ellie parou, os olhos implorando para Ruby encontrar uma forma de ela fugir – um meio para escapar, mas as próximas palavras da menina lhe disseram que mesmo se tivesse a oportunidade de ir embora daquela casa, ela não iria. —Não se iluda ao pensar que você é a primeira a tentar um grande esquema para me ajudar – para me livrar das garras do 'maligno suserano.' Eu não preciso da sua ajuda, nem a quero. Você pode ir e considerar que a sua dívida já está paga.

Ruby sabia que sua boca estava aberta em choque, incapaz de encontrar palavras para convencer Ellington que ela não era como o pai ou a mãe de Ellington. Ela não ficaria cansada ou aborrecida com a presença da irmã.

Antes que pudesse dizer o que se passava em sua cabeça, Ellington disse, —Bom dia, por favor, saia. — Com aquilo, ela começou a descer as escadas, deixando Ruby olhando para ela.

Obrigando-se a se pôr em movimento, Ruby a seguiu, indo para onde o mordomo do marquês segurava a porta aberta, esperando pela partida dela. Envergonhada com a possibilidade do criado ter ouvido toda a conversa, Ruby foi em direção à porta como se não houvesse nenhum escândalo para o homem compartilhar com a criadagem. Ela estava certa de que dentro de alguns minutos, Alex – mesmo dentro da segurança dos estábulos – ouviria toda a história da sua visita à Ellie e saberia que ela era a filha ilegítima do Marquês de Drake, o maior canalha de Londres.

Ruby tinha concordado em levar a menina para passear no Hyde Park, e agora tinha ficado cara a cara com a possibilidade dos horríveis segredos da sua família estar nos ouvidos de toda a *ton* antes da hora do jantar.

Descendo dois degraus por vez, imaginou se agora era hora de avisar aos seus amigos.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



—VOCÊ TEM CERTEZA de que esta embarcação servirá? — Harold olhou o *clipper* que o seu irmão, William, tinha escolhido para a sua primeira viagem à França. A rápida viagem através do canal iria gerar um lucro rápido. Eles planejavam importar tudo o que estava com alta demanda naqueles tempos: chá, tecidos, brandy e especiarias. Se houvesse demanda para chapéus femininos, então eles lidariam com acessórios femininos.

—É o que parece. O dono anterior disse que fez mais de três dúzias de viagens pelo canal sem muitos problemas. — William estava ao lado dele enquanto eles olhavam seu ativo recém-adquirido. —O casco é sólido, sem sinais de vazamentos ou podridão.

O *clipper* já tinha visto dias melhores – como em cada dia antes do atual. Harold imaginava como o navio conseguia flutuar, mas tinham pouca escolha se queriam começar o empreendimento sem atrasos. Só esperava que a coisa não afundasse antes de voltar com as mercadorias. Se precisassem de um navio melhor, Harold não teria outra opção a não ser incluir outro investidor no projeto – e ele e William tinham concordado em manter as atividades, e os lucros, entre eles mesmos.

—Qual será nosso próximo passo? — William perguntou.

—Acredito que é hora de contratar a tripulação e enviá-los em nossa viagem inaugural. — Harold tentou reprimir a crescente empolgação. Em muito pouco tempo a sua vida – e a do irmão – poderia mudar pra sempre. — Você confirmou o nosso primeiro carregamento?

—Eu recebi a resposta hoje de manhã, — William disse. —Uma carga de tecidos e especiarias esperam a chegada do nosso *clipper* em Le Havre. Iremos carregar e seguir imediatamente para Dover.

Harold já estava cauteloso com o itinerário da primeira carga antes de eles adquirirem o navio, mas William tinha estado confiante de que tudo funcionaria a favor deles. —Você disse Le Havre? Este não é um porto perigoso?

—É por isso que agora é a hora certa.

—Como assim?

—Com a diminuição dos negócios de e para o porto devido a guerra, o tifo e os ventos fortes, o mercado está lá, e os outros estão se dando bem.

Seu irmão tinha feito a sua pesquisa, e Harold não iria culpá-lo pela iniciativa. É exatamente o que ele teria feito. —Verdade, irmão. Mas devemos nos lembrar que se isso não der certo – se o nosso navio afundar em uma tempestade ou se nossos tripulantes pegarem tifo – nossa subsistência estará em jogo. Ficaremos sem nada.

—Eu pensei a mesma coisa, e decidi que para garantir que tudo vá bem, eu me juntarei à tripulação nesta primeira viagem.

Com a conversa fluindo facilmente, eles embarcaram. Sem dizer uma palavra, eles caminharam pelo barco, verificando as emendas e procurando por podridão. Qualquer coisa que pudesse causar a perda tanto de vidas humanas quanto da preciosa carga enquanto estivessem no mar.

O risco que William estava disposto a correr, mais que dinheiro ou reputação – a própria vida – garantiu a ele ainda mais respeito. —Você tem experiência em navios?

—Eu vivi perto do porto quase toda a minha vida adulta. Eu vi velas levantarem e baixarem quase tantas vezes quanto vi o sol nascer. — William deu um tapinha nas costas de Harold, tentando lhe dar segurança. —Quão difícil pode ser?

Harold tinha ouvido muitas histórias de homens sofrendo com o implacável enjoo marítimo enquanto empreendiam longas viagens – até mesmo uma onde um marinheiro tinha saltado ao mar para fugir da doença. Mas, William era um homem crescido e capaz de fazer as próprias escolhas. Não era responsabilidade de Harold convencer o irmão de que a decisão era imprudente. Ambos tinham muito em jogo com esse empreendimento.

—Acredito que você esteja certo, — Harold resolveu dizer.

Depois de terem feito uma inspeção completa, eles saíram do barco. Harold estava satisfeito que ele parecia sólido, ao menos até onde sabia.

Ambos ficaram lá, lado a lado, olhando o seu novo veleiro por vários minutos. Harold não estava pronto para pôr fim à reunião, ele não passava muito tempo com a família por livre e espontânea vontade.

—Você escreveu para o pai? — Harold perguntou.

—Para quê? — William pareceu afrontado com a mera sugestão. —Eu escapei dele há anos e não planejo voltar.

—E quanto à mãe? — Esse era o único arrependimento de Harold. Ele e os irmãos fugiam do pai como da peste, mas sabia que era a mãe que sofria. Sem ninguém por perto para absorver o bruto do desprezo e da raiva do Vigário Jakeston, ela ficava sozinha para lidar com tudo.

William deu de ombros. —Foi ela que casou com ele, não eu.

Harold queria chorar pela família que provavelmente nunca teria... e pela negligente que teve. Sem ter ideia de como transpor a ponte que eles tinham construído entre si, sabia que ir para casa não resolveria seus maiores problemas.

—Ela ama você, do jeito dela, — Harold precisava tentar. —Mesmo que o pai nuble essa afeição.

—Concordo, irmão, — William disse. —Quando eu voltar, irei visitá-la. Tenho certeza que ela ficará maravilhada em ganhar tecidos exóticos para fazer alguns vestidos novos... e o pai vai zombar de tanta extravagância. Acredito que será um regresso em grande estilo.

Só William para planejar uma viagem que deixaria o pai irado. Harold talvez devesse ir junto, para ver a reação do pai ao seu novo empreendimento e seus espólios.

William voltou para o veleiro e ele balançou sob seus pés, com um leve movimento de vai e vem. —As coisas estão indo bem, Harold. Nós somos homens muito melhores do que nosso pai pensou que seríamos, mas tenho trabalho a fazer.

—Eu gostaria de ajudar.

—E sujar as suas roupas bonitas? Eu acho que não. — William riu. — Essa coisa parece que não foi limpa desde que o último prego foi posto no lugar.

Harold olhou o irmão enquanto tirava o colete e arregaçava as mangas. — Você acha que eu não sou capaz de fazer trabalho braçal?

—Oh, o pequeno Harry ficou todo nervosinho, — William provocou de brincadeira. —Você pode dar uma mãozinha, é só que eu não quero afastá-lo das coisas importantes que você tem que lidar na cidade.

Sentiu que o irmão estava testando-o – e Harold passaria. Saltando para dentro do veleiro ele perguntou, —Bem, senhor, por onde acha que devemos começar?

CAPÍTULO VINTE E SEIS



RUBY BATEU A porta, esmagada por tudo o que havia para pensar, e ansiando não pensar em nada. As lágrimas que tinha derramado quando saiu correndo da casa do marquês com certeza tinham retirado o creme da sua bochecha machucada. O caminho até a casa de Lorde Haversham passou em um borrão, graças aos seus soluços incessantes. Para chamar tão pouco atenção quanto fosse possível, Ruby tinha baixado a cabeça, evitando fazer contato visual com alguém. Esbarrou em estranhos alguma vezes – mas pedindo desculpas baixinho, tinha seguido em frente, querendo chegar ao seu quarto e a um lugar onde se esconder.

Queria poder esquecer tudo o que tinha ouvido, apagar essas coisas da memória e voltar para quando a vida era descomplicada.

Antes que soubesse da traição da mãe.

Antes de mentir para a melhor amiga.

Antes de ser chantageada.

Antes de saber que tinha uma irmã – uma batedora de carteiras.

E certamente, antes de saber que o pai era um canalha de marca maior. Um homem tão desprezível que não gostava de ninguém, a exemplo das suas palavras cruéis, nem mesmo do seu próprio sangue.

Ela sentou em frente à penteadeira e olhou para o rosto refletido no espelho. Irreconhecível, o rosto que a olhava de volta estava derrotado, desprovido de toda força. Furtado da única coisa que segurou com toda a força esses anos – a habilidade de seguir em frente, não importa a situação.

Mas tudo o que queria agora era fugir de tudo e de todas, desaparecer e voltar para o anonimato em que viveu até aquele momento. Se não estivesse em Londres, rodeada por pessoas que só queriam perpetuar falsas ideias sobre si mesmas, então poderia se concentrar no que realmente importava.

Neste momento, ela não tinha a mínima ideia do que seria isso. Não sabia mais quem era, o que estava fazendo e o que o seu futuro reservava.

O que tinha pensando que conseguiria vindo à Londres? Não era capaz de cumprir a tarde que tinha imposto para si mesma, nem tinha se preparado

para isso.

Ela fez uma tremenda bagunça.

Só esperava que não fosse tarde demais para consertar o desastre que tinha se tornado a sua vida. Molhando o lenço na água que havia sobre a mesa, ela limpou o creme que escondia o hematoma. Tinha ficado preto quase que imediatamente, variando para tons de roxo, mas agora já havia alguns tons de verde em sua pele, sinalizando que a cura já tinha começado.

Assim como o hematoma sumiria, o mesmo aconteceria com seus problemas, se tivesse tempo.

Ruby sabia que tinha mudado. Voltar a ser uma ratinha do campo ou se oferecer como acompanhante paga para outra dama não era mais uma opção.

A porta atrás dela se abriu de supetão, batendo na parede com tanta força que o espelho na frente de Ruby chegou a tremer, ameaçando cair do suporte.

—Ruby, você nunca adivinhará... — as palavras de Vi pararam quando seus olhos se encontraram no espelho. A animação da amiga tinha desaparecido. —O que aconteceu com o seu rosto?

Nenhuma delas se moveu, ou disse uma palavra. Vi ficou congelada, com um vestido de noite dobrado sobre o braço enquanto Ruby continuava a olhar para amiga através do espelho, a mão embalando a bochecha machucada como se tentasse esconder a evidência.

—Eu perguntei o que aconteceu com você?

Ruby não sabia o que dizer – o que precisaria dizer para assegurar a Vi que estava tudo bem, que não havia nada a temer, e sair do seu quarto sem contar nada a ninguém, especialmente a Lorde Haversham.

—Você acha que eu não notei você se esgueirando por aí? — Vi perguntou, quebrando o contato visual. O alívio inundou Ruby enquanto Vi ia até a cama e colocava o vestido lá em cima. —Eu te dei espaço – tempo para resolver o que te aborrecia, o que estava te deixando chateada. Eu fui paciente, esperando que você viesse a mim e dissesse—

—Não é assim, Vi.

—Então me diga como é. Por que você está tão distante, por que você veio à Londres, por que você sai da casa pelos estábulos apenas para voltar horas depois em uma carruagem de aluguel. Por favor, diga. — Vi jogou os braços para o alto. —De toda forma, conte o que fez você mentir para mim. Para me usar para o que quer que seja que você esteja procurando aqui na cidade.

Vi estava louca da vida, com muita raiva, e Ruby sabia que era culpa sua.

—Eu não confiei em você nesses oito anos? Compartilhei meus segredos mais profundos – bons e ruins – com você, minha mais querida amiga? Tudo o que é meu, é seu.

Ruby abaixou a cabeça envergonhada. —Você merece mais que a amiga horrível que eu tenho sido. Eu vou arrumar as minhas coisas e voltar para o campo.

—Você prefere partir assim a confiar em mim? Isso é mais doloroso que qualquer outra coisa.

—Não posso sobrecarregá-la com os meus problemas. Esperava ser forte o bastante para resolver tudo sozinha sem envolver Brock e você nisso. Assim que você souber quem eu sou, quem eu realmente sou, você pode não querer mais ser minha amiga.

—E quanto ao que *eu* quero?

Ruby não sabia como responder.

—Eu quero ser o tipo de amiga com quem você poderá sempre contar, — Vi disse. —É só você permitir.

Ruby virou-se, forçando-se a olhar para a miga. Ela baixou a cabeça. — As coisas não podiam ser mais desastrosas.

—O que é tão desastroso?

—Minha vida. — As palavras eram simples, mas abrangiam tudo.

—Que tal começar pelo princípio? — Vi sugeriu.

—Eu não sei nem por onde começar.

—Bem, você estava muito bem no meu casamento, e parecia estar feliz por voltar para casa, e por estar perto de mim e de Brock em Haversham House.

—Eu estava, — Ruby concordou.

—E você foi muito firme ao dizer que não queria vir à Londres comigo.

—Isso é verdade.

—Mas então você chegou um dia antes de eu partir, pedindo para me acompanhar. — Vi olhou para ela, adivinhando quando tudo começou. —O que aconteceu?

Ruby suspirou. —Não foi o que aconteceu, mas o que eu descobri.

—Prossiga...

Ruby secou uma lágrima que escorria pela bochecha ferida. —Eu não queria sobrecarregá-la com tudo isso e causar uma tensão excessiva.

—Eu estou grávida, não sofrendo de alguma doença grave no coração, — Vi a reconfortou. —Não sou uma inválida, e me encontro cansada de ter você

e Brock me sufocando. Por favor, me conte.

—Eu estava procurando o baú onde estavam os belos vestidos que o seu pai tinha comprado para mim na última temporada. Eu estava no sótão, coberta de poeira e espirrando, quando encontrei um livro.

E então, ela contou – disse a Vi sobre o diário da mãe e dos malditos registros sobre o caso da mãe.

Sua amiga ouviu sem interromper até que Ruby contou os detalhes sórdidos sobre o seu nascimento. —Então, você veio à Londres para confrontar a sua mãe? — Vi perguntou.

Ruby balançou a cabeça. —Não, eu vim encontrar meu pai – para saber quem eu sou.

—Mas você sabe quem é o seu pai: ele é o homem que te criou, que te amou. Nada pode tirá-lo de você nem mudar o fato de que você era dele.

—Queria que fosse assim tão simples. — Ruby suspirou, ansiando pelo que Vi sempre soube de si mesma. —Você sabe quem você é e de onde vem a sua família. Eu não sei – ou não sabia até recentemente – se eu tinha outra família, talvez irmãos... Um pai que iria gostar de mim.

—Mas agora você sabe?

Ela riu, sem saber o que mais podia fazer. —Eu sei. — Tantas emoções passaram por ela, assim como tinha sido no seu regresso à casa. —Meu pai está vivo e eu tenho pelo menos uma irmã, que eu saiba.

—Isso é maravilhoso! Qual é o nome dele? Ele ficou feliz em vê-la?

—Eu não o encontrei ou falei com ele, embora ele saiba quem eu sou. — E ele não tinha ido procurá-la. Ela conheceu ao menos um pouco da dor e da rejeição que a mãe sofreu logo que soube que estava grávida. —Mas eu conheci a minha irmã.

—Oh! — Vi exclamou. —Conte-me sobre ela! Ela é mais nova, mais velha e tão linda quanto você?

—Ela é muito mais nova, e também gosta de bater carteiras e de fazer chantagem. — Era demais para acreditar. Se não tivesse visto com os próprios olhos – e ter sido o alvo dos esquemas da irmã – ela mesma não acreditaria. —Mas ela é muito inteligente e desembaraçada, pela falta de um termo melhor.

—Oh, céus!

—Exatamente o que eu pensei. O nome dela é Ellington.

—E o seu rosto? — Vi perguntou. —Você deixou alguém com raiva?

A conversa, e a chance de ser honesta com Vi, a tinha distraído da bochecha. —Isso foi um acidente causado pelo meu descuido e ingenuidade.

—Bater em uma mulher nunca é um acidente.

—Oh, mas isso foi um acidente, sem sombra de dúvida – e foi culpa minha. Veja bem, eu estava no White's—

—Você está aonde?

—Deixe-me explicar. — Ruby se virou no banco, segurando a mão de Vi. —Depois do jantar da outra noite, pensei que se eu desse uma olhada no livro de apostas do White's, eu seria capaz de encontrar o meu pai. Talvez localizar uma aposta sobre um homem que estava relacionado com a minha mãe naquela época.

Ao ver o horror no olhar de Vi, Ruby prosseguiu. —Eu sei que soa muito ridículo agora, mas os meus outros planos não estavam dando certo, eu realmente acreditei que eu entraria no clube, procuraria o livro, e encontraria a informação sem que ninguém soubesse.

—E como você conseguiu entrar no White's? — Vi perguntou gaguejando.

Ruby não queria envolver Alex em seu plano. —Eu peguei um uniforme emprestado e entrei pela porta dos fundos.

—O ferimento? Como o conseguiu?

—Eu fui descoberta, mas eles não sabiam quem eu era, — Ruby confessou. —Bem, exceto Rodney.

—Rodney? — Vi fumegou. —Aquele patife insuportável...

—Oh, o homem que me acertou estava tão surpreso quanto eu por vê-lo.

—Mais alguém bateu em você? Por favor, diga que é tudo mentira e que você só tropeçou e bateu com a cara na porta ou qualquer outro disparate do tipo.

—Bem que eu queria, mas eu levei um soco no meio da cara de um punho que era para ter atingido o amado primo de Lorde Haversham.

—Eu não sei o que dizer.

Vi olhou para ela por algum tempo, Ruby quase riu dos olhos arregalados da amiga e do absurdo da história, agora que ela tinha revelado alguns dos detalhes sórdidos.

—Está tudo bem, porque eu ainda tenho muito.

As palavras saíram dela como se quisessem aliviar a sua alma.

Ruby falou sobre o seu malfadado plano para encontrar o pai, a lista de homens potenciais e as casas que tinha revistado. Era mais difícil

compartilhar suas falhas com Vi do que tinha pensado, e com aquelas falhas vinha o envolvimento de Harold e de Ellie em suas escapadas.

—Você foi flagrada em uma situação comprometedora com Harold? — Vi riu. —É impossível visualizar o Sr. Jakeston em tal posição.

—Mas é fácil ver a mim? — Ruby perguntou, magoada.

—É claro que não, eu só quis dizer—

—Não importa. Acredito que a situação não era tão comprometedora quanto Lady Ellington queria que as pessoas acreditassem. — Não podia dizer a Vi que se Ellie não tivesse chegado a tempo, que ela o teria beijado, talvez corrido os dedos pelos cabelos dele, e com certeza teria olhado dentro daqueles olhos pelo resto da noite. Ou que desde então sonhava acordada com uma vida com ele, com seus filhos e uma casa. —Eu tropecei e Harold me amparou.

—Engraçado que Brock não tenha mencionado nada disso, — Vi pensou. —Talvez Harold tenha ficado de boca fechada, assim como você.

—Eu tenho certeza que ele tem coisas muito mais importantes com o que ocupar seu tempo e sua mente.

—Você acha?

—Por que você disse isso?

—É só que Harold tem estado muito ocupado ultimamente, — Vi disse. —Ele mal comparece às refeições ou se junta a nós à noite.

Ruby não queria dizer que era porque ele passava quase todo o tempo salvando-a dela mesma e tentando prever seu próximo descuido. —Isso é estranho.

—Mas explica a reação severa que Harold teve ao ver Rodney noite passada.

—Noite passada? — Ruby perguntou.

—Sim, chegamos em casa e encontramos Harold quase enforcando Rodney do lado de fora.

Isso explicava a partida apressada de Harold depois de ter certeza de que ela estava segura em casa, depois que deixaram Ellie na Craven House. Ruby estava tão exausta e com tanta dor que ela foi para o quarto assim que chegaram em casa.

—Harold é um bom homem, — Ruby disse. —Ele salvou a minha reputação em mais de uma ocasião.

—Por que você não perguntou à sua mãe? — A mudança de assunto pegou Ruby de guarda baixa – o que provavelmente era o que Vi queria.

Ruby tinha compartilhado tanto de sua vida com Vi, mas não sabia se estava pronta para contar à sua amiga sobre essa luta em particular. Que menina dizia a outra que a mãe tinha cortado qualquer contato que tinha com a própria filha? Especialmente Vi – como ela entenderia, já que ela mesma não tinha mãe, e foi criada pelo pai mais amoroso e atencioso? Qualquer mãe, não importa a sua natureza, seria melhor que nenhuma. Que direito Ruby tinha de reclamar? As palavras soariam como se estivessem sendo ditas por uma criança mesquinha e mimada.

Então ela decidiu dar a única explicação que faria sentido, e na verdade, a única coisa que importava para ela. —Eu não queria correr o risco de haver fofoca e de arruinar a memória do meu pai – não o que dispensou a minha mãe, mas o homem que me criou. Não poderia viver comigo mesma se os amigos dele e outros membros da sociedade descobrissem que a esposa o tinha corneado. Além disso, ela mentiu para mim a vida inteira. Por que ela começaria a falar a verdade agora?

Envergonhada, ela se virou para a mesa. Sabia que a escolha não tinha sido da mãe, mas da vergonha causada pelo seu nascimento.

—Quem é o seu pai?

—Eu não posso... não agora.

—Você acha que a verei de outra forma só por causa do que você sabe? Por circunstâncias que estão além do seu controle? — Vi colocou a mão no ombro dela. —Eu sou a última pessoa que deveria lançar pedras.

Assim que falasse, nunca mais poderia voltar atrás – e as consequências seriam todas dela. Se Vi soubesse sobre a sua linhagem duvidosa, ela com certeza insistiria em ajudar Ruby.

Ela poderia ser Ruby St. Augustin, a filha de um barão, mas não a alternativa: Ruby, a filha ilegítima de um canalha de marca maior, indesejada por todos.

—Eu não irei insistir, Ruby. Você é minha amiga e eu confio no seu julgamento. Quando chegar a hora, você me dirá, — Vi disse. —E até lá, eu continuarei aqui por você. Não importa o que seja. Eu espero que você peça a minha ajuda.

—E se quando eu disser, você não gostar do que ouvir? E então? Eu não posso suportar a ideia de complicar a sua vida.

—Então eu continuarei sendo sua amiga. Vamos pensar juntas em alguma coisa e se você quiser voltar para Haversham House, será uma escolha sua.

Ruby queria chorar. Soluçar por causa do amor incondicional que sua amiga oferecia, um que a sua própria mãe era incapaz de lhe dar. —Obrigada. — Foi tudo o que ela pôde dizer, embora soubesse que Vi merecia muito mais.

—Fico feliz por Harold ter sido de grande ajuda para você.

—Sim, embora eu não tenha pedido nem encorajado o seu envolvimento.

—Você gosta dele, não gosta?

A pergunta pegou Ruby de surpresa. Não tinha se permitido reconhecer seu desejo por ele. Não havia nenhuma chance de algo mais que um fugaz encontro entre os dois. Ele provavelmente encontraria uma esposa e voltaria para o vicariato, enquanto ela algum dia voltaria para a propriedade da família no campo e passaria o resto dos seus dias ajudando Vi a cuidar das crianças da Casa Foldger's para Crianças Abandonadas ou cuidando da propriedade da família.

Vi sentou perto de Ruby no banco da penteadeira e olhou para o espelho – e direto para os desejos mais profundos de Ruby, antes de falar. —Para viver um grande amor, alguém também precisa encontrar grande dor.

—Não sei como isso pode me ajudar, — Ruby olhou para baixo quando Vi pegou a sua mão.

—Eu acho que você sabe, — Vi sorriu, embora estivesse triste. —A vida é um pêndulo. Assim como vai para um lado, certamente vai para o outro, sem muito esforço. Neste momento você está triste, desesperada, se sentindo sozinha, com medo... e provavelmente centenas de outras emoções com as quais não sabe lidar. Mas não tema, o outro lado do pêndulo atual lhe trará alegria, esperança, pertencimento e coragem.

Ruby sentiu as lágrimas voltarem a cair por seu rosto manchado pela maquiagem e forçou um sorriso. —Espero que você esteja certa.

—A essa altura, já era para você ter aprendido que eu estou sempre certa.

CAPÍTULO VINTE E SETE



HAROLD CAMINHOU PELO salão lotado. Muitos dos que estavam ali passeavam como se não tivessem uma inquietação, Harold sentia o peso do mundo em suas costas. O irmão tinha mandado avisar que já conseguira a tripulação e eles estavam prontos para levantar vela. Ele tinha recebido uma conta detalhando toda a comida e mantimentos necessários para a viagem inaugural.

Tentou se misturar e tirar a mente do trabalho que podia estar fazendo nas docas. Nenhuma conversa o envolvia por mais de um minuto ou dois. Girou com uma debutante pela pista de dança e pegou bebidas para duas matronas que estavam tão envolvidas em uma conversa sobre a deterioração das calçadas do Hyde Park que não repararam na sua retirada apenas uns minutos depois.

Era assustadora a quantidade de membros da *ton* que ele tinha conhecido em seu breve tempo na cidade. Era certo de que não os conhecia bem, mas eles também não o conheciam. Aproveitar o tempo era uma coisa, criar uma vida que ele eventualmente teria que abandonar era outra. Pensar que um visconde ou um conde iriam fazer uma visita ao vicariato era no mínimo cômico. Sabia que haveria chances de encontrar conhecidos quando eles fossem à Haversham House, mas além disso, não tinha expectativas de manter contato.

Harold parou perto de uma planta nas margens da pista de dança e observou os vestidos multicoloridos e os chapéus se misturando e girando. O movimento agitava o ar estagnado e simulava uma brisa. A música que o quarteto de cordas tocava na plataforma próxima à entrada do jardim mal podia ser ouvida sobre a conversa e os risos dos homens na sala de cartas.

Um grupo de homens distintos falava aos sussurros à sua esquerda. Ele observou enquanto um grupo de mulheres bem vestidas empurrava suas crias, todas vestidas em variados tons de pastel, em direção aos cavalheiros. Os camaradas ainda não tinham reparado no grupo indo em sua direção. As

meninas pareciam aflitas, com os olhos arregalados. As mães poderiam ser descritas como nada além de determinadas.

Esse jogo de gato e rato entre a elite da *ton* era algo de que Harold não gostaria de fazer parte. Nem como caça, nem como caçador.

Soube o exato momento em que os homens perceberam que uma armadilha tinha sido lançada porque eles se espalharam como ratos, indo em várias direções, deixando apenas um cavalheiro que tinha sido lento demais para conseguir escapar.

Voltando a olhar para a pista de dança, ele admirou Brock girando com Lady Haversham, parecendo se mover com facilidade entre os outros casais, mesmo com a barriga dela. Eles estavam enfeitiçados um pelo outro. Era muito raro os dois deixarem os braços um do outro enquanto estavam em público. Muitos discordariam da decisão de Lady Haversham de vir para a cidade e participar da temporada em suas condições, mas toda Londres parecia gostar do casal, apesar do escândalo que causaram no ano passado. Alguns suspeitariam dos detalhes sórdidos do primeiro encontro deles, olhando-os agora.

Lorde e Lady Haversham continuaram o seu passeio pela pista de dança e saíram do campo de visão de Harold. Olhou para o salão lotado buscando alguma distração para passar o tempo até que seus anfitriões estivessem prontos para ir para casa. Era raro que eles partissem antes de a última música ser tocada.

Uma mulher, vestida na mais pura seda cor de marfim, entrou na sala vindo da varanda nos braços de uma figura arrojada que Harold não reconheceu. O brilho dos muitos candelabros da sala refletia em uma única pérola que pendia do pescoço esguio. O cabelo negro estava preso no alto da cabeça, combinando com as pérolas penduradas em sua orelha.

Ela riu, e ele podia jurar ter ouvido o som musical acima do barulho da banda e das muitas conversas que preenchiam a sala. Tinha ouvido o som apenas algumas vezes, mas ele tinha sido marcado em sua memória. Algo que o homem disse a fez corar enquanto ele a conduzia em direção à fila em frente à mesa de refrescos.

Era Harold quem deveria estar fazendo-a rir – fazendo-a corar. Em vez disso, ele só incitava fúria e palavras duras. Se ela ao menos lhe desse uma chance...

Mas não, precisava ficar focado em seu empreendimento. Se ela pedisse ajuda, ele faria tudo o que estivesse em seu alcance por ela. Verdade, até que

ela estivesse pronta para confiar a ele o segredo que já sabia, ele só a vigiaria para assegurar que ela não se machucaria e nem colocaria em risco as reputações de Lorde e Lady Haversham.

Ruby e sua escolta pegaram as bebidas com um criado. Harold os observou andar pelas laterais do salão, assim como ele tinha feito. O cavalheiro assentia e trocava cumprimentos com as pessoas enquanto passavam, mas nunca ficava mais tempo que o necessário. Ruby raramente fazia contato visual com as pessoas com quem eles paravam para conversar, só fazia uma mesura e concordava com a cabeça quando era necessário.

De repente, a sala pareceu cheia demais e insuportavelmente quente. Ele precisava de ar fresco, mas não podia tirar os olhos do casal.

Assustado, Harold percebeu que estava com ciúme do homem, com inveja por ele estar ao lado de Ruby.

Ele que deveria estar escoltando Ruby pela sala – e ela deveria estar com a cabeça erguida, não direcionando o olhar para os pés da nobreza inglesa. Ela merecia ser o centro das atenções. Suas tiradas inteligentes iriam maravilhar a sala toda. Em vez disso, este homem a arrastava por aí como se ela fosse um cachorrinho, era boa apenas para ser vista, não para ser ouvida. Ela era mais que uma joia bonita a ser admirada.

Finalmente, ela se desculpou e Harold a observou abrir caminho até a abertura que havia entre o vestíbulo e o salão de baile. Ruby olhou por sobre o ombro. Quando viu que Lady Haversham ainda estava na pista de dança, ela atravessou a porta e sumiu de vista.

A mulher não ficava cansada de se colocar em risco?

Antes que soubesse o que estava fazendo, ele atravessou o salão, indo em direção à porta pela qual ela tinha acabado de sair. Passou pelo homem que estava com ela há apenas uns momentos antes de esbarrar nele em seu caminho para fora, sem falar mais que um breve ‘perdão.’ Harold ficou satisfeito quando ele se desequilibrou.

Se não se apressasse, Ruby iria sair da casa e ele não saberia para que lado ela foi – isso se ela realmente planejasse sair da casa. O baile em que estavam tinha sido dado por um barão e uma baronesa ricos e recém-empossados. A lista de homens de Ruby tendia a ser de homens maduros com uma longa linhagem.

Enquanto ele se aproximava da porta, cortou caminho pela pista de dança, e passou entre dois casais que se moviam lentamente. Ganhou poucos olhares

de desgosto, mas felizmente a *ton* voltou a observar participantes mais dignos de nota.

Por fim, saiu do salão e se encontrou na entrada praticamente vazia. Passou os olhos pelo cômodo cavernoso e foi então que a viu, não muito longe da porta da frente. Ela conversava aos sussurros com Alex, a mão pressionada na boca, os olhos arregalados com o choque e a pele totalmente pálida.

CAPÍTULO VINTE E OITO



RUBY ATRAVESSOU A porta correndo, não parou para bater e nem se importou se alguém visse problema nisso

O vestíbulo estava vazio.

O fôlego pesado fazia com que fosse impossível ouvir se havia alguém ali. Sem pensar, subiu a escadaria principal e chegou ao segundo andar, como se um imã a puxasse naquela direção. Um criado andava lentamente em sua direção quando ela chegou ao andar superior. A cabeça da jovem se ergueu com o som da respiração difícil de Ruby.

—Onde ele está? — ela gritou. As palavras ecoaram pelo corredor vazio, sacudindo as paredes.

Com os olhos arregalados a menina apontou para o fim do corredor.

Ruby segurou as pregas do vestido perolado e correu na direção que a criada apontou. Tudo o que podia pensar era que tinha chegado tarde demais. Não conseguiria chegar a tempo. Tinha perdido a oportunidade de conhecer o pai. A chance de saber mais sobre ele e sobre si mesma, tinha sido tirada dela para sempre.

E tudo por uma menina que ela tinha começado a amar... sua própria irmã.

As emoções a invadiam: amor, culpa, ódio, traição, descrença, ciúme, confusão – os sentimentos batiam nela, ameaçando nocauteá-la.

Ela passou por várias portas fechadas, sem tentar abrir uma sequer. Sabia que o pai não estava atrás de uma delas. Em vez disso prosseguiu até chegar nas enormes portas duplas no final do corredor, uma delas estava aberta. Um pouco de luz escapava de lá, indicando que havia apenas umas poucas velas acesas.

Será que ele estava sozinho em seus últimos momentos? Sem ninguém para confortá-lo na hora de necessidade...?

Ou iria encontrar um médico, amigos próximos e criados reunidos para dizer adeus?

Rezava para que não fosse tarde demais.

Quando Alex a encontrou dando uma volta pela pista de dança no baile de Lorde Somerset, ela se sentiu instantaneamente culpada. Enquanto ela estava desfilhando por aí com um vestido elegante, o pai tinha estado doente, possivelmente lutando para ficar consciente através da enorme quantidade de dor.

Ela riu... enquanto ele se consumia.

Ela dançou... enquanto ele se contorcia de dor.

Ela sonhou com uma vida melhor, e ele provavelmente estava sozinho, temendo pela própria vida.

Agora, ela estava ali parada, quase sem vida, na frente das enormes portas do quarto do pai. Assustada demais para seguir em frente, sabendo que o que havia atrás daquelas portas mudaria sua vida para sempre – emocional e fisicamente. Não havia chance de ela voltar para a vida tranquila do campo, sabia disso agora. Ela não deveria ser esquecida, não deveria passar a vida vivendo como se fosse nada.

Não, ela merecia mais. Ansiava por mais.

Ainda assim, não sabia como aceitaria o Marquês de Drake como sendo qualquer coisa que não o homem horrível que ele era. Apesar de todas as palavras feias e a forma horrível com que tratava Ellie, ele era o pai delas. Ruby queria ter conhecido o homem, apesar de sua atitude e do desprezo que ele sentia por ela e por sua mãe. Ele lhe devia uma explicação por suas ações, por que ele as tinha expulsado como se não significassem nada. Ela tinha esse direito.

Levou a mão ao cabelo, embolado e bagunçado por ter corrido pela cidade, colocando-o no lugar, tentando ficar com uma aparência descente. As pessoas não viam o pai pela primeira vez com muita frequência, ela pensou, e deveria estar apresentável para a ocasião.

Ela iria conhecer o pai. Conseguir as respostas que merecia. E seguir em frente. Se isso faria com que o marquês e Ellington fossem fazer parte de sua vida, ela não sabia. Mas ela seguiria em frente.

Não tinha outra escolha.

Ruby endireitou os ombros e alisou o vestido.

Apoiando a mão na superfície da porta, ela empurrou.

Como esperava em uma casa tão grande, a porta abriu sem ranger, revelando um quarto vazio apenas com uma cama, escurecido por espessas cortinas azuis. O ar estava parado, a temperatura era tão quente que o cheiro da doença os rodeava.

Ela atravessou o quarto, reparando nos domínios mais privados do pai. A masculinidade do lugar era avassaladora – assim como Ruby suspeitava que tinha sido a vida dele. Ele vivia a vida de acordo com os próprios termos, descartando a casca do que um dia tinha sido uma mulher quando ele enjoava dela... Quando não se sentia mais atraído pela excitação do momento.

Poderia odiá-lo por isso? Deveria se afastar agora, esquecê-lo assim como ele a tinha esquecido todos esses anos?

Parte de si sabia que ele não a merecia – nem a Ellington. Sim, a criança – realmente uma menina a beira da idade adulta – era um terrível aborrecimento, mas Ruby não poderia culpá-la mais do que poderia culpar o pai por tudo o que tinha acontecido até então, poderia? Ellington tinha admitido que sabia quem Ruby era na noite que encontrou ela e Harold, envolvidos em um abraço comprometedor.

As coisas poderiam ter sido diferentes, teriam sido diferentes, se Ellington tivesse sido honesta com ela. Elas poderiam ter dado início a um relacionamento, em vez de fazê-las passar por isso. As palavras duras que trocaram no curto período em que se conheciam teriam sido evitadas. Ruby teria tirado Ellington das circunstâncias sob as quais estava vivendo. Nenhuma criança mereceria a vida de abuso que Ellie tinha levado.

Ruby não tinha um tostão em seu nome, mas teria conseguido prover a irmã.

Enquanto sua respiração se acalmava, ela ouviu um leve soluço.

Indo para mais perto da cama, Ruby tirou as luvas quando o calor do quarto lhe envolveu. Ela viu uma pequena forma sentada entre as cortinas da enorme cama de dossel. Ruby puxou a cortina para revelar a forma murcha do pai, deitado imóvel debaixo de uma pilha de cobertores.

Ao lado do marquês, Ellie estava em posição fetal, apertando a mão débil do pai.

—Ellin— Ruby colocou as luvas sobre a mesinha.

—Ele se foi, — a irmã murmurou entre soluços.

A raiva se inflamou dentro de Ruby, ameaçando assumir todo o seu ser. —Por que você escondeu isso de mim? — Quando Ellie não fez nada para responder ou ao menos olhar para ela, a raiva de Ruby aumentou ainda mais. —Como você se atreveu a roubar isso de mim?

—Roubar o quê? — Pela primeira vez desde que Ruby a conheceu, Ellington pareceu perdida, sem um grama do espírito combativo que possuía.

Mas Ruby estava ferida e irada demais para notar. —Você roubou a minha chance de conhecer o meu pai, de ter um relacionamento com ele. — As palavras ecoaram através dela, cada palavra verdadeira até o âmago. —De encontrar o meu lugar ou descobrir *quem* eu sou de verdade.

Ellington finalmente ergueu o rosto cheio de lágrimas. —Ele não era digno do seu tempo... ou do seu amor.

—Isso não era escolha sua. — Ruby sabia que tinha gritado as palavras quando Ellie se encolheu com a dureza delas. —Você não tinha o direito de decidir se eu deveria ou não ter um relacionamento com ele, qualquer que seja o relacionamento que eu quisesse ter. E agora, nunca saberei. Ele lhe tratou de forma injusta e cruel, mas ao menos você o conheceu. Você tirou isso de mim. — As lágrimas começaram a cair, quentes e rápidas pelo seu rosto e sobre o vestido caro que Vi tinha emprestado a ela.

Ruby estava cansada das pessoas tomando decisões por ela, pensando que sabiam o que era melhor para a sua vida. Primeiro a mãe, agora Ellington. E de alguma forma, o marquês também. Ele poderia tê-la procurado depois que seu pai morreu – ou antes.

—Talvez eu pudesse ter mudado as coisas – para você e para mim. Eu poderia tê-lo feito mudar, se ele ao menos tivesse tido a oportunidade de me conhecer. Talvez como uma família poderíamos ter trabalhado as palavras duras, mostrado a ele que o amávamos apesar da forma com que ele nos tratava... dado a ele a chance de nos amar de volta.

—Ele teria te ferido da mesma forma que feriu a mim... e às nossas mães.

—Você não pode saber disso.

Ellington secou as lágrimas do rosto. —Sério? Você acha que depois de todos esses anos eu não conhecia o meu pai – o nosso pai?

Ruby não tinha palavras – só emoções que nenhum número de palavras poderia expressar.

—Ele teria te deixado em pedaços, assim como fez comigo e com as nossas mães, — a irmã suspirou, não havia mais acusações. —Ele destruía tudo em que tocava.

As palavras eram sábias e significativas para uma garota tão jovem. Mas isso não justificava o erro que Ellington tinha cometido. —Você parou para pensar que as suas ações poderiam destruir qualquer relacionamento que eu e você poderíamos ter? Talvez você não seja muito diferente do nosso pai. — Era tarde demais para desdizer as palavras. —Mas eu não vou saber porque você achou que era justo tirar isso de mim!

Ruby atirou as palavras cortantes para Ellie, assim como a menina tinha feito com ela em diversas ocasiões. Não se importava com o dano que causariam. Não sentiu compaixão pelo olhar machucado que a irmã lhe lançou. Ela não iria – jamais – perdoar ou esquecer a injustiça feita a ela pelas pessoas que mais deveriam se importar.

Não, estava farta de se importar com tudo e com todos. Isso não causava a nada além de angústia.

Era hora de ir atrás do que queria. Do que a faria feliz.

E sabia que não era isso, estar rodeada e à mercê de uma *família* traiçoeira.

Viola e a família sempre tinham estado ali para ela, nunca a deixaram passar vontade. E como ela tinha devolvido essa bondade e amor? Enganando-os, saindo às escondidas em busca de informações. Mentiu para eles assim como a mãe e Ellington tinham mentido para ela. Em que era diferente da sua própria *família*?

E Harold. Ele só queria ser seu amigo, e ela o afastou. Não foi capaz de confiar nele quando ele era um dos poucos dignos de confiança.

—Então é isso? — Ellie perguntou.

Ruby não estava certa se era isso ou se era apenas o começo de algo completamente diferente. —Eu não sei o que vai acontecer. — A raiva tinha escapado junto com as palavras.

—Apenas nos deixe.

Afastar-se, como o pai tinha feito com ela e a mãe, não era o que Ruby tinha visualizado quando arquitetou seu plano para encontrar o pai e possivelmente um ou dois irmãos. Ansiava encontrar o seu lugar, descobrir quem era e quem queria ser. Mas que escolha tinha?

Se ficasse, o comportamento destrutivo de Ellington eventualmente derrubaria as duas. As mentiras, os roubos, as apostas, as brigas – Ruby não era feita para lidar com isso. As coisas sem dúvida se escambariam para algo mais instável ainda.

Mas sem Ruby, quem Ellington teria? Marce Davenport, a Madame de um bordel? Ou suas irmãs igualmente questionáveis? Ellington poderia ser condenada à uma vida em casas de correção ou ser jogada na cadeia por seus crimes, não importa o quão ínfimos fossem.

Ruby não poderia viver consigo mesma se isso acontecesse, sabendo que poderia ter mudado as coisas. Mesmo que desejasse se afastar – lavar as mãos – e ser como o pai, sabia que não era como ele. Ela não abandonava as

pessoas. A mãe a tinha desprezado por anos, mas isso não fez o amor de Ruby acabar ou diminuir. Viola tinha estado envolvida em um escândalo quando se conheceram, mas isso não tinha impedido Ruby de conhecê-la e amá-la, e permanecer ao lado dela durante os tempos difíceis no ano anterior.

Não. A palavra ecoava em sua cabeça. Ela não iria, não poderia, desistir de Ellington.

Mas primeiro, precisava fazer as pazes com Harold. Tinha dito tantas coisas horríveis para ele e sobre ele, e tudo o que ele queria era ajudá-la.

Ruby virou-se para sair.

—Eu acho que não deveria ter esperado nada diferente de você. — A dor na voz de Ellie foi como uma punhalada em seu coração.

—Eu voltarei. — Ruby não olhou para a irmã quando disse as palavras, mas isso não as fazia ser menos verdadeiras. —Preciso resolver uma coisa. Eu lhe darei tempo para prantear.

Ellington riu, o som era alto e forçado. —Você acha que eu preciso prantear? — A cama rangeu e a irmã desceu. —Isso está mais para tempo de celebrar.

A garota era um mistério tão grande agora quanto tinha sido quando se conheceram. Ela estava lá, com lágrimas escorrendo de seus olhos, segurando a mão dele, e agora dizia que era tempo de celebrar.

—Eu entenderei se você não quiser me ver novamente.

—Eu disse que *vou* voltar, Ellie.

E Ruby saiu do quarto, deixando para trás uma irmã quebrada e um pai morto – e as luvas de pelica que tinha posto em cima da mesa.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



HAROLD NÃO QUERIA pensar no que tinha chateado Ruby e a fez sair voando do salão de baile. Em um momento a via rindo e conversando com um grupo de jovens, e no seguinte ela tinha saído às pressas e recebendo um recado de Alex. Harold não conseguiu chegar a ela. Ela não tinha pegado o xale ou chamado a carruagem de Haversham.

Quando conseguiu sair, Ruby já tinha subido em uma carruagem de aluguel e ido embora, atravessando as ruas escuras de Londres. Harold não fazia ideia de como ela tinha conseguido sair tão rápido usando um vestido de noite.

Felizmente, a carruagem de Haversham estava na entrada com o condutor ainda por perto. Depois de mandar o condutor de Brock ‘seguir aquele tílburi,’ eles também sumiram na noite. Levou só um quarteirão para alcançar o veículo, e segui-lo pelas ruas da cidade se provou ser algo fácil a essa hora da noite. Quando o tílburi parou em frente à casa de Drake, Ruby saltou sem ajuda e entrou correndo na casa, sem se importar em bater.

Harold esperou do lado de fora pelo que pareceu uma eternidade – então esperou um pouco mais, embora sentisse que só tivesse passado alguns minutos. Os segundos pareciam horas, embora não tivesse passado mais que uma hora, no máximo.

O tempo sozinho lhe deu tempo para pensar, não só em sua vida mas na de Ruby também. E foi então que as peças se encaixaram: o tempo que ela passou com Ellie, o quão familiar a menina era, e a corrida desembestada de Ruby esta noite.

Ruby tinha encontrado o homem que tinha arriscado tudo para saber quem era.

O Marquês de Drake.

Enquanto a noite passava, Harold sabia que ele ou teria que ir pegá-la na casa e voltar para onde eles estavam, voltar para a festa sozinho ou pedir ao condutor para deixá-lo em casa e voltar para ficar à disposição de Brock e Lady Haversham. Nenhuma dessas opções lhe desceu bem. Ele pareceria um

grosseirão se ele fosse até a porta e exigisse que ela partisse, especialmente se agora fosse um momento em que ela precisasse de privacidade. Tempo para trabalhar – junto com Drake e Ellie – na conexão familiar. Se voltasse para a festa, ele provavelmente ficaria preocupado pela segurança dela. E se fosse para casa, bem, pegaria um cavalo nos estábulos e voltaria para a casa de Drake e à sua vigília.

Harold calculou o tempo que levaria até chegar à casa de Brock, selar um cavalo e voltar. Não mais que trinta minutos a essa hora da noite – e se ele não tivesse que desperdiçar tempo com a sela, poderia tirar ao menos cinco minutos da estimativa. Não enviar a carruagem de volta para Brock iria chamar a atenção para ele o que acabaria levando à Ruby e ao seu paradeiro.

Os segredos de Ruby não eram dele para serem expostos – ou até mesmo questionados, de acordo com ela. Uma coisa era ele se certificar de que ela não estava correndo perigo, outra era envolver Lady Haversham na situação. Ele não tinha dúvidas de que quando Ruby estivesse pronta, ela iria contar tudo para a melhor amiga.

Com isso em mente, Harold saltou da carruagem de Haversham e subiu os degraus o mais rápido possível. Com sorte, ele entraria no estábulo, pegaria um cavalo e estaria de volta dentro de minutos. Buttons s abriu a porta antes que Harold pudesse girar a maçaneta.

—Boa noite, Sr. Jakeston, — o mordomo disse. —Seu pai te espera no salão da frente.

Harold parou, quase tropeçando sobre seus próprios pés. —Desculpa?

Ele pigarreou. —Hum, o Vigário Jakeston está te esperando há algumas horas. Eu disse a ele que você voltaria tarde, mas ele insistiu em esperar.

—Por favor, diga a ele que irei vê-lo em instantes. — Ignorar a correspondência do pai obviamente não o tinha feito desistir de sua missão, já que as cartas tinham começado a ficar ameaçadoras e voláteis. Nos últimos dias tinha recebido ao menos duas ou três por dia, destacando os defeitos de Harold e sua inclinação para a desobediência, como se ele ainda fosse uma criança que usava calças curtas e não um homem totalmente crescido.

Harold precisaria de uma bebida se quisesse sobreviver à esta noite. Ele deveria estar voltando para a casa de Drake para se assegurar de que Ruby voltaria ou para o baile ou para casa, sã e salva. Em vez disso, ele seguiu até o escritório de Brock e foi direto para o bar onde havia diversos decantadores com bebidas de vários tons de âmbar.

Ele pegou o primeiro, um líquido claro. Não importa o que era, porque ele planejava virar e bebida e ir pôr um fim à reunião.

—Eu imaginei o que o impediu de ir me encontrar assim que chegou. — O tom impaciente do pai ecoou pela sala. —Eu deveria saber que os pecados da cidade seriam a sua ruína.

—Pai, que ótimo vê-lo. — Ele cumprimentou o homem que o diminuíra a vida inteira. Certificando-se de que ele soubesse que os irmãos mais velhos o tinham deixado orgulhoso, enquanto Harold tinha falhado em todas as provas dadas a ele. Desafios que Harold nem sabia que tinha enfrentado e, ainda assim, o pai encontrou falhas. Ele nunca tinha feito suas orações com suficiente sinceridade, nunca completava as tarefas rápido o bastante, nem passava tempo suficiente em benefício da família.

Ele não se virou, mas levou o copo à boca, pensando apenas em sair dessa e voltar para vigiar Ruby.

—Mas por favor, termine a sua bebida. Tenho certeza de que não há nada mais importante que a bebida em sua mão. — As palavras, frias e sem emoção, enviaram um arrepio pela sua espinha. —Sua mãe vai ficar tão orgulhosa ao descobrir que seu filho mais novo é um bêbado.

Harold não se dignou a responder à acusação do pai. Era apenas mais uma coisa do que o homem o culpava e que não chegava nem perto da verdade. Ele aprendeu quase antes de começar a andar de que nada que dissesse ou fizesse faria diferença, positiva ou negativa. Em vez disso, ele acalmou a respiração, virou-se e fez um gesto para as cadeiras que ficavam em frente à lareira. A noite era quente, a sala estava sufocante. As paredes pareciam estar se fechando sobre ele.

O Vigário Jakeston tomou o assento mais distante de Harold, e continuou a fazer o que sempre fazia. O pai iria empurrar e Harold iria puxar. Era uma guerra de vontades infinita sem a necessidade de palavras, porque as ações falavam muito mais alto. Sua reação seria, fiel à forma, se negar a sentar perto do pai e preferir ficar de pé. Mas ele sabia bem que a sua postura não queria dizer que estava por cima.

—Você não vai negar?

O pai sempre levou a congregação e a família em rédeas curtas – e a mão que segurava essas rédeas frequentemente se transformava em um punho. Exigindo o que ele queria e como as coisas deveriam ser; se alguém se recusasse, o punho do pai colocaria fim à discórdia.

—E qual seria ponto? Você já me condenou por minhas falhas. Você é o juiz e o júri, atribuiu a sua posição ao poder do Pai nosso que está nos céus. — Harold sabia que estava sendo hostil demais, mas não foi capaz de se impedir. Ele não permitiria que o pai fosse ali, na casa de seu amigo, e desrespeitasse a ele e a seu anfitrião. —Eu não posso lutar com o poder conferido a você, pai, pelo Todo Poderoso. Além disso, eu acho que não tenho tempo nem energia para prosseguir com essa discussão.

—Não zombe da minha fé. — Apesar de ter sido sussurrada, a ameaça na voz do pai era clara. —Por que você quer destruir tudo o que eu construí para você?

—Construiu? Para mim? — Harold queria rir, mas sabia que só iria irritar seu pai ainda mais. —O que você fez foi apenas por si mesmo. Nunca confunda os seus interesses com os meus.

Ele incitou o pai, aumentando a sua ira apesar de saber que cada palavra que dizia o impediria de voltar para a casa de Drake. Cada momento que passava aumentava a probabilidade de Ruby escapar sem ele ir atrás dela. Ela poderia estar perturbada e precisando dele.

Seu pai, calmo e composto, ficou imóvel. —Seus interesses serão o que quer que eu deseje que sejam. — O homem tinha fibra, Harold concederia isso. —Sua mãe e eu fizemos tudo o que estava em nosso alcance para criar você e seus irmãos, dando tudo o que vocês precisavam. Eu escolhi a dedo a vida que eu queria para cada um de vocês. David é feliz com a sua vida de militar, e William aprendeu o ofício de ferreiro. Ambos se casarão bem e darão às suas famílias vidas boas e seguras, — o pai prosseguiu. —Eles são homens e eu me orgulho de chamá-lo de filhos.

—E eu, pai? — Harold não pôde deixar de perguntar.

O Vigário Jakeston suspirou. —Eu ainda tenho esperanças para você e seu futuro. Sua mãe e eu rezamos todos os dias para que você entre na linha... que surpreenda a nós dois e se torne um homem.

Harold viveu toda a vida sob o jugo do pai, incapaz de ser o homem que queria ser, incapaz de descobrir que homem era até recentemente. Pensou brevemente em destruir o alto respeito que ele tinha por William, dizendo a ele que seu irmão mais velho perdeu seu sustento e está quase à beira da miséria, mas enquanto o pai atirava palavras sem se importar com os outros, Harold tinha mais integridade. William escondeu suas atuais circunstâncias do pai por uma razão, e ele não deveria trair a sua confiança.

—Você está completamente errado!

Harold viu os olhos do pai se arregalarem quando ele percebeu que outra pessoa estava ali para ouvir as suas palavras más e cheias de ódio.



Ruby não tinha feito nada quando Drake tinha atirado suas palavras odiosas para cima de Ellie, mas ela não ficaria paralisada agora e permitiria que outra pessoa com quem se importava fosse degradada e ferida por alguém que deveria amá-lo e cuidar dele.

—E quem é você?

Ela quase se arrependeu por ter se intrometido no que claramente era uma conversa muito privada quando o Vigário Jakeston voltou os olhos inflamados para ela. Ela congelou.

—Esta é— Ele apontou para ela, mas voltou a olhar para Harold. —o que você escolheu acima da sua família e das suas obrigações? Uma rameira?

Uma rameira? Primeiro o próprio pai a chamava de bastarda, e agora ela tinha sido chamada de rameira. —Eu com certeza não sou—

O Vigário Jakeston ergueu a mão para impedir a sua réplica. —Na verdade, não importa quem você seja e qual *serviço* você presta ao meu filho. Ele não precisa mais de você e do que você tem a oferecer. — Ele se virou para Harold antes de prosseguir. —Arrume as suas coisas, Harold. Estamos indo para a propriedade Haversham agora.

—Pai—

—Eu disse para arrumar as suas coisas. — O pai elevou a voz pela primeira vez.

Não foi o insulto que ele fez a Ruby que a fez perder o controle, mas a presença do pai que falhou em valorizar o homem honrado, cuidadoso e compassivo que ele criou. —Vigário Jakeston. Você pode não se lembrar de mim, mas a casa da minha família fica perto da propriedade Haversham, — Ruby tentou se apresentar. —Meu nome é Ruby St. Augustin. Eu não sou uma rameira assim como o seu filho não é uma decepção.

—Eu agradeço seu inesperado e injustificado elogio a Harold, mas ele não é necessário nem desejado. — O Vigário Jakeston foi em direção a Ruby, esperando que ela saísse para que ele mesmo pudesse sair. —Harold, eu lhe encontrarei no vestíbulo daqui a dez minutos para irmos.

—Basta, — Ruby disse, finalmente explodindo. Ela se firmou, bloqueando a porta. —Estou farta com as pessoas decidindo o que é melhor para mim.

Ambos os homens olharam para ela, a confusão por causa das suas palavras era evidente na expressão deles.

—Seu filho foi o único que deu um passo atrás e permitiu que eu me encontrasse, que descobrisse quem eu sou e qual é o meu lugar no mundo. Seu filho— Ruby apontou para Harold, mas manteve os olhos no vigário, —é a epítome da honra. Ele pode não se encaixar no molde que você fez para ele, mas em vez disso ele cunhou o próprio molde. — Naquele momento, ela percebeu que ela queria caber no molde de Harold – ou possivelmente forjar um onde coubesse os dois.

—Ruby, você não precisa—

—Oh, eu preciso sim. Você me salvou dos meus próprios erros tolos vezes sem fim. Você se afastou e permitiu que eu cometesse meus próprios erros, apenas se intrometendo quando eu mais precisava de você – e por isso, eu continuei te afastando. Proclamando que eu não precisava de você, dizendo coisas dolorosas para que você saísse da minha vida. — Suas palavras não foram melhores que as do pai de Harold. Ela gritou e vociferou, dizendo a ele para voltar para o campo, onde era o lugar dele, longe dela. Ela devia isso a Harold, ainda assim ele pediu muito pouco dela.

—Você deveria se orgulhar por chamá-lo de filho, ficar feliz ao saber que ele está construindo um nome e um legado para si, não vivendo do prestígio dos seus ancestrais. Alguma vez você perguntou o que ele queria da vida? Se sim, você saberia que Harold não quer ser vigário – não quer viver a vida a serviço de todos, menos de si e dos seus desejos. Em vez disso, ele escolheu abrir o seu próprio caminho.

—E que caminho seria esse? — o pai perguntou. —Se embebedar por aí, vivendo à mercê de Lorde Haversham? Como ele pretende sustentar uma família?

Ruby não tinha respostas para ele. —Eu não sei, mas o que eu sei é que não cabe a mim ou a você decidir isso por ele. — Ela sabia o que era ter pessoas comandando a sua vida, tomando decisões por ela, assim como a mãe tinha feito ao permitir que ela acreditasse que o barão era o seu verdadeiro pai, e depois deixando-a apodrecer no campo. Assim como Ellie tinha decidido que o marquês não era digno de ser conhecido, tirando de Ruby o sonho de encontrar o verdadeiro pai, fosse ele bom ou ruim.

—Seu pai deveria se envergonhar da filha que criou, — o vigário disse. —Falar com os mais velhos da forma que você está fazendo é altamente

impróprio. Você deveria voltar para o campo onde você não desgraçaria o bom nome de Sir St. Augustin ainda mais.

—Pai, — Harold disse. Ruby se encolheu com o tom dele. —Você não falará com a Senhorita St. Augustin desse jeito. Eu acho que já é hora de você ir embora.

—Eu falarei do jeito que eu quiser, com quem eu quiser, quando eu quiser, — o pai retrucou. —Eu partirei assim que você estiver pronto. — Com isso, o vigário passou por Ruby. Seus passos pesados e seguros podiam ser ouvidos enquanto ele seguia para o vestíbulo, sem dúvidas esperando que Harold fosse atrás dele.

Antes que Ruby pudesse impedi-lo, Harold também passou por ela e saiu pela porta. Ela queria chamá-lo, dizer a ele que o que o pai pensava e dizia não era importante. Ele sabia quem ele era e o quanto valia – e ela também, e era tudo o que importava.

Antes que pudesse segui-lo, ele fechou a porta, deixando-a sozinha na sala vazia.

CAPÍTULO TRINTA



—PAI! — OS PASSOS de Harold aumentaram enquanto ele seguia o pai até o vestíbulo. —Como você se atreve a falar com Ruby desse jeito?

O pai parou a alguns centímetros da porta. —Agora é Ruby? Vejo que você já abriu mão das formalidades. Minhas suposições anteriores estavam certas. — O vigário cruzou os braços, sendo insuportavelmente presunçoso. —Você a leva para a cama à noite? Como uma prostituta comum?

—Basta. Você vai parar de me tratar como uma criança rebelde.

—Eu só te trato do jeito que você merece ser tratado.

—Do jeito que eu mereço ser tratado? — Harold disse, incrédulo. —Você não sabe uma única coisa sobre como tratar alguém que não seja com desdém e criticismo.

—Você não pode crer que mereça algo além disso vindo de mim.

—Eu não me importo com o que você acha que eu mereço. A mulher atrás daquela porta com certeza não merece a péssima forma com a qual você a tratou. Ela é uma convidada na casa de Lorde Haversham, e deve ser tratada como nada menos que a dama de excelente calibre e de reputação inquestionável que é.

Pela primeira vez, Harold enfrentou o pai, que ficou quieto. Nenhum percebeu quando o poder mudou de lado, mas por uma única vez Harold não estava preocupado com a reação dele.

—E mais, — Harold prosseguiu. —Eu não lhe devo nada, especialmente não o controle sobre o meu futuro.

O pai riu, derrubando Harold ainda mais. —Você é o que eu sempre acreditei que fosse.

—E o que seria isso?

—Fraco.

O calor percorreu Harold – uma fúria tão avassaladora que ameaçava explodir. —Você pode ir para o inferno – e levar a sua atitude injustificada e autovalorizada contigo. Saia dessa casa e nunca – eu disse nunca! – pense em

insultar outra mulher novamente, ou eu irei, pessoalmente, te mandar para o inferno.

—Você pensa em me atirar pela porta e nunca mais voltar para casa?

—Se e quando eu voltar será decisão minha, não sua.

—Com que facilidade você parte o coração da sua mãe.

—Ela será a única razão que eu terei para voltar. Agora, você irá embora dessa casa e de Londres. Se você mandar outra carta, irei queimá-la imediatamente.

O pai olhou para ele, enraizado onde estava. —Um homem não é nada se viver uma vida sem responsabilidades.

Harold encontrou o pai, olho no olho. —E um homem não é um homem se ele não puder descobrir quais são as suas verdadeiras responsabilidades. Minhas responsabilidades – e o meu futuro – estão aqui, possivelmente na sala ao lado.

—Seu completo idiota!

—Você é o único tolo aqui, *Pai*.

Um movimento chamou a sua atenção e Harold viu vários criados assistindo do andar de cima.

—Esse encontro chegou ao fim, — Harold disse. —Eu não pedirei novamente para que saia, ou serei forçado a ajudá-lo a encontrar a saída.

Harold queria rir do olhar perdido que cruzou o rosto do pai antes de ele dar meia volta e sair pela porta da frente.

Palmas que aumentavam mais a cada segundo soaram atrás dele, acompanhando o som da porta se fechando.

—Muito bem, Sr. Jakeston, — o mordomo de Brock disse com um enorme sorriso no rosto. —Duvido que aquele homem horrível volte – perdoe as minhas palavras.

—Eu duvido muito, mas se ele aparecer novamente, é para ser mandado embora na mesma hora.

—Sim, senhor.

Enquanto o mordomo saía da sala, Harold se concentrou na mulher que esperava por ele, esperando que ela não tivesse ouvido cada detalhe da conversa desagradável.

Ele se endireitou e atravessou a porta que fechara há apenas uns instantes. Ele e Ruby obviamente tinham muito o que falar, e a última coisa na lista seria o seu drama familiar.

Abrindo a porta, ela estava lá olhando para ele com lágrimas nos olhos. —Eu sinto muito por ele ter dito palavras tão horríveis e falsas para você, — ele disse, sentindo dor pela mágoa no rosto dela.

—Você não pode controlar o seu pai e o que ele diz mais do que ele pode controlar você. Você não tem pelo que se desculpar. E sou eu quem lhe deve desculpas.

Harold deu poucos passos e parou perto dela. Ela inclinou um pouco a cabeça para olhá-lo nos olhos. —Você não me deve nada, — ele disse. —Sou eu quem lhe deve algo.

—Não posso pensar no que você me deve. Eu te tratei da mesma forma que tratei todo mundo desde que cheguei em Londres, com meias verdades e completas mentiras – eu não tenho sido capaz de confiar em uma única alma, quando tantos estavam dispostos a acreditar em mim. Você confiou em mim, não me pressionou para que eu lhe contasse mais do que eu estava disposta.

—Ruby— Ele hesitou. Se ela soubesse a verdadeira razão pela qual ele não a pressionou para conseguir respostas – que era porque ele já as tinha – ele não tinha certeza de como ela reagiria.

—Por favor, deixe-me terminar. Todo esse tempo eu procurei um lugar ao qual pertencer, sem perceber que ao longo do caminho eu encontrei exatamente isso. E com quem eu encontrei isso.

Com aquelas palavras, Ruby foi para os seus braços. Um abraço que não tinha oferecido – e que não merecia – mas ele a puxou para perto mesmo assim.

Ele não disse uma única palavra, só abraçou Ruby. Ele sentiu no momento que a viu que algo estava errado. Os olhos dela estavam vermelhos por causa das lágrimas, a maquiagem que tinha usado para cobrir o ferimento tinha sido lavada. Um novo peso estava sobre os seus ombros. Seria possível que o encontro não tivesse ido bem e Harold estava preparado para confrontar Drake caso o homem a tivesse tratado mal.

Naquele instante, ele não queria explicações, ele só queria abraçá-la... tanto tempo quanto fosse possível, antes que ela o afastasse novamente. Não importava se fosse por cinco minutos ou cinco horas. A sensação dela, o cheiro dela, a forma com que o cabelo roçava a sua bochecha. Ele guardou tudo na memória, sabendo que quando ela se afastasse que teria que deixá-la ir. Quando ela dissesse para ele voltar para o vicariato, ele estaria pronto para fazer isso. Embora, essa não parecia mais ser uma opção para ele.

Ela deveria ficar aqui, ou onde quer que ela quisesse que fosse o lar dela, e ele seria forçado a fazer o mesmo. O que quer que fosse, sabia que isso não incluiria ela. Ela deixou claro muitas vezes, mas foi teimoso demais para ouvir as palavras, em vez de focar na chama que sabia que existia entre eles.

Mas a vida era mais do que atração física, mais do que o seu corpo clamar pelo do outro.

Cedo demais, ela se afastou, as mãos espalmadas sobre o seu peito.

—Preciso ser sincera com você, Harold. — Ela disse baixinho.

Ele não queria ouvir o que ela tinha a dizer, temendo que isso significasse o fim da amizade deles. —Você não me deve nenhuma explicação.

Ela deu um passo para trás, olhando-o nos olhos. —Sim, eu devo. Eu lhe trouxe para a bagunça que é a minha vida. É complicado e distorcido e eu não pude me obrigar a te contar mais coisas antes – por medo de como você reagiria.

—Nada do que você dissesse faria com que eu me afastasse de você.

—Espero que seja verdade. — Os olhos dela se encheram de lágrimas mais uma vez. De repente, ele lembrou de algo que aconteceu há muito tempo, que quase tinha sido esquecido. Ele assistia de um lugar nas proximidades enquanto o corpo do pai de Ruby – Sir St. Augustin – era levado na traseira de uma carruagem até o mausoléu da família. Ela parecia tão perdida e desamparada que ele quis ir até ela, dizer que tudo ficaria bem. Mas eles eram pouco mais que crianças naquela época. Nenhum deles sabia o que o futuro reservava, se seria mais luto ou uma alegria maior do que qualquer um deles já sonhara.

Ela tinha a mesma aparência agora – parecia perdida.

Ele pegou o rosto dela entre as mãos e a beijou suavemente. Os lábios dela eram macios e convidativos. Ele se forçou a dar um passo para trás e ouvir antes que ela mudasse de ideia.

—Eu vim para Londres procurar... — a voz dela esvaneceu. Ele esperou, sabendo que havia mais. Ruby sacudiu a cabeça como se para alinhar os próprios pensamentos dispersos. —Angus não era o meu verdadeiro pai, embora eu não esteja certa de que ele soubesse. — Ela parou novamente, tremendo, mal segurando as lágrimas. —Eu encontrei o velho diário da minha mãe, detalhando toda a sua infidelidade.

—Ruby, você não tem—

—Por favor, me deixe terminar. Você merece a verdade. Minha mãe se apaixonou por um homem... e eu sou o resultado do caso que ela teve.

Quando ela ficou em silêncio, ele perguntou, —Você o conheceu? — Queria saber com desespero o que tinha acontecido atrás daquelas portas enquanto ele esperava do lado de fora. Algo a tinha chateado muito.

—Não.

—Por que não? Se você precisar de alguém para ir contigo – para dar apoio, ou só ficar lá – eu estou aqui.

—Isso não será necessário. Ele faleceu.

—Quando? — As peças se encaixaram de repente. Alex tinha ido ao baile contar a ela.

—Esta noite.

—Eu sinto muito.

—Não sinta. Ele é – era – um homem horrível, ou é o que minha irmã disse.

—Ellie?

—Sim.

—Eu suspeitei que ele fosse o pai de Lady Ellie o tempo todo. — Ele não sabia o que era pior; ter um libertino que diziam ser pai de várias crianças da elite de Londres, ou uma irmã de quem as ações eram consideradas menos que honradas. —Para não mencionar a semelhança entre vocês duas.

—Que semelhança?

Harold estava surpreso por ela ainda não ter percebido. —Você duas têm os mesmos olhos verdes. A cor é a mesma, mesmo que as almas tenham vivido uma vida completamente diferente da outra.

—Verdade?

Harold via o quanto ela queria acreditar que elas se pareciam. Dava para ver nos olhos dela que ela achava que tinha encontrado o seu lugar. Mas como convencê-la de que ela sempre teve um lugar com ele, não importa se fosse apenas amizade ou algo mais? —Sim, e não me faça começar a falar sobre seus maneirismos e o tom da pele.

—Apesar do quanto ela pareça danificada, acredito que há mais reservado para ela do que fogo e amargura. Eu vi vislumbres disso, e espero ver mais. Se ao menos conseguíssemos conhecê-la.

—Ellington não é mais criança que você. — Ela não via que a irmã era uma mulher, mesmo que ela agisse como criança às vezes? —Estou ansioso para conhecê-la sob esses novos termos, se você quiser.

Ela sorriu pela primeira vez desde que entrou na sala. —Eu gostaria muito disso.

Quando ela lhe sorriu timidamente, ele soube que se ela só empregasse as técnicas certas, ela poderia roubar o coração de qualquer homem, eles teriam dado tudo o que lhe era mais querido sem pensar duas vezes. Ela não precisava navegar pelos sete mares ou empunhar uma espada pirata para ganhar o seu coração.

Seu pai sempre teve a crença de que uma pessoa não precisava ir à Londres ou até mesmo ao condado vizinho em busca de alguém. A mãe de Harold tinha crescido apenas há alguns minutos de distância do vicariato. E Harold sempre tinha pensado que ele era louco por nunca ter saído em busca das maravilhas do mundo – ou até mesmo em uma escala menor, as maravilhas do seu próprio país.

No que dizia respeito a isso, Harold tinha sido um idiota.

CAPÍTULO TRINTA E UM



RUBY O OBSERVAVA de perto, esperando que ele se afastasse dela ou quebrasse o contato visual. Para dizer que ela estava por conta própria e que esquecesse a amizade deles, um relacionamento que tinha se tornado impossível por causa do caso da mãe de Ruby e a bastardia no seu nascimento.

Ela esperou pelo silêncio ensurdecedor que viria enquanto ele pensava em formas de escapar.

Ela esperou pelas desculpas que ele daria para explicar suas razões para se afastar dela.

Ela esperou pela solidão e desolação que sentiria depois que se partisse aos pedaços.

Era inevitável. Mas acima de tudo, teria que manter as emoções sob controle. Ele não merecia as lágrimas e os soluços. Ele tinha sido tão bondoso para ela, a tinha ajudado de uma forma que nunca poderia retribuir. Mas sabia que não iria pagá-lo com drama quando ele decidisse pôr um fim ao que quer que seja essa coisa entre eles. Ela tinha feito o seu melhor para afastá-lo desde o dia que se reencontraram, e agora ele poderia fazer o que ela quis por tanto tempo que ele fizesse.

Ruby o observou, esperando que Harold se afastasse fisicamente como ela sentiu que ele já tinha feito emocionalmente. A expressão pensativa dele não fazia nada para ajudar a acalmar os seus nervos.

Estava ficando tarde, e ambos tinham passado por um turbilhão emocional esta noite. Ela deveria pedir licença e se retirar, para o que tinha certeza que seria uma noite em claro, pois estaria se debruçando sobre as dificuldades e mudanças que estavam por vir. Mas não podia se obrigar a sair dali.

Não podia se afastar dele.

—Você pode ir, — ela disse por fim, com a voz estranha e tensa.

—Por que eu faria isso? — ele disse. —Se você precisar descansar, é claro, entenderei. Mas estou bem aqui. Feliz por falar e ficar com você, por

todo o tempo que você quiser que eu fique.

As palavras tinham mais peso do que ela imaginava, percebeu de repente. Ela voltou para o tempo que passaram juntos, as conversas que tiveram. As muitas vezes que ele a salvou, tanto dela mesma quanto dos perigos que surgiam em seu caminho. Aqueles gestos falavam de um homem verdadeiramente devotado.

Harold tinha lhe oferecido um lar, com ele – não em um lugar específico, mas no coração.

E ela não tinha percebido isso.

Não tinha sabido reconhecer que o local a que uma pessoa pertence não é bem um lugar. Saber que o verdadeiro amor existia, além de uma pessoa usando a outra para o próprio ganho.

E quem uma pessoa é não depende de um nome ou da linhagem dos seus pais.

Lar era onde as pessoas que amava estavam – e agora, esse lugar era Londres. Ellie e Vi – ambas irmãs do seu coração – estavam aqui. Ela as amava e elas a amavam do seu próprio jeito.

—Você também deve estar cansado, — ela sussurrou. —Eu não tenho o direito de segurá-lo aqui.

—Não consigo pensar em qualquer outro lugar onde eu preferisse estar.

Harold estava ali, e então ela soube que ele a amava. Ele provou uma e outra vez, mesmo que ela não percebesse. Ele punha a culpa em sua inclinação por salvar donzelas em perigo, mas ela sabia que ela era a única donzela que ele queria salvar – e à custa do seu próprio futuro.

Algo em seus olhos deve ter dito a ele o quanto. Ele a puxou para perto e cobriu seus lábios com os dele. Era tudo o que queria, embora fosse algo que nunca pensou querer. Os lábios se pressionaram aos dela, persuadindo-os a se abrir. Sem exigências, mas longe de ser gentil. Seus braços foram para os ombros dele, largos e infinitos se comparado à sua própria forma esguia. Estava espantada por perceber que o seu corpo lembrava do dele, que ansiava pelo contato.

Enquanto envolvia os braços em volta do pescoço dele, foram os lábios dela que ficaram insistentes e exigentes. De repente as roupas pareceram um pouco sufocantes demais, mais restritivas que nunca. O lenço dele roçava em seu queixo enquanto suas bocas moviam juntas.

Ela se afastou. Mantendo os olhos nos dele, levou a mão ao intrincado nó. Os dedos agarraram o material e puxou.

Harold soltou o fôlego quando o tecido cedeu.

Gradualmente, Ruby o desenrolou de seu pescoço. O resto se soltou com um leve puxão. O tecido lembrava ele: firme e robusto, e ainda assim, ao seu dispor.

Ambos assistiram o material cair no chão antes de os olhos se encontrarem mais uma vez.

Ela prendeu a respiração, temendo que um simples suspiro fosse quebrar o encanto daquele momento.

Harold colocou a mão sobre seus quadris e os acariciou suavemente, levando os dedos até a lateral do seu corpete.

Ela não suportou mais e deixou o ar sair. Ela queria... precisava... não sabia do que, mas sabia que não queria que ele a soltasse. Ela ficaria arrasada sem o toque dele.

Como se lesse os seus pensamentos, Harold levou os lábios aos dela mais uma vez, e os braços envolveram a sua cintura. Ele a ergueu e deu os poucos passos que os separavam da *chaise*. Com cuidado e reverência, ele a deitou lá e cobriu seu corpo com o dele. O peso se ajustou a ela, menos restritivo que as roupas pareceram há apenas uns instantes.

Os corpos se fundiram com facilidade, a perna dele entre as dela. Os joelhos abertos para acomodá-lo. E todo o tempo, seus lábios não se separaram.

Ela ergueu os quadris para encontrar os dele e abriu a boca para permitir que a língua dele explorasse. Sem perder tempo ela invadiu a boca dele, a língua timidamente passando pelos dentes antes de recuar e provar os lábios dele.



Harold quase rugiu enquanto a língua dela percorria seu lábio inferior. Queria nada mais que arrancar aquele vestido elegante do corpo sedutor. Comprometeu-se a se segurar, a ir mais devagar, a um passo que fosse confortável para ela, dando a ela a oportunidade de empurrá-lo ou de recuar.

Mas, Ruby não fez nenhuma dessas coisas – ela só o puxou para perto.

Os quadris pressionavam os dele, levando-o à beira da loucura com cada pequeno movimento. Ela não parecia estar ciente do quão perto ele estava de jogar a precaução ao vento e aliviá-la de suas roupas, no salão dos seus anfitriões.

Seus calções ficaram mais apertados enquanto seu pau se endurecia com o pensamento. O vestido deslizaria facilmente pelos ombros dela. Para provar seu ponto, ele esfregou a mão no material sedoso e o puxou com facilidade pelo braço dela revelando um espartilho da mesma cor do traje. Ele recuou e correu os dedos pelas barbatanas da parte da frente que desapareciam na seda que estava enrugada sobre sua cintura.

E então bateram na porta.

Como se nada inconveniente estivesse muito perto de acontecer, Harold puxou o vestido de Ruby para o lugar com certa relutância, apreciando a sensação do tecido em suas mãos.

—Já vai, — ele disse, esperando dispensar quem quer que os tenha interrompido.

Por um breve instante ele temeu que fosse o pai, voltando com outra linha de argumentos e interrogatório.

Ficou aliviado quando só o mordomo respondeu. —Muito bem, Sr. Jakeston. Estarei esperando no vestíbulo.

—Você está esperando alguém? — A pergunta de Ruby saiu meio ofegante.

Ele se recostou, ajudando-a a se endireitar. Tocou o cabelo para tentar corrigir o dano feito em seu tempo na *chaise*.

—Seu cabelo ainda é o auge da moda, nem um único fio está fora do lugar, — ele lhe assegurou. —Eu não posso imaginar quem pode estar me procurando a esta hora da noite.

—Bem, a situação deve ser grave. — Ruby se pôs de pé, alisando o vestido e endireitando o colar de pérolas. —Nó não podemos perder tempo.

—Nós? — Foi a primeira vez que ela se referiu a eles como um casal sem retirar as palavras imediatamente.

—Você quer que eu espere aqui?

—É claro que não. — Harold percebeu que ainda estava sentado enquanto Ruby ia em direção à porta. Para não ficar para trás, ele passou rapidamente por ela e abriu a porta, permitindo que ela passasse por ele e saísse da sala. —Depois de você, senhorita.

Seus olhos foram imediatamente atraídos para o balanço dos seus quadris enquanto ela seguia pelo corredor. Visões dela usando apenas um espartilho do mais puro marfim, com uma única pérola assentada delicadamente sobre os seios enquanto eles levantavam e abaixavam a cada respiração. Ele meio que queria agarrá-la pela cintura e voltar para o santuário do salão, ou melhor

ainda, carregá-la direto para cima, indo para os seus aposentos, onde ele poderia servi-la melhor – com o que quer que ela desejasse.

—Sr. Jakeston. — O mordomo de Brock os encontrou no vestíbulo. — Um Sr. Applewood está aqui para vê-lo. Não tenho certeza se o conhece, e eu posso dispensá-lo rapidamente, caso deseje.

—O nome não me é conhecido, — Harold disse.

O ar apologético e os olhares nervosos que o mordomo lançava em direção ao homem parado na porta da frente deixou Harold cauteloso.

—Está tudo bem, Buttons , — Harold assegurou antes de se voltar para o visitante. —Sr. Applewood, como posso ajudá-lo?

O homem atravessou a sala com pressa e estendeu a mão para Harold. — Meu lorde—

Harold apertou a mão do homem com firmeza. —Não, é Sr. Jakeston.

—Sr. Jakeston, peço desculpas por interromper a sua noite.

—Não se preocupe. O que você precisa?

O homem estava suando muito, o colarinho estava encharcado como se ele tivesse corrido até chegar à casa de Haversham. Pelo cheiro, ele trabalhava nas docas. As roupas eram largas e o cabelo estava preso para trás. A idade era difícil de discernir por causa da sujeira em seu rosto.

—Eu sou o capitão do *Lucky Hand*.

Harold não tinha ideia do que o homem estava falando, mas tinha certeza que isso envolvia os negócios dele e de William nas docas.

—Seu *clipper*, senhor. — Applewood olhou para Harold buscando algum sinal de reconhecimento. —William Jakeston me contratou para capitanear a viagem à França.

Bem típico de William escolher um nome para o veleiro sem consultá-lo. Mas, o nome encaixava como uma luva, e ele sabia por que o irmão o tinha escolhido. —Minhas desculpas, não sabia que já tínhamos escolhido um nome. Há algum problema?

—Temo que o Sr Jakeston – o outro Sr. Jakeston – tenha se ferido. — Applewood retorcia as mãos.

—É grave? — Harold perguntou, o coração tinha subido para a garganta. Ele procurou o mordomo.

—O médico das docas foi chamado. Eu vim chamá-lo assim que ele chegou.

—Buttons , peça para aprontarem dois cavalos imediatamente. — Harold chamou, sem saber se o homem estava por perto.

—Peça três, — Ruby falou.

Ele olhou para ela, assustado. —Oh não, as docas não são lugar para uma mulher, especialmente quando um homem está ferido.

—Eu estou indo, — ela disse. —Você se intrometeu nos meus negócios muitas vezes. É minha vez de retribuir.

—Você tem certeza? — Harold perguntou.

—É claro. Eu nem estava ciente de que seu irmão estava na cidade.

—Senhor, os cavalos estão sendo preparados e serão trazidos dentro de instantes, — Buttons disse. —Devo mandar chamar o médico da família de Lorde Haversham também?

—Não, tenho certeza que o médico das docas é versado em todas as injúrias do porto. — Em seguida ele virou para Applewood. —Por favor, conte o que aconteceu enquanto esperamos.

Ele olhou para Ruby, depois para Harold.

—Ela tem o estômago forte. Eu lhe garanto que a senhorita pode lidar com todos os detalhes.

—Sim, por favor, Sr. Applewood, nos diga como estão as coisas.

—Muito bem. — O homem parou como se reunindo os pensamentos. —Estávamos carregando o veleiro, preparando para levantar velas com a maré da manhã. O guincho estava erguendo uma caixa para dentro do navio quando uma corda se rompeu. Ela caiu, acertando o Sr. Jakeston – o outro Sr. Jakeston—

—Nós sabemos qual Sr. Jakeston, — Ruby lhe assegurou.

—Verdade, — Applewood concordou. —O Sr. Jakeston ficou preso debaixo da caixa. Fomos rápidos ao tirá-la de cima dele, mas suas pernas e os quadris foram feridos.

—Minha nossa! — Ruby arfou.

Harold pegou a mão dela buscando conforto. —Vamos esperar lá fora. Os cavalos chegarão logo.

Um milhão de coisas passavam por sua cabeça enquanto eles aguardavam os cavalos. Debateu se seria melhor pegar uma carruagem de aluguel, mas sabia que eles ficariam presos enquanto a *ton* atravessava as ruas voltando de suas atividades noturnas. Podia correr até o porto, deixando Applewood e Ruby esperando os cavalos, mas estaria cansado demais para ser de alguma ajuda quando chegasse.

Finalmente, três cavalos foram trazidos, dois corcéis e uma água que supunha ser de uso pessoal de Ruby.

—Você não está vestida para montar. — Ele sequer pensou que Ruby ainda estava vestindo o traje de noite.

Com um giro da mão, Ruby levou o pé ao estribo. —É só um vestido, e pode ser substituído... seu irmão, não. Por favor, ajude-me a subir para que possamos ir logo.

Ele a colocou em cima da égua e ela se acomodou rapidamente. Ela tinha passado anos ajudando Lady Haversham no rancho, e sabia que ela era mais destra com cavalos do que muitos homens.

—Por favor, mostre o caminho, Sr. Applewood, — Harold disse quando estavam todos sobre as selas. —Ruby, fique perto.

—Eu sou perfeitamente capaz de percorrer as ruas de Londres, muito obrigada.

—Eu não quis ofender, senhorita Ruby. — Ele desprezava a formalidade em sua voz depois do que vivenciaram há apenas uns minutos. —Há muitas coisas que podem assustar um cavalo depois que escurece.

Ruby assentiu e se aproximou. —Agradeço a preocupação, Sr. Jakeston.

Era como se eles fossem meros conhecidos, em vez de estarem intimamente ligados. Da sua posição sobre o cavalo ele tinha uma visão de tirar o fôlego do pescoço esguio e dos ombros beijáveis. Suas mãos preferiam muito mais estar segurando a ela do que às rédeas do cavalo.

—Eu não estava ciente da sua atual associação com o seu irmão, — Ruby disse. —Fui levada a acreditar que você tinha perdido o contato com seus irmãos há muitos anos. — Ela manteve os olhos à frente, mas sabia que ela ouvia com atenção.

—Nós perdemos contato, mas William me procurou logo que cheguei à Londres. Acredito que você nos viu juntos não faz muito tempo.

—Eu não me lembro.

—Você estava tomando sorvete com Lady Ellington, se me lembro bem.

—Aquele era William? Eu vi você dando dinheiro a ele.

—Sim. Nós temos um empreendimento no qual estivemos trabalhando nas docas.

—Eu não fazia ideia. Por que você estava tão esquivo quando perguntei naquele dia?

—Suas próprias ações naquela época não inspiravam muita confiança. — Tinha sido mesquinho – Harold já sabia naquele dia, e ficou ainda mais evidente agora. Ele manteve seus assuntos para si apenas por despeito.

Ela baixou a cabeça e ficou em silêncio.

—Estamos quase chegando, Sr. Jakeston, — Applewood gritou. — Estamos à esquerda das docas.

Harold não precisava de direções quando eles chegaram às docas, já que tudo estava quieto, exceto pelos gemidos de dor de um homem. O som o levou rapidamente para onde William estava deitado sobre o chão sujo, contorcendo-se em agonia.

Harold apeou, e se pôs em ação, pedindo uma atualização sobre os ferimentos do irmão e um relatório completo do médico e dos homens envolvidos no incidente. Ele soube que muitos haviam se dispersado logo que a corda rompeu e a caixa foi retirada de sobre William. Aqueles que ficaram eram a tripulação do *Lucky Hand* e seu capitão, quem tinha ido avisar Harold. O médico das docas, na verdade nada além de um condutor de carruagem com treinamento em ferimentos militares, lhe informou sobre os danos na perna, costas e quadris de William. Felizmente, a cabeça não foi atingida com força quando a caixa o mandou para o chão.

—Alguém tem láudano para a dor? — Ruby falou para a multidão em volta deles. —Devo chamar Marce Davenport?

—Isso vai muito além da perícia dela, eu não tenho dúvidas, — Harold disse, embora admirasse a habilidade dela de manter a cabeça funcionando em tais circunstâncias.

Enquanto ele falava com o médico, ela se ajoelhou ao lado de William e sussurrou, acalmando-o. Os gemidos cederam enquanto ela esfregava o ombro para reconfortá-lo.

—Ele pode ser transportado? — Harold perguntou ao médico.

—Shhhh, — ela disse baixinho para William. —Harold vai buscar ajuda.

Harold duvidava que ele estaria tão firme quanto Ruby ao olhar os ferimentos na perna e na lateral do corpo de William.

—Irmão, — William sussurrou, —Eu sinto muito.

As palavras eram para Harold. —Eu deveria ter estado lá, ajudando-o, em vez de... — Ele deixou as palavras esvanecerem enquanto afastava o pensamento de Ruby, envolvida em seus braços, de sua mente. O irmão precisava dele, mais do que nunca. —William, nós vamos sair dessa e eu juro que serei um sócio melhor, mais comprometido. — *Se* o irmão conseguisse sair dessa. Ele faria qualquer coisa – prometeria tudo, para vê-lo são e salvo.

Harold pegou o casaco e o colocou sobre William. Ele estava perdido, não havia nada mais que pudesse fazer, ao menos poderia manter o irmão aquecido.

—Relaxe, — ele disse baixinho. —Você ficará bem.

O médico, indistinguível dos outros trabalhadores do porto, sacudiu a cabeça. —Eu não me responsabilizo por removê-lo. Temos uma enfermaria aqui perto. Se ele for bem amarrado a uma prancha firme, podemos levá-lo para lá, mas não mais longe. Não esta noite, pelo menos.

Harold se sentiria muito bem se levasse William para Haversham House imediatamente, mas entendia a preocupação. Ele podia ter ferimentos internos que não eram visíveis aos olhos. Harold sequer teve a chance de deixar um recado com Brock antes de partir.

Um grupo de homens colocou uma longa prancha ao lado de William, e Ruby e Harold se afastaram enquanto eles o pegavam e o colocavam sobre a prancha. Com o movimento, o grito de estourar os tímpanos que William deu fez os pelos dos braços de Harold se arrepiarem.

Ele ficou aliviado quando médico deu um passo à frente e abriu uma pequena garrafa.

—Segure-o, — Ele disse enquanto levantava a cabeça de William e levava a garrafa aos lábios dele. —Ele dormirá em breve.

Até mesmo com as palavras do médico, Harold não estava seguro das habilidades do homem.

—Harold, tudo ficará bem. — Ruby segurou o seu braço, tentando acalmar os seus nervos. —Podemos mandar chamar o médico de Lorde Haversham assim que chegarmos em casa.

—William, fique comigo,— Harold disse ao irmão. —Conte-me daquela vez que roubamos o telescópio caro do velho Lorde Haversham... — Ele tentou fazê-lo falar, a ficar consciente. Temia que se o irmão dormisse, não fosse acordar novamente.

Foi ele que permitiu que William ajudasse nas docas, mesmo contra o seu melhor julgamento. Seu irmão mais velho, mesmo versado na vida da cidade, não tinha experiência em navios ou no porto. Ele tinha sorte pela caixa não ter ceifado a sua vida imediatamente.

Enquanto os homens carregavam William até a enfermaria das docas, Harold os seguiu, puxando os três cavalos pelas rédeas e o outro braço em volta dos ombros de Ruby. Ele não tinha certeza se oferecendo a ela apoio depois de ter testemunhado um evento tão traumático ou se ela dava a ele força para manter suas emoções sob controle.

Esperaram enquanto William era transferido para a cama. E então ele tomou mais láudano para assegurar que dormiria o resto da noite, ou até que

Harold pudesse enviar o médico de Brock para examinar melhor seus ferimentos.

A noite tinha ficado fria e a brisa parecia gelo penetrando o casaco de Harold. Quando saíram e se prepararam para montar os cavalos e voltar para Haversham House, Harold pegou seu sobretudo e o colocou sobre os ombros de Ruby, esperando espantar o frio. Não se perdoaria se ela ficasse doente devido à exposição às intempéries.

Voltaram para casa em silêncio, e se separaram assim que chegaram. Ruby foi para o quarto, enquanto Brock esperava Harold em seu escritório. Harold não tinha opção senão deixá-la ir, o tempo que passaram em intimidade já tinha se acabado e sido esquecido.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

O DIA AMANHECEU limpo e quente, o que deveria ter animado Ruby, mas depois do turbilhão emocional do dia anterior, ela não podia ser o seu eu feliz. Ela sentou meio ouvido Vi tagarelar e tagarelar sobre lady fulana e lorde cicrano e seus planos para o resto da temporada. Apesar da conversa fiada, Ruby notou Vi olhando-a com expectativa. A amiga ansiava obter mais informações sobre a irmã recém-descoberta – e o pai, embora Vi ainda estivesse lhe dando espaço e privacidade. Elas se conheciam há muito tempo e ela sabia que quando Ruby estivesse pronta, ela iria contar tudo.

Sua mente vagou por tudo o que tinha vivido nas últimas horas. O choque de saber que tinha uma irmã, a morte do pai, e no meio de tudo isso, reconhecer seus sentimentos por Harold pelo que realmente eram – amor. Incondicional e desenfreado.

Então, eles foram abalados pelas notícias do acidente nas docas. Eles ficaram com William até quase as primeiras horas da manhã.

E durante todo o tempo, ela não teve tempo ou energia para compartilhar as notícias com Vi. Parte dela se arrependia por esconder coisas tão importantes de sua melhor amiga, mas ela sabia que Vi também estava em uma condição delicada, e o estresse adicional poderia afetá-la negativamente.

Mesmo depois de todas as coisas dolorosas que ela atirou em Harold poucos dias atrás, ela estava certa de que ele a amava também. Exceto por Sir St. Augustin e Vi, nenhuma pessoa tinha amado Ruby sem reservas. Ninguém tinha lhe dado a oportunidade de provar que ela valia a pena.

Harold não quis que ela provasse nada; ele sabia que a amava muito tempo antes de Ruby abrir os olhos e enxergar seus sentimentos por ele. Ainda não acreditava muito que esse amor iria para algum lugar, que enfrentaria qualquer tempestade – a dizer, os pais concordando em uma ligação entre as famílias. Harold nunca tinha mencionado nada do tipo.

—Ruby? — Vi perguntou. —Você está bem? Algo aconteceu?

Tudo e nada aconteceu. Ruby esperava entender e aceitar a mudança drástica da sua vida, e quantas mudanças mais estavam por vir, antes de

tentar explicar para outra pessoa – até mesmo para a sua amiga mais próxima e mais querida.

Então, em vez de abrir as feridas e jogar tudo em cima de Vi, ela disse, — Só estou cansada.

—Você não tem dormido bem? Você se retirou antes de chegarmos ontem à noite. — Ela sabia que Vi se importava muito com ela e que estava preocupada, especialmente depois de descobrir o hematoma no seu rosto. — Eu fui ao seu quarto, mas parecia que você já estava dormindo.

—Acho que não estou acostumada com as atividades da cidade. — Na verdade, ela não tinha dormido nada quando Vi foi lá, só fingiu. Passou horas chorando, debatendo e descartando planos para o futuro. Eventualmente percebeu que se não pudesse lidar com o aqui e agora – ou seja ajudar Ellie com a perda do pai, explorar seus sentimentos por Harold e de alguma forma confrontar a mãe – então qualquer plano que fizesse para o futuro seria desnecessário e um verdadeiro desperdício de energia.

—E eu tenho certeza que isso não tem nada a ver com a sua busca. — Vi manteve a atenção no livro-razão.

Ruby conhecia bem a amiga para pensar que o comentário tinha sido casual. Vi estava comprometida e notaria qualquer mudança, não importa o quanto fosse sutil, no comportamento de Ruby. —Não, decidi pôr fim às minhas buscas. Possivelmente ir para o campo mais uma vez, e esperar que a minha mãe nunca descubra nada disso. — Esperava que Vi não perguntasse as suas razões.

Uma leve batida soou na porta e um pigarro chamou a atenção das duas.

—Lady Haversham, Buttons disse, —A senhorita Ruby tem uma visita.

—Não estou esperando ninguém. — Elas se olharam confusas. Era cedo demais para uma visita social – e não havia muitas pessoas que sabiam que Ruby estava na cidade.

—Deram-lhe um cartão? — Vi perguntou.

—Não, sua senhoria. A jovem chegou em uma carruagem. Não disse o nome nem deu o cartão, mas pediu a presença da senhorita Ruby, — ele fez um gesto para ela enquanto falava. —...imediatamente. Eu disse que ainda era cedo, mas ela foi muito insistente. Devo dispensá-la?

A atitude do visitante disse à Ruby tudo o que precisava saber. Havia apenas uma pessoa que conhecia que insistiria que as coisas fossem feitas do seu jeito. —Não, por favor, deixe Lady Ellington entrar.

Qualquer intenção de esconder a situação de Vi – ou tempo para pensar nisso tudo – tinha passado.

Ruby se afastou de sua escrivaninha e se levantou, preparando-se para o ataque da sua irmã recém-descoberta. Agora era uma hora tão boa quanto qualquer outra para Vi conhecer Ellington. Um lugar não-público e controlado onde Ellington podia ser ela mesma – excêntrica, egocêntrica e completamente imprevisível. Como irmã mais velha, cabia a ela ter certeza de que Ellie estava sendo bem cuidada – que tinha um lugar para viver, roupas, educação e uma estreia adequada quando chegasse a hora. Ruby não tinha os meios para pôr um teto sobre a própria cabeça, quem dirá na da irmã – isso se Ellie aceitasse sua ajuda. Esperava que ela tivesse tempo para pedir que Vi a ajudasse com isso.

Devido à reputação de Drake, havia uma boa chance de mais crianças aparecerem pedindo por seus direitos.

Isso excluía tanto Ruby quanto Ellie de terem parte na propriedade, mas também podia significar segurança para a irmã. Se fosse necessário que assumisse a responsabilidade por ela, assumiria. Iria encontrar uma forma de sustentar as duas, não importa o sacrifício. É claro, Ellie voltar para a casa da família de Ruby era inconcebível por causa da mãe.

—*A* Lady Ellington, a mesma que você mencionou há apenas alguns dias? — Vi perguntou. —Devo pedir o chá?

—Não se incomode. É mais provável que ela peça uma dose de whisky, sem gelo, — Ruby brincou. —Ellington – ou Ellie, como ela prefere ser chamada – é a filha do Marquês de Drake.

—Eu deveria conhecer o marquês?

Ruby deveria se sentir mal pela mentira. Bem, não realmente uma mentira – mas não estava sendo tão honesta quanto tinha prometido a Vi que seria caso houvesse necessidade.

—Não. Ele é – era – um marquês. Eu lhe contei sobre a minha malfadada amizade com Ellie – ou ao menos começou como um malfado. — Era hora de dizer tudo a Vi, mas algo a impedia. Assim que admitisse quem era o verdadeiro pai, não haveria mais como negar o fato e talvez não manteria a memória de Sir St. Augustin imaculada.

—E... — Vi incitou.

—Eu não sei o que mais você quer que eu diga.

—E, já que você já me confidenciou que Ellie é sua irmã, isso faz do Marquês de Drake o seu pai, certo?

—Ruby assentiu.

—Onde eu ouvi esse nome antes? — A expressão pensativa de Vi disse a Ruby que a amiga estava encaixando as coisas. —Espera, ele não é o homem conhecido por ser um notório libertino?

—Sim. —Observou a reação dela de perto. Se Vi decidisse afastá-la, pôr um fim à sua amizade, era direto dela. Estar ligada ao marquês não melhoria o seu status pela cidade. —Ao menos ele era conhecido por isso quando jovem.

Em vez de se afastar, Vi começou a rir. —Então, você pode muito bem ter um sem número de irmãos *e* ser a filha de um marquês.

—Ah, você ouviu falar dele.

—Oh sim, meu pai costumava me contar histórias de um homem que pensavam ter gerado um número desconhecido da elite de Londres. Não fique tão sorumbática. Sua mãe poderia ter escolhido algo bem pior.

Enquanto a risada de Vi se aquietava, ela ouviu passos no corredor. O mordomo deveria estar voltando com Ellie. —Agora, prepare-se. Minha irmã é meio que uma diabinha.

—Mais que você e eu?

Ruby nunca as tinha visto como excêntricas ou endiabradas, mas teria sido um termo muito preciso para descrevê-las até o ano anterior.

Não teve a chance de responder antes que a irmã entrasse na sala. —Esse homem pensa que pode me dizer o que fazer, — Ellie bufou enquanto passava pelo mordomo.

—Muito mais endiabrada que nós, — Ruby sussurrou para Vi.

—Bem, ele pode me dizer o que fazer, Ruby? — a irmã prosseguiu. — Porque, sejamos claras, só porque o meu – nosso – pai morreu não quer dizer que você ou que qualquer outra pessoa possa me dizer o que fazer.

—Eu só pedi para ela esperar um momento, — Buttons disse para Vi. — Não quis insultá-la.

—Isso é tudo, — Vi disse, dispensando-o. —Foi apenas um mal entendido.

Quando Buttons saiu, Vi sorriu com simpatia para Ellie e deu um tapinha no assento ao lado dela. Ruby se encolheu na cadeira, esperando que o temperamento da irmã aparecesse mais uma vez. Para seu assombro, Ellie tomou o assento oferecido, cruzando as pernas na altura nos tornozelos. Se Ruby já não tivesse visto a irmã em ação – sempre a vigarista – pensaria que

a menina tinha sido treinada na arte de ser uma dama, e não na fluência de correr pelas ruas, apostando e batendo carteiras.

—Você deve ser Ellington. — Vi sorriu. —Eu sou Lady Viola Haversham, a melhor amiga da sua irmã.

Ellie olhou a sala. —Bem, você certamente casou acima da sua posição. Esse é um lugar muito elegante.

—Elli— Ruby exclamou.

—Não, está tudo bem, — Vi disse, o sorriso nunca falhando. —Meu pai é um lorde do reino. Além disso, eu me casei com um homem do meu círculo social, não por causa da nossa posição, mas porque nós realmente nos amamos.

O afeto de Ruby pela amiga só cresceu. Tantos teriam desprezado a menina pela insolência, mas Vi era muito mais sensível.

—Mas você não veio aqui para falar da minha casa elegante, sim?

—Não, eu vim ver Ruby. Tenho algo que pertence a ela. — Ellie lhe olhou de soslaio e ergueu uma bolsinha. Mesmo que Ruby estivesse feliz por ter recuperado as luvas, a viagem tinha sido desnecessária. —Algo que deveria ter dado a ela antes.

Essa Ellie arrependida era algo que Ruby não tinha visto ainda. Ela tinha visto a Ellie presunçosa, a Ellie egoísta, a Ellie conspiradora, a Ellie quebrada, a Ellie irada – mas nunca essa criatura resignada.

A irmã tinha obviamente vindo por outra razão.

Vi olhou de uma irmã para a outra. —Vou deixar vocês duas conversando. — Levantando-se, ela fechou o livro-razão e o colocou sobre a mesa enquanto saía da sala.

—Você gostaria de um pouco de chá? — Ruby perguntou, sem saber o que dizer.

—Não. — Ellie ergueu a bolsa. —Eu só vim lhe dar isso.

Ellie jogou a bolsa no colo de Ruby quando ela não fez nenhum gesto para pegá-la.

—Vá em frente, é sua. Não vai te arrancar pedaço.

Ela agarrou a bolsa antes que caísse no chão. —O que é?

—Algo que eu queria devolver antes que fosse tarde demais. — Ellie ficou de pé. —É melhor eu ir.

—Espera. — Não sabia quando veria Ellie novamente. —Temos muito o que falar.

—Acho que é melhor—

Sabia que não podia deixar a irmã sair da casa sem falar sobre... bem, não sabia sobre o que, mas Ruby tinha uma sensação de que se não tentasse se conectar – de verdade – com Ellie agora, não teria outra chance. —Por favor, deixe-me falar. — Não daria à irmã mais nova a chance de dispensá-la e desaparecer.

A menina deu de ombros. —Vá em frente. — Mas ela continuou de pé, como se pronta para fugir a qualquer momento.

Era difícil encontrar por onde começar – isso se houvesse por onde começar. Como alguém se desculparia por algo que não tinha feito e que não sabia do ocorrido até recentemente? Mas Ellie merecia uma desculpa. Talvez não uma que dissesse respeito à Ruby, mas uma de Ruby pela forma como o pai a tratou.

—Sinto muito por sua infância. — Isso era bastante simples.

Os olhos de Ellie se ergueram e pareceu que ela ia lhe matar só com o olhar. Lá se fora a menina quieta e submissa. —Sente? Pelo que, exatamente?

—Por tudo.

—Você acha que pode simplesmente dizer que sente muito e então tudo vai melhorar? — a irmã perguntou. —Uma simples desculpa não apaga anos de maus-tratos. Isso não compensa o fato de você ter vivido uma vida de privilégios enquanto eu era obrigada a trabalhar para ganhar cada refeição.

Ruby não sabia o que responder. Isso era o máximo que Ellie já tinha se aberto para ela. Talvez ela só precisasse de alguém que ouvisse, um ombro onde se consolar.

—Desculpas não compensam o fato de eu ter vivido escondida toda a minha vida. Você sabia que ele nunca me reconheceu como sendo dele?

—Não, não sabia.

—Ele teve a coragem de dizer aos criados que eu era um rato de esgoto, deixada na sua porta por uma prostituta morrendo com sífilis.

A evidência do quão horrível o seu pai realmente era, não a surpreendeu. Mas Ruby ainda arfou em horror, temendo dizer uma palavra ou se mover por medo de não ouvir o resto.

Ellie riu, o som amargo de uma pessoa anos mais velha que a menina parada na frente dela. —Você acredita que levou uma quinzena para ele perceber que eu não era um menino? Ele me chamou de Ellington... um maldito nome de homem.

—Se eu pudesse melhorar as coisas—

—Ninguém pode melhorar nada, você não percebe? Eu sou o que sou, você é o que é. E é aí que acaba.

Ruby esperava ter ouvido errado. —Não podemos começar de novo?

—Ninguém pode começar de novo quando os fardos do passado são tão pesados quanto os meus, — Ellie suspirou. —Eu realmente sei que o meu passado horrível não tem nada a ver com você ou com sua criação, mas isso não me impede de invejá-la por ter tido uma mãe e um pai que te amavam... e educação... e uma chance.

—Você ainda pode ter isso – podemos ter isso juntas. — Ruby não sabia como convencer a irmã de que uma vida melhor era possível, uma vida livre de maus-tratos, se somente elas trabalhassem juntas e dependessem um da outra. —Minha infância não foi tão perfeita quanto você pensa.

—Você teve alguém atirando insultos a você de manhã, de tarde e de noite?

—Não.

—Você sabe quem é a sua mãe?

—Sim.

—Você teve um lugar quente onde dormir?

—Sim.

—Então o quão imperfeita a sua infância pode ter sido?

—Nosso pai arruinou a minha mãe. — Ruby não podia acreditar que estava defendendo a mãe que a tinha ignorado, deixando uma criança sem amor por anos. —Depois que Drake a deixou, grávida e irremediavelmente apaixonada por ele, ela não foi mais a mesma. Temos mais em comum do que você pensa.

Ellie cruzou os braços sobre o peito defensivamente. —Eu não acredito em você.

—Eu não me importo se você acredita ou não, — Ruby disse com raiva. —Desde a morte do meu pai – correção, do homem que me criou – eu não fui abraçada, não me deram uma escolha na vida, e eu certamente não senti o amor e a adoração de um pai. Minha mãe me desprezou desde que nasci, me condenando a ser como o pai que eu sequer sabia que tinha me gerado.

A irmã ficou quieta, imóvel. Ruby sabia que ela ouvia cada palavra.

—Mas agora temos uma a outra. Nunca mais nos sentiremos mal amadas e indesejadas, porque eu quero você – e eu espero que você também me queira.

—Eu não quero a sua piedade, — ela atirou para Ruby.

—Não é isso que eu estou te oferecendo.

—ou a sua caridade.

—Isso é bom porque eu não tenho nada para lhe dar, física ou financeiramente.

Ellie a olhou com suspeita.

—Tudo o que posso lhe oferecer é amor, compreensão e um lugar onde deitar a sua cabeça... Isso é, desde que eu possa encontrar um lugar para mim mesma. — Ruby estava fazendo promessas que esperava poder cumprir, sabendo que as consequências por quebrá-las a fariam perder Ellie para sempre. —Você sabe o que acontecerá agora?

—Não pensei nisso ainda, — Ellie confessou. —Pensei em passar alguns dias vasculhando as coisas dele, vendendo o que eu pudesse e embalar qualquer coisa que fosse útil para mim no futuro.

O advogado de Drake ou o parente mais próximo não jogaria uma menina na rua no meio da noite – ao menos Ruby esperava que ninguém fosse tão cruel com uma garotinha que acabou de perder o pai. Havia a possibilidade de Drake ter feito provisões para Ellie em seu testamento, se a sua morte ocorresse antes de ela estar casada. Por pela lei inglesa, havia poucas chances de um marquês prover qualquer coisa além de poucos fundos e pertences pessoais para a filha. Tecnicamente, tudo dentro da casa e das propriedades, incluindo o título, iria para o próximo homem na linha de sucessão. Ruby tinha passado pelo mesmo quando Sir. St. Augustin morreu. A mãe – e Ruby – viviam de um pequeno estipêndio deixado para elas, e continuaram vivendo na residência familiar só porque o próximo barão já tinha outro título, o que fez que ele vivesse em sua própria propriedade.

—E depois? — Ruby sabia que estava sendo injusta, pressionando Ellie dessa forma. —Para onde você vai? Se Drake nunca a assumiu como sendo dele, eu duvido muito que ele tenha feito arranjos para você em seu testamento.

—Você acha que eu não tenho para onde ir? — As palavras soaram duras, mas Ruby ouviu vulnerabilidade nelas.

—Eu não tenho a mínima ideia se você tem um lugar para ir porque você nunca se abriu comigo, nunca confiou em mim.

—Eu irei viver com Marce na Craven House, — Ellie disse. —Ela era amiga da minha mãe.

—Você prefere ir morar em bordel a viver com a sua própria irmã? — Ruby perguntou em descrença.

—Se eu precisar.

—Mas você não precisa, é isso que estou dizendo a você. — A exasperação podia ser ouvida em sua voz. —Por favor, considere viver comigo. Podemos cuidar uma da outra.

—Eu não—

—Não responda agora. — Ruby estava com medo de ouvir a resposta, temendo que fazer com que a irmã mudasse de ideia depois de ter tomado uma decisão fosse algo impossível. —Só pense sobre vir viver aqui, comigo. Se te fizer sentir melhor, fique em Drake House até te disserem para partir, mas saiba que estarei aqui, esperando por você.

A irmã tinha lhe procurado por um motivo. Ela estava implorando por ajuda e Ruby não a desapontaria ou a mandaria embora, mesmo se Ellie não pudesse dizer em voz alta tudo o que ela precisava da irmã. Ruby conhecia bem a dor de ser abandonada, lembrava-se dos dias dolorosos depois da morte de Sir St. Augustin, quando a própria mãe a tinha mandado para longe, sem dar explicações.

Ruby não podia permitir que o apelo silencioso da irmã passasse desapercebido.



Harold ficou do lado de fora da porta parcialmente aberta, aturdido. Seu coração doía pelas duas mulheres dentro daquela sala – uma que perdeu um pai que nunca a conheceu, e a outra que perdeu um pai que nunca conheceu. E, pelo que parecia, estava prestes a perder a irmã na barganha.

Ansiava aliviar a dor das duas e expulsar o sofrimento.

Sua manhã tinha sido consumida com a enorme tarefa de cuidar de William, e se assegurando de que o pai tinha mesmo deixado a cidade. De lá, ele foi direto para a joalheria da Bond Street. O lugar de Harold era ali, simplesmente porque era onde Ruby estava. Se ela ficasse em Londres, então ele também ficaria.

Ouvir a discussão de partir o coração do outro lado da porta solidificou sua decisão, reforçando sua crença em suas ações.

Ruby podia não perceber agora que precisava dele, mas ela precisava. Ela e Ellie precisavam.

Pelo menos uma vez na vida ele iria se erguer e fazer o que precisava ser feito, mesmo se isso fosse de encontro às demandas do pai. Mas, como convencer Ruby? Ele ficou com poucas opções além de dizer sem rodeios

como ele se sentia e o que queria para o futuro – basicamente exigir que ela se casasse com ele. Ruby não tivera opções na vida até então, e seria injusto impor seus sentimentos a ela, especialmente se ela não correspondesse.

A chance de ela se afastar dele depois da noite anterior era um risco que não queria correr.

Harold não estava certo se a conexão que tiveram na noite anterior era verdadeira ou nascida da exaustão física e emocional, ao menos da parte dela. Já ele nunca esteve tão certo de seus sentimentos e de onde estava o seu coração e o seu futuro.

Ele só esperava convencê-la do mesmo.

—Sr. Jakeston, — a governanta disse, assustando-o. —Eu vim trazer chá para a senhorita Ruby e sua convidada. Devo adicionar uma terceira xícara?

Ele se virou para a porta ligeiramente entreaberta e viu as duas mulheres olhando para ele. Como ele nunca tinha percebido totalmente a semelhança antes? Agora acha difícil ver as duas sem observar instantaneamente as similaridades. Ia além do mesmo tom de verde dos olhos. Nesse instante, as duas o examinavam minuciosamente, um olhar de confusão e irritação era evidente em seus rostos, cada uma com uma sobrancelha erguida – a de Ruby era a esquerda, a de Ellie, a direta. Em mais ou menos um ano Ellie ficaria tão alta quanto a irmã, disso Harold não tinha dúvidas.

—Bom dia, senhoras, — ele disse, entrando na sala. —Espero que ambas estejam gozando de boa saúde e humor hoje. — Queria dizer a Ellie que sentia muito por saber sobre o pai, mas não queria trair a confiança de Ruby se a morte de Drake estava sendo mantida entre elas.

Ele recebeu gestos de cabeça idênticos.

A governanta de Haversham passou por ele com o carrinho e entrou na sala.

—Espero não estar interrompendo algo. — Pelo fragmento que tinha ouvido no corredor, ele sabia que certamente estava interrompendo uma conversa importante. Quando elas não responderam, ele prosseguiu. —Eu posso sair se for uma hora ruim.

Ellie falou primeiro, fazendo um gesto em sua direção. —Não importa se você estiver aqui, ou se for só nós duas. Eu só vim devolver algo que pertence a ela por direito.

Ruby observou a bolsa, atada por um cordão comprido.

Sua ansiedade e agitação podiam ser sentidas em toda a sala, Harold tinha certeza.

—Isso é tudo? — a governanta perguntou enquanto se afastava.

Ruby olhou para a mulher com o rosto confuso. —Oh, me desculpe. Sim, isso é tudo. — Ela colocou a bolsinha de lado e foi até o serviço de chá. —Sr. Jakeston, como você gosta do seu chá? — ela perguntou, assumindo seu papel como anfitriã já que Lady Haversham não estava presente.

Ele atravessou a sala e sentou no sofá onde Ellie tinha estado sentada. — Só com um pouco de creme, por favor.

Enquanto ela servia a sua xícara, fez a mesma pergunta a Ellie.

—Eu deveria ir— Ellie começou a protestar.

—Você não vai fazer nada do tipo. Temos muito a discutir. — Ruby serviu uma segunda xícara e colocou dois cubos de açúcar antes de entregá-la à Ellie quando ela se afastou, sentando-se ao lado de Harold. —Agora, onde estávamos?

Ruby rapidamente se serviu de uma xícara, não adicionando nem creme nem açúcar antes de se sentar, com a bolsinha esquecida ao lado dela.

Harold sabia que deveria ter saído quando teve a chance, deixando as duas conversarem. Mas, refletiu, sua presença era um amortecedor pelo qual ambas ficariam felizes, voltando a conversa para assuntos mais socialmente aceitáveis.

Elas falaram um pouco sobre o tempo e então seguiram para a nova tendência dos tecidos brilhantes e de cores escuras em oposição ao uso dos tons pasteis e neutros.

Ellie se cansou da conversa fiada muito antes que Ruby ou Harold. —Eu realmente tenho muitas coisas para resolver. Preciso mesmo ir. — Ela tentou escapar mais uma vez.

—Há algo com que possa ajudá-la? — Ruby perguntou.

—Ummm. — Ela se recusou a fazer contato visual tanto com ele quanto com Ruby. —Bem...

—Ellington, estou aqui para ajudá-la, basta você dizer o que está te incomodando.

A menina lançou um olhar furtivo para Harold.

—O Sr. Jakeston está ciente da situação, — Ruby a encorajou.

—Você disse a ele? — A raiva voltou rapidamente para a voz de Ellie. — E se ele contar a alguém sobre a morte de Drake?

—Você acha que isso já não está sendo comentado por toda a cidade? — Ruby perguntou. —Um marquês indo para o além, especialmente sem um

herdeiro... acredito que os abutres já estejam sobrevoando a casa e as propriedades.

—Esse é o problema.

—Qual é o problema? — Harold perguntou sem pensar.

A menina olhou de Harold para Ruby, a raiva tinha sido substituída pelo acanhamento. —Ninguém sabe que ele morreu.

Harold e Ruby falaram ao mesmo tempo. —O que você quer dizer? — Olharam um para o outro enquanto as palavras ecoavam pela sala.

—Bem, eu fiquei com ele a noite toda. Quando fui me vestir para vir aqui instruí ao criado – bem severamente – que ninguém deveria entrar nos aposentos do marquês até eu voltar.

—Você está louca? — Ruby perguntou, ficando de pé tão subitamente que o chá escapou da xícara e foi direto para o seu vestido. —Você deveria ter chamado um médico imediatamente. Quem é o médico da família?

Ellie deu de ombros. —Nunca vi um médico por lá. Ele não confiava neles. Anos atrás ele visitou um boticário na cidade e levou para casa alguns pós que ele tomava junto com o bourbon antes de ir para a cama todas as noites. Ele disse que ajudava com a dor.

—Que tipo de dor? — Harold perguntou.

Ellie deu de ombros. —Eu não sei e não posso dizer que me importo.

De repente, a conversa seguiu um rumo extremamente desconfortável. Ruby deve ter sentido a sua inquietação, pois mudou de assunto. —E agora ele está deitado na cama com a possibilidade de o valete encontrá-lo?

—Você acha que eu sou tola? — Ellie rebateu. —Eu puxei os cobertores sobre a cabeça dele e fechei as cortinas. Nem mesmo o valete arriscaria despertar a ir do Marquês de Drake por acordá-lo.

A confissão de Ellie não confortou Harold. Pelo olhar de Ruby e a forma como ela agarrava a xícara, ela também estava claramente apreensiva. —O que nós vamos fazer agora?

—*Nós*? — a irmã perguntou.

—Sim, *nós*. Ele era meu pai, assim como era seu, e eu pretendo resolver isso junto com você.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



RUBY TINHA EXPERIÊNCIA com sepultamentos, tendo lidado com o do seu pai – Sir. St. Augustin – já que a mãe tinha se retirado. Logo depois do seu encontro com Ellie, ela começou a fazer uma lista mental do que precisava ser feito: notificar o advogado do marquês, providenciar uma funerária, flores, conseguir transporte até o mausoléu da família... a lista continuava e continuava.

Ela e Ellie deveriam passar pelo período de luto, encontrando consolo uma na outra. Em vez disso, Ellie olhou para ela com os olhos arregalados, e Ruby percebeu que se ela não assumisse o controle da situação, ninguém mais iria.

—Você sabe quem é o advogado de Drake? — Ruby fez a pergunta mais simples em que pôde pensar. Quando a irmã continuou olhando, com a boca fechada, Ruby tentou fazer outra pergunta. —Onde é a residência familiar do marquês?

—Yorkshire... eu acho.

—Você nunca foi lá? — Harold perguntou.

—É claro que não – e nem ele foi na última década. Talvez o valete dele saiba.

A cabeça de Ruby pulsava enquanto uma dor de cabeça severa tinha início. Massageando a testa, ela olhou para Harold, em busca de ajuda.

—Irei pegar o seu exemplar de *Pares do Reino* na sua mesa. Acredito ter visto ele lá não faz muito tempo.

Vasculhando as coisas dela, ele abriu uma gaveta e voltou com o livro. Ruby agora não tinha dúvidas de que ele tinha ficado familiarizado com a sua mesa ao menos uma vez antes.

—Obrigada. — Ela imaginou por algum tempo se ele realmente tinha olhado seus pertences antes. Agora, sua suspeita se provou verdadeira. Ela a deixou de lado pois naquele momento não tinha muita importância. —Agora, Ellie, Drake nunca mencionou outros familiares? Ou talvez um amigo próximo?

A irmã bufou. —Tentei o meu melhor para evitar ter contato com ele.

—Ninguém ia visitá-lo? — Harold voltou para o assento ao lado de Ellie.

—Ele só saía de casa para sua ida noturna ao White's uma vez por semana. Além disso, ele não frequentava funções sociais, festas ou atividades no campo desde que eu era muito jovem.

Mesmo Ellie tendo vivido com o marquês a maior parte da vida, ela o conhecia pouco mais que Ruby, que nunca o tinha visto pessoalmente. O pensamento era depressivo. Se não fosse por Ellie, alguém teria notado a morte de Drake?

—Bem, estou certa de que Lorde Haversham tem uma funerária de confiança e talvez saiba quem lidava com as transações comerciais do seu pai.

Ellie se ergueu. —Por que precisamos de uma funerária?

—Para lidar com o enterro dele, oras.

—Não podemos enfiá-lo em um caixão de pinho e mandá-lo para Yorkshire na próxima carruagem pública?

Houve gargalhadas.

Ruby segurou o riso, sabendo que não era hora para isso agora, e olhou séria para Harold. Se ele viu que ela estava com os lábios curvados, não falou nada.

—O quê? — Ele parou por tempo suficiente para fazer a pergunta e voltou a rir. —Sinto muito, mas Lady Ellie disse exatamente o que estávamos pensando.

—Deixe estar, nenhuma pessoa – não importa qual fosse o seu comportamento ou, por falta de um termo melhor, defeito – deveria ser 'enfiada em um caixão de pinho' e ser enviado para lugares desconhecidos para ser enterrado como se fossem ninguém.

—Eu não sou criança, e você não tem o direito de me passar sermões como se minha mãe. Além disso, ele era meu pai. — Ellie se levantou. —Eu vou voltar e tentar localizar seu advogado ou alguns papeis em seu escritório que sejam úteis. Entrarei em contato em breve.

—Eu não quis ofendê-la, — Ruby abrandou, —ou insinuar que você não tinha apego por ele. Eu só quis deixar claro que estou aqui por você e irei ajudar com os arranjos. — A menina era temperamental, assim como Ruby – e, ao que parecia, o pai também era. —Por favor, sente e termine o seu chá.

—Você estava certa. Foi idiotice deixar o marquês em seu estado atual. Eu deveria voltar.

Enquanto Ellie ia em direção à porta, Ruby reparou a sua aparência pela primeira vez. O cabelo, mesmo penteado, caía ao acaso por sobre o ombro, os olhos estavam com olheiras. Ela claramente tinha dormido com as roupas.

Ruby a deixou ir, pesarosa por tudo o que a irmã tinha passado, sabendo que não estava ciente de tudo o que Ellie tinha sofrido quando criança. Se ao menos tivessem se conhecido mais cedo, elas poderiam ter compartilhado uma vida melhor – Ellie livre de Drake, e Ruby longe da própria mãe. As coisas poderiam ter sido muito diferentes para as duas. Ela se certificaria de que as coisas fossem melhores para elas, teria feito tudo o que estava em seu poder para se certificar que o olhar entorpecido da irmã nunca estivesse em seu rosto.

—Ela é uma diabinha, — Harold disse.

—Se ela não fosse, temo que não teria conseguido passar pela infância, — Ruby disse na defensiva.

Harold ergueu as mãos. —Você entendeu mal as minhas palavras.

—Estou sob muita pressão—

—Verdade, e você não precisa se desculpar. Sou eu que devo pedir desculpas pelo meu comportamento ao me intrometer entre você e Lady Ellie. Você estava exausta na noite passada quando voltamos para casa, e eu esperava terminar a nossa conversa.

—Sua presença não mudou nada. — Ruby se recostou no assento, a mão afagando a bolsinha ao seu lado. —Temo que Ellie seja o que é e nem você nem eu podemos mudar isso. Penso que só podemos culpar Drake.

Harold olhou a mão dela enquanto acariciava a bolsinha. —Você vai ver o que tem aí dentro?

Ele pensaria que ela era uma pessoa horrível se dissesse que não? Abrir a bolsa era a última coisa que queria neste momento, mas afastá-la descaradamente apenas chamaria atenção indevida para a sua evasão. Relutantemente, ele pegou a bolsa. Pesava menos que um livro, mas não era tão leve quando um par de luvas. Ela pressentiu no momento que a irmã atirou a bolsa para ela que ali continha mais que objetos esquecidos. Não podia imaginar o que havia ali, mas temia saber o que era.

O cordão, amarrado em um laço perfeito, escapou de sua mão quando seus dedos tremeram.

Harold pegou a bolsa e a abriu antes que ela pudesse protestar. — Permita-me, — ele disse. Entornando os itens em seu colo e deixando a

bolsinha de lado. —Um maço de cartas, uma carta aberta e um bilhete. Viu, nada extremamente chocante ou de fazer mudar a vida.

Ruby o observou examinar cada item, inconsciente do quanto eles mudariam a sua vida. O maço de cartas, quase todos selados, levou lágrimas aos seus olhos. O coração da mãe despejado no papel deteriorado, com uma tinta que valia mais que sangue. Lutou para não pegá-las, segurá-las com força... Os escritos da mulher que lhe deu à luz, mas sobre quem sabia tão pouco. Alguém não deveria descobrir coisas sobre seus pais através de cartas que tinham décadas de idade. Entenderia Pearl St. Augustin depois de lê-las? Seu coração aceitaria a mulher desprezada?

—Céus, por que ela lhe daria um abridor de cartas? — Harold perguntou.

Ruby não se atreveu a ter esperança de que fosse o mesmo abridor de carta com o qual a mãe tinha gastado todos os seus xelins encomendando para o seu amante.

Ele pegou a pequena adaga, com a ponta virada para a palma. —Ainda está afiado, parece ter sido pouco usado.

A luz que entrava pelas janelas refletiu nos rubis. Era exatamente como a mãe tinha descrito no diário – magnificamente forjado. Ruby sabia que se olhasse de perto veria as palavras de *Sonho de uma Noite de Verão* inscritas no cabo.

E então, Harold ergueu o bilhete dobrado para que ela o visse. —Você quer que eu leia a mensagem?

Ela apenas assentiu, temendo que as emoções dentro de si fossem estourar se abrisse a boca para falar.

Harold desdobrou a folha de papel e pigarreou, preparando-se para ler.

Mas nada saiu, enquanto ele esquadrinhava a folha e seu rosto era bombardeado por emoções: perplexidade, confusão, fúria, pesar... e finalmente pena – por Ruby, tinha certeza.

Ruby não buscava ou queria pena de qualquer tipo. Independentemente de sua mãe e das circunstâncias do seu nascimento, ela teve uma infância cheia de amor e de todas as bugigangas que uma menina pudesse querer. Foi só quando ficou mais velha que percebeu que as coisas com sua mãe não eram como deveriam ser.

Redobrando a carta, Harold olhou para ela. —Podemos guardar isso para outro dia. Talvez seja melhor começarmos a planejar o funeral do marquês.

—Oh não, você não vai! — Se estivesse em pé, teria batido o pé como uma criança. —Ou você lê ou dá pra mim. Temo que se esperar mais um

segundo para descobrir o que diz aí eu explodirei.

Harold pareceu muito desconfortável e provavelmente arrependido da sua escolha de ouvir a conversa de Ruby e Ellie. —Eu só acho que depois dessas vinte e quatro horas, esta carta— ele ergueu a folha na sua frente. —pode esperar mais um dia. Mas já que você insiste, irei lê-la para você.

Ruby ergueu a mão para pegar o papel.

Ele moveu a mão rapidamente, mantendo-o fora do alcance dela. —Ah-ah, permita-me.

Ela deu um passo atrás, preparando-se.

Harold pigarreou antes de começar a ler.

—Ruby,

—Nós fomos feridas, inequivocamente machucadas pela infeliz circunstância do nosso nascimento. Mesmo que o nosso pai fosse um homem cruel, nós não somos ele e ele não ditará quem escolheremos que esteja em nosso futuro. Palavras não podem expressar o meu arrependimento por ter tirado de você sua única chance de conhecer o nosso pai. Acredito que os itens anexos à esta mensagem pertençam a você por direito.

Ruby queria chorar. O bilhete da irmã dizia tudo que Ruby nunca tinha pensado que queria ouvir dela.

Harold prosseguiu, —Assinado com afeto, de sua muito mais bela irmã.

—Oh, você! — Ruby exclamou. —Ela não escreveu isso. — Ela tentou pegar o bilhete novamente, mas acabou no colo dele quando ele segurou a folha sobre a cabeça e fora do alcance dela.

Quando olhou para cima, o rosto estava a poucos centímetros do dele, o corpo totalmente sobre o seu colo. Tarde demais, percebeu o seu erro.

Ele a pegou pela cintura e a colocou ao lado dele com suas pernas se tocando. O calor da pele dele podia ser sentido abaixo da sua saia. O breve momento que passaram no escritório do marquês e então no teatro passou por sua mente – para não mencionar o tempo que passaram sozinhos nos braços um do outro na noite anterior. Ela suspirou, afastando o bilhete da cabeça, substituindo com a sensação dele. As mãos nas suas coxas, massageando-a através do tecido do vestido até que ela estava tão quente que queria nada mais que arrancar o material do próprio corpo.

—Harold... — ela suspirou.

Antes que pudesse dar outro suspiro, os lábios dele estavam sobre os dela, exigentes e pacientes. A luz da sala desapareceu, a tensão tinha desaparecido com cada roçar dos lábios contra os dela, e o futuro pareceu brilhante

enquanto estava afundada em seus braços. Não podia lembrar quando, mas ele a segurou com força, pressionando possessivamente e com segurança a parte baixa de suas costas.

Os lábios deixaram os dela e seguiram para o pescoço, dando pequenas mordidas no caminho. Isso era mais que um beijo, percebeu de repente. Havia uma decisão pela qual ele estava esperando – uma decisão que ela sequer sabia que tinha que tomar. O que quer que fosse, o que quer que o futuro lhes reservasse, ela soube, naquele momento que se estivesse a seu alcance, ela daria a Harold tudo o que ele pedisse.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



RUBY ST. AUGUSTIN estava entre a irmã e Harold, a dupla bloqueava eficientemente o vento que ameaçava arrancar o chapéu de sua cabeça. Atrás dela, Lorde e Lady Haversham estavam aconchegados protegendo-se do frio da manhã, os braços do lorde envolviam a esposa grávida.

De ambos os lados estava a criadagem do marquês, o número não era nem de perto o tanto de mãos que Ruby suspeitava serem necessárias para cuidar da enorme casa do pai em Londres. Atrás do grupo, quatro mulheres estavam encolhidas junto à casa tentando se proteger do vento implacável. Ruby viu os cachos louros de Marce aparecendo por baixo do capuz. As outras mulheres deviam morar com ela na Craven House.

Eles se reuniram no jardim atrás da casa de Drake para dar um rápido adeus ao pai que Ruby nunca conheceu.

O humor era melancólico, como alguém esperaria em tal ocasião. A atmosfera séria tinha pouco a ver com a tragédia da morte de Drake, mas, tudo a ver com a incerteza que cada pessoa ali enfrentaria. Os criados temiam por seus empregos e o seu meio de sustento poderia ser arrancado quando um novo parente reclamasse o título e tudo o que vinha atrelado a ele.

Ruby temia que o seu tempo com a irmã estivesse chegando ao fim. Será que Ellie desapareceria no meio da noite; procurando consolo na Craven House com uma mulher que a conhecia melhor que Ruby?

O rumo que a vida de Ellie tomaria a estava deixando aflita. Ela merecia muito mais que ir viver em um bordel, rodeada por mulheres de situação dúbia. Mesmo sabendo que a menina tinha visto e vivido mais coisas que ela em sua curta vida, sabia que Ellie era facilmente influenciada – e isso a aterrorizava ainda mais.

A irmã não tinha derramado uma única lágrima desde o dia da morte do pai. Estava preocupada que Ellie ficasse ainda mais cansada e endurecida pela vida, e por isso afastasse as pessoas que mais se importavam com ela. Mesmo que Ruby não fosse familiarizada com a Craven House e os seus

ocupantes, não podia imaginar que a vida da irmã melhoraria se passasse mais tempo às margens da sociedade.

A ironia da situação não passou despercebida. Embora a estação fosse diferente, sua mente fosse mais madura e as pessoas em volta dela fossem mais do que ela tinha esperado, a tristeza era a mesma. Mas dessa vez, a tristeza não era por ela ou por sua perda, mas por Ellie. A vida dela ia mudar de uma forma que nenhuma das duas tinha previsto.

Ruby também lamentava por um homem que nunca tinha dado às filhas a chance de realmente conhecê-lo – de dar o amor que todas as pessoas mereciam. Ele levou uma vida de autodestruição, o que eventualmente terminou com apenas poucas pessoas se importando com a sua partida – se qualquer um dos presentes realmente se importasse mais com ele do que com a ato de ver o seu corpo sendo posto debaixo da terra.

Ela não conhecia Drake, mas o homem que criou Ruby tinha sido tudo o Drake não fora: estimulante, apoiador e compassivo. O marquês nunca tinha feito parte de sua vida, e deveria ser grata por isso.

Harold soltou o seu cotovelo e foi para a frente dos reunidos, virando-se para olhar para todos. Ruby se moveu para mais perto da irmã e envolveu o braço na cintura dela, oferecendo conforto.

—Foi me pedido pela— Harold pigarreou antes de continuar. —— custodiada do Marquês de Drake, Lady Ellington, que fizesse uma breve oração pelo falecido.

Ruby ficou maravilhada com a facilidade que Harold tinha para se dirigir ao público. Concordaram em deixar o relacionamento de Ellie com Drake o mais vago possível até que pudessem reunir mais informações sobre o futuro. O homem nunca tinha visto motivo para assumi-la como filha, mesmo que ela tivesse vivido com ele desde que nasceu. Mesmo que Ruby fosse relacionada à Drake, ela estava ali apenas como amiga e para dar apoio a Lady Ellington, nada mais.

Enquanto ela se aproximava de Ellie para confortá-la, Vi deu um passo à frente e colocou a mão sobre o ombro de Ruby. Ruby estivera tão preocupada com Ellie e seu bem-estar que teve pouco tempo para pensar em si mesma. Haveria outro dia para mergulhar em seus próprios sentimentos.

Hoje – este adeus – era somente para Ellington.

Uma chance para ela obter um término, para se despedir – e possivelmente se libertar – do homem que ansiava chamar de pai, foi negada e rejeitada de novo e de novo.

As palavras de oração de Harold a arrebataram. As subidas e descidas da voz dele a encantavam. Apesar da facilidade que tinha para o papel, ela sabia que a vida de vigário não era para ele – seria um desperdício de sua vida na terra. Ele foi destinado para coisas maiores. Seu jeito com as pessoas era tão natural, tanto aqui quanto em encontros maiores. Se ele tivesse a chance, ele fascinaria a *ton* – iria fazê-los imaginar se ele não tinha mesmo um título e a educação de um lorde do reino.

—Vamos nos lembrar de Andrew Penton, o Marquês de Drake, como um homem grande. Um homem de opinião forte que estava sempre disposto a jogar uma partida de carta com os amigos, — Harold disse por fim.

Ela respeitava a habilidade dele de falar sobre o pai dela, selecionando as palavras certas para honrar Drake, sem afirmar que ele era um homem diferente.

—Alguém quer dizer algo antes de partirmos? — Ele olhou a pequena audiência.

Ruby olhou para Ellie ao lado dela, esperando encorajá-la a dizer algumas poucas palavras, mas os olhos dela estavam presos no chão. Ela se virou e viu uma mulher encapuzada, os soluços baixos tinham chamado a atenção de Ruby.

A capa tinha sido feita de acordo com a última moda, com uma lã pesada e cara. A cabeça pendia levemente enquanto ela chorava, sem saber que estava sendo observada não apenas por Ruby, mas também por Ellie.

O vento bateu, tirando o capuz da mulher e revelando uma cabelereira negra muito familiar.



Ruby entrou no escritório – a mesma sala para onde Ellie tinha levado Harold e ela na noite em que a chantageou.

As mãos tremiam, ela estava enfurecida. Apesar do exterior frio, seu sangue fervia e a pele queimava. Se ela não fosse a dama que sabia ser, provavelmente estaria dizendo cada palavrão que conhecia.

—Feche a porta, — ela disse sem se virar. Ela não era do tipo que fazia cena – de fato, na última temporada tinha visto em primeira mão toda a repercussão que fazer uma cena causava. E ela não tinha a intenção de causar o alvoroço que Vi e Lorde Haversham tinham causado. —Sente-se.

Os dias de viver no escuro, de permitir que os outros a tratassem injustamente por medo de deixar alguém infeliz tinham acabado. Se havia

algo que tinha começado a aprender, era que a vida era um sopro e as pessoas não deveriam vivê-la em vão.

Ruby ficou apreensiva, nunca tinha visto Pearl St. Augustin tão quieta, tão passiva. Quando ela se virou, a mãe se sentava erguida no sofá enquanto Harold e Ellie estavam de pé perto da porta.

—Eu disse para a minha mãe vir comigo, não vocês dois. — Havia coisas que uma pessoa tinha que lidar sozinha – e já havia passado da hora de ela confrontar a mãe. Nenhuma testemunha, não importa qual fosse a sua relação, era bem vinda.

Ruby já sentia suas emoções prestes a dominá-la. A última coisa que queria era que Harold, ou Ellie, testemunhassem a sua ruptura. Precisava ser forte e controlada, especialmente por Ellie. O nível de confiança entre elas estava crescendo a cada dia. Como a irmã contaria com Ruby se a visse caindo aos pedaços?

Quando ambos ficaram parados, nenhum indo até a porta, ela disse. — Fiquem à vontade, mas não digam uma palavra.

Harold e Ellie assentiram, e ela soube que eles não trairiam a sua confiança ao repetir o que tinha sido dito dentro daquelas paredes.

—Eu também prefiro que eles saiam, — a mãe disse. —Não estou confortável com pessoas que não são da minha família ouvindo sobre esse assunto. É privado.

—Suas preferências não significam nada para mim, — Ruby rebateu. A culpa se ergueu dentro dela por causa das palavras duras, mesmo que a mãe as merecesse – e merecesse muito mais. —Lady Ellington é minha família, além disso o que quer que seja dito aqui a envolve. E Harold – o Sr. Jakeston – é um amigo de confiança. — Os dois sorriram encorajadoramente para Ruby.

Ela respirou fundo antes de prosseguir. —Eu não sei por onde começar, mãe. Suas mentiras e infidelidade não conhecem limites.

A mãe sorriu. —Parece que o fruto não cai muito longe da árvore. Quando você chegou à cidade?

Ruby conhecia muito bem aquele sorriso. —Baseado no que vejo eu seu rosto, espero que você já saiba a resposta. — A conversa não iria a lugar nenhum se ambas tomassem a dianteira. —Basta. Por que você está aqui?

—Minha querida, venho para Londres todas as temporadas. A verdadeira pergunta é, por que você está aqui? A temporada com certeza não serve para alguém do seu tipo.

—*Meu* tipo? — Ruby lutou para se concentrar e não deixar que o jogo de palavras da mãe a enfurecesse demais. —Por que você está *aqui*, mãe? No jardim do marquês... em uma reunião privada em honra dele? — A mãe e o verdadeiro pai eram tudo, menos honrados. E ela não podia se obrigar a olhar para Ellie. Depois de anos de abuso – de maus-tratos, Ruby não teria estômago para explorar tudo isso – sua irmã também concordaria que o pai não tinha honra. E integridade. E possivelmente nenhum bom senso.

Por um segundo, Ruby viu o pesar nos olhos da mãe, mas foi rapidamente substituído por um olhar duro. —Tenho certeza que você já descobriu por que estou aqui – e é pela mesma razão que você.

—Preciso ouvir você dizer – eu preciso entender como você pôde trair o meu pai. Eu ouvi histórias enquanto crescia sobre o grande amor de Sir St. Augustin e sua amada Pearl – como vocês fugiram para Gretna Green e se casaram sem ninguém saber. Como os criados os pegavam em situações delicadas ao longo dos anos, em um abraço apaixonado ou simplesmente olhando dentro dos olhos um do outro. Como isso chegou ao fim?

Quando a mãe ficou em silêncio, Ruby fez a única pergunta que sobrepujou todas as outras. —Por quê?

O olhar presunçoso de Pearl desapareceu com sua resposta. —Por sua causa, é claro.

—Por minha causa? — Ruby ficou mais confusa com cada palavra que a mãe dizia, cada mentira e cada meia-verdade. —Nada que você fez desde que eu nasci foi por minha causa.

Um sorriso triste se assentou no rosto dela. —Não, mas tudo o que fiz antes foi para trazer você a este mundo.

Ruby queria que elas estivessem sozinhas, sem testemunhas para ver as lágrimas escorrendo pelo seu rosto, descendo pelo pescoço e indo em direção ao colarinho do seu vestido de luto. As implicações das palavras da mãe a atingiram fundo.

—Se eu não tivesse procurado o marquês, eu nunca teria conhecido as alegrias da maternidade – e Angus nunca teria a completude da paternidade. Algo que ele merecia mais que qualquer homem.

—Mas... — a pergunta escapuliu. —Você o amava. Como pôde traí-lo dessa forma?

—Traí-lo? — a mãe perguntou. —Você acha que eu o traí ao fazer exatamente o que ele me encorajou a fazer? Nosso amor era forte, tão forte que eu ansiava dar tudo a ele. E tudo o que ele sempre quis foi você.

—Eu? — Ela sabia que parecia disparatada, incapaz de completar um pensamento.

—Oh, sim. — A mãe olhou para Harold e Ellie perto da porta. Ambos estavam imóveis e calados, como se também esperassem as palavras que estavam por vir. —Ele queria um filho, um herdeiro. Infelizmente, conseguiu uma herdeira – que ele amou tanto quanto se tivesse nascido homem... E no processo, eu me apaixonei por outro homem. Mesmo com tudo isso, eu amava Angus demais. Ainda o amo. Mas o coração das mulheres é inconstante. — As palavras dela eram para Harold, Ruby não tinha dúvidas.

Ruby olhou para Harold, mas os olhos dele estavam baixados, como se não quisesse se intrometer na conversa, mas ainda oferecendo apoio a Ruby. Seu coração se afundou. Ela poderia trair um homem que amava para dar a ele algo que ele queria muito, mesmo sabendo que isso arriscaria tudo o que tinham juntos?

A resposta era simples: sim.

Ela teria ido além para dar o que ele queria, teria feito tudo igual à mãe? Não.

Mas ela entendia.

E lamentava pela mãe e a perda do seu amor.

—Se algum homem era merecedor de todo o amor de uma mulher, esse homem foi o seu pai – Sir St. Augustin era o melhor dos homens. Eu sei que parti o coração dele, mas eu também o devolvi em forma de uma criança. Ele te amou de todo o coração e a tratou como se fosse dele, mesmo que o seu sangue não corresse por suas veias.

—Por que você não tentou consertar seu relacionamento depois que eu nasci? — Ruby perguntou. —Se ele te amou antes, poderia voltar a amá-la.

Uma risada amargurada preencheu a sala, e Ruby se encolheu com o som cruel. —Houveram muitas palavras dolorosas que fizeram que o perdão fosse impossível.

—Quais palavras? — Ela procurou por qualquer coisa que pudesse dizer a Harold que o fizesse abandoná-la, mas não conseguiu pensar em nada. Com tudo o que ela já tinha dito, ele nunca saiu do seu lado.

—Antes de você nascer, concordei em deixá-la com ele, desde que ele me deixasse viver com o marquês. Nós dois seríamos felizes. Ele teria o filho, e eu estaria com o homem que me inspirou tanta paixão que meus joelhos ficavam fracos só de pensar nele.

Mas as coisas deram muito errado. O diário da mãe detalhava cada mágoa, cada lágrima, cada dia de anseio.

—E como o seu pai me amava muito, ele concordou sem pestanejar. Infelizmente, Drake não me queria – disse que nunca me amou e que o seu coração era de outra.

Enquanto Ruby olhava para a mulher, esperando por mais, precisando ouvir cada palavra, Harold deu um passo à frente e pegou um lenço. Foi só então que ela notou que as lágrimas também rolavam pelo rosto da mãe. Nunca em sua vida tinha se sentido tão próxima, tão conectada à mulher.

—Você alguma vez pensou em ser honesta comigo? — Ruby perguntou. —Depois da morte do meu pai, ou quando atingi a maioridade? É o dever de uma mãe guiar a filha, informá-la sobre os perigos da vida. — Ela não teve ninguém para assumir aquele papel. Ninguém com quem falar sobre o amor e a vida e o futuro, exceto Vi.

Pearl baixou a cabeça enquanto ela continuava a jogar as coisas na cara dela. —Eu esperava que a necessidade nunca surgisse. Você nunca quis vir a Londres. Eu esperava que você nunca entregasse o coração a um homem. E eu nunca quis que você vivesse a perda de um filho ou de um amante. Mas eu acho— ela olhou para Harold, —que é tarde demais.

Os sentimentos dela eram assim tão claros para os outros – até mesmo para a mãe que tinha passado mais tempo longe do que perto da filha? A própria Ruby mal reconhecia seus próprios sentimentos.

—Não fique tão confusa, querida, — a mãe censurou. —Posso ter muitos erros no meu passado, mas a falta de percepção nunca foi um deles. Você ama este homem... e eu devo dizer que seu pai ficaria orgulhoso. Tanto Drake quanto St. Augustin não poderiam ter escolhido uma união mais adequada.

—Sra. St.—

Pearl se virou para Harold. —Nem tente negar o seu amor pela minha filha.

—Eu nunca sonharia em fazer isso, — Harold disse.

—Espero que você nunca renegue o amor que sente por ela, — a mãe prosseguiu.

—Eu estou bem aqui— Ruby começou.

—Isso sequer passou pela minha mente, — ele disse sério.

—E eu espero que você mostre o mundo a ela – não a mantenha escondida – assim como eu fiz, — a mãe disse com firmeza.

—Não preciso da sua interferência, mãe.

—Nada me deixaria mais fazer do que exibir esta mulher— ele apontou para Ruby, —na frente de toda a sociedade de Londres e dizer que ela é minha.

—Então está tudo acertado. Lady Darlingiver vai ficar muito feliz em saber que teremos outro casamento para planejar. — O primeiro sorriso genuíno que Ruby já viu no rosto da mãe. —Os dois não terão que se preocupar com nada. Cuidaremos de tudo. Acredito que daqui a três semanas será a data perfeita. As flores ainda estão desabrochando.

—Espere um momento, — Ruby disse em descrença. —Eu não preciso que você, mãe, tome conta dos meus assuntos, especialmente os do coração. E você, — ela se dirigiu a Harold. —Eu não sou uma coisa para ser possuída e reivindicada.

—Bem, você ama este homem? — Pearl perguntou.

—Amo, mas isso não é preocupação sua, — Ruby rebateu. —Harold e eu somos perfeitamente capazes—

—Você aceita se casar com ele? — a mãe perguntou.

—Ainda não me pediram de forma apropriada e decidirei quando pedirem.

—Oh, — Ellie murmurou.

Ela esqueceu a presença da irmã e só podia imaginar o que a menina pensava dos dramas familiares de Ruby – uma família da qual ela agora fazia parte.

—Ruby? — a irmã prosseguiu. —Eu acho—

Ela afastou o olhar da mãe para ralhar com Ellie por ela ter se intrometido. —Você também quer dar a sua opinião? — Por que todo mundo pensava que podia dar palpites em sua vida, não conseguia entender isso.

—Abra os seus olhos e veja o que está bem na sua frente, Ruby. — Ellie fez um gesto para o lado de Ruby.

Virando-se, ela encontrou Harold ajoelhado na frente dela, a mão esticada com uma pequena caixa apoiada lá. —Senhorita Ruby St. Augustin—

—Não! — ela exclamou.

—Não? — Todo mundo na sala respondeu.

—Você não quer ouvir o que tenho a dizer antes de se negar? — Harold perguntou. —Essa pode ser a única vez que serei capaz de ajoelhar na frente da mulher que eu mais admiro e amo.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



A HORA ERA errada. Seus calções estavam um pouco apertados para ficar ajoelhado. A sala abarrotada com duas pessoas a mais.

Mas... a mulher diante dele era certa, o que anulava todos os erros do momento. Ela se sentou na *chaise* usando um vestido do azul mais escuro, em luto por um pai que nunca conheceu. A postura e a pose de uma mulher nascida na elite da sociedade, e sem Ruby saber, ela tinha sido – apesar de que a linhagem dela não significasse nada para ele. Ele só se importava que ela era bondosa, amorosa, compassiva e inteligente. Não havia dúvidas de que ela era todas essas coisas – e também teimosa, astuta, obstinada e de personalidade forte.

Ela olhou para ele por muito tempo em silêncio antes de alguém na sala pigarrear.

Foi então que Harold percebeu que todo mundo esperava que ele falasse. E então, cada pensamento fugiu da sua mente. Mesmo que não planejasse pedir a mão dela hoje, ele tinha começado a preparar um discurso listando todas as incríveis qualidades que ela tinha e ressaltar seus próprios atributos – caso ela precisasse de um incentivo – imediatamente após ter encontrado o anel perfeito dias atrás.

—Senhorita Ruby, — ele começou novamente.

—Acredito que você pode chamá-la só de Ruby, — Ellie sussurrou para ele.

—Oh, certamente. Acredito que você está certa, Lady Ellie. — Ele pigarreou, sorrindo para a irmã de Ruby e tentando começar de novo. — Ruby, peço desculpas pela má hora, mas... — Ele parou quando viu lágrimas nos olhos dela.

Ele as secou – possivelmente a sua única oportunidade.

—Eu não quis chateá-la, Ruby. Por favor, não chore. Podemos falar em outra hora.

Ele fechou a mão estendida, ainda segurando a pequena caixa de veludo onde estava o anel de rubi mais delicado que ele já vira.

Mas Ruby ergueu a mão, parando Harold antes que ele ficasse de pé.

Ela sorriu, o sorriso mais radiante e entusiasmado que ele já tinha visto – e teve certeza que o guardaria na mente por toda vida. —Não são lágrimas de tristeza, embora, é claro, esse seja um dia triste. Estou chorando por que estou transbordando—

—Eu lhe imploro, podemos falar disso em um momento mais apropriado, — Harold a cortou. Agora não era hora para que ela tomasse decisões que abalariam a sua vida, e ele impôs isso a ela, sobrecarregando-a ao ponto das lágrimas. —Ou nunca mais, se for o que você quiser.

—Harold, — Ruby suspirou. —Olhe para mim.

Ele ergueu o olhar e a viu sorrindo, as lágrimas tinham cessado.

—Estou transbordando de alegria, quase fiquei de joelhos pela inundação de emoções neste momento. Eu não deveria estar vivendo uma felicidade e um amor tão intensos em um dia de luto, — ela prosseguiu. —Mas eu estou... e esses sentimentos são abundantes e são bons.

—Você tem certeza? — ele não pôde deixar de perguntar.

—Você acha que eu não tenho certeza e que não estou no controle dos meus próprios sentimentos?

—Eu nunca te ofenderia desse jeito.

Um leve toque chamou a atenção de Harold para longe da única mulher com quem ele passaria feliz cada dia do resto da sua vida. Relutantemente, ele se virou para Ellie. —Lady Ellington, acredito que estou um pouco ocupado no momento. Com o que posso ajudá-la?

A menina, sempre um aborrecimento, se aproximou antes de dizer. —Eu acho que você está esquecendo de fazer a pergunta mais importante, e, só para constar, eu o recusaria só por causa do seu nascimento plebeu.

Os olhos de Ellington brilhavam de travessura.

Sabia que levaria tempo para se acostumar com o jeito impertinente da menina, mas se realmente ia pedir para que Ruby se casasse com ele, ela sem dúvida teria a frequente atenção da irmã, não importa onde eles decidissem viver.

—Sim, obrigado novamente, Lady Ellington, por mais uma vez redirecionar a conversa. — Tirando os outros ocupantes da sala da cabeça, ele se dirigiu novamente à Ruby. —Eu entendo que a minha linhagem é muito inferior à dos homens que deveriam ser permitidos a pedir a sua mão em casamento, mas eu acredito que a faço feliz. Trabalharei de sol a sol para te dar um lar próspero e estável. E se o bom Senhor quiser e formos abençoados

com filhos, farei tudo ao meu alcance para criá-los da melhor forma possível, como dois pais amorosos e devotados. — Ele parou para tomar ar antes que desmaiasse.

—Ainda falta a pergunta, — Ellington incitou.

—Estou chegando lá. — Ajudaria se a irmã e a distante mãe de Ruby não estivessem fungando em seu pescoço. Felizmente, a última estava em silêncio – o que era mais do que ele podia dizer de Ellington. Ele se moveu levemente para aliviar a pressão do joelho cravado no chão de madeira. Ruby o olhava encorajadoramente. —Ruby St. Augustin, você me daria a grande honra de se tornar a Sra. Harold Jakeston – a minha esposa?

Ela ficou em silêncio. Pelo mais breve dos momentos, a possibilidade de que ela fosse recusar pesou sobre ele. Odiava a ideia de sair dessa sala sem Ruby.

Não sabia quando começou a ver o seu futuro com ela, mas sabia que estaria aniquilado sem Ruby ao seu lado.

Harold tremia enquanto abria a pequena caixa, cada nervo em seu corpo implorando para que ela consentisse. Manteve os olhos nela, não querendo afastar o olhar por medo que fosse perder sua resposta.

Ele morreria se ela não respondesse logo, mas não tinha outra opção a não ser esperar. Daria a ela todo tempo que precisava se isso significasse que eventualmente ela fosse dizer as palavras que ele ansiava ouvir.



Ruby olhou para o anel que Harold segurava em frente a ela, um simples anel de ouro com um incrível rubi no centro. Pequenas garras de ouro seguravam firmemente a pedra preciosa.

O anel representava perfeitamente Harold e a vida que eles teriam juntos.

Simplicidade em seu melhor.

E ela soube que era a vida que ansiava.

Uma vida sem o fardo das expectativas da sociedade. Uma existência onde o amor valeria mais que a posição social ou o dinheiro. Uma eternidade rodeada pelo que mais lhe importava – a família e os amigos.

—É claro, ficarei honrada em ser a sua esposa. — Palavras mais verdadeiras nunca passaram pelos seus lábios.

Ela observou enquanto Harold – com as mãos trêmulas – tirava o anel da caixa de veludo.

Não havia nenhuma outra pessoa na sala enquanto ela oferecia a mão. O anel deslizou facilmente pelo seu dedo, servindo tão perfeitamente que ele deve ter tirado sua medida enquanto dormia.

—Encaixou-se perfeitamente. — Ele sorriu para ela. —Assim como nós.

Ruby saiu da *chaise* e caiu nos braços dele antes que seus sentimentos levassem a melhor sobre ela. Afundando a cabeça no ombro dele, ela chorou. Deixou toda a fúria reprimida e o pesar das últimas semanas irem embora – e permitiu que a felicidade do momento a tomasse.

As lágrimas de tristeza viraram lágrimas de felicidade, sabendo que sempre estaria a salvo nos braços de Harold. Ele era um homem de valor que nunca se esqueceria dos seus desejos e anseios, um homem que desistiria de si mesmo por ela.

Mesmo que seu relacionamento com a mãe e a irmã estivesse longe de ser estável, Ruby sabia que com Harold ao seu lado eles iriam consertar a ponte que a separava da mãe e guiariam Ellie pelo caminho certo para que ela pudesse abraçar o seu futuro.

—Eu te amo com todo o meu coração, — ela suspirou em seu ouvido enquanto os soluços cessavam.

—Ruby, eu te adoro há mais tempo do que você imagina, — ele sussurrou de volta. —Eu te amei desde que a vi pela primeira vez andando à toa pela propriedade Haversham usando um vestido cheio de lama e com as traças presas em volta da sua cabeça.

Suavemente, uma porta se fechou atrás dele.

—Temi que elas nunca fossem sair, — Harold disse, afastando-se para tomar os seus lábios em um beijo tão arrebatador que Ruby pensou que fosse se liquefazer antes que eles se separassem.

EPÍLOGO



RUBY PASSOU A manhã ajudando Harold a aprontar o quarto de hóspedes na casa de Haversham. Mesmo que esperasse que fosse Ellington que estivesse vindo viver com ela, estava muito feliz por dar as boas-vindas a William. E ver a leveza de Harold, como se um grande peso tivesse sido tirado de seus ombros, a alegrava mais ainda.

Com William confortavelmente instalado na suíte azul, no corredor do quarto de Harold, ela correu e pegou alguns livros com os quais ele pudesse se distrair enquanto estivesse de cama. O maior dano foi em sua perna e quadril, e o médico de Lorde Haversham previu uma recuperação quase completa com o tempo e repouso. Apesar das garantias, Ruby não via como William seria capaz de caminhar com facilidade novamente. Sua carreira nas docas – e possivelmente como ferreiro – tinha acabado.

Ela voltou ao quarto e encontrou Harold sentado em uma cadeira ao lado da cama do irmão, tentando forçar o homem a beber algo.

—Você sabe o que o médico disse, William, — Harold disse. —Se você não beber água, seus ossos nunca sararão.

—Aquele médico é um charlatão! — William derramou água sobre o cobertor. —Essa coisa tem o gosto horrível. Traga-me um copo de whisky. Aquilo vai me curar rápido.

Ruby queria rir. A cena era tão parecida com quando eles eram crianças. Os irmãos Jakeston eram bem parecidos com Lorde Haversham e seus irmãos, sempre competindo, discutindo e tentando ser melhor que o outro.

—Agora vocês dois, — Ruby disse enquanto entrava no quarto. —Parem com isso. O que William preciso é descansar, o que ele não poderá fazer com você afligindo-o.

Ela colocou os livros sobre a mesinha ao lado da cama de William. —Peguei na biblioteca todos os livros que pude encontrar sobre navegação, viagens marítimas e portos, assim você não perderá sua viagem completamente.

—Ah, muito obrigado, senhorita Ruby. — William sorriu. Os olhos ainda cheios de dor, mas o sorriso era genuíno. —Não sei o que farei comigo agora.

Ruby também não sabia. O homem teve seu futuro meio de sustendo arrancado dele em questão de segundos, deixando-o sem perspectivas para sustentar a si e qualquer família que esperasse ter.

—Estou certa de que você achará um novo rumo na vida.

—Na verdade, — Harold se intrometeu. —Eu acho que sei o que ele pode fazer, se William concordar com a ideia.

—Eu me acho na posição de não descartar nenhuma opção para o meu futuro.

—Bem, eu tenho pensado nos últimos dias— Harold começou.

—Sim? — Ruby perguntou.

—Vá em frente, — William disse ao mesmo tempo.

—Você gosta da vida no campo?

—Nunca me opus a ela, eu acho, — William disse. —que gostaria de respirar um pouco de ar fresco agora e no futuro.

—Você esteve muito ocupado nos últimos dias... Não sei se você está ciente, mas eu pedi Ruby para se casar comigo, e ela disse que sim.

William gritou e então agarrou o quadril, fazendo uma careta de dor. — Acho que devo dar os parabéns, então.

Harold olhou para ela e ela soube que seu rosto estava brilhando de felicidade.

—Obrigada, — ela murmurou.

—Como estava dizendo, — Harold prosseguiu. —Com o nosso casamento iminente – e os laços de Ruby em Londres – para não mencionar nosso empreendimento, eu me encontro impossibilitado de voltar para o vicariato em um futuro próximo.

Ruby estava imaginando onde ele iria chegar com isso. Ela pensou que eles se casariam e iriam para o campo. As mulheres viviam onde seus maridos julgavam ser melhor e ela amava Harold, o que significava que o seguiria até os confins da terra se fosse o que ele queria. Embora ficasse apreensiva por deixar Ellington sozinha em Londres, ela ainda planejava tentar convencer a menina a ir com eles. Se não conseguisse, Vi estaria na cidade e manteria um olho nela.

—Apenas diga o que tem a dizer, — o irmão o apressou.

—Eu pensei se por acaso você estaria interessado em assumir o vicariato. — Harold olhou direto para Ruby enquanto falava o restante. —Temo que

não fui feito para passar ser vigário. Ruby e eu teremos muitas responsabilidades aqui em Londres, tomando conta da irmã dela, Ellington – ela é uma diabinha, isso se você já tenha visto uma – e é claro, o *Lucky Hand* deverá zarpar logo se você e eu tivermos um bom lucro no negócio.

As sobrancelhas de William se ergueram em surpresa. —Você faria isso por mim?

—É você que está fazendo muito por mim, irmão, — Harold disse. — Estaria honrado em ficar na cidade e dar continuidade ao que começamos... e levar os fundos para você no vicariato seria uma bênção que o nosso pai não apreciaria.

—Desde que você vá com frequência e leve sua adorável esposa junto. — William fez um gesto para Ruby.

Podia jurar que tinha visto o homem secando as lágrimas em sua bochecha.

—Agora, vocês dois saiam para que este velho possa descansar.

—Não há nada que eu gostaria mais do que sair do seu quarto de doente, irmão, — Harold brincou. —Vamos?

Harold ofereceu o braço e Ruby o aceitou.

Pela primeira vez em muitos anos, ela sentiu como se estivesse exatamente onde deveria estar. Ela era amada, querida e sabia – sem sombra de dúvidas – que Harold a faria feliz enquanto eles respirassem.

—Senhorita Ruby, o que você acharia de um passeio à França? Ouvi dizer que você gostaria muito de se aventurar pelo mar aberto.

Ruby riu. Não havia dúvida de que o futuro deles estaria cheio de aventuras.

NOTAS DA AUTORA

Obrigada por ler Nunca Mais Esquecida, Série Uma Dama Abandonada (Livro Dois).

Se você gostou de Nunca Mais Rejeitada, não deixe de escrever uma breve avaliação no seu site favorito.
Eu adoraria ouvir sobre você!
Você pode me contatar em:
Christina@ChristinaMcKnight.com
Ou escrevar para:
P O Box 1017
Patterson, CA 95363
www.ChristinaMcKnight.com
Verifique o meu site para brindes, avaliações de livros e informações sobre futuros projetos ou entre em contato por meio das redes sociais:
Twitter: @CMcKnightWriter
Facebook: www.facebook.com/christinamcknightwriter
Assine a minha newsletter aqui:
http://hyperurl.co/CMNL
Vire a página para saber mais sobre a série Uma Dama Abandonada!

SÉRIE UMA DAMA ABANDONADA

Esta série é o romance de época em seu melhor. Volte no tempo com as damas e os cavalheiros da série “Uma Dama Abandonada” e apaixone-se pelo gênero.



Nunca Mais Rejeitada
Nunca Mais Esquecida
Eternamente Desprezada
Ainda Mais Natal
Nunca Mais Escondida

DISPONÍVEIS EM E-BOOK

Eternamente Desprezada

Uma Dama Abandonada (Livro Três)

Christina McKnight

La Loma Elite Publishing

Todos os direitos reservados.
ISBN: 0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN-13: 978-0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN: 0-9882617-3-1 (Livro eletrônico)
ISBN-13: 978-0-9882617-3-0 (Livro eletrônico)

La Loma Elite Publishing



Todos os direito reservados. Nenhuma página dessa publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio, incluindo fotocópias, gravações ou quaisquer outros meios eletrônicos ou mecânicos, sem a autorização prévia do autor, exceto no caso de breves citações presentes nas avaliações e outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. Para permissões, envie um e-mail com o assunto “Atenção: Permissões” para o endereço abaixo.

christina@christinamcknight.com

Dedicatória

Para a minha filha~
A vida nem sempre é justa ...
Às vezes ela te põe para baixo...
Mas, nunca desista de si e dos seus sonhos!
O seu futuro será o que você fizer dele... Nunca aceite menos que TUDO!
E se alguém ficar no seu caminho, você tem a minha permissão para socá-lo no nariz.
Com amor, Mamãe

AGRADECIMENTOS

Para Marc, meu namorado incrível, quem continua ao meu lado através do profundo caos que é o meu processo criativo. Obrigada... seu amor e dedicação nunca param de me surpreender. Eu espero um dia ser tão altruísta e compassiva quanto você.

Para Lauren Stewart, minha crítica e melhor amiga, você me obrigou a explorar novos caminhos em meus pensamentos que eu nunca sonhei ser possível. Quanto te contei minhas estranhas ideias para este livro, você me encorajou a escrever com o meu coração, mesmo que isso não fosse agradar a todo mundo.

Também gostaria de agradecer às mulheres maravilhosas que me apoiaram tanto na minha carreira como escritora quando na vida, incluindo (mas não limitado a): Jeannine Meador, Renee Bernard, Angie Stanton, Sharla Metheny-Ybanez, Debbie Haston, Roxanne Stellmacher, Laura Cummings, Annalisa Nicole, Dawn Borbon, Suzi Parker, Jennifer Vella, Brandi Johnson, e Latisha Kahn. Eu sei que estou esquecendo algumas pessoas... Todas vocês foram muito pacientes e apoiaram maravilhosamente o meu jeito excêntrico.

Um obrigada muito especial à minha editora, Chelle Olson da Literally Addicted to Detail, sua habilidade e profissionalismo ultrapassou qualquer espectativa. Chelle Olson pode ser contatada pelo e-mail: literallyaddictedtodetail@yahoo.com.

Minha revisora, Anja da Hour Glass Editing que fez um maravilhoso trabalhando lutando com suas lágrimas para ter certeza de que nenhuma vírgula estava fora do lugar.

Capa e invólucro por Teresa Spreckelmeyer da Midnight Muse Designs.

Finalmente, obrigada a você por apoiar autores independentes.

PRÓLOGO

Londres, Inglaterra
1788

AS REGRAS SEMPRE foram as mesmas:

1. A menina precisava ser de nascimento nobre,
2. O alvo teria que ser claro para todos os homens competindo, e, finalmente,
3. Algo além do combinado resultaria na perda de todos os pontos.

Haveria um ponto de penalidade se a dama fosse casada, e além disso, se o marido ou o pai estivessem presentes durante o encontro, haveria o acréscimo de dez pontos.

Andrew Penton, o recém-proclamado Marquês de Drake, estava prestes a ter monstruosos treze pontos adicionados à sua marca total, mesmo com a penalidade que sofreu devido ao fato de a Sra. St. Augustin ser casada. A única forma de ele ter conseguido mais pontos seria se a garota fosse inocente, e embora tivesse a reputação de ser um libertino de primeira, ele não gostava da ideia de tirar a virtude de uma jovem, não importa o quanto ela parecesse disposta.

—Com certeza eu não posso. — A mulher diante dele fingia inocência. —Eu preciso voltar antes que a apresentação comece.

—Vamos lá, Pearl, — Andrew persuadiu. —São apenas uns instantes no meu camarote. Você realmente precisa ver a vista. Garanto que é muito melhor que a dos assentos do barão lá em baixo.

Com pouco esforço, conseguiu fazer com que a baronesa o seguisse de boa vontade até o camarote, a porta se fechou sem emitir um som atrás deles.

—Meu lorde, — ela arfou. —você estava certo. — Pearl saiu de perto dele e foi até a beirada do camarote, e observou a plateia lá em baixo.

—Venha cá, coração. — Andrew não tinha ido até a beirada com ela. — Sente-se comigo.

Ele tomou assento bem fora do alcance das sombras, permitindo que Chastain, seu querido amigo e rival, tivesse uma boa visão. Ele olhou para Chastain que estava do outro lado do teatro e piscou enquanto Pearl voltava e se sentava ao lado dele. Andrew mordeu o pescoço da mulher, os gemidos mal foram ouvidos, já que foram encobertos pelo drama da apresentação.

Chastain, sempre o mais descarado dos dois, já tinha aliviado a sua convidada da parte de cima do vestido. Se alguém pudesse espiar no canto escuro do camarote de Chastain, veria um seio bastante suculento e exposto à vista de todo mundo. A jovem, muito provavelmente empurrada para os braços de Chastain pelos próprios pais que deviam estar ansiosos demais para que ela se casasse, se segurava à blusa do amigo de Andrew como se a própria vida dependesse do que ele daria a ela. Felizmente para a garota – e infelizmente para a sua família caçadora de fortuna – Chastain não ofereceria nada além de uma noite.

Seus jogos de sedução não tinham progredido apenas em sua natureza escandalosa ao longo dos últimos dois anos, mas também tinham perdido a habilidade de deixar Andrew animado. Só estava há dois anos fora da universidade, e a alta sociedade já tinha perdido o seu brilho. Mas, seus jogos sempre estavam em evolução. O encontro não poderia mais acontecer em um local privado, nem eles podiam acreditar na palavra do outro de que a tarefa tinha sido, de fato, cumprida.

A sedução e conquista da Honorável Sra. Pearl St. Augustin teria sido muito menos problemática se ele pudesse tirá-la do assento, puxá-la para a parede do camarote e erguer o seu vestido. Ele poderia tê-la tomado rapidamente, ter acabado logo com isso e estar a caminho do clube de cavalheiros antes que a apresentação tivesse chegado ao fim... Ele até mesmo teria levado a mulher de volta ao camarote do marido. Ele não era um completo canalha sem os modos que se esperava de um marquês.

Mas ele sabia que perderia pontos se o encontro acontecesse em qualquer lugar que não fosse às vistas de Chastain. E para coroar, Andrew estava ficando para trás. Com as renovações da sua propriedade no campo e sua ausência da cidade por um longo período de tempo, ele tinha sido incapaz de conhecer as mais novas debutantes de Londres. Isso deu a Benjamin – Lorde Chastain – uma clara vantagem, já que ele passou a temporada de festas viajando de um lugar para outro, sendo apresentado aos mais novos rostos da *crème de la crème*.

Isso só significava que Andrew teria que aplacar a si, e às suas necessidades, mais frequentemente... já que a cada vez que ele levava uma viúva ou uma mulher casada para a cama, acabava ganhando menos pontos.

Maldito seja Chastain e sua sempre crescente liderança.

—Oh, Andrew, — Pearl sorriu enquanto ele pegava o lóbulo de sua orelha entre os dentes e alternava entre mordidas e sucção. —Podemos ir para algum outro lugar? Qualquer outro lugar?

O desespero na voz dela aumentou ainda mais a sua luxúria.

Ele liberou o lóbulo por tempo o bastante para responder. —Temo que não, coração. Estou com a noite muito ocupada e tenho muito pouco tempo a perder. Embora eu fosse gostar muito de passar toda a noite ao seu lado, — Andrew encorajou. Precisava disso – não apenas pelos pontos, mas também para a sua própria libertação. Ele tinha se negado a esses prazeres por muito tempo, focando nas responsabilidades da sua linhagem e não em seu corpo.

Era hora de ele se concentrar no que realmente importava – superar o amigo em seu próprio jogo.

CAPÍTULO UM



Londres, Inglaterra

Fevereiro de 1799

O MARQUÊS DE Drake, Andrew Penton, estava encostado no muro do jardim. Ninguém que o visse pensaria que sua pose não fosse desinteressada e tranquila. Mas por dentro, seu descontentamento borbulhava.

Havia diversos lugares onde preferia estar, muitas obrigações às quais seu tempo seria melhor empregado. Em vez disso, estava enfiado em outra reunião da *ton*, agindo como o lorde autoindulgente com nada melhor a fazer do que falar sobre o tempo com debutantes simplórias e discutir sobre os méritos da guerra a ser travada contra os franceses.

Tinha escapado do salão lotado há apenas uns instantes quando sua última parceira de dança, empurrada para ele pelos anfitriões, tinha pisado em seu pé vezes demais. Não foi a única injustiça que precisou enfrentar esta noite. Outra garota o tinha segurado com tanta firmeza durante um passeio pela pista de dança que as mãos dela deixaram manchas de suor em sua camisa de linho.

Imaginou se as jovens de hoje em dia eram apropriadamente treinadas na arte da quadrilha, ou se estavam sendo enviadas para a selvageria da sociedade completamente despreparadas.

E todo o tempo, o querido amigo de Andrew, Benjamin, ria do seu desconforto.

Tinha sido muito mais simples quando ele não tentava ser um cavalheiro respeitável; quando ele não dava a mínima para o que os outros pensavam dele ou das suas atitudes. Os dias quando ele só se importava sobre como gastar seu dinheiro e com quem iria esquentar a sua cama à noite pareciam ter sido há tanto tempo.

Agora, ele se escondia de parceiras em potencial e pagava com má vontade o novo imposto que estava sendo cobrado para ajudar a arcar com os custos das tropas britânicas que lutavam na Guerra de Napoleão. Dois xelins

por libra era uma quantia insignificante comparado com quanto ele gastou para acomodar sua última amante em uma casa em Londres.

Já tinha passado da hora de voltar para o salão. A noite terminaria em breve, e então poderia voltar para casa ou para o clube para tomar uma bebida.

Andrew se afastou da parede, fora do campo de visão de quem estivesse nos caminhos principais, e foi em direção à saída lateral por onde tinha passado há apenas alguns instantes. Tinha sido bastante fortuito que o dono da casa tivesse uma porta que levava do seu escritório até a rua.

—...já repassamos isso várias vezes.

As palavras flutuavam com a brisa leve, indo de encontro a Andrew enquanto ele atravessava a porta do escritório e era envolvido pelo calor da casa. Parando, ele se concentrou para ouvir o resto da conversa, mesmo que fosse apenas para atrasar o seu retorno ao salão.

Andrew fechou as portas, deixando apenas uma fresta aberta enquanto passos se aproximavam da calçada. Não seria bom ser pego escutando a conversa alheia.

Um trio parou do lado de fora da porta, os traços escondidos pela escuridão, embora Andrew tenha visto o bastante para saber que o grupo era formado por duas mulheres e um cavalheiro bem vestido.

—Certifique-se de seguir as instruções que foram dadas a você. — O homem pegou o braço de uma das mulheres e foi em frente, deixando a outra para trás.

Sem os outros dois bloqueando a sua vista, Andrew olhou a mulher de frente para ele. Ela usava um vestido do mais escuro azul, ele era da exata cor do céu noturno, o cabelo estava preso no alto da cabeça, deixando o pescoço exposto... quase vulnerável.

Enquanto ele observava, ela cobriu o rosto com as mãos, e os ombros sacudiram levemente como se ela estivesse soluçando; ainda assim, nenhum som perturbou o silêncio da noite.

A vontade de ir lá para fora, confortá-la, tirá-la de sua miséria, era forte demais – mas essa era uma familiaridade com a qual ele não ficava confortável. Se alguém o encontrasse sozinho com uma jovem naquele lugar escuro, haveria muitas perguntas. Perguntas que ele não seria capaz de responder.

Em vez disso, ele continuou olhando para ela.

O mínimo que Andrew podia fazer era se assegurar de que ela chegasse ao baile em segurança.

Depois de uns instantes, as mãos deixaram o rosto e descansaram na lateral do corpo. Ela ergueu os ombros e disse, —Espere por mim, *Père*. — E ela correu para alcançar o casal que tinha lhe deixado para trás.

Tão rápido quanto ela foi em direção à entrada, Andrew fechou a porta do escritório e voltou para o baile e para o seu lugar ao lado de Benji nas bordas da pista de dança.

—Para onde você foi? — o amigo perguntou.

—Estava esperando que nosso maravilhoso anfitrião tivesse algo mais forte que xerez escondido em seu escritório.

—Ah, muito esperto da sua parte. — Benji deu um tapinha em suas costas. —Diga-me que você encontrou um maravilhoso Bourbon ou até mesmo um Scotch.

Andrew não compartilharia o que tinha ido mesmo procurar ou sua razão verdadeira para escapar de toda essa animação. —Infelizmente, parece que nosso anfitrião escondeu as coisas boas. — Enquanto ele falava, manteve os olhos na entrada do salão, esperando ver a mulher vestida como a noite se misturando à multidão.

—Não fique tão desapontado, — Benji disse. —Sua parte na aposta está quase completa e então você poderá partir.

—Eu não estou desapontado, — Embora, se tivesse que dançar com mais uma menina simplória, Andrew estava preparado para dar um basta em tudo isso. —Além disso, eu já cumpri a minha parte na aposta.

—Os diabos que cumpriu!

Andrew olhou em volta enquanto os membros da *ton* olhavam para eles. —Contenha as suas obscenidades.

—Nossa aposta estipulava que o primeiro a dançar com seis parceiras sem ser abordado pelos respectivos pais ganharia dez libras. Você com certeza não alcançou o número para pôr fim à aposta e ganhar o prêmio.

Andrew pensou. —Teve a menina vesga, a criatura desajeitada que com toda certeza já ficou para titia... — Ele ergueu a mão, contando nos dedos enquanto prosseguia. —...a jovem que usava aquele horroroso vestido laranja, oh, e não se esqueça das irmãs que exigiram que eu dançasse uma peça com cada uma delas.

—Ah-há! — Benji disse em triunfo. —Só cinco. Acontece que eu também estou na mesma posição.

E foi então que *ela* entrou no salão – e todo o pensamento sobre apostas, dinheiro e seu melhor amigo fugiu da sua mente.

—Basta, — Andrew mandou o seu companheiro ficar em silêncio. Se ao menos todo mundo no salão pudesse fazer o mesmo para que ele pudesse contemplá-la em paz.

O brilho das velas alinhadas nas arandelas e penduradas no teto mostrou a beleza dela pelo que realmente era: arrebatadora. Primorosamente refinada. E profundamente diferente de qualquer mulher que já tinha visto, superava-as de longe não apenas pela beleza, mas também pela postura.

Ela não era nada como ele esperava devido aos soluços silenciosos e ombros encurvados que tinha visto na escuridão.

Agora ela estava lá de pé – exalando uma confiança que ele tanto admirou quanto invejou. As pedras em seu pescoço e orelhas realçavam ainda mais o brilho que a sua presença lançava no salão. Nunca pensaria que ela fosse a pessoa vulnerável que tinha visto apenas há alguns instantes.

Uma rápida olhada em volta da sala disse a ele que não fora o único a ficar encantado com a súbita aparição dela, já que alguns outros a observavam com atenção.

Ela falou com a dupla ao lado dela, todos sérios enquanto desciam as escadas e se misturavam à multidão. O casal mais velho provavelmente eram seus guardiões, dada às similaridades dos traços e da pele – apesar de que a exibição de confiança também estivesse combinando.

Será que ela seria tão cativante falando quanto era aos olhos? Não pôde deixar de imaginar. Em muitas ocasiões, um belo curvar de lábios ou um olhar tímido chamou a sua atenção, apenas para ser seguido por um monólogo, ou pior ainda, olhares perdidos sem que uma única palavra fosse dita.

Andrew manteve os olhos presos nela, ansiando que ela olhasse em sua direção – ou, melhor ainda, viesse até ele.

Sua necessidade anterior de protegê-la, desapareceu.

A mulher irradiava calma e compostura enquanto observava a sala, como se nada no mundo pudesse estragar a sua noite, os olhos vasculharam a multidão, nunca ficando tempo demais em alguém ou em algum grupo.

Foi então que Andrew percebeu que a queria. Em seus braços – e em sua vida.

E nada iria detê-lo.



Lady Lorelei de La Valette avaliou o cenário. Mulheres trajadas elegantemente dançavam com homens bem vestidos, debutantes se escondiam entre as plantas que havia perto da pista de dança, e criados corriam para lá e para cá com bandejas cheias de comida e bebida.

Ela detestava as atitudes superiores, mas ao mesmo tempo invejava o estilo de vida caro.

Depois de muitos anos viajando, pensou que não se sentiria desconfortável ao entrar em um local onde não conhecia uma única alma, mas ainda assim ansiava por um rosto conhecido.

—Você sabe o quanto esta noite é importante, — o pai, o *Comte* de Epernon, sibilou em seu ouvido mais uma vez. —Essas pessoas elogiarão a sua beleza, ao mesmo tempo em que desprezarão a sua ascendência francesa.

—Já falamos disso mais de uma vez, *Père*. — Ela usou o termo em francês e esperou pela censura que sabia que viria logo em seguida.

Dessa vez, de sua mãe, o que foi inesperado. —Lorelei, o que conversamos?

—Eu devo parecer com nada menos que uma lady que foi nascida e criada entre a alta classe de Londres. Devo me misturar entre as outras debutantes e não dar motivos para alguém se lembrar de mim. — Só esperava que o momento de fraqueza que teve antes de entrar no baile não estivesse visível em seu rosto. As lágrimas tinham acabado antes de eles se afastarem demais, e ela se apressou para alcançá-los, a noite acobertou os seus segundos de dúvida.

—Muito bem, minha filha, — o pai disse. Embora muitos vissem as palavras como despreocupadas, Lorelei sabia o que realmente eram – uma ameaça. As consequências de um possível fracasso não afetariam apenas à ela, mas também aos seus pais.

Já estava cansada de fugir. Se conseguisse cumprir o que foi pedido a ela, então era possível que seus pais, assim como ela, caíssem nas graças da alta sociedade e conseguissem uma nova fortuna. Eles estavam aqui para uma tarefa específica, que poderia ser realizada em pouco tempo, e então eles a despachariam de volta para a França. A esperança da sua mãe era a de que ninguém se lembrasse da sua presença.

—S*orria, ma petite*, — a mãe sussurrou enquanto dava um passo atrás e o trio prosseguia pelo enorme salão.

Lorelei queria perguntar por que eles confiavam em De Pez e em Bonaparte – e também queria saber como cair em suas boas graças iria beneficiar a qualquer um deles. Em vez disso, ergueu o queixo com confiança e colocou um sorriso no rosto, esperando que ninguém reparasse que ele não alcançava os seus olhos.

Sua entrada no salão também tinha sido cuidadosamente arquitetada para maximizar a sua exposição. Eles chegaram tarde – depois que a fila de recepção já havia se desmanchado – mas antes de os cavalheiros irem para a sala de carteado. Seu cabelo estava preso no alto da cabeça, revelando o pescoço esguio e realçando suas cores escuras e exóticas. Seus olhos, da cor do musgo, estavam delineados por uma linha fina de *kohl*. Seus lábios tinham um pouco de cor, embora não o bastante para dar início a fofocas. E o seu vestido, conservador e fora de moda de acordo com os padrões franceses, tinha o decote alto, mas era um pouco mais baixo na parte de trás, mostrando a graciosa curva das suas costas. O cetim azul meia noite se agarrava ao seu corpo, descendo suavemente até o chão e formando uma poça aos seus pés.

Usava um delicado colar de pérolas e brincos em forma de gota. Elas eram as pedras preferidas dos ingleses, e caíram muito bem em Lorelei.

Dando o último passo para entrar no salão lotado, seus pais se misturaram à multidão e Lorelei pegou uma taça de champanhe para firmar a mão. Olhando por sobre o ombro, confirmou que o *comte* e a *comtesse* tinham mesmo dado um pouco de espaço a ela, mas ainda assim a acompanhavam. Não ajudaria em nada tê-los seguindo-a por aí durante toda a noite.

Era sabido que Benjamin Davis, Lorde Chastain, tinha um fraco pelas mulheres, e Lorelei não via problemas em explorar esta fraqueza.

Lorelei se moveu rapidamente pelo salão lotado, esperando que os pais a perdessem de vista. O grupo de damas que estava parado ali perto cobriu com eficiência os seus movimentos, e Lorelei mudou de direção, movendo-se em paralelo com o *comte*, conseguindo assim assegurar que teria alguns minutos para si.

Ela não conhecia uma única alma naquela sala – quem dirá em Londres.

E isso a aterrorizava.

Por um breve momento, imaginou se seria capaz de cumprir a tarefa que tinha sido dada a ela. Mas a dura verdade era que não tinha escolha.

Levou o copo à boca na esperança de que isso fosse encobrir o que realmente estava fazendo: vasculhando a multidão.

Os britânicos eram cheios de pompa e cerimônia, o que significava que nenhum homem se aproximaria sem ter sido apresentado. O *comte* tinha insistido para que deixasse as apresentações por conta dele, já que estava convicto de que muitos lordes iriam se aproximar para discutir as eternas mudanças do sistema governamental e as peças chaves em seu país natal. A situação política na França era tensa, particularmente nas interações com a Inglaterra, já que a Guerra da Segunda Coalizão ainda estava acontecendo.

Mas não se importava nenhum pouco com o que esses homens e mulheres pensavam sobre a que país o *comte* era leal.

Não deixaria passar a oportunidade de provar a vida na sociedade de Londres; era um lugar ao qual poderia pertencer. Dentre os mais refinados, ela encontraria o lar que nunca teve, mesmo que por pouco tempo, embora também entendesse os perigos de se apaixonar pela pessoa errada. Um grupo de solteironas vestidas com cada tom pastel que já foi imaginado estavam alinhadas em uma parede. Lorelei sabia que deveria ficar longe do grupo, ou provavelmente acabaria dentre as plantas. Nem deveria atrair a atenção de cavalheiros ricos e mais velhos que estavam escoltando as prósperas debutantes e as cortesãs elegantes pela pista de dança.

Não, ela deveria chamar a atenção de um único homem.

Ela estudou o retrato dele durante toda a viagem à Inglaterra.

Cada um de seus traços estavam gravados em sua mente: a curvatura das bochechas, o elegante cabelo castanho claro e o olhar penetrante. Imaginou a possibilidade de que quando eles se encontrassem se sentiria carinho por ele, ou se ele iria gostar dela.

Suas pesquisas lhe disseram que ele era um cavaleiro ávido que buscava a excitação, mas também esbanjava com as melhores coisas da vida.

Vasculhou a multidão uma vez mais.

Lorde Chastain – Benji, assim como era chamado por seus iguais – estava com outro homem do outro lado da sala onde ocorreria os jogos de cartas. Ele transmitia a exata impressão que esperara: um libertino intitulado que ficava às margens da sociedade por escolha. Tanto ele quanto o amigo tinham presença e usavam ternos feitos sob medida que rivalizariam com a moda de Paris. Ele era tão belo quanto no retrato, mas encontrou seu olhar sendo atraído para o homem ao lado de Chastain, que parecia igualmente à vontade no meio da multidão. Notou que as outras pessoas mantinham certa distância deles.

Benji tinha a reputação de ser mulherengo e jogador, embora não houvesse nada particularmente extraordinário em sua aparência que sugerisse essas coisas. Lorelei tinha esperado um homem jovial, mas ele ria somente das observações do amigo e mal notava as outras pessoas que estavam ali.

Imaginou como chamaria sua atenção se ele não tirava os olhos do amigo. Era verdade que ele não parecia nada com alguém a quem ela chamaria de ‘Benji,’ o que sempre lhe pareceu um nome de criança.

Seus pais pensaram em cumprir – com a devida pressa – exatamente o que eles vieram fazer em Londres: ter acesso ilimitado a Benjamin Davis, Lorde Chastain, detentor das plantas da cidade fortificada de Carcassonne, localizada no alto de uma colina entre o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico. Era sabido que quando o pai de Lorde Chastain tinha fugido da França, que ele levou consigo o único exemplar das plantas de Carcassonne – e acontece que o objeto também era um mapa detalhado que mostrava a melhor forma de sitiar a grande cidade comercial.

Lorelei, com a taça ainda na mão, moveu-se pela lateral da pista de dança enquanto os homens conversavam. Mesmo que o salão estivesse cheio de mães casamenteiras e pais caçadores de fortunas, ela notou que ninguém se aproximava dos dois, e nem os homens colocavam seus nomes no cartão de dança de alguma menina.

Como o pai conseguiria uma apresentação se ambos se mantinham à distância?

Lorelei tinha decidido mesmo antes de a carruagem chegar que seria necessário que se livrasse da mãe e do pai e que ela mesma tentasse ser apresentada. Naquele momento, pressentiu que o pai a tinha localizado e estava lhe atirando facas com os olhos enquanto ela se afastava dele e se aproximava de Chastain.

Embora ele fosse ficar irado com ela, estava conformada em enfrentar a sua fúria mais tarde, já que ele nunca causaria uma cena em público.

O companheiro de Chastain olhou a multidão. Os olhos pousando rapidamente sobre ela, e então ele voltou a olhá-la, dessa vez com mais atenção. Pareceu que o olhar dele penetrou até a sua alma, que desvendou todos os seus segredos e descobriu o que ela queria.

Pressentiu que deveria dar meia-volta e deixar para se aproximar de Lorde Chastain quando este homem não estivesse por perto, mas algo nele chamava a sua atenção.

Lorelei sorriu.

Para seu assombro, ele sorriu de volta, virou-se para Chastain e disse algumas palavras... então ele veio em sua direção.

A multidão saiu do caminho dele enquanto ele caminhava até ela, os olhos nunca deixando os seus.

Foi então que sentiu o primeiro lampejo de receio. O homem era assombrosamente bonito – isso sem mencionar que era amigo de Chastain – e ele estava indo até ela, com um sorriso no rosto.

—Eu posso fazer isso, — ela murmurou para si enquanto o pânico cravava suas garras. Uma dama que estava por perto olhou direto para ela antes de se afastar um passo, pondo distância entre si e a jovem que falava com ninguém. Lorelei teria feito a mesma coisa se estivesse no lugar dela.

Não demorou muito para o homem chegar. Os olhos, mesmo sendo intensos, eram do avelã mais suave que já tinha visto.

—Boa noite. — A voz era profunda. —Posso ter o prazer desta dança?

Ela não tinha ouvido a música tocando, nem as vozes das pessoas em volta dela.

Ela só tinha olhos para ele.

Balançando a cabeça suavemente, ela quebrou o encanto. —Ah, bem, há a possibilidade de eu ter algum espaço vago mais tarde.

Ele sorriu. —É uma pena, pois eu me encontro sem uma parceira neste momento. Uma verdadeira lástima.

Ele começou a se afastar, mas ela o tocou muito suavemente, puxando a mão antes que alguém notasse. —Acredito que possa ter aberto um espaço agora mesmo.

Precisava de mais do que um breve momento com este homem, embora ele não fosse quem ela estivesse procurando.

—Então me permita perguntar mais uma vez – mas somente mais uma vez, — ele disse. —Já que eu não tenho o hábito de implorar por parceiras de danças. Posso ter o prazer?

—Sim. — Ela sorriu. —Se isso lhe agradar, sua senhoria.

Ela queria rir do tom pomposo de sua própria voz. Os ingleses não eram conhecidos por sua candura, e ela ficou intrigada com a franqueza dele.

Ele ergueu a mão em sua direção, e Lorelei começou a se afastar antes de perceber que ele queria apenas o seu cartão de dança, que estava preso ao seu pulso. Ele pegou o cartão em suas mãos enormes e escreveu seu nome na primeira linha.

O Marquês de Drake.

Era uma caligrafia forte e arrojada que era a personificação de sua masculinidade e arrogância.

—Vamos? — ele perguntou, oferecendo o braço.

—Seria ótimo, sua senhoria. — Lorelei se esforçou para reprimir o sotaque. Uma imigrante, como muitos a chamariam, ela não queria chamar atenção para o seu sangue francês, já que muitos ficariam ofendidos sabendo que os países estavam em uma guerra onde vidas estavam sendo perdidas todos os dias. —É um prazer conhecê-lo.

Ele a conduziu até a pista de dança colocando um braço em volta da parte baixa das suas costas. —O prazer é todo meu, eu lhe asseguro.

Enquanto eles se moviam ao som da música suave que flutuava pela sala, Lorelei viu o pai, há apenas poucos passos de Chastain. Ele deveria estar feliz com o seu progresso, aproximando-se de alguém próximo a Chastain, fazendo com que uma apresentação fosse possível.

—Posso saber o nome da minha bela parceira? — o marquês perguntou.

Ela olhou para ele e sua respiração ficou presa. Forçando-se a expirar, ela respondeu, —Lady Lorelei de La Valette.

—Ah. Mesmo o seu sotaque sendo sutil, sua pele entrega a sua herança francesa, não?

—*Oui*. — Com o pai longe, Lorelei se permitiu falar sua língua nativa, não temendo o marquês. Ele não parecia o tipo de homem envolvido com a guerra.

—*Charmante*. — A pronúncia hábil a fez sorrir. Ele continuou olhando para ela. —Eu não a vi antes. Acabou de chegar à cidade?

—Isso mesmo, sua senhoria.

—Por favor, me chame de Drake ou Andrew, como meus *amis* fazem.

—Isso não seria apropriado, sua senhoria.

Ele riu. —Mas o que você veria como *propre*? — Ele parou, como se buscando alguma outra palavra em francês escondida em seu cérebro. —Uma *femme* é mais *captivant* quando é ela mesma, *non*?

Ela afastou o olhar, sabendo que o rosto tinha ficado completamente rubro. Não conseguia lembrar se algum homem já a tinha chamado de cativante. —Você está *juste*, sua senhoria. — Esperava que os casais girando ali por perto não notassem o seu embaraço.

—*Je suis toujours juste, mademoiselle*. — Ele parou mais uma vez. — Temo que esse seja todo o meu conhecimento da sua língua.

—Bem, você foi muito bem, de fato.

—Você sabe que tem um domínio muito maior do inglês que eu do francês.

—Isso é *juste*, já que eu passei muitos anos aprendendo sobre o seu país.

Algo nele a fazia voltar a ser a menina tímida que tinha sido antes que os pais tivessem mudado todo o seu mundo. Mesmo sendo viajada e muito bem educada, Drake dava a impressão de ter visto e vivido muito mais do que parecia possível, dada a sua aparência jovem.

—O que lhe traz à minha cidade? — ele perguntou, voltando ao inglês.

—Oh, é apenas um escape do horrível calor que faz na Índia. — Foi um esforço se manter séria, principalmente quando o marquês continuou a farsa de boa vontade.

—O lugar é tão selvagem quanto dizem? — ele perguntou, parecendo igualmente sério.

Já fazia um tempo que tinha gostado tanto de uma conversa. —Ainda há caminhos intransitáveis! — Quando ele só olhou, ela prosseguiu. —e eu não falarei sobre a inconveniência de tentar superar os macacos que estão sempre tentando roubar a sua comida.

—Da França para a Índia e agora na Inglaterra? Atrevo-me a dizer que você deve estar completamente exausta depois de tantas demonstrações de bravura!

Enquanto eles continuavam girando pela pista de dança, ela se permitiu rir. —Eu lhe asseguro que requer mais coragem entrar em um salão de baile lotado do que enfrentar um leão determinado a roubar as minhas botas só para roer couro.

—Leões? Roendo as suas botas? — ele disse perplexo. —Concordo. Preferia encarar uma alcateia de tigres a ter que lidar com uma mãe casamenteira.

—O que sempre me ajuda é a minha habilidade de subir em um elefante e escapar antes que algum dano seja feito. — Ela estava gostando da conversa estranha tanto quanto ele parecia estar.

—Devo me lembrar de pedir conselhos a você quando for viajar.

—Eu ficaria mais que feliz em guiá-lo em sua expedição. — Ela parou e então prosseguiu. —Isso é, se eu não estiver indisponível na ocasião.

—Tenho certeza que você encontrará tempo para ajudar um amigo. Mas posso saber por que estaria indisponível?

—Bem, eu posso estar explorando as colônias.

—Índia? As colônias? Céus, você deixaria a maior parte dos cavalheiros ingleses envergonhados com as suas explorações geográficas.

Lorelei se forçou a parar com os gracejos, lembrando-se a razão pela qual estava ali naquela noite. A conversa, mesmo divertida, não lhe ajudaria a atingir seu objetivo. —Temo não ser tão viajada quanto pareço, embora realmente tive o prazer de visitar a Índia quando mais nova, e planejo ir para as colônias algum dia.

—Desde que 'algum dia' não seja hoje. — Ele a aproximou um pouco mais enquanto dançavam. —Volto para a minha pergunta original.

Ela tinha esquecido completamente de como a conversa sobre terras exóticas tinha começado. —Que é?

—Por que está em Londres, Lady Lorelei?

Enquanto ele fazia uma pergunta, Lorelei esperava que a resposta que ele procurava fosse para outra completamente diferente. —Não é para encontrar um marido, se é o que deseja saber.

—Minhas suspeitas sobre ti estavam corretas: você é direta. — Ele olhou para ela com apreciação, e ela relaxou mais uma vez. —E eu devo dizer que estou muito desapontado por saber que você não está no mercado.

—E por que isto?

—Porque eu me encontro com muito a oferecer a alguém como você. — Quando ela continuou a olhá-lo, com um sorriso no rosto, ele prosseguiu. — Veja bem, eu tenho título, sou rico, bonito... e me atrevo a dizer, encantador?

—Oh, você é muito encantador. — Lorelei queria rir, mas se segurou, não querendo ofendê-lo. Não que temesse ferir os sentimentos de Drake, mas mais em como a sua atitude pareceria para as outras pessoas. —Você ficará feliz em saber, que se eu não estivesse aqui acompanhando meu pai por motivos políticos, eu lhe acharia bastante aceitável.

Ela deveria controlar seu flerte com o marquês e se concentrar em ser apresentada a Chastain, mas foi incapaz de resistir. Foi a primeira conversa estimulante que tivera desde que partiu da França. Em sua terra natal, as muitas residências de seus pais estavam sempre abertas para homens educados e mulheres que gostavam de discutir a evolução do novo regime da Convenção para o Diretório do homem que parecia ser seu próximo líder, Napoleão Bonaparte. Embora esses assuntos pudessem aborrecer qualquer outra jovem, ela achava qualquer conversa com potencial de debate altamente interessante. Ela geralmente era esperta o bastante para persuadir os pais a concordarem com a sua forma de pensar.

Durante uma dessas conversas, ela até mesmo tinha inventado um método para dar um jeito no cheiro horrível das ruas lotadas e sujas de Paris – ainda assim seu pai disse que seus planos eram de natureza idealista, não mais que as reflexões facilmente descartadas de uma mulher.

Ninguém na casa alugada de Londres falava com ela, e os homens que iam ver o pai a evitavam, pois sabiam que ela estava comprometida com uma causa superior e não aberta a seus avanços. Assim como qualquer mulher, ela gostou muito de ter a total atenção do marquês.

Embora não tivessem discutido qualquer assunto de grande importância, a inteligência dele era óbvia.

A música parou, sinalizando o final da dança. —Obrigada por restaurar o meu orgulho ferido. Posso pedir outra dança mais tarde?

—Estou certa de que isso causaria fofoca do pior tipo, sua senhoria, — ela disse formalmente, fazendo uma mesura pouco profunda. —Mas como não me importo muito com o que a sociedade considera apropriado, eu gostaria muito de dançar novamente com um parceiro tão hábil quanto você.

—Até lá. — Ele levou a sua mão aos lábios e beijou os seus dedos. Depois de vários segundos, ele a soltou. —Posso levá-la de volta ao seu acompanhante?

Erguendo o olhar ela viu várias pessoas olhando para eles, alguns casais pararam a meio passo apenas para observá-los, mas esperava que o espanto tivesse mais a ver com o marquês que com ela.

—Oh, isso não será necessário. — O pai de Lorelei estava perto, ela podia sentir o olhar dele. Ela precisava de uma apresentação para aplacar a descompostura que levaria por ter se desviado do plano. —Eu estou com sede. Você faria a bondade de me acompanhar até a mesa de refrescos?

Ela tinha entregue sua última taça para um criado antes de ir para a pista de dança com Drake. A caminhada os faria passar por Lorde Chastain, que não tinha movido uma polegada desde que ela e Drake – Andrew, como agora pensava nele depois da breve conversa – tinham ido dançar.

Enquanto caminhavam pela sala, Andrew a encheu de perguntas sobre sua viagem, o que ela tinha achado da sua maravilhosa cidade e se planejava ir à Bath depois que a temporada terminasse. Lorelei deu respostas tão rasas quanto pôde tentando não dar a ele nenhuma informação útil sobre si ou sua família, já que ainda esperava manter o interesse dele. Ela estava feliz por notar que sua conversa tinha chamado a atenção de Chastain.

O duque, seu alvo original, entrou no caminho deles enquanto se aproximavam. Ela já tinha visto aquele olhar em outros, e se orgulhou da sua habilidade de distrair os homens de seus próprios pensamentos quando os encontrava pela primeira vez. Esta noite, ela só pretendia conseguir falar com ele, possivelmente atrair seu interesse e esperar que ele fosse visitá-la em breve.

—Drake, — Chastain cumprimentou-os e fez uma rápida mesura para Lorelei. —Minha lady.

Lorelei não podia acreditar em sua boa sorte. Estava naquele salão há menos de meia hora e estava cara-a-cara com Chastain. Só podia imaginar a reação do seu pai ao saber que sua filha, uma simples mulher, conseguira uma apresentação antes dele.

Sua mente girava com a possibilidade de garantir mais terreno do que planejavam esta noite, talvez até mesmo uma conversa privada.

—Lorde Chastain, posso lhe apresentar Lady Lorelei? — As palavras de Drake pareciam cautelosas e nenhum pouco felizes. —A família dela é nova em Londres.

Chastain sorriu, um sorriso que só poderia ser descrito como presunçoso. Os dois pareciam ser amigos, mas algo sobre a forma que falavam um com o outro a fez pensar que estava errada. Esperava que isso fosse benéfico para os seus planos, que até agora estavam bastante limitados.

Ela olhou timidamente para Chastain e fez uma mesura. —Lorde Chastain, é uma honra conhecê-lo.

O marquês se aproximou ainda mais.

Suas palavras ganharam a resposta que buscava. —A honra é minha, Lady Lorelei. Drake e eu somos amigos há mais anos que qualquer um de nós pode contar.

A tensão que tinha nublado o trio alguns momentos antes, tinha sido aliviada, e os dois sorriram enquanto conversavam sobre coisas desimportantes.

—Se nos der licença, — Drake disse enquanto colocava novamente a mão de Lorelei sobre o seu braço. —Estávamos a caminho da mesa de refrescos.

—Eu também estou precisando de outra bebida. — Chastain se virou para a mesa há vários passos dele, para não ser dispensado. —Posso ir com vocês.

—Isso seria ótimo, meu lorde. — E era exatamente o que Lorelei esperava que ele fosse dizer. Tinha que encontrar um jeito de falar com ele

em particular sem insultar Drake. Mesmo que tivesse gostado muito da companhia do marquês – e ele fosse extremamente agradável aos olhos – ela tinha outros assuntos em que se concentrar.

Com o xerez em mãos, eles foram em direção às portas da varanda. Ela sabia que os jardins escuros seriam um ótimo local para uma conversa.

—Lady Lore—

—Ah, aí está você, minha filha.

A voz do pai soou atrás dela, e ela se virou para cumprimentá-lo. O olhar frio a gelou mais rápido que os ventos que sopravam no Canal da Mancha.

—Pai, posso te apresentar ao Marquês de Drake e a Lorde Chastain? — Se o pai pensava que roubaria Chastain antes que ela tivesse a oportunidade de falar com ele, ele tinha subestimado o quanto ela queria impressioná-lo. — Esses elegantes cavalheiros londrinos estavam me explicando as maravilhas do imprevisível clima inglês. Uma dama deve estar preparada para se molhar a cada vez que sai de casa. Que cansativo!

—Verdade, Lorelei. — O pai se virou para Chastain. —Minha filha está muito interessada na cultura de Londres.

O pai, o *Comte* de Epernon, nunca tinha sido um homem de tato. Ele estava acostumado a conseguir o que queria, quando queria, sem desperdiçar tempo ou dinheiro. Mas Londres não era a França – e seu título estrangeiro significava muito pouco para a *ton*. Mesmo o pai não tendo reparado nisto, Lorelei ao menos sabia o quanto.

—Pai, por favor! — Infelizmente teve que tirar a mão do braço de Drake e foi até Chastain. —Agora não é hora de falar sobre as terríveis negociações do governo. Acredito que Lorde Chastain estava prestes a me escoltar até a varanda para tomar um pouco de ar fresco. — Ela olhou suplicante para o pai, esperando que ele pegasse a deixa e mantivesse Drake ocupado.

—Muito bem, mas por favor, devolva-a assim que ela se refrescar. — Ele finalmente cumprimentou o marquês. —Sua senhoria, acredito que finalmente liberaram as mesas de carteado. Você se juntaria a mim?

Drake deu um último olhar persistente antes de fazer uma mesura e lhe desejar uma ótima noite. Ele queria ficar e dançar novamente, ela podia sentir isso, embora ele fosse cavalheiro demais para desmentir Chastain.

Ela observou o pai e o marquês caminhando lado a lado em direção à sala de carteado. Embora ele estivesse de costas para ela agora, a memória do olhar de Drake persistia. Nunca um simples olhar a tinha cativado tanto, lhe

fazendo questionar as consequências e o quanto custaria essa missão. Não havia nada mais a fazer a não ser permitir que Chastain a levasse para fora.

Mesmo estando tão bem vestido quanto Drake, faltava algo em Chastain. Ela não sentia em seu braço a musculatura de um homem que passava horas em seu clube de esgrima, e ela suspeitava que ele não possuía as pernas esculpidas de um habilidoso cavaleiro, assim como lhe disseram. Seu alfaiate deveria ser recomendado por causa do corte perfeito de seu casaco, o que sem dúvida disfarçava o que faltava ali embaixo.

Era uma verdadeira lástima o fato de o marquês não ser o homem que procurava, já que depois de apenas uns momentos em sua companhia, seu interesse tinha sido capturado.

Mas deveria manter-se fiel à sua palavra – e sua lealdade não estava nas suas necessidades e desejos, mas com o que garantiria à sua família a aprovação do homem que muitos diziam que assumiria o controle da França.

—Vamos, Lorde Chastain?

—Sem mais delongas, minha lady.

Eles caminharam de braços dados em direção à porta da varanda. Todo o tempo, Lorelei recusou-se a olhar por sobre o ombro.

CAPÍTULO DOIS



ANDREW PAROU DO lado de fora da sala de carteado e olhou na direção de onde veio. Ele se arrependeu imediatamente, pois foi incapaz de fazer qualquer outra coisa senão olhar Chastain escoltando Lady Lorelei até o terraço e desaparecendo no jardim.

O que quer que a tenha chateado mais cedo tinha obviamente desaparecido, algo pelo qual Andrew estava grato.

Não tinha a menor ideia de por que se importava. Ela era linda, é óbvio – alta e magra em seu vestido azul. Mas ele não tinha pensado que ela fosse esperta e inteligente quando a viu pela primeira vez. Uma dança com uma jovem atraente era tudo o que tinha antecipado, mas no momento em que falou com ela, tudo tinha mudado. Ele queria mais que uma mera dança. Ele queria continuar a conversa; saber tudo o que ela tinha feito e todos os lugares onde tinha estado em sua curta vida.

Em vez disso, ele estava vagueando lá dentro enquanto Chastain tinha o prazer de ficar alguns momentos sozinho com ela, o que o irritava até os ossos. Eram melhores amigos desde que Benji se mudara para a Inglaterra quando criança, os dois foram à Universidade juntos e passaram as temporadas em Londres enquanto seus pais cumpriam suas obrigações no Parlamento, mas ainda assim, Andrew ficava hesitante em confiar nele. Depois da precoce morte do pai, o antigo Lorde Chastain, algo tinha mudado em Benji – ele ficou ainda mais irresponsável, menos preocupado com as consequências. Seus jogos tinham evoluído de simples apostas no White's para investimentos de risco em negócios de navegação a transações ainda mais arriscadas com mulheres. Muitas mulheres.

Enquanto Andrew tinha vivido uma existência bastante despreocupada até então, ele ainda se encolhia com o quanto as apostas amigáveis tinham ficado extravagantes. Não era nenhum segredo que os dois apreciavam muito o sexo mais belo – e o que eles podiam fazer com elas – mas Andrew nunca tinha arruinado as suas conquistas. Talvez brincar com os sentimentos delas. Mas Benji nunca tivera esses escrúpulos.

Maldito sejam Benji e seus jogos.

E Lady Lorelei não era do tipo com quem se brincava. Não podia dizer o que a fazia diferente das outras com quem eles ocupavam seu tempo ocioso. Possivelmente fosse a natureza mais sofisticada – ela tinha conhecido outros lugares que não a Inglaterra, tinha visto lugares exóticos, muito mais que Andrew podia dizer ter feito. Ela não era alguém para brincar. Pela forma como se comportava, Andrew suspeitava que ela estava mais que estava acostumada a brincar com os outros. Um dia, ela encontraria um homem que a tratasse como merecia: uma dama de primeira linha, uma mulher para ser mimada e cuidada.

Nem ele nem Benji eram esse homem. Ambos iriam querê-la para atender aos seus próprios desejos, seja ganho financeiro ou prazer carnal, ainda assim nenhum deles merecia uma mulher como ela. Embora ela se apresentasse como uma mulher educada e viajada, ele não tinha dúvidas de que ela ainda fosse pura.

Parte dele desejava ser o homem para ela.

Eles eram velhos demais para esse tipo de tolice, mas parece que só ele percebeu isso. Seus erros do passado tinham sido difíceis de superar. Chastain só poderia continuar nisso por algum tempo até seu passado vir bater à porta – como aconteceu com Andrew dez anos atrás.

Reprimindo as memórias – uma mulher desonrada e uma criança que ele tinha sido forçado a esquecer – ele se virou para a sala de carteado. Se pensasse que havia algo que pudesse fazer para consertar as coisas, teria feito, teria ido a qualquer extremo para provar que tinha mudado... mudado para a melhor. Mas há muitos anos tinha ficado claro que nem as suas atenções, nem sua riqueza e título, eram necessários.

Mas esta noite não era para ser passada chafurdando no passado ou planejando um novo futuro, ele se lembrou. Deixaria o passado onde ele pertencia, para trás. Esquecido. Não poderia mudá-lo. Nem poderia voltar no tempo e viver de acordo com o que esperavam dele, mas agora era diferente. Ele trabalhou incansavelmente para melhorar a sua posição, não magoou mais nenhuma pessoa. Mesmo que Chastain tentasse a cada oportunidade fazê-lo voltar a ser o conquistador que era, Andrew resistia.

—Marquês? — Um criado perguntou. —Jogará esta rodada?

Ele ergueu o olhar e viu toda a mesa olhando para ele, esperando o seu movimento. Os homens a sua volta o toleravam por causa do seu título. Ele foi incapaz de escapar do legado de bondade que o pai tinha deixado para ele.

Era uma responsabilidade para a qual era jovem demais para aceitar e preencher com sucesso, e ele nem queria tê-la quando mais novo.

Precisava dispersar a atração absurda que estava sentido por essa mulher. Sua vida – de solteirão convicto e libertino meio reformado – não era o tipo que atraía uma mulher. A necessidade de sossegar e começar uma família não era algo com o que tinha sonhado, e nem querido – embora Lady Lorelei fosse a beleza personificada, e seu engenho e intelecto tenha feito com que pensasse duas vezes sobre o futuro que planejara para si. Não ia levar muito tempo para que os rumores sobre ele, a maior parte verdade, chegasse à família dela, e então ela iria se afastar, não importa o que sentisse por ela. Daria trabalho convencê-la de outra coisa, e era por essa exata razão que não podia aprofundar essa possível amizade, mesmo se quisesse.

Seus pensamentos eram ridículos e ilógicos. O Marquês de Drake, um ex-libertino e conquistador, não deveria estar tendo nenhum outro sentimento senão luxúria por qualquer outra mulher. Não havia outro sentimento que pudesse estar sentido depois de ter passado pouquíssimo tempo dançando com ela.

Mas a necessidade de protegê-la de Chastain e de suas intenções menos que nobres era bastante forte, mesmo que soubesse que isso não deveria ser baseado nos seus próprios sentimentos por ela.

—Oh, sim. — Andrew enfiou a mão no bolso do casaco, puxou várias notas, e as colocou sobre a mesa. —Por favor, dê-me as cartas. Estou pronto para um jogo animado, cavalheiros.

O único homem na mesa que ele não conhecia era o pai de Lady Lorelei, o *comte*, mas se os bolsos fossem tão ricos quanto o terno elegante, então Andrew teria uma noite muito lucrativa. Embora fosse meio que apavorante mirar no dinheiro do pai de Lorelei.

Precisa manter a mente no jogo e não em qualquer jogo que Benji estivesse planejando na varanda. Mulheres eram um luxo que ele não podia se permitir possuir, ao menos até dar meia-noite.

Andrew jogou uma rodada após a outra, ganhando mais que perdendo e conseguindo juntar uma boa pilha de dinheiro. O *comte*, por outro lado, desistiu a maioria da vezes, dizendo que as cartas não estavam a seu favor. Isso não tinha incomodado Andrew. Ele preferia não superar o pai de Lorelei.

Depois de mais algumas rodadas e outras duas bebidas, Benji se juntou a eles, tomando o assento recém-desocupado por um barão que tinha perdido uma pequena fortuna quando ele se juntou à mesa. Andrew olhou para o

amigo, mal conseguindo ser capaz de clamar o réprobo que ele era para toda a mesa, incluindo para o pai da garota.

—Cavalheiros. — O *comte* se levantou. —Obrigado pelo jogo, mas devo voltar para a minha esposa e minha filha. Estou ansioso para outra partida, já que falta aos franceses a vontade de competir em jogos de mesa. Até a próxima. — Ele fez uma mesura breve e foi embora.

—Diga-me que você não, — Andrew acusou enquanto ele e Benji observavam enquanto o pai de Lorelei saía da sala.

—O quê? Eu não faço a menor ideia do que você está falando.

O sorriso presunçoso no rosto do amigo lhe disse que o homem sabia muito bem do que ele estava falando e que ele tinha feito exatamente o que Andrew esperava que ele não tivesse feito. —Não brinque comigo.

—Eu nem sonharia com uma coisa dessas. — Benji ajustou desnecessariamente o intrincado nó da gravata. —Particularmente quando há alguém por perto com quem eu preferia estar brincando.

—Ela é uma dama, — Andrew sussurrou cortante. Vários jogadores olharam para os dois. Um salão lotado não era o lugar ideal para dar início a um confronto verbal. —Lorde Chastain, vamos dar uma volta pelo salão principal? Ouvi dizer que o nosso anfitrião tem uma encantadora galeria de arte.

Assim que ficaram sozinhos, o amigo olhou para ele. —O que deu em você? Não pode estar zangado por eu ter escoltado a adorável Lady Lorelei até a varanda antes que você tivesse a oportunidade de fazer a mesma coisa.

—Você sabe muito bem que não tem nada a ver com você escoltando-a, mas tudo a ver com o seu comportamento assim que estavam foram de vista, — Andrew fumegou.

—Eu conheço muito bem as nossas apostas para saber que eu não consigo nenhum ponto pelo que acontece fora das suas vistas.

—É o que é: nada deveria acontecer fora do meu campo de visão – ou nele, pelo que importa.

—E por que não?

—Porque Lady Lorelei não é simplesmente outra debutante.

—Você disse certo. A mulher é incrivelmente sedutora.

—... e rica... e estrangeira... e não foi feita para nenhum de nós dois tocar nela.

—E quem disse? — Benji perguntou.

—Eu digo! — ele gritou.

Benji olhou para ele com firmeza e franziu o cenho. —Ah, percebo. Você está cativado pelo mulher. Outra das suas obsessões, presumo.

—Eu com certeza não estou cativado por ela.

—Não foi uma pergunta, foi uma declaração. Ela não é diferente de nenhuma outra menina tola com quem nos envolvemos... e no mais, sua atitude obsessiva não é nada atraente.

—Atitude obsessiva? Você não tem noção do que está falando.

—Oh, não? — Benji perguntou. —E quanto a todo esse tempo e energia que você vem desperdiçando naquele amontoado de pedras que você chama de propriedade?

—O que tem isso?

—É um desperdício, devo dizer.

Eles estavam brigando feito colegiais. —Aquela propriedade está na minha família há gerações e vem precisando de reparos há mais de duas décadas.

—Então faça o seu administrador cuidar disso.

—Eu não confio nele para cuidar de todos os detalhes.

—Ah-há! — Benji apontou para o céu como se ele tivesse chegado à alguma grande conclusão. —Viu? Você está enfatuado.

A declaração do homem não deveria ter deixado Andrew tão irritado, mas deixou.

Andrew era homem o bastante para admitir que era atraído por belas mulheres, mas adicione a isso o domínio que Lady Lorelei tem da arte da conversa e sua inteligência afiada – que homem não ficaria instantaneamente atraído?

—E mais, penso que uma pequena aposta te ajudará a superar essa obsessão estúpida que você está tendo por uma menina que nem conhece. Agora, se me der licença, Lorelei—

—Lorelei? — Andrew perguntou.

—Oh sim. Eu não lhe contei? Lorelei sugeriu que deixássemos as formalidades de lado agora que somos *amigos*.

Não escapou a Andrew a forma como Benji enfatizou a palavra ‘amigos.’ *E mais* ele queria pegá-lo pelas lapelas e atirar o amigo na parede coberta por obras de arte. O som de vidro quebrado e a cabeça de Benji batendo na parede ia ser muito satisfatório, mesmo se isso não corrigisse a situação.

Embora Lorelei parecesse madura para a idade, cada instinto de Andrew gritava para protegê-la, fazer tudo o que podia para salvá-la de tipos como

Benji – e do resto da sociedade.

—Como eu estava dizendo, Lorelei... — Benji obviamente se divertia ao ver o humor azedo do amigo. —...me prometeu uma dança. Mas penso que a noite ainda é uma criança e há tempo para mais que apenas uma dança. Então não devo deixá-la esperando.

—Você está indo longe demais. — Andrew deveria ter avisado ao *comte* sobre Chastain – embora isso fosse insinuar que Andrew fosse tão libertino quanto o seu amigo mais próximo.

Benji passou por ele e foi em direção ao salão de baile.

—Chastain.

Benji se virou. —Eu já lhe disse, não me chame assim. Faça um favor a nós dois e esqueça de Lorelei e qualquer sentimento ou paixão que você estiver desenvolvendo por ela depois de uma simples dança. Ela não é nada para qualquer um de nós, e certamente nada mais que outro corpo quente. — O amigo lhe deu um olhar penetrante e baixou a voz. —E nós dois sabemos o que fazemos com corpos quentes.

Andrew sabia exatamente o que eles faziam.

Eles o usavam até perderem a graça.

E isso fez a bile subir até a sua garganta.

—Não me espere para ir embora. Ver-te-ei amanhã. — Chastain voltou a caminhar, deixando Andrew para trás.

Se ele insistisse no assunto, Andrew sabia que isso só faria com que o amigo perseguisse Lady Lorelei com ainda mais vontade. Seria melhor Andrew esquecer a mulher. Então, talvez Chastain também esquecesse.

CAPÍTULO TRÊS



LORELEI ENTROU NA sala de visitas da casa que seus pais alugaram em Londres com toda a graça e pose exigida de uma mulher da sua idade e posição. A filha de um nobre francês, mesmo residindo na Inglaterra, tinha que se comportar muito melhor que qualquer pessoa que fosse de uma classe mais baixa.

Naquele momento, sua pose não tinha nada a ver com esfregar a sua posição social na cara de outra pessoa, mas tudo a ver com parecer confiante e acima de qualquer suspeita para os seus pais – pois ela sabia que eles estavam prestes a bombardeá-la com perguntas sobre a noite anterior.

Sentou no lugar de sempre ao lado da mãe e em frente à mesinha que as separava da poltrona do pai.

O trio estava quieto, esperando que alguém quebrasse o silêncio.

Não seria a primeira a falar. A volta para casa na noite anterior também tinha sido silenciosa, cada um deles perdidos em seus próprios pensamentos. O pai provavelmente estava planejando o próximo movimento, e a mãe devia estar absorta pensando sobre a falta de trajes apropriados para o caso de eles precisarem ficar mais tempo em Londres.

E Lorelei... Ela pensou em todas as coisas que iriam fazer com que seus pais perdessem a confiança nela: o bom corte da roupa do marquês, a forma como ele a segurou enquanto dançavam, e o jeito que ele olhou para ela e Lorde Chastain enquanto eles deixavam o salão de baile e saiam em busca de ar fresco. O olhar deveria ter enviado bandeiras vermelhas de aviso e precaução para que ela mantivesse distância do homem, ainda assim, encontrava-se atraída por ele.

—Lore? — a voz baixa da mãe a chamou de volta para o presente. —Seu *père* te fez uma pergunta.

Distração era uma coisa que o pai simplesmente detestava. —Oh?

—Você gastou o seu tempo com Lorde Chastain com sabedoria? — O pai repetiu.

—Sabedoria? Não estou certa.

—Por quê? — o *comte* perguntou em francês. Ele sentou em sua poltrona, com o *The London Post* aberto sobre o colo.

—Nós nos falamos na varanda, mas ele não pareceu muito interessado na nossa conversa. Então ele pediu uma dança e disse que precisava ir para a sala de carteado. — O comportamento do homem pareceu suspeito, especialmente quando eles ficaram sozinhos – uma hora que muitos cavalheiros tentariam lhe dar um beijo. —Mas quando ele veio pedir a dança, ele pareceu muito interessado em cada palavra que eu dizia e me segurou o mais perto que o apropriado.

Era óbvio que o interesse de Chastain nela cresceu quando eles estavam a vista de outras pessoas, especialmente do Marquês de Drake, embora não houvesse nenhuma razão para que compartilhasse essa informação com o *comte*.

—A família dele é naturalmente apreensiva, de acordo com o que eu soube. — O pai dobrou o jornal que estava lendo antes da sua chegada e o colocou sobre a mesinha, acabando com qualquer esperança que ela tinha de poder evitar suas perguntas até que ela soubesse mais. —Você se certificou de continuar em contato com ele?

Ela pensou sobre a conversa no terraço. Ela ficou perto dele nas sombras, tentando parecer concordar com qualquer avanço que ele pudesse fazer, possivelmente até mesmo um passeio pelo jardim escuro. Ela elogiou o intrincado nó da gravata, correu os dedos pela manga de seu casaco, e falou sobre a infalibilidade da linhagem dele, mas nada tinha chamado a atenção do homem.

—Essa é uma pergunta simples, — a mãe cacarejou.

O que a mãe parecia não lembrar era que homens – em sua forma mais básica – eram imprevisíveis. Seus pais estavam juntos há muitos anos e já se conheciam muito bem – muito mais que a maioria dos casais. Eles trabalhavam e viviam juntos; sob a superfície, confiavam um no outro cegamente. Parte de Lorelei desejava uma conexão como a deles, uma que fosse fácil e sincera. Ainda assim, o que faltava nos seus pais era amor e genuína afeição um pelo outro. Ela nunca os vira trocarem um abraço ou darem um beijo. Frequentemente imaginava onde eles estariam se o governo anterior não tivesse achado conveniente ordenar que o *comte* e a *comtesse* estreitasse os laços.

—Nós conversamos, dançamos e eu presumo que ele não será capaz de lutar contra a sua masculinidade. Ele está interessado, isso está claro. Não

tenho dúvidas de que ele ficará de joelhos e nos dará o que procuramos, ou descobriremos que ele desconhece o passado da família e os tesouros que foram confiados a eles. — Lorelei esperava que sua voz soasse firme e constante, porque por dentro, ela temia falhar. Não tanto pelo seu país – assim como os seus pais temiam – mas pelos seus pais, que investiram tempo e energia ao treiná-la. E, mesmo sem dizer, todos eles temiam desagradar o homem que está no poder. O pai insistiu que era vital que a sua fidelidade fosse demonstrada de uma forma que nunca pudesse ser questionada por De Pez ou o próprio Bonaparte.

A mãe sorriu enquanto o pai recostou-se no assento para ler o jornal da manhã.

—E quanto ao outro homem com quem você dançou? — a mãe perguntou. —Ele pareceu bastante afetado também.

—Eu dancei com muitos homens, Mãe. — Ela tentou evitar o interrogatório.

—O primeiro – qual você disse que era o nome dele? — Ela olhou para o *comte* esperando uma resposta. —Ele estava falando com Lorde Chastain quando chegamos.

—Drake. — O *comte* bufou e voltou a ler o jornal. —O homem é inofensivo.

Lorelei ficou calada, esperando uma mudança de assunto.

—Ele é tudo menos isso, — a mãe, Camille, contradisse. —Ele ficou de olho nela a noite toda.

—Concordo com o *Père*. O marquês foi gentil e é um bom dançarino, isso é tudo.

—Intuição feminina, ambos deveriam levar em conta.

Lorelei esperava que o sexto sentido da mãe estivesse errado, e que o marquês não procurasse estreitar a sua *amizade*.

—Sabemos alguma coisa sobre o homem? — a mãe seguiu incitando. — Há a possibilidade de Chastain saber exatamente o que ele tem, e tenha informado a alguém da sua existência.

A ideia era absurda, e Lorelei esperava que o pai pensasse o mesmo. —O marquês é amigo de Chastain, isso é tudo. — Ela olhou desinteressadamente para os pais. —Além disso, os Chastains sempre foram leais ao seu pacto com a França. Eles fizeram um favor ao nosso país ao retirar os planos do nosso território – e eu devo lembrar a vocês, nós apenas queremos encontrar os planos, tirá-los do poder de Chastain e entregá-los para De Pez. Não

estamos aqui para ferir ninguém, muito menos um aliado francês, nem para causar escândalo. — Embora ela questionasse seus métodos diariamente.

—Bem lembrado, minha filha! — O pai a elogiou. —Você se lembra de tudo o que instilamos em você. Você será uma boa posse para a França daqui a alguns anos.

O orgulho no tom do pai lhe deu nos nervos. Ela era uma jovem com toda a vida pela frente, ainda assim os pais estavam determinados a alistá-la para Napoleão Bonaparte, um homem determinado a tomar a França para si – reservado e resignado a desistir da chance de continuar com o nome de La Valette.

Lorelei sabia que se continuasse seguindo os passos dos pais, que ela não teria filhos. O pensamento de sujeitar um marido – um que o governo fosse escolher a dedo para ela – e os filhos à uma vida à mercê de um governo inconstante e sua constante mudança de planos era algo que ela não poderia suportar.

Passara muitas tardes ponderando as possibilidades de um futuro diferente. Talvez entregar os planos e ir embora, para nunca mais ser incomodada. Atrever-se-ia a sonhar que os pais fossem com ela? Oh, viver uma vida tranquila, talvez encontrar um pedaço de terra para chamar de seu já que o título e a suposta fortuna do pai estavam atrelados à generosidade do Diretório ou quem quer que conseguisse tomar o poder deles.

Lorelei não cometeria a tolice de acreditar na habilidade de Bonaparte para manter a França sob controle, nem na sua capacidade de manter a própria cabeça sobre o pescoço.

Uma leve batida soou na porta, e todos os três, temeram terem sido ouvidos. Quando viajaram para Londres, eles fizeram o que era socialmente aceitável e contrataram mão-de-obra local para trabalhar na casa. O pai temeu trazer seus criados de confiança, pois isso poderiam chamar atenção para eles e impactar negativamente na sua aceitação pela *ton*.

Eles foram relegados a serem observados continuamente e temiam que as fofocas dos criados fossem a causa da sua queda.

—Entre. — O pai voltou a falar inglês e se concentrou no jornal mais uma vez.

—*Comte*, — o mordomo disse cumprimentando. —Lady Lorelei tem uma visita – um cavalheiro.

—Uma visita? — O tom leve da voz da mãe animou a sala. —Mande-o entrar.

Talvez ela tenha deixado Chastain de joelhos mais cedo do que esperava.

—Bem, eu não sei por que eu duvidei do seu charme, Lore. Você é tão linda quanto a sua mãe era quando mais jovem.

—Obrigada, *Père*. — Lorelei imaginou se o pai percebeu o insulto que fez tanto para ela quando para a mãe. Ela se virou, flagrando o olhar magoado da mãe segundos antes de ele ser substituído por um sorriso empertigado.

Passos podiam ser ouvidos no corredor – dois pares, para ser exata.

Lorelei ficou de pé para cumprimentar o convidado, mas ficou espantada ao ver o mordomo atravessar a porta com o buquê das flores mais lindas que ela já tinha visto.

—Céus, — ela sussurrou.

O mordomo foi até a mesa atrás do sofá onde a mãe estava sentada e colocou o buquê lá.

Lorelei virou-se novamente para a porta, pronta para dar as boas-vindas a Lorde Chastain, mas ficou surpresa ao ver outro homem de pé ali.

—Lady Lorelei, obrigado por me receber sem ter sido anunciado, — o Marquês de Drake disse enquanto fazia uma mesura. Com um sorriso, ele entrou na sala e pegou a mão da mãe, levando-a aos lábios. —*Comtesse* de Epernon, eu não tive o prazer de conhecê-la noite passada.

Lorelei ficou congelada no lugar, enquanto observava a mãe corar por causa da atenção de Drake. Ele era tão arrebatador na luz do dia quanto tinha sido sob a luz difusa de um salão de baile. Ele usava um traje de montar do mais escuro tom de ébano, ajustado perfeitamente às suas coxas musculosas. O casaco se esticava por sobre os seus ombros no que era a última moda de Londres. Embora trajes justos fossem inadequados para cavalheiros de uma constituição mais corpulenta, eles ficavam muito bem em Drake.

—*Comte*, é um prazer. — O marquês fez uma breve mesura.

Seu pai só olhou para Drake, sem dizer uma palavra.

—Oh, meu lorde, você trouxe as flores mais lindas. Onde você encontrou flores tão belas essa época do ano?

—Eu viajei para os recantos mais distantes do continente para encontrar flores que valiam a pena.

—Desde que dançamos? — A sala e todo mundo lá dentro recuou.

Os olhos castanho-esverdeados brilhavam com travessura, muito parecido com o que ela esperava de uma criança pega com as mãos em uma torta que estava esfriando na janela da cozinha. —Infelizmente, eu só pedi para trazê-las da minha propriedade.

—O seu mundo é assim tão pequeno? — ela perguntou.

—Meu mundo parece trivial à luz do seu esplendor.

—A-hã. — O pai pigarreou, extinguindo com eficácia a necessidade que estava fincando as garras dentro dela por causa das palavras do marquês. — Você deseja se sentar, meu lorde?

—Não, obrigado. — Ele olhou uma última vez para ela. O olhar oferecendo muito mais do que ela já desejou. —Eu devo ir. Só desejava dar a Lorelei um presente que não chega a ser uma fração do quão adorável ela é.

As palavras dele eram altamente impróprias, e só seriam descartadas quando ditas por um casal que já estivesse comprometido. O marquês falou como se a estivesse cortejando, ainda assim ela suspeitava que ele não fosse desse tipo. Depois da dança, ela ouviu fofocas sobre o Marquês e Chastain, ambos eram famosos libertinos e canalhas convictos. Eles passaram anos chocando a *ton* com suas escapadas muito pouco honrosas. Apesar de ter procurado pelo duque, ela não sabia a extensão da sua devassidão.

—Eu lhe darei *adieu*. — Ele fez uma mesura. —Espero vê-la em breve, Lady Lorelei. *Comte* e *Comtesse*, tenham um bom dia.

Com aquelas palavras, ele saiu da sala, a segurança do seus passos nunca falharam. O mordomo o seguiu, fechando a porta.

—A intuição de uma mulher nunca está errada, — a mãe sibilou e se recostou no sofá. —O que vamos fazer? A atenção dele não pode ser recompensada ou encorajada.

O *comte* ficou calado, e Lorelei suspeitava que ele estava esperando sua resposta para medir o seu interesse no marquês. Ele, o seu pai, era um homem sábio, um que sabia a melhor forma de sentir a sinceridade da pessoa de quem ele buscava respostas. Silêncio normalmente era um método superior, permitindo que a pessoa em questão saíssem de si e do seu caminho.

Lorelei reconheceu o método. E ela sabia muito bem que não deveria demonstrar nenhum interesse em Drake, sua aparência extravagante, ou suas futuras atividades. —Sugiro que descartemos as flores imediatamente no caso de recebermos outros visitantes hoje.

O pai olhou para ela, sem dúvida julgando cada palavra, mas acima de tudo as suas reações. —Muito bem, está sendo sábia novamente.

—...e já que estamos falamos disso, devemos informar ao mordomo que o marquês deve ser dispensado caso venha fazer outra visita. — Lorelei pegou o buquê, arranjado em um vaso dispendiosamente esculpido, e começou a sair da sala.

—Onde você está indo?

—Estou indo me livrar dessa coisa atroz. Não há necessidade de ter os criados fofocando ainda mais se pedirmos um deles para jogá-las fora bem no meio do dia. Vocês podem ter certeza de que o marquês ficará sabendo. — O arranjo era mais pesado do que parecia. Seus braços doíam por causa do peso. —Se vocês não se importam, voltarei em breve.

A mãe sorriu. —Muito bem, — ela disse em aprovação.

Lorelei seguiu pelo corredor, mas em vez de ir em direção à cozinha, ela continuou em frente e virou à esquerda, empurrando uma porta vai-e-vem que levava à escada dos criados. A passagem se estreitava enquanto ela subia os dois lances de escada, forçando-se a ficar ereta sob o peso das flores. Felizmente, o caminho estava vazio a essa hora, a maioria dos criados estavam ocupados limpando os quartos e o corredor principal.

Abrindo apenas uma fresta da porta que havia ao fim das escadas, ela olhou para os dois lados do corredor. Era mais provável que encontrasse a sua criada em seu quarto, mas Lorelei tinha começado a confiar na menina desde que a atribuíram a ela na última semana. Sua criada, Isabelle, tinha a juventude ao seu lado, mas pouco mais que isso. Ela era uma tagarela de dedos hábeis, e atendia a todas as suas necessidades. Quando se assegurou de que não havia ninguém a vista, Lorelei seguiu apressada para o quarto e colocou as flores na penteadeira.

A mãe e o pai raramente vinham ao seu quarto, então não precisava se preocupar muito com o fato de eles descobrirem que ela não tinha se desfeito do arranjo. Além disso, gostava da aparência e do cheiro dele. Ninguém nunca tinha lhe dado um presente, nada além das pequenas bugigangas que o pai lhe dava durante as festas de inverno todos os anos. Até mesmo o seu aniversário não era um dia comemorativo.

Ela suspirou. Era hora de voltar para a sala de visitas, mas o que mais queria era correr atrás do marquês, agradecê-lo pela visita e pelo lindo presente, e dizer a ele que se as coisas fossem diferentes, que daria as boas-vindas às suas atenções. A carruagem dele já deve ter ido embora a essa altura, e além de estar levando a ele, também levava as esperanças de Lorelei de um futuro ao lado dele.

Esses pensamentos não tinham lugar em sua vida. Não havia razão em querer e sonhar com coisas que nunca seriam suas – o Marquês de Drake especialmente. Ele era um homem extremamente rico, com título e paixão.

Ele poderia fazer muito melhor que se atar a uma mulher que tinha entrado em seu país com o único propósito de espionagem e traição.

Ela afastou qualquer pensamento sobre ele da sua mente e esfregou as mãos para apagar qualquer traço das flores que tinha acabado de carregar.

Podia mudar muito pouca coisa na sua vida neste momento.

Assim que encontrasse os planos – e demonstrasse a fidelidade dos pais para com o novo governo – a oportunidade de escapar da sua vida atual se apresentaria, ela tinha certeza. A mãe e o pai poderiam entender seus desejos de ter algo mais da vida do que a vida que eles escolheram para si. Isso incluía um lar – não uma casa alugada em uma cidade estrangeira, mas um lar estável com um jardim nos fundos e uma enorme lareira. Onde? Neste momento, ela só podia imaginar. Tinha gostado da vida em Londres. Talvez seus pais decidissem ficar ali.

Caminhando até a janela, ela puxou a cortina para o lado e olhou para a rua desde o segundo andar da casa. As casas de tijolos estavam alinhadas e eram separadas por uma rua de paralelepípedos, o local era tão estreito que mal dava para passar duas carruagens ao mesmo tempo.

Uma dessas carruagens estava parada na frente da sua casa.

Estreitando os olhos, Lorelei imaginou quem poderia estar visitando os seus pais. Não havia ninguém sentado na condução do faetonte, que era grande o bastante para duas pessoas, com um par de cavalos cinzentos para puxá-lo. Ela observou a calçada e os degraus da entrada com atenção e, então viu o marquês caminhar até a calçada com passos seguros.

O homem continuava a surpreendê-la. Primeiro convidando-a para dançar sem terem sido devidamente apresentados, e então aparecendo com flores. Imaginou quem teria dado seu endereço a ele.

Talvez houvesse tempo o suficiente para fazer essa pergunta.



Andrew ficou alguns momentos do lado de fora da casa do *comte*, tomando tempo para acalmar seus nervos. As últimas doze horas foram passadas dando ordens e correndo para lá e para cá para ter certeza de que as flores fossem perfeitas. E agora, ele hesitava partir, já que não tinha lugar nenhum para ir. Pensou em fazer sua refeição no White’s, ou passar no clube de esgrima para uma rápida partida, mas nada lhe interessou.

Tinha esperado mais dessa visita à Lorelei. Ficarem um momento a sós estava fora de cogitação, mas possivelmente um convite para acompanhá-los

ao baile ou a um jantar. Suas esperanças tinham sido desfeitas quando ela aceitou as flores e o *comte* tinha deixado claro que ele não era bem-vindo ali.

Havia pouca chance de conseguir cair nas graças dela, ou aconselhá-la quanto a Chastain, já que ele não podia falar com ela.

Olhando para a casa, Andrew suspirou.

Já passou da hora de ir, pois não faria nenhum bem ele ser pego espreitando por ali.

Antes que ele pudesse subir no veículo, a porta da frente se abriu. Ele congelou.

—Sua senhoria? — Lady Lorelei disse. Ela protegeu os olhos contra o sol da tarde. —Há algo errado? — Ela ergueu o vestido e foi até a calçada. A casa do outro lado da rua bloqueava o sol, e ela foi capaz de abaixar a mão.

Andrew a pegou na mesma hora e a levou aos lábios, dando um leve beijo no pulso dela. —Lady Lorelei, — disse. Ele soltou a mão e deu um passo para trás, esperando que ela não tivesse notado o suor em suas mãos. —Está tudo maravilhoso.

—Há algo errado com a sua carruagem? — Ela olhou por sobre o ombro dele, observando os dois cavalos e a parte de trás. —Nós temos um estábulo nos fundos caso você precise de ajuda com alguma coisa.

—Tudo está como deveria estar, eu lhe garanto. — O local não era o ideal para avisá-la sobre Chastain, mas ao menos a calçada estava vazia, e a porta atrás deles permanecia entreaberta. Quando ele teve um vislumbre de um tecido na abertura, soube que o mordomo estava pairando por ali. —Eu deveria ir. Obrigado por ter aceitado a minha visita sem ter enviado um cartão.

Ela sorriu, hesitante, parecendo tão nervosa quanto ele. —Estou feliz por você ter vindo – e obrigada pelas flores, elas são lindas.

Não tão lindas quanto você, pensou, mas ficou calado, temendo parecer um rapaz inexperiente diante da primeira paixão. O que era ridículo, já que ele tinha vindo apenas para avisá-la sobre as intenções menos que honradas de Chastain.

Embora não fosse admitir, a forma que o cabelo negro descia pelas costas dela chamou a sua atenção. Era como se a criada não tivesse tido tempo de arrumá-los antes que ela deixasse o quarto. E os olhos cor de oliva, sombreados pelos cílios escuros, o fez se afogar em um mar do mais puro verde.

—Sua senhoria?

—Perdoe-me, — ele respondeu. —Eu estava... — Perdido em seus olhos? Imaginando meus dedos correndo por seus cabelos? —...pensando sobre os muitos compromissos que eu tenho hoje. Eu deveria mesmo ir.

A expressão confusa que ela fez quase o fez procurar pela mão dela novamente, mas fechou as próprias mãos, resistindo à tentação.

—Entendo. — Lady Lorelei cruzou os braços, fechando-se para ele. — Tenha um ótimo dia.

Ele se arrependeu das palavras imediatamente. —E você também. Poderia convidá-la para um passeio pelo Hyde Park?

—Agora?

—Oh, não. — Ele estava fazendo uma tremenda confusão, era melhor enfiar o rabo entre as pernas neste minuto e fugir antes que dissesse algo verdadeiramente embaraçoso. —Possivelmente amanhã – ou qualquer outro dia.

Qualquer homem que o conhecesse estaria se contorcendo de vontade de rir devido ao papel de bobo que ele estava fazendo.

—Eu adoraria, sua senhoria. — Ela sorriu. —Terei que pedir aos meus pais—

—Naturalmente, — ele a cortou.

——mas eu adoraria. Eu vi muito pouco da cidade desde que cheguei.

Um homem pigarreou e ambos olharam na direção do degrau, onde um rapaz estava, com uma bolsa atravessada sobre o peito. —O correio, senhora.

—Oh, obrigada, Gustavo. — O rapaz sorriu com as palavras dela e entregou a Lorelei alguns envelopes. —Eu os levarei ao meu pai imediatamente.

Andrew sentiu um pouco de inveja da forma com a qual Lorelei olhava para o menino. Mas havia pouco do que se enciumar, já que ele só havia dançado com ela uma vez e lhe trazido flores. Ele não tinha planos para ela – nem nunca teria. Não estava procurando por uma esposa. Ele se lembrou que veio apenas com a intenção de protegê-la.

Lorelei olhou as cartas quando o menino foi fazer sua próxima entrega, um silêncio estranho caiu sobre eles.

—Terei que me despedir. — Ele fez uma mesura, mas ela continuou a olhar para o envelope em suas mãos, as juntas estavam brancas por segurá-lo com tanta força. —Você está bem?

Com aquelas palavras, o mordomo abriu a porta e olhou para fora.

Finalmente, ela olhou para o marquês mais uma vez, mas a calma que ela sentia parecia ter escapado, os ombros ficaram tensos e os olhos se arregalaram de preocupação.

—Eu preciso ir, — ela disse, sem esperar por uma resposta antes de sair correndo para dentro de casa. A porta se fechou atrás dela – sem dúvidas o mordomo reportaria suas suspeitas sobre Andrew.

CAPÍTULO QUATRO



ANDREW DESCEU DA carruagem na frente de sua casa e entregou as rédeas para o lacaio antes de alisar o casaco. Sua manhã deu uma estranha virada, mas mesmo assim, Lady Lorelei o tinha recebido e ela tinha amado as flores. O *comte* foi gracioso, mas não muito receptivo. Nenhum membro da *ton* iria olhar de forma pouco favorável o fato de sua filha estar sendo cortejada por um marquês, mesmo se o dito marquês tivesse um passado menos-que-estelar.

Na noite passada, ele pensou muito e durante muito tempo sobre esquecer a mulher, prosseguir como se eles nunca tivessem se conhecido e que fagulhas não tivessem se acendido. Tinha poucas dúvidas de que fora para a melhor, ainda assim ele se viu levantando para mandar um criado até a sua estufa para colher flores perfeitas para dar a ela. Dar flores a uma mulher não era algo que estava habituado a fazer. Uma bugiganga brilhante aqui e outra ali, sem dúvidas. Roupas de baixo de seda vermelha, com certeza. Mas flores? Céus, não. Elas não o beneficiavam de nenhuma forma.

Incomodava-o a forma como a visita tinha terminado. Ele deveria tê-la seguido, nem que fosse apenas para se certificar de que ela estava bem após receber a carta.

Mas, sua falha mais significante foi negligenciar o aviso sobre Chastain. Agora, ele argumentou, a probabilidade da ruína dela diminuiria significativamente se ele simplesmente ficasse junto a ela.

—Bom dia, Alfred, — ele disse quando a porta da frente se abriu.

—Bom dia. Lorde Chastain espera por você no escritório.

Era quase como se seus pensamentos tivessem conjurado o homem. Era cedo para Chastain estar vagando por aí. A essa hora, ele normalmente estava entretendo sua convidada da noite anterior, escondendo-se na cama.

Seu amigo andava para lá e para cá na frente da lareira, olhando para Andrew quando ele entrou no escritório. —Onde você esteve?

—Eu saí. — Ele não diria que tinha estado na casa de Lady Lorelei. —E por que você está andando para lá e para cá?

—Nós deveríamos ter saído logo após o café da manhã para o festival anual de Sasha na Eggerhart Quarry. — Benji jogou as mãos para o alto como uma criança petulante a quem tinha sido negado um doce. —Se não partimos com toda a pressa, todas as meninas boas já terão sido escolhidas.

Esquecera a única coisa pela qual ele e Benji viviam: o baile anual de máscaras na propriedade campal de Madame Sasha. Era uma quinzena cheia de devassidão durante a qual Madame Sasha apresentava a nova safra de cortesãs exclusivamente para os homens da *ton*. Seus convidados eram encorajados a provar as delícias da Madame e fazer ofertas a qualquer menina que estivesse a seu gosto.

A cada ano, Sasha cumpria as promessas feitas em seus convites. Homens aos bandos deixavam suas esposas, filhos e responsabilidades para trás e iam para uma festa no interior para passar várias noites de delícias com a chance de voltar para a cidade com uma nova amante.

Outros homens, como Benji e ele mesmo, aproveitavam a diversão, mas eram menos prováveis de escolher uma garota para mais do que poucas noites. Eles preferiam muito mais o estabelecimento de Madame Sasha em Londres – a Craven House – para atender as suas necessidades.

—Por favor, contenha-se. — Andrew se serviu de uma bebida e, depois de um segundo pensamento, serviu uma a Benji. Ele estava explodindo e podia fazer um bom uso da bebida. —São apenas poucas horas de viagem, e em um dia, você estará cansado das festividades e estará pronto para voltar para a cidade.

Pegando o seu copo, Benji engoliu a bebida em um único gole. —Vamos logo.

—Não tenho certeza de que eu possa ir.

—O que? Você está brincando, só pode.

—Temo não estar. Surgiu algo e eu precisarei ficar na cidade.

—O que pode ter acontecido desde a noite anterior? Espere um minuto...

Andrew soube pelo sorriso no rosto do amigo que ele tinha chegado à conclusão correta. —Eu tenho negócios—

—Negócios... Lady Lorelei agora são negócios, é?

—Quem mencionou Lady Lorelei? Como você bem sabe, eu tenho muitas responsabilidades. Eu não gosto da maneira com a qual você desperdiça o seu título e a sua propriedade enquanto o seu foco está apenas em satisfazer as suas próprias necessidades.

—Maldição, você é muito esperto, — Benji disse. —Você gosta da menina.

—E se eu gostar?

—Ela é cativante, de um jeito exótico. — Benji bateu o indicador no queixo. —Olhos que olham dentro da sua alma. Mas se eu for honesto, só me importo com o quão celestial deve ser estar enterrado profundamente dentro dela—

—Ela é uma dama. Tenha um pouco de respeito. — Esse conceito era algo em que nenhum dos dois tinha pensado muito, já que o único interesse deles em mulheres até aquele momento tinha sido que elas lhe dessem prazer. Uma cama quente à noite – ou várias, dependendo do quão acolhedoras elas fossem.

Benji parecia completamente confuso. —Tenho que admitir, ponderei sobre ter um momento em particular com a menina, talvez levá-la para um dos quartos vazios lá em cima.

—Tudo o que eu quis dizer, — Andrew falou, —é que Lady Lorelei é jovem e recém-chegada à Inglaterra. Ela merece mais que homens que querem apenas ter um vislumbre do que está por baixo do seu vestido de noite. Não somos garotos no cio, recém-saídos da universidade.

O amigo pensou em suas palavras antes de falar. —Então eu proponho uma trégua.

—Que tipo de trégua, exatamente? — ele perguntou cético.

Benji estava de volta ao seu jeito despreocupado. —Nenhum de nós dois irá atrás dela.

—Prossiga.

—Sem falar, sem tocar, sem sequer sonhar com ela a noite – dançar também está completamente fora de questão.

Era melhor do que ele esperava – seu desejo de protegê-la seria discutível, deixando-o livre para voltar à sua vida. —Você concordaria com isso?

E esperar que o encanto de Lorelei se esvanecesse com o tempo.

—Indubitavelmente. — Benji foi até a porta. —Agora que isso está resolvido, vamos?

O homem consentiu rápido demais. O fato de conhecê-lo há muito tempo dava a Andrew a capacidade de ver através das palavras de Benji, indo ao cerne da questão. Seu amigo sabia que ele queria algo – seja uma mulher ou um cavalo, não importava – e sendo assim, em acordo com a rivalidade que

havia entre eles, Benji se certificaria de que ele adquirisse o que quer que fosse primeiro.

—Como eu disse antes, — Andrew falou, —surgiu algo na minha propriedade e eu não posso atrasar a resolução do problema. Mas, por tudo o que importa, vá e dê a Sasha as minhas desculpas. Eu realmente sinto por não poder ir.

—Muito bem, — Benji disse sem acreditar. —Eu creio que posso lidar com tudo sem a sua presença, mas sob nenhuma circunstância eu apresentarei as suas desculpas à Sasha. Você mesmo as dará.

—Então eu realmente espero que um assaltante te encontre na sua jornada.

Benji riu. —E eu darei a eles uma severa reprimenda e os mandarei voltar por onde vieram, aliviados de suas próprias armas.

—Não esperaria nada menos.

—E eu impressionarei Madame e as meninas. Contarei tudo sobre o fato de ter abatido um assaltante, apenas para alcançá-las. Assim, os espartilhos se abririam sozinhos, suponho.

Seu amigo tinha apenas uma coisa em mente, e, felizmente, não começava nem com um L nem com um A, não era nem Lorelei, nem amor. Ainda assim, essas duas palavras eram tudo em que Andrew conseguia pensar.

Talvez fosse sábio de sua parte passar tempo nos braços de uma mulher disposta para poder esquecer uma certa menina.

Em vez disso, ele disse, —Sim, eu concordo, elas cairão aos seus pés em êxtase quando você recontar a angustiante viagem que fez apenas para deflorá-las. Eu realmente gostaria de estar lá, mas preciso encontrar com o meu administrador agora mesmo.

—Então não irei segurá-lo. Jantamos no White’s quando eu voltar?

—Se eu tiver voltado da minha propriedade, com certeza.

—Pensarei em você durante o meu tempo de devassidão.

—Por favor, não, — Andrew disse atrás de seu amigo enquanto ele saía da sala.

Ele odiava mentir, especialmente para alguém que considerava tão próximo quanto sua família. Que ele tivesse feito isso com Benji, concordando com uma trégua a qual ele tinha nenhuma intenção de cumprir, o mandou por um caminho que ele estava relutante em tomar. Trabalhara

duro para consertar o que tinha feito na sua juventude, deixando as suas transgressões para trás.

Com Benji fora da cidade e longe das páginas de fofoca, Andrew poderia avançar em seu relacionamento com Lorelei de uma maneira apropriada, se ele estivesse inclinado a isso. Parte dele temia que o encanto dela se estendesse além da sua competição com Benji pela atenção dela – que ela fosse mais que um prêmio a ser ganhado.

Mentalmente, tinha feito uma lista de coisas que alguém fazia quando cortejava uma mulher. Sua lista ficou muito curta já que ele já tinha enviado as flores. Percebeu que não era versado em muito mais que levantar as saias de uma menina e dar prazer a elas. Fora isso, o que atraía uma mulher? Isso estava além do seu entendimento, e ele sabia disso.



Lorelei andava em seu quarto – para lá e para cá, para lá e para cá.

Os dias se passaram, e ela não tinha recebido nenhuma visita desde que Andrew tinha trazido as flores. Todos os dias ela ia a chás aqui e um jantar ali, tudo na esperança de chamar a atenção de Lorde Chastain uma vez mais, mas ele tinha estado misteriosamente ausente ultimamente. O contato da sua família em Londres estava trabalhando para conseguir que o *comte* recebesse convites para as casas mais elegantes da maior parte da elite de Londres.

Adicionado à ausência de Chastain nas ocasiões estava o fato de que as pessoas evitavam Lorelei e os pais. Lorelei era ignorada pelas jovens, e os cavalheiros só se aproximavam do seu pai. Eles estavam fazendo um trabalho terrível tentando parecer discretos.

O envelope no seu bolso quase abriu um buraco em seu vestido. Não era para ela, e mantê-lo escondido de seu pai iria causar um dano irreversível se a carta fosse descoberta.

Tirou a carta endereçada ao *comte* do bolso pela décima vez na última hora. Tirando o fino papel de dentro do envelope, ela o desdobrou e olhou as palavras. Estava escrito na sua língua nativa para evitar que a criadagem a lesse, caso caísse em mãos erradas.

Comte de Epernon,

Estou ficando impaciente com a falta de informações sobre o seu progresso. Se os seus esforços não forem redobrados com toda a pressa, nem pense em voltar. Como esperado, assistência será despachada se você for incapaz de lidar com as suas obrigações.

De Pez

Uma nova desesperança a preencheu. A ameaça era clara, e chamava a sua família para ação imediata ou eles teriam que enfrentar as consequências.

Mesmo o *comte* tendo avisado à família sobre a necessidade da sua cooperação neste esquema para ajudar De Pez para se salvarem, Lorelei tinha poucas dúvidas de que De Pez ganharia muito mais que a sua família assim que os planos fossem concretizados. O *comte* e a esposa eram conhecidos simpatizantes de Louis XVI, e por isso deveriam demonstrar seu suporte a Napoleão caso quisessem retornar à França. Qualquer coisa menos que isso significaria que eles nunca mais estariam a salvo daqueles que os entregaram pela recompensa que certamente estaria sendo oferecidas por suas cabeças.

Se ela não tivesse interceptado a carta, tinha certeza que o pai nunca teria compartilhado o conteúdo com ela. Os anos de protegê-la da volatilidade da vida que ele tinha escolhido precisavam chegar ao fim. Lorelei era tão parte da presente situação quanto o *comte* e a *comtesse,* ou eles tinham esquecido que tinham alistado sua única filha?

Ela não era um peão para ser usado e não ser confiado com os segredos.

Tinha desistido da esperança – ou ao menos da esperança imediata – de um lar e uma família, em vez disso estava se comprometendo com os pais. Eles percebiam os sacrifícios que ela estava fazendo sem nem ao menos pensar duas vezes sobre a sua própria felicidade?

Todas as suas vidas estavam em perigo – tanto por suas antigas alianças quanto pelas novas.

O que mais a afligia era a pergunta se eles tinham escolhido se juntar a De Pez e ao lado errado.

Ela se sentou à escrivaninha com uma folha em branco na sua frente, e ponderou suas opções.

Poderia entregar a carta ao pai e encarar a ira dele por ter aberto sua correspondência e então escondê-la dele. Ou, ela poderia fazer o seu próprio plano.

Se Lorelei fosse em frente e admitisse a sua fraude, então ela teria não apenas o fardo do desprezo do seu pai, mas também o de apaziguar De Pez. Teve que pensar muito pouco em sua decisão enquanto pegava a pena e afundava a ponta afiada na tinta escura que estava à sua direita.

Ela não tinha muitas opções.

Rabiscou as palavras pela página em sua caligrafia praticada e elegante.

Lorelei não se permitiu sequer um momento para repensar a sua decisão antes de jogar areia sobre o papel, dobrar o bilhete e chamar Isabelle. A carta que ela escreveu não pedia uma resposta – já que ela nunca a esperaria com paciência. Tudo o que restava agora era se preparar para a noite... e encontrar uma forma de escapar da casa sem ser notada.

CAPÍTULO CINCO



LORELEI RETORCEU AS mãos enquanto as pessoas passavam por ela. Muitas olhava em sua direção, mas afastavam o olhar rapidamente. Sabia o que parecia para eles, e era isso o que ela mais desprezava na Inglaterra. Ela era uma mulher desacompanhada no Covent Garden. Eles, sem dúvida alguma, a estavam confundindo com uma dama da noite esperando o seu benfeitor.

Estava esperando alguém – mas ela não era uma meretriz, e ele nunca seria o seu benfeitor. Na verdade, estava com medo de ele não aparecer, ou que não tivesse recebido o bilhete.

Tinha sido bastante ousado e atrevido ter enviado um recado diretamente para a casa dele, mas o tempo não estava ao seu lado, e ela precisava afirmar seu interesse nele antes que fosse tarde demais. Ou melhor, deixar claro que o interesse dele nela não era indesejado. Ela tinha poucas opções com a sua recente ausência de todas as funções sociais.

Esperava que com o ajuda de Isabelle, que a sua ausência em casa não fosse notada e que pudesse voltar para lá sem ninguém ficar a par da sua pequena fuga. Ela informaria ao *comte* sobre sua escapada pela manhã, e esperava ter boas notícias. Então, talvez a carta pudesse ser esquecida.

Pessoas vendiam frutas e doces para atenderem aos nobres e suas acompanhantes, enquanto as mulheres desfilavam pela multidão. Elas riam quando os homens sussurravam em seus ouvidos, faziam uma mesura para mulheres que queriam trocar algumas palavras, e aceitavam todos os presentes desde flores à bugigangas. Esta noite – e lugar – eram delas.

Misturar-se à multidão tinha sido simples, mas ainda assim tinha escolhido um vestido que iria atraí-lo, e, em troca, ele chamava muita atenção. Escolhera um vestido do mais rico verde, tão profundo que alguém podia pensar que era cor de ônix. Com o pescoço, orelhas e pulsos carregados com pérolas, Lorelei fazia inveja em cada mulher enquanto passava. Parte dela imaginava se o marquês iria achar o seu traje a gosto, e rapidamente dispensou o pensamento. O marquês não era a razão para ela estar ali.

Ela ficou tão imóvel quanto possível para não expor a ousada fenda na lateral do seu vestido que ia até a coxa e revelava as meias pretas, completadas com laços sobre os joelhos.

Suspirou de alívio quando ele finalmente apareceu, saindo do meio da multidão como se tivesse se materializado. Enquanto ele caminhava, ela notou os olhos dele vagando, tocando em várias mulheres vestidas de forma provocante.

—Lorde Chastain. — Ela fez uma leve mesura. Quando os olhos dela focaram nos pés dele, notou o brilho de suas botas e, enquanto se endireitava, observou desde o traje até o cabelo cuidadosamente penteado. Ele era do tipo que tinha gostos caros, e não havia uma única coisa fora do lugar.

—Lady Lorelei. — Ele pegou a sua mão e a levou ao lábios. Ela temeu que fossem criar um espetáculo quando ele segurou os dedos dela por um tempo que poderia ser considerado inconveniente. Seus lábios pressionaram sua mão gelada do lado de dentro – nenhum pouco parecido com o toque firme do marquês. Finalmente, ele a soltou e sorriu. —Eu voltei há pouco tempo para a cidade, e devo dizer que fiquei surpreso.

—E por que isso, meu lorde?

—É só por que você pareceu preferir o marquês.

Imaginou se ele a estava testando. Ela tinha dançado com os dois naquela noite, e tinha aceitado dançar uma segunda vez com Chastain. Era bem possível que ele soubesse que o marquês a tinha visitado na manhã seguinte ao baile. Eles eram amigos afinal de contas, e ela esperava que eles também compartilhassem confidências.

Seu estômago revirou ao pensar no marquês ouvindo sobre o convite muito inapropriado para que Chastain fosse encontrá-la em Covent Gardens. A reputação do teatro ao ar livre era muito conhecida por causa dos seus recantos escondidos e trilhas escuras. Sempre aconteciam encontros de baixo de todos narizes aristocráticos, mas disso eles já sabiam.

O Marquês de Drake provavelmente era muito habilidoso nesse assunto em particular, e ela quase podia vê-lo removendo a sobrecasaca – e então o vestido dela, as mãos correndo pela pele aquecida, até mesmo enquanto os atores estivessem contracenando no palco.

—Isso é uma tolice. Eu mal posso tirar meus olhos de você. — Ela afastou a imagem erótica da sua mente e se concentrou em Lorde Chastain. Os ombros dele não eram tão largos, e o cabelo – mesmo que estivesse perfeitamente penteado – não tinha volume. Ele era apenas um pouco maior

que ela, e ela suspeitava que a sola das botas dele fossem acolchoadas. Não poderia se enganar. Ele era um homem muito bonito, e provavelmente fosse considerado um bom partido, mas ainda assim ele tinha pouco do que Drake tinha em abundância. Justamente aquela coisa que a tinha atraído. Os homens eram bastante parecidos: tinham título, eram ricos, educados e se vestiam bem, então o fato de ela estar atraída por um e não pelo outro, não fazia sentido.

—Fico feliz em ouvir isso. Vamos? — Sem esperar, ele pegou a sua mão com a dele, puxando Lorelei para o seu lado enquanto eles começavam a caminhar pela animada multidão. —A noite está muito agradável.

—Sim, está. — A última coisa que queria discutir era o tempo, que ele estava agradável ou qualquer coisa do tipo. —Espero não está-lo afastando de algum compromisso fora da cidade.

Ele riu. —Não está. Bem, sim, na verdade está, mas como eu poderia resistir ao seu convite? — Ela não sabia se ele estava brincando ou se apenas estava tentando entretê-la. De qualquer forma, as palavras a irritaram, embora se o mesmo comentário tivesse vindo do marquês, ele teria conseguido fazer com que ela sorrisse.

Eles caminharam pela multidão indo para nenhum lugar específico. Lorelei o deixou conduzi-la, mas para onde, não sabia. Talvez ele tivesse um camarote privado de onde poderiam assistir à peça.

—Por favor, não me deixe imaginando. A que devo o prazer da sua companhia esta noite?

—Uma mulher teria que estar louca para não querer passar mais tempo na sua presença, meu lorde.

Quando ele sorriu com satisfação, ela soube que tinha dado a resposta perfeita. Lorde Chastain pensava muito bem de si mesmo, e ela sabia que ao bajulá-lo e massagear o seu ego, a sua atenção seria atraída. Homens procuravam admiração acima de tudo, fosse por sua riqueza – o que normalmente nada tinha a ver com eles, mas com os muitos lordes antes deles – seja pela sua proeza no lombo de um cavalo.

Lorelei pensou no que ela esperava conseguir esta noite. Com esperança, atrairia o interesse de Chastain o suficiente para que ele começasse a persegui-la. Assim que estabelecessem um relacionamento, não seria desfavorável que a sua família fosse visitá-lo. Um juntar na casa dele ou um feriado em sua propriedade permitiria que ela e os pais encontrassem o que estavam procurando.

—Eu sei, então obrigada por seguir em frente com os seus planos. — Ela olhou para ele timidamente. Já tinha usado aquele olhar inúmeras vezes, mas era um pouco difícil submeter-se quando o homem que estava ao seu lado não a olhava de cima, como muitos outros faziam. —Você tem um camarote onde possamos ir para sentar e conversar?

—Ah, sim, falar é exatamente o que eu tenho em mente, — ele sussurrou. —Por aqui.

Ele apertou o passo e ela notou que a multidão começava a diminuir enquanto eles iam para uma área pouco iluminada dos jardins. As tochas, que ficavam a cima do caminho, foram ficando mais esparsas, as luzes bruxuleantes deixavam os recantos ainda mais escuros enquanto eles se afastavam dos outros. A conversa das pessoas não podia mais ser ouvida, e as risadas, misturadas com respirações ofegantes vinham dos cantos mais escuros. Mal podia ouvir a música suave que a orquestra tocava.

Lorelei olhava em volta, estava nervosa. Era tarde demais para voltar – retirar-se certamente iria cair mal para Lorde Chastain e ele nunca mais iria se encontrar com ela, quem dirá permitir que ela fosse à sua casa.

—Onde estamos indo? — ela perguntou. —Tenho certeza de que passamos dos camarotes que possuem a melhor vista do palco.

—Não falta muito mais, prometo.

O número de luzes no jardim diminuía quanto mais eles se afastavam, assim como o caminho pelo qual seguiam. A grama que rodeava a trilha começou a invadir a calçada e repuxava o seu vestido. Os espinhos das plantas grudavam em sua saia de seda enquanto ela passava, sempre sendo conduzida por Lorde Chastain. Não demorou muito e suas delicadas sapatilhas ficaram molhadas por causa da umidade do chão. A lua mal podia ser vista por causa das árvores que pairavam sobre eles.

Chastain apertou o seu braço e a fez parar. Ela olhou para ele, mas ele não a soltou.

—Ai. — Ele a estava machucando, ainda assim ela só emitiu essa palavra antes de se forçar a rir. —Meu lorde, para onde você me trouxe?

Se ele notou a trepidação na sua pergunta, não demonstrou. —Oh, eu presumi que poderíamos dispor de alguns minutos para nos conhecermos melhor.

Lorelei não podia divisar a expressão no rosto dele por causa da falta de iluminação, e temeu que não fosse gostar do que poderia ter visto.

Chastain pressionou o corpo ao dela, sua postura rígida a forçou a se curvar para trás. A única coisa que a mantinha de pé era o braço dele, com certeza aquilo ia deixar uma marca horrorosa.

Estava grata pela escuridão, dessa forma ele não poderia ver o medo em seus olhos, embora muitos diziam que o terror tinha cheiro.

—Seria fascinante descobrir mais sobre você e os seus interesses. — Ela se recusava a demonstrar medo. —Mas esse lugar dificilmente é o ideal para falarmos sobre as nossas famílias e nossos passatempos.

Ele a soltou, e ela tropeçou para trás, tentando recuperar o equilíbrio. — Sorte a sua eu não ter família de quem falar. Agora, meus passatempos... — Antes que ela pudesse se afastar, os braços dele a envolveram e a puxaram para perto. Ele colou os quadris nos dela, a ereção podia ser sentida por sobre o traje elegante. As mãos dele foram para baixo e agarraram o seu traseiro. — Eu prefiro mostrá-los.

Lorelei se acalmou, sabendo que por ser um cavalheiro da *ton*, sua falta de maneiras não poderia ser assim tão severa para que ele levasse a situação ainda mais longe. Irritá-lo só tornaria sua tarefa mais difícil.

Ele apertou ainda mais o seu traseiro, criando marcas que ela sabia que iam combinar com as do seu braço.

—Beije-me, *ma cherie*, — ele disse, imitando sua língua nativa enquanto se pressionava contra ela, provavelmente arruinando a seda fina do seu vestido. —Vamos lá. Ambos sabemos que vocês cortesãs francesas gostam dessas traquinagens tanto quanto nós lordes ingleses.

Ela queria gritar, atacá-lo, correr. Mas forçou-se a permanecer calma – a pensar no seu derradeiro dever para com a segurança de sua família.

Em vez de golpeá-lo na cabeça, ela pregou um sorriso em seus lábios e os olhos baixaram em subserviência. —Meu lorde, suas palavras são o auge da impropriedade. Tudo o que você deseja é um beijo?

—É claro, minha lady. — Ele voltou às formalidades, mas o rígido comprimento do seu corpo não recuou. —Um beijo e minha noite estará completa.

Um simples beijo. Já beijara vários homens desde que saiu da escola, mas aqueles homens não a forçaram. Lorde Chastain a via como uma debutante – e uma inocente, ainda assim ele procurava tirar vantagem.

Chastain se inclinou em sua direção, e ela fechou os olhos, querendo acabar logo com isso, satisfazê-lo por um tempo para que ela pudesse ir embora. Sentiu o fôlego dele enquanto se aproximava. Foi só então que

captou o aroma da bebida. Seu fôlego e suas roupas fediam a álcool. Tinha estado tão focada em conseguir o que queria que não notou a embriaguez dele.

Não podia mais contar com o fato de que ele agiria como um cavalheiro decente.

Finalmente, os lábios dele cobriram os seus com crueldade. A boca movia e a língua forçou seus lábios a se abrirem.

Quando ela resistiu, ele soltou o seu traseiro, as mãos foram para o seu pescoço, e então segurou o seu queixo. Ele cravou os dedos e segurou o seu rosto.

Ela soltou um choramingo.

—Oh, eu sabia que você ia gostar do meu toque. — As palavras foram sussurradas contra o seu pescoço enquanto a boca de Chastain atacava mais que acariciava a pele macia. —Não lute, minha querida – ou vá em frente, isso só vai fazer com que esse momento seja ainda mais memorável.

—Por favor... — ela implorou.

Os lábios dele esmagaram os dela mais uma vez, e então ele soltou o seu rosto.

Um pouco da tensão a deixou. Ela poderia lidar com o beijo bruto.

Ela mal tinha pensado nisso quando seu vestido foi subitamente puxado. O ar frio da noite varreu as suas pernas, cobertas apenas pelas meias finas e as sapatilhas molhadas.

Entrou em pânico mais uma vez.

Ela empurrou o peito dele, esperando que ele percebesse que o comportamento desagradável não era bem-vindo, ou desejado.

Em vez disso, o braço dele envolveu sua cintura mais uma vez e ele a puxou para perto enquanto a outra mão agarrava os seus seios.

Ela lutou com os avanços lascivos, tentando se libertar.

Quando ouviu o som de tecido se rasgando, parou de lutar enquanto sua mente tentava entender o que estava acontecendo.

—Vamos lá, minha pequena *putain*. Prometo que você vai gostar disso mais do que nunca antes.

—O quê... — Ele pensava que ela fosse uma puta, uma garota comum que não tinha pudores. —Não—

—É tarde demais. Você vai ver para onde a provocação leva uma menina como você. — As palavras dele eram frias como o gelo, e os olhos também.

Com pouco esforço, ele a pegou e a deitou no gramado do caminho raramente usado. Ele a cobriu com o corpo, fazendo com que todo o ar abandonasse o seu corpo. Ela subestimou demais a força dele e os músculos por baixo do traje de noite.

Ela o empurrou, tentando se libertar, tentando chutá-lo, mas suas pernas estavam presas pelo vestido. Ele a cobriu da cabeça aos pés, enquanto rasgava o corpete do seu vestido. Ela sentiu o colar ser arrancado do seu pescoço e as pérolas voaram para todos os lugares, atingindo o seu rosto, o peito descoberto e os braços.

—Não. — Sua voz rompeu o ar. O fio fino da voz não tinha força, nem mesmo para as suas orelhas. Ela não queria isso... ela não tinha pedido por isso.

Os momentos passaram como se fossem uma vida enquanto ela bloqueava a realidade do que ia acontecer.

Parou de lutar, pois sabia que ele era muito mais forte que ela.

Em vez disso, soluçou. Se o som era alto ou se os gemidos profanos nunca deixaram a sua garganta, Lorelei não sabia.

—Eu deveria dizer, — a voz de um homem podia ser ouvida a apenas alguns passos de distância. —Que alguém deveria saber ser mais discreto com as suas escapadas. Não é mesmo, John?

Outro homem riu antes de falar. —Parece que toda Londres está perdendo as boas maneiras esses dias.

Chastain saiu de cima dela com um pequeno resmungo, alertado pela presença dos outros.

Ela ficou deitada lá, com o vestido em frangalhos, enquanto ele arrumava as calças e enfiava a camisa dentro das calças. Por último, ele ajeitou a gravata e murmurou, —Acredito que você possa chegar sozinha em casa.

As lágrimas escorriam dos seus olhos e caiam na terra. Seu corpo lutava para chorar contra a injustiça que quase foi feita contra a sua pessoa, mas ela temeu chamar atenção para si mais uma vez. Embora devia agradecer aos homens que os encontraram, já que Chastain com certeza faria o que tinha em mente se não temesse ser descoberto.

Em vez disso, ela ficou quieta.

Com uma mesura curta em sua direção, o duque se virou e voltou pelo caminho por onde vieram. Ela observou as botas dele enquanto eles se afastavam. Estranho, elas ainda estavam limpas e imaculadas mesmo com

toda a lama que tinha grudado nela. Era como se nem mesmo a sujeira quisesse estar associada a tipos como ele.

Julgara muito mal o homem com o quem se esperava que ela ficasse mais familiarizada. Ele era um bom lorde inglês tanto quanto ela.

CAPÍTULO SEIS



ANDREW GIROU O líquido no seu copo – exatamente o que vinha fazendo pela última hora enquanto esperava a chegada de Benji. Ele tinha passado a hora anterior jogando bilhar com Lorde Storr e falando sobre cavalos com Sir Ryker.

Primeiro, ele imaginou que tivesse lido errado o bilhete de Benji solicitando a sua companhia em um jantar no White's. Seu interesse em ouvir as histórias sobre a festa de Madama Sasha era mínimo, mas não poderia recusar o convite do amigo.

Ficando de pé, Andrew andou pela sala, deixando o copo meio vazio para trás. Nos dias anteriores, teve pouca vontade de beber, o que era uma mudança bem-vinda. Os dias foram passados na companhia do seu advogado, planejando melhoras para as suas propriedades, comprando cavalos para seus estábulos, e negociando um novo empreendimento naval. Todos negócios completamente legítimos, ainda assim, poderia ter esperado até depois da festa de Madame Sasha.

Finalmente, Benji entrou no White's, piscando várias vezes e protegendo os olhos do brilho da luz. Parecia que o amigo ainda estava bêbado após a estada em Madame Sasha, onde o bartender era tão generoso quanto as mulheres.

—Andrew. — Benji se jogou em um assento em frente à onde ele tinha estado sentado, esbarrando na mesinha entre as poltronas o bastante para fazer o líquido ambarino escapar pela beirada do copo de Andrew. —Peço desculpas pelo meu atraso. Eu tive que fazer uma parada rápida antes de me juntar a você.

—Eu estava começando a pensar que você tinha caído no sono e não mandou avisar que não viria. — Andrew riu, tomando um assento. —Estou feliz por ver que você teve bastante agitação na casa de Sasha. Conheceu alguém interessante?

Andrew perguntou principalmente porque esperava que o amigo dissesse que tinha se distraído por um novo par de seios, mantendo a mente dele longe

de Lady Lorelei.

Benji pediu uma bebida antes de responder. —A festa foi muito parecida com os anos anteriores – diversão prazerosa, com muita bebida e nenhum sono.

—Percebi isso pelo seu...— Andrew parou, reparando no estado desmantelado do amigo —...traje... nada impressionante.

Benji olhou para si, como se notando pela primeira vez que suas roupas estavam amarrotadas e parecia que havia lama na camisa branca, o lenço de pescoço estava levemente torto.

—Talvez um banho e roupas limpas devessem ter tido preferência em vez do jantar.

—Não, não. — Benji se sentou um pouco mais erguido. —Combinamos jantar juntos assim que eu voltasse à cidade, e acontece que estou extremamente curioso para saber como você se passou sem mim.

Andrew não tinha intenção de compartilhar mais do que já tinha dito, nem falar sobre flores ou onde estava a sua cabeça. —Isso e aquilo, banalidades, temo que não tenha feito nada mais.

Ele parou enquanto um criado servia a bebida de Benji e pegava o pedido da refeição.

Virando o copo rapidamente, Benji o esvaziou. —Outro.

—Você tem certeza de que não deseja dormir um pouco, — Andrew perguntou. —Talvez permitir que a bebida abandone o seu corpo?

Benji olhou para ele. —Quando você se tornou o meu pai?

—É só que—

—Você tem estado bastante severo ultimamente.

—É claro que não estou, — Andrew disse defensivamente.

—E quanto a Madame Sasha?

—O que tem isso?

Benji aceitou outra bebida, mas dessa vez só deu um gole. —Você nunca teria deixado passar a oportunidade, há um tempo atrás.

—Eu lhe disse, tinha negócios a resolver.

—Sim, sim. — Benji dispensou seu comentário, apoiando-se levemente na cadeira. —Certamente algo que não podia ser adiado. Mas devo dizer, eu nunca teria perdido essa oportunidade.

Havia algo estranho na forma como seu amigo falava, quase como se a sua vida de excessos e depravações o estivesse consumindo. Ou o homem estava para lá de exausto, ou ele realmente estava tão bêbado quanto parecia.

Andrew riu, esperando desanuviar o homem que estava pairando sobre a conversa. —Eu lhe asseguro que não voltarei a desapontá-lo.

Quando a refeição foi servida na mesa em frente a eles, ambos pegaram os talheres rapidamente. Andrew estava principalmente focado em conseguir terminar a refeição antes que Benji desmaiasse. Era como se o amigo não tivesse tido tempo para uma refeição decente há dias.

—Madame Sasha perguntou por você, — Benji disse enquanto mastigava um pedaço de carne. —Ela está temendo que você a tenha substituído.

—Você não—

—E eu estou inclinado a concordar.

Andrew estava sem palavras. O teor da sua amizade tinha mudado drasticamente nos últimos anos, e ele parecia incapaz de alterar esse curso. Passava mais e mais tempo sozinho ou com seus administradores. Suas noites pela cidade, visitando a Craven House e outros lugares, tinham diminuído a uma ou duas saídas por mês. Francamente, ele estava chocado por Benji não ter notado sua ausência até então.

—Talvez eu não goste mais desses passatempos. — Lorelei surgiu em sua mente. Ele percebeu em um estalo que passaria feliz todas as noites na companhia dela pelo resto da sua vida e que seria perfeitamente feliz.

Benji olhou para ele, como se nunca o tivesse visto. —Isso é absurdo. O que um homem prefere que não uma dama despida em sua cama?

Quem não preferiria, não é?

Mas a única coisa que passava por sua mente era Lorelei, deitada nua em uma cama que ele conhecia muito bem, sorrindo para ele enquanto ele estava sobre ela.

—Olá? — Benji estalou os dedos na frente do rosto de Andrew. —Eu sei que eu sou o bêbado aqui, mas você parece preocupado demais.

—Eu estou. — Ele sacudiu a cabeça, determinado a não permitir que cada palavra o fizesse lembrar dela... e o quanto ansiava vê-la novamente. —Eu deveria ir. Acho que não sou a melhor companhia esta noite.

—Você vai me abandonar? — Benji perguntou. —É exatamente como pensei.

—O que você quer dizer?

—Você acha que eu não sei o que está se passando na sua cabeça? — Benji colocou o garfo sobre o prato vazio. —Você ainda está pensando nela.

—Isso é ridículo. — Andrew recostou-se, sua refeição completamente esquecida. —Eu tenho muito mais coisas passando por minha cabeça. E o

que é isso de estar te abandonando?

—Simples. Uma mulher aparece, e de repente, você está cancelando seus planos comigo. — Ele pegou o garfo novamente e espetou um pedaço de carne do prato de Andrew. —A garota não vale o seu tempo – nem o meu, pode ter certeza.

Andrew reprimiu o instinto de sair em defesa de Lorelei. —Eu não vi isso naquela noite, — ele incitou. —Além disso, em algum momento nossas obrigações familiares irão ultrapassar a nossa amizade... até mesmo para você.

—Você prevê um tempo em que não seremos como sempre fomos? E eu não preciso lembrá-lo de que *nós* somos a única família que temos.

Andrew não podia discordar do amigo, mas a atração de algo mais – de *alguém* mais – era forte. —Você está certo. E é melhor que não nos sobrecarreguemos no que tem a ver com mulheres casadouras.

Os homens ergueram os copos em um brinde e beberam com vontade.

—Além do mais, ela com certeza me escolheria. — Benji riu.

—Eu duvido muito, mas é bom saber que não estamos competindo por ela.

—Verdade, acho que não estou interessado na menina. Eu tenho aversão por mulheres de certa altura.

Agora foi a vez de Andrew rir, a conversa estava muito parecida com as que eles costumavam ter. —Oh, você quer dizer o fato de ela ser quase maior que você? Posso ver como isso pode ser desagradável para alguém que tenha a sua estatura anormalmente modesta.

—Não sou eu que sou baixo, ela é que é excessivamente alta. — Benji prossegui com a brincadeira. —Mas mesmo que eu não me importe, isso não significa que você possa sair para a conquista.

—E se eu decidir cortejar Lady Lorelei? — Andrew perguntou, testando as águas.

—Então temo que isso só lhe causaria chateação. — Benji olhou por sobre o ombro de Andrew quando o sino acima da porta soou dando as boas-vindas a outro convidado. —Ah, acredito que temos uma companhia que provará o meu ponto.

Andrew virou-se em seu assento, fazendo contato visual com um homem de meia-idade.

Ele ficou de pé imediatamente e atravessou a sala para cumprimentá-lo. —Boa noite, Sir St. Augustin, — Andrew disse. —Espero que esteja bem.

O homem o encarou antes de responder. —Drake. Vejo que as coisas não mudaram muito depois do nosso último encontro. — Ele fez um gesto em direção a Benji, que estava praticamente deitado na cadeira que Andrew tinha abandonado. —Você ainda confraterniza com as peças mais desagradáveis.

—Sir—

—Eu já lhe disse, não se aproxime de mim, — St. Augustin o interrompeu. —Tanto quanto alguém saiba, nós não nos conhecemos, nem nunca nos conheceremos.

—Eu só quero saber se ela está bem.

—Você perdeu o direito de perguntar há muito tempo. Agora, deixe-me passar. — O homem seguiu em frente, mas Andrew colocou a mão no ombro dele e o deteve. —Solte-me.

Eles ficaram assim, nenhum dos dois recuando.

Quando um aplauso baixinho soou atrás deles, Andrew tirou a mão do ombro do homem, não querendo criar um espetáculo ainda maior. St. Augustin tinha todo o direito de desprezá-lo. Inferno, se estivesse no lugar dele, Andrew teria desafiado o homem para um duelo.

—Drake. — A intensidade nos olhos de St. Augustin desafiava Andrew a interrompê-lo mais uma vez. —Não tente contatar a minha esposa ou a *minha* filha. Você deixou a sua posição bastante clara anos atrás. Elas são minhas, um homem digno do afeto delas – não um canalha bêbado que pensa muito pouco nos outros.

Cada palavra que o homem disse era verdade, e Andrew não podia fazer nada além de dar um passo ao lado e deixá-lo seguir caminho.



Lorelei colocou o casaco assim que entrou na carruagem. Ela envolveu o tecido em volta de si como se fosse um casulo, cobrindo a seda rasgada e lamacenta do que uma vez tinha sido o seu vestido favorito. Seus dedos foram para a garganta onde o valioso colar de pérolas tinha estado. Elas tinham sido um raro presente do pai em um momento de grande felicidade.

E, agora, elas tinham ido embora.

—Para onde, minha lady? — o condutor perguntou.

—Para casa, obrigada. — Ela manteve os soluços para si tempo o bastante para dizer as palavras. Naquele momento, não havia lugar mais distante de sua *casa* do que a casa dos seus pais. Mas estava insegura se ainda considerava a França como um lar.

O som das rodas da carruagem batendo nos paralelepípedos lhe arrancou lágrimas enquanto seu coração se partia, ensopando a gola do seu casaco. Ela puxou ainda mais o casaco em volta de si e se afundou no veludo, desejando que ele a engolisse inteira e a levasse para outro lugar, para outra época.

Tempo.

Antes de chegar à Inglaterra, Lorelei tinha a sensação de que a vida era nada além de tempo, dias, meses e anos sem fim. O bastante para os pais saírem e se divertirem brincando de espião, com tempo para gastar com uma família só sua. Agora, tudo parecia real demais. Sentia gana por assentar em um lugar por tempo o bastante e fazer dele um lar. E amigos – como gostaria de ter tempo para fazer amigos verdadeiros, pessoas que a conhecessem e se importassem com ela.

Agora ela imaginava se haveriam horas, dias e anos o suficiente para se fazer completa novamente – juntar tudo o que a vida lhe deixou e viver: aproveitar o nascer do sol, aquecer-se no calor do pôr do sol, respirar o ar limpo e fresco, ou sentir a grama sob os pés descalços.

Ela se endireitou no assento, afastando os pensamentos de autocomiseração, e levou as mãos aos cabelos. Ele deveria estar um horror. A corrida do Covent Gardens até a sua casa não levava mais que dez minutos. Quanto tempo tinha ponderado fugir de Londres e deixar os pais para trás – junto com o peso das suas obrigações impostas por De Pez?

Novamente, o tempo não era seu amigo.

Ela passou a mão na janela embaçada e olhou para a rua.

Faltavam duas quadras.

O que deixava pouquíssimos momentos para se recompor – e para se preparar para entrar na casa sem ser notada, da mesma forma que tinha saído mais cedo. Com sorte, os pais ainda estariam fora. Precisaria apenas segurar seu infortúnio até chegar à segurança do seu quarto, então se entregaria às emoções. O casaco iria cobrir o desastre que havia ali embaixo e a sujeira que se agarrava aos seus braços e pernas. O cabelo poderia ser creditado a Lorde Chastain durante um doce beijo de adeus.

Seu estômago revirou com o pensamento, relembrando o fôlego horrível e a forma impenitente com a qual ele apertava o seu corpo. A imagem do corpo dele pressionando o dela pelo que pareceu uma eternidade pesava em seu estômago, mas não tinha sido mais que apenas alguns momentos antes de ele ficar assustado com os homens. Entretanto, aqueles meros momentos,

poderiam ter significado o seu fracasso e a punição da sua família. Se isso conduzisse ao erro e ao consequente castigo, ela nunca se perdoaria.

A umidade do suor era um lembrete cruel – embora ela não tivesse esquecido – que tinha tentado a besta, e agora deveria viver com as consequências.

Lorelei sabia que seus sacrifícios não seriam em vão, como se ela – seu corpo, sua mente, sua alma – não importassem.

Apesar de a sua virtude ainda estar intacta, a raiva corria por todo o seu ser devido à injustiça que Chastain tinha planejado para ela. Não tinha noção de por que tinha pensando que encontrá-lo sem o conhecimento dos seus pais seria uma boa ideia.

A porta da carruagem se abriu, revelando a mão do cocheiro para ajudá-la a sair.

—Minha lady, chegamos.

Enquanto estendia a mão para permitir que o homem a ajudasse, Lorelei viu a sujeira debaixo das suas unhas e a lama manchando o dorso da mão.

Chocada, ela puxou a mão rapidamente. —Obrigada, — ela gaguejou, abalada pela visão de si mesma. —Por favor, vá na frente e se certifique de que a minha criada tenha preparado o meu quarto enquanto eu pego as minhas coisas. Estou procurando minhas luvas favoritas.

—É claro, minha lady. — Sem hesitar, ele se virou e foi em direção à entrada. A porta foi aberta com um floreio que só um legítimo mordomo inglês poderia fazer, e o cocheiro falou com o homem antes de voltar para o seu posto.

O cocheiro pigarreou, sinalizando seu desejo de partir, retirar o uniforme e terminar a noite.

Oh, como ela desejava desatrelar as éguas e escová-las para pôr um fim a esta noite terrível.

Mas pena não era algo que ela sentia pelos outros, e especialmente isso não se estenderia às suas próprias circunstâncias.

Lorelei ergueu o capuz para cobrir o cabelo bagunçado e saiu da carruagem, puxando o casaco em volta de si e afundando as mãos trementes no fundo do bolsos para esconder as evidências do encontro desastroso.

Ergueu a cabeça – nunca abaixaria a cabeça e permitiria que alguém visse a sua vergonha – e caminhou até o vestíbulo vazio.

Lorelei suspirou de alívio no momento que fechou a porta pesada atrás de si.

Mandar avisar Isabelle tinha sido inteligente de sua parte. Nenhuma única alma iria perturbá-la até o amanhecer.

A primeira coisa que a recebeu assim que entrou em seus aposentou foi a última coisa que deseja ver: o belo buquê do marquês.

Ele simbolizava tudo o que não iria – não podia – ser seu. O pensamento de ter um marido escolhido por causa do afeto mútuo, uma vida cheia do riso de crianças, e acima de tudo, uma casa, um lugar estável com uma lareira onde sua paz nunca seria perturbada.

Isso nunca aconteceria.

O tom estridente das palavras em sua cabeça deveria ter sido o bastante para forçá-la a tirar as flores da sua penteadeira, mas elas ainda estavam lá, inconscientes do turbilhão dentro do quarto – dentro dela.

Antes de saber o que estava fazendo, ela segurou o vaso largo e pesado. Os dedos correram por cada veio do cristal. Havia pouquíssima dúvida de que mãos delicadas tinham talhado o recipiente.

Mãos delicadas...

Lorelei olhou mais uma vez para as próprias mãos. Mãos que uma vez foram tão delicadas quanto as das damas de Londres, nascidas e criadas para serem o foco de cada sala em que entravam. Ainda assim, agora sabia o que elas realmente eram – mãos frias e mercenárias que pertenciam apenas à sua coroa, não a si. Elas fariam qualquer coisa que o seu país exigisse delas.

Nenhuma parte de si estava no comando. Mas neste momento – com as flores em suas mãos – elas eram dela.

Fúria. Raiva. Frustração. Alienação. Solidão. Frenesi. Vergonha.

Permitiu que as emoções assumissem o controle e a lavassem. Era uma sensação desconhecida, e esperou o entorpecimento que viria a seguir.

Com pouco esforço – nascido principalmente do seu coração acelerado e da sua alma machucada – o vaso voou pelo ar indo parar na parede acima da lareira que aquecia o quarto. Ele se quebrou em mil pedaços quanto atingiu o chão do quarto.

Lá no fundo ela sabia o que seu país exigiria dela:

Destruição. Domínio. Sem resistência.

Os cacos de vidro voaram em todas as direções. O brilho das muitas velas posicionadas pelo quarto brilhava sobre os pedaços afiados de cristal.

As pernas ficaram fracas quando as emoções intensas continuaram percorrendo o seu corpo, não tendo sido tão facilmente dissipadas quanto tinha esperado.

Como o Marquês de Drake se *atrevia* a dar a ela qualquer esperança de futuro – especialmente o futuro com o qual sonhava.

CAPÍTULO SETE



ANDREW MONTOU PELO Hyde Park, a brisa leve acariciava o seu rosto e os pés estavam seguros nos estribos. Normalmente, abominava as demandas sociais: os bailes, as visitas, os chás e os musicais. Tudo isso era uma maldita perda de tempo, principalmente porque ele preferia estar cuidando dos seus muitos negócios. Havia sempre alguma contenda a resolver entre os arrendatários das suas muitas propriedades, reparos a serem feitos... e então, também estava chegando o momento em que ele não poderia mais adiar seus deveres para com o Parlamento.

Apesar de tudo isso, hoje tomou uma rota diferente para ir de casa até o escritório do seu advogado. Deixou de passar pelas ruas principais para cortar caminho pelo parque, mesmo que isso fizesse com que tivesse contato com outros membros da *ton*. Mas pensar na conversa fiada sobre o tempo e os maravilhosos entretenimentos da temporada não o dissuadiram.

Diminuiu o passo da sua montaria quando chegou ao caminho que cruzava o parque. Damas e cavalheiros vestidos na última moda caminhavam despreocupadamente, acenando para conhecidos e parando para falar com amigos.

Andrew sorriu, esperando ouvir uma voz familiar lhe desejando bom dia, mas enquanto prosseguia, notou que muitos evitavam olhá-lo ou se afastavam dele para conversar com outras pessoas, dando as costas a Andrew.

Há quanto tempo será que ele era tratado assim, perguntou-se. A revelação de que ele mesmo tinha feito isso para si já era algo. Raramente dançava nas reuniões sociais, evitava qualquer compromisso com uma dama em particular apenas para desencorajar as matronas, e nunca tinha convidado pessoas para a sua casa – e nem eles chegavam sem ser anunciados.

Sem saber, se tornou um recluso por causa de suas ações, um homem da sociedade considerado inacessível.

Seu humor ameaçou a azedar.

Andrew parou o cavalo e desmontou, decidindo tentar uma nova tática. Com as rédeas nas mãos, começou a caminhar, sorrindo enquanto passava e

desejando bom dia para aqueles que conhecia. Algumas pessoas fizeram gestos com as cabeças, mas nenhuma parou.

Uma carruagem com o brasão da família Dovington passou.

—Bom dia, — ele gritou. Quando o veículo começou a parar e duas mulheres olharam desde a carruagem, ele prosseguiu. —Que adorável vê-la, Lady Dovington. E a você, Lady Eugenia.

Lady Eugenia, recém-apresentada à sociedade, acenou. —Bom dia, meu lorde.

—Marquês, — a mãe disse com precaução. —Acredito que essa é a primeira vez que lhe vemos durante nosso passeio diário, não é?

Andrew estava bem ciente de que ser apresentado à filha dos Dovington seria um benefício e a estreia da menina seria um sucesso.

—Sim, bem, temo que a minha atividade física seja severamente limitada devido à minha agenda agitada, — ele respondeu. —Mas o tempo está ótimo, não?

Recorreu a falar sobre o tempo, o sorriso forçado, e a dupla olhou para ele como se ele tivesse duas cabeças. Era quase doloroso manter os lábios erguidos.

Elas apenas assentiram.

—Bem, não irei retê-las mais tempo. — Ele fez uma mesura curta que combinava com o seu sorriso e voltou ao passeio enquanto o condutor da carruagem colocava os cavalos em marcha. —O que estou fazendo? — ele murmurou consigo mesmo.

—Estava imaginando o mesmo, sua senhoria, — uma voz melódica disse atrás dele.

Tomado de surpresa, Andrew deixou cair as rédeas do cavalo e se virou. —Lady Lorelei, que agradável surpresa. — Procurou pelos pais dela, mas só encontrou uma criada. —Você sempre parece ter a vantagem de me surpreender. Está sozinha?

—Não, — ela disse, apontando por sobre o ombro. —Minha criada, Isabelle, está comigo.

—Estou vendo. Posso acompanhá-la em um passeio?

—Esperava tirar um tempo para mim mesma. — Ele não estava certo se as palavras foram ditas para desencorajar ou não a sua companhia. —Mas temo que o Hyde Park, especialmente a essa hora, não seja o lugar que alguém venha para pensar.

—Vamos? — Andrew ofereceu o braço. —Por que uma jovem como você poderia querer arejar a mente?

Lorelei olhou hesitante para ele, os olhos verdes brilhavam no sol da manhã. —Oh, estou certa de que os meus problemas não sejam muito diferentes dos de outras jovens. — Ela desviou a conversa para assuntos menos sérios – e ele permitiu.

Finalmente, ela colocou os dedos sobre o seu braço. Ele podia jurar que eles tremiam levemente antes de se assentarem lá.

Ele dançaria conforme a música. —Não estou acostumado com os problemas de uma jovem, por favor, me ilumine.

Enquanto caminhavam, o vestido cinza resvalava em sua calça e ela segurava – um pouco mais apertado que o necessário – o seu braço. —Não está acostumado com *jovens*? Você não tem irmãs ou mulheres na família?

—Fui amaldiçoado a ser filho único, e minha mãe faleceu quando eu era jovem. — Não falava da família há anos. Eles eram uma memória distante que escolheu enterrar lá no fundo, uma recordação de tempos felizes que nunca deixava de lhe causar tristeza. —Foi só meu pai e eu até ele morrer, não tenho nenhum outro parente.

—Ah, entendo. — Ela manteve a cabeça baixa e os olhos no caminho. — Sua casa deve ser bastante silenciosa.

—De fato, — ele suspirou. —Depois que minha mãe morreu, eu raramente via meu pai, já que ele gostava da vida na cidade e levava suas responsabilidades para com o Parlamento muito a sério. E quanto à sua família?

—Bem parecida com a sua, embora meus pais ainda estejam comigo. Não tenho irmãos ou irmãs... e meu pai viaja com muita frequência, então se eu tiver algum familiar, não os conheço.

—Sim, bem. — Sentiu a necessidade de fazê-la sentir-se melhor. — Viajar combina com você.

—Obrigada. E eu sinto muito pelos seus pais. — A outra mão dela deu tapinhas em sua manga. —Eu estaria perdida sem o *comte* e a *comtesse*.

—Eu acho que não, — ele discordou. —Você parece ser uma mulher bastante independente, do tipo que abraça a vida.

Ela riu, e Andrew sentiu o seu aperto nela aumentar.

Andrew fez um gesto de cabeça para um casal conhecido enquanto eles passavam, mas eles não pararam para conversar, e ele não tinha a intenção de compartilhar seus preciosos momentos com Lorelei. Em vez disso, ele a

conduziu para fora da trilha, indo em direção ao prado que se estendia por todo o parque. A área também era um pouco mais reservada, com apenas um cavaleiro ocasional passando por ali.

—Naquele dia, você fugiu para dentro de casa com tanta pressa. — Ele hesitou mencionar o acontecido, mas precisava de respostas. —Eu a insultei de alguma forma?

Ela ergueu a cabeça e seus olhos endureceram. —Você não fez nada disso.

—Então por que você fugiu?

Ela ficou calada por um tempo, e os passos reduziram antes de ela falar. —Recebi uma carta de casa. Isso é tudo.

—Mas você não pareceu feliz... — ele sondou.

—Não.

—Posso perguntar por quê?

—Não. — Os passos dela diminuíram como se seus pés estivesse presos na grama.

—Sinto muito por insistir, — ele se desculpou. —Perdoe a minha grosseria.

—Eu estava brincando, sua senhoria. — Ela deu uma risada tensa. —Era de um dos sócios do meu pai. Nada muito importante.

Andrew tinha a sensação de que a carta era muito importante, mas não iria pressioná-la a dizer coisas que ela não queria. Em vez disso, ele mudou de assunto. —Então, diga-me por que você veio ao Hyde Park, dentre tantos outros lugares, essa manhã.



O Marquês de Drake era tudo o que o duque não era.

Charmoso. Compassivo. Espirituoso.

Só a fazia questionar o porquê de eles serem amigos.

Lorelei não tinha querido pegar o braço do marquês. Não queria falar com ninguém, especialmente com um homem, depois da noite passada. Seu corpo estava tão machucado quanto os seus dedos, cortados e feridos pelas horas que passou juntando os cacos de vidro. Felizmente, suas mãos inchadas e cortadas estavam escondidas dentro das luvas.

Se ele via através de sua conduta alegre, era cavalheiro o bastante para não falar.

—Lady Lorelei? — ele perguntou.

Ela parou de andar e olhou para ele. —Desculpe-me, minha mente vagou, sua senhoria.

—Sim, você ficou ausente por um momento. Se quiser, podemos caminhar em silêncio, — ele ofereceu. —Fui eu quem interrompeu a sua paz.

—Fiquei feliz por vê-lo, — ela confidenciou. —Londres é um local muito solitário.

Ele se alegrou com as palavras. —Foi o que ouvi, mas nunca fui do tipo de precisar de muita companhia.

—Mas você e Lorde Chastain são amigos próximos, certo? — Lorelei aproveitou a oportunidade para conseguir informação, embora tivera que segurar as emoções ao falar o nome do homem. —Você só falou com ele no baile da outra noite.

—Minha propriedade e a de Benji são vizinhas, — ele disse, sentindo-se à vontade ao falar do amigo. —Nossos pais eram amigos, e nós frequentamos as mesmas escolas, fomos às mesmas festas. Fazia sentido sermos amigos. Embora, para ser honesto, acredito que tenhamos superado isso há anos.

—Por que você diz isso?

—Nos últimos anos, eu cresci, assumi a completa responsabilidade pelas minhas propriedades e meus muitos negócios. Chastain ainda está contente em ser um lorde despreocupado, feliz por passar seus dias em festas no campo e as noites jogando cartas.

—Mas você não?

—Não, — ele admitiu. —Há mais na vida que apenas prazer.

—Certamente, sua senhoria.

Antes de perceber, eles estavam de pé no meio de uma área gramada, protegida pelas árvores, com flores crescendo por vários lugares do solo bem cuidado. Sua criada estava dez passos atrás dela, o cavalo de Andrew não estava muito atrás. O animal parecia seguir o seu mestre como se fosse um cão de caça e não um puro sangue de quase dois metros. A alguns passos, ela notou outra trilha que voltava para o local de onde vieram.

Ela se inclinou, pensando apenas no prazer que ele poderia dar a ela – não o toque áspero que tinha experimentado anteriormente ou os vários beijos de cavalheiros muito avançados, mas o toque suave e refinado de um homem carinhoso.

—Lady Lorelei, eu... — As palavras soaram como se causassem dor física. —Isso é inapropriado.

O som de cascos e gritos fizeram com que eles se afastassem de forma abrupta.

—Saiam da frente! — um homem gritou.

Seguindo direto pelo terreno gramado estava não apenas um, mas dois faetontes, correndo a uma velocidade de quebrar o pescoço – e indo direto na direção dela.

Lorelei congelou.

Olhando nos olhos selvagens das duas parelhas de cavalos, as muitas decisões que tinham feito nos últimos meses a invadiram. As muitas oportunidades que tinha descartado por causa das escolhas da família, e a realidade cortante de que nada do que tinha feito ultimamente se parecia com o que sonhava para seu futuro.

Uma rajada fria de vento afastou algumas mechas soltas do seu rosto, e o bater dos cascos giravam por sua cabeça.

Fechando os olhos com força, Lorelei esperou pelo impacto e a dor que sabia que sentiria.

Algo pesado a atingiu, e os pés de Lorelei sentiram nada além do ar. Borboletas voavam em seu estômago como se ela estivesse caindo de uma altura considerável, os braços estavam presos na lateral do seu corpo.

A mente implorou para os braços se moveram – para amortecerem a inevitável queda.

De repente, estava de costas, e o ar tinha sido arrancado de seus pulmões.

Ela lutou, arranhando quem quer que a estivesse segurando, chutando as pernas implacavelmente, empurrando o peso que lhe pressionava. Precisava de ar, precisava ficar livre; precisava ficar de pé outra vez.

Uma pedra cravava em suas costas a cada vez que se movia, e a dor a acalmou. Ela podia sentir, e não iria afastá-la – isso estava acontecendo, como se seu pesadelo estivesse se realizando mais uma vez.

Ainda assim, não era a mesma coisa. Os cheiros eram diferentes, suas costas não estavam molhadas por causa da lama, e em algum lugar, embora parecesse há quilômetros de distância, alguém a chamava.

—Lorelei, pare, por favor, — uma voz pedia. —Lorelei, você está a salvo, ilesa.

Um cavalo resfolegou, e ela ouviu um lamento não muito longe. Era *ela*?

Finalmente, o peso saiu de cima dela, e ela foi colocada de pé, embora braços a envolvessem como um casulo.

—Devo chamar o pai dela?

—Não. — Era a voz de Andrew que ela ouvia, e eram os braços dela que a envolviam. —Ela está se acalmando. Lorelei... você consegue me ouvir?

Seus olhos focaram, mas tudo o que via era o peito dele, sentiu a o tecido fino da camisa pressionada em sua bochecha, e a lã grossa do casaco em sua testa.

As mãos de Lorelei estavam presas entre eles, e ela empurrou, tentando ganhar um pouco de espaço enquanto seu coração continuava acelerado. Mas não, não era as batidas do seu coração que ela ouvia, mas o som dos cascos à distância.

—Andrew, — ela chamou em um lamento.

—Estou aqui, meu amor. — A mão dele acariciava a sua cabeça e se movia ao longo do seu cabelo até as suas costas. —Você está segura, mas um pouco empoeirada.

Meu amor? A declaração era tão surreal quanto o acidente que quase tirou a vida deles.

Quando ela ficou quieta, Andrew a puxou para perto, os lábios trilhando beijos por sua testa enquanto as mãos dele subiam e desciam pelos seus braços, aquecendo-a. —Você está muito fria.

Ela estava, mas já estava se aquecendo por causa do toque dele. —Ficarei bem, sua senhoria.

—Sua senhoria? — Andrew a soltou, procurando o seu rosto, mas ela só podia olhar para trás.

Não podia ter sentimentos sérios por ele, nem de perto como o que ele sentia por ela. Isso só causaria dor para os dois quando terminasse – sua família não planejava ficar na Inglaterra por muito tempo, e eles não a deixariam para trás de boa vontade.

—Eu tenho que ir, — ela sussurrou, quebrando o feitiço. —Meu pai ficará preocupado se descobrir a minha ausência. — E pensar, que há apenas uns minutos ela rezava para que ele a beijasse. Agora percebia que as consequências daquela ação durariam bem mais do que a sua missão permitia.

—Posso acompanhá-la até em casa?

Queria dizer que sim, para poder passar mais tempo com ele e ter os braços em volta de si mais uma vez, mas eles não podiam ser vistos juntos. Principalmente porque era Chastain quem ela deveria estar perseguindo.

Lorelei fez um sinal para a criada antes de responder. —Não é necessário. Espero vê-lo novamente.

Era hora de recuperar o juízo.

Andrew fez uma mesura hesitante. —Por favor, mande avisar sobre o seu estado.

—Bom dia. — Ambos ficaram parados. Lorelei sabia a razão para adiar sua ida para casa, mas não o porquê de ele também parecer hesitar ir. —Mais uma vez, obrigada pelas flores.

Não havia razão para se lembrar das flores naquele momento, e talvez tudo tenha acontecido muito de repente, mas ela desejava com todas as forças que não as tivesse destruído.

O cavalo de Andrew soltou um relincho e cutucou o ombro dele, pedindo atenção. —Parece que estou sendo convocado.

—Percebi. — Ela evitou fazer contato visual com a sua criada desde que tinha tropeçado em Andrew, já que ela provavelmente teria recebido um olhar de preocupação. —Adeus.

—Até a próxima vez.

Se houvesse uma próxima vez, Lorelei disse para si mesma.

Teria de ser ela a pessoa a se afastar, ou eles continuariam de pé no meio do gramado olhando um para o outro até que o sol se pusesse e eles não pudessem mais discernir os traços um do outro no escuro.

Com um último sorriso, ela agarrou a saia de lã cinza e correu até a criada. Ou era isso ou correria para os braços de Andrew.

CAPÍTULO OITO



LORELEI DESCEU AS escadas para quebrar o jejum depois de outra noite cheia de terrores noturnos e lágrimas. Em algum momento durante aquelas longas horas, conformou-se com a situação. Seu caminho tinha sido determinado há muito tempo.

E ela não iria desprezar suas obrigações para com os pais que confiavam nela – não importa o que queria para si. Se fizesse isso, a vida de Lorelei não seria a única a pender-se por um fio.

Cumprimentou o mordomo, que não estava muito afastado da porta, como se tivesse esperando algum visitante matutino. —Bom dia. Poderei encontrar o *comte* e minha mãe na sala de visitas?

Ele fez uma mesura antes de falar, —Minha lady, o *comte* está com um visitante no escritório. Ele ordenou que tomasse seu café da manhã antes de se juntar a eles.

Seus pais eram madrugadores, já que os franceses não viam vantagem alguma em ficar na cama até o meio-dia assim como os ingleses faziam. Ainda essa, um convidado a essa hora era algo incomum. A pessoa deve ter sido enviada pela coroa, e estava querendo passar desapercebido pelos vizinhos da *ton* e pelos criados.

—Muito bem. — Ela inclinou a cabeça dispensando o homem e foi em direção à sala de café da manhã. Se os pais não sentiram a necessidade de mandar chamá-la quando alguém da coroa vinha vê-los, então ela certamente teria tempo para quebrar o jejum. —Por favor, diga que irei me juntar a eles em breve.

—É claro, Lady Lorelei.

Soou uma batida na porta enquanto ia em direção à sala de visitas. Ela parou, reconhecendo a voz que falou com o mordomo quando ele abriu a porta e saudou o recém-chegado.

—Estou aqui para ver o *comte*, — uma voz masculina com um elegante sotaque francês falou tranquilamente. —Aqui está o meu cartão.

Seus joelhos ameaçaram ceder enquanto levava a mão até o bolso e sentia a carta que ainda mantinha consigo por medo de alguém encontrá-la em seu quarto.

Lorelei não se virou para ver o homem, pois não havia necessidade.

Conhecia aquela voz muito bem.

Depois de uma pausa, o mordomo disse, —Temo que o *comte* esteja indisponível agora, mas posso entregar seu cartão a ele assim que ele estiver livre.

—Perdoe a minha pressa, — o homem prosseguiu, a voz calma, desmentindo tudo o que Lorelei sabia. —Mas é de suma importância que eu fale com o *comte*.

Lorelei se virou, incapaz de permitir que o mordomo fosse interromper o seu pai, já que o homem provavelmente estava aqui por causa da falta de resposta à sua carta.

—Monsieur De Pez, — Lorelei chamou, voltando para a porta da frente. —Que honra vê-lo. O *comte* e a *comtesse* não estavam esperando por você, tenho certeza.

—Lady Lorelei, — De Pez ronronou, olhando-a da cabeça aos pés. —Não pude avisar sobre a minha chegada em Londres.

—Oh, bem, tenho certeza de que isso não tem importância. — Lorelei se virou para o criado aturdido para explicar. —Este é o mais querido amigo de meu pai, Monsieur De Pez. Eu irei avisá-lo sobre a sua chegada.

—Sua senhoria, quero dizer o *comte*, me instruiu que ele e seu convidado não deveriam ser interrompidos sob quaisquer circunstâncias, — o mordomo gaguejou, olhando para o chão. —Minhas desculpas, Lady Lorelei.

—Bem, tenho certeza de que meu pai faria uma exceção para a chegada do seu mais querido amigo.

—Ele foi bastante claro dizendo que ele e Lorde Chastain não deveriam ser interrompidos.

Lorelei congelou, o sorriso forçado foi tragado do seu rosto. —Ele está com Lorde Chas— Naquele instante, Chastain poderia estar presenteando seus pais com histórias sobre as ações impudicas de sua filha e seu comportamento nada condizente com o de uma dama. O homem era desprezível o bastante para espalhar histórias falsas sobre o seu último encontro, embora esperasse que o *comte* fosse esperto o bastante para tomar suas ações pelo que eram: um meio de garantir entrada à vida de Lorde Chastain.

—Lady Lorelei, — De Pez interrompeu. —Eu acabei de chegar à cidade e devo discutir as novidades contigo, assim como com o seu pai.

Não podia se concentrar em nada do que ele dizia, já que seus pensamentos estavam viajando para o escritório onde o pai falava com Chastain.

Mesmo que isso a deixasse à beira da loucura, a menção de Chastain tinha acalmado De Pez. —Muito bem, por favor, venha comigo, — disse a ele. —Estava me preparando para quebrar o jejum quando você chegou. Posso te incluir no café da manhã? Eu lhe asseguro que a nossa cozinheira é muito talentosa.

—Eu gostaria muito.

Havia muitas coisas que De Pez apreciava, comida estava no topo da lista, Lorelei tinha certeza. No pouco tempo que se conheciam, tinha ouvido a predileção que De Pez tinha pela crueldade, intimidação e violência. Esperava nunca testemunhar esses traços em primeira mão.

Lorelei dispensou o criado que os atendia na sala de café da manhã e se apressou a preencher dois pratos com ovos, carnes, queijos e pão. Se tiver sorte, ela o terá dispensado antes que o pai e Chastain terminem no escritório. Se Chastain soubesse alguma coisa sobre o envolvimento da sua família com o governo francês, então ele reconheceria De Pez imediatamente, e colocaria um fim ao disfarce deles – o que provavelmente conduziria a missão da sua família à uma conclusão insatisfatória. De Pez tinha a visão tão limitada que nunca pensaria nas consequências que causaria caso o duque o reconhecesse.

Depois de colocar o prato de De Pez em frente a ele, ela tomou assento à mesa.

Lorelei respirou fundo, acalmando a respiração antes de falar. —Como posso ajudá-lo? — perguntou.

—Você é tão parecida com o seu pai, minha querida. Não é de meias palavras.

—Não gosto de perder tempo com aqueles que se fingem de ignorantes e alheios às coisas importantes que se passam a volta deles, — ela respondeu friamente.

—Não poderia experimentar a refeição que você me ofereceu tão graciosamente antes de discutirmos nosso, — ele parou, olhando se havia alguém ouvindo a conversa. —...*empreendimento*?

—Peço desculpas pelas minhas horríveis maneiras, — ela aquiesceu. —Por favor, a comida aqui, mesmo que não seja da mesma qualidade que

estamos acostumados na França, é, sem dúvida nenhuma, agradável.

De Pez abriu um ovo cozido e o levou à boca, dando uma mordida. Seus olhos fecharam enquanto saboreava a comida fresca.

Mantendo um olhar cuidadoso sobre ele, levou um pedaço de queijo à boca. O sabor normalmente delicado pareceu areia em sua boca seca, e ela decidiu não dar prosseguimento à farsa. De Pez não era qualquer visitante, e ela não era do tipo que entretia os *amigos* do pai. Naquele instante, não sabia o que era pior: a refeição bizarra com De Pez, ou o tempo que passava cogitando o que estaria acontecendo no escritório.

—Por que você está em Londres?

—Eu viajei para ver se você e sua família estavam evoluindo com a tarefa.

—Você não ouviu que Lorde Chastain – neste exato momento – está no escritório do meu pai?

—Sim, eu ouvi. Ainda assim, a presença dele aqui poderia significar muitas coisas. — Ele deu outra mordida em um bocado e mastigou antes de prosseguir. —Eu também espero poder dar uma olhada no homem antes de partir.

—Você não pode estar falando sério... Isso colocaria em risco tudo o que fizemos até aqui. Você poderia muito bem arruinar todo o nosso ardil. — Parte dela gritava que esse poderia muito bem ser o objetivo para De Pez estar em Londres. Se a família de Lorelei falhasse, De Pez iria puni-los. Mas qual seria o plano dele era algo que a intrigava. —Meu pai ficará bastante descontente.

A ideia tinha seu apelo, apesar de tudo. Se De Pez fosse o responsável por alertar Chastain sobre o real motivo para estarem em Londres, então o fracasso da missão mais uma vez seria devido à incompetência dele, e não por culpa de sua família.

—Vamos lá, Lore, eu só quero um vislumbre dele, para ver se ele tem algo a ver com o pai ou com o avô. É muito improvável que ele se lembre de mim, já que ele só me viu uma vez, quando veio para a Inglaterra pela primeira vez.

Você se dirigirá a mim como Lady Lorelei, Monsieur De Pez. — Ela não iria aceitar que o homem fizesse uso do seu apelido, uma informalidade que ela não tinha lhe dado permissão, nem esperava dar.

—*Touché*, — ele disse. —Nós nos conhecemos há muitos anos.

—Estou ciente do seu passado.

—E do nosso futuro? — ele perguntou.

—Meu pai nunca permitirá que isto aconteça. — Lorelei sabia que De Pez tinha insistido que o pai desse sua mão em casamento a ele quando ela não tinha mais que treze anos de idade.

—Um dia ele não terá a opção de me dispensar. — Ele a olhava com lascívia desde o dia que ela tinha encontrado o pai e De Pez absortos em uma conversa no escritório. Ela tinha oito anos – e ele, era mais velho que seu pai. Naquela época, não sabia da conexão do pai com Louis XVI e ela se juntou ao par de boa vontade, aceitando o convite de De Pez para sentar em seu colo enquanto eles falavam de negócios. Foi só quando disse à mãe que Monsieur De Pez tinha um doce grande escondido em seu bolso que a *comtesse* – em um raro momento de afeição e conselho materno – tinha precavido a sua única filha e a proibido de interromper o pai enquanto ele trabalhava, não importa se alguém lá dentro a chamasse.

Tinha guardado as palavras da mãe desde então, nunca se deixando esquecer o quanto a mãe sabia sobre evitar os parceiros de negócios do pai.

—Por favor, vá em frente e diga o que veio dizer, — Lorelei pressionou. O homem, procurando ter uma nova luz na França depois do seu exílio imposto por Louis XVI e a indisposição do Diretório a se associar com homens ligados ao Rei executado, estava disposto a dobrar todos à sua vontade. —Ambos sabemos que esta é a tarefa que você nos designou.

Assim que ele falasse, Lorelei poderia voltar a se preocupar com o que estava acontecendo dentro do escritório do pai.

—Já que insiste, — ele disse, sentando-se erguido e pondo o garfo de lado.

—Eu insisto.

De Pez empurrou o prato e cruzou os braços sobre a mesa, inclinando-se em sua direção. —Fiquei impaciente com a falta de progresso da sua família.

—Faz pouquíssimo tempo que estamos na cidade.

—Seja como for, se a tarefa tivesse sido dada a mim, eu teria pegado o que precisava – pela força, se fosse necessário – e teria voltado à França com toda a pressa.

—Foi dessa forma que você cumpriu sua última missão com a família Chastain? Através da força bruta? — Foi exatamente desta forma que ele tinha completado e falhado em sua missão para Louis XVI – e por que ele não tinha se arriscado a acompanhar sua família à França. —Matar o falecido

Lorde Chastain permitiu a você encontrar o que nosso antigo governo buscava?

Ela não precisava de uma resposta porque já a conhecia.

E pelo olhar gelado de De Pez, ele também não tinha esquecido a sua falha pública.

—Não? — ela perguntou, mantendo o sorriso debochado à baia. —Bem, já que você e Napoleão Bonaparte deram a missão à minha família – confiando nos nossos métodos – insistirei que você permita que façamos o que consideramos apropriado.

—Você tem noção do que está em jogo? — Os olhos implacáveis prenderam os dela.

—É claro, — Lorelei atirou. —Meu *père* foi muito aberto sobre tudo.

—Então você sabe que eu fui contra incluí-la neste assunto.

Ela não estava nenhum pouco surpresa. De Pez era antiquado, preferindo usar as mulheres apenas quando a sedução era necessária... Mas ela não tinha provado que ele estava certo quando ofereceu seu corpo a Chastain?

—Eu espero que minha natureza *delicada* e a minha suscetibilidade não coloquem o seu pescoço em perigo, *monsieur*.

—Eu também espero que não – pelo bem de sua vida e da do *comte*. — Tão rápido quanto a maré invade o canal, De Pez tinha voltado aos negócios, deixando de lado suas ameaças. —E você sabe o que estão procurando?

Ela tinha repassado isso com o pai várias vezes. —Sim, os planos para Carcassonne devem estar em um pequeno cilindro de couro não muito maior que um vaso. — Levou algum tempo para Lorelei descobrir por que exatamente De Pez buscava apresentar para Bonaparte os planos para a cidade com maior fluxo de negócios, mas fazia sentido. Bonaparte procurava uma forma de assumir o país, e se isso não acontecesse e os cidadãos do país de Lorelei lutassem contra suas regras, então ele pegaria o que queria ao fazer um cerco em volta da cidade mais vulnerável da França, em essência iria deformar e matar as pessoas de fome até que elas cedessem aos seus desejos.

Lorelei recostou-se, sem perceber que tinha estado inclinada em direção a De Pez. —Isso é tudo?

De Pez se levantou, derrubando a cadeira em sua pressa e fazendo com que uma criada verificasse a sala.

—Está tudo bem, — Lorelei disse, dispensando a mulher mais uma vez. —Foi ótimo vê-lo, e eu gostei muito das suas histórias sobre a minha terra natal. Sinto muito por meu *père* ainda estar ocupado e por não ser capaz de

ver seu mais querido amigo. — As palavras eram para a mulher que estava de pé do lado de fora da sala, assim como o uso do inglês durante a conversa. Mas ela ficou muito satisfeita com o olhar que De Pez fez.

Um dia sabia que iria pagar pelo péssimo tratamento que tinha dado a De Pez, especialmente se ele realmente veio sob mando de Bonaparte. Mas o olhar furioso no rosto dele, sabendo que ele não poderia lhe fazer nada neste momento, valeria a dor que provavelmente sofreria em suas mãos.

—Diga a Mathis que estive aqui. — De Pez lançou a ameaça tão calmamente como qualquer homem de sua posição teria feito antes de sair da sala – e da casa – sem dar nada mais que uma batida na porta.

Sim, o homem cumpria bem o seu papel, não deixado sequer a insubordinação de uma mulher lhe tirar do prumo.

Ele iria aprender que Lorelei tinha desenvolvido a sua própria máscara para esconder seus sentimentos verdadeiros.

Ela tirou vantagem da sala vazia e quieta para se acalmar antes de se juntar ao pai e a Chastain.

Sua ansiedade cresceu mais uma vez.

Ela já tinha demorado o bastante, e manter o *comte* esperando não era interessante – especialmente se Lorde Chastain tivesse deixado escapar o que tinha acontecido entre eles. Ela teria coragem de contar aos pais o que tinha feito?

O erro em suas ações era claro, e a tolice tinha sido apenas dela.

Parou por uma fração antes de entrar no escritório do pai, secou as mãos suadas na frente da saia e então levantou o queixo.

Lorde Chastain poderia tê-la tratado com crueldade, mas seria uma tola se permitisse que ele a visse quebrada.

E então foi que com um sorriso sereno, ela segurou a maçaneta e a girou, empurrando a porta e cumprimentando os pais e seu estimado *convidado*.

—Bom dia, pai, mãe. — Ela fez um gesto com a cabeça para o casal que estava sentado em um par de poltronas com respaldar alto. Virando-se, fez uma mesura para Chastain, quem tinha levantado do sofá onde tinha estado espalhado antes de ela entrar. —E uma ótima manhã para você, meu lorde.

Não podia imaginar a razão para ele estar visitando seus pais depois da forma com a qual a tinha tratado.

—Lady Lorelei. — Ele sorriu presunçosamente e fez que ia pegar a sua mão, mas ela a colocou para trás e a escondeu nas dobras do vestido. Ele

endureceu, notando o seu desconforto. —Seu pai e eu estávamos discutindo um tópico muito sério e queríamos a sua opinião.

Ela o olhou com suspeita. Se ele pensava que convidando-a para a conversa *e* insinuando que sua opinião sobre o assunto iria impressionar o seu pai, Chastain tinha se enganado quanto ao *comte* e a sua opinião sobre as mulheres. Se eles realmente se importassem com a sua opinião, teriam solicitado a sua presença mais cedo.

Lorelei percebeu que franzia o cenho para Chastain e rapidamente substituiu o seu esgar pelo sorriso plácido que tinha dado há apenas uns instantes. —De que forma a minha limitada mente feminina pode estar a seu serviço?

Seu pai riu – uma gargalhada profunda e sonora – que a fez virar-se para ele, sem dúvidas chocada. Ele sorriu para ela. A seguir ela olhou para a mãe, esperando que a mulher dividisse alguma informação útil, mas a *comtesse* manteve os olhos nas mãos que estavam sobre o colo como se ela não tivesse feito parte da conversa. Eles estavam estranhos. Seu pai nunca sorria.

Com certeza tinha perdido algo muito importante.

—Pai? — ela perguntou.

—Venha, minha filha. — Ele abriu os braços. Com má vontade, ela foi até ele e permitiu que a abraçasse. —Você fez muito bem, minha filha, — ele sussurrou para ela.

Ela se afastou e olhou para ele buscando uma explicação. —O que você fez?

Ele a puxou mais uma vez. —Você se lembrará do seu juramento – e apagará esse olhar severo do seu rosto. Essa é uma ocasião de extrema felicidade.

—Nós vamos nos casar, — Lorde Chastain disse atrás dela. —Falei com homens poderosos e os proclamas serão lidos imediatamente. Nos casaremos não muito depois.

Casamento? Leitura de proclamas? Imediatamente?

—Você está brincando.

As palavras giravam em sua cabeça, causando uma violenta dor de cabeça em segundos.

Todo o seu corpo gritava não. Deveria estar em êxtase com a notícia, renovada por saber que as ameaças de De Pez eram infundadas.

Mesmo não tendo feito isso em muito tempo, em algum momento de sua infância, ela tinha se visto caminhando pelo corredor com hordas de

expectadores. Ela vestiria um vestido digno de uma rainha, com metros e metros de tecido se arrastando pela enorme catedral. A única coisa que faltava nesses sonhos era um noivo. Ela nunca tivera um vislumbre do rosto do homem, embora estivesse certa de que não era Lorde Chastain.

—Você tem algo a dizer ao duque? — a mãe incitou.

Havia muito que queria dizer *ao duque*.

Mas nada que fosse apropriado ser dito em companhia educada, nem na frente dos pais desavisados, pois ela não estava mantendo apenas a carta de De Pez em segredo – eles não tinham ideia de que ela havia se desviado do plano e tinha se esgueirado para encontrar Chastain.

Lorelei teria se deliciado em maldizer Lorde Chastain, em diminuir a sua masculinidade. Ou questionar o cepo do seu sangue, pois nenhum homem criado como um verdadeiro cavalheiro teria tomado tais liberdades com uma inocente.

A raiva se inflamou em seu corpo. A coragem que ele tinha ao mostrar o rosto aqui e pedir a sua mão em casamento. E por quê? Essa era a pergunta que queimava dentro de si – por que ela?

—Talvez eles precisem de alguns momentos para conversarem a sós, — o *comte* finalmente disse, pondo um fim ao silêncio desconfortável que tinha tomado a sala.

Ela não ficaria sozinha na companhia de Chastain.

Olhou para o duque, e o sorriso dele falhou. Seus olhos se estreitaram e seus punhos cerraram, a expressão passiva tinha se derretido do seu rosto com a menção de Chastain ao casamento.

Ele teria acordado de seu estupor, percebido o erro que tinha cometido e vindo consertar as coisas, certo? Se sim, o casamento fazia pouco sentido, já que não parecia que ele fosse se desculpar.

—Temo, Comte, que eu não tenho tempo para alongar a visita, — Chastain disse. —Tenho coisas a resolver antes do anúncio ser lido por todos no jornal de amanhã.

Amanha? Lorelei imaginou se o pai planejava lhe perguntar se estava disposta a casar com Chastain. Isso era pedir demais, até mesmo pelo seu país.

—Camille. — Chastain fez uma mesura para a sua mãe. —Foi um prazer conhecê-la. Devo dizer que sua governanta faz um chá esplêndido. Vocês precisam enviar as instruções para a minha cozinheira.

—Obrigada, meu lorde. — Sua mãe corou, na verdade ficou em um tom carmim com o elogio do homem. Lorelei nunca tinha visto a mãe demonstrar as emoções tão abertamente.

Em seguida, ele parou de frente para ela, cada centímetro dele era de um cavalheiro, e então a olhou ela atentamente. —Lady Lorelei, nos daremos bem, tenho certeza.

—Se você diz, então assim será, meu lorde.

—Posso vir visitá-la? — Havia pouca emoção em suas palavras, quase como se ele estivesse dizendo o que pensava ser apropriado para o momento. —Lady Lorelei?

Ela preferia se jogar novamente na frente de um faetonte desgovernado do que se submeter à companhia dele por mais tempo que o estritamente necessário.

Felizmente, a mãe a salvou de ter que responder. —Oh, temo que seja improvável, Lorde Chastain.

—Por favor, me chame de Benji, — ele disse. —Você está prestes a se tornar a minha mãe, afinal das constas.

—Muito bem, Benji, — a mãe disse em uma tentativa. —Lore e eu estaremos extremamente ocupadas nos preparando para o grande dia, e ela provavelmente estará indisponível até lá.

—Então está tudo resolvido. — O *comte* ficou de pé e deu um tapinha nas costas de Chastain. —Daremos às mulheres tempos para se prepararem, e faremos o que os homens fazem.

Lorelei não tinha ideia a que seu pai se referia, e na verdade, não reconhecia o homem na sua frente. Ele sorria, ria, e dava tapinhas nas costas de outro homem. Todas ações que seu pai, com sua natureza severa, se permitiu fazer.

—Então já vou. — Chastain fez uma mesura para ela mais uma vez antes de se virar em direção à porta. —Não precisa me acompanhar. Desejo a vocês uma tarde abençoada, Camille e Lore.

O homem se atrevia a usar o seu apelido.

Se o sorriso da sua mãe não fosse tão brilhante, e o pai não estivesse andando para lá e para cá na frente da lareira falando consigo mesmo sobre sua boa sorte, Lorelei teria gritado.

Infelizmente, sabia que isso não faria nenhum bem.

A França era um país de inquietação e revolução. E neste instante, Lorelei era a que estava sendo enviada para procurar os planos que iriam salvá-los.

O Rei Louis XV tinha esperado que tirar os planos do país iria parar os ataques dos seus próprios aldeões, mas quando o pai de Lorde Chastain foi presenteado com o título de duque e dotado de terras e riquezas pelo Rei George III, seu país temia que ele havia vendido os planos para a Inglaterra. Muitos suspeitavam que a Inglaterra tinha dado o título a Chastain especificamente para pôr as mãos nos planos, mas a afirmação nunca tinha sido comprovada, nem nenhum cerco tinha sido bem sucedido. Esse simples fato tinha sido o suficiente para impedir o Rei Louis XVI de invadir a Inglaterra e recuperar o que pertencia a ele.

Finalmente, o *comte* falou. —Você nos deixou orgulhosos, minha filha.

—Eu não vou me casar com aquele homem, *Père*! — ela gritou. —Há outras formas de conseguirmos o que queremos.

O pai parou na frente da lareira, de costas para ela, mas a voz preencheu a sala.

—Você fará o que eu disser.

Ela se encolheu com a convicção das palavras dele.

—Por favor, — ela implorou. —Não—

—Lore, você ouvirá o seu pai. — Camille falou timidamente. —Além disso, ele é um homem bom o bastante.

—Bom o bastante? — ela perguntou. Eles não o conheciam como ela; não tinham visto seu lado feio assim como ela tinha visto.

—Ele gostou do meu chá. — Por toda a bravata de sua mãe, ela agia como uma mulher chorona em muitas ocasiões.

—A urgência é assim tão grande para que eu me case tão logo? — ela perguntou. —Eu não entendo.

—É claro, eu espero que isso não venha a acontecer, — o pai fez pouco caso.

—Então por que ir em frente com esse absurdo?

—De que outra forma conseguiremos acesso à casa dele? — o pai perguntou. —Vocês podem fazer uma visita à sua casa em Londres sem ninguém pensar que seja impróprio. Talvez com a desculpa de escolher novas cortinas ou algum outro disparate. Enquanto estiver lá, você pode fazer uma busca.

O pai divagava e divagava sobre a nova acessibilidade que essa fraude desse noivado daria a eles, ainda assim, tudo em que pensava era sobre si mesma e seu futuro. Qualquer esperança de ficar em Londres, talvez perseguindo o marquês, tinha se dissipado. A mulher normalmente levava a

culpa quando um noivado era desfeito, não importa quem tivesse desistido do enlace.

Lorelei ficaria arruinada, sua reputação manchada além do reparo, e o escândalo provavelmente iria segui-la até a França. De Pez, e mais certamente Bonaparte, não se importavam nenhum pouco com este fato.

—Quando você será capaz de visitar a casa de Chastain? — o *comte* perguntou.

—Eu—

—Oh, será em poucos dias, pelo menos, — a mãe a interrompeu. — Devemos começar com os preparativos para o casamento: vestido, flores, comida e bebida, o lugar perfeito. Você acha que Lorde Chastain permitirá fazermos uso de seus fundos?

—Espera. — Lorelei ergueu a mão, e o pai parou a meio passo. —Pensei que vocês tinham dito que o casamento não iria acontecer.

—Devemos estar preparados para todos os cenários. E se ele mantiver os planos na sua propriedade... ou, como o nosso povo teme, vendeu os planos para a Inglaterra? Será sua responsabilidade encontrá-los e devolvê-los para a França.'

—E o que farei quando estivermos casados? — A ideia de passar o resto de sua vida com ele, era um destino pior que a morte. —Eu não posso—

Lorelei tinha muito mais a temer do que sua reputação e aptidão para um casamento – agora ela temia ter que realmente se casar com o canalha, Chastain... e compartilhar o leito com ele.

—*Ma fille*. — O pai não usava o termo há anos. Agora ele estava em frente a ela, determinado. —Assim que tivermos os planos, iremos desaparecer na França, e o *Comte* e a *Comtesse* de Epernon deixarão de existir.

E quando o comte desaparecesse, Lorelei também desapareceria. O que significava dizer adeus a Andrew para sempre.

CAPÍTULO NOVE



ANDREW ENCAROU SEM ver os papeis espalhados pela sua mesa: disputa entre arrendatários, reparos que precisavam ser feitos e aquisições de terras. Parte dele estava feliz por estar de volta a algo parecido com a normalidade. Ele tomava muito cuidado com suas tarefas do dia a dia, gastando cada vez mais tempo e energia no que costumavam ser os assuntos que insistia que deveriam ser resolvidos por seus administradores e advogado.

Qualquer coisa para manter sua mente e suas mãos ocupadas. De outra forma, ele teria falado para si mesmo tomar alguma atitude. Ele iria procurar Lorelei, persuadi-la a vê-lo como um parceiro honrado, e provavelmente pedir uma reunião com o *comte*.

Por que não faria isso?

Simples: ela não tinha lhe dado nenhuma indicação de que queria a sua atenção, ou a de qualquer outro homem.

Todas as flores, corridas de carruagens e danças não iriam impedi-la de rejeitá-lo. O pensamento de confessar o que sentir por ela – sentimentos que ainda não tivera tempo de processar, nem de desvendar – mandavam ondas de inquietude pelo seu corpo. Nunca se incomodou com uma mulher a longo prazo, além das poucas cortesãs que tinha favorecido o bastante para mantê-las por duas semanas ou um mês, mas isso... Essa atração por Lorelei era inexplicável, e estava custando muito afastar esses pensamentos.

Mas cada vez que conseguia ficar uma hora sem pensar nela, Andrew de repente a sentia em seus braços, sentia seu odor floral e lembrava do coração batendo de encontro ao seu torso, braços e pescoço.

Algo que ele não entendia a tinha possuído naquele momento no parque – algo que ela parecia incapaz de explicar. Era muito mais do que a massacrante sensação de histeria, ou o choque ao perceber que estava sã e salva.

Como se pegassem a deixa, vozes femininas flutuaram para dentro do escritório onde a porta estava parcialmente aberta.

As palavras eram faladas de forma tão apressada que ele não podia entender o que estava sendo dito, embora se o assunto merecesse sua atenção, a Sra. Bee ou o mordomo iria chamá-lo.

Andrew se afastou da mesa enquanto as vozes prosseguiam. Ele se aproximou da porta do escritório e espiou pela abertura. Infelizmente, a forma robusta da Sra. Bee bloqueava a visão do convidado, o que seria compreensível se a pessoa não fosse bem-vinda e não tivesse sido convidada.

—...Eu não me importo se você diz ser parente direta do nosso bom Rei George III. — A voz da Sra. Bee ficava ainda mais frustrada. —Eu vou pedir mais uma vez, por favor, deixe o seu cartão de visitas, e eu o darei ao marquês quando ele não estiver mais ocupado.

Seu mordomo se encolhia contra a parede a esquerda da porta.

Andrew queria rir do olhar aflito que o seu criado de longa data atirava em sua direção. Ele pedia silenciosamente para Andrew intervir, mas ele teria que encarar a ira de Bee se dissesse isso em voz alta.

—Eu já lhe disse, não tenho cartões de visita.

O desespero nas palavras da menina deixou a sua voz irreconhecível, ainda assim o atraiu para o vestíbulo, ele se aproximou mais da comoção.

—Sra. Bee, — Andrew disse. —Posso ser de alguma ajuda?

—Oh, meu lorde. — Frustrada, Bee virou o rosto para ele, levando a mão ao peito. —Tenho tudo sob controle. Só estava—

—Lady Lorelei? — Ele olhou o vestido cor de pastel. —Entre. Está tudo bem?

Não pela primeira vez, Andrew tinha a sensação de que os seus pensamentos a tinham conjurado.

—Eu só queria... — Ela deixou as palavras esvanecerem e olhou nervosamente entre a Sra. Bee e o mordomo enquanto ambos ouviam cada palavra.

Andrew pigarreou, chamando a atenção dos criados. —Se nos derem licença. — Dando um passo à frente, ele pegou o cotovelo de Lorelei. —Se fizer a bondade de se juntar a mim na sala de visitas, poderemos nos falar em particular.

—Meu lorde? — A Sra. Bee perguntou quando ele foi em direção a sala, deixando os dois criados de boca aberta. Além de Benji e uma garota ocasionalmente enviada por Madame Sasha, Andrew raramente recebia convidados. Nenhuma mulher respeitável tinha cruzado a soleira da porta da sua casa. —Devo preparar chá?

—Pedirei caso seja necessário. — Verdade seja dita, ele não fazia ideia do que uma dama precisava durante uma visita social. Além de levar flores a ela, Andrew não conseguia lembrar se já tinha feito uma visita social a alguém.

Com a porta fechada, ele se virou para ela, bebendo a sua visão. —Você parece bem.

Qualquer outra palavra escapou do seu alcance. Ele queria tanto ficar perto dela desde que deixaram o parque. Nada do que dissesse poderia capturar completamente tudo o que queria dizer e fazer.

Os olhos dela se arregalaram, ela olhou para ele, em silêncio.

Ele não fazia ideia de por que ela tinha ido lá, mas ela parecia pronta para fugir, muito parecido com o que ela tinha feito depois da sua experiência de quase morte no parque.

Ele esperava que ela fosse se desculpar, talvez dar alguma explicação.

—Andrew... — Seu nome nos lábios dela era música para os seus ouvidos, ainda assim, era a coisa mais triste que tinha ouvido ultimamente. — Sinto muito por incomodá-lo.

—Passar tempo contigo não é um incômodo. Por favor, sente-se.

—Eu não tenho muito tempo.

Ele queria dizer a ela que não importa se levasse um minuto ou uma hora, tudo o que importava era que ela estava ali com ele. Mas algo a afligia.

—Diga-me, Lorelei. Algo está errado?

—Nada, eu juro. — Ela suspirou. —Eu só precisava vê-lo, dizer a você—

—Você não me deve nenhuma explicação. — Vendo o olhar confuso no rosto dela, Andrew prosseguiu. —Eu sei que você estava desconsertada depois do acidente, abalada pela proximidade de tudo. — Ele desfiou desculpa depois de desculpa, dando a ela uma saída – deixando-a saber que ele não iria questionar ou julgar suas ações.

Em um piscar de olhos, ela deu alguns passos à frente e estava em seus braços. Cada preocupação e dúvida o abandonou, sendo substituídas pelo calor de Lorelei enquanto seus braços a envolviam. Não importava mais o que a afligia, ou se ela estava aborrecida; desde que a abraçasse apertado, ele jurava que nada iria machucá-la novamente.

Por um breve momento, ela tinha sido a menina que ele tinha visto nas sombras do lado de fora do baile, a menina que chorava baixinho enquanto seus ombros tremiam. Mas ela se afastou antes que estivesse pronto para soltá-la e olhou para ele.

Andrew olhou o adorável rosto de Lorelei, e tudo o que podia pensar era no quanto se preocupava com ela. De fato, ele tinha pedido que preparassem o seu cavalo em três ocasiões diferentes desde aquela quase tragédia no parque. Quando ela fugiu naquele dia, ele soube que ela ainda estava aturdida pelo choque. Ele a seguiu a distância para se assegurar de que ela chegaria em segurança – o que era uma coisa boa porque ela nunca mandou avisá-lo.

E então ele temeu por ela.

—Você é realmente divina, minha lady. — Andrew deixou seus dedos correram pelos braços de Lorelei, parando a cada poucos centímetros para acariciar a pele nua e aquecida. Como ansiava tocar os lábios em cada local que explorava. A parte interna do cotovelo era o local mais sensível e delicado. Se alguém chupasse da forma certa, era bem possível enviar uma mulher à loucura.

—Sua senhoria, — Lorelei sussurrou, mas tudo o que ele ouvia era, *Mais. Eu quero mais.*

—Já estamos além disso, carinho. Meu nome de batismo servirá. Andrew.

—Andrew, eu devo—

Ele não podia mais se conter. Os dedos, que antes acariciavam o braço, agora se moviam para a bochecha, o pescoço e puxavam o rosto para o dele, impedindo as palavras. Muito gentilmente, sua mão foi para o cabelo escuro que estava preso em cachos na altura dos ombros. Tão perto que podia provar o fôlego dela, ele lentamente aproveitou a sensação dos fios sedosos correndo por suas mãos.

Ele doía para vê-la nua, o cabelo cobrindo o peito dele – e os olhos esmeralda anuviados depois de fazerem amor apaixonadamente. Suas pernas enlaçadas enquanto descansavam, preparando-se para saciar a sede mais uma vez.

—Andrew, sério, eu preciso ir, — ela implorou, ainda assim não tinha dito o porquê de estar ali.

Suas palavras o trouxeram de volta ao presente: sua sala de visitas, não muito depois do meio-dia, e com ele usando calças de montar e botas.

E ela, no mais cândido dos rosas pasteis, em um vestido de dia que não combinava nenhum pouco com a sua aparência exótica. Nenhuma mulher com esse tanto de apelo deveria estar coberta por qualquer coisa que não fossem as mais finas sedas e a mais rica das cores. Vermelho, verde e azul iriam combinar com a pele azeitonada e os cabelos negros. Se eles se

casassem – não, quando eles se casassem – ele iria vesti-la com nada menos que a mais fina seda que o Oriente tinha a oferecer.

—Não, você não tem, — ele argumentou. —Fique comigo. Para sempre. — Ele não tinha ideia do que o tinha possuído desde que conheceu Lady Lorelei. Se ele não soubesse, diria que ela tinha sangue cigano e que tinha lançado um feitiço para conquistar o seu coração.

Ela se afastou dos seus braços, olhando dentro dos seus olhos. —Você sabe que eu não posso.

—Não, eu não sei disso. — Ele se sentiu vazio sem ela, e a puxou para perto mais uma vez. —Irei visitar o seu pai hoje mesmo, pedirei a sua mão – e tudo estará resolvido.

Sua atração por ela só tinha aumentado desde o seu encontro no parque – possivelmente devido ao quão próximo ela esteve de perder a vida.

—Nós acabamos de nos conhecer. Isso seria muito avançado de sua parte, — ela suplicou. —Por favor, eu tenho que ir. Minha mãe está esperando.

—Deixe-a esperar.

Ela riu. Alguém esperaria que fosse um som profundo e sensual, mas foi uma doce melodia, leve e refrescante. —Temo que a minha mãe não seja uma mulher paciente.

—Então permita que eu chame a minha carruagem para levá-la imediatamente, — ele disse. —Não quero aborrecer a sua mãe antes de ela ter a chance de conhecer as minhas intenções.

—Você fará bem ficando ao lado dela. Então eu tenho que ir. — Ela ficou de pé, alisando o vestido. —Minha criada está me esperando no estábulo.

—Não, você não irá andando. — Seus protestos foram recebidos por outro dos sorrisos coquetes dela.

—Oh, mas eu vou. Assim como eu cheguei aqui, é assim que devo voltar.

—Quando a verei novamente? — Ele tinha que saber. —Você está no baile dos Shardens esta noite?

—Acredito que não.

—O musical de amanhã à tarde em Lady Turlington?

—Não sou muito afeiçoada aos instrumentos.

—Então quando? — Sabia que estava parecendo uma criança petulante, esperando ter todos os seus pedidos atendidos. —Irei enviar um recado para eles pedindo que você e sua família sejam convidados, caso seja este o problema.

—Você não deve fazer isso. — A aflição na voz dela lhe disse para não insistir mais. Londres era uma cidade pequena, e ele a veria novamente, embora isso não fosse hoje ou amanhã.

—Por favor, saiba que estou falando sério, e a minha afeição por você – mesmo que seja súbita – é muito sincera.

—Eu posso ver. — Ela olhou por sobre o ombro para a porta fechada.

—Ninguém pode nos ouvir. Eu lhe asseguro que os meus criados são os mais discretos.

—Não estou preocupada com as fofocas, — ela confessou. —Eu me importo com você também. Nenhum de nós sabe o que o futuro nos guarda. Apenas lembre-se de que eu correspondo à sua afeição, embora vá levar algum tempo antes que possamos nos ver novamente.

Seu coração se elevou com as palavras dela, mas despencou rapidamente. —Suas palavras soam como a mais doce das despedidas.

—Minha família estará indo passar o feriado no campo. Não estou certa de quando voltaremos para a cidade. Então, não estou dizendo adeus para sempre, mas estou me despedindo por hora.

—Você escreverá?

Novamente, ela riu. —Não ficarei fora tanto tempo, sua senhoria.

—Diga que não se esquecerá de mim.

—Como poderia esquecer o inglês mais impetuoso que eu tive o prazer de conhecer? — ela provocou. —Temo que deveria me preocupar de que as suas memórias sobre mim esvanecerão tão rápido quanto o pôr do sol.

—Então deverei ir para um lugar onde o sol nunca se ponha.

Mas para ele, a lembrança dos seus breves momentos juntos significa muito, mas era apenas isso: breve. Ele só esperava que também não fosse esquecível.

—Eu tenho que ir. Adeus, Andrew.

Ele não podia fazer nada mais que olhar para a porta enquanto ela saía, ouvir seus passos enquanto deixava a casa, e sonhar com um tempo em que ele nunca, jamais, a deixaria afastar-se dele.



Lorelei secou as lágrimas das bochechas enquanto virava a esquina da St. Martin Lane. Tinha mentido para Andrew, algo que não queria fazer. Saiu da carruagem a algumas quadras de distância na Bond Street quando escapou pelos fundos de uma livraria e foi até a casa do marquês.

Ela tinha ido por causa de um capricho, para dizer adeus. Para assegurar a si mesma que se as coisas funcionassem ao seu favor no futuro, então talvez, apenas talvez, ela pudesse voltar para ele... e implorar o seu perdão.

Ele olhava para ela como ninguém a tinha olhado. Até então tinha duvidado da profundidade dos seus sentimentos por ela, esperando que as palavras de amor tivessem saído de um lugar de vulnerabilidade e choque depois de eles quase terem sido atingidos por aquele faetonte, embora a sua criada tivesse lhe dito mais tarde que Andrew as tinha seguido a distância até que tivesse certeza de que tinham chegado em casa em segurança.

Nenhuma vez hoje ela se afastou quando ele a tocou, nem se encolheu quando ele colocou os lábios sobre sua bochecha. Ela queria se entregar a ele – lavar a imundície que o toque de Chastain deixou na sua pele – mas ele não teria aceitado.

Não importa o acontecido, tinha certeza de que homens honrados existiam.

O Marquês de Drake – Andrew – era prova disso.

Nem todos os homens era do mesmo cepo que o seu pai. Nem todos os homens desejavam tirar vantagem dela assim como De Pez e Lorde Chastain.

Aquele conhecimento a conformou. Mesmo que o marquês não estivesse destinado a ser dela, outra iria chamar a sua atenção e capturar o seu coração, embora ele negasse a possibilidade. Uma mulher sem segredos ou segundas intenções. Uma mulher sem outras fidelidades a não ser para com o seu marido e filhos. Ela queria que isso acontecesse, tanto quanto temia que um dia uma mulher viesse e reclamasse o seu coração, apagando a memória dela.

Embora não fosse por obra ou escolha sua, a fidelidade de Lorelei pertencia ao *Comte* e à *Comtesse* de Epernon. Seus pais, Mathis e Camille Parisot de La Valette, tinham vendido a sua fidelidade para o homem que eles suspeitavam que um dia teria grande riqueza e influência, Napoleão Bonaparte.

Ela era Lady Lorelei Parisot de La Valette, francesa. Filha de um casal de espiões fieis agarrados a um título sem valor que tinha sido dado pelo seu país, apenas para ser arrancado de suas mãos depois da morte súbita do Rei Louis XVI. Desde aquele dia, tinham sido fugitivos, mudando-se de uma cidadezinha para uma vila ainda menor, nunca ficando por tempo demais em um lugar por medo de alguém reconhecê-los e alertar a ditadura sobre a sua localização.

Lorelei manteve a cabeça baixa enquanto caminhava para esconder os olhos vermelhos e inchados e tirar consolo do fato de que tinha dito a Andrew sobre como se sentia e sabia que ele correspondia os seus sentimentos. Estavam fadados a ser Romeu e Julieta, dois amantes condenados, embora o futuro não tenha se transformado para recepcionar as esperanças dos jovens amantes.

Andrew descobriria sobre o seu noivado em breve, e ela torcia para que ele a perdoasse. Que aceitasse o seu futuro assim como ela estava sendo forçada a aceitar.

Ele era um homem único, e iria seguir em frente. Ele daria o coração novamente a alguém que valesse a pena.

Ela se virou no beco atrás da livraria, atravessou a porta correndo e entrou na loja aquecida. Não tinha notado o frio que fazia lá fora até que o calor da loja a atingiu, aquecendo os dedos entorpecidos e o nariz. Havia um espelho perto do balcão da loja que permitia que o proprietário tivesse um vislumbre acima das estantes altas. Enquanto ia para a parte da frente, notou que o proprietário não estava atrás do balcão, então ela parou para verificar a sua aparência. Como temia, os olhos estavam vermelhos e levemente inchados, mas o cabelo estava no lugar, pendendo perfeitamente acima dos seus ombros.

Com uma calma forçada, Lorelei saiu da livraria. Um sino soou acima da porta, sinalizando a sua partida. Ouviu o dono da loja lhe dizer adeus enquanto a porta se fechava atrás dela, deixando-a sozinha na rua mais lotada de Londres.

Misturando-se ao tráfego de pedestres, ela se moveu pela rua.

Outro sino soou enquanto entrava em um loja, mas dessa vez, a sala era brilhantemente limpa, sem nenhuma partícula de poeira em qualquer superfície.

—Ah, você deve ser Lady Lorelei, a prometida de Lorde Chastain. — Uma dama, vestida no mais severo dos vestidos, a cumprimentou. —Por favor, por aqui. Sua mãe está te esperando.

Lorelei permitiu que a mulher a conduzisse por um corredor estreito que se abria em um grande salão coberto de espelhos, com renda e outros tecidos cobrindo cada superfície disponível. Os espelhos refletiam a cintura fina de Lorelei, o pescoço longo e a cascata de cabelos negros. Sabia que era muito atraente aos olhos, um traço do qual seu pai era muito orgulhoso. Sonhava que o pai demonstrasse orgulho por sua inteligência ou sua habilidade com o

arco e a flecha, mas não, ele era tremendamente agradecido pela habilidade que a filha tinha de deixar um homem enlouquecido apenas com um sorriso tímido ou uma jogada de cabelo.

Começou a detestar a sua aparência. Se dependesse dela, teria cortado seu cabelo até o couro. Não aplicaria carvão nas pálpebras para destacar seus olhos verdes. Vestiria o mais espesso dos algodões ou um saco e teria uma vida simples, escondendo o seu esplendor e brilhando apenas para o homem que amava. Isso teria sido o bastante, e ainda assim, mais do que já tinha desejado.

Mesmo assim, prosseguia com o que os pais queriam e a coroa ordenava.

E essa era a escolha pela qual tinha que viver.

—Lore! — a mãe exclamou. —Onde você esteve? Já escolhi diversos vestidos para mim mesma, pois estava entediada.

Lorelei não pôde deixar de sorrir para a mãe. Não via a mulher feliz desse jeito há muito tempo, isso se alguma vez já vira. Sua mãe era vaidosa de uma forma que Lorelei esperava nunca ser. Embora ela nunca tenha sido uma grande beleza, tinha sido capaz de chamar a atenção do pai de Lorelei... e alguns dizem que a do próprio Rei. Camille tinha lhe contado histórias sobre suas escapadas da juventude, ajudando a coroa a encontrar traidores entre seus próprios aldeões. Presenteou Lorelei com contos sobre homens importantes que diziam tudo para um rosto bonito depois de alguns drinques. Naquele tempo, Lorelei tinha idolatrado a mãe, sonhando fazer a mesma coisa – tudo pelo seu país.

—Oh, mãe. Tenho certeza de que você se divertiu muito sem a minha presença.

Mas com o passar dos anos, Lorelei tinha descoberto os segredos que a mãe trabalhou duro para esconder. Nem todas as missões foram um sucesso – longe disso. Camille mancava levemente, algo que ela – e o pai de Lorelei – tentava esconder. Quando Lorelei tinha quinze anos, atreveu-se a perguntar à mãe sobre isso, pensando que poderia ter sido um acidente de equitação durante uma fuga ousada.

Foi com lágrimas nos olhos que a mãe contou toda a história horrível da noite que tinha passado em uma taverna na fronteira escocesa com um grupo de franceses desordeiros. Tinha passado quase um mês trabalhando como uma prostituta de bar e ganhando a confiança de um grupo de homens que tinham ligações com os rebeldes franceses. Eles descobriram o seu disfarce – talvez já soubessem desde o início – e decidiram se divertir um pouco com

Camille antes de fugirem. A noite tinha terminado com a sua mãe sendo jogada no segundo andar, com as pernas quebradas em vários lugares. Ela disse à Lorelei que temia que nunca mais fosse andar, mas disse que a dor física não era nada comparada com a dor emocional que teve que enfrentar.

Foi pouco mais de um ano depois daquilo, depois de ter aprendido a andar novamente, que ela conheceu e se casou com Mathis Parisot de La Valette por insistência da coroa.

Lorelei olhou para a mãe enquanto lembrava da história contada há muitos anos.

Uma expressão estranha cruzou o rosto da mãe, como se ela soubesse o que Lorelei estava pensando, e implorando-a para deixar o passado para lá.

—Venha, minha filha, — Camille disse, com a voz meio esganiçada. —A Sra. Despond tem a mais elegante coleção de tecidos para vestidos de noiva de toda a Londres.

Parte dela imaginava se a mãe tinha tido um casamento, ou se sua alegria com a ocasião era devida à falta daquele dia especial. Mas nunca perguntou, pela dor que isso causaria.

Em vez disso, ela se virou para a dona da loja. —Obrigada por nos receber com tão pouca antecedência, Sra. Despond.

A mulher baixinha e robusta acenou. —Não há problema, minha querida. Minha família vestiu as quatro últimas duquesas de Chastain. Estava começando a temer que o jovem Benji nunca fosse escolher uma esposa.

—Você vestiu a mãe e a avó de Benji? — Ela olhou para Camille, de quem a atenção também tinha sido desperta com a declaração.

—Oh, não, — a mulher se apressou a dizer. —Eu vesti as primas distantes de Benji. Como você deve saber, Lorde Chastain, o pai de Benji, herdou o título e as propriedades depois que o terceiro primo morreu de um mal súbito. Naquela época, a esposa de Lorde Chastain já tinha falecido, que Deus tenha a sua alma.

A mulher baixou a cabeça em respeito. —Mas já basta de fofoca por hoje. Agora, o que você tem em mente para o seu dia especial?

Enquanto a mãe e a costureira debatiam os méritos da renda contra os do brocado, Lorelei imaginou se a doença do falecido Chastain tinha algo a ver com os seus compatriotas. Mas não, seu país não poderia ter sabido que o pai de Chastain era parente distante de um duque inglês. Era absurdo pensar que a coroa tivesse tanta influência fora de seus domínios.

Fazia pouco sentido pôr fim à vida de um lorde inglês e enviar o guardião dos planos para fora da França, sabendo que ele poderia fugir do país e estabelecer residência no interior da Inglaterra.

—O que você acha? — a mãe perguntou, segurando uma fazenda da mais delicada renda sobre um robusto brocado. —A Sra. Despond fez um bom ponto. A propriedade de Lorde Chastain pode estar bem fria nesta época do ano, e se insistirmos em um casamento nos jardins, será essencial ter um vestido feito de um material mais robusto. Tenho certeza de que Chastain nunca me perdoará se eu permitir que você pegue um resfriado mortal antes da sua noite de núpcias.

O estômago de Lorelei revirou. No último dia, ela afastou o pensamento das relações maritais com Lorde Chastain da sua mente, em vez disso focou em uma forma de encontrar os planos e então esse maldito casamento nunca aconteceria. A ideia da mãe de realizar a cerimônia na propriedade de Lorde Chastain tinha sido brilhante, para dizer o mínimo, e tinha lhe dado um fio de esperança de que talvez ela pudesse evitar a desagradável união com ele.

—Você sabe que eu confio em seu julgamento, Mãe. — Lorelei foi se sentar contra a parede enquanto as damas continuavam a argumentar, regatear e jogar tecidos de lado enquanto planejavam o vestido perfeito para um casamento que era tudo, menos isso.

CAPÍTULO DEZ



—*CÊ TÁ* LINDA, milady, — Isabelle sussurrou.

Lorelei olhou para o espelho, fazendo contato visual com a criada antes de sorrir.

—Obrigada, Isabelle, mas você ainda deve me chamar de Lorelei.

A menina assentiu e saiu do seu campo de visão.

Lorelei voltou a olhar para o espelho – e para o maravilhoso corpete do seu vestido.

Um pesado brocado creme se prendia a cada curva do seu corpo com uma sobreposição de malha e bordados de pérolas que iam do busto até a saia. Quando viu o vestido pela primeira vez, encomendado por sua mãe, Lorelei tinha querido chorar e rasgar o vestido em pedacinhos. Tinha que reprimir sua aversão recém-adquirida por pérolas, já que ela nunca contaria à *comtesse* sobre as ações de Chastain. Elas lhe lembravam daquele dia no Covent Gardens, sufocando-a com tanta força quanto Chastain a tinha sufocado naquela noite. Tinha esperado o dia inteiro para poder trocar o vestido, de agora em diante uma recordação da sua própria servidão – aos seus pais, a De Pez e sua facção, e agora a Chastain.

A beirado do vestido estava cheia de lama, que agora estava seca e sujava o chão. Ela e Chastain tinham se casado nos jardins há apenas umas horas, o casamento foi seguido de um banquete para os criados e a pequena nobreza local – separadamente, é claro.

Foram feitos brindes saudando a nova Duquesa de Chastain. Sua cabeça ainda doía por causa da folia daquele dia.

Agora, ela estava sozinha em seus aposentos, sua criada foi enviada para prepará-la para Chastain e sua noite de núpcias. No espelho, encarava uma mulher que não reconhecia, preparando-se para uma vida de solidão e incerteza.

A pior parte era que ela tinha concordado com tudo; nunca lutou contra as ordens dos pais para que eles pudessem recuperar seu nome e posição na França – e com razão. Tinha estado ávida para ajudar a família a deixar as

sombras do medo e da dúvida, e recuperarem um pouco da vida que tinham conhecido sob o governo de Louis XVI... mesmo que isso significasse colocar sua confiança em um governante que ainda não tinha se provado.

Lorelei podia não confiar em De Pez, e certamente não podia depender da subida de Bonaparte ao poder, mas sempre tinha confiado no *comte* e nas decisões que ele tomava para o bem deles.

—Milady? — Lorelei olhou por sobre o ombro. —Sua camisola tá pronta. Precisa de mais alguma coisa?

—Você pode me ajudar a desatar os laços?

—Oh, desculpa. — Isabelle se apressou, e Lorelei se virou mais uma vez para o espelho enquanto a criada puxava os laços apressadamente. —Foi muito bom ser a sua criada.

—Você fala como se não fosse mais ser minha criada, Isabelle. — Embora não fosse chamar a menina de amiga, Lorelei sentia certa proximidade com ela, algo que ainda não tinha sentido com outro alma em Londres.

—Eu vou embora com o seu pai quando ele voltar para Londres.

Lorelei respirou fundo.

A criada afrouxou os laços nas suas costas. —Oh, eu sinto muito.

Não foram as mãos de Isabelle que causaram dor a Lorelei, mas as suas palavras.

—Não estou machucada. Eu só esperava que você fosse ficar comigo. Tenho certeza de que o meu marido pagaria o seu salário.

—Não será assim, milady, — Isabelle disse, retomando a tarefa. —Meu namorado, Tomas, está na cidade, e eu sentirei saudade dele.

—Oh, Isabelle. — Ela se virou para a criada, abraçando-a. —Estou tão feliz por você.

Lorelei estivera tão concentrada em seu trágico destino que não tinha parado para pensar naqueles que estavam à sua volta.

—Agradicida. — Isabelle se afastou dos braços de Lorelei. —Mas agora, você precisa ficar pronta para o seu marido. Ouvi dizer que os homens ficam muito impacientes nesta noite.

O momento estava se aproximando, e em breve Lorelei não seria capaz de evitá-lo ou de manter o fato afastado de sua mente. Não tinha ficado sozinha com Chastain desde aquela noite no Covent Garden, e tudo o que tinha daqueles breves momentos era um vestido arruinado e a perda do seu belo colar de pérolas. No lugar dele, um anel de granada pesava sobre o seu dedo.

—Eu realmente espero que Thomaz me peça em casamento, — a criada irrompeu. —Ele tem trabalhado duro na forja e está economizando tudo o que ganha.

E fácil assim, Lorelei esqueceu que todos acreditavam que aquele fosse o seu dia abençoado, o dia que ela sonhou por toda a sua vida. Casou-se com um duque, e um rico. Ainda assim, Lorelei mal tinha conseguido dar um sorriso para a multidão que tinha sido convidada, e tinha fugido da festa pouco depois que o banquete foi servido – não que Chastain tenha notado, já que ele não tinha se afastado para ir checar a sua nova duquesa.

—Você já pode ir, Isabelle, — Lorelei disse, dispensando a criada. —Eu posso tirar o vestido e vestir a camisola sozinha. Obrigada por tudo.

A garota parecia estar à beira das lágrimas enquanto assentia e saía do quarto.

Um homem estava perceptivelmente ausente das comemorações, mas Lorelei estava grata por sua ausência. Com certeza, Chastain teria mandado avisar seu melhor amigo sobre as suas iminentes núpcias, e ainda assim ele não veio.

O Marquês de Drake.

Ela afastou a imagem dele da mente. É claro, ele não poderia ir ao casamento da mulher que o tinha enganado. Parte dela via ele correndo pelos jardins – e salvando-a da situação horrível em que estava.

Mas ele não tinha vindo.

Ela se enrijeceu quando uma leve batida soou na porta, seu vestido finalmente tinha cedido e estava preso só pela frente.

—Lore? — a voz da mãe chamou do outro lado.

Suspirou de alívio ao ver a *comtesse* ainda vestindo o maravilhoso vestido de hoje mais cedo. Chastain entraria em seu quarto usando a porta de ligação que havia dentro do quarto de vestir, não a que dava para o corredor.

—Mãe.

—Minha criança. — Camille fechou a porta e parou na frente da filha. — Você é tão corajosa.

—Eu não me sinto nenhum pouco corajosa, e sim indefesa. — Seus ombros caíram e o vestido escorregou, deixando-a apenas com o chemise. — Realmente espero que tudo valha a pena.

A mãe lhe sorriu de forma tranquilizadora. —Seu *père* alguma vez já nos induziu ao erro?

—É claro que não.

—Então vamos confiar nele agora. — A mãe pegou as mãos de Lorelei, olhando para baixo, para o anel de família que Chastain tinha dado a ela. — Prometo que não ficará casada por muito tempo, a menos que você escolha ficar com o seu novo marido.

Lorelei não podia imaginar um mundo no qual ela escolheria ficar ligada ao duque par sempre, mas sabia que este casamento pesava muito em sua mãe, já que a mulher tinha ficado mais e mais envolvida com ele ao passar dos dias. —Talvez você esteja certa, mãe. Ninguém sabe o que o futuro nos reserva, — Lorelei disse para aliviar o humor. —Além disso, nossa família vive pela aventura e pelo desconhecido.

—Isso é verdade, minha filha. — A mãe a abraçou rapidamente antes de dar um passo atrás. —Mas eu não devo atrasá-la. Há muitas coisas boas sobre o casamento... mesmo que o homem não seja a pessoa com quem você queria se casar.

Camille saiu do quarto assim como se movia pela vida, nunca perturbando nada, e sem fazer um som.

Não pela primeira vez, Lorelei desejou poder fazer o mesmo: mudar a sua forma física e voar para outro lugar – talvez até mesmo para outro tempo.

Em vez disso, ela tirou sua roupa íntima e colocou a camisola para esperar a chegada do duque em seu leito nupcial.



Andrew atravessou a porta da sua propriedade no campo em um salto.

—Bom dia, — ele disse para o criado.

—Bom dia, meu lorde. O *London Post* chegou enquanto você estava fora.

—Você o colocou em meu escritório? — Com o assentimento do mordomo, Andrew prosseguiu. —Muito bom. Por favor, envie meu café da manhã para lá.

Em breve poderia voltar para Londres – e para Lorelei. Faltava poucos dias para completar a quinzena, e ele esperava que ela já tivesse voltado para a cidade, e que até mesmo esperasse a sua visita. Mas com a distância veio um pouco de claridade. Nenhum homem gostaria de ser conhecido por estar ávido demais pela conquista de uma mulher. Seria bom que ele usasse esse tempo e desse algum espaço a ela, e esperasse que ela o quisesse tanto quanto ele. Ansiava voltar correndo para Londres, fazer com que suas atenções fossem conhecidas pelo *comte*, e providenciar todos os arranjos para o seu casamento. Seria algo grande, um casamento que a *ton* nunca tinha visto

desde o último casamento real. As pessoas viriam de todos os cantos para testemunharem a sua união.

Não aconteceria tão rápido quanto queria, pois sabia que Lorelei deveria ter alguma família para ser notificada, e então eles precisariam de tempo para ir para a Inglaterra para poderem assistir à cerimônia, embora ela dissesse que não tinha família. Inferno, ele contrataria uma frota de navios para trazê-los o mais rápido possível, caso fosse necessário.

Ele se acomodou atrás de sua mesa para revisar todas as missivas de última hora dos seus administradores. Ele contratou uma equipe para reformar os estábulo, refazer o telhado de palha do vicariato, e cuidar dos jardins da propriedade. Quando ele e sua nova noiva vierem para sua propriedade, ele quer que ela esteja no mais perfeito estado, assim como ela merece. Ele também mandou chamar criados na vila para limpar a mansão, polir a toda a madeira e bater cada tapete. Como uma ideia de última hora, encomendou várias paisagens de um pintor famoso para adornar as paredes da sala de visitas e da suíte de Lorelei.

Faz anos desde que uma mulher chamou Drake Abbey de lar, e ele faria tudo o que estivesse em seu poder para que essa fosse a casa deles.

Além das mulheres de vida fácil que ele e Benji tinham entretido ao longo dos anos, ele não tinha a menor ideia do que uma mulher deseja. Será que Lorelei iria preferir decorar seus aposentos? Ela escolheria cores fortes e terrosas ou os tons pasteis que estavam espalhados por toda Londres? Esperava que ela escolhesse cores profundas que se adequariam melhor à sua herança exótica.

Certo, isso não importava. Sua esposa, a Marquesa de Drake, teria tudo o que desejasse. Se isso significava por abaixo a velha mansão e reconstruir uma nova propriedade de acordo com o gosto dela, ele faria isso.

Ah, a vida de um libertino reformado.

A noção de uma mulher aquecendo a sua cama pelo resto da sua existência parecia um paraíso.

Colocando as cartas de lado e a correspondência que tinha chegado do seu advogado em Londres, Drake pegou o *Post*. De quase quinze dias atrás, tinha certeza de que o jornal não teria nenhuma notícia importante.

Uma página detalhando as complexidades de um novo canal fluvial que um dia melhoria a vida dos londrinos. A próxima página estava preenchida com as últimas fofocas, incluindo os casamentos e noivados recentes. As uniões entre a elite de Londres eram legendárias e preenchiam várias páginas.

Ele imaginou o anúncio do próprio casamento. Como se conjurando o nome dela, ele localizou Lady Lorelei Parisot de La Valette, filha do *Comte* e da *Comtesse* de Epernon, visitando a nobreza francesa. Ele esquadrinhou o anúncio de meia página... e quis cuspir fogo.

O Comte e a Comtesse de Epernon
estão felizes por anunciar o casamento de
Lady Lorelei Parisot de La Valette com
o Duque de Chastain, Benjamin Davis.

Enquanto a sua raiva retrocedia, o sentimento de traição assumia. A traição de Chastain era esperada – Andrew também tinha sido um homem egocêntrico. Perseguia o próprio prazer à custa dos outros. Ele conseguia tudo o que queria, e se importava apenas com o seu próprio bem. O fato de que Benji sentou na frente de Andrew no White's e proferiu seu desejo por uma trégua no que dizia respeito a Lorelei o irritava até os ossos.

Mas Lorelei tinha sido diferente.

Suas mãos se fecharam, amassando o papel que segurava. Com um cuidado desnecessário, Andrew picotou o jornal em pequenos pedaços para fazer com que a história ficasse ilegível.

Ela era uma mulher superior às outras. A maioria das debutantes deviam ser maquiadas e vestidas para parecerem ser a melhor opção, mas Lorelei era maravilhosa sem a ajuda dos outros. Muitas meninas se esforçavam para conseguir uma fachada que beirava o desinteressante, enquanto Lorelei tinha a natureza comedida, havia uma partícula de rebelião bem abaixo da superfície. Alguém só precisava olhar com um pouco mais de atenção para descobrir as suas verdadeiras qualidades.

Ela tinha correspondido aos seus sentimentos, ou ao menos o levou a pensar que tinha.

Será que ele tinha sido assim tão obtuso? A dupla estaria rindo à sua custa?

Não, ela se importava com ele, assim como ele acalentava uma profunda e permanente afeição por ela. Nenhuma mulher poderia enganá-lo dessa forma, ele tinha certeza.

Andrew ficou de pé, empurrando a cadeira para trás. Ele precisava de espaço – de ar. Quando a cadeira ficou em seu caminho, ele segurou o tampo da sua mesa, e com toda a sua força, ergueu a peça de madeira maciça do chão e a virou. Seus papeis, o valioso abridor de cartas, livros e tinta se espalharam pelo chão. O vidro se partiu quando o retrato dos seus pais

atingiu a enorme prateleira onde estavam seus livros mais valiosos e os livros contábeis da propriedade.

—Meu lorde? — um criado perguntou assustado desde a porta que agora estava aberta.

—Saia! Vá! — ele gritou.

A seguir ele se curvou e agarrou a cadeira dourada pelas duas pernas, a levantou e a arremessou em direção à lareira. A madeira antiga se partiu enviando lascas por toda a sala. Olhando em volta do seu escritório – do seu santuário – ele esperou a fúria amainar. Mas, tudo o que ele olhava estava tingido de vermelho. Ele foi até o enorme retrato de família, encomendado quando ele não tinha mais que três anos de idade.

Conseguiu tirá-lo da parede com facilidade. Drake segurou a imagem primorosamente pintada, notando as similaridades entre ele e seu falecido pai: a cor do cabelo, a altura, a expressão facial. Olhou para a mãe, uma santa dentre as mulheres, olhando o seu único filho com adoração.

Estudou o laço entre a sua família, tão forte que até mesmo um artista tinha sido capaz de capturá-lo. Tinha estado sozinho por muitos anos, tinha esquecido como se preocupar genuinamente por outra pessoa. As pessoas usavam umas às outras, e ele tinha caído neste hábito logo após a morte do pai, quando vinham hordas de pessoas querendo alguma coisa dele. Não fazia diferença se era por seu dinheiro ou em troca de favores pessoais porque nenhum deles – com a exceção de Chastain – tinha ficado por muito tempo. Havia muito tempo que não sentia nada remotamente parecido com carinho por qualquer outra pessoa... até que a conheceu.

Sua tentação particular.

Uma sedutora disfarçada.

Ela atormentou as suas inseguranças, mediu as suas necessidades e tirou partido da sua bondade.

Ele pensou naquela manhã fatídica. Tinha ficado tão feliz por tê-la presenteado com o mais belo buquê, as flores não eram capazes de rivalizar com todo o esplendor de Lorelei. O *Comte* e a *Comtesse* fizeram a gentileza de recebê-lo, embora isso desviasse do que era considerado apropriado durante um cortejo. Será que eles também queriam fazê-lo de bobo?

E quanto ao tempo que passaram no parque – e a visita de Lorelei? Contou os dias desde então. Ela e Benji não tiveram tempo para um cortejo verdadeiro.

Não podia acreditar que a sua Lorelei tinha feito isso. Se alguém queria feri-lo, era Chastain. Outro de seus jogos.

Andrew ergueu o joelho e atirou a pintura. A moldura de madeira se despedaçou assim como a cadeira. Não havia mais o olhar de orgulho da sua mãe.

Jogando a pintura destruída de lado, ele olhou para a estante que ia do chão ao teto, cheia de livro, artefatos que seu pai tinha colecionado e anos de livros-razão. Ele segurou um lado dela e puxou, mas a enorme estante estava presa à parede. Percebendo que ela deveria estar ancorada, ele olhou para os objetos que preenchiam as suas prateleiras.

Badulaques que o pai tinha trazido para ele e sua mãe quando viajava para Londres para ir às sessões do Parlamento. Lembrou-se de como o marquês anterior odiava viajar deixando para trás a família, mesmo que fosse pelo menor dos períodos.

Andrew pegou uma miniatura da propriedade em argila e a girou em suas mãos, estudando os detalhes: uma guirlanda estava presa à porta, era possível ver o fogo da lareira através das janelas e a neve cobria o chão. Tinha ficado apreensivo ao tocar a peça quando era mais novo, temendo que fosse deixá-la cair e quebrar.

De repente, preservar a casa delicada não parecia mais ser importante, por que lá no fundo, sabia que não teria nenhum filho – ou filha – para quem passá-la, ninguém para sentir a sua falta quando morresse. Ninguém iria esperar a sua volta de Londres, contando os dias para estar com ele.

Ele apertou a casa entre as mãos e a esmagou até não restar mais nada além da poeira, pois era assim que ele se sentia por dentro. Desfeito.

Ele esfregou as mãos para limpar o pó que ainda se agarrava à sua pele, e os pequenos nacos feriram suas mãos macias. O desconforto era bem-vindo, mascarando o vazio que se espalhava por ele.

—Gunther! — ele gritou.

—Sim, meu lorde? — O mordomo entrou na sala, muito provavelmente tinha estado esperando do lado de fora no caso de o seu mestre requerer assistência.

—Prepare o meu cavalo.

—Agora?

—Sim, agora, — ele gritou.

—É claro, meu lorde. — O homem fez uma mesura, mas parou antes de sair da sala. —Devo enviar a Sra. Gladys para arrumar esta sala?

Como se vendo o desastre que tinha criado pela primeira vez, Andrew olhou a sala. —Eu não me importo se toda a mansão se incendiar. Eu não voltarei.

—Antes das festas? — O rosto do criado estava confuso.

—Nunca mais.

CAPÍTULO ONZE



—APENAS MAIS ALGUNS dias de busca. Por favor, *Père*. — Lorelei implorou. —Deve haver algum lugar onde não olhamos.

—Lorelei, sua mãe e eu não deixamos uma pedra intocada. Devemos voltar à Londres, — ele disse em francês. Tinham sido extremamente cautelosos desde a sua chegada. —Enquanto ele está aqui, nós teremos tempo de vasculhar a casa dele em Londres. E eu deverei avisar a De Pez, deixá-lo saber que ainda temos esperança. Não posso arriscar mandar a carta daqui.

Eles vinham agindo como uma família honrada desde a viagem para o casamento de Lorelei. Cada momento era gasto tentando evitar o dia temido ao fazerem uma busca intensiva. Sua mãe tinha convencido Lorde Chastain de que limpar e redecorar a casa era apropriado para prepará-la para a nova duquesa.

Ele tinha cedido aos seus apelos, até mesmo ajudava os criados com a mobília, mas se retirava rapidamente para o escritório em busca de paz, sempre levando o *comte* consigo.

Mas agora, eles tiveram um raro momento a sós, Chastain tinha fugido da casa mais cedo com a sua mãe e Deus sabe onde eles estariam.

—Você vai me deixar aqui? Com ele?

—Você não corre riscos com o seu *marido*, — o pai suspirou. —Por favor, recomponha-se e lembre-se da nossa causa. Se eu encontrar os planos, eu mesmo virei buscá-la, e então não haverá motivos para voltar a vê-lo, se esse for o seu desejo.

O *comte* disse as palavras como se estivesse lhe dando uma escolha: voltar para França com eles ou continuar sendo Lady Chastain. Tinha estado comprometida com a missão da família todos os meses em que estiveram em Londres, mas as coisas nunca tinham mudado. Agora, estavam pedindo para que ela passasse as noites nos braços de um homem que não se importava nenhum pouco com ela ou com as suas necessidades.

Chastain era cordial, e ela suspeitava que a falta de paixão entre eles não era unilateral. Ela se impediu várias vezes de perguntar por que ele tinha se

casado com ela. O que ele queria ganhar com esse casamento? Ela não tinha grande riqueza ou um dote, nem ele tinha sido cativado por sua beleza e inteligência. Se era um herdeiro que ele queria, ele também não tinha compartilhado aquela informação.

Lorelei andou pela biblioteca, abrindo os braços. —E se não encontramos?

—Falaremos disso somente quando todas as tentativas se provarem infrutíferas.

Nunca saberia como o pai mantinha a compostura. Parecia que cada caminho que tomavam os deixava com as mãos tão vazias quanto no início da missão.

—Ainda há a opção de você perguntar a Chastain onde eles estão.

—Talvez mamãe devesse perguntar, — Lorelei sibilou. —Ela e Chastain parecem se dar muito melhor que eu e ele.

—Mas você está falando da sua mãe. — O pai se levantou abruptamente, parando-a a meio passo. —Ela não é como eu e você – ela foi amaldiçoada com a habilidade de se importar genuinamente com os outros.

—Você acha que eu sou incapaz disso? — As palavras a cortaram mais fundo que uma faca.

—Não fique magoada, *ma fille*. — Ele parou em frente a ela, olhando dentro de seus olhos e colocando a mão em sua bochecha. —Você e eu, nós somos muito parecidos.

Não queria ser parecida com o *comte*. Com ele, sempre haviam segundas intenções por trás de suas ações e palavras. Ele só pensava no que iria beneficiar seus próprios objetivos. Até recentemente, tinha sido agradecida, pois eles também incluíam os seus interesses, mas com o seu casamento com Chastain tinha percebido que o pai a via como dispensável. Um peão, assim como a sua mãe também tem sido ultimamente. Ela foi barganhada e vendida – por nada.

Imaginava se caso De Pez tivesse oferecido mais, se o pai teria concedido a mão da sua única filha para *ele*.

—Não olhe assim para mim, — ele avisou. —O que estamos fazendo é para salvar a todos nós.

—E se não formos bem sucedidos? Responda-me, *Père*.

Ele suspirou. —Então os planos continuam sendo os mesmos. Nós desapareceremos, deixaremos nossas vidas e nossas identidades para trás.

Seus planos não tinham sido bem pensados e havia pouca chance de ele mantê-los seguros por muito tempo. Já estavam fugindo há anos, vivendo por meio da escassa quantia que o pai tinha sido capaz de juntar ao longo dos anos, mas com a viagem para Londres, eles gastaram tudo o que tinham – e para quê? Uma chance de ganhar o favor de um homem que poderia muito bem não lhes dar nada?

—Então iremos fugir de Chastain... e de De Pez? — Ela quase pensou que seria melhor ficar e se arriscar com o duque.

O som de um objeto batendo no chão fez os dois se virarem.

Uma criada saiu das sombras, com um espanador nas mãos.

—O que você está fazendo aqui? — O pai gritou para a menina em um inglês carregado. —Você estava ouvindo a nossa conversa?

—Acalme-se, *Père*. — Lorelei segurou o cotovelo do pai para impedi-lo de atravessar a sala. —Ninguém aqui sabe francês, — ela o acalmou em sua língua nativa.

Ele não se acalmou nenhum pouco.

—Vá, — ele gritou para a criada assustada, quem deixou cair o espanador e fugiu da sala, com a porta batendo atrás dela.

—*Père*! — Lorelei sacudiu a cabeça. —Você deveria ter mais respeito. E se ela for até Chastain e contar para ele sobre as nossas conversas privadas?

—Isso seria um desastre. — O *comte* voltou para a sua cadeira. —Mas ele é um lorde, e ficará ao meu lado. Criados não deveria ouvir as conversas, especialmente as privadas. E tanto quanto eu sei, um homem tem o direito de conversar em particular com a sua filha.

Suas palavras tinham mérito, assim como com o título eles ficavam próximos um do outro. De outra forma, a anarquia e a rebelião assumiriam.

—Além disso, sua mãe e eu iremos agora mesmo para Londres. Mande avisar quando for voltar. Agora vá.

—Quanto tempo preciso mantê-lo aqui? — Seu marido estava agindo como um animal enjaulado ultimamente. —Ele está cansado da vida no campo, e eu sei que ele preferiria ir logo para a cidade.

—Tanto quanto puder. — Cruzando as pernas na altura dos tornozelos, o *comte* pegou o jornal, sinalizando o fim da conversa. —Já acabamos.

Seus ombros caíram, e ela saiu da sala. Quando ele iria aprender que ela tinha tanto interesse neste assunto quanto ele? Ou talvez mais, já que Chastain poderia começar a suspeitar e descobrir sobre seu segredo a qualquer momento

O campo era solitário, e estava prestes a ficar ainda mais desolado. Lorelei só podia pensar em um único lugar para onde ir em busca de consolo.

Sua mãe estava reclinada nos jardins com um pesado cobertor de lã em volta dos ombros para se proteger do frio. Camille raramente deixava aquele lugar, exceto para dormir, desde o casamento. Se era porque ela preferia a calmaria do lugar ou por que aquilo lhe fazia ter esperança, Lorelei não sabia.

Hesitou em perturbá-la, já que Camille tinha trabalhado incansavelmente para preparar o falso casamento de Lorelei: escolheu flores, selecionou o vestido perfeito, providenciou uma maravilhosa refeição consistindo de todos os pratos favoritos de Lorelei – tudo isso em dez dias. Parecia que isso tinha levado tudo dela. Agora ela estava sentada, falando com ninguém e sem levantar um dedo para ajudar na busca. Lorelei não podia deixar de pensar que a mãe tinha merecido o descanso.

Sob outras circunstâncias, Lorelei teria concordado que o casamento tinha sido lindo, complementado por uma noiva impressionante e um noivo deslumbrante, casando em um jardim cheio de flores com o sol brilhando em seu cabelo escuro. Tinha faltado as risadas e os sorrisos... embora se algum dos poucos criados e a pequena nobreza tivesse notado, não disseram nada na frente de Lorelei e de seus pais.

—Mãe, — Lorelei chamou enquanto se aproximava. —Quer que eu peça mais chá?

Camille ficou parada e se afundou ainda mais na cadeira, como se esperando que quem quer que a estivesse chamando fosse embora se ela se escondesse debaixo do cobertor.

—Você está com frio? — Lorelei colocou a mão no ombro da mãe, forçando a mulher a reconhecer a sua presença. —Eu posso mandar alguém pegar outro cobertor.

Camille olhou para cima, os olhou cheios de um pesar que Lorelei não entendia. Ela envelheceu uns dez anos em pouquíssimo tempo, desde que foram para Londres. Seu cabelo tinha mais fios grisalhos do que Lorelei se lembrava, já que a mãe não estava se dando ao trabalho de aplicar mais o pó que usava para manter o cabelo brilhando feito uma asa de corvo.

—Não, obrigada, minha filha.

—O que está te afligindo?

—Afligindo a mim? — Ela disse confusa. —Estou aproveitando o ar fresco, isso é tudo.

—Você fez tantas coisas nos últimos dias. — Seu pai achava tudo bem que ela ficasse no jardim o dia inteiro, mas Lorelei se preocupava com ela. — Você não estaria mais confortável lá dentro? Na frente do fogo?

Se eles fossem forçados a desaparecer mais uma vez, deixando até mesmo os seus nomes para trás, ela temia que isso fosse um tremendo golpe para a mãe. O precioso tempo que tinham passado em Londres tinha alegrado a mãe imensamente.

A *comtesse* observou as borboletas voando para lá e para cá com a brisa, ignorando Lorelei mais uma vez.

—O pai disse que é para você se preparar para voltar à Londres. — Lorelei tentou outra tática para ganhar a atenção dela. —Vocês partirão em breve.

—Você também virá? — O pesar fugiu do rosto dela pela primeira vez. —Será bom voltar a Londres novamente, mesmo o nosso jardim não sendo tão magnífico quanto esse.

—Não, — Lorelei disse, dispersando a esperança que tinha retornado à mãe. —Mas espero ir em breve.

—Eu me preocupo contigo.

Lorelei imaginou se tinha ouvido corretamente. —Preocupada comigo – por quê? Você me ensinou muito bem, estou preparada para enfrentar qualquer consequência. — Eles passaram muitos dias discutindo sobre o que seria necessário para voltarem a ter a vida que uma vez tiveram, embora Lorelei tivesse se desviado disso em todas as oportunidades – ainda assim, não estava preparada para aceitar o fracasso e o que isso significaria para futuro deles.

—Você é só uma criança.

—Mas sou muito sábia para a minha idade, *non*?

—Ou ingênua demais para compreender a gravidade da nossa situação, — a mãe disse fazendo uma pausa. —Ou o...

—O quê, mãe? — ela perguntou quando Camille não continuou falando. —Encontraremos os planos – eu ainda não desisti. Há algo que você não está me dizendo?

—Seu pai... — Novamente, a mãe não podia, não iria, dizer o que a incomodava. —Não importa, minha filha. Devo me apressar e arrumar as minhas coisas. O *comte* não adiará muito a partida.

Com um lamurio, Camille se levantou, mantendo o cobertos em volta dos ombros enquanto ia em direção às portas francesas.

O assento que ela tinha vagado, macio com almofadas cor de lilás, parecia convidativo. Não havia razão para Lorelei entrar, o cardápio do jantar já tinha sido planejado pela governanta. Nunca pediram a Lorelei para inspecionar a prataria ou para estar a par sobre as disputas entre a criadagem. A vida de uma duquesa era langorosa.

Eles concordaram que ela deveria fazer o que era esperado de uma duquesa dias depois do casamento, deixando o *comte* passar seus dias vagando pela casa e pela propriedade. Ele parecia um homem ocioso, aproveitando os frutos do vantajoso casamento da sua filha. Ele até mesmo acompanhou Chastain à estalagem local para uma noite de diversão com bebidas e camaradagem, mesmo que a noite tenha sido um desperdício, já que Chastain tinha bebido tanto que ele tinha caído no sono antes de o pai poder sondá-lo.

Os criados e a nobreza local também tinham sido de pouca ajuda, já que nenhum deles estava familiarizado com o duque ou com o seu falecido pai. Tudo o que sabia apontava para o fato de que Chastain era um homem que gostava muito do prazer e do ócio, confiando os assuntos da propriedade ao administrador.

Para não deixar nenhuma pedra fora do lugar, Lorelei tinha se encontrado com o administrador e o manteve ocupado com perguntas sobre a criadagem enquanto seu pai fazia uma busca em sua pequena residência. Ele voltou para a casa com as mãos vazias e com um péssimo humor.

Lorelei sentiu algo molhado na sua mão.

A primeira gota de chuva tinha caído desde a sua chegada no campo.

Ela permaneceu sentada, deixando gota após gota lavar a sua pele. Não demorou muito para o seu rosto estar molhado, e suas roupas encharcadas por causa da água que continuavam a cair enquanto as nuvens se moviam pelo céu. Além do gramado bem aparado do jardim, dois cavalos galopavam em direção ao estábulo de Chastain. Um com certeza era do marido, seu cavalo tinha um trote sólido. Ao lado dele estava uma mulher, a saia de zibelina azul capturava a brisa e se chicoteava com o vento. A cabeça dos dois estava abaixada enquanto eles corriam para a área coberta antes de a tempestade cair com força total.

Lorelei ficou de pé enquanto eles desapareciam da vista na lateral do estábulo, e ela buscava seu próprio abrigo da tempestade.

CAPÍTULO DOZE



LORELEI ENTROU NA carruagem de Chastain, temendo até mesmo o breve percurso que faria ao lado do marido depois de terem voltado à Londres alguns dias atrás. Ela reparou na figura arrojada do duque sentado em frente a ela. Para qualquer mulher que não o conhecia, ele pareceria muito bonito, bem vestido, *plastron* estava perfeitamente atado, as botas brilhantes e um sorriso malicioso e sedutor.

Cada centímetro dele era de um ousado cavalheiro da *ton* – e de um libertino recém-reformado depois que se casou com Lorelei.

Mas ela sabia o que se passava abaixo da superfície.

Depois de seis semanas isolada no campo com nenhuma outra companhia que não fosse ele – e sua brigada de criados leais – ela estava mais que feliz por voltar à Londres, mesmo ficando trancada na carruagem por quase três dias inteiros. Felizmente, ele tinha optado por ir a cavalo durante a maior parte da viagem.

Adicionado à sua infelicidade estava a ausência dos pais, os quais ela não via desde que partiram alguns dias depois da cerimônia. Embora tivesse sido encarregada de manter Chastain ocupado para que eles pudessem vasculhar a sua casa em Londres, ela não tinha ouvido nada nem do pai, nem da mãe desde que eles a deixaram. Tinha esperado ao menos uma carta do pai dando a ela seu aval para que voltasse à Londres, mas tudo o que recebeu foi um bilhete da mãe escrito com pressa dizendo que a nova Duquesa de Chastain era um sucesso aos olhos da *ton*.

Desde que o casal feliz tinha chegado à Londres uns dias antes, ela não tinha visto nem rastro do homem com quem agora compartilhava o sobrenome, e ela era grata pelo que o mantinha afastado dela e da sua cama.

Mas esta noite ele exigiu a sua presença – então eles estavam sentados, um de frente para o outro, evitando contato visual.

Suas semanas no campo tinham sido ocupadas com uma busca sem fim em cada recanto da enorme mansão. Ela chegou até mesmo ao ponto de visitar o vicariato e procurar por locais escondidos dentre as relíquias.

E não encontrou nada, acumulando ainda mais horas de busca infrutífera.

Tudo o que conseguiu fazer foi cair cansada todas as noites por causa da exaustão. Acordava quase todas as manhãs com o vestido que tinha usado no dia anterior.

Se o marido tivesse notado sua falta de cuidado com a aparência ou a extrema fatiga, ele não disse nada, preferindo em vez disso sanar sua sede por luxúria em outro lugar, muito possivelmente com a mulher que ela tinha visto naquele dia. Era quase como se ele tivesse conseguido o que queria, a dizer, Lorelei, e agora que ele a tinha, o duque não estava mais interessado.

Esta noite, ele estava prestando tão pouca atenção nela como ela esperava, o que, mais uma vez, lhe caía bem. Não tinha olhado para ela desde que entrara na carruagem – nem sequer perguntou se ela queria que fossem colocados carvões aquecidos por baixo do cobertor de lã que protegia as suas pernas do frio. Nem esperou do lado de fora do veículo para ajudá-la a entrar. Em todos os seus anos como cavalheiro, ele certamente não aprendeu nada.

Se planejava passar qualquer tempo com Chastain, ela teria que arranjar tempo para polir os seus modos.

Mas Lorelei estava focada apenas em sua missão: encontrar os planos e fugir de Londres.

Infelizmente, esta noite não iria aproximá-la de seu objetivo.

Esta seria a primeira vez que os recém-chegados Lorde e Lady Chastain apareceriam em público – juntos.

Ela pensou na primeira e única vez que tinha estado com o seu marido em um salão de baile, mas tudo o que podia imaginar era ter estado nos braços firmes e fortes do marquês enquanto eles giravam pela pista de dança, suas risadas chamavam a atenção de todos para eles. Eram apenas esses pensamentos que a faziam manter a sanidade durante a sua estada longe de Londres.

Foi um momento tão breve. Uma canção, cinco minutos nos braços dele, uma sala cheia de gente, e ainda assim, ele foi a única coisa que viu. Sua voz profunda era tudo o que ela ouvia. Ela hesitou em pensar o que ele acharia dela agora, particularmente considerando a tarde que tinha passado em seus braços antes de ir para a prova do vestido. Em seu bilhete, a *comtesse* tinha escrito que a união de Lorelei era o assunto mais falado da cidade. E cada chá, passeio de compras e noites no teatro eram preenchidos por felicitações. Ela suspeitava que Camille estava gostando bastante da atenção que estava recebendo por causa do casamento da filha.

Lorelei levou a palma da mão à boca, seu estômago de repente estava revirado por causa do desconforto. O tempo que passou no campo não tinha sido bom pra ela. Começou a evitar comer porque nada lhe caía bem, embora as dores da fome a atormentassem constantemente. Infelizmente, seu apetite tinha apenas aumentado com o seu retorno ao convívio da sociedade educada, e seu estômago ainda estava em desacordo.

—Você está se sentindo mal?

Ela olhou para o marido na luz difusa.

Chastain a olhou da cabeça aos pés quando ela não fez nada para responder à sua perguntar. —Bem? — ele insistiu.

Parte dela se recusava à dar a ele a satisfação de uma resposta. —Meu estômago está agitado, isso é tudo. Tenho certeza de que ficarei melhor quando sairmos dessa carruagem.

Ele puxou a cortina. —Não falta muito. Por favor, mantenha o seu almoço no lugar onde ele pertence; levou horas para o meu valete deixar as minhas Hessians brilhando.

Lorelei mostrou a língua para ele enquanto ele continuava olhando o crepúsculo. Ela sabia que era infantil, e nada elegante, especialmente para alguém com o título de duquesa, mas temia deixar que quaisquer palavras deixassem os seus lábios – elas provavelmente entregariam o que realmente sentia pelo homem, que parecia ignorante quanto ao seu desgosto.

—Eu não tenho que lhe dizer o quanto esta noite é importante para mim.

Para ele? Esse era outro baile, não muito diferente das centenas em que ele já tinha ido antes.

—Veja bem, eu me casei com uma estrangeira, — ele prosseguiu. —Muitos vão virar seus narizes para cima por eu ter te escolhido, o que, por sua vez, jogará uma sombra sobre mim. Isso era algo que eu deveria ter considerado com muito cuidado antes de nos casarmos.

Sua atitude hipócrita a estava enlouquecendo. —Você sabia que eu tenho sido objeto de olhares desdenhosos desde que cheguei à Londres? — Sua pele bronzeada e os exóticos olhos verdes não tinham passado desapercebidos por ninguém.

—Agora você está casada com um duque, e só este fato irá lhe abrir muitas portas desde que você tenha uma boa aparência e se comporte de maneira apropriada. — Ele olhou para o seu decote. —Lembre-se no futuro de que você não precisa mais atrair a atenção masculina para procurar marido. Por favor, não exponha os seus ativos promiscuamente.

Ele queria reivindicá-la? Ele já não tinha provado o seu domínio sobre ela meses atrás, tendo ela assentido ou não?

Em vez de fazer todas as perguntas que borbulhavam na superfície, ela segurou a língua e se concentrou em passar por esta noite. Eles não tinham discutido aquela pavorosa noite no Covent Garden. Preferia não reviver o acontecido, e temia o que a resposta dele pudesse trazer à tona. E ele agia como se nunca tivesse tirado vantagem dela.

—Chegamos. — Ele deixou o tecido cair no lugar. —Iremos para a fila de recepção e cumprimentaremos os anfitriões. Isso será seguido de uma breve passagem pela pista de dança. Depois disso, eu pegarei uma bebida para você e então irei para o salão de jogos. Quando eu estiver pronto para partir, eu irei pegá-la para voltarmos para casa.

—É claro, meu lorde. — Lorelei manteve o tom enjoativamente doce.

—Chame-me de Benji ou de Chastain, — ele disse com um movimento do pulso. —Somos íntimos, afinal das contas.



Dois meses... dois malditos meses, e nenhuma única palavra dela.

Nenhuma carta dizendo “eu sinto muito” em um papel manchado pelas lágrimas.

Nenhum “eu cometi o maior erro da minha vida. Por favor, venha ao meu resgate!”

Nenhum batida na porta da sua casa no meio da noite. Nada. Nenhuma palavra.

E ele esperou. Oh, como tinha esperado. Esperara enquanto bebia o seu Bourbon. Tinha esperado enquanto lia o *Post*. Esperava todo dia a notícia de que ela tinha voltado para a cidade.

Ele tinha rugido, gritado, barganhado, tinha desprezado a si e a seus criados.

Ultimamente, tinha dirigido seus apelos em direção ao céu – qualquer coisa que a trouxesse de volta para ele.

Ele não tinha sequer um amigo com quem contar, já que fora Chastain que o traíra.

Ele não tivera alívio. Ele não tinha conseguido pensar com clareza – não importa o quanto bebesse, ou gritasse, ou amaldiçoasse os céus.

Andrew tinha passado as manhãs preocupado com os dias e as manhãs anteriores, comendo pão e bebendo água para limpar o veneno do seu sangue.

Tinha pedido ao seu valete, Samuels, para aprontar seu melhor casaco e seu calção. Ele mesmo tinha polido as suas Hessians até elas brilharem sob a luz suave de seu quarto de vestir. Finalmente, ele tinha aplicado um pouco de brilhantina no cabelo um pouco longo e tinha instruído o seu valete a fazer um nó bastante arrojado em seu *plastron*.

E foi assim que ele tinha entrado no salão de baile de Lorde e Lady Shawe... e viu nada além de Lorelei, usando um vestido magnífico, sendo girada na pista de dança por Chastain. Eles se mostraram para todo mundo como um casal apaixonado, que acabou de voltar para a cidade depois de passarem semanas juntos. Ele não podia ter um vislumbre dos rostos deles, mas Andrew viu Lorelei sorrindo e Chastain rindo do seu próprio comentário astuto.

—Uma bebida, meu lorde? — Um criado passou, oferecendo uma bandeja preenchida com taças cheias com um líquido borbulhante que nenhuma quantidade dele iria apagar a imagem de Lorelei de sua mente.

Pegando dois, ele decidiu tentar mesmo assim. Se nada mais, esperava que as bolhas fossem nublar a sua visão do casal *feliz*.

Esvaziou as taças rapidamente, colocando-as de volta na bandeja do criado, e pegou mais duas. Não demorou muito e a bandeja estava com dez copos vazios – e Andrew ainda os via muito bem na pista de dança.

Já tivera o bastante – para uma vida inteira.

A ideia de vir a este baile, de chamar a atenção de outra mulher, e seguir em frente, tinha sido um plano absurdo, e agora sabia que isso não tinha chance de funcionar. Se ele fosse esperto, ele teria ido para a festa de Madame Sasha e escolhido uma nova amante, em vez de esperar como um cachorrinho.

A música finalmente parou. Os cavalheiros se apressavam para devolver as damas às suas acompanhantes e pegar sua próxima parceira de dança, ou para se desvencilharem de uma debutante sem noção e fugir para a segurança da sala de jogos. E foi então que Lorelei o viu.

Sua expressão caiu ao vê-lo e a cor foi drenada do seu rosto, deixando sua pele naturalmente azeitonada em um tom assustadoramente branco.

Eles ficaram se olhando. Andrew era incapaz de afastar o olhar, e ela também parecia incapaz de fazer o mesmo.

Ele viu algo em seus olhos – uma solidão e um desespero que não estavam lá antes.

Com uma pitada de pena...

Ele se atreveria a dizer arrependimento?

Mas não, ele tinha estado disposto a lhe dar tudo. Seu título e sua riqueza seriam dela para fazer o que quisessem – ele ofereceu a ela de todo o coração algo que nunca tinha dado a outra pessoa exceto à sua mãe e à Sra. Bee, sua governanta.

A porra do seu coração.

Se ela tivesse pedido, ele o teria arrancado do peito e dado a ela em uma bandeja de prata, se isso fosse mudar qualquer coisa.

Andrew amaldiçoou seus sentimentos irracionais pela mulher. Tivera mulheres muito mais bonitas em sua vida. Sua herança exótica não era nada especial, já que muitas famílias haviam fugido da França para fazer da Inglaterra o seu lar.

Isso só deixava uma pergunta – o que *esta* mulher, Lady Lorelei, tinha que a fazia ser mais cativante do que as outras debutantes? Se ele soubesse, ele seria capaz de fazer algo. De apagá-la de sua mente, de lavar seus sentidos, e curar a queimação na sua pele causada pelo toque dela.

Pedaços de conversa voavam em sua direção. —...ele se atreveu a trazer sua vadia francesa aqui?

As orelhas de Andrew se afiaram à menção da França. Duas matronas estavam de pé não muito longe dele, com as cabeças juntas e as taças na mão. —E pensar que Lorde Chastain pensou que casar com a garota a faria ser respeitável. Ele nem viu razão para apresentá-la ao Almacks.

—Oh, não que ela fosse receber um convite, — a outra mulher disse rindo. —Olhe para aquela pele, era como se ela tivesse passado os últimos dez anos no sol.

As suas mulheres sacudiram as cabeças, como se ter uma pele mais escura fosse uma maldição.

—É nosso dever dizer algo, não é?

—É o que eu diria. Ela está, neste momento, forçando a sua presença a Lorde e Lady Styliss. Não devemos permitir que ela inflija suas ideias revolucionárias neles.

Andrew observou as duas matronas indo em direção à Lorelei. Rodeadas por alguns cavalheiros anciãos e suas esposas, Lorelei não tinha a menor ideia do que ou quem estava indo em sua direção – e não via Chastain em lugar nenhum.

A última coisa que Andrew queria fazer era ficar frente a frente com ela, na verdade ter que falar com ela, mas parecia que ele era a sua única

esperança de não ser envergonhada na frente de toda a *ton*.

Maldito seja Chastain e sua inabilidade de ficar ao lado da esposa no meio desse covil de lobos.

As matronas estavam alguns passos à sua frente, mas se mantinham perto da parede, enquanto Andrew cortava caminho pela multidão para chegar na frente delas. Não importava o engano que tinha sofrido pelas mãos dela, nenhuma mulher merecia ser jogada no ostracismo em público.

Seus passos eram firmes e rápidos, e em segundos, ele estava próximo a ela, intrometendo-se na conversa.

—Minha querida Lady Chastain, — Lady Styliss disse. —Acredito que esta seja a coisa mais inspiradora que ouvi em toda a temporada.

O grupo parecia envolvido e pendurado a cada palavra que ela dizia. Sem dúvidas ela tinha encantado o grupo de anciãos, embora as mulheres ainda tivessem as suas reservas. Ela ainda não tinha detectado a presença de Andrew ao seu lado.

—Oh, meu querido marquês! — Lady Styliss irrompeu ao vê-lo. —Você conhece a nova Lady Chastain?

—Sim, conheço, minha lady, já que ela se casou recentemente com o meu amigo de toda a vida.

Lorelei continuou olhando para a mulher em sua frente, não dando oportunidade para Andrew fazer contato visual com ela. —Boa noite, sua senhoria.

—Meus lordes. — Andrew fez uma leve mesura para todo o grupo. —Minhas ladies. Eu me considero afortunado por ter conhecido Lady Chastain antes de qualquer um saber que algum dia ela seria a esposa de Lorde Chastain. Além disso, confirmo que qualquer palavra que ela diz é incrivelmente inspiradora. Vocês não concordam, minhas ladies?

Andrew se virou para as duas matronas que tinham se juntado ao grupo.

—Eu não concordo, — elas bufaram ao mesmo tempo.

As mulheres olharam uma para a outra quando o grupo as cumprimentou com sorrisos.

—Lady Dickinson, — Lady Styliss disse. —Lady Chastain estava nos contando sobre a sua aventura ao cruzar o canal. Um inglês, que voltava para casa vindo do seu *Grand Tour*, se atreveu a mostrar a ela os desenhos que tinha feito durante a viagem. E vocês não acreditarão, mas todos eram de mulheres nuas usando chapéus. Vocês podem acreditar nisso?

—Bem, sim, — Lady Dickinson respondeu. Quando o grupo apenas olhou para a matrona, ela prosseguiu. —O que eu quis dizer é que sim, eu acredito. Todos e qualquer um vindos da França devem ser vigiados com extremo cuidado, já que eles provavelmente não têm nenhuma classe.

Andrew tivera o bastante. —Minha lady, você está querendo insultar o lar de Lady Chastain? — ele perguntou. Quando ela manteve as lábios apertados, ele prosseguiu. —Bem, olhe para ela. Ela é o auge da elegância e da graça.

—Essa é a opinião de um homem que pensa com as partes que eu sou muito elegante para nomear e— ela respirou fundo, preparando-se para lançar seu próximo ataque. Felizmente, a banda tocou uma nota alta, sinalizando que outra rodada de dança estava prestes a começar.

—Minha lady. — Andrew segurou o cotovelo de Lorelei. —Acredito que esta dança esteja reservada para mim. Vamos?

Finalmente, ela teve piedade e se virou para ele com um sorriso forçado em seu rosto.

—É claro, sua senhoria. Eu nunca recusaria o convite do amigo de toda a vida de Lorde Chastain.

Com o cotovelo dela preso em seu braço, Andrew foi em direção à pista de dança. Infelizmente, parecia que Lorelei não estava no humor para ser conduzida, e então puxou-o em direção às portas da varanda.

—Acredito que o calor da sala esteja me fazendo mal.

Já que o ar fresco iria lhe fazer bem, ele deixou que ela o levasse para fora e para longe da multidão, todos eles pareciam ávidos para ouvir a sua conversa.

Eles não tinham se afastado dois passos quando Lorelei parou e puxou o braço com força.

—O que foi aquilo? — ela sibilou, pressionando a mão na boca.

—Eu estava te salvando, — Andrew disse. —Você deveria me agradecer.

—Você interrompeu a nossa conversa de forma rude. Você sabe o quanto tem sido difícil para mim fazer amigos desde que cheguei à Londres?

—Temo não saber, já que você tinha dois homens muito ricos e intitulados babando sobre você no instante em que você pisou no seu primeiro baile, — Andrew rebateu.

Perturbada, ela cruzou os braços sobre o peito e foi em direção à balaustrada.

—Você sabe que isso não conta.

—E por que não? — Andrew imaginou se ela sabia o espetáculo que criava a cada vez que entrava em uma sala. Todos os olhos se viravam para ela.

—Isso não tem importância. O que você quer, Andrew?

Felizmente, a varanda estava praticamente vazia, com apenas mais um casal de pé não muito longe das portas e perto das sombras, e algumas pessoas passeando pelo jardim.

—Eu estava mesmo te resgatando, — Andrew prosseguiu.

—E por que eu precisava de resgate?

—Porque, aquelas duas velhas matronas estavam com sede de sangue – e você era o alvo delas.

—Eu posso me proteger, — ela afirmou. —Tenho feito isso por toda a minha vida.

O comentário lhe pareceu estranho, já que ela vinha de uma família sólida. —Eu não duvido de que poderia, mas essas duas mulheres são as que dão a sentença final no Almacks. Elas decidem quem e quando.

—E por que eu deveria me preocupar com o Almacks? Estou casada com um duque e não preciso do mercado de casamento ou dos entretenimentos que estão focados nisso.

Andrew não entendia por que ele se importava, ainda assim não queria que ela fosse envergonhada.

—Além disso, eu lidei com cada membro mal educado da *ton* desde que cheguei na Inglaterra. Dois espantalhos velhos não podem estorvar a minha noite.

Andrew deu um passo à frente... para abraçá-la... para segurar a sua mão... ou apenas tocá-la – ele não sabia o quê. Ela deu um passo para trás.

Ele suspirou.

—O que você quer? — ela perguntou.

—Você. — Essa era a palavra mais simples, ainda assim continha a emoção que trespassava aquelas três simples palavras. A traição não tinha mudado seus sentimentos por ela, o que tinha estado óbvio no segundo que pôs os olhos nela. Se ela fosse confessar seus desejos naquele momento, ele mandaria trazer a sua carruagem e eles desapareceriam na noite e nunca mais seriam vistos.

Em vez disso, ela disse, —Eu não posso ser sua... nem de ninguém.

—Quando você chegou à cidade? — Ele diria qualquer coisa para mantê-la falando.

—Não faz muito tempo.

—Posso te visitar amanhã?

—Não.

—E depois de amanhã? — Sua raiva estava crescendo enquanto ela continuava a lhe dispensar. Raiva por ela tê-lo enganado – e raiva de si mesmo por querer estar perto dela.

—Andrew... — Ela deixou as palavras esvanecerem em exasperação. — Por favor, não faça isso mais difícil do que já é.

—Aqui está você!

O sangue de Andrew ferveu.

Ambos se viraram para as portas que levavam ao salão de baile.

Chastain saiu e puxou Lorelei para o seu lado como se ela não fosse nada mais que um cachorro.

—Andrew, que ótimo vê-lo. Obrigado por manter Lady Chastain ocupada. — As palavras o atingiram como um tapa. —Mas estou pronto para ir agora. Venha.

Chastain voltou para o salão de baile, sem verificar se Lorelei o seguia.

Mas não havia necessidade.

Lorelei voltou ao salão bem atrás de Chastain, seguindo-o por todo o caminho até saírem pela porta da frente.

Chastain, seu mais querido amigo de infância, mal tinha olhado para ele. Era como se eles não fossem nada mais que conhecidos, dois homens que as interações do passado tinham sido limitadas à troca de palavras rápidas sobre o tempo ou sobre o cavalo que tinha mais chance de ganhar a corrida.

O pior de tudo, Lorelei agora pertencia a Chastain.

CAPÍTULO TREZE

DRAKE ESTAVA JOGADO no sofá nos seus aposentos privados. Na frente dele, duas mulheres dançavam, esfregando seus corpos parcamente vestidos. Os cabelos louros e ruivos se misturavam, fazendo com que fosse impossível saber onde uma menina começava e a outra terminava.

O intoxicante movimento das formas esguias e elegantes o enfeitiçava. Não podia dizer quanto tempo tinha ficado lá observando-as, mas o chão em volta dele estava cheio das garrafas vazias que uma vez fizeram parte da sua valiosa coleção de bebidas. A quantidade que ele tinha bebido provavelmente deixaria qualquer outro homem do seu tamanho inútil, até mesmo morto, ainda assim, ele era incapaz de chegar pelo menos a um estado de torpor, libertando a sua mente da enxurrada de imagens – de Lorelei, nos braços de Chastain. Esperava que os jornais estivessem errados, que eles tivessem cometido um erro, mas no baile – da noite passada... semana passada, não tinha certeza – tinha confirmado os seus temores.

—Meu lorde? — Samuels estava de pé na porta do seu quarto, seu lábio superior curvado por causa do desgosto. —Posso lhe trazer o café da manhã?

Café da manhã? Ele olhou para as janelas do seu quarto. Elas estavam cobertas, não permitindo que a luz entrasse e escondendo o que acontecia ali dentro do resto do mundo. Lembrava-se vagamente de mandar um criado fechar as cortinas e mantê-las assim até segunda ordem.

—Acho que não estou com fome, ao menos de comida. — Andrew notou o valete afastar o olhar das mulheres que ainda se moviam ao som de uma canção que não podia ser ouvida. —Mas, por favor, mande uma bandeja. Estas belas mulheres devem estar famintas. — Quando o homem saiu, ele voltou a olhar para elas.

Assim que voltou para sua casa depois de ter visto Lorelei, Andrew mandou um recado para Madame Sasha, quem enviou suas melhores meninas para ele. A Madame provavelmente estava tentando impressioná-lo já que ele tinha negligenciado a sua festa anual. Embora ele e Chastain não fossem os seus clientes mais valiosos, nem os mais frequentes, ela provavelmente temia

perder o dinheiro que ganhava com eles em seu estabelecimento e nos jogos de cartas.

Nada nas duas meninas lembrava Lorelei. Uma tinha cabelo louro, a outra era ruiva, tinham a pele clara, e eram pequenas, elas deveriam tirá-la de sua mente, ainda assim ele se via incapaz de se concentrar no balanço dos seios e nos traseiros firmes.

A visão do corpo feminino nu geralmente fazia uma dessas coisas: ou o deixava excitado, ou o fazia dormir. Hoje, não foi nenhuma dessas coisas, já que seus olhos permaneciam abertos e sua masculinidade flácida dentro de seus calções abertos.

Não demorou muito e Samuels voltou com uma bandeja carregada com pão, queijo e pedaços de carne.

—Isso não é função da governanta? — Andrew perguntou.

—Sim, meu lorde. — Ele afastou a roupa de baixo das mulheres da mesa e colocou a bandeja ali em cima. —Mas ela pediu que eu trouxesse.

—Rá! Ela não poderia estar chocada. Ela já viu coisas muito mais vulgares aqui dentro. — A Sra. Bee trabalhava ali desde antes de o seu pai morrer, e já tinha limpado suas bagunças mais vezes do que podia contar. — Envie-a para cá, agora.

—Enviá-la, meu lorde? — O valete deu um passo para trás alarmado.

—Pare com isso de meu lorde, Samuels! Você me conhece desde que eu usava calças curtas e me esgueirava no quarto do meu pai para experimentar os seus lenços de pescoço. — Ele parou e olhou em volta. —Neste mesmo quarto, para ser preciso. Agora, vá buscar a Sra. Bee. Suas sensibilidades não são tão delicadas quanto você pensa.

Quando Samuel partiu, Andrew se sentou e limpou as migalhas da sua camisa. Não tinha certeza de como elas tinham ido parar ali. Em seguida, ele fechou os calções e calçou as botas, não se importando em amarrá-las.

—Meninas, — ele chamou. Quando as duas olharam para ele, ele pegou um pedaço de pano que achou no chão e jogou para elas. —Fiquem decentes, rápido.

Elas se mexeram para pegar as roupas, inclinando-se na frente dele, pegando as meias de renda e indo em direção ao quarto de vestir.

—Lamentável, — ele murmurou. Era uma pena não poder chamá-las de volta. A única coisa que gostava mais que despir as mulheres era observá-las se vestir na frente dele.

—Agora, do que você está resmungando? — Virando-se para a porta, sua governanta, a Sra. Bee, estava com as mãos nos quadris e uma expressão muito desagradável no rosto. —Olhe para você.

Ele olhou para si: camisa amarrotada, *plastron* desfeito, e botas desamarradas. —O que isso quer dizer? — Ele já ficou muito pior em inúmeras ocasiões.

—Isso significa que sua mãe, que Deus abençoe a sua alma, deve estar se revirando em seu túmulo.

A Sra. Bee era a única pessoa que tinha coragem de falar com ele daquela forma, e a única pessoa que ele permitia se safar. Ela tinha sido a única pessoa a se impor e ser a figura materna que ele precisava na sua juventude depois que a mãe morreu. —Estou certo de que ela esteja muito confortável no seu local de descanso eterno, e tenho certeza de que ela viu coisas muito piores que isso. — Ele riu.

—O que o deixou de tão bom humor?

—Oh, a imagem de você abrindo a porta do meu quarto de vestir e encontrando um par de mulheres *de vida fácil* meio vestidas.

—Você é incorrigível, Andrew. — Ela jogou os itens que tinha pegado para ele, assim como Samuels tinha feito. —E também está bêbado, presumo.

Ele colocou o copo vazio de lado. Não sabia há quanto tempo o copo esteve vazio ou que licor tinha bebido, mas naquele instante, ele faria qualquer coisa para manter a paz com a Sra. Bee – de outra forma, seu armário de bebidas ficaria seco.

—Só estou tendo um dia ruim. — Ele tentou justificar o seu comportamento, como se ele fosse novamente um menino de doze anos levando uma descompostura por não ter terminado suas tarefas.

—Um mês ruim, pelo que me disseram.

—E quem julgou ser apropriado discutir os meus problemas pessoais? — Ele tentou se levantar, mas perdeu o equilíbrio quando sua cabeça começou a girar, e voltou para o lugar onde estava. Ele manteve a voz baixa, como se não quisesse que mais alguém ouvisse – ou fazer a Sra. Bee pensar que ele estava na defensiva. Quando você ficava na defensiva com ela, ela insistiria até descobrir todos os seus segredos.

—Seus criados. — Ela parou enquanto as meninas de Madame Sasha saíam do quarto de vestir. Uma vestia apenas a sua melhor camisa para cobrir o corpo despido. Depois que elas saíram do quarto, a Sra. Bee prosseguiu, —

Você sabe de quais estou falando. Eles estão reparando o dano que você fez à sua propriedade.

Maldição! Suspeitara que o seu administrador fosse escrever para a Sra. Bee, mas não esperava que fosse tão cedo.

—Pelo seu olhar, suspeito que você sabe exatamente do que eu estou falando, — ela disse. Ela foi em direção à porta, e ele se considerou sortudo por não ter recebido toda a fúria da sua indignação. —Você deveria se envergonhar, *meu lorde*, — ela atirou as palavras por sobre o ombro enquanto batia a porta atrás de si.

O uso de 'meu lorde', em vez de chamá-lo por seu nome ou por Drake, lhe disse que ainda não tinha ouvido tudo o que ela tinha a dizer – e na verdade, não esperava nada menos. Bee era o seu farol, um norte em sua vida errática – uma vida a qual ele criou e se refastelou desde que herdara o título e, mais importante, sua fortuna.

O silêncio do quarto invadiu a sua mente, deixando espaço para ele ponderar sobre as coisas que tentava esquecer. O motivo para manter as mulheres de Madame Sasha ao alcance era tirar Lorelei da sua mente. Suas ações falavam alto: ela não o queria, e chegou ao extremo de mostrar a ele o quanto ela poderia ser descuidada com as suas palavras – e com o coração dele.

Se ela soubesse que ele nunca tinha entregado o coração a alguém, será que ela iria pensar de outra forma – teria agido diferente?



Lorelei estava deitada no chão, tinha escorregado para baixo da enorme cama, deixando a colcha pesada no lugar, escondendo-a. Infelizmente, isso também bloqueava a luz e a escuridão à sua volta era penetrante. Não tivera o bom senso de trazer uma vela, e provavelmente teria incendiado todo o quarto se tivesse feito isso.

Com a visão comprometia, ela se arrastou mais ainda para baixo da cama, os dedos vasculhando as tábuas do chão a procura de um compartimento secreto. Encontrou nada além de poeira e bolinhas de naftalina... e tábuas muito bem presas.

Se algum criado estivesse vadiando por ali, ela provavelmente seria assunto de fofoca em seus aposentos na refeição de meio-dia. Sentiu a sujeira agarrando-se a ela, mas não tinha tempo de se preocupar com a aparência ou com a conversa que provavelmente causaria na casa.

Chastain tinha ido para sua aula de esgrima há uma hora e voltaria em breve.

Passou a última semana aprendendo seus hábitos e rotinas quando estava na cidade, o que era muito diferente das suas atividades enquanto estavam no campo. O poder de observação tinha sido algo que aprendera com a mãe – e uma habilidade que usara muitas vezes no passado. A apagada Camille Parisot de La Valette era o retrato do recato. Ela se movia pela sociedade com uma graça calada e modesta que Lorelei sabia que precisava de mais prática para alcançar. Frequentemente, a mãe podia ir a uma festa sem sequer uma alma lembrar que estivera lá.

Muitos falavam livremente na sua presença e não tentavam esconder suas atividades quando ela estava por perto. O que fazia este traço ser bastante valioso.

Ao longo dos anos, Lorelei tinha imitado a postura, disposição e a forma de se vestir da mãe... e falhou miseravelmente. O pai dizia que Lorelei falava muito, se gabava da inteligência e se vestia para chamar a atenção. Não levou muito tempo para desistir e abraçar os seus pontos fortes.

Naquele momento, amontoada debaixo de uma cama enorme em um quarto que nunca tinha querido visitar, com o cabelo que, sem dúvida nenhuma, estava coberto de teias de aranha, ponderou quais seriam os seus pontos fortes. Ela era bonita, mas não considerava aquilo uma vantagem já que chamava muita atenção para si. Tinha completado os anos de estudo bem antes do tempo e teria gostado da oportunidade de estudar mais, mas o comprometimento do pai com o país os levou para muitos lugares para que conseguisse reunir mais conhecimento.

O rangido de uma porta, seguido por uma risadinha feminina a fez congelar.

Lorelei prendeu o fôlego, esperando ouvir mais alguma coisa.

Esperava que um casal de criados tivesse tropeçado no quarto enquanto cumpriam as suas tarefas e que iriam logo embora.

—Ah, minha florzinha delicada.

Suas esperanças foram varridas com aquelas palavras, ditas em um tom gutural – um tom que lhe trouxe memórias de um chão úmido e de tecido rasgado, do ar frio da noite batendo contra a sua pele.

Outra risadinha, e passos delicados podiam ser ouvidos enquanto cruzavam o quarto.

—Uma perseguição, então? — O marido de Lorelei disse. —Temo que talvez você me supere. É isso que você quer, minha diabinha?

A cama se afundou sobre o peso de um corpo, batendo a cabeça de Lorelei no chão de madeira. Ela foi para o canto mais afastado da porta.

Um peso ainda maior empurrou um lado da cama e a colcha se levantou, dando a ela um pouco de luz – o suficiente para ver as botas do marido enquanto ele se curvava para desamarrá-las. Ele trabalhava devagar. Ao contrário da forma que ele tinha agido com ela na primeira vez, ele sussurrou para a criada. Ele fez promessas do que faria com ela assim que terminasse de tirar os sapatos – e mais ainda, o que ela faria com ele.

A conversa foi de doce e exótica para vulgar, e Lorelei lutou para não engasgar ao ouvir os lugares onde a menina disse que iria enfiar a língua. Se Chastain era inclinado para aquele tipo de comportamento sexual, ela estava feliz por nunca ter que satisfazê-lo.

Lorelei se afastou das vozes, grata por não ter reconhecido a mulher. Rezou para que o ato fosse rápido e que o par fosse logo embora. O espaço debaixo da cama era tão apertado que ela mal podia erguer as mãos para bloquear os sons que vinham lá de cima.

Infelizmente, o par decidiu agradar um ao outro, já que os sons que vinham lá de cima eram sons de profundo prazer. Imaginou, vagamente, se esta seria a primeira vez deles ou possivelmente refletia um relacionamento mais duradouro. Sua mente derivou para a possibilidade de eles serem amantes de longa data, e que ela que tinha se intrometido entre eles – o duque e a criada não dariam boas manchetes, assim como o duque e a estrangeira.

Deveria perguntar a Chastain a quem tinha dado o seu coração, já que ambos sabiam que não tinha sido e nunca seria para ela. Outra coisa pela qual estava feliz.

—Oh, você é uma putinha imunda, — Chastain ganiu. —Você gosta muito de uma boa montaria.

A cama tinha começado a fazer um movimento ritmado, como um barco navegando pelo mar aberto em um dia de vento fraco.

Lorelei, com o seu limitado conhecimento sobre os pecados da carne, não podia imaginar o que estava acontecendo ali em cima, mas o arfar e os gemidos lhe disseram que eles estavam se divertindo.

Quando a respiração ficou mais alta e rasa, e o gemido de Chastain mais profundo, o som de um tapa reverberou pelo quarto.

Pele com pele.

Lorelei estava preparada para sair do seu esconderijo e parar Chastain. Ele já a tinha ferido uma vez, mas não ficaria parada e deixaria ele ferir outra pessoa. Por meses, desejou que alguém tivesse intervindo quando Chastain a jogou no chão. Mas ela estava aqui agora, e só de pensar que a menina estava participando de boa vontade no ato sexual sabendo que Chastain era um adúltero, não poderia culpá-la.

Indo em direção à luz bruxuleante onde a colcha tinha se erguido, Lorelei repassou o que diria – para Chastain, e para a menina.

Ela saiu de debaixo da cama e ficou de pé. Sua felicidade por estar na claridade diminuiu com a visão à sua frente.

Sobre a cama, Chastain estava deitado com a menina – uma criada de copa que ela se lembrava vagamente de ter visto tanto na propriedade do campo quanto aqui em Londres – montando-o como se ele fosse um cavalo. A menina estava completamente despida, a menos que a marca de mão em seu traseiro contasse, o que suspeitosamente combinava com o tamanho da mão de Chastain.

Nenhum deles notou que ela estava ali, olhando, de boca aberta.

Seus rostos estavam contorcidos pelo êxtase. Essa era a única palavra que descreveria aquele olhar: uma mistura de prazer tão grande que parecia doloroso. Com uma última investida de Chastain, ambos gritaram de satisfação.

Lorelei percebeu seu erro tarde demais.

Enquanto Chastain nunca tinha lhe dado um prazer daquele magnitude, ele obviamente era muito capaz com alguém que merecesse os seus cuidados. Ele não tinha machucado a menina, mas tinha aumentado ainda mais a satisfação mútua.

A criada deixou escapar uma risadinha e saiu de cima de Chastain, indo em direção ao lugar onde Lorelei estava.

Quando ele se virou de lado para olhar para a amante, Chastain finalmente viu Lorelei.

Ela devia estar uma bagunça, com o vestido amarrotado com teias de aranha presas em seu cabelo, e o rosto sujo pelo que quer que estivesse debaixo da cama.

Era estranho os pensamentos que passavam pela mente de alguém quando encontrava seu marido e sua amante nus na cama dele... no meio do dia.

A menina não tinha visto Lorelei, e Chastain não tinha feito a sua presença conhecida quando se inclinou e cobriu a boca da menina com a dele,

mantendo os olhos sobre Lorelei o tempo todo. Se ele queria lhe ensinar uma lição, ele estava fazendo um excelente trabalho. Ela ficou lá, recusando-se a se afastar um centímetro, e observou enquanto a dupla se beijava. As mãos de Chastain foram para as costas da menina e agarram a bunda dela mais uma vez, apertando até que saísse carne por entre os seus dedos.

Lorelei queria fugir do quarto, esconder-se e nunca mais falar desse momento. Era quase tão embaraçoso quanto a noite no Covent Garden. Mas, novamente, ela se sentiu desamparada, mas não fugiria como antes. Não daria a ele a satisfação de agir como se nada tivesse acontecido quando eles se encontrassem novamente.

Gostasse ou não, eles estavam atados, ao menos por um tempo.

Talvez, apenas talvez, ela poderia dar uma lição a ele.

Enquanto ele a observava, ela também o observava, espelhando o seu olhar.

Quando ele libertou a boca da menina e um sorriso perverso cruzou os seus lábios, assim como os da menina, como se o incitasse.

Não demorou muito para que ele fizesse uma expressão alarmada. Ele devia ter esperado que ela fosse sair dali, morrendo de vergonha, mas quando ela ficou, com o olhar fixo na cena a sua frente, ele se atrapalhou... sua confiança tinha sido abalada. Possivelmente ele viu que faltava excitação ao seu jogo.

Lorelei ergueu uma sobrancelha e assentiu. Seria um dia frio no inferno se ela recuasse e afastasse o olhar. Tinha aprendido esses jogos psicológicos quando era uma menina, e era mais adepta a eles do que ele podia sequer imaginar. Os dias do seu marido pensando que ela fosse uma menina ingênua e indefesa tinham acabado.

Chastain trilhou beijos pelo pescoço da menina e prosseguiu pelo ombro, todo o tempo olhando para Lorelei.

Na verdade não poderia estar surpresa com o comportamento estranho. Eles fizeram a sua pesquisa sobre o atual Lorde Chastain antes de virem para Londres. Ele era um consumado libertino que não dava sinais de que fosse se assentar, e não apresentava nenhum interesse em reparar sua reputação danificada. Por tudo o que sabia, ele não se via como nada que não o lorde que era – acima de todos que poderiam criticar as suas ações. Ainda assim, imaginava pelo que parecia ser a centésima vez, por que ela? Por que ele precisava tê-la?

Ela pigarreou.

Chastain estreitou os olhos, e a menina virou para ver de onde vinha o som, finalmente reparando que eles não estavam sozinhos.

—Espero de coração que vocês estejam se divertindo, — Lorelei disse friamente.

—Minha lady—

—Não me venha com 'minha lady,' — ela disse. A garota se encolheu de medo. —Você pegará as suas coisas e sairá desta casa. Se eu a vir de novo, chamarei o magistrado.

—Você não manda na minha casa, — Chastain disse.

—Ah, meu amado marido finalmente falou alguma coisa. — Ela queria rir do terror da menina, e da expressão perplexa de Chastain. Ele não deve ter percebido que a esposa tinha fibra. —Esta é a minha casa, assim como é sua, então por favor, faça a bondade de vestir suas roupas. Assim que completar a tarefa, você mostrará a porta da rua para a sua amante.

—Eu sinto muito, — a menina murmurou enquanto se atrapalhava para sair da cama. —Não posso ser demitida, milady.

—Não tenho dúvidas de que você sente muito por ter sido pega na cama com o meu marido. — Ela se virou para Chastain, quem ainda estava deitado na cama. —Quanto a você, mantenha suas amantes em outro lugar, assim como qualquer homem respeitável da *ton* faria.

Sua confiança se elevou enquanto a menina lutava para recolher as suas roupas e saía do quarto correndo, deixando ela e Chastain a sós. Pregou um sorriso inocente no rosto, pronta para a batalha que viria.

Quando a porta fechou, sua bravata diminuiu enquanto Chastain também saía da cama e vinha em sua direção, completamente nu. Seu corpo cheirava a sexo. As mãos estavam nos quadris em uma pose austera, Chastain era uma figura assustadora. Embora ele aparentemente não tenha estado em seu clube de esgrima esta manhã, seu corpo era esguio e tonificado por algum outro tipo de exercício.

Ela não tinha dúvidas de que se eles tivessem se conhecido sob outras circunstâncias, que ela talvez ficasse atraída por ele, apesar da atitude pretensiosa e arrogante. Atualmente, tudo o que via era um homem que não tinha escrúpulos ao tirar vantagem de uma jovem, e então envergonhá-la em sua nova casa.

—Agora que você disse o que queria... — Os olhos dele viajaram por seu corpo como se fosse ela que estivesse sem roupa, —Nós dois sabemos o que é isso.

Por uma fração de segundo, temeu que ele soubesse sobre o real motivo de ela ter se casado com ele. —Sabemos?

—Isto — ele abriu os braços —é um casamento de conveniência para mim, e um presente para você e sua família, vendo o quanto vocês estavam determinados a abrir caminho em meio à sociedade. Uma sociedade, devo adicionar, que não gosta muito de estrangeiros.

—Você acha que eu queria isso? — Lorelei suprimiu a raiva. —*Você* abordou o meu pai, pediu a *minha* mão em casamento... não me deu uma única chance de dizer o que eu pensava sobre o assunto. — Sabia que o argumento não fazia sentido, e não entendia por que se importava.

—Quem não iria querer se casar com um duque?

Seus músculos tremeram de raiva e seu pulso acelerou. —Eu posso dizer ao menos uma pessoa que preferiria comer lama à casar com um duque egoísta, egocêntrico e idiota.

De repente, Lorelei se curvou. Seu estômago revirou com muita violência. Seus joelhos dobraram e ela foi em direção à cama.

—Você está bem? — Sua voz era preocupada e o humor bélico o tinha abandonado. —Devo chamar um médico?

Lorelei se concentrou em respirar e expirar lentamente para acalmar seu estômago. Sua cabeça descansou na lateral da cama onde ela tinha se ajoelhado.

—Ouvi dizer que você não estava se sentindo bem esses dias. Mandarei chamar um médico.

—Não, — ela disse entredentes. —Ficarei bem, só mande chamar a minha criada e me deixe sozinha.

—É claro. — Ele pareceu arrependido, embora ela sabia que não devia confiar nele.

—E *Benji*...

Ele parou. —Sim?

—Mantenha seus brinquedinhos fora desta casa. — Quando ele não falou nada, ela prosseguiu, —Este pode ser um casamento de conveniência para você, mas eu não ficarei calada se você insistir em me fazer de boba.

Chastain saiu do quarto, fechando a porta.

Lorelei sentou-se com o rosto apoiado na colcha fria, inspirando e expirando para se acalmar.

E foi quando ela percebeu, e contou os dias freneticamente.

Sete semanas.

Esteve tão focada em encontrar os planos e se livrar desse arremedo de casamento, que o tempo passou e ela não percebeu. Seus vestidos mais velhos estavam ficando justos, o que lhe servia bem porque, já que foi forçada a se casar com Chastain, não se importaria nenhum pouco em gastar o dinheiro dele para se vestir.

Mas não tinha parado para pensar no que a estava fazendo ganhar peso, a fome esmagadora e os enjoos massacrantes.

Que Deus a ajudasse se fosse verdade.

Ela estava carregando o bebê de Lorde Chastain, muito provavelmente fruto da sua noite de núpcias, já que ele mal a tinha tocado desde então.

Seu mundo se inclinou, e Lorelei caiu na cama quando a náusea veio forte demais.

CAPÍTULO CATORZE



ANDREW TINHA SIDO expulso da sua própria casa pela Sra. Bee e por seu valete. Logicamente, ele buscou refúgio no White's Gentlemen's Club, onde pagava uma boa quantia para ter paz e sossego. Alguém pensaria que por ter título, dinheiro e a própria casa um homem da nobreza teria um pouco de harmonia, mas não. Seus criados estavam determinados a afastá-lo do conforto do seu próprio quarto.

O White's tinha os mesmos luxos da sua casa: boa comida e bebida, calor e assentos confortáveis... Além disso, ele também poderia participar de um jogo de cartas e desfrutar da companhia de homens com quem partilhava opiniões, algo que faltava na sua propriedade. Quando chegou, tinha fugido para um canto pouco frequentado, não muito longe do fogo, e tinha aberto o *Post* no colo para capturar a luz da tarde para poder ler. É de se pensar que ele teria aprendido a lição a respeito das últimas fofocas, mas sua sede por distração ganhou sobre sua necessidade de evitar qualquer informação sobre certo casal.

Mal tinha pegado o jornal quando um cavalheiro se aproximou dele. Andrew não podia lembrar o nome do homem, nem o seu título.

—Drake. — O homem ergueu o copo em um brinde. —Fiquei feliz por ouvir sobre o casamento de Chastain. Dê a ele os meus melhores desejos. — O sangue correu descontrolado pelas veias de Andrew, tão alto que quase afogou as palavras do homem.

Ele não ergueu o copo em um brinde para o novo casal, nem falou, preferindo olhar para ele em silêncio.

—Deixarei você com o seu jornal, — o homem disse sabiamente antes de se virar e voltar para onde estava.

—Idiota. — Ele voltou para o jornal, vasculhando a página, buscando algo interessante que fosse acalmar os seus nervos. Para o seu desgosto, nenhuma única linha prendeu a sua atenção. Era mais do mesmo: os impostos iam aumentar, Bonaparte derrotando as tropas otomanas, e o debate nas colônias americanas sobre a escravidão. Nenhum desses assuntos prendeu a

sua atenção por muito tempo, embora, como um lorde inglês, ele sabia que deveria estar preocupado com o que se passava.

Finalmente, ele descartou o jornal, preferindo a bebida.

Tinha estado sóbrio desde a sua briga com a Sra. Bee, e tinha mesmo dispensado duas belas mulheres enviadas por Madama Sasha para elevar o seu espírito. Sua governanta estava certa ao pensar que passar um tempo fora de casa lhe faria bem, e além do mais, daria tempo aos criados de limpar a bagunça que ele tinha feito no lugar. Mas ele não a deixaria saber disso, então ele tinha escapado da casa e esperava que ela não notasse a sua ausência.

Olhando para o fogo, Andrew pensou o que o futuro lhe guardava. Ir a encontros sociais não tinha lhe ajudado a distrair a cabeça. Mulheres de vida fácil, mesmo sendo atraentes, não tinham conseguido prender a sua atenção. E agora, parecia que o seu clube não era mais o santuário que tinha sido. Teria ido para a sua propriedade no campo se a Sra. Bee não tivesse lhe dito o quanto ele tinha assustado a criadagem de lá, que ainda estavam trabalhando para reparar os danos.

Talvez uma viagem para o exterior fosse acalmá-lo, ainda assim o pensamento só lhe trazia uma miríade de pensamentos sobre belezas de cabelo escuro e olhos tão verdes quanto uma esmeralda, com suas risadas flutuando pela sala.

—Ah, aí está você.

Andrew ergueu o olhar enquanto Benji se jogava na cadeira à sua frente.

—Por que você está tão emburrado?

Andrew imaginou se ele estava falando sério. A coragem que o seu *amigo* tinha de entrar valsando no White’s e se atrever a sentar em frente a ele como se os últimos dois meses não tivessem existido.

—Chastain. — Ele só conseguiu dizer uma palavra.

—Meu bom homem. — Chastain zumbiu entredentes. —Parece que você não se barbeia há um mês. Samuels finalmente decidiu procurar emprego com um homem que aprecia os seus esforços?

Andrew colocou o copo de lado e olhou para o amigo. —O que você quer? — Se Benji insistia em ter esta conversa aqui, em público, então Andrew atenderia ao seu pedido. —Você veio cantar vitória?

—Cantar vitória sobre o quê? — Benji perguntou. —Inferno! Não. Eu vim para evitar a minha esposa. Descobri que a vida de casado é desagradável demais.

Assustado com o rumo da conversa, ele ponderou que homem em seu juízo perfeito iria achar Lady Lorelei desagradável. Chastain tinha ganhado o prêmio mais alto e não parecia perceber.

—A mulher é incorrigível, — Chastain prosseguiu antes de sinalizar para um criado pedindo uma bebida. —Hoje mesmo ela apareceu – do nada, devo acrescentar – nos meus aposentos.

Andrew queria rir. Sonhava dia e noite com isso acontecendo. —Ah, sim, continue falando sobre os horrores da vida de casado.

—Eu sabia que você entenderia, meu amigo. Parece que você é o mais inteligente de nós dois. — Chastain recostou-se e esticou as pernas em direção ao fogo. —Foi bastante pavoroso.

—Como assim?

—Bem, estou tão afogado em desespero que eu não sei nem por onde começar – e tenho certeza que ela deve sentir o mesmo.

—Que tal começar pelo que o deixou tão chateado. — Andrew não reconhecia o homem na sua frente, já que Benji realmente parecia infeliz e incapaz de se fixar no que quer que o incomodava. E pensar que Lorelei sofria o mesmo era inaceitável. —Você disse que a encontrou em seus aposentos.

Benji ficou em silêncio enquanto um criado entregava uma bebida a ele. Depois de dar um gole, ele prosseguiu, —Toda a coisa foi bastante imprópria. Sally e eu tínhamos ido para o meu quarto para uma brincadeirinha no meio da manhã—

—Só um segundo, quem é Sally?

—Oh, ela não é importante. Só uma criada graciosa que encontrei na minha propriedade no campo enquanto estava exilado depois do meu casamento. Uma boa potranca, devo adicionar. Mas essa não é a parte importante, — Benji disse, e fez um gesto com a mão. —Nós, Sally e eu, mal tínhamos acabado quando eu olhei para cima, e você nunca adivinhará quem estava ali... assistindo.

Andrew podia dizer exatamente quem estava lá – e o que ela deveria estar pensando.

Raiva. Dor. Traição. Devastação.

Queria sentir empatia por ela. Procurou lá no fundo um sentimento de pesar.

Ainda assim, tudo o que conseguiu foi um sorriso presunçoso e a satisfação por ela ter tido o que merecia. O fato de que o amigo também

estivesse sofrendo era um bônus.

—Isso deve tê-lo deixado completamente chocado, — Andrew disse, percebendo que Benji esperava uma resposta. —O que você fez?

—O que eu fiz? — Ele disse com um suspiro. —Ela não me deu nem um segundo para *fazer* qualquer coisa.

Andrew visualizou Lorelei furiosa.

—Ela teve a coragem de demitir Sally.

—Sério?

—Sim, disse à menina para arrumar as coisas e nunca mais voltar para a minha casa.

—Que coragem... — Andrew estava gostando ainda mais desse dia conforme ele passava. —E mais uma vez você ficou sozinho?

—Ela disse para eu manter as minhas amantes em suas próprias casas como qualquer outro cavalheiro *respeitável* da *ton*.

—Ela não fez isso! — Andrew se esforçou muito para conter seu júbilo.

—Sim, ela fez. A imprudência da mulher em dizer que eu não sei como tratar minhas amantes de forma adequada.

—Espero que você a tenha colocado em seu devido lugar.

Benji ficou em silêncio.

Oh, Andrew sabia muito bem que sua adorável Lady Lorelei tinha uma fagulha dentro de si. Ele congelou com o pensamento. Ela não era dele, e nunca seria. Não importa se eles se gostassem ou não, ela era de Chastain. A posse de Andrew sobre ela não era verdadeira. Embora ela o tivesse enganado, dispensado tudo o que ele tinha oferecido, ele não queria que ela fosse magoada ou que estivesse infeliz.

—Bem, o que você planeja fazer para voltar a cair nas boas graças da sua esposa?

Benji olhou para o fogo. —Não planejo fazer isso. Irei evitá-la tanto quanto seja possível, e esperar que ela concorde em viver em algum tipo de trégua.

—Até quando? — ele perguntou.

—Até morrermos, suponho.

—Isso parece horrível. — Ainda assim, uma fagulha de esperança se acendeu em Andrew.

—Horrível? — Benji perguntou. —Grande parte de Londres vive assim, e parece funcionar muito bem para eles.

Andrew pensou no conceito – um que ele esperava viver algum dia. Era absurdo agora. Uma vida preenchida com a obrigação de fazer amor para produzir um herdeiro, e então anos vivendo lado a lado sem nenhuma afeição. Seus próprios pais tinham desrespeitado as convenções sociais e tinham se casado por amor – tinha crescido sabendo o quanto os pais se sentiam miseráveis ao passar sequer uma tarde sem o outro. Tinha visto a agonia nos olhos da mãe quando o pai ia para a cidade e não podia levar a família.

Para cada um deles.

Andrew ergueu o copo. —Desejo um futuro feliz para vocês dois.

E ele desejava, mesmo que o tal futuro não consistisse no casal encontrando felicidade juntos, mas nos braços de outras pessoas.

—Obrigado, meu amigo.

—Mas seria conveniente para você manter sua amante em uma casa própria, assim como Lady Lore – Chastain sugeriu.



Ela estava andando para lá e para cá no quarto dele muito depois de ele ter saído de lá... nu.

Lorelei não podia acreditar na coragem do homem.

Não – sabia exatamente com o que estava concordando quando o pai contou que tinha aceitado a oferta de casamento de Chastain.

Não ouviu gritos de choque vindos do corredor, então os criados deviam estar acostumados com o mestre andando por aí sem nada para cobri-lo.

Ele tinha ordenado ao mordomo para que enviasse o cavalo imediatamente.

Sua raiva foi dissipando assim como o desconforto em seu estômago.

Tinha muito a fazer e a pensar, sem ter que se debruçar sobre a sua condição e o que isto significava para o seu futuro – especialmente sua intenção de fugir de Londres depois que encontrasse os planos.

Mesmo que Chastain não fosse um marido muito atencioso, isso não significava que ele seria um péssimo pai. Ele era distante, mas nunca a tinha machucado fisicamente depois daquela noite nos jardins. Deveria ser esperta ao lembrar de que suas intenções no que diziam respeito ao casamento não eram mais honradas que as dele. Lorelei tinha entrado no sagrado matrimônio já com o engano em mente.

E mais, depois que produzisse um herdeiro, estaria livre para passar o tempo fazendo o que quer que lhe agradasse – e com quem lhe agradasse. Uma vida em Londres, longe do calculista De Pez e de quem quer que fosse as suas alianças, lhe cairia muito bem.

Só de pensar em sua liberdade já ficava animada, sem limitações e pronta para fazer o que quer que agradasse a ela – e a seu filho. Um pequeno chalé com uma cerca branca, talvez um pequeno jardim onde poderia cultivar a terra que daria alimento aos dois.

Assim que Chastain descobrisse que ela carregava o seu herdeiro, ele nunca mais a deixaria ir embora, e temia que nunca seria capaz de abandonar o próprio filho, mesmo se soubesse que ele estaria sendo bem cuidado e criado por um dos homens mais ricos da Inglaterra.

E se ela ficasse, seu filho não teria que enfrentar o tipo de vida que ela levava antes. Ele não deveria fidelidade a ninguém, além de si mesmo e à Inglaterra. Era possível também que a paternidade mudasse Chastain para a melhor.

Imaginou por um breve momento se abandonaria o *comte* e a *comtesse* em favor de outra vida – uma que não incluísse espionagem e ameaças de morte. Mas havia apenas uma forma de que isso pudesse acontecer.

Com o estômago mais assentado e com o marido longe, ela precisava encontrar aqueles planos, entregá-los a De Pez, e esperar ser forte o bastante para garantir terreno e abrir seu próprio caminho.

Talvez, apenas talvez, se o bebê for um menino, Chastain ficaria satisfeito com seu herdeiro e Andrew a perdoaria.

Lorelei não tinha ideia de onde mais procurar. O quarto de Chastain sempre tinha sido o local que achava menos provável de encontrar os planos, mas ela teve a chance de olhar, e Lorelei não quis desperdiçá-la. Nada sobre Chastain e suas idas e vindas a fizeram suspeitar de que ele soubesse o que a sua família tinha sido encarregada de fazer ou que ele entendesse a gravidade da situação. Ele não fez muito mais que comentar sua própria ascendência francesa. Seria possível que ele fosse sido jovem demais para se lembrar de que houve um tempo em que ele não vivera na Inglaterra?

Quando alguém não sabe a importância de alguma coisa, eles geralmente não a mantêm por perto, assim como faria quem entendia as consequências de perder aquele item. Pegue seu pai, por exemplo: Lorelei sabia de ao menos quatro objetos que ele mantinha consigo todas as horas. Ela não sabia o que eles significavam, mas sabia que significavam alguma coisa para ele, e que

ele temia perdê-los. Seu pai era um homem inteligente, e, por isso, sabia que a forma de garantir que eles não fossem roubados, era mantê-los consigo o tempo todo.

Com aquilo em mente, Lorelei se ajoelhou no lugar onde Chastain deixava as suas roupas. Revirando-as, procurou por qualquer coisa que não deveria estar ali. Encontrar uma chave era esperar demais. Com certeza, não haveria nada.

Reprimiu a frustração por causa do contínuo fracasso.

Talvez estivesse olhando nos lugares errados, mas onde seria o lugar certo, se perguntou.

—Minha lady?

Lorelei se levantou rapidamente, deixando as roupas de Lorde Chastain caírem no chão, e se virou para o mordomo. —Sim.

—Um Monsieur De Pez lhe aguarda lá embaixo. — Com o seu silêncio, ele prosseguiu. —Ele disse ser amigo do seu pai, mas irei dispensá-lo, caso este seja o seu desejo.

—Oh, não, — Lorelei disse. —Eu o conheço. Eu só não sabia que ele estava na cidade. Eu o verei agora mesmo na minha sala de visitas.

Pela segunda vez, De Pez tinha vindo à Londres sem ela saber... Isso se ele sequer deixou a cidade.

Ele obviamente tinha mantido um olho sobre o paradeiro de sua família, ou ele tinha ido ver o *comte*. Um arrepio percorreu o seu corpo. Seus pais eram capazes de cuidar de si mesmos, ainda assim, não queria que eles fossem punidos ou incomodados por causa dela.

Lorelei foi até o espelho acima da bacia. Ela estava um horror: o vestido estava todo empoeirado, o cabelo era uma bagunça que ameaçava cair sobre seus olhos a qualquer instante, e a pele estava muito pálida. Tirou o quanto pôde da sujeira do vestido, e deu um empurrãozinho no cabelo para ver se ele não iria soltar enquanto descia as escadas. Não havia nada que pudesse fazer quanto à sua pele, a não ser apertar as bochechas, o que não ajudou muito. Ela creditava isso ao céu constantemente nublado... e à preocupação com a busca.

Ela hesitou. A última coisa que queria era que De Pez conhecesse Chastain, ou dar ao francês tempo de vagar pela casa.

Quando entrou na sala de visitas, De Pez estava reclinado em uma cadeira com uma xícara de chá e um prato de sanduiches ao seu lado.

—Sempre adorei a hospitalidade inglesa. — Ele ergueu a xícara e tomou um gole. —Earl Grey! Meu favorito. Sente-se, *Lady Chastain*.

Ela fez o que ele disse sem pensar duas vezes.

—Já faz muitos anos desde que sentei nesta mesma cadeira.

—Alguém pode reconhecê-lo.

—Acho difícil. — De Pez olhou a sala. —Nada mudou, e eu acho isto muito bom.

—Por quê?

—Porque eu posso muito bem ser capaz de ajudá-la com a sua tarefa. Eu – nós – estamos perdendo um tempo valioso para nos provarmos leais aliados de Bonaparte.

Lorelei ficou em guarda. Não confiava no homem. —Como?

—Eu posso ser convencido a deixar escapar os lugares onde procurei, e se há alguns esconderijos para onde os planos poderiam ter sido movidos depois da infeliz morte do falecido Lorde Chastain.

—Ainda assim, não confiaria nas suas palavras.

—Ah, você é uma gatinha sábia, — ele ronronou. —Mas eu lhe avisaria para manter suas garras escondidas.

—Eu sou ‘minha lady’ ou ‘Lady Chastain’ para você. Você se dirigirá a mim com respeito. — Seu estômago começou a revirar novamente.

—Por agora, irei. — Ele olhou para ela com severidade. —Mas em breve, o jogo vai virar, e você estará me implorando para chamá-la de minha gatinha.

—Prefiro a morte.

—Oh, isso também seria bastante agradável.

Lorelei não tinha ideia do que o homem quis dizer, mas sabia da sua inclinação por eliminar as pessoas que ele via como ameaça. —Meu pai não ficaria muito feliz por saber que você colocou a minha vida em questão, De Pez.

O homem colocou a bebida de lada e se sentou erguido, a malícia brilhou em seus olhos. —Longe de mim aborrecer o *comte*.

A declaração era cômica. Os dois homens tinham completado várias missões lado a lado, e quando tinham uma designação, confiavam um no outro com as suas próprias vidas. Mas, isso nunca os tinha feito parar de competir.

—Estou aliviada por ouvi-te dizer isso. — Lorelei ficou de pé, sinalizando que outra visita não planejada de De Pez tinha chegado ao fim.

—Pedirei para o mordomo acompanhá-lo até a porta. Foi ótimo recebê-lo. Posso enviar contigo uma cesta com pão e queijo para a sua viagem de regresso?

CAPÍTULO QUINZE



O PÉ DE Andrew batia no chão em um ritmo acelerado e ele agarrava a alça da sua bengala com tanta força que suas juntas estavam brancas. Não muito depois de ele ter enviado Benji em uma caçada para encontrar acomodações decentes para sua amante, Andrew saiu correndo do White's. Sua carruagem voou pelas ruas congestionadas do trânsito da manhã indo em direção à casa de Chastain. De onde vieram todas essas pessoas, cavalos e carruagens? Nunca antes tinha amaldiçoado tanto a rua densamente povoada da sua amada cidade.

—Dê a volta, — ele gritou para o cocheiro.

—Tentarei, meu lorde, — veio o grito abafado do homem segurando as rédeas.

Ele voltou a se recostar e soltou a cortina, isso bloquearia a sua visão do lento progresso, desejou estar conduzindo o seu faetonte, em vez de estar preso dentro desta carruagem fechada.

Andrew tinha tentado afastar Lorelei e seu ardil de sua mente. Tentou conciliar seus pensamentos de nunca mais ver a mulher, a não ser por breves momentos em reuniões sociais.

Manter distância dela era a melhor opção, especialmente depois de ouvir o choque que ela teve mais cedo naquele dia. Mesmo ela tendo-o feito de bobo, era possível que Chastain tenha mentido para conseguir a mão dela – e Andrew precisava descobrir se isso era verdade. E se sim, por que.

Lorelei precisava de sua ajuda.

Com Chastain devidamente ocupado, Andrew teria tempo para falar com ela.

Finalmente, a carruagem parou.

Saindo, Andrew parou enquanto um homem descia os degraus da casa de Lorelei.

—Bom dia, meu lorde. — O homem fez um gesto de cabeça e seguiu caminho.

Andrew parou ao ouvir o sotaque e se apressou subindo os degraus, conseguindo pegar a porta ainda aberta.

—Olá, meu lorde, — o criado o cumprimentou. —Lorde Chastain não se encontra.

—Ah, isso é uma pena. — Ele tentou o seu melhor para parecer decepcionado pela ausência do amigo. —Seria uma tremenda falta de educação se eu não felicitasse Lady Chastain. Ela está?

—Sim. Acredito que ainda esteja na sala de visitas. — Lavendis, o mordomo de Chastain, deu um passo atrás e permitiu que ele entrasse. —Por aqui. Irei anunciá-lo.

—Não é necessário. — Andrew deu um tapa nas costas do homem. —Eu irei entrar e dizer um rápido olá e me retirarei.

Conhecia a casa tão bem quanto a sua, e sem esperar por uma resposta, Andrew foi em direção à sala de visitas. Tendo ambos herdado seus títulos e propriedades quando muito jovens, ele e Benji iam e vinham entre as suas casas com frequência, e passavam semanas, às vezes meses, na presença um do outro. Mas, nenhuma parte dele sentia falta disso.

A porta estava aberta e ele pôde ver Lorelei de pé em frente ao fogo, levemente curvada e abraçando a cintura.

Ele chegou ao lado dela em um instante, envolveu os ombros dela com o braço e a guiou até uma cadeira.

—Você está se sentindo mal? — ele perguntou. —Devo chamar um médico?

Ela olhou para ele, claramente confusa. —É a segunda vez que alguém se oferece para mandar chamar um médico.

—Você está bem pálida. — Essas não eram as palavras floreadas que ele planejava dizer quando chegou aqui, e pelo olhar dela, isso não faria com que ela fosse gostar mais dele. —Quer dizer, só estou... preocupado contigo.

Ela riu, e uma risada maligna, quase insana preencheu a sala.

Ela com certeza não estava bem, e ele se culpou. Se tivesse ido a ela mais cedo, ou talvez a forçado a fugir com ele naquele dia que ela foi à sua casa, tudo teria sido diferente. Foi só agora que percebeu que naquele dia, ela tinha ido lhe dizer adeus.

Ela parou de rir, e olhou para ele com seriedade. —Estou tão bem quanto poderia estar, sua senhoria.

—Tentarei acreditar em suas palavras.

Os olhos a traíram, penetrando os dele como se implorando por ajuda enquanto seus lábios permaneciam em silêncio. Andrew poderia se perder naquela imensidão verde, feliz por perecer naquele lugar feliz por toda a eternidade.

Ele massageou os ombros dela, decidindo seu próximo movimento. — Posso ajudá-la com alguma coisa? Talvez pedir um bule de chá? — Ela não queria que ele chamasse um médico, mas talvez uma bebida quente fosse fazer voltar a cor para as suas bochechas.

Ela sacudiu a cabeça.

—Um cobertor para aquecê-la?

—Andrew...

—Sim?

—Eu estou grávida.

—Grávida? O quê? — O sangue congelou em suas veias. —Mas, mas – não é cedo demais para saber? Você deve estar enganada.

—Queria estar, mas não estou. — Faltava emoção nas suas palavras; elas eram tão frias quanto ele se sentia. —O próximo Lorde Chastain está crescendo no meu útero. Se Deus quiser, será um homem.

—Ele sabe? — questionou. —Ele não disse—

Lorelei se afastou dele. —Você o viu recentemente?

—Ainda a pouco, no White's. — Não mentiria para ela.

—Então, sem dúvida, você está a par do que aconteceu esta manhã? — Ele não respondeu. —Você sabe! Então o quê? Pensou que poderia vir aqui e me consolar? Que no meu estado devastado eu iria procurar consolo em seus braços? É isso?

—Não. Eu nunca pensaria em tirar vantagem do seu descontentamento. — E foi então que ele percebeu que esperara exatamente aquilo. Andrew tinha esperado que ela estivesse tão chateada por causa da traição do marido ou com tanta raiva que ela *iria* correr para ele.

—Isso é bom. Porque apesar da minha juventude, não sou mais criança que você, sua senhoria.

Odiava o fato de ela ter voltado para as formalidades – e quis atribuir a Chastain a mudança em Lorelei.

—Enfrentarei a vida que criei para mim mesma.

Havia mais nesta mulher do que ele sabia, muito mais do que ela o permitia ver. Estava certo disso.

—Lorelei, — ele respirou, esperando voltar ao momento em que ela o chamara pelo seu nome de nascimento – e antes de ela dizer que estava carregando o filho do seu melhor amigo. Uma chama de esperança se acendeu quando ela olhou para ele, com os olhos mais suaves. —Podemos ir embora – tenho propriedades em toda a Inglaterra, e uma na Escócia. Ninguém nos encontrará. Criaremos esta criança como se fosse nossa. — Não podia acreditar que tinha dito essas palavras. Não foi apenas Lorelei que mudou, mas ela o tinha mudado – de um jeito que ele nunca sequer pensou ser possível.

—Você está me dizendo para fugir contigo? — ela parou. —De novo?

—Eu não estou dizendo, Lorelei. Estou pedindo – implorando para que venha comigo! — Ela só olhou para ele, com os olhos inexpressivos. — Permita-me tomar conta de vocês, mimá-la do jeito que você merece. Nunca lhe faltará nada... nem meu afeito nem bens materiais. Tudo o que é meu, será seu.

Lorelei ergueu o queixo, lágrimas escorriam pelo seu rosto, e a expressão fria e indiferente tinha desaparecido. —Você acha que eu não sei do que abri mão quando te recusei da última vez?

Ele ficou em silêncio, desejando que ela prosseguisse, sabendo que ela precisava dizer o que tinha a dizer.

—Você acha que eu não passei cada minuto em que estive acordada pensando como seria se tivéssemos ficado juntos? — Ela continuou a fazer perguntas sem parar. —Você acha que não estou ciente do futuro que cunhei para mim, e agora para o meu filho?

—Podemos mudar isso, — ele disse. —Hoje. Agora mesmo.

—Não seja obtuso.

—O quê?

—Não viverei fugindo, escondida, forçando meu filho a viver com um nome falso. Eu quero que ele – ou ela – viva no sol sem segredos e sem sentir medo. — As palavras eram desesperadas, ficando presas em sua garganta enquanto saíam como se ela tivesse mais a dizer, uma razão verdadeira para que não pudesse aceitar a sua oferta.

Ele podia imaginar a dor que ela sentiu ao recusar a sua oferta por causa da agonia que ameaçava parti-la ao meio.

—Você deve ir, antes que alguém o veja.

Ele ficou ali, quando tudo o que queria fazer era oferecer conforto a ela.

—Por favor, vá, — ela implorou. —Mandarei chamá-lo caso precise de ajuda.

Apesar de todas as respostas que ele precisava, concedeu o pedido dela.

Ele olhou uma última vez para ela, gravando a imagem em sua memória, não sabendo quando voltaria a vê-la. Iria se lembrar dos travessos e sedutores olhos cor de esmeralda, o tamanho do seu cabelo quase negro, e a pele – tão bronzeada que alguém pensaria que ela passava o dia todo no sol.

Sem pensar, ele se inclinou e colou os lábios nos dela. Sim, ele queria – precisava – memorizar seus contornos, e senti-los.

O beijo não foi exigente, nem controlador, apenas um leve roçar de lábios. Ele se elevou naquele instante. Ela não ergueu os dedos para correr por seus cabelos, e seus braços não a envolveram com força para puxar o corpo dela para o seu.

Ele estava de pé.

Ela, sentada.

Nenhum se moveu para ficar na altura do outro.

Como se estivessem em dois mundos diferentes – destinados a seguirem caminhos separados pelo resto da vida.



Lorelei ficou congelada em seu assento em frente ao fogo, muito depois de lenha ter se transformado em cinzas e ter parado de fornecer calor. Ninguém tinha entrado. Ninguém tinha lhe oferecido um lenço para secar suas lágrimas. Ninguém tinha lhe trazido comida ou bebida.

Mas estava feliz por isso. A desesperança foi drenada do seu corpo com as lágrimas, limpando todos os seus pensamentos negativos e a visão sombria que tinha de sua vida.

Ela se daria este tempo para lamentar pelo que podia ter sido, para dizer adeus a Andrew, não sabia se o amava, mas com o tempo, estava certa de que o amaria. Talvez ainda mais do que ele parecia lhe amar. Não podia se permitir amar alguém, nem Chastain, nem o marquês ou até mesmo os seus pais, já que eles poderiam sair de sua vida em um piscar de olhos.

Isso doía mais que todos os outros combinados, já que em breve ela daria à luz a uma criança – uma criança que merecia amor e devoção, ainda assim ela sabia a importância de se afastar até mesmo do seu filho. Um dia, alguém iria usar este amor contra ela.

E ela não seria capaz de suportar. Sem sequer conhecer a criança, percebeu que faria qualquer coisa por aquela criatura minúscula, ofereceria todos os segredos do seu país, a verdadeira identidade dos seus pais, e daria a própria vida para garantir que o filho sobrevivesse – e florescesse superando todas as dificuldades que ela tinha lhe imposto.

Lorelei rezou para um Deus que não acreditava pedindo que o filho escapasse dessa vida. Talvez pudesse convencer Chastain a desistir dos planos para salvar a vida do seu filho, pois sabia que ele não faria isso por ela. Então ele poderia desaparecer com o bebê, viver uma vida sossegada em algum lugar deixando ela e seu ardil para trás.

Seria forte o bastante para deixá-los ir embora?

Felizmente, ainda tinha muitos meses para pensar nisso – e havia a possibilidade de ela encontrar o que procurava.

Lembrou-se de uma coisa e se sentou erguida, limpando o resto das lágrimas do rosto, e com isso a sua desesperança.

Poderia usar os planos para ganhar a sua liberdade – e a do seu filho.

Lorelei poderia oferecê-los em troca da sua independência, pela oportunidade de ser mãe e esposa, não mais uma serva do seu país.

Enquanto a ideia se assentava, as possibilidades para o seu futuro começaram a surgir. Ainda estaria amaldiçoada com um homem que não a amava ou respeitava, mas teria um filho e um verdadeiro lar. Talvez um dia ela e Chastain entrassem em algum tipo de trégua, vivendo uma vida tranquila juntos.

Mas antes que isso pudesse acontecer, teria que conseguir controlar os seus enjoos e encontrar aqueles malditos planos.

Entregando-os, ela se livraria de De Pez, não seria mais devota aos pais, e poderia insistir que ela já tinha completado suas obrigações. E então, imploraria para ter a vida de volta – como se ela sempre tivesse sido dela.

Por sua liberdade, ela iria desafiar tudo o que o *comte* tinha confiado a ela. Por uma chance de ter uma vida que muitos tinham sorte de levar, ela desistiria de tudo o que foi criada para manter.

Lorelei iria escolher a si – e ao seu filho.

A promessa de um futuro sem o medo de ser descoberta.

Ela olhou a sala luxuosa, decorada em jade e ouro. No passado, não tinha ficado em uma casa por mais de um ano, em lugares que não se pareciam nada com um lar, preenchidos com uma mobília fornecida pelo seu governo ou que pertenciam aos arrendatários anteriores.

Mas esta – esta sala, toda essa propriedade, poderia ser exatamente o que ela queria que fosse. Talvez tirasse as cortinas velhas e pesadas e as substituiria por outra de uma leve cor pêssego com uns toques em amarelo. As cadeiras e sofás seriam reformados para combinar. E ela tinha visto a mais maravilhosa loja de tapetes na Bond Street onde poderia encomendar um que fosse mais a seu gosto. Os criados estavam sempre perguntando se ela precisava de alguma coisa, se eles podiam ajudá-la de alguma forma. Pediria a ajuda deles para mover a mobília.

E o berçário. Já tinha vasculhado a casa, mas ainda não tinha encontrado um lugar onde seu filho poderia dormir, dar seus primeiros passos e aprender aritmética.

Sorriu, um sorriso genuíno, pela primeira vez em semanas. Agora que tinha deixado Andrew para trás e tinha aceitado seu futuro – levemente diferente daquele com o qual ela sonhava – percebeu que poderia ficar feliz. Ela poderia viver a vida simples e estável que tinha desejado quando mais nova. Embora soubesse que Andrew sempre estaria em seus pensamentos, não podia se permitir esperar mais. Mesmo se o *mais* fosse o que ansiava, o que iria fazê-la feliz pelo resto da vida.

O marido nunca iria amá-la, mas ele tinha lhe dado um filho, alguém que ela poderia amar incondicionalmente, sem amarras ou obrigações. Dali em diante, sua felicidade dependeria apenas dela.

Lorelei estava casada com um duque que tinha uma riqueza inimaginável. Com certeza ela poderia se satisfazer fazendo desta casa o seu lar.

Sim, precisava planejar o futuro do filho. Construir um lar que ele via como um santuário, um refúgio da crueldade do mundo. Seu filho um dia seria o Lorde Chastain, um duque. Parte da elite mais privilegiada de Londres, e Lorelei, como mãe dele, também poderia viver essa vida.

—Milady? — a pergunta sussurrada a afastou dos seus sonhos. Ela olhou e encontrou uma criada corpulenta parada na porta.

—Sim? — Lorelei respondeu.

—Sou nova aqui, e queria perguntar se precisa de alguma coisa.

Nova? O posto de Sally já tinha sido preenchido depois de sua partida inesperada.

—Qual é o seu nome?

—Alexandra Dutton, milady, — ela disse hesitante, olhando para o chão.

—E você nunca tinha trabalhado para o duque? — Lorelei perguntou.

—Não, milady. Fui enviada pela agência. Fiquei muito feliz por conseguir esta posição.

—Estamos muitos felizes por tê-la, Alexa—

—Desculpa interromper, mas sou apenas a velha Sra. Dutton.

—Isso servirá, me esforçarei para lembrar disso. Diga-me, Sra. Dutton, você tem experiência com crianças? — Lorelei precisava de alguém em quem pudesse confiar, além de si mesma, com o cuidado do seu filho caso seu plano não desse certo. —Estou precisando de uma babá. — Lorelei colocou a mão sobre a barriga, o leve volume ainda não podia ser notado.

A criada finalmente olhou para Lorelei, e ela ficou surpresa ao perceber que a mulher não era tão jovem quanto parecia. —Não meus, milady. Meu falecido marido, que Deus tenha a sua alma, morreu antes que tivéssemos tempo de ter um filho, mas minha irmã tem uma horda de pequeninos.

—Acho que servirá, Sra. Dutton, — Lorelei confidenciou em um sussurro. —Nossa primeira tarefa será encontrar o berçário nesta casa enorme.

CAPÍTULO DEZESSEIS

LORELEI ESTAVA ACHANDO difícil esconder a sua condição das pessoas que estavam em volta dela. Suas roupas estavam incrivelmente apertadas, ela era incapaz de manter qualquer coisa que não fosse pão seco e chá no estômago, e seu corpo queria dormir mais e mais a cada dia. Os criados a tratavam como se fosse uma criança, correndo até ela cada vez que saía do quarto – provavelmente graças às notícias da posição da Sra. Dutton como babá terem se espalhado pela criadagem. Chastain mantinha distância, nunca entrava nos seus aposentos, nem pedia a sua presença nos dele. Agora que já tinha vasculhado todo o quarto dele procurando pelo plano, e sabia que não estavam lá, esperava nunca ter que passar por aquela porta novamente.

Esta manhã, ela se sentou na sala de visitas com a mãe, e tentou esconder a barriga com o bordado. Só os céus sabiam por que ela se importava. Chastain não tinha notado – embora não tenha falado com ela sobre isso – e tinha concordado com a sua decisão de ir para o campo por alguns meses. Ela – assim como o pai – tinha procurado em cada centímetro da casa sem sucesso, e ela sabia que outra visita de De Pez sinalizaria o fim da sua missão. Quando ele não conseguia o que queria, drásticas medidas eram tomadas – embora isso nunca dava a De Pez o que ele queria.

A última missão de De Pez tinha ficado conhecida como uma desgraça. Ele tinha sido mandado de volta para o seu país, e tinha passado anos verificando velhos relatórios. Então a morte precoce de Louis XVI causou um rebuliço nos tipos com quem Lorelei e sua família tinham confraternizado. De repente, De Pez – e a família de Lorelei – foram vistos como passivos, e a sua fidelidade para com o seu país foi posta em questão. Eles tinham sido forçados a abandonar a sua casa e começaram a fugir do Diretório. De Pez se ressentia de Lorelei e de sua família por causa da habilidade que eles tinham para sobreviver. Mas quando ele se aproximou do pai de Lorelei com sua ideia de voltar às boas graças do seu país, o *comte* não deixou passar a oportunidade – embora eles soubessem que tudo estava

apoiado sobre a habilidade de um homem de tomar o controle sobre o país. Se Bonaparte falhasse, seus futuros seriam sombrios.

—Lore? — a mãe perguntou.

Ela afastou a visão pavorosa desse cenário e forçou um sorriso. —Sim? Desculpe-me. Estou com muitas coisas na cabeça, mãe.

Camille colocou o chá de lado e se aproximou de Lorelei. —Todos estamos com muitas coisas na cabeça, mas não tema. Seu pai e eu te ensinamos bem. Não esperamos que você vá nos desapontar.

Um peso esmagador se assentou sobre os seus ombros. Seu sucesso, ou sua falha, determinaria o futuro não apenas dela, mas também o dos seus pais. —Obrigada pela confiança.

—Diga-me o que descobriu nas últimas duas semanas.

—Desejava ter algo para contar. — E ela desejava mesmo. Lorelei tinha passado cada momento livre – quando os criados não estavam de olho nela – vasculhando a casa. —Não encontrei os planos em lugar nenhum.

—Você procurou por lugares escondidos atrás das pinturas?

—É claro, e também por um alçapão no estábulo, uma parede falsa nos fundos da despensa, e a governanta pensou que eu estava um pouco louca quando me encontrou vasculhando a roupa suja na lavanderia.

—Você abordou o assunto com Lorde Chastain?

—Céus, não. — Lorelei tinha sorte – ou azar – por ficar perto do homem apenas uns minutos por dia. Enquanto seus enjoos aumentavam, ele parou de pedir que ela se juntasse a ele nas atividades noturnas da *ton*. —Acontece que seguimos a norma dos casamentos da *ton*. Além disso, ele é um duque, e deve ser muito ocupado.

Lorelei não sabia por que tinha justificado a falta de interesse do marido para a mãe. Sua desatenção para com ela era uma vantagem para o seu objetivo, ainda assim fazia pouco sentido. Talvez inicialmente ela parecesse o prêmio da temporada, tanto ele quanto Andrew queriam cortejá-la. E por um golpe de sorte – ele com certeza pensou ter sido por causa do seu charme e seu jeito afável – ela o escolheu em lugar de um marquês muito rico. Depois de tê-la ganhado, casado e ido para a cama, não havia nada mais que prendesse a sua atenção, especialmente desde que Lorelei não era a esposa submissa e agradável que ele esperava. Mesmo que expulsar a criada com quem ele tomara liberdades tivesse parecido a coisa certa a fazer – a coisa mais satisfatória – naquela hora, agora parecia ter sido a pior decisão que já havia tomado.

—Você sabe que precisa consertar isso. — Camille fez um gesto para a sala. —Esta rachadura que a separa de Chastain. Só assim ele irá confiar em você. De que outra forma pretende reunir informações sobre o que procuramos?

—Eu sei, mãe, — ela suspirou. —Mas não sei como fazê-lo confiar em mim, quem dirá passar tempo comigo.

—Você tentou?

—Claro que sim. — Era mentira, mas estava relutante em mostrar suas fraquezas por algo que acontecia ser uma das maiores forças da mãe. Se isso fosse sobre conseguir acesso, procurar e encontrar um objeto, então ela teria sido excelente. Mas isso requeria uma forma de manipulação mais íntima. — Diga-me, mãe, como você consegue fazer com que os outros ajam exatamente como você quer sem que eles saibam que estão sendo manipulados o tempo todo?

Camille sorriu. —Oh, acredito que seja um dom... e um que eu passei para você, é só você procurar lá no fundo.

—Não sei o que você quer dizer. — O poder de persuasão não era algo que ela possuía. —Se eu puder encantar com a minha beleza, é o que farei.

—Oh, não. Você precisa aprender a usar o seu cérebro um pouco mais porque nem sempre você pode se apoiar em seus atributos físicos. Um dia eles podem ser tomados de você.

—Você está falando em enigmas.

—Então deixe-me explicar. — Uma tristeza preencheu a sua mãe. Seus ombros caíram e os olhos desfocaram enquanto ela olhava para Lorelei. — Você se lembra quando eu lhe disse que você nunca deveria confiar em qualquer homem?

—Sim – com exceção do meu pai, é claro.

—Acredito que você tenha adicionado o seu pai, — a mãe disse, —Mas você sempre foi uma criança idealista. Eu lhe ensinei a não confiar em nenhum homem. E você sabe por quê?

Lorelei pensou na conversa que tiveram há muito tempo atrás.

—Você se lembra da história de como seu pai e eu nos conhecemos e nos casamos?

É claro que sim. —Você o conheceu quando estava ferida.

—Você acha que seu pai se apaixonou por mim à primeira vista? — ela perguntou. —Eu tinha sido espancada e destruída, por dentro e por fora.

Dificilmente alguém poderia dizer a cor dos meus olhos por causa do inchaço em meu rosto. Eu não podia andar, e estava presa a uma cadeira.

Era difícil imaginar a mãe naquelas condições. Os olhos de Lorelei se encherem de lágrimas pelas injustiças que a mãe tinha enfrentado sendo tão jovem – mais ou menos da idade que Lorelei tinha agora.

—Não desperdice suas lágrimas comigo, filha, — a mãe acalmou a sua dor. —Meu país estava preparado para me mandar para longe, a lavar as mãos comigo e com o dano pelos quais eles eram responsáveis. Seu pai não queria nada comigo, mas eu o fiz mudar de opinião. Foi assim que eu lhe mostrei a minha utilidade, voltei a andar e me curei – se não por dentro, ao menos por fora.

—Em pouco tempo, seu pai e eu nos casamos, e ele pensou que estivesse no controle. Ele falou com os poderosos e eu recuperei a minha posição – e uma segunda chance.

—Mas você o ama, não? — Ela sempre imaginou isso, e finalmente tinha reunido coragem para perguntar.

—Amor é algo ultrapassado, — a mãe suspirou. —Eu amo o que ele pode fazer por mim. Eu amo o que eu poderia ganhar com ele ao meu lado, e eu amo o senso de lealdade que ele tem para comigo – às vezes até mesmo mais que ao seu país. Eu não iria querer outro parceiro ao meu lado.

Camille tinha chamado o marido de parceiro. Mesmo que Lorelei entendesse que essa fosse a verdade, parecia não se encaixar nem englobar tudo o que o seu casamento de longa data era. Ela e Chastain não tinham chance de sequer se aproximar dessa parceria e equilíbrio que o *comte* e a *comtesse* compartilhavam.

—Então, eu o amo de muitas formas, ainda assim sei que chegará o tempo que teremos que nos separar. Penso que cada pessoa sempre é capaz de amar outra, e ainda assim, reservar um pouco para elas mesmas para poderem seguir em frente quando tudo acabar.

Ela foi preenchida por um vazio, mais vasto que os desertos da África. Ela e Andrew nunca teriam uma chance de se amarem assim.

O pesar nas palavras da mãe fazia pouco sentido. —Eu não entendo. Você e o pai têm um vínculo que parece inquebrável.

—Pode ser por mim e por meu bem-estar que ele desista do que temos. Veja bem, eu não tenho dúvidas de que ele me ame de todo o seu coração, e ele poderia muito bem fazer algo tolo por mim. Mas isso fica para outro dia. — A mãe se mexeu e se inclinou em direção à Lorelei.

Sem pensar, ela colocou o bordado de lado para poder pegar as mãos da mãe – um raro contato físico oferecido por Camille.

—Minha filha— Ela se calou tão abruptamente que Lorelei parou de olhar para as suas mãos atadas e voltou os olhos para o rosto da mãe. Camille olhava de suas mãos para o vestido de Lorelei. —Oh, céus.

Olhou para baixo, preocupada por ter arruinado o momento com um crime social. —Entornei alguma coisa no meu vestido? — Enquanto as palavras deixavam os seus lábios, ela percebeu para onde a mãe estava olhando. Não era para as migalhas dos sanduíches que elas tinham comido ou gotas de chá de limão, mas para a pequena barriga que estava por baixo da faixa de cor pêssego que estava atada acima de sua cintura de acordo com a última moda.

—Oh.

—Devo dizer que isso mudará as coisas, — Camille disse enquanto colocava a mão na barriga de Lorelei. —A criança é de Chastain?

—Sim. — Ela olhou para baixo envergonhada. —Eu ia lhe dizer—

Camille olhou para ela com um novo nível de respeito, assentindo. — Sim, você não é mais apenas uma estrangeira que casou com um duque inglês, agora você é a futura mãe do próximo duque e herdeiro do legado de Chastain – o futuro guardião dos planos. Muito bem, minha filha.

As palavras fincaram uma lâmina no seu coração, sua própria mãe via o seu filho como um meio para um fim. Lorelei amaria o filho, não iria usá-lo.

—Isso só será um bom trabalho se eu conseguir localizar os planos. Por tudo o que sei, o pai de Chastain morreu sem falar deles. — Temia exatamente isso desde a primeira vez que viu Chastain. —E se ele não souber nada sobre os planos – talvez os tenha jogado no lixo, ou queimado para se manter aquecido nos meses de inverno, sem saber o que eles significavam?

—Então isso seria muito ruim – ou poderia ser extremamente favorável... Neste caso, ao menos eles teriam sido destruídos.

—Mas isso nos deixaria sem nada para entregar a De Pez. Temo que nosso tempo esteja acabando, — Lorelei confidenciou.

—O tempo é sempre essencial, minha filha, — A mãe recostou-se, com um sorriso triste no rosto. —Ainda assim, a situação nunca é tão terrível.

—Mãe, o que está errado?

A mãe olhou para a mão que ainda acariciava a barriga de Lorelei. — Lore, como sua mãe, eu deveria estar exultante por saber sobre o meu primeiro neto. Eu deveria, em meu júbilo, estar pulando e te abraçando pelas

boas novas – eu já escrevi cartas imaginárias para os meus amigos compartilhando as notícias. Em vez disso, já estou ponderando para que lado a vida dessa criança irá, muito parecida com a que você leva. Será que ele ou ela será forçada a atender ao chamado do nosso país quando chegar a hora? Viverá com medo de perdê-la?

—Pensei muito sobre isso. — Lorelei sabia que poderia mudar as coisas, escolher um caminho melhor para ela e para o filho. —Acredito que esta criança será a chave para a minha liberdade.

—Como assim?

—Encontrarei os planos e os usarei... como barganha. — Lorelei estava orgulhosa do que tinha planejado, pensando mais uma vez na possibilidade de também garantir a liberdade de seus pais.

—Lore, você precisa entender, nosso governo pegará o que quiser, independente das condições que você queira impor para fazer a transação. Eles não pegarão apenas os planos, eles se certificarão de que você não tenha mais nada e nenhum outro lugar para ir que não for de volta ao lugar ao qual pertence.

Lorelei não pôde deixar de imaginar qual era o lugar ao qual pertencia. — Acho que você superestimou o interesse deles em mim. Sou uma mulher fraca, usada apenas por causa da minha beleza, para conseguir algo que eles desejam.

—Nós duas sabemos que você é muito mais que isso, — a mãe a repreendeu.

—Mas eles não sabem, — Lorelei argumentou. —Seja otimista, mãe. Fui selecionada por causa dos meus poderes de sedução, certo?

—Sim, mas eles não teriam concordado com isso a menos que eles tivessem confiança de que você completaria a tarefa.

Lorelei suspeitava que eles só concordaram porque o *comte* e a *comtesse* estariam por perto para ajudá-la se ela se visse incapaz de lidar com as coisas. Era nos seus pais que De Pez confiava, não nela. Ele não tinha dito exatamente isso?

—As razões deles não importam, mãe, — Lorelei prosseguiu. —A Sra. Dutton e eu iremos para a mansão de Chastain durante o resto da minha gravidez. Isso me dará muito tempo para decidir o que farei – por mim e pelo meu filho.

—Não gosto de ficar tão distante de você, minha filha. — A mãe se preocupava sem necessidade. —E se o seu parto for difícil? Prometa-me que

você manterá a babá por perto.

Lorelei não tinha pensado muito no nascimento da criança, nem no fato de a mansão de Chastain ser primitiva. —Não tema, a Sra. Dutton já fez muitos partos, e a cidade fica a uma curta distância da mansão, caso precisemos de um médico. — Ela não tinha ideia se a Sra. Dutton já tinha visto um parto na vida, mas não admitiria isso para a mãe. —Ficarei bem, você vai ver.

CAPÍTULO DEZESSETE



ANDREW ATACOU E defendeu, socou e se esquivou, correspondendo investida por investida do seu oponente. O homem era anos mais novo que ele, e muitos diriam que estava em seu auge, ainda assim, o corpo de Andrew era movido pela raiva – uma fúria descontrolada, que borbulhava sob a superfície. Seu braço de ataque estava firme na frente dele, a outra mão estava um pouco mais para trás, de acordo com a postura padrão. Focando em sua energia negativa, ele empurrou o oponente em direção ao lado mais afastado da sala e à multidão que tinha se reunido em algum momento para assistir.

Fixou os olhos no homem que estava na sua frente, a mente bloqueando as provocações dos cavalheiros alinhados ao longo da sala. O suor escorria por sua sobrancelha e seguia, ameaçando borrar a sua visão. Andrew não arriscaria perder o segundo necessário para secá-lo – até mesmo um instante de quebra de concentração seria o bastante para o jovem superá-lo e sem dúvida nenhuma colocar um fim à luta se lançando na garganta de Andrew.

Um rosnado ecoou pelas paredes e só ficou mais alto.

Andrew queria gritar pedindo silêncio, exigindo a quietude adequada para a luta.

Foi só então que percebeu que fora ele quem emitiu o som animalesco.

Ele avançou.

Seu oponente deu um golpe perfeito para parar o seu ataque.

Eles estavam equilibrados, provavelmente tinham sido treinados pelo mesmo mestre de esgrima, e Andrew temia que ele estaria sob ataque por algum tempo.

Sua única esperança era que ele dominasse a arte da resistência enquanto o seu oponente favorecesse um ataque rápido e implacável que iria cansá-lo rapidamente.

Já era hora de desafiar a habilidade do homem. Fazendo uma finta, Andrew tentou contra-atacar pelo outro lado. A ação baixou a guarda do homem e ele tropeçou levemente. Andrew aproveitou a oportunidade e

entalhou a bochecha do oponente, abrindo uma linha fina que ia do canto da boca até quase a orelha.

A visão de sangue quase custou a vantagem de Andrew na partida quando o homem o surpreendeu com um golpe circular e a ponta do florete dele fez uma linha fina na parte superior do braço de Andrew. Não podia se dar ao luxo de perder tempo olhando para o ferimento, mas sabia onde ele estava por causa da pontada de dor que sentiu em seu braço.

A seguir, seu oponente tentou uma resposta direta, a qual Andrew rapidamente antecipou e bloqueou com o arco da lâmina, o metal bateu com força, ressoou e deslizou. Ambos aproveitaram a oportunidade para se separarem, assim como as suas armas, para reagrupar e avaliar o outro.

Andrew segurou o florete em uma postura perfeita e agitou a lâmina rapidamente, que passou chicoteando pela parada do seu oponente.

Ele não estava certo de quanto tempo poderia segurar os golpes peritos do homem.

O punho do florete estava escorregando por causa do suor.

Foi emitido um som na multidão, e o homem ergueu a ponta do florete, sinalizando o fim da rodada.

Ele fez uma pequena mesura para Andrew, seguido por um murmúrio, — Excelente assalto, Marquês.

Andrew não poderia fazer nada além de observar enquanto o homem deixava a área de esgrima. Felizmente, outro cavalheiro assumiu o seu lugar imediatamente.

Respirando fundo, ele se preparou para outra rodada. Outra chance de direcionar sua fúria mal contida em direção à outra pessoa. A Sra. Bee ficaria feliz pelo descanso – e da diminuição dos danos aos objetos da casa.

—*En garde*.

Os olhos de Andrew se afastaram do braço do oponente e foram para o rosto ao ouvir a voz familiar. De todos os homens que poderiam se intrometer nesta partida, Chastain era o tolo infeliz que iria receber a violência da raiva de Andrew – excelente, já que era ele a raiz da sua ira.

Andrew repetiu as palavras de Chastain e assumiu uma posição defensiva, mas não estava há muito tempo na posição quando executou um passo rápido e deu uma estocada – um *patinando* rápido. Andrew sabia, por todos os anos que passou treinando com Chastain, que o homem não tinha habilidade para defender. Com certeza, Chastain fez um *passe*, errou o alvo e permitiu que Andrew fizesse um *raddoppio*.

—Sempre o oponente superior com o florete, — Chastain falou arrastado enquanto ficava de pé. —Que péssimo que essas habilidades não se estendam às mulheres.

Andrew sabia que o amigo só queria jogar uma isca, incitando algum tipo de arroubo que levaria Andrew à queda e, finalmente, à derrota.

—O que você está fazendo aqui, Chastain? — Andrew defendeu enquanto Chastain se movia facilmente para evitar o ataque.

—Tão formal, Andrew. — O oponente enfatizou o seu nome. —Estou aqui, como sempre estou todas as semanas nesta mesma hora.

Era difícil admitir que Andrew sequer sabia que dia era. É claro, Benji manteria seu horário de longa data no Gentlemen Jackson's – e era provável que o amigo ignorasse completamente o seu péssimo humor. Melhor assim, pois ele estaria despreparado para a surra que levaria.

—Diga-me, Andrew, o que planejamos para esta noite? — Chastain disse. Ele deu uma investida sem entusiasmo e retrocedeu, mantendo a ponta do florete apontada para Andrew. —Eu me encontro com muito tempo livre ultimamente.

O homem realmente não tinha noção dos dias – não, meses – de agonia que tinha causado. O total de horas que Andrew tinha passado bebendo e festejando provavelmente somaria semanas de tempo desperdiçado. Tempo que ele nunca teria de volta.

—Eu não pensei muito sobre o que vai acontecer depois desta partida, *meu amigo*.

Andrew não pôde dizer se Chastain notou a animosidade das palavras. — Viver o momento – eu sempre gostei disso em você.

Essa era a única forma que Andrew encontrou para poder passar por esses dias intermináveis. Minutos e horas que passara pensando em Lorelei, sonhando com o dia em que estariam juntos, as muitas formas que a faria feliz – pensava nisso sem parar. Ela tinha escolhido Chastain como a companhia mais digna.

Andrew deu um passo ao lado quando Chastain atacou, seu florete fazendo um fraco movimento circular.

Quantas horas ele e Chastain tinham passado nesta mesma sala? Nenhum querendo ser melhor que o outro, apenas usando a esgrima como exercício já que ambos detestavam o hábito de fazer caminhadas enérgicas no parque, e também não seriam pegos remando pelo Rio Tâmisa em uma desesperada

tentativa de manter o físico magro. E nenhum dos dois estava desesperado o bastante para recorrer aos socos.

—Bem?

—Bem o quê? — Andrew perguntou.

—Diga que você tem algo bastante escandaloso em mente para fazer esta noite. — Chastain fez uma finta e foi em direção à parede da sala, em uma tentativa de atrair Andrew em sua direção. —Vamos lá, eu preciso de uma distração... Um pouco de diversão, se for da sua vontade.

—E quanto a Lady Chastain?

—O que tem ela?

—Ela nos acompanhará? — Queria perguntar tantas coisas a ela. Ela estava bem? Tinha se instalado confortavelmente na casa de Chastain? Ela saía? Havia algo que ela precisava – ou queria?

—Deus, não. Isso seria o contrário de diversão. — Chastain pulou de um pé para o outro.

O homem parecia um idiota, e, na verdade, até mesmo o público tinha dispersado, alguns homens ainda assistiam, rindo dele.

—Preste atenção, ou a ponta do meu florete estará na sua garganta antes que você perceba. — Andrew fez uma defesa e investiu com a lâmina, tentando cumprir a sua promessa, mas Chastain a bloqueou com facilidade. —Lady Chastain está de acordo com suas escapadas noturnas sem ela? Tinha entendido que ela estava muito preocupada com as suas atividades.

Chastain fez um pequeno círculo, o florete dele conectando com o de Andrew.

—Em breve ela não será preocupação minha.

Andrew cometeu o erro de deixar a ponta do florete inclinar para baixo. Com uma rapidez e habilidade que Andrew não achava que Chastain possuía, a lâmina do amigo fez um corte em seu peito. Sem olhar para baixo, ele soube que a ponta afiada tinha cortado a camada exterior do seu casaco. Com o florete novamente a postos, ele não deixaria Chastain ter vantagem novamente.

—Não vai ser preocupação sua... Como assim? — ele perguntou. Vocês estão casados.

—Sim, — Andrew atacou, sua resistência diminuindo. —Mas ela irá para a minha propriedade no campo e ficará lá até o nosso filho nascer – e seu eu for um homem esperto, irei convencê-la a ficar lá pelo resto da vida.

—Meus parabéns, homem, — Andrew disse com tanta alegria quanto pôde reunir. —Você deveria ficar orgulhoso... e tão pouco depois do casamento.

Andrew deve ter soado convincente, pois Chastain ficou um pouco mais erguido.

—É uma ocasião abençoada, de fato.

Ele ficava perplexo por Chastain não querer nada com a esposa, enquanto Andrew ansiava para ter apenas um vislumbre dela, a chance de correr os dedos pela pele sedosa, talvez compartilhar um ou dois segredos sussurrados.

—E você acha mesmo que ela irá de bom grado para o campo?

—Céus, não. — Chastain investiu contra ele mais uma vez, e Andrew respondeu com uma estocada, tirando o equilíbrio de Chastain. Tropeçando, o amigo ergueu o florete para não enfiar a ponta da lâmina no chão enquanto recuperava o equilíbrio. —Ótima partida, camarada.

Chastain abaixou o florete e se virou para Andrew, com um sorriso agradável no rosto, só para encontrar a ponta afiada da lâmina de Andrew apontada para a sua garganta.

—Vamos lá, Drake. — Chastain deve ter notado a seriedade nos olhos de Andrew. —Vamos nos trocar e ir para o White's e celebrar a minha futura liberdade.

—Não foi há apenas alguns meses que você celebrou as suas núpcias?

Chastain pensou por um momento. —Acredito que sim, embora pareça ter sido há uma vida inteira. Eu realmente queria que alguém tivesse me avisado para não me prender a uma mulher. E então eu tive que fazer tudo pior ao deixar minha semente dentro dela. Agora estou livre de seu humor ranzinza, mas me vejo ouvindo seu corpo em desacordo com a gravidez cada vez que estou em casa. É uma coisa muito triste quando a casa de um homem não é mais a sua fortaleza e seu santuário.

Andrew se sentiu pressionado a não deixar o homem continuar falando. Embora Benji falasse mal de Lorelei, ao menos estava ouvindo sobre ela. — Por que não mandar a mãe para ficar com ela?

—Oh, a mãe dela vem visitar às vezes, mas é muito ocupada com os deveres políticos do *comte*. Você vai baixar essa maldita coisa?

Andrew não tinha percebido que ainda estava com o florete erguido, nem que eles tinham atraído um público ainda maior. —Minhas desculpas. — Ele baixou o braço, e por conseguinte, o florete. —Eu poderia desfrutar de uma noite fora. Quando ela vai?

—Ela estava fazendo as malas quando saí, ou fazendo o possível levando em consideração o quanto estava enjoada. É bastante irritante. — Chastain se virou em direção à sala de descanso dos homens e sinalizou para que Andrew o seguisse. —Ela até mesmo chegou a me expulsar do meu próprio quarto. Você pode acreditar na coragem dessa mulher?

—Não. — Andrew infundiu um pouco de choque em suas palavras.

—Sim. Disse que o movimento a deixava enjoada, como se ela estivesse cruzando o Canal em um barco. Da última vez ela quase vomitou em mim.

Exatamente o que ele merecia.

—Ela expulsou a minha amante da minha própria casa, e então tem o atrevimento de se recusar a cumprir seus deveres de esposa. — Chastain tirou a camisa, vestiu uma limpa, atou o seu *plastron* e enfiou a bainha para dentro dos calções. —Só lhe digo uma coisa, não permitirei isso. Ela tem que ir... e eu não me importo para onde.

Andrew iria gostar muito de ter a chance de chamar Lorelei de esposa, a Marquesa de Drake, ainda assim Chastain parecia não notar a própria sorte. —Sua propriedade fica há dias de distância, e é uma viagem muito cansativa. Por que elas não foram logo pela manhã?

—Lorelei está enjoada demais para viajar até depois do almoço. — Chastain parou enquanto se sentava e calçava as Hessians. —Ela e a babá, a Sra. Dutton, planejam partir a qualquer momento – e então não precisarei mais olhar por sobre o ombro, temendo que ela estará lá observando cada movimento meu.

Andrew ficou alarmado. Era óbvio que ela não deveria estar viajando, quem dirá sozinha e sem a assistência do marido. —As estradas são seguras para duas mulheres viajarem sozinhas? Especialmente uma no estado delicado de Lorelei?

—Seguras? Tenho pena do salteador que se atrever a parar a carruagem da minha esposa, porque com certeza ela iria cortá-lo em pedacinhos usando a língua como arma. Além disso, minha sorte não é tão boa assim... Ter a minha esposa indisponível permanentemente.

Andrew ficou chocado. —Você não pode estar querendo dizer isso.

—É claro que não, Andrew. — Chastain riu. —Primeiro, preciso do meu herdeiro.

Em minutos, depois de prometer encontrar Chastain no White’s dali a uma hora, Andrew saltou em sua carruagem e disse para o motorista ir para a casa de Chastain a toda velocidade. Era como se a sua vida estivesse se

repetindo constantemente – mais uma vez ela fugia dele; e mais uma vez, ele corria para ela.

Sua pose relaxada desmentia a rigidez e a tensão do seu corpo. O pensamento em chegar à porta dela sozinho parecia temerário. Lorelei poderia muito bem mandá-lo embora.

Enquanto a ideia se afundava, Andrew bateu no teto da carruagem e se inclinou pela janela para gritar com o cocheiro.

—Sim, sua senhoria? — o condutor gritou por sobre o ombro enquanto conduzia pelo trânsito da tarde em volta do Hyde Park indo em direção à casa de Chastain.

—O boticário ainda está localizado fora da Bond Street? — Andrew esfregou o ombro onde a ponta do florete tinha rasgado a sua pele.

—Acredito que sim, sua senhoria. Precisa que eu pegue alguma coisa lá?

A resposta do condutor lhe agradou, e uma sensação de certeza se assentou.

Negócios mudavam de lugar, fechavam ou iam para outras cidades sem aviso ou alarde, e Andrew não podia perder tempo andando a toa por Londres, se estava decidido a impedir que Lorelei deixasse a cidade.

—Não, — Andrew disse por cima do som dos cascos dos cavalos. —Eu mesmo posso ir lá.

Havia apenas um punhado de assuntos que alguém estava confortável para discutir com seus criados – e a condição delicada de uma mulher, especialmente uma mulher que não era dele, não era uma delas.

Não tinha a mais mínima noção do que ia fazer ou dizer para que Lorelei mudasse de ideia, mas precisa tentar. Além disso, chegar de mãos vazias não era uma opção.

Enquanto a carruagem parava na frente da loja, Andrew percebeu que não teria que discutir com o seu cocheiro o que afligia Lorelei, mas teria que explicar a situação para o funcionário da loja. Felizmente, a mulher era bondosa e compreensiva, fazendo apenas perguntas pertinentes sem ser intrometida.

Em questão minutos, Andrew estava mais uma vez dentro da carruagem, com um saquinho de folhas de menta no bolso do casaco, enquanto seu condutor manobrava com habilidade dentre as outras carruagens. Andrew afastou a cortina da janela e olhou para cima verificando o progresso do sol no céu. Tinha atingido o ápice e começado a descer há pouco tempo.

Apertou o saco de papel em seu bolso.

Era um pequena demonstração dos seus sentimentos, ainda assim era muito mais que qualquer coisa que Chastain já fez.

Com certeza ela entenderia, veria, o quanto se importava com ela – que ele era mais que capaz de provê-la, especialmente em sua condição delicada. Se fosse o seu filho que ela carregasse, nunca teria saído do lado dela. Passaria cada hora do dia focado em seu conforto.

E isso não iria parar depois que a criança nascesse.

Não. Andrew jurou que cuidar dela seria a missão de sua vida, fazê-la sentir-se amada, cuidada. Ela não teria qualquer necessidade se fizesse as coisas do seu jeito.

Mas um simples saco de menta?

Teria que servir por enquanto, já que o tempo não estava a seu favor.

Puxando a cortina mais uma vez, Andrew viu que eles passaram do distrito comercial e seguiam em direção à área residencial de Londres, faltava poucas quadras para chegar à casa de Chastain.

Finalmente, a casa entrou em seu campo de visão, assim que uma carruagem começava a se afastar.

—Pare aquela carruagem!

—Sim, sua senhoria. — Entrando em ação, seu condutor brandiu o chicote, e a carruagem foi para frente, jogando Andrew de volta no assento. A cortina voltou para o lugar, obscurecendo a visão da carruagem em fuga. —Alto! — o condutor gritou.

Quando sua carruagem diminuiu a velocidade, Andrew saltou e correu até o outro veículo. Lorelei estava preparada para uma longa estada no campo dada a quantidade de bagagem presa no teto do veículo.

—Lady Chastain, — Andrew chamou quando estava a uma distância em que podia ser ouvido. —É o Marquês de Drake. — Antes que o cocheiro de Chastain pudesse desmontar, Andrew chegou à porta da carruagem, mas ela se abriu antes que ele pudesse puxá-la, revelando uma criada.

—Desculpa, por que você parou a carruagem? — a mulher perguntou. — Milady vai tá muito na frente se eu não for logo.

Andrew desviou os olhos da mulher e olhou dentro do veículo escuro, esperando que seus medos não fossem confirmados, mas assim que viu a criada, soube que não encontraria Lorelei lá dentro.

—Onde está Lady Lore – Chastain? — Ele olhou para a mulher. Nunca a tinha visto na residência de Chastain. —Ela ainda está em casa?

Quando a mulher continuou olhando para ele, sem dar nenhuma resposta, Andrew percebeu que além de ela ser uma completa estranha para ele, ele também era para ela. E ele demitiria qualquer criado que falasse sobre o seu paradeiro com um estranho. A criada ficou de boca fechada.

—Minhas desculpas, — Andrew disse. —Eu sou o Marquês de Drake, um amigo de Lorde e Lady Chastain. Esperava ter um momento com sua senhoria antes que ela fosse para o campo.

—Ah. — A mulher finalmente começou a entender. —Você perdeu ela por muito pouco. Ela tava se sentindo melhor e foi pouco antes do almoço.

Os ombros de Andrew se abaixaram ao ouvir as notícias.

—Eu vou encontrar ela daqui umas horas para passar a noite. — A mulher deve ter sentido compaixão por ele. —Eu sou a Sra. Dutton. A futura babá do pequeno lorde. Posso passar o seu recado pra ela.

A mulher era uma alma bondosa, se Andrew alguma vez já conheceu uma. Se Lorelei tinha escolhido a Sra. Dutton para cuidar do filho, então ela também era digna da sua confiança. Se ele tivesse papel e caneta, ele teria escrito um bilhete. Em vez disso, tirou o saco de papel do bolso e o entregou para a babá.

—Você poderia entregar a ela? — Quando a Sra. Dutton olhou para o saco, ele prosseguiu. —São folhas de menta. Podem ser infundidas no chá. Disseram-me que alivia o enjoo.

Ele se sentia como um menino que tinha ido visitar a menina que tinha chamado a sua atenção, mas tinham lhe dito que ela não estava em casa. Espremeu seu cérebro buscando qualquer coisa que pudesse dizer para justificar sua preocupação com ela. Sabia que os cavalheiros normalmente ignoravam a gravidez, como se ela não existisse.

Um sorrisinho iluminou o rosto da mulher. A conversa tinha se tornado desconfortavelmente íntima. —Por favor, dê as folhas a ela. Disseram-me que o enjoo é indicação de um jovem saudável e forte. Você dirá a ela que eu falei isso? E mande me avisar caso Lady Chastain precise de qualquer coisa.

Franzindo o cenho, a Sra. Dutton assentiu e voltou para a carruagem.

Andrew observou enquanto o veículo seguia seu caminho e virava a esquina.

Lorelei tinha ido.

Se Chastain conseguisse o que queria, a esposa ficaria no campo pelo tempo previsto – e fora do alcance de Andrew.

A dor no seu peito ameaçou colocá-lo de joelhos.

Ele esfregou o local, vagamente reconhecendo ser onde o seu coração batia abaixo de sua caixa torácica. Ele aprenderia muito com aquelas costelas, e manteria o órgão trancado a chave. Pois quando o seu coração buscava alguma coisa, só encontrava esse tipo de dor.

CAPÍTULO DEZOITO



—EU DISSE PARA mandar outra mulher! — As palavras atravessaram a sala, ricochetearam nas paredes e ecoaram na cabeça de Andrew.

Madame Sasha ficou parada na porta, com as mãos nos quadris, os cachos louros balançando enquanto ela sacudia a cabeça, negando o seu pedido.

—Você não pode me recusar, — Andrew disse da cama. Uma brisa entrou no quarto vinda do corredor e fez seu corpo nu se arrepiar. Puxando um cobertor fino para tapar sua masculinidade – seria de pouco uso se quando a próxima garota chegasse estivesse congelado ao ponto de tremer – ele tentou novamente, —Sasha, eu odiaria pensar na grande quantia de dinheiro que tenho mandado para os seus cofres como auxílio à Craven House.

—Deixe estar— ela começou antes que Andrew pudesse interrompê-la.

—Você me mandará outra mulher! — sua voz ribombou uma vez mais. —Não me faça chamar uma eu mesmo.

—Você está bêbado, meu lorde.

—Isso não é nada novo para você.

—Eu sei, mas... — as palavras esvaneceram.

—Mas... — Andrew incitou.

—Em todas as suas muitas noites aqui, você nunca tinha sido cruel com as minhas meninas.

—Eu não coloquei uma mão nas suas meninas. — Andrew pode ter estado bebendo tão rápido quanto era capaz de servir, mas sabia – até o seu âmago – que não tinha machucado nenhuma mulher. Nunca em sua vida iria desonrar a memória de sua mãe batendo em uma mulher.

—A espada não é a única coisa que fere uma mulher. Palavras podem ferir mais profundamente que o látego.

Suas palavras não eram tão claras quanto suas ações, e em seu estado nebuloso, era bem possível ter dito algo que não era para ofender. Lembrava vagamente de uma menina que a aparência tinha lhe desgostado bastante.

—Apenas mande outra menina.

—Eu não farei isso. — Madame Sasha bateu o pé, surpreendente, mesmo que a perda da receita fosse prejudicar seus negócios. —Por favor, vá, ou eu mandarei jogá-lo na rua.

Andrew riu. —Não planejo partir.

A mulher bufou e saiu do quarto, fechando a porta com uma batida.

Ele aproveitou a oportunidade para verificar o quarto, procurando pela garrafa de bebida.

Ah! Ali estava, na mesa perto da porta.

Envolvendo o cobertor em volta de si, Andrew saiu da cama e atravessou o quarto gelado. Quando Sasha voltasse com outra menina, ele iria falar para ela avivar o fogo, a coisa tinha virado nada além carvão incandescente nas últimas horas.

Levou a garrafa aos lábios com facilidade, não se incomodou em pegar um copo, e bebeu direto do gargalo. Depois que cuidassem do fogo, mandaria trazer outra garrafa. Normalmente, a Craven House se orgulhava por servir os cavalheiros da elite, certificando-se de que todas as suas necessidades fossem atendidas.

Andrew se sentia muito desatendido naquele momento.

Voltando para a cama, ele decidiu deitar mais uma vez e esperar a volta de Sasha.

Em instantes, suas pálpebras ficaram pesadas.

Imaginou por que estava demorando tanto.

Deveria tentar cortar a bebida. Seria altamente embaraçoso se ganhasse a reputação de não conseguir uma boa performance por trás de portas fechadas. Esse tipo de fofoca se espalhava mais que areia em uma ampulheta.

Talvez uma soneca fizesse bem, limparia o seu sistema – e faria voltar a sua luxúria.

Andrew permitiu que seus olhos fechassem e respirou fundo – dentro e fora.

Fazia muito tempo que ele se deixou relaxar o suficiente para dormir. Mas quando conseguiu, os sonhos começaram – sonhos do que poderia ter sido: felicidade eterna, luz e cheio de um amor que nunca tinha conhecido.

Entregou-se ao sono. Não muito depois, encontrou-se girando na pista de dança em um baile lotado, Lorelei estava em seus braços. Ele afrouxou o nela só um pouco, e ela deu um pequeno passo para trás, permitindo que ele a visse por completo. O corpo dela estava envolto em uma cor que ele nunca tinha visto antes... não era bem carmesim, mas também não era rosa. A seda

se agarrava ao corpo dela e cascateava por sobre os quadris, girando em torno dos pés enquanto eles se moviam pela pista de dança. Ele não podia ver os pés dela, mas sabia que usava as sapatilhas do mais puro couro, a cor combinava com as pérolas que pendiam das suas orelhas e enfeitavam o seu pescoço.

O som da valsa continuou hipnotizando Andrew enquanto eles deslizavam pela multidão. Se fosse capaz de olhar em volta, provavelmente veria cada rosto no salão acompanhando o seu progresso. Felizmente, era incapaz de afastar o olhar do dela. Aqueles olhos verdes olhavam para ele com a mesma intensidade que sabia que havia nos seus.

Como poderiam negar a conexão que existia entre eles? Como podia sequer ter concordado em passar um momento sem ela?

De repente, Lorelei foi afastada dos seus braços. As mãos dela foram para o seu peito, e ela empurrou, libertando-se.

Graciosamente, ela se afastou dele, ainda balançando ao som da música como se ainda estivesse presa aos braços do seu parceiro de dança.

Não podia fazer nada para que ela voltasse.

Ele tentou.

Gritou, mas ela parecia não ouvir seu chamado por sobre a música.

Ele se embrenhou na multidão, mas cada vez mais casais entravam em seu caminho.

Até que não conseguiu mais vê-la.

Foi então que sentiu a pressão em seu ombro. Como se alguém o estivesse segurando o tempo todo, o homem se veria sem o seu membro muito em breve.

Andrew se virou para confrontar quem quer que fosse que estivesse batendo em seu ombro.

Não havia ninguém, mas o cutucão continuava.

Ele sacudiu a cabeça, tentando fazer com que a situação fizesse sentido.

Lorelei nunca sairia do seu lado.

Os olhos de Andrew se abriram.

Todo o seu corpo doía, não apenas no lugar onde o seu coração tinha estado.

O som das carruagens e das carroças ressoavam em sua cabeça, e a luz da manhã queimava os seus olhos.

E o cheiro horrível. Era o seu próprio corpo sujo?

Não. Entreabriu as pálpebras mais uma vez, apenas o bastante para olhar o local ao seu redor sem absorver completamente a claridade.

Erguendo a mão para bloquear o sol, ele observou os arredores. Não reconheceu nada – não os paralelepípedos debaixo do seu corpo ou as paredes. O lixo estava alinhando junto ao prédio de tijolos, aumentado o fedor que estava ao seu redor.

Examinou a cabeça com os dedos, tentar sentir através do cabelo embaraçado se havia algum ferimento em seu crânio. Quando não encontrou nenhum galo ou sangue, Andrew se sentou.

Foi tomado pela náusea antes de conseguir se apoiar sobre os cotovelos.

O que infernos tinha acontecido com ele?

A última coisa que lembrava era que estava se divertindo na Craven House, provando a última leva de meninas de Madame Sasha. Então... sua mente não conseguia fixar no que tinha acontecido.

E de repente – quanto tempo tinha ficado na Craven House? – lembrou-se de tudo. Lorelei o tinha deixado. Afogou as mágoas na bebidas e nas mulheres de moral questionável. Andrew tinha brigado com Madame Sasha... e agora estava jogado na rua suja assim como o lixo que sentia que era, não apenas sofrendo por causa dos excessos, mas também por causa do orgulho ferido.

Precisava se recompor.

Ser expulso de uma casa de má reputação enquanto estava bêbado era baixo até mesmo para ele.

Ponderou suas circunstâncias enquanto limpava a sujeira da roupa amarrotada. Definhava por um mulher que obviamente não lhe queria... ou que não sabia que seria muito mais feliz com ele. Não entendia por que, já que cuidaria dela, daria tudo o que ela quisesse – e mais ainda.

Andrew ficou de pé, acalmando seu estômago revoltando e tentando estabilizar a cabeça que girava, passou as mãos pelo casaco para remover qualquer detrito que poderia estar agarrado lá. Encontrou um pedaço de papel enfiado em seu bolso.

O papel, gravado em alto relevo, tinha apenas o seu nome escrito do lado de fora. A areia usada para secar a tinta ainda estava presa na superfície. Com as mãos trêmulas por causa da falta da bebida, ele desdobrou o bilhete.

Com uma letra tão firme quanto o papel, Andrew leu as palavras de Madame Sasha:

Andrew,

Embora eu tenha gostado muito do seu apoio à Craven House, acredito que seja hora de nos separarmos. No futuro, se achar que precisa de outro estabelecimento como a Craven House, lembre-se das suas maneiras e da sua boa criação. Como muitos homens da sua posição que se gabam da sua linhagem e classe, é conveniente que ajam com certo decoro em todos os momentos.

A carta estava assinada apenas com um 'S.'

Despretensiosa e elegantemente escrita, assim como esperava de uma mulher da classe de Sasha.

O delicado papel perfumado foi fácil de rasgar. Como ela se atrevia a tratar um marquês daquela forma? Ele era um homem que deveria ser respeitado, não jogado na rua como se fosse lixo.

Seus pés atingiram o chão com força enquanto ele saía do beco, esperando que ninguém notasse sua súbita aparição na calçada. Foi sorte os capangas de Sasha terem lhe atirado a apenas poucas quadras de casa. Ela com certeza queria lhe dar uma lição, mas infelizmente o velho ditado era verdadeiro: você não pode ensinar novos truques a um cachorro velho.

E naquele momento, Andrew se sentia velho, muito velho – e usado.

E mais, era ele quem ensinava lições, não a arrogante dona de um bordel.

Assim que chegou em casa, desviou-se do caminho de sempre e foi para o seu escritório – e em direção ao seu armário de bebidas muito bem estocado – e instruiu o seu mordomo, Alfred, a enviar água para que ele pudesse tomar um banho. Era hora de decidir o que faria. Talvez um novo passatempo ou algo do tipo.

O que um homem da sua *posição* e *classe* fazia durante o dia quando ele estava determinado a negligenciar seus deveres? Com certeza eles não se sentavam esperando uma bebida – ou, que os céus não permitam, uma mulher que não os queria. Era por causa de uma existência sem propósito que ele trabalhava tanto para administrar suas propriedades, comunicando-se com seus administradores, e assegurando o lugar do seu pai no Parlamento. Mas agora, tudo parecia ser demais, seu coração não estava nisso.

Enquanto deitava em sua banheira, cheia de água quente, percebeu que todos os homens grandiosos tinham uma coisa em comum. Eles não esperavam que as coisas viessem a eles – oh não, eles se erguiam e iam atrás do que queriam. Homens como Alexandre, o Grande, não permitiam que as circunstâncias ou que outras pessoas o afastassem do seu objetivo.

Mas ele tentou visitar Lorelei... mandar flores... e então, aquelas malditas folhas de hortelã. E ainda assim, não ouviu uma única palavra dela. Alguém poderia fazer outra pessoa se apaixonar? Talvez o seu amor por ela não precisasse ser correspondido – simplesmente tê-la ao seu lado seria o bastante.

Sim, talvez esse fosse o jogo que o atraía para Lorelei e desencadeara a sua raiva contra Chastain.

Não eram os meios que importavam, mas os fins.

Uma batida na porta o afastou de seus pensamentos.

—Entre, — ele falou.

A porta se abriu revelando a Sra. Bee, com os braços carregados com camisas limpas.

—Céus! Estou tomando banho.

—Nada que eu não tenha visto desde que nasceu. — A Sra. Bee continuou com suas tarefas, saindo do quarto principal e indo em direção ao quarto de vestir. —Tenho certeza que vê-lo não irá me deixar cega.

A mulher tomava mais liberdade do que qualquer outro homem permitira. —Isso não é tarefa do meu camareiro? — ele perguntou enquanto ela prosseguia com o trabalho. Pelo que parecia, ela estava pendurando suas camisas e arrumando suas botas.

—Acredito que sim, — ela finalmente disse. —Mas eu precisava vê-lo com meus próprios olhos. Você sumiu por vários dias – e eu estava preocupada.

—Você sabe que não deveria se preocupar com o meu paradeiro.

—Oh, você sabe que eu sei, mas ainda assim, — ela riu, —quando avisaram que você voltaria hoje, fiquei um pouco curiosa.

—Quem mandou avisar? — ele perguntou, já sabendo a resposta.

—O bilhete não estava assinado, mas a caligrafia parecia feminina. — Ela voltou para o quarto e avivou o fogo. —Então presumi que outra amante o expulsou.

—Você sabe que eu não tenho uma amante.

—Eu sei.

—Uma mulher não é o bastante para mim, — ele disse baixinho, esperando que as orelhas da Sra. Bee estivessem focadas em outra coisa. — Você se importa em me dar um pouco de privacidade? Já acabei com o banho, e a água está ficando um pouco fria.

—Privacidade? — ela perguntou. —Você acordou em uma calçada suja e cheia de lixo, completamente bêbado...

—Como você sabe?

—Não sou ignorante, Andrew, — ela disse. —Mandei um lacaio seguir o homem que deixou o bilhete. Eles passaram por onde o tinham deixado.

—Como ele era? — Ele poderia não ser capaz de descontar sua raiva em Sasha, mas o homem que o deixou jogado no beco – seria uma presa fácil para os ladrões e os assassinos – ele tinha que pagar. —Alto? Cabelo escuro? Ombros largos?

A Sra. Bee se endireitou onde estava curvada para avivar o fogo e se virou para olhar para ele. —Oh, esse parece ser um homem muito bonito.

Andrew moveu as mãos para esconder a sua masculinidade por debaixo da água – a água que agora estava tão fria quanto ele dizia que estava. —Não estou brincando!

—E nem eu, sua senhoria. — A Sra. Bee saiu do quarto batendo a porta, sem dizer uma palavra. O som alto e a força do gesto fez as janelas tremerem.

Era melhor não irritar a governanta, ainda assim não pôde deixar de gritar, —Por que os meus criados não me pegaram?

Com esforço, ele tirou o seu corpo dolorido e cansado da água, pronto para algumas horas de descanso.

CAPÍTULO DEZENOVE



LORELEI EMBALAVA O belo bebê, envolvido em um espesso cobertor de lã para protegê-lo do frio da noite. Seus medos com o parto, e os cuidados com um recém-nascido, tinham sido infundados enquanto os dias passavam desde que o pequeno Peter nasceu. Com a ajuda da Sra. Dutton e da parteira local, seu bebê havia entrado nesse mundo caótico em um clima de absoluta alegria.

Enquanto ela andava de um lado para o outro no berçário, ele fazia barulhinhos em uma tentativa de lutar contra o sono. E isso fazia bem para Lorelei. Esses escassos momentos de paz verdadeira eram difíceis e ela temia que eles estivessem chegando ao fim. Era hora de a sua responsabilidade para com o seu país voltar a ser prioridade em sua vida. Ela aproveitou a semana de recuperação depois do nascimento de Peter quando a Sra. Dutton tinha insistido, de forma inflexível, que ela ficasse na cama e deixasse que ela e os outros criados cuidassem das coisas. O pensamento de dias e noites isolada em seu quarto apenas tendo o pequeno Peter como companhia teriam sido inconcebíveis há apenas alguns meses, mas o tempo tinha passado em uma velocidade com a qual ela não estava acostumada.

Enquanto repousava, amamentava, cuidava e passava tempo com Peter, Lorelei tinha esperado a chegada do marido – com temor, na verdade. Tinham mandado avisar Lorde Chastain logo que ela entrou em trabalho de parto e a parteira foi chamada.

Ainda assim, ele não tinha vindo.

Lorelei estava feliz por adiar o reencontro por mais tempo.

Logo chegaria o dia em que ela e Peter teriam que ir para Londres para o batizado na igreja de St. George, quando Lorde Chastain fosse apresentar seu herdeiro à sociedade.

Por agora, estava contente por ter o seu querido menino só para si. Lorelei não pensou no futuro, não queria se debruçar sobre o que aconteceria depois que ela completasse sua tarefa. As perguntas giravam em sua mente desde que tinha percebido que estava grávida. Iriam permitir que ela ficasse na

Inglaterra? Teria a sorte de poder criar o seu filho? Chegaria o dia em que ela teria que desistir – ou pior – entregar o filho?

Não, não permitiria isso.

Não podia permitir isso.

Preferiria entregar o filho a outra pessoa – ou morrer – a permitir que ele se machucasse.

O fato de Chastain ser capaz de ser um bom pai também a incomodava.

O homem não se incomodou nem em vir conhecer o seu filho e herdeiro.

Mas ela encontrou consolo e segurança na presença da Sra. Dutton, sabendo que a mulher se importava tanto com Peter quanto ela. Se algo acontecesse a Lorelei, a Sra. Dutton cuidaria do seu filho.

Finalmente, Peter parou com a agitação e relaxou em seus braços... O sono não demoraria a chegar.

Lorelei sentou na cadeira de balanço que a Sra. Dutton tinha achado no sótão da velha mansão. A adorável mulher tinha limpado e polido a peça, preparando-a para a chegada de Peter. Agora ela ficava na frente da lareira, e era perfeita para esses momentos de quietude.

Balançou devagar enquanto Peter olhava para ela. Seu amor por ele crescia a cada dia, se não fosse a cada hora. Imaginou como seus pais tinham se permitido criá-la em meio à vida perigosa que levavam. Lorelei não podia pensar em nada além de manter o filho a salvo e protegido, mesmo que isso significasse afastar o *comte* e a *comtesse* de suas vidas.

Peter abandonou a sua última resistência e caiu no sono, agarrando o saco de papel que tinha estado a mão desde que Lorelei tinha chegado ao campo.

Escrito do lado de fora estava a frase, ‘*Folhas de hortelã – para serem usadas nos desconfortos da gestação*.’ Sorria todas as vezes que via o saco, uma parte dela desejava que o último ano de sua vida tivesse sido diferente, mas sabia que ter deixado Andrew para trás tinha sido a decisão mais sábia – mesmo que não tenha sido algo que tivesse feito por escolha própria.

Quando a Sra. Dutton tinha lhe entregado o presente do marquês, Lorelei hesitou até mesmo em usar as folhas, querendo mantê-las, guardá-las como se fossem um tesouro, mas a babá tinha falado e falado sobre a utilidade delas. Relutantemente, Lorelei tinha começado a tomar chá de hortelã pela manhã e, assim como a mulher disse, seu enjoo desapareceu, e foi substituído por um brilho saudável e um aumento do seu apetite.

Lorelei lutava todos os dias contra o desejo de escrever para Andrew e agradecê-lo pela bondade, mas não podia se obrigar a envolvê-lo nisso mais

uma vez. Não merecia a consideração que ele mostrava. Com tempo e distância, iria esquecê-lo, e seus sentimentos diminuiriam assim como o seu enjoo. Lembraria dele como uma alma bondosa... e sempre guardaria com carinho a recordação da sua primeira – e única – dança, e o beijo que nunca seria esquecido.

A vida, mesmo não sendo fácil ou justa, poderia ser gerenciável se ela não se debruçasse sobre o que poderia ter sido.

Suspirou. Era tudo mentira, pois sabia que nunca seria capaz de esquecê-lo.

—Ah, minha lady. — O sussurro da Sra. Dutton a assustou e o sobressalto fez com que movesse Peter. Felizmente, ele continuou dormindo, ainda segurando o saco. —Ele vai ser um dorminhoco. Cê tem tanta sorte.

—Sim, vai. — Lorelei ficou de pé e foi em direção ao berço que tinha sido posto ao lado de sua cama. Era difícil para ela ficar longe do menino por muito tempo. —Você já viu alguma criança tão tranquila quanto ele?

A Sra. Dutton se inclinou sobre a grade do berço e passou os dedos pela bochecha do recém-nascido. —Nenhum, milady. Os filhos das minhas irmãs eram chorões, cada um deles.

—O que posso fazer por você? — Lorelei perguntou. Uma hora atrás tinha dispensado a mulher, ela já tinha cumprido as tarefas do dia.

—Cê tem uma visita. Vim te dizer, posso mandar ele embora, ou cuidar do pequenino até você voltar.

Ela se encheu de aflição. Será que Chastain finalmente tinha vindo conhecer o seu filho? Mas não, o senhor da casa viria direto para o quarto sem precisar ser anunciado.

Vendo que seu pânico transformou-se em confusão, a Sra. Dutton prosseguiu. —Ele não falou o nome, mas o sotaque era estranho. Devo dizer pra ele ir embora, talvez que volte amanhã?

De Pez – tinha certeza. —Não, irei vê-lo. Por favor, leve-o para a sala de visitas.

—Tem certeza, milady? — ela perguntou nervosa.

—É claro, — Lorelei acalmou a mulher. —Provavelmente é o amigo do meu pai. — Ainda assim, ela não tinha certeza de por que ele tinha viajado todo esse caminho já que a casa dos pais ficava em Londres.

Será que eles foram feridos? Talvez seja por isso que eles não escreveram ou vieram visitá-la. Sufocou a ansiedade por causa do visitante inesperado. Eles estavam do mesmo lado, afinal das contas.

A Sra. Dutton saiu do quarto apressada, deixando a porta aberta.

Lorelei deu uma última olhada em Peter antes de vestir o roupão pesado.

De Pez não ficaria esperando, principalmente depois de uma viagem de muitos dias.

Quando chegou à sala de visitas, encontrou De Pez em frente à lareira, desfrutando do calor depois da longa viagem. Visto assim, o francês parecia quase inofensivo – era só outro cavalheiro, completamente à vontade. Mas ela não era tola o bastante para comprar este disparate. De Pez era um homem cruel, incapaz de ter compaixão ou decência em seus melhores dias. A postura tranquila não era nada mais que uma fachada. O casaco bem cortado escondia um corpo bem torneado devido aos anos de exercícios.

Seus pés não fizeram um som enquanto ela entrava na sala e ia em direção ao fogo antes de o frio da noite se infiltrar por sua camisola.

Embora fosse silenciosa como um rato e que seu movimento não tivesse sequer movido uma brisa, soube o instante em que De Pez percebeu a sua presença. A postura relaxada desapareceu e os ombros se retesaram. Ele assumiu a postura de um guerreiro – pronto para a batalha.

Isso não augurava nada de bom.

—Outra visita inesperada. — Lorelei tentou sair com a vantagem. — Espero que tenha feito uma boa viagem.

—Lady Chastain. — Ele não se afastou do fogo enquanto falava. —Ouvi falar sobre o nascimento do seu filho e vim oferecer as minhas congratulações – e as do nosso novo líder – por causa da ocasião feliz.

Feliz ocasião para quem, imaginou. —É muita bondade de sua parte, mas você poderia ter enviado uma carta. — Além disso, como bem sabia, Chastain não tinha anunciado o nascimento de Peter. Na verdade, muitos não sabiam que a atual Duquesa de Chastain estava grávida.

—Vamos lá, você conhece as minhas preferências, não sou do tipo que usa pena e papel, prefiro mais contato pessoal. — Ele deixou as palavras afundarem antes de prosseguir. —Há muito mais impacto em uma mensagem entregue pessoalmente do que uma em preto e branco.

Mais uma vez as ameaças veladas. —Tenho certeza de que o *comte* e a *comtesse* teriam exprimido a importância da sua mensagem sem que você se incomodasse em fazer toda a fastidiosa viagem até aqui.

Finalmente o homem se virou, um sorriso sarcástico cobria o seu rosto. —Oh, mas eu queria oferecer os meus cumprimentos ao novo Lorde Chastain pessoalmente.

O homem estava se adiantando, e isso incomodava Lorelei. —O atual Lorde Chastain está bem vivo, e temo que meu filho esteja dormindo em seu berço neste exato momento.

—Talvez da próxima vez. — De Pez a olhou da cabeça aos pés e então encontrou os seus olhos na luz difusa da sala. —Você está mais linda que nunca. A maternidade com certeza lhe caiu bem.

Lorelei sentiu que ele estava medindo a sua utilidade para a coroa e não as mudanças pelas quais tinha passado. —É para isso que nós, humildes mulheres, somos feitas, não é mesmo? — ela perguntou.

—Se você diz, deve ser verdade.

Lorelei inclinou a cabeça e fez um gesto para as cadeiras que estavam próximas ao fogo. —Você quer sentar? A maternidade é um pouco exaustiva, e eu me encontro quase morta a essa hora da noite.

Esperava que ele recusasse a oferta e em vez disso entregasse sua mensagem e fosse embora, mas o homem estava cheio de surpresas esta noite. Tarde demais, Lorelei percebeu que ela estava sozinha na sala, a Sra. Dutton estava no andar de cima e não a ouviria.

—Obrigado, Lady Chastain. — Ele tomou o assento perto do fogo.

Sob o seu escrutínio, Lorelei imaginou a sua aparência. Usando um roupão simples que foi jogado sobre um vestido velho que não serviria até mesmo para a criada limpar o chão, ela parecia ser qualquer coisa, menos uma duquesa – ou a espiã que sempre tinha sido. Não tinha vestido um traje apropriado desde que chegara ao campo, e duvidava de que os velhos serviriam depois do nascimento de Peter.

—Por favor, diga a que veio e ponha-se a caminho. — Sem os pais e o marido em casa, isso permitia Lorelei ir direto ao ponto sem temer que alguém ouvisse a conversa. Chastain não enviara a criadagem completa para atender a ela e ao bebê, era só a Sra. Dutton e alguns criados para cozinhar e limpar. —Não tenho a noite toda, e certamente você está ansioso para voltar para Londres.

—Eu já me hospedei em uma estalagem não muito longe daqui, — ele disse. —Você pode estar com o brilho da maternidade, mas suas maneiras estão faltando. Chegarei ao ponto da minha *visita*.

—Por favor.

—O *comte* e a *comtesse* estão evitando as minhas visitas.

—E o que isso tem a ver comigo? — Sabia exatamente o que aquilo tinha a ver com ela, mas talvez pudesse bancar a idiota por tempo o bastante até

que ele saísse da sua casa – e estivesse bem longe do seu filho. —Eu não recebi notícias deles desde que cheguei aqui.

—Bonaparte derrubou o Diretório e assumiu a sua posição como novo líder da França – mas ele está esperando os planos, algo não está certo. Vocês esqueceram as suas responsabilidades?

—É claro que não, — ela sibilou. Além de Peter, não havia outra coisa em que pensasse. —Eu já revirei esta casa – duas vezes, e não encontrei nada. Os planos não estão aqui.

Ele bateu os dedos. —Então por que você ainda está aqui?

Estou evitando você, queria gritar, mas em vez disso, manteve a voz calma. —Meu filho é novo demais para viajar, mas em breve teremos a aprovação da parteira e voltaremos para Londres, onde retomarei a minha busca.

—Você não tem uma babá?

—É claro que tenho.

—Então você pode ir comigo agora mesmo. — Ele ficou de pé, como se tudo estivesse resolvido. —Podemos dizer ao duque que o seu querido *tio* veio conhecer o mais novo lorde e pediu que você o acompanhasse até a cidade. Sua criada pode ir com a sua criança assim que ele puder fazer a viagem.

—Peter.

—Desculpe-me?

—Peter – o nome dele é Peter. — Por alguma razão, ouvir De Pez referindo-se ao filho como ‘a criança’ a irritou. Peter não era um acessório que seria usado sempre que ele quisesse. Ele era um bebê – seu bebê. E ela não deixaria ele para trás, que suas responsabilidades se danassem.

—Isso não me importa nenhum pouco. Agora, por favor, descanse. Voltarei para te pegar pela manhã.

Lorelei se contorceu sobre o olhar intenso dele. A coragem daquele homem. —Meu marido mandou um recado dizendo que viria pegar Peter e eu daqui a uma semana para podermos anunciar o nascimento do nosso filho. — Era uma mentira que temia que De Pez descobrisse. —Esperarei sua chegada e voltarei com ele.

—Não gostaria que ele começasse a suspeitar de nós. — Sabia que tinha ganhado quando ele suspirou. —É claro. Sua beleza não é o seu único atributo a ser admirado.

—Então você precisa ir. — Lorelei ficou de pé para acompanhá-lo até a porta. —Antes que qualquer um dos outros criados te vejam.

Com muita relutância, ele permitiu que Lorelei o levasse até a porta. Do lado de fora, seu cavalo vagava livremente, mastigando as sebes que revestiam a entrada. O homem subiu na sela com a facilidade de um homem que fosse metade do seu tamanho e tivesse metade da sua idade. Antes mesmo de colocar os pés nos estribos, ele colocou o animal em marcha e seguiu em direção à alameda – e fora da vida de Lorelei, ao menos por um tempo.

Lorelei observou até que ele desaparecesse de vista antes de entrar em ação.

—Sra. Dutton, — ela chamou. —Sra. Dutton!

Ela correu pelas escadas, sabendo que a mulher não poderia ouvi-la, já que estava ao lado de Peter. Subindo dois degraus por vez e segurando a abertura do roupão, os passos de Lorelei ecoaram pelos corredores vazios.

A babá apareceu no corredor enquanto saía do quarto de Lorelei.

—Céus, milady. — A Sra. Dutton entrou na frente de Lorelei, o fôlego estava acelerado. —O que é tudo isso?

Lorelei estava tão sem fôlego quanto a Sra. Dutton por ter subido as escadas correndo. —Apronte as coisas de Peter para que possamos partir.

A babá a olhou como se ela tivesse enlouquecido. —Desculpa?

—Agora, — Lorelei disse. —... e depressa. Devemos ir para Londres imediatamente. — Sem esperar uma resposta, ela desceu as escadas para pedir uma carruagem. Deveriam chegar à casa de Chastain à noite para evitar que falassem da sua chegada. Precisava estar um passo à frente de De Pez.

Só precisava dar uma última olhada na casa da cidade antes de tomar várias decisões importantes para si e para o filho. As consequências de não conseguir completar a missão seriam severas, e isso poderia significar a perda de sua vida – e até mesmo a do seu filho.

Se não conseguisse localizar os planos, então seria necessário que eles fossem para algum lugar onde ninguém pudesse encontrá-los.

Nem De Pez.

Nem seus pais.

Sua mão vacilou no corrimão e ela escorregou alguns degraus antes de conseguir recuperar o equilíbrio.

Se a sua busca continuasse não dando resultados, seria forçada a explicar tudo ao marido. Contar a ele os motivos pelos quais se casou com ele.

E implorar por misericórdia – e proteção.

Chastain providenciaria para que o filho ficasse a salvo, mesmo se negasse a ela o seu perdão. Mas pensaria nisso quando chegasse a hora.

Levaria uma hora para aprontar a carruagem para a viagem. Seria melhor usar esse tempo com sabedoria. Com as coisas de Peter sendo aprontadas pela Sra. Dutton, Lorelei correu até o escritório de Chastain para fazer uma última busca. A probabilidade de voltar para a mansão no campo era mínima, então ela tirou os livros das prateleiras, esvaziou as gavetas procurando por alguma chave perdida, e tirou as pinturas das paredes. Não havia nenhum esconderijo, nem chave ou papeis que referiam-se ao paradeiro dos planos de Carcassonne. Assim como todas as vezes em que tinha procurado. Ou Chastain era muito bom para esconder as coisas, ou ele não estava a par do sórdido passado de sua família na França. E seus instintos lhe diziam que se tratava da última opção.

Por que os pais estavam evitando De Pez? Eles sabiam que ela precisa de tempo – tempo para procurar, assim como para se curar. Não fazia sentido. Era como se o *comte* estivesse trabalhando contra ela. Era possível que eles tivessem decidido se afastarem no caso de ela falhar, para diminuir as repercussões para eles – embora fosse difícil, beirando o impossível – que Lorelei fosse acreditar que a mãe permitisse que o *comte* se comportasse dessa forma.

Deu uma última olhada nos aposentos do marido, já sabendo que a busca seria infrutífera, antes que a Sra. Dutton a chamasse.

No corredor, a Sra. Dutton embalava um Peter envolvido no espesso cobertor de lã junto ao peito. —Você disse para chamar quando estivéssemos prontos.

—Obrigada. — Lorelei pegou Peter, surpresa por ele estar dormindo tão profundamente enquanto elas faziam preparativos apressados e então a babá gritou. —Vamos logo.

O longo percurso na carruagem daria tempo para Lorelei falar com a Sra. Dutton, confiar na mulher. Pela primeira vez que podia se lembrar, Lorelei precisava de um amigo. A realidade nua e crua de que Lorelei poderia não ter aliados quando chegasse em Londres a assustou. Nunca tinha se sentido completamente sozinha e sem apoio, embora a carreira da família a tivesse forçado a seguir a profissão mais solitária de todas.

Lorelei não aceitaria a perda de Peter, nem a perda de sua vida, mas desde que Peter ficasse seguro, sua própria vida estava numa posição bem baixa na

sua lista de prioridades.

E temia que a única esperança para que o filho continuasse seguro e feliz estivesse sobre uma mulher que ela não conhecia muito bem.

Depois que elas se acomodaram, e de Peter estar confortável junto ao seu peito, Lorelei começou a sua história: uma que contava sobre terras longínquas, acordos tarde da noite, e vidas malfadadas sendo despedaçadas... e seus planos para corrigir tudo isso.

CAPÍTULO VINTE



A BATIDA INCESSANTE tinha começado há uma hora. Continuava implacável na porta da sua casa.

De início, Andrew imaginou por que nenhum criado foi atender e mandar quem quer que fosse embora. Mas então se lembrou que tinha dado a noite de folga para toda a criadagem para que ninguém pudesse testemunhar a sua dor, que frequentemente ficava violenta enquanto a noite progredia.

Hoje, quase cinco meses depois que a tinha visto pela última vez, ele leu no jornal que Lady Chastain tinha dado as boas-vindas a um menino saudável e robusto já fazia uma semana. O pequeno tinha sido chamado Peter Davis, futuro Lorde Chastain. Ele leu sobre a elaborada cerimônia que seria realizada na igreja de St. George e que apresentaria a criança aos membros da *ton*.

Chastain teve o seu herdeiro.

Desde aquela hora, Andrew estava vivendo em um perpétuo estado de embriaguez, incapaz de afastar a melancolia.

A Sra. Bee nem tinha tentado incutir um pouco de bom senso nele nas últimas semanas, em vez disso, andava atrás dele arrumando o caos que ele causava. Ela era uma mulher de recursos, e provavelmente tinha descoberto a causa do seu mau humor. Esta noite, ela ajudou de bom grado a tirar os criados da casa quando ele entrou feito uma fúria no salão principal, gritando para todo mundo sair.

Agora, ele estava perto de um fogo quase morto tentando se aquecer – e falhando miseravelmente – e ouvindo a batida na porta que ecoava pela casa vazia.

—Porra! — Ele bateu o copo sobre a mesa, o líquido ambarino salpicou sobre a sua mão. —Estou indo.

Suas botas soaram pelo chão polido.

A batida não parava enquanto ele se aproximava, mas o estrondo em sua cabeça, sim. Ele acordava todas as manhãs ainda sentindo os efeitos da bebedeira da noite anterior. Parou de sair de casa depois do primeiro mês, e

ele não era mais bem-vindo no White's ou no Gentleman Jack's. Tornou-se um recluso – sequer se atrevia a ir a reuniões sociais por temer ver Lorelei e quebrar... ou pior, encontrar Chastain e bater no homem até que ele morresse.

Andrew respirou fundo antes de pegar a maçaneta.

Puxando a porta pesada ele olhou para uma menina, ligeiramente familiar, ainda assim não conseguia reconhecê-la. Ela trabalhava como criada em sua casa? Com certeza não, já que ela saberia que nunca deveria bater na porta do seu senhor. Talvez ela fosse alguma nobre com quem tivesse dançado em alguma festa.

—Posso ajudá-la? — A ironia era aparente até mesmo para a menina quando ela se encolheu e ficou quieta. —Bem? Eu não tenho a noite toda...

Ele a olhou: rosto gracioso, o cabelo vermelho escondido por debaixo do capuz e uma capa muito longa. Em suas mãos havia uma pequena mala, suas juntas estavam brancas.

—Eu não tenho a noite toda.

—Sinto muito por perturbá-lo, meu lorde. — Ela fez uma pausa, ajeitando os ombros. —Eu sou uma das meninas de Madame Sasha.

—Sim...? — Ele não tinha ido à Craven House desde que o capanga de Sasha o tinha jogado naquele beco.

—Ela me mandou para informá-lo sobre a minha condição. — As palavras dela eram pouco mais que um sussurro.

—E por que a sua condição me importaria de alguma coisa? — Ele não podia imaginar que ardil Sasha estava tramando. Com certeza estava tentando recuperar o seu dinheiro. —Diga o que tem a dizer e vá embora. Que mensagem Sasha tem para mim? Ela deixou bem claro que eu não era mais bem-vindo na Craven House.

A menina abaixou a sacola e começou a desabotoar o casaco.

Já fazia algum tempo que tinha visto uma mulher nua, e isso nunca tinha acontecido na porta da sua casa. —Se você pretende me seduzir, talvez seja melhor você entrar, aqui está muito mais quente.

O rosto da menina se encheu de terror e seus olhos se arregalaram enquanto ela abria a capa e revelava uma barriga redonda, a causa era evidente. —Não...

—Isso não pode ser. — Não tinha certeza de ter dito em voz alta ou só dentro da sua cabeça.

—Pode, — ela assegurou. —De início, eu também pensei que não fosse possível. O tempo que fiquei aqui você esteve bêbado demais e mal foi capaz

de ficar de pé.

—Quando?

—Mais de oito meses atrás.

As datas batiam. Naquela época ele ficou trancado em seus aposentos, e Sasha tinha enviado uma enxurrada de mulheres para aplacar a sua sede, para dissipar o sentimento de perda que teve com o anúncio do casamento de Lorelei com Chastain.

—Temo que não sobreviverei ao parto. Diga-me que você cuidará do nosso filho, — ela implorou. —Madame Sasha mandou eu não voltar até que a criança nascesse.

—E então o quê? — ele perguntou. —Você espera que eu – a porra de um marquês – te receba na minha casa? Talvez providencie para que você se acomode na minha suíte só porque você – uma puta – diz estar carregando o meu filho?

—Não, eu—

—Bem, você com certeza superestimou demais a minha compaixão pelos outros seres humanos.

—Eu só pensei—

—Não, você obviamente não estava pensando, — ele se agitou, —quando você veio à minha casa, bateu na minha porta, e esperou encontrar abrigo aqui.

—O que você esperava que eu fizesse? — ela perguntou. —Ter o seu filho na rua? Com certeza morreríamos os dois.

—Você acha que é a primeira a chegar na minha porta, declarando o seu amor, e dizendo que está esperando um filho meu? Bem, você não é.

—Eu não disse que te amava, — a menina falou.

—Seja como for, você vai embora e nunca mais voltará. — Assim como a outra mulher, Pearl, tinha feito há muitos anos. —Você se esquecerá de mim, e nomeará o seu filho como o bastardo que ele é.

—Você é um homem cruel e sem coração, — ela gritou.

—Eu nunca me apresentei como sendo algo mais que isso. — Exceto para Lorelei... Para Lorelei ele teria dado tudo. Ele teria dado ao filho dela o seu título e tudo o que vinha com ele: um nome, propriedades, e riqueza além da imaginação. —Agora vá.

Ela voltou a fechar a capa apressadamente e pegou a valise. —Se eu não sobreviver, mandarei a criança para você. — Ela disse as palavras por sobre o ombro enquanto descia os degraus.

—Não, você não vai. Eu a jogarei no lixo se você fizer isso. — Ele bateu a porta para deixar a sua ameaça clara.

Precisava de uma bebida – muita bebida.

Apoiou a testa na porta fria enquanto ouvia a menina chorar baixinho do lado de fora. Enquanto os soluços diminuíam, ele soube que ela tinha pegado suas coisas e partido.

Andrew queria abria a porta e gritar que ele seria um pai horrível, que ele iria fugir das suas responsabilidades com o tempo – e com certeza ela, e o filho, mereceriam mais do que ele podia dar a eles. Crianças deveriam crescer em lares felizes, e Andrew sabia sem sombra de dúvidas de que a sua casa não era feliz. O filho dela ficaria melhor com uma mãe que o amava do que com um pai muito inclinado a beber para aplacar a fúria.

Na verdade, era ele que não merecia um filho, de forma alguma.

Virando-se para a porta, ele viu a Sra. Bee nas sombras. —O que você está fazendo aí?

Ela saiu de onde estava e entrou no feixe de luz que as velas forneciam. —Você sabe que eu não tinha para onde ir. Esta é a minha casa. — Ela deu de ombros e deixou os braços caírem. —E é por isso que eu me preocupo tanto com você.

—Preocupa-se comigo? — As palavras dela não faziam sentido. Ele era um marquês, e um homem muito poderoso – se ele escolhesse reivindicar aquele poder. Mas nunca quisera isso.

Ela sorriu, o sorriso doce que ele se lembrava de quando era mais novo. —Sim. Você sempre foi um menino sensível, e depois que seus pais – que Deus tenha as suas almas – deixaram este mundo, temi que você tivesse se juntado às pessoas erradas.

—Benji? — ele perguntou. —Somos amigos desde que usávamos fraldas.

—Eu sei disso. — Ela foi até ele, como se para fazê-lo entender. —E vocês se meteram em um monte de problemas desde então. Mas agora eu vejo que ele era uma distração, e talvez uma boa distração. Eu desejava saber o que o estava deixando tão perturbado ultimamente. E agora isso? Uma criança, muito possivelmente sua? Eu reconheci a menina, se você quer saber. — Bee colocou uma mão em seu braço, onde ele a tinha cruzado com firmeza sobre o peito. —Ela foi uma das que eu pus pra fora aquele dia.

—Isso não significa que a criança seja minha, — ele disse na defensiva.

—Posso lhe confessar uma coisa?

—O quê? Que uma vez você teve um filho fora do casamento – talvez tenha dado a criança e se arrepende disso todos os dias da sua vida? Não é muito fácil me fazer sentir culpado para que eu assuma a responsabilidade, especialmente quando a mulher é uma prostituta.

A Sra. Bee sacudiu a cabeça, e Andrew sentiu o massacrante desejo de não desapontar a mulher que estava na sua frente. —Eu queria que meu querido Eugene tivesse vivido o bastante para que tivéssemos um filho—

—Sinto muito pelo meu rompante. — E ele sentia. Ela não tinha feito nada além de cuidar dele desde que era criança, continuou fazendo isso agora que era adulto, e ele pagava tudo o que ela tinha feito com palavras duras. — Minha observação foi insensível e desnecessária.

—Não precisa se desculpar. Isso foi há muito tempo. — Ela apertou o seu braço reafirmando. —Veja bem, o que vou dizer não é sobre mim, mas sobre você.

Andrew queria se afastar daquela conversa, seu instinto lhe dizia que o que ela diria iria mudar alguma coisa – possivelmente toda a sua existência.

—Não tema, pois isso nunca foi um grande segredo, nem causou escândalo. — Ela sorriu, como se lembrando de algo que acontecera há muito tempo. —Sua mãe ficou grávida – de você – antes que ela e seu pai se casassem.

—Mas a minha mãe não ganhava a vida vendendo o corpo.

—Não, é verdade, ela não ganhava.

—E meu pai obviamente estava apaixonado por ela.

—Possivelmente.

—Não há possivelmente! — Sua raiva voltou. Como alguém se atrevia – até mesmo Bee – a questionar o amor que os seus pais compartilhavam? — Eu cresci ouvindo nada além das histórias do relacionamento deles. Como eles se conheciam desde antes de saíram da sala de aula.

—Sente-se, Andrew. — Ela entrou em seu escritório e sentou-se na frente da lareira. Afastou os olhos do desastre que ele tinha causado na sala, e ele foi grato por isso. —Veja bem, seus pais podem ter se conhecido – talvez até mesmo sentido um pouco de carinho um pelo outro – mas não era para eles ficarem juntos. Ficou por conta deles resolver o problema com as próprias mãos.

—Por que não era para eles ficarem juntos? — Ele se sentia como um bebê que tinha sido mandado para o berçário, ouvindo contos de fadas sobre cavaleiros heroicos e mulheres de grande beleza.

Ela se recostou no assento. —Veja bem, sua mãe era uma mulher muito rica, enquanto a família do seu pai – mesmo tendo um título – estava com os cofres vazios. O seu avô, ao descobrir que a filha estava grávida do Marquês de Drake, concordou com que eles se casassem sob uma condição.

Andrew tentou esconder seu interesse no sórdido conto dos seus pais, mas falhou miseravelmente. —Qual? — Espremeu o cérebro, tentando lembrar qualquer conversa que seus pais tiveram sobre condições.

—Seu avô só permitiria o casamento se a sua mãe controlasse o dinheiro.

—Não – isso não era possível – principalmente naquela época.

—Mas o seu pai concordou com a condição... e mais.

—Por quê?

—Por amor... e auto-preservação.

—Isso é um absurdo.

—Pode ser que seja, — ela suspirou. —Mas o marquês tinha que enfrentar não apenas a perda da mulher que ele se importava muito e sua própria carne e sangue, mas também um futuro que poderia incluir a prisão dos devedores. Eu acho, que no final, a escolha foi fácil.

Ele não sabia. —Ele concordou com mais o quê?

—Ah, isso é engraçado. — Um sorriso satisfeito cruzou o rosto dela. —Tenho certeza de que seu advogado pode confirmar isso, mas foi acordado que se não houver nenhum herdeiro do sexo masculino, então uma mulher pode assumir o marquesado. Felizmente, isso nunca aconteceu, mas o seu avô se certificou de que isso fosse levado ante o Rei George III para ser aprovado e a cláusula do herdeiro ou herdeira foi aprovada.

—Eu não tinha noção, — ele disse, estupefato.

—Não havia razão para você estar a par, — ela repreendeu. —Sua mãe era filha única, assim como você. E já que a cláusula não precisou ser usada durante a vida deles, estou certa de que eles nunca pensaram nisso. Mas agora, você precisa estar ciente. Se não houver ninguém para assumir o título, então uma criança – mesmo uma nascida fora do casamento – pode fazer uma petição à coroa e herdar a sucessão.

—Isso não é muito incomum, já que homens procuram um título com provas fajutas de que eles tenham nascimento nobre. — Andrew nunca tinha planejado ter filhos. Agora, se arrependeu do seu momentâneo lapso de julgamento quando teve a ilusão de que Lorelei fosse mulher para ele. Ela não era, e além disso, ele nunca seria um bom pai. Ele era egocêntrico e desdenhava de qualquer coisa que parecesse prazeroso para os outros.

Ele e Benji provaram isso de novo e de novo. Se quisessem alguma coisa, então eles iam atrás – não importavam as consequências. Eles fizeram isso por anos, com cada debutante, mulher casada ou rameira que desejassem. Quando ele finalmente percebeu o seu erro e tentou algo diferente – melhor – falhou. Fazia isso há mais tempo que podia se lembrar, usava os sentimentos das mulheres contra elas. Lorelei tinha aceitado suas palavras e tinha lhe deixado de lado, preferindo Benji.

Isso só provava que as mudanças nem sempre eram boas, e que as pessoas não deveriam se afastar do que elas realmente eram – e sempre tinham sido. Ele era um homem que usava as pessoas para conseguir o que queria, embora sempre tenha sido aberto e sincero sobre isso, nunca tinha enganado ninguém.

Então, por que não lutou, mentiu, trapaceou e roubou a coisa que ele procurava ultimamente?

A Sra. Bee estava quieta, deixando-o digerir a informação que ela tinha compartilhado.

Erguendo os olhos, ele percebeu que ela não tinha estado quieta, mas que tinha saído de seu assento em frente ao fogo. A sala estava vazia, exceto por ele, reforçando o que sempre tinha acreditado: ele só podia contar consigo mesmo.

CAPÍTULO VINTE E UM



—... E ESSA É toda a papelada que você tem que foi aprovada e assinada pelo Rei?

—Certamente, sua senhoria, — o advogado de Andrew, James Adams, disse detrás da sua mesa modesta. —Eu lhe asseguro que está tudo em ordem. Tinha a impressão de que o seu pai tinha falado sobre isso contigo.

O homem sorriu com orgulho, como se essas fossem notícias que Andrew queria ouvir, quando nada poderia estar mais longe da verdade. Ele se encontrava sempre com o homem, e Adams nunca tinha visto motivo para dizer isso a ele.

—Nunca, — Andrew murmurou.

—Meu tio era muito minucioso e diligente em tudo o que fazia, — Adams explicou. Quando Andrew sentou, Adams fez o mesmo. —Veja bem, esse tipo de arranjo não foi realizado com sucesso durante a minha vida, e aconteceu apenas uma vez com o meu tio.

O esquema era absurdo e completamente estranho... e ele não podia acreditar que o seu pai e seu avô materno tinham trabalhado junto com advogado para completar a tarefa. Só de pensar que um bastardo podia herdar o título de marquês – e que isso se estenderia às mulheres – fazia a sua cabeça girar, e não por ele ainda estar se recuperando da última bebedeira.

—Posso explicar qualquer um desses documentos para você? — Adams perguntou.

—Não, obrigado. — Andrew tentou soar cortês, mas estava achando difícil ficar calmo enquanto fervia por dentro.

Ele virou página após página enquanto o homem estava calado. Ver a assinatura do pai e o selo no final de cada página lhe dava orgulho, mas ao mesmo tempo lhe deixava desconfortável.

—Estou certo ao dizer, — ele falou, —que se uma criança se provar minha, mesmo que não tenha havido casamento, a prole poderá pedir ao tribunais para herdar o título de marquês?

—Isso é exatamente o que o seu pai queria. — James fechou o arquivo. —E o processo será muito mais simples se você concordar em considerar a pessoa sua herdeira.

Se isso se espalhasse por Londres, Andrew teria um sem fim de mulheres clamando que seus bastardos eram de Drake.

—E isso se estende às filhas?

—Seu pai – e seu avô – queria cobrir todos os pormenores.

—Então por que não se limitaram a destinar uma parte dos fundos para os filhos ilegítimos? — Ele estava pensando em voz alta, mas esperava que o homem oferecesse qualquer justificativa. —Em vez de oferecer o título e tudo o que vem com ele?

—Seu pai, que Deus o tenha, era um homem apaixonado – e tremendamente obstinado. Ouvi muitas histórias, embora ele tenha falecido antes de eu terminar meus estudos. — Adams cruzou as mãos sobre a mesa e se inclinou levemente para frente. —Sim, que as mudanças em sua herança são fora do comum – muito fora do comum – mas sim, se você tivesse nascido mulher, você seria apto a herdar mesmo que os seus pais não tivessem se casado. Um golpe de mestre, eu diria.

Está muito mais para uma farsa que poderia pôr em risco todo o seu futuro.

Se a mulher que tinha ido à sua porta na noite passada insistisse no assunto e buscasse assistência legal, então não precisaria procurar muito para encontrar essas emendas. Embora a probabilidade de uma rameira procurar conseguir ganhos financeiros para uma criança ilegítima fosse rara, ele não queria arriscar que essas novidades fossem descobertas.

—E se eu contestar a licitação por legitimidade, eu serei ouvido pelos tribunais?

O advogado enrugou a testa. —Você? Você quer contestar o seu próprio direito ao título?

Andrew percebeu que o homem não tinha a mais mínima ideia de que ele na verdade estava preocupado que alguma outra pessoa reclamasse ser filho *dele* – ou que alguma mãe caçadora de fortuna aparecesse. Ele teve o desejo súbito de agradecer à Sra. Bee pela confissão franca, já que ela deveria ter lhe contado isso há anos... Ou que o seu próprio pai tivesse avisado.

—Oh, não. Estou perguntando por mim e minha própria prole, — ele disse, tentando deixar o homem à vontade.

—Muito bem, sua senhoria. — O advogado ficou de pé. —Tenho outro cliente em breve. Se você quiser levar esse papeis contigo, revisá-los, poderemos marcar outra reunião se você tiver algo mais a discutir. Novamente, sinto muito por você não ter sido notificado sobre isso quando herdou o título.

O homem fez uma mesura.

De repente, Andrew sentiu o peso da sua posição – o Marquês de Drake. A sala se fechou a sua volta.

Precisava de ar.

De espaço para respirar.

E... Andrew não tinha ideia do que faria.

Pela primeira vez em muitos meses, queria poder visitar Chastain e falar sobre os seus problemas. Sempre poderia contar com o homem para que sugerisse um bom plano – ou ao menos oferecer uma distração.

Andrew saiu de lá e olhou a rua movimentada.

Em segundos, seu condutor encostou no meio-fio, pronto para levá-lo onde ele quisesse ir.

Mas não estava no humor para ser conduzido pela cidade, ir para o clube ou para a casa.

—Meu lorde? — o criado perguntou quando ele não entrou na carruagem.

—Irei andando, — ele disse por sobre o ombro enquanto ia em direção ao centro comercial. —Espere por mim aqui. Eu voltarei. — O clima estava fresco, sem uma única nuvem no céu. Uma caminhada estimulante lhe faria bem.

Não demorou muito, ele estava assoviando uma melodia desconhecida, e já estava há quadras de distância do escritório do advogado. Fazia meses desde que ele se distraiu aventurando-se pelas ruas durante o dia. Sem as dores de cabeça causadas pelo excesso de bebida, ele deu as boas-vindas à luz do sol envolvendo a sua pele e ouviu trechos de conversa enquanto passava.

Andrew fez gestos de cabeça para os conhecidos, mas manteve o passo para evitar conversa fiada. Procurou companhia no seu último passeio no parque, mas hoje era diferente. Sim, ele estava bem humorado apesar da conversa com o advogado, mas estava longe de encontrar prazer em uma conversa sobre amenidades parado do lado de fora da loja de uma modista.

O sol começou a fazer a sua descida no céu, e as multidões foram se dissipando enquanto muitos iam almoçar. Quando seu estômago roncou, ele

decidiu voltar para a carruagem.

Parou para ver o quão longe estava. Reconheceu uma pequena livraria algumas portas abaixo, a loja ficava entre um beco e um pequeno parque. Se tivesse previsto o seu desejo para uma caminhada, teria pedido ao seu criado para preparar o almoço para que ele pudesse comer no parque.

Foi então que ele ouviu a voz dela – a voz com a qual sonhava todas as noites e ouvia todas as horas do dia.



—...não pode ser! — Lorelei gritou, não se importando por ser ouvida. —Você não pode e não irá fazer isso.

O pai tinha começado a segui-la – rastreando-a como se ela fosse uma presa.

Com o braço torcido em suas costas, e o rosto do pai muito perto do dela, não conseguia escapar. —Solte-me.

—Irei soltá-la quando me der respostas.

—Eu já lhe disse tudo o que sei.

—Nós sabemos que isso é mentira, Lore. — A certeza nos olhos dele a deixaram aflita. Era como se ele tivesse perdido completamente o controle.

Ela falhou, de novo e de novo. —Eu procurei em toda a propriedade, na casa, e até mesmo nos estábulos – e não encontrei nada. O que você quer que eu faça? — Ela se encolheu enquanto ele apertava ainda mais o seu braço.

—É hora de eu assumir. — Ele soltou o braço dela e a empurrou para longe. —Você não tem a fibra para fazer o que precisa ser feito.

—E eu não fiz tudo o que estava ao meu alcance para encontrar os planos? — Seu pai estava agindo de forma instável, imprevisível, o que estava em total contraste com o que ele era normalmente.

—Meus planos nãos são mais da sua conta, — ele disse enquanto andava pelo beco. —Volte para a casa de Chastain e arrume suas coisas. Partiremos ao anoitecer.

—Eu não posso simplesmente ir. — Lorelei procurou por qualquer desculpa para fazer o pai mudar de ideia. —Eu não posso sumir no meio da noite com Peter. Lorde Chastain nunca permitiria que ele desaparecesse.

—Então deixe-o, — o *comte* disse dando de ombros. —Você terá oportunidade de ter outro filho.

As palavras quase arrancaram o seu coração do peito. Eram palavras que um avô nunca deveria usar para falar do neto.

—Isso não é uma opção para mim.

—Você irá abandonar a sua própria família? — ele acusou. —Se sim, então fique – banque a adorável duquesa, mas saiba que nada na sua vida será fácil de agora em diante.

—Você não pode estar querendo dizer isso, *Père*, — ela suplicou, ficando na frente dele. Ergueu a mão para pegar a manga do casaco dele e olhou dentro dos olhos do pai. Ele não poderia estar querendo dizer essas coisas dolorosas.

—Farei o que me pedirem, — ele disse. —Assim como você fará, ou sofrerá as consequências. — Esquivando-se de suas mãos, ele entrou na livraria e foi embora.

Não sabia o que fazer, para onde ir. Lugar nenhum era seguro, embora soubesse que desde que a Sra. Dutton estivesse com Peter, ele estaria a salvo. Mas a Sra. Dutton não poderia protegê-la. Nem era certo pedir isso para a mulher.

Virando a esquina, ela esbarrou em alguém – ou em alguma coisa.

Braços se ergueram para equilibrá-la.

—Perdoe— Interrompeu-se abruptamente quando seus olhos encontraram os dele. —Andrew?

Rapidamente, ela secou as lágrimas dos olhos e ergueu os ombros.

—Lorelei. — Ele a segurou a distância de um braço, olhando-a da cabeça aos pés.

Ela devia estar uma bagunça, o rosto pálido e mais magro do que já tinha sido.

Ela pigarreou para dispersar as emoções antes de falar. —Andrew, o que você está fazendo aqui?

—Com quem você estava falando?

Ele olhou por sobre o seu ombro enquanto ela se virava, mas seu pai já tinha ido, o beco estava vazio.

—Eu não estava falando com ninguém, — ela negou, esperando que ele não tivesse ouvido muito da sua briga com o *comte*. —Eu estava... eu estava só... saindo da loja da minha modista.

—Você tem o hábito de voltar para a cidade sem mandar avisar. — A súbita mudança de assunto a pegou de surpresa.

—Eu voltei há pouco tempo, sua senhoria. — Dando uma última olhada para trás, ela passou o braço pelo dele e foi em direção a parte mais

movimentada da cidade. —Embora, devo confessar que queria mandar avisá-lo, — ela disse, distraindo-o.

O sorriso que tinha dado para ele funcionou, embora por dentro ela não estivesse sorrindo nenhum pouco. Se ao menos pudesse manter um sorriso nos lábios, então talvez toda essa ruína que sentia por dentro iria parar.

—Estou magoado por sua modista ter visto você antes de mim.

—Bem, seria muito impróprio de minha parte ir visitar um marquês sem estar vestida a altura, — ela respondeu. Manteve os olhos na rua e a voz baixa. —Mas estou certa de que Lorde Chastain e eu estaremos muito honrados em recebê-lo em breve para o jantar. — Embora só fossem estar Peter e Chastain na residência.

Não demorou muito, e as banalidades – como se não fossem nada mais que meros conhecidos encontrando-se pela segunda vez – chegassem ao fim.

Caminharam em silêncio.

Não estava disposta em perturbar o equilíbrio precário que eles tinham conseguido.

Talvez temesse que se a conversa se afastasse muito dos assuntos mundanos, que isso levaria a um nível muito mais profundo de afinidade o qual ela não estava preparada para explorar.

Ele se inclinou e sussurrou, —Venha comigo. Minha carruagem não está longe.

—Eu não posso. — As palavras mal eram um suspiro. —Por favor, Andrew, só vá embora.

Queria muito aceitar a proposta dele, entrar em sua carruagem e sumir, mesmo que fosse apenas por uma tarde. Talvez esse fosse todo o tempo que lhe restava para que pudesse tomar a maior decisão da sua vida.

Poderia fugir com os pais, deixando Peter aos cuidados da Sra. Dutton, ou ir contra os desejos do pai e enfrentar a ira de De Pez e do governo francês. Sabia que não poderia arriscar levar Peter com ela, porque isso só colocaria a vida dele em risco.

E então ficava apenas uma opção: ela e Peter teriam que sumir juntos. Deixar Londres, Chastain, o marquês, seus pais, e seu país para trás.

Andrew segurou o seu braço quando ela se afastou, os dedos dele apertavam sua pele logo acima do pulso. O aperto se intensificou por um breve segundo antes de relaxar.

—Por favor.

Ninguém teria ouvido a dor neste apelo simples e sincero. Nem saberia o quão fundo aquilo ressoou dentro dela... Ao menos, esperava que não pudessem.

Andaram lado a lado em silêncio, sem se tocarem. Ela sentia a fúria mal contida dele ao seu lado.

Ele devia sentir a sua presença de forma tão intensa quanto ela sentia a dele.

Queria ceder – ceder a tudo o que ele queria dela.

A conexão que eles tinham era algo que ela não queria mais negar, ou ao menos suprimir para que fosse uma dor com a qual pudesse lidar. Pensava nele, mas era muito esperar que ele fizesse o mesmo. Ela era a esposa do melhor amigo dele. O fato de ele tê-lo conhecido primeiro não importava nenhum pouco.

E então eles caminharam, sem um destino em mente.

Pela primeira vez desde que tinha voltado a Londres, Lorelei não estava preocupada com quem a visse. Uma dúzia de oficiais do governo francês poderiam estar rastreando-a agora e ela não se importava. Todos eles poderiam ir se ferrar e deixá-la em paz.

Ela era uma duquesa inglesa... e, por isso, intocável.

Embora soubesse muito bem o que tinha acontecido com o último Lorde Chastain.

Ele não existia mais.

Por agora, ela tinha o presente, umas poucas horas antes de tomar a decisão que mudaria muitas vidas – mas na verdade, imaginava se a decisão já não tinha sido tomada.

Ela consideraria isso mais uma vez quando ela e Peter estivessem em segurança. Se tal coisa fosse possível.

Naquele momento, ela estava protegida caminhando ao lado de Andrew. Não por que ele fosse um marquês... ou fosse influente... ou rico, mas porque ele não permitiria que nada acontecesse a ela.

—Posso ir visitá-la? — ele perguntou, quebrando o silêncio.

—Você sabe que isso não seria apropriado.

—Gostaria de dar as minhas felicitações pelo nascimento do seu filho.

—O filho de Chastain? — ela perguntou.

—Seu filho, Lorelei.

—Você terá muito tempo para isso quando ele for apresentado à sociedade. — Ele não precisava saber que isso provavelmente não

aconteceria, e se acontecesse, que Lorelei não estaria presente.

—Você precisa de alguma coisa?

—Você mandou a hortelã. — Ela olhou de soslaio para tentar captar a reação dele. —Foi muita bondade sua.

—Você deixou a cidade muito apressadamente e eu não tive tempo de me despedir. — A tristeza nas palavras dele se enraizaram dentro dela.

—Eu desejava não ter precisado partir tão repentinamente também. — Ela queria dar paz a ele, mas temia que o fizesse pensar que havia algo – que poderia haver algo – entre eles. —Mas ambos sabemos que se eu ficasse em Londres, que haveria fofoca desnecessária se você continuasse me favorecendo.

—E então você fugiu?

Lorelei não queria responder aquela pergunta. Seria fácil pôr a culpa do seu exílio em Chastain, fazê-lo parecer o homem cruel e sem coração que ele era, mas aquilo não era verdade.

Ela decidiu ir embora.

Ela precisou partir.

Se não para se afastar de um futuro que ela tinha se negado, então para ter espaço para clarear a mente, procurar pelos planos... e tentar desesperadamente esquecer o homem que nunca poderia ter.

E onde isso a levou?

A encomendar trajes apropriados para uma costureira, foi onde isso a levou. Esperava que as suas roupas estivessem apertadas, mas viu que elas estavam frouxas sobre o seu corpo. Nesse instante, o casaco era a única coisa que cobria a bagunça que era o seu vestido.

Andrew parou a meio passo. —Lorelei, me responda.

—O que você quer que eu diga?

—Qualquer coisa. — Os olhos dele buscaram os dela.

—Eu sinto muito!

—Não isso, — ele gritou, pegando os ombros dela. —Nunca isso.

—Eu sinto muito, — ela prosseguiu. As pessoas observavam a conversa, mas ele foi incapaz de impedir a enxurrada de palavras. —Sinto muito por ter te visto naquele baile. Sinto muito por ter permitido que você me conduzisse até a pista de dança. Mas acima de tudo, sinto muito por ter casado com o seu melhor amigo.

—Por quê? — ele perguntou, como se ele esperasse que fosse porque ela o amava.

—Porque agora estaremos ligados para sempre. — Ela observou a luz sumir dos olhos dele com cada palavra que ela disse. Não daria a ele a fé que ela não tinha. —Agora você está amaldiçoado a me ver com outro enquanto a sua amizade com Chastain durar.

Suas palavras foram cruéis, e disse-as para cortá-lo rapidamente.

—E eu, — ela disse, preparando-se para dizer o mais importante, —agora tenho que viver com os meus próprios erros e a vida que eu criei. Eu realmente queria que isso significasse apenas lamentar um amor que eu afastei. Mas saiba – você vai me esquecer, assim como eu esquecerei você, com o tempo.

Tarde demais, Lorelei percebeu que Andrew não estava andando sem rumo como ela. Ele estava conduzindo-a, de certa forma, para onde ele queria que ela fosse.

A carruagem dele estava logo ali, o criado segurava a porta aberta.

—Preciso voltar para Peter. — Mesmo tendo dito as palavras, ela queria algo completamente diferente. Essa poderia muito bem ser a sua última chance de estar com Andrew, para sentir a pele dele contra a dela, para sentir os lábios dele no seu corpo. Ansiava o tipo de paixão que nunca conheceria com outra pessoa.

—Diga-me que não é o que você quer, e eu iria embora, — ele disse no ouvido dela. —Eu irei embora e deixarei a minha carruagem para levá-la para onde quer que você deseje.

Ela se encolheu quando ele disse desejo, seu corpo enrijeceu ao lado do dele.

Ambos queriam a mesma coisa.

—Eu devo ir...

—E você vai. Estou pedindo apenas alguns momentos de privacidade. — Ela não precisava daquele incentivo para entrar na carruagem. —Acredito que você me deve ao menos isso... — Ele deixou a voz esvanecer.

Seu bom senso a forçou a dar os últimos passos.

—Se Benji nos encontrar juntos—

—Ele não vai.

—Uma volta pelo quarteirão e você me deixará aqui? — ela perguntou.

—Você tem a minha palavra.

Lorelei pegou a mão que o cocheiro oferecia e entrou na carruagem.

—Para onde, sua senhoria?

CAPÍTULO VINTE E DOIS



ELE NÃO PODERIA manter as mãos longe dela por muito mais tempo. Queria tudo dela e com toda a pressa – agora e para sempre. Mas ele tinha concordado em um simples passeio de carruagem em volta do quarteirão, dez minutos no máximo. Ele a olhou, sentada toda empertigada no assento em frente a ele. Queria estar ao lado dela, sentir o calor do desejo que ela sentia por ele, e ela ia poder sentir o dele também.

Era como se o tempo não tivesse passado – como se ela não tivesse fugido com Chastain. Ela não tinha mentido para ele, embora devesse estar com raiva dela. Ainda assim, não conseguia sentir nada além de desejo.

Sentar-se ao lado dela também era uma impossibilidade no momento, pois ele nunca pararia de olhar para ela. Confundia Andrew o fato de ela nunca ter parecido ser nada além de perfeita – para ele, por ele e com ele.

—Bem, — ela sussurrou. —Você vai dizer alguma coisa?

—As palavras nunca serão o bastante para expressar tudo o que eu quero dizer.

Ela mordeu o lábio inferior antes de falar. —Você ao menos tentará? Temos apenas mais alguns minutos.

Andrew estava sem palavras. Havia muitas perguntas, mas ele temia cada resposta que poderia receber. Ele poderia lidar com o fato de ela amar Chastain? Ele seria capaz de ficar longe caso ela pedisse? Se toda a esperança fosse perdida, ele seria capaz de continuar vivendo sem a chance de possuí-la?

Pela primeira vez na vida, Andrew estava aterrorizado com o que seu futuro reservava.

Tinha herdado sua vasta propriedade e o seu título aos dezessete anos... Gozou de uma fortuna que estava muito além do que muita gente sonhava. Nenhuma vez temeu a imensa responsabilidade de administrar suas propriedades ou seus deveres no Parlamento.

Nem dez anos atrás, quando ficou frente a frente com um dos seus atos mais horríveis, e nenhuma vez tinha ficado aflito com as consequências das

suas péssimas ações. A mulher – e sua filha – poderiam estar em qualquer parte de Londres... a criança que foi reclamada por outro homem.

Mas perder esta mulher – uma mulher que nunca tinha sido dele – o petrificava.

E ainda assim, ele ficou em silêncio. Nenhuma palavra poderia fazê-la entender o quanto ele precisava dela. Uma vez pensou que fosse apenas necessidade física, mas agora sabia que não seria feliz ou completa sem ela. Seu corpo, seus pensamentos, e todo o seu ser pertencendo apenas a ele.

—Eu—

—Andrew, — ela disse ao mesmo tempo. —Acho que devo-lhe uma explicação antes que você comece a falar.

—Você não me deve nada, — ele suspirou. Ele saiu do assento e ajoelhou na frente dela. Os joelhos dela estavam abertos, e ele se moveu entre eles para chegar mais perto dela. —Eu quero te dar tudo, mas entenderei se você realmente sentir algo por Chastain.

Conseguiu, disse a única coisa que o afligia mais que tudo. Se fosse um casamento por conveniência, ele poderia viver com isso, mas se o coração de uma mulher pertencesse a alguém, não havia chance de mudar isso, mesmo se o homem não fosse digno da sua afeição e nem correspondesse seus sentimentos.

Ela apoiou as mãos em seus ombros e ele olhou para ela, esperando pela resposta que quebraria a sua alma.

—Você não entende, e temo que isto seja culpa minha.

—Entendo o quê? — ele disse, mais bruscamente do que pretendia. —Você casou com o meu melhor amigo... sabendo o que *eu* sentia por você. Sabendo que eu pretendia fazer de você a minha Marquesa.

—Andrew, — ela começou, mas parou, como se não pudesse se obrigar a dizer a ele que amava Chastain e que não havia esperança para eles.

—Apenas diga, Lorelei.

—Eu nunca contei a ninguém.

—Mas pode contar para mim, — ele suplicou. —Estarei aqui não importa o que você diga.

—Você olhará para mim de outra forma.

—Nunca...

—Ele me abordou... me jogou no chão... rasgou o meu vestido.

Andrew se afastou dela incrédulo, mas sabia que tinha sido um erro no segundo que viu a dor no rosto dela, os braços cruzados sobre o peito,

afastando-se dele.

—Não pode ser... — Andrew tentou fazer com que as palavras dela fizessem sentido. —Chastain pode não se importar com ninguém e ser egoísta até o âmago, mas fazer mal a uma mulher?

Ela abaixou o olhar, quebrando o contato visual.

Se era para que ela confiasse nele, ele precisava derrubar aquela barreira.

—Eu não quis dizer que ele não tenha tirado vantagem de você, — ele disse, voltando a se ajoelhar na frente dela. —Quando ele fez isso? Na sua noite de núpcias? Se ele te machucou—

—Não, — ela sussurrou. —Foi antes do casamento.

—Antes? — Ele vasculhou o cérebro, tentando pensar em quanto eles tinham estado juntos. As coisas aconteceram tão rápido que ele não conseguia identificar quando Chastain teve essa oportunidade. —Quando ele saiu contigo do baile naquela primeira noite? O filha da p—

—Não naquele dia, mas alguns dias depois.

No dia seguinte, Chastain tinha ido para a festa da Madame Sasha. Andrew se lembrava claramente daquela manhã: ele tinha voltado da casa de Lorelei quando foi entregar as flores e Chastain estava esperando por ele para que eles fossem para o campo, mas Andrew tinha cancelado a viagem para poder ir atrás de Lorelei. Mas Chastain não tinha ficado na festa?

Eles mal tinham se falado desde então, a distância que Andrew tinha posto entre eles também foi encorajada por Chastain. Eles não jantaram mais juntos nem foram ao teatro.

—Foi culpa minha, — Lorelei sussurrou. —Eu pedi para que ele me encontrasse no Covent Gardens.

—Um convite para uma peça não significa um convite para o seu corpo, Lorelei. — Ele tentou atenuar a culpa dela. Se alguém fosse culpado, esse alguém era ele. Se ele tivesse entrado na carruagem e saído de Londres com Chastain conforme o planejado, seu velho amigo provavelmente não estaria na cidade quando recebeu o convite. Ele ergueu a mão e pegou o queixo dela, fazendo com que ela olhasse para ele. —Você não é culpada pelo péssimo comportamento dele. Você sabe disso, não sabe?

—Mas eu o chamei para me encontrar lá, desacompanhada. — Um única lágrima desceu pela bochecha dela. —O que mais ele pensaria?

Andrew se inclinou e começou a pressionar beijos no rosto de Lorelei, seguindo o caminho da lágrima. Ela era de tirar o fôlego, até mesmo quando estava triste.

—Nunca pense que você foi a responsável, — ele disse.

Pensou nos eventos passados, lembrando da noite em que Chastain tinha voltado do campo e mandou um recado para que ele o encontrasse no White's. Benji estivera bêbado, muito bêbado – e a camisa dele estava suja de lama. Poderia o seu amigo ter feito isso e depois ter ido encontrá-lo para jantar?

Ela olhou para ele, como se julgando a validade das suas palavras. Ele esperou que ela falasse, ainda temendo o que viria a seguir.

—Você poderia me mostrar como é estar com alguém que te ama?

Ele ficou sem ar, incerto de como responder... o que ela esperava dele. E acima de tudo, se ele merecia a chance de mostrar o que sentia por ela.

—Eu desejei isso desde que pus os olhos em você. — Ela ficou em silêncio, e ele sentiu que ela não podia admitir que sentiu o mesmo... por ele. —Você não precisa dizer ou fazer qualquer coisa. Eu posso lhe mostrar o amor.

Ele se inclinou e tomou a boca de Lorelei, os lábios pressionados junto aos dela; buscando-a, reclamando-a – mas acima de tudo, mostrando a ela.



O quarto ao redor dela era tudo, e nada do que tinha esperado. Extremamente masculino com a mobília grande e pesada, as cadeiras de respaldo alto feitas para suportar o tamanho e o peso de um homem, cortinas e roupa de cama azul escuro. Parecia que o quarto tinha sido limpo há pouco tempo, ou que ninguém tivesse usado o cômodo ultimamente, já que nenhuma coisa estava fora do lugar. As cadeiras pesadas estavam na posição ideal para captar o calor do lareira. Havia mais uma lareira do outro lado do quarto, perto da cama.

Queria nada mais do que estar naquela cama, longe do resto do mundo, e protegida daqueles que ameaçavam a ela e a seu filho. Mas acima de tudo, estar envolvida nos braços dele. Quantas noites não tinha sonhado em fazer exatamente aquilo?

Lorelei sabia que não deveria estar ali. Deveria estar ao lado do filho, fazendo planos para o futuro. Um futuro longe de Londres, de De Pez, de Chastain – e infelizmente, fora do alcance de Andrew. Mas achava aquela possibilidade difícil de aceitar.

—Posso pegar o seu casaco? — ele sussurrou em seu ouvido.

O tecido escorregou dos braços dela quando encolheu os ombros. Ela não o ouviu cair no chão, e presumiu que Andrew tinha pegado a peça. Naquele instante, não se importou com o vestido mal ajustado, já que Andrew não iria julgá-la ou ofendê-la.

Confiança era algo que ela raramente dava a alguém.

Mas Lorelei confiava nele. Acreditava que se as coisas tivessem sido diferentes, que Andrew teria sido um marido maravilhoso e um pai amoroso.

Infelizmente, as coisas não eram diferentes.

Eles tinham essa única tarde, e se tudo saísse conforme o planejado, ela e Peter iriam desaparecer, e nunca mais seriam vistos.

Ela se permitiu essa única tarde, breves horas de prazer e felicidade, pois depois que o deixasse, Lorelei teria que tomar a decisão mais difícil da sua vida. Embora isso já tivesse sido resolvido na sua cabeça, a execução era algo que ela esperava poder fazer. Deste momento em diante, ela estaria sempre olhando por sobre o ombro, não confiaria em ninguém, e sempre questionaria a intenção das pessoas.

Mas por agora, não questionaria nada – nem Andrew, nem suas intenções.

Lorelei tomaria tudo o que ele lhe oferecia, embora soubesse que não seria capaz de dar nada em troca.

—Está com frio? — ele perguntou.

—Não. — Um arrepio atravessou o seu corpo, não por causa da falta de calor, mas por causa da sua própria antecipação. Tinha vivido este momento um milhão de vezes em sua mente. O quarto era diferente, mas o homem era o mesmo.

—Então por que está tremendo? — Os dedos dele afagaram o seu braço nu.

—Porque eu te quero, — ela suspirou.

Estava assustada com a profundidade das suas emoções. Depois dos maus tratos de Chastain, nunca pensou que fosse querer um homem desse jeito. Embora tenha descoberto que queria mais que apenas o corpo dele, mas também a sua mente, e a sua paixão.

Ele foi para os botões do seu vestido e começou a desabotoá-los. O fogo aquecia o seu corpo enquanto a abertura do vestido permitia que o ar gelado refrescasse a sua pele quente.

Ela olhava para fogo enquanto o vestido escorregava pelo seu corpo. Não havia volta.

O que ia de encontro ao que queria, pois não queria que ele – ou isso – acabasse.

—Por favor, — ela rogou.

—Diga-me tudo o que você deseja, minha Lorelei. — Ele beijou o lugar sensível atrás da sua orelha enquanto as mãos dele continuavam descendo por suas costas, arrastando o delicado tecido da sua composição. —Estou à sua disposição.

Lorelei aceitava ordens. Executava muito bem os planos criados pelos outros... Nunca tinha assumido a liderança e feito o que queria, embora parecia que agora estava por conta dela. Se pudesse assumir o controle agora com este homem, então com certeza poderia lidar com o que quer que o futuro lhe reservasse.

—Eu quero ver você... tocar você. — Era tudo o que ela queria por enquanto, e mais do que tinha esperado conseguir.

Ela se virou nos braços dele, coberta apenas pela combinação, as meias e os sapatos, ainda assim não se sentiu em desvantagem por ele estar completamente vestido.

Lorelei se sentiu poderosa.

—Eu gostaria de remover o seu *plastron*. — Não esperou terminar a frase para começar a tarefa. Delicadamente, pegou um ponta com os dedos e puxou, mas o nó intrincado não cedeu. Ela olhou para ele, sabendo que a testa estava encrespada.

Nunca tinha despido um homem, e não supôs que um *plastron* seria a sua ruína.

Com mais força, ela puxou o tecido, e ele finalmente cedeu. Passou a seda por entre os dedos, desfrutando da maciez do tecido, muito parecido com o jeito que o seu vestido cor de esmeralda a envolvia – ou *costumava* envolver antes que ela tivesse jogado o maravilhoso vestido fora para esconder a sujeira e as partes estragadas.

Andrew ergueu o seu queixo, olhando nos olhos dela. —Por que você parou?

Com um leve sorriso, afastou todas as memórias daquela noite da mente, e mais uma vez começou a puxar o tecido. A seguir, o deixou cair no chão e foi para os botões.

—Acho que não gosto desta blusa. — Ela cometeu o erro de olhar para ele, e seus dedos congelaram. Não sabia como parecia o desejo puro e descarado, mas estava certa de que era exatamente o que estava vendo nos

olhos de Andrew. Seus dedos voltaram a trabalhar. —Prefiro sentir a sua pele.

—Eu também prefiro. — Andrew se inclinou levemente e puxou a combinação dela por sobre a cabeça, deixando-a completamente exposta, com apenas as meias cobrindo o seu corpo. —Agora, se você terminar a sua tarefa, nossas peles finalmente entrarão em contato.

Lorelei levou as mãos de volta aos botões, trabalhando rápido para remover a vestimenta. O material fino caiu aos seus pés, juntando-se ao *plastron* e à sua combinação.

Quando as mãos descansaram no peito musculoso, imaginou o calor que encontrou ali. Pensou que o peito forte de um homem fosse frio ao toque. No entanto, tinha estado completamente enganada já que acima dos seus músculos, a pele era macia e agradável ao toque.

Só queria que tivesse horas – não, dias – para explorar o corpo dele. Sentiu que toda uma vida não seria o suficiente.

Infelizmente, ela só teria o agora, este momento, pelo resto da eternidade.

Correndo as mãos pelo peito dele e sobre a barriga firme, ela alcançou a fivela do cinto. Suas mãos tremiam enquanto o abria e o jogava no chão, adicionando mais uma peça à pilha de roupas.

—Deixe-me olhá-la, — Andrew murmurou, empurrando-a para trás. A respiração áspera lhe disse que o fogo estava realçando o seu corpo. —Você é o paraíso, minha Lorelei.

Ela olhou para si mesma. A luz difusa acentuava as suas curvas e não tocava as depressões do seu corpo. Temia que o corpo estivesse marcado pela gravidez recente.

—Venha cá, vou te mostrar o quanto você é divina. — Ele a afastou e então atravessaram o quarto indo em direção à uma porta não muito longe da lareira. Andrew ergueu a mão por sobre o seu ombro e abriu a porta, revelando um espelho pendurado na parede, e o quarto de vestir bem arrumado. —Olha...

E ela olhou.

O fogo, agora na lateral, fazia o seu cabelo flamejar onde ele emoldurava o seu rosto com as madeixas soltas caindo por suas costas. O pescoço esguio lhe dava toda a graça e postura de uma verdadeira dama. E os seios, ainda firmes, estavam erguidos e cheios com os mamilos escurecidos pelo fogo. Sua barriga, mesmo que não fosse mais firme, e os quadris tinham um apelo

que ainda era agradável aos olhos. As meias cobriam as suas panturrilhas e sumiam em suas botas de couro.

Seu olhar ia do corpo ao rosto onde sua expressão era assombrada, sua boca fazia um ‘o’ que acentuava as altas maçãs do seu rosto.

—Como eu disse – linda. — Ele varreu o seu cabelo do ombro e trilhou beijos dali até o seu braço.

Ela estava hipnotizada com a visão dele adorando o seu corpo. As mãos de Andrew desceram até os seus quadris e os seguraram contra ele enquanto a boca continuava a explorar, dando beijos leves e pequenas mordidas na lateral dos seus seios. Como se ele não confiasse na boca para fazer o trabalho, uma mão abandonou o seu quadril e se acomodou sob o outro seio, massageando-o levemente.

A cena era erótica de uma forma que nunca tinha esperado. Observar a própria sedução em um espelho.

As mãos e a boca de Andrew abandonaram os seus seios enquanto ele se ajoelhava atrás dela.

Andrew a segurou firme – de frente para o espelho – quando ela tentou virar-se para ele.

Beijando as suas costas, as mãos dele foram até o seu traseiro, movendo a carne com a pressão incessante das suas mãos atenciosas.

Com ele fora de vista, Lorelei podia apenas voltar a olhar para o espelho enquanto gemia. Seus olhos – sempre de um verde profundo – pareciam em conflito, como se estivessem à deriva no meio de uma tempestade. A última vez que tinha se olhado, tinha parecido vazia, os olhos quase sem vida, mas agora eles estalavam com a paixão reprimida.

Arfou quando ele começou a tirar as suas meias, os lábios seguindo o caminho até a sua roupa de baixo.

Suas pernas curvaram quando ele correu a língua pela parte de trás do seu joelho, o ponto era quase tão sensível quanto o lugar atrás da sua orelha.

—Espere, — ele murmurou enquanto trabalhava na outra meia.

Nunca tinha sonhado que o toque da boca de um homem – ou seus dedos – em suas pernas podiam provocar tal anseio.

Andrew tocou com suavidade a parte interna da sua coxa, como se soubesse o que viria a seguir, abriu as pernas ligeiramente e as mãos dele descansou entre elas, segurando o seu núcleo enquanto beijava os seus quadris.

Um calor súbito entre as suas coxas fez com que ela as fechasse, prendendo a mão dele lá.

—Abra-se para mim, minha doce Lorelei, — ele persuadiu. —Não tema.

—Não estou com medo. — E ela não estava. Se estivesse em dúvida sobre alguma coisa, era sobre como poderia se afastar disso – e dele. —Por favor, não pare.

As palavras saíram como um gemido quando ele parou com os beijos.

Ela abriu as penas mais uma vez na esperança de que os dedos continuassem a explorar a área sensível.

Para o seu desgosto, viu-o tirar a mão enquanto ela olhava para o espelho.

Pela primeira vez desde que tinha entrado na carruagem dele – foi há apenas uma hora? Ou já fazia dias? – sentiu-se sozinha.

Andrew se arrastou pelo chão polido e se ajoelhou na frente dela. Pelo espelho, ela viu os cabelos, os ombros largos e o traseiro firme que se escondia dentro das calças.

Instintivamente, Lorelei levou as mãos aos cabelos dele e correu os dedos pelo comprimento sedoso, enquanto ele se inclinava levemente para frente e continuava a trilhar com a boca o caminho que tinha começado em suas costas. Os lábios queimaram por debaixo dos seus seios, indo em direção ao seu estômago. Lambeu o seu umbigo e foi mais para baixo.

Doía para agarrar a cabeça dele e levar os lábios até os dela. Ainda assim, seu corpo sentia que receberia muito mais prazer antes de aquilo acontecer.

—Andrew, — ela implorou mais uma vez.

Ele parou tempo suficiente para dizer, —Diga-me o que você quer.

—Eu não sei o que quero, mas eu preciso... — A voz de Lorelei esvaneceu quando não conseguiu encontrar as palavras certas. —Eu sei que quero mais.

Ele riu, embora ela soubesse que não tinha sido por causa da sua incapacidade de encontrar as palavras certas ou para provocá-la.

—Irei mostrar o que você precisa. — Sentando-se, ele pegou seus pés, um de cada vez, e removeu os seus sapatos, então tirou as suas meias. E então, ele jogou as meias e os sapatos por sobre os ombros.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ANDREW OLHOU PARA Lorelei, a inocência que ela tinha na paixão e nos assuntos da carne desmentiam a sua própria natureza. Seria possível que Chastain, um sedutor instruído, não tivesse usado seus muitos talentos com a própria esposa?

—Sim, mostre-me. — Lorelei fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

Ela era maravilhosa, cada curva do seu corpo desde o declive delicado da clavícula até o arco das suas costas. Ela foi feita para a paixão.

Feita para *ele*.

Andrew voltou a atenção para a barriga dela, trilhando beijos cada vez mais baixos até que alcançou os pelos que escondiam seu lugar mais sensível. Com os dedos firmes, ele ergueu a mão e foi de encontro ao seu núcleo, molhado com a necessidade. Quando ele a tocou, ela empurrou os quadris em direção a ele.

—Você sabe exatamente o que quer, — ele ronronou. Ele a faria contorcer-se antes de dar o que ela queria. Ele teve que ir rápido quando ela começou a tirar as suas calças, pois sabia que seu desejo assumiria caso não houvesse mais a barreira da roupa.

—Eu juro que não sei. — Ela empurrou os quadris em direção à sua mão.

—Então o seu corpo está te traindo. — Seu corpo se afastou uma fração. —Não, não se afaste de mim.

Finalmente ele ficou de pé, pairando sobre ela, mesmo ela sendo uma cabeça mais alta que muitas mulheres.

—Andrew? — Ela olhou para ele, confusa. —Eu não quis ofender—

—Não ofendeu. — Ele pegou a mão dela e eles foram para a cama, suas botas ressoavam no cômodo silencioso. —Mas cansei de ficar no chão duro e eu tenho certeza de que você está com frio.

Pelo rubor da pele dela, a última coisa que Lorelei sentia naquele momento era frio.

Lorelei ficou calada.

Embora ela não hesitasse, um vislumbre de medo cruzou o rosto dela quando ele a deteve na frente de sua cama.

—Se você não quiser fazer isso, posso te levar para casa. — Mesmo as palavras tendo saído de sua boca, Andrew estava muito longe de parar. Ele teria Lorelei – esta mesma tarde, e durante todo o dia seguinte.

Felizmente, ela sacudiu a cabeça. Ficou na ponta dos pés e cobriu seus lábios com os dela; suas bocas se encaixavam perfeitamente. Andrew entreabriu os lábios, sua língua correu pelo lábio inferior de Lorelei. Instintivamente, ela o deixou entrar, aprofundando o beijo.

Eles compartilharam muito mais que um beijo. Os lábios dela pediam uma promessa, e ele deu a resposta que ela queria.

Não podia mais deixar as mãos longe dela.

Andrew segurou-a pela cintura, ergueu-a e colocou-a sobre a cama.

Dando um passo atrás, Andrew abriu a calça. Quando a aba se abriu, seu membro saltou. Andrew curvou-se apressadamente, desamarrou suas Hessians e tirou-as. Finalmente, tirou as calças.

Nunca deixou de olhar para ela enquanto se despia. Não que esperasse que ela fosse mudar de ideia, mas tinha sido forçado a ficar sem ela por tanto tempo que temeu que talvez ela fosse desaparecer bem na frente dos seus olhos – e que ela nunca mais voltaria para ele.

Deve ter sido o desespero no olhar dela ou o jeito que ela vinha em sua direção cada vez que ele dava um passo para trás.

Ele ficou na frente dela, nu e vulnerável aos seus olhos, assim como ela tinha ficado na frente dele uns minutos atrás.

Mas ao contrário dele, ela manteve os olhos focados nos dele, nunca desviando-o para olhar o seu corpo.

Levou tudo dele para não ceder aos apelos silenciosos e ir até ela, mostrar a ela o que era o prazer e... o amor.

A força da palavra – só um pensamento – fez com que ele desse um passo atrás.

Não podia ser, era só a sua obsessão levando a melhor mais uma vez. Ela era casada com o seu melhor amigo, tinha-o abandonado em favor de Chastain meses atrás. Ele não tinha nenhum direito sobre ela na época, e agora o coração dela ainda não era seu.

Poderia mudar isso?

Ele a olhou, nua diante dele, espalhada em sua cama, esperando...

Andrew mostraria a ela como ela deveria ser tratada... que se ela o tivesse escolhido – que ainda haveria tempo para ela ser dele.

—Minha Lorelei, — ele sussurrou, aproximando-se da cama mais uma vez. —Esperei tempo demais por este momento.

Finalmente, ela olhou para o seu corpo, os olhos se demoraram um pouco abaixo da sua cintura antes de voltarem para o seu rosto, a vergonha nublava a expressão dela.

—Não se envergonhe por olhar. — Ele colocou uma mão de cada lado dela e se aproximou, —ou trocar.

E quanto ansiava que aquelas mãos delicadas o tocassem – corressem pelo seu peito e mais para baixo. Ou que puxassem o seu cabelo enquanto ela jogava a cabeça para trás quando chegasse ao êxtase.

Andrew deitou-se sobre ela, segurando o peso com o cotovelo, e beijou-a. os lábios pressionados aos dela, e em segundo, eles se encaixaram e se moveram juntos, sua língua saiu para poder explorar a boca de Lorelei. O gosto dela quase foi a sua ruína. Para não ficar para trás, Lorelei também começou a explorar, não apenas com a boca, mas também com as mãos, que agora seguravam os seus ombros com muita força.

Quando ele afastou a boca, mudando o foco para o lóbulo da orelha, dando leves mordidas e sugando, ela arqueou as costas. Com relutância, ele largou o lóbulo e focou no pescoço esguio, bem abaixo do queixo.

—Andrew, — ela suspirou. —Eu preciso de você.

—Você me tem.

—Não. Dentro de mim – eu preciso de você dentro de mim, agora.

As palavras foram uma ordem. Afastando-se um pouco, ele olhou dentro dos olhos dela enquanto se ajeitava entre suas pernas, sua masculinidade descansou contra a abertura. Sua pele estava em brasas, embora não tivesse certeza se o calor vinha dela e viajava pelo corpo dele ou se era ele a fonte. De qualquer forma, em breve ele estaria em chamas se não entrasse nela.

—Abra-se para mim. — Ele investiu dentro dela quando ela abriu mais as pernas. Levou tudo dele para ficar contido enquanto ela acomodava o seu comprimento. Ele olhou enquanto entrava nela, memorizando este momento. —Você está bem? — ela perguntou.

Ela não se moveu, e ele temia que a tivesse machucado.

—Sim, — ela sussurrou. —Estou mais que bem.

Andrew afastou os olhos dos seus corpos juntos e olhou para o sorriso dela. Com a afirmação, ele entrou os poucos centímetros restantes e cravou-

se até o talo. Ficou parado e esperou que ela respondesse e ditasse o ritmo.

Quando ela balançou os quadris, levando-o mais fundo do que ele pensava ser possível, ele quase perdeu o controle.

—Andrew.

Sua resistência se rompeu e ele se entregou a paixão que corria entre eles – sem reservas, ele não guardou nada.

Lorelei contorcia-se debaixo dele a cada vez que ele se retirava e investia, seus gemidos eram tão doces quanto as canções dos anjos.

Os quadris dela o encontravam a cada investida, o ritmo da junção de seus corpos se transformou em um frenesi de velocidade.

Quando Lorelei gritou ao chegar ao êxtase, ele entrou mais profundamente, deixando a sua própria semente dentro dela ao mesmo tempo que beijava os seus lábios.



Lorelei olhou para Andrew, que tinha caído em um sono profundo depois de tê-la levado ao êxtase mais uma vez. Ele dormia tão profundamente que não quis acordá-lo, mas precisava partir antes que qualquer membro da criadagem dele notasse a sua presença, ou que os seus próprios criados notassem a sua ausência. Tinha muito o que fazer esta noite.

Ainda assim, não conseguia se obrigar a sair daquela cama.

Erguendo a mão, Lorelei passou os dedos levemente pela mandíbula forte até os lábios perfeitos. Observou cada traço do seu rosto e o guardou num lugar especial da sua mente, onde entesourava as coisas que nunca mais veria – o lugar onde guardava as boas memórias do pai de quando ele era amoroso ou lembranças da sua casa na França. Aquela época tinha sido sagrada para ela, assim como este momento com Andrew, então fez a única coisa que podia: memorizou o seu rosto, seu corpo e seu cheiro, assim como tinha guardado a lembrança do seu quarto de infância, a vista da janela e os abraços que o pai uma vez tinha dado tão generosamente.

Se ela saísse da cama e vestisse as roupas, poderia sair da casa antes que ele acordasse... e se tudo desse certo, estaria longe de Londres antes que ele fosse atrás dela. Era a única forma de mantê-lo seguro, mas também de proteger Peter. Andrew ficaria magoado quando descobrisse que ela tinha ido embora – assim como deixá-lo para trás a magoaria – mas aqueles sentimentos desapareceriam com o tempo. Um dia ele perdoaria as suas

muitas traições, embora ela não fosse estar por perto para dar a ele todas as respostas, nem nunca se perdoaria por isso.

Andrew respirou fundo e jogou o braço sobre ela, os dedos descansando em seu traseiro.

Lorelei se afastou dele, a mão caiu de sua cintura até que suas pernas se balançaram na lateral da cama. Ela se ergueu assim que seus dedos encostaram no chão frio, olhando em volta do quarto. A única luz vinha das lareiras e da vela acesa do lado de fora do quarto de vestir de Andrew.

Atravessou o cômodo com cuidado, apoiando o peso sobre o peito do pé para abafar o barulho, e pegou a vela. Segurou-a, tendo o cuidado de não deixar a cera quente pingar na pele, refez os seus passos e pegou as roupas: o vestido e o casaco aqui, a combinação ali, e só Deus sabe onde estariam suas meias e suas botas.

Um ronco profundo veio da cama e o colchão rangeu sobre as cordas.

Lorelei congelou, preparada para ouvir Andrew chamando o seu nome.

Felizmente, ele ficou de bruços e continuou dormindo.

Freneticamente, procurou as meias e as botas na frente do espelho. Não podia se obrigar a olhar para o objeto, pois lembrou-se do que Andrew tinha feito com ela mais cedo. Sentia as bochechas queimarem só de pensar nisso.

—Onde você estão? — Ela disse no cômodo silencioso, esperando que seus pertences pudessem responder à pergunta.

Para seu desânimo, eles permaneceram calados – e escondidos.

Deviam estar perto.

Será que Andrew os tinha jogado em seu quarto de vestir? Ela tentou se lembrar das ações dele, mas só vinha à sua mente a visão de suas mãos sobre o seu corpo – e os lábios acariciando cada curva dela.

Decidindo que valia a pena tentar, ela entrou em seu espaço mais privado.

Localizou imediatamente sua meia presa sobre um recipiente cilíndrico no canto mais afastado do cômodo.

Lorelei entrou e pegou as botas, uma das meias de renda estava ali perto. Quando ela puxou, o objeto atrás dela balançou e rolou pelo chão.

Pela segunda vez, Lorelei congelou, esperando que ele chamasse o seu nome. Novamente, a sorte estava ao seu lado.

Ela se inclinou para pegar a meia quando a letra no cilindro chamou a sua atenção. Escrito ali estava o nome ‘Chastain.’

Ela colocou a vela no chão e colocou suas roupas ali perto, mas não tão perto para que iniciasse um incêndio.

Quando pegou o objeto, pôde ver um anel desenhado no chão, como se aquilo estivesse ali há anos e anos. As tábuas ainda pareciam recém-polidas.

O recipiente, feito de algum tipo de papelão, era leve e parecia estar em excelentes condições, obviamente protegido dos elementos. Ela girou uma das pontas, e a tampa saiu, revelando um papel enrolado lá dentro.

Ofegante por causa da antecipação, ela virou o cilindro e o rolinho caiu direto na sua mão. Só precisava abrir um dos cantos para confirmar as suas suspeitas. Eram as plantas de Carcassonne.

Mas não podia ser.

Ela vacilou, quase deixando as plantas e o invólucro caírem de suas mãos. Mal podia acreditar em sua boa sorte.

Lorelei tinham rejeitado os avanços de Andrew, recusado a sua bondade, tudo para ter acesso à casas que nunca abrigaram o que procurava. Permitiu que Chastain usasse o seu corpo de forma maliciosa, que ele quebrasse a sua alma, e então agir como se ela e o filho não existissem. E todo esse tempo, Andrew possuía o que ela buscava.

Provavelmente foi por isso que De Pez não conseguiu completar sua missão.

Concentrou-se em expulsar o ar que estava parado em seus pulmões e aliviou o peso que havia sobre ela.

Por que Andrew não tinha lhe contato?

Simples: nunca tinha sido honesta com ele. Manteve seus segredos, mentiu para ele, e então pensou que ele lhe diria sobre um conjunto de plantas empoeiradas que ele mantinha em seu quarto de vestir?

Talvez Chastain os tivesse trazido para Andrew, suspeitando das intenções de Lorelei. Mas pela marca no chão, as plantas de Carcassonne estavam neste mesmo cômodo há muito tempo.

Andrew tinha acabado de fazer amor com ela, tinha lhe tratado como se nada mais existisse além deles e do prazer.

Ele nunca a usaria para se favorecer – embora ela sabia ter feito exatamente isso, procurou a sua própria libertação antes de se preparar para desaparecer na noite e nunca mais vê-lo.

Deixando as plantas de lado, Lorelei vestiu as roupas apressadamente. Com o cilindro em uma mão e as botas na outra, fugiu do quarto e calçou as botas no corredor – embora ainda estivesse sem uma meia.

Percorreu o caminho até a escadaria principal.

A casa estava estranhamente quieta enquanto ela fechava a porta da frente e entrava na cobertura da noite.

Sua liberdade estava bem presa debaixo de seu braço, agora só precisava de um pouco de precaução quando fosse deixar a cidade. Então – e só então – faria os arranjos para entregar as plantas.

Ela e Peter estariam escondidos e em segurança, Bonaparte teria o que queria, e todo mundo esqueceria dela.

O pensamento de entregar as plantas para De Pez ou para os seus pais e voltar para Andrew acendeu uma nova esperança dentro dela.

Ainda assim, a possibilidade de colocar Andrew em perigo não lhe atraía, não importa o quanto quisesse que ficassem juntos... que tivessem um futuro.

Ela tinha total intenção de partir de Londres aquela noite, e nunca mais ver Chastain ou De Pez. Peter estaria a salvo, mesmo que privado de sua herança, ele cresceria vivo e bem e não estaria à mercê dos outros. Isso também significava nunca mais encontrar prazer nos braços de Andrew, e essa era a única coisa que doía. Mas, como ele, ela seguiria adiante – embora estivesse certa de que não encontraria o amor com outra pessoa. Nunca voltaria a confiar em alguém.

A caminhada até a casa de Chastain não era longa, mas ao anoitecer poderia ser arriscada com os batedores de carteira e os ladrões escondidos nos becos. Mas só faltavam algumas quadras para então conseguir uma carruagem de aluguel para levá-la para casa.

Duas casas depois da casa de Andrew, ouviu um par de pés atrás dela, mantendo o ritmo, nunca se aproximando. Agarrando-se ao estojo, ela se apressou até chegar à área mais movimentada.

Ela podia ver as ruas bem iluminados a menos de uma quadra de distância. Lorelei abaixou a cabeça e mais uma vez apertou o passo. Os passos atrás dela fizeram o mesmo.

—Lady Chastain, onde você vai com tanta pressa?

Lorelei não queria se virar, não podia arriscar diminuir o passo. Não faltava muito para chegar à segurança da área movimentada.

—Minha lady? — De Pez chamou. Dessa vez, a voz dele estava mais próxima, como se ele estivesse há apenas alguns passos de distância.

Seus planos de fuga nunca seriam realizados se ele notasse o que ela estava carregando.

—O seu *fiel* marido sabe sobre as suas indiscrições com o Marquês de Drake?

Ela ficou calada.

—Não, acredito que ele não saiba, embora agora que ele tem um herdeiro, ele não esteja mais preocupado com as suas atividades. Mas, imagino se ele não ficaria chateado caso o sobressalente fosse na verdade filho do seu melhor amigo.

Ele a espicaçou. Ele conhecia muito bem o seu mau gênio, e incitá-la a uma briga era a forma mais provável de conseguir com que ela parasse antes de chegar ao seu destino.

—Você sabe que precisa de um sobressalente, não sabe, Lady Chastain? Pois se algo acontecer ao herdeiro atual, deverá haver outro para assumir o seu lugar. — A ameaça foi clara. —Eu com certeza nunca teria prazer em ver algo desagradável acontecer com o seu pobre bebê.

Ele parou atrás dela.

Mas a ameaça tinha sido o bastante para fazê-la para.

—Qual você disse que era o nome dele? Peter?

Finalmente, ela parou e virou-se.

Ele sabia ter escolhido as palavras certas e riu.

—Você disse *era*? — ela disse entredentes. Ele estava mais longe do que ela esperava, mas não havia dúvida de que ele tinha ouvido o que ela dissera. —Você pode me ameaçar, acossar a minha família... mas você não tem, e nunca terá o meu filho!

—Ele é francês, não importa onde tenha nascido. — De Pez enfiou as mãos nos bolsos, um sorriso satisfeito estava colado em seu rosto. —Ele pertence ao próximo líder da França, que agora é Napoleão Bonaparte – e graças à estas plantas, ele irá favorecer a mim e à minha fidelidade a ele.

—Não. — Sua cabeça sacudiu em negação. —Você não as terá – e nem Bonaparte ou quem quer que seja a pessoa com quem você se aliar.

—Sua criança boba e ignorante. Napoleão já está no poder. — Ele deu um passo em direção a ela, e ela deu um passo involuntário para trás. —Você ainda acha que pode controlar qualquer coisa – que esta missão sempre esteve mesmo em suas mãos?

Lorelei recusou-se a baixar o olhar. Tinha posto De Pez no lugar mais de uma vez, e agora teria que pagar por isso, mas não desistiria sem lutar. Se ele pensava que ela era fraca – de mente ou de corpo – ele estava errado.

—E o que você tem aí? — Ela quase esquecera o recipiente que segurava debaixo do braço. —Você conseguiu?

Ela deu outro passo involuntário para trás.

—Dê-me o estojo.

Ela o puxou para mais perto, seu casaco o escondia da vista. —Nunca entregarei as plantas a você.

—Oh, sim, você vai. — Ele avançou em sua direção e ela se esquivou. Havia um beco estreito entre duas casas há apenas uns vinte passos de distância. Ela correu para a segurança da escuridão, esperando que ele conduzisse a um estábulo atrás da casa maior... e a alguém que pudesse ajudá-la. Ou ao menos assustar De Pez por um tempo. —Volte aqui.

Lorelei só precisava ir para casa. Poderia partir com a Sra. Dutton e com Peter em poucos minutos e desaparecer na noite.

Correu o mais rápido que pôde, os sapatos macios mal faziam som enquanto ela se movia pelo beco calçado.

As botas de De Pez trovejavam atrás dela, o som reverberava entre as casas que flanqueavam a passagem estreita.

O beco finalmente acabou, havia um estábulo de cada lado. Correu para o mais próximo; com certeza algum cavalariço ajudaria uma dama necessitada.

—Socorro! — Ela correu até a porta aberta – e não encontrou ninguém. O estábulo estava vazio, não havia nenhuma carruagem e nenhum cavalo lá dentro. Ela entrou em pânico enquanto procurava um cômodo mal iluminado. É claro, nenhum condutor ou cavalariço estaria disponível a essa hora. Estariam esperando seus senhores do lado de fora da outra casa grande.

De Pez a seguiu para dentro do estábulo um instante depois.

Ela se moveu, indo em direção ao local onde ficavam os suprimentos e os equipamentos. Jogou o cilindro em uma pilha grande de feno e pegou um forcado que estava apoiado na parede enquanto virava-se para encarar o seu perseguidor.

—Não se aproxime! — ela gritou. —Saia, agora.

Desconfiado, ele parou, mas a circulou, tentando chegar perto das plantas, que estavam aninhadas no feno atrás dela. —Você não pode ganhar, Lorelei. Saia da frente, eu pegarei as plantas e irei embora.

—Você acha que eu sou idiota? — Ela foi para o lado para bloqueá-lo e empurrou o forcado na direção dele. Ela tinha ficado sujeita a ele e à sua causa, mas nunca se entregaria nem serviria a este novo homem. —Eu sei que você nunca me deixará sair viva daqui.

—Eu a subestimei, *ma cherie*.

Sua raiva ferveu. Aquelas foram as mesmas palavras que Chastain tinha lhe dito naquela noite no Covent Gardens.

O som que saiu dela foi algo parecido com um grito de guerra.

Ela o viu ficando alarmado quando ela foi para frente, o forcado estava mirado na barriga dele. Ele estava tão perto que não teve tempo de se esquivar, nem ela teve espaço o bastante para dar impulso.

Mas as pontas estavam afiadas e penetraram na barriga dele.

Os olhos dele se arregalaram enquanto ele olhava dela para o forcado cravado em sua carne.

Lorelei largou a arma e De Pez caiu de joelhos na frente dela.

Se ele não estivesse seriamente machucado, o forcado não o prenderia por muito tempo.

Procurou pelo cilindro, cavando o feno até que as mãos entraram em contato com o invólucro. As mãos tremiam tanto que ela teve dificuldade para pegar o objeto. Olhando por sobre o ombro, viu De Pez ajoelhado, o forcado tinha sido removido de sua barriga e o sangue manchava sua camisa e suas mãos.

Ele a observou através dos olhos entreabertos enquanto ela ficava de pé e passava por ele indo em direção ao beco.

—Isso não terminou, — ele gritou para ela.

Lorelei estava apavorada com a possibilidade de isso nunca acabar, não importava o quão longe fosse ou quanta distância pusesse entre si e tudo o que conhecia da vida até aquele momento.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



ANDREW ANDAVA PARA lá e para cá em seu estábulo, esperando que o seu cavalo fosse selado, a peça delicada estava guardada em seu bolso.

Estaria condenado se permitisse que ela fugisse mais uma vez – deixá-la agir como se ele não significasse nada. Mesmo que as horas que tivessem passado nos braços um do outro não fossem a garantia de um futuro juntos, Andrew estava disposto a tentar, mesmo que isso significasse viver sob o estigma de um escândalo. Não era nada com o que ele não estivesse acostumado, e muito esperariam que ele se comportasse dessa forma.

Depois do breve momento de felicidade, ele acordou numa cama fria e vazia. Não tinha restado nenhum rastro de Lorelei além da meia de renda que estava guardada em seu bolso. Chegou a pensar que tinha sonhado com o que aconteceu aquela tarde: encontrá-la na rua, levá-la em sua carruagem, e então arrebatar o seu corpo nu.

—Por que está demorando tanto? — ele gritou. Quase saiu a pé para rastreá-la. Mulher tola, sair ao anoitecer – a Sra. Bee tinha lhe informado – a pé. Qualquer tipo sórdido poderia ter estado esperando-a nas sombras. — Traga o meu cavalo, agora!

Enquanto ele gritava a última palavra, um cavalariço conduziu o seu melhor garanhão para fora da baia, selado e pronto para ser montado.

Precisava encontrá-la e se certificar de que ela chegara em casa em segurança. Então, planejava listar todas as razões pelas quais ela pertencia a ele e a mais ninguém. Tinham estado tão preocupados um com o outro que não teve a chance de dizer a ela tudo o que tinha descoberto no escritório do seu advogado. Ele não só podia oferecer a Lorelei um futuro como a Marquesa de Drake, mas o pequeno Peter poderia herdar o título.

Chastain poderia ser um problema, mas lidaria com isso. Andrew poderia anunciar que Peter era seu filho e herdeiro, e em troca estaria forçando Chastain a preencher os papeis necessários para o divórcio. Era um risco tentar forçar Chastain a alguma coisa.

—Diga o que deseja em relação à minha esposa.

Andrew virou-se, segurando as rédeas do cavalo, e olhou para o homem que considerava ser o seu melhor amigo – tão próximo quanto a família que nunca tivera.

—Benji, — ele falou rispidamente. O homem tinha maltratado Lorelei, não só antes, mas também durante o seu breve casamento. —Não venha à minha casa e exija respostas de mim.

Chastain se ergueu, as mãos fechadas em punhos na lateral do seu corpo. —Então você nega?

—Eu não nego nada. — Andrew tinha antecipado este encontro, mas tinha esperado que pudesse esperar até que Lorelei estivesse segura e longe do alcance do marido. —Ao contrário de você, meus desejos são muito claros, e guardam o maior respeito por Lady Lorelei.

—Lady Chastain! — Chastain deu um passo em direção a Andrew, sua postura era ameaçadora. —E ela é minha para que eu faça o que bem entender.

—É mesmo? — Andrew perguntou. —E é por você presta tanta atenção nela que soube que ela estava comigo só esta tarde?

—Oh, não, a natureza enganosa dela me iludiu, — Chastain disse. —Isto é, até que o pai dela achou por bem mandar avisar sobre onde ela estava.

Os meses de encontros tensos e conversas ambíguas tinham chegado ao fim, e Andrew estava feliz por isso. Ele queria respostas... e era Chastain quem as possuía.

Andrew notou o cavalariço parado ali perto, a boca aberta em choque, observando a cena que se desenrolava.

—Deixe-nos! — O menino correu como seu o próprio demônio estivesse colado em seus calcanhares. Novamente, Andrew falou com Chastain. —Por que você se casou com ela?

O homem teve a coragem de rir. —Porque você a queria, é claro.

—Só porque eu a queria?

—Sim. — Uma expressão estranha – talvez pesar – cruzou o rosto de Chastain. —Você estava pronto para me abandonar... por uma mulher. E pior ainda, por amor.

A confissão tirou Andrew do prumo. —Eu nunca teria abandonado você ou a nossa amizade. É isso então? Você fez isso – para mim e para *ela* – só porque você estava com inveja do que eu sentia por ela?

—É muito mais que isso, e você não irá tirá-la de mim agora. Toda a Inglaterra ficará sabendo sobre a sua traição.

—Minha traição? — Foi a vez de Andrew rir. —Você a maltratou desde aquela noite no Covent Garden. — Pelo olhar chocado no rosto dele, seu amigo deve ter pensado que Lorelei não contaria aquilo para ninguém. —Oh, sim, ela me contou o que você fez, o que não foi nada menos que um crime. Eu te aconselho a se afastar, abrir mão do seu direito sobre Lorelei, ou você não vai gostar dos resultados disso.

—Você realmente pensa que ela iria preferir você? Ela já tomou essa decisão uma vez, e eu tenho certeza de que ela me escolherá novamente.

—Você está errado.

—Ela carregou o meu filho e herdeiro, — Chastain disse entredentes. — Se ela me deixar, ela nunca mais verá a criança. Tenho certeza de que ela vai ter bom senso.

Andrew sabia que Chastain cumpriria essa ameaça, mesmo que só para causar angústia e mais dor a Lorelei e a ele.

—Não se esqueça de que ela é minha esposa – Eu posso ser persuadido a abrir mão dela, mas não perderei meu herdeiro no processo.

—Ser persuadido a abrir mão dela? Essas não são as palavras que um homem apaixonado diria sobre sua esposa e os cuidados com o futuro do filho.

—Como disse antes, eles não são problema seu.

Os homens estavam cara a cara, os olhos de Chastain eram um pouco mais baixos que os seus, pronto para o confronto que Andrew estava louco para começar – se Chastain não tomasse a dianteira. —Eu posso e irei cuidar de Lorelei e de Peter melhor que você.

—Você não fará isso. — Chastain empurrou Andrew com força, e ele tropeçou no cavalo que estava atrás dele. —Você ficará longe de Lorelei e do meu filho. Fui claro?

Andrew estava em cima dele em um instante. Seu punho voou pelo ar e se conectou com o queixo de Chastain, fazendo-o cambalear. Ele caiu no chão de terra batida. —A única coisa clara neste momento é que você só se importa consigo mesmo – e que você possui algo que eu quero.

Uma fina linha carmim escorreu pelo queixo de Chastain vinda de seu lábio cortado.

—Levante-se, — Andrew incitou, pois essa poderia ser a última chance que eles teriam de resolver isto como homens, tendo apenas os punhos como armas. —Mostre que você a merece.

Limpando o sangue com as costas da mão, Chastain ficou de pé mais uma vez, mas manteve distância. —Isso é ridículo. Eu não tenho motivos para lutar por minha própria esposa.

Andrew segurou Chastain pela camisa, puxando-o para perto mais uma vez. —Isto está certo, pois você já perdeu sua esposa. O que é uma pena. — Ele olhou para o homem uma última vez. —Você não é digno do meu tempo, nem do amor dela.

Com uma agilidade nascida da frustração, Andrew soltou Chastain e montou no cavalo.

—Onde você está indo? — Chastain gritou.

Andrew abaixou a cabeça enquanto saía do estábulo. Havia apenas uma pessoa com quem se importava, e ele não tinha ideia de onde iria encontrá-la.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A CARRUAGEM DE aluguel parou na calçada com um solavanco enquanto Lorelei passava os dedos pelos cabelos desgrenhados. Alguns pedaços de feno saíram do seu cabelo. Apressou-se para tirar os fiapos que se agarraram ao seu casaco e sapatos durante sua curta viagem. Felizmente, não tinha chegado perto o suficiente de De Pez para estar suja de sangue.

Uma carruagem com o brasão de Chastain estava parada na frente da que ela estava. Desceu rapidamente, tendo o cuidado de não prender o vestido nas tábuas soltas, enquanto segurava o cilindro. Todo o seu corpo ainda tremia de choque por ter ferido De Pez.

—Voltarei com o seu dinheiro, — ela disse para o condutor.

—Sabia que ocê não era boa pra essa corrida, — ele resmungou. —Nada boa, na verdade é péssima...

Lorelei ignorou os resmungos enquanto subia os degraus com pressa. O mordomo abriu a porta antes de que ela pudesse pegar a maçaneta. E ela foi forçada a se afastar enquanto o marido saía.

—Lorelei, o que você está fazendo aqui fora? — Ele olhou para a carruagem de aluguel parada atrás da sua e olhou de um canto a outro da rua. A lapela do casaco de Chastain estava erguida, cobrindo parte do seu rosto. —Espero que você tenha feito os arranjos necessários para o seu guarda-roupa.

—Oh, sim, eu fiz, — ela gaguejou, tendo esquecido completamente o motivo pelo qual tinha saído de casa.

—Vamos, senhora. Eu não tenho a noite toda.

Lorelei se virou em direção ao condutor e ergueu a mão, sinalizando que ele só precisava esperar mais um minuto.

—Você se importa de pagar o condutor? — ela perguntou.

Chastain olhou para ela com suspeita. —Por que você pegou uma carruagem de aluguel?

—Peço desculpas, mas estava terrivelmente faminta depois da prova dos vestidos. Caminhei uma ou duas quadras e encontrei uma loja de chá para

poder jantar. Eu me perdi e não encontrei a carruagem que esperava por mim. — Lorelei imaginou se alguém tinha notado a sua ausência – alguém além da Sra. Dutton, é claro. —Espero que o condutor não esteja aguardando a minha saída da modista.

A briga com o pai tinha acontecido esta manhã? E a tarde com Andrew? Parece que foi há mil vidas.

—Não, não, faz horas que Charles voltou. — Chastain deu um passo ao lado e jogou algumas moedas para o condutor. O colarinho do casaco dele abriu um pouco, revelando um lábio cortado e uma bochecha machucada antes que ele fosse capaz de ajeitá-lo novamente. —Pensei que fosse te encontrar na casa do *comte*. Na verdade, estava indo para lá procurar por você.

—E por que eu estaria lá? — ela perguntou, escondendo o cilindro nas dobras do casaco, temendo que ele pudesse chamar a atenção de Chastain. Mas a pergunta que estava louca para fazer era por que ele não tinha procurado por ela mais cedo.

—Porque, — ele parou, escolhendo suas palavras como se ela fosse burra demais para entender. —Eles são seus pais – e se você não está na *minha* casa, onde mais estaria?

A pergunta pareceu uma acusação, mas ninguém sabia que ela tinha saído da modista para ficar com Andrew e que tinha chegado em casa horas depois de ter saído da cama dele.

Felizmente, Chastain não notou o invólucro que ela carregava. Passou meses pensando que não o encontrara por ele ter passado desapercebido, devido ao tamanho.

—Deixe-me pegar o pequeno Peter e eu irei te acompanhar. — Ela não esperou que ele respondesse antes de voltar a entrar na casa. —Vai levar só um minuto.

—Muito bem, esperarei na carruagem. — Novamente, ele olhou em volta, claramente nervoso. —Apresse-se, quero te levar em outro lugar.

—É claro. — Lorelei subiu os degraus com pressa e entrou em casa. Era uma surpresa Chastain querer a sua presença. Não podia imaginar onde ele ia levá-la, mas precisava estar longe dessa casa, e rápido, no caso de De Pez vir atrás dela – ou de Peter. Mas primeiro, precisava esconder as plantas em algum lugar que ninguém pudesse encontrar.

—Milady, Peter sentiu falta da mãe, — A Sra. Dutton disse assim que Lorelei cruzou a porta.

Lorelei ficou confortada pelas palavras da Sra. Dutton. Passaram muitas horas discutindo o problema de Lorelei e seus planos caso alguma coisa acontecesse com ela.

—Sra. Dutton, Lorde Chastain e eu vamos levar Peter conosco. Por favor, arrume nossas coisas, partiremos imediatamente.

—Você parece um pouco aflita, milady, — a Sra. Dutton observou. —Estava começando a temer quando você não chegou em casa a tempo do jantar. Talvez eu deva ir contigo e com milorde... para ficar de olho no Peter. Você sabe que milorde não gosta de bebês agitados.

Lorelei também queria que a mulher fosse com ela.

—Sabe, eu já deixei as coisa pronta no caso da gente precisar sair com pressa.

Ela cedeu ao que a Sra. Dutton realmente queria dizer com suas palavras de consolo. —Certo, sim. Devemos ir com Chastain ver o *Comte*, depois sairemos da cidade imediatamente.

—E o que você pretende dizer pro seu marido? — ela perguntou.

Lorelei pensou antes de responder. —Direi a ele que me sinto melhor no campo e que quero voltar.

—Muito bem. Pegarei a bolsa do pequenino e então iremos.

—Oh, eu cuido disso. — Lorelei precisava de um momento antes de enfrentar o marido. —Por favor, espere por mim na carruagem.

Ela não esperou a Sra. Dutton sair e foi correndo feito uma louca em direção às escadas. Vasculhando o quarto, Lorelei procurou por qualquer canto onde poderia esconder as plantas.

—Lady Chastain? — um criado chamou. —Peço desculpas, mas Lorde Chastain pede a sua presença na carruagem imediatamente. — O homem teve o senso de parecer envergonhado pelo forma como falou com ela.

—Já vou. — Não havia nada que pudesse fazer além de levar as plantas consigo. Estariam mais seguras em suas mãos.

—Peço desculpas— O homem olhou o invólucro e ela entrou em pânico.

—Não precisa se desculpar. — Ela sorriu para assegurar ao criado de que ele não tinha lhe ofendido. —Conheço mais que ninguém a impaciência do meu marido.

Lorelei viu a bolsa de Peter perto do berço e encheu o cilindro com fraldas extras e brinquedos. Quem poderia suspeitar que uma grande nação poderia vir abaixo – via o seu maior porto comercial – devido a um punhado de papel que cabia facilmente dentro de uma bolsa de bebê?

Ninguém olharia dentro da bolsa de um bebê, era o que esperava enquanto saía com pressa.

A Sra. Dutton estava do lado de fora da carruagem embalando Peter.

—Ele está um pouco agitado, — ela sussurrou quando Lorelei se aproximou. —Milorde estava prestes a nos atirar da carruagem.

Com Peter seguro em seus braços, ela fez gesto para que a Sra. Dutton entrasse no veículo.

—Milady. — A Sra. Dutton fez uma pausa. —Há um homem montado não muito longe daqui. Ele esteve me observando.

—Apresse-se! — o marido se inclinou para fora da carruagem e chamou por ela.

Ela arriscou olhar a rua movimentada, cheia de gente indo para lá e para cá, saindo para seus entretenimentos noturnos. Com certeza, havia um sujeito esperando nas sombras algumas casas abaixo. Lorelei não podia dizer se ele olhava para ela ou se estava apenas vadiando. Com certeza, De Pez não tinha se recuperado tão rápido, ainda assim ele era bem treinado e nada o detinha quando estava em uma missão.

—Vamos esperar que ele não esteja vigiando a carruagem, — ela murmurou.

Subiu no veículo fechado com a ajuda de um lacaio e sentou-se ao lado da Sra. Dutton e de frente para o marido, que fazia careta por causa da impaciência.

—Agradeço por se juntar a nós, minha lady. — As palavras afiadas cortaram o silêncio na carruagem. —Espero que você saiba que bancar o moleque de recados para os seus pais não era o que eu tinha planejado esta noite. Vamos logo, — Chastain disse para o motorista dando uma batida seca na lateral da carruagem.

Lorelei ficou em silêncio enquanto a carruagem ganhava velocidade sobre as ruas de paralelepípedo. Sua esperança era de que isso acabasse em breve.

Olhando para frente, mais uma vez notou o lábio ferido de Chastain, mesmo que não se importasse sobre como ele conseguiu o ferimento. Seus nervos ainda estavam em frangalhos depois do confronto com De Pez.

—Para onde estamos indo? — ela perguntou, entregando Peter para a Sra. Dutton.

—Você verá. — Chastain olhava pela janela enquanto os arneses dos cavalos começavam a balançar por causa da velocidade. —Na hora certa.

Lorelei estava cansada da atitude fria, e parecia que ela não podia mais se controlar. —Não me diga. Pensei que estávamos a caminho da casa do *comte*. Exijo saber para onde estamos indo.

Ele olhou para ela com frieza. —Eu sei que você preferiria muito mais estar com o seu amante, mas, como minha esposa, você tem que ir para onde eu quiser que você vá.

—Meu amante? — Lorelei olhou para a Sra. Dutton, quem tratou de se ocupar com Peter, antes de se dirigir a Chastain. —É altamente inapropriado falar—

—Agora é a sua vez de ficar calada.

—Então eu exijo que você pare e nos deixe sair, — ela ordenou.

—Para que você possa voltar correndo para aquele covarde?

Lorelei tentou o seu melhor para parecer confusa, como se ela não tivesse ideia sobre o que ele estava falando.

—Você pensou que eu não descobriria?— Chastain se inclinou para frente, olhando direto para ela. —Eu casei com *você* para que ele não pudesse tê-la. E você achou que podia dar a ele o que era *meu*? E aquela criança...

—O quê? Diga o que quiser sobre mim, mas não sobre o seu filho.

—Meu filho? Como vou saber se ele não é o bastardo de Drake?

Lorelei agarrou o vestido com força, torcendo o tecido para evitar avançar sobre Chastain e arrancar os olhos dele.

—Como se atreve—

—Como eu me atrevo, Lady Chastain? — ele gritou. A Sra. Dutton se encolheu ao lado dela e a mão dela voou para a perna de Lorelei, tentando acalmá-la. —Qualquer homem na minha posição faria a mesma pergunta.

—Mas você também buscou prazer em outros lugares! — Assustada com o solavanco da carruagem, Lorelei olhou pela janela, e só então percebeu o quão rápido eles iam.

—É direito meu, — ele atirou. —Até que você produza um herdeiro, você não tem essa liberdade.

Finalmente percebeu que a raiva dele não vinha da sua infidelidade, mas da dúvida sobre a paternidade de Peter.

Poderia ao menos dar a ele um pouco de paz. —Não tema, Peter é seu filho. Andrew e eu nunca fomos íntimos até depois do nascimento de Peter.

Ele se inclinou para a janela e olhou para trás antes de gritar para o condutor ir mais rápido.

Mais uma vez acomodado, ele contradisse o que ela acreditava ser a fonte de sua ira. —Você acha que eu me importo com quem é o pai do seu filho? É de conhecimento comum que metade das mulheres em Londres têm filhos de homens que não são os seus maridos. Se os homens dizem que eles não têm bastardo correndo em volta de Londres, eles são uns tolos.

—Então é de Andrew que você está reclamando? — A carruagem diminuiu a velocidade e fez uma curva, o pavimento mudou de paralelepípedo para terra, se o sacolejo das rodas de madeira fossem alguma indicação. —Isso deixa apenas uma pergunta.

—E o que seria?

Precisou gritar sobre o som da carruagem e o choro de Peter, que estava agitado. Queria perguntar porque ele tinha lhe acossado no Covent Gardens naquela noite, mas pensou que ele responderia apenas uma pergunta, então esta seria mais pertinente. —Por que você se casou comigo?

—Por que, — ele gritou, chegando mais perto. —Andrew queria você. E eu não podia ter o meu melhor amigo fugindo apaixonado e me deixando para trás!

Lorelei recostou-se completamente perplexa, não querendo saber mais nada sobre o homem detestável com quem tinha se casado.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

ANDREW CONDUZIU O seu garanhão pelas ruas congestionadas com toda a *ton* a caminho de um baile ou da ópera ou de uma peça. Todas atividades triviais e sem importância em comparação com o que ele estava passando.

Enquanto fazia a última curva, viu a casa de Chastain. Ele observou um criado ajudar Lorelei a subir em uma carruagem. Ela olhou em volta antes de entrar. O criado fez sinal para o condutor, e então a carruagem partiu.

Esporeou o cavalo para ir mais rápido e ziguezagueou entre as carruagens. Ocorreu-lhe que ele poderia ficar preso ali e vê-la se afastar – mais uma vez.

Sua única esperança era que Chastain não tivesse chegado em casa antes dele, pois havia um sem número de coisas pavorosas que ele poderia dizer a Lorelei para virá-la contra ele e o amor que sentiam um pelo outro.

—Lorelei! — Seu grito foi perdido sobre o som das rodas da carruagem e os cascos batendo nos paralelepípedos.

Ele foi o mais rápido que pôde, tentando ganhar terreno entre as carruagens e cavalos. Enquanto a carruagem dela continuava a se afastar, Andrew fez seu garanhão virar à direita e ir pelo caminho que bordeava a estrada. Havia poucos pedestres a essa hora do dia então ele foi capaz de manter o cavalo em um trote rápido o bastante para diminuir um pouco a distância entre eles sem colocar em perigo qualquer um que pudesse vir a entrar em seu caminho.

—Lorelei! — Andrew acenou com uma mão enquanto segurava as rédeas com firmeza na outra.

Conseguiu se desviar de uma enorme carroçada carregada com mantimentos assim quando alguém se inclinou para fora da janela da carruagem de Lorelei.

Em vez de diminuir a velocidade quando o tráfico diluiu, encostar e esperar por ele, o condutor estalou o chicote e fez as duas éguas correrem ainda mais. Aquela carruagem foi feita para ser confortável, não para ser ágil e veloz.

Com a calçada à sua frente vazia, Andrew incitou o cavalo a ir mais rápido, temendo que o garanhão pudesse torcer o casco, mas sabendo que se perdesse Lorelei de vista, ela poderia ir para qualquer lugar e ele perderia um tempo precioso tentando rastreá-la.

—Cuidado! — um comerciante atrás de um carrinho amarelo gritou para Andrew enquanto ele passava voando.

Já tinha passado por ele e por outra casa antes de homem conseguir terminar de gritar o seu aviso.

A carruagem de Lorelei bateu em um desnível um pouco mais a frente, as duas rodas traseiras saíram do chão e pousaram com um barulho alto.

O condutor estava forçando muito além das capacidades do veículo ou dos cavalos.

Finalmente, Andrew notou que o condutor puxou as rédeas, diminuiu levemente o ritmo dos cavalos quando chegou em um cruzamento não muito distante de onde ele estava. Carruagens, cavalos puxando carroças e pedestres atravessavam em todas as direções, muitos sequer se incomodavam com o tráfego.

Na rua transversal, o trânsito estava mais tranquilo. Com um giro de última hora, a carruagem de Chastain tomou aquela direção, deixando Andrew do lado oposto, lutando contra o fluxo da rua para tentar manter o ritmo.

Observou impotente a carruagem de Lorelei ganhar velocidade na rua mais deserta.

Tirou os olhos do veículo tempo o bastante para buscar um caminho entre a rua lotada e conseguir ir para o outro lado. Duas quadras a frente, a carruagem reduziu a velocidade mais uma vez e fez uma curva instável em uma área cheia de armazéns.

O caminho do condutor era imprevisível, conduzindo Andrew a um lugar que ele não podia entender. Se Lorelei queria sair da cidade, ela não teria ido em direção ao distrito dos armazéns, perto das docas.

O que lhe preocupava mais era o ritmo perigoso em que ela viajava.

Assim que conseguiu se livrar da rua lotada, correu em direção à próxima curva. Seu cavalo era mais que capaz de alcançar a carruagem de Lorelei sem ninguém cruzando o seu caminho.

—Vamos, — ele encorajou o cavalo.

Ele reduziu ligeiramente a velocidade na próxima curva e se inclinou sobre o pescoço do cavalo ao mesmo tempo que um barulho alto ecoou entre

os prédios altos, ganhando volume como se tivesse indo em direção a ele.

O que quer que tenha causado o barulho estava na próxima curva.

Ninguém trabalhava nos armazéns depois do anoitecer, o custo das velas era muito alto para os empresários.

Andrew fez a última curva – e estava fora do seu cavalo antes que ele reduzisse para uma velocidade razoável.

Na frente dele, a carruagem de Lorelei estava virada de lado. Havia marcas de derrapagem onde ela estava presa contra um prédio. As éguas perfeitamente emparelhadas que puxavam o veículo corriam a toda velocidade pela rua, os arneses ainda estavam acoplados e arrastavam as trelas atrás delas.

Andrew soltou as rédeas do próprio cavalo e correu para a carruagem virada. O cocheiro tinha sido jogado do seu lugar e estava inclinado e imóvel há alguns metros de distância.

Andrew gritou na lateral da carruagem, esperando alcançar a porta da carruagem ou ao menos a janela, que agora estava virada para cima. Seu único pensamento era que Lorelei estava lá dentro – possivelmente ferida gravemente.

Ele se puxou para cima e então rastejou sobre a carruagem. Andrew verificou se a estrutura da carruagem não ia ruir, causando ainda mais dano.

Olhando em volta, buscou qualquer pessoa para ajudá-la, mas tudo o que viu foram os animais que puxavam o veículo correndo desembestados. Nem mesmo o som dos cascos podiam ser ouvidos à distância.

Percebeu que estava sozinho – e só o silêncio vinha da carruagem.

Foi até a janela e olhou para dentro.

—Lorelei, — ele gritou, embora estivesse há poucos centímetros de distância.

Foi então que um bebê chorou e uma mulher gemeu, como se o tempo tivesse parado, os ocupantes da carruagem congelaram até que ele chamasse o nome dela.

Olhando com atenção, esperou seus olhos se ajustarem à escuridão do interior do veículo.

Não tinha visto ninguém além de Lorelei entrar na carruagem. Nunca pensou que Peter estaria com ela. Seu coração doía só de pensar no que poderia encontrar lá dentro. Não podia entrar lá no escuro com medo de cair sobre Lorelei ou sobre o filho dela.

—Senhor.

Um grupo de homens tinha aparecido ao lado da carruagem. Dois olhavam para ele enquanto outro estava agachado perto do condutor.

—Tem alguém aí dentro?

Andrew não se incomodou em responder a pergunta do homem, pois o choro do bebê ainda podia ser ouvido.

—Dê-me a sua tocha, — ele ordenou, segurando o suporte de madeira com cuidado para evitar tocar na carruagem, e se inclinou pela abertura. A luz lançou um brilho no interior, e Andrew pôde ver Lorelei imóvel lá dentro, os olhos fechados e um rastro de sangue escorrendo pelo seu rosto. Uma mulher mais velha estava do outro lado, com os olhos tremulando. Ela segurava uma trouxa gritante em seus braços. —Rápido, me dê uma mão.

Um dos homens subiu na carruagem ao lado dele e o ajudou a destravar a porta e abri-la.

—Andrew, — A voz fraca de Lorelei falou. —Por favor, ajude o Peter.

CAPÍTULO VINTE E SETE



—POR FAVOR, AJUDE Peter, — Lorelei disse através da dor. —Sra. Dutton, você cuidará dele conforme combinamos?

—A ajuda está aqui. — As palavras da mulher mal eram um murmúrio. —Ficaremos bem, você vai ver.

Lorelei não podia dizer o que tinha lhe atingido, apenas que tinha vindo da janela e que sentia muita dor no estômago. Passou os dedos pelo bastonete de madeira.

A ironia da situação não lhe escapou: há pouco tempo, tinha empalado De Pez do mesmo jeito que tinha acontecido com ela agora. Tinha sido louca e descuidada ao pensar que era De Pez que estava seguindo a sua carruagem, quando tinha sido Andrew. Ele veio por ela, mesmo depois de tudo.

E mais uma vez, tinha fugido dele.

E Peter estava fora do seu alcance. Agradeceu a Deus pela Sra. Dutton ter insistido em segurar Peter. Os gritos dele podiam ser ouvidos sobre o barulho dos homens tentando abrir a carruagem.

Embaixo dela, Chastain não se movia, não havia nem o movimento de expansão e contração do peito. Ele já deve ter morrido. Teve apenas um momento de desespero com o seu envolvimento na morte dele, pois ela tinha vivido para ver.

—Mas se eu não conseguir, pegue Peter e vá embora. Você ainda tem o anel que eu lhe dei? — ela sussurrou, lembrando da aliança pesada que Chastain tinha dado a ela na noite de núpcias.

Andrew estava se preparando para entrar na carruagem e ela tinha apenas mais um momento. Quando Dutton assentiu, Lorelei prosseguiu. —Não confie em ninguém – nem na minha família, em ninguém. Se eu ficar bem, me encontrarei contigo na casa da sua irmã conforme planejamos. Se isso não acontecer, por favor, cuide bem do meu filho.

Sua visão borrou e ela esfregou os olhos. Voltou a mão para o lugar e viu que estava coberta por sangue.

—Andrew, — ela chamou mais uma vez antes que fosse tarde demais. — Por favor, ajude à Sra. Dutton e ao Peter. — Esforçou-se para levar ar para dentro dos pulmões.

Sentiu a carruagem balançar enquanto os pés dele posavam em um lugar não muito longe de onde ela estava presa. O interior da carruagem, mesmo parecendo apertado há apenas uns momentos, agora parecia maior que o quarto de Chastain na casa da cidade.

Um luz fraca brilhava acima dela, permitindo luz o suficiente para ela ver Andrew pegar Peter enquanto a Sra. Dutton tentava ficar de pé. Lorelei viu a mulher ser içada pela porta.

—Andrew, deixe-me vê-lo, — Lorelei rogou.

—Quando eu tirar você daqui, você terá muito tempo para isso.

Ela ficou lá impotente enquanto Andrew entregava Peter para um par de braços fortes. O bebê continuou chorando, só que agora o choro era mais baixo.

Andrew ajoelhou ao seu lado e ela viu o tormento em seu rosto. — Lorelei, meu amor?

—Estou aqui.

—Por que você fugiu de mim?

—Não era você... — Sabia que tinha pouco tempo. —Andrew, vê aquela bolsa?

—Não estou preocupado com aquela bolsa—

—Não, você precisa encontrá-la. — Ela queria que ele entendesse a importância do assunto. —Por favor, leve-a contigo e a mantenha segura – e escondida.

—Shhhh, — ele se aproximou e sussurrou. —Tiraremos você daqui em breve.

Ele colocou a mão em sua testa tentando acalmá-la.

—Alguém se apresse e entre aqui. Temos mais pessoas. — Seu grito foi acompanhado por um movimento do lado de fora da carruagem.

A peça de madeira se encravou mais, aumentando a sua dor.

—Você pegou a bolsa? — ela disse com dificuldade.

Andrew finalmente cedeu aos seus desejos e olhou pela carruagem. — Sim, aqui está.

—O cilindro— Suas palavras ficaram presas na garganta enquanto ela se movia. —...está aí dentro?

Ele não respondeu imediatamente, pois devia estar procurando. Finalmente, ele segurou o cilindro em seu campo de visão. —Sim, agora fique quieta. Eu lhe imploro.

Queria gritar para ele abrir os olhos. Ela estava presa, um pedaço de madeira atravessava o seu corpo. Mesmo que não pudesse ver o outro lado, sabia que seus ferimentos eram graves, e que nada poderia soltá-la.

A dor era mais intensa do que podia imaginar, irradiava desde a sua barriga até a ponta dos dedos, juntando-se à dor na sua cabeça.

Queria dizer adeus a Peter, segurá-lo uma última vez – mas Lorelei não queria que a última memória que ele tivesse da mãe fosse dela coberta de sangue.

Ao menos a Sra. Dutton sabia o que fazer: ela já devia estar se afastando do acidente junto com Peter e esperaria Lorelei. Se acontecesse o que temia, então teria certeza de que a babá tivesse os meios de pegar Peter e sair de Londres, indo para a casa da irmã, longe da França e dos pais de Lorelei – e das plantas que tinham governado a sua vida.

CAPÍTULO VINTE E OITO

OS OLHOS DELA estavam febris e a respiração começou a ficar ainda mais rasa e difícil.

—Você se juntará a Peter logo, logo, minha Lorelei.

A impossibilidade da situação bateu até a sua alma. Lorelei estava se esvaindo na frente dos seus olhos – o sangue já preenchia os seus pulmões – e a única coisa que ele podia fazer era dizer que tudo ficaria bem, maldição! Mesmo ele sabendo muito bem que ela não sairia viva desse acidente.

Mas ela sobreviveria a isso – se ele pudesse convencê-la, talvez também pudesse convencer a si mesmo. Qualquer futuro sem ela era inimaginável.

A carruagem balançou, e um homem chamou por ele. —Mande o próximo!

—Vá, Andrew, — ela disse, fechando os olhos como se custasse demais mantê-los abertos. —Por favor... saiba que eu me importo... com você.

Importa?

—Não estou pronto para deixá-la ir, — ele engasgou. —Fique quieta e guarde sua energia. — Eles tinham acabado de se entregar um ao outro, mesmo que Andrew pertencesse a ela há muito mais tempo.

—Mas você deve... — Ela respirou fundo, o fluído em seus pulmões fazendo com que fosse impossível para ela respirar. —...me deixar ir. — Ela apertou a mão dele, a pressão do aperto mal era notada. —Você precisa me prometer... que você manterá aquele cilindro por perto...

Ela parou mais uma vez, fechando os olhos.

Andrew se inclinou e roçou os lábios levemente sobre cada pálpebra, esperando dar a ela a força necessária para prosseguir.

—...e destrua-o assim que você estiver sozinho.

—Por quê? — ele perguntou.

—Apenas faça o que peço. — Com a pouca luz que entrava na carruagem, Andrew viu um fino rastro de sangue escapar do canto da boca de Lorelei, manchando a sua camisa. —E Andrew?

—Sim?

—Não confie isto a...ninguém...— Suas palavras eram pouco mais que um sussurro, e ele temia que não tivesse ouvido bem. —Você deve ir, afaste-se daqui.

Não podia deixá-la. Não agora, mesmo sabendo que estava sendo egoísta, como sempre tinha sido. A coisa certa seria mandar avisar a família dela. Talvez eles chegassem antes que ela desse o último suspiro. Mas o tempo que demoraria para mandar chamá-los significaria menos tempo para eles ficarem juntos, e Andrew não abriria mão de um segundo sequer.

—Eu não posso deixá-la. — Levou as mãos dela aos lábios e beijou os dedos suavemente – eles estavam frios e cobertos de sangue. —Não agora que você precisa de mim.

Para ele, o tempo parou. Ele não estava enfiado em uma carruagem virada, os homens lá em cima não estavam gritando para chamar a sua atenção, e acima de tudo, Lorelei não estava quase morta em seus braços, com a cor se esvaindo dela enquanto a vida deixava o seu corpo machucado.

Ele olhou para ela, para os seus olhos fechados. Será que ela já tinha parado de sentir dor?

Ela realmente era a criatura mais bela que já tinha visto, e sempre seria. Afastou o cabelo do rosto dela e passou os dedos por sua testa. Deveria ser assim que ela ficava quando dormia, completamente em paz. O rosto não estava mais cheio de medo, dor e raiva – então só restava a mandíbula perfeita, o nariz insolente, e os lábios beijáveis. O rosto dela não tinha mais a tez do seu nascimento francês, mas tinha começado a ficar meio cinzento. Ela estava tão em paz quanto tinha estado em sua cama há apenas algumas horas.

—Eu amo você. — Não sabia mais o que dizer. Ele a amava, já sabia disso há algum tempo, mas ainda assim as palavras pareceram vazias face a tal tragédia. —Eu só queria que você fosse feliz. Sinto muito por ter te perseguido assim. Eu nunca sonhei que não teríamos um futuro – o nosso futuro.

Ele estava divagando. Suas palavras saíam atropeladas em uma tentativa de compartilhar um ano de sentimentos nos poucos momentos que ainda tinham juntos.

E havia tanto que ele queria dizer a ela.

—Cuidarei de Peter, você tem a minha palavra, — ele sussurrou. Chastain, seu melhor amigo, estava imóvel sob o local onde Lorelei estava presa. Ele não tinha se movido; nem mexido os olhos, não tinha gemido em

agonia, nem o peito dele subia e descia. —Não faltará nada a ele. Tudo o que tenho será dele: meu amor, minha casa e meu título.

Os olhos de Lorelei tremularam com a sua declaração. —Ele não pode ser — ela fez uma pausa, as pálpebras estavam pesadas demais para ficarem abertas, —para você.

—Shhhhh. — Confuso, ele se inclinou e colocou os lábios perto dela. — Só descanse.

—Não, eu... preciso... contar... tudo.

—Já passamos por isso, meu amor. Eu não te culpo pelo que aconteceu. Você fez o que devia fazer. — Precisava fazer com que ela soubesse que ele entendia, e que não invejava as decisões que ela precisou fazer.

—Andrew, minha família... e eu não estamos aqui pelo que... você pensa. — As palavras vertiam como se ela soubesse que se não as fizesse sair agora, que não seria mais capaz de dizer qualquer coisa.

Lorelei tossiu e mais sangue correu por seus lábios. —Estávamos aqui... para conseguir o cilindro que está dentro da sacola... que você segura.

Ele olhou para a bolsa. Tinha presumido que aquelas eram as coisas de Peter, as coisas que ele precisaria caso Lorelei não conseguisse sair dessa.

—Por favor, leve-as. Destrua-as. Mantenha isso longe do meu filho. — Ela tossiu mais uma vez e ele viu o resto da energia abandonar o corpo dela. —Elas não estarão seguras, mesmo com você. Elas só causarão dor, assim como fizeram comigo.

—Mas—

—Andrew. — Os olhos verde musgo lhe olhavam com atenção. —Você negará o meu último pedido?

—Nunca, Lorelei. Eu nunca te negaria nada; ontem, hoje... e para todo o sempre. Eu não poderia te negar nada, meu amor.

—Desculpe... me... por ter te envolvido.

Com um último esforço, Lorelei deixou escapar um suspiro – e ela tinha ido. A cabeça girou para o lado e a mão que ele segurava ficou flácida.

—Vamos lá, milorde! — um homem gritou do alto da carruagem.

Andrew não podia mais ignorar as vozes acima dele.

—Não há mais ninguém. — Ela tinha partido – seu motivo para... tudo, tinha ido embora. —Ajude-me a sair.

Os homens tiraram Andrew dos destroços e viu uma dúzia de pessoas ali perto.

Um homem correu em direção a ele, carregando uma sacola, o cabelo e os óculos estavam desgrenhados. —Você está ferido? — ele perguntou.

Andrew olhou para si. À luz dos lampiões e das muitas tochas, podia ver o seu casaco e a sua camisa cheios de sangue – o sangue de Lorelei.

—Não. — Andrew passou pelos homens sem dizer outra palavra, a bolsa que Lorelei tinha dado a ele estava debaixo do seu braço. —Mas por favor, cuide da criança.

—Criança, meu lorde? — o homem perguntou.

—Sim, ele e a babá foram tirados da carruagem há uns minutos. — Andrew se virou para um trabalhador das docas ajudando o cocheiro a ficar em pé. —Para onde a criança foi? — ele gritou.

O homem olhou a rua. —Eles estavam bem ali há apenas uns minutos.

Andrew procurou em meio à multidão tentando localizar Peter e a criada, mas não os encontrou. A multidão começou a diminuir enquanto perdiam o interesse no acidente, e o único trabalho que restava era endireitar a carruagem.

A multidão ficou em polvorosa ao saber quem estava lá dentro. —É verdade que Lorde e Lady Chastain morreram lá dentro? — Alguém perguntou para ele. Ignorou as perguntas e continuou atravessando a multidão. Percorreu a rua – checou os becos, as reentrâncias, e os portais. Mas não os viu em lugar algum.

Tinha se dado apenas uma tarefa, e não foi capaz de cumprir até mesmo aquilo. Peter tinha desaparecido.

Lorelei tinha implorado para que ele fosse o mais longe possível e que destruísse o que quer que estivesse na sacola pendurada em seu ombro, e que não procurasse por seu filho. Mas como poderia fazer isso?

Peter era tudo o que tinha restado da sua Lorelei.

Não estava certo de quando a garoa fina tinha começado a cair ou se a umidade em seu rosto tinha sido causada pelos seus olhos. Em uma fração de segundo, tinha perdido tudo.

Os meses debruçado pensando sobre o que faria sem Lorelei pareciam banais. Ela tinha estado viva – vivendo com outro homem, verdade, mas viva. Agora, ela tinha morrido. Não importa quantas horas passara pensando no que poderia ter sido, agora nunca seria.

Não, ele tinha ficado com este invólucro e...

Ele não tinha sequer começado a pensar sobre o fato de Chastain ter usado o corpo de Lorelei contra a sua vontade. Todos esses meses odiando o

seu melhor amigo e Andrew sequer sabia a profundidade da maldade dele. A vontade de estraçalhá-lo membro por membro tinha sido forte, mas sua necessidade de amar Lorelei tinha sido maior, sabia que chegaria a hora em que teria que lidar com Chastain. Mas primeiro, precisava tê-la, salvá-la, mantê-la.

Não tinha estado lá para protegê-la aquela noite no Covent Gardens.

E mais uma vez não tinha conseguido mantê-la a salvo.

Andrew não merecia nem ela, nem Peter.

E ela era uma espiã? Ele não podia acreditar nas palavras dela. Sua tarefa de pegar e destruir o que quer que estivesse dentro desse cilindro parecia improvável ao extremo.

Pensando rápido, Andrew correu para seu cavalo com um novo destino em mente – mas primeiro, precisava fazer uma parada.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



DEPOIS DE PARAR em sua casa para esconder o cilindro e mandar seus criados trancar todas as portas e janelas, Andrew voltou a montar o seu cavalo e foi para o único lugar onde conseguiria respostas. Não havia mais para onde ir – e talvez, ele também encontrasse Peter.

Estava ficando tarde, as carruagens já tinham levado seus senhores para as suas casas. Andrew montou como se o fogo do inferno estivesse queimando os seus calcanhares. Se tudo fosse verdade, sua oportunidade de descobrir tudo o que tinha acontecido poderia estar escapando de suas mãos agora mesmo.

Parando na frente da casa do *comte*, ele viu que apenas algumas velas iluminavam a casa. Ou o *comte* e a esposa estavam dormindo, ou eles tinha partido a toda pressa. Pois se soubessem da morte da filha e do desaparecimento do neto, com certeza eles estariam acordados lamentando a sua perda – ou procurando o bebê em cada canto de Londres.

Eles estariam inquietos por causa do pesar, assim como Andrew estava neste momento. Com certeza eles também estariam buscando respostas para esta tragédia.

Isto é, a menos que eles estivessem a par dos segredos de Lorelei – talvez até mesmo estivessem envolvidos. Mas ainda assim estariam lamentando a morte dela.

Ele apeou e subiu dois degraus por vez.

Seu punho batendo na porta ecoou por toda a casa como se não houvesse nada lá dentro além do vazio.

Quando ninguém veio atender a porta, Andrew segurou a maçaneta e a puxou, pronto para derrubar a porta se isso significasse que conseguiria entrar e obter algumas respostas. Mas não foi necessário, pois a porta se abriu.

Entrando, Andrew apurou os ouvidos.

Tentava ouvir o choro de um bebê ferido.

Esforçou-se para ouvir o canto suave de uma babá acalmando um inocente.

Depois de um instante, continuou ouvindo nada.

Estabilizando a respiração e tentando acalmar seu coração acelerado, voltou a apurar os ouvidos. Podia ouvir passos em algum lugar da casa. Andrew se concentrou, percebendo que o som vinha do andar de cima.

Vozes enraivecidas discutiam em francês, confirmando que quem quer que estivesse lá estava no segundo andar.

Andrew subiu as escadas correndo. Um tapete grosso abafou a sua aproximação. A luz vinha de um quarto no final do corredor – a mesma janela iluminada que ele tinha visto do lado de fora.

—Você ouviu isso? — Andrew sabia o bastante de francês para entender a pergunta.

—Você está ouvindo coisas. — A voz do pai de Lorelei era inconfundível. —Ele deve ter sabido que havia algo aqui, ou não teria vindo.

Andrew parou não muito longe da porta entreaberta. Lá dentro, os pais de Lorelei corriam – podia ver um par de pernas no chão, não muito longe da cama.

—Onde você acha que eles foram? — Se não se concentrasse no que estavam dizendo, o tom agudo das palavras da *comtesse* teria passado desapercebido.

—Se eu soubesse, nós já teríamos partido. — A voz profunda do *comte* ribombou pelo quarto. —Ela deve tê-los levado consigo – e fugido, deixando-nos para lidar com as coisas.

—Oh, Mathis, — a *comtesse* lamentou. —Lorelei nunca nos enganaria, não é?

—Ela não é mais problema nosso. Sua filha nos abandonou.

—Ela nunca faria isso, — a pobre mulher lamentou.

Eles pensavam que Lorelei tinha-os abandonado? Andrew queria dizer a verdade, mas hesitou na entrada do quarto.

Ouviu um gemido.

—Quieto, — o *comte* disse entredentes para o homem no chão. —Se você se recusa a responder as minhas perguntas, então fique calado e aceite o seu destino.

Andrew percebeu que Lorelei tinha estado certa sobre o *comte* e a *comtesse*.

—Continue procurando. Se houver alguma coisa ou está aqui ou está com ela. Lorelei seria uma tola se mantivesse as plantas na casa de Chastain.

—Mas por que ela as traria para cá e não nos diria nada? — A *comtesse* pareceu estar à beira da histeria.

—Talvez nossa filha soubesse que iria embora de Londres.

Andrew se congratulou por ter deixado o tubo em casa antes de se pôr a caminho. Arriscou-se a perder o *comte*, e possivelmente nunca mais veria Peter, mas Lorelei estivera carregando o que eles procuravam consigo, não o homem deitado no chão quase morto.

Gavetas foram abertas e fechadas, e o barulho do estrado da cama podia ser ouvido. —Temos que ir. Alguém procurará por De Pez em breve, ou os criados voltarão e o encontrarão. Talvez Lore tenha sido esperta ao desaparecer, nós fomos enviados para uma missão vazia. Como sequer podemos saber que as plantas ainda existem, ou que Bonaparte poupará as nossas vidas se falharmos?

—Não cabe a nós questionar isso, Camille, — o *comte* disse. —Nos foi dada uma tarefa, e nós falhamos.

Andrew já tinha ouvido o bastante. Os pais de Lorelei estavam dispostos a abandoná-la em troca de suas próprias vidas. Estava claro que ninguém tinha vindo contar a eles sobre o acidente, e Peter com certeza não estava ali.

Ainda assim, Andrew ouviu, embora devesse estar lá fora no lombo do seu cavalo procurando – havia uma boa chance de que Peter estivesse machucado. A babá podia, em seu torpor, ter vagado por aí e se perdido.

Andrew abriu a porta, e viu um quarto feminino. Escovas de cabelo, roupas e fitas estavam espalhados por toda parte. Os lençóis tinham sido tirados da cama e jogados para o canto. A cômoda estava completamente vazia, e o seu conteúdo estava empilhado sobre o chão e as mesas.

A *comtesse* gritou como um filhote assustado quando o viu entrar no quarto e olhou para o homem imóvel deitado no chão.

O *comte* ficou em guarda. —O que você está fazendo na minha casa? Chamarei o magistrado agora mesmo.

Ao menos uma vez, Andrew sabia que tinha vantagem. —Oh, eu adoraria contar ao bom magistrado histórias sobre franceses e espionagem – para não mencionar o homem sangrando até a morte neste chão.

Todos olharam para a poça de sangue que provavelmente entranharia nas tábuas.

O homem era familiar – ele o tinha visto saindo da casa de Lorelei não fazia muito tempo. Ela tinha dito quem ele era ou como ele a conhecia?

—Lorelei me contou tudo, — ele disse, mesmo que mal soubesse qualquer coisa. —Diga-me, o que vocês estão procurando?

—Isso não é da sua conta, — o *comte* disse em inglês. —Onde está Lorelei?

Ninguém se mexeu, como se cada um tivesse medindo o outro. A *comtesse* pareceu pronta para pular sobre o homem que estava no chão, se esquivar dele e fugir. O *comte* olhou para ele e então para os arredores. Foi então que Andrew viu a lâmina na mão dele, provavelmente usada no homem que estava no chão.

Andrew deveria ter procurado uma arma antes de subir as escadas. Mas não tinha ido lá para ferir ninguém, e definitivamente não permitiria que alguém o ferisse. Já tinha visto morte e sangue o bastante para uma vida inteira.

Foi naquele momento que o *comte* notou as manchas escuras que ensopavam as calças de Andrew. —Você está coberto de sangue? — Estranho ele ter pensado sobre o sangue cobrindo Andrew, e não ter olhado para o corpo caído no chão, os olhos mortos do homem olhavam para o teto.

Mas Andrew estava lá para conseguir respostas, não para dá-las. Ignorando o *comte*, ele perguntou, —Por que Chastain? — Não tinha pensado muito nisso até agora. Eles tinham escolhido Chastain por uma razão, e Lorelei disse que se sentia responsável pelo que Chastain fez a ela.

—Ah – então você sabe, mas não sabe tudo. Ela fugiu – te usou e te descartou – e você acha que te daremos respostas.

—Lorelei não me descartou. — Sua resposta defensiva foi ouvida por todos no quarto. —Nós nos amávamos.

—Foi isso que ela lhe disse? — O homem riu. —Lorelei não entrega seus sentimentos assim tão livremente. Ela foi muito bem ensinada.

—Você quer dizer *treinada*.

O *comte* deu de ombros. —Se é nisso que você quer acreditar, não vejo motivos para corrigir as suas palavras. O que você quer?

Andrew olhou o quarto, deixando a pergunta do *comte* sem resposta.

—Você veio aqui procurar por ela? Como pode ver, ela também traiu a própria família.

—Nunca diga isso, Mathis, — a mãe de Lorelei disse.

—Mas é—

—Não, — Andrew calou os dois. Sua necessidade por respostas se esvaiu. —Eu sei exatamente onde Lorelei está. Vim aqui procurar por outra

coisa, mas vejo que não a encontrarei aqui.

—Você sabe onde ela está? — a *comtesse* perguntou. —Por favor, diga-nos. Precisamos encontrá-la e ir embora da Inglaterra.

Andrew sentiu pena da mulher, percebendo que não poderia mais esconder o acontecido – eles eram os pais dela e, nem que fosse lá no fundo, sentiam algum tipo de afeição por sua cria. Agora, ele só queria encontrar Peter – e começar a processar tudo o que tinha acontecido.

—Se sabe onde Lorelei está, diga-nos. — O *comte* disse isso como se fosse uma ameaça, mas tudo o que Andrew ouviu naquelas palavras foi alívio.

—Ela está no distrito dos armazéns, perto das docas.

—Ela está se escondendo de De Pez? — Camille olhou nervosamente para o homem no chão. —Ela precisa saber que ele não é mais uma ameaça para a segurança dela.

—Não, ela não tem mais nada a temer agora. — Havia um caráter definitivo em sua voz.

Camille olhou para o sangue em suas roupas, e o *comte* olhou dentro de seus olhos.

—Ela está ferida? — eles perguntaram ao mesmo tempo.

O desespero deles era óbvio. Foi só então que eles perceberam que se importavam mais com a filha do que com a missão.

—Ela se foi.

—Foi-se? Mas você disse que ela estava nos armazéns. — Confusa, Camille olhou para a porta, as palavras saíam em misto de francês e inglês. —Devemos ir até ela, Mathis. Achar uma forma de sair disso.

—Sim, vocês devem ir até ela, mas ela já achou uma escapatória, — Andrew disse.

—O que você quer dizer, rapaz?

—A carruagem dela... estava viajando muito rápido – a curva era muito acentuada, e o condutor não estava pronto.

—O que você está dizendo? — Mais uma vez Camille se entregou às lágrimas. —É o sangue de Lorelei que está cobrindo o seu corpo?

Andrew não podia se obrigar a dizer a eles que ele tinha sido o responsável pelo acidente. —Sim. Eu a confortei em seus últimos momentos.

—Mas... isso não pode ser. — O *comte* olhou incrédulo para a esposa. — Não era para ser assim.

—Por que Lorde Chastain não veio nos avisar? — Camille perguntou para ninguém, mas esperando que alguém soubesse responder.

—Ele estava na carruagem com ela.

—E Peter? — ela perguntou.

Lorelei disse a ele para não confiar em ninguém, nem em seus pais. —Ele também estava com a mãe. — Não mentiu para eles, já que o bebê estivera na carruagem, mas Andrew esperava que Peter estivesse bem longe de Londres quando o *comte* descobrisse que o corpo do neto não estava no acidente.

—Você tem certeza?

Andrew apenas assentiu.

—Temos que ir até ela, Mathis. — Ela caiu no chão, não muito longe da crescente poça de sangue. O *comte* foi imediatamente para o lado dela, pegando-a nos braços enquanto ela chorava. Soluços esmagadores preenchiam a sala enquanto uma mãe lamentava o mundo injusto e cruel em que tinha criado para a própria filha.

Andrew ansiava ter alguém para abraçá-lo, permitir que ele chorasse em agonia. Para questionar todas as injustiças com as quais precisava lidar em sua vida. Queria ir até eles, juntar-se ao abraço para amenizar a própria dor.

Ainda assim, ele não pertencia a este lugar.

Com passos instáveis, Andrew fugiu do quarto, desceu as escadas correndo, e saiu da casa.

EPÍLOGO



—ANDREW? — UMA VOZ familiar lutou para invadir a névoa que o rodeava.

Ele afastou os olhos das plantas que estivera estudando desde que Lorelei o deixou, e olhou para a Sra. Bee que estava parada na porta, sua visão borrada tentava focar nela.

—Você ainda está acordado?

Ele só assentiu. Havia meses que o sono tinha lhe abandonado. Estava exausto, mas quando fechava os olhos, os pesadelos começavam. Mesmo quando estava com eles abertos, as imagens continuavam invadindo a sua visão. Dispensou qualquer coisa mais forte que o xerez, pois o estupor também era uma tortura. Tinha se conformado em ficar olhando para aquelas plantas por horas e horas.

—Posso lhe trazer algo antes de me retirar? — ela perguntou.

—Apenas vá! — Frustração, incompetência, dissabor, fúria, desilusão – tudo isso percorria o seu corpo de uma só vez, lutando para dominar seus movimentos e sua fala. —Eu sinto muito—

—Não se desculpe, meu lorde. — Ela se ergueu, com as mãos nos quadris, parecendo uma mãe passando uma descompostura. —Mas você deveria se envergonhar pela forma com que tem tratado os seus criados. Eu – eu sobreviverei, como sempre. Agora, mal posso suportar o seu cheiro. Vá procurar suas dependências e limpe-se.

A vontade de Andrew de fazer qualquer coisa que não fosse sentar atrás da sua mesa era inexistente. Imaginou se alguém tinha notado que ele nunca tinha deixado aquele cômodo. Qual seria o ponto? Entregou o seu amor, incondicionalmente, e foi desprezado por isso.

Batendo o pé, a Sra. Bee tentava chamar sua atenção mais uma vez. — Seus olhos estão mais vermelhos que groselha. Você parece prestes a entrar em colapso.

—Posso cuidar de mim mesmo. — E ele podia, sempre olhando por sobre o ombro. Temia o dia que o *comte* e seus comparsas viessem atrás dele. Teve

seus criados correndo de um lado para o outro reforçando a segurança da porta e das janelas, sua paranoia só aumentava a medida que os dias passavam. —Verifique a cozinha antes de se recolher.

—Sempre a mesma coisa, — ela resmungou. —Um homem crescido com medo do escuro. Algo mais, meu lorde?

—Não, obrigado. — Ela tinha lhe dado espaço desde aquela noite, nunca o perturbara durante as longas horas – às vezes dias – que passava trancado em seu escritório. —Vá descansar.

Ele voltou a atenção para os papeis em sua frente depois de ela fechar a porta. Passaram-se muitos dias antes de ele perceber que aquele era o tubo que estava em seu quarto de vestir há muitos anos, praticamente despercebido. O cilindro de couro estava lá desde que o seu pai fizera uso daqueles aposentos.

Dois meses – bem, oito semanas e quatro dias, na verdade – olhando para elas, e ele não tinha captado a importância daquelas plantas. Foi à livrarias e a colecionadores de mapas, mas ninguém reconhecia o lugar representado naqueles desenhos. Eram muito velhos e estavam quase desbotando. Tivera o cuidado de não danificá-los, pois eles significaram algo para Lorelei – e para o homem que a tinha enviado para encontrá-los.

Andrew escondeu bem as plantas, embora não tivesse confiado a ninguém a sua existência ou o local onde estavam.

Esperava que se as decifrasse, poderia também localizar Peter – ou alguém que pudesse lhe dizer o paradeiro da criança. O que sabia era que Lorelei não tinha sido a mulher que pensou que fosse. Em um movimento precipitado, Andrew tinha enviado uma carta para a França, endereçada ao *Comte* de Epernon, recebera uma carta dizendo que o título e a propriedade tinham sido absorvidas há décadas e já não existiam mais. Não havia registo do nome dela ou o dos seus pais.

Era como se ela nunca tivesse existido – como se o amor deles nunca tivesse se concretizado. Ela o enganara completamente, ele chegou a questionar as memórias que tinha sobre ela, se ele sequer tinha o direito de estar com raiva, ou confuso, ou sozinho. Ela tinha lhe implorado de novo e de novo para que a esquecesse, para que a deixasse em paz, mas tinha sido incapaz de fazer a única coisa que ela pedira.

Andrew queria culpá-la, ou ao *comte*, possivelmente até mesmo Benji, pela dor que o seu coração traído tinha sofrido.

Podia olhar para as plantas na sua frente, repassar a resposta que chegara da França, ou falar com outras pessoas que conheciam o *comte* e sua filha – mas isso tudo era muito factual. Estava gravado em pedra, imutável. E não significava nada.

Suas emoções eram uma bagunça. Mudavam inesperadamente, evoluíam e regrediam.

Em um minuto imaginava como poderia viver sem ela.

No próximo, amaldiçoava a sua existência.

E então revivia cada momento em que tinham estado juntos, desde a primeira vez que a viu através da porta entreaberta do escritório quando ela chorava silenciosamente até a tarde de paixão que passaram juntos, apenas umas horas antes de que ela se fosse para sempre.

Se soubesse o que estava por vir, teria feito diferente? Teria implorado para que ela não o deixasse ou trancaria as portas?

As perguntas continuavam pipocando quanto mais ele buscava, mas nenhuma tinha resposta. Não houve nenhum investigação sobre o paradeiro de Peter, já que o novo Lorde Chastain – um primo distante de Benji – não tinha motivos para encontrar a criança já que seria Peter que iria herdar o título e as propriedades, e não ele.

Então, enquanto seus homens vasculhavam o interior da Inglaterra de um canto a outro, Andrew se trancava em seu escritório. Estudava as plantas – e encontrava-se com o seu advogado. Qualquer coisa para dar a ele algo que parecesse com uma missão, a habilidade de acreditar que ele valia alguma coisa, que suas ações um dia lhe dariam o que procurava.

Os documentos oficiais tinham sido redigidos e assinados naqueles dias. Quando Peter fosse encontrado, ele seria o proprietário de grande parte – de tudo o que Andrew possuía. Peter seria o futuro herdeiro do Marquês de Drake. Ele teria mais propriedades e riqueza que qualquer outro homem da *ton*.

Era o mínimo que Andrew poderia fazer por Lorelei... Já que ele prometeu dar tudo a ele, e mesmo que tivesse falhando de muitas formas, iria passar o resto de sua vida mantendo sua promessa a ela, iria encontra seu filho e fazer por Peter o que poderia ter feito pela mãe dele.

Uma batida soou na porta mais uma vez.

—Entre, — ele falou. Os criados sabiam que não deveriam perturbá-lo. —Eu disse que não precisava de nada.

—Meu lorde?

Andrew ergueu os olhos e viu o mordomo trocando o peso dos pés enquanto estava parado na porta.

—Sim. — Sabia que a irritação por não conseguir encontrar Peter nublava cada momento que passava acordado. —Diga logo, estou ocupado.

—Errr, a Sra. Bee disse que eu deveria conduzi-lo ao vestíbulo o mais rápido possível.

Andrew suspirou, mas fechou os planos e os guardou de volta no tubo. Depois de colocá-los em uma gaveta e trancá-la, ele seguiu o homem.

—O que é este barulho? — Enquanto se aproximavam do vestíbulo, um choro alto podia ser ouvido. —É um...? — Ele caminhou mais rápido, passando pelo criado e encontrando a Sra. Bee de pé em frente a porta aberta.

—Mova-se! — ele gritou.

Poderia ser?

Eles o acharam?

Andrew queria saber por que eles não tinham mandado avisar. Havia muito o que fazer para preparar a sua casa para a chegada de uma criança. O berçário precisava ser mobiliado, e precisava de tempo para pensar sobre a escola e essas coisas.

Olhando para a porta da frente, ele não viu ninguém.

Seus homens não embalavam um bebê em sua porta.

—Que piada cruel é essa?

—Andrew. — Ele olhou para a Sra. Bee, e ela fez sinal para ele olhar novamente. —Mais para baixo.

Lá! Ele o viu... Peter.

Uma cesta estava abrigada no canto mais escuro.

Quanto tempo ele tinha estado lá, desapercebido e vulnerável aos elementos?

Andrew não pôde sair da casa rápido o bastante. Ele pegou a cesta, surpreso pela leveza do seu conteúdo, e levou o bebê para o calor do vestíbulo.

O bebê estava envolvido apertadamente em um cobertor verde, uma folha de papel estava presa na lateral.

Confuso, Andrew colocou a cesta sobre a pequena mesa de canto e pegou o papel. Seus dedos tremiam de alívio. Não tinha certeza se queria ferir ou agradecer a pessoa que tinha mantido Peter escondido dele – e que finalmente tinha devolvido a criança.

A Sra. Bee arrulhou para o bebê enquanto Andrew desdobrava e lia o bilhete.

Meu Lorde,

Como prometido, aqui está a sua criança. Se você está recebendo isso é por que eu não resisti ao parto, conforme eu temia. Por favor, cuide dele ou dela. Ame nosso bebê como só um pai poderia fazer.

~E

Andrew olhou para o bebê. Sem dúvida havia uma mecha de cabelo vermelho espiando por baixo do cobertor. Esse bebê não era Peter, nem tinha uma gota de sangue da sua amada, era apenas um símbolo das suas horas mais obscuras – e uma fraqueza que ele estava determinado a superar.

Deixando cair o bilhete, Andrew olhou para o bebê enquanto se aproximava.

Assim como inspecionava o pacote minúsculo, o bebê também estreitava os olhos e o olhava de volta.

Inclinando-se, Andrew notou os olhos cor de avelã com vislumbres de verde, e que pareciam muito com os seus – e os da sua mãe.

Enquanto escrutinava o rosto minúsculo e delicado, a boca do bebê se abriu em um sorriso banguela e uma risadinha ecoou pelo corredor.

—Oh, minha nossa, — A Sra. Bee suspirou ao seu lado. —Que coisinha linda.

Andrew sentiu que estava se afogando, sendo arrastado pelas profundezas dos olhos da sua criança, perdendo-se na risada leve que ainda ecoava pela sala.

Seu filho.

Carne da sua carne, sangue do seu sangue.

Não o filho de Lorelei, mas algo mais.

Algo que era apenas dele.

Seu primeiro instinto foi fugir, tapar suas orelhas para não ouvir o som, e se trancar na segurança do seu escritório até que se livrassem da criança. Sabia que deveria mandar um recado para a Craven House. A criança era responsabilidade de Madame Sasha, não dele. A mãe dela devia estar agora abrigada no santuário de Sasha, não se importando com o turbilhão que Andrew estava vivendo.

Mas ele não podia tirar os olhos do bebê.

Havia uma força – uma força invisível – puxando-o para a criatura, do tipo que Andrew assumiu que fosse o que alguém sentia pela própria cria,

mas ele tinha acabado de ver a criança. Parecia improvável para a sua mente racional que uma conexão pudesse se formar tão rapidamente, ainda assim o que ele sentia era irrevogável, tão real e concreto como se pudesse tocar o sentimento.

Andrew pegou a alça da cesta onde estava o bebê. O movimento súbito assustou a criança, que imediatamente se calou, o sorriso desapareceu e uma expressão pensativa tomou o rosto dele.

O rosto *dele*? Andrew não sabia se o bebê embrulhado na manta era um menino, o rosto pequeno e o tufo de cabelo vermelho não significavam muita coisa.

—O que faremos com esse pequeno? — A Sra. Bee colocou os dedos sobre a sua mão na alça da cesta, as juntas estavam brancas por causa da força com que segurava a alça. —Posso levá-lo para a cozinha enquanto mando chamar uma babá.

Andrew trocou a cesta de mão e afastou a mão da Sra. Bee. —O fogo no meu escritório é mais forte que o da cozinha. É melhor manter a criança aquecida, não?

—Acredito que você esteja certo, Andrew. — A Sra. Bee fez uma pausa. Suas mãos caíram para o lado do corpo e ela olhou para ele tão intensamente quanto a criança tinha olhado há apenas uns instantes. —Você é muito esperto por ter pensado nisso.

Sem pensar duas vezes, ele voltou para o escritório. Ele colocou o cesto com cuidado ao lado de sua mesa, próxima ao fogo – e se largou na cadeira.

Andrew olhou a sala antes de tirar as plantas da mesa mais uma vez. Eles não foram de nenhuma ajuda até agora para que conseguisse qualquer informação sobre o passado de Lorelei ou o paradeiro do filho dela.

Temia que seu estado perpétuo de desconforto e fracasso permanecesse enquanto a desesperança mais uma vez fincava as suas garras.

Em sua frustração, Andrew passou as mãos sobre a mesa e afastou os papeis que tinha retirado há apenas um minutos antes, eles rolaram pela mesa e se lançaram no ar – indo direto para o fogo. Afastou a cadeira com presa e se moveu para pegar as páginas antes que elas alcançassem a lareira.

Ajoelhando-se no chão de madeira com as plantas seguras em suas mãos, Andrew ouviu uma leve risada ao lado dele. Não foi tão alta, nem se espalhou pelas paredes como tinha acontecido no vestíbulo, mas o som melódico foi direto para o seu coração, lembrava a risada da sua mãe.

Não era a gargalhada gutural de Lorelei, mas ainda assim era um som familiar – um que não tinha ouvido desde que era um menino – antes de a agonia, a frustração e a morte entrarem na sua vida.

E o som encheu Andrew de – esperança.

De um futuro.

Por seu futuro.

Um futuro melhor para esta criança na sua frente – para a outra que um dia ele encontraria.

NOTAS DA AUTORA

Obrigada por ler Eternamente Desprezada, Série Uma Dama Abandonada (Livro Três).

Se você gostou de Nunca Mais Rejeitada, não deixe de escrever uma breve avaliação no seu site favorito.
Eu adoraria ouvir sobre você!
Você pode me contatar em:
Christina@ChristinaMcKnight.com
Ou escreva para:
P O Box 1017
Patterson, CA 95363
www.ChristinaMcKnight.com
Verifique o meu site para brindes, avaliações de livros e informações sobre futuros projetos ou entre em contato por meio das redes sociais:
Twitter: @CMcKnightWriter
Facebook: www.facebook.com/christinamcknightwriter
Assine a minha newsletter aqui:
http://hyperurl.co/CMNL
Vire a página para saber mais sobre a série Uma Dama Abandonada!

SÉRIE UMA DAMA ABANDONADA

Esta série é o romance de época em seu melhor. Volte no tempo com as damas e os cavalheiros da série “Uma Dama Abandonada” e apaixone-se pelo gênero.



Nunca Mais Rejeitada
Nunca Mais Esquecida
Eternamente Desprezada
Ainda Mais Natal
Nunca Mais Escondida

DISPONÍVEIS EM E-BOOK

Ainda mais Natal

Uma Dama Abandonada (Livro Quatro)

Christina McKnight

La Loma Elite Publishing

Todos os direitos reservados.
ISBN: 0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN-13: 978-0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN: 0-9882617-3-1 (Livro eletrônico)
ISBN-13: 978-0-9882617-3-0 (Livro eletrônico)

La Loma Elite Publishing



Todos os direito reservados. Nenhuma página dessa publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio, incluindo fotocópias, gravações ou quaisquer outros meios eletrônicos ou mecânicos, sem a autorização prévia do autor, exceto no caso de breves citações presentes nas avaliações e outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. Para permissões, envie um e-mail com o assunto “Atenção: Permissões” para o endereço abaixo.

christina@christinamcknight.com

Dedicatória

Para Debbie Haston~

É raro encontrar bondade em alguém que você nunca viu pessoalmente...

Mas em você encontrei muito mais que isso.

Obrigada por seu incansável apoio e por sua amizade!

Este Natal, sou grata por você!

AGRADECIMENTOS

Há tantas pessoas que eu gostaria de agradecer por ficarem comigo durante a viagem emocional que foi escrever este livro.

Para Marc, meu namorado incrível, que está sempre me lembrando de que eu sou capaz de qualquer coisa. Obrigada... seu amor e dedicação nunca param de me surpreender. Eu espero um dia ser tão altruísta e compassiva quanto você.

Para Lauren Stewart, minha crítica e melhor amiga, você sempre encontra o exato momento nas minhas histórias onde uma cena de ‘afagar um bichinho’ é necessária. E eu sou muito grata por isso! Hahaha

Também gostaria de agradecer às mulheres maravilhosas que me apoiaram tanto na minha carreira como escritora quando na vida, incluindo (mas não limitado a): Jeannine Meador, Angie Stanton, Sharla Metheny-Ybanez, Debbie Haston, Roxanne Stellmacher, Laura Cummings, Annalisa Nicole, Dawn Borbon, Suzi Parker, Jennifer Vella, Brandi Johnson e Latisha Kahn. Eu sei que estou esquecendo algumas pessoas... Todas vocês foram muito pacientes e apoiaram maravilhosamente o meu jeito excêntrico.

À minha editora, Chelle Olson da Literally Addicted to Detail, sua habilidade e profissionalismo ultrapassaram qualquer expectativa. Chelle Olson pode ser contatada pelo e-mail: literallyaddictedtodetail@yahoo.com.

Um obrigada muito especial à minha revisora, Anja da Hour Glass Editing, e à Rachelle Ayala, minha formatadora. Vocês estão comigo há vários projetos e eu sou muito abençoada por ter damas tão profissionais e capazes na minha equipe!

Capa e invólucro por Teresa Spreckelmeyer da Midnight Muse Designs.

Finalmente, obrigada a você por apoiar autores independentes.

CAPÍTULO UM



LADY HAVERSHAM SUSPIROU contente, olhando a confusão de laços, papel e brinquedos desembrulhados espalhados pelo chão. Há um ano, nunca teria acreditado que um aposento de Foldger's Hall seria o receptáculo de tanta alegria e amor. E esperança.

Eles vinham organizando... e embrulhando... e decorando por horas, e a sala ainda estava cheia de coisas que precisavam ser feitas. E com todas as horas de trabalho veio a dor nas costas e no pescoço, e seus dedos estavam dedos rígidos.

Viola ergueu as mãos doloridas e fechou e esticou os dedos. Os tornozelos estavam no mesmo estado que o resto de seu corpo, embora ela tenha perdido a habilidade de ver além da sua barriga há algumas semanas.

—Você precisa descansar, Vi, — Ruby disse do outro lado da sala. — Posso terminar de embrulhar os presentes e começar com os arranjos de visgo. Além disso, Harold chegará a qualquer momento.

Ela colocou as mãos no chão, pronta para se erguer o suficiente para usar o sofá como suporte para se levantar. A gravidez estava sendo tranquila até então, mas seu tamanho sempre crescente estava rapidamente se tornando um transtorno.

—Ficarei bem. — Vi olhou a distância entre ela e o sofá. —Talvez eu embrulhe mais alguns presentes antes de me retirar.

Ruby ergueu uma sobrancelha. —Você precisa de ajuda para ficar de pé?

Vi detestava admitir que precisava de ajuda. Como a senhora da casa, ela estava determinada a cuidar de todos, preparar a perfeita celebração do natal, decorar cada porta, e se certificar de que havia presentes para todos.

Mas quando se planejava uma festa que incluía dezessete crianças, quase uma dúzia de adultos e uma propriedade grande o suficiente para abrigar a todos, Vi estava autorizada a se sentir cansada e sobrecarregada – felizmente, não precisava admitir o fato para alguém que não fosse sua mais querida amiga, Ruby.

—Eu lhe asseguro que eu não estou sentada sobre esta almofada no chão só porque não consigo me levantar sozinha. — Essa era a exata razão, se fosse honesta – o que não estava. Brock tinha lhe avisado para que não se excedesse estando tão perto de dar à luz, e ele pensou que viajar para a propriedade do pai dela – a qual abrigava a Sra. Dutton e o orfanato – iria reduzir o trabalho que Vi teria que fazer, mas esse não tinha sido o caso. — Agora, amanhã é véspera de Natal e eu tenho que preparar o azevinho!

Ruby gargalhou, uma risada sincera e genuína que Vi tinha começar a reconhecer desde que ela se casara com o melhor amigo de Brock, Harold.

A amiga finalmente estava feliz – como Vi sempre tinha querido para ela. Ruby tinha um marido dedicado e a expectativa de ter a própria família em um futuro próximo.

Ruby voltou para o enorme presente que estava tentando embrulhar – um novo cavalinho de balanço para as crianças mais novas – enquanto cantarolava *Oh Vinde Adoremos*. Tinha sido um período atribulado depois do casamento de Vi; as incertezas de Ruby quanto às suas próprias perspectivas tinham pesado bastante sobre as duas.

Quem teria suspeitado que precisaria que Harold Jakeston, o homem mais bondoso, mais compassivo de toda Londres, para ajudar Ruby a encontrar o rumo para a sua vida?

—Pare de encarar! — Ruby gritou por sobre o ombro, olhando feio para Vi. —Se você não voltar ao trabalho, não penduraremos nenhum visgo e, por isso, não teremos nenhuma razão para beijar nossos maridos fora do quarto – e ambas sabemos o quanto Harold e Brock sempre estão querendo roubar beijos.

Um grito agudo veio do outro lado da sala, e a risada erigiu, acabando com o silêncio no salão.

—Isso é verdade. — Brock entrou tropeçando na sala, com um menininho sobre os ombros, o qual segurava o queixo de Brock para se equilibrar. — Estou me sentindo pesado hoje, meio sobrecarregado. Talvez devêssemos cancelar as festividades. Eu com certeza vou ficar doente, — ele pronunciou levando a mão à testa como se estivesse prestes a desmaiar.

A risada ficou ainda mais alta.

—Oh, não, milorde. — Gavin gritou sobre os ombros de Brock. —Milady tem trabalhado muito duro.

—Você não pode ficar doente, — disseram ao mesmo tempo.

Vi olhou para baixo e viu Abby e Sharla segurando as pernas de Brock – sentadas sobre os pés dele – enquanto ele caminhava pela sala bagunçada.

—Céus, meninas, — ela chamou. —Soltem Lorde Haversham agora mesmo ou vocês não ganharão presente. — Mesmo que a voz dela fosse dura, havia pouca veemência em suas palavras. Viola estava ansiosa para entregar os presentes para as crianças.

As meninas se levantaram rapidamente, soltando Brock e saindo da sala correndo.

—Minhas desculpas, senhoras. — Brock tirou Gavin dos ombros, grunhindo com o movimento. —Minha nossa, menino, você cresceu bastante desde a última vez que te vi.

Estufando o peito e colocando a mão sobre os minúsculos quadris, o menino disse:

—Foi necessário, milorde. Não falta muito para eu ser levado para os estábulos – para ganhar o meu sustento.

Vi não pôde deixar de sorrir. —Você tem mais alguns anos até que a Sra. Dutton permita que você abandone suas tarefas da escola.

—É verdade? — Com os olhos escuros e o cabelo do louro mais claro, Gavin olhou suplicante para ela. —Alex virá para o Natal?

Sempre a chocava o fato de as crianças ainda perguntarem por Alex. Ele estava a serviço do Marquês de Drake – o falecido pai de Ruby – por mais de um ano.

Ruby se enrijeceu. Ela estava do outro lado da sala, de pé na frente da pilha de presentes tentando bloquear a visão.

—É claro que ele está vindo, — Vi disse com mais animação que o necessário. Era uma vã tentativa assegurar Ruby de que quando Alex chegasse, ele traria Ellington, embora ambas soubessem que não podiam forçar Ellie a ir a qualquer lugar se ela não quisesse. —E eu tenho certeza de que ele irá levá-lo para os estábulos e te mostrar tudo o que aprendeu trabalhando num estábulo de verdade em Londres.

—Agora, saia. — Ruby o expulsou com um gesto das mãos enquanto ela atravessava a sala. O menino deu um salto e saiu correndo do aposento, batendo a porta atrás dele.

—Lorde Haversham, estou feliz por você estar aqui. Vi está precisando muito de um descanso antes que ela desmaie de exaustão e fazendo com que os festejos sejam forçados a acontecer em seu leito.

—Esses arruaceiros não entrarão no meu quarto, — Brock disse com um horror fingido. —Não há nada mais que eu possa fazer além de tirar a minha esposa – aos gritos e pontapés, se necessário – deste aposento.

Vi riu do tom exagerado. —Isso não será necessário, meu lorde. — Ela fez uma pausa, desorientada por causa do seu dilema atual, que era o mesmo de poucos meses antes. —Se fizer a bondade de ajudar a sua esposa a levantar do chão—

—Não diga mais nada. — Com um floreio, Brock colocou as mãos por baixo dos braços de Vi e a colocou de pé como se ela não pesasse mais que uma pena, o que com certeza não era o caso. A cabeça de Vi girou por causa do movimento súbito. —Você deveria ter me chamado mais cedo, — ele a censurou.

—Tenho muito o que fazer, — Vi suspirou. Ficava desencorajada só de pensar no tanto de coisa que ainda tinha para fazer. —Talvez se você e Ruby fizessem a bondade de levar os presentes para o nosso quarto, posso continuar enquanto estiver na cama.

—Oh, não! — Ruby argumentou. —A Sra. Dutton e eu vamos continuar com os embrulhos, e Sarah pode pendurar as guirlandas e o visgo.

A criada de Vi, Sarah, tinha estado ansiosa para ajudar desde que chegara dois dias antes para o feriado. Mas, era para que todos aproveitassem a diversão – com Brock e ela como anfitriões. Pedir a ajuda de Sarah na organização não parecia certo, mas o tempo estava passando rápido, e precisavam de toda a ajuda que pudessem conseguir.

Cedendo, Vi disse, —Ela pode ajudar, mas sob uma condição.

—Diga, meu amor. — Brock a puxou para os braços. —Concordarei com qualquer coisa.

—Estou certa que sim, — Vi repreendeu. —Mas estou falando com Ruby.

—Comigo? — A amiga enrugou as sobrancelhas em confusão. —O que eu tenho que barganhar?

Vi tinha estado hesitante em abordar o assunto, acreditando em Alex e sua habilidade natural para a persuasão; mas enquanto as horas passavam, e o natal se aproximava, sabia que Ruby temia que a irmã, Ellington, não fosse vir. Preferindo ficar em Londres – sozinha.

Não havia mais nada que Vi pudesse fazer para evitar o assunto. —Por favor, não se aflija por causa de Ellington. Alex prometeu antes que

deixássemos a cidade que ele se certificaria de que ela chegaria à Foldger's Hall a tempo para o Natal.

A tristeza nublou o rosto de Ruby, e os ombros dela baixaram quase que imperceptivelmente. —E se ela se recusar a vir? — Ruby perguntou. —Ela já disse que não viria – que a vida no campo e as festas de natal não eram do seu gosto.

—Você acha mesmo que ela vai preferir ficar naquela casa velha e empoeirada sozinha à vir para cá e passar uns poucos dias com as pessoas que se importam com ela? — Vi temia que Ellington fizesse exatamente isso, mas permitiu que Ruby visse que seus medos não eram uma opção. — Acalme-se... Alex vai chegar a qualquer momento, com Ellington a reboque. Eu lhe garanto.

—No pior dos cenários, mandarei arrumarem a carruagem para você e para Harold voltarem para Londres. — Brock estava tentando ajudar, mas o olhar desesperado que Ruby lançou para Vi lhe disse que as palavras não foram de nenhum consolo.

—Se Harold chegar!

Vi não pôde deixar de rir. Era ela quem normalmente se preocupava, não Ruby.

—Harold chegará em breve. As estradas entre aqui e a propriedade Haversham são ótimas.

—Eu sei que estou preocupada por nada. — Ruby continuou a abrir e a fechar as mãos. —Que eu não deveria me afligir – eu sei que não é a coisa mais fácil viajar com William na condição em que ele se encontra, embora ele esteja muito melhor.

—Ele precisa de um pouco mais de cuidado, mas Harold sabe que ele precisa de alguma distância do Vigário Jakeston antes que ele fuja também, — Brock disse, se intrometendo na conversa mais uma vez.

Havia muito pelo que ser grata este ano, não apenas o fato de ela e Brock estarem tendo seu primeiro filho, e que Ruby e Harold estivessem se ajustando à vida de casados, mas William estava se recuperando bem depois de um contêiner ter caído em cima dele uns meses atrás. Era provável que ele não voltasse a andar, mas ele estava vivo. Até mesmo a morte do marquês, na mesma época, não podia azedar o bom humor deles.

—Está na hora, Vi. — Brock a soltou e colocou a mão sobre as suas costas. —Já para a cama. Quando você acordar, irei me certificar de que haja muitos presentes para você embrulhar.

—...e eu me certificarei de que Cook esteja com o cardápio pronto para que você aprove, — Ruby disse.

Vi era abençoada por ter duas pessoas que se importassem tanto com ela, ainda assim a superproteção desses dois às vezes era uma provação. —Você pode nos dar um momento? — ela disse, ficando na ponta dos pés e beijando a bochecha de Brock. —Eu já vou... por favor, chame Sarah para ajudar Ruby e a Sra. Dutton.

Nada acostumado a ser dispensado, Brock segurou o queixo de Vi e inclinou o rosto dela para cima. Os lábios cobriram os seus de forma possessiva, algo que Vi tinha começado a esperar – e a gostar. Entreabrindo os lábios, passou a língua pela dele. Brock enrijeceu levemente por causa do ataque inesperado.

Ruby pigarreou, e Viola liberou os lábios do marido com relutância.

—Corrigindo, minha esposa não precisa tirar um cochilo, mas a atrevida garantiu um pouco mais de tempo lá em cima.

—Oh, — Vi golpeou o braço dele antes de prosseguir. —Apenas uns momentos, depois, prometo passar toda a atarde trancada em nossos aposentos contigo.

—Por que isso parece mais uma ameaça que uma promessa? — ele fez piada. Quando as duas olharam, ele ergueu as mãos em rendição. —Vejo que extrapolei as boas-vindas. Esperar-te-ei no corredor, esposa. — Ele fechou a porta levemente, um completo contraste com a batida que Gavin tinha dado antes.

Viola manteve os olhos na porta, esperando que Ruby lhe desse um minuto ou dois para que ela reunisse os pensamentos depois do beijo de Brock – ele nunca falhava em deixá-la ofegante.

—Vi, eu sei o que você vai dizer—

—Oh, você sabe? — Vi se virou para olhar a amiga, determinada a manter os medos a baia.

—Sim. Não devo me preocupar com Harold e William. Não devo me afligir por Ellington e Alex. E, com certeza eu preciso me acalmar antes de que todos cheguem, ou que as crianças percebam que estou aos frangalhos.

Mesmo que estivesse pensando grande parte dessas coisas, Vi não tinha estado muito preocupada com o estado de Ruby, como ela disse.

—Sinto muito não ter notado o seu nervosismo antes, — Vi se desculpou. —Estive tão preocupada com os meus próprios assuntos – a dizer, esta celebração – que não levei a sua angústia em consideração.

Vi ergueu as mãos, e Ruby abaixou a fita que estava segurando, indo em frente para entrelaçar os dedos com os dela. Passara muitos anos afogada em seu pesar e na auto piedade... Ruby esteve ao seu lado todo o tempo, nunca abandonando a sua amizade, mesmo que ela devesse tê-la deixado para trás há muito tempo para garantir a própria felicidade. Vi não tinha dúvidas de que se ela não tivesse conhecido Brock – e se apaixonado incondicionalmente por ele – que ela e Ruby ainda estariam morando em Foldger's Hall, resignadas à passar a vida como solteironas.

Graças a Deus, não chegou a isso.

—Queria dizer que não importa se Ellington venha ou não, mas ela se importa contigo e com Harold, — Vi apertou os dedos de Ruby para tranquilizá-la. —Você precisa se lembrar sobre quem a criou. Seu pai não era um homem bom ou compassivo. A criança não sabe como aceitar o amor que você e Harold querem dar a ela.

Ruby assentiu enquanto uma lágrima estava prestes a deslizar por sua bochecha.

—Dê tempo a ela, — Vi prosseguiu. —Além disso, eu não tenho dúvidas de que ela chegará – e a tempo – porque esta será a maior comemoração de Natal que esta casa já viu.

Um sorriso hesitante se prendeu no rosto de Ruby, banindo as lágrimas. —Sim, nenhuma alma ousaria te desapontar no Natal.

Puxando-a para perto, Vi abraçou Ruby o melhor que pôde por causa da barriga enorme.

—Temo que meu marido vá vingar a minha honra e colocar o ofensor de joelhos.

A tensão tinha se dissipado enquanto elas se abraçavam uma vez mais, rindo da piada interna, já que ambas sabiam que Brock provavelmente iria à Londres e arrastaria Ellington para Foldger's Hall se isso fosse fazer a esposa feliz.

E Viola não teria escrúpulos em exigir isso, se significasse que a sua mais querida amiga estivesse feliz.

Só esperava que não precisasse chegar a tal extremo.

—É melhor você ir antes que Brock volte e te jogue sobre o ombro para levá-la para a cama.

—Oh, isso não seria possível... olhe para mim! — Ela colocou a mão sobre a barriga redonda e foi cumprimentada por um chute do bebê.

Não, nada ficaria entre ela e sua grandiosa festa de Natal.

CAPÍTULO DOIS

ELLIE SENTOU-SE com os braços cruzados enquanto a carruagem batia em cada buraco da estrada que ligava Londres a onde quer que fique a propriedade esquecida por Deus para aonde estavam indo. Queria chorar, fazer pirraça, ou gritar de frustração, mas não havia ninguém para ouvi-la. Tinha recusado a oferta de Alex de acompanhá-la nesta longa jornada, preferindo uma carruagem vazia e silenciosa.

As horas que tinha passado sozinha, seja no seu quarto na casa do marquês ou na Craven House, eram muitas para serem contadas. Encontrou um pouco de paz na quietude, adicionando uma sensação de segurança à sua vida.

Por anos tinha temido as violentas explosões do marquês, os assaltos verbais com ela e com os criados, e a necessidade dele de destruir qualquer coisa que ela gostasse. Nos últimos meses, tinha começado a temer – mas também a apreciar – igualmente o silêncio. Ultimamente, tinha começado a pensar; deixou entrar todas as dúvidas que tinha sobre a irmã e a bondade que tinha se abatido sobre ela. Era ilógico e espantoso que Ruby quisesse ter um relacionamento com a irmã há muito perdida, especialmente uma tão desagradável quanto Ellie.

A carruagem bateu em outro buraco enorme – e um estalo alto rugiu em torno do veículo: a parte de trás da carruagem afundou, jogando-a para trás, em direção ao assento de veludo.

Ellie agitou os braços, pousando uma mão na lateral do veículo enquanto a outra ia em direção ao assento ao seu lado. O ritmo da sua respiração aumentou enquanto o pânico afundava.

—Segure firme, minha lady, — Alex chamou desde o seu assento na parte de trás da carruagem. —Quebramos uma roda.

Poderia esta amaldiçoada viagem ficar ainda pior?

Esperava chegar antes do anoitecer para evitar o frio e o vento que com certeza chicotearam seu caminho.

—Ôa! — o cocheiro gritou.

Abrindo a cortina que cobria a janela, Ellie observou a velocidade diminuir até que parassem completamente. A estrada era delineada com árvores altas e esguias, de uma variedade que nunca tinha visto em Londres. As lanternas penduradas em ambos os lados da carruagem balançavam, iluminando a três metros de distância. A área além das árvores estava lançada nas trevas – estranhamente quieta.

Ellie amava o silêncio.

Mas abominava a escuridão.

Juntos, eles eram surpreendentemente ameaçadores.

—Quanto tempo até que a roda seja consertada para nos pormos a caminho? — ela gritou na escuridão da noite. —Preferiria não viajar na calada da noite.

A carruagem balançou enquanto Alex descia de seu assento, entrando no seu campo de visão enquanto inspecionava o dano na roda. O cocheiro se juntou a ele, e ambos se ajoelharam perto da peça estragada.

—Não vai demorar muito, milady. — O cocheiro lhe deu um sorriso tranquilizante, e ela voltou para dentro, envergonhada por ter sido pega pendurada na janela como uma plebeia. —Levará um tempo até que a reparemos para seguirmos viagem. Fique aí dentro por enquanto.

Ela não tinha a menor intenção de sair da carruagem. Eles estavam no meio do nada – e provavelmente haveria animais perigosos e famintos procurando por sua próxima refeição.

O cavalariço ou o cocheiro seria uma refeição melhor, de qualquer forma. Ambos eram muito mais pesados que ela, e Alex tinha muitos músculos debaixo daquele casaco.

Parecia que eles começariam a trabalhar imediatamente, pois a carruagem balançou para lá e para cá antes de ficar ainda mais inclinada. Ela se inclinou tanto que Ellie não podia fazer outra coisa que não fosse olhar o teto – e o tecido desgastado que o encobria. Com certeza a carruagem iria se aprumar a qualquer momento.

Talvez ficar lá dentro não fosse a decisão mais sábia.

Que os bons modos se danassem, ela pensou enquanto se inclinava sobre a janela mais uma vez.

—Talvez seja sábio pegar os cavalos e voltar para Londres. — *E esquecer toda essa coisa de passar o feriado no campo*, disse para si mesma. —Se mantivermos um bom passo, estaremos em casa pela manhã.

—Não é possível, minha lady, — o cocheiro e o cavalariço responderam ao mesmo tempo.

Com um bufo, ela voltou a se sentar, deixando a cortina voltar para o lugar.

Cruzou os braços mais uma vez.

Não queria estar ali.

Odiava o Natal e todos os feriados em geral.

—Um dia ela vai aprender que essa atitude não a levará a lugar algum, — o cocheiro murmurou.

Uma resposta queimou em seus lábios, mas o cavalariço, Alex, falou antes que ela pudesse colocar o homem em seu lugar.

—Ela ainda está se ajustando e sarando, — ele sussurrou. —Deixe-a em paz.

Sarando? Ela bufou por causa do comentário risível.

Ele pensou que ela poderia se curar dos anos que tinha sofrido sob o jugo do marquês.

E então ser forçada a viajar no frio do inverno para alguma propriedade dilapidada para celebrar com pessoas que mal conhecia.

Era enlouquecedor, para dizer o mínimo.

Se Marce e as irmãs não tivessem ido para Bath na semana anterior, Ellie com certeza teria dito à irmã para ir para os diabos – e levar o seu convite para passar o Natal junto com ela.

A porta se abriu, fazendo o vento se agitar lá dentro e batendo nas bochechas de Ellie como se fosse gelo. Felizmente, seus braços já estavam cruzados, mantendo o casaco preso em volta dela.

—Minha lady, — Alex se dirigiu a ela, fazendo o seu melhor para fazer uma mesura aceitável no espaço apertado. —A carruagem ficará pronta daqui a uma hora e então seguiremos caminho.

—Uma hora? — ela gemeu.

—Não é muito tempo, minha lady, — ele assegurou. —E estamos há apenas uma hora de Foldger’s Hall.

—Como você sabe? — ela perguntou. Quando olhou pela janela, só viu árvores e escuridão, não divisou nenhum ponto de referência.

—Porque eu passei muitos anos não muito longe daqui.

Ela olhou cética para ele. —Eu não sabia.

—Lady Vi, quer dizer, Lady Haversham, me tirou do orfanato, e o chefe dos estábulos dela me ensinou tudo o que eu sei sobre cavalos. — Ele

abaixou o olhar, como se soubesse que estava sendo muito franco com ela. — Bem, voltarei ao trabalho.

—Você tem certeza de que não podemos voltar para Londres? — Ellie implorou. O desesperado a enojava, mas sua manobra para escapar do maldito feriado estava falhando miseravelmente. —Eu não contarei a ninguém que você concordou.

Ele suspirou – realmente suspirou – e ela soube que não seria capaz de convencê-lo a não levá-la até Ruby.

—Minha lady, — ele fez um gesto com a cabeça. —Posso falar livremente?

Isso não augurava nada de bom. Preferia que ele só dissesse não e que partisse, deixando-a novamente com o silêncio que tanto ansiava.

Em vez disso, ela concordou.

—Eu não estou encarregada apenas a entregá-la ilesa à sua irmã, mas eu também estou indo ver Lady Haversham, a Sra. Dutton – a mulher que me criou – e todas as crianças.

A tristeza nas palavras dele era demais.

Ellie seria uma pessoa horrível se exigisse que ele a levasse agora mesmo para a casa do marquês – o que esteve preste a fazer há apenas uns instantes.

—Bem, eu...

Ele ergueu um dedo para silenciá-la. —Por favor, não há necessidade de dizer nada. Já faz algum tempo que eu não vejo as pessoas que eu gosto.

—Não te impedirei de fazer isso. — Ellie se sentiu horrível por sequer sugerir que eles voltassem.

—Sei que é fraqueza minha admitir, mas eu sinto muita saudade da Sra. Dutton e das crianças, — ele disse. —Não que eu não esteja eternamente grato pelo meu emprego em Londres, — ele se apressou a esclarecer.

—Você não precisa dar explicações, — ela admitiu. —Podemos seguir em frente.

Ele desceu e fechou a porta, retornando para sua tarefa.

E Ellie voltou para o seu silêncio ensimesmado.

As confissões dele a fizeram se sentir ainda pior.

Ellie, mesmo tendo recebido pouca bondade em sua vida, era uma diabinha mimada. Bastava pensar nas dificuldades que o cavalariço tinha enfrentado. Ele cresceu em um orfanato, e nem precisava mencionar o leve coxeio que ele trabalhava duro para esconder dela e dos outros criados. Ainda

que não tenha tido muitas coisas na vida, ao menos ela sempre teve roupas quentes, uma cama mais que adequada e comida em seu estômago.

—Tudo bem, eu vou, — ela murmurou para a carruagem vazia. —Mas eu não tenho que gostar de estar lá.

—Dê uma chance a eles, — a resposta de Alex viajou pela janela. —Eles podem surpreendê-la... e, você também pode fazer o mesmo.

Ellie quis desaparecer dentro do assento de veludo por causa da vergonha. Não era para ele ter ouvido as suas palavras, elas foram ditas apenas para que ela se tranquilizasse.

Suas bochechas queimaram de mortificação. Não havia nada a fazer a não ser esperar. Tinha escolhido vários livros para levar nas suas viagens, mas a luz limitada não permitiria que os lesse, a não ser que quisesse arriscar uma dor de cabeça.

Ela chutou o saco onde estavam os seus livros, derrubando-o, fazendo com que todo o seu conteúdo se espalhasse pela carruagem. Agachando-se no piso, Ellie pegou cada livro com cuidado, tirou o pó da capa, e colocou um por um de volta na sacola. Muitas vezes esses livros de capa de couro eram sua única companhia; dentro daquelas páginas podia ser quem quisesse – uma artista, uma exploradora, uma rainha – e não a bastarda desconhecida e escondida de um libertino.

Sentando-se mais uma vez, Ellie tirou a poeira do vestido. O tecido preto mostrava qualquer ponto de sujeira – a cor era implacável, e seu ano de luto não estava nem próximo de chegar ao fim.

Ellie tinha chegado ao extremo de dizer que não se sentiria bem celebrando as festas com Ruby e Harold logo no início do luto. A irmã ignorou a sua desculpa esfarrapada, expondo a utilidade de estar com a família nos períodos de luto.

Mas como se dizia que o luto não era sequer curto; mas que, de fato, ele nunca tinha existido?

—Coloque-os ali, — o cocheiro gritou enquanto a traseira da carruagem afundava ainda mais sob algum peso desconhecido e então se levantava bruscamente. Puxando a cortina mais uma vez, Ellie observou enquanto Alex erguia os seus baús, carregava-os alguns metros, e os colocava perto da roda da frente. Ele era um homem forte e capaz, e ela entendia por que o marquês tinha concordado empregá-lo nos estábulos – por isso, e ela também tinha ouvido que ele falava a língua dos animais. Até mesmo agora, ela observava o cavalo que estava mais perto dele erguer a cabeça na direção de Alex.

A mão dele, com os dedos levemente dobrados como se ele não conseguisse esticá-los, escovou o focinho do cavalo.

—Isso aí, menina, — ele murmurou. —Voltaremos para a estrada em breve.

—Você fala como se ela te entendesse.

Ele não olhou para a janela quando respondeu. —É claro que ela entende.

Que homem em seu juízo perfeito acreditaria que um animal o entendia? —Isso é ridículo, — ela bufou. Ela não tinha sido capaz de encontrar um único ser humano que a entendesse – embora Marce Davenport e as irmãs tentassem – e que aceitasse o seu lado bom e o seu lado ruim. Desde que se conheceram, Ruby tinha tentado romper a parede que Ellie tinha construído em volta de si, mas as razões dela eram suspeitas. Marce e as outras mulheres da Craven House só cuidavam dela por causa de uma promessa que tinham feito à sua mãe – não porque se importavam. Elas a tratavam como se ela fosse criança.

—Para você, talvez, mas muitos dias eles são a única companhia que um homem como eu tem. — Ele parou antes de prosseguir, afagando o animal mais uma vez. —Além disso, não são as palavras o que ela ouve, mas a emoção na minha voz. Uma pessoa pode falar algo, querendo dizer uma coisa completamente diferente.

Os cavalos dele eram como os seus livros – estáveis, confiáveis e verdadeiros; mas muito menos frios e rígidos.

—Está ficando frio, — ela disse, mudando de assunto – um que não fizesse com que eles se conhecessem melhor e que não se afastasse muito das formalidade que existiam entre uma senhora e seu cavalariço. Além disso, era verdade. Um arrepio correu por suas costas e ela puxou o casaco ainda mais apertado, pois ele tinha aberto para revelar o fundo do seu vestido cor de ébano.

—Menino! — o cocheiro gritou. —Estou precisando de uma mão aqui.

—Certo, senhor! — Com um rápido gesto de cabeça, Alex foi para a traseira da carruagem mais uma vez e saiu de sua vista – a menos que ela decidisse se inclinar para fora da janela mais uma vez. Mas não tinha nenhum interesse nas atividades deles, e mesmo se tivesse, não permitiria que eles soubesse.

A quietude prosseguia, quebrada apenas por um grunhido ocasional ou uma batida vinda da direção dos homens.

Sua mente voltou para os terríveis dias que teria à frente. Não havia muitas coisas que ela detestasse mais que socializar, especialmente com pessoas com quem não tinha nada em comum. Sua esperança era que permitissem que ela ficasse no quarto a maior parte do tempo, evitando conversas estranhas sobe o pai, sua nova irmã e... seu futuro.

E toda a simpatia... quantas vezes seria obrigada a emitir um cumprimento adequado ao feriado com uma alegria que não sentia?

Feliz Natal isso... e boas festas aquilo... e prazer em conhecê-lo.

A missão do marquês de mantê-la escondida não lhe parecia muito insensível neste momento.

Talvez, só talvez, ele pretendesse fazer um favor a ela.

—Prepare-se, minha lady! — Alex gritou.

A traseira da carruagem se ergueu até a sua altura normal, e Alex grunhiu enquanto o cocheiro amaldiçoava.

—Desculpa, milady, — ele disse, as palavras saindo apressadas. —A roda e a carruagem são pesadas demais. Mais uma vez, peço desculpa.

Se Ellie estivesse com um humor melhor, teria rido das desculpas do homem, do seu contínuo uso da linguagem chula, e as subsequentes palavras de arrependimento. Infelizmente, sua péssima disposição prosseguia – e provavelmente aumentava – enquanto eles seguiam viagem, levando-a cada vez mais perto de uma casa cheia de alegria.

—Está pronto. — A carruagem se moveu mais uma vez enquanto Alex e o cocheiro assumiam suas posições – Alex na traseira, e o cocheiro na frente. —Não falta muito, minha lady.

As palavras de Alex foram tranquilizadoras.

Olhando pelo lado bom, ao menos conheceria alguém que não fosse a irmã.

Com um assovio e o zumbido do chicote cruzando o ar, os arreios tiniram enquanto eles se punham em movimento.

Com um último olhar à escuridão, Ellie relaxou em seu assento.

Talvez convencesse Alex ou o cocheiro a levá-la direto para os estábulos, pedisse um quarto para ela, e então evitaria o grande espetáculo que a sua chegada criaria – permitindo que ela escapasse mais uma noite sem ser notada.

CAPÍTULO TRÊS

SEGURANDO UM MARTELO em uma mão e a um galho de visco na outra, Ruby ficou na ponta dos pés para alcançar até o último centímetro da altura desejada.

—Está centralizado, Sarah? — Ruby disse por sobre o ombro. —Se não estiver perfeito, Lady Haversham subirá pessoalmente neste banco para consertar o arranjo.

—Pra mim tá no meio, senhora.

Com mãos hábeis e uma martelada firme, Ruby prendeu o prego no portal que separava o vestíbulo do corredor principal. Os muitos anos – e o trabalho duro – em Foldger's Foals fortaleceram a sua determinação e fizeram com que ela apreciasse de verdade o trabalho manual. Não que pendurar alguns galhos e embrulhar um milhão de presentes pudessem se comparar ao difícil trabalho no rancho, mas ela nunca se esquivou de qualquer coisa só porque corria o risco de sujar as mãos ou de amarrotar os vestidos.

O banco balançou um pouco sob suas pernas instáveis enquanto ela pulava para o chão, seus pés calçados não emitiram nenhum som. Não importava o risco, preferia que fosse ela a pessoa que estivesse se empoleirando nas coisas para pendurar as decorações. Viola provavelmente estaria dando à luz não muito depois do ano novo.

Ruby devia à amiga muito mais que o pouco que fazia para agradecer a ela e a Brock por toda a sua bondade. Se não fosse pela generosidade de Lorde e Lady Haversham ao oferecer uma cama e refeições quentes, ela e Harold teriam sido forçados a procurar um quarto em alguma pensão ou implorar para que a família tivesse pena deles.

Não era de se admirar o fato de Ellington evitá-la – ela e Harold mal podiam cuidar de si mesmos, como, por tudo o que é mais sagrado, ela pretendia sustentar a irmã mais nova? E mantê-la longe de problemas?

Se ela e Harold pudessem esticar um pouco mais as suas economias, então o lucro do investimento dele em navegação iria melhorar a sua situação financeira e permitiria que Ruby pudesse tomar conta de Ellie.

—Devo dizer, este arranjo está muito bom! — Ruby se virou assim que Lorde Haversham subiu o último degrau com um sorriso enorme no rosto. — Meu amor ficará feliz com tudo o que fizemos durante o seu confinamento.

—Confinamento?

—Oh, sim, — Brock olhou para os ramos de visco e azevinho que estavam apoiados perto da parede e que ainda precisavam ser pendurados. — Ela está determinada a convencer todos lá em cima de que eu estou mantendo-a contra a sua vontade – forçando-a a descansar!

Ruby não conseguiu segurar a risada, mesmo sabendo que a condição avançada de Vi era algo sério.

—Ela jura que há mais trabalho a ser feito do que um exército seria capaz de completar nas próximas vinte e quatro horas. — Ele sacudiu a cabeça em descrença. —Eu disse a ela o que poderia fazer para te ajudar, mas ela afirma que com o bebê, ela pode ser contada como duas pessoas trabalhando. Posso ajudá-la em mais alguma coisa?

Ruby olhou para a imensa pilha de guirlandas que ainda deviam ser pendurados. —Você se importaria—

Brock abriu os braços. —Posso ajudar com qualquer coisa, é só falar.

—Aquelas guirlandas, — ela disse enquanto apontava. —Você pode levá-las para o corredor da biblioteca?

—Todas elas? — Ele olhou para o amontoado de folhagens e flores vermelhas.

—Sim, o corredor é mais longo do que parece, — ela riu. —Vi insistiu para que o medíssemos para termos certeza de que tudo ficaria perfeito.

—Então serão todos eles!

—Diga para ela não se afligir. Harold chegará em breve, e toda a casa parecerá um país das maravilhas invernais pela manhã. — Ela sorriu, sabendo que o sorriso não tinha alcançado os olhos, mas com uma risada, Brock assentiu e continuou o seu trabalho. —Tenho certeza de que a minha irmã vai querer ajudar também, — ela disse enquanto ele saía levando as guirlandas.

Era muito provável que Ellington desprezasse o Natal tanto quanto parecia desgostar da sua única irmã. A criança era incorrigível, desagradável e praticamente intratável. Ela se recusara terminantemente a sair de Londres – especificamente da casa de Drake – uns dias atrás. Ruby se viu obrigada a convencer Alex a acompanhar Ellie na viagem uns dias mais tarde.

Ruby ainda temia que nenhum dos dois viesse.

Isso deixaria Vi profundamente desapontada. Se Alex não passasse as festas em Foldger's Hall, ela ficaria tremendamente triste – e tudo seria culpa de Ruby. Não havia muito mais que pudesse fazer a não ser orar... e cruzar os dedos para chamar a sorte.

Olhando para a pilha de azevinho, galhos, laços e folhagens, Ruby soube que estaria tão ocupada que não haveria muito tempo para que se preocupasse com disparates.

—E agora? — ela perguntou para a sala vazia, Sarah já tinha ido realizar outra tarefa.

A única resposta que teve foi a porta da frente se abrindo com força o suficiente para bater contra a parede. Um vento frio tomou conta do vestíbulo, fazendo com que a saia chicoteasse nos seus tornozelos.

Alguém deve ter esquecido de segurar a porta.

—Minha linda esposa!

Ruby se virou, seus olhos se encheram de lágrimas quando uma sensação de conforto se abateu sobre ela.

—Harold! — Seu grito de alegria ecoou pelo imenso vestíbulo e viajou por toda a casa. —Você chegou!

Tudo ficaria bem agora que Harold tinha chegado.

—É claro que estou aqui. Onde mais eu estaria... — Ele deixou as palavras esvanecerem enquanto ele fechava a distância entre eles e a puxava para perto. —que aqui em seus braços?

—Não deveria ser eu a estar em *seus* braços? — Pela primeira vez desde que chegara, Ruby tinha sentido a sua rabugice ir embora. Ele a abraçou mais forte. —De qualquer forma, querido marido, estou muito feliz por você ter chegado. Agora, onde está o patife do seu irmão?

Ela se inclinou para olhar ao redor de Harold.

Ela gritou assustada, soltou-o e se afastou dos seus braços.

—Sra. Jakeston, — ela gaguejou. —Eu – bem – eu – bem-vinda!

—Pode me chamar de Meredith, criança.

Esse tinha sido o maior conjunto de palavras que a mulher já tinha dito na sua presença.

—Certamente, Sra. J – Meredith. Boas festas e seja bem-vinda. — Harold colocou a mão nas costas de Ruby, assegurando que estava tudo bem.

Um sorriso gracioso preencheu os lábios da mulher enquanto ela concordava, —Estou feliz por passar o Natal com os meus dois filhos – e com você também, minha querida. — Embora a mãe de Harold só tivesse lhe

incluído depois, Ruby não pensou que ela pretendeu insultá-la. —Harold, agora que você já cumprimentou a sua bela esposa, seja bom e me ajude a levar o seu irmão lá para cima.

—Você o deixou lá fora no frio? — Ruby nunca poderia entender essas palhaçadas entre irmãos.

Ruby ficou lá enquanto Harold voltava para fora, e a Sra. Jakeston – Meredith – observava a porta. No breve período que se conheceram, Ruby também teve a sensação de que ela amava os filhos, mas não podia fazer nada quanto ao fanatismo religioso do marido. Os ombros dela estavam levemente encurvados, não pela idade, mas possivelmente por causa da sensação de perda e do peso da responsabilidade que pairava sobre os seus ombros. Ruby imaginou que deveria ser um fardo pesado. O vestido marrom desbotado parecia ter sido remendado por muitos anos. Há muito tempo Harold tinha dito que a mãe levava uma vida devota, não uma de excessos ou cobiçando mais do que precisava.

Era um estilo de vida corajoso, preferir dar aos outros em vez de manter algo para si. Ruby vivia a vida mais ou menos da mesma forma, ainda assim onde a Sra. Jakeston não tinha companheirismo e amor; Ruby tinha isso de sobra – de Vi no passado, e agora com Harold, hoje e para todo sempre.

—Está tudo bem? — Assustada, Ruby assentiu, envergonhada por ter sido pega encarando. —Você está com uma expressão saudosa, criança.

—Estava pensando em Harold. — Foi a primeira desculpa em que pôde pensar e acontece que era verdade. —Ele é um homem bom e gentil, assim como a mãe.

—Você quer dizer *apesar* da mãe dele?

Ruby ponderou a questão, incerta sobre como responder. Meredith parecia uma mãe amorosa, calma, gentil, mas atenta.

—Nem sempre eu estive lá para apoiar Harold, principalmente no que dizia respeito ao Vigário Jakeston, — ela confessou. —Mas eu pretendo mudar... pelos meus filhos.

—O vigário se reunirá a nós? — Ela não teve tempo o bastante para se recuperar do choque ao ver a mãe de Harold, e esqueceu de perguntar sobre o pai dele. A mulher devia pensar que ela era uma fedelha mal-educada. — Peço desculpas por não ter perguntado antes.

—Oh, céus, criança. — Meredith acenou. —Se o Vigário Jakeston estivesse aqui, posso te garantir que nem Harold nem William estariam presentes.

—Oh, você passará as festas sem ele? — Ruby ficaria triste demais caso tivesse que ficar longe de Harold em uma data tão importante – e mesmo que Ruby não entendesse o apelo do homem, ela sabia que o amor era cego. Devia haver um pouco de carinho entre os dois.

—Não fique devastada desse jeito! — Os comentários tranquilizantes da mulher continuaram mantendo Ruby à vontade. —Eu convenci o bode velho de que precisavam de mim para cuidar de William. Ele ainda está sarando, como você sabe.

—Estou muito feliz por você estar aqui. — Um novo brilho apareceu nos olhos da anciã. —Viola e Brock também ficarão exultantes com a notícia.

—Que ótimo, querida, — ela disse. —Já faz bastante tempo que não vejo Brock – e a esposa, acho que nunca a vi.

—Vamos lá, William, — Harold gritou do lado de fora, o vento carregava a voz dele. —Você não pode ajudar o mínimo? Você não é um homem franzino.

Ruby e Meredith riram das palhaçadas deles.

—Devemos ajudá-los? — Meredith perguntou, ela fechava as mãos com força como se não tivesse acostumada a ficar parada.

—Você não fará isso! — uma voz falou das escadas. —Vocês são convidados – agora vamos até a sala de estar tomar alguns refrescos. Deixe os homens fazerem o que quiserem!

Viola desceu os degraus com cuidado, e Ruby correu até ela.

—Você sabe que Lorde Haversham te proibiu de descer as escadas sem ajuda.

—Então não diremos a ele. — Ao ver o olhar cético de Ruby, ela prosseguiu, —A quem você deve lealdade? À sua mais próxima e querida amiga, ou ao marido autoritário e irracional dela?

—Ora, ora, — Meredith riu. —Você deve ser Lady Haversham.

—Sra. Jakeston! — Viola irrompeu, pegando as mãos da mulher. — Quando soube que você estava se juntando a William para a nossa festa de natal, eu fiquei tão feliz. Eu e Brock não fomos capazes de ir fazer as visitas. Peço as minhas mais sinceras desculpas.

Meredith curvou a cabeça, mostrando o primeiro sinal de desconforto com toda a atenção. —Você estão recém-casados. Muitas coisas são perdoadas a um jovem casal apaixonado. Obrigada por me receber sem eu ter sido convidada.

—Quanto mais, melhor, mas você não vai continuar me agradecendo por muito tempo – as crianças podem ficar muito indóceis nessa época.

—Eu criei três meninos. Embora eles preferissem muito mais a casa do conde que a nossa, Brock e seus irmãos — ela parou no meio da frase — Terei que ser vigilante com as minhas palavras...

—Não, por favor, — Vi se apressou, mas Ruby notou que ela se encolheu. Só a menção dos irmãos de Brock fazia Vi sentir uma dor imensa. —Sim, todos sentimos falta de Cody e Winston, mas prezamos a memória deles. Nós não tentamos esconder isso. — Ela fez um gesto com a mão como se dizendo que as palavras da senhora não a tivessem ferido.

Embora muitos anos tenham se passado – e Vi tivesse se casado com um homem que a amava profundamente – a amiga nunca tinha se perdoado pelo protagonismo que teve na morte dos irmãos de Lorde Haversham.

—A casa do seu pai é linda. — Infelizmente, o momento jovial tinha passado, e a Sra. Jakeston estava voltando às formalidades. —Ele virá para os festejos?

—Ele está passando o recesso do parlamento na casa de Lady Darlingiver em Londres. Cá entre nós, — Vi se inclinou e disse em um tom conspiratório, —Acho que às vezes as crianças são demais para ele.

Todas as três riram.

Antes de elas recuperarem a compostura, Harold entrou empurrando William, ambos suavam bastante por causa do esforço de subir William e sua cadeira pelas escadas.

—Irmão, — Harold disse arfando. —Você me deve uma bebida.

—Eu realmente poderia beber alguma coisa depois da longa viagem tendo apenas você e a mãe como companhia. Um bourbon também ajudará a espantar o frio.

—Oh, não. — Harold bateu no ombro do irmão. —Você é meu convidado – bem, de Brock, se assim preferir – e você beberá o xerez que eu lhe oferecer.

—Xerez? — William disse com desgosto fingido. —Você já começou a usar roupas íntimas femininas também?

—Meninos! — Meredith ficou vermelho brilhante. —Temos companhia. Ao menos finjam que eu lhes ensinei boas maneiras.

—Se ela não conseguiu, o cinto do pai cumpriu o papel, — William sussurrou – um pouco alto demais.

—Cale-se, Harold! Mandei preparar quartos para todos. — Sempre a anfitriã natural, Viola interrompeu. Harold olhou timidamente para Ruby. — William, seu quarto será aqui no térreo, espero que ele te agrade.

—É claro, minha lady, — William se apressou, usando os braços para mover a cadeira. —Qualquer coisa – até mesmo os estábulos – servirá.

—Espero que você esteja brincando, Sr. Jakeston, pois eu *posso* te arranjar algumas tarefas lá. — Não esperando pela resposta dele, ela se virou para a mãe de Harold. —Posso mandar preparar o quarto ao lado do dele para você, Meredith, se você ficar mais confortável perto dele.

Pegando a mão de William, ela sorriu com carinho para a anfitriã. — Ficarei grata por qualquer lugar onde deitar a minha cabeça.

Todo mundo ficou sem jeito por uns momentos quando o silêncio se abateu sobre o grupo.

Um grito estridente veio do vestíbulo, assustando todo mundo, enquanto pés batiam no chão vindos da cozinha.

E com a cacofonia, o silêncio desconfortável foi quebrado.

Gavin passou correndo por Ruby e Harold, e se escondeu atrás da cadeira de William. Abby o seguia de perto gritando, —Devolva, seu pateta de libré amarela!

—Abbigail! — Vi cobriu a boca em completa surpresa. —Nós não usamos esse tipo de linguagem aqui. Peça desculpa a Gavin – e a todos os presentes. — Ela bateu o pé.

Ruby cobriu a boca para abafar a risada.

—Mas ele—

—Sem mas, mocinha! — Vi tentou parecer severa, levando as mãos aos quadris, mas elas caíram quando ela percebeu que não havia mais quadril depois de ter ganhado tanto peso por causa do bebê.

—Ele pegou a minha boneca, — Abby choramingou. —E ele não quer me dizer onde a escondeu.

Gavin saiu apressadamente de seu esconderijo e se enfiou entre Harold e a Sra. Jakeston, e acabou voltando para trás de Willian quando Vi tentou agarrá-lo pelo colarinho.

—Eu não toquei naquela boneca velha e fedida, — Gavin declarou.

William tentou firmar a cadeira depois de Gavin ter corrido em volta dela, pendurado em suas costas. Harold olhou para o chão, escondendo a diversão. E a pobre Sra. Jakeston, ela parecia... bem, feliz.

—Talvez você devesse olhar no seu quarto de novo? — Ruby foi até William para pegar Gavin. Ela sabia que o menino não tinha pegado a boneca porque, naquele momento, ela estava na sala de estar de Vi, onde Ruby estava fazendo um novo vestido para ela. —Vamos, Gavin, você pode me ajudar a colocar os sinos nas paredes. Vamos fazer com que cada canto parece um reino encantado no inverno.

—Lady Haversham? — Meredith pegou a mão minúscula de Abby com hesitação. —Posso ir procurar a boneca com Abby?

—Isso seria ótimo, — Vi bateu palmas. —Abby, por favor, mostre a casa para a Sra. Jakeston – e nada mais de xingamentos, criança. Quanto a vocês dois... — Ela olhou para Harold e para William. —Irei levá-los até o quarto de William. Você pode acomodá-lo enquanto eu faço os preparativos para o quarto de Meredith.

—Vamos, senhora. — Abby puxou o braço da Sra. Jakeston, puxando-a em direção ao caminho por onde tinha vindo. —Meu quarto – eu o divido com Elsbeth e Daphne – fica por aqui.

—Minha nossa, que vestido bonito você está usando, — Meredith murmurou enquanto elas seguiam pelo corredor.

—O seu vestido é terrivelmente marrom.

Ruby sacudiu a cabeça, não havia muito que pudessem fazer para domar a tendência das crianças a falar antes de pensar.

Viola, com William e o mordomo a reboque, seguiu Abby e Meredith que iam em direção à cozinha – e à porta que levava ao quarto das crianças, deixando Harold e Ruby para trás. Gavin perambulou até a pilha de visco, selecionando e inspecionando galho após galho.

—Uma palavra? — Harold fez sinal para o recanto que havia no vestíbulo principal. —Só vai levar um minuto.

Ruby ergueu a sobrancelha. —Espero que leve mais que um minuto, Sr. Jakeston. — Mas a privacidade que aquele recanto oferecia não era nem de perto suficiente para o que ela esperava que fosse acontecer.

—Ellington e Alex já chegaram? — ele perguntou.

—Não, por quê? Você os viu na estrada? — Eles vinham de direções opostas, o que não deixou Ruby muito otimista quanto a ele ter alguma notícia.

—Não, não os vimos.

O desconforto de Ruby cresceu. —Mas eles virão, não é?

—Estou certo que sim. — Ela sabia que ele não podia ter certeza de nada, especialmente quando isso envolvia Ellington. —Enviarei alguns cavalariços para encontrá-los.

Ela suspirou, relaxando nos braços dele. Se alguém podia se certificar de que a irmã e Alex chegariam – inteiros – para o natal, esse alguém era o seu marido.

—Não se preocupe mais, — ele disse, dando um beijo suave em sua testa. —Você parece exausta.

—Esse feriado é muito especial para Vi, e eu quero fazer a minha parte para que ele seja um sucesso.

—Então devemos voltar ao trabalho. — Ele sorriu. —Antes que Gavin se cubra de sinos e laços.

Ruby se virou a tempo de ver o menino cair no chão após ele tropeçar em uma longa fita vermelha que ele tinha amarrado na balaustrada, os sinos tilintavam nos seus braços e nas suas calças – um galho de folhas de azevinho estava preso entre os seus dentes.

—Cuidado, — ambos gritaram às gargalhadas.

CAPÍTULO QUATRO



VIOLA FECHOU A porta que dava para a sua sala de estar e fechou os olhos, permitindo que o silêncio acalmasse a sua ansiedade – e esperando que a dor diminuísse. Todo mundo estava acomodado – Harold e Ruby estavam decorando, William estava descansando em seu quarto, Brock estava trancado no escritório e a Sra. Jakeston estava conhecendo Foldger's Hall tendo Abby como guia.

Parecia que já tinham se passado dias desde que estivera em seu quarto. Estava tão cansada quanto tinha estado quando Brock tinha lhe ajudado a chegar aos seus aposentos hoje mais cedo, mas não podia permitir que ele visse a sua exaustão. Tinha lhe custado todo o seu encanto para convencê-lo a dar uma festa de natal estando tão perto do nascimento do filho deles.

Colocando as palmas das mãos sobre a porta, Vi se empurrou, ficando de pé mais uma vez sem ajuda, e abriu os olhos.

A sala ainda estava cheia de brinquedos desembrulhados, vestidos, sapatos, papeis e laços – e sobre o sofá estava a boneca desaparecida de Abby. Ela deveria avisar antes que Meredith e Abby passassem toda a tarde procurando pela boneca, mas isso teria que esperar.

Como alguém – até mesmo uma pessoa que não estivesse aumentando de tamanho – organizava esse tipo de festa sem ter um exército para ajudar? Até mesmo com Ruby, a Sra. Dutton, Brock e Harold trabalhando à beça, as coisas não estavam ficando prontas tão rápido quanto ela esperava.

Ela pulou quando ouviu uma batida na porta.

—Milady? — A Sra. Dutton chamou. —*Cê tá* aí?

—Entre. — Vi prendeu um sorriso no rosto, alisou o vestido e se virou para a porta, ignorando a pontada de desconforto enquanto se movia. — Muito obrigada pela ajuda.

—Não é nada, milady. — A mulher fez uma mesura antes de olhar para o desastre que era a sala. —Foi muita bondade sua deixar nós *criado* ir *pra* festa.

—Oh, eu que deveria estar te agradecendo. — Vi foi até o sofá, afastou a boneca de Abby antes de sentar, e fez sinal para que a Sra. Dutton se sentasse ao lado dela. —Sente-se, sinto que minhas pernas estão cada vez menos dispostas a subir e descer escadas quanto mais a chegada do bebê se aproxima. — Não eram apenas os seus pés e pernas que doíam, mas as suas costas também estavam incomodando muito.

—Eu vou ficar muito feliz por ver o Alex de novo. — Embora ela estivesse falando com Vi, o olhar da mulher dificilmente deixava a sua enorme barriga, ela olhava tanto que Vi foi obrigada a verificar se não tinha deixado cair marmelo em seu vestido. Felizmente, o vestido lilás não tinha nenhum ponto laranja sobre ele. —Já vai fazer um ano desde que *vi ele* pela última vez, — A Sra. Dutton confessou.

—Eu sei que você sente saudade dele – eu também sinto. — Mesmo que ele tivesse trabalhado para Vi quando ela administrava o rancho, ela não sentia a mesma saudade que a Sra. Dutton. A mulher tinha criado Alex desde que ele se acidentara quando criança. —Ele deve chegar a qualquer momento.

—Você acha que ele tá feliz?

Viola há muito se arrependia de seu acordo para enviar Alex para Londres para trabalhar nos estábulos do Marquês de Drake, um homem conhecido por ser recluso – e, como veio a saber há poucos meses, o verdadeiro pai de Ruby.

—Eu ou Ruby o verificamos com frequência, e ele passa seu meio dia de folga semanal na minha casa. — O olhar da Sra. Dutton implorava para ter mais informações, algo que Vi pudesse estar guardando para si. —Ele parece estar feliz com o emprego e ele está se saindo muito bem. Seu coxeio passa quase desapercebido, e os braços dele dobraram de tamanho por causa de todo o trabalho físico.

—Você acha que ele vai concordar de voltar pra cá? — A tristeza dela partiu o coração de Vi.

Ela suspirou, cedendo ao desejo de se reclinar nas almofadas macias. — Eu ofereci um emprego para ele nos estábulos de Brock – e aqui em Foldger’s Hall – várias vezes, mas ele quer abrir o próprio caminho. Não podemos culpá-lo por isso. — Inicialmente, a relutância de Alex tinha sido um choque – já que ela tinha oferecido um salário muito maior e uma tarde extra de folga todas as semanas, mas ainda assim, ele só agradeceu e recusou.

—Eu te agradeço por isso, e por manter esta velha aqui no orfanato.

—Não há outra mulher mais adequada para o emprego, — Viola assegurou. As crianças foram bem cuidadas, educadas, e o mais importante, amadas. A Sra. Dutton conduzia tudo muito bem, mantinha os quartos arrumados e tinha uma força de presença formidável. —Vamos terminar aqui?

—Como quiser.

Parecia que algo ainda aborrecia a mulher, sua aparência normalmente contente parecia ter sido ofuscada por alguma razão.

—Você deseja discutir sobre mais alguma coisa? — Vi incitou.

A Sra. Dutton sacudiu a cabeça, como se tentasse dispensar o que quer que estivesse incomodando. —É só que o nosso jovem foi um presente especial do Senhor. — Vi concordou. —E eu sempre vou me preocupar com Alex, ele tem sido como um filho, já que o Sr. Dutton faleceu antes que pudéssemos ter o nosso próprio pequeno.

—Eu sei que ele a vê da mesma forma, como uma figura materna. — Se a mesinha de centro, coberta por papel, não estivesse separando-as, Vi teria pegado as mãos da anciã. O ar pesado ainda pairava sobre elas. —Mas, como eu disse, ele chegará em breve. E isso vai acalmar um pouco da ansiedade.

—É capaz, milady. — A Sra. Dutton se levantou, mais uma vez ela era a mulher robusta capaz de brigar com uma sala cheia de crianças, mesmo que o espírito alegre parecesse forçado. —Vamos embrulhar o presente das *menina* com papel rosa e o dos *menino* com azul?

—É o que pretendo. — Vi se sentou erguida, sua criação exigia que suas costas permanecessem retas, não importa quanta dor estivesse sentindo. —Se você fizer a bondade de trazer os presentes até mim – e um pouco de barbante – poderemos começar.

As mulheres colocaram mãos à obra, a Sra. Dutton murmurava uma canção que Vi nunca tinha ouvido, mas ela a levou a um estado de calma e foi capaz de afastar os temores, ao menos por alguns momentos. Esse seria seu primeiro Natal sem a presença do pai, ele tinha passado tantos anos fazendo tudo o que estava ao seu alcance para fazer com que ela se sentisse querida e especial, especialmente depois do escândalo que aconteceu na sua primeira temporada. Embora Brock estivesse sempre com ela, ainda ansiava pelo homem que a tinha criado.

Talvez entendesse mais a Sra. Dutton do que tinha pensado.

Vi imaginou se o pai também sentia a sua falta. Ela praticamente o empurrou pela porta para que ele fosse passar as festas com o seu amor de

longa data, Lady Darlingiver e a família. Ele passou tantos anos provendo sua única filha que ela sentia como se agora fosse a vez dele de encontrar a felicidade.

E ela – ela precisava estar ali. Não apenas para comemorar com as crianças, mas também para dar a Ruby e a Harold um lugar para ir... e para reunir a Sra. Dutton e Alex.

Muitas pessoas dependiam dela – e ela não iria decepcioná-las.

Mesmo se estivesse morta no dia de Natal, ela dançaria pela casa, espalhando tanta alegria natalina quanto fosse possível. Nenhum membro da criadagem seria esquecido, nenhuma criança ia ser deixada de fora, nenhuma porta ou janela ficaria intocada pela alegria da festa.

—Senhoras. — Brock entrou na sala, e Vi ergueu a cabeça. —Que amável a minha esposa ter se reunido a nós aqui embaixo novamente. Não me disseram que você estava acordada.

Ela não pôde se obrigar a fazer contato visual com ele, pois tinha descido as escadas não muito depois de ele tê-la deixado no quarto.

Sua culpa devia ser óbvia, por que até mesmo a Sra. Dutton abaixou o livro que estava embrulhando e ficou de pé. —Vou ver se a cozinheira já aprontou o cardápio. — Ela fez uma mesura para Lorde Haversham e falou um rápido, —Milorde.

Pegando a boneca de Abby, Vi se ocupou para evitar olhar para o marido – e ver o olhar fulminante que ela sabia estar lá naquele rosto bonito.

—Viola... — a voz dele estava profunda devido ao desgosto.

—Sim, meu mais querido, mais bondoso, heroico e forte marido? — Vi olhou para ele, piscando como medida de precaução. —É tão bom vê-lo.

—Carinho, — ele disse como aviso. —Não brinque comigo.

—O que você quer dizer?

—Você sabe muito bem o que eu quero dizer.

Ela *estava* brincando com ele, mas não tinha outra escolha se quisesse aplacar a raiva dele – e manter-se fora da cama tempo o bastante para terminar todos os preparativos para o natal.

—Brock, prometo que estou me sentindo bem, o melhor que já me senti na vida. — Ambos sabiam que essa frase não podia estar mais longe da verdade. —É sério.

—Juramos nunca mentir um para o outro.

Ela nunca tinha esperado dar uma festa de natal estando tão próxima de dar à luz... a promessa não podia estar sendo usada contra ela agora.

—Meu amor, eu quero que tudo seja perfeito!

—Eu entendo, mas ninguém vai aproveitar tudo o que fizeste se você ficar doente.

—É tão irritante quando você está sendo todo racional.— Um pedacinho dela tinha escorregado de volta para a época em que ela tinha sido uma debutante mimada, acostumada a ter tudo o que queria. Vi esperava que não tivesse que lutar contra isso pelo resto de seus dias – e que o Senhor ajudasse a Brock e a ela se os filhos deles a puxassem. —Mas eu tenho muito o que fazer, de verdade.

—E se eu oferecer um acordo.

— Ele se sentou ao lado dela, a forma alta e masculina quase engoliu todo o sofá. —E se eu recrutar Harold, Ruby, a Sra. Dutton e algumas outras criadas para embrulhar os presentes, e você e eu vamos ler histórias de natal para as crianças antes de o jantar ser servido?

Seu estômago roncou com a menção do jantar.

—Ou nós podemos comer agora...

Viola colocou a mão sobre a barriga e sorriu. —Não, eu posso terminar isso uma hora antes de o jantar ser servido. Eu gostaria muito de uma história de natal. — Ela e Brock tinham ido a várias livrarias antes de saírem de Londres e pegaram vários livros natalinos que pensaram que as crianças fossem gostar. Até então, tinha estado tão ocupada, que se esqueceu completamente que eles estavam guardados lá no seu quarto.

Ele deu um rápido beijo em sua bochecha e ficou de pé. —Permita-me ir pegá-los.

Enquanto ele saía da sala, levou os dedos ao local onde os lábios dele tocaram, como ela tinha pensado que poderia viver sem ter esse tipo de amor em sua vida? O sorriso não se mostrava apenas no seu rosto, mas em todo o seu ser – e esse amor em breve lhe daria um filho, uma criança para eles amarem e cuidarem para todo o sempre.

Ela tinha ficado consternada e confusa com a insistência de Brock de tomá-la como esposa, mesmo com seu passado sórdido – e a tragédia que o fez perder seus irmãos por culpa dela – mas o Senhor tinha lhe dado a chance de consertar tudo. Era ela quem teria o papel de continuar com a linhagem Haversham, não importa que a criança fosse uma menina, eles com certeza tentariam outro – e outro.

Uma coisa que tinha aprendido ao ter todas essas crianças por perto era que não poderia haver risadas inocentes o suficiente, e também brigas infantis

ou abraços. Ela tinha sido filha única, e com a morte da mãe veio uma vida de quietude e ordem, era apenas Viola e o pai.

Sim, ela o amava demais, mas havia uma parte dela que a afeição de seu pai – ou até mesmo o amor profundo de Brock – não pôde preencher. Trazer as crianças para Foldger's Hall tinha sido um começo. Tirá-los de Londres e levá-los para um lar seguro tinha feito com que o seu coração se abrisse, e ela guardava com muito carinho o amor incondicional das crianças. Um dia eles saberiam as terríveis coisas que aconteceram em seu passado, e ela rezava para que eles a perdoassem, e o mais importante, que aprendessem com os seus erros e fossem mais cuidadosos em suas ações.

Este feriado, tanto quanto queria que ele fosse perfeito para o marido, e Ruby e Harold – e também para William, Meredith, Alex e Ellington – *ela* também precisava desse momento de imensa alegria.

Pois depois do nascimento do filho, Vi tinha jurado deixar todos os seus pecados no passado. Não se agonizaria mais por causa das ações mesquinhas e egoístas da sua juventude. Seus dias – e noites – não seriam mais invadidos por pensamentos das pessoas que perderam a vida por causa da sua infantilidade.

Ela tinha que seguir em frente – permitir-se amar o seu filho de todo o coração. Seu coração precisava estar no aqui e no agora, não no passado.

Era de se admirar Brock não ter notado seu sono inquieto e as noites em claro, incapaz de se entregar ao esquecimento. A exaustão tinha sido uma sensação banal para ela, Vi não tinha levado em consideração o desgaste adicional de carregar um filho.

Viola tinha mais no que pensar que em seus arrependimentos, agora ela estava, e para sempre estaria, encarregada de criar uma vida perfeita – cheia de amor e felicidade – para o seu filho.

Afagou a barriga suavemente e foi recompensada com um chute forte.

Não havia outra opção a não ser fazer que esta comemoração fosse um sucesso, pois ela de certo modo seria um prenúncio dos anos vindouros.

Se ela não pudesse fazer esses dois dias serem especiais para todos os envolvidos, então como poderia esperar cumprir toda uma vida de momentos felizes para o seu filho?

As lágrimas corriam por suas bochechas – provavelmente causadas pela gravidez adiantada, disse a si mesma – e ela as limpou rapidamente quando passos trovejaram vindo em sua direção. Eles podiam ser de apenas uma pessoa – seu forte, compassivo e indulgente marido.

Batendo em suas bochechas só para garantir, Vi ficou de pé, pronta para receber o homem que tinha feito tudo o que estava em seu poder para acabar com a sua dor.

Sua única esperança era de que ele não descobrisse o quão profunda ela era.

CAPÍTULO CINCO



—VOCÊ ESTÁ TENTANDO me distrair, marido? — Ruby perguntou, mal sendo capaz de formar palavras por causa do frio inclemente que emanava da parede às suas costas e sentindo nada além de um calor escaldante na parte da frente.

—Se não a sua mente, certamente o seu corpo, — ele provocou enquanto mordiscava o seu pescoço, beijando a sua clavícula, subindo por seu pescoço e ao longo da sua mandíbula. Ruby queria implorar para ele não parar nunca, que sempre mantivesse o seu corpo perto – e a mente devidamente ocupada. —Se eu tivesse pensando um pouco mais, não estaríamos presos neste armário junto com a roupa de cama.

Ruby gemeu enquanto as mãos dele subiam e desciam, enviando arrepios de desejo por todo o seu corpo. —Não estamos presos, — ela suspirou de prazer.

—Com certeza estamos. — A voz dele não era mais alta que um sussurro, e ele prosseguiu, —Seria altamente impróprio que nós abríssemos a porta e tropeçássemos para o corredor em uma posição mais que escandalosa.

—Então talvez você devesse me soltar, — ela retrucou.

—Sem chance, sua megera. — Ele desceu um lado do seu vestido expondo o alto do seu seio. —Foi você quem me forçou a ter esse comportamento desavergonhado com todos esses seus viscos sobre cada porta – você estava implorando para ser arrebatada.

—Alto lá, senhor. — Ruby se afastou ligeiramente. —Eu sou uma dama decente – seus pensamentos impuros são apenas seus.

Harold ergueu a mão por trás das costas e pegou a maçaneta. —Então lhe deixarei da mesma forma que a encontrei, casta e intocada.

—Você não se atreveria. — A escuridão do espaço cobria o seu olhar de desejo. Ruby levou as mãos ao pescoço dele e até os macios cabelos castanhos, todo o seu corpo se moldou ao dele. Puxou a boca de Harold para a dela, a maçaneta foi rapidamente esquecida.

Ela o beijou como se fosse a primeira vez – e possivelmente a última – colocando toda a sua alegria, necessidade, luxúria, e, finalmente, temor naquele momento. E ele tomou tudo, aceitou cada emoção e lhe devolveu todo o amor incondicional de um homem apaixonado por sua esposa.

Nenhuma parte dela duvidava de que ele sempre a protegeria, cuidaria e daria a ela tudo o que quisesse – mesmo se isso incluísse uma irmã mais nova muito pouco agradável que tinha como o único objetivo de vida enlouquecer a irmã mais velha.

Sim, acontecesse o que fosse, Harold se certificaria que Ellington estivesse presente para as festas, Ruby não precisava temer.

Ela aprofundou o beijo, assumindo o controle, empurrou a língua entre os lábios dele, não para possuí-lo, mas para explorá-lo. Ele tinha ficado longe por dias para ir pegar William – e ela sentiu muita saudade, mesmo tendo Brock, Viola e as crianças como companhia, ela ansiava por Harold.

Através da bruma do desejo, ouviu uma batida, a princípio baixa, mas à medida que os segundos se passavam – e Harold abaixava ainda mais o seu vestido – as pancadas aumentavam de frequência e urgência.

—Vamos! — Smith gritou com um quê de irritação. —Parem com essas batidas. — Os passos leves do homem podiam ser ouvidos enquanto ele passava por onde Harold e ela estavam escondidos. —Quem poderia estar à porta a esta hora? — O murmúrio de Smith pôde ser ouvido.

Quem, de fato?

Ruby só precisou pensar por um segundo antes de empurrar Harold, um pouco brusca demais. Ele bateu na porta.

—Ai! — Mesmo na escuridão, ela pôde vê-lo esfregando o local da cabeça que tinha batido na porta. —O que você está fazendo?

Ruby ajeitou o vestido, fechando o botão de cima antes de passar as mãos pela parte da frente para alisar qualquer vinco. —A porta!

—O que tem a maldita porta? — Havia mais irritação na voz dele agora que na do mordomo.

—Alguém está batendo. — Ela tentou ignorar a exasperação com as constantes perguntas.

—E por que eu me importaria por alguém estar batendo? — Ele sacudiu a cabeça como se para clarear seus pensamentos escandalosos – e a imagem do seio nu de Ruby – antes de passar as mãos pelo cabelo. Ele estava frustrado.

—Pode ser eles. — A ansiedade que sentiu nos últimos dias abandonou o seu corpo. —Ellie e Alex devem ter chegado.

—Não pode ser.

—Por que não? — Ela levou as mãos aos quadris e olhou para ele, mas não era muito provável que ele visse alguma coisa por causa da escuridão. — Vamos ver por nós mesmos.

—Depois de você, esposa. — Harold abriu a porta e deu um passo ao lado, permitindo que ela passasse primeiro.

O brilho das velas alinhadas no corredor a cegou por um momento. Ruby piscou rapidamente e olhou para onde o mordomo tinha ido, em direção ao longo corredor que levava ao vestíbulo. Tudo o que viu foi o homem falando com alguém enquanto um lacaio pegava um enorme baú. Colocando-o aos pés da escada, ele voltou para pegar outro – e outro – até que o vestíbulo ficou cheio.

Seus ombros caíram. Não era Ellington – nem Alex – quem tinha chegado, mas algum tipo de entrega. Ela não estava esperando nada, pois ela e Vi tinham passado dias comprando tudo antes de irem para Foldger's Hall.

Chegando ao vestíbulo enquanto o mordomo fechava a porta, ele se virou e deu um enorme sorriso. —Sra. Jakeston, onde o lacaio pode pôr tudo isso?

Por que ele estava perguntando para ela? Ele deveria estar perguntando para Vi, pois ela com certeza sabia o que era tudo isso.

Quando ela não respondeu, Harold se manifestou. —Veio algum bilhete com tudo isso?

—Sim, senhor. — Ela não tinha notado o envelope na mão de Smith até que ele o entregou. —Está endereçado à Sra. Harold Jakeston, madame.

Ela olhou a carta, não tendo ideia de quem tinha enviado. A bela caligrafia no envelope era feminina, com letras longas e espiraladas.

—Nada aí dentro vai te morder, — Harold sussurrou provocativamente em seu ouvido. Olhou para ele e viu que ele parecia estar tão confuso com a carta e as caixas quanto ela, mas ele não estava hesitante nem desconfiado. — Vá em frente.

Rompeu o selo desconhecido com a mão tremendo e pegou a folha que havia lá dentro.

Querida Sra. Jakeston,

Foi adorável encontra-me contigo e com o Sr. Jakeston semanas atrás. Estou enviando todas as coisas que prometi, vestidos cor de rosa, bonecas, pentes e outras bugigangas para fazer com que o natal seja especial para cada uma dessas jovens que estão sob os cuidados de Lady Haversham. Oh, e não tema, eu não me esqueci dos homenzinhos, você vai encontrar muitas

coisas para eles, também. Diga que quem mandou os presentes foi o Papai Noel em pessoa.

Com toda a minha consideração,

Lady Aloria Wolfeton

Como Ruby tinha esquecido da grande promessa de Lady Aloria – agora Lady Wolfeton – de enviar algumas coisas para as crianças? Mas isso era mais que as poucas coisas que ela tinha prometido.

—Não me deixe tão curioso! — Harold falou, pegando a carta que ela entregava para ele. —Bem, não é uma surpresa? E bem a tempo do natal. Tenho certeza de que as crianças ficarão exultantes, embora eu não tenha certeza de que você e Lady Haversham tenham tempo – ou força – para embrulhar mais presentes.

—Ainda há pessoas boas no mundo, — Ruby balbuciou.

—É claro que existem... olhe para mim. — Ela o golpeou. —O quê? Eu sou um belo exemplo de bondade, não?

Ruby tinha vivido muitos anos, inconsciente das transgressões dos outros antes de o seu mundo ser virado de cabeça para baixo, quando soube a vergonha que era toda a sua existência. Ela tinha sido enganada pela mãe, pelo homem que pensou ser seu pai, e então Ellington tinha achado por bem esconder o frágil estado de saúde do seu verdadeiro pai – e no final nunca deu a Ruby a oportunidade de falar com ele, negando-lhe um fechamento. Não havia muitas pessoas em quem confiasse além de Vi e Harold.

—E ele aprendeu tudo comigo, — Brock saiu de seu escritório, olhando para o vestíbulo lotado. —Maldição, o que é tudo isso?

—Parece que são presentes para as crianças, — Harold disse enquanto terminava de ler a carta e voltava a dobrá-la. —Foram enviados por Lady Aloria Wolfeton.

Brock e Harold abriram os baús, e a cada um eles ficavam ainda mais maravilhados.

—Estão todos embrulhados, — Brock disse com alívio. —Cada um está preenchido até a borda com presentes embrulhados com delicadeza, há um laço em cada um deles. Vi ficará tão animada com a bondade da dama. Não acredito ter conhecido Lady Wolfeton. — Ele pensou no nome por um momento. —Conheci?

—Oh, você pode não tê-la conhecido, mas certamente já ouviu falar dela. — Ruby não era do tipo que fazia fofoca então buscou na memória uma conexão que não tivesse relação com os muitos noivados desfeitos de Aloria.

—O pai dela tem uma frota de navios. Ele ajudou William e Harold no início do ano.

—Lorde Garland? — Brock questionou. —Não é a filha dele—

—Uma alma bondosa e compassiva? — Harold interrompeu, sabendo o quanto Ruby gostava da menina, até mesmo esperava que ela e Ellie se tornassem amigas algum dia. —Sim, é ela.

—Não era isso o que eu ia dizer—

—Tenho certeza que era exatamente isso que você ia dizer. — Harold bateu no ombro do seu melhor amigo. —Agora, já estou em casa há mais de uma hora e ainda tenho que desfrutar de uma taça do seu esplêndido xerez.

Brock sacudiu a cabeça em protesto. —Você não estaria insinuando que eu tenho na minha casa nada menos que o melhor scotch e o melhor brandy que um homem pode importar, certo?

—Vamos lá, você pode admitir a sua predileção pelo xerez, — Harold incitou e Ruby riu. —Você está entre amigos. — Ele piscou para ela, mas Ruby sabia que não deveria entrar no meio de uma das batalhas verbais daqueles dois.

—Cavalheiros, irei deixá-los com o *xerez* enquanto verifico se Sarah e a Sra. Dutton não precisam de ajuda com o jantar.

—Eu vou beber um scotch, — Brock disse enquanto ela se afastava.

—Os diabos, — Harold corrigiu.

Ela sorriu. Os dois discutiam como um velho casal – e Ruby não se importava o mínimo. O valor de um homem era demonstrado por três coisas: o quanto eles amavam a mãe, até onde iam para ajudar um amigo e o tempo que eles passavam amando a sua parceira.

Harold – mesmo sendo distante da Sra. Jakeston devido ao abuso do pai – gostava muito da mãe, sempre enviava tecidos para que ela fizesse vestidos, livros para a leitura, e belos badulaques que ele via em Londres. Era decisão de Meredith usar as fazendas de tecido para vestir as crianças da vila – e também era sua escolha emprestar os livros para todos na propriedade Haversham, mas Ruby suspeitava que ela mantinha um estoque secreto de pentes e leques.

E ele com certeza provou o quanto a amava ao arriscar a sua reputação ao ajudá-la na busca pelo seu pai biológico. E seria natural ele ter um laço tão próximo com o seu amigo, o que trabalhava a seu favor. Ruby tinha ficado temerosa e preocupada quando Vi conheceu e se casou com Brock.

Foldger’s Hall tinha sido tudo o que as duas conheceram por muitos e muitos anos. O que aconteceria com ela quando Vi fosse viver com o marido? O medo que Ruby tinha de ser esquecida se provou vazio, pois Vi, assim como Harold e Lorde Haversham, eram tremendamente leais aos seus mais queridos amigos.

Caminhando pelo longo corredor que levava ao pavilhão de jantar, Ruby ouviu risadas, alguns risinhos infantis e um som ainda mais maduro.

Entrando na sala enorme, viu que uma mesa tinha sido posta para mais de trinta pessoas. As crianças estavam amarrando laços vermelhos, verdes e prateados em cada uma das cadeiras enquanto a Sra. Dutton e Sarah arrumavam os pratos e a prataria. Essa sala quase não era usada, já que Vi tinha se mudado para a casa de Brock e o pai dela raramente ia ao campo, pois Lady Darlingiver preferia ficar na cidade. A Sra. Dutton e as crianças usavam uma sala de jantar menor que havia perto dos quartos.

—Aqui está parecendo um verdadeiro país das maravilhas! — Todos olharam para ela. —O que vocês fizeram para que a mesa parecesse estar coberta de neve?

—Nós picamos papel, senhora, — Daphne e Cassandra disseram ao mesmo tempo, batendo palmas de alegria. —Você gostou? — Cassandra perguntou.

—É claro—

—Você acha que milady vai gostar também? — Daphne prosseguiu.

—Eu não tenho dúvidas de que ela vai ficar muito feliz com tudo o que vocês fizeram durante a ausência dela. — A missão que tinham de fazer com que cada centímetro de Foldger’s Hall estivesse festivo tinha sido muito melhor do que esperavam. As crianças ficaram muito felizes por ajudar. A Sra. Dutton, mesmo sendo muito competente dirigindo o orfanato de Vi, até então não tinha contado com fundos para celebrar o natal, já que não sobrava nada depois que comprava as coisas para suprir as necessidades das crianças, como sapatos e roupas novas.

Este ano – e cada ano depois desse – seria diferente.

Vi e Ruby não trabalhavam mais dia e noite para juntar dinheiro o suficiente para conduzir Foldger’s Foals, rezando para que sobrasse o suficiente para enviar à Sra. Dutton. Agora as crianças viviam aqui, Viola tinha desistido dos seus cavalos – enviando a maior parte deles para a propriedade de Brock – e transformou a casa em um paraíso para as crianças feridas e abandonadas.

Agora, cada um tinha uma cama decente, roupas quentes e tutores apropriados.

As crianças tinham florescido com toda a segurança.

—Em que eu posso ajudar? — Ruby perguntou, precisando se ocupar até que ou Ellington chegasse ou que ela e Harold fossem atrás dela. —Todos vocês têm trabalhado tão duro.

—Senhora, — uma vozinha chamou de algum lugar debaixo da mesa. Ruby se abaixou, pegou a tolha que cobria a mesa e olhou. Encolhido lá embaixo, um garotinho se atrapalhava com um pacote minúsculo, os dedos inexperientes tentavam fazer um laço. —Você pode me ajudar?

Ruby sorriu, abaixando-se no chão e entrando debaixo da mesa onde o menino, Tyler, estava. —Eu adoraria. — Ela olhou para a caixinha coberta a esmo com jornal. —O que é?

Até mesmo no escuro, Ruby viu o brilho de alegria nos olhos do menino. —É uma abotoadura para Lorde Haversham.

—Uma única abotoadura?

—Sim, senhora.

—Por que só uma?

—Foi a que ele perdeu – e eu encontrei, — Tyler disse lentamente, como se Ruby não estivesse entendendo. —Ele deixou cair no escritório no dia que ele chegou. Eu o ouvi dizer que não sabia para onde ela tinha ido. Então passei horas procurando e eu encontrei.

—Ah, entendi. — Ela quis rir, mas o menino estava tão sério que ela não quis ferir os seus sentimentos. —Lorde Haversham ficará extremamente feliz por ter o objeto de volta, mas talvez não devêssemos dizer que você a encontrou no escritório.

—Oh, eu não estava planejando dizer onde eu encontrei. — Tyler sorriu, mostrando a falha onde os seus dentes de leite tinham estado. —Gavin me fez jurar que eu não contaria onde fica o nosso esconderijo.

—Esconderijo? — Ruby perguntou.

—Não posso te contar também, você é uma adulta, — Tyler suspirou.

Ruby se inclinou, suas costas adentrando ainda mais sob a mesa. —Eu sou, mas eu sou uma ótima guardadora de segredos.

Ele a olhou com suspeita e sorriu, obviamente decidindo que ela era de confiança.

—Nós brincamos naquele grande armário atrás da mesa dele – não sei por que, mas ele está sempre vazio.

O escritório – e o armário – na verdade eram de Lorde Oberbrook, pai de Viola, para ele usar quando estivesse na residência – o que ele quase nunca estava. Isso explicava o porquê de o armário estar sempre vazio, mas Brock assumia o espaço quando estava ali. Provavelmente devesse contar a Vi que as crianças tinham adotado o armário como um esconderijo – só no caso de eles procurarem a sala para ficarem sozinhos.

—Jura que não vai contar para meu lorde e minha lady? — Ele ergueu a mão minúscula, com o dedo mindinho estendido. Ruby tinha muito pouca experiência com crianças, mas ela tinha visto Brock, Harold e os irmãos deles fazerem esse gesto infantil muitas vezes.

Ruby ergueu o próprio dedinho. —Eu juro.

Tyler pegou o dedo dela com o dele. O acordo estava feito, e Ruby tinha ganhado a confiança dele. Talvez não devesse alertar Vi, pois eles iriam para a propriedade de Brock para esperar o nascimento de seu primeiro filho em poucos dias.

—Jovens, — a Sra. Dutton ralhou. —Voltem *pros* seus quartos. Milady vai ler histórias de natal pra vocês. E vocês não vão querer perder.

Tyler saltou, deixando Ruby sentada com as pernas cruzadas no escuro quando a toalha caiu – sozinha com seus próprios pensamentos.

Queria passar o feriado com Vi, Brock e as crianças, mas se Ellington não viesse, ela seria forçada a abandonar sua amiga e ir até Londres capturar a sua irmã rebelde.

CAPÍTULO SEIS



ELLIE ESPIOU A noite escura e fria pela janela da carruagem – e também a entrada que levava à propriedade de Lorde Oberbrook. —Não entendo por que você está me forçando a fazer uma entrada teatral, — Ellie bufou, recusando a ajuda de Alex para descer da carruagem. Em vez disso, ela desceu os dois degraus e pisou no chão de paralelepípedos. —Teria sido muito mais fácil ir direto para o estábulo e fazer uma entrada mais discreta.

Foi então que Ellie olhou para a enorme casa, o ar ficou preso em sua garganta. O lugar parecia um palácio, com três andares e janelas demais, todas brilhando com a luz. Uma enorme lamparina estava pendurada na porta da frente, esperando pela chegada deles – ou ao menos rezando para que eles viessem. A casa gigantesca tinha duas alas de cada lado, e havia varanda em quase todos os cômodos. Não podia imaginar as vistas de tirar o fôlego que teria do terceiro andar, não seria tomada por telhados Londrinos, mas por vastas extensões de terra e florestas esticando-se em todas as direções.

Eles tinham passado por uma cidadezinha – só havia uma igreja, uma loja e a taverna – há dez minutos antes de virarem na longa estrada arborizada que levava até ali. O estado de dilapidação que tinha visto nas construções não tinha lhe dado uma boa indicação do seu destino final; mas isso – ela olhou para todo o cenário envolto pelo crepúsculo – era infinitamente melhor que a casa deserta do marquês.

Um vento forte a atingiu quando Alex se afastou para descarregar a carruagem. Com a enorme quantidade de edifícios em Londres, o vento quase nunca era brutal, mas aqui, longe do burburinho da cidade, o clima tempestuoso assumia o controle. Seu casaco voou com a brisa, erguendo levemente o seu vestido e permitindo que o frio atingisse os seus tornozelos.

Ellie sem dúvida nenhuma congelaria até a morte se ficasse neste clima deplorável por muito tempo. O nariz e as bochechas já estavam dormentes. Olhando por sobre o ombro, ela ansiava pela quente quietude que a carruagem oferecia.

—Minha lady, posso pegar a sua bolsa? — Alex estava de volta ao seu lado, o braço esticado para pegar sua sacola de livros. —Irei levá-la para o seu quarto com o resto das suas coisas.

Ela tinha esquecido disso, até mesmo aqui, ela ainda era um criado – o seu criado.

Estava cada vez mais difícil distinguir as coisas. Todos os dias pensava nas últimas palavras do marquês. Ela tinha que confiar neste homem, Alex, embora o marquês não tivesse dado nenhuma explicação sobre como ou por que.

Ela deixou a alça de couro escorregar do seu braço, e ele pegou a bolsa antes que ela caísse no chão frio.

—Suponho que eu deva dizer que estou aqui, — ela murmurou.

—Isso seria sábio, minha lady, — ele respondeu. —Devemos nos preparar, pois nossa recepção será grandiosa.

E era isso que ela queria evitar. —Então vamos logo com isso.

Ele a olhou confuso.

—Oh, por favor, você teve que me trazer para cá arrastada, — ela disse. —Ninguém ficará surpreendido por eu preferir não estar aqui.

Ela não se arrependeu do tom brusco ou da frase grosseira. Era verdade, e já fazia muito tempo que ela parara de esconder seus sentimentos sobre essas coisas.

—Novamente, se permitir que eles se aproximem, você poderá ser surpreendida.

Ela não se daria ao trabalho de responder. Em vez disso, ergueu os ombros e puxou o casaco enquanto ia em direção à porta da frente, sentindo-se como um soldado marchando para a morte.

Atrás dela, o cavalariço riu.

Foi um som de profunda alegria vindo de algum lugar lá no fundo. Ellie nunca tinha rido tão abertamente em toda a sua vida, a menos ela estivesse rindo da infelicidade alheia, mas não ia permitir que ele ou a sua risada abalassem a sua confiança.

Ela estava ali, mas *não* tinha que gostar disso.

Se Ruby pensava que a irmã era uma jovem problemática, ela estava prestes a ter uma grande dose de exatamente isso.

Aporta se abriu de canto a canto antes que ela subisse o último degrau. O ar quente bateu, derretendo o seu rosto e o seu nariz instantaneamente.

—Bem-vinda, Lady Ellington. — O criado fez uma mesura baixa, permitindo que ela visse o interior decorado com azevinho, visco e – aquilo em cima do chão era neve? —Entre. A Sra. Jakeston está esperando a sua chegada.

Ele deu um passo atrás, e Ellie entrou na casa. Um canção de natal estava sendo cantada, e velas adornavam cada mesa, parede e candelabro.

—Ah, Mestre Alex, — o mordomo disse. —É muito bom tê-lo de volta.

—Smith, já faz um tempo. — Ele apertou a mão do homem com firmeza. —Eu senti muito a falta de todos vocês.

—A Sra. Dutton mal pôde conter a animação quando disseram que você viria.

Ellie ficou calada ao lado da porta, ouvindo a conversa. Não podia espantar a sensação de que estava ouvindo uma conversa particular.

—Ellington!

Ela fechou os olhos, contou até cinco e então olhou para a irmã, preparando-se para o ataque de abraços e beijos na bochecha que normalmente se seguia a isso. Não conseguia entender a necessidade da mulher de estar sempre lhe abraçando, já que elas mal se conheciam.

—Boa noite, irmã, — Ellie disse timidamente, mostrando o seu desprazer por ter sido convocada até essa bela mansão. —Cheguei, e acabei de escapar de morrer congelada em uma estrada há uma hora daqui. — Talvez se Ruby se sentisse mal por seus infortúnios, permitiria que ela ficasse no quarto por um dia – ou três.

—Oh, eu não me preocupei com a sua segurança nem por um momento. — Ela deu um estranho abraço de lado. —Alex estava contigo – e ele nunca permitiria que nada acontecesse com você.

Soltando-a, Ruby foi abraçar Alex. Ela observou quando ele também se enrijeceu por causa do abraço, e ficou imaginando a razão disso. Teria que lembrar de perguntar a ele sobre isso quando voltasse à Londres.

—Foi tão ruim assim? — Ruby perguntou.

—Não, só quebramos uma roda e perdemos uma hora. — Alex lhe lançou um olhar mordaz. —Foi uma situação completamente administrável. Lady Ellington ficou na carruagem o tempo todo.

Ruby riu. —Nunca temi que ela fosse ferida. — Ela deu uma piscadinha conspiradora para Alex, e Ellie imaginou se ela sabia o que estava se passando. —Além disso, se o frio da noite não acabasse com ela, os animais selvagens dariam conta.

Ellie cruzou os braços. —Você só pode estar brincando!

—Felizmente, você nunca vai saber.

—Se essa é você tentando me fazer ficar aqui – e me impedir de voltar para Londres na primeira carruagem postal, — ela fez uma pausa, respirando fundo antes de prosseguir, —você, querida irmã, com certeza subestimou o meu engenho.

—Sejamos todos gratos por seu engenho não precisar ser testado. — Ruby a olhou da cabeça aos pés. —É ótimo vê-la, mesmo assim. Você usa um vestido preto como ninguém mais. — A irmã olhou para o próprio traje. —Eu preciso mesmo conhecer a sua modista quando voltar à Londres.

—Isso tem o objetivo de me distrair do meu aborrecimento por ter sido convocada a esse lugar horrendo? — ela estalou.

Apesar das intenções da irmã, Ellie estava ao menos feliz pela viagem ter chegado ao fim. Nem tão cedo entraria em outra carruagem bamboleante. Suas costas e o cóccix doíam por causa da péssima qualidade das estradas. A velha carruagem do marquês não era tão bem amortecida quando os veículos mais novos. Estimou que a coisa fosse mais velha que ela – e já estava mostrando desgaste.

—Ah, temos outro convidado! — um homem disse. —Lady Ellington, que bom vê-la novamente. Você conheceu a minha mãe?

Ellie olhou William enquanto ele seguia para o vestíbulo, uma mulher mais velha empurrava a cadeira de rodas. Os cabelos pendiam frouxamente sobre os ombros e eles eram de um tom castanho claro exatamente iguais aos de Howard. Mas o sorriso dela era genuíno e sincero.

—Muito prazer em conhecê-la, menina, — a mulher disse enquanto fazia um gesto com a cabeça. —É ótimo passar o natal com um grupo tão elegante, não?

Obviamente, a irmã não tinha compartilhado a sua relutância em estar com *todos*.

Banindo a careta, Ellie achou que deveria cumprimentar a mulher de forma adequada – não era culpa dela Ellie ter sido obrigada a vir. —Sra. Jakeston, é um prazer conhecê-la. E William, pelo que vejo, você está se recuperando muito bem. — Tinha encontrado o irmão de Harold várias vezes quando ela era convocada à casa de Lady Haversham para visitar a irmã. Ela sempre gostou e desfrutava muito da companhia dele, pois ele era meio que como ela. Eles tinham segredos – coisas que não revelariam a ninguém, e eles respeitavam isso.

—Estou fazendo o meu melhor, com a ajuda de minha mãe, é claro. — Ele ergueu o braço saudável e deu um tapinha na mão da mãe que estava sobre o seu ombro. —Estou determinado a voltar a andar.

—E você com certeza irá, meu filho, — A Sra. Jakeston proclamou.

Ellie não pôde deixar de pensar que a determinação do homem iria colocá-lo sobre seus pés em breve.

—O que temos aqui? — A voz de Harold foi quase um estrondo. —Olha só o que o gato trouxe.

—Pare com a provocação, — Ruby ralhou.

—Sua irmã estava um pouco preocupada que você não viesse, Lady Ellington.

—Não estava não.

Ellie duvidou da negação da irmã.

—Uma das rodas da carruagem quebrou, Sr. Jakeston, — Alex disse. — Mas com a ajuda do cocheiro, nós só perdemos uma hora.

—Muito bom, — Harold disse. —Se vocês demorassem mais algumas horas, minha esposa teria me mandado enfrentar os elementos indo em busca de vocês.

—Eu não teria feito isso, — Ruby retrucou, enviando um olhar mordaz para o marido – e pela milionésima vez, Ellie ficou pasma com a semelhança entre elas. Era o mesmo olhar que Ellie praticava na frente do espelho quando estava em casa.

Ellie se esforçou para prender o sorriso, pois era exatamente isso que a irmã fez. Ela se preocupava demais. Ela não tinha percebido que Ellie estava acostumada a cuidar de si mesma – ou até mesmo que uma vez ela tomou conta de Ruby?

—Lady Ellington. — Lorde Haversham se juntou a eles. —Bem-vinda à nossa – bom, à casa do pai de Vi. Estou muito feliz por você ter se juntado a nós.

—Obrigada, meu lorde. — Ela fez uma mesura. —Fiquei feliz por ter sido convidada.

Harold riu e Ruby deu uma cotovelada nele – ambos sabendo que nenhum convite tinha sido feito, mas que na verdade tinham exigido que ela viesse. E eles sabiam com certeza que ela *não* ficou nada feliz por ter sido convidada.

—Minha esposa estará aqui em breve, — ele disse, —para te dar as boas-vindas oficiais. Ela está lendo para as crianças.

Crianças – Ellie quase tinha esquecido a razão para Ruby ter dito que eles estaria passando o natal ali, em vez de em Londres ou na propriedade de Lorde Haversham. Seria muito mais trabalhoso que as crianças viajassem que poucos adultos.

Como se pegando a deixa, risos selvagens e barulhos de pé vieram em sua direção. Queria ter dito estar exausta antes para evitar toda a comoção. Infelizmente, estavam todos sobre ela. Crianças de várias idades entraram correndo no aposento – que ficava cada vez menor enquanto os segundos se passavam.

Só lhe levou um instante para perceber que um menino mancava, que outro não tinha um braço, e uma garotinha só tinha um olho bom. Em que ela tinha se metido?

—Todos eles passaram por situações difíceis, — Alex sussurrou na sua orelha, —em sua curta vida. Assim como eu. Então feche a boca antes que engula uma mosca.

Ela virou a cabeça bruscamente para olhar para ele – não sabia se estava mais brava com ele ou com Ruby por não ter lhe dito nada. Por não ter lhe avisado. Como sobreviveria aos próximos dias sem insultar alguém?

—Eu não estava boquiaberta, — ela sussurrou com veemência, o tom defensivo causado pelo embaraço por ele *estar* olhando. —Eu só achei o número de crianças intimidador.

—Bem, isso não é nem a maior parte delas, — ele confessou com uma risada enquanto as crianças começavam a rodeá-lo, cada um querendo sua exclusiva atenção. —Corra agora se você estiver determinada a não gostar da sua estada, pois esses pequenos com certeza irão se esgueirar em seu coração.

—Minhocas! — um garotinho soltou um grito agudo. —A Sra. Dutton disse que não podemos trazê-las para a casa.

—Oh, não, — uma garotinha corrigiu, a que tinha o olho ruim. —Ela disse que era melhor ela não nos *pegar* com minhocas dentro da casa.

Ao ouvir aquilo, Ellie riu, não uma risada profunda e significativa quanto a de Alex, mas ainda assim foi divertida. Evitou olhar para Ruby ou Harold, pois eles provavelmente estariam tão chocados quanto ela.

Todas aquelas pessoas foram demais para Ellie, quem a vida solitária só era interrompida por um dos ocasionais arroubos violentos do seu falecido pai. Mas desde a morte dele, a casa tinha sido coberta pelo silêncio, uma quietude infinita que tinha invadido cada recanto do lugar.

—Aí está você! — Lady Haversham finalmente chegou. —E a tempo para o jantar.

Jantar? A irmã não podia estar esperando que ela se sentasse com todas essas pessoas logo após a sua chegada. Felizmente, foi Alex quem falou em sua defesa.

—Lady Ellington precisa de um banho e um pouco de tempo para descansar, — Alex disse para Lady Haversham. —Mas, estou muito ansioso para jantar com todos vocês.

—Meu querido e doce Alex! — Lady Haversham falou. —Eu senti tanta saudade – e a Sra. Dutton não cabe em si esperando pela sua chegada.

Era a segunda pessoa que mencionava a Sra. Dutton e falava sobre a alegria dela pela iminente chegada de Alex.

Sentiu uma picada de ciúme – por razões que não podia pensar ou sequer reconhecer. Qualquer emoção, própria ou não, era inaceitável. Ellie não se importava com quem era a Sra. Dutton ou há quanto tempo ela conhecia o cavalariço.

Depois de abraços serem trocados, apresentações serem feitas e as felicitações serem ditas, Ellie fez um gesto de cabeça para a irmã, esperando trocar umas palavras rápidas com ela – e fazer uma retirada ainda mais apressada.

Afastando-se um pouco da multidão, Ellie olhou feio para Ruby. —Estou aqui.

—Você está, — Ruby retrucou, as palavras tão cortantes quanto as de Ellie tinham sido.

—Gostaria que me mostrasse o meu quarto.

Ruby ergueu uma sobrancelha. —Para ficar enfurnada lá pelo resto da sua estadia? Eu acho que não.

—Por favor. — Ellie não estava acima de implorar ou manipular a irmã para conseguir o que queria – o *pai* tinha lhe ensinado muito bem, afinal das contas. —Estou exausta por causa da viagem. Só estou pedindo para me retirar pela noite. Tomar um banho quente e comer alguma coisa no meu quarto.

Ruby não parecia ter simpatizado nenhum pouco.

—Prometo que descerei para tomar o café da manhã, — Ellie prosseguiu, pegando a mão de Ruby só para garantir.

Ruby olhou por sobre o ombro para onde Alex ainda cumprimentava as crianças incontroláveis, pulando feito coelhos. Só olhar para eles e ver o

comportamento barulhento já era o bastante para Ellie dizer que estava com dor de cabeça – e se ficasse muito mais tempo ali, não seria mentira.

Um gongo alto soou no vestíbulo, assustando não só Ellie, mas também William já que ele quase saltou no assento.

A sala ficou quieta enquanto todos seguravam o fôlego.

—O jantar está servido, — um voz masculina ribombou pelo ar.

E tão rápido quanto o silêncio os envolveu, eles retomaram as atividades. As crianças gritavam de animação por se juntarem aos adultos em vez de serem enviados para o quarto.

Um garotinho foi até Ellie e ofereceu o cotovelo para ela. —Minha lady, — ele disse de um jeito tão além da sua jovem idade – suspeitava que ele não tivesse mais que cinco anos.

Foi impossível dispensar aqueles profundos olhos castanhos, embora tivesse olhado para as escadas em vão, mesmo se fosse correr, era provável que não tivesse onde se esconder com tantas pessoas ali.

Resignada a seu destino – ao menos por esta noite – Ellie passou os dedos pelo braço do menino, permitindo que ele a escoltasse até o pavilhão de jantar.

CAPÍTULO SETE



VI PISCOU PARA Brock enquanto o lacaio percorria a mesa comprida, retirando os pratos quase vazios – ambos sabiam quais surpresas estavam por vir. A refeição tinha sido ótima, animada com as crianças cantando entre os pratos, e os adultos falando baixinho entre si. Agora, todo mundo estava meio reclinado em suas cadeiras. Os estômagos estavam cheios de sopa de carne com legumes, pão fresco e faisão.

O seu era o único prato que não estava limpo. Era muito improvável que ainda houvesse espaço no seu corpo com o filho tão próximo de nascer. Tudo o que ela pôde fazer foi comer uma fatia de pão com geleia. Suas roupas apertadas – mais restritivas a cada hora – não ajudavam.

—E as peras e os biscoitos? — Abby sussurrou, na esperança de que alguém ouvisse e mandasse vir a sobremesa. —Não vimos Cook os fazendo?

—É para o banquete de Natal, — Ruby disse sorrindo.

O sorriso da criança desapareceu e ela amuou.

Era muito difícil acabar com as esperanças das crianças, mas Vi estava confiante de que algo melhor as aguardava – pois ela tinha planejado tudo com apenas uma pequena ajuda de Brock.

—Pode ler outra história, minha lady? — Tyler disse do outro lado da mesa. Ele estava ao lado da Sra. Jakeston. —Eu perdi uma parte hoje mais cedo.

—Se você não estivesse se escondendo de milorde—

—Eu não estava me escondendo de Lorde Haversham! — Tyler negou, dando um olhar mordaz para Daphne e sorrindo timidamente para Ruby. —Eu estava ajudando a senhorita Ruby.

—Crianças, já basta! — A Sra. Dutton ordenou. —Se vocês não ficarem quietos, então não vão estar presentes no banquete de natal, ouviram?

Era surpreendente o quão rápido as crianças ouviam a Sra. Dutton. E Vi sabia que era por respeito, não por medo.

—Sim, senhora, — as crianças disseram ao mesmo tempo.

Vi fez uma nota mental para perguntar a Ruby se Tyler estava se escondendo de Brock ou se ele estava mesmo ajudando-a.

Mesmo com a companhia adicional, a mesa abrigaria ainda mais pessoas. Os adultos foram dispostos de forma espaçada ao longo da mesa com as crianças entre eles, permitindo que todos tivessem ajuda caso precisassem. A Sra. Jakeston tinha cortado a carne para uma criança, enquanto Harold tinha pegado uma taça de água para outra.

Só Ellie parecia fora de lugar na alegre reunião – e Vi ainda não conseguia desvendar a garota.

—Lady Ellington, — Vi chamou em uma tentativa de arrancar a menina de seu silêncio desconfortável. —Como está a nossa refeição em comparação com o que você normalmente tem em Londres? — A menos que tivessem a própria horta, as casas dificilmente tinham coisas como vegetais frescos. Era ainda mais raro poder experimentar carnes que não tivessem sido salgadas para manter o frescor. —Foldger's Hall tem um gado muito bom, e eu e Ruby conseguimos manter a horta funcional por muito anos, mesmo na época mais fria do inverno.

—Está muito agradável, minha lady.

Era quase impossível arrancar mais que umas poucas palavras da menina. Vi não tinha ideia de por que Ruby pensou que trazê-la faria alguma coisa mudar, mas Vi tinha concordado em dar uma chance a ela.

Sorrindo, ela voltou a tentar, —Sua irmã tem muito talento no cultivo. Você também tem habilidade para jardinagem?

—Eu não sei dizer.

—Por que não? — Vi tirou os olhos de Ellington por apenas um segundo e notou que toda a mesa estava focada na conversa delas.

—Não sou do tipo que faz trabalho de criado, — ela disse sem pestanejar, sem parecer envergonhada ou arrependida enquanto prosseguia, —Fui criada para ser uma dama, afinal de contas.

Agora ela estava falando apenas para chocar toda a audiência, pois Viola tinha ouvido em primeira mão as vezes que Ruby tinha pego Ellie batendo carteiras de damas e cavalheiros na Bond Street – em plena luz do dia.

—A-rã, — A Sra. Dutton pigarreou, puxando a cadeira para trás. — Crianças, a postos!

As crianças se revolveram em seus assentos e ficaram ao pé da mesa, atrás da cadeira de Harold. Ele empurrou a cadeira para o lado, dando espaço aos mais novos– Vi não podia imaginar para quê.

As meninas alisaram os aventais e ajeitaram os laços de cabelo, enquanto os meninos enfiaram as mãos nos bolsos envergonhados por causa da atenção que estavam atraindo. Até mesmo o mordomo, Cook e Sarah tinham se juntado à festa.

—Minha nossa, o que vocês planejaram? — Uma rápida olhada em volta da sala confirmou que ela não foi a única pessoa que ficou confusa.

Vi se sentou tão erguida quanto a barriga permitia, e uma dor profunda atravessou as suas costas, sabendo que o que quer que se passasse tinha sido algo muito pensado e planejado pelas crianças. As meninas sorriam orgulhosas, olhando ocasionalmente para a Sra. Dutton – os meninos continuavam olhando para os pés.

A Sra. Dutton pigarreou uma vez mais e se dirigiu à audiência, —Milady e milorde, convidados, — ela abriu os braços para abranger a todos. —Os pequenos prepararam uma ou duas músicas para vocês desfrutarem. Era para eu estar tocando o piano, mas meus dedos estão muito doloridos por causa do frio—

—Eu não toco há anos, mas Ellie é muito habilidosa no piano. — Ruby fez um gesto de cabeça para a irmã, quem se ocupou dobrando o guardanapo sobre o colo, evitando fazer contato visual com a mesa. —Não é, querida irmã?

Vi observou a troca com a respiração suspensa, temendo que Ellie dissesse para a irmã ir para os diabos, mas, surpreendentemente, a menina assentiu, e um lacaio deu um passo à frente para puxar a cadeira dela.

—Obrigada, — ela murmurou enquanto ficava de pé, alisando o vestido negro. Vi não pôde deixar de notar a nuvem negra que seguia Ellie aonde quer que ela fosse – talvez quando o período de luto terminasse, ela fosse parecer mais brilhante. Preto era uma cor muito severa para vestir com qualquer alegria. —Não sou muito talentosa, mas faço um bom trabalho com as teclas.

Ellie tomou o banco do piano no canto mais afastado do pavilhão de jantar – Vi não podia lembrar qualquer ocasião em que a coisa tinha sido usada, exceto pelas pancadas ocasionais das crianças.

—Obrigada, milady. — A Sra. Dutton sorriu. —Temia que as crianças precisassem cantar sem acompanhamento. — A mulher mais velha se inclinou e sussurrou no ouvido de Ellie. A menina sorriu rapidamente e concordou, ela conhecia a canção – e começou a tocar o arranjo inicial, a

melodia ficava mais confiante enquanto os dedos dela se moviam pelo teclado, sem tocar uma única nota errada.

As crianças se lançaram em uma performance vivaz de *Cantai que o Salvador Chegou*, as vozes angelicais se misturavam em perfeita harmonia. Até mesmo os meninos mais velhos – Irvin e Stewart – emprestaram suas vozes mais profundas ao refrão, enquanto as meninas focavam nos versos.

Os olhos de Vi se encheram de lágrimas, ela estava completamente arrebatada.

Brock pegou a mão dela e a apertou levemente.

Essas crianças indisciplinadas e barulhentas – que o Senhor abençoe a todas – fizeram isso para dar alegria a eles assim como Vi e Brock ofereceriam em retorno.

Depois de muitos anos de mágoa e vingança, Brock estava sempre relaxado e confortável quando as crianças estavam por perto. Ele disse que tinha a ver com ter crescido em uma casa barulhenta, ele nunca se deu bem com o silêncio, pois isso o deixava desconfortável.

Ela devolveu o sorriso dele com outro que tomava não apenas o seu rosto, mas todo o seu coração.

As últimas notas da canção acabaram – mas as vozes das crianças não, eles tinham harmonizado em uma melodia muito mais baixa e reservada, *O Primeiro Natal*. As crianças iniciaram o primeiro verso um pouco inseguros, as palavras e a melodia eram mais complexas que as da primeira canção, mas não demorou muito e todos estavam cantando com vozes claras e tranquilas.

Era difícil imaginar que aquelas eram as mesmas crianças que há poucos minutos estavam discutindo umas com as outras.

A canção chegou ao fim rápido demais e as crianças foram felicitadas com palmas e até mesmo alguns assovios vindos de Harold e William. Todos sorriam com orgulho.

—Muito bem. — Vi ficou de pé, erguendo as mãos para continuar aplaudindo. As costas e as pernas protestaram por causa do movimento súbito, e ela estremeceu. —Bravo!

—Está tudo bem? — Brock também ficou de pé, notando o seu desconforto.

—Oh, não, foi só que eu levantei muito abruptamente. — Ao menos, ela esperava que fosse por isso. Estava tendo explosões de dor esporadicamente desde que tinha descido as escadas sozinha quando William e a Sra. Jakeston chegaram. —Já vai passar, eu prometo. — Aumentando a intensidade das

palmas, Vi se esquivou do olhar preocupado de Brock e se concentrou nas crianças.

—Eles ensaiaram por quase quinze dias para se apresentarem. — A Sra. Dutton anunciou. —Agora, voltem para os seus assentos—

—Na verdade, — Vi disse, erguendo as mãos e fazendo sinal para todos se levantarem. —Nós temos uma surpresa. — A tarefa de manter isso em segredo tinha sido mais difícil do que pensara – já que Ruby e a Sra. Dutton estavam muito atentas a tudo o que Vi fazia nos últimos dias. Teve que pedir para que elas fizessem tarefas domésticas como amarrar fitas nos candelabros e pendurar azevinho nas escadas – e, é claro, visco em todas as portas para mantê-las ocupadas. —Todos vocês, venham por aqui!

Um lacaio deu um passo à frente, puxando a cadeira de Vi para lhe dar espaço para sair da mesa. Brock estava ao seu lado antes que ela desse um único passo, apoiando seus ombros inclinados.

—Podemos esperar até a manhã, se você preferir, — o marido sussurrou. —Tenho certeza de que ninguém vai culpá-la por estar muito cansada.

—Eu estou ótima, — ela atirou, foi mais brusco do que pretendia. Conduziram o grupo para fora da sala de jantar, cada pessoa seguindo em uma fila desordenada – alguns rindo e cantando atrás deles. Tudo estava se saindo como tinha imaginado, todo mundo estava contente e sorridente. E Vi era a responsável por levar tanta alegria a todos os presentes. —Já está planejado. Tudo deverá ser perfeito.

Sim, perfeito. O completo oposto do que tinha sido a sua vida até então, mas estava determinada a mudar isso. E talvez – só talvez – se modificasse a forma como via a vida e o passado, criando apenas momentos e memórias *perfeitos* desse dia em diante, então ela poderia tirar esse peso de sobre os seus ombros.

Poderia ser simples assim? Livrar-se da escuridão e viver apenas na luz... Vi era a única responsável pela forma como os outros a viam.

Embora quase duas dúzias de pessoas seguissem Brock e ela pelos corredores de Foldger’s Hall, Vi só ouvia uma voz em sua cabeça – gritando que aquilo não era, não podia e não seria assim tão simples. Tinha tanto pelo que se lamentar que mudar a sua percepção era quase como trair Brock. Ela merecia viver o resto da vida com o peso dos seus erros sobre os ombros – ela já tinha muito mais do que merecia por ter o amor de Brock.

Ele pode ter sido capaz de perdoá-la – e ansiar para que tivessem um futuro juntos – mas Vi não merecia esse luxo. Os muitos anos de dor que ele

tinha enfrentado e a necessidade de vingança era tudo obra dela. Ele tinha desperdiçado tantos anos focado em destruí-la – e tinha esquecido de ser ele mesmo.

Ela não tinha sofrido o bastante.

Sim, tinha passado muitos anos trabalhando duro, longe da sociedade.

E agora, sendo esposa de Brock, ela tinha sido aceita de braços abertos – recebida pelas pessoas que tinham perpetuado o seu ciclo de escândalo. Como eles podem ter perdoado e esquecido com tanta facilidade?

—Você quer que eu abra a porta? — Brock perguntou, assustando-a enquanto eles estavam parados na frente das portas do salão de baile. O aposento tinha estado vazio desde a morte de sua mãe, Lorde Oberbrook nunca foi do tipo de oferecer entretenimentos, especialmente na sua propriedade no campo. Ela tinha assumido o dever de limpar ou retirar toda a mobília, decorar as paredes e colocar velas em cada suporte.

Sacudindo a cabeça para dissuadi-lo, Vi se ergueu um pouco mais, soltando o braço de Brock, confiante de que todo mundo iria apreciar o seu trabalho. O salão de baile estava localizado nas profundezas do térreo, longe de toda a agitação da vida diária de Foldger's Hall – e ela estava certa de que ninguém suspeitava o que ela estava planejando.

—Todos vocês, — ela chamou, virando-se para os convidados. Os adultos ficaram em silêncio e as crianças se remexiam com a energia renovada depois da refeição –a ansiedade da apresentação já estava esquecida. —Todos trabalhamos bastante para fazer os preparativos para o natal.

Eles concordaram com as cabeças.

—Abra a porta, meu amor, — Brock incitou – e as crianças gritaram de alegria por causa do suspense. —Lady Haversham...

—Como vocês sabem, vocês estão em um lugar muito especial em nossos corações. — Talvez fosse a gravidez que estivesse lhe deixando tão emocional com cada coisinha que tinha relação com este feriado, mas ela foi incapaz de impedir as lágrimas de caírem. —Estou tão feliz por ter todos vocês. Nunca esperei ter alguém, além da Sra. Jakeston e o meu pai. — Ela estava compartilhando demais – as crianças pareciam confusas, e todo mundo pareceu um pouco desconfortável por causa da mudança de assunto. —O que eu quero dizer—

—Lady Haversham e eu, — Brock interrompeu, sabendo que ela provavelmente seria incapaz de emitir outra frase sem ceder às emoções. —

queremos dar as boas-vindas a todos à uma noite de jogos e presentes!

Como se percebessem a deixa, as portas duplas se abriram, fazendo com que suas saias batessem em seus tornozelos.

Todo mundo arfou.

Vi continuou olhando para o lado contrário da porta, preferindo observar a alegria e o espanto em todos os rostos. Ela sabia exatamente como a sala estava – uma árvore enorme esperava para ser decorada, montanhas de presentes perfeitamente embrulhados esperavam para serem abertos, e jogos estavam alinhados contra a parede esperando para serem usados.

Como o resto da casa, essa sala também estava abarrotada de coisas natalinas. Laços vermelhos e verdes, velas rodeadas por galhos de azevinho, e um tronco de yule queimava na lareira, lançando sombras pela sala enquanto a madeira estalava.

—O que são todas aquelas meias? — Gavin apontou, passando entre Vi e Brock, ele foi o primeiro a entrar na sala. Em cima da lareira havia uma meia para cada criança, esperando que o Papai Noel deixasse presentes e frutas para eles. —Elas vão começar um incêndio.

—Não, seu bobo. — Abby foi a próxima a entrar na sala, uma das crianças sortudas que tinha vivido uma vida de privilégios antes que os seus ferimentos fizessem a família dar as costas para ela. —Elas serão preenchidas na manhã de Natal.

—Preenchidas com o quê? — Tyler perguntou confuso.

—Com carvão, é claro! — Harold riu.

—Não! — várias das crianças mais novas gritaram juntos.

—Só se vocês foram maus durante o ano, — Brock disse, olhando para cada uma das crianças antes de olhar para a Sra. Dutton. —Faça uma lista das crianças levadas para o Papai Noel.

A mulher fez uma cara séria antes de responder, —Eu já fiz.

Todos olharam para a Sra. Dutton como se ela fosse dizer quem estava listado como desobediente.

Mas com todos olhando para ela, a mulher não foi capaz de manter o rosto sério e ela riu de alegria.

Mais uma vez confiantes, as crianças correram para dentro da sala, procurando na parede por qualquer indicação de qual meia pertencia a eles, deixando os adultos entraram em um passo mais lento.

—Foi muita bondade da sua mãe e de Lady Darlingiver costurarem todas essas meias. — Viola passou o braço pelo de Ruby, e elas foram até o sofá,

agarrando-se uma a outra como se fossem meninas contando fofocas – e Vi estava feliz pela ajuda. A sala estava horrivelmente cheia e aquecida, e o suor estava escorrendo por sua testa. —Eu não poderia ter feito tudo sozinha. — Suas palavras saíram por entre os dentes enquanto sentia um raio de dor atravessar as costas e a barriga – foi tudo o que pôde fazer para não gritar de agonia.

—Vi, você está passando mal? — Ruby disse alarmada.

Tarde demais, Vi percebeu que tinha apertado o braço de Ruby com força, parando-as a vários passos de distância do sofá.

Respirando fundo, Vi tentou se ergueu, levantar o queixo e deixar a amiga saber que estava tudo bem, mas o seu corpo não obedeceu aos seus comandos quando sentiu outra onda de dor.

—Meu lorde! — Ruby gritou por Brock. Em um segundo ele chegou ao seu lado, mas o resto das palavras de Ruby foram perdidas na bruma que cercou Viola, afastando a dor, mas também derrubando-a.

Seu único pensamento foi que, mais uma vez, foi ela a pessoa responsável por destruir tudo – e quem iria perdoá-la por ter arruinado o natal?

CAPÍTULO OITO



RUBY FOI AFASTADA, em seu desamparo, a única coisa que reconheceu foi quando Lorde Haversham e Harold correram até Vi.

Algo estava errado – elas estavam uma do lado da outra, indo em direção ao sofá quando Vi parou, agarrou o braço de Ruby com muita força enquanto se dobrava por causa da dor. Os olhos de Vi ficaram vagos, e então ela começou a cair. Levou toda a força de Ruby para impedir que Vi caísse no chão até que Brock chegasse a elas.

—Sra. Dutton, leve as crianças para os quartos, — Harold gritou enquanto Brock cuidava da esposa. —William, leve Lady Ellington lá para cima – ela é inocente demais para essas coisas. — Ruby não entendia de que coisa ele estava falando. —Mãe. — A Sra. Jakeston já estava ao lado dele. — Você tem experiência...

—Trouxe ao mundo cada criança da propriedade Haversham nos últimos dez anos. — Ela se virou para Alex, e deu instruções. —Peça à Cook para ferver bastante água e reunir todos os panos que estejam sobrando na casa.

Trouxe ao mundo? Água quente? Panos? As vozes continuavam falando ao seu redor, mas Ruby foi incapaz de entender qualquer coisa até que uma mão pousou em seu braço dolorido.

Piscando rapidamente para clarear a visão, viu Meredith ao lado dela – ela nunca pareceu tão velha quanto nesse momento.

—Sim? — Ruby não sabia se tinha perdido uma ordem ou uma pergunta.

—Recomponha-se, menina, — a senhora a repreendeu. —Ela está tendo um bebê, não indo para os braços do bom Senhor – ao menos não comigo aqui. Nunca perdi uma mãe em todos os anos em que atuei como parteira.

Ela se lembraria de Harold falando sobre as habilidades da mãe dele como parteira – não?

Ela ouviu a voz de Harold chamando pelo mordomo – e outro lacaio. Tirando os olhos de Meredith, Ruby o procurou pela sala, assustada por ver que quase todo mundo tinha ido embora.

—Mas pensei que o bebê só nasceria daqui a muitas semanas—

Viola soltou um grito ensurdecedor, interrompendo Ruby e enviando um arrepio de apreensão por sua espinha.

—Oh, querida, — Meredith deu um último tapinha em seu braço. —O bebê está chegando, e logo, ao que parece.

Ruby foi tropeçando atrás da comitiva, que parcialmente erguia, parcialmente arrastava, Vi até as escadas dos criados.

Sentiu-se perdida, incapaz de impedir a preocupação que sentia pela amiga que sempre sabia exatamente o que fazer em qualquer situação.

Quando se viram ante a necessidade de subir as escadas, os homens tomaram uma decisão sem dizer uma única palavra. Os pés de Vi deixaram o chão e Brock – com a ajuda de Harold, do mordomo e do lacaio – carregou Viola lá para cima.

De início, Vi gemeu de dor ou em protesto, mas ela logo se calou quando Brock falou baixinho com ela.

Ruby colocou a mão sobre as paredes de madeira nodosa enquanto subia as escadas, desesperada para manter o equilíbrio e não sair rolando pelas escadas.

Na sua frente, Meredith ergueu as saias para evitar tropeçar – ela estava estranhamente calma e composta. Queria segurar a mulher pelos ombros e sacudi-la, gritar e passar um sermão sobre a terrível situação que estavam enfrentando.

Havia tempo para chamar um médico?

Chegaram ao segundo andar depois do que pareceram horas subindo o corredor apertado, mas provavelmente foi menos que um minuto, julgando pela velocidade de Brock assim que pisou no último degrau.

A Sra. Dutton esperava do lado de fora do quarto de Vi e de Lorde Haversham. Alarmada, Ruby olhou em volta, esperando ver as crianças escondidas nos cantos.

—Sra. Dutton, — Vi gemeu, tentando se afastar de Brock e Harold, que ainda a segurava. —Por favor...

—Ficarei aqui, criança. — A Sra. Dutton foi até Vi, afastou Harold e segurou o braço de Vi ajudando Brock a levá-la até o quarto. —Não se preocupe. Já ajudei no nascimento de um ou dois bebês quando era mais nova.

—Minha mãe também, — Harold falou, mantendo-se perto caso o peso de Vi se provasse demais para a Sra. Dutton.

—Onde estão as crianças? — Ruby disse abruptamente, recebendo um olhar aborrecido da Sra. Dutton.

—Elas estão sendo acomodadas por Alex.

—Oh, isso é ótimo. — Ruby não tinha ideia do que estava dizendo ou por que sequer sentia a necessidade de falar – provavelmente isso era resultado da sua deficiência de caráter. —Você tem certeza de que tudo ficará bem? — Afundando em suas memórias, se lembrou vagamente de que a mãe de Brock tinha morrido ao dar à luz – e imediatamente se arrependeu de ter dado voz aos seus temores.

—Sim. — Brock, Meredith e a Sra. Dutton gritaram ao mesmo tempo.

—Ruby, — Harold chamou – de alguns centímetros, ou a quilômetros de distância. —Venha, esposa.

—Eu não posso, — ela murmurou, ainda incerta sobre onde ele estava. Sua visão estava tão embotada quanto a sua mete. —Tenho que ficar com Viola... para me certificar de que tudo ficará bem.

—Sim, eu sei, mas... — Os braços fortes e seguros a envolveram, abraçando-a apertado e dando um beijo em sua testa antes de pousar o queixo sobre sua cabeça. —Primeiro, você precisa se acalmar. Brock – e provavelmente Lady Haversham – já estão exaustos. Não podemos chateá-los ainda mais.

Ele disse a verdade, mas Ruby não tinha a mais mínima ideia de como se acalmar.

Ela ainda não entendia o que estava acontecendo ou por que o bebê estava chegando tão cedo.

—Harold, me diga o que fazer, — ela suspirou.

—Só podemos estar aqui por eles – ajudar no que for necessário. A Sra. Dutton e a minha mãe têm muito mais experiência nessas coisas. — Ele a embalou, confortando-a. —Eu tenho que ficar aqui – mas você pode segurar a mão de Vi, pedir água, caso seja necessário, deixá-la saber que estamos todos aqui fora – esperando pela chegada do bebê.

—E se algo der errado?

—Só podemos ter fé de que nada vai acontecer.

A crença de Ruby na fé tinha crescido tremendamente no último ano, ela acreditava que coisas boas aconteciam com boas pessoas – mesmo com aquelas que não podiam enxergar o seu verdadeiro valor, e com devoção à bondade e compaixão, uma pessoa seria recompensada. Para ela, sua recompensa tinha sido Harold – e Ellie. Embora alguns dias isso parecesse

uma maldição, Ruby sentia conforto ao saber que as suas vidas sempre estiveram destinadas a se encontrarem. Chame de destino ou o que quer que seja.

Mas esta situação – como poderia ter fé quando tudo parecia estar completamente fora de controle?

—Ruby. — Harold se afastou e a soltou. —Vá ficar com Vi, esteja lá por ela – lembre a ela de que todo mundo está esperando ansiosamente por notícias.

—Eu posso fazer isso, — Ruby disse.

—Eu sei que sim. — Ele colocou os lábios sobre os dela e a beijou suavemente. Era diferente do abraço de antes. Este era suave, pouco exigente, mas deu a ela a sensação de que poderia ir até o quarto de Vi e manter as emoções sob controle, ter fé que a Sra. Dutton e Meredith iriam cuidar de Vi e do bebê que estava por nascer.

Ruby se virou para fechar a porta do quarto de Vi quando ouviu outro grito de gelar o sangue.

Estava tão preocupada com que Harold chegasse em Foldger's Hall em segurança – e então toda a sua inquietação por causa de Ellie. Mesmo com eles bem ali na sua frente, não havia paz.

—Com licença, Sra. Jakeston. — Um lacaio se desviou dela, carregando uma enorme bacia de água quente, enquanto Harold erguia a mão para abrir a porta. —Muito obrigado.

O criado desapareceu lá dentro e Ruby teve um vislumbre das ações apressadas dentro do quarto escuro – e isso a afligiu. Talvez fosse melhor se ela e Harold saíssem dali, permitindo que a Sra. Dutton e Meredith cuidassem de tudo.

—Ruby, — a voz fraca de Vi a chamou.

Atravessando a porta, Ruby sabia que não havia volta.

Até aquele momento viveu sob a mercê de outros – todo mundo sempre querendo cuidar dela, guiá-la, permitindo que ela soubesse apenas o necessário.

Mas hoje, neste momento, Ruby tinha a chance de cuidar de outra pessoa – de mostrar que ela podia fazer outra coisa que não fosse bancar a boa filha e amiga.

Olhando em volta, Ruby viu a Sra. Dutton e Meredith lavando as mãos e os antebraços na água quente, enquanto Brock segurava Vi erguida e tentava colocar um travesseiro em suas costas.

—Deixe-me ajudar. — Ela foi até a cama e pegou os travesseiros. Vi olhou para Ruby com o rosto banhado em lágrimas, as bochechas estavam brancas como as de um fantasma. —Estou aqui, — Ruby sussurrou alto o bastante para ser ouvida por sobre a respiração ofegante de Vi.

—Os panos? — Meredith gritou em direção à porta. —Onde estão os panos, maldição?

—A caminho, — Harold falou lá de fora. —A criada está subindo as escadas agora.

—Então ajude-a, — Meredith repreendeu.

A tímida e quieta esposa do vigário que Ruby conhecera tinha desaparecido. No lugar dela estava uma mulher que sabia como controlar uma sala – e tinha o destino de não apenas uma pessoa, mas de duas, em suas mãos.

E, Ruby tinha que admitir, elas pareciam mãos muito capazes, realmente.

Banindo toda a comoção do quarto de sua cabeça, Ruby se concentrou em Vi, sentando-se ao lado da cama e pegando a mão dela. —Como você está? — ela perguntou. —Posso pegar qualquer coisa para você?

—Só fique comigo, — Viola disse enquanto rangia os dentes, os olhos dela eram suplicantes. —Estou com tanto medo.

—Não vou sair do seu lado. — Vi teve outra rodada de contrações, e Ruby quase chorou junto com a amiga. —Shhhh, vai passar, respire fundo.

Ruby não tinha ideia se ou quando a dor passaria, mas ela parecia ir e vir em ondas.

—Sim. — A Sra. Dutton trabalhava nos pés da cama, provavelmente preparando-se para a chegada do bebê. —A dor vai diminuir. Você só precisa respirar, milady.

Ruby ficou aliviada ao ouvir seu conselho em voz alta.

O longo cabelo escuro de Vi estava embolado, grudando no rosto e no pescoço por causa do suor.

—Você pode se inclinar um pouquinho? — Ruby perguntou. Quando Vi se afastou do travesseiro, Ruby foi para trás dela. Afastando a saia, ela rasgou um pedaço da anágua.

Vi se apoiou nela, mas com as mãos rápidas, Ruby pegou o cabelo desordenado da amiga e o trançou, amarrando-o com a tira que tinha arrancado de sua anágua.

—Pronto, está melhor? — Ruby saiu da cama e reassumiu seu posto ao lado de Vi. —Vai ficar mais fresca agora. — Pegando as mãos dela mais uma

vez, os dedos de Vi estavam úmidos e frios ao toque, queria perguntar se aquilo era normal, mas ficou com medo.

—Você pode dobrar os joelhos? — Meredith disse aos pés da cama, onde estava sentada sobre um banco baixo, as mangas arregaçadas até os cotovelos, imitando a aparência da Sra. Dutton. —Muito bom, — ela elogiou quando os pés de Vi deslizaram pela cama e ela dobrou os joelhos.

A Sra. Dutton se aproximou, subiu as saias de Vi, e Meredith ergueu uma vela, dizendo para Brock segurá-la firme.

—Quer que eu corte o vestido? — A Sra. Dutton perguntou.

—Não, não há tempo, — Meredith disse, sacudindo a cabeça para a Sra. Dutton. —Já está quase na hora... o bebê já está pronto.

Pronto? Ruby sempre ouviu que as mulheres passavam dias no quarto, esperando pela chegada dos seus bebês. Eles tinham acabado de levar Vi para ali. Foi tudo rápido demais... e cedo demais.

—Minha lady, — Meredith falou com Vi enquanto erguia a cabeça. —Há quanto tempo você está sentindo dor?

Com os olhos brilhando de agonia, Vi não afastou os olhos de Ruby quando respondeu. —Quase o dia—

—O dia todo? — Brock vociferou. —E você não me disse?

A dor dele – por causa da dor da esposa e de sua recusa de permitir que ele a ajudasse – se mostrou.

—Milorde, — A Sra. Dutton segurou o ombro de Brock. —Acho que chegou a hora de você esperar lá fora.

—Oh, não, — Brock protestou. —Vou ficar aqui, com a minha esposa.

Meredith olhou para Ruby, pedindo ajuda.

—Meu lorde, — Ruby iniciou, parando quando Lorde Haversham virou o olhar aquecido para ela, como se a desafiasse a bani-lo do quarto. Engolindo o nó que tinha se alojado em sua garganta, ela prosseguiu, —A Sra. Dutton, Meredith e eu temos tudo sob controle. Harold está ali fora. Se esperar com ele, irei buscá-lo quando for a hora. — Ruby não tinha nada sob controle, mas esperava que Brock não visse isso estampado em seu rosto. —Vá, meu lorde. Prometo que tomarei conta de Vi.

Brock tirou a mão da Sra. Dutton do seu ombro e se inclinou até a esposa, beijando-a rapidamente. —Eu amo você, Vi. Estarei logo ali – é só você gritar.

Vi mal assentiu quando outra rodada de contrações invadiu o seu corpo.

—Saia, meu lorde! — A Sra. Jakeston gritou.

Brock foi tropeçando até à porta, falando por sobre o ombro, —A porta ficará aberta.

—Shhhh. — Ruby segurou o trapo molhado que a Sra. Dutton tinha lhe dado e o pressionou na testa e nas bochechas de Vi. —Por que você não me disse?

—Havia muito a ser feito... tantas pessoas... precisava deixar tudo perfeito, — As palavras de Vi se quebraram. —Você me perdoa?

—Não há nada a ser perdoado. — Era Ruby que devia desculpas a Vi – a amiga tinha estado tão preocupada em cuidar dela e de todos à sua volta que tinha negligenciado seu próprio bem-estar. E o pior de tudo, Ruby não tinha notado.

—...mas eu arruinei o natal para todo mundo!

—Mas você não arruinou nada, — Ruby gritou. —Você está nos dando o presente mais valioso de todos.

O rosto de Vi parecia torturado.

—Empurre, minha lady! — Meredith gritou. —Está na hora de você conhecer o seu bebê.

O grito que sua amiga deu foi quase tão doloroso quanto o aperto no braço de Ruby. O corpo de Vi ficou rígido enquanto cada músculo se contraía – ela prendeu a respiração e empurrou.

—Oh, Senhor. — A Sra. Dutton correu até a mesa que estava estocada com panos limpos, pegou um deles, e foi até Vi, não estava mais ao lado da Sra. Jakeston. Aconteceu tão rápido, ainda assim parecia ter sido em câmera lenta. A mulher virou o tecido, e enquanto os gritos de Vi se calavam – tanto por que as contrações tinham terminado, ou por que ela tinha expulsado todo o ar dos pulmões – ela enfiou o tecido entre os dentes. —Morda isso, milady. Vai ajudar.

—O bebê! — Meredith gritou, o rosto ficando branco enquanto toda a cor era drenada e seus ombros caíam.

Ruby não sabia o que a mudança de comportamento da mulher significava, e os joelhos de Vi se dobraram e um cobertor foi jogado por cima, ela não podia ver o bebê. Se o pequeno tinha nascido, ele era quieto como um rato.

De repente, a tensão abandonou o corpo de Vi e ela caiu sobre os travesseiros, soltando a mão de Ruby.

Algo não estava certo – a Sra. Dutton sacudiu a cabeça enquanto Meredith segurava o bebê.

Dois passos, só deu dois passos, e ela o viu.

Um menino.

E o cordão estava enrolado em volta do pescoço... o rosto dele estava azulado.

Não podia ser, não era para ser assim. Era véspera de natal, um dia de felicidade.

Essa não era a ideia de felicidade que qualquer pessoa teria.

Antes de saber o que estava fazendo, seus dedos seguraram o cordão e ela o desatou com cuidado uma vez – então duas, até que ele estivesse longe do pescoço dele.

Ruby não permitiria que a primeira vez que Vi visse o filho ele estivesse azul e sem respirar. Não era assim que deveria ser.

—Dê ele a mim. — Não sabia se isso mudaria alguma coisa, como um bebê tão pequeno e azulado poderia sobreviver, mas não podia ficar sem fazer nada. Precisava estar lá para Vi – e para o bebê. Era a sua vez de cuidar deles. Pegando o bebê nu, Ruby se virou levemente para se certificar de que Vi não o visse. Olhando por sobre o ombro, ela viu Vi com os olhos pesados de exaustão e a Sra. Dutton secando a testa dela. Só levaria um segundo até ela perguntar pelo filho. —Vamos lá, homenzinho, — Ruby arrulhou enquanto enfiava o dedo na boca do bebê para chegar a passagem de ar – qualquer coisa para obrigar o rapazinho a respirar.

Ela esfregou o peito e a barriga dele, o corpinho estava frio ao toque. Se pudesse aquecê-lo um pouco, ele ficaria bem, sem dúvida. Em seguida, ela correu a mão para cima e para baixo nas pernas minúsculas. Gradualmente a cor foi indo de azul para um branco pálido... e então, ele respirou.

—Meredith. — A mulher estava ao seu lado antes que o nome dela terminasse de sair de seus lábios – ou talvez ela tenha estado ali o tempo todo. Não importava. —Ele respirou. Eu vi o peito dele se mover.

—Eu também vi, querida. — Ela ergueu um cobertor, mas Ruby não estava pronta para entregá-lo. Não até que ela tivesse certeza de que ele respirasse de novo, dessa vez profundamente. —Precisamos aquecê-lo.

Relutantemente, Ruby o colocou na manta que Meredith segurava – e no segundo que ele saiu dos seus braços, ele chorou.

Foi o mais suave dos protestos – mas ele chutou e os bracinhos atacaram o ar.

Por ela.

—Meu bebê? — Vi sussurrou, a voz dela ainda era áspera por causa dos gritos.

—Um menino! — Ruby disse sorrindo.

—Traga-o aqui.

Ruby pegou o bebê de volta, apertou a manta em volta dele. As bochechas não estavam mais brancas, mas rosadas.

—Ele vai ficar bem, — Ruby sussurrou.

—Ele vai. — Meredith deu um tapinha no ombro dela e fez um gesto em direção à Vi. —Por que você não apresenta o próximo Lorde Haversham para Lady Haversham?

—Eu adoraria. — Ruby sentiu o orgulho escorrer, sabendo que tinha conseguido mais do que ficar ao lado de Vi. Sua presença agora significava algo – para este pequeno em seus braços.

CAPÍTULO NOVE



ELLIE PASSOU OS dedos pela textura áspera e manchada da estatueta, maravilhada com a delicadeza da peça. Não era muito maior que a palma da sua mão e retratava um homem com um enorme saco pendurado nas costas – possivelmente cheio de presentes para as criancinhas boas. Ele era alto e magro e tinha uma barba longa. Havia neve grudada em suas botas negras e em seu casaco.

A vontade de rir de toda a ridicularia que eram essas coisas de natal foi quase insuportável. Papai Noel com certeza não existia – ou ao menos, nunca tinha visitado a casa do Marquês de Drake durante o tempo em que Ellie esteve lá. Não havia chance de um homem tão generoso existir – um que a única missão de vida consistia em entregar presentes e de trazer alegria ao feriado – e tê-la esquecido por quase dezessete anos.

Não, era mais fácil acreditar que o Papai Noel não existia e que sua lenda era uma história criada e perpetuada apenas para enganar as pessoas.

Várias vezes durante a noite esteve prestes a expor a grande mentira em que Lady Haversham e Ruby estavam forçando as crianças a acreditar, dizer a elas que uma pessoa tão boa e pura de coração não existia, antes que eles crescessem e descobrissem a verdade do jeito mais difícil.

Colocando a figura de volta no lugar, ela se afastou da mesa e entrou na sala de estar de Lady Haversham e encontrou a sala mais ofensiva de toda a casa. Laços, presentes e papeis vermelhos, verdes e prateados cobriam toda a superfície, inclusive o chão

Ela desceu para escapar do barulho incessante que vinha do corredor, esperando encontrar um local pacífico para ler o livro que carregava debaixo do braço, mas foi distraída pelos enfeites de natal. O marquês raramente celebrava qualquer coisa, muito menos decorava a casa – ou ao menos não podia se lembrar de nada desde que a Sra. Bee tinha morrido, muito antes de Ellie ter idade para ter uma tutora. Ela devia ter cinco ou seis anos na época. Foi a única vez que se lembrava de haver risadas na casa do marquês.

Reprimiu a inveja que ameaçou consumi-la – não queria, nem precisava, de qualquer rebuliço por causa de um feriado que não significava nada, já que os sentimentos e emoções das pessoas eram facilmente alterados e trocados apenas por capricho.

As crianças não tinham noção do quanto eram abençoadas. A enorme quantidade de presentes nesta sala indicava que Lady Haversham amava cada uma delas profundamente.

Ellie mergulhou nas lembranças – voltou para um tempo onde ao menos uma pessoa na casa do marquês aceitava e reconhecia a sua existência, voltou para um tempo quando o marquês tinha um mínimo de afeição por ela. Será que ele tinha lhe dado algum berloque? Ou bonecas? Talvez equipamento para pintura a óleo?

Ela estava certa de que não.

E as mulheres na Craven House – Marce e as irmãs – elas cuidava dela por causa de uma promessa feita há muito tempo à mãe de Ellie, antes que ela morresse. Mas elas nunca lhe deram muita atenção ou lhe compraram coisas bonitas.

Elas tinham lhe ensinado suas habilidades de sobrevivência: a arte de bater carteiras em uma multidão ou como orquestrar uma distração grande o suficiente se alguma vez fosse pega pelo magistrado.

Havia coisas muito mais importantes na vida que as coisas bonitas: como a habilidade de derrubar homens bêbados e desordeiros, por exemplo.

Lady Haversham via as crianças como se fossem da família – o que pareceu suspeito para Ellie, por que como a mulher poderia realmente se importar por um bando de órfãos que sequer eram do seu sangue? O marquês, embora não tivesse admitido isso para uma única alma, era o verdadeiro pai de Ellie, era seu sangue, mas eles nunca foram uma *família*. Não havia nenhum elo irrevogável de lealdade entre eles, nem com as mulheres da Craven House, mulheres as quais Ellie uma vez tinha visto como sendo algum tipo de família.

Família – e tudo o que vinha com ela – era algo desconhecido para Ellie. Nunca tinha confiado em alguém ao ponto de permitir que sua guarda baixasse. O simples pensamento de outra pessoa colocando-a em primeiro lugar era estranho, mas isso existia pelo que tinha visto do casamento da irmã com o Sr. Jakeston.

Ela saiu da sala de estar e foi para os fundos da casa sem nenhuma pressa, já que os corredores estavam vazios. Talvez uma dispensa perdida no meio

dessas paredes seria a única área que não a faria lembrar das coisas que nunca teria – nem queria ter.

Uma era a ilusão da felicidade. Isso foi a queda de tantas pessoas; pensar que tiveram sucesso ao encontrá-la, apenas para perceber que o que quer ou quem quer que tenha dado a eles essa ilusão a arrancaria deles sem aviso ou razão.

Tinha aprendido desde nova a não esperar ou buscar a felicidade – e para sempre esperar o pior de cada situação ou pessoa. Dessa forma, se as coisas fossem melhor que o esperado, seria um presente, mas as coisas quase nunca eram boas – pelo menos para Ellie.

Algo chamou a sua atenção, o reflexo de uma vela mais à frente no longo corredor.

Alguém tinha pendurado festões brilhantes por todo o corredor, vários tons de verde e vermelho se entrelaçavam e faziam uma longa corda que estava presa entre duas portas. De alguma forma ela tinha se perdido enquanto passeava pelos infinitos corredores Foldger's Hall, e ela pensou sobre a importância da sala que ostentava enfeites tão grandiosos.

A maçaneta, polida por causa do uso e fria ao toque, virou-se com facilidade, e a porta se abriu.

Ela arfou.

Na sua frente, a sala abrigava prateleiras que iam do chão ao teto e preenchiam cada parede. Cada uma delas estava cheia de livros, alguns textos antigos encadernados em couro e outros mais novos com encadernações perfeitas. Ela não podia imaginar todo esse conhecimento escondido em uma propriedade no campo. Se pudesse, Ellie iria pegá-los, esconder em uma frota de carruagens, e levá-los todos de volta para Londres para aproveitar tudo o que eles tinham a oferecer. Mas o cuidado e a limpeza da sala lhe dizia que havia outra pessoa que os valorizava tanto quanto ela, e iria notar se sequer um estivesse fora do lugar.

A lareira estava vazia e sem um único pó, mas a sala não era fria. Sofás longos e baixos e cadeiras estavam arrumados em grupos, dando a Ellie a sensação de que a sala era usada para entretenimentos, mas estava feliz por nenhum dos outros hóspedes estar ali. Com Lady Haversham lá em cima trazendo o próximo Lorde ou Lady Haversham ao mundo, Ellie não tinha ideia de quanto tempo ficaria naquele lugar, mas seu tempo seria muito bem aproveitado naquela sala.

Foi até a prateleira mais próxima – e respirou fundo. A combinação do couro velho e usado com o papel datado a atraiu, seus dedos coçavam para tirar cada livro do lugar e descobrir os segredos que eles escondiam. Consolando-se com o conhecimento que tinha poucos dias para explorar, Ellie sentou-se em uma enorme cadeira, perto o bastante da porta e da luz que brilhava no corredor. Da próxima vez que decidisse fazer um passeio noturno pela casa, traria uma vela.

Este cômodo, ao menos, não estava abarrotado com enfeites festivos, crianças risonhas, ou presentes. Era só uma sala com a mesma aparência que tinha durante todo o ano. E isso deixava Ellie à vontade.

Os últimos meses tinham sido difíceis, com a morte do marquês e a ameaça de um herdeiro se apresentar e expulsá-la do único lar que conheceu – vivia em um constante estado de medo e ansiedade, tudo por causa das coisas que não podia mudar ou influenciar.

E tinha feito a única coisa que aprendera com o pai – assumiu o controle: da casa, dos criados, e das notícias que se espalhavam por Londres. Ou melhor ainda, ela se certificou de que ninguém falasse da morte do marquês, porque isso com certeza traria um parente há muito perdido

Colocando as pernas sobre o braço da cadeira, Ellie se acomodou. Não fazia ideia de quanto tempo passou procurando um refúgio de toda aquela comoção, mas com certeza já era tarde. De início pensou em procurar o quarto das crianças – e uma outra cama, mas não era do tipo que se explicava para os outros.

Como se tivesse pegado a deixa, passos soaram no corredor... vindo em sua direção – e com isso ela foi preenchida por uma sensação de alarme. Não era para ela estar vagando pela mansão? Ela seria descoberta e retirada da sala? Ela tinha invadido uma área privada?

Ellie nunca tinha sido convidada para passar as festas – ou qualquer festa – na casa de alguém e ela não estava a par das regras para ocasiões desse tipo.

Ela deveria ter fechado a porta... mas então teria que ir procurar uma vela, e uma forma de acendê-la. Ela deu um salto e começou a procurar um lugar onde se esconder. Seria bem melhor do que ter que explicar sua presença – mesmo que fosse por motivos inocentes – para alguém.

—Olá? — Uma voz familiar chamou. —Tem alguém aqui?

Ela olhou para a porta freneticamente, fazendo com que ela perdesse a oportunidade de escapar.

Não era só a voz que ela conhecia, mas o som dos passos dele, como se uma perna não se levantasse o bastante e o pé se arrastasse levemente pelo chão polido do corredor. Era a mesma coisa de quando ela *o* pegou em uma sala onde ele não deveria estar, mas daquela vez, ela tinha o direito de estar lá. Esperava que Alex tivesse a mesma compaixão que tinha dado a ele. Sendo um criado, o último marquês teria banido o seu mais novo cavalariço pela audácia que ele teve de entrar na casa e invadir os aposentos privados do lorde, mas Ellie tinha concordado em não dizer a uma única alma... e ela manteve a palavra.

—Estou aqui. — Não havia por que assustá-lo se ele entrasse ali e a visse olhando para ele. —Eu só estava lendo—

Alex entrou na sala, exalando cansaço, mas ainda assim, ele era bastante bonito mesmo com o cabelo castanho sujo, que era mais longo que o normal, e mais adequado à classe trabalhadora. Seu físico melhorou desde que tinha começado a trabalhar na casa do marquês. Só havia poucas horas que ela tinha amaldiçoado a existência dele e sua interferência em sua vida? Agora ele parecia um dos únicos rostos reconfortantes e familiares por ali.

Entrando na sala, ele encontrou um acendedor e se ajoelhou na frente da lareira, pegando alguns troncos na cesta ao lado dele.

—O que você está fazendo? — Ela perguntou. Se ele ia ficar, então ela teria que sair dali.

Ele não se deu ao trabalho de olhar para ela enquanto falava, —Essa sala fica muito fria depois que anoitece – e ler nesta luz tão ruim fará mal aos seus olhos. — Ela deu uns passos vacilantes até onde ele estava. —Não se preocupe, não vou incomodá-la se você preferir ficar sozinha.

—Você não está me incomodando, — ela disse. Geralmente, quando a ocasião exigia, ela era bastante grosseira – principalmente com a irmã – e essa postura não garantiu uma boa reputação entre a criadagem. —Só estava querendo encontrar um lugar tranquilo, a comoção lá em cima mal era tolerável e não ajudava nenhum pouco o sono.

Ele riu, enquanto ela olhava para ele com os olhos entreabertos. Ela estava concentrada no fogo que ele estava acendendo – assim evitaria olhar para os ombros largos e os braços fortes e muito capazes. —O nascimento de um bebê é algo que ajuda a dar uma tremenda dor de cabeça.

—Você é cômico. — Ela não quis dizer aquilo em voz alta. —Eu quis dizer... — Ela se interrompeu não querendo parecer disparatada.

Com uma fagulha, a lenha seca acendeu, iluminando o local onde ela estava. A luz lhe concedeu a habilidade de realmente ver a grandeza da sala, e Alex era parte disso. Era fácil imaginá-lo ali, sentado em uma cadeira em frente ao fogo enquanto lia em voz alta ou procurando seu próximo livro nas prateleiras. Ela sabia que todas as paredes estavam cobertas por prateleiras, mas o teto se erguia a quatro metros e meio do chão e não havia uma única prateleira vazia.

—Cativante, — ele murmurou.

Ela olhou para ele enquanto ele terminava a tarefa, incerta se ele tinha falado sobre a sala, mas ele estava olhando para ela. Agitada, ela passou os dedos pelos cabelos vermelhos, tentando domar os cachos rebeldes. Ela mal teve um segundo para lavar o rosto e as mãos antes de a refeição ser servida e de ser arrastada do seu quarto sob protestos. A poeira da longa jornada ainda estava agarrada na bainha do vestido e nas botas de couro.

Ele com certeza *não* tinha dito que ela era cativante.

—Eu passei muitas horas neste aposento, — ele disse. —Com a permissão de Lady Vi – Lady Haversham, é claro.

Batendo a poeira das mãos, ele se sentou na cadeira onde Ellie tinha estado uns minutos antes. Estranho, com tantas cadeiras, sofás e bancos para escolher, ele optou justamente pela que ela estava, mas não importava. Se ele pretendia ficar, ela iria embora. Isso não podia ser e não só por causa da fofoca que haveria caso eles fossem encontrados desacompanhados. Sempre que estavam sozinhos, ela se via compartilhando alguma confidência com ele – era enervante.

—Foi onde você aprendeu a falar como um verdadeiro cavalheiro? — Ela cobriu a boca envergonhada. A longa viagem e o avançado da hora devem ter embotado o seu cérebro, mas era tarde demais para retirar o que disse.

—*Cê tá achanu* que eu falo como um cavalheiro de verdade, *né?* — Ele ergueu a sobrancelha – e ela riu, incapaz de esconder o sorriso. —Oh, eu lhe asseguro, minha articulação se deve há anos de prática – e uma vez, há muito tempo atrás... eu posso ter sido um lorde.

—Não! — Ellie não podia acreditar.

—Por quê? — ele perguntou, inclinando-se para frente quando ela se sentou no sofá perto do fogo. —Por que eu fui criado em um orfanato?

—Não...

—Por causa das minhas lesões?

—Ummm, eu não—

—É claro, você pensou nessas duas razões.

Ela olhou para as chamas lambendo a lenha, criando sombras na parede mais afastada, evitando assim olhar para ele.

—E sim, minha impecável articulação é resultado desses dois infortúnios. — A admissão a espantou, e então percebeu o quão pouco sabia sobre ele até então e simplesmente não esperava se importar. —Primeiro, eu fui ferido – e pelo que fiquei sabendo ao longo dos anos, abandonado pelos meus pais.

—Abandonado? — Ela não admitiria o quanto aquilo lembrava o seu próprio passado, isso era sobre ele – não sobre ela. —Quem poderia ser tão cruel?

Novamente, ela disse algo que o divertira. —Você ficaria surpresa com o quanto as pessoas podem ser cruéis.

Ellie não estaria nenhum pouco surpresa. Raramente tinha testemunhado algo que não fosse a crueldade da sociedade. Quem abandonaria um bebê – e um machucado ainda por cima, dessa forma? Mas, novamente, ela ficou em silêncio, preferindo que ele compartilhasse sem ela ter que divulgar nada. Pela milésima vez seus pensamentos voltaram para as palavras do marquês em seu leito de morte. Talvez se obtivesse confissões o bastante do cavalariço, ficaria sabendo de algo útil.

—Como você ficou aos cuidados da Sra. Dutton?

—Acontece que ela – e a irmã – estavam perto do local onde eu fui ferido. — Ele olhou para a parede atrás dela, e ela pressentiu que ele estava bem longe da biblioteca quando ele estremeceu. —Quando eles me deixaram depois de eu ter sido ferido, ela me levou até um médico para eu ser tratado.

—E os seus pais? — ela perguntou. —Eles não tinham dinheiro para pagar o médico?

—Oh, eles não esperaram para ver a extensão dos machucados.

—Eles só te deixaram? — Como Marce Davenport tinha lhe deixado na porta do marquês depois que sua mãe tinha morrido. —Você nunca mais ouviu falar deles?

—Sim. — Um profundo pesar tomou conta do rosto dele. —...e não.

—Mas se você é um lorde de nascimento... — Ela esperou que ele retomasse, mas quando isso não aconteceu, ela prosseguiu, —Talvez alguém tenha procurado por você, ou um título e muito riqueza te aguardam em algum lugar.

Ele sacudiu a cabeça, esticando os pés e cruzando-os na altura dos tornozelos. A pose lhe fazia lembrar de cada lorde que já tinha visto:

confiante, dono de si e ousado – mas ele não tinha um grama de presunção. Cada centímetro dele pertencia a aquela sala, vestido não como um criado, mas com calças feitas pelo melhor dos alfaiates e Hessians polidas até brilharem.

—E por que eu ia querer isso? — Ela olhou para ele, não tendo certeza se ele estava brincando, e ele sorriu. —Todos os dias eu penso nisso, mas eles me abandonaram – não foi o contrário. Se alguém estivesse procurando por mim, eles já teriam me encontrado a essa altura.

—Como você pode saber que eles não tentaram te encontrar?

—A Sra. Dutton procurou no *Post* por anos depois do acidente, — ele confidenciou, os olhos dele indo do fogo para ela. —Mas nunca houve nenhum anúncio sobre um bebê desaparecido – nenhuma única menção.

Eles caíram num silêncio agradável, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

Uma parte dela queria compartilhar sua própria história, confiar em que ele não julgaria a ela ou à sua mãe, mas uma parte maior lhe dizia para ser cautelosa, sabendo que seria melhor manter o passado para si. Uma única menção sobre a sua história só faria surgir outras perguntas – e Ellie odiava perguntas.

—Eu tenho um presente para você.

—Um presente? — Por um momento pensou não ter ouvido bem. —Para mim?

—Sim. — Ele voltou a sorrir, puxou as pernas longas e ficou de pé.

—Não, obrigada. — Ellie não aceitava presentes – por muitas razões.

—O quê? — Ele estreitou os olhos. —Você não pode simplesmente dizer não.

—Mas eu não posso aceitar.

—Por que não? Você ainda não sabe o que é.

—Você é meu criado, — ela disse. —Não seria adequado.

—E quem ficaria sabendo? — ele perguntou.

—Eu.

—Não é uma boa razão para recusar o meu presente sem sequer saber o que é.

—Não quero lhe dever nada. — Dar nunca estava desacompanhado do receber, Ellie sabia – e quando alguém era tão danificado quanto ela, temia que Alex encontraria algo para receber. —Além disso, eu não tenho nada para lhe dar.

—Venha comigo. — Ele saiu da sala sem olhar para trás, esperando que ela o seguisse.

Sua curiosidade superou a regra de ‘não presente’ – o que realmente não era uma regra. Ela nunca teve a oportunidade de recusar um presente simplesmente porque ninguém nunca tinha se preocupado em lhe dar um.

Ela o seguiu depressa enquanto ele virava no final do corredor, claramente indo em direção às cozinhas. Enquanto passavam pelo salão de baile onde estiveram mais cedo, seu senso de direção retornou enquanto ela olhava os lugares familiares. A luz mudava de candelabros ornamentados para velas presas nos suportes de parede; uma disposição comum nas áreas dos criados. A casa do marquês em Londres tinha lugares parecidos mas com mobílias muito menos elegantes.

—Para onde estamos indo? — ela perguntou quando eles entraram na cozinha. Algumas criadas ainda estavam lavando os pratos do jantar e limpando o chão. Ellie as cumprimentou com a cabeça enquanto passava, falando um apressado ‘com licença’ e um ‘desculpe pela intrusão.’

Mas Alex não respondeu e simplesmente abriu a porta do canto mais afastado do aposento.

—Eu não tenho um casaco. — Ela só podia imaginar o frio que sentiria do lado de fora sem um casaco... não duraria muito sem um. Quando finalmente atravessou a porta, ela viu Alex pegar um lampião em um gancho ao lado da mansão e seguir em direção ao estábulo.

—Não muito longe. — Ele abriu uma porta vaivém e fez sinal para ela entrar. Ela passou por debaixo do braço dele, enquanto ele segurava a porta, e encontrou refúgio no calor que o estábulo provia. O calor era produzido pelos cavalos e outros animais de grande porte. Ellie notou essa mesma coisa nos estábulos do marquês nas várias ocasiões que chegou mais tarde que o normal. —Você está pronta?

Ele não parou, mas desatou a corda que matinha uma das baias fechadas, e entrou.

—Pronta para quê? — Ellie esperava que ele não tivesse querendo presenteá-la com outro cavalo – seus estábulos já estavam quase explodindo. Ela bateu o pé exasperada. —Já está muito tarde para ficarmos zanzando pelos estábulos de Lorde Haversham—

—Feche os olhos, — ele gritou, ainda fora de vista.

—Eu não vou fazer isso.

—E erga as mãos. — Ela não tinha nenhuma intenção de seguir as ordens dele.

Quando ouviu seus pés arrastando e algo macio tocá-lo, ela amaldiçoou, percebendo que seus olhos estavam fechadas e as mãos erguidas, exatamente como ele tinha ordenado.

Algo se remexeu nas suas mãos e ela gritou.

—Oh, não a deixe cair, — Alex avisou. —Abra os olhos.

Ellie desejou ter derrubado a coisa – e que nunca tivesse aberto os olhos.

—Feliz natal, — ele disse com orgulho.

—O quê? — ela gaguejou. Nas mãos dela estava um gatinho peludo, o pelo do animal era da mesma cor do cabelo de Ellie. A coisa não parecia velha o bastante para estar longe da mãe. —Por quê?

—Pensei que um amigo lhe cairia bem. — Ele deu de ombros, enfiando a ponta da bota no chão de terra batida, evitando o olhar dela. —Você fica muito sozinha naquela casa grande.

Ela olhou entre a bola de pelo, que naquele momento estava lambendo o seu dedão, e Alex incerta sobre o que dizer.

—O marquês não vai permitir que eu leve um animal para dentro de casa, — ela murmurou. Seu dedo acariciava as costas do gatinho enquanto ele ronronava.

—Então é bom o marquês não estar mais entre nós, — Alex respondeu, se desculpando imediatamente pela comentário desconsiderado. —Por favor, perdoe as minhas palavras.

—Não precisa se desculpar. Às vezes eu esqueço que ele se foi de verdade. — Ellie aproximou a gatinha, e o bicho levou o nariz ao seu queixo. —Ela tem nome?

—Ainda não.

—Ela é uma bola de pelos terrivelmente pequena. — Ellie riu quando a gatinha lambeu o seu queixo. —Onde está a mãe dela?

—Então, essa pequena – e outros quatro – foram encontrados no jardim. — Ele ergueu a mão e acariciou o bichinho. —Completamente sozinhos, famintos e gelados. Cook ficou de olho neles o dia inteiro, mas a mãe não voltou.

—Isso é tão triste, — Ellie sussurrou.

—Mas parece que ela encontrou uma nova mãe.

Ellie afastou o olhar da gatinha e viu que o sorriso de Alex tinha voltado. —Oh, não, — Ellie reclamou, entregando a gata para ele. —Não posso ser

responsável por ela – eu mal posso cuidar de mim mesma. — O pensamento de outro ser vivo depender somente dela era... aterrorizante.

Ele deu um passo atrás, recusando a gatinha. —Ao menos fique com ela enquanto está aqui. Se até lá você ainda achar que não será capaz de cuidar dela, então a deixaremos aqui.

Ela o olhou com suspeita. Parecia uma armadilha – ela ficaria apegada ao animal e então ele seria tirado dela.

—Ela é tão macia.

—Do que você vai chamá-la? — ele perguntou. —Não pode chamá-la de bola de pelo.

—Se ela é mesmo minha, posso chamá-la do que eu quiser, — ela reclamou. —Mas você tem sorte, pois eu penso que bola de pelo é um nome pavoroso – assim como Ellington.

—Oh, vamos lá, Ellington é um nome muito bom.

—É nome de menino. — Ellie tinha ouvido que o marquês a tinha nomeado... esperando que ela fosse um menino, mas levou semanas para ele se importar em dar ouvidos à babá. Ela afagou o pelo vermelho e acalmou a gatinha. —Vou chamá-la de Ember, por ela ser da cor das brasas.

—É um ótimo nome, — ele disse um pouco zeloso demais, quando o olhou, ele corrigiu, —É um ótimo nome por agora. Do que vão chamá-la depois que partirmos não depende de nós.

—Exatamente, cavalariço. — Mas a coisa era quente, e não pesava quase nada – possivelmente era mais macia que seu par de botas de pelo. —E obrigada.

—Não foi nada, e, — ele fez uma pausa, erguendo a mão para afagar Ember, —Não me agradeça ainda. Gatinhos dão muito trabalho. Alimentar, dar atenção, brincar...

Com a coisa segura em seus braços, ela começou a pensar nas dificuldades, mas como ele disse, era só por alguns dias, e então ela estaria voltando para Londres – sozinha. De volta para a vida que conhecia, isso era muito pouco reconfortante.

—Posso te fazer uma pergunta, Lady Ellington? — A formalidade a pegou de guarda baixa, quase tinha esquecido que eles não eram da mesma classe – não que isso fosse importante. Ela fez que sim. —Nunca lhe deram um presente?

Não sabia como responder, o que parecia ser a regra para as coisas que ele perguntava. Mentiria para encobrir o quão pouco o marquês – e todo

mundo na casa – a considerava? Ou, pior ainda, diria a verdade e teria que suportar o olhar de pena?

Ele estava perto demais para que ela pudesse pensar, ainda acariciando a gatinha. Tudo o que pôde apreender foi a força das pernas e a largura dos ombros dele, a presença de Alex preenchia o enorme local e afastava o frio – para alguém que tinha sido abandonado por causa dos ferimentos, ele com certeza os tinha superado. O cheiro que ele exalava era unicamente dele, como se por passar tanto tempo nos estábulos ele tivesse absorvido o cheiro da serragem e da ração, com um algo mais. Um odor desconhecido de alguém que tinha passado a curta vida trabalhando – duro.

—Eu deveria voltar para a casa, — ela disse, evitando a pergunta dele. —Ruby vai notar a minha ausência. Cuidarei de Ember até quando eu voltar para Londres.

Não prometeria nada além disso. No mais, se deixasse o gatinho para trás, não deveria nada a Alex. Não haveria favores a serem recompensados mais tarde. Queria perguntar o que ele queria sendo tão bom com ela, especialmente porque ela sempre fora desagradável com ele.

—Se é o que desejava, minha lady. — Alex fez uma mesura. —Eu lhe desejo boa noite, e espero que consiga descansar.

Quando ele se virou em direção à parte mais escura dos estábulos, ela o chamou:

—Você não vai voltar comigo?

—Não, — ele disse.

—Você está dormindo aqui? — ela perguntou alarmada. Ele era um criado, afinal de contas, um cavalariço – eles normalmente moravam no estábulo, caso a família não morasse por perto. —Posso falar com Lorde Haversham, talvez—

A risada súbita dele fez a gatinha se assustar e ela cravou as unhas em seu pesado casaco de lã e dentro da sua pele. —Oh, não. Não estou dormindo nos estábulos. Deram-me um quarto na ala das crianças, mas preciso cuidar dos cavalos do marquês – quer dizer, dos seus cavalos, minha lady, antes de ir descansar.

—É claro. — Pelo que pareceu a centésima vez, ela soou desconsiderada. E era a única coisa que ela tentava muito não aparentar ser – a filha bastarda boba e mal educada de um marquês, mas quando dizia respeito a Alex, ela esquecia quem queria ser, e era só ela mesma, Ellie. —Boa noite, cavalariço.

Ambos ficaram ali na luz difusa do estábulo, nenhum deles se mexia ou afastava o olhar.

Algo – além das últimas palavras do marquês – a puxava para ele.

Não importa o quanto tentasse ignorá-lo, dizer que era apenas a natureza bondosa dele – algo tão raro para ela – que lhe atraía, mas havia algo mais.

Eles tinham vidas parecidas – apesar das classes distintas – vivenciaram muita dor e muita perda, ainda assim ele tinha esperanças para o futuro, mesmo se fosse limpar estábulos para todo o sempre. Ela morava numa casa enorme e tinha tudo o que precisava, e ainda assim, temia cada dia que estava por vir.

—Feliz véspera de natal, Lady Ellington. — Já tinha passado muito da meia-noite, percebeu. —E cuide bem de Ember, ela é a mais feroz da ninhada. — Com aquilo, Alex deu meia volta e foi em direção à longa fileira de baias para verificar os cavalos do marquês.

E ela o observou ir. Com um sorriso similar no rosto.

Ainda assim, tanto quanto detestasse admitir, este ia ser um natal muito feliz, de fato.

CAPÍTULO DEZ



VI ENCARAVA O rosto adormecido de Neill, o próximo Lorde Haversham. A luz de início de tarde se infiltrava pelas janelas bem em cima da cadeira de balanço em que eles estavam. Ela mal tirou os olhos dele desde que ele nasceu nas primeiras horas da véspera de natal, com certeza isso era um sinal de sorte. Nada nessa reunião de natal tinha sido perfeito, ou qualquer coisa saiu conforme o planejado. Neste momento, um salão de baile cheio de presentes, jogos e meias estava esquecido. Todo o seu trabalho duro – para não mencionar as horas de trabalho de Ruby, da Sra. Dutton e de Sarah – não serviu de nada. Ela só precisava encarar o fato de que nada do que ela tocava virava ouro, como dizia o velho ditado... e sim, carvão.

Mas a única estrela brilhante disso tudo, Neill, era perfeito – de todas as formas: o sono tranquilo, e tudo que ia desde o cabelo castanho escuro até seus minúsculos pés. Ontem tinha passado, o sol tinha nascido, se posto, e nascido mais uma vez, com ela e Brock enfiados dentro do quarto, enchendo seu bebê com amor. Seu doce e querido marido só saiu do seu lado uma hora atrás, por insistência dela, para se certificar de que as festividades natalinas sairiam conforme o planejado.

Uma batida na porta assustou Neill em seu descanso.

—Sim, — ela falou. —Entre.

Antes de Brock concordar em sair do seu lado, ele tinha insistido para que ela se banhasse e vestisse algo limpo, dizendo que ela se sentiria muito melhor, mas como poderia dizer a ele que ela já se sentia melhor? Mesmo acordando para amamentar o bebê, ela dormiu mais profundamente do que já dormiu em anos. Mesmo assim, faria qualquer coisa para deixar o marido feliz, então enquanto se banhava e se vestia, os criados entraram e arrumaram os aposentos: trocaram os lençóis e os cobertores, levaram água fresca e um vaso cheio com flores da estufa.

—Feliz natal, milady. — A Sra. Dutton abriu a porta e entrou. —Como você tá?

Vi sorriu. —Feliz natal para você... e todo mundo lá embaixo. Eu estou ótima. — E por uma vez, ela não estava escondendo nada por trás dessa palavra. Ela *estava* ótima. —Entre, eu só estava embalando Neill e aproveitando o sol da tarde.

—Milorde disse que você ia gostar de receber visita. — A Sra. Dutton entrou com a Sra. Jakeston logo atrás. Ambas sorriam orgulhosas. Elas tinham passado a longa noite com ela, nunca saíram do seu lado até que ela estava adormecida com Neill aninhado em seus braços.

—Sim, espero descer para o jantar, se Brock permitir, — ela disse. — Como estão as crianças?

—Estão todas esperando ansiosamente para conhecer o mais novo irmão, — A Sra. Jakeston disse com uma risada. —Embora todos tenham perdido as apostas.

—Apostas? — Vi perguntou, ajustando Neill em seus braços. Não havia nada que ela gostasse menos que apostas – nenhuma tinha sido boa para ela.

—Todos eles escreveram palpites sobre o nome do bebê quando voltaram para seus quartos. — Meredith sacudiu a cabeça divertida. —Tivemos poucos Abbys e um Gavin – mas nenhum Neill. É um nome tão forte e bonito.

—Sim, milady, — A Sra. Dutton ergueu os braços e Vi, relutantemente, passou o bebê para ela. —Oh, eu me lembro quando Mestre Alex era desse tamaninho, — a senhora murmurou.

—Pensei que você o tinha encontrado quanto ele tinha quase um ano. — Ou ao menos essa era a história que lembrava terem lhe contato, embora tenha sido há muitos anos – e sua mente não estivesse tão clara no momento.

A Sra. Dutton enrijeceu. —Sim, bem, ele era um menino pequeno.

—Você não diria isso ao olhar para ele, — A Sra. Jakeston comentou. — Você criou um bom rapaz, Alexandria.

Há séculos Viola não ouvia alguém usando o nome da Sra. Dutton, e ela nunca tinha feito a conexão entre Alex e Alexandria. Ela olhou a mulher enquanto ela devolvia Neill para os seus braços.

—Obrigada, Meredith, — a Sra. Dutton fez um gesto com a cabeça e Vi não pôde evitar perceber que as duas se davam muito bem – e a Sra. Jakeston com certeza precisava de um amigo. —Agora, eu vou dizer às crianças para ficarem quietas se elas— A porta se abriu antes de ela terminar, e o quarto se encheu rapidamente, cada criança segurava um presente. Elas se sentaram no chão, na cama, e algumas puxaram o banco da sua penteadeira. Logo atrás

das crianças vieram Ruby e Harold, William, Alex e até mesmo Ellington – carregando uma bola de pelo em suas mãos.

Por último, Brock – seu marido forte, amoroso e compassivo – entrou, carregando uma enorme bandeja de sobremesa, tão cheia que ela temia que ele fosse derrubá-la – para o desespero das crianças.

—Minha nossa, — ela riu. —O que está acontecendo?

—Meu lorde disse que já que não tivemos nossa sobremesa na noite passada, que podíamos vir aqui e compartilhá-la contigo – e com o novo bebê, — Abby disse, esgueirando-se para perto de Vi para dar uma espiada. —Ele é tão lindo... muito parecido com meu lorde. — Ela corou, indo se sentar ao lado de Daphne na cama. As meninas juntaram as cabeças e trocaram algumas palavras antes de darem risadinhas – um dia elas se tornarão grandes amigas.

—Não há nada que eu gostaria mais do que compartilhar doces com todas as minhas doçuras. — Todos no quarto olharam para ela com expectativa, e ela não pôde deixar de pensar que tinha esquecido alguma coisa – um detalhe obviamente muito importante para as crianças. E então, mais uma vez, ela notou os presentes nas mãos deles. —O que são esses presentes? — ela perguntou. Nenhum deles parecia com os que ela e Ruby tinham embrulhado, os laços dos pacotes estavam um pouco tortos.

Tyler olhou para Ruby, que assentiu encorajando-os. —A Sra. Jakeston disse que podíamos trocar presentes – mas apenas um. — O menino olhou em volta do quarto até ver Lorde Haversham, e ele sorriu timidamente. — Meu presente para o senhor, meu lorde.

O coração de Vi se encheu com mais amor do que ela pensava ser possível. —Aquelas crianças, que enfrentaram tanta dor e desordem em suas curtas vidas, eram as mais generosas – ela pensou sobre si quando jovem, tão preocupada com vestidos bonitos, bonecas e quinquilharias, que não pensava nas outras pessoas; mas aquelas crianças, elas seriam o seu legado. Elas iriam para o mundo um dia, e espalhariam a sua bondade.

—Abra, — Gavin gritou e riu.

—Obrigado, rapaz. — Brock colocou a bandeja de doces na mesa de canto e pegou o presente de Tyler, indo até o último espaço disponível ao lado da cadeira de balanço de Vi. Antes de abrir o minúsculo pacote, ele se inclinou e beijou a cabeça do filho – evocando alegria em todo mundo no quarto: os meninos aplaudiram, e as meninas suspiraram. Então ele se

concentrou no presente. —O que pode ser? — ele pensou. —Talvez um sapo...

Todas as crianças riram.

—Oh, eu sei, é um cavalo novo.

Isso fez com que elas rissem ainda mais. —Não, — todos disseram ao mesmo tempo.

—Todo mundo sabe o que eu ganhei, menos eu? — Ele olhou para a multidão, enquanto Vi fazia o mesmo. Não podia imaginar o que tinha naquele embrulho que deixava as crianças tão felizes. Finalmente, Brock puxou o pequeno laço, e o papel que envolvia o presente se abriu, revelando um pequeno objeto brilhante.

Vi se inclinou para ver melhor.

Mas os dedos de Brock se fecharam ao redor da peça minúscula enquanto ele jogava a cabeça para trás e ria – e mais uma vez todos se juntaram a ele.

—O que é? — ela perguntou

—Minha abotoadura perdida! — Ele entregou a ela. Embalando Neill em um braço, ela pegou o objeto com a mão livre. —Onde você a encontrou? — ele perguntou.

Os meninos olharam uns para os outros, mas ninguém falou, ficando sérios depois de tantas risadas.

—Ah, bem, — Brock viu os olhares culpados. —Diremos que foi um milagre de natal.

E com aquilo, a alegria mais uma vez se espalhou enquanto as crianças se moviam pelo quarto entregando presentes. A Sra. Dutton e Meredith receberam pequenos lenços bordados. Harold e William abriram seus presentes e encontraram idênticos barcos de madeira entalhados, provavelmente devido ao negócio de navegação que eles tinham começado recentemente.

Ruby colocou um novo xale, tricotado com a mais bela lã marfim, sobre os ombros, enquanto sorria para Vi. Não havia nada que Vi estivesse mais grata do que a amizade delas, pois, sem ela, Neill provavelmente não estaria ali agora, saudável, feliz e adormecido.

—Minha lady. — Daphne foi até ela – segurando o último presente. Brock pegou Neill. —Este é para você – e para o novo lorde.

—Obrigada. — Vi aceitou o presente, ele estava em uma caixa bem maior que os outros.

—É de todos os jovens. — A Sra. Dutton sorriu com orgulho. —Eles trabalharam muito para o chefe dos estábulos para poderem juntar o dinheiro.

Brock colocou a mão sobre o seu ombro, o rápido aperto demonstrou as próprias emoções dele. Ela olhou para ele, piscando rapidamente para segurar as lágrimas. Era sua responsabilidade cuidar de todos, não o contrário – embora não tivesse ideia de como faria isso enquanto o seu corpo se curava.

—Vá em frente, — ele encorajou, dando um beijo na testa dela.

Virando-se para os olhares ansiosos, Vi notou Alex de pé ao lado de Ellington, acariciando o que quer que fosse a coisa peluda que ela segurava. Em seguida, ela olhou para Ruby, que também estava de olho na irmã.

Será que algo estava surgindo entre eles?

Com certeza seria outro milagre de natal se a jovem permitisse que outra pessoa ultrapassasse as barreiras que ela tinha construído em torno de si. O Senhor sabia que ela não tinha permitido que Ruby fizesse isso.

—Abra, abra! — as crianças cantavam em grupo, William e Harold se juntaram a eles. —Abra!

O presente estava embrulhado com um simples laço vermelho. Ela o ergueu para avaliar o peso, mas era leve, fazendo com que ela não tivesse ideia do que estaria lá dentro. Ela tirou o papel e abriu o topo da caixa – e viu um par de escovas de cabo de prata. Uma grande e outra bem menor, cada uma vinha com um espelho combinando.

—Oh, que lindo. — Vi ergueu a mão, pegando cada um dos objetos.

—Não sabíamos se o bebê seria menino ou menina, — Abby disse. — Mas meninos também precisam pentear os cabelos. — Ela acotovelou Gavin, que estava sentado ao lado dela, o rebelde cabelo louro apontava para todas as direções.

—Eu não preciso de uma, — Gavin reclamou. —Mas o pequeno milorde com certeza precisa.

—São perfeitos, — Vi disse entusiasmada, permitindo que lágrimas de alegria rolassem por suas bochechas. —Nós – Brock, Neill e eu – temos muita sorte por ter vocês.

—Ótimo, — Meredith disse, dando um passo à frente segurando a bandeja. —Acho que é hora de todos pegarem a sobremesa, e então deixaremos que Lady Haversham e o bebê descansem – temos muito a celebrar hoje à noite.

—Sim, bolo de limão me soa ótimo, — Vi disse, pegando um bolinho cheio de cobertura. —Aceita, meu lorde? — Ela se virou para o marido, que

neste momento estava com os braços tomados por Neill, e, por isso, incapaz de se servir. Ela passou o bolo pelo nariz de Brock sujando a ponta do nariz dele.

As crianças caíram na gargalhada, o quarto foi tomado pelo som.

Neill acordou assustado, mas não chorou, o que era muito fortuito já que se ele precisasse de qualquer tipo de descanso, era melhor se acostumar com o barulho das crianças.

Vi suspeitava que ela e Brock passariam bastante tempo perto da casa de sua família em Foldger's Hall.

Ela riu até a barriga doer e todas as crianças pegaram seus doces – elas se acalmaram enquanto se concentravam em encher suas bocas e lamber os dedos, refastelando-se na doce decadência.

—Hora de ir, — A Sra. Dutton anunciou, e as crianças bufaram em desgosto. —Não quero ouvir nenhuma reclamação. Todos vocês precisam tomar banho para se aprontarem para hoje à noite.

—Feliz natal, minha lady, — Daphne e Abby disseram. —E para você, meu pequeno lorde.

—E quanto a mim? — Brock disse fingindo-se de triste. —Assim vocês ferem o meu orgulho, mocinhas.

Elas se viraram para ele, os aventais se agitaram por causa do movimento súbito, cada uma fez uma mesura para Brock, —Um natal muito feliz para você, meu lorde.

—E feliz natal para as duas, — Brock fez um gesto com a cabeça. —Agora, vão – a próxima vez que as vir, estarão rodeadas de presentes.

Elas riram, fizeram outra mesura, e saíram correndo do quarto, seguindo o resto das crianças.

—Milady. — A Sra. Dutton estava de pé perto da porta – pronta para ir, mas parecendo como se tivesse algo mais a dizer.

—Sim? — Vi sorriu, esperando fazer a mulher voltar.

—Obrigada por toda a sua bondade.

—Este ano não foi perfeito, mas eu realmente quero que o primeiro natal das crianças aqui em Foldger's Hall seja algo que elas se lembrarão para sempre.

—Não só por este ano, — A Sra. Dutton disse, afastando o olhar. —Por todos os anos. Muitos dos pequenos estariam famintos se não fosse por suas doações.

—Isso enchia o meu coração de alegria durante uma época em que eu não merecia sentir isso, — Vi suspirou. Brock tirou a caixa do colo dela e colocou Neill em seus braços, sabendo o que ela precisava antes mesmo que ela soubesse. —Isso me deu um propósito quando eu estava perdida.

—Bem, a gente precisava de você mais do que você precisava da gente, milady. Vejo vocês no jantar. — A Sra. Dutton fechou a porta, deixando apenas Harold e Ruby com eles.

—Devemos ir também. — Ruby pegou o braço de Harold. —Certifique-se de que ela descanse, meu lorde.

Era uma estranha inversão de papeis, Ruby cuidar dela – embora não tinha sido exatamente isso que ela fez todos esses anos? Ruby tinha entrado na vida de Vi quando ela mais precisava, e ela nunca permitiu que ela perdesse a esperança, que parasse de pensar no futuro, mesmo que tal futuro só se resumisse a ano após ano de trabalho duro.

—Cuidarei disso. — Brock ficou de pé, dando um tapinha nas costas de Harold. —Desde que você se certifique de que o seu marido não beba todo o xerez da casa.

Todos riram, já que sabiam que Brock só mantinha o vinho à mão por causa de Harold.

—Feliz natal, Vi. — Ruby deu um beijo na bochecha rosada de Neill e abraçou Vi rapidamente.

—Feliz natal, minha mais querida amiga. — Vi não podia imaginar a vida sem Ruby, e sem Harold. Seria um dia muito triste quando eles se mudassem da casa de Brock e fossem para a própria casa. Uma parte dela orava para que isso demorasse bastante. —E para você também. Por favor, dê as minhas desculpas a William e à sua mãe. Eles devem estar pensando que eu sou a pior das anfitriãs.

—Eles não se atreveriam a pensar isso, — Harold fez uma leve mesura. —A mãe não tem falado de outra coisa que não seja a animação do nascimento de Neill. Ela disse que uma criança nascida na véspera de natal é um bom presságio

—Sua mãe pode acreditar em presságios? — Vi riu.

—Oh, meu pai a condenaria por estar falando tais blasfêmias, mas quem prepararia suas refeições e cuidaria de suas camisas? — ele disse em um sussurro conspiratório. —Acho que devemos chamar o bebê de milagre de natal. O vigário Jakeston não é páreo para as maravilhas natalinas.

—Concordo. — Ruby puxou o braço de Harold, sinalizando que já era hora de ir. —Agora, vamos deixar você descansando.

—Obrigado aos dois, — Brock disse.

As portas se fecharam – e o silêncio a rodeou, ele só era quebrado pela leve respiração de Neill.

—Você parece diferente...

Vi se voltou para o homem que tinha jurado amar pelo resto da vida, sentindo pela primeira vez que realmente seria capaz de cumprir aquela promessa. —Eu me sinto diferente.

—E você parece ainda mais maravilhosa por causa disso, meu amor.

—Oh, eu tenho certeza de que estou um horror.

—Isso é impossível, você está mais linda hoje que no dia que nos conhecemos! — ele confidenciou.

—O dia que nos conhecemos? — ela perguntou. —Você sequer sabia o meu nome naquela época – e eu me certifiquei de vestir as coisas mais pavorosas na sua presença.

—Eu gostava bastante do seu vestido marrom e das botas muito grandes.

Ela deu um tapa nele, mas errou quando ele deu um passo atrás. —Você sabia?

—Meu amor, seus pés quase estavam saindo delas! — Ele ergueu as mãos evitando outro tapa. —E aquele vestido hediondo...

—Oh, você é incorrigível!

—Mas, até mesmo naquela época, meu amor era cego. — Ele se inclinou, seus rostos ficando há poucos centímetros de distância. —Eu reconheci a minha parceira mesmo com todos os obstáculos que você colocou no meio do caminho.

—Sério? — ela suspirou.

—Certamente. Você também não via isso?

—Sim, eu via, — ela confessou. Via mesmo, mas naquela época o fardo da sua história ainda a assombrava, esmagando-a o tempo todo, mas naquele momento ele tinha desaparecido.

Ela respirou fundo, percebendo que todo o peso que tinha se assentado sobre o seu peito todos esses anos tinha ido embora. Não sabia quando ou como isso aconteceu, mas algo tinha saído de cima dela.

Só podia ser o bebê aconchegado em seus braços.

Uma vida nova trazia esperança para o futuro. Isso nunca iria apagar os seus pecados, mas tinha a oportunidade de criá-lo para ser confiante,

cuidadoso e compassivo, ao contrário da criação egoísta e mesquinha que a mãe dele teve.

—Ele realmente é um milagre de natal. Para todos nós, — ela suspirou, liberando os últimos remanescentes do passado.

—Ele é, meu amor. — Brock a puxou da cadeira, envolvendo-os na segurança de seus braços. —Mas você sempre vai ser o meu melhor presente.

CAPÍTULO ONZE



RUBY OBSERVOU ABBY e Harold dançarem ao som de uma melodia que não podia ser ouvida, girando pela sala abarrotada, conseguindo se desviar com graça dos presentes que estavam amontoados em todos os lugares. Ela não fazia ideia de onde os dois tinham aprendido a dançar com tanta elegância. Algumas das crianças corriam pela sala brincando de pique pega, enquanto as meninas mais velhas andavam pelo aposento, maravilhando-se com todos os presentes.

E o melhor de tudo, Ellie estava sentada em uma cadeira, mesmo longe dos outros, ao menos ela estava ali – e no colo dela estava o mais fofo dos gatinhos. Ela talvez não tivesse notado a criatura minúscula, se não fosse pelo fato de as crianças pararem ali a cada poucos minutos para acariciar a orelha do bichinho ou dar tapinhas em sua cabeça.

A aparição de Ellie no jantar, e depois no salão de baile, não foi a parte mais estranha da noite de Ruby – foi o sorriso que nunca deixou o rosto da menina. Em todos os meses que se conheciam, Ruby nunca tinha visto a menina tão feliz quanto parecia estar agora.

—Ela fica linda quando sorri, não?

—Vi. — Ruby quase caiu de seu assento. —Você me assustou.

Com um sorriso, ela se sentou no sofá ao lado dela. —Ela fica muito mais parecida com a irmã mais velha.

—Você acha mesmo? — Ruby perguntou. Embora as duas fossem bem altas e tivessem os olhos do pai, o cabelo de Ellie era da cor do fogo, quente e cheio de fúria, e tão rebelde quanto ela. —Ela é muito linda.

—E além disso, — Vi disse, colocando a mão sobre a de Ruby. —Ela vai precisar de você.

Ruby riu. —Precisar de mim? Na maioria dos dias parece que ela não pode ir longe o bastante para me evitar. — Antes de ontem, Ruby realmente acreditava que não tivesse nada a oferecer à menina, ela mal tinha um teto sobre sua própria cabeça. Como ela esperava ir ao resgate de Ellie, caso fosse necessário?

Vi se aproximou. —Dê uma chance a ela. Ela está perdida – o único homem com o qual ela se importava se foi, e isso foi pouco depois de ela conhecer uma irmã que não sabia que existia. Ela só precisa de tempo.

Ellie não podia ter amado o marquês, ele era um homem desprezível e rancoroso que só se importava com seu próprio conforto, não com o da sua jovem tutelada. Ruby tinha estado lá naquela noite e testemunhou pessoalmente o abuso.

—Ainda assim, isso não significa que ela não o amasse, — Vi disse como se estivesse lendo os pensamentos de Ruby. —O amor é uma coisa estranha. Às vezes temos sentimentos esmagadores por pessoas que não merecem.

—Mas olhe para ela. — Ruby ergueu a mão, apontando para Ellie. —Ela parece feliz. O que aconteceu? Depois de todos esses meses tentando, o que alguém pode ter feito que eu não fui capaz de fazer?

—Acredito que *o que alguém fez* é certo. — Vi fez um gesto para a esquerda de Ellie, seguindo sua linha de visão. Alex estava sentado com alguns dos meninos mais novos, mas ele claramente só tinha olhos para uma certa moça de cabelos da cor do fogo – e não era a de quatro patas. —Eu já tive o meu desejo de natal atendido, será que este milagre é para você?

Alex com certeza era um ótimo rapaz com grande potencial, mas ele poderia domar a sua irmã selvagem? Seu maior medo era que Ellie roubasse a pessoa errada – ou que se encontrasse em uma posição difícil se continuasse a vagar por Londres altas horas da noite. Era impossível que Ruby protegesse a menina o tempo todo, especialmente porque Ellie não queria uma acompanhante, mas saber que Alex ficaria de olho nela a deixava mais tranquila.

—Isso me deixaria mais tranquila, — Ruby confessou em voz alta, sorrindo para a amiga. —Onde está Lorde Haversham e o seu pequeno cavalheiro? — Ela não os viu entrar na sala com Vi, e nenhum grito de prazer veio das crianças, então presumiu que eles não tinham chegado.

—Eles estarão aqui em breve. Brock parece não largar o bebê, exceto quando eu preciso amamentá-lo. — Vi também olhou para a porta. —Ele e Harold recrutaram alguns ajudantes para trazer mais alguns presentes para as crianças. Parece que eu esqueci alguns.

A sala estava cheia de pilhas altas que pareciam estar preenchidas com centenas de presentes, cada um deles com o nome da criança; vermelho para meninas, verde para os meninos, e prata para os adultos.

—Feliz natal para todos! — A voz de Lorde Haversham trovejou pela sala quieta – as crianças congelaram. —Encontrei mais presentes!

Com Neill nos braços, Brock deu um passo ao lado e uma fila de criados entrou na sala, os braços carregados com mais presentes. Muitos, Ruby reconheceu como sendo os presentes enviados por Lady Aloria – os embrulhos tinham laços da cor creme.

Harold direcionou a entrega de cada presente para as várias pilhas espalhadas pela sala, alguns estavam no chão, apoiados nas paredes e outros sobre mesas e cadeiras. —Você foi sábia ao mandar aprontar esta sala.

—Oh, não foi ideia minha, — Vi confessou. —Brock tinha certeza de que nenhum dos outros aposentos serviria porque os tetos não eram altos o bastante para a enorme árvore que ele cortou.

E era verdade, a árvore – um abeto norueguês – quase alcançava o teto, e estava decorada com festões e enfeites que brilhavam sob a luz dos candelabros e das arandelas. No topo, colocada delicadamente sobre uma coroa de pinhos, estava uma estrela feita de papel e colorida por Abby e Daphne.

Com todos os presentes entregues, Harold e Brock se juntaram a elas no sofá enquanto todo mundo abria os mimos, com as barrigas cheias do banquete de natal.

—Um presente para você, carinho, — Harold sussurrou, colocando uma minúscula caixa com um laço dourado em seu colo.

Seu rosto se aqueceu com a surpresa. —Pensei termos concordado em não trocar presentes este ano, — ela disse séria, mas um sorriso brincava no canto de sua boca. —Você não deveria ter feito isso. — Eles viviam da generosidade de Vi e Lorde Haversham – cada centavo ganhado com o negócio de navegação de Harold e William deveria ser poupado. Eles não podiam morar na casa de Haversham para sempre.

Mas o sorriso largo dele era contagioso. A excitação por ganhar um presente inesperado nunca enjoava.

Vi a cutucou. —Abra logo.

—Você sabia disso? — Ruby perguntou. —Você é a minha melhor amiga ou está debandando para o lado desses dois mequetrefes?

—Eu? — Brock ergueu a sobrancelha horrorizado. —Eu não sei nada sobre os planos desses dois. — Mas a piscadinha que ele deu para Harold provou que aquilo não era verdade.

—Prometo que vai ser uma surpresa maravilhosa.

Ela olhou desconfiada para cada um deles antes de puxar o laço do embrulho. —Você com certeza não embrulhou isso, marido.

—Você acha que meus dedos são incapazes de fazer um laço tão bonito quanto os seus? — ele perguntou arfando e colocando a mão sobre o peito. — Assim você fere o meu sensível coração.

—Oh, parem vocês dois. — Vi suspirou exasperada. —As crianças provavelmente começarão um motim se prendermos os presentes por mais tempo.

—É capaz de eles fazerem todos vocês andarem na prancha, isso sim! — A Sra. Dutton disse.

Ruby olhou para a caixa minúscula, pequena demais para abrigar muitas coisas, mas pesada demais para que fosse um broche ou qualquer outra bijuteria. E então ela abriu a tampa.

Sobre um tecido da cor do cabelo ambarino de Ellie estava uma única chave de bronze.

Ela olhou curiosa para o marido. —O que é isso? — ela perguntou ofegante. Ela tinha um palpite, mas precisava que ele dissesse – pois temia ter esperança apenas para ser desapontada logo depois. —Harold?

—É a chave da sua casa nova – nossa casa nova, — ele corrigiu. — Agora, ela ainda não está pronta—

—Nossa própria casa? — ela perguntou em descrença. —Como... quer dizer onde... oh, Harold!

Ruby correu para os braços dele, ele a segurou e ambos caíram no chão.

—Não me agradeça ainda, amor, — ele disse com o rosto afundado no cabelo dela, os lábios trilhando suaves beijos pelo seu pescoço. —É uma casa velha... precisando de muitos reparos, um telhado novo é o menor deles, mas sei que posso chamar Brock para ajudar.

—Não importa, — ela chorou no ombro dele. —Ela será nossa!

—Os milagres não acabarão? — Vi disse.

—Espero que não, de verdade. — Brock beijou a esposa nos lábios e então a pequena bochecha rosada de Neill. —Crianças, por que, em nome de Deus, esses presentes ainda estão embrulhados?

E com isso, laços e papeis voaram enquanto Ruby estava nos braços de Harold, seu futuro abrigava uma casa, um lugar seguro para a sua irmã rebelde, e o conhecimento de que a sua melhor amiga finalmente estava satisfeita e feliz.

NOTAS DA AUTORA

Obrigada por ler Ainda Mais Natal, Série Uma Dama Abandonada (Livro Quatro).

Se você gostou de Nunca Mais Rejeitada, não deixe de escrever uma breve avaliação no seu site favorito.
Eu adoraria ouvir sobre você!
Você pode me contatar em:
Christina@ChristinaMcKnight.com
Ou escreva para:
P O Box 1017
Patterson, CA 95363
www.ChristinaMcKnight.com
Verifique o meu site para brindes, avaliações de livros e informações sobre futuros projetos ou entre em contato por meio das redes sociais:
Twitter: @CMcKnightWriter
Facebook: www.facebook.com/christinamcknightwriter
Assine a minha newsletter aqui:
http://hyperurl.co/CMNL
Vire a página para saber mais sobre a série Uma Dama Abandonada!

SÉRIE UMA DAMA ABANDONADA

Esta série é o romance de época em seu melhor. Volte no tempo com as damas e os cavalheiros da série “Uma Dama Abandonada” e apaixone-se pelo gênero.



Nunca Mais Rejeitada
Nunca Mais Esquecida
Eternamente Desprezada
Ainda Mais Natal
Nunca Mais Escondida

DISPONÍVEIS EM E-BOOK

Nunca Mais Escondida

Uma Dama Abandonada (Livro Cinco)

Incluindo o conto, AINDA MAIS AMADA

Christina McKnight

La Loma Elite Publishing

Todos os direitos reservados.
ISBN: 0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN-13: 978-0-9882617-2-3 (Impresso)
ISBN: 0-9882617-3-1 (Livro eletrônico)
ISBN-13: 978-0-9882617-3-0 (Livro eletrônico)

La Loma Elite Publishing



Todos os direito reservados. Nenhuma página dessa publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio, incluindo fotocópias, gravações ou quaisquer outros meios eletrônicos ou mecânicos, sem a autorização prévia do autor, exceto no caso de breves citações presentes nas avaliações e outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. Para permissões, envie um e-mail com o assunto “Atenção: Permissões” para o endereço abaixo.

christina@christinamcknight.com

Dedicatória

Para os meus Leitores~

Nunca Mais Escondida marca um maravilhoso ponto nos meus três anos de carreira como escritora.

Estou devastada por ter que deixar esses personagens, mas eu sei que vocês manterão essas histórias vivas.

Para o alto e avante!

AGRADECIMENTOS

Há tantas pessoas que eu gostaria de agradecer por terem ficado comigo durante a viagem emocional que foi escrever este livro.

Para Marc, meu namorado incrível, que está sempre ao meu lado durante o caos que é o meu processo criativo. Obrigada... seu amor e dedicação nunca param de me surpreender. Eu espero um dia ser tão altruísta e compassiva quanto você.

Para Lauren Stewart, minha crítica e melhor amiga, você me obrigou a explorar novos caminhos em meus pensamentos que eu nunca sonhei ser possível. Se nós estivéssemos em um relacionamento de verdade, seria um baseado na codependência, mas de um jeito bom. Minha escrita não seria o que é sem os seus comentários, críticas, sugestões e orientação.

Também gostaria de agradecer às mulheres maravilhosas que me apoiaram tanto na minha carreira como escritora quando na vida, incluindo (mas não limitado a): Debbie Haston, Angie Stanton, Sharla Metheny-Ybanez, Roxanne Stellmacher, Laura Cummings, Annalisa Nicole, Dawn Borbon, Suzi Parker, Jennifer Vella, Brandi Johnson e Latisha Kahn. Eu sei que estou esquecendo algumas pessoas... Todas vocês foram muito pacientes e apoiaram maravilhosamente o meu jeito excêntrico.

Um obrigada muito especial à minha editora, Chelle Olson da Literally Addicted to Detail, sua habilidade e profissionalismo ultrapassou qualquer espectativa. Chelle Olson pode ser contatada pelo e-mail: literallyaddictedtodetail@yahoo.com.

Capa e invólucro por Teresa Spreckelmeyer da Midnight Muse Designs.

Finalmente, obrigada a você por apoiar autores independentes.

PRÓLOGO



Londres, Inglaterra

Março de 1816

ANDREW PENTON, O Marquês de Drake, ergueu as pálpebras, pesadas pelos muitos anos de turbulência que precisou suportar, para olhar dentro dos olhos verdes de uma de suas filhas, a mais nova. Os olhos de Ellington – tão parecidos com os seus – eram o único traço dele que a menina tinha herdado. O resto ela tinha herdado da mãe que nunca conhecera... uma mulher que mesmo Andrew mal tinha conhecido. Nem era uma pessoa para quem tinha demonstrado qualquer misericórdia quando ela mais precisava.

Ele estava resignado à uma eternidade no inferno por causa da sua indiferença.

Como se arrependia de muitas decisões que tinha tomado, as pessoas que ferira, e por não ter honrado a memória de Lorelei como devia. Ela nunca saberia o quanto a amava porque ele desperdiçou anos punindo a si e aos outros à sua volta. E percebeu tarde demais que não era aquilo que ela iria querer para ele. Não, se tivesse a oportunidade, Andrew teria feito tudo diferente: teria amado as filhas com as quais fora abençoado, não desperdiçaria anos procurando e ansiando por uma criança que pertencia apenas a Lorelei, seu amor há muito perdido.

O bebê de Lorelei não tinha nenhum laço sanguíneo com ele ou com o marquesado, um menino que não sabia nada sobre a devastação que a mãe trouxera para a vida do marquês... nem a tremenda destruição e agonia que ela tinha deixado em seu caminho.

Mas sua Lorelei tinha partido... tinha ido pelo que parecia uma eternidade. Sim, estava ansioso para se reunir a ela... isso se houvesse algo esperando por qualquer um deles na morte.

Certamente, não havia um lugar reservado para ele ao lado de Lorelei – o paraíso era algo bom demais para um homem tão cruel quanto ele.

Por agora, tinha sido deixado com sua filha mais nova; o tormento saía dela em ondas. A emoção a embargou e ela estava quebrada. E era culpa dele.

Tão jovem, apenas dezessete verões, ainda assim ele a tinha forçado a viver sob as emoções de alguém que fosse três vezes mais velho... tudo porque... Andrew não tinha desculpa por tê-la feito passar por tudo aquilo, ao menos não uma que fizesse sentido no momento.

Não havia tempo de dizer à filha tudo o que ela precisava ouvir, quem dirá mandar chamar a mais velha.

E ele estava desperdiçando o tempo precioso que ainda *tinha*. As palavras que precisavam ser ditas estavam presas em sua garganta, circulando por sua cabeça, e ainda assim não saíam de seus lábios.

Tantos anos procurando por Peter.

Tantos anos negando a existência de Ruby.

E todo o tempo, tinha ignorando a criança que estava em frente a ele.

Ellington.

Falava – e até mesmo pensava – tão pouco no nome que ele soava estranho aos seus próprios ouvidos. O rosto em formato de coração, o cabelo vermelho, as sardas no nariz estavam tão distantes da sua memória como muitas das coisas às quais não tinha prestado atenção nos últimos anos.

O que ele reconhecia mesmo era o asco que irradiava dela, o olhar odioso e a máscara de desinteresse que ela vestia para esconder tudo.

Porque, quando ele foi capaz de se levantar e olhar no espelho, o caráter dela era a imagem refletida do homem que a tinha concebido.

O Marquês de Drake.

Não importa o quanto ele tivesse negado para a Sra. Bee e para si mesmo anos atrás, seu sangue corria grosso pelas veias de Ellington.

Ela exibia a sua superioridade.

Ela lutava com paixão.

Ela arguia implacavelmente.

Ela tinha cometido todos os erros do pai. E ela também pagaria por eles – com solidão, luto e uma vida não vivida.

O que o assustava mais era a propensão que ela tinha por fazer exatamente o que a agradava. A menina não achava que ele notava suas idas e vindas, mas estava ciente de tudo o que se passava em sua casa, mesmo que não saísse da cama há dias.

Ele sabia que chegaria o dia em que ela entregaria o seu coração, e ela o amaria com todo o seu ser; cada grama de sua existência seria dada para a outra pessoa. Mas ele temia que aquele homem não fosse conhecer o seu amor e a sua lealdade. Andrew não confiava que alguém fosse sarar o coração

quebrado dela... que fosse devolver a alma que ele lhe tinha roubado. Não pensava que alguém *pudesse* fazer isso.

Ela deixaria de viver caso o homem que ela finalmente veio a confiar e amar fosse tirado dela.

Assim como ele... ou, mais exatamente, como o homem que o marquês costumava ser.

Era uma memória tão distante que Andrew não estava certo se tinha mesmo sido aquele homem.

O homem que ele era agora com certeza não seria motivo de orgulho para qualquer um de seus antecessores – um que as futuras gerações iriam varrer de cada uma das paredes dessa casa enorme.

Ele sabia que a sua hora se aproximava, estava sentindo muita dificuldade para respirar. Percebeu que esses eram seus últimos momentos. Ele precisava dizer a Ellington, mostrar que ela era dele. Convencê-la dos erros que ele tinha cometido e admitir o quanto ele sentia por... tudo.

Ele encontrou e trouxe Peter para ela.

De início, não estava muito convencido sobre a identidade da criança, mas uma única olhada para o menino e Andrew tinha reconhecido sua verdadeira ascendência – sua Lorelei... e Lorde Chastain, o homem que Andrew tinha considerado seu amigo por mais anos do que poderia contar.

Mas ele tinha lutado contra isso por tanto tempo que não houve tempo para dizer ao menino sobre sua mãe e o grande amor que Andrew tinha compartilhado com ela, tão fugaz quanto sua relação física tinha sido.

Foi só agora, enquanto ouvia a própria morte chacoalhando o seu peito, que percebeu que as deformidades do menino não importavam mais, que as habilidades físicas de um homem não eram mais significantes que a força de vontade e a força moral que ele possuía.

Era o coração o que mais importava.

Andrew tinha passado horas... dias, observando o jovem em seu dever. Por sua pouca idade, apenas seis meses mais velho que Ellington, o menino era bom com cavalos e se importava muito com os seus companheiros. Os outros cavalariços respeitavam tanto ele quanto suas habilidades com os animais.

—Minha filha— Suas palavras mal eram inteligíveis enquanto sentia a lucidez lhe escapar. Precisava ficar quieto e levar os segredos para o túmulo sem sobrecarregar mais ninguém. Seria a coisa mais bondosa que faria com a filha, mas sua história já tinha provado que ele era tudo, menos bondoso.

Os dedos de Ellington apertaram onde ele segurava a sua mão, mais quentes que o sol de meio-dia sobre a sua pele gelada.

—Não— Ela o interrompeu. —Agora não, não depois de todo esse tempo.

—Eu preciso. — Ele lutou contra o peso em seu peito. —Há muito a dizer.

—É tarde demais.

De repente, Andrew estava em uma época diferente, em outro lugar... segurando o corpo morto da única mulher que ele podia dizer com certeza que tinha amado. —Eu sei o que é tarde demais, e ainda não atingimos este ponto.

—O que você poderia dizer para mim agora que você foi incapaz de dizer no passado? — Ellington sussurrou. O aperto dela em sua mão vacilou antes de apertá-la mais uma vez. —Você deixou muito claro sobre o que sente por mim.

—Não é culpa sua.

Ela se afastou chocada. —Você acha que alguma vez eu acreditei que o seu tratamento – seu ressentimento – fosse culpa *minha*? — Ela tropeçava sobre as palavras. —Você é um homem triste e patético.

—Eu não quis dizer—

—O significado por trás de suas palavras nunca foi nada além de claro. — Ellington se aproximou dele mais uma vez, os olhos se estreitando enquanto ela falava, —Você deixou muito claro que eu sou apenas a filha de uma vagabunda, que não valia nem o seu tempo nem o seu nome.

Suas palavras jogadas de volta na sua cara doíam cem vezes mais que qualquer picada de abelha.

—Eu sou uma bastarda, que foi deixada na sua porta por uma mulher que assegurou a própria morte ao abrir as pernas para qualquer homem com xelins o bastante.

Andrew não iria, não podia, negar que tinha dito aquelas exatas palavras muitas vezes. Seu principal objetivo era mantê-la à distância, suprimir sua própria necessidade de amor e aceitação. Na verdade, ele não merecia o amor dela ou qualquer perdão que poderia conseguir hoje. Se ele não tivesse ficado doente, era provável que ele continuasse a tratá-la com crueldade. Mantendo-a por perto por causa de seu egoísmo e proibindo-a de encontrar seu próprio caminho no mundo. Andrew tinha prometido a Ellington nenhum futuro exceto uma existência desprezível embaixo deste teto.

Várias vezes, ele a pegou se esgueirando da casa indo para sabe Deus onde altas horas da noite. Ele a acusava de visitar aquelas mulheres da mesma estirpe da mãe dela, mulheres da noite na Craven House.

E Ellington nunca tinha negado.

Temia que Ellington fosse deixá-lo. Abandoná-lo em detrimento daquele grupo de piranhas. Foram elas quem mandaram a mãe da menina para seduzir Drake em seu tempo de fraqueza depois de seu verdadeiro amor ter se casado com outro.

Mas Ellington sempre voltava para ele.

Andrew há muito imaginava por que a filha voltaria para um homem que não lhe dava nada e para uma casa que nunca seria dela.

Talvez, apenas talvez, a única coisa que a filha possuía era a única coisa que faltava em Andrew.

A força para perseverar e a habilidade de tirar o melhor de qualquer situação.

Andrew desistira há muito tempo.

Mas agora, ele tinha uma última chance de fazer o que era certa por ela.

—Ellie, — ele disse, voltando a olhar para ela. Ele tinha adormecido sem perceber, e lutava para se manter no aqui e agora e não ponderar sobre o que esperava por ele, ou se debruçar sobre o que já havia passado há muito tempo. —Alex, você tem que confiar nele.

—O cavalariço? — A confusão invadiu o seu rosto. —O que ele tem a ver com... qualquer coisa?

—Ele cuidará de você.

—Certamente, você só pode estar brincando! — A indignação dela com as suas palavras era exatamente o que ele esperava. —Você me prometeu para um cavalariço, pai? Este será o meu destino?

Ela o chamara de pai, algo que ela só tinha feito uma vez – e pelo qual tinha sido punida severamente, mas agora, as palavras foram música para os seus ouvidos. Uma parte dele foi preenchida depois de tantos anos.

—Estou destinada a viver em um inferninho com apenas um cômodo com nada além do escasso salário dele para nos sustentar enquanto lutamos para pôr comida nas nossas barrigas e nas dos bebês que não pararão de nascer?

Ela dizia isso como se fosse algo muito pior que a morte, embora Andrew soubesse que a morte – ou a morte do ser amado – fosse muito pior. —Se fosse o caso, teria sido tão horrível?

Ellington olhou o quarto escuro, os olhos captando todo o esplendor sob o qual Andrew sempre tinha vivido. O lustre de cristal pendia do teto, vasos adornavam cada mesa e as melhores pinturas a óleo que o dinheiro e a influência podiam comprar estavam penduradas em cada parede.

—Você nunca quis que eu tivesse nada disso, não é? — Ellington ficou de pé, a cadeira em que ela estivera sentada caiu para trás e atingiu a pintura de uma paisagem que estava encostada contra a parede, fazendo um talho na moldura de madeira.

—Não, eu nunca quis. — Ele não mentiria para ela, não em seus últimos momentos. —Mas isso não quer dizer que eu não fiz planos para o seu futuro.

—Um cavalariço... foi esse o futuro que planejou? — A acusação na voz dela cortou fundo. —Você me manteria escondida por toda a eternidade.

—Isso não é verdade, eu só peço que você confie em Alex. — Tudo estava soando tão diferente do que ele queria dizer a ela. Do que ele *planejara* dizer. —Ellington, minha filha, você é a única que é forte o bastante para ajudá-lo a descobrir quem ele realmente é – e isso determinará não apenas o futuro dele, mas o seu também.

Andrew esperava não ter cometido seu mais terrível erro ao manter o passado de Alex escondido. Temia que o menino nunca descobrisse que ele era muito mais que um órfão criado entre uma horda de almas desafortunadas.

Mas com Ellington ao lado de Alex, ele tinha mais chances do que nunca antes.

CAPÍTULO UM



Londres, Inglaterra
Março de 1817

LADY ELLINGTON ESPIAVA os cavalariços correndo para lá e para cá através das ripas do sótão dos estábulos. Eles limpavam as baias, poliam os equipamentos e escovavam o suor de um par de baios depois do exercício diário.

A atividade era relativamente extensa para uma residência em luto, e por isso, uma casa com pouca necessidade por cavalos ou carruagens. Desde a morte do marquês, o estábulo se tornou basicamente inútil, exceto quando as raras visitas que Ellington fazia à irmã mais velha, Ruby, demoravam até o anoitecer e ela precisava de uma carruagem para levá-la para casa.

Escrutinando o grupo, Ellie encontrou o homem que procurava. Até um ano atrás, ela não o considerava mais que um menino... e uma menino aleijado ainda por cima. Mas desde que o marquês o tinha mencionado em seu leito de morte, seu interesse nele tinha sido renovado.

Sua curiosidade só aumentou depois da sua breve estadia na reunião de natal de Lady Haversham.

Ember, sua gatinha malhada de laranja, empurrou a mão de Ellie exigindo atenção, dando um rápido tapinha na cabeça da gata, Ellie voltou a observar o movimento lá embaixo.

Alex, com dois ganchos na mão, espetava um fardo de feno e o tirava do campo de visão de Ellie, o feno a escondia de vista. Ninguém nunca saberia que ele tinha uma mão – e parte do braço – que era minimamente menor que o outro lado, nem que ele andava com um leve coxeio. De fato, tudo o que ela notava naquele momento era o seu peito nu e os músculos que se tencionavam em suas costas enquanto ele levantava outro fardo pesado.

Ela deve ter emitido algum som, porque bem naquela hora, Alex olhou em sua direção.

Ellie se afastou da borda rapidamente, arrastando-se pelo chão empoeirado enquanto as tábuas abaixo dela rangiam, seu vestido ficou preso

em uma ripa enquanto Ember caminhava pela borda do estrado e miava com vigor, expondo sua presença para os homens lá embaixo.

Alex cumprimentou a gata com um grito. O rabo de Ember foi para lá e para cá enquanto ela corria para a escada e descia até o estábulo.

—Traidora, — Ellie murmurou, enfiando-se ainda mais nas sombras.

Isso era quase um ritual para ela: deitar-se no sótão, observar o ouvir os homens fazendo piadas sobre mulheres, trabalho e cartas, dentre outros assuntos menos excitantes – embora Alex nunca dissesse muito. Ele ficava em silêncio quando os homens reclamavam das esposas ou das dores nos ossos depois de um longo dia de trabalho.

No tempo que Ellie estivera observando Alex, tinha aprendido absolutamente nada sobre ele além de sua afeição por sua babá, a Sra. Dutton. Ele normalmente passava a única tarde de folga que tinha a cada semana lendo ou recitando livros, mesmo que não houvesse ninguém para ouvi-lo. Uma vez ou outra, ele seguia caminho até a casa de Lorde Haversham. Ellie não fazia ideia do que ele fazia lá dentro porque não queria ter o trabalho de ter de explicar para a irmã ou para Lady Haversham o que ela estava fazendo lá – elas nunca acreditariam que ela estava fazendo uma visita sem ter sido convocada.

Não, até que ela soubesse exatamente o que o pai quis dizer com suas últimas palavras – que ela deveria confiar em Alex – ela não deixaria a irmã e sua amiga do peito, Lady Haversham, a par de nada. Já era o bastante que elas se enfiassem na sua casa dia sim dia não para ‘se certificarem de que ela estava bem’ depois de ela ter sido menos que cordial na reunião festiva de Lady Haversham. Elas não entendiam a necessidade que Ellie tinha de manter distância depois de sua volta.

Ellie correu mais uma vez até o estrado e espiou. Alex estava sentado em um banco de madeira, a camisa tinha voltado a cobrir o seu corpo – aquilo era uma pena – e bebia algo de uma enorme caneca. O recipiente só podia conter água da casa, já que Ellie sabia que Alex não compartilhava bebidas alcóolicas assim como os outros homens. A personalidade dele era tão diferente da de qualquer homem que já conhecera. Não fazia sentido, mas esse fato a atraía ainda mais para ele.

Finalmente, um sino soou e os homens deixaram de lado o que quer que eles estivessem fazendo e saíram do estábulo para o almoço. Isso deu a Ellie a oportunidade de descer as escadas correndo, passar pela porta lateral usada para as encomendas da cozinha e ir em direção à casa principal.

—Senhorita? — Ellie parou, olhando em direção a um homem, possivelmente dez anos mais velho que ela. —Estou procurando por uma jovem – mais ou menos da sua idade. — Ele protegeu os olhos enquanto falava, andando lentamente em direção a ela.

—Ah, bem, — Ellie olhou em volta, notando que estava alarmantemente sozinha no meio do quintal entre o estábulo e a entrada dos fundos da mansão. —Eu sou a senhora daqui. Talvez eu possa ajudá-lo a encontrar quem quer que você esteja procurando. — Nunca tinha visto aquele homem antes, mas ele parecia estar bem vestido e agia como um cavalheiro.

—Serei grato por qualquer ajuda. — Ele olhou pelo jardim como se notando pela primeira vez o quanto aquela situação era imprópria. —Minha esposa está sumida há muitos meses e ouvi dizer que talvez ela esteja aqui.

Os sinos soaram na cabeça de Ellie – uma esposa desaparecida... há alguns meses... na casa dela.

—Oh. — Ela deu um passo hesitante para trás, indo em direção à porta da cozinha. —Estou certa de que não há ninguém na criadagem que não trabalhe aqui há muitos anos.

—Você tem certeza? — ele prosseguiu. —Ela pode estar trabalhando como criada, ou talvez na cozinha?

Mais alguns passos e ela chegaria à porta dos fundos, ou ao menos no campo de audição dos criados. —Não, acredito que você errou de casa. Espero que não tenha vindo de longe.

Sem ela notar, ele tinha acompanhado seu ritmo através do quintal, sendo que os passos dele eram duas vezes maiores que os dela. Eles estavam a trinta centímetros de distância, e se ele tentasse, poderia erguer a mão e agarrá-la.

—Você sequer ouviu o nome dela. — Ele sorriu, provavelmente pensando que isso fosse confortá-la – que ganharia a sua confiança – mas isso só enviou um arrepio por sua espinha. —Daphne.

—O quê? — ela perguntou.

—Eu sou Sir Gregory, minha lady. O nome dela, — ele prosseguiu. —É Daphne.

Ela chegou à soleira da porta, sentiu a maçaneta cravar nas costas. — Acho que você deveria ir embora. — A voz dela estava muito esganiçada, o horror em seu rosto devia ser aparente. —Não há ninguém aqui com esse nome.

—Em toda esta enorme casa? Você conhece todo mundo que trabalha na sua casa?

—Conheço, — Ellie mentiu. Entretanto, ela realmente sabia a qual Daphne ele se referia – e ele teria que passar por cima do seu cadáver para chegar à garota.

—Talvez você devesse perguntar para alguém na casa, — ele prosseguiu. Ele tinha parado há quase um metro dela, e a distância ao menos lhe deu uma sensação de segurança. —Eu posso entrar e poderemos perguntar – talvez a sua governanta a conheça.

—Eu disse para você ir embora. Agora. — Ellie se ergueu desde a sua posição encostada à porta. Certamente, alguém lá dentro podia vê-la – e o mais importante, notar que ela estava precisando de ajuda.

—Não irei a lugar algum até eu recuperar Daphne, — ele escarneceu. — Ela é propriedade minha. Eu sou marido dela.

—Você não a terá. — Suas palavras ditas atabalhoadamente foram uma confirmação, não poderia mais negar que ela conhecia Daphne.

—Minha lady? — Ellie olhou para cima, o terror estava quase saltando dos seus poros junto com o suor. —Posso ajudá-la em alguma coisa?

Alex estava ao lado dela em um instante, uma barreira entre ela e o homem.

—Há algo errado? — O cavalariço falou com ela, mas olhava para o intruso.

—Sua patroa estava prestes a entrar e pegar—

—Estou muito certa de que não estava prestes a fazer nada disso. — Ela deu um passo para frente. Sentindo-se confiante. —Este homem estava de saída.

Alex olhou o homem de cima a baixo, relaxando a postura ameaçadora quando percebeu que ele tinha vantagem, obviamente pressentindo que aquele dândi não seria páreo para ele caso a disputa se tornasse física. — Então vocês estão com sorte. Estou indo até a entrada. Posso me assegurar de que você encontre o caminho até lá.

—Obrigada, — Ellie sussurrou perto do ouvido dele. —Eu lhe agradeço.

—O prazer é meu, minha lady. Você pode voltar para casa. — Normalmente, ela teria ficado ofendida por estar recebendo ordens, mas tudo o que podia pensar era em ir direto para o seu quarto e se certificar de que Daphne estava a salvo. —Venha, senhor.

O homem se afastou quando Alex tentou agarrar o braço dele.

—Suponho que eu possa estar enganado sobre o paradeiro dela. — Ele fez uma breve mesura para Ellie, como se debochasse dela. —Perdoe a minha

intrusão.

Ellie não parou tempo o bastante para observar os homens indo em direção à entrada – Alex acompanhava o ritmo do homem, mas ia um pouco mais atrás para se certificar de que ele não tentasse voltar.

Ela fez pouco barulho enquanto atravessava a cozinha correndo e voou pelas escadas usadas pela criadagem. Os criados baixaram a cabeça enquanto ela passava, nenhum emitiu um único cumprimento.

Ela entrou no quarto e tentou ouvir Daphne. Felizmente, ouviu a menina mexendo em algo no seu armário. Ellie despiu o tecido preto e empoeirado que estava vestindo. O esmagador casulo de tristeza finalmente tinha desaparecendo com o pesado vestido de luto que usara pelos últimos momentos de tristeza que atribuíra ao falecido Marquês de Drake.

Ela quase esquecera que dia era hoje quando acordou de manhã.

Fazia um ano desde a morte do seu *pai*.

Um ano desde que contara para a irmã sobre o seu parentesco, um ano desde que Harold Jakeston, agora marido da irmã, tinha ajudado a enterrar aquele homem odioso, e um longo ano que vivia com medo de alguém vir e tomar a única casa que já tinha conhecido.

Mas ninguém tinha vindo reclamar o título ou a casa. O Marquesado continuava abandonado, já que ninguém tinha aparecido – e Ellington, a tutelada não oficial do Marquês de Drake, não tinha nenhum guardião.

Seu pai, Andrew Penton, tinha ido para sempre – ela nunca mais seria convocada ao quarto dele para ser repreendida por causa do vestido que escolheu usar, não precisaria mais fugir de casa quando ele bebesse demais e achasse ser uma boa ideia quebrar toda a mobília de um certo cômodo.

—Lady Ellington? — Daphne chamou. —Trouxe o vestido que você pediu.

Olhando por sobre o ombro, Ellie sorriu para a menina, feliz por ver que ela estava segura e contente.

Quando a menina correspondeu o seu sorriso, Ellie decidiu que não seria sábio avisar à criada sobre a visita daquele homem; Daphne poderia tomar alguma atitude precipitada e partir da casa Drake, não querendo causar mais nenhum problema à patroa.

Pendurado nos braços da criada estava um vestido de dia feito do mais pálido azul que ela já vira, o corpete do traje se encaixava perfeitamente em Ellington alguns meses atrás. Desde então, vinha sonhando em usá-lo em

uma volta pela cidade, entraria no Gunther's e pediria o maior sorvete que o dinheiro pudesse comprar.

—Você é uma preciosidade, Daphne!

Com um sorriso discreto, a criada foi até o quarto de vestir de Ellie e pendurou o vestido. Ellie a seguiu. Depois do funeral do pai – e quando nenhum parente distante veio reclamar a propriedade e o título – Ellington tinha assumido seu papel como senhora da mansão. Ela rapidamente contratou uma criada pessoal apropriada, assumiu a elaboração do cardápio e se certificou de que as coisas na casa corressem bem. Levou uma quinzena para ela descobrir que a criadagem não tinha continuado com ela por causa de qualquer lealdade ao falecido marquês *ou* a Ellie, mas porque seus salários continuavam sendo pagos. Ellie não fazia ideia de por quem. Se ao menos tivesse alguém em quem confiar para ajudá-la. A irmã apenas insistiria – pela milésima vez, que Ellie deveria viver com ela e Harold na casa Haversham.

—Você ficará deslumbrante, Lady Ellington, — Daphne irrompeu. —Aonde você irá primeiro?

—Eu não faço ideia. — Ellie passou os dedos pelo vestido e sobre o intrincado bordado de pérolas que havia na cintura. —E quantas vezes mais deverei pedir para que me chame de Ellie?

—Isso não é apropriado, Lady Ellington.

Ela admirava a resolução da menina de ser a melhor criada pessoal que poderia ser, mas na maioria dos dias, Ellington só queria uma amiga. Conhecera a menina – poucos meses mais nova que ela – na Craven House, para onde Daphne tinha fugido quando os pais recusaram a tomar medida contra o odioso marido da criada. Daphne tinha sido ferida fisicamente, mas ainda mais internamente, tanto emocional quanto mentalmente, por causa de tudo o que aquele homem a fez passar. Com poucos recursos, Daphne tinha sido obrigada a desaparecer durante a noite.

A experiência da menina só solidificou a opinião de Ellie de que todos os homens eram a mesma coisa – cruéis, ofensivos, e indiferentes. Assim como o pai tinha sido para com ela. Pensou na irmã, Ruby, com seu devoto marido, Harold, mas afastou o pensamento. Aquilo era algo raro, de fato. Ellie não podia acreditar que haveria um bom marido em seu futuro – o que a fez ter ainda mais certeza de que sequer deveria ponderar a possibilidade.

Mas Ellington tinha sentido algo bom pela força da menina, e implorou para Marce permitir que ela fosse viver na casa do marquês – na casa de Ellie, a partir de agora.

Daphne não falou do passado, nem contou quem eram os seus parentes, mas Ellie pressentia pela forma que ela falava que ela tinha sido criada como uma dama, e hoje só comprovou o fato. O homem que veio atrás dela estava vestido como um cavalheiro, mas Ellie sabia que as roupas bem feitas escondiam um coração negro e apodrecido.

Não havia dúvida de que Daphne não precisava saber que o marido tinha vindo atrás dela – e Ellie estava determinada a nunca mais permitir que o homem tivesse controle sobre a menina.

—Posso te ajudar com o vestido? — Daphne perguntou, reassumindo seu papel como a criada pessoal da senhora da casa. —Os novos trajes que encomendou chegaram ontem e foram passados e já estão pendurados, assim como a senhorita pediu.

Ellie mal podia esperar para se livrar dos trajes ásperos e grosseiros que sempre ganhara e que tinha usado até o período de luto acabar – uma castigo, se assim preferir, por ter rezado todos os dias pela morte do marquês.

Mas tinha chegado a hora de se livrar dos trajes de luto.

Infelizmente, Ellie não vestiria o elegante tecido azul hoje. —Não, usarei o vestido de musselina lilás hoje. — Ela observou, meio cabisbaixa, enquanto Daphne olhava o vestido azul uma última vez antes de sair com um robusto vestido violeta com um avental combinando. O vestido também era uma nova aquisição que tinha feito na modista da Bond Street.

Daphne ergueu o vestido e o deslizou pelo corpo de Ellie com as mãos hábeis de uma mulher que vestia damas há décadas, embora na verdade, a criada provavelmente nunca tivesse vestido outra pessoa até poucos meses atrás. Ellie passou os braços pelos buracos apropriados e o tecido se assentou em volta da sua cintura enquanto Daphne começava o processo de abotoá-lo.

—Lady Ellington?

—Sim, — ela respondeu, movendo-se levemente para olhar por sobre o ombro enquanto as mãos da criada congelavam.

—Isso no seu cabelo é feno?

—Oh, que disparate! — Ellie afastou os dedos da criada e passou os próprios pelos longos cachos vermelhos, tirando não apenas uma, nem dois, mas quatro longos fios de feno.

—Você estava espiando o menino dos estábulos de novo?

Como se pegando a deixa, Ember passou pela porta e miou para chamar atenção para a sua presença.

O tom conspiratório na voz da criada deixou Ellie na defensiva. —Eu com certeza não estava espiando o *homem* dos estábulos, — Ellie disse, colocando ênfase na palavra homem. —Eu só passei pelos estábulos quando voltei da Craven House.

Ela não ia à Craven House fazia quase quinze dias, mas esperava que Daphne não estivesse acompanhando de perto as suas idas e vindas.

—Você vai sair hoje de novo, Lady Ellington?

Ellie olhou severamente para a menina. —Isso não é da sua conta, e eu deixarei que você saiba... — Daphne segurava dois pares de sapatos, um feito de um tecido macio que não era apropriado para atividades ao ar livre e o outro tinha um resistente solado de madeira. —Peço desculpas, Daphne.

—Pelo quê? — a criada perguntou. —Hoje é um dia difícil para você, está fazendo um ano desde a morte do seu pai. Irei perdoar o seu mau humor, mas apenas hoje. — A menina sorriu para a sua própria esperteza.

Ellie queria abraçar a garota por lhe dar a perfeita desculpa para o seu rompante nada elegante.

Para a sorte das duas, Ellie não via nenhuma graça em abraçar outras pessoas – nunca.

Em vez disso, ela se virou e Daphne continuou a abotoar o seu vestido em silêncio. Quando ela terminou, Ellie agradeceu, pediu que ela arrumasse os seus aposentos e que então fosse almoçar, e saiu do quarto. Descendo a escadaria principal, Ellie foi até o salão matinal, preparada para receber qualquer visitante que talvez aparecesse para apresentar as condolências pela morte do Marquês de Drake.

Os criados acharam que deveriam preparar a sala para o dia de hoje. Um prato de doces e queijo estava no aparador perto de várias xícaras de chá.

As xícaras arrecadariam uma bela quantia de dinheiro se as vendesse na feira. Deveria lembrar de apanhar um par antes da sua próxima incursão ao Cheapside. Tropeçara em uma loja minúscula antes de o marquês morrer. O proprietário estava disposto a dar a ela uma quantia generosa para qualquer coisa que pudesse levar. Isso lhe deu a mesada que o pai negou – e agora, ela tinha ido em direção a objetos maiores e mais valiosos. Se fosse expulsa da casa, não iria sem um tostão.

Ellie não estava com fome, nem gostava da ideia de passar o resto do dia discutindo o inesperado falecimento daquele homem horrível. Passou pelas respostas que daria às palavras bondosas das pessoas, *‘Oh, não se preocupe. Não senti falta daquele homem desprezível um dia sequer’* ou *‘Certamente,*

você é a única pessoa que lamenta a morte dele. Esperava que ele desse seu último suspiro muito antes, foi realmente uma pena.'

A tarde passou, a única companhia que Ellie teve foi a do monólogo dentro de sua mente. Nenhum único visitante tinha aparecido para mostrar seus respeitos pelo aniversário da morte do marquês.

Nem mesmo a irmã e seu devoto marido, Harold, tinham aparecido.

Essa foi a única parte surpreendente de todo o dia.

Ellie olhou para o seu belo vestido, não mais uma variedade de preto ou cinza.

Uma leve batida soou na porta.

Finalmente, ela pensou, não tinha usado aquele belo vestido à toa.

—Entre, — ela disse, levantando-se para recepcionar o convidado. Grudou um sorriso tímido no rosto, um que dizia, 'obrigada por sua presença neste último dia de luto,' e observou enquanto a porta se abria.

Na frente dela estava não um parceiro de negócios de longa data do marquês, ou a irmã com o marido a reboque, mas Alex, o mesmo homem que tinha observado toda a manhã – não espionado, lembre-se – e com quem sonhava todas as noites. O criado que a tinha escoltado até Foldger's Hall no natal – e que lhe dera Ember. Tentou afastar o tempo que passaram juntos da mente, dizer a si mesma que não importava, pois o que um cavalariço poderia significar para ela? Importava muito pouco o fato de ele tê-la confortado em muitas ocasiões desde a sua chegada na casa Drake há mais de um ano. Ellie não se debruçaria sobre o fato de que eles tinham sido forçados a ficar juntos – primeiro pelo pai e depois por Lady Haversham já que ela insistira que ele a acompanhasse até o campo.

—Lady Ellington. — Ele fez uma leve mesura antes de entrar na sala, Ember estava agarrada em seus calcanhares. —Chegou esta carta para você.

—Ela foi entregue nos estábulos? — Ela parou, reunindo sua inteligência dispersa. —Quer dizer... — Suas palavras esvaneceram porque não tinha ideia do que quis dizer com aquilo.

—Não, eu estava voltando da casa Haversham – eu tive a minha refeição lá hoje, com Lady Haversham e o pequeno Neill. — Ele prontamente entregou as suas desculpas, mas Ellie não estava preocupada de com quem ele comia. Ou, ao menos, este deveria ser o caso. —Quando estava passando pela entrada, essa carta chegou por um mensageiro contratado.

—Obrigada. — Ellie pegou a tal carta e virou o envelope. —Tem certeza de que é para mim?

—Para quem mais seria? — ele perguntou.

—Verdade. — Ellie tinha passado semanas assegurando-se como a nova senhora da casa, para o desgosto de muitos criados. Embora seu esforço não tivesse sido para o benefício deles, mas para qualquer um que fosse eventualmente reclamar a casa e o título de Marquês de Drake. Pelo que sabia, alguém tinha que aparecer.

—Você já pode ir, — ela disse, dispensando-o secamente. As horas que passava observando-o, familiarizando-se com suas ações e movimentos, provavelmente estavam estampados na sua cara. Quando ele só olhou para ela, ela perguntou, —Mais alguma coisa?

Alex se ergueu na soleira da porta com as mãos atrás das costas, os ombros enquadrados e tudo o que ela pôde ver foi ele balançando um fardo de feno como se aquilo fosse leve como uma pena. —Sim, sua irmã solicita a sua presença.

—Solicita a minha presença? Ela te chamou até a casa de Lorde Haversham apenas para você me trazer um recado? — Ellie alfinetou, de repente as lembranças de ela requerer a sua presença na reunião de natal surgiu em sua mente. —Você está ciente de que trabalha para a casa Drake, não para a minha irmã nem para Lorde Haversham? Se Ruby deseja a minha presença, ela pode muito bem vir aqui.

Ellie soou como uma criança petulante, a exata característica que trabalhou tão duro para mudar desde o natal. Era uma adulta, e como uma adulta precisava garantir o respeito de seus criados, não agir como uma menina mimada que fazia pirraça para conseguir o que queria.

Alex fez uma mesura. —Devo voltar ao trabalho, Lady Ellington. Desejo-lhe um bom dia.

—Para você também, — ela murmurou.

—E, por favor, tenha cuidado ao subir e descer aquela escada frágil, — ele advertiu antes de dar meia volta – como o cavalheiro mais bem-treinado da *ton* – e fechou a porta silenciosamente. Os passos dele ecoaram pelo corredor indo em direção à cozinha, seu coxeio não podia ser percebido.

A atitude indiferente que ela usava para mascarar seu desconforto quando estava perto dele caiu enquanto o som dos passos esvanecia. Sua loucura ao pensar que poderia esconder dele suas visitas ao estábulo a irritaram muito – e pensar que ele soubera o tempo todo e que deve ter se divertido muito de sua criancice por escalar as vigas.

E tudo o que conseguira descobrir foi o quanto era trabalhoso remover todo o feno que estava entrelaçado em seus longos cabelos.

CAPÍTULO DOIS



—BOM DIA, — ALEX disse para Cook e para a criada enquanto passava por uma panela que cozinhava vegetais frescos colhidos na horta da casa. Depois de ter passado a manhã trabalhando nos estábulos, o jantar cheirava como o paraíso.

—Bom dia, rapaz, — Cook respondeu.

—Belo dia, — uma criada de copa entrou na conversa.

—*Vô prepará* alguma coisa *procê*, — outra gritou.

Todos os olhos no cômodo acompanharam o seu progresso até a porta dos fundos, e ele respirou aliviado assim que inspirou o ar puro do terreno do estábulo. Os constantes olhares da criadagem deixavam Alex desconfortável.

As risadas flutuaram pela janela da cozinha enquanto ele passava.

—Eu ficaria mais que feliz de *tê* ele pra *janta*, — uma das criadas sussurrou, alto o bastante para todos ouvirem.

Rindo, Cook disse, —Só se eu já tiver terminado com ele.

Alex manteve o passo enquanto voltava para o estábulo. Há muito tempo já se acostumara com as fofocas e o flerte do pessoal da casa. Quem quer que pensasse que os homens eram grosseiros ao falarem do sexo mais frágil nunca tinha tropeçado em um grupo de criadas fofoqueiras.

As risadas enfraqueceram, assim como os seus pensamentos sobre o sexo mais belo – exceto por Ellie, é claro.

A mulher o deixava perplexo.

Durante o último ano, ela fez altos malabarismos para evitá-lo, ainda assim se escondia nos estrados do estábulo para observá-lo. Até mesmo quando passaram as festas com Lorde e Lady Haversham ela tinha feito tudo o que estava em seu alcance para fugir dele, ficando no quarto a maior parte do dia – não importa o que Ruby e Lady Haversham fizessem para arrancá-la de lá.

De início, ele pensou que ela ficasse de olho em todos os homens que trabalhavam na parte principal dos estábulos quando ela se esgueirava para o sótão, mas com o tempo, ele percebeu que os olhos dela só seguiam a ele.

Várias vezes, ele ficava a pouca distância de lá e esperava para que ela descesse em segurança de seu poleiro, com a gata a reboque. Na semana passada, o encarregado dos estábulos o flagrou consertando a velha escada que Ellie subia todos os dias. A bronca que levou por ter se encarregado de consertar e reforçar os degraus valeu a pena, pois agora ele não precisaria se preocupar de que Ellie fosse cair caso ele não estivesse por perto.

Felizmente, os outros homens não tinham notado a presença dela lá em cima.

—Onde você *tava*, menino? — o encarregado gritou. —Sua hora de almoço já passou tem muito tempo.

O homem, embora nunca tenha sido abertamente hostil, ainda precisava aceitá-lo. —Um entregador me parou na frente da casa e pediu para que eu entregasse uma carta para Lady Ellington.

—Ah, bem, volte ao trabalho, — o encarregado disse antes de voltar para as próprias tarefas. —Já *tá* quase escurecendo.

Logo que chegou aos estábulos de Drake, Alex soube que o próprio marquês tinha escolhido aquela função para ele, algo que ele nunca tinha feito antes. A má vontade do encarregado para com ele era justificada, embora não se fundamentasse em nada. Nunca interferindo nos assuntos da criadagem, o marquês raramente falava com Alex a não ser para agradecê-lo por ter levado o seu cavalo ou para gritar com ele para se certificar de que os arreios estivessem devidamente amarrados para que ele não se machucasse enquanto pegava a montaria.

Pegando os ganchos de feno, Alex continuou sua tarefa matinal de empilhar a entrega semanal. O trabalho era árduo e exigia muita força, mas ele gostava da natureza física dele. Todo dia ele sentia o seu lado mais fraco ganhar força. Agora sua mão raramente tinha espasmos ou enrijecia. Ele andava com firmeza, seu coxeio quase não existia mais, até mesmo ele não o notava. Ainda era necessário que ele completasse seus exercícios noturnos – por horas, ele esticava os longos dedos, curvava-os com força, e então os esticava novamente. A rigidez e a dor da sua juventude ainda o afligiam quando o tempo estava úmido, mas sua mobilidade tinha melhorado desde que Lady Haversham lhe ensinara essas técnicas de alongamento que ela tinha visto em algum tipo de jornal médico em Londres.

Agitando os ganchos mais uma vez, eles se enterraram profundamente no feno seco e fixaram quando Alex se ergueu, girando o corpo e usando a força para erguer o fardo do chão. Ele voou e foi se aninhar em cima de outra pilha.

Os ganchos soltaram quando ele moveu os punhos e então ele seguiu para o próximo.

—O que é isso? — Uma voz esganiçada veio da porta do estábulo. —É uma piada?

Alex percebeu que as palavras foram direcionadas a ele quando a pessoa continuou falando.

Eckles ficaria muito chateado se ele voltasse e visse Alex negligenciando suas tarefas por estar prestando atenção em uma criada.

—O trabalho do dia será completado em algumas horas, — ele disse sem olhar por sobre o ombro. —Posso ajudá-la quando terminar, caso algo precise de minha atenção.

Assumiu que sua resposta tinha sido bem recebida por quem quer que estivesse parado na porta bloqueado o sol da tarde, já que a voz irritante tinha se calado.

Mais dez fardos. Ele enfiou os ganchos no próximo, ergueu-o e o lançou em direção à pilha crescente.

—Eu não serei dispensada assim tão facilmente, cavalariço! — A voz esganiçada tinha abrandado para um tom mais profundo e estável enquanto ela falava entredentes. Uma voz que ele reconhecia. —Eu perguntei se você pretendia que aquela carta fosse uma piada.

Em vez de pegar outro fardo, Alex jogou os ganchos para o lado e olhou para Lady Ellington... e para a indignação que a tomava. Ele imediatamente se arrependeu de seu comportamento casual. Ela era a senhora da casa Drake – e ele era, em essência, uma criado a seu comando.

Temia também por suas observações sobre ela se escondendo nos estábulos. Teria sido bom se ele tivesse mantido aquilo para si. Tinha planejado perguntar a ela na longa viagem até Foldger’s Hall, mas a oportunidade não tinha se apresentado – ou mais possivelmente, Lady Ellington tinha se certificado de que não houvesse chance. No último ano, ele tinha gostado de agir como se não tivesse percebido que ela estava lá em cima, ou que a fuga dela dos estábulos para casa não tivesse chamado a sua atenção. Ao menos, se ela estivesse pendurada lá em cima, não estaria passando tempo na Craven House em meio a mulheres que ele não estava certo de que não eram má influência – ou ainda pior, vagando pelas ruas de Londres desacompanhada.

—Você pode falar ou acha que pode ficar olhando para mim pelo resto do dia? — O tom entrecortado levou Alex de volta para os meses que ele tinha

ouvido o marquês e Ellie atirando insultos um para o outro, incapaz de parar os rompantes violentos entre os dois ou separar suas disposições discordantes, mesmo se tivesse tentado. —Bem?

—Perdoe-me, Lady Ellington, mas você me tem em desvantagem. — Sua melhor opção era agir como se não tivesse ideia do que ela falava, o que ele realmente não tinha. —Posso pedir para que me esclareça?

—Não banque o desentendido comigo, cavalariço. — Ela levou as mãos aos quadris e olhou para ele, mas ele notou o olhar dela baixando para a sua camisa desabotoada.

Será que ela achava que ele se sentia insultado por ela chamá-lo de cavalariço? Ele cresceu ouvindo palavras como bastardo e órfão sendo jogadas na sua cara – ou faladas quando os outros pensavam que ele não estava ouvindo. Agora, era um adulto forjando o seu próprio caminho na vida, ser chamado pelo nome da sua profissão era uma marca de respeito e sucesso de sua parte, não o insulto que os outros pensavam que fosse.

As pessoas podiam não conseguir mudar sua condição de não ter pais ou ser um filho ilegítimo, mas podiam aspirar a ser algo mais que aquelas palavras. Alex não viveria nos estábulos de Drake para sempre, nem continuaria aceitando as roupas de segunda mão e os produtos de higiene pessoal que Lady Haversham e a Sra. Jakeston o obrigavam a aceitar quando ele era convocado para o almoço uma vez por semana. As roupas, mesmo que não fossem do melhor material, eram resistentes e serviam bem para o trabalho nos estábulos.

—A carta. — Ellie tirou a correspondência do bolso do avental, sacudindo-a a poucos centímetros do seu rosto. —Você pode dizer que não sabe nada sobre isso?

—Só me pediram para entregá-la na casa. — Alex sequer tinha olhado para o envelope, mas agora ele via que não havia nome ou endereço marcado lá. Ele estava aliviado por ele não tê-lo procurado por causa da menção que fez às suas atividades secretas. —O que a deixou tão aborrecida? Se você não quer um mero *cavalariço* na sua sala de estar privada, irei me abster de entrar na casa principal.

Ela fez uma pausa, e Alex quase sentiu remorso por jogar as palavras na cara dela, mas ele se recuperou rapidamente e prosseguiu, —Eu não tinha pensado nisso, mas agora que você trouxe o assunto à minha atenção, você deveria ficar no local ao qual pertence.

—Assim como você. O estábulo não é lugar para uma dama como você, *Lady Ellington*. — Alex sequer tentou disfarçar o sarcasmo em sua resposta. —Agora, se pudermos nos apressar, há trabalho a ser feito. O que a traz ao meu humilde estábulo? — ele fez uma mesura em zombaria.

Irritada, ela olhou para a carta que estava em sua mão, como se acabasse de se lembrar do que tinha ido fazer lá. —Isso. — Mais uma vez Ellie segurou a carta a centímetros de distância do seu rosto. —Por que você me trouxe isso?

—Disseram para eu entregar isso ao meu senhor. — Ele falou devagar, pronunciando cada palavra com clareza. Ele não tinha certeza do que o possuíra, ou por que ele ficava tão irritado pela presença dela. —Você é a minha senhora, não é?

Ela franziu a sobrancelha, confusa. —Bem, eu...

—Não fique alarmada por causa das minha palavras, — ele alfinetou. —Todos respondemos à você desde a morte do marquês – e continuamos recebendo nossos salários. A quem você acha que eu deveria ter entregado a carta?

A expressão confusa dela sumiu com as suas palavras bruscas, os olhos dela mais uma vez pegaram fogo. —Ela está endereçada para um tal de Peter Davis, Duque de Chastain e o sétimo Marquês de Drake.

Ela esperou com os braços cruzados.

—Você espera que o nome signifique algo para mim?

—Não significa? — ela perguntou.

Ele vasculhou a memória, mas não conseguia lembrar se o nome tinha sido falado em sua presença. —É claro que não.

—Menino, — o encarregado gritou desde a soleira. —Você é a pessoa mais torpe que eu já vi!

—Preciso voltar ao trabalho, minha lady, — Alex disse baixinho. —Vá, antes que Eckles nos encontre e me alivie do meu posto.

Alex pegou os ganchos e baixou a cabeça, arremessando o fardo seguinte.

—Se eu te *vê* enrolando mais uma vez, vou te *jogá* no meio da rua – ninguém vai te *salvá* agora.

—Sim, senhor, — Alex murmurou, usando seu corpo para esconder Ellie. Os olhares de inveja e os comentários sarcásticos não pararam se ele fosse ligado à Lady Ellington, assim como era ao falecido marquês. —Por favor, vá!

—*Cum* quem que *cê* tá falando, moço? — Assim como Alex temia, Eckles entrou nos estábulos. —M... m... milady. *Discurpa* por te *interrompê*.



Ellie prendeu o encarregado dos estábulos com o seu olhar mais gelado, desafiando-o a continuar – um dos únicos talentos úteis que tinha aprendido com o marquês. A verdade era que ela estava além da raiva, e qualquer um que entrasse em seu caminho provavelmente sentiria a sua ira. Respostas, ela precisava de respostas, embora suspeitasse que Alex, um mero cavalariço, não pudesse lhe dar nada.

—Isso não é da sua conta.

Com uma mesura, Eckles disse, —*Aye*, milady.

Eckles fugiu dali, com certeza para contar para todo mundo que a senhora estava nos estábulos, sozinha com um criado, mas isso não lhe preocupava tanto quanto a perspectiva de perder a única coisa que considerava sua – seu lar, a casa Drake.

Seu único recurso era a pequena quantia de dinheiro que tinha juntado no último ano caso fosse necessário. Embora esperasse que nunca fosse.

O marquês estava morto... e depois de todos os anos que passara trancada na casa dele tendo ninguém como companhia, ela *merecia* a sua casa. Se algum cavalheiro da *ton* pensava que poderia entrar e tomar o que era dela, ele teria que pensar duas vezes.

Peter Davis, o sétimo Marquês de Drake. Nunca ouvira falar dele.

Um duque de nascença. O que o homem precisava com outro título e o lar dela?

Se conseguisse ter o que queria, nenhum homem voltaria a envergar o título de Marquês de Drake – ou ao menos não enquanto ela estivesse viva. Ele poderia ficar em seu estado adormecido enquanto ela respirasse. Entretanto, a possibilidade de alguém aparecer e reclamar a propriedade ainda pairava sobre a sua cabeça.

—Você percebe o que fez? — Alex ficou de pé na frente dela, a expressão irada espelhando a que ela envergava há apenas uns minutos. —Eu trabalhei até a exaustão todos os dias desde que cheguei aqui para garantir a minha posição neste estábulo. E você decidiu arruinar tudo... em meros segundos.

—Por que *você* está bravo? — Ela que tinha sido injustiçada. —Ele não tinha direito de falar daquele jeito.

—Ele tinha todo o direito – este é o estábulo dele!

—Se o que você disse antes é verdade, esses são os meus estábulos. —Como queria que aquilo fosse verdade, como gostaria de proclamar o seu domínio na frente de todo mundo, especialmente na frente do sétimo Marquês de Drake, se ele fosse homem o bastante para se apresentar. —Além disso, ninguém deveria falar com as pessoas do jeito que ele falou contigo.

Ele sacudiu a cabeça como se dizendo a ela que ela não sabia nada sobre a criadagem. —Ele pode fazer o que achar melhor, assim como você se dirige a mim como acha melhor. Embora, eu esteja tocado por você se preocupar sobre a forma com a qual seus criados são tratados.

—Eu já fui cruel assim? — As palavras escapuliram de sua boca antes que pudesse pará-las. —Não que eu me importe com a opinião dos criados.

Alex riu – um som frio e distante.

Ela estava deixando tudo pior – seu orgulho levava golpe após golpe. Ellie deveria se retirar rapidamente e se comportar como se o homem, tão tentador quanto fosse, não existisse. Agir como se não pudesse se importar menos com os criados ou suas opiniões e ideias tolas. Que a sua mãe não tivesse sido a epítome da criadagem, já que ela não apenas provia serviços aos seus senhores, mas também o seu corpo – de boa vontade.

Ou que na maioria dos dias desde a morte do marquês, Ellie se sentia mais como uma criada ociosa. Ela era lembrada diariamente sobre o seu verdadeiro lugar na vida, um que ela se recusava a aceitar e nunca admitiria de boa vontade.

Com a chegada da carta nomeando o homem que tiraria tudo dela, seu futuro era muito incerto. Parte dela precisava dele, de Alex, ao lado dela... e talvez este tenha sido o plano do marquês todo o tempo. Talvez ele soubesse que chegaria o dia em que Ellie seria expulsa de sua casa, e ele esperava que Alex cuidasse dela, fazendo com que fosse desnecessário para ele ganhar o favorecimento dela da mesma forma que a mãe tinha feito.

Mas por que um cavalariço? O pai tivera influência o bastante antes de morrer para conseguir um parceiro para ela – até mesmo o barão mais insignificante teria sido favorecido ao casar com a tutelada do marquês. Embora Ellie não tivesse dado nenhuma indicação ao pai que ela estivesse disposta a aceitar qualquer plano que ele tenha feito para salvaguardá-la. Ele tinha presumido que ela não merecia uma união mais nobre do que a que mão dela teria conseguido? Aos olhos de Drake, ela nunca seria nada mais que a

filha bastarda de uma mulher imoral. Era justo e certo que Ellie fosse tão subjugada quanto a sua mãe tinha sido.

—Por favor, — ela suspirou. —Falarei com ele. Direi que fui eu que te afastei dos seus deveres com minhas disparatadas perguntas femininas.

Se fosse possível que o olhar de Alex a congelasse no lugar, ela provavelmente estaria tão dura quanto as pedras de gelo que havia nas caixas de gelo da Craven House.

—Acho que seria melhor se você se retirasse. Posso cuidar de mim mesmo, minha lady, — ele falou rispidamente. —Ao menos sou capaz disso.

Fizera tantas coisas que não faziam sentido, tinha feito tantos comentários degradantes para aqueles que estava à sua volta, mas esta... esta raiva para com ela, era algo que ela pensou que ele fosse incapaz. Ele lidou bem com o seu comportamento rabugento na viagem para comemorar o natal com Lady Haversham, tinha ficado ao lado dela em várias ocasiões – por que ele não permitia que ela fizesse o mesmo por ele?

Ele era a única pessoa que não estava autorizada a ficar com raiva dela ou que a culpasse por suas ações.

—Você é capaz. — Ela o olhou por sob o nariz – o melhor que pôde já que ele era ao menos uma cabeça mais alto que ela – e voltou a se comportar friamente. —Eu vou me retirar então. *Por favor*, — ela disse, enfatizando suas maneiras enquanto fazia o pedido, —sele o meu cavalo.

—Irei chamar a sua criada.

—Eu não preciso da minha criada, só do meu cavalo.

—Então eu irei acompanhá-la, — ele retrucou antes de se virar para a fila de baias.

—Eu não sou uma criança que precisa de uma babá, — ela gritou, sua indignação crescendo ainda mais. —Saio sozinha por Londres há muitos anos, hoje não vai ser diferente.

Mas seus protestos não o detiveram enquanto ela o observava preparar dois cavalos. Sua égua mansa e outro cavalo mais robusto para ele. Não havia razão para discutir sobre a insistência dele em acompanhá-la. Na verdade, estava ficando tarde e ela não se importaria por ter companhia. Assim que estivesse segura na Craven House, pediria que ele fosse para casa e que a deixasse por conta própria. —Se insiste, pode me acompanhar – discretamente, é claro.

O pequeno passeio decorreu de forma muito parecida com a viagem que fizeram para Foldger’s Hall no natal – ela montou em silêncio enquanto ele

ficava de olho nela e nos arredores, até mesmo guiava o cavalo dela para uma área mais iluminada e longe dos carrinhos dos vendedores e das barracas. O trajeto entre a casa Drake e a casa de Marce lhe era tão familiar quanto o seu próprio quarto. Ela sabia quais becos evitar, quem estava fora de prumo e de quais vendedores nunca comprar frutas.

Parando na calçada não muito longe da porta de Craven House, Ellie apeou, assustada por Alex estar a poucos centímetros de distância, pronto para pegar as rédeas.

—Irei esperá-la nos estábulos da Craven House, minha lady. — O fôlego quente dele a engolfou, aquecendo o seu pescoço exposto.

Quando ele se afastou, um arrepio percorreu a sua coluna e ela percebeu que estava tão irritada que fugiu da casa sem um xale ou qualquer outra proteção. Infelizmente, o ar da tarde provavelmente iria ficar mais gelado enquanto o sol baixava no horizonte.

Ellie lutou com o desejo de se inclinar em direção a ele, permitir que ele a envolvesse em seus braços aquecidos, mesmo que fosse só por um segundo. Queria fazer isso há tanto tempo, especialmente desde que ele se intrometeu e se livrou do marido raivoso de Daphne. A afligia pensar o que poderia ter acontecido se ele não a tivesse encontrado no quintal. Ele estava lá, até mesmo quando ela estava certa de que não precisava dele.

—Minha lady? — A confusão tinha invadido a voz dele enquanto ele segurava as rédeas. —Faça uma prazerosa visita. Esperarei que você me chame quando for para partirmos.

Ela estava a poucos centímetros dele sem nem perceber e então deu um passo atrás para colocar distância, o alvoroço do tráfego da tarde preencheu os seus ouvidos. Tinha perdido o bom senso por um momento, na verdade acreditou que poderia abraçar o homem que estava bem na frente dela sem enfrentar nenhuma consequência – com toda Londres há apenas uns centímetros de distância, e Marce Davenport, com as irmãs por perto, provavelmente espiando desde a enorme janela que dava para a frente da rua.

—Muito bem. — Ellie alisou o vestido e sem perder tempo, dissipou o desejo de se aproximar de Alex mais uma vez, e que as consequências se danassem. Antes que o seu corpo achasse por bem traí-la, ela foi em direção à porta, esquecendo-se de instruir o cavalariço a voltar para casa.

Quando ela se virou, o único criado de Marce tinha chegado para ajudar Alex a levar os cavalos até o estábulo.

O homem idoso, o Sr. Curtis, fez um gesto de cabeça para ela quando notou que ela os observava. Ele estava com Madame Marce desde antes de ela ser chamada de Madame, o que significa que ele certamente conheceu a mãe da própria Ellie – embora ela nunca tivesse conseguido abordar o assunto com ele. Ele sempre foi bom com ela, especialmente durante suas visitas tarde da noite depois que Ellie e o marquês tivessem mais uma de suas muitas discussões.

Era necessário evitar o homem para fugir do seu olhar de pena, embora não estivesse certa se o olhar era para ela ou para todas as mulheres desafortunadas que chamavam a Craven House de lar. Preferia acreditar que Curtis só sentia pena do caminho que cada uma delas tinha escolhido, mesmo que a escolha não tenha sido feita de bom grado.

A construção em frente a ela, bem mantida e erguendo-se por três andares, era o refúgio para muitas almas infelizes, sua mãe encontrou abrigo dentro daquelas paredes nos seus últimos dias. Ellie continuava a vir porque ela sentia uma proximidade com a mãe que nunca pensou ser possível quando estava rodeada por Marce e suas irmãs – Ellie não tinha permissão para confraternizar com as muitas meninas que trabalhavam na casa e que iam e vinham quase que diariamente, mas passava muitos dias – e noites – escondida no salão privado de Marce.

Antes que percebesse, Ellie estava pronta para bater à porta da frente – sem ter ideia de por que tinha escolhido a Craven House como seu destino esta noite.

Algo naquele lugar, as pessoas – além da alma da sua mãe – a atraía, algo muito parecido com as cordas invisíveis com a ligação com Alex, o cavalariço. Era algo inexplicável, mas estava lá.

CAPÍTULO TRÊS



—MINHA QUERIDA, — MADAME Marce disse quando a porta se abriu. Ellie foi imediatamente envolvida nos braços da mulher miúda e então sendo afastada a distância de um braço. Marce há muito tempo desistiu de fazer com que Ellie a abraçasse de volta. —Estava imaginando quando você viria. Hoje é *o dia*, não é? — Marce fez uma pausa, olhando Ellie da cabeça aos pés. —Dado o vestido, eu diria que este seja, de fato, o dia.

Ellie estava chocada por alguém se lembrar da significância daquele dia.

—Sim, já faz um ano. — As palavras deveriam preencher Ellie de alívio. Mas a verdade nua e crua era que hoje era apenas um adiamento da eventual perda de sua casa.

—Vamos, entre. — Marce a soltou e fez gesto para ela entrar. —Temos algumas horas antes de os clientes noturnos começarem a chegar. Você está com fome?

A mulher sempre tinha cuidado de Ellie, assim como uma mãe cuidaria – embora Marce fosse apenas dez anos mais velha que ela. —Não, obrigada. — Ela a seguiu pelo corredor escurecido. Os cachos louros de Marce pendiam sobre seus ombros e desciam por suas costas, seus quadris balançavam. Ellie podia ver por que os homens de Londres escolhiam a Craven House para seus entretenimentos noturnos, mesmo apesar do comportamento discreto de Marce.

—Chá, então? — Marce disse olhando por sobre o ombro, com um sorriso no rosto.

Ellie passava aperto recusando as ofertas da mulher, sabendo que Marce ainda tinha remorso pelo papel que a mãe dela, Sasha, teve na morte da mãe de Ellie, ao não conseguir salvá-la. —Chá seria bom.

Elas viraram um segundo corredor e entraram no salão privado de Marce – uma monstruosidade decorada de maneira espalhafatosa com as cores vermelho e dourado que deveria fazer a cabeça de Ellie doer por causa das muitas luzes que refletiam nos enfeites de bronze pendurados nas paredes.

Marce puxou a corda do sino, sinalizando para que a governanta enviasse refrescos, e então se sentou em sua cadeira favorita. Ellie se virou para olhar o fogo, escondendo seu estado emocional de Marce. A mulher tinha um verdadeiro talento para isso. O sucesso dela, e da mãe antes dela, era devido a inquietante habilidade de ler as pessoas e suas intenções e usá-las para a própria vantagem – ou, o mais comum, para ajudar uma pessoa que não tinha percebido ainda que precisava de ajuda.

—O que te aflige, Ellington? — Marce disse desde o outro lado da sala. —Seus ombros estão tensos e você está esticada como uma vara. Apesar de todos os meus esforços, você nunca prestou atenção na sua postura. Talvez você finalmente esteja sentindo falta do seu pai?

—Certamente não. — Ellie colocou o resto da sua força naquelas duas palavras.

—É completamente normal, querida, cada um lida com o luto e a cura de forma diferente. Não se envergonhe por admitir que o seu pai significava algo para você.

—Verdade, não é isso. — Ellie queria ceder e confessar todos os seus problemas – implorar para que Marce consertasse tudo, mas a Madame não possuía uma varinha mágica. Era possível que ela pudesse aconselhar Ellie sobre o que fazer – pois se ela fosse expulsa da casa Drake, Ellie não tinha outro lugar para ir que não fosse a Craven House. —Recebi uma carta hoje de manhã.

—Oh, — Marce suspirou, permitindo que Ellie falasse em seu próprio ritmo.

—Sim, ela foi endereçada a Peter Davis, Lorde Chastain e sétimo Marquês de Drake.

—Meu Deus. — Marce ficou quieta enquanto a governanta entrava empurrando o carrinho de chá. Não passou despercebido a Ellie que havia cinco delicadas xícaras em cima da bandeja. —Obrigada, Darla. Por favor, diga às meninas—

O que quer que Marce tivesse a dizer foi perdido quando as três irmãs mais novas entraram saltitando na sala, as gêmeas estavam de braços dados e riam enquanto a mais nova veio logo atrás – um olhar sisudo preenchia o rosto delicado.

—Eu certamente não fiquei vermelha como uma pétala de rosa quando o vi! — Payton, a morena de altura mediana, choramingou enquanto cruzava os

braços e olhava para as irmãs mais velhas. —Eu sequer sei o nome dele – e além disso, ele não passa de um cavalariço!

Ellie ficou instantaneamente alerta ao rumo daquela conversa – já que ela e Payton tinham praticamente a mesma idade, isso significava...

—Nenhum homem, seja senhor ou criado, aceitará tomar um bebê chorão como esposa, — Marce ralhou. —E quanto a vocês duas, parem agora mesmo de provocar a irmã de vocês.

Sam e Jude conseguiram se recompor. As duas, junto com Payton, não podiam parecer menos irmãs. Payton, com o cabelo escuro e a pele clara, era o extremo oposto dos cachos louros e a pele bronzeada de Marce. E entre elas havia Sam e Jude, que tinham os cabelos do mais profundo tom de ruivo – Ellie invejava o tom com frequência, já que o seu cabelo era tão brilhante quanto o fogo. As irmãs de Marce eram senhoritas protegidas, mantidas afastadas das coisas que se passavam na Craven House.

Oi, E, — Payton cumprimentou. —Que vestido lindo.

Ellie olhou para o traje, um pouco de sujeira tinha se grudado ao tecido delicado. Ela precisava mesmo ter se lembrado de vestir o traje de montar antes de sair correndo de casa. —Obrigada, foi o primeiro que a modista enviou.

—Combinou com você, — Marce se intrometeu enquanto Payton ia se sentar perto do fogo, jogou-se sobre o assento e continuou de cara feia.

Ellie tinha tentado gostar da menina, mas apesar de serem quase da mesma idade, elas eram muito diferentes. Payton tinha sido mimada pela mãe – e depois pelas irmãs – por toda a sua vida, enquanto Ellie tinha sido atirada aos lobos – um lobo, no singular – não muito depois do seu nascimento.

—Você concorda conosco, não é, Ellie? — Sam disse enquanto assumia seus deveres de anfitriã e servia o chá sem entornar uma única gota na toalha bordada. —Payton está de olho no seu cavalariço.

Ellie se entregou quando olhou de Payton para as irmãs dela, espantada com a revelação de Sam – imaginando se talvez Alex sentisse o mesmo por Payton. Sentiu uma pontada de ciúme. A morena não era impressionantemente bonita como a irmã mais velha, mas ela seria considerada atraente – exceto pelo constante choramingo.

—Parem agora mesmo, — Marce cortou o assunto antes que Ellie pudesse fazer perguntas. —Ellie estava me contando sobre uma carta que recebeu hoje.

Ellie não queria falar sobre a carta na frente de todo mundo, mas com quatro pares de olhos sobre ela, teve pouca opção, já que Marce provavelmente cancelaria a programação noturna até que Ellie cuspisse todas as novidades.

De repente a sala ficou cheia demais e quente demais para o seu gosto. — Eu estava dizendo a Marce que recebi uma carta hoje, endereçada a Peter Davis, o Marquês de Drake. — Ela retorceu os dedos, afastando-se do calor da lareira e enfiou a mão no avental para pegar a carta. —Então, eu acho que é oficial e o mais novo marquês já deve estar a caminho e me jogará porta a fora como se eu fosse um lixo.

—O que diz a carta? — Jude perguntou com a sua voz sonora, a única coisa que ajudava a diferenciar as gêmeas.

—Não faça suspense, — Sam disse com sua voz profunda e gutural. — Precisamos saber de todos os detalhes sórdidos. — As duas meninas se inclinaram no sofá e apoiaram o queixo na palma das mãos, o chá foi completamente esquecido.

—Eu não a li. — Embora a carta estivesse fazendo um buraco no seu avental desde que chegou. Não planejava contar a todo mundo sobre a chegada da missava, mas agora era tarde demais – neste momento ela estava segurando a carta com força.

As três mulheres arfaram como se elas estivessem vendo um drama sendo encenado em um palco e o dramaturgo estivesse destinando o mocinho a ter uma morte vil, dolorosa e prolongada.

—Não ajam assim, — Ellie exigiu. —É só uma carta boba. Por tudo o que me importa, ela podia ser queimada agora mesmo... como se nunca tivesse sido entregue. — Ela voltou a olhar o fogo, pronta para atirar a carta lá dentro.

Como seria fácil se livrar da carta não linda e seguir fazendo as mesmas coisas que vinha fazendo no último ano.

—Ellington, não seja precipitada. — Marce ergueu a mão e puxou o envelope. Vê-la ao seu lado deixou Ellie de guarda baixa, já que ela não tinha visto a mulher deixar o seu assento. —Há muito em que pensar.

—Como onde irei deitar a minha cabeça – em seus estábulos ou devo implorar que Ruby me acolha? Ou talvez eu possa conseguir uma vaga em uma das muitas casas de trabalho em Cheapside. E o mais importante, quem *é* esse homem? — Suas mãos ainda estavam esticadas, os dedos posicionados como se ela ainda segurasse o envelope que agora estava seguro nas mãos de

Marce. —É altamente provável que eu seja relegada à casa dos pobres em menos de quinze dias.

—Pare já com o drama, — Marce disse, voltando ao seu assento. —Nada nunca é tão terrível quanto a gente pensa. Além disso, estou certa de que nossos estábulos estão muito bem equipados para receber um novo morador.

Ellie se virou depressa para olhar a mulher que sempre tinha visto como se estivesse acima de todos os outros. —Você não iria... — Ela deixou as palavras esvanecerem quando viu que Marce sorria para ela.

—Não seja boba, menina, — Marce confessou. —Sua presença é muito desagradável e ela será um fardo para o meu rebanho. Não tenho dúvidas de que vocês os enlouquecerá em menos de um dia.

O cômodo se encheu com as risadas de Sam, Jude e Payton, as vozes dela se misturaram em algum tipo de melodia. E mais uma vez a inveja de Ellie despontou. Essas quatro mulheres – compartilhavam uma mãe, mas pais diferentes – sabiam que os laços de sangue eram fortes. Elas moravam juntas, riam juntas... e amavam umas às outras. Isso a fez ponderar sobre se deixar aos cuidados de Ruby e pedir para morar com ela – talvez, só talvez, elas poderiam ter algo parecido.

Infelizmente, isso daria a sua irmã mais velha uma enorme quantidade de controle sobre ela – e certamente sobre as suas idas e vindas. Isso foi algo que nunca deu a alguém. O marquês tinha pensado que a controlava, mantendo-a sob seu jugo, mas ele estava extremamente enganado.

A irmã podia se refastelar pelo fato de ter sido criada como sendo a filha de um barão, por ter tido o amor e a atenção que Ellie deveria ter recebido do próprio pai. Uma lembrança constante de que Ellie nunca teria um lar feliz.

—É claro, devemos queimar a evidência, mas antes devemos saber o que ela diz. — Ellie não sabia o que fazer enquanto Marce passava os dedos entre as dobras do papel e abria o envelope, esmagando todas as esperanças que Ellie tinha de queimar a carta e ser capaz de fingir que nada tinha mudado.

—Por favor, diga, finalmente descobrimos quem é esse homem misterioso? — Ellie murmurou.

Pigarreando e sacudindo as dobras do papel, Marce começou a ler.

Peter Davis, Duque Chastain, e sétimo Marquês de Drake,

Peço desculpas por minha ausência durante este último ano. Meu pai, o advogado do quinto Marquês de Drake, vinha doente há algum tempo, e por isso precisava de minha total atenção. Meu assistente foi instruído a lidar com suas finanças enquanto eu estava ausente e para esperar a sua visita.

Venho por meio desta perguntar qual seria uma hora conveniente para o meu lorde e eu nos encontrarmos e analisarmos os livros contábeis da propriedade e fazer planos para os seus investimentos futuros.

James Adams

Ninguém disse uma única palavra enquanto Marce inspecionava a carta uma última vez, voltava a dobrá-la e a colocá-la dentro do envelope branco.

—Ah, não é tão ruim quanto eu temia, — Marce respirou aliviada.

—Como você pode dizer isso? — Ellie perguntou. Seu coração acelerava só de imaginar a o advogado batendo na sua porta – não, correção, na porta do sétimo Marquês de Drake – exigindo uma reunião. Ele obviamente pensava que o novo marquês tinha sido notificado sobre a sua herança e tinha assumido seu lugar de direito na casa Drake. —Eu provavelmente estou há dias de me tornar uma sem-teto.

As irmãs de Marce olharam para ela, cada uma acreditando na habilidade da irmã de lidar com qualquer situação.

—É simples, — a loura disse cheia de razão, —Encontraremos alguém para se passar pelo novo Marquês de Drake, marcaremos uma reunião e então permitiremos que o mais novo lorde vá desfrutar de uma longa estadia no campo. — Ela se sentou um pouco mais erguida enquanto as irmãs a olhavam maravilhadas.

Mas foi só Ellie quem deu voz às suas dúvidas – ou possivelmente, ela era a única sã o bastante para ter dúvidas. —Isso nunca irá funcionar. Como vamos saber se o advogado já não conhece esse Peter Davis?

—Como você sabe que ele conhece? — Marce perguntou. E ela estava certa, Ellie não sabia com certeza se o advogado e Davis já tinham se encontrado. Nem o nome do advogado lhe era familiar. O pai não lidava com negócios na casa de Londres, e, na verdade, Ellie nunca tinha pensado muito sobre as finanças ou transações comerciais do marquês. —Não sabemos realmente nada sobre este advogado, o novo marquês ou suas últimas reuniões ou correspondência. Isso se houve alguma.

Sam e Jude sacudiram a cabeça ao mesmo tempo.

Payton olhou para o fogo tendo perdido seu interesse no dilema de Ellie.

—Qual é o seu plano? — Jude perguntou.

—Sim, como podemos ajudá-la? — Sam ecoou. Pelo que Ellie notou, as gêmeas vinham trocando de lugar ultimamente – e faziam um bom trabalho imitando uma à outra.

—Vocês não farão nada, — Marce declarou. As meninas reclamaram por estarem sendo deixadas de fora de algo que parecia que seria muito divertido. —Não envolverei as três neste assunto. Agora, vão se preparar para o jantar enquanto eu converso com Ellie.

As gêmeas bufaram, mas obedeceram a irmã, ficaram de pé e seguiram para a porta, os longos cabelos vermelhos desciam livres por suas costas.

—Payton? — Marce estalou os dedos para chamar a atenção da menina. —Céus, não sei o que te deu esses dias. Se você continuar sonhando acordada, vou começar a pensar que você gosta deste menino.

Payton ficou de pé e saiu de mau humor, bem parecido com a forma como ela entrou.

Ellie sentou no sofá que as gêmeas tinham deixado vazio e esperou que Marce falasse – esperando que ela tivesse um plano... e um que não acabasse com ela dormindo nos estábulos da Craven House.

—Tudo o que precisamos fazer é encontrar um homem disposto a posar como o novo marquês. — Ela sorriu, como se um lobo em pele de cordeiro fosse tudo o que elas precisavam para passar a lã bem debaixo do nariz da sociedade. —Garret aceitaria sem fazer perguntas, — ela pensou, —...mas ele está perseguindo algum rabo de saia pelo campo ou em algum lugar do tipo – e não podemos esperar a volta dele. — Ela bateu os dedos nos lábios enquanto pensava.

—E quanto a aquele cavalariço, Ellie? — Marce perguntou.

Era provável que ele concordasse, além disso, ela confiava nele como não confiava em nenhum outro homem com quem convivia – além do marido da irmã, Harold, é claro, mas pedir a ajuda dele estava fora de questão.

—O garoto por quem Payton está de paixonite... — Marce prosseguiu quando Ellie não acatou a ideia imediatamente. Ellie manteve a postura relaxada, como se uma fagulha de possessividade não tivesse se acendido dentro dela. —Oh, não se aflija, há muito tempo ela está de olho no filho rebelde de um certo barão.

—Por que eu me afligiria? — A capacidade de percepção de Marce rivaliza com a de qualquer inquisidor. —Ele é só uma cavalariço.

—É bom ouvir isso. — A loura a olhou de perto.

Para evitar o olhar dela, Ellie voltou a zanzar na frente do fogo. —Você está sugerindo que eu peça que ele me ajude?

—Eu não vejo mal algum nisso. Você é a patroa dele, e ele provavelmente fará qualquer coisa que você pedir para que ele possa manter

o emprego.

Ellie não duvidou. —E eu posso confiar em que ele não vá compartilhar as novidades sobre um herdeiro com o resto da criadagem já que ele não é do tipo que faz fofoca – o que o torna bastante chato.

Marce olhou para ela com a sobrancelha erguida.

—Oh, não que eu preste muita atenção nele, é só que eu ouvi que ele costuma ir para a casa de Lorde Haversham em suas tardes de folga – e escolhe não visitar a estalagem local para tomar uma cerveja com os outros. — Ellie não podia dizer se estava aumentando ainda mais as suspeitas de Marce.

O alto relógio bateu as horas, e as duas pularam enquanto o som ecoava pela sala, escapava pela porta aberta e prosseguia pelo corredor. Os sinos mal tinham parado de tocar quando uma batida foi ouvida na porta da frente.

—Minha nossa, — Marce disse, ficando de pé rapidamente e entregando a carta para Ellie. —Está na minha hora. Você deve ir. Não estou esperando ninguém, mas talvez eu tenha esquecido outra reunião.

—Só mais uma coisa. — Ellie ficou de pé, lembrando-se do outro visitante indesejado do dia. —O marido de Daphne apareceu procurando por ela.

—E o que você disse a ele?

—Que não tinha ninguém na criadagem com esse nome, mas ele soube que eu menti. Dava para ver. — Ellie desprezava o horror que a invadiu frente a aquele homem. Tinha sido um prazer raro – todo um ano livre do abuso do pai. Mas Ellie deveria saber que isso não duraria para sempre. Entretanto, não permitiria que isso a fizesse encolher a cada vez que alguém levantasse a voz ou batesse a porta, tinha que ser forte, por si e por Daphne. —Mas é improvável que ele volte. Um dos meus criados interviu e cuidou do assunto. Meu mordomo foi instruído a não permitir que ele entrasse e a me avisar caso ele volte a aparecer.

—Vou fazer o que puder para dissuadi-lo de voltar a importuná-la, — Marce disse com um sorriso, e Ellie sentiu que não queria saber o que Marce faria exatamente para dissuadir o marido de Daphne.

Enfiando a carta dentro do bolso, Ellie saiu da sala – não se sentindo nenhum pouco mais confiante em seu futuro do que sentia quando chegou, mas se nada mais desse certo e ela fosse jogada na rua, sempre haveria lugar para ela na Craven House.

Só temia que sua vida seguisse o mesmo caminho da de sua falecida mãe.

CAPÍTULO QUATRO



A CASA PARECIA A epítome da respeitabilidade, mesmo que não resplandecesse riqueza, o quintal estava bem cuidado, a calçada limpa e as janelas polidas até brilharem. Até mesmo a placa na frente identificando a mansão como Craven House tinha sido recém-pintada.

Alex andava para lá e para cá no escuro na área externa do estábulo, esperando que Ellington o chamasse. Há uma hora ele começara a imaginar se a mulher iria mantê-lo esperando a noite toda, apenas para escapar dele – e desaparecer no crepúsculo estando desacompanhada – só para puni-lo por sua insistência em acompanhá-la.

Nunca a entenderia. Ela lutou para estar no controle da casa Drake, mas fez birra igual a uma criança quando foram passar o natal em Foldger's Hall. Ela levou a sério as regras sociais sobre guardar o luto pelo marquês, mas falava dele com certa crueldade. Ela era a dama mais bonita que ele já tinha visto, e ainda assim, não queria ter nada a ver com bailes ou outros eventos sociais.

Já passava da hora de Lady Ellington perceber que ela não poderia viver escondida naquela casa velha e empoeirada pelo resto da vida, só saindo escondida quando o sol estava se pondo ou quando ia atender a alguma incumbência durante o dia. Não havia como uma mulher – ou qualquer pessoa, viver daquele jeito.

Embora a Sra. Dutton – e Lady Haversham – também dissessem que suas escolhas na vida eram um pouco suspeitas. Ambas insistiam sem descanso para que ele fosse para Foldger's Hall ou que aceitasse uma posição em uma das propriedades de Lorde Haversham. Ele teria a oportunidade de treinar cavalos, enquanto cuidava de um estábulo muito mais grandioso do que qualquer um que pudesse ser encontrado em Londres. Não importa quantas promessas foram feitas, Alex não deixaria o seu posto. Algo o mantinha amarrado ao marquês... e à Ellington.

Ele tinha o pressentimento que se caso partisse, ela veria isso como se ele a estivesse abandonando – deixando-a sem ninguém para cuidar dela. E não

era nenhum segredo o fato de ele não confiar nas mulheres desta casa – Alex não entendia o interesse delas em Ellie, e nem por que a menina continuava vindo a essa casa de má reputação. Mas, por insistência de Lady Haversham, ele mantinha vigília em Ellie e no tempo que ela passava na Craven House. Ela sempre chegava no final da manhã e ficava até que os primeiros clientes da Madame começassem a chegar. Essa foi a primeira vez que ela ficou até mais tarde do que o que ele considerava seguro.

Ele espiou o estábulo escuro e viu o Sr. Curtis sentado enquanto polia uma brida. Alex pensou se deveria tirar Ellie de lá antes que ficasse ainda mais tarde. Ele poderia pedir que o homem fosse até a casa principal e verificasse a sua senhora, ao menos ele saberia que ela estava segura, mas ela provavelmente lhe passaria um sermão – forçando-o a partir.

Mas a noite estava caindo, e com ela vinha uma viagem imprevisível pelas ruas escuras de Londres. Alex enfiou as mãos nos bolsos da calça para aquecer as mãos frias e doloridas. Sua coxa pulsava levemente por causa do desconforto do longo dia de trabalho empilhando feno. Era em horas como essa que Alex ponderava sobre o seu futuro e se ele deveria aceitar uma posição melhor em outro estábulo; talvez se não ficasse a cargo de trabalhos tão penosos, pudesse dar ao seu corpo mais tempo para curar.

Mas não, ele sabia tão bem quanto Lady Haversham que o trabalho duro era exatamente o que tinha ajudado até então. O trabalho honesto era bom, não apenas para o seu corpo ferido, mas também para manter a sua mente funcionando. Quando seus pensamentos não estavam no futuro, Lady Ellington dominava toda a sua consciência – a tristeza dela era muito mais profunda que as dores físicas que Alex sentia, a preferência que ela tinha pela solidão era muito parecida com o que levou Drake à ruína.

Ela precisava de alguém ao lado dela.

Tinha se prometido que ele seria aquele homem. Não o homem de Lady Ellington, por assim dizer – mas alguém que ficaria por perto e cuidaria dela. Que a afastasse de sua contínua melancolia.

Depois do tempo que passaram no campo, Ellie tinha continuado a ignorar a sua presença, mas ele notava a reação do corpo dela quando ele estava por perto – um leve enrijecer, o enquadramento dos ombros ou uma inspiração aguda.

Não deveria estar imaginando essas coisas.

Aquelas eram as razões pelas quais tinha concordado com os pedidos de Lady Haversham e da Sra. Jakeston para ficar de olho nela. Ambas as damas

se sentiam responsáveis por Ellington, mas a menina não permitiria que nenhuma das duas se aproximasse. Embora Alex tenha visto, por um breve momento, as defesas da mulher ruírem e ela permitiu que ele se aproximasse – não em apenas uma ocasião, mas em duas. E ainda assim, quando a Sra. Ruby voltou a pedir para que ele continuasse de olho nela, ele concordou de pronto. Todos os dias ele via Ellie ficar mais e mais retraída, preferindo sair sozinha, mesmo que isso a colocasse em perigo.

Mesmo que Harold e Ruby mantivessem distância, atendendo aos pedidos de Ellie, eles continuavam perto de Londres, a nova casa que compraram estava sendo reformada. Mas Alex via o quanto Ellie resistia à Ruby.

Alex se virou quando ouviu o som de cascos atrás dele, vindo dos estábulos. O Sr. Curtis estava conduzindo o cavalo dele e de Lady Ellington em sua direção.

—Minha senhora mandou avisar, você foi chamado, — o senhor disse, entregando as rédeas para Alex. —Mas *cê* parecia distraído, então eu peguei os *cavalo*. — O homem deu um tapinha no ombro de Alex antes de se virar e voltar para a sua infinita tarefa de polir os acessórios da taquearia da Craven House. Isso provavelmente aliviava a dor que ele sentia nas mãos e nos dedos, assim como o trabalho árduo nos estábulos de Drake impedia que as dores de Alex assumissem.

Olhando para o homem uma última vez, Alex levou os cavalos até a entrada principal. A casa era localizada em uma parte respeitável da cidade – e Alex era grato por isso, pois Ellie teria ido até Cheapside caso a Craven House ficasse lá. As mulheres eram discretas, operando um negócio sob o disfarce de uma casa de família, mas ninguém procurava divulgar o que acontecia dentro das paredes da Craven House. Se Alex não tivesse ouvido as fofocas dos criados falando sobre o que a casa realmente abrigava, ele teria dificuldade em acreditar.

Outro homem chegou no lombo de um cavalo bem no momento em que a porta da frente se abria e Ellie saía de lá, enfiando alguma coisa no bolso do seu avental. Ela foi logo até ele e não disse uma única palavra.

—Devemos ir, minha lady? — Quando ela só fez que sim, ele a ajudou a montar, e ele foi até o seu cavalo enquanto ela arrumava as saias. —Espero que tenha ido tudo bem com a sua visita.

—Vamos. — Ellie olhou para o homem que apeava de seu garanhão enquanto o Sr. Curtis corria para pegar as rédeas e levava o cavalo até os estábulos.

—É claro, minha lady. — Ele esporeou o cavalo com Ellie ao seu lado enquanto eles seguiam para casa. Ela a observou pelo canto do olho, o rosto dela estava tomado pela preocupação. Ela mantinha o olhar no caminho, os olhos não prestavam atenção nos arredores – o que era bastante peculiar. A menina frequentemente circulava pelas ruas mais perigosas de Londres, e se mantinha bastante ciente sobre onde estava, mas esta noite algo estava sobrecarregando-a.

Alex não tinha dúvidas de que Ellie tinha fugido para cá por ter ficado inquieta por causa da carta. Se ele soubesse que isso iria deixá-la tão consternada, ele teria se livrado da ofensiva missiva. Talvez Lady Haversham estava errada ao pensar que Alex era a melhor pessoa para tomar conta de Ellie – deve haver alguém melhor para cuidar dela e de seu bem-estar. Certamente alguém em quem ela confiasse e com quem quisesse conversar.

O percurso chegou ao fim sem incidentes, e Alex respirou aliviado quando a casa entrou em seu campo de visão. Ele estava certo de que ela não se aventuraria nas ruas até o dia seguinte.

Em vez de parar na frente, Ellie seguiu pela pequena viela que havia entre a casa dela e a vizinha, indo em direção aos estábulos e então parou o cavalo nas sombras quando ainda faltava uns duzentos metros até chegar às portas do estábulo.

—Minha lady, está tudo bem? — ele perguntou, vendo que o rosto dela estava abaixado. —Por favor, me conte o que lhe aflige.

Levou muito tempo até que ela ergueu a cabeça e falou. —Posso confiar em você?

Ela falou tão baixinho que ele imaginou que tinha ouvido coisas.

—Minha lady?

—Perguntei se posso confiar em você, cavalariço, — ela falou com firmeza como se tivesse tomado uma decisão sobre algum assunto muito importante e precisasse colocar tudo para fora antes que mudasse de ideia. — Não nos conhecemos muito bem, mas obviamente, o marquês confiava em você – assim como Lorde e Lady Haversham confiam. — Seu cérebro ficou preso na menção do falecido marquês enquanto ela prosseguia, —Mas eu preciso saber se você é leal a mim – você manterá a minha confiança em todos os aspectos?

Ele pressentiu que este era algum tipo de ponto de não-retorno, mas não fazia ideia de para onde isso levaria. Essa mulher pediu a sua fidelidade no

meio da noite, enquanto estava montada em um cavalo e afastada dos olhos curiosos de Londres.

Algo puxou lá no fundo – o chamado ao dever percorreu todo o seu corpo. Era uma sensação desconfortável, uma que ele nunca sentiu, mas de alguma forma, era pelo que ele estava esperando – como se o sangue de algum protetor corresse em suas veias.

—Sempre, minha lady, — ele prometeu, sabendo que arriscaria tudo por ela, embora ele não pudesse imaginar que risco ela poderia estar correndo. — Você pode confiar em mim.

Ele apeou e ficou parado na frente dela, aproximando-se para ajudá-la a descer.

—Por favor, diga o que precisa. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-la.

Escorregando da sela, os olhos verdes dela brilharam no escuro – e olharam diretamente para ele. Ele não tinha certeza de por que, mas ele sentia como se essa fosse a primeira vez que ela o via de verdade e não olhava através dele, como se eles fossem iguais.

Ela ergueu os ombros, preparando-se para fazer o pedido. —A carta que você me entregou esta manhã veio da parte do advogado do falecido marquês. — Ela fez uma pausa, como se ele soubesse o que aquilo significava ou a razão por ela estar tão taciturna. —Estava endereçada ao herdeiro do marquês.

—Então, o novo Marquês de Drake chegará em breve? — Ele não era tolo para acreditar que Lady Ellington era a herdeira de direito. —O homem entrou em contato contigo? Ele fez algo impróprio?

—Não, — ela suspirou. —Nunca ouvi o nome do homem na minha vida, pelo menos não da parte do marquês. Nem ele veio aqui desde a morte do meu pai. Mas é só uma questão de tempo até que ele apareça, estou certa.

—E como posso ajudá-la, minha lady?

A hesitação dela o deixou desconfiado. —O advogado solicitou uma reunião com o novo marquês, ele parecia não estar ciente de que o homem ainda não tinha assumido o título.

—Como o advogado de Drake poderia não estar a par disto?

—Ele escreveu dizendo que o pai ficou doente e que ele estava fora cuidando da família, deixando muitos deveres a cargo do seu assistente. — Ela cruzou os braços e começou a andar para lá e para cá, —Mas ele voltou e está ansioso para marcar uma reunião com o intuito de discutir oportunidades

de negócios e assuntos da propriedade. Aparentemente, os muitos administradores do marquês não viram razão para contatar Adams, o advogado. Talvez eles tenham feito como nós que continuamos agindo da mesma forma de sempre – desde que seus salários continuassem sendo pagos e os fundos para os reparos tenham sido aprovados, não estávamos ansiosos para conhecer o novo lorde.

Ela tinha se incluído com os criados, como ele, como se ela, também, fosse propriedade do marquesado, pertencendo à propriedade como se fosse um imóvel. Ele nunca a viu insegura sobre o seu lugar, e ainda assim, ela serviu a sua vulnerabilidade de bandeja, aterrorizada de que ele fosse atacar os seus pontos fracos.

Ele não ouviu nenhuma pergunta na resposta dela, ainda assim estava hesitando em interrompê-la. Era raro ela dizer mais de cinco palavras para ele – e ele achava que estava gostando do tempo deles sozinhos, embora o tópico de conversa ainda fosse pouco claro.

—Sabia que este dia estava por vir, — ela disse, continuando a zanzar. Três passos e se virava, três passos e voltava. —Eu realmente deveria ter previsto que—

—Ellie. — Ele disse o nome dela como se o dissesse todos os dias – o que, em sua mente, ele fazia. —Você não pode carregar todo esse fardo sozinha. Por favor, você pode pedir qualquer coisa.

Ela parou na frente dele, olhando dentro de seus olhos. —Mas eu não tenho direito de te pedir isso.

Assim como ele não tinha direito de usar o nome dela. —Você pode me pedir qualquer coisa.

Ellie pegou as mãos dele e as apertou.

—Suas mãos estão congeladas, minha lady. — Ele segurou os dedos dela para aquecê-los nas suas mãos quentes. —Acredito que devemos ir para os estábulos antes que você fique doente. Lá é quente. Você sequer tem um casaco para afastar o frio da noite.

—Não. — Ela sacudiu a cabeça. —Temo que não possamos falar sobre isso onde alguém possa nos ouvir. Se você concordar com o que vou lhe pedir, podemos ter que enfrentar algo muito problemático no caso de sermos descobertos.

A mente dele correu, pensando o que ela poderia pedir a ele. —Muito problemático se for descoberto? — ele repetiu. Se ele ficasse para ouvir o que

ela ia pedir, não haveria como mudar de ideia. Sentiu a urgência de fugir antes que ela dissesse outra palavra.

Mas seu corpo não obedeceu a sua mente, e ele ficou enraizado ali no beco, continuando a segurar as mãos dela, aquecendo-as e esperando ser chamado ao dever.

Ela manteve a cabeça baixa como se estivesse mais uma vez se questionando, antes de erguer os olhos e encontrar o seu olhar. —Preciso que você finja ser o novo marquês – que se encontre com o advogado e verifique se temos algo a temer.

E lá estava novamente – se temos algo a temer – como se os dois estivessem correndo o mesmo perigo. Seus pensamentos foram invadidos por muitas dúvidas e preocupações, cada um empurrando-o para uma direção e exigindo uma resposta antes de ele concordar com qualquer coisa, mas mais uma vez, seu cérebro e seu corpo não estavam em harmonia. —É claro, minha lady.

Nenhuma pergunta atravessou os seus lábios enquanto a boca de Ellie se erguia em um sorriso e a tensão deixava o corpo dela.

—Verdade? Você vai me ajudar? — Ela estava tão animada que apertou as mãos dele mais uma vez. —Não vejo nenhuma outra forma de me livrar dessa bagunça.

Finalmente ele recuperou um pouco do bom-senso. —Talvez devêssemos perguntar a Lorde e à Lady Haversham se eles conhecem este homem antes de irmos longe demais. — Era uma ideia racional, e Alex se elogiou por ter pensado nisso enquanto Ellie sorria para ele, o rosto tão perto do dele que ele pôde sentir o fôlego dela em sua bochecha.

Mas o sorriso dela desapareceu assim que as palavras deixaram os seus lábios.

—Não, — ela discordou soltando suas mãos e dando um passo para trás. —Não posso permitir que mais alguém saiba disso.

—Talvez o novo marquês não seja um homem horrível. — Ele tentou fazê-la entender. —E se Lorde Haversham conhecê-lo? Não seria muito melhor causar uma boa impressão ao homem em vez de ser pega em uma rede de mentiras?

—E se ele não for um homem honrado? E se ele for parente de Drake, então é bem possível que eles sejam parecidos. Todos nós podemos ser jogados na rua em menos de quinze dias.

Ele se deteve antes de mencionar que o sangue de Drake corria pelas veias dela também, mas ele nunca a veria como sendo nada além de perfeita.

Ela voltou a andar para lá e para cá, os passos eram seguros enquanto ela fazia o mesmo caminho.

Ele sabia que não havia razão para ela temer. —Como nós vamos saber se Adams nunca se encontrou com este homem? E se eu entrar no escritório e for apontado como um impostor?

—Eu nunca ouvi o marquês falando desse Peter Davis, nem que o advogado dele tenha alguma vez vindo à essa casa. Mas se você não está confortável com isso, estou certa de que posso procurar ajuda em outro lugar.

Ele tremeu só de pensar que ela poderia pedir a outro criado para tomar parte neste esquema ridículo. —Eu não disse que não te ajudaria, — ele admitiu. —Qual é o resto do plano?

Ellie deu alguns passos em direção a ele, voltando a pegar as suas mãos. —Oh, obrigada! Ainda não pensei em todos os detalhes, mas será bem simples alterar as calças e os casacos do marquês para servirem em você. Então enviaremos uma nota concordando com uma reunião. A partir daí, tudo o que você precisará fazer é se encontrar com o homem, ver o quanto ele sabe sobre esse Davies e acalmar as preocupações do homem quanto à sua habilidade de assumir o marquesado.

Parecia muito simples aos seus ouvidos. —Mas eu não sou um lorde, nem acredito que possa enganar um homem que passou a vida interagindo com homens de grande riqueza e que possuem títulos.

—Vamos lá, — ela suspirou. —Você não me disse uma vez que talvez você teria sido um lorde caso não tivesse havido o acidente e sua família não o tivesse abandonado?

Ele tinha feito isso em um momento de fraqueza enquanto estavam em Foldger's Hall. Falaram de muitos assuntos privados, e o fato de ela lembrar desta única confissão o pegou de surpresa.

As palavras picaram – ele sabia o bastante para ter consciência de que *se* ele tivesse nascido na nobreza que um título ainda estaria esperando por ele – a menos que a sua *família* tenha sido capaz de provar a sua morte. Mas afastou a ideia da mente como tinha feito em muitas outras ocasiões em que esteve solitário o bastante para ponderar sobre os *e ses* da sua vida. Usar um traje elegante e se encontrar com um advogado era o mínimo que poderia fazer para impedir que Lady Ellie se preocupasse até a morte – e se ela escolheu não incluir Ruby ou Harold neste ardil, então ele sentiu uma certa

segurança que no caso de algo sair errado, que poderia chamar Lorde Haversham ou Harold.

Entretanto, os riscos estavam principalmente sobre os seus ombros. Era ele quem iria se passar por um lorde, uma marquês, nada menos. Se o esquema fosse descoberto, a penalidade recairia sobre ele – não sobre Lady Ellie.

Alex deveria negar o pedido dela e ir embora, dizer que o risco era grande demais, implorar para que ela repensasse. Havia muitas coisas que ele podia dizer ou fazer, mas ele só queria agradá-la – dar esperança de que as coisas ficariam mais estáveis e seguras, não apenas para a criadagem, mas também para ela.

E a única forma de conseguir isso seria descobrir exatamente o que o advogado sabia – e como Lady Ellie usaria isso a seu favor.

Se isso o colocasse em perigo, se preocuparia com isso quando chegasse a hora.

—O quão rápido você pode alterar as roupas do marquês? — ele perguntou, esperando que não viesse a se arrepender dessa decisão.

CAPÍTULO CINCO

ELLIE DEIXOU SEU coração acalmar. Assim que isso aconteceu, o som do sangue correndo por suas veias também diminuiu. A sensação do cobertor macio, feito à mão pela Sra. Bee quando Ellie ainda era um bebê aprendendo a andar, sempre a confortou. Seja depois de uma briga fervorosa com o marquês seja ao enfrentar suas próprias batalhas internas.

Nesta noite, sua inquietação nada tinha a ver com essas coisas.

Mas com ele, com Alex.

Ele concordou em ajudá-la em seu plano estranho para que conseguisse manter a sua posição como senhora da casa Drake. Isso tanto a assustava quanto a irritava. Ele nunca tinha dado razão para que ele acreditasse nela.

Era como se o destino os tivesse unido – ou mais provavelmente, o marquês em sua última tentativa distorcida de continuar mandando em sua vida e aumentando ainda mais a sua desconfiança. Se o plano dele fosse solidificar aquele cavalariço na sua mente, então ele tinha sido bem-sucedido.

Quando teve que encarar a escolha sobre o homem em quem ela mais confiava, sua lista só incluía Alex.

Não se passava uma noite sem que ela pensasse nele até cair no sono – o coração bondoso que lhe deu Ember no natal, ou o aperto firme que ele tinha dado em sua mão quando estava na viela. Seus sentimentos massacrantes para com ele a assustavam, mas ao mesmo tempo a excitavam.

Depois de concordar em ver o advogado, e experimentar um dos casacos mais velhos, mas intocados, do marquês, eles se afastaram até que fosse a hora de se encontrar com Adams. Ellie ansiava falar com ele – perguntar se ela tinha mandado Alex em uma missão imprudente, uma que poderia enviá-lo direto para Newgate, mas aquela parecia ser a coisa errada a dizer. E Ellie queria muito fazer a coisa *certa*.

Então, recentemente ela tinha se relegado a passar horas escondida no sótão dos estábulos, onde ela se sentia perto de Alex sem ter que ficar à mercê do julgamento dele. Passar muitas horas deitada de bruços lá fez com que a maciez da sua cama soasse ainda mais convidativa. Esta noite tinha

sido a mais produtiva, pois Alex tinha aparecido, a camisa tinha sido descartada em algum momento. Ele trabalhou arduamente para completar as tarefas da noite.

Ellie ansiava poder fazer algo para ajudá-lo tanto quanto ele a ajudou.

A dedicação dele ao trabalho lhe fez lembrar daquele dia tarde da noite, há bem mais de um ano, quando ela o viu pela primeira vez. Ele estivera focado e determinado, tanto que não a ouviu entrar escondida na casa e cruzar o corredor, nem na sala onde ele estava. Ela ficou a poucos centímetros dele por vários minutos enquanto ele recitava algo que lia no livro que estava em seu colo. Ela notou que ele lia mais rápido do que virava as páginas, como se ele tivesse memorizado aquele texto há muito tempo. O livro, como um velho amigo, só estava lá para dar um norte a ele.

Ellie fechou os olhos e se reclinou na cama, lembrando-se daquela noite. De um tempo em que não se sentia próxima a ninguém.

Ela estava gelada por ter ficado na rua depois de ter escurecido, quando uma tempestade súbita se abateu sobre Londres, excedendo muito a garoa habitual. A umidade parecia ter grudado em seus ossos, já que a chuva tinha molhado o seu casaco em segundos. Seu cabelo, sempre selvagem e indomado, caia em seu rosto totalmente bagunçado por causa da sua corrida desembestada debaixo daquele aguaceiro para chegar à casa Drake. Sua única preocupação ao voltar para casa era que o marquês não a pegasse entrando. Há muito tempo tinha sido proibida de deixar a casa desacompanhada, e o fato de ela ter ido ver Marce Davenport na Craven House seria indesculpável.

Com aquilo em mente, ela deixou a janela do salão do primeiro piso aberta – uma sala que raramente era usada porque, bem, o marquês não recebia visitas.

E foi por isso que ela tinha se arriscado a deixar a água pingar no corredor e empoçar em seus pés enquanto ouvia a voz masculina vindo do salão do marquês. A voz não era do marquês, nem de outra pessoa da casa. Ela não podia lembrar de ter ouvido a voz culta e suave que flutuava até a porta.

Ellie entrou na sala quente depois de abrir a porta. O desejo de passar uma descompostura no ocupante do cômodo era forte. Imaginou quem tinha se atrevido a entrar na casa, pois ela sabia que o marquês estava fora já que a carruagem e os cavalos não estavam no estábulo quando ela se esgueirou pelo beco há apenas uns instantes.

Não, sentado na frente dela não estava nenhum vagabundo ou alguém querendo fazer algum mal a ela.

Era só um jovem, não muito mais velho que ela.

E ele estava na poltrona favorita do marquês com um livro aberto no colo. A lareira acesa iluminava os contornos do rosto dele. Foi só depois de uma boa inspeção que ela notou os pés dele, que estavam firmes no chão, e as mãos que pertenciam a alguém habituado ao trabalho braçal.

As palavras dele fluíam de maneira uniforme, mas lenta. A cabeça dele estava abaixada e as juntas dele estavam brancas. Ele irradiava concentração, mas ainda assim ele mal olhava para as páginas.

Ellie imaginou o que prendia tanto a atenção dele, já que não eram as palavras impressas.

Espantoso era o fato de ela não estar preocupada sobre quem ele era.

A voz dele a cobria com uma profunda sensação de segurança.

—O que você está lendo? — As palavras foram ditas com a sua voz, embora ela não estivesse ciente de tê-las dito.

Ele ergueu a cabeça lentamente e encontrou os olhos dela. Castanhos – os olhos dele eram castanhos, aquela era a única coisa que ela tinha certeza no momento.

E que, apesar da voz culta, ele não pertencia à nobreza.

—Perdoe-me, — ele disse. Fechando o livro e ficando de pé. Mais alto do que ela esperava, ele pairava por cima dela, ele estava de costas para o fogo. —Eu deveria voltar aos estábulos.

Ele foi em direção à prateleira de onde tinha pegado o livro, a mão que estava livre esfregava a coxa.

—Você está machucado? — Mais uma vez ela tinha feito a pergunta mais irrelevante. —Quero dizer, você está...

—É o tempo, — ele disse enquanto colocava o livro no lugar e se virava para ela e para a saída. —Infelizmente, o clima frio e úmido aqui de Londres não me faça muito bem.

Ellie queria rir das palavras dele. Essa era a desculpa que ela esperava ouvir de um homem três vezes mais velho que ele. Ainda assim, sentiu que não deveria escarnecer sobre aquilo.

Ele se moveu mais rápido que antes enquanto atravessava a sala. Sem dúvida nenhuma indo em direção à porta. Foi então que ela notou que um dos pés dele não se erguia tanto quanto o outro, e ele se reclinava levemente para a esquerda para compensar isso.

—Tenha uma boa noite, Lady Ellington.

—Você sabe o meu nome?

—É claro. — Um sorriso tímido iluminou o rosto dele.

—Então é justo que você também se apresente.

—Eu não sou ninguém, minha lady. Apenas um humilde cavalariço que foi enviado para pegar a colheita da semana na horta.

Ellie olhou em volta. —Aqui não é a horta.

—Não é.

—Mas aqui está você.

—Confesso que Cook não estava na cozinha então eu pensei em ficar um pouco no calor aqui na casa até que ela voltasse. Os estábulos ficam terrivelmente úmidos e molhadas durante as tempestades.

—E você pensou em passar tempo na poltrona do marquês – lendo o livro que ele mais gosta? — ela perguntou.

—Pensei que você não soubesse qual livro eu estava lendo.

Ela sorriu hesitante, pois, na verdade, ela conhecia muito bem aquele livro, embora não soubesse o que estava escrito nele. Ela já tinha visto o marquês com ele no colo muitas vezes.

Quando ele baixou a cabeça envergonhado, ela prosseguiu, —Prometo que não vou contar o seu segredo.

—Isso é muita bondade sua. — Os dedos dele voltaram a massagear o alto das coxas. —Tenho que ir ver se Cook já voltou. Sem dúvida o encarregado dos estábulos não concordará com suas palavras generosas ou com a minha demora.

—O que você tem na perna?

—Disseram-me que estive em um acidente de carruagem antes de eu ter aprendido a andar. Mesmo que a minha babá tenha cuidado de mim depois que os meus pais decidiram que eu estava além do reparo, infelizmente minha perna e minha mão ainda sofrem por causa dos danos.

—E o marquês concordou em contratar você?

—Eu posso lidar com cavalos melhor que homens que têm duas vezes a minha idade e com quatro membros sadios. — As palavras afrontosas dele a fizeram se arrepender da pergunta.

—Eu não quis dizer—

—Você não seria a primeira, nem a última, a pensar que um aleijado não pode lidar com as tarefas de um estábulo, — ele a interrompeu. —Além disso, o marquês e o encarregado dos estábulos sabem sobre a minha

deficiência. Eu tenho mesmo que voltar antes que ele comece a fazer perguntas sobre o meu paradeiro. Boa noite, minha lady.

—Espera, — ela disse. Ela parou a poucos centímetros da porta quando ela apoiou a mão no braço dele para detê-lo. —Posso saber o seu nome? Se eu te vir por aí – o que eu acho que vou – gostaria de saber como te chamar.

—Alex.

—Só Alex?

—Alex é tudo o que eu tenho para dar.

Ellie estava sem palavras...

Igual a ela. Ela era só 'Lady Ellie' ou 'Lady Ellington', sem sobrenome, já que ninguém a tinha reclamado para si.

—Bem, Alex, você pode me chamar de Ellie.

—Isso não seria apropriado, minha lady.

—Eu lhe asseguro que é muito apropriado, veja bem, assim como você, isso é tudo o que eu tenho. — Era tudo o que ela tinha para dar, toda a sua existência em um único livro de capa de couro, a escrita de um homem que seria esquecido com o tempo, assim como ela.

Ele assentiu. —Muito bem. Se alguma vez estivermos sozinhos, te chamarei de Ellie.

Era tudo o que ela poderia pedir. Qualquer criado, não importa o quanto os patrões o favorecessem, seria punido por se atrever a chamar uma dama pelo nome – mesmo se a dita dama não fosse uma dama de verdade.

—Antes de você ir... — Ellie se virou e se afastou correndo, olhando alguns livros antes de escolher um. —Leve esse.

Ellie entregou o livro a ele.

—A Tarefa, — ele leu, mas não pegou o livro. —Para que é isso?

—Parece que você já decorou o outro livro. — Ellie olhou para o livro ricamente encadernado em suas mãos. —E me deram esse livro há muitos anos. Ouvi dizer que Cowper é muito talentoso com as palavras. Por favor, pegue-o. Não sou muito dada à leitura.

Relutantemente, ele pegou o livro, colocou-o debaixo do braço e fez uma mesura formal. —Meu mais sincero agradecimento, Lady—

—Ellie, — ela disse. —Estamos sozinhos afinal das contas.

—Sua bondade não será esquecida... — Ele fez uma pausa. —Ellie.

Seu nome soava divino nos lábios dele. Poucas pessoas se dirigiam a ela, muitos ali preferiam fingir que ela não existia em vez de se associar com a

filha bastarda do Marquês de Drake – pouco mais que uma tutelada do marquesado e alguém digno de pena.

—Lady Ellie. — Uma mão segurou o seu ombro e o agitou gentilmente. Por que ele tinha voltado a chamá-la de Lady Ellie? Eles ainda estavam sozinhos. Não tinha ouvido o marquês chegar. —Lady Ellie, você tem visita.

Assustada, Ellie se sentou, o sol forte de meio-dia que atravessava as janelas a cegou momentaneamente. Ela deve ter caído no sono, e ter dormido a noite toda – pela primeira vez em mais de um ano não tinha acordado com um pesadelo fresco na sua mente.

—Daphne, céus, pare de me sacudir. — Ellie afastou a mão da criada. — Estou acordada. E com certeza é cedo demais para visitas.

—Você dormiu até depois do café da manhã, minha lady. — A criada atravessou o quarto correndo e pegou um vestido creme que estava sobre a cadeira, apresentando-o com um floreio. —A senhorita Ruby... Quer dizer, a Sra. Jakeston está te esperando lá em baixo.

—Já se passou uma semana? — Ellie pensou. —Quantas vezes terei que dizer a ela que já sou uma mulher crescida e que não preciso que ela venha checar o meu bem-estar?

—Ao menos mais uma vez, minha lady.

—Pare com este *minha lady*, Daphne.

—Por que você está tão irritada?

Por pensar em Alex, é isso, mas era pouco provável que ela compartilhasse com a criada qual era o alvo da sua frustração. A menina já tinha falado e falado sobre o ‘quão bonito ele é’ e ‘você acha que ele gosta de alguém?’. Ficava doente só de pensar em Daphne e Payton enviando olhares desejosos para Alex.

Se Ellie insinuasse sobre o sonho ou que ele tinha passado muito do que realmente aconteceu, ela nunca ouviria o final. Como aquele sonho tinha progredido para que ela agora, na luz do dia, achasse difícil respirar? Em seu sonho, ele agradeceu Ellie por sua bondade com um beijo – e ela permitiu que ele a envolvesse em seus braços.

Braços fortes, capazes e ilesos.

—Vamos, minha lady, — Daphne a sacudiu mais uma vez. —Aquele cavalariço não pode mantê-la ocupada o dia inteiro.

—Cavalariço?

—Sim. A Sra. Jakeston pediu para vê-lo quando eu disse que você não estava recebendo no momento. — A criada voltou do quarto de vestir de Ellie

com um par de sapatilhas que combinavam com o vestido. —Disse que se ocuparia até que você estivesse pronta para vê-la.

Durante a breve conversa que teve com Alex no beco – e com ele concordando a ajudá-la – ele tinha aceitado com mais boa vontade do que ela imaginara ser possível. Estava ciente de que a sua sorte não duraria para sempre, mas precisava de mais tempo para descobrir o que o futuro reservara para ela, antes que fosse atirada na rua e forçada a tomar qualquer decisão.

Ellie saiu do calor da cama, tirou a camisola e vestiu as roupas limpas com a ajuda das mãos capazes de Daphne. Em seguida, ela se sentou à penteadeira, permitindo que a menina penteasse a bagunça que era o seu cabelo vermelho, que tinha ficado completamente embaraçado depois de ela cair no sono sem trançá-los.

—Minha nossa, minha lady, — Daphne suspirou, passando a escova por um nó bastante emaranhado. —Você deve ter tido um sono agitado, parece que você enfrentou uma batalha enquanto dormia.

—Ai. — A escova se embrenhou em outro nó. —Você não pode só penteá-lo de qualquer jeito e prendê-lo o melhor que puder? — Ellie não queria admitir que tinha a esperança de ver Alex antes que ele voltasse para os estábulos.

—Por que a pressa?

—É rude deixar Ruby esperando.

A criada sorriu para o espelho. Não havia dúvida de que a menina pensava que a senhora finalmente tinha reparado em seu próprio comportamento grosseiro. Na verdade, Ellie queria só terminar logo com a visita semanal da irmã – e seria muito sortuda se tivesse um vislumbre de Alex no processo.

Ellie entrou na sala de visitas com um sorriso sereno no rosto, mas só foi recebida pela irmã – Alex já tinha ido.

—Ellie, — a irmã a cumprimentou com um rápido abraço, soltando-a e voltando para o seu assento antes que Ellie manifestasse qualquer desprazer. —Sinto muito por não ter vindo antes. O trabalho para fazer uma casa velha e dilapidada ser habitável é pesado, para dizer o mínimo.

—Não reparei que você não tinha vindo antes, embora esteja muito feliz em vê-la. — É claro que ela tinha notado que a irmã não tinha aparecido no aniversário da morte do marquês, mas ela preferia ser enterrada junto com o homem a admitir isso para Ruby. —Mas você está aqui agora, então conterei a minha euforia.

Ruby tentou manter contato visual com a irmã mais nova, mas Ellie notou que a mulher não parava de retorcer as mãos. Ela tinha que dar a Ruby algum crédito por sua persistência em persuadi-la a aceitar que ela fizesse parte de sua vida, mesmo apenas encontrando respostas ácidas e esquivas.

—O bebê Neill está bem, — Ruby disse, mudando de assunto. —Tenho gostado muito de ajudar Vi a cuidar dele. Ter uma criança por perto – a risada e precocidade – é algo que eu nunca pensei que fosse experimentar.

—Tenho certeza que com a sua idade você já desistiu da esperança de ter uma família. — Ellie sabia que estava sendo cruel, mas não entraria em outra discussão interminável sobre crianças e casamento – e família. —Mas você foi abençoada com o Sr. Jakeston e uma casa nova. As coisas serão como você sempre sonhou.

Ruby olhou para ela em silêncio, a quietude sendo quase ensurdecedora antes de ela prosseguir, —É exatamente isso. Nunca pensei que teria uma família – nunca desejei ou sequer esperei. Entretanto, quando Vi se casou com Lorde Haversham – e então Harold chamou a minha atenção – descobri que isso era algo que eu realmente queria.

—Parabenizo-te por sua descoberta.

—Ellie—

—Por favor, podemos não ter essa discussão disparatada novamente?

—Você é a única que transforma nossas conversas em discussões – embora eu culpe a natureza irascível do nosso pai.

Ellie suspirou e ergueu as mãos, sinalizando que queria falar.

—O que eu estava tentando te fazer entender é que casamento – e família – não é algo que eu percebi que desejava porque eu sentia que estava fora do meu alcance.

—E você acha que família e casamento estão ao meu alcance? — Ellie segurou o olhar da irmã, recusando-se a desviá-lo. —Ou que seja algo que eu queira?

—Todo mundo deseja ter uma família.

—Bem, — Ellie disse. —Nunca fiquei impressionada com a família que foi dada a mim – nem desejaria minhas circunstâncias a outra pessoa. Quem pode dizer que o meu filho se sairá melhor que eu?

—Você não é o nosso pai. — Ellie viu a determinação se esvaindo de Ruby, sabendo que a conversa terminaria em breve. Sempre era a mesma coisa a cada vez que Ruby tentava abordar o assunto. —Só quero que você pense um pouco mais no futuro.

—Eu lhe asseguro que eu penso no futuro com muita frequência. — Ellie colocou a mão no bolso do avental e tocou a carta do advogado do pai. —E ele nunca incluiu família ou filhos porque alguém precisa pensar primeiro em manter um teto sobre sua cabeça.

—Você sempre terá um lar comigo e Harold. — Ela já tinha dito aquilo mais de cem vezes desde a morte de Drake, ainda assim Ellie não estava mais perto de aceitar a proposta do que estava há um ano.

—Mais uma vez, esta é uma oferta muito generosa, mas eu declinarei. — Ellie ficou de pé, esperando deixar bem claro que a *visita* tinha chegado ao fim. —Por favor, dê os meus cumprimentos ao seu marido.

Ellie colocou um sorriso no rosto, um que qualquer um que olhasse com atenção perceberia que não chegava aos seus olhos.

Ruby permaneceu sentada por mais alguns minutos antes de sacudir a cabeça, ficar de pé e sair.

Ellie se jogou no assento que Ruby tinha deixado, e se permitiu pensar nas muitas coisas que desejava dizer à irmã.

Havia tantas coisas pelas quais Ellie sentia muito, e centenas de outras pelas quais deveria se desculpar. Queria aceitar a irmã e tudo o que ela tinha a oferecer. A ideia de ter outra pessoa cuidando dela – realmente cuidando dela – parecia um sonho que estava fora de seu alcance.

Para abraçar tudo o que Ruby oferecia, Ellie precisaria se abrir e deixar tudo entrar, mas isso também permitiria que muitas coisas terríveis escapassem dela. Fazer-se vulnerável perante a irmã, deixar que Ruby a envolvesse em um ninho de segurança, só traria à tona lembranças cruéis que Ellie trabalhou duro para reprimir, coisas com as quais jurou não sobrecarregar a irmã.

Elas comiam Ellie de dentro para fora – e ela morreria antes de permitir que elas fizessem o mesmo com Ruby.

CAPÍTULO SEIS



ALEX ANDOU PARA lá e para cá na frente do espelho de um dos quartos de hóspedes do andar superior, virando-se de uma lado para o outro, verificando a habilidade com a qual a criada tinha alterado o casaco para servir nele. O corte e o tecido estavam fora de moda, mas como Drake foi encolhendo enquanto ficava mais velho, Lady Ellington foi forçada a procurar no sótão o baú que continha as roupas de quando o marquês era mais jovem.

O casaco encaixou como deveria – repuxando ao longo dos ombros e a calda caía tão precisamente quanto as do casaco de Lorde Haversham. Erguendo a bainha de suas calças, ele prestou atenção nas Hessians. Elas eram diferentes de qualquer bota que já tinha usado, e para a sua surpresa, elas tinham servido como se tivessem sido feitas sob medida, e não que tivessem pertencido a um homem que estava em seu túmulo há mais de um ano.

Alex sentiu uma pontada de desconforto e remorso por estar usando as roupas do falecido Marquês de Drake. Mas ele se lembrou, como havia feito muitas vezes desde o dia que concordara com o plano de Ellie, que era por uma boa causa – ele só estava fazendo isso para preparar Ellie para uma eventual mudança da casa Drake... dando a ela tempo para descobrir o que faria de seu futuro, seja com a irmã seja forjando o próprio caminho.

—Você acha que eu vou conseguir? — ele perguntou. —As roupas serviram bem, mas temo não conhecer os maneirismos de um verdadeiro lorde.

Quando não ouviu nenhuma resposta, ele olhou por sobro o ombro para olhar para Ellie sentada perto da porta, perdida em pensamentos, olhando diretamente para ele. Ele aproveitou a oportunidade para observá-la. Quando o rosto dela não estava contorcido de desgosto e ela não estava se esforçando muito para deixar o seu descontentamento aparente, ela parecia quase angelical. Parte do cabelo dela tinha escapado dos grampos e criado uma aureola de luz em volta de sua cabeça. A expressão não era nem pensativa

nem perplexa, dando um ar meio infantil à aparência dela. Ela estava sentada sobre as pernas, a saia as cobria e parava a poucos centímetros do chão. Hoje, ela usava um vestido do mais delicado tom de pêssego, com um avental branco atado à cintura. Desde que ela saiu do luto, ele ficava ansioso para ver as cores e os estilos que ela tinha escolhido usar – não que soubesse muito sobre moda feminina, mas não importa o que ela escolhesse, era muito melhor que os trajes pretos e robustos que ela usara.

Estava receoso de trazer sua tarefa à tona, sabendo que isso iria perturbar a paz dela e iria banir o olhar tranquilo.

Sorrindo, ele percebeu que poderia se vestir todas as manhãs com ela sentada assim, perdida em seus pensamentos, enquanto o observava – e não importava – desde que ela estivesse por perto. Sempre pensou que sua conexão com o marquês fosse por causa do homem esquivo, mas agora, não estava certo. Talvez, havia a possibilidade de que o seu destino estivesse ligado à mulher que estava diante dele... não ao marquês.

—Você parece sofisticado. — As palavras dela não passavam de um sussurro, e provavelmente não eram para serem ditas em voz alta.

Ele ergueu a sobrancelha encontrando o olhar dela no espelho. — Sofisticado, sim. — Ele virou para lá e para cá, estufando o peito e fazendo uma passo de giga. Ela sorriu levemente por causa das suas palhaçadas. — Mas eu conseguirei me passar por um marquês?

Ela se levantou da cadeira e foi até ele, ela batia o dedo no queixo com concentração como se estivesse inspecionando-o. Finalmente ela parou e baixou as mãos. —Devo confessar que não sou a pessoa certa para dar opinião sobre isso. Você parece com qualquer cavalheiro que está tratando de negócios na Bond Street ou dando um passeio pelo Hyde Park.

—O meu cabelo não está muito longo? — ele perguntou, passando as mãos pelo cabelo. A criada de Lady Ellington tinha aparado o seu cabelo e ele estava na altura das orelhas e mal tocava o colarinho da camisa. —Parece um pouco bagunçado.

—Acho que está perfeito, meu lorde. — Ele se afastou do espelho enquanto ela cobria o sorriso com as mãos. —Não pude evitar, — ela riu.

—Isso é só para uma reunião, certo? — Isso era tudo com o que podia lidar – embora não devesse nunca ter concordado com o plano. —Depois disso, nós aceitaremos as cartas que serão dadas. Se o novo marquês aparecer, iremos aceitá-lo de braços abertos. — *Nós*? Ele não tinha ideia de quando tinha começado a pensar nele e nela como ‘nós’, mas isso aconteceu

em algum momento depois que ela pediu a sua ajuda. Imaginava se depois que tudo estivesse feito, se ela voltaria a ignorar a sua existência. —Então você terá que contar aos outros criados – e também à sua irmã.

—Ainda não é o momento para isso. Está na hora de você sair ou então chegará atrasado. — Ela correu pela sala, juntando as roupas descartadas – ignorando o que ele tinha dito antes. —Você providenciou para que os cavalos estivessem esperando na entrada?

—É claro, — Alex confirmou. Lutou para pensar na melhor forma de chegar ao escritório do advogado. Se fosse na carruagem de Drake, eles precisariam de um condutor, o que só faria com que a fofoca sobre ele estar saindo da casa usando um traje elegante e na carruagem do patrão se espalhasse pela casa. Mas, ele precisaria de um cavalo – pois nenhum nobre de Londres iria andando até o escritório do advogado. E sair dos estábulos certamente chamaria a atenção de Eckles, o encarregado. —Você tem certeza de que pode montar escarranchada?

Ellie só riu, não se preocupando em olhar para ele. —Fiz isso mais vezes do que você pensa. Além do mais, não é muito longe. Daphne e eu iremos te encontrar na esquina. Ninguém vai fazer perguntas sobre o seu traje ou por que você está escapulindo da casa e negligenciando os seus deveres.

Ele assentiu enquanto ela saia do quarto e fechava a porta, deixando-o sozinho no quarto antiquado. Embora a mobília e a decoração fossem remanescentes de eras passadas, Alex poderia se acomodar num quarto assim – era mais do que ele já tivera no orfanato em Londres, e bem mais do que os estábulos ofereciam.

Olhando uma última vez no espelho, Alex ficou enraizado no lugar. Ele mal reconhecia o homem refletido ali: de banho tomado e vestido de forma elegante, o cabelo penteado para o lado, com o anel de sinete do marquês em seu dedo. Quando ele chegou para tomar banho e se vestir, notou a caixinha do anel em cima das calças. Ele a colocou de lado, não querendo sujar o tecido marfim que cobria a caixa, especialmente se o conteúdo não fosse para ele.

Ellie lhe tinha assegurado que se quisessem ter qualquer chance de enganar Adams, o anel com certeza ajudaria.

Mesmo que ele fosse uma fraude de araque, tudo nessa situação parecia certo. Tanto o seu traje quando a sua determinação de tranquilizar Lady Ellington.

Podia fazer isso.

Iria fazer isso.

Era só uma curta reunião com o advogado. Se o homem o espremesse demais ou fizesse muitas perguntas, Alex pediria licença e partiria.

Tinha sido exatamente isso que ele e Ellie combinaram.

Mas não gostava muito da ideia de decepcioná-la. Conheciam-se há mais de um ano, porém ela ainda ficava hesitante perto dele, nunca compartilhando muito sobre si. Nem fazia muitas perguntas sobre ele e seu passado. Muitas vezes quando olhava para Ellie com os cabelos vermelhos voando soltos por suas costas, ou os olhos verdes acesos de fúria ou travessura, Alex imaginava se ele realmente sabia algo verdadeiro sobre ela – ou se ela fosse apenas deixá-lo saber o que ela queria que ele soubesse, guardado todo o resto para si.

Depois que completasse essa tarefa, ele esperava que ela finalmente percebesse que ele era de confiança, que ele ofereceria mais vantagens para ela que um cavalariço comum. Ellie poderia contar com ele caso se enfiasse em alguma confusão ou estivesse precisando de ajuda.

Ele olhou mais uma vez para o espelho, espantado com o caimento da casaca e com o brilho das botas. Talvez um dia ele não fosse apenas imitar um cavalheiro, mas teria mais a oferecer para aqueles em sua vida.

Só rezava para que quando esse dia chegasse que Ellie ainda estivesse na sua vida.

Olhando para o relógio que havia em cima da penteadeira, Alex notou que já tinha passado muito tempo. Ele podia sair do quarto sem temer que alguém notasse que Ellie tinha estado lá.



Ellie ficou agarrada à sela enquanto andava para lá e para cá no beco a duas quadras de distância da sua casa. A égua da sua criada, de sela vazia, a seguia, os cascos dos cavalos ecoando pelas paredes altas que a cercavam.

Ela disse que Alex tinha ficado elegante nas roupas. Ela não deveria ter dado voz a aquele pensamento, mas era melhor aquilo que as outras coisas que pensara – nunca o tinha visto mais confiante – e de alguma forma, em seu elemento – que naquele momento. Era como se a única coisa que se encaixasse melhor que as roupas fosse a sensação de retidão que o rodeava, e que também a envolvia. Onda após onda de autodomínio e compostura preencheram a sala. Era como se ele usasse as roupas – ou qualquer coisa

elegante – todos os dias e passasse tempo atendendo suas responsabilidades no Parlamento ou indo a reuniões para discutir os acontecimentos atuais.

Nenhuma única pessoa pensaria que ele fosse qualquer coisa que não um marquês – ela estava tendo dificuldade para acreditar que ele era o mesmo homem que vira no estábulo há poucas horas.

Assim que chegaram ao beco, Daphne voltou para casa – sem fazer perguntas. Ela valorizava muito a habilidade da criada de segurar a língua quando a senhora dava as suas escapadas inapropriadas.

Agora, ela só precisava esperar a chegada de Alex.

Precisou de toda a sua força de vontade para deixá-lo. Ele parecia mais elegante que qualquer outro homem que ela teve a chance de ver se vestindo – não que ela sempre observasse homens se vestindo. Era como se ele tivesse assumido o papel que tinha pertencido a ele a vida inteira – e ela lembrou de quando ele brincou que se caso não tivesse sido ferido quando bebê, e os pais não o tivessem abandonado, que ele poderia muito bem ser um lorde importante.

E seguindo a tendência da maioria dos nobres, ele estava levando mais tempo do que ela esperava – mantendo-a esperando. Uma parte dela temia que ele tivesse pensado melhor e tivesse decidido não bancar o lorde.

Olhando para o sol que despontava entre os prédios, Ellie notou a hora. Era quase meio-dia, a hora que James Adams esperava que o Marquês de Drake o encontrasse no escritório – era uma cavalgada de apenas dez minutos, embora um lorde fosse facilmente perdoado pelo atraso, principalmente um marquês.

Alex só precisava se encontrar com o homem, assegurá-lo que ele estava no controle – e o mais importante, manter Adam, e o resto da sociedade, desinteressados na propriedade de Drake e no Marquesado; e por conseguinte, ganhar tempo para Ellie remediar sua situação. A saber: ser a bastarda de um marquês morto sem um tostão e nenhuma perspectiva para o futuro, além de seus ardis.

Alguns dias desejava ser forte o bastante para se afastar de tudo isso – buscar refúgio com a irmã ou na Craven House – mas depois de muitos anos de abuso, Ellie *merecia* a casa do marquês e tudo o que vinha com ela. Ninguém, e certamente não algum parente distante do pai, iria usurpar o que era seu por direito. Pagou com a sua dor, seus muitos anos de lágrimas – assim como a mãe tinha pagado com a vida.

Um arrepio a percorreu por aquele pensamento, mesmo o dia estando atipicamente quente para a primavera.

A sensação gelada quase a deixou de joelhos. Puxou a jaqueta de montar junto ao corpo, esperando espantar o frio que ela sabia que vinha de dentro.

Não poderiam fracassar – não era uma opção.

Afastou o remorso e os pensamentos sobre colocar em Alex em perigo, pois a punição por se passar por um lorde era severa. Ele sabia que teria que sair do escritório do advogado caso algo desse errado, ou se a linha de questionamento dele se tornasse muito profunda e desconfortável – por tudo o que sabiam, seu maior medo se realizaria, e Alex seria desmascarado, o magistrado chamado e Ellie não seria capaz de fazer nada quanto a isso.

Felizmente, ela tinha pensado para além das consequência. Sabia que não teria outra escolha a não ser implorar a ajuda de Lorde Haversham caso Alex fosse levado pelas autoridades.

Ellie ainda segurava os cavalos quando Alex finalmente chegou.

A visão dele quase a fez arfar – cada centímetro dele parecia um marquês educado e refinado. Até o caminhar dele tinha um quê de indiferença que o marquês anterior tinha adquirido depois de anos de prática. E este homem tinha dominado esta arte em muito menos tempo. O queixo dele levantou um átimo enquanto ele parava na frente dela com um sorriso insinuando em seu rosto.

O cabelo castanho claro tinha escapado de detrás da orelha e caia sobre a testa dele, dando-lhe um ar de desprendimento. Sua criada tinha ajustado perfeitamente a casaca para os ombros dele, embora parecesse um pouco apertada nos braços, já que os músculos lá dentro lutavam para se ajustar.

O que ela estava pensando ao achar que ele enganaria alguém com este traje?

Era provável que ele fizesse bem mais que isso.

—Minha lady? — ele perguntou, arrancando-a de seus pensamentos.

—Oh, sim. — Ela se mexeu, preparando-se para apear, e ele estava na frente dela, esticando os braços para ajudá-la a descer. —Obrigada. — A ajuda dele era uma coisa com a qual – tanto quanto odiasse admitir – estava se acostumando.

As mãos dele foram para a sua cintura e não a soltaram até que ela tinha colocado os pés no chão sujo do beco, e até então, ela sentiu que ele hesitara, segurando-a por mais tempo que o necessário. Ela fechou os olhos, imaginando que podia sentir o calor dele infiltrando-se por seu espartilho e

por seu vestido, embora tudo o que sentisse fosse a leve pressão das mãos dele.

Ellie ficava irritada por causa de todas as vezes que tinha se imaginado nos braços dele – um lugar que ela não tinha direito de reclamar.

—Você deveria se pôr a caminho. — Ela deu um enorme passo atrás, sabendo que ele precisava da distância tanto quanto ela. —Você tem certeza de que eu não posso acompanhá-lo?

Ele balançou a cabeça. —Não, complicaria as coisas – e me distrairia.

—Distraí-lo? — ela perguntou confusa. —Como?

—Eu não seria capaz de me concentrar nas perguntas do homem porque ficaria preocupado por algo acontecer contigo lá fora.

Ellie tinha feito tudo o que estava em seu poder para desencorajar a preocupação dele por ela – desde antes da morte do seu pai e depois na viagem à Foldger's Hall – ainda assim, os últimos dias que passaram juntos tinha reavivado a natureza vigilante e protetora de Alex.

—Então é melhor eu te esperar aqui. — O beco deserto também ficava protegido dos olhos dos passantes, a comprida viela engolia a luz e a esconderia de vista.

Mais uma vez Alex sacudiu a cabeça discordando. —Não, é muito mais inseguro você ficar aqui sem estar acompanhada. Acho que é melhor você voltar para casa e me esperar lá.

—Alguém está se agarrando um pouco demais ao seu poder recém-descoberto, — ela bufou enquanto colocava as mãos nos quadris. —Eu pedi a sua ajuda, não por um guardião, nem preciso que um mero cavalariço fique me vigiando. — Ela não estava certa de que por que ficou tão contrariada por causa do pedido – talvez por que não fosse nenhum pedido, mas uma ordem.

Ele olhou por sobre o ombro para a rua movimentada e então para o sol. —Não temos tempo para ficar discutindo, principalmente se eu quiser chegar na hora. — Com as rédeas na mão esquerda, ele pegou a mão da menina com a direita, olhando dentro dos olhos dela. —Por favor, se algo calamitoso acontecer contigo enquanto estou brincando de lorde, nunca me perdoarei – e toda esta farsa terá sido por nada.

Os olhos dele buscaram os dela – cavando mais fundo do que ela queria e atravessando a parede que ela tinha construído em volta de si – pedindo gentilmente para que ela baixasse a guarda e acreditasse nele. Mas como poderia confiar em que ele cuidaria dela e que não estivesse apenas tentando conseguir algum benefício?

As palavras do marquês flutuaram em sua mente. Em seu último suspiro, ele pediu que ela confiasse em Alex – mas por quê? E mais importante, como? Isso era uma segurança que nunca tinha sido dada a ela – até mesmo o marquês não era digno da sua confiança, nem tinha dado a Ruby qualquer sugestão de que confiaria nela.

Apertando as mãos nas dele, Ellie assentiu. —Irei te esperar na sala de visitas. — Então ela soltou a mão dele e foi até o cavalo da sua criada, preparando-se para partir. —Fique seguro – e obrigada.

—Qualquer coisa por você. — Ele parou por um breve segundo antes de prosseguir, —Ellie.

Ela podia vê-lo dizer o seu nome assim – em um sussurro e só para os seus ouvidos enquanto ele proclamava a vontade de ir até o fim do mundo para agradá-la.

Ele a ajudou a montar e saltou no outro cavalo, ainda podia sentir o aperto dele firme em sua cintura mesmo depois de ele a ter soltado. —Sairei do beco poucos minutos depois de você, assim não chamaremos a atenção de ninguém.

Ellie imaginou se seria assim tão terrível que os nomes deles fossem postos juntos, de ser vista junto a ele em público – mas ninguém os conhecia. Não se podia criar um escândalo se ninguém sabia a identidade de nenhum dos dois.

CAPÍTULO SETE



A CONFIANÇA DE Alex minguou enquanto ele se aproximava do escritório do advogado, sua testa começou a suar e seu *plastron* parecia mais apertado que um torno, restringindo a passagem de ar. O único conforto que tinha foi no balanço do cavalo enquanto atravessava a rua lotada, procurando o prédio. Adicionando ao seu desconforto estava o fato de que ele não conhecia a área – não ficava nem no distrito de compras ou na rota das casas mais influentes de Londres.

A rua se estreitou e ele fez a última curva, reconhecendo o nome que estava pendurado do lado de fora da porta de um pequeno escritório que precisava muito de uma demão de tinta e de ter as janelas limpas.

Parando o cavalo na frente do prédio, Alex olhou em volta. Normalmente, ele ou um lacaio ficariam vigiando a carruagem ou a carruagem que o lorde tinha usado – não que o Marquês de Drake deixasse a casa com frequência, a não ser para ir ao clube.

Estava perplexo – ele deixaria o cavalo atado no poste em frente ao prédio? Eckles iria chicoteá-lo caso ele perdesse um dos cavalos premiados de Drake, mesmo ele estando fazendo alguma coisa para Lady Ellington.

—Milorde? — um menino, que não tinha mais que doze anos, chamou enquanto dava a volta no prédio. —*Cê* é o marquês?

—Sem dúvida, rapaz, — Alex respondeu depois de esconder a surpresa por ter sido chamado de ‘milorde.’

—Então eu *vô levá* o seu cavalo enquanto *cê* tá na reunião. — O menino sorriu, os dentes estavam sujos por causa da falta de higiene, mas eles eram retos como um arco. —Ele *tá* te *esperanu* lá dentro, milorde.

Alex apeou enquanto o menino pegava as rédeas. —Qual é o seu nome, menino?

—Daniel, milorde. — Fazendo uma rápida mesura, o menino voltou pelo caminho de onde veio, com o cavalo a reboque.

Não havia mais como atrasar as coisas. Colocando o cabelo mais uma vez atrás da orelha, Alex foi em direção à porta, a qual se abriu antes que ele

chegasse lá.

—Bom dia, sua senhoria, — um homem de óculos cumprimentou, dando um passo atrás para que ele entrasse. —Obrigado por vir. Posso lhe oferecer alguma coisa?

—Não, obrigado, Sr. Adams. — Passando pelo homem, Alex notou a bagunça do pequeno escritório. —É o Sr. Adams, certo?

—Você está certo, sua senhoria. Por favor, venha por aqui. — O homem, ao menos trinta anos mais velho que Alex, passou por uma porta que conduzia a outra escritório abarrotado – sem dar nenhuma pista de que ele duvidasse que Alex fosse qualquer outra coisa senão quem ele dizia ser. — Tenho os seus papeis bem aqui. — Ele foi até atrás da mesa, fazendo gesto para uma enorme pilha de arquivos com algum tipo de tubo sobre eles. Notando a expressão de espanto de Alex por causa da torre de papeis, o homem prosseguiu, —Não fique muito assustado, meu lorde. Quando fui para o campo, levei todos os documentos particulares do marquês comigo, no caso de haver alguma emergência.

Alex assentiu, tomando o seu assento.

O homem pigarreou e folheou os papéis mais próximos. —Bem, eu, mais uma vez, sinto muito pela demora em contatá-lo.

—Está tudo bem, — Alex respondeu. —O período de luto pelo marquês acabou recentemente.

—Ah, sim, — ele disse, pigarreando mais uma vez. —Sinto muito a sua perda.

Estava na ponta de sua língua dizer ao homem que suas palavras bondosas eram desnecessárias já que ele mal conheceu o primeiro marquês, e que só o via de passagem.

Mas uma expressão séria se assentou no rosto do homem e ele ergueu a sobrancelha enquanto pensava. Alex ficou nervoso, esperando que o advogado começasse a fazer acusações sobre a sua verdadeira identidade.

—Posso falar francamente, sua senhoria? — Quando Alex fez que sim, Adams se inclinou para frente, colocando as mãos juntas sobre a mesa. — Devo admitir que fui pego de surpresa quando o falecido Marquês de Drake pediu os papeis para nomeá-lo como seu herdeiro, mas agora, a sua semelhança com sua mãe – e o seu pai – está clara.

—Mãe? — A palavra escapou de seus lábios antes que ele pudesse pará-la. Queria exigir saber o que esse homem poderia saber sobre sua mãe – ou pai. Em vez disso, permaneceu em silêncio, esperando que ele compartilhasse

o que sabia sem Alex precisar pedir nada. Além disso, o advogado com certeza estava enganado vendo qualquer semelhança entre ele e alguma pessoa ligada ao marquês.

—Oh, sim. — O homem ficou tão desconfortável com a mudança de assunto quanto Alex. —Você tem o cabelo e os olhos do seu pai – mas com certeza a compleição francesa da sua mãe.

Alex prendeu o fôlego, agarrando-se a cada palavra do homem – mesmo assim, sem dúvida nenhuma, aquilo tudo era um engano.

Ele se lembrou que estava se passando por outra pessoa. Esse homem não o conhecia, ou à sua família. Isso era impossível.

—Não tive certeza se você tinha recebido o decreto que mandei para a sua casa, já que você não mandou nenhuma resposta, — o homem prosseguiu. —Mas parece que está tudo bem tanto com a propriedade de Drake quanto com o seu Ducado. Eu estava certo de que você ocupava a propriedade do seu pai, e instruí meu assistente a continuar pagando os salários de todos os criados de Drake.

Enquanto as palavras do advogado traziam respostas para muitas perguntas, outras surgiam. A cabeça de Alex doía só de pensar que teria que explicar esta conversa para Lady Ellington.

—Estou correto em presumir que você prefira usar o título de Lorde Chastain, assim como o seu pai fez?

Chastain? Alex vasculhou sua memória mais uma vez, imaginando se ele já tinha ouvido o nome antes ou se só *esperava* que tivesse. Ellie tinha lhe dito que ambos os nomes estavam listados na carta, mas nenhum significava nada para ele.

—Peço desculpas, sua senhoria. — O homem ficou de pé. —Estou lhe sobrecarregando com assuntos que ainda devem ser difíceis para você.

—Não precisa—

—Por favor, não lhe segurarei muito tempo, — ele prosseguiu. —Posso enviar os papeis para que você os revise. Devo admitir que já faz anos que eu estava curioso para te ver.

—A mim? — Alex gaguejou, certo que ele não era nada do que o advogado esperava. —Por quê?

O advogado abaixou a cabeça antes de falar, —Ah, bem, o marquês foi muito inflexível de que os documentos fossem enviados para o conselho e ganhasse a aprovação não muito depois de os seus pais morrerem. Presumi que ele fosse requerer a sua tutela legal – já que ele e Lorde Chastain eram

amigos próximos – mas ele nunca fez essa solicitação. Suponho de que ele concordou de que seria muito melhor que você fosse criado na propriedade do seu pai. — Quando ele só olhou, o homem finalmente parou de falar, a boca dele se abriu antes de ser fechada de repente.

Alex estava tentado a responder, as chances de ele convencer o advogado de que tinha ideia do que ele estava falando era altamente questionável.

—Mais uma vez, peço desculpa. — Adams tirou um lenço do bolso e o passou pela testa. —Não quis abordar assuntos tão desagradáveis.

O homem ficou de pé desajeitadamente, apenas a mesa e a montoeira de papeis os separava; ainda assim Alex sentiu como se eles estivessem há um oceano de distância. —Está tudo no passado. — Alex acenou enquanto se levantava para partir. —Por favor, envie qualquer correspondência para a casa de Drake.

—Muito bem, meu lorde. Mas antes de você ir, — Adams fez uma pausa como se estivesse desconfortável com o rumo que a conversa estava prestes a tomar. —Sua mãe era tão jovem – mas ela sempre foi muito bondosa todas as vezes que eu tive a honra de estar em sua companhia.

—Agradeço muito suas palavras bondosas, senhor.

—Elas são tanto para você quanto para a memória de sua mãe. Ela merecia mais do que o que aconteceu com ela.

—Bem, me colocarei a caminho. — Alex não tinha ideia se era isso que era feito ou se seria apropriado esperar que o advogado o acompanhasse para fora do escritório. De qualquer forma, Alex precisava de alguns minutos sozinho para pensar em tudo o que tinha descoberto – e o quanto compartilharia com Lady Ellington.

Ele respirou fundo, lembrando-se mais uma vez que este homem não estava falando do seu passado ou sobre a sua mãe – embora, ele queria muito que esse fosse o caso.

Alex saiu apressado do escritório do advogado concordando que se encontrariam novamente depois que ele revisasse todos os documentos. Não pôde deixar de temer que tivesse dado um passo sólido para assumir a vida de outro homem, o que não lhe caiu muito bem.

Olhando os arredores com cautela, certo de que ninguém o vigiava, Alex montou e foi em direção à casa Drake.

Ellington jogou o bordado de lado e ficou de pé por puro tédio... e inquietação.

Como queria ter nascido homem – algo que sabia que o falecido marquês também desejava. Se fosse assim, ela não teria sido relegada a este cômodo pavoroso para esperar as ordens dos homens.

Ela estaria no controle: da vida, da casa e do seu futuro.

Não seria posta na posição de ser uma participante passiva em sua própria vida – suas próprias perspectivas e aspirações não estariam à mercê do capricho dos homens, seja do falecido marquês, seu advogado, algum homem chamado Peter Davis – ou até mesmo Alex, um maldito criado.

Ellie não podia ficar sentada, andar para lá e para cá não estava ajudando, nem o chá e o pão com marmelada a acalmaram. Era como se ela fosse um animal enjaulado à espera do seu destino.

Ao ouvir passos, ela foi correndo até a porta e a abriu de canto a canto.

—Por que você demorou tanto? — ela falou. —É melhor você ter uma boa desculpa para ter me mantido esperando!

—Perdão, Lady Ellington? — O mordomo fez uma pausa. —Posso pedir para Daphne trazer mais chá?

Ela teria aplaudido o homem – se isso não a fizesse parecer ainda menos estável – pois ele nem pulou por causa do seu rompante, nem pareceu minimamente surpreso quando a porta se abriu.

—Você está esperando alguém? — ele perguntou, olhando por sobre o ombro e então para o corredor na direção de onde tinha vindo.

—Não. — Ela fechou a porta na cara do homem. —Droga! — Abrindo-a novamente, viu que ele não tinha se movido. —Bom dia, Alfred, — ela disse antes de voltar a bater a porta. Ela estava no limite, preparando-se para o pior – esperando que seu plano não explodisse no seu rosto. Só Alex que estava correndo perigo. Ela o tinha forçado a fazer aquilo, e agora seria culpa sua caso ele fosse pego. Ellie prendeu o fôlego ao pensar nas consequência que ele teria que enfrentar – certamente algum tempo na cadeia, mas se passar por um lorde poderia colocá-lo em algo muito pior.

Contorcendo as mãos, ela atravessou a sala e foi até a prateleira de livros onde tinha arrumado seus livros favoritos. Talvez uma boa história a fizesse parar de pensar em Alex – e o que poderia estar retendo-o por tanto tempo. Ela se sentou ao lado do ponto de cruz descartado depois que escolheu um livro e olhou para o relógio.

Já fazia mais de três horas desde que eles tinham se separado no beco.

Teria levado mais uns dez minutos para ele chegar ao escritório depois que se separou dela, o que significava que até mesmo com o trajeto até em casa, já era para ele ter voltado. Não queria sequer ponderar que o advogado tinha desmascarado Alex e mandado chamar o magistrado.

Ela ficou de pé mais uma vez. O livro estava abraçado contra o seu peito.

—Eu não quero ir procurar Lorde Haversham. Eu não quero ir procurar Lorde Haversham. — Seus passos combinavam com o mantra. —Eu não quero procurar Lorde Haversham. — Mas o tempo estava passando, e em breve ela não teria outra escolha. Não permitiria que Alex fosse jogado em Newgate por sua causa.

Ellie foi uma idiota por ter pedido tanto a ele.

Um suave miado chamou a sua atenção para a porta enquanto ela era aberta o bastante para a gata passar. Ember correu até o seu lado, esfregando-se em sua perna, implorando para que Ellie a pegasse. Mas ela continuou andando para lá e para cá – e não demorou muito para a gata segui-la a dois passos de distância.

Ember tinha sido o presente de natal que Alex lhe dera.

Como se ela precisasse lembrar da bondade do homem – e do seu próprio egoísmo.

Ela abaixou o livro e pegou a gata – ela não era mais o filhote minúsculo de outrora – aconchegando-a. Odiava que ele estivesse certo sobre ela precisar do animal tanto quanto Ember precisava dela. Ela deu cada desculpa que pôde pensar para deixar Ember nos estábulos de Foldger’s Hall junto com os outros gatos, mas o animalzinho adorável não permitiu. Quando o tempo que passou da festa dos Haversham chegou ao fim, a gatinha tinha ficado ainda mais dependente de Ellie, seguindo-a pela casa, até mesmo subindo no seu colo durante as refeições.

E maldição, se ela não tinha gostado disso.

—O que vamos fazer? — ela perguntou. A réplica da gata foi um ronrono e isso não lhe deu respostas, mas a confortou. —Não podemos permitir que ele seja punido por fazer o que eu pedi. Isso arruinaria toda a vida dele... e ele provavelmente iria me proteger. Como poderia me perdoar se ele está sofrendo em uma cela enquanto eu estou seguindo com a vida? Eu nunca poderei viver com essa responsabilidade. — A gata esfregou a cabeça na bochecha de Ellie.

O relógio soou outra hora e Ellie começou a ensaiar na sua cabeça a forma menos dolorosa de pedir a ajuda de Lorde Haversham sem envolver a

irmã ou Lady Haversham.

—Minha lady? — A voz do mordomo assustou Ellie. —Você tem alguns visitantes.

—Diga que não estou recebendo. — Tinha que descobrir o que estava retendo Alex – e se ele precisava de ajuda. —Não estou no meu melhor, — ela prosseguiu quando o homem ficou parado na porta. Ela não fazia ideia de quem estaria lhe visitando hoje... quem dirá *alguns* visitantes.

—Não pense que você poderá nos dispensar assim tão fácil, — Ruby disse, passando por Alfred com Lady Haversham em seus calcanhares.

Será que o meu dia poderia ficar pior? Ela imaginou. É claro que podia, e estava. Normalmente, a irmã era educada o bastante para incomodá-la apenas uma vez por semana com seus pedidos de que Ellie se mudasse para a casa de Haversham, ou que ela concordasse em conhecer um cavalheiro ou outro, ou que acompanhasse Lady Haversham e ela à opera.

Devido ao fato de Alex não ter voltado, sua mente estava em outro lugar – e sua paciência estava curta.

As duas invadiram a sala – e Ellie teve o mau pressentimento de que elas estavam em uma missão, a visita não tinha sido puramente social. Lady Haversham foi imediatamente até o bule de chá, sentiu a temperatura – e fez um muxoxo decepcionado.

—Por favor, envie outro bule, — ela falou para Alfred por sobre o ombro. —Obrigada.

—Certamente, minha lady. — Ele fez uma mesura e saiu.

Ellie desejava poder segui-lo, mas não teria tal sorte.

As mulheres se sentaram no sofá, movendo o livro e o bordado para a mesa.

O golpe final veio quando Ember pulou de seu colo e se acomodou entre as damas exigindo atenção.

—Você não vai perguntar por que estamos aqui – de forma inesperada? — Ruby perguntou com um sorriso muito suspeito.

—Para arruinar ainda mais a minha vida? — Ellie retrucou.

O sorriso da irmã foi substituído por um cenho franzido. —Não?

—Possivelmente, — Lady Haversham riu. —Depende de como você vai se sentir sobre a intromissão.

Ellie não gostou de como isso soou – nenhum pouco.

—Oh, intromissão não é o termo certo, Vi, — Ruby disse, olhando preocupada para a amiga. —Talvez seja melhor pensar nisso como... ser útil.

—Intrometidas, — Ellie suspirou. —Estou certa de que intrometidas seja o termo correto.

Daphne entrou na sala empurrando o carrinho com o chá e outros assados, e mais uma vez, Ellie estava feliz por ver sua criada de confiança em vez de outro criada. —Seu chá, Lady Ellington.

—Obrigada, querida, — Lady Haversham disse, sempre a perfeita anfitriã. —Podemos nos servir.

Daphne olhou preocupada para a senhora, mas Ellie assentiu, fazendo gesto para ela sair.

Ellie pegou a xícara que Lady Haversham oferecia e se afundou na cadeira de frente a elas – para esperar o que quer que o destino lhe reservasse. Quanto mais rápido tomassem o chá, mais rápido as duas compartilhariam o motivo de sua visita... e Ellie estaria mais perto de encontrar Alex.

—Vamos dar um grande baile para te apresentar à sociedade, — Ruby disse abruptamente.

—Não. — Ellie sacudiu a cabeça. —Absolutamente não. De jeito nenhum.

Quantas vezes – quanta energia – ela precisaria para dissuadir os infinitos esquemas de sua irmã? Ellie estava terrivelmente preocupada com Alex. Ela precisava se livrar delas para ir procurá-lo. Mas em vez disso, estava presa ali, falando sobre vestidos extravagantes, uma sala cheia de estranhos e comida chique – tudo isso dentro de um salão lotado.

A sala que elas ocupavam também estava bem cheia neste momento. Até mesmo sufocante.

—Veja bem, não é apenas para você – é para Harold e para mim também. Uma apresentação para toda a nossa família, se você concordar.

A explicação não fez a ideia nada apelativa.

—De jeito nenhum. — Ellie tinha passado o último ano evitando a sociedade – mantendo as notícias sobre a morte do marquês o mais discretas possível. —Vocês duas sabem que passei esse último ano esperando alguém aparecer na minha porta e me atirar na rua. Não posso ver nenhuma vantagem em ser apresentada à sociedade. Além disso, como eu seria apresentada? Como a filha bastarda de Drake com a sua prostituta?

As duas recuaram ao ouvir suas palavras – a irmã parecendo mais ferida que chocada com o seu tom.

—Isso pode ser dito de nós duas, — Ruby sussurrou.

—Mas ao menos sua mãe pertence à *ton* – ela não é uma mulher que vendia o corpo para qualquer um que quisesse pagar.

—E isso me faz menos bastarda? — a irmã perguntou. —Eu deveria me orgulhar porque minha mãe escolheu ser amante em vez de ter sido contratada? A sociedade reconhece e sabe que existe diferença?

As perguntas continuavam – a voz de Ruby se quebrava a cada uma delas.

Ellie nunca acreditou que Ruby fosse tão danificada por causa das suas circunstâncias de criação quanto Ellie. De alguma forma, tinha pensado que desde que Ruby tinha sido favorecida com um sobrenome – e um pai orgulhoso – ela não se incomodaria com um status de bastarda que a *ton* nem sabia que existia.

—Por que você se importa com o que a sociedade pensa? — Ellie perguntou, evitando as muitas outras perguntas – impertinentes – da irmã. — Eles não me importam nenhum pouco.

Ruby entregou o chá para Vi, as mãos dela tremiam um pouco. —Eu me importo porque aquelas pessoas fazem negócios com o meu marido. Elas são os tipos de pessoas que procuramos para ter um relacionamento a longo prazo. Eles são boas pessoas – ao menos a maior parte deles.

—Mas eles não são nada para mim, — Ellie disse antes de bebericar o chá, esperando que Ruby e Lady Haversham se convencessem de que ela não estava nenhum pouco interessada em falar sobre esse assunto. —Estou muito bem onde estou. Não preciso fazer amigos, e há um pequeno grupo de pessoas que se importam comigo. — Verdade, ela podia contá-los nos dedos de uma mão, mas melhor ter meia dúzia de pessoas em quem confiar do que um punhado de meros conhecidos. —Não planejo fazer parte da sociedade, ou seguir suas regras disparatadas, como a que diz que eu deveria manter a boca fechada para evitar falar de coisas que só são adequadas para o ouvido dos cavalheiros. Isso me parece um destino pior que a morte.

—E quanto ao casamento? — Lady Haversham perguntou. —Você não planeja, algum dia, encontrar um homem bom e honrado por quem se apaixonar – e possivelmente começar sua própria família?

—Meus dias nunca foram garantidos, e amanhã mesmo eu posso me encontrar sem um teto sobre a minha cabeça, — Ellie retrucou, sabendo que o tópico seria discutido eventualmente. —Especialmente se eu for apresentada para a sociedade – com certeza isso faria as pessoas falarem. — Ela fez uma

pausa. —E isso com certeza aumentaria as chances de o herdeiro legítimo aparecer.

—Você sempre será bem-vinda na casa Haversham ou em qualquer outra das propriedades do meu marido ou do meu pai, — Lady Haversham ofereceu. A mulher tinha boas intenções, mas isso cheirava à caridade em seu mais alto nível. Ela nunca teve a intenção de se tornar um dos órfãos de Foldger's Hall.

—Posso cuidar de mim mesma se eu for expulsa desta casa, mas, — Ellie respirou fundo, tentando se acalmar. —Eu não irei à sociedade ostentando a mim ou ao meu passado, incitando fofocas do pior tipo. Isso refletiria muito bom em você e em Harold. — Debruçar-se sobre a vaidade inexistente de Ruby era um caminho infrutífero – e ambas sabiam disso.

—Você acha que ter uma irmã – não importa as circunstâncias por trás do parentesco –seria vista como uma vergonha para mim ou para Harold? — Ruby sacudiu a cabeça obviamente enojada. —Você é a única irmã que eu tenho – e eu gritaria para todo mundo ouvir o quanto estou feliz por isso se isso te convencesse de que eu te amo e que não posso ver a minha vida sem você nela.

—Ellington, — Lady Haversham se intrometeu. —O que eu acho que Ruby está tentando dizer é que ela quer que você seja feliz, embora ela não saiba como te dar tudo o que você merece.

—Eu tenho tudo o que eu *mereço*. — Ela tinha orado, implorado, todos os dias para as forças superiores levarem o marquês, para garantir que ele nunca mais machucaria ninguém. Quando Ruby apareceu em sua vida, suas preces tinham mudado um pouco, ela esperava muito – e pedia para cada estrela cadente – que o marquês morresse antes de ser capaz de destruir Ruby assim como tinha feito com ela. Por sua vez, tirou da irmã a chance de obter o seu próprio encerramento com ele. Ela não foi capaz de encarar o homem que tinha usado e descartado a sua mãe, que nunca reivindicou-a, em vez disso permitiu que outro homem a criasse como se fosse dele. Então, depois que o homem morreu, o marquês não fez nenhum movimento para ajudar Ruby, fazendo com que fosse necessário ela conseguir um emprego como dama de companhia de Lady Haversham. —Eu estou sozinha e me recuso a continuar com o padrão manipulativo que o nosso pai deixou como legado.

—Você realmente acha que é capaz de causar dano aos outros – de tratá-los como o marquês te tratou? — Ruby perguntou, franzindo a sobrancelha.

—Depois de tudo pelo que você passou, é bastante improvável que você faça o mesmo com outra pessoa.

Ellie baixou a cabeça, as lágrimas nublaram os seus olhos. Ela nunca tinha sido tão fraca ao ponto de chorar na frente do marquês – e ela não se rebaixaria a este nível agora porque, verdade seja dita, ela não sabia do que era capaz. Queria acreditar que era capaz de superar a tendência que tinha a falar grosserias e de nunca ter rompantes violentos, mas ainda tinha que enfrentar muitas coisas, como o fato de alguém tentar expulsá-la de sua casa.

Provavelmente haveria um rompante violento se alguém tentasse tirar o que ela considerava ser dela.

Ergueu os olhos, olhou diretamente para a irmã, e pela primeira vez, falou a verdade. —Eu não fiz nada além de te tratar mal desde que nos conhecemos. Eu trato os criados mal. Eu faço o que eu quero, não importa o mal que isso possa causar aos outros – e eu provavelmente não vou mudar. — Ellie suspirou por causa do esforço. —Eu não mereço ficar ao seu lado – ou ao seu, Lady Haversham – dentre a sociedade educada. E não só porque a minha mãe era uma cortesã. Eu não sei se eu sou capaz de mudar, e também não sei se eu quero mudar.

Ellie encarou a irmã – e Ruby a encarou de volta, havia algo novo no olhar dela. Derrota? Pesar? Arrependimento?

Uma terrível dor no peito quase fez Ellie sair correndo da sala, mas a dura verdade era que ela nunca quis que Ruby desistisse dela, e isso doeu. A irmã sempre tinha pensado o melhor dela, lhe deu várias segundas chances, ouvia todas as palavras horríveis de Ellie – mas nunca desistiu.

Mas agora, Ellie tinha reconhecido a derrota nos olhos da irmã – pois aquele foi o mesmo olhar que o pai lhe deu momentos antes de morrer. Ela queria gritar, *Não desista de mim! Nunca desista de mim! Por favor, continue tentando.*

Em vez disso, não falou nada, apenas olhou de forma confiante para a irmã.

—É só um único baile, — Lady Haversham barganhou. —Depois disso, nem a sua irmã, nem eu iremos pressioná-la. Eu sei que isso significa muito para Ruby.

Ellie não sabia o que fazer – não se importava nenhum pouco com a sociedade e suas festas frívolas, mas mesmo que tentasse convencer a si e aos outros do contrário, ela se importava muito com Ruby – e com o marido dela, Harold.

—Vocês permitem que eu pense no assunto? — ela perguntou.

—Sim, — Ruby irrompeu. —Por favor, pense nisso. O baile será daqui a duas noites. Harold e eu gostaríamos que você estivesse ao nosso lado para receber os convidados.

—Poderei convidar alguns dos meus próprios amigos?

Ruby e Lady Haversham trocaram um olhar confuso, mas rapidamente concordaram.

—Eu fico aflita só de pensar em passar uma noite inteira com pessoas que eu não conheço.

—Quem quer que você queira—

—Só pensei em Marce e nas irmãs dela, — Ellie explicou rapidamente. —Ruby, você se lembra de Marce, não lembra? — Antes que se casasse com Harold, a Madame da Craven House tinha ajudado Ruby. —Elas são mulheres muito boas – e têm sido minhas amigas por toda a minha—

Lady Haversham ergueu a mão, silenciando-a. —Você não precisa explicar. Se as considera suas amigas, elas são bem-vindas e receberão um convite. — Ela ficou de pé, e Ruby fez o mesmo. —Podemos presumir que você irá?

Não queria se comprometer com nada, pois na verdade ela não tinha a mínima ideia de onde estaria dali a dois dias. Por tudo o que sabia, as coisas podem ter dado muito errado com Alex e ela mesma estaria indo até a Torre – isso se ela fosse capaz de provar que era uma dama, não uma criminosa. Ou pior ainda, seria forçada a pedir ajuda a Lorde Haversham e então não seria mais bem-vinda no baile.

—Se eu for, — ela fez uma pausa, —Pedirei para que você me permita deixar passar qualquer apresentação formal.

CAPÍTULO OITO



ALEX APEOU, OLHANDO com cautela para o estábulo vazio antes de conduzir o cavalo até lá dentro, tirou rápido a sela do lombo do animal e esfregou o suor e a sujeira. Já está quase na hora da refeição, todos os criados e cavalariços provavelmente estavam com suas famílias ou pegando o pão e o ensopado na cozinha.

Seu estômago roncou com o pensamento, um pedaço quente de pão com mel e um ensopado reforçado de faisão acalmaria os seus nervos e permitiria que ele pensasse com claridade – antes de se encontrar com Ellie. Ele atrasou o retorno para a casa, vagando pela cidade até que o sol começou a se pôr e as temperaturas a caírem.

—Onde você esteve?

A pergunta súbita assustou Alex e ele deixou a escova cair.

—Por que você está espreitando as pessoas no escuro? — ele perguntou, procurando Lady Ellington nas sombras do estábulo.

—Espreitando? — ela perguntou. —Eu estava pesando as minhas opções de como pedir ajuda a Lorde Haversham sem que ele falasse dos meus problemas com Ruby e Lady Haversham.

—Que problemas?

—Você! — ela explodiu. —Faz horas que eu estou zanzando pela casa e agora pelos estábulos, esperando a sua chegada. Eu estava tão preocupada.

—Eu estou aqui. — Ele quis acalmar a raiva irracional de Lady Ellington.

Ela saiu das sombras e o abraçou brevemente, antes de afastá-lo e dar um passo atrás. —Eu estava pronta para conseguir ajuda com o conde para te livrar do magistrado.

—Do magistrado? — Alex perguntou. —Por que isso seria necessário?

—Seu tolo. — Ela pegou um trapo de lã e o atirou nele, errando o seu ombro por poucos centímetros. —Eu pensei que você tivesse sido descoberto – e encarcerado!

—Então você estava preocupada comigo? — Ele se viu entre a vontade de rir do rompante dela e de segurar o fôlego para ouvir a resposta. Quando

ela só bufou de desgosto, ele prosseguiu, —Não, o homem não sabia que eu não era quem eu dizia ser – e até chegou ao ponto de falar o quanto eu era parecido com os meus pais. — Alex tinha pensado sobre a insistência do homem quanto às similaridades, e decidiu que o advogado tinha visto o que queria ver – e isso foi tudo. Adams tinha marcado uma reunião com um homem de ascendência francesa, e para ele, Alex realmente parecia francês. —Ele não suspeitou de nada.

Os ombros de Ellie cederam e ele se arrependeu por tê-la preocupado desnecessariamente.

—Eu realmente descobri algumas coisas sobre o novo Marquês de Drake, — ele prosseguiu, esperando que suas palavras diminuíssem a apreensão dela. —Ao que parece, ele tem outro título, Lorde Chastain – um duque. Você já ouviu falar dele?

Ela se jogou no banco perto da porta traseira que dava para a casa principal. —Eu não sei. Às vezes eu sinto como se eu não tivesse conhecido o homem com quem eu morei por toda a minha vida – ele é tão estranho para mim quanto qualquer passante da Bond Street.

—Não fique tão abatida. — Ele pensou que dar as notícias a ela aliviaria um pouco de sua preocupação, mas parece que isso só piorou o humor dela. —Se isso fizer você se sentir melhor, é improvável que o marquês apareça em um futuro próximo.

—Como você pode ter tanta certeza? — ela perguntou, puxando as pernas para baixo de sua saia. Era a pose que ela fazia quando estava pensando demais em alguma coisa e sua mente vagava para outro lugar.

—O Sr. Adams mandou uma mensagem para a casa de Chastain quando o marquês faleceu.

—E por que isso significa alguma coisa?

—Lorde Chastain não apareceu para reclamar o título ou a casa. E quem sabe se ele sequer o quer? — Alex voltou a pegar a escova que tinha deixado cair e a colocou no lugar. —Adams disse que enviará toda a papelada para cá, para eu – quer dizer, para você – dar uma olhada. Talvez você possa descobrir mais coisas sobre o homem nesses papeis. Embora eu tenha sido capaz de saber que o herdeiro de Drake não é do sangue dele, mas que herdou o título por causa de uma permissão especial do Rei George III.

Ela levou os olhos aos dele. —Você disse que não há parentesco entre eles?

Alex balançou a cabeça.

—Então talvez eu ainda tenha o direito de lutar pela herança. — Ela sentou um pouco mais erguida, um pouco da confiança dela estava voltando. —É altamente improvável, mas não desconhecido, que uma mulher pode herdar um título quando não há outro parente homem – mas uma bastarda certamente terá dificuldades, especialmente porque o marquês nunca levou minha existência a público. Eu posso ao menos contestar a reclamação dele ao título.

—Devemos aprender ainda mais com esses papeis – algo como sua conexão com o falecido marquês? — Alex tinha pouca esperança de haver alguma prova substancial que comprovasse que Lady Ellington era do sangue de Drake.

Ela riu, um som áspero e seco que soou quase que como dor, como se ela tivesse escalado por sua garganta esperando uma chance de sair. —O homem era um arremedo cruel e rancoroso de um ser humano – sequer era digno de ser chamado de cavalheiro. Seu último desejo foi que eu fosse expulsa da minha casa, sem nada. Você acha que ele arriscaria ligar o meu nome ou a nossa relação a um pedaço de papel?

Alex queria pensar que o homem era melhor do que o que Lady Ellington dizia. Ele tinha lhe dado uma oportunidade em seus estábulos, afinal de contas. Isso dizia que havia alguma compaixão dentro dele, ou que o marquês não se preocupava com essas coisas. Ele nunca tinha sido abertamente cruel com Alex ou com nenhum dos outros criados – ainda assim os outros falavam da crueldade com que ele tratava Ellington. Alex tinha testemunhado sua ira apenas uma vez, ouvindo o marquês repreender a mulher, mas Ellington foi muito capaz de se defender. Ele era novo demais em seu emprego para dizer alguma coisa sobre o assunto quando Lady Ellington o encontrou na biblioteca naquela noite há muito tempo.

Mas Alex não podia acreditar que o marquês era um homem tão horrível ao ponto de deixar sua pupila sem um vintém ou um teto sobre sua cabeça. Era inconcebível que uma pessoa fizesse isso com outra. A Sra. Dutton tinha deixado a casa da irmã – superlotada como era – e ido para Londres com um bebê a reboque. Ela tinha aberto mãe da própria vida para se certificar de que ele fosse cuidado; ela levou isso tão longe que começou a pegar outras crianças que precisavam de uma casa. Era possível que a Sra. Dutton tivesse escondido dele a verdade sobre a sociedade todos esses anos, já que ele nunca tinha conhecido alguém que assistisse uma criança morrer de fome sem oferecer o mínimo que podiam.

—Ele nem sempre foi o homem que apresentaram a você e aos outros criados, — ela suspirou. —Ele—

—Você não precisa se explicar para mim, não há necessidade de convencer a ninguém de que ele te tratava mal, — Alex confidenciou, sentando ao lado dela no banco. —Minha preocupação e lealdade são apenas para você. Não tenho necessidade de jurar fidelidade a nenhuma outra pessoa. Se você for banida da sua casa, eu irei contigo.

—E o que eu fiz para merecer tal consideração? — Ele continuou olhando para frente enquanto ela continuava a mexer nas saias. —Eu não te tratei bem.

—Talvez seja porque você não saiba como tratar os outros com bondade. — Ele sentiu Ellington enrijecendo ao seu lado. —Você não teve uma boa criação, e, por isso, não foi treinada na arte da cordialidade. — Ele parou um momento para permitir que ela processasse as suas palavras – e adicionar o significado e o impacto ao que estava por vir. —E por isso, eu culpo o marquês.

Ela finalmente olhou para ele – um profundo pesar preencheu não apenas suas profundezas, mas todo o corpo dela. —Eu não sou muito culpada pela minha inabilidade – ou falta de vontade – de mudar?

Ele queria dizer a ela que nunca poderia culpá-la por nada. Mesmo se ele tivesse sido acusado de fraude pelo advogado e este tivesse chamado o magistrado – conduzindo-a a uma estada em Newgate – Alex nunca a culparia. Ela era tão produto da vida que teve quanto qualquer outra pessoa. Alguns, como Lady Haversham, viviam vidas encantadas e as coisas foram mudadas por suas próprias ações. Mas pessoas como Lady Ellington – e de certa forma, ele mesmo – não passaram a infância sem enfrentar decepções, complicações e profundo pesar.

Seria absurdo Alex culpar-se pelos ferimentos que sofreu na infância, assim como seria estranho Ellington acreditar que ela era culpada pelo tratamento odioso que o Marquês de Drake dava a ela.

Não pela primeira vez Alex ponderou as similaridades entre eles.

A única diferença era que Alex tinha decidido há muito tempo a não ser vítima da dura realidade da vida, mas que se ergueria acima disso – e aceitaria o amor que a Sra. Dutton e Lady Haversham lhe davam. Ele podia ser um órfão sem o consolo de um sobrenome, mas ele não iria permitir que isso definisse quem ele era e o que ele poderia vir a conquistar. Apesar de toda a força e astúcia que Lady Ellington tinha, ela parecia incapaz de fazer o

mesmo, ou não sabia por onde começar. Ela censurava qualquer avanço de Ruby para mostrar que ela era amada.

Passos e risadas guturais de homens crescidos chegaram aos estábulos – pondo um fim ao momento de calma, e de clareza – lado a lado – apesar de tudo o que estava no caminho deles. E com o feitiço quebrado, Alex também descartou sua própria pressa de comparar suas circunstâncias.

—É hora de você voltar para a casa, minha lady. — Alex ficou de pé, entrando nas profundezes do estábulo para não voltar a ser pego com a senhora da casa. —O advogado prometeu que os documentos serão entregues amanhã antes do fim do dia.

Ela não disse uma única palavra em resposta.

Sua única garantia de que ela tinha estado lá foi o som dos passos enquanto ela deixava o estábulos. Os criados que voltavam do jantar a cumprimentaram com apressados ‘boa noite, milady.’

Com a partida dela veio a sensação de que as coisas voltaram ao que eram antes. Ela voltaria para a sua existência solitária, ignorando as pessoas sempre que possível.

Uma parte de si imaginava como ele podia ter vivido todos os dias da sua vida sabendo que seus pais tinham lhe abandonado e o deixado para morrer, mas só o pensamento de que essa mulher poderia volta a agir como se *ele* não existisse, o deixava devastado.

CAPÍTULO NOVE



—EU NÃO QUERO ser interrompida, — Ellie sussurrou para Alfred, o mordomo. —Ninguém falou com ele, certo?

Ele assentiu, reparando a roupa estranha que ela usava. O aceno desdenhoso indicou que ele não aprovava o que ela estava aprontando. — Não, minha lady. Seu convidado insistiu em cuidar de tudo, sem nenhuma ajuda. Posso perguntar o que está se passando?

Ellie parou no corredor do lado de fora do escritório do pai, alisou o cabelo desordenado e passou as mãos úmidas pelo avental recém passado, o mordomo parou ao lado dela.

—Não, você não pode. Tenho tudo sob controle. Você pode ir, Alfred, mas lembre-se, sem interrupções – de ninguém.

Ele fez uma mesura rápida e voltou para o seu posto na porta da frente.

Ellie sabia que não poderia ignorar as perguntas do criado para sempre, mas não tinha tempo para lidar com ele agora.

Era de extrema importância que ela se acalmasse antes de entrar na sala, ou nunca se passaria pela governanta. Isso se a sua pouca idade já não indicasse que ela era uma fraude. Seus nervos já eram o bastante para fazê-la transpirar profusamente, só esperava que o homem não notasse.

Respirando fundo e colocando um sorriso tranquilo nos lábios, Ellie abriu a porta e olhou para o estranho de pé na frente da mesa, uma enorme pilha de caixas e alguns baús bagunçavam a sala. O ar a deixou em um único suspiro. Quando mais nova, ela frequentemente vagava pela casa, prestando pouca atenção nas idas e vindas dos parceiros de negócios do marquês. As visitas dele eram poucas e espaçadas.

Ellie nunca tinha visto este homem antes.

—Bom dia, — ela cumprimentou, fazendo uso da sua voz mais feliz. Embora tenha soado um pouco alta e tensa demais até mesmo para os seus ouvidos. —Meu lorde não está em casa esta manhã.

Ele olhou nervosamente para as pilhas a sua volta e então para Ellie. — Ah, bem... — O homem estava tão apreensivo quanto ela. —Ele estava

esperando todos esses papeis, mas eu não confirmei que viria entregá-los pessoalmente. Falha minha.

—Ele disse a mim e a Alfred para esperarmos pelos papeis.

—Estava esperando me desculpar mais uma vez pela forma pouca ortodoxa com a qual lidei com a propriedade. — A forma alta e esguia de Adams pareceu ceder, e os ombros dele se curvaram como se ele fosse um homem que estava acostumado a ficar inclinado sobre uma mesa dias a fio. —Entenderei se ele procurar outro advogado. Veja bem, meu pai—

—Sr. Adams, — Ellie disse, e o homem olhou para ela. —Não há necessidade de me explicar nada. Informarei a meu lorde que você entregou os papeis pessoalmente e apresentou suas desculpas.

—Oh, isso seria muita bondade sua, senhorita.

Ellie achou a inteligência dispersa do homem cativante. Se um homem se agitava assim sobre os seus deveres – ou quando achava que tinha falhado com eles – ele certamente era uma pessoa em quem confiar.

—Se meu pai ficar sabendo de como lidei com tudo isso – eu fui muito desajeitado – ele teria vergonha de me chamar de filho.

—Estou certa de que a situação não é tão ruim assim, — Ellie reassegurou.

A frase pareceu acalmar os medos de Adams e os ombros dele voltaram a se erguer. —Qual é mesmo o seu nome? — ele perguntou como se a notasse pela primeira vez. Ele a olhou dos pés à cabeça, os olhos parando no cabelo vermelho um momento mais tempo do que era considerado apropriado.

—Eu não disse, Sr. Adams. — Ellie visualizou mentalmente o saco de moedas escondido em uma caixa de sapato em seu quarto de vestir. Se ele fosse denunciá-la, só esperava que ele permitisse que ela voltasse ao quarto antes que o magistrado fosse chamado. Ela não achava que havia algum problema em se passar por um criado, felizmente, mas o ardil que planejou com Alex certamente traria consequências para os dois. —Eu sou apenas a governanta, ninguém importante, eu lhe asseguro.

Adams fez contato visual com ela por mais uns segundos, como se procurasse a resposta para uma pergunta que não tinha feito. Relutantemente, ele afastou o olhar e prosseguiu, —Obrigado por se encontrar comigo. Apresente os meus cumprimentos ao duque – e deixe-o saber que ele pode ir me ver caso tenha alguma pergunta.

—Certamente. — Ellie se virou. —Irei acompanhá-lo até a saída.

O homem saiu da sala apressadamente, os pés dele se embaralharam enquanto ele ia para o vestíbulo onde Alfred segurava o seu chapéu, com a porta já aberta para ele sair.

—Bom dia para os dois, — Adams disse antes de descer os degraus correndo e subir na carruagem de aluguel.

Alfred a olhou da cabeça aos pés mais uma vez. O olhar de desdém dele era mais severo que antes, sinalizando que ele tinha achado sua aparência pavorosa, mas Ellie não tinha feito um trabalho melhor convencendo o advogado de que ela era uma criada ao usar o vestido simples de Daphne junto com um avental gasto. Mantendo para si o desgosto por toda a sua vestimenta, o mordomo perguntou, —Por que o homem disse que as caixas e os baús eram para o 'meu lorde'?

Este era um obstáculo que nem ela nem Alex tinham considerado quando ela soube que Adams estava enviando tudo para a casa Drake. É claro, tudo deveria ser entregue ao Marquês de Drake atual – o qual ainda não tinha sido visto pelos criados.

Ellie optou por usar sua máscara de indiferença e voltou para o escritório, fechando a porta atrás de si e pondo um fim a qualquer discussão sobre o assunto. Evitar certas situações e discussões tinha funcionado melhor para ela desde a morte do pai, assim ela contornava a necessidade contínua de Ruby em discutir sobre o seu futuro, evitava as perguntas dos criados sobre o futuro deles, e evitava a necessidade que Alex tinha de vigiá-la. E ela pensou que estava fazendo um trabalho maravilhoso até que percebeu que Alex sabia exatamente o que ela estava fazendo, e que os criados não parariam de fazer perguntas até que ela as respondesse.

Infelizmente, ela não tinha respostas neste momento, mas com alguma sorte, saberia muito mais depois que olhasse as caixas a sua volta – ainda estava por descobrir se essas respostas ajudariam a ela ou aos criados.

A quantidade de coisas que estava em todas aquelas caixas e baús excederam muito o que Ellie pensou que o homem alcançara na vida – certamente mais do que já tinha sido feito desde o seu nascimento. O pai raramente saía de casa durante seus últimos anos – e mesmo então, só ia ao clube para uma rodada de cartas ou uma programação ocasional oferecida pela *ton*.

—Eu não posso imaginar que você tenha feito algo digno de tudo isso, — Ellie falou em voz alta, esperando que o pai, que estava queimando no inferno, estivesse ciente dos seus pensamentos. —Embora, me fazer passar

por todos os seus pertences pessoais será a mais esfuziante alegria. E imagine só, você não poderá fazer nada quanto a isso. Por onde eu começo?

Ellie se sentiu boba ao falar para uma sala vazia. O homem não estava li, nem estaria em qualquer lugar em que pudesse estar de olho nela – mas ainda assim, isso lhe trouxe certa satisfação, saber que o homem que passou toda a vida mantendo-a à distância agora estava tendo toda a vida desnudada frente a ela.

Bateu o indicador nos lábios enquanto olhava em volta da sala, decidindo por onde começar. Havia caixas de todos os tamanhos, e baús que deve ter precisado de dois homens para carregá-los. O pobre Sr. Adams devia estar dolorido por carregar e descarregar tudo isso. Andando entre as pilhas, Ellie removeu a tampa de várias caixas e levantou a do baú maior. Pastas arrumadas com capricho preenchiam cada um deles.

Sem nenhuma caixa lhe chamando atenção, Ellie decidiu começar pela que estava mais perto do sofá, fazendo com que fosse mais fácil tirar os papéis de lá e acomodá-los na mesa em frente. Tinha passado por sua cabeça pedir a ajuda de Alex para repassar tudo, mas rapidamente mudou de ideia, dessa forma poderia respeitar os desejos dele de ela manter distância enquanto ele trabalhava.

A solidão lhe caiu bem, descobriu, enquanto removia pilha após pilha, não achando nada de importante na primeira caixa que não fossem velhos livros contábeis da propriedade e listas detalhadas de todos os ativos. Foi interessante saber que vinte anos atrás, havia o incrível número de sessenta e oito cadeiras na casa Drake. Talvez um dia – quando o tédio a tomasse – ela saísse andando pela casa contando.

Ficou de pé, aventurando-se até a caixa mais afastada e levantando a tampa. Lá dentro havia outra caixa. Erguendo-a, Ellie notou que ela era do tamanho de uma caixa de chapéu, mas não pesava o bastante para haver um lá dentro. E, se descobrisse que o pai tinha obsessão por chapéus femininos, ela ficaria mais do que chocada. Pesando a caixa em uma mão, ela tentou erguer a tampa, mas ela não se mexeu,

Voltando para o seu assento, ela colocou a caixa branca e azul no colo. Parecia um objeto pessoal demais para estar guardado no escritório do advogado, e ela provavelmente não tinha nada de valor ou significado, mas se isso fosse verdade, então não haveria razão para ela ter sido guardada.

Ellie passou um dedo pela borda da caixa tentando achar o ponto que a mantinha fechada, mas não sentiu nada enquanto passava o dedo por toda a

volta do objeto. Colocando a caixa entre as pernas para dar alguma firmeza, ela agarrou a tampa e puxou. Com alguma relutância, o que quer que mantivesse a caixa fechada cedeu e a tampa saiu, revelando uma pilha de envelopes e notas dobradas ao meio.

Hesitantemente, ela ergueu a mão e pegou uma das cartas que estava por cima. Todas estavam seladas, algumas endereçadas à Lady Lorelei e outras à Lady Chastain. Ela reconheceu o nome, já que ele foi dito na reunião que Alex teve com Adams, mas por que o pai estaria escrevendo para Lady Chastain e não para o marido dela, o duque? Mais confuso ainda era por que ele tinha guardado as cartas misturadas com outras endereçadas à Lady Lorelei. O que aquelas mulheres significavam para Drake?

Deixou as cartas de lado. Abrir correspondência selada parecia um tipo de invasão que até mesmo ela não estava acostumada. Havia muitas outras coisas e um enorme baú para repassar antes de se relegar a romper os selos das cartas que Drake tinha endereçado com suas próprias mãos.

Ellie separou os envelopes lacrados das páginas soltas e das cartas dobradas, muitas eram muito antigas a julgar pela cor amarelada do papel.

O resto era um pedaço de papel, arrancado de um jornal com uma nota escrita na margem. Era um anúncio de casamento que saíra em uma das muitas colunas de fofocas londrinas. Estava datado de 1800 e anunciava o casamento de Lady Lorelei de La Valette com Benjamin Davis, Lorde Chastain. Um duque se casando com a filha de um nobre francês – um *comte*. Na borda do papel lia-se: —Traidores! Por que Chastain? — Mal era legível, e se Drake tivesse escrito mais alguma coisa, já tinha se apagado há muito tempo.

Então Lady Lorelei e Lady Chastain eram a mesma pessoa.

A seguir, ela abriu um dos papeis dobrados e encontrou algum tipo de lista, alguns itens estavam escritos com uma caligrafia firme enquanto os outros foram rabiscados sem nenhum cuidado.

Ela repassou a lista rapidamente procurando alguma coisa que a ajudasse a descobrir qual era a conexão entre Lady Chastain e o pai, mas nada fazia sentido. Título extinto... não havia *comte* ou *comtesse*... as buscas levaram a nada... desapareceram sem deixar rastros... bebê machucado... ainda sem explicação para as plantas... não havia mais esperanças.

Nada fazia sentido – era um amontoado de palavras que Ellie não conseguiu achar nenhuma conexão.

Virando o papel, ela viu duas linhas:

A procura por Alexandria Dutton deu em nada. Todas as conexões familiares foram investigadas. A criança não foi encontrada.

Era a única letra que não pertencia ao marquês – e surpreendentemente, a única linha de palavras legível. Mas ainda assim, não significavam nada para ela.

Ellie passou os dedos sobre as palavras, concentrando-se em cada letra, esperando que algo aparecesse ou que o significado daquele bilhete fosse acender em sua memória algo há muito esquecido. Embora algo sobre isso cutucou lá no fundo de sua mente, mas o que quer que fosse, ainda permanecia escondido, bem fora do alcance.

Várias outras listas pontavam lugares na França e na Inglaterra, cada um deles riscados, as marcas foram ficando mais erráticas e quase violentas – como se a mera tinta pudesse estar furiosa.

Sem mais nenhum papel solto, Ellie percebeu que não teria outra escolha além de abrir as cartas endereçadas à Lady Chastain. Era provável que as outras caixas na sala contivessem nada mais que livros contábeis e correspondências de negócios, o que lhe daria nenhuma informação sobre como o filho desta mulher, Chastain, tinha vindo a herdar a sua casa.

Privacidade foi algo que o pai nunca concedera a Ellie, e sua hesitação em quebrar o selo da primeira carta a confundiu. O homem tinha morrido – estava há mais de um ano em seu túmulo – ele nunca saberia que ela tinha lido sua correspondência privada. Ele não estava mais aqui para punir suas muitas insolências. De fato, não havia ninguém que soubesse que as cartas existiam, exceto ela... e Adams. E ele deixou tudo nas mãos do novo marquês – ou pensou que deixou.

Mas havia algo mais, algo mais profundo que o medo do pai, que a impedia de abrir a carta. Assim que lesse a correspondência – possivelmente até mesmo esta primeira – estaria a par dos pensamentos mais pessoais do pai, pois as cartas foram escritas para esta mulher e ela obviamente nunca as recebera. O que dizia a Ellie que elas continham algo tão delicado que Drake temeu enviá-las.

Nunca conhecera a ‘privacidade’ ou a ‘intimidade’ do marquês. Para ela, ele sempre tinha sido frio e distante – um recluso em sua própria casa – não o tipo de pessoa que tinha emoções sobre as quais escrever – e então guardar – tais lembranças. Uma vez tinha feito um desenho para o marquês, de um cachorro que ansiava ter, e ele rasgou o papel diante dos seus olhos e jogou-o

na lareira. Não podia conciliar a memória de um homem que podia descartar um presente de uma criança com um capaz de tudo isso.

Era hora de saber quem era o marquês – por um tempo duvidou que ele fosse qualquer coisa que não o homem cruel que a criou, ela suspeitava que havia mais nele. Que houve um tempo em que a vida dele não tinha sigo conduzida pela raiva e fúria reprimida. A forma como cada carta em sua mão fora escrita foi mudando enquanto ela virava a uma dúzia de envelopes. Quase como se a mensagem lá dentro tivesse se tornado mais errática e imprevisível. Em um, o pai não tinha permitido que a tinta secasse antes de passar alguma coisa por cima da carta, manchando a tinta. Ou talvez não fosse que a tinta não tivesse secado, mas que algum tipo de líquido tinha pingado na página – possivelmente de uma mão instável segurando um copo de bourbon. Mas algo lhe dizia que não era o líquido ambarino que estragava a superfície intocada. Mas a única forma de saber com certeza era lendo-as – todas elas.

Assim que Ellie quebrou o primeiro selo, o brasão de Drake partiu ao meio com facilidade e a cera antiga caiu no seu colo, sabia que não pararia até que cada carta tivesse sido removida do envelope e lida.

O papel saiu do envelope com facilidade, a cor não era tão amarelada quanto a do invólucro.

Ellie olhou para a porta fechada, sentiu uma sensação súbita de estar sendo vigiada.

Estava sendo boba. A sala estava vazia – e não tinha ouvido passos vindos do corredor.

Respirando fundo, ela desdobrou a carta.

Essa parecia ter sido escrita antes de Lady Chastain se casar, já que estava endereçada à Lady Lorelei. Drake tinha escrito o nome dela com letras floreadas, o ‘L’ fazia uma curva bastante arrojada. A escrita forte dele era inconfundível, ainda assim a tinta acariciava o papel como se estivesse seduzindo a mulher com as palavras. Isso dizia que havia algo profundo dentro do marquês – a forma amorosa com as quais suas palavras se moviam pela página iluminou a sala, não a escuridão da pessoa sombria e taciturna que Ellie tinha conhecido.

E então, ela leu...

Meu mais querido amor, Lorelei,

Estou contando os dias até você voltar para Londres – e para mim. Meus dias estão se arrastando, minhas noites são preenchidas com os sonhos mais

bonitos. Chegará logo o dia em que eu e você estaremos juntos de novo. Fui até a minha propriedade no campo para passar o tempo – e tudo o que eu vi foram as muitas coisas que precisavam ser feitas na esperança de preparar minha simples residência para a sua nova senhora, a minha marquesa. Esse tempo separados só mostrou ao meu coração que ele não pode bater sem você.

Até sermos um,

Andrew

Andrew.

Ellie raramente ouvia o nome do pai, e nunca o tinha visto escrito.

O homem preferia o título – uma forma de mostrar a sua superioridade para os outros em vez de criar conexões mais íntimas. A última pessoa que chamou o marquês de Andrew foi a Sra. Bee, a velha governanta, mas ela morreu há muito tempo.

Em seguida, Ellie abriu uma carta endereçada à Lady Chastain, obviamente escrita após ela ter abandonado o marquês em favor de outro. Essa era mais formal, como se fosse a carta para um conhecido em vez de para a mulher que ele amou de todo o coração poucos meses atrás.

Lady Chastain,

Parabéns pelo seu casamento com Lorde Chastain. É com grande prazer que envio esta carta desejando a você e ao meu bom amigo uma vida cheia de felicidade. Eu realmente espero que você tenha tudo o que merece.

Cordialmente,

O Marquês de Drake

Ellie foi preenchida por um sentimento inesperado – pena, tristeza, simpatia? Certamente não, possivelmente empatia. Ela podia entender a sensação de traição que ele sentiu por Lady Lorelei se casar com outro. Era algo parecido com o vazio que a preenchia quando Alex saía do seu lado – não que sua dependência pelo homem pudesse ser comparada com perder um amor que deve ter sido muito, muito grande.

A próxima carta levou lágrimas aos olhos de Ellie.

Minha luz no meio da escuridão do mundo,

Temo ter uma confissão para fazer, embora seja muito mais fácil fazer isso já que sei que você nunca a lerá. Já se passaram todos esses anos e eu nunca

lhe contei sobre a minha filha. Ellington. Ela é a minha imagem exata, tanto na aparência quanto na conduta, embora não esteja certo se isso seja algo bom, já que ela parece ter herdado os meus piores traços também. Eu me tornei um homem que você não reconheceria – um homem que não consegue se esforçar a amar a própria filha. A maior parte dos dias eu mal posso suportar a ideia de olhar para ela. Ela deveria ter recebido o meu nome e a minha proteção, ter sido criada como a filha de um marquês deveria, mas em vez disso, eu a escondi dentro da minha casa. Eu não a quero por perto, e nem posso suportar que ela vá embora. Deveria culpá-la por isso – pela minha inabilidade de demonstrar o meu amor e de confiar em outra pessoa, mas este seria apenas mais um pecado que me mandaria direto para as labaredas do inferno – e por isso, não voltarei mais a ter esses pensamentos doentios.

Lealmente seu,

Andrew

Ele – o seu pai – tinha falado dela. A carta nunca tinha sido enviada, e por isso, nunca fora recebida ou lida por outra pessoa... mas ele escreveu sobre ela.

Ele confessaria a conexão deles para esta mulher, mas não para a própria Ellie? Todos esses anos perdidos, e ele nunca se obrigou a falar com ela com nada que não fosse raiva. Ela poderia ter tido – *eles* poderiam ter tido – uma vida e um relacionamento muito diferente do que o que tiveram. Talvez não amor, porque Ellie ainda não estava certa se tanto o pai quanto a filha eram capazes disso, mas um de alegria e facilidade, se ao menos ele tivesse falado com ela do mesmo jeito que escrevia para esta mulher, uma total estranha para Ellie.

Será que ele a teria pegado no colo e lido uma história para ela?

Levado-a para passear no Hyde Park em sua carruagem elegante?

Sorvete no Gunther’s?

Certamente não – mas eles poderiam ter sentado na mesma mesa para jantar sem que insultos fossem atirados a torto e a direito, ou eles não passariam semanas sem dizer uma única palavra um para o outro.

Não tinha certeza do que doía mais: a forma como ele a tratou todos esses anos, ou o fato de que tudo poderia ter sido diferente, mas *Ellie* não valeu isso.

Levantando a caixa de chapéu mais uma vez, Ellie retirou todas as cartas e os papeis soltos que havia lá, tateando o fundo da caixa – e encontrando o

último envelope selado.

Essa não era como as outras. A carta deve ter sido escrita, dobrada, selada e colocada direto na caixa.

Meu Único Amor,

Esta é a última carta que escreverei. Você se foi e eu preciso aceitar isso, mas saiba que estou me afogando sem você. Anos procurando por Peter e sua babá me deram nada além de falsas esperanças e um coração continuamente partido. Hoje estou aceitando que não há nada mais a ser feito. O que significa que eu falhei com você – com a sua memória e com o seu filho. Há uma última coisa que eu posso fazer por ele... Não desistirei de encontrá-lo. Ele não pode ficar escondido para sempre. Por agora, usarei o meu tempo para garantir que Londres esteja segura para a volta dele.

Seu, neste mundo e no outro, Andrew

O pai se referiu à criança como ‘o seu filho.’ Um produto do casamento de Lorde e Lady Chastain? Um com quem ele se importava muito mais do que já tinha se importado com sua própria carne e sangue.

Ela só conheceu o marquês como sendo um homem orgulhoso da sua posição, ostentando seu lugar como lorde da mansão. Não tinha sentido ele ter dado tudo para um menino que não era dele – e deixar Ellie sem nada.

As cartas não valiam o papel em que tinham sido escritas. Ele escreveu sobre o arrependimento que sentia pela forma que tratava Ellie, mas isso foi para o benefício de outra pessoa, não dela. O marquês nunca pretendeu que Ellie – ou qualquer outra pessoa – lesse essas cartas. Seu único arrependimento foi que esta mulher – Lady Chastain – iria olhar torto para ele por causa de seu comportamento. Ele não pedia pelo perdão de Ellie ou dava qualquer desculpa para ela concedê-lo. Ele estava confessando tudo para uma mulher que tinha amado outro homem e abandonado o pai de Ellie.

Ela era tão desleal quanto Drake.

Uma pena, eles teriam sido um par perfeito. Cada um só pensava em si enquanto os outros em volta deles sofriam.

Era como se ele tivesse amado tanto esta mulher que não tinha sobrado nada para ela – ou para Ruby.

Drake obviamente estava fora de seu juízo quando instruiu o advogado a redigir toda a papelada.

Ellie juntou tudo e colocou na caixa, fechando a tampa.

Havia muito mais caixas para repassar antes de o dia chegar ao fim.

Descobrir que o pai tinha perdido seu amor não era o que esperava encontrar, e isso não respondeu nenhuma das suas perguntas.

A saber: como ele poderia, em sã consciência, deixar a filha sem nada – e dar tudo para um homem que talvez continuasse sumido – isso se ele estivesse vivo.

Ergueu uma caixa e a colocou no chão, permitindo que ela abrisse a caixa que havia embaixo. Era mais nova, os cantos estavam retos e inteiros, o papel não tinha descolorido por causa da idade. Ali devia estar os negócios e documentos mais recentes do marquês.

Sentando-se no tapete, Ellie se aproximou da caixa, achando que ela fosse pesada demais para levantá-la. A caixa realmente continha documentos mais recentes, datados de 9 de Janeiro de 1816. Isso foi poucos meses antes de ele ficar doente e finalmente morrer.

Havia muitas cartas trocadas entre Drake e Adams, algumas notícias de assuntos que precisavam de sua atenção na mansão no campo, e até mesmo uma carta de recomendação para Alex vinda de Lady Haversham. Parecia realmente que pai se interessara a contratar o homem para a casa de Londres – até mesmo cuidou da correspondência e do salário pessoalmente. Ellie não era versada nos assuntos sobre a criadagem e o pessoal do estábulo, mas o interesse de Drake em Alex parecia algo incomum. Não era de se admirar ele ter sido tão veemente sobre ela visitá-lo nos estábulos.

No fundo da caixa havia vários papéis soltos que foram reunidos e presos juntos. A letra em cima deles não era a dos papeis mais recentes, essas pareciam apressadas como se a pena mal tivesse tocado o papel para serem escritas. Eram menos legíveis que a nota deixada no artigo de jornal.

Ela tentou ler cada palavra, mas começou a chorar antes de terminar a primeira linha. Lá pela quarta, as mãos de Ellie tremiam incontrolavelmente e ela precisou secar as lágrimas para continuar a ler.

Controle – a única coisa que sempre tinha faltado na vida de Ellie. Aquilo que ela finalmente tinha ganhado com a morte do marquês, e agora, ele estava dando poder a outro para mandar em Ellie.

Um total e completo estranho iria determinar o seu destino. Visões dos machucados de Daphne e as noites que ela passava chorando baixinho achando que Ellie não podia ouvi-la, invadiram a sua mente. Levou semanas para os machucados sumirem, mas os danos internos ainda afligiam a criada.

E o *pai* tinha dado poder para outra pessoa fazer o mesmo com ela.

Se já odiava o marquês antes – Ellie tinha todo o direito de *desprezá-lo* agora.

CAPÍTULO DEZ



—POR QUE VOCÊ está tão chateada com esta nova informação? — Marce perguntou.

Ellie continuou a andar para lá e para cá no espaço confinado da estufa nos fundos da Craven House, e não respondeu à pergunta. O ar úmido deixou seu braço grudento, mas isso encorajava o crescimento das muitas plantas que havia lá.

—Mesmo surpresa, você não pode pensar que isso fosse algo que Drake não fosse recorrer nas suas últimas horas.

Não tinha tempo para pensar no calor e no ar abafado, nem no massacrante cheiro de flores que permeava o lugar, fazendo com que fosse difícil respirar fundo – já que Ellie teve a enorme necessidade de seguir desembestada até a Craven House.

—Pare de zanzar, Ellington, — Marce a repreendeu. —Já lhe disse várias vezes que minhas plantas podem sentir as nossas emoções. E você, minha menina, é uma bola de nervos – e raiva. É muito pouco saudável, tanto para você quanto para as plantas.

Ellie parou de repente no fim da longa fila de mesas, lotadas com vasos de plantas, alguns com flores, outro sem uma única folha; a terra batida debaixo dos seus pés era tão sólida quanto a sua resolução de lutar contra as intenções do marquês. A coragem daquele homem, e pensar que mesmo depois de sua morte ele ainda podia dar ordens a ela e ditar sobre a sua vida – e a este extremo? Isso é inaceitável.

A Madame pegou a pequena tesoura com a mão direita, encaixou um galho fino entre as duas lâminas com a esquerda, e em um rápido movimento cortou o caule da planta que estava aparando desde a chegada de Ellie.

—Como você pode estar tão calma? — Ellie jogou os braços para cima. Sua exasperação com a situação a qual foi forçada rapidamente virou fúria. Sua raiva não atingia esse nível desde quando o marquês tinha se *atrevido* a chamá-la de *filha* em seu leito de morte. —Eu repassei todos os arquivos que o advogado enviou e—

—Ellington, — Marce atirou, colocando a tesoura sobre a mesa com mais força do que Ellie pensou que ela fosse capaz, então acariciou a planta como se estivesse pedindo desculpa por causa das palavras atravessadas. —Parede de se afligir. — Ela respirou fundo como se fosse ela quem precisasse se acalmar, e não Ellie. —Agora, o que sabemos sobre este homem?

—Só que o marquês não tinha sido capaz de encontrá-lo por muitos anos e que ele não pertence à linhagem de Drake... e eu estou prometida a ele. — Não podia acreditar que disse a palavra em voz alta – *prometida*. —Não sei o que é pior – estar prometida, ou o fato de eu nunca ter conhecido o meu noivo... — Ellie fez uma pausa e respirou fundo. —Ou que eu estou noiva de um estranho que está convenientemente desaparecido desde que era um bebê.

—Noivo é um pouco de exagero, — Marce respondeu. —Você é uma mulher capaz de dizer não. É altamente improvável que o homem vá insistir em se casar contigo caso você não concorde.

—Dê ao marquês a chance de pensar que ele tem todo o direito de me trair. — A irritação de Ellie aumentou. —Se eu não me casar com este estranho, então meu pai ordenou que eu fosse expulsa da Drake House, e que nunca mais poderia voltar. E se o homem estiver morto? Eu não posso me casar com uma pessoa morta.

—Muitos não têm o luxo de conhecer o noivo até pouco antes do casamento. — Marce não fez mais nenhum comentário, ignorando o fato de Ellie ter chafurdado em auto piedade, o que certamente foi melhor porque Ellie não podia pensar em uma única resposta que fosse aplacar a raiva que queimava dentro dela.

Em vez de esperar sentada que o homem aparecesse e tomasse a sua casa, Ellie agora esperava que o estranho tomasse posse da sua casa e do seu *corpo*. Seu primeiro instinto foi fugir da casa Drake e buscar refúgio com a irmã. Contar todas as injustiças que sofreu nas mãos do falecido marquês para Lorde e Lady Haversham, e esperar que eles aderissem à sua causa – ou ao menos que tivessem pena dela. Ellie não poderia suportar que Ruby – ou os Havershams – a forçassem a casar com um homem que ela não conhecia.

—Você perguntou por aí se ele é um homem honrado? — Marce percorreu a mesa, procurando alguma outra planta que precisasse de poda. Ellie ficou calada, pois admitir que não havia ninguém *por aí* que ela pudesse perguntar, parecia digno de pena; ainda mais deplorável era o fato de que não havia ninguém na Inglaterra para quem ela pudesse perguntar. —É bem possível que ele também não tenha a intenção de se casar com uma estranha –

ele pode estar tão desatualizado sobre os planos do marquês quanto você estava há apenas umas horas.

—Não, — Ellie respondeu. —Suspeito que ele só esteja preocupado em tomar a minha casa – não a mulher com que ele está sendo forçado a se casar.

Uma leve garoa começou a bater nos vidros a volta delas e não demorou muito ela virou um senhor aguaceiro – a cor do céu tinha sido um aviso. Engraçado, Ellie tinha estado tão mau humorada quando selou o cavalo nos estábulos e montou como se o próprio diabo estivesse em seus calcanhares que ela não notou que uma tempestade estava se formando. Felizmente, teve o bom sendo de pegar um casaco desta vez.

Ela observou as gotas criarem poças nas vidraças e escorrerem pelos vidros, algumas iam em linha reta, enquanto as outras seguiam em um lento ziguezaguear até desaparecerem. Imaginou se o seu destino viria rapidamente ou se ele faria algumas voltas.

—O casamento nem sempre é a pior coisa que pode acontecer com uma mulher, — Marce comentou enquanto dava de ombros.

Ellie riu. —Isso veio de uma mulher que foi livre para escolher o próprio destino por toda a vida.

—Você acha que eu escolheria a vida que eu tenho? — O olhar severo de Marce lutava com a gentileza reservada do seu exterior. Muitos pensariam que a mulher loura e elegante fosse bem mais nova do que realmente era – e muitos a confundiriam com uma indolente senhorita da sociedade, mas Ellie nunca subestimou Marce Davenport. Ela tinha passado a vida cuidando dos irmãos – e de outras pessoas que precisavam. —Mas minhas escolhas – ou aquelas que não estavam tanto sob meu controle – não são relevantes para o assunto em questão.

—Diga-me como consertar isso, — Ellie suspirou. Conhecia a mulher há muitos anos, e ela nunca deixou de encontrar uma solução para os desafios que Ellie tinha que enfrentar. —Deve haver um jeito de eu não me casar com esse homem.

—E se você quiser se casar com ele? — Marce perguntou enquanto erguia uma sobrancelha.

—Não posso me ver sendo afetada por este homem – ou até mesmo dar a ele a oportunidade de me conhecer. — A ideia era ridícula. Embora Ellie tivesse suportado muitas coisas em sua vida, ela ainda tinha a idade de uma menina que mal saíra da sala de aula. Jovem demais para se casar.

—Talvez você seja poupada, — Marce pensou em voz alta, enquanto pegava um vaso no chão. —Este contrato deve ter sido assinado há mais de uma década e o homem pode nunca encontrá-lo. Se ele ainda esteve sumido, ou presumivelmente morto, com certeza Drake mudou de ideia.

—Foi assinado quinze dias antes de o meu pai morrer.

—Oh.

—Sim, isso é horrível, — Ellie murmurou.

—E ele foi assinado pelo seu prometido ou, talvez, pelo seu pai?

—Não. — Ellie pegou o papel no bolso do casaco. —Isso parece ser uma carta delineando a união, as especificações do meu dote e o que acontecerá caso o casamento não aconteça.

—Ah. Veja bem, não é como você pensa. — Deixando a planta de lado, Marce foi até Ellie e pegou a carta. A boca de Marce se movia lentamente enquanto ela lia as palavras, o rosto ia ficando cada vez mais preocupado enquanto lia. Mas foi otimista ao pensar que o marquês tivesse deixado uma forma de Ellie se livrar do casamento, de ela poder expressar seus sentimentos e não ser forçada a continuar com essa farsa, mas como tudo costumava ser com o seu falecido pai, nada era simples. —Diz aqui que apenas Peter Davis, o sétimo Marquês de Drake, pode anular o contrato. Se você não se casar com ele, você será forçada a sair da casa e de todas as propriedades atreladas ao título sem um único centavo em seu nome.

—A coragem daquele homem. — Ellie começou a andar para lá e para cá. Como se pegando a deixa, um raio iluminou o céu e a sala – e foi seguido de perto pelo estrondo de um trovão. —Eu devo desistir? Talvez ir visitar o novo marquês... apresentar o meu interesse em sua fortuna e também apresentá-lo à sua futura esposa?

—Sua negatividade e seu sarcasmo não ajudarão nesta situação. — Marce cruzou os braços, a carta estava amassada na mão dela. —Deve haver uma forma de conhecer o homem – ou descobrir se ele ainda está sumido – sem que ele suspeite de quem você é ou de quais são as suas intenções.

—Eu não tenho intenções.

—Eu não quis dizer o que pareceu. — Marce se virou, o longo cabelo louro caindo por sobre os seus ombros enquanto ela retomava a sua tarefa. — Eu só quis dizer que seria vantajoso para você descobrir algo sobre o homem antes de desistir de tudo o que é seu. Ele pode ser bondoso.

—Ou talvez ele seja um patife mentiroso, traidor e traiçoeiro. — Ellie pensou em toda as informações que Alex tinha lhe dado quando voltou do

escritório do advogado. Adams tinha implicado que o novo marquês fora encontrado – ou melhor que ele esteve sumido – de fato, ele deixou escapar que conhecia os pais de Peter, Lorde e Lady Chastain, antes de eles morrerem. —Talvez ele já esteja casado – ou noivo. Um ano com certeza é bastante para tempo para conhecer uma debutante e entrar em acordo sobre o dote.

—Aí está, — Marce pensou, inspecionando outra planta. —Mas deve haver um jeito de descobrir mais coisas sobre este homem.

Então estava por conta de Ellie, e ela tinha a oportunidade perfeita a espera dela, tudo o que precisava fazer é avisar que iria ao baile para o qual Ruby a convidara.

Ela parou antes de contar a ideia para Marce.

—Vá em frente, diga logo.

—Como você sabe que eu tenho algo a dizer? — Ellie perguntou. —Você sequer está olhando para mim.

—Simples – a energia negativa saiu voando daqui e todas as minhas plantas respiraram de alívio.

—Você está brincando.

—Talvez, — Marce riu. —Você parou de andar para lá e para cá. Agora, por favor, compartilhe o que pensou. Tenho muito o que fazer.

Ellie olhou alarmada para o céu negro. —Seus clientes chegarão em breve, — ela disse rapidamente. —Não vou te segurar mais tempo. Virei amanhã.

Marce colocou as mãos nos quadris, havia um olhar sério em seu rosto. —Você não vai fazer isso – deixar que eu me preocupe por toda a noite sobre como resolver o seu dilema se você já tem a resposta. Além disso, meus clientes – como você os chama – provavelmente esperarão até que estie, isso se eles vierem. Agora, por favor, compartilhe.

—Lady Haversham está dando um baile – para apresentar Ruby e Harold à sociedade. — Ellie não podia acreditar que não tinha pensado nisso antes. —Ruby pediu a minha presença ao lado dela – para também me apresentar da forma apropriada.

Marce riu.

Ela não pôde deixar de sentir uma pontada de dor com o som. —Não que eu tenha concordado a ir.

—E isso dará a você a oportunidade perfeita para perguntar sobre o homem. — A mulher ficou séria, o som do riso esvaneceu tão rápido como se

ele nunca tivesse acontecido. —É claro que você vai.

—Por quê? — Ellie perguntou.

—Alguém lá provavelmente saberá se o novo marquês ainda está sumido, e além disso, ser apadrinhada por uma condessa e apresentada à sociedade... — Marce bufou de exasperação, como se Ellie fosse idiota. —Com Lorde e Lady Haversham lhe avalizando, não há uma porta que continuará fechada para você. Se você escolher não se casar com o novo marquês, você provavelmente poderá escolher qualquer homem da *ton*.

—Eu não quero me casar. — Não era que nunca tivesse esperado casar e ter a própria família, era só que ela não via isso para si neste momento. Tinha passado a vida sob o jugo do pai, e agora, com um pouco de independência à sua disposição, Ellie só queria experimentar a sua recente liberdade. —Mas eu confesso que seria bom ir a um baile ou possivelmente a um recital, ou um chá.

Marce sorriu. —Você não é mais a criança fria e egoísta que você já foi. Não é errado encomendar um vestido bonito – e viver um pouco antes de tomar qualquer decisão definitiva.

—Você acha?

—Certamente, — ela disse, afastando-se de Ellie enquanto atormentava alguma flor. —Se o marquês quisesse que você se casasse imediatamente, então ele teria lidado com todas as particularidades antes de morrer.

Era mais provável que a doença dele tenha piorado antes de ele ter a chance.

—Quando é este baile? — Marce perguntou. —Você vai precisar de um vestido, sapatos... e oh, tantas coisas.

—Amanhã.

Marce arfou. —Por que você não me disse antes, criança?

—Eu não tinha a intenção de ir, — Ellie confessou. —Mas eu consegui um convite para você e suas irmãs.

—Eu com certeza não recebi nenhum convite.

—Lady Haversham está esperando a minha resposta antes de enviá-lo, eu acho.

—Então você deveria ir correndo para casa e mandar avisar que você irá ao baile. — Marce esfregou as mãos, tirando qualquer sujeira que tinha restado do seu trabalho. —Agora, irei me encarregar de preparar um vestido para você. Tenho certeza de que Payton tenha alguma coisa que vá bem com a sua cor—

—Isso não será necessário.

—Não seja tola, — Marce ralhou. —Você está indo—

—Eu não disse que não iria, só que eu não precisarei de um vestido. — Ellie pensou no vestido maravilhoso que encomendara há umas semanas, feito do mais suave algodão azul com uma sobressaia de renda.

—Você planeja ir ao baile com aqueles trapos que o marquês insistia que fossem feitos para você, ou possivelmente, — ela parou horrorizada, —ir com o seu traje de luto.

—Céus, Marce, — Ellie suspirou. —Nunca. Eu encomendei uns vestidos, uma atitude boba, eu sei, mas eu finalmente consegui um. E ele está esperando por mim em meu armário.

—Isso é maravilhoso. — Um sino soou nas profundezas da casa, e Marce olhou para a porta, um sinal da criada do salão dizendo que alguém tinha chegado. —Minha doce e querida Ellington. Tenho muito a fazer e você tem que mandar um recado para Lady Haversham.

Ellie olhou para as janelas e viu que tinha parado de chover – e já tinha passado muito da hora de ir. Surpreendentemente, ela se sentiu mais leve do que se sentira em meses. —Sim, eu deveria ir. Enviarei o convite pela manhã.

—Então está tudo resolvido por agora. — Marce sorriu. —Eu tenho mesmo que ir. Pedirei que tragam o seu cavalo e que o Sr. Curtis te acompanhe até em casa.

Ellie sacudiu a cabeça. —Você sabe que não é necessário. Já fiz essa viagem tantas vezes que eu quase posso ir dormindo para casa.

—Não é contigo que me preocupo, Ellington, — ela disse, a voz se enchendo de pesar. —São as ações dos outros que me fazem ter reservas em permitir que você saia por aí desacompanhada.

—Chegarei em casa em segurança, — Ellie a acalmou. —Como fiz todas as outras vezes que vim. Até amanhã.

Ellie deu um rápido aceno antes de sair da estufa. Esperava que a próxima vez que viesse à Craven House que não fosse para encontrar um lugar para morar.

Os fundos da casa estavam estranhamente quietos, como se esta parte da mansão não estivesse a par do que estava prestes a começar nas salas mais próximas da entrada. A luz brilhava por sobre várias portas enquanto ela atravessava a casa: Payton, Sam e Jude provavelmente já tinham se recolhido.

As irmãs eram abençoadas por terem Marce no comando – assim como ela, a irmã mais velha nunca permitiria que nada de mal lhes acontecesse.

Mantendo os passos leves, Ellie entrou na biblioteca antes de chegar às áreas mais frequentadas da casa onde os sons de alegria já podiam ser ouvidos no prédio cavernoso. O cômodo abrigava uma impressionante coleção de livros velhos e empoeirados. Alex gostaria dessa sala com suas cadeiras confortáveis e a lareira grande. Perfeita para passar a noite lendo textos antigos e discutindo sobre os grandes poetas de outra época.

Ela usava as portas duplas da sala para passar desapercebida quando ficava mais tempo que o pretendido e quisesse partir sem alertar os *convidados* de Marce Davenport. Muitas vezes, ela sentiu vontade de ficar, tomar um quarto ao lado do de Payton e ter o conforto de saber que Marce e as irmãs estavam por perto – mas isso significaria viver sob as regras e os ditos de Marce, o que não seria tão horrível, mas mais do que Ellie estaria confortável depois do duro tratamento que recebeu de Drake.

O último ano, mesmo solitário, foi libertador de muitas formas. Tinha feito o que queria, quando queria e não tinha morrido por causa disso.

Chegaria o tempo em que precisaria aceitar a interferência de Ruby em sua vida, mas, por agora, Ellie era...

Uma batida no vidro chamou a sua atenção.

Seu cavalo – ou qualquer cavalo que tinha selado em sua partida apressada – estava pronto.

Ellie se esgueirou pelas portas duplas que davam para a estreita viela que levaria aos estábulos se seguisse pela a direita, ou para a entrada, se fosse pela esquerda. Com certeza, o ancião segurava as rédeas do seu cavalo, um garanhão negro bem maior do que ela se lembrava.

—Noite, milady. — Ele disse, ajudando-a a montar. —Obrigado, de novo. Minha senhora é orgulhosa demais para pedir sua ajuda. Boa sorte, vá com Deus.

—Daphne veio aqui hoje de manhã? — Ela olhou por sobre o ombro para se certificar de que não havia ninguém por perto. Para qualquer um que passasse, pareceria que Ellie estava agradecendo ao homem. Quando o Sr. Curtis assentiu, Ellie prosseguiu, —Deixe-me saber se você precisar de mais qualquer coisa. Meus estábulos – e minha casa – estão à sua disposição.

—Não precisa ser tão boa, milady. — Uma única lágrima escorreu pelo rosto do homem, e ele a secou rapidamente.

O Marquês de Drake devia mais a Craven House do que Ellie algum dia poderia pagar. Madame Sasha cuidou da mãe de Ellie durante os seus últimos

dias, e depois Marce zelou por Ellie – ambas as coisas que o falecido marquês não foi capaz de fazer.

Era responsabilidade de Ellie pagar o que ela sentia que devia às mulheres.

—Os grãos não farão falta aos meus estábulos, eu lhe asseguro. E boa noite para você também, senhor. — Ela nunca teve coragem de tratar o homem com qualquer coisa que não fosse bondade. Ele está com Marce e as irmãs desde antes de Madame Sasha ficar doente e deixar as quatro filhas e um filho para cuidar de si mesmos, o que significava que ele também conhecia a mãe de Ellie. Ela fez um gesto com a cabeça, afastando o agradecimento dele de seus pensamentos. O mínimo que poderia fazer para ajudar Marce a manter um par de cavalos em seus estábulos estava muito aquém do cuidado que ela demonstrou para com Ellie todos esses anos. Além disso, ninguém na casa Drake estava a par. —Mantenha-se aquecido, parece que vai fazer muito frio esta noite.

Com um leve chute, Ellie incitou o cavalo a um galope na escuridão da noite.

Ela foi recebida pelo vento e pelas ruas desertas, e esporeou o cavalo – como sonhava em poder ir mais longe. Longe de Londres, longe de todas as perguntas e preocupações. Para outro lugar, um onde ela teria um sobrenome e uma família que a conhecesse desde que nascera – e ninguém jamais viria para tomar o pouco que possuía.

Sonhava com uma enorme mansão no campo com pais amorosos, irmãos com quem brigar e criados leais que lhe dariam doces assados e geleia de ameixa.

A comemoração do natal no campo tinha trazido de volta muitos sonhos que tivera na infância, uns onde a mãe ainda estava viva e saudável e o pai – certamente não o marquês – estava feliz com a família. Não tinha querido considerar por que estava tão infeliz na viagem até Foldger’s Hall naquela época, mas aqui – cruzando as ruas escuras de Londres em direção à uma casa quieta e vazia – ela se deixou sonhar com o que poderia ter sido... que a mãe não teria vendido o corpo para conseguir dinheiro e que o pai fosse qualquer outra pessoa que não o Marquês de Drake.

Incitando ainda mais o cavalo, Ellie visualizou muitos dos papéis que tinha lido. Cada um mostrava o rápido declínio do pai – um que ele seguiu de boa vontade cheio de angústia, solidão e raiva. Ele deve ter sido um homem muito diferente antes de ter o coração partido, se isso tivesse mesmo

acontecido. Todos os papéis só lhe mostraram um lado – o de Drake – e se havia uma coisa que tinha aprendido ao longo dos anos, era que o pai não era de confiança.

As muitas cartas bonitas endereçadas à Lady Chastain, mesmo após a traição e o casamento com Lorde Chastain, apontavam para um homem completamente diferente.

Certamente, Lady Chastain tinha feito a escolha certa quanto à babá de seu filho, pois estava mais que claro que a mulher tinha instruído a criada a levar a criança para longe e que a mantivesse afastada das garras do marquês.

Ellie queria ter sido abençoada com uma cuidadora assim – qual era mesmo o nome dela?

Dutton, Alexandria Dutton.

Ela puxou as rédeas do cavalo, parando o animal.

—Cuidado, — um homem gritou.

Ellie olhou para uma carruagem carregada com suprimentos.

A resposta para tudo esteve bem na sua frente o tempo todo – desde o pai trazendo um homem mutilado para trabalhar nos estábulos, ao pedido que Drake fez a ela em seu leito de morte, para confiar em Alex, até a carta detalhando o acidente de carruagem que tinha matado Lorde e Lady Chastain...

—Mova o seu maldito cavalo, sua idiota! — Um cavalo passou correndo por ela, Ellie não viu o cavaleiro antes de ele desaparecer na rua escura.

Mas não pôde se obrigar a falar – ou até mesmo a esporear o cavalo.

Ela tinha conhecido a Sra. Dutton, passou o natal com a mulher – e ela também tinha conhecido seu tutelado, ferido quando bebê.

Era ele. Alex.

Todo esse tempo, ele tinha estado na casa do marquês, sem ninguém saber.

Ellie tinha temido que um estranho, alguém que não conhecesse, viesse e levasse tudo o que era dela. Esperou com o fôlego suspenso por mais de um ano, cada dia preenchido com inquietação e medo, temendo o dia, a hora, que ela seria expulsa da única casa que já conhecera, que fosse deixada sem nada.

Em vez disso, o homem que tinha destruído a sua estabilidade e seu sentimento de pertença era alguém que ela pensava ser um amigo. Um homem com quem Ellie tinha passado longas noites solitárias sonhando. Ela confiava nele mais do que confiava em qualquer outra pessoa.

Seu maior aliado e seu maior inimigo eram a mesma pessoa. Alex era a única pessoa que poderia lhe tirar tudo.

CAPÍTULO ONZE



—AGORA VÁ! — ALEX exigiu, sabendo que Ellie faria o exato oposto do que ele – ou qualquer um – desejava. —Vá antes que Eckles volte.

Ficou chocado ao vê-la entrando no estábulo montada em um cavalo. Não por ela ter conseguido sair da casa e dos estábulos – com um cavalo, nada menos – sem que ninguém soubesse, mas por ela ter voltado em tal estado. O cabelo caía emaranhado por suas costas como se ela tivesse estado no meio de um vendaval, embora a julgar pela respiração difícil do cavalo, ela fez o animal correr muito, e de forma irresponsável.

Ele estava de costas para ela enquanto levava o garanhão até a baia, a primeira à esquerda, o que demonstrava a importância do animal. Não precisou insistir para que o cavalo fosse para o seu canto, exausto por ter corrido pelas áreas residenciais de Londres, o suor ensopava o brilhante pelo castanho-avermelhado.

Alex virou-se depois de fechar o portão e viu Ellie de pé onde a tinha deixado.

Ela tinha um olhar meio desvairado no rosto beijado pelo vento, e isso o confundiu. Era ele quem provavelmente seria punido por causa da fuga dela naquele maldito cavalo, caso Eckles descobrisse que ele tinha sido montado.

—Não fique aí... vá.

—Eu com certeza não aceitarei ordens de tipos como você. — As palavras dela, como sempre, o magoaram muito. A aversão que ela sentia por ele – e também o contínuo interesse em suas atividades e as súplicas para ele tomar parte em seus esquemas – o confundiam ainda mais. —Talvez eu queira que o encarregado dos estábulos saiba que eu me atrevi a montar um dos cavalos premiados de Drake.

—Então você é muito mais tola do que eu pensei.

—Como você se atreve—

—Sim, eu sei... como eu me atrevo a falar com Lady Ellington desse jeito. — Ele foi até ela. —Eu vou lhe dizer *por que* eu me atrevo. Você, *minha lady*, — ele pronunciou cada sílaba, —é incapaz de fazer uso do seu

bom senso. Você acha que é intocável e que está acima de qualquer repreensão.

—Eu... não... bem... — ela gaguejou.

—De agora em diante, farei o mesmo que você, — Alex fervilhou. Ele estava sendo autoritário e injusto, mas ainda assim não pôde deter aquelas palavras – ou os seus sentimentos. —Isto — Ele apontou para o estábulo. —é meu domínio. Eu vivo aqui. Eu trabalho duro durante dezoito horas todos os dias, aqui. Lá—— Ele apontou para as portas do estábulo —é a sua casa. Eu não te dou ordens dentro daquelas paredes. E você não deveria me dar ordens dentro dessas aqui.

—Tudo nesta propriedade, e o que estiver ligado à propriedade de Drake, é meu. — Embora as palavras tenham sido ditas com firmeza, havia dúvida nos olhos dela. Uma incerteza que ele nunca viu antes.

Que Ellie fosse a filha bastarda de Drake ou nada além que a tutelada do marquês, isso não fazia nenhuma diferença para Alex. Ele sabia como era crescer sem pais, sem o benefício de um sobrenome ou de uma família. As circunstâncias deles – embora ela detestasse admitir – eram quase idênticas.

—Não vou discutir quanto a isso, mas você deve ir antes que Eckles volte.

A postura combativa a abandonou e as defesas cederam.

Algo nas suas palavras a acalmou, embora ele não fazia ideia de o quê. Não havia tempo para discutir sobre isso.

Segurando-a pelos ombros, ele a virou e a empurrou gentilmente em direção à porta e para a segurança da casa principal.

—Eu não preciso que você cuide de mim, — ela disse por sobre o ombro enquanto ia em direção à porta.

Alex não teve tempo de dizer nada a ela.

Rapidamente, pegou a escova e foi até a baia do cavalo. Trabalhou rápido, escovando o suor e a sujeira do pelo do animal, e com isso todos os rastros da corrida selvagem de Ellington. Ele tinha certeza de que ela queria se ferir, que outra razão ela teria para montar com tal descuido pelos becos escuros e ruas lotadas?

E por isso tinha esperado pelo retorno dela quando notou que o cavalo sumiu.

Ela não tinha compartilhado as razões por trás de suas ações. Não que Alex esperasse quaisquer respostas da parte dela, a garota mantinha a boca tão fechada quanto qualquer outra pessoa que já conheceu. Muitas vezes, ela

o fez questionar o seu próprio jeito reservado. Quando alguém era sozinho – realmente, inexoravelmente, sem o benefício de outra alma ao seu lado, completamente solitário – levava tempo para lembrar que existiam outras pessoas. Fora do seu próprio insignificante círculo, os outros estavam vivendo suas vidas, completamente separados e inconscientes de suas dificuldades. Não que acreditasse que os outros deveriam se preocupar com a vida de pessoas que não impactavam as suas próprias vidas, mas ser tão ignorante quanto ao sofrimento dos outros... Alex tinha caído naquela mesma armadilha.

Insensatez. Tolice.

Loucura.

Ele tinha perdido a capacidade de ver as pessoas pelo que elas eram e, o mais desconcertante, de reconhecer as circunstâncias delas.

Isso tinha acontecido com Ellington.

E ele não tinha ideia de como voltar atrás, começar de novo, mostrar que ele se importava – e descobrir o que a atormentava.

E então havia as pressões adicionais de tudo o que ele tinha sabido por meio do advogado – o que não fora muito significante. Ouviu dizer que foi entregue um monte de caixas na casa – assim como o advogado tinha prometido – e Ellie tinha passado grande parte do dia trancada no escritório lendo cada página.

Alex só estava começando a entender que os demônios dela não eram novos, mas que nasceram por causa de anos de dúvidas, mentiras infundadas e ações deploráveis.

Queria saber o que a assombrava. Precisava entender como poderia ajudá-la – levar a dor embora e substituí-la por... alguma coisa. Não tinha nada a oferecer além da sua lealdade. Não podia deixar de pensar que isso nunca seria o bastante para banir toda a dor que havia dentro dela.

Seu mundo estava se desenvolvendo, se expandindo além de tudo o que ele havia pensado.

Já não bastava mais que ele trabalhasse assiduamente, que conquistasse seu lugar e mantivesse a cabeça erguida, concentrando-se em que um dia seria mais que um simples cavalariço.

Não, precisava de mais alguém na sua vida. De repente, a solidão do seu passado já não tinha mais nenhum apelo.

Alex pegou o pente que estava pendurado do lado de fora da baia e começou a desembaraçar a longa crina do cavalo.

As ações de Ellie esta noite falavam volumes.

Mas, neste momento, ele só tinha tempo para acalmar o cavalo, prepará-lo para a noite e rezar para que Eckles não suspeitasse de nada.

—Garoto! — O grito de Eckles veio da parte principal do estábulo. — Onde *cê tá*?

—Aqui. — Alex procurou algo fora de lugar na pequena baia. Felizmente, tudo parecia estar nos conformes, nada levaria ninguém a pensar que o garanhão tinha estado fora do estábulo. A respiração do cavalo tinha se acalmado o suficiente e ele relaxara, os olhos fechando por causa da exaustão. —Irei em um momento.

Colocou o pente no lugar, checou novamente se a baia estava fechada e entrou na área principal do estábulo. Parte dele queria olhar para cima, para o estrado, para confirmar que Ellie tinha mesmo voltado para casa assim como ele exigiu, mas o olhar de desprazer no rosto de Eckles obteve toda a atenção de Alex.

—Senhor? — Alex disse. —Estava prestes a me retirar. Precisa de algo mais?

Eckles só olhou para ele.

Levou vários meses para Alex se acostumar com o seu papel dentre a criadagem de Drake. Ele tinha se acostumado rápido demais com Lady Vi, agora Lady Haversham, em Foldger's Foals. Todo mundo era tão próximo como se fossem família, não que Alex soubesse realmente como seria aquilo, mas se ele alguma vez tivesse uma família, suspeitava que seria algo como o que tinha vivido lá. Mas aqui em Londres, os criados tinham família e vidas fora da propriedade do marquês. Eles vinham e ganhavam seus salários – isso era tudo. Eles não ficavam por aí em sua única tarde de folga. Eles não ficavam depois do jantar a menos que a posição exigisse. Eles tinham famílias, amigos, e casas fora daqui. E os que não tinham, iam para o quartos dos criados assim que o trabalho acabasse.

Ele não tinha nada.

Nem família, nem amigos, nem laços com ninguém ou qualquer coisa.

Sempre pensou que isso dava à pessoa uma certa liberdade – a habilidade de ir para onde o vento levasse – mas tudo o que Alex sentia era uma solidão avassaladora que vinha crescendo desde o último ano.

Sim, passava suas horas de folga na casa Haversham – atendendo ao pedido de Lorde e Lady Haversham – mas nunca se sentiu como se estivesse entre a sua família. Os Haversham tinham o novo lorde para se preocuparem.

Aquele mundo – o da sociedade educada – não era algo que Alex desejava. Ele não entendia os costumes ou as regras estritas. Nunca teve o desejo de ser servido por outras pessoas. E não porque ele via isso como fora do seu alcance, mas porque ele via os outros como seus iguais, ninguém era melhor que ninguém.

Era inconcebível para Alex acreditar que uma pessoa era melhor que a outra só por causa dos seus progenitores, porque eles tinham nascido em uma casa elegante, com grandes estábulos, e uma riqueza tão grande que o fazia nada mais que um mero cavalariço – sem sequer levarem o que ele era em consideração. Que um homem cruel, como Drake, não era nada melhor que o encarregado dos estábulos da Craven House – um homem nobre e bondoso que cuidava dos moradores da mansão, não importa o que acontecia lá dentro.

A Sra. Dutton, a mulher que tinha sido a coisa mais próxima de um parente que ele já teve, comandava o orfanato com a mão firme, mas afável. A casa dela não era uma casa de trabalho, como muitos orfanatos eram – as crianças não precisam trabalhar para ganhar o seu sustento.

Foi só nos últimos anos que ele descobriu o porquê. Eles tinham um benfeitor. As necessidades deles eram providas, permitindo que a Sra. Dutton usasse o dinheiro extra para pagar por tutores e por livros didáticos.

Como um dos mais velhos da casa, ele tinha meio que um papel de líder dentre as outras crianças. E ele liderava por meio do exemplo, dedicando-se a melhorar a sua pronúncia e a abandonar o seu sotaque. A Sra. Dutton lhe assegurou que se ele quisesse trabalhar nos estábulos mais elegantes de Londres, que ele precisaria agir como um lorde, mesmo que não fosse um.

E por isso, ele aprendeu a ler e a recitar, estudou geografia, e até mesmo tentou a sorte no piano – o que ele descobriu que ajudava com a mão machucada, esticando seus dedos e melhorando os seus movimentos, tanto, que muitos não notavam a sua deficiência a menos que eles vissem o leve coxeio que vinha depois de um longo dia de trabalho.

Não foi capaz de trazer muitas coisas quando deixou a propriedade de Lady Haversham para vir trabalhar para o marquês. Tinha trazido vários livros consigo, mas o ar bolorento e a umidade dos estábulos fez com que as páginas apodrecessem rapidamente. Aqueceu o seu coração quando Ellie lhe dera o livro de Cowper. Ele conseguiu mantê-lo em um lugar seco, valorizando o tempo que ele tinha para ler quando a luz noturna permitia.

Um rangido vindo lá de cima o fez voltar ao presente onde ele viu que Eckles estava olhando para ele, esperando a resposta para uma pergunta que Alex não tinha ouvido.

—Bem, garoto? — Eckles murmurou. —Você não vai *negá*?

Alex permaneceu calado, o homem estava bêbado.

—O grão que está faltando – foi roubado, — Eckles prosseguiu.

—Não senhor. — Ele não tinha ideia de onde aquela acusação tinha vindo, embora estivesse claro que os outros criados e cavalariços estavam lhe observando de perto, procurando qualquer infração que poderia ser usada contra ele. —Eu não sei nada sobre a falta de cereais.

—Você vem pra cá com essa fala direita e boas *maneira*, *pensanu* que *cê* é bem *mió* que *nóis* tudo. E o tempo todo, *cê* que era o ladrão.

—Eu nunca—

—*Cê num* tem que *falá* nada, menino. — A lógica e o bom senso estavam além do alcance daquele homem.

—Eu não sei nada sobre os cereais que sumiram. — Ultimamente, Alex vinha sendo empurrado para tantas direções, acompanhar Lady Ellington em suas travessuras dava mais trabalho que as suas responsabilidades nos estábulos – ele tinha ficado fora quase uma tarde inteira com o advogado. Mas com certeza, se ele não tivesse cumprindo as tarefas nos estábulos era provável que os cerais tivessem desaparecido em seu turno. —Há quanto tempo isso vem acontecendo?

—Isso não é da sua conta, — Eckles disse com clara descrença. —Mas eu quero *pô* um ponto final nisso aqui e agora.

Alex observou com extrema descrença enquanto o encarregado dos estábulos pegava um chicote na parede e batia a ponta do objeto no solo com um rápido movimento do pulso.

—Senhor. — A voz de Alex se elevou enquanto ele tentava, e não conseguia, manter o pânico afastado. Foi quando ouviu o rangido nas tábuas acima da sua cabeça. Já tinha ouvido falar sobre como o encarregado lidava com desobediência, desatenção e fraudes em seu estábulo. —Eu já disse que não fui eu, e eu também não sei quem é o responsável. Mas, se você me der algum tempo, posso localizar o malfeitor.

—Oh, agora *cê* pensa que é um desses *moço* da Bow Street, né? — Alex deu um passo atrás, indo em direção às baias quando Eckles foi tropeçando até ele, pendendo para a esquerda. —Vem aqui, rapaz.

Alex manteve os olhos à frente, evitando olhar para onde suspeitava que Ellie estivesse escondida. De todas as vezes que ela podia ter ignorado as suas ordens, esta noite era a pior de todas. Alex teria o chicote entrando em contato com suas costas muitas vezes antes de amanhecer, mas ter alguém testemunhando a sua degradação? Isso seria pior que as chibatadas.

Mas ele levaria as chicotadas. Mesmo que não as merecesse por causa do roubo dos cereais, sua negligência foi responsável por Ellie levar o cavalo do marquês. E ele deveria ser punido por isso.

A chuva batia com força no teto e na lateral dos estábulos enquanto a tempestade ficava ainda mais forte. Só esperava que o barulho abafasse seus gritos de dor, pois era improvável que eles o mantivessem afastados.

Não havia nada a fazer a não ser aceitá-los, deixar-se apanhar. Quanto antes as chicotadas começassem, antes elas acabariam. Com passos seguros – Alex se esforçou bastante para a sua perna cooperar para que ele conseguisse dar os poucos passos necessários para chegar ao meio da área principal – e com a cabeça erguida, ele caminhou enquanto Eckles circulava em torno de si mesmo e continuava a cambalear.

Não tinha havido chicotadas desde que chegara à casa do marquês.

Eckles provavelmente estava ansioso por isso já que ele continuava perseguindo sua presa em seu torpor bêbado.

O chicote atingia o chão a cada cinco ou seis passos, em todas as direções.

O homem não tinha controle sobre o local em que a ponta caía, o que não augurava nada de bom para Alex.

Essa surra estava sendo motivada pela bebedeira, e por isso, terminaria logo que o encarregado dos estábulos tivesse o último arroubo de energia, e então o estupor assumiria.

Eckles, que costuma ser muito bom com um chicote, surpreendentemente, não tinha nenhuma precisão enquanto chicoteava o chão, fazendo a poeira saltar com cada chicotada.

—Vire-se, rapaz, — Eckles ordenou, um pouco da sua autoconfiança tinha voltado. —De frente para o depósito de cereais.

O silo ficava perto da escada que Ellie usava para chegar ao estrado.

Não olharia para cima, ele não olharia para cima, de jeito nenhum olharia para cima. As palavras se repetiam de novo e de novo na sua cabeça enquanto ele dava o último passo em direção ao depósito e colocava as mãos na tampa áspera, inclinou-se um pouco para frente, fazendo com que farpas cravassem

em suas mãos. Não tinha percebido, até então, o quanto o estábulo estava quieto desde que ele e Ellie tinham voltado. Esperara ter sido flagrado muito antes de ser capaz de escovar o suor do cavalo.

Isso só significava uma coisa: Eckles, e os outros criados, sabiam o que estava por vir – e o encarregado tinha ficado para esperar por ele... e pelo cheiro que emanava dele, terminou toda uma garrafa de licor no processo.

Alex relaxou as costas e o pescoço, plantando os pés no chão. Sabia que se sua pele estivesse tensa, a ponta do chicote a cortaria, e demoraria muito mais para sarar.

Acovardar-se não era uma opção, nem debater sobre a punição ou os supostos crimes.

Suas costas se encontrariam com o chicote do mesmo jeito.

O primeiro golpe foi de repente – e doeu muito mais do que poderia imaginar. Sempre pensou que sua tolerância à dor fosse alta devido à sua agonia diária e o desconforto que persistia devido aos seus antigos ferimentos.

Mas isso... a lambida do chicote foi muito mais dolorosa do que pensara. Com o segundo golpe, sua camisa partiu ao meio e caiu até a cintura.

Ele se concentrou na sensação do sangue quente escorrendo por suas costas e parando no cós da calça, encharcando-a e criando um ponto de calor em contraste com o frio a que o corpo descoberto estava exposto.

Cada golpe era mais preciso que o anterior – algo que Alex tinha esperado que o homem fosse incapaz de alcançar devido ao seu estado, mas ele não errou uma única chicotada.

Alex fez exatamente o que dissera que não faria. Ele se encolheu no terceiro golpe, flexionando as costas e se preparando para levar o próximo – e permitindo que o som da chuva tomasse a sua mente e o transportasse para outro lugar. Pensou nas muitas horas que tinha passado lendo, primeiro em Foldger’s Foals, depois à luz das velas na casa Drake. Focou-se na lembrança da pele macia de Ellie quando ela pegou as suas mãos no beco. Concentrou-se na sensação da cintura de Ellie quando ele a levantava do cavalo. Ember, sentada no colo dela enquanto Ellie a afagava, Ellie inconsciente do quão calma ela parecia sem estar com os ombros tensos.

—Pare!

Aquela única palavra, mesmo falada suavemente, ecoou por toda a sala, afastando o som da chuva da sua cabeça e trazendo-o de volta aos estábulos e à sua dor.

Palavras continuavam a voar pelo local, ainda assim não podia ouvi-las, pois o sangue bombeava com tanta força por suas veias que ensurdeceu os seus ouvidos.

Novo marquês... seu senhor... *arrastado e esquartejado*.

Os pés de Ellie entraram em seu campo de visão enquanto ela descia, desajeitadamente, os degraus estreitos da escada de madeira. Um pé, calçado com uma bota suja de lama, errou um degrau e ela escorregou pelos outros três.

Instantaneamente, ele não estava mais debruçado sobre o silo de grãos, mas erguendo as mãos para parar a queda dela, a dor dos cortes tinha sido esquecida.

Enquanto fazia isso, a próxima chicotada passou por ele, e só atingiu de leve a sua orelha.

Tarde demais, Alex percebeu a direção que a chicotada seguia.



A dor lancinante não ficou restrita ao braço de Ellie, onde o chicote a atingira, mas percorreu todo o seu corpo. Até mesmo as suas pernas tremiam enquanto onda após onda de fogo queimava o seu corpo, atingindo cada terminação nervosa.

Queria gritar, amaldiçoar a crueldade de Eckles, assumir a responsabilidade por tudo.

Mas primeiro, tinha que recuperar o prumo – e suprimir o medo que a deixou congelada lá em cima, assistindo impotente enquanto o homem direcionava a sua fúria bêbada para Alex.

Era muito parecido com o que o seu pai fazia, mas ele usava palavras em vez do chicote – embora isso não significasse que doesse menos.

Ellie engoliu o grito ante a ardente corrente que atravessava o seu corpo – foi só uma chicotada no braço, e não as chibatadas de rasgarem as costas que Alex tinha recebido. E suportado.

Tinha ouvido falar sobre a brutalidade de Eckles nos estábulos, sua necessidade de manter todos no lugar – todos que fossem inferiores a ele.

O marquês tinha elogiado o homem por causa da sua postura direta e da eficiência, nunca questionando o rodízio que acontecia em sua própria casa. Mal sabia ela que tanto o marquês quanto o encarregado dos estábulos sofriam da tendência de encontrar conforto no fundo de uma garrafa.

Não mais, isso *nunca* mais aconteceria dentro da sua casa!

Da casa *dele*.

A verdade nunca tinha estado mais escancarada, especialmente depois de o marquês insistir, em seu leito de morte, que Ellie confiasse em Alex.

Ele não era o cavalariço que parecia ser – e era muito mais do que ele sabia.

Seus ferimentos na infância, as muitas mudanças de sua juventude – mas tinha sido o nome da babá que levou ao reconhecimento.

Alexandria Dutton.

A Sra. Dutton – a mulher que criara Alex e que agora residia em Foldger's Hall com o resto das crianças.

A mulher que Drake tinha culpado por fugir com o bebê do seu único e verdadeiro amor.

Lorde Chastain, Peter Davis – um duque.

E Andrew Penton, o Marquês de Drake – o seu pai – deu a ele tudo o que deveria ser dela e de Ruby.

Ela fez Alex fingir ser quem ele era na verdade.

Afastando os pensamentos conflituosos, Ellie voltou a focar na dor. Seus pés estavam no chão, e duas mãos seguravam a sua cintura com força, mantendo-a de pé.

Seu corpo quis entrar em colapso quando o calor a tinha invadido uns minutos antes.

—Alex? — Tinha que ser os braços dele segurando-a tão firme.

Os olhos dele estava cheios de tanta devastação que ela quase chorou por ele.

—Você está machucada? — As palavras vieram direto da alma dele. — Seu braço.

Ela se segurou, seu ferimento nem se comparava com as chibatadas que ele tinha levado. A camisa rasgada caía por sua cintura e o sangue trilhava pelo torso – o vermelho estava secando e se tornando marrom, pareciam rachaduras no leito de um rio.

—Lady Ellington, — Eckles gritou, as mãos dele fazendo uma tentativa de fechar a camisa aberta. —Peço que você volte para a casa principal enquanto eu lido com os problemas dos criados.

Ela afastou as mãos de Alex da sua cintura, desviou-se dele para ficar de frente para o encarregado dos estábulos. O movimento repuxou o corte em seu braço, mas ela se forçou a afastar a dor.

—Não farei tal coisa. Você, seu miserável, vai juntar as suas coisas e ir embora daqui. — Quando ele só olhou para ela, com o chicote pendurado, ela prosseguiu, —Agora!

—Com todo respeito, você não pode me dizer o que fazer. — Ela se encolheu com o odor do hálito dele. Esse homem não tinha noção do que estava fazendo, tinha bebido demais. Seria a mesma coisa de quando discutia com o seu pai bêbado – nada penetrava na névoa causada pela bebida. —Vá logo, antes que você se encontre na ponta de outra chicotada, moça.

Alex entrou na sua frente antes que o encarregado terminasse a ameaça velada – uma breve pausa – e o olhar de zombaria de Eckles tinha sumido de seu rosto, os olhos alarmados, algum bom senso estava penetrando em seu torpor.

O homem olhou para Alex enquanto todo o corpo dele balançava para frente e para trás.

—Nunca mais fale com ela desse jeito. — O rosto de Alex estava a poucos centímetros do de Eckles. —Desculpe-se por suas ações e vá embora daqui assim como ela ordenou.

Ellie viu as costas dele – algo que ela conhecia muito bem por causa das muitas horas que passava observando... e julgando-o enquanto ele trabalhava. Não era nada como tinha sido há poucas horas. Os músculos definidos agora estavam cortados em cruz, em todas as direções, o sangue escorria pelas costas dele até chegarem ao cós da calça. Os músculos retesados dos ombros fizeram com que os cortes causados pelo chicote voltassem a abrir. Ela foi até ele... para pará-lo... para protegê-lo... para guardá-lo de todo mal, sabendo que ele poderia levar ainda mais chicotadas.

Para ela, foram as palavras duras que cortaram mais que qualquer chicotada. Os movimentos dele eram rápidos demais, a determinação assumiu, e então ele saiu do alcance de Ellie.

Eckles não pôde dizer nada antes que Alex o tivesse prendido contra a parede, os dedos – da mão machuca – seguravam o homem pela garganta. O outro braço segurava-o pelo peito. As costas de Alex ondulavam com a força que foi necessária para prender o homem no lugar.

O rosto dele ficou vermelho brilhante e a boca se abriu e fechou como se ele quisesse retrucar, mas não pôde achar as palavras certas, ou até mesmo respirar. As narinas estavam inflamadas pela raiva. Receber ordens de um cavalariço, ainda mais uma tão machucado quanto Alex, deve ter sido o insulto supremo à posição de Eckles.

Alex afrouxou o aperto, permitindo que o homem falasse. —Eu não vou —

—Essa não é a resposta certa. — Alex voltou a apertar. —Eu teria aceitado a surra, mas nunca aceitaria isso. Você se desculpará com a dama, ou eu posso manter isso durante toda a noite, caso você deseje se fazer de difícil.

Eckles olhou para Ellie. Como se ele estivesse vendo a ela – e ao dano que ele causara – pela primeira vez, ele se encolheu enquanto os olhos percorriam a manga cortada do casaco.

—Alex, — Ellie ofegou. —Ele não vale a sua fúria. Deixe-o ir embora das nossas vidas. — Nenhuma vez ela afastou os olhos de Eckles enquanto falava, preferindo olhar feio para ele. —Se alguma vez ele voltar aqui ou falar mal de você ou de mim, você tem permissão para acabar com esse miserável.

Esperava que suas palavras fossem o bastante para Alex se acalmar e permitir que Eckles tivesse a chance de fugir, mas ainda assim os ombros dele permaneciam tensos e o braço continuava a pressionar o homem contra a parede.

—Vá, — Alex finalmente disse. Ele abaixou os braços, mas as costas nunca perderem a rigidez. —Faça o que minha lady disse e nunca mais volte.

—Claro. — Eckles fez uma mesura desajeitada e quase caiu no chão. Recuperando-se, ele deu meia-volta e foi ziguezagueando pelas baias indo em direção ao seu quarto.

—Deixe-me cuidar de suas costas—

Alex afastou as mãos de Ellie enquanto elas tentavam alcançá-lo. —Eu ficarei bem.

—Deve estar doendo muito, por favor. — Ela tentou novamente, mas os braços esticados fizeram a própria dor aumentar e ela estremeceu.

—É você quem está ferida.

—Eu— Ela foi invadida pela emoção. Ellie precisava explicar tudo, dizer a ele o pouco que sabia antes que ele reconhecesse a importância de sua posição – e possivelmente a usasse contra ela. Ele tinha todo o direito de expulsá-la da casa Drake, assim como tinha acontecido com Eckles. E ele tinha muito mais motivos para expulsá-la se o que ela lera nos papéis do pai fosse verdade. —Alex, por favor, me ouça... — ela começou, reunindo os muitos pensamentos que giravam por sua cabeça, arrumando-os para

conseguir dar alguma explicação. Algo que abarcasse tudo o que precisava dizer.

Mas nenhum arranjamento de palavras ou frases diria exatamente o que precisava ser dito.

Por favor, não me deixe. Você é a única constância que eu tenho há muito tempo.

Por favor, não me expulse da minha casa. Eu nunca me senti bem-vinda em nenhum outro lugar.

Por favor, perdoe-me.

Todas as coisas que queria dizer a ele, mas que de certa forma pareciam inadequadas.

Sua aflição quase a tinha mantido escondida, quase fez com que ela não viesse em socorro de Alex. Encolheu-se ao pensar o quanto Alex teria sido chicoteado caso ela não tivesse superados os próprios temores e não tivesse detido Eckles.

—Seu braço. — A suavidade na voz dele a fez olhá-lo. —Você está ferida?

Eram as mesmas palavras que tinha dito para ele há apenas alguns minutos. O sangue, agora seco, percorriam uma trilha por suas costas, ainda assim ele só temia por ela e seu ferimento pequeno e insignificante. Tinha pensado, que por causa de seu nascimento – tão dúbio quanto era – que ela estava muito acima deste homem. Que estava destinada a muito mais do que o que ele algum dia poderia lhe dar. A verdade era que era ela quem não o merecia.

—É minha culpa.

—Com certeza não é culpa sua. Você – nem eu – podemos controlar a loucura de um homem bêbado. — Ele sacudiu a cabeça para desencorajar as acusações dela. —Não fale assim. Se não fosse eu, teria sido outro criado menos tolerante.

—Se eu tivesse saído dos estábulos como você disse – se o tivesse ouvido uma única vez – eu não teria estado aqui. — Não podia se obrigar a dizer a verdade a ele, fora ela quem pilhou o barril de cereais para ajudar a alimentar os dois cavalos da Craven House. —Além disso, só está doendo um pouco. Sua dor deve ser quase intolerável.

—É bem provável que você tenha me salvado de meses de agonia, — Alex disse enquanto olhava o braço dela com atenção. —Isso vai levar

semanas para sarar, mas imagine as cicatrizes se ele tivesse dado mais dez chicotadas? Está doendo? — Ele pressionou levemente o local.

Doía... mas seria condenada se admitisse isso. Felizmente, a dor física era menor que o dano que as palavras cruéis do seu pai tinham causado.

—Tire o casaco. — Ele a virou como se ela fosse uma criança e começou a desfazer a longa fila de botões. Os dedos dele vacilaram. Ellie imaginou se os ferimentos antigos o afligiam, ou se a dor vinha de suas costas. —Não podemos medir o dano até vê-lo. Pedirei Cook para preparar uma pomada para você.

Ellie afastou as mãos dele. —É você quem está ferido e precisando de cuidados.

Os dedos dele voltaram à tarefa. —Seria sensato você dar ouvidos ao seu conselho anterior e me ouvir. A infecção pode causar um desconforto muito maior.

Muitas coisas corriam por sua mente: se algo não fosse aplicado logo, as costas de Alex teriam cicatrizes e possivelmente inflamariam também. Se ao menos pudesse mandar chamar Madame Marce pedindo uma pomada para evitar qualquer infecção. Suas misturas eram muito melhores que qualquer coisa que Cook pudesse fazer para Alex.

Mais importante, quanto tempo levaria até que ele compreendesse o que ela gritara enquanto descia as escadas – e começasse a fazer perguntas que Ellie não estava pronta para responder – mesmo ela possuindo as informações para dar a ele.

Poderia o duque e Alex serem a mesma pessoa?

Peter.

O nome não combinava com ele assim como Alex combinava. Levaria tempo para pensar nele assim, se esse fosse seu verdadeiro nome... e se ele decidisse voltar a falar com ela. Ela não poderia – não iria – culpá-lo se ele a afastasse completamente de sua vida.

Ellie faria o mesmo com qualquer pessoa que escondesse tal informação dela.

Infelizmente, a preocupação dele com o seu ferimento e com a própria dor não duraria. Ainda assim se viu incapaz de resistir a pôr a mão nos cabelos perfeitamente desarrumados enquanto ele olhava o seu braço.

—Por que você permitiu levar uma sova por algo que não fez?

—Como você sabe que eu não sou o culpado pelo sumiço dos cereais? — Ele observou o seu rosto.

CAPÍTULO DOZE



—PORQUE... — LADY ELLINGTON fez uma pausa, suas palavras eram hesitantes. Não podia pensar em nada que ela poderia dizer que precisaria de tal reserva.

Alex esperava que ela dissesse que o apoiava, que falasse de sua honestidade e integridade – ele não mostrou nada mais que isso no pouco tempo em que se conheciam, chegou ao ponto de se passar por um marquês, mesmo apesar dos riscos.

—Eu fui a responsável.

As palavras simples levaram a centenas de perguntas e seu coração despencou. Se a dor permitisse que ele pensasse, sentiria as pernas tremendo.

—Por que você roubaria do seu próprio estábulo? — Alex perguntou confuso. —Você pode pegar qualquer coisa – qualquer coisa mesmo – e ninguém se atreveria a te negar.

—Não é tão simples assim. — Ela evitou olhar para ele.

—Isso deve ser a coisa mais simples. — O que seria ainda mais fácil seria dar um passo à frente – antes que o chicote o atingisse pela primeira vez. Maldição, ele teria aceitado a intervenção dela depois do segundo golpe.

Ellie continuou olhando para o chão enquanto ela mexia na manga do casaco. —Seja como for, por que você estava disposto a levar chicotadas por algo que não fez?

—Porque essa é a minha sorte na vida. — Como explicar a vida de um cavalariço órfão e aleijado sem um tostão – para ela, um menina criada em uma das casas mais ricas de Londres, que usava vestidos bonitos, que tinha bons colchões nas camas e quartos com lareiras, e comida, todas as refeições, todos os dias. Mas ele daria uma resposta a ela na esperança que ela lhe desse algo em troca – qualquer coisa, que a fizesse baixar a guarda por apenas um momento. —Levar aquelas chicotadas era o meu dever, assim como ir ao seu socorro quando você estava em perigo. Era o meu papel como homem. — Mas houve aquela única noite, não muito tempo depois de ter chegado em Londres, quando ele ouviu Drake e Lady Ellington discutindo e ele não tinha

feito nada, em vez disso permitiu que o homem a amaldiçoasse de novo e de novo.

—Mas Eckles é meu criado, — ela disse, erguendo os olhos para ele. — Eu posso me proteger.

—Você não deveria precisar quando eu estou contigo. — Ela nunca teve ninguém que cuidasse dela? Que a protegesse do mundo – e de si mesma?

Ela só o olhou curiosamente.

—Como seu criado, não posso permitir que nada lhe aconteça. — Ele esperava que ela entendesse as palavras pelo que elas eram – se ela fosse ferida seriamente em sua presença, ele teria sido mandado para Newgate – e não no sentido mais profundo que elas tinham.

—Você disse que Cook tem uma pomada? — Ele notou a mudança brusca no tema da conversa, sua resposta a tinham satisfeito, e ele respirou aliviado. —Entre, e então poderemos cuidar das suas costas. Você deve estar sentindo muita dor.

Surpreendentemente, ele tinha afastado a dor agonizante da sua mente no segundo em que ela tinha sido atingida pelo chicote. Até mesmo agora, o latejar, mesmo sendo excruciante, estava sendo mantido à distância pelo sangue bombeando em suas veias. A dor era surda – e provavelmente voltaria com força total no momento que ele soubesse que Ellie estava fora de perigo.

Com quase nenhum esforço, Lady Ellie o levou para fora dos estábulos, atravessou a cozinha, e entrou no escritório do falecido marquês – embora ele já estivesse morto há mais de um ano, o odor pungente da fumaça de cigarro e do bourbon ainda pairava sobre o local como uma nuvem carregada. O cômodo era tudo o que Alex tinha sonhado em ter em uma casa: cadeiras confortáveis, uma lareira enorme e mais livros que um homem poderia ler em uma vida inteira. A riqueza de conhecimento nesta sala era desconcertante.

Havia muitas caixas empilhadas atrás da mesa e Alex presumiu que fossem os itens que Adams prometera enviar.

Os arredores não impressionaram Lady Ellie – a sala e sua imponência, não chamavam a atenção dela, apontando, com muita clareza, outra grande diferença entre os dois. Mas se aquela fosse a última vez que ele tirava proveito daquela sala, então ele era uma pessoa melhor por isso. Se aquela noite não tivesse acontecido, ele nunca teria visto a verdadeira natureza por trás da falsa fachada que Lady Ellie usava para manter os outros afastados.

—Sente-se, por favor, — ela instruiu quando voltou para a sala. Ele não tinha notado que ela saíra, sua mente estava nublando por causa da dor. Ela

carregava uma bacia de água quente, tiras de tecido e dois potes, um enfiado debaixo de cada braço. E ela parecia linda, de tirar o fôlego, com os cabelos revoltos em volta da cabeça como uma coroa, e o rosto dela estava corado por causa da atividade. —Irei tratá-lo rapidamente.

—Permita que eu lhe ajude. — Com apenas um olhar atravessado, ela permitiu que ele pegasse a pesada bacia de água. A dor lancinante por causa do peso da bacia quase o colocou de joelhos, mas ele a colocou rapidamente no lugar e voltou para pegar as potes. Pontos de luz invadiram a sua visão e sua cabeça ficou leve. —Você não podia ter pedido para um criado trazer tudo isso – ou me pedido para ir buscar? — ele perguntou tentando distraí-la da agonia que devia estar óbvia em seu rosto.

Ela foi até a bacia antes de responder. —E permitir que alguém visse o seu estado? — Ela manteve o foco na tarefa de mergulhar o tecido na água quente, evitando-o. —Eu não acho que você ficaria feliz por ter a criadagem vendo-o assim.

Alex já tinha ponderado sobre o seu próximo movimento – não podia permanecer em seu cargo, pois a fofoca se movia rapidamente entre as casas de Londres. Ele provavelmente seria rotulado como um criado desleal... e ele se encolhia só de pensar sobre o que seria dito de Lady Ellington, e mais, o novo marquês não teria nenhuma razão para ficar com um criado que tinha a sua reputação recém-adquirida. Não levaria muito tempo para o assunto chegar à criadagem de Haversham. Ele não se arriscaria em permitir que Lady Haversham soubesse de tudo, nem que Ruby culpasse Ellie por seus ferimentos.

—Fico muito agradecido por sua consideração, minha lady. — Alex se inclinou para frente, fazendo uma mesura em gratidão pela compaixão dela. Ele foi recompensado com uma nova onda de dor atravessando as suas costas enquanto as chicotadas se abriam uma vez mais, o sangue seco abrindo caminho para um novo ataque de vermelho trilhando por suas costas, sem dúvida nenhuma. —Acho que vou me sentar no chão.

Alex se abaixou no tapete em frente à lareira em uma tentativa de impedir que o sangue sujasse a mobília, enquanto mantinha os ombros o mais erguidos possível para impedir que os ferimentos se abrissem ainda mais. Ajoelhando-se, ele sentiu como se o chão estivesse há quilômetros de distância.

—Permita-me ajudar, se você insiste em sentar no chão. — Ela ofereceu o braço para que ele se apoiasse e levou o outro até a mesa onde estava a

bacia. —Pronto, — ela sorriu. —Não foi assim tão horrível.

—Você está certa, minha lady. — O calor da lareira aqueceu o seu peito, mas o calor sequer se aproximava da intensa queimação que percorria as suas costas. —Eu com certeza vou precisar da sua ajuda para me levantar também. Espero que você não me veja como um homem mais fraco por isso.

O sorriso dela desapareceu, sendo substituído por um esgar de preocupação. —Suas ações foram tolas. Você quis parecer corajoso, mas as consequências foram severas demais. Você nunca deveria ter permitido que ele te chicoteasse. Você é dez vezes mais forte que ele...

—Ele é o encarregado, e eu sou apenas um criado no estábulo dele. — Ele não sabia como explicar nada disso para ela porque isso parecia o ápice da imprudência para ele. —Eu tentei muito agradar o homem – essa é, ou melhor, era, a única forma de ficar na casa Drake. — *E perto de você*, queria dizer, mas não se arriscou a se aproximar dela novamente. Era cedo demais.

Ele podia sentir o fôlego dela em seu pescoço e tudo ficou congelado. Temia exalar, pois isso poderia fazer com que ela se afastasse. Naquele momento, eram apenas eles de frente para o fogo. As mãos suaves e macias dela estavam sobre as suas costas. E ele era um homem apaixonado – por uma mulher que estava muito acima dele. Ambos se recusavam a dizer uma palavra, pois eles teriam que admitir o quanto ela estava fora do seu alcance. Um fato não dito e que ambos não estavam prontos para admitir em voz alta.

Não havia sons de criados cumprindo seus afazeres, nem o som do vento batendo contra as janelas – até mesmo o crepitar do fogo tinha se calado.

—Isso pode doer um pouco, — Lady Ellington sussurrou como se ela não se atrevesse a quebrar o silêncio. —Serei o mais delicada que puder.

—Você é bondosa demais, minha lady, — Alex disse enquanto ela pressionava o trapo morno e molhado em um corte profundo. Ele sibilou enquanto as gotas desciam por suas costas. —Você estava certa, — ele disse entredentes. —Isso pode ser mais agonizante que as próprias chibatadas.

Ele tentou dar uma risada leve para suavizar o clima pesado em volta deles, mas ela ficou presa em sua garganta quando uma nova sensação se apossou de suas costas, próximo à sua clavícula – uma pressão suave de algo quente, mas não flamejante. Fechando os olhos, Alex se concentrou no novo rastro que essa carícia suave criou enquanto a dor recuava – ele não sentiu nada além da pressão dos lábios dela em suas costas enquanto ela percorria o caminho do seu pescoço ao ombro, dando beijos suaves.

Os lábios de Lady Ellington trabalhavam em sincronia com os golpes do tecido que ela passava por suas costas, limpando o sangue e a sujeira dos seus ferimentos.

—Minha lady? — Ele sabia que deveria sair da sala – voltar para os estábulos e arrumar as suas coisas, e com certeza não deveria permitir que ela lhe desse tais liberdades. Ela também tinha sido machucada nos estábulos e parte dele imaginava se ela se dava conta do que fazia – possivelmente estava reagindo ao choque pela violência que tinha testemunhado. —Por favor, — ele suplicou, embora não pudesse se obrigar a se afastar do toque dela.

—Por favor, — ela sussurrou, —meu nome é Ellie.

—Temo que não seja apropriado que eu a chame pelo seu nome, — ele murmurou.

—Eu não sou a sua senhora? — ela perguntou. —Não posso fazer o que eu quiser?

—Certamente, minha lady.

—Ellie, — ela corrigiu com os lábios seguindo uma trilha invisível ao longo de sua clavícula. —E você não é um criado obediente?

—É claro, — ele parou, engolindo em seco, —Ellie.

Ele poderia passar mil noites sussurrando o nome dela – e estava certo de que tinha sonhado que a chamava por nomes carinhosos, até mesmo os poetas mais românticos não teriam a mesma inspiração que ele... porque eles não tinham conhecido uma mulher que fosse digna dessas coisas.

Mas Alex conhecia.

E ele esperava que isso também não fosse a sua ruína.

Ele ficou o mais quieto possível, as mãos cerradas na frente dele e os olhos fechados em um esforço de se impedir de tomá-la em seus braços.

Não havia uma única coisa que Alex faria para corromper a confiança que ela demonstrava naquele momento. Mesmo quando os dedos dela traçavam suavemente os ferimentos em suas costas, ele se impediu de afastar as mãos dela e puxá-la para si. Ele que deveria estar cuidando dela, tratando o seu braço, trilhando beijos ao longo do ombro e do pescoço até chegar aos lábios.

Em vezes disso, ele deu a ela a liberdade de tocar – e provar.

Ele não sabia qual era o castigo mais cruel – as chibatadas ou suportar a diligência cuidadosa dela.

Ele não tinha controle sobre nenhuma dessas situações.

Em uma ele foi forçado a ceder e na outra ele se entregou livremente.

Finalmente, ela afastou as mãos e os lábios de suas costas. Uma sensação de vazio – uma solidão debilitante – assumiu o lugar.

Alex arriscou olhar por sobre o ombro enquanto Ellie ficava de pé e ia em direção ao aparador. Ela abriu várias garrafas, cheirando cada uma delas. O perfil dela estava iluminado pelo fogo, fazendo com que seu cabelo parecesse fogo emoldurando o rosto e o pescoço.

Satisfeita com a última garrafa, Ellie tirou o decantador meio-vazio da prateleira e foi até ele.

—Isso pode doer mais que as chicotadas, — ela avisou. —Será muito melhor se você der um gole antes—

—Eu não bebo. Além disso, posso lidar com as consequências, eu garanto. — O toque dos lábios dela tinha anestesiado a pior dor do mundo. Ele podia lidar com qualquer coisa de agora em diante. Entretanto, Alex se preparou para a dor, enrijecendo as costas instintivamente, fazendo com que os ferimentos se abrissem e se preparassem para que o álcool matasse qualquer possível infecção, mas em vez disso, os lábios dela tocaram o seu pescoço mais uma vez.

—Eu sinto muito, — ela sussurrou em seu ouvido antes de se afastar.

Ela tinha se afastado, e o ar frio se abateu sobre ele, fazendo com que ele tremesse.

Não demorou muito para a queimação tomar o seu corpo enquanto ela vertia a bebida em suas costas – a dor quase o nocauteou. Ele lutou para manter-se quieto e consciente.

As ondas de agonia o lavaram – e atingiram o centro do seu corpo. Fechou as mãos em punhos, as unhas cravadas na palma de suas mãos aliviaram ou ao menos o distraíram da dor nas costas.

—Maldição.

—O pior já está passando, — ela disse. —Eu nunca me perdoaria se você ficasse doente por causa da minha covardia. Só mais uns segundos.

Cumprindo a palavra, ela ergueu a garrafa e a colocou de lado. —Eu queria que Madame Marce estivesse aqui. Eu não tenho certeza de que esteja fazer a coisa certa. — O tom inseguro e os dedos pressionando em suas costas não reduziram a sua confiança nas habilidades dela, isso só fez melhorar a visão que tinha dela por ter assumido uma tarefa à qual nenhuma dama se exporia.

—E como sua boa Madame saberia tanto sobre cuidar de ferimentos? — Ele não queria mudar de assunto, de fato, queria que os lábios dela voltassem

ao seu pescoço, aos seus ombros – qualquer coisa, menos o retorno das formalidades. Entretanto, respeitaria o que a sociedade considerava apropriado e não insistiria para que ela fizesse algo com o qual não estava confortável. Embora ele estivesse certo de que não havia nenhum livro de etiqueta capaz de prever a forma de agir diante de um criado seminu. Ele não tinha o direito de pedir essas coisas a ela. —Ela não parece o tipo que está nas frentes de batalha, — ele brincou.

—Segure isto, — ela disse a ele para segurar uma ponta do tecido sobre o peito enquanto ela o enrolava em volta de sua cintura com a intenção de proteger os cortes. —Há muitas batalhas por aí, nem todas acontecem durante a guerra.

—O que você quer dizer com isso?

—Não sou eu quem deve contar. — Ellie segurou uma ponta do material com um alfinete antes de ficar de pé e dar um passo atrás para admirar o seu trabalho. —Acredito que isso deve manter os cortes limpos – embora eu tema que você vá ter muitas cicatrizes.

—Algumas cicatrizes a mais não serão notadas. — Ele ficou de pé, ajustando as faixas sobre as juntas. Os olhos dela viajaram pelo seu peito parcialmente descoberto e ela afastou o olhar rapidamente, o profundo rubor só foi realçado pelo fogo.

—Eu deveria voltar para os estábulos, minha lady.

Ela se virou e pegou os dois potes que levara para a sala e o resto dos suprimentos. —Antes que vá, leve isso. Um é um creme de sálvia que deve ser aplicado pela manhã, o outro contém láudano no caso de a dor ficar insuportável. — Alex pegou os potes, guardando na memória o que era o quê. —Posso ir verificá-lo amanhã? — Ela evitou olhar para o seu corpo seminu e focou em suas botas.

—Você foi muito bondosa comigo esta noite, minha lady. — Ele precisava dizer a ela as terríveis circunstâncias por trás das suas interações. Não havia como adivinhar quantos criados os viram entrando neste cômodo, a portas fechadas – e o tempo que passaram sozinhos. —Mas eu acho que é melhor eu ir para a casa dos Haversham.

Se ele ficasse, não poderia garantir que ele seria capaz de se impedir de tomá-la em seus braços, caso ela o tocasse novamente. E que os seus ferimentos que se danassem.

Isso seria o fim dela – embora ela não percebesse isso. Ela era o tipo de pessoa que agia conforme lhe convinha no momento, impulsiva ao extremo,

mas e quanto a amanhã ou ao próximo ano?

Se ele cedesse e se permitisse atravessar as águas do desejo, então era ela quem estaria arruinada, não ele. Ela que sairia prejudicada. Muitos homens a veriam como uma pária por causa da sua ligação com ele.

Seu futuro era o que era, mas ele não poderia destruir o dela.

Um dia, ela conheceria um homem e o amaria – um homem que poderia dar a vida que ela merecia. Aquele homem não era Alex.

Ele não roubaria o que uma mulher tinha de mais valioso. Algo que ela deveria dar ao homem que amava.

CAPÍTULO TREZE



—EU FIZ ALGO errado? — A sensação de perda a invadiu mesmo ele ainda estando presente. Não podia compreender por que ele queria ir embora depois de ela ter desnudado a alma ante ele, cedido aos seus desejos mais profundos e tê-lo tocado. Foi como se tivesse pegado uma adaga e aberto a sua alma para ele – e ele iria embora. —Você precisa descansar. Preparei um dos quartos de hóspedes para você.

Mas, esta era a casa dele – e ela devia contar.

Talvez ele já soubesse. Se o pai dela não tinha dito, com certeza a Sra. Dutton o fez.

Estaria ele enganando-a todo esse tempo? Não, Ellie o conhecia bem o suficiente para saber que ele não era nada parecido com ela. Se ele soubesse sobre sua ascendência, ela teria sido a primeira pessoa para quem ele contaria.

—Você sabe por que não posso aceitar a sua oferta, — ele respondeu, olhando em volta da sala.

Ela entrou em pânico quando percebeu o cerne da questão – ela tinha caído em cima dele como uma devassa. Uma vagabunda, assim como a sua mãe. Todos esses anos tinha pensado que tudo nela tinha sido manchado pelo sangue do pai, quando na verdade, seria a parte de sua mãe que afastaria o único homem que ela não queria que fosse embora. Nunca deveria ter tomado tais liberdades, nunca deveria ter posto os lábios sobre o seu pescoço ou sussurrado em sua orelha. Um homem tão honrado quanto Alex nunca se permitiria cair nas garras de uma mulher como Ellie.

Deveria se desculpar e implorar para que ele entendesse. Que a perdoasse. Dizer que suas emoções tinham levado a melhor diante de todo o ocorrido. Que ela se arrependia.

Pedir que ele deixasse as coisas como costumavam ser. Senhora e criado.

Mas não se arrependia de absolutamente nada do que tinha feito depois de ter finalmente parado Eckles.

—Lady Ellington, já fomos vistos juntos mais vezes do que é considerado apropriado – e agora com os problemas com Eckles, penso ser melhor eu desistir do meu emprego. Os criados fofocarão e apenas a sua reputação será manchada.

—Mas... — Procurou pensar nas palavras que o convenceriam a ficar. Se ele fosse embora agora, seria antes de que ela pudesse dizer a ele tudo o que sabia – e havia a probabilidade de ele descobrir por outra pessoa. Ele já deveria ter ligado os pontos com as informações que Adams tinha dado, mas ele não era do tipo que pensava o pior das pessoas, especialmente da Sra. Dutton. E ela iria esconder algo dessa magnitude dele. Infelizmente, a exposição do peito largo e dos braços musculosos estavam fazendo com que ela não conseguisse pensar. —Meu braço... está doendo muito.

Quis sair correndo daquela sala e se esconder no quarto no segundo que aquelas palavras deixaram a sua boca – eram a declaração de uma mulher fraca, eram o oposto de tudo que Ellie sempre se esforçou para ser.

Ela poderia muito bem cuidar do próprio braço.

Mas queria que ele ficasse – e ela deu a ele o motivo perfeito. Ele era honrado, e nunca daria as costas para uma mulher que estivesse precisando de ajuda.

Havia uma batalha dentro de si: a necessidade de tê-lo perto e a raiva por ele possuir tudo o que era necessário para tomar a sua casa. A luta era insuportável.

—Deixe-me vê-lo. — Ele colocou os potes de lado e foi até ela para olhar o local onde o chicote tinha cortado a manga do casaco e do vestido. — Aquele homem deveria ser pendurado por ter ferido uma mulher.

Ellie sorriu enquanto ele se inclinava para inspecionar o corte.

—O que é tão engraçado, minha lady? — ele perguntou com o olhar aguçado.

—É só que eu acho que gosto do seu jeito super protetor.

—Super protetor? — ele perguntou com seriedade. —Você poderia ter sido gravemente ferida ou mutilada por aquele homem e você acha que estou de brincadeira?

—Ele não tinha a intenção de me acertar, — Ellie corrigiu.

—Não há nada de engraçado sobre você ser ferida – e nada que possa afastar a culpa dele nessa situação. — O tom dele ficou irado e Ellie se encolheu, afastando-se dele. Ficou em guarda por causa da súbita mudança de

comportamento. —Por favor, deixe-me cuidar do seu braço – e depois disso eu vou embora.

Empurrando a manga para cima e afastando o mau presságio, Ellie permitiu que ele visse o machucado novamente. Não havia motivos para temer Alex, ele era o homem mais bondoso que ela já conhecera.

Ainda assim, o instinto de fugir por ele ter aumentado a voz a fez tremer – outro efeito colateral que sofria por causa da forma que o marquês lhe tratava. Um que ela precisava trabalhar mais para superar.

Seu braço estava levemente machucado, o sangue já tinha secado e as mangas do casaco e do vestido estavam grudadas no ferimento. Sararia em uma semana com a aplicação da pomada. Estava surpresa pelo chicote ter conseguido atravessar as camadas de roupa para conseguir ferir o seu braço.

—A quantidade de sangue e o tamanho do corte é decepcionante, não é? — ela perguntou, esperando distraí-lo. —Não é mais que um arranhão.

—Não se pode ser cuidadoso demais com ferimentos desse tipo. — Ele observou o braço dela por mais tempo que o necessário. —Dói? — Ele pressionou a área ao redor do corte.

—Só está latejando um pouco.

—A pele está vermelha, mas não está inchada, — ele disse todo cheio de razão, como se estivesse acostumado a tratar de ferimentos. —Ele vai curar sem deixar marcas. Só precisa de uma boa limpeza. — Ele afundou uma das últimas tiras de tecido na bacia. O material estava frio quando ele o levou ao seu braço, a água já tinha esfriado desde que limpara as costas dele. Colocando-o de lado, Alex pegou outro pedaço e o enrolou rapidamente em volta do seu braço – os movimentos dele eram firmes e confiantes.

—E como você sabe dessas coisas? — Mantê-lo falando era a única forma de mantê-lo ali – e impedi-lo de deixá-la. Talvez com o tempo ela reunisse a coragem para dizer a ele tudo o que sabia – ou pensava que sabia.

Alex deu um passo atrás, dando a ela mais uma oportunidade de olhar seus ombros largos, a cintura estreita e as pernas musculosas cobertas apenas pelos calções. A imagem dele de pé, de costas para o fogo, deveria expulsar da sua mente todos os confrontos violentos e as brigas que tiveram lugar nesta mesma sala enquanto o marquês ainda estava vivo. Mas ainda assim, Ellie temia que Alex a deixasse ali, ela voltaria a ser a criança assustada que fora –impiedosamente arrasada pelo homem que mais deveria cuidar dela.

Ellie se recusava a permitir que aquilo acontecesse, não mostraria aquela parte de si para Alex – nem agora, nem nunca. Ela não era mais a menina

chorona que era insultada por um homem que teve o seu próprio coração arrancado do peito.

Os papéis sobre os quais tinha passado horas debruçada, devorando cada palavra, não mudariam a opinião que tinha sobre o *pai* e sua miserável existência. Que ele tivesse razão para tratá-la assim – e para dar o que deveria ser de Ellie para este homem – não diminuía o dano do passado, não importa o quanto isso afetasse o seu futuro.

Embora imaginava se o pai não tinha escolhido a pessoa mais merecedora para continuar a linhagem Drake. Será que o marquês imaginara que a filha seria como ele em todos os aspectos, e que fosse, de certo modo, capaz de manchar ainda mais o título?

Olhou para o armário que havia atrás da enorme mesa do pai. Ali estavam algumas das caixas enviadas pelo advogado: notas meticulosamente escritas em pergaminhos envelhecidos, detalhando a herança nada formal da propriedade e do título Drake, incluindo a indecifrável caligrafia de um homem que estava perdendo o domínio sobre a mente, e cartas – oh, quantas cartas Ellie tinha aberto e lido – cartas de amor, cartas furiosas, artigos de jornais detalhando o casamento e a morte de Lorde e Lady Chastain. Os outros arquivos, caixas e baús estavam enfiados debaixo da mesa. Tinha levado tempo para que ela levasse tudo para lá, certificando-se de que tudo estivesse devidamente tampado.

Havia mais informação do que uma pessoa podia desbravar em um ano, e grande parte não fazia nenhum sentido sobre o que aquilo significaria para Ellie e seu futuro. A única certeza que tinha era que o título Drake tinha recebido uma resolução especial por decreto do Rei George III, que tratava sobre as circunstâncias pouco comuns no que dizia respeito à sucessão da propriedade. Ellie não tinha achado todos os papéis, apenas as notas rabiscadas do pai depois de ele ter voltado de uma reunião com Adams. O advogado não deve ter incluído os documentos originais nas caixas, dado que isso poderia ser visto como um documento altamente delicado e se ele se perdesse, a propriedade Drake poderia se encontrar ameaçada.

Ellie duvidava da existência dos papéis. Se alguma vez se encontrasse pessoalmente com Adams, diria isso a ele, forçando-o a apresentar os documentos ou exigindo um novo sucessor para o Marquesado de Drake. Embora não visse o seu futuro sendo muito melhor com outro homem escolhido para herdar – mas se o título ficasse em suspenso como tinha

estado desde a morte de Drake, então ela poderia continuar se comportando como sempre, sem ter nada a temer.

Nada disso fazia sentido para ela, exceto a provisão para que Ellie se casasse com Lorde Chastain – o filho dos finados Lorde e Lady Chastain – para manter o seu lugar na casa Drake. Os papéis tinham sido datados há pouco mais de um ano. Foi antes da morte do marquês. Ele sabia que Ruby e Ellie eram do seu sangue, mas ele preferiu que outra pessoa assumisse o título.

Não pela primeira vez, Ellie pensou sobre como essas coisas poderiam ser vistas como oficiais. Certamente, a filha de um marquês e sua companheira noturna era muito mais apta a herdar que um homem que nada sabia sobre as suas origens e que tinha sido criado em um orfanato – mesmo se ela descobrisse que a Sra. Dutton tenha dito a ele sua verdadeira identidade.

—Está pensando em quê, minha lady?

Ellie se assustou, temendo que seus pensamentos estivessem escritos em todo o seu rosto.

—Oh, peço desculpas, — ela gaguejou. —Estava pensando em coisas que com certeza não te interessariam.

—E como você sabe disso?

Pensou em algo que não o interessaria, decidindo pelo baile que a irmã e Lady Haversham insistiam para que ela fosse. —Porque também não me interessa muito, mas estou me vendo obrigada a agradar a minha irmã.

Em vez de pegar os potes e partir, Alex se sentou erguido no sofá mais perto da lareira, o fogo ali já estava se extinguindo, precisando de mais madeira para manter as chamas. —Você nunca foi do tipo de agradar as pessoas. Perdoe a minha franqueza, minha lady.

Ele a observou à distância, fazendo-a se sentir como se fosse ela quem estivesse despida.

Deveria irritá-la o fato de ele ter se atrevido a fazer tal comentário, mas odiaria afastá-lo por causa de alguma resposta viperina.

—É, não sou mesmo. — Ela achou a companhia dele ao seu gosto.

—Então por que você está se sentindo obrigada agora? — ele perguntou, baixando um pouco mais do peso no sofá, ao mesmo tempo que evitava que as costas se apoiassem no encosto. —Não é como se você devesse respeito a ela ou à Lady Haversham.

—E você diz isso mesmo tendo uma grande dívida para com a dupla, — ela comentou, sentando-se no sofá, consciente que apenas poucos centímetros

os separavam.

A sobrancelha dele se ergueu por causa da insinuação. —Não há damas melhores para terem a minha fidelidade que a Sra. Jakeston e Lady Haversham.

—Mas com isso vem expectativas... e obrigações.

—O que nem sempre é uma coisa horrível de dever a alguém.

Ela pensou naquilo por um instante antes de responder. —E não é dever algo a alguém o ingrediente para uma ligação inquebrável?

—As pessoas não deveriam ter medo de se ligarem às outras, minha lady. — Poderia ele saber sobre o documentos que detalhava a ligação entre eles? Parte dela imaginava se eles ainda falavam sobre os laços invisíveis e não sobre os físicos. Ellie tinha aprendido com sua convivência com Madame Marce que os laços invisíveis às vezes eram mais fortes que qualquer corrente de metal, e causavam danos irreparáveis. —Agora, o que te aflige? — Ao sentir o desconforto dela, ele foi muito hábil ao mudar o assunto para um mais confortável.

—Lady Haversham está dando um baile para apresentar Ruby e o Sr. Jakeston à sociedade — ela confidenciou. —E Ruby implorou para que eu estivesse ao lado dela.

—É esse o grande problema ou é por causa das perguntas que inevitavelmente surgirão por você estar ao lado dela?

Ellie olhou para as mãos, evitando o olhar dele – era como se ele a *conhecesse* mesmo, mais do que ela já tinha se conhecido. —Ambos, eu acho, — ela admitiu com um sussurro.

—Você pode confiar nela. — Não sabia se ele estava se referindo à Ruby ou à Lady Haversham, mas confiança era algo que ela raramente dava para alguém. —Ela não permitirá que você fracasse.

—Eu não estou preocupada com o fracasso. — Ela se virou para ele. Ela realmente não estava com medo de falhar tanto quanto estava aterrorizada pela possibilidade de desapontar ou envergonhar a irmã. Ela podia se ver como uma dama, mas não tinha sido criada com o privilégio ou recebido a educação adequada a uma. Ela ficava mais confortável na noite entre as ruas menos reputáveis de Londres que nas salas de visita sofisticadas do *haut monde*. Tinha sido bem sucedida ao enganar a criadagem, mas os olhos de falcão da sociedade londrina não seriam enganados por muito tempo. Talvez pudesse compartilhar um pouco da verdade com ele. —É a minha irmã quem

eu não quero desapontar. Nosso relacionamento é tão recente, e eu não fui a melhor pessoa com ela...

—Ainda assim ela te ama desde o momento em que te conheceu, — ele disse. —Muito antes de ela saber que as duas tinham o mesmo pai.

—Como você pode ter tanta certeza? — Ellie perguntou, desesperada por uma resposta que parecesse verdadeira, uma que não seria obrigada a duvidar. Todo mundo parecia ter planos para a sua vida e seu futuro. Até mesmo o pai – manteve-a por perto apenas para casá-la com este homem... na esperança de que Alex concordasse em aceitá-la. Ruby, sua irmã, também estava determinada a exigir algo dela, embora não tivesse pedido uma única coisa ainda. De início tinha pensado que Ruby queria dinheiro ou algum lugar para viver, mas o negócio de navegação do marido dela estava sendo bem-sucedido, e eles estavam felizes por viverem com Lorde e Lady Haversham até que a casa deles ficasse pronta, então aquele não parecia ser o caso.

Depois, se concentrou na necessidade insana que a irmã tinha de ajudar os outros, mesmo quando estava claro que a ajuda não era bem-vinda, nem necessária. Ellie temia que a necessidade de ajudar de Ruby tivesse nascido por causa de algum senso de obrigação. A sociedade considerava apropriado que as pessoas cuidassem dos seus irmãos, e Ruby estava seguindo essa linha. Não havia nada que Ellie desprezasse mais que a pena, seja ela direcionada para si ou que fosse ela quem a sentisse. Isso sinalizava que ou ela era fraca ou a outra pessoa que era. E Ellie não era fraca – lutava contra sua própria fraqueza todas as horas de todos os dias.

Alex colocou a mão firme e quente sobre as dela, impedindo que seus dedos continuassem amassando o vestido ainda mais. —Estou certo porque não importa o quanto você seja pouco cortês – ou o quanto você resista à bondade dela – ela continuará tentando. Assim como Lady Haversham e a Sra. Dutton nunca desistiram de mim, a sua irmã nunca irá desistir de você, mesmo que você implore.

Seria a coisa mais simples do mundo acreditar nele, ouvir o que Alex tinha compartilhado e aceitar Ruby e tudo o que ela oferecia, mas havia outra verdade ainda mais simples. Ellie não tinha tentando melhorar ou mudar.

Ela nunca amara outra pessoa.

Era possível que não fosse capaz disso.

O pensamento de dar tudo de si para outra pessoa, seja em amizade ou algo mais – desnudar seus desejos e pensamentos mais profundos e dá-los a

outra pessoa para que o guardassem e valorizassem sem usá-los contra ela, a aterrorizava.

Confiar em alguém a este ponto era algo que Ellie não era capaz de dar – nem de receber.

—Você com certeza está certo. — Ellie se levantou. —Obrigada. Você tem certeza de que precisa ir? — Ela perguntou.

Ele também ficou de pé, encolhendo-se quando se inclinou para pegar os potes na mesa. —É a coisa certa a se fazer, minha lady.

—Você voltará para a casa do marquês? — Precisava saber se o veria novamente, mesmo que fosse apenas para dar as boas-vindas a ele como o novo lorde.

—Você quer que eu volte? — ele perguntou.

Ellie deu um passo adiante, com o queixo erguido enquanto olhava dentro dos olhos dele. Não tinha notado o quanto ele era alto, o alto da sua cabeça mal chegava ao queixo dele. —Eu nunca quis que você se fosse.

—Se precisar de qualquer coisa, você só precisa mandar um recado para os estábulos de Haversham e eu virei em seguida.

Como Ellie queria que aquilo fosse verdade, e que tivesse o direito de pedir mais para ele. Ela já era incapaz de devolver toda a bondade que ele demonstrou para ela no ano anterior, as muitas vezes que tinha cuidado dela sem que ela soubesse. E agora, ela fez com que fosse impossível para que ele ficasse – não, aquilo foi obra de Drake e do encarregado dos estábulos. Não iria se debruçar sobre seus próprios pecados.

—É muita bondade sua, mas estou acostumada a cuidar de mim mesma.

—Então irei me despedir agora. — Equilibrando as duas latas em uma mão, ele ergueu a dela com a outra e a levou aos lábios, não foi um feito fácil, já que eles estavam muito próximos, mas os lábios dele pararam antes de se encontrarem com a pele delicada, o fôlego dele acariciava a sua mão com suavidade. Naquele instante, ela quis implorar para que ele ficasse – que não deixasse a casa ou a ela, mas ficou calada, seu próprio fôlego ficou preso no peito. —Até que tenhamos o prazer de nos vermos novamente.

Antes que ela soubesse o que ele faria, ele virou a sua mão e beijou o ponto sensível em seu punho. O calor mal a tocou, mas foi o suficiente para deixar a marca dele sobre ela. Tinha certeza que aquela fora a vingança dele pelos longos momentos que ela passou trilhando os lábios pela pele dele. Tão rápido quanto ele tinha pegado a mão dela, ele a soltou e foi embora.

A porta se fechou atrás dele – abafando o som de seus passos.

Mas a distância não diminuiu a necessidade que crescia dentro dela.

CAPÍTULO CATORZE



ALEX AJEITOU A trouxa sobre o seu ombro e começou a descer o beco iluminado que levava até os estábulos da casa dos Haversham. Todas as suas possessões cabiam facilmente na trouxa pendurada em seu ombro a qual ele carregou enquanto percorria as poucas quadras entre a casa de Ellie e a de Lorde Haversham. Isso desmentia tudo o que pensou ter alcançado em seu curto período longe da Sra. Dutton e do orfanato.

Os estábulos de Drake estavam vazios quando pegou seus escassos pertences e saiu sem que ninguém visse, o que lhe serviu muito bem. Dizer que os outros criados não o tinham aceitado de braços abertos seria um eufemismo. Ele tinha sido um pária entre a criadagem, exceto pelos olhares lascivos que recebia das criadas das cozinhas e de copa enquanto realizava suas tarefas.

Provavelmente foi por isso que ele e Lady Ellington ficaram amigos. Ambos eram invisíveis, tratados como se não existissem. O laço deles era algo que nunca deveria ter ocorrido. Ele era um criado... um cavalariço, e por isso indigno de estar na presença de uma dama. Ela era a filha de um marquês, não importa quem era a mãe dela. Ela era uma dama por direito, e ele deveria ter mantido distância. Ela deveria estar abraçando o seu novo papel e assumindo seu lugar na sociedade – preparando-se para o eventual dia em que o herdeiro de Drake assumiria seu lugar.

Não havia sinais de que o novo marquês fosse expulsá-la de casa, se fosse o caso, ele teria aparecido há muito tempo. Era possível que o homem não estivesse interessado no novo título e no dinheiro. E Ellie continuaria sendo a tutelada do novo marquês, e por isso, estaria a salvo. Alex não precisaria mais se preocupar com o bem-estar dela. Seria dever do marquês cuidar de Ellie, não dele. Mas ele queria que outra pessoa cuidasse de Ellie? Poderia confiar em outro para protegê-la?

Alex suspirou, sabendo que só estava evitando o inevitável, dando voltas até chegar aos estábulos e implorar que Lorde Haversham lhe desse um emprego ou aqui ou em Foldger’s Hall. Mas isso seria admitir derrota – e

significaria perguntas sobre a sua partida da casa Drake. Isso era algo que não estava pronto para discutir, e, possivelmente, nunca seria.

—Cuidado, menino!

Alex se virou e viu uma carruagem carregada de caixas e baús, manobrando na curva acentuada que conduzia aos estábulos. O veículo passou quando ele se afastou para o lado.

Pelo primeira vez desde que chegara, ele notou as muitas luzes brilhando e os sons de atividade vindo dos fundos da casa. Se não fosse quase meia-noite, isso teria sido atribuído ao trabalho cotidiano dentro da casa de um conde, mas a hora avançada disse a ele que algo estava se passando.

—Senhor, — Alex chamou o condutor da carruagem. Quando o homem olhou por sobre o ombro, ele prosseguiu. —O que é toda essa atividade?

—O baile, — ele gritou sobre o som das rodas da carroça que batiam nos paralelepípedos. —Amanhã à noite, rapaz.

Ele hesitou, tentando lembrar de mais algum lugar onde poderia buscar abrigo, apenas pela noite – para evitar causar qualquer incômodo ao conde e sua esposa.

Mas enquanto se virava, resolvido a gastar seu pouco dinheiro em um quarto, alguém chamou o seu nome, não da direção da viela que levava aos estábulos, pois a carruagem ainda se movia lentamente, certificando-se de que os trancos não danificassem a mercadoria, mas da direção da casa.

—Alex? — a voz chamou novamente. Ele olhou em volta, pesando sua habilidade de se esconder nas sombras e desaparecer antes que Lorde Haversham o pegasse. —Entre.

—Meu lorde, — ele cumprimentou o homem, seu corpo amplo emoldurado pela porta aberta, bloqueando a luz que vinha do vestíbulo. — Boa noite. Peço desculpas pelo adiantado da hora.

—Lady Haversham está trabalhando desde o amanhecer – e jura que não vai descansar até que tudo esteja pronto. Acredito que ela está tentando compensar pelo fiasco do natal, — Lorde Haversham confidenciou, dando um passo atrás para que Alex pudesse entrar na casa. —Palavras dela, não minhas. Acredito que as comemorações foram perfeitas. Meu filho nasceu, e tanto ele quanto meu amor estão saudáveis e felizes. Não há muito mais que um homem possa desejar.

Alex entrou na casa, o mordomo imediatamente deu um passo à frente para pegar os seus pertences enquanto os criados corriam para lá e para cá com os braços carregados com tecido, taças e vasos de plantas.

—Peça para a Sra. Calhoun preparar um quarto, — o conde disse sem perguntar se Alex planejava ficar. —É bom ver você, Alex. Sei que a Sra. Dutton ficará extasiada por te ver.

—A Sra. Dutton está aqui? — Tinha jurado que nunca mais seria um fardo para a idosa – mas sua falha era evidente por causa de sua presença, e ela exigiria uma explicação. —Eu não sabia.

Lorde Haversham riu. —Não fique tão afetado pelas novidades. Eu mesmo só fiquei sabendo que ela e algumas meninas estariam se juntando a nós em Londres essa tarde, mas Lady Haversham acha que as outras meninas se beneficiarão por estarem presentes em uma verdadeira *soirée*.

—Se eu soubesse, teria estado aqui para recebê-la. — Alex sentia mais falta da Sra. Dutton do que queria admitir. Os poucos dias que passou no campo foi como estar em casa, rodeado pelas pessoas que mais gostavam dele – as crianças e os criados de Foldger's Hall o conheciam melhor que qualquer outra pessoa. Tinha sido difícil ir embora, mas ele tinha que acompanhar Lady Ellington de volta à Londres. Tinha começado a ser muito difícil recusar as muitas ofertas de emprego em Foldger's Hall ou em uma das propriedades de Lorde Haversham enquanto os seus dias ficavam ainda mais longos, e as noites mais solitárias nos estábulos de Drake. —Mas estou aqui para falar contigo, meu lorde.

Brock, Lorde Haversham, olhou para ele, parecendo entender a importância da chegada de Alex. —Junte-se a mim no escritório.

—Isso pode esperar até amanhã – ou até depois do baile, meu lorde. — Alex olhou ao redor do vestíbulo enquanto os criados o cumprimentavam enquanto passavam. —Irei para os estábulos e ajudarei onde for necessário. — Só esperava que suas costas permitissem que ele assumisse o trabalho extra.

—Você não fará tal coisa, — Lorde Haversham respondeu. —Quando você vem para a minha casa, você é um convidado – não um criado. Vamos até o escritório para conversarmos em particular. Posso ver que algo está te incomodando. Minha querida esposa não me perdoaria se eu permitisse que você fosse para a cama sem ajudá-lo com qualquer que seja o seu problema.

Lorde Haversham apontou para o corredor que levava ao escritório, e Alex foi naquela direção, sabendo que o conde não permitiria que ele se retirasse até que eles conversassem.

Fechando a porta, Lorde Haversham suspirou. —Não consegui um minuto de sossego durante todo o dia. O alvoroço em Foldger's Hall é

brincadeira de criança comparado aos preparos para um baile... Devo admitir que posso estar exausto demais para estar presente amanhã à noite. — Ele se afundou na cadeira que ficava perto da lareira, e Alex fez o mesmo, abaixando-se lentamente para evitar outra pontada de dor.

—Eu deveria ter esperado para vir.

—Não seja bobo, Alex, — Lorde Haversham disse. —Agora, é melhor que você comece logo a falar antes que Lady Haversham descubra que você está aqui e ela mesma venha lhe interrogar – eu posso lhe garantir que será muito mais doloroso.

O homem brincou, tentando deixar Alex à vontade. —Eu deixei o meu emprego na casa do marquês.

—Oh, — Brock olhou para ele, confuso. —Posso pergunta por quê?

—Houve uma desavença entre eu e o encarregado dos estábulos. — Alex devia ao homem ao menos uma pequena parte da verdade. —Pensei que seria melhor procurar outro emprego.

—Como posso ajudá-lo? — ele perguntou, sem fazer mais perguntas.

—Você acha que Lady Haversham concordará em me ter de volta em Foldger's Hall – ou possivelmente na sua propriedade?

—Já dizemos várias vezes que você é bem-vindo em qualquer lugar que você escolha. E ficaremos contentes por ter você, meu filho.

—Agradeço muito pelo trabalho, meu lorde, e por sua fé na minha habilidade. — Alex não sabia o que seria sentir-se como sendo o filho de alguém, mas em toda a sua vida, Lorde Haversham tinha sido um dos cavalheiros mais bondosos que já conheceu. O novo lorde era abençoado por ser filho deste homem. —Não te segurarei mais. Espero que não seja muito incômodo se eu ficar nos estábulos até partir de Londres?

Lorde Haversham colocou as mãos nos joelhos e ficou de pé, gemendo enquanto se levantava. —Você não fará isso. Um quarto está sendo preparado para você – mandarei levar um banho também. E uma refeição.

—Isso não é necessário. — Alex se apressou para sair, a perna enrijeceu quando ele foi até a porta. —Estou acostumado com os estábulos.

—Sua perna está doendo. — Não foi uma pergunta, mas uma declaração, e Alex estava reticente em admitir que manteve os joelhos firmes enquanto tomava as chibatadas – o resultado foi uma dor mais intensa que a habitual. —Um banho quente relaxará os seus músculos e tirará o cheiro dos estábulos do seu corpo. Lady Haversham ficaria irritada se os lençóis dela ficassem cheirando a animais.

Ele conhecia o conde muito bem para saber que ele não aceitaria não como resposta – e um banhe quente parecia o paraíso depois dessa noite horrenda. —Muito bem, meu lorde.

Lorde Haversham saiu com ele da sala e chamou uma criada para acompanhá-lo até o segundo andar. —Vá descansar, rapaz.

Ele bateu nas costas de Alex, e as pernas dele se dobraram. Ele levou a mão até uma mesinha para manter-se erguido enquanto uma ferroada de dor viajava até cada extremidade do seu corpo de uma vez só.

Relaxando o rosto para afastar a agonia, Alex se ergueu e se virou, incapaz de forçar até mesmo um sorriso amarelo, sabendo que estava fazendo uma careta.

—Está tudo bem? — Lorde Haversham perguntou, Alex ficou alarmado enquanto ele segurava o seu braço, tendo o cuidado de não tocar novamente nas suas costas. —O que aconteceu?

—Não se aflija, meu lorde. — Ele se afastou e a mão de Lorde Haversham caiu. —Eu só machuquei as costas. Estarei melhor depois de uma noite de descanso, eu lhe asseguro. Não há nada com o que se preocupar.

O conde continuou olhando para ele, e Alex segurou o olhar, recusando-se a afastá-lo. Por um breve momento, Alex temeu que ele não fosse aceitar a explicação e em vez disso iria arrancar a camisa do seu corpo para ver as marcas das chicotadas. Surpreendentemente, ele só olhou para Alex por mais um instante, sacudiu a cabeça, e pediu para um criado levar água quente para o banho de Alex. Ele se virou mais uma vez para Alex. —Mande chamar a mim ou à Lady Haversham se precisar de alguma coisa.

—É claro, meu lorde. — Alex pegou a mão no conde e a apertou, como se eles fossem dois cavalheiros de mesma posição encontrando-se na cidade. —Como eu disse, estarei de volta ao normal pela manhã e pronto para partir para Foldger’s Hall.

—Na verdade, eu queria pedir um favor.

—Qualquer coisa. — Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas, pois Alex faria qualquer coisa pelo homem que o aceitara sem pensar duas vezes.

—Peço que você espere para acompanhar a Sra. Dutton e as meninas de volta à Foldger’s Hall. — Alex não concordou de pronto, então o homem prosseguiu, —Será daqui a no máximo dois dias.

—Desde que você permita que eu ganhe o meu sustento enquanto estou aqui.

—Estou certo de que entre mim e o Sr. Jakeston, encontraremos algo para mantê-lo ocupado.

Alex não perguntou o que aquilo significava, mas concordou e seguiu a criada até o quarto, acenando para várias pessoas que ele viu em suas visitas anteriores à casa do conde. Felizmente, ele não cruzou com a Sra. Dutton e as outras meninas.

Assim que entrou no quarto, ele apoiou o ombro sobre a porta e suspirou. Mesmo não tendo mentido para Lorde Haversham, ele certamente omitiu detalhes importantes da sua partida da casa Drake. Havia pouca coisa que estava disposto a fazer sobre isso. Talvez quando o futuro de Ellie estivesse um pouco mais seguro – e ele estivesse seguro em Foldger's Hall – ele escreveria para Lorde Haversham e explicaria toda a situação... e rezaria para que o homem não pensasse menos dele por causa de sua fuga.

Por agora, Alex tinha alguns dias até voltar ao campo – e deixaria a encantadora Lady Ellington, os pensamentos sobre o passado e as esperanças para o seu futuro para trás.

Ele era um órfão.

Um cavalariço.

Um homem honrado.

Nada mais, e certamente, ele não aceitaria ser nada menos que isso.

E a única coisa honrada para ele fazer era ficar longe de Lady Ellington. Não poderia fazer nada para comprometê-la – ou colocar em perigo o futuro dela.

O quarto que tinham lhe dado tinha uma decoração masculina, a roupa de cama era marrom e cortinas azuis pendiam sobre as janelas. Pelo que viu enquanto estava sendo levado ao quarto, pensou que se puxasse o tecido para o lado, que teria uma visão panorâmica dos jardins de Haversham, a enorme varanda que beirava os fundos da casa estaria logo abaixo. Sua trouxa parecia pequena no meio do guarda-roupa: lá havia apenas o outro par de botas que a Sra. Dutton tinha mandado depois que ele chegou em Londres há mais de um ano, seu amado livro, A Tarefa, envolvido em um pano velho, os potes de Lady Ellington e uma muda de roupas. Não havia nada mais que ele pudesse chamar de seu. Até mesmo ficar com as botas parecia muito mais do que ele merecia vindo da Sra. Dutton. Ela provavelmente gastara todo o salário trimestral no belo par, tão primorosamente trabalhando, que Alex não tinha coragem de sujar as solas de couro brilhante.

Sempre planejou vendê-las e devolver o dinheiro para ela. Talvez fizesse isso antes de saírem de Londres, seria difícil achar comprador para botas tão elegantes no campo.

Afastando-se da porta, Alex desatou o cordão da camisa e a puxou com cuidado sobre a cabeça. Seu corpo reclamou quando suas costas se enrijeceram. Ficando de pé na frente do espelho de corpo todo pendurado na parede perto do lavatório, Alex admirou o trabalho de Ellie. Até mesmo agora, a amarração estava firme, mantendo os ferimentos protegidos, e não mostrando nada de sangue. Era uma pena ele ter que tirar a bandagem para tomar banho, mas isso lhe daria a oportunidade de aplicar a pomada.

Ele tirou o alfinete do tecido e começou a desenrolar o tecido lentamente – respirando fundo pela primeira vez desde que ela limpou as suas costas. O ar saiu de seus pulmões, e enquanto eles expandiam, ele foi acometido pela dor. Levaria muito tempo para os cortes sararem, as cicatrizes provavelmente nunca desapareceriam. Seria um lembrete da dor que uma pessoa poderia causar – algo que ele esperava jamais infligir a alguém.

A última bandagem caiu no chão e ele viu suas costas mutiladas pela primeira vez. Era de se admirar o fato de Lady Ellington não ter fugido da sala com lágrimas nos olhos.

Ela era uma mulher corajosa, muito parecida com a irmã, Ruby.

A solidão em que vinha vivendo por quase toda a vida fez com que aquilo fosse uma necessidade para ela.

E mesmo tendo sido ela a responsável pelo roubo dos grãos – isso se alguém puder roubar algo de seus próprios estábulos – ela não merecera a chicotada que acertou o seu braço, nem foi a responsável pelos ferimentos de Alex. Era ele quem tinha que cuidar dela, não o contrário.

Ele esperava que ela estivesse bem na casa Drake – completamente sozinha. Nunca entendera por que ela não tinha oferecido um lar a Ruby depois da morte do marquês, ou mais ainda, por que Ruby não tinha insistido para que ela ficasse com Lorde e Lady Haversham. Com certeza não era apropriado que ela ficasse completamente sozinha naquela casa.

Mas, como ela já disse várias vezes, ela não era responsabilidade sua.

—Senhor? — uma vozinha chamou desde a porta. —Milorde disse *pra* eu *trazê* água...

As palavras da jovem esvaneceram enquanto Alex se virava. Ela parecia aflita, as toalhas que ela carregava estavam agora no chão enquanto ela cobria

a boca com as mãos. Levou um momento para ele perceber que a razão eram as suas costas.

Era o seu destino – a imagem dele causar medo e pânico aos outros, será que o seu corpo danificado era a única coisa que as pessoas viam quando olhavam para ele?

—Não vá— ele tentou acalmar a menina.

—Peço desculpas, — ela gaguejou, saindo do quarto. —Jenkins *tá* trazendo a água *pro* seu banho.

Ele vestiu a camisa, sem se incomodar em ir atrás da menina por que ele provavelmente a afligiria mais. Pegando as toalhas no chão, ele foi até a cama e se sentou.

Conforme prometido, ouviu uma leve batida, seguida por dois lacaios, cada um esforçando-se com o peso da bacia cheia. —Boa noite, — o homem que devia ser Jenkins fez uma mesura para Alex depois de ter colocado a banheira perto da lareira. Alex não reconheceu nenhum deles. —Sua refeição chegará logo. Precisa de mais alguma coisa?

—Não, obrigado. — Ele ficou de pé, esperando que os homens saíssem antes de tirar a camisa mais uma vez. Os homens pareciam demorar-se um pouco mais que o necessário. Seu único palpite era que a criada tinha falado sobre seus ferimentos. A fofoca se espalhava rapidamente pelas casas grandes. Alguém poderia pensar que dado o adiantado da hora ou a agitação por causa do baile teriam impedido as notícias de se propagarem, mas aquele não parecia ser o caso. —Você foram muito gentis em trazer a banheira. Boa noite.

Alex ficou aliviado quando a porta se fechou.

Finalmente seria capaz de tirar a camisa, abaixou-se cuidadosamente para tirar as boas e as calças. A água quente lhe chamava enquanto a fumaça subia, aquecendo ainda mais o quarto – banindo as muitas memórias de estar frio e molhado.

Quando sonhava com a sua infância, ou quando uma tempestade particularmente gélida se abatia sobre Londres, isso sempre trazia de volta o frio de gelar os ossos. Ele e a Sra. Dutton se mudaram frequentemente até que ela tivesse conseguido juntar dinheiro o suficiente para abrir o orfanato. Foram muitos dias e semanas viajando pelo campo enquanto iam da casa de um parente a outro, buscando abrigo e comida. Alex estava feliz pela Sra. Dutton não precisar mais viver desse jeito. Especialmente com Lady Haversham sendo sua heroína nos últimos anos.

Seria sábio não sobrecarregá-la demais com o seu novo problema. Tinha sido culpa dele o fato de ela precisar se mudar com tanta frequência – e trabalhar tão duro. Se ele fosse mais velho... mais forte... menos machucado... mais capaz, ele teria sido apto a ganhar o seu sustento, e os parentes da Sra. Dutton veriam os benefícios ao permitir que eles ficassem.

Ele entrou na água, abaixando-se lentamente e então se sentando. A banheira não era grande, era apenas o suficiente para que ele sentasse com os joelhos dobrados, mas muito mais espaçosa do que qualquer uma que tinha estado à sua disposição.

E a água... doeu apenas por um momento até que ela começasse a acalmar dores que ele sequer tinha percebido sentir. Pegou um paninho no topo da pilha que a criada tinha deixado na porta, e viu que ali havia também um sabonete que acabou caindo dentro da água. Com um movimento rápido, Alex pegou o objeto e o levou ao nariz – cheirava a algo vagamente familiar. Alfazema... e rosas.

Alex afastou a barra e a inspecionou. Ficou maravilhado com a textura suave e o aroma intoxicante enquanto o esfregava no paninho, fazendo espuma.

De repente, lembrou-se da refeição – e se apressou para terminar o banho – lavando o corpo, o cabelo e usando o pequeno jarro ao lado da banheira para lavar a sua cabeça. A espuma desceu pelo seu corpo e juntou-se à água que ficava cada vez mais escura, suas costas doeram enquanto a espuma batia no ferimentos.

Seria muito bom ficar ali a noite toda, mas a água estava ficando fria e ele precisava se vestir antes que a refeição chegasse.

Teve cuidado com as costas enquanto secava o corpo e pegou uma muda de roupas limpas. Era importante que ele aplicasse a pomada sobre os cortes e que voltasse a enfaixar o peito, mas levaria pouco tempo até que outro criado chegasse.

Alex vestiu a camisa poucos segundos antes de baterem à porta – dessa vez, a batida foi firme.

Foi a batida simples e segura que fez com que Alex lutasse para se certificar que a camisa cobria a totalidade das suas costas. Uma rápida olhado no espelho lhe disse que um pequeno corte era visível sobre o colarinho, mas era apenas a ponta do chicote e não chamaria atenção. Ao menos, era o que ele esperava.

—*Cê* já *divia sabê* que eu ia *vim*, Mestre Alex, — a Sra. Dutton chamou. Ela provavelmente não entraria sem sua permissão porque temia que ele ainda estivesse no banho, não que ela já não o tivesse visto sem roupas em toda a sua infância. Mas agora ele era um homem, e ele gostava muito da privacidade que a mulher lhe dava. —Abra a porta agora mesmo, rapaz.

A paciência dela não duraria muito tempo, especialmente se ela sentisse que ele a estava evitando. —Estou me vestindo, só um momento, — ele falou, preparando-se para as perguntas e a preocupação. A criada teve ter ido direto contar à Sra. Dutton o que tinha visto.

—A bandeja está pesada, — ela disse suavizando a voz.

Os muitos anos passados tomando conta de hordas de crianças tinham dado a ela a habilidade de ser a disciplinadora que eles precisavam, mas também o ombro que eles precisavam para chorar. Ela teria sido uma mãe maravilhosa, mas esse não foi o destino dela – o marido dela faleceu ainda jovem.

—Entre. — Alex puxou o colarinho da camisa mais para cima para que pudesse cobrir o máximo de pele possível, estremecendo quando ao dor percorreu o seu corpo por causa do movimento. Ele se virou para ela sorrindo. —Sra. Dutton. Eu ia visitá-la pela manhã.

O sorriso que ela lhe deu afastou todos os pensamentos de sua mente... estava feliz por vê-la. Ela era o próximo que ele tinha de uma mãe, e ele nunca duvidou de que ela o amava mais do que a maioria das pessoas amavam os próprios filhos.

—Meu rapaz, — ela disse, entrando irrequieta no quarto e colando a bandeja na mesa mais próxima de sua cama. —*Tô* feliz de *vê* que *cê* já tomou banho. Vou mandar um lacaio *pra* pegar a banheira, vou sim.

Ela parou, olhando-o da cabeça aos pés – esperando, com os braços cruzados sobre o peito.

Alex deu um passo à frente, envolvendo os braços em volta do corpo rechonchudo, acomodando a cabeça dela debaixo do seu queixo – o mesmo que ela fazia quando ele era mais jovem e ainda não tinha ficado mais alto que ela. Isso foi antes de ele fazer doze anos.

O gesto foi para deixá-la saber que as coisas não estavam boas no momento, mas um dia elas voltariam ao normal, se ela desse a ele a opção de ficar em silêncio.

—Quem machucou você, filho? — Ela o chamava de *filho* desde quando mudaram-se para Londres da primeira vez e um bando de meninos de rua

tinham começado a xingá-lo quando ele ia e voltava do mercado. Fiel à forma, assim que ela soube o que o aborrecia, os meninos desapareceram do seu caminho – fugindo quando ele e a Sra. Dutton viravam a esquina. —Eu não vou te amolar, mas não consigo não me preocupar.

—Já foi tudo resolvido. — Alex nunca quis ser a causa da aflição dela. — Por favor, não se preocupe. Foi um mal-entendido – e nunca mais vai voltar a acontecer.

Ela o puxou para perto, evitando as costas dele ao segurá-lo pelos braços. —Fiquei tão *prercupada* quando fiquei sabendo, e eu vim correndo. Mas *cê* é um *ômi* agora, e não precisa de uma babá te rodeando. — A Sra. Dutton o afastou levemente antes de prosseguir, —*Cê* parece saudável, rapaz. Seus *braço tão* mais *forte* do que *tava* no natal.

—Ouvi dizer que talvez você comece a me ver um pouco mais, — Alex insinuou. —E em breve.

—*Cê* finalmente aceitou a oferta de milorde?

—Fiz algo ainda melhor que isso, — ele provocou.

—Oh, rapaz, desembucha. — Ela golpeou o seu braço antes de se desculpar por fazer tal coisa com ele nessa condição. —*Cê* vai ficar aqui na casa Haversham ou talvez na nova casa do S. Jakeston?

—Melhor ainda...

—Onde, filho? — O entusiasmo levou a melhor sobre ela e ela o puxou para perto, sem esperar por uma resposta.

—Irei contigo e as meninas para Foldger’s Hall.

Ele esperava que ela sorrisse de alegria – feliz por tê-lo por perto uma vez mais, mas a resposta dela foi simples e direta, —Não.

—Não?

Ela sacudiu a cabeça com veemência. —Não, Londres é o seu lar.

—Mas eu pensei que você ia gostar de me ter por perto. — A resposta dela o deixou confuso. —Londres não é mais minha casa que sua. Sempre sonhamos em viver no campo, perto dos animais – talvez ter um jardim.

—Era sonho meu, rapaz. Não seu.

—Era o nosso sonho. — Ele lembrou das muitas noites em que eles deitaram um do lado do outro em seus catres – o dinheiro para o carvão já tinha acabado – congelando debaixo de seus cobertores e falando do dia em que eles poderiam ir embora das ruas congestionadas e do ar lúgubre de Londres. —Dizíamos que viveríamos da terra, longe da violência da cidade. Eu poderia encontrar trabalho em uma propriedade local.

—*Cê* precisa ficar aqui, — ela disse, indo se sentar perto da lareira. —Se você deixou o seu emprego na casa dos *parente* da Sra. Jakeston, então *cê* pode encontrar outro – com milorde e milady ou com o S. Jakeston. Eles *sabe* que *cê trabaia* duro. Um dia *cê* vai ser mais que só um cavalariço.

—Mas...

—Não precisa discutir, — ela ralhou. —*Cê* vai ficar em Londres e pronto.

A recusa dela o deixou perplexo. Ela chorara por muitas noites antes de Alex ter ido trabalhar em Foldger's Hall pela primeira vez porque ele estaria longe. Agora, a Sra. Dutton tinha a oportunidade de tê-lo de volta e ela dizia não.

—Eu posso ajudá-la com as crianças, talvez ensinar os mais jovens a ler, — ele ofereceu uma última vez. —Vou ser de grande ajuda. Eu sei o quanto eles são arteiros.

—Não.

—Posso perguntar o que a fez mudar de ideia?

—*Ocê,* — ela disse com as lágrimas empoçando nos olhos dela. —Cê é muito mais do que eu mereço. Forte, leal, um cavalheiro de verdade.

—Aprendi tudo contigo. — Alex cometeu o erro de ser condescendente com uma das meninas da Sra. Dutton apenas uma vez. Foi com um sermão severo – e um cinto de couro – que Alex tinha aprendido a respeitar as mulheres, até mesmo as mais novas do grupo. —Eu lhe devo por anos de cuidados.

Ela baixou a cabeça para esconder o tremor do queixo enquanto se afundava no assento.

Alex foi até a Sra. Dutton o mais rápido que pôde, ignorando o raio de dor enquanto se ajoelhava ao lado dela. —Não chore. — Ele afagou o ombro dela gentilmente, esperando acalmá-la. Alex odiou ter sido ele quem a fez chorar. —Diga o que eu preciso fazer. — Naquele momento, ele prometeria atravessar o Canal da Mancha a nado se aquilo a fizesse parar de chorar.

—*Cê* tem que me *deixá cuidá d'ocê.*

Alex não tentou dissuadi-la, mas puxou a camisa por sobre a cabeça. O ar frio bateu nas suas costas, resfriando a pele aquecida. —Isso irá chocá-la, — ele avisou.

—Já vi muita coisa na vida, menino. — Mas quando ele se virou e expôs as costas rasgadas, ela ofegou. —Ah, meu filho. — A voz dela se partiu enquanto ela lutava para manter as emoções sob controle. Alex estava

aliviado por não ter que olhar para ela porque a dor que visse nos olhos dela iria machucá-lo mais que a surra que Eckles tinha lhe dado.

—Há uma pomada ali. — Alex apontou para o pote, mas não fez nenhum movimento para pegá-lo. —Ellie – ã, Lady Ellington me deu antes que eu fosse embora da casa Drake.

—Ela é uma moça problemática. — A Sra. Dutton finalmente disse enquanto pegava o pote. —Mas tem um bom coração, tem sim.

Alex não tinha falado sobre Ellie com ninguém. De início, ele tivera pena da vida dela, mas quando começou a conhecê-la melhor e a passar tempo com ela, descobriu que ela não era nada do que aparentava ser. Ela era impetuosa e resistente por fora, mas aquilo tinha sido efeito dos muitos anos difíceis que ela passara com o marquês. Alex tinha visto em primeira mão o jeito mais delicado e o bom coração que ela escondia de todo mundo – até mesmo da irmã.

A Sra. Dutton passou a mistura em seus ferimentos – e nenhum deles disse uma única palavra, perdidos em seus próprios pensamentos. Só esperava que a Sra. Dutton não se culpasse pelo que tinha acontecido a ele.

Com movimentos rápidos, ela o enfaixou e lhe entregou a camisa para que a vestisse. —*Cê* tá todo embrulhado.

—Eu sou muito abençoado por ter você. — Alex olhou para a Sra. Dutton e sorriu. —Você sempre foi tão amorosa comigo.

—Sou eu que não mereço seu amor. — Ela voltou a chorar. —Eu menti *procê* esses *ano tudo*.

Seu primeiro instinto foi dizer que ela estava enganada. A Sra. Dutton, a mulher que tinha desistido de tudo para tomar conta dele, devia estar se preocupando com alguma bobagem.

—O que você quer dizer?

—Eu sei que é seu pai e sua mãe, — ela confessou.

—Sempre suspeitei que você soubesse, — ele tentou aliviar a culpa dela. —Mas eu não tenho dúvidas de que você me salvou por alguma razão. — Com toda probabilidade, a Sra. Dutton o tinha salvado de uma vida com pais indignos – era melhor deixar os detalhes de fora. Foi por isso que ele nunca fez perguntas sobre seu passado.

Ela sacudiu a cabeça mais uma vez e os lábios dela tremeram enquanto olhava para as mãos. Em algum momento ela tirara um lenço de bolinhas do bolso e o torcia com ansiedade.

—Não, seus pais— ela fez uma pausa, respirando fundo. —*tão morto*. Foi num acidente de carruagem quando *cê* ainda era uma coisinha pequena. Milady me fez jurar pela alma do meu marido que eu ia te manter seguro – longe de todo mundo que *cês conhecia*. Mas o marquês, ele nunca *disistiu*, continuou tentando até parar de respirar.

Partes de conversas – palavras soltas – frases importantes da sua reunião com o advogado de Drake vieram à sua mente. Um acidente de carruagem tirara a vida de Lorde e Lady Chastain – a mãe dele tinha sangue francês – e o quanto ele era a mistura perfeita do casal.

—Você está dizendo que eu sou o filho de Lorde e de Lady Chastain? — ele perguntou.

—Como *cê* sabe deles? — A pergunta foi um sussurro enquanto ela apertava sua mão com força. —Alguém foi te procurar?

—Não—

—Rapaz, esses machucado não são por causa disso, né? — Ela voltou a ficar séria. —Eu não devia ter deixado *cê trabaiá praquele ômi*.

—Pare, por favor, — ele rogou. —Suas palavras só estão me confundindo ainda mais. Você conheceu Lorde e Lady Chastain?

—Conheci, moço – *cê* tem que me perdoar.

—Há algo a ser perdoado? — Tinha sido ela – a única pessoa – a vesti-lo, alimentá-lo e se certificar de que ele receberia algum tipo de educação.

Ele estava despedaçado.

Alex nunca perguntara nada sobre os pais, nunca questionou por que eles abandonaram o filho. Então como poderia culpar a Sra. Dutton por não ter lhe contato, quando ele não tinha perguntado?

—Eu era sua babá, veja bem, — ela começou, os olhos implorando para que ele a ouvisse. —Sua mamãe me pediu *pra* cuidar *d'ocê* quando *cê* ainda era um *neném* – e eu prometi fazer isso caso acontecesse alguma coisa com ela.

—Como... mas, — ele gaguejou. —Isso faz de mim um duque.

...e lhe dá a capacidade de dar à Ellie tudo o que ela merecia: um lar, um nome – e amor.

—É muito perigoso *procê* sair por aí dizendo isso. — Ela apertou a sua mão mais uma vez. —Eu *tava* no acidente que tirou a vida da sua mãe e do seu pai. *Cê* era tão pequenininho – e *tava* muito ferido, mas eu mantive minha palavra e nós *fugimo* assim que aquele lorde, o marquês, tirou a gente do acidente.

—Por que não voltamos para a minha casa? — Todas as informações eram muito novas para saber se sua pergunta fazia sentido. —Não precisaríamos ter vivido como pedintes todos esses anos – e eu estou certo de que havia outras pessoas procurando por mim. A casa é minha, não é?

—A coisa é, meu filho. A gente não podia *vortá*, sua mãe *fez eu jurar* que te manteria salvo – longe de, bem, só longe. Ela me deu a aliança para conseguir dinheiro, e eu prometi que te manteria salvo. — Os soluços aumentaram, e os ombros dela tremiam enquanto ela soltava a sua mão e voltava a pegar o lenço. Foram quase duas décadas de dor, pesar e arrependimento pesando dentro dela. —Eu sempre quis te contar. Eu juro. Mas...

—Mas o quê?

—Tem muitas *pessoa* que queria te fazer mal, — ela suspirou. —Não podia confiar em ninguém. Sua mãe repetiu isso várias *vez*. Ela enganava as *pessoa* – foi assim que ela casou com seu pai. Mas quando ela te viu pela primeira vez, ficou atormentada com tudo. Ela queria fazer uma vida *mió procês* dois.

—Então por que ela não fez isso? — Alex perguntou, tentando entender tudo.

—Não teve tempo. A gente *tava* pronta *pra* fugir quando aconteceu o acidente – ela não conseguiu.

—Eu ainda estou em perigo? — ele perguntou. —Algo mudou?

—A verdade é que não tem como saber. Já passou muito tempo. — Ela olhou para ele, as lágrimas ainda rolavam por seus olhos. —Eu esperava que o marquês *tinha* deixado as *coisa segura procê.*

—Meu nome não é Alex. — Ele andou pelo quarto, tentando controlar a agitação.

—Não, rapaz – seu nome é Peter. *Cê num tava* nesse mundo mais que uns *pôco mês* quando foi declarado Peter Davis, herdeiro de Lorde Chastain, um verdadeiro cavalheiro e que um dia seria um duque. — O sotaque dela ficou mais ameno como se ela tivesse praticado aquela frase antes, para que ela soasse da maneira que deveria soar. —Quando milady, Lady Haversham, mandou avisar que o marquês queria que *ocê* viesse pra Londres para *trabaiá* para ele – pensei que ele tinha te contado tudo. Eu morri de *precurpação*, morri sim. Fiquei *prercupada* que *ocê* nunca me perdoasse por ter escondido tudo.

—Mais alguém sabe? — Ele fez uma pausa dando a ela a chance de responder, mas ela ficou calada. Ele deveria estar furioso, magoado e se sentindo traído – mas Alex sequer pôde reunir raiva o suficiente para levantar a voz. —Lorde e Lady Haversham?

—Não, Alex, — ela sussurrou. —Eu nunca contei a uma alma... não era seguro. Não podia arriscar que eles *viesse* atrás *d'ocê*.

—Quem viesse atrás de mim?

—Todos eles – aquele francês horrível, seus avós, até mesmo o marquês. Nenhum deles *podia* te encontrar. E quando os *pequeno começaro* a chegar, tinha mais gente precisando de mim. Machucar os outros *pequeno* – ou pior, que eles fizesse contigo o que *fizero* com a sua querida mãe. Eles *trataria* o *fio* dela como se fosse um vira-lata. Ela tinha que fazer tudo o que eles *pedia*. Até que *insistiro* demais e ela se foi.

Havia muito mais informação faltando, mas não estava certo se a Sra. Dutton estava deixando as coisas de fora ou se ela não sabia por onde começar a contar as coisas sobre a sua vida – e as mentiras dela. Tentou muito não ficar com raiva dela. Ela fez as vidas deles tão difícil, mesmo sabendo que havia uma casa em uma das partes mais elegantes de Londres – e toda uma propriedade – que pertenciam a ele. E ele se culpou o tempo todo pela vida que eles levavam.

—Você deixou que eu pensasse que eles tinham me abandonado – como se eu fosse um lixo. — Ele se ajoelhou na frente da cadeira dela para que pudesse ver o seu rosto.

—Era o único jeito. Isso foi muito *mió* do que o que eles *teria* feito se *tivesse* te encontrado.

—Se quem tivesse me encontrado?

Alex sentou-se no braço da poltrona. Cobriu o rosto com as mãos e esfregou os olhos.

—Eu *tava começanu* a achar que depois desses *ano tudo* eles *tinha* parado de *procurar nós*, — a Sra. Dutton prosseguiu. —Ninguém procurou mais um menino perdido no East End, nem *pensaro* em *preocurá* onde tinha um monte de *criança*. Eu deixei sua mãe orgulhosa, deixei sim, te escondi muito bem. Meu único alivio foi que *cê num* morreu naquela carruagem com ela.

—E o que fez minha mãe – eu nem sei o nome dela, — ele suspirou. —O que a fez temer o Marquês de Drake?

—Lorelei, o nome dela era Lorelei. — A Sra. Dutton sorriu com uma memória que Alex ansiava que fosse dele. —Ela não tinha medo do marquês, não. Ela *tava* apaixonada por ele, e ele encantado com ela, eu acho.

—Então por que me esconder dele?

—Ela *tava* tentando manter *cês* dois seguro. Amava os dois mais que amava ela mesma.

—E o meu pai? O duque? — Ele estava sobrecarregado, tinha sido atingido em cheio por aquela história bizarra, tudo era inacreditável demais.

—Ele era um homem cruel. — Ela sacudiu a cabeça, como se se arrependesse das muitas escolhas que fizera na vida.

—Quem procurava a minha mãe?

—Sua mãe *num* era o que as *pessoa achava*, — a Sra. Dutton disse, olhando para o fogo fraco. —Aquelas pessoa *usaro* ela até ela *num tê* mais nada para *dá* – então eles *mataro* ela, *mataro* sim.

—O quanto Drake sabia disso tudo? — Sua mente pensava em toda a informação que devia estar naqueles papéis que foram entregues para Lady Ellington – a mulher não deve ter se dado ao trabalho de ler nada daquilo. Se Drake sabia alguma coisa sobre o passado de Alex, ele deve ter escrito para Adams. —Ele nunca falou nada disso comigo antes de morrer.

A Sra. Dutton virou para ele, implorando para que ele entendesse. —Não sei o que milady disse antes de partir – Deus abençoe sua alma. Eu me *prercupei* muito cuidando *d'ocê*. Depois que *vimo* um bom médico, nós *fomo* pra casa da minha irmã – guardei a aliança da sua mãe enquanto deu. Mas aí nós *voltamo* pra Londres. Consegui um bom dinheiro com ela.

As palavras e as explicações continuavam chegando, mas Alex mal dizia uma palavra além de uma ou outra pergunta ocasional. Imaginava se o marquês sabia da sua verdadeira identidade antes de dar um emprego a ele nos estábulos – era mais provável que ele não soubesse.

—Eu sinto muito, rapaz. — A Sra. Dutton se desculpou mais uma vez. —*Cê* já deve *tá* querendo caçar sua cama. Há muito o que fazer antes do baile amanhã à noite. Bom descanso, meu filho.

—Eu tenho muitas perguntas.

—Eu sabia que *cê* ia ter. — Ela sacudiu a cabeça como se lamentasse por tudo o que ele ficara sabendo. —Vai ter muito tempo *pra* falar de tudo, mas *cê* precisa descansar agora.

—É como se eu nunca tivesse existido, Alex – ele é um impostor. — E por isso ele enganara todo mundo sem saber. —Peter. Peter. Peter. — Ele

disse o nome de formas diferentes. Não fluía bem em sua boca, e ainda assim, era o seu nome verdadeiro.

Não era um nome que fazia um homem, mas as ações feitas pelo dono do nome.

—Não se aflija a noite toda. Eu amo *ocê*, sempre amei mais que tudo. Vou *tá* aqui *pra* te falar tudo o que sei. Sua mãe também te amava. — Ela finalmente avivou o fogo que ainda irradiava da lareira e deu um beijo rápido em sua testa. E com um sorriso tímido, saiu.

Deixando-o mergulhar na incerteza.

Ele deveria se sentir traído – a mulher que tinha sido encarregada de cuidar dele tinha escondido uma verdade vital. Se ela tivesse lhe dito, ele poderia ter procurado a casa Chastain – ao menos teriam um lugar onde deitar as cabeças, mas alguém acreditaria nesse conto inacreditável?

A Sra. Dutton com certeza sabia a saudação que ele receberia – e a queimadura em seus traseiros enquanto eles eram expulsos da casa por quem quer que tivesse reclamado para si o título de Chastain. Era melhor ele manter distância.

Lorelei.

Lady Chastain.

Lorelei Davis.

Alex imaginou qual deve ter sido seu nome de solteira – certamente Francês, pelo tudo que soube até então.

Precisava ver Ellie, contar tudo a ela. Ela estava segura na casa. Ninguém estava indo tirá-la de lá.

O ardil, não tinha sido um ardil.

Se o advogado estava certo, um homem que não tinha um lar para chamar de seu, agora era o dono de duas das casas mais elegantes de Londres.

CAPÍTULO QUINZE



ELLIE PAROU ANTES de sair da carruagem, esperando que o sorriso familiar de Alex a recebesse. Para o seu desprazer, foi o novo criado de Drake que a ajudou. Ao contrário do lacaio, a entrada de veículos da Haversham House era familiar. O ar noturno cheirava a frescor, as tempestades dos últimos dias lavaram a sujeira e a fuligem que havia nas áreas residenciais de Londres. Também sentia algo na brisa da noite – animação?

Não dela, é claro, mas de Payton e das gêmeas. Elas não recebiam convites para as soirées da alta sociedade frequentemente. Deveria dar crédito à Marce por causa da discrição e o comportamento elegante em face a um evento tão grandioso. A mulher saiu da carruagem de Drake logo atrás dela, pisando no chão com leveza enquanto olhava a fila de carruagens parada atrás delas, esperando para depositar seus próprios ocupantes ricamente vestidos.

Ellie tinha alternado entre a total relutância de vir ao baile e a absoluta culpa por permitir que Alex fosse embora sem que ela dissesse tudo o que sabia e sem ter compartilhado com ele o conteúdo das caixas entregues pelo advogado. Enterrou a vergonha ao se lembrar que não entendeu metade da informação que tinha lido – e possivelmente não tinha nada a ver com Alex. Ainda assim, por toda a noite, o marquês invadiu os seus sonhos, implorando para que ela confiasse em Alex.

Alex era adorado pela mulher que o criara, e amado e louvado por Lady Haversham. E Ellie não tinha dúvidas de que se ele não tivesse sido escolhido a dedo pelo marquês, que Alex teria sido muito bem aceito pelos outros criados.

—Vamos, Ellie, — Payton choramingou na carruagem. —Mova-se e permita que eu saia deste maldito veículo.

Marce passou a mão pelo braço de Ellie e foi até o caminho que levava à porta da frente onde o mordomo de Haversham já estava parado esperando por eles. —Não se aflija, querida. Você está deslumbrante, eu mal reconheço

a pestinha de cabelo vermelho que frequentemente roubava os meus doces quando era criança.

Ellie não pôde deixar de sorrir com a memória. —Eu não sou mais tão jovem – e precoce – faz muitos anos.

—Voltar à infância nem sempre é algo ruim, — Marce confessou, dando um tapinha na mão dela. —Sou muito grata por você ter nos incluído em seu convite.

—Se não fosse por você e as meninas, eu teria ficado terrivelmente sozinha, rodeada por homens pomposos e matronas de meia-idade com suas insofríveis filhas a reboque. — Depois da noite que passou com Ruby e Harold no Covent Gardens há uns meses, Ellie teve uma noção sobre o que esperar das outras atividades londrinas – e isso não fez muito bem para a sua sanidade. —Ao menos eu sei que Sam e Jude irão nos entreter se ninguém nos notar.

—Eu não estou acho que você, ou as minhas irmãs, terão algum tempo ocioso. — Marce usou a mão livre para ajustar o tecido nos ombros de Ellie, o que fez um trabalho admirável escondendo o corte no seu braço. —As quatro provavelmente movimentarão a sala com seus belos vestidos – desde que se abstenham das vulgaridades, é claro. De outra forma, o que movimentará a sala será o escândalo.

Ellie, Payton e as gêmeas já tinham suportado um imenso sermão durante todo o trajeto que ia da Craven House até a casa de Lorde Haversham. Payton foi repreendida por sua tendência de choramingar e fazer cara feia. Enquanto Sam e Jude tinham sido advertidas a não fazerem os outros de bobo ao trocarem de papel. Marce tinha encerrado o infinito tagarelar ao fazer Payton jurar que ficaria longe do salão de cartas e Jude a manter as mãos visíveis o tempo todo. Quanto à Sam, ela foi aconselhada a ficar no campo de visão de Marce e a não sair por aí com qualquer homem que parecesse encantado por ela.

Marce conhecia as irmãs muito bem, especialmente os maus hábitos.

Felizmente, Ellie tinha evitado receber um último aviso da mulher, pois ela já sabia as consequências caso saísse da linha. Os efeitos de qualquer mau passo iriam diretamente para Lady Haversham – a anfitriã – e Ruby.

—Oh, Ellie, — Sam e Jude suspiraram como se fossem uma só pessoa enquanto iam em direção à entrada. —Sua irmã é tão melhor que a nossa!

—Isso é fato, — Jude disse, ignorando o olhar que Marce lançou para elas. —Marce nunca nos levou para – quem dirá deu – uma festa desse

tamanho. Ela sempre insiste para que estudemos muito e mantenhamos as lições de piano. Ela é sempre tão chata.

—Eu posso ouvi-las, — Marce suspirou.

—Nós sabemos, — Payton retrucou, dando língua para a irmã mais velha antes de apertar o passo e dar o braços às gêmeas, deixando Ellie e Marce para trás. —Oh, chegará o dia em que me vestirei de forma elegante todos os dias!

—Ela terá que ganhar muitos jogos de cartas para que isso aconteça, — Marce sussurrou no ouvido de Ellie. —Juro que essa menina mandará cada marido em potencial direto para a França com esse jeito insofrível.

Marce sacudiu a cabeça resignada, mas Ellie vislumbrou um sorriso disfarçado. A mulher amava a horda de irmãs mal comportadas, e provavelmente suportaria uma vida de choramingos de Payton apenas para mantê-la por perto com o intuito de dissuadir as pessoas intencionadas a ferir a sua alma sensível.

—E quanto a você? — Marce olhava para frente, como se quisesse que a pergunta fosse parte de uma conversa fiada. —Deseja ver alguém em especial esta noite?

—Certamente não, — Ellie respondeu, embora desejasse se abrir para Marce e contar tudo sobre Alex. —Estou aqui porque a minha irmã exigiu.

—Exigiu? — ela perguntou. —Eu só me encontrei com a sua irmã uma vez, e mesmo então ela não me pareceu ser do tipo que exige coisas.

—Requisitou rispidamente?

Marce diminuiu o passo para dar a elas um momento de privacidade antes de entrarem na soirée. —Você pode me fazer um favor?

Ele parou em seco e se virou para a mulher. —Qualquer coisa.

—Tente se divertir esta noite.

—Eu sempre me—

—Você não se diverte sempre, ou até mesmo veste uma máscara convincente de prazer. — Marce repreendeu. Parecia que o sermão de Ellie seria privado. —Sorria.

—Isso é tudo o que você deseja? — Parecia simples demais.

—Sim. — Marce voltou a caminhar. —Seu sorriso iluminará mais a sala que o brilho de mil velas. Além disso, um sorriso é o primeiro passo para conquistar quem quer seja que o seu coração queira.

O coração de Ellie não queria qualquer um, ao menos era o que mantinha repetindo para si de novo e de novo. Alex tinha fugido do escritório na noite

anterior. Marce parece estar contente com a sua vida, então Ellie decidiu aceitar o conselho dela.

E dando um sorriso largo, desses que fazem as bochechas doerem, Ellie cumprimentou o mordomo de Haversham.

—Boa noite, minha lady. — Ele fez uma mesura para o grupo. —Sevins vai pegar o casaco de vocês. Por aqui, Lady Ellington. Lady Haversham e a Sra. Jakeston estão esperando por você.

Ellie tocou o braço do ancião para pará-lo. —Eu conheço o caminho.

Ele fez uma cara confusa, e depois de uns segundos mudou para uma expressão de profundo horror. —Isto não é um chá, Lady Ellington, — ele sussurrou, horrorizado. —Anunciarei a sua chegada.

Pediu para não anunciarem seu nome enquanto ela e as damas da Craven House desciam até o salão de baile, embora a irmã provavelmente não fosse cumprir a promessa.

—Cabeças erguidas, meninas, — Marce disse num ritmo monótono enquanto tirava o longo cabelo louro de sobre o ombro. —E, lembrem-se de sorrir.

Ellie olhou de um lado para o outro. Estava nervosa, não se sentia nenhum pouco segura mesmo com Marce e Payton flanqueando-a de um lado e Sam e Jude do outro, e sentiu o quanto precisava delas. —Eu fui uma tola por concordar com isso, — Ellie disse.

—Lady Ellington, — Lady Haversham chamou antes que a chegada delas pudesse ser anunciada. —E você deve ser a senhorita Davenport, e essas, as suas irmãs. Muito obrigada por acompanharem Ellington esta noite. Estamos muito felizes por tê-las aqui. — A mulher, que estivera imensa por causa da gravidez há apenas uns meses, estava toda enfeitada no que parecia ser espuma dourada, tinha recuperado a forma esguia – e o vestido dela fez o de Ellie se envergonhar.

—Obrigada por incluir a mim e às minhas irmãs. — Marce fez uma mesura profunda. —Estamos honradas por acompanhar Lady Ellington em uma ocasião tão especial.

Lady Haversham deu um passo à frente, puxando Ellie para os seus braços. —Quando Ellie disse que tinha tão boas amigas, Ruby e eu soubemos que teríamos que chamá-las... mesmo que apenas para garantir a presença de Ellie, o que deixaria a irmã dela muito feliz.

Afastando-se dos braços dela, Ellie observou enquanto cada menina cumprimentava a anfitriã fazendo uma mesura e dizendo seus nomes.

—Acho que você ficará mais à vontade se entrarmos no salão pela porta lateral – escapando da fila de boas-vindas. — Ela piscou para Ellie e se virou mais uma vez para Marce. —Ruby tem aguardado ansiosamente a chegada de Ellie. Ela está cheia de energia nervosa.

Marce riu como se elas compartilhassem algum segredo. —Lembro-me do meu primeiro baile – foi totalmente esmagador, para dizer o mínimo. — Em seguida, ela se virou para as irmãs que estavam muito animadas ao lado dela, tentando olhar por sobre o ombro para o grande salão. —Meninas, por favor, fiquem perto... e não se esqueçam dos modos. Não queremos que Lorde e Lady Haversham se arrependam de sua bondade.

Com aquilo, Marce segurou o saia da vestido, levantou-a levemente, e pisou no salão, com as irmãs logo atrás, deixando Ellie com Lady Haversham, bem do lado da porta.

Ouviram quando a chegada das quatro foi anunciada.

Como Ellie queria ser corajosa o bastante para ter o seu nome sendo dito em voz alta e entrar no salão com a cabeça erguida. Não estava pronta para isso, e talvez nunca estaria.

—Como está o seu braço? — Lady Haversham perguntou enquanto elas percorriam o corredor indo em direção às portas duplas. Com o olhar assustado de Ellie, ela prosseguiu, —Alex está aqui – e as costas dele precisaram ser cuidadas.

—Sinto muito por—

—Não há nada pelo que se desculpar. — A mulher sorriu com bondade. —Ele é um homem crescido buscando o seu lugar no mundo. Esse tipo de determinação traz muitos obstáculos. Ele é um cavalheiro forte e inabalável. Os ferimentos exteriores irão sarar, só espero que o espírito dele faça o mesmo.

Elas chegaram às portas duplas antes que Ellie pudesse perguntar à Lady Haversham o que ela quis dizer. O leve som da música podia ser ouvido através das portas de madeira.

—Meu ferimento é insignificante e não há razão para você se preocupar, — Ellie disse. —Alex foi ferido por minha culpa – ele estava sob a minha proteção e eu falhei com ele.

A mulher não tinha sido nada além de boa e generosa com ela desde que se conheceram. Ela merecia saber a verdade e ter alguma garantia de que aquilo nunca mais aconteceria. Ainda assim, isso não podia voltar a acontecer.

Alex tinha largado o posto na casa Drake – ele a deixara.

—Fique tranquila, ele não vê isso da mesma forma que você, querida.

Ellie só esperava que isso continuasse sendo verdade nos dias que viriam.

—Você está pronta? — Lady Haversham lhe deu um sorriso tranquilizador e esperou um criado abrir a porta, revelando o salão lotado. — Vamos?

Ela viu a irmã, com Harold ao lado, de pé a poucos metros da porta, cumprimentando a longa fila de convidados enquanto eles chegavam. Marce e as irmãs já tinham passado pela fila e estavam de pé perto da parede que bordejava a pista de dança, Jude e Sam provavelmente esperavam pela hora do baile. A dupla majestosa, vestida em vários tons de verde com o cabelo vermelho puxado para cima exibindo idênticos pescoços esguios, sorrindo para cada cavalheiro que passava enquanto cochichavam. Ellie sentia compaixão pelo pobre cavalheiro que a dupla mirava, pois ele não teria uma chance quando as irmãs virassem o charme para ele.

Payton estava grudada na parede, perto de um vaso de planta, mexendo nas luvas de forma agitada, alternando entre olhares nervosos e invejosos à medida que mais convidados iam chegando. Mesmo ela sendo bonita do seu próprio jeito, era difícil compará-la ao ar sofisticado que exalava de Marce e da elegância deslumbrante das gêmeas.

Marce ficou de olho no trio, enquanto se assegurava de que o seu olhar não encontrasse o dos membros da *ton* que a rodeavam. Ellie não deixou de notar o desconforto de Marce por estar na mesma sala que os muitos cavalheiros que buscavam entretenimento na Craven House. Outra coisa pela qual Ellie deveria se desculpar em algum momento da noite.

Olhando uma última vez para o salão, Ellie sorriu enquanto rodeava Ruby e cumprimentava o casal. —Boa noite, irmã. — Ruby a recompensou com um beijo rápido na bochecha e Harold com um abraço apertado. —Irmão, — Ellie disse enquanto se afastava dos braços dele.

—Seu vestido ficou muito bem, querida irmã. Não ficou, meu amor? — Ruby sorriu. —Esse tom de azul combina muito bem com a sua pele.

—É um vestido, — Harold murmurou em resposta às palavras super zelosas da esposa. —E a pele dela está com o mesmo tom de creme misturado com sardas da última semana.

Ruby golpeou o braço do marido, irritada. —Homens! — ela declarou, como se Ellie soubesse o que aquilo queria dizer. —Se fosse uma garrafa de porto francês, você notaria o mais mínimo arranhão.

—Você está certa, esposa, mas mais uma vez, sua queria irmã fica maravilhosa usando qualquer coisa. — Ele olhou de forma teatral para o salão, buscando os cantos mais afastados, levou a mão à testa como se protegendo os olhos do brilho do sol. —Oh, falando em garrafas arranhadas, não olhe agora, mas meus olhos contemplam uma criatura – esperando ser resgatada.

Ellie riu enquanto seguia a linha de visão dele. A mesa de bebidas estava perto das portas da varanda para que os convidados pudessem pegar seus refrescos antes de saírem para tomar ar fresco ou conversar tranquilamente.

—Minha querida irmã mais nova, — Harold fez uma mesura para ela. — Posso pedir a sua companhia na minha aventura de liberar o porto protegido por nativos abomináveis?

Inquieta para se afastar da fila de boas-vindas, a menos que Ruby a pedisse para ficar, Ellie colocou a mão sobre o braço de Harold. —Aceitarei a sua oferta com muito prazer, — ela disse, continuando com a brincadeira.

—Harold, seu patife, — Ruby suspirou. —Você busca qualquer razão para ficar longe da sua esposa.

—Não há outro lugar que eu queira estar que não ao seu lado, coração. — Harold deu um beijo no alto da cabeça de Ruby. —Mas que tipo de cavalheiro eu seria se não oferecesse uma bebida para a nossa convidada?

—Oh, vá logo, — Lady Haversham ralhou. —Ruby e eu vamos nos virar muito bem sem você. Vejo que o meu querido marido também desapareceu. — Ela esticou o pescoço o suficiente para ver Lorde Haversham imerso em uma conversa com um cavalheiro corpulento perto da pista de dança.

—Prometa voltar logo.

—Voltarei, não tema. — Harold conduziu Ellie em direção à mesa de bebidas a passo lento. —Obrigado por vir, Lady Ellington.

Ele era conhecido pelas piadas e o jeito tranquilo, então a formalidade dele a pegou com a guarda baixa, como se ela não estivesse acostumada com aquilo.

Ele assentiu para um casal mais velho enquanto eles passavam, e Ellie não pôde deixar de perguntar, —Você conhece todas essas pessoas? — O salão estava quase explodindo com convidados chegando a cada minuto. Vivia em Londres desde que nascera, mas só podia contar um punhado de pessoas como sendo algo mais que meros conhecidos.

—Nenhum único, minha lady, — ele riu. —Duvido que Lorde e Lady Haversham conhecem metade das pessoas que estão aqui.

—Então por que estão todos aqui?

Harold a conduziu pelos cantos do salão, do lado oposto ao que Marce e as irmãs estavam.

—Para serem vistos. Ouvir a última fofoca. Para espionar se este ou aquele lorde estão por aí com a amante a reboque.

Ellie se afastou bruscamente para ver se ele estava brincado.

—Bem, — ele a segurou firme, puxando-a de volta para o seu lado. —A sociedade é um rebanho engraçado.

—Rebanho?

—Máfia. Horda. Bando. — Eles se aproximavam da mesa de bebidas enquanto Harold soltava essas palavras. —Uma coisa que reparei desde que me juntei ao círculo de Lorde Haversham é que os membros da *ton* se movem em grupos. Grupos grandes. Eles vão às mesmas festas, encontram a mesma safra de debutantes, e espalham as mesmas fofocas ano sim e ano não. Todos aceitaram o convite de Lorde Haversham de bom grado apenas para verificarem a carne nova.

—Carne nova? — Ellie entendia a natureza das pessoas – tinha estado pelas ruas de Londres tempo o bastante para saber que pessoas tendiam a atrair os que pensavam como elas, tanto por segurança quanto por medo de serem deixados de fora, mas sua mente vagou enquanto ele continuava a conversa.

—Isto posto, — ele prosseguiu enquanto entregava uma taça de xerez para Ellie antes de pegar uma para si. —Todos estão aqui reunidos para verem qual escândalo Lady Haversham talvez apresente para eles esta noite.

—Mas Ruby disse que o baile era para apresentar vocês dois à *ton*.

—Verdade, ainda assim todos estão com o fôlego suspenso, pois fofocas e desonras antigas não são facilmente apagadas da mente da sociedade.

Ela bebericou o xerez antes de prosseguir, a bebida borbulhou em seu nariz. —Lady Haversham é uma das mulheres mais graciosas e bondosas que eu já conheci.

—O que faz o passado dela ser ainda mais excitante para os convidados.

Ellie respirou aliviada. Se todo mundo estivesse focado em Lady Haversham, então ninguém notaria a bastarda andando entre eles. Ninguém a apontaria como impostora por se atrever a entrar pela porta da frente de uma casa importante – de um conde, nada menos.

—Admitirei que fui pego de surpresa por você ter aceitado o convite de Ruby.

—Acredito que me diverti em Foldger’s Hall e decidi demonstrar o meu apreço pela consideração de Lorde e Lady Haversham. Não conte isso à Ruby. Eu te imploro.

—Certamente que não. — Ele sacudiu a cabeça com seriedade. —Sua confiança e sua habilidade de experimentar um pouco de diversão ficarão a salvo comigo.

—Obrigada, Sr. Jakeston. — Originalmente, decidiu ir ao baile para perguntar pelo atual Lorde Chastain, para julgar o espírito dele antes de tomar a decisão de entregar a propriedade Drake de boa vontade ou... não havia outra opção deixada para ela, já era uma mulher – e a filha bastarda do falecido marquês. Mas desde que repassou a papelada que o advogado enviou, e descobriu tudo o que tinha descoberto, Ellie não estava mais certa da razão pela qual veio. —De vez em quando sinto falta de alguma distração, além disso, com que frequência eu tenho a oportunidade de usar um vestido tão bonito?

—Verdade. — Harold conduziu-a em direção a Marce e às irmãs. — Depois do período de luto, estou certo de que você está dando às boas-vindas a um guarda-roupas mais colorido. — Eles pararam na frente de Marce, e Harold fez uma mesura. —É um prazer voltar a vê-la, Madame Marce.

Marce inclinou a cabeça para ele, um sorriso travesso capturou os lábios dela. —E a você também, senhor. Espero que você esteja cuidando melhor da sua esposa que na última vez que nos vimos.

Os olhos de Harold se arregalaram com a menção do último encontro deles – e Ellie teve que engolir a vontade de rir.

—Com certeza estou.

—Bom saber disso.

—Desejo a vocês uma ótima noite. — Com uma rápida mesura, ele foi correndo até onde Ruby ainda estava recebendo os convidados – ele provavelmente estava mais bem disposto a cumprir seus deveres como anfitrião que ficar sendo confrontado por Marce, que uma vez pensou o pior dele.

—Você é podre, Marce, — Ellie repreendeu, achando difícil segurar o próprio júbilo por dizer aquilo. —Ele deve estar terrivelmente assustado com você.

—Assim como deveria. — Marce tirou a taça da mão de Ellie e bebeu o resto do xerez. Marce conheceu Ruby e Harold antes de eles se casarem, quando a irmã de Ellie tinha sido atingida no rosto no desenrolar de um plano

temerário para entrar no White's Gentlemen's Club. Ellie tinha-os levado até a Craven House na esperança de Marce ter alguma coisa para reduzir o inchaço e os hematomas no rosto da irmã. —Basta de perder tempo. É hora de todas as quatro encontrarem parceiros de dança. A pista – e os seus cartões – se encherão rapidamente.

—E quanto a você? — Ellie sabia muito pouco sobre a vida pessoal de Marce, além do fato de que ela cuidava das irmãs e da Craven House. Ainda assim ela parecia à vontade no meio de um salão lotado, certamente mais que Ellie ou as irmãs. —Você entrará um parceiro?

Marce olhou para Ellie pelo canto do olho, mantendo o foco no salão. —Quando faria isso? — ela respondeu com uma leve risada. —Enquanto estou mantendo Payton longe da sala de cartas... ou afastando Jude da maravilhosa pintura pendurada no corredor... ou, melhor ainda, depois de eu dissuadir Sam se grudar no primeiro cavalheiro que demonstre interesse por ela? Não, Ellington, ficarei feliz em assegurar que a noite de vocês quatro seja um sucesso.

—Somos tão problemáticas assim? — Ellie tinha convidado as irmãs porque devia muito a elas pelo bondade que tinham demonstrado durante todos esses anos.

—Ellington, você não me preocupa tanto quanto as minhas irmãs rebeldes, — ela confessou. —E eu espero que as coisas permaneçam desse jeito. Suspeito que, com a Sra. Jakeston e eu cuidando da sua pessoa, você ficará bem.

—Eu não preciso de uma—

—Eu sei, — Marce interrompeu. —Você não precisa de uma babá, mas e quanto a uma amiga?

Ellie nunca tinha pensado nelas como sendo amigas, apenas como uma obrigação que Marce tinha concordado muitos anos atrás – uma promessa feita à mãe dela, Madame Sasha, de cuidar de Ellie, mas o pensamento de chamá-la de amiga era reconfortante. Depois que Alex foi embora, Marce era tudo o que lhe restara. Assim como Sasha tinha sido amiga de sua mãe – agora, Marce era dela.

—Eu gostaria disso, — Ellie respondeu. —Outra pergunta, como se acha um parceiro adequado?

CAPÍTULO DEZESSEIS



ALEX ESTAVA DE pé entre as sombras do lado de fora da casa Chastain. Não havia luz em nenhuma das janelas que ficavam de frente para a rua: as cortinas estavam fechadas protegendo os cômodos da luz do sol. O beco que conduzia aos fundos da casa estava limpo, mas não havia marcas de carruagem ou de cascos de cavalos no chão.

Puxando o casaco para se proteger do frio da noite que se aproximava, ele deu um passo à frente, aproximando-se da porta. Ele ficou ali do lado de fora enquanto o sol se punha e o dia dava lugar ao crepúsculo. Não viu movimento algum do lado de dentro, nem encomendas chegando para as cozinhas. Ninguém entrou ou saiu da propriedade.

Depois da atividade excessiva que tinha visto na casa Haversham – da qual mal saiu vivo – hoje, era estranho que a casa de um duque, no ápice da temporada, parecesse abandonada.

Ele veio procurar respostas – explicações.

Mas uma casa vazia não lhe ensinaria nada.

Tinha passado quase toda a noite e o dia inteiro decidindo o que fazer. Tinha descartado a ideia de ir visitar o advogado porque Ellie estava com todos os documentos de Drake, embora ele não soubesse se eles tinham alguma informação sobre Chastain. Da mesmo forma, tinha pensado em voltar para a casa de Drake, mas ele sabia que a distância era a melhor coisa agora. Preocupou-se com Lady Ellington grande parte da noite – enquanto lidava com as próprias circunstâncias.

Estava ficando tarde, e Alex prometera à Sra. Dutton que voltaria cedo o bastante para que eles jantassem juntos antes de irem dormir. Ele, no caso. A Sra. Dutton certamente ficaria acordada por causa de Jillian e Beatrice, já que elas iriam ao baile que Lady Haversham estava oferecendo. As meninas provavelmente ficariam acordadas a noite toda falando sobre a sua primeira soirée em Londres.

Com passos seguros, ele chegou à porta da casa Chastain, e bateu antes que os nervos levassem a melhor sobre ele.

As três batidas ecoaram dentro da casa – mas não ouviu passos.

Depois de alguns instantes, ele voltou a bater. Se ninguém atendesse, não poderia fazer mais nada a não ser voltar para a casa de Lorde Haversham, não havia motivos para desperdiçar seu tempo que já era limitado. Alex só tinha dois dias antes de escoltar a Sra. Dutton e as meninas de volta para Foldger's Hall. Ele pensou muito e por muito tempo sobre a insistência da Sra. Dutton para que ele ficasse em Londres, mas precisava de tempo e espaço para descobrir o que a vida lhe aguardava.

De uma coisa ele tinha certeza: não tomaria a casa de Ellie.

Ele certamente não merecia a propriedade de Drake.

E ele não sabia muito sobre a mãe e o pai para ter certeza se era seguro para ele reclamar o ducado – ou até mesmo se uma criança presumidamente morta poderia provar seu direito à herança. Ele precisaria falar com Lorde Haversham sobre isso.

Era assustador pensar o quanto sua vida tinha mudado essas últimas horas – indo de ser um órfão a ser um lorde.

Finalmente, ouviu algo lá dentro. Uma pessoa arrastando os pés.

Uma chave se virou na fechadura – o som de metal batendo em metal – e um senhor abriu a porta apenas o suficiente para que um olho e o nariz estivessem visíveis.

—Posso ajudá-lo, senhor? — ele perguntou, a voz rouca como se ele não falasse em voz alta há muitos anos.

—Estou aqui para ver Lorde Chastain. — Se o pai estava morto, e Alex obviamente não estava vivendo dentre as paredes de Chastain, então alguém deve ter sido apontado como o herdeiro do ducado.

—Ele não está na cidade. — O homem começou a fechar a porta, mas Alex ergueu a mão para detê-lo.

—Você sabe quando ele voltará? — Quando os olhos do homens se estreitaram, mas mesmo assim ele permaneceu em silêncio, Alex prosseguiu, —Por favor, eu preciso falar com ele. Ele estará em Londres antes de a temporada chegar ao fim?

—Eu não vejo Lorde Chastain há quase duas décadas, senhor, — o homem disse, o tom rouco diminuindo. —Se você o vir, por favor faça a bondade de pedir a ele para visitar sua casa na cidade. Eu sequer saberia a aparência dele esses dias – você poderia ser ele, e eu não saberia. Agora, se você permitir que eu feche a porta, já passou da hora de eu ir para a cama.

Alex deu um passo para trás, atendendo ao pedido do homem.

Depois que a chave girou, Alex ouviu o homem se afastando, os sons vacilantes foram se esvanecendo.

Alex enfiou as mãos nos bolsos e voltou para a rua. Foi uma curta caminhada vigorosa até chegar à casa de Haversham, e quando ele chegou, a entrada estava cheia de carruagens. Para evitar a multidão, Alex deu a volta na casa e entrou pela cozinha fervilhando com criados ocupados enchendo as bandejas com sanduiches.

—Boa noite. — Ele deu um aceno de cabeça para Cook e saiu rapidamente de lá, subiu pelas escadas dos criados e foi para os seus aposentos. Felizmente, não encontrou com nenhum dos convidados no caminho.

Lorde e Lady Haversham tiveram a bondade de convidá-lo para o baile, mas ele recusou a oferta. Pela primeira vez ninguém questionou a sua decisão – e por isso, ele comeu em seu quarto e foi até a casa Chastain quando surgiu a oportunidade.

Mas o dia não tinha lhe trazido nenhuma informação nova.

Embora isso não fosse necessariamente verdade.

Andou pelo quarto, ponderando a resposta estranha do homem. Será que ninguém tinha reclamado o ducado depois da morte dos seus pais? Será que os criados ainda aguardavam o seu retorno miraculoso?

Já fazia mais de um ano desde a morte do marquês, e a propriedade foi mantida do mesmo jeito.

Puxou a cortina para o lado e olhou para o céu da noite – iluminado pelas muitas tochas espalhadas pelo jardim. Vários convidados caminhavam pelos atalhos ou se amontoavam aos grupos ou aos pares, enquanto outros se sentavam nos muitos bancos que havia no jardim.

Ajustando o foco, Alex olhou para a varanda abaixo dele onde havia mais convidados. Imaginou se ainda havia pessoas lá dentro, já que muitas estavam lá fora.

Teve um vislumbre do mais pálido azul em um dos cantos da varanda – de pé sozinha, como se fosse apenas uma espectadora enquanto tudo acontecia ao seu redor. Desencaixada.

O cabelo dela – a cor tão vibrante que até mesmo a luz suave da varanda fazia-o brilhar sobre os seus ombros.

Ninguém a via parada ali, olhando para o jardim escuro.

Fazia menos de um dia que eles tinham se separado – e ele sentia muito a falta dela.

Confortava-o saber que ela ficava no sótão olhando-o trabalhar.

Enchia-o de esperança o fato de ela ter cuidado de Ember, a gatinha impetuosa que ele tinha dado a ela no natal.

Quando ele estava perto dela, tinha certeza de que ela estava segura, já que ninguém mais parecia se preocupar com Ellie.

Percebeu que seus deveres para com ela *lhe* deram propósito.

Lady Ellington não sentiria falta da presença dele, nem se viria perdida após a sua partida. Alex não tinha dúvida de que ele e Eckles já tinham sido substituídos na casa Drake, já que os criados iam e vinham com frequência em algumas casas.

Sentiria falta do temperamento dela, da astúcia, das bravatas.

Ninguém mais ouviria as respostas afiadas.

Só esperava que o acontecido nos estábulos não estivesse se espalhando – assim como o tempo que passaram no escritório logo depois.

Seria culpa dele se o escândalo manchasse a reputação dela.

Enquanto observava, ela se virou como se fosse voltar a entrar no baile, mas ergueu os olhos e o encontrou no andar de cima.

Alex não sabia se deveria dar um passo para trás, entrar nas sombras e puxar as cortinas ou cumprimentá-la.

Era possível que um clarão cobrisse a sua janela e que ela não pudesse vê-lo de pé ali, observando-a mesmo sabendo que ela não era mais sua responsabilidade.

Em vez de afastar o olhar, ela continuou olhando para ele.

Era como se eles estivessem de frente um para o outro, não separados pelo vidro e a distância.

Foi Ellie quem quebrou o feitiço. Ela sorriu – um sorriso tímido e quase relutante – então acenou para ele e fez sinal para o jardim além da varanda.

Um convite?

Ela com certeza não estava pedindo para que eles se encontrassem durante o baile de Lorde e Lady Haversham. Ele olhou para a camisa remendada e os calções surrados. Eles estavam limpos, mas não eram apropriados para qualquer reunião em Londres, mesmo se ele não estivesse indo como um convidado, e sim para ter um encontro secreto com uma dama.

Antes que perdesse a coragem, assentiu. Eles tinham muito o que falar.

Ela desceu as escadas rapidamente e foi para o jardim.

Descendo mais uma vez pela escada dos criados, Alex pensou no que sabia sobre a planta da casa. Nunca esteve na casa exceto para visitar Lady

Haversham em suas tardes de folga – normalmente se encontrava com ela no salão que dava para a frente da casa. O único outro cômodo que conhecia era o escritório de Lorde Haversham, as portas de lá com certeza abriam para a lateral da varanda, não muito longe de onde Lady Ellington o esperava.

O corredor do lado de fora do escritório estava deserto. Alex aproveitou a oportunidade para sair das escadas e entrar no cômodo, a dor nas suas costas quase tinha sido completamente esquecida. Ainda estava com sorte. Já que o escritório estava tão vazio quanto o corredor.

Alex cruzou a sala, iluminada apenas pelo fogo da lareira, e se apressou até as portas duplas, abrindo-as e saindo na penumbra da noite. Nenhuma tocha tinha sido acendida neste lado da casa, mantendo os convidados no salão, na varanda e no jardim.

—Alex? — Ellie chamou no escuro. —É você?

—Sim, sou eu. — Ele deu dois passos e chegou à varanda lateral que conduzia ao gramado. —Está tudo bem?

—Nunca sei como responder essas perguntas, — Lady Ellington deu um passo à frente e entrou na luz que estava sendo refletida em uma das janelas acima. —Estou aqui neste baile, usando um belo vestido no meio de um monte de gente feliz. Tudo deveria estar brilhando de alegria.

—Mas ainda assim, você não está feliz? — ele perguntou. Ela estava a poucos centímetros dele, o vestido parecia ainda mais lindo do que visto de cima.

—Não.

Queria compartilhar com ela tudo o que descobrira. Confirmar que ninguém seria expulso da casa, e se caso isso acontecesse, haveria um lugar onde ela poderia viver caso morar com a irmã não fosse o que Ellie queria.

—Ouvi dizer que as pessoas devem dançar por muito tempo em seu primeiro baile. — Ou, ao menos, foi o que ouviu enquanto passava pela sala de visitas de Lady Haversham mais cedo – as mulheres estavam dando lições à Beatrice e à Jillian sobre como se comportarem em um salão de baile: o que esperar, como cumprimentar um cavalheiro que lhes fosse apresentado e quais danças eram populares. As meninas riram muito junto com Lady Haversham. —Eckles voltou?

—Céus, não, — Ellie sacudiu a cabeça enquanto falava. —E sim, Marce e as irmãs estão se divertindo, maravilhadas com toda a atenção que um grupo de jovens desconhecidas podem ganhar dos solteiros da *ton*.

—Você não está? — Sempre suspeitou que as esquisitices dela fossem chamar a atenção ou do falecido marquês ou da irmã, agora ele não tinha certeza de mais nada. —Tenho certeza de que o seu cartão de dança se preencheu assim que você entrou na sala. — Uma pontada de ciúme o percorreu com o pensamento de outro homem colocando as mãos em Ellie – ou com ela se sentindo confortada e segura com outro.

—Não importa se alguém se interessou o suficiente para ser apresentado e pedir por uma dança.

—Por que não?

Ela abaixou a cabeça – e ele tinha certeza de que se houvesse mais luz, ele veria as bochechas dela corarem de embaraço.

—Vamos lá, Lady Ellington, — ele incitou, dando um passo à frente e pegando a mão dela. —Você me conta o seu segredo e eu compartilho um dos meus.

Ela ergueu o olhar para ele, como se tivesse ficado espantada por ele ter um segredo. Ainda assim, ela permaneceu em silêncio.

—Eu sou uma pessoa tão enfadonha que não posso ter um segredo? — ele provocou.

—Eu não posso dançar. — Ela apertou as mãos dele enquanto confessava.

Alex ficou sério porque era óbvio que isso a preocupava o suficiente para ela passar seu primeiro baile escondida nas sombras com ele. A mulher era habilidosa em tantas coisas que muitas jovens não tinham noção do que eram. Ele até mesmo tinha ouvido a Sra. Jakeston detalhando a facilidade que Ellie tinha para bater carteiras – mas dançar era a falha da qual ela tinha vergonha?

—Você é capaz de subir uma escada usando toda a parafernália do vestuário feminino, montar escarranchada, sair e voltar para casa sem que ninguém saiba e não fez muito mais que se encolher quando foi atingida pelo chicote de Eckles. — Listou cada coisa que admirava nela – ao menos as que vieram à sua mente naqueles poucos segundos. —Mas dançar é algo que você não pode fazer?

—Nunca me ensinaram, — ela respondeu. —Se eu tivesse tido um bom professor, tenho certeza de que eu poderia dançar melhor que qualquer mulher no salão de baile de Lady Haversham.

—Esta é a diabinha que eu conheço. — Ele riu. —Eu posso te ensinar.

—Eu deveria saber que o meu cavalariço seria versado na dança assim como é na poesia.

Ele beijou a mão dela e fez uma leve mesura. —Tenho mais segredos do que você sabe, minha lady. Concede-me esta dança?

Ela olhou em volta nervosa, mas um quê de sorriso tocou os lábios dela. —Não há música.

Pela primeira vez, ele pensou no quanto eles estavam sozinhos. Não podiam ouvir sequer um ruído vindo do salão de baile.

—O quê? — Ele levou a mão ao ouvido. —Você não pode ouvir esta doce melodia?

—E se alguém nos encontrar?

—Nenhum convidado conhece qualquer um de nós dois, — ele sussurrou, puxando-a para si. —Não se pode começar um escândalo se as partes envolvidas não forem conhecidas.

Depois que Lady Haversham se tornou a bem-feitora da Sra. Dutton quando Alex tinha quase nove anos, o orfanato viu muitos tutores indo e vindo, ensinando as crianças a ler, a escrever e a contar. Enquanto os anos se passavam, e o dinheiro continuava vindo, a Sra. Dutton contratou tutores de piano, etiqueta e dança. As crianças, muitas machucadas e abandonadas por aqueles que deveriam amá-las, aprenderam muitas das coisas que eram ensinadas para as crianças da sociedade. Aos treze anos, Alex tinha dominado e memorizado muitos dos poemas ingleses mais conhecidos, tinha banido o sotaque que o marcava como sendo um menino do East End, e era bom o bastante no cotilhão, ou no *reel* escocês, embora nunca tivesse dançado com uma parceira tão encantadora quanto Lady Ellington.

Mas suas lições tanto no cotilhão quanto no *reel* escocês não lhe serviriam de nada agora, já que não havia outros dançarinos para completar o quadrado – e ele queria muito que Ellie estivesse mais perto do que qualquer uma daquelas danças permitia.

—Você já viu uma valsa ser dançada? — Ele rezou para ela não ter visto, pois mesmo tendo assistido um dos tutores ensinando às meninas mais novas por diversão há muito anos, ele mesmo nunca tinha dançado.

Ele respirou aliviado quando ela sacudiu a cabeça.

—Ela é chamada de dança deslizante, — compartilhou. —Então tudo o que você precisa saber é como deslizar – não há passos ou posições complicadas. Só você, seu parceiro e a música. — Ao menos, era o que esperava que fosse. —Damos as mãos assim. — Ele ajustou a mão na dela. —E eu coloco a outra mão no seu quadril, assim.— Ele estava olhando para ela, colocando a mão levemente sobre seu quadril.

—E a minha outra mão vai aonde? — Estava no quadril dele, espelhando a forma como Alex a segurava, e ela olhava para ele buscando confirmação.

—Sim, ou ela pode ser usada para segurar o seu vestido para que não tropece.

Ela moveu a mão para a saia. —E agora?

—Movemo-nos. — Alex deu dois passos para trás e um para o lado, incerto se havia um número certo de passos. De início, os movimentos dela eram hesitantes e descoordenados, mas assim que ela aceitou a sua condução, eles se moveram em um pequeno círculo, entrando e saindo da fonte de luz que vinha de cima. —Não é tão difícil.

—Isso é porque você é um esplêndido professor, Alex.

O ar dele ficou preso. Ela já tinha dito o seu nome, mas dessa vez, soou diferente – mais íntimo que antes.

—Você me contará seus segredos agora?

—Durante a minha aula de dança?

—Tenho certeza de que não será o seu grande segredo.

Os olhos deles se encontraram, e eles sorriram. Isso era algo para que nenhum deles estava preparado – um momento de pura diversão – nenhum estava escondendo nada do outro. Era uma abertura que experimentaram apenas em poucas ocasiões: naquela primeira noite no escritório do marquês, quando a carruagem quebrou no natal e na noite anterior enquanto ela cuidava das suas costas.

—Você se lembra quando falamos sobre os meus pais no natal?

—É claro. — Os movimentos dela começaram a desacelerar como se ela suspeitasse da magnitude do que ele estava prestes a dizer.

—Eu sei que Lady Chastain é a sua mãe—

—Soube que eles não me abandonaram—

As palavras foram ditas ao mesmo tempo, e ele se concentrou no que pensou que ela disse, afastando as suas próprias palavras.

Ela parou, e a mão deslizou da dele, quase fazendo-o tropeçar. —Você sabia? — Ele não estava correndo o risco de tropeçar em seus próprios pés, mas suas palavras eram algo completamente diferente. Ele pode ter ficado abatido quando a Sra. Dutton lhe contou que seus pais estavam mortos, mas nunca esperara que eles voltassem para ele, então não experimentou a perda. Só uma sensação de proximidade.

—Eu quis te contar. — Ela fez uma pausa, deu outro passo para trás saindo do quadrado de luz.

—Mas não contou. — E de repente, ela se fechou para ele.

—É só que... — ela começou a andar – três passos, virava-se, três passos, virava-se. —Eu...

—Diga. — O momento que compartilharam foi quebrado. Alex desejou ter guardado o segredo para outra hora e que ela tivesse feito o mesmo. Ela andou para lá e para cá desse jeito naquela noite no beco, quando pediu a ele para participar do plano para enganar Adams. Ellie estava nervosa com alguma coisa – ansiosa, preocupada. —Vamos lá, — ele incitou, a raiva crescendo.

De repente, ela parou e olhou para ele, todo o corpo dela estava tenso, e ele soube que se arrependeria por forçá-la a falar. As mãos dela caíram e ela olhou dentro de seus olhos. —Eu sei que seu pai era um duque – e que sua mãe era uma nobre francesa.

—Há quanto tempo? — A confissão dela arrancou o ar dos seus pulmões, fazendo com que ele desse várias respirações artificiais. —Como – não, não pode ser – você não pode...

Quanto mais ele tropeçava nas palavras, mais ela se erguia.

—Você teve prazer com isso? — ele perguntou. —O pobre cavalariço sem nome?

—Não, eu—

—E pensar que eu tive pena das suas circunstâncias, fiquei arrasado pela forma cruel com a qual o seu pai te tratava, — ele disse entredentes. Com a menção da pena que sentia, os olhos dela nublaram e o rosto ficou vermelho. Teve pena dela no início, naquela noite que ouviu o pai chamando-a de todo o tipo de nomes horríveis e vis, mas aquela emoção tinha evoluído para algo mais genuíno e duradouro no decorrer do último ano. Mas ela o tinha enganado, fez com que ele se sentisse como o cavalariço simplório com a forma com a qual ela sempre lhe tratou. —Entretanto, vocês dois orquestraram tudo. Você era a protegida dele – uma imagem do marquês, exatamente iguais.

—Pena de mim? — ela disse entredentes. —Não, cavalariço – foi de você que eu sempre tive pena.

Alex não tinha certeza do que lhe machucava mais – as palavras dela ou de ter sabido que ela sempre soube do seu passado e não tinha confiado ou pensado bem dele o suficiente para lhe contar. Ela permitiu que ele continuasse vivendo daquela forma, como um homem sem nome. Ela, dentre todas as pessoas, deveria entender a importância de um nome.

—E você me tratou como um animalzinho de estimação – mandando-me numa missão vazia. Você riu todo o tempo em que eu banquei o lorde? De todas as coisas que pensei que você fosse capaz, essa com certeza não foi uma delas. Você é a pessoa mais egoísta e interesseira que eu já conheci. — Alex deveria se afastar. Permitir que esta discussão prosseguisse não levaria a nada mais que mágoas. Ainda assim, ele se sentiu traído pela única pessoa que nunca pensou que o machucaria.

—Você teria me deixado se soubesse.

—Deixado você? — Alex jogou as mãos em sinal de derrota. —E você acha que tinha o direito de tomar decisões sobre o que eu posso e não posso saber?

—Era injusto—

—É mais que injusto, Ellington. — Ele suspirou. —Essas são as ações de um verdadeiro covarde. Uma pessoa tão cega a tudo o que está à sua volta que ela sequer pode ver o dano que causa a si mesma e aos outros. Você é incapaz de confiar em qualquer um, até mesmo em mim. Você realmente acredita que tudo o que eu disse e fiz foi ofuscado por motivos nefastos. Você é a única pessoa aqui que vive em um constante estado de obsessão – debruçando-se sobre a sua autopreservação às custas de *todas* as relações à sua volta.

—Talvez eu tenha escolhido o caminho certo. — Ellie cruzou os braços sobre o peito, desafiante.

—Isto— ele apontou para o corpo belamente vestido enquanto dava um passo para trás, colocando distância entre eles enquanto erguia a voz —essa jovem vibrante se tornará uma mulher solitária e furiosa mais rápido do que você pensa. E a culpa será completamente sua. Não posso mais fazer isso.

Alex precisava de espaço, de tempo para respirar – para processar a dura realidade de que Ellie tinha-o traído sem pensar duas vezes.

Por quanto tempo ela teria permitido que esta farsa continuasse?

CAPÍTULO DEZESSETE



NÃO HAVIA NADA que Ellie pudesse fazer enquanto Alex se afastava dela e finalmente se virava e ia embora, os passos pesados ecoavam nos degraus enquanto ele voltava para a casa. Todas as acusações dele foram verdadeiras. Ela era egoísta, pensava em sua autopreservação antes de qualquer outra coisa, e era incapaz de confiar em qualquer pessoa. Não importa o quanto Alex tivesse trabalhado duro para provar o seu valor e ter mostrado que ele nunca a machucaria.

Ellie *tinha* sentido remorso por ter escondido o que descobrira. Mas tinha justificado suas ações, racionalizado seus medos sobre o que ele faria se soubesse.

As consequências da situação ainda não tinham afundado. Alex tinha ido – mas ele não tinha permissão para deixá-la. Ao menos era o que dizia a si mesma de novo e de novo. *Ele* era a única pessoa que nunca a deixaria. Tinha-o ferido muitas vezes antes com suas ações e insultos, mas ele nunca a abandonara. Pensou que ele seria incapaz disso – até este momento. Como ela pôde não ter visto?

E pior ainda, descobrir que ele tinha pena dela.

Teria sido simples ficar entre os braços dele, girando nas sombras sob uma melodia não ouvida, fingir surpresa com as notícias, mas isso só deixaria as coisas ainda piores quando ele descobrisse que ela sabia.

Algo que nunca teve dúvidas era de que Alex era um homem esperto – ele teria descoberto tudo com o tempo.

Ele queria a confiança dela – e no momento, Ellie sabia que não havia nada que pudesse fazer a não ser perdoá-lo. Teria sido sábio implorar pelo perdão dele, oferecer todos os papeis que tinha lido. Ainda assim, escondeu isso dele. Uma parte dela não estava pronta para dividir as cartas e as notas do pai – pois ela tinha descoberto um outro lado do homem que sempre tinha visto como o verdadeiro diabo. Um homem que tinha sido quebrado antes mesmo de Ellie ter nascido. Isso não mudava a forma como ele a tratou, mas

mostrou um marquês que Ellie poderia ter amado se ela ao menos soubesse ou tivesse tido a chance.

Mas, como Ellie, o falecido Marquês de Drake não confiava nas pessoas, até mesmo na filha.

Ellie ficaria sem um lar se Alex não pudesse ver além dos seus erros e enxergasse a razão por trás das suas ações.

De repente a luz acima dela se apagou, como se o ocupante do aposento tivesse apagado a vela que estava na beirada da janela. Olhando para cima, Ellie viu alguém fechando as cortinas – sinalizando não apenas a hora tardia, mas também que seria bom que Ellie voltasse para o salão. Alguém já teria notado a sua ausência a essa altura. Se não Ruby, Marce com certeza. E elas teriam perguntas que Ellie não podia – não iria – responder, ao menos não nesta noite.

Ela virou a esquina, indo em direção às portas da varanda quando um vento frio a atingiu, congelando seus braços e suas bochechas.

A caminhada até a varanda provou que ela estava certa, tinha ficado tarde – e frio – e os convidados ou estavam partindo ou buscando refúgio no salão de baile, afastando-se do ar frio da noite.

O lugar em que estivera com Alex estava protegido, dando a eles um momento de privacidade – longe dos olhos curiosos dos membros da *ton*. Alex tinha estado certo quando disse que a chance de eles causarem um escândalo era inexistente, já que eles não eram conhecidos por ninguém lá dentro, exceto pelas poucas pessoas que se importavam com eles. E nenhum deles iria querer causar danos ou embaraços à Lady Haversham.

Ela e Alex poderiam ter passado horas sozinhos do lado de fora daquelas portas duplas, dançando e rindo – mas em vez disso, ela arruinara tudo.

A música ainda preenchia o salão enquanto casais dançavam com uma elegância que Ellie nunca alcançaria. Enquanto olhava a sala, notou Ruby de pé ao lado da porta da sala de carteado, a cabeça inclinada em direção ao Sr. Jakeston enquanto tinham uma conversa profunda. Do outro lado, Marce estava afastada falando com um homem que estava um pouco longe demais – e rígido demais – para estar falando de qualquer outra coisa que não fosse o tempo.

Payton, Jude e Sam estavam entre os membros da *ton* que giravam pela pista de dança, Lorde e Lady Haversham estavam lá também. Toda a atmosfera da casa era intoxicante, e ela entendeu por que tantas pessoas passavam toda a temporada indo de uma festa a outra. Antes do natal em

Foldger's Hall, Ellie tinha passado uma noite no Covent Gardens com Ruby e o Sr. Jakeston. Passou toda a noite tentando irritar a irmã. Seu comportamento agora pareceu infantil. Toda decisão que tomou desde a morte do pai tinha sido infantil – e egoísta.

Mas esta noite poderia ter sido diferente – se ao menos não tivesse olhado para cima e visto Alex. Ela poderia ter aproveitado o momento com Marce e as irmãs, talvez até mesmo ter tido uma conversa agradável com Ruby, mas em vez disso, disse a única coisa que com certeza afastaria o único homem com quem se importava.

—Posso perguntar para onde você fugiu?

Ellie saltou com o susto. —Não me espie, Pay.

—Oh, não mude de assunto. — Payton estava ao lado dela com os braços cruzados sobre o peito. —Eu tenho sido arrastada para conversas aborrecidas sobre o tempo e o piano – e todo o tempo você esteve por aí fazendo Deus sabe o que.

—Você está amarrotando o vestido, — Ellie comentou para distrair a menina. —E eu não lhe devo satisfações.

—Bem, eu posso apostar que Marce não engolirá o seu sarcasmo.

—E eu tenho certeza que sua irmã terá ainda mais comentários a fazer sobre suas apostas.

—Eu sequer espiei a sala de carteado, — Payton retrucou. —Além disso, os lances são os mesmos que podemos encontrar em qualquer casa de apostas no East End. Prefiro pagamentos maiores do que os que são encontrados nos salões de baile de Londres.

—Mais uma vez, — Ellie apontou, —algo que Marce não ficaria feliz em ouvir.

—Eu me casarei em breve, e minha irmã não irá mais controlar as minhas idas e vindas.

—E você acha que um marido será menos estrito com sua esposa?

—Se os meus lamentos ajudarem, então ele não se incomodará comigo.

Ellie só sacudiu a cabeça enquanto se afastava, deixando Payton com seus próprios delírios. Ellie suspeitava que qualquer homem que se casasse com Payton a manteria trancada a chave – assim como os homens faziam. O marquês tinha mantido Ellie a rédeas curtas por toda a sua vida, e eles eram só pai e filha.

Não esteve por perto de muitos casais casados, mas Ruby e o Sr. Jakeston pareciam viajar juntos para fazer muitas coisas – e o mesmo pode ser dito dos

Havershams. Isso com certeza era para que os homens pudessem ficar de olho em suas esposas.

E era por esta mesma razão que Ellie não queria se casar. Teve uma superabundância de anos sob o controle do marquês para se atar de boa vontade a um homem que teria direitos, legais, para tratá-la como se fosse um bem. Muitas mulheres poderiam amar o marido o suficiente para dar o controle a eles, mas não Ellie.

Ellie foi até Marce. Ela estava observando Sam e Jude enquanto os próximos parceiros iam pegá-las.

—Como está indo a sua noite?

Com certeza não contaria sobre a sua dança improvisada com Alex sob as estrelas, nem sobre a briga que tiveram depois disso, mas tinha que dar alguma resposta a ela. —Não tão horrível quanto eu temia.

—Fico feliz em ouvir isso, — Marce disse com uma risada.

—Quem era o homem com quem você estava falando? — Isso era algo que Ellie raramente via. Marce era reclusa do seu próprio jeito, embora não tivesse se voltado para a bebida assim como o marquês fez. —É um amigo?

—Há muito tempo, pensei que ele fosse um amigo próximo, — Marce respondeu cheia de razão. —Mas algo mudou há alguns anos quando o pai dele morreu – e eu raramente o vejo.

Ellie olhou o homem enquanto ele parava do lado de fora da sala de cartas trocando rápidas palavras com o Sr. Jakeston antes de entrar. Ele tinha uma boa figura e usava trajes sob medidas, o *plastron* tinha sido atado por um criado acostumado a dar nós elegantes. Ele era mais alto que Harold e tinha o cabelo escuro como a noite.

—Ele é muito bonito.

—E você ficará longe dele – a alma dele é tão negra quanto o cabelo, — Marce disse com veemência. —Se algum dia vir aquele homem perto da Craven House – ou de qualquer uma das minhas irmãs – irá me avisar imediatamente. Você me ouviu? — Marce pegou os braços de Ellie enquanto falava, apertando com força para mostrar a importância do que disse.

—É claro, — Ellie concordou, afastando-se do aperto de Marce.

—Obrigada, — Marce relaxou quando Ellie concordou. —Está pronta para ir?

Ellie olhou para Ruby. Elas não tinham trocado mais que duas palavras durante toda a noite. —Devo falar com minha irmã antes de ir.

—Acho sensato, por favor, agradeça a ela por ter incluído a mim e as meninas no convite. — Com um gesto de cabeça, Marce foi em direção a Payton, que estava onde Ellie a tinha deixado, olhando para ela. —Por favor, mande me chamar quando estiver pronta, — Marce disse por sobre o ombro.

Havia muitas coisas que Ellie queria dizer a Ruby, mas essa era a hora errada. Precisava repassar tudo por sua mente antes de arrastar a irmã para a bagunça que tinha criado.

O marquês tinha implorado para ela confiar em Alex.

Agora ela sabia por que – ele não apenas herdaria a propriedade Drake, mas Ellie também teria que casar com ele para manter a sua casa.

E aquilo foi exatamente o motivo pelo qual não foi honesta com Alex desde o início. Na cabeça dela, isso não tinha nada a ver com confiança e tudo a ver com o pai ditando a sua vida.

Havia muito a processar: a verdadeira identidade de Alex como duque e marquês, a casa de Ellie sendo dada a outro, e o último decreto de que ela teria que se casar com um homem que iria ser o responsável por tirar dela tudo o que lhe era querido. Para não mencionar as muitas cartas escritas para um amor há muito perdido – Ellie não tinha pensado que o marquês fosse capaz daquele sentimento em particular. Raiva, sim. Desprezo, certamente. Violência, sem sombra de dúvida.

Mas amor?

Mágoa.

Pesar.

Ele nunca sequer insinuou que sentia essas emoções. Quando, de fato, elas o estavam comendo aos poucos – tomando a capacidade que ele tinha de se simpatizar e ter compaixão muito antes de Ellie se lembrar de um homem que não se afogava em auto aversão e arrependimento.

Se ela fosse tão egoísta quanto Alex a acusara de ser, contaria tudo a Ruby, tiraria todo o peso de seus ombros e os colocaria sobre os da irmã.

E repararia o dano que Ellie tinha causado em seu relacionamento com Alex.

Era importante para Ellie que ela pudesse resolver seus próprios problemas sem sobrecarregar Ruby e seu novo marido. Nenhum deles merecia ser arrastado para a confusão que Ellie tinha criado.

Se isso fosse ela sendo egoísta, então Ellie estava bem com isso. Ela ao menos queria a oportunidade de consertar as coisas por si mesma antes de implorar pela ajuda de Ruby.

Ellie não teve a oportunidade de realmente olhar para Ruby antes. A irmã estava vestindo um vestido prateado, o cabelo preso no alto da cabeça expondo o longo pescoço – algo que há muito tempo o Sr. Jakeston tinha dito que lhe atraíra para a esposa. Usava brincos de pérolas combinando com o cordão. Ela era a epítome da elegância, uma dama da cabeça aos pés. Ellie desejava ter sido abençoada com um grama da graça natural da irmã.

—Irmã, — Ellie cumprimentou. —Obrigada por ter me convidado.

Ruby sorriu, e Ellie entendeu por que o marido estava tão encantado por ela – outra razão que não a bondade dela. —Você sempre será bem-vinda. Harold e eu em breve nos mudaremos para a nossa nova casa, você será muito bem recebida se quiser ir viver conosco. — Quando Ellie sacudiu a cabeça, Ruby prosseguiu, —Ou visitar-nos – sempre que quiser.

—Isso é muita consideração de vocês, mas—

A irmã suspirou, interrompendo Ellie. —Chegará o dia em que você finalmente me tratará como família e não como alguém que você conheceu por aí?

Ellie tinha percorrido um longo caminho desde o dia que conhecera a irmã. A menina que batia carteiras nos distritos mais movimentos de Londres tinha partido. A menina que gritava, brigava e atirava insultos como uma plebeia tinha desaparecido.

Ainda assim, sua descrença tinha se provado muito difícil de superar.

—Estou tentando, Ruby. — Deveria admitir que não sabia como uma família se tratava, mas isso seria mais uma coisa que Ruby tentaria consertar – e Ellie não acreditava que outra pessoa poderia consertá-la. A dor estava dentro de Ellie e não era causada por outras pessoas ao seu redor. Se fosse possível reverter anos de abuso, Ellie teria conseguido isso sozinha. Ninguém podia consertar o que estava errado dentro de si, exceto ela – pois era a única que sabia a extensão e a profundidade de suas feridas. —Mas posso tentar um pouco mais.

Ruby a puxou para um abraço, e Ellie o retribuiu. —Significou muito você ter vindo esta noite. Eu sei que este não é o tipo de atividade que você gosta – e nem eu quis toda essa atenção excessiva – mas é um pouco mais suportável saber que fizemos isso como *família*.

—Ninguém sabe quem eu sou, — Ellie confessou. —Quem dirá que temos relação com um escândalo que foi muito bem escondido no passado.

—Eu sei quem você é – Brock e Vi também sabem, — Ruby disse enquanto se afastava, mantendo Ellie à distância de um braço. —Além disso,

os laços que as pessoas compartilham umas com as outras não são mais sólidos se forem conhecidos por todos. Eu amo você, não importa que às vezes você seja desagradável. E eu tenho certeza de que você se acostumará com a minha intromissão. Aceitamo-nos pelo que somos – e é isso que uma família faz. Amamo-nos apesar de nossos defeitos.

Ellie orava para que fosse simples assim, porque ela tinha muitos defeitos.

Desejou pela centésima vez que pudesse contar tudo à irmã, se ao menos pudesse ter alguém com quem dividir aquele fardo, mas esta noite, no baile dado em honra à irmã, não era a hora nem o lugar para trazer à luz os muitos escândalos da família.

—Boa noite, querida irmã, — Ellie disse apertando rapidamente a mão de Ruby. —Irei visitá-la assim que possível.

Em vez de compartilhar seus problemas com Ruby, Ellie iria embora do baile e voltaria para sua casa vazia, o local que provavelmente não seria mais seu lar.

CAPÍTULO DEZOITO

ALEX VOLTOU A esfregar o rosto com as mãos. Nada fazia sentido – a Sra. Dutton tinha mentido para ele por toda a sua vida, e agora Ellie estava fazendo o mesmo. Preferia ter duas pessoas honestas na sua vida que toda a sorte de propriedades campestres que vinham junto com títulos.

Não tinha ido mais longe que até a cadeira de respaldar alto dentro das portas duplas do escritório de Lorde Haversham. O pensamento de se encontrar com um criado ou um convidado no corredor o manteve ali – estava tão quieto e o local deu a ele a chance de pensar sem ter medo de ser descoberto. A Sra. Dutton viria procurá-lo em breve, ele sabia, mas estava relutante em abrir mão dos poucos momentos de solidão que encontrara.

Para seu desânimo, isso não fez com que ele visse as coisas com mais clareza.

Mesmo ele tendo ficado com raiva de Ellie por ela tê-lo enganado, na verdade, ele estava muito mais ferido.

Arriscara a própria segurança bancando o marquês – e todo o tempo ele só estava assumindo a sua verdadeira identidade.

Havia mais coisas que Ellie não estava lhe contanto – tinha que haver. Não tinha imaginado a proximidade deles nos últimos meses – ou a tendência que ela tinha de abaixar as defesas quando estava sozinha com ele. Que ela não tinha confiado nele o suficiente para lhe dizer mais cedo a profundidade da ligação entre eles. Ela parecia firme e segura por fora, mas ela estava ferida por dentro – possivelmente já não era mais possível que ele ou Ruby pudessem ajudá-la. Que outra razão havia para ela ter ficado trancada dentro de si mesma depois de tudo o que eles passaram juntos?

Alex nunca entenderia as razões que ela tinha para passar assim pela vida. Havia um mundo de pessoas e coisas para experimentar, mas ela preferia ficar escondida, desperdiçando um tempo precioso sem realmente viver.

Foi até ela quase que no mesmo minuto que soube a verdade sobre o seu passado – ela era a única pessoa para quem ele queria contar, e ainda assim, ela não tinha sentido o mesmo. Deveria encarar o fato de que talvez ela nunca

se sentisse da mesma forma que ele. Ela preferia viver um mentira e manter a casa de Drake para si que se arriscar a que ele reclamasse o que era dele por direito. O pensamento de expulsar Ellie de casa nunca tinha passado por sua cabeça. Mas estaria mentindo se não admitisse que o pensamento de eles compartilharem uma casa – e um futuro – não fosse atraente.

Entretanto, Lady Ellington deixou bem claro que não queria nada do tipo – com ele.

Respeitaria os desejos dela, mas não permitiria que ela ficasse com todos os papéis que podiam muito bem provar quem ele era – Lorde Chastain, um duque. Alex sabia muito pouco sobre os pais. A Sra. Dutton não esteve muito tempo com sua mãe para saber muito sobre o passado dela, além do que ela tinha compartilhado pouco antes de morrer, mas ela era uma mulher que ele ansiava conhecer – para conseguir colocar juntas as ações que ela tomou para se assegurar de que o filho crescesse sozinho sem o benefício do seu verdadeiro nome.

Aqueles arquivos continham os segredos do seu passado.

E agora que soube a verdade, recusava-se a viver uma vida pobre e fugindo das suas responsabilidades.

Se o que a Sra. Dutton dizia fosse verdade, a mãe de Alex tinha tirado esse destino dele, mas lhe permitiu a crescer sem medo, permitiu a ele um futuro para que pudesse assumir o controle do que era seu por direito quando ele fosse completamente capaz de fazer isso.

—Ah, então é aqui que você está se escondendo. — Lorde Haversham estava de pé na porta. —A Sra. Dutton mandou um criado perguntar se você já tinha voltado. Ela está preocupada.

—Não tão preocupada quanto eu estarei se tiver que beber mais uma gota de xerez aguado, — o Sr. Jakeston disse, passando por Lorde Haversham e entrava na sala. —Homem de sorte você. Queria eu ter a chance de me esconder. — Ele saudou Alex com a taça vazia.

—Boa noite, meu lorde, — ele disse enquanto se levantava. —E para você, Sr. Jakeston. Eu estava na varanda – tomando ar. Já estava indo para o meu quarto—

Lorde Haversham ergueu a mão impedindo-o de continuar falando. —Eu não sou seu guardião ou seu tutor. Você já é um homem e falta poucos anos para atingir a idade adulta – é um convidado em minha casa – suas idas e vindas não dizem respeito a mim. A menos que você queira compartilhá-las, é claro.

—Quer uma bebida? — O Sr. Jakeston disse por sobre o ombro enquanto pegava um copo no aparador e abria uma garrafa preenchida com um líquido claro. Alex só podia ver Ellie, ajoelhada atrás dele enquanto encharcava as suas costas com a bebida. —Brock e eu tomaremos uma – você deveria se juntar a nós, Alex. Posso dizer que há algo te preocupando.

Alex só fez que não, encolhendo-se ao lembrar a forma que Eckles tinha ficado depois de beber demais – embora Alex soubesse a diferença entre beber casualmente e beber até secar a garrafa.

Jakeston serviu uma dose generosa em dois copos, ignorando a resposta que Alex lhe deu, então preencheu a própria taça com o xerez. Alguém deve ter avivado o fogo enquanto Alex falava com Ellie lá fora, já que ele rugia na lareira.

—Venha, sente-se conosco. — Lorde Haversham se jogou no sofá em frente ao Sr. Jakeston, esticou-se e fechou os olhos. —Oh, eu realmente recomendo a paternidade, mas gostaria que as horas não fossem tão longas. Por que as crianças não entendem a necessidade do sono?

O Sr. Jakeston entregou a bebida a Alex enquanto se sentava na última poltrona disponível. —Uma criança não pode ser tão cansativa quanto a reforma de uma casa velha e decrépita. Estamos trabalhando há meses, e temo que a propriedade não esteja melhor do que estava no dia que eu paguei por ela.

—Você sabe que você pode ficar aqui tanto quanto precisar, — Lorde Haversham respondeu sem abrir os olhos. —Além disso, Vi e eu somos muito gratos pela ajuda de Ruby com o bebê.

—Acho que vai ter que ser isso mesmo.

—Então é melhor você começar a importar o próprio xerez porque você já quase acabou com tudo o que eu tinha, — Lorde Haversham riu.

Alex buscou conforto na discussão dos dois. Isso reforçava que nem sempre as pessoas eram traiçoeiras – e que existiam relacionamentos construídos a base da honestidade e do carinho, mesmo que as duas pessoas mais próximas a ele tinham provado não ser nada do primeiro.

—Então, diga-nos o que te aflige, — o Sr. Jakeston incitou enquanto bebericava o vinho, os lábios tingidos por um leve tom de vermelho. —Você pode distrair dois velhos de sua existência mundana e vazia.

Alex planejou procurar Lorde Haversham para se aconselhar, mas não tivera tempo para pensar sobre todas as opções que tinha, nem teve a oportunidade de repassar os documentos enviados pelo advogado. Eles

podiam muito bem não lhe dar nenhuma nova informação sobre o seu passado, mas eles lhe diriam como ele veio a herdar a propriedade e o título de Drake – deixando Ellie sem teto e, se as muitas histórias que ela contava sobre a crueldade do marquês fossem verdade, sem um tostão. Não que Alex fosse condená-la para aquele destino, mesmo com as últimas ações dela – ele não tinha nenhum uso para qualquer coisa que estivesse ligada ao título de Drake; mesmo que a lei permitisse que ele ficasse com o título para manter as aparências, ela poderia usar a propriedade e a riqueza que tinha com ela do jeito que quisesse.

Tinha crescido com nada, então mesmo se a propriedade Chastain estivesse falida, ao menos teria um teto sobre a sua cabeça – e então lidaria com tudo conforme fosse necessário.

—Você nos fará interrogá-lo como se fôssemos um bando de mulheres barulhentas? — Lorde Haversham perguntou enquanto se sentava. —Tome a sua bebida e comece a falar... não podemos ficar longe de nossas esposas por muito tempo.

—Eu... — Alex fez uma pausa, levando o copo à boca. O líquido queimou enquanto descia por sua garganta, mas o aqueceu por dentro. —Não sei por onde começar. Não se passou muito tempo para que eu pudesse entender tudo.

—Comece pelo que lhe aflige agora, — o Sr. Jakeston disse. —Você parecia bem desolado quando entramos. Em que você estava pensando?

—Um homem pode viver a vida sem aceitar as suas responsabilidades? — A pergunta era vaga, dando aos homens a oportunidade de lhe aconselharem sem serem sobrecarregados com a verdade que afligia Alex. — Eu não estou fugindo delas, para vocês saberem. Só imagino se a opção de ignorar a existência delas é plausível.

Os homens riram. A risada de Lorde Haversham era gutural enquanto a do Sr. Jakeston era melodiosa.

—Eu disse algo engraçado?

—Você está nos perguntando sobre aceitar as responsabilidades? — O Sr. Jakeston parou de rir por tempo o bastante para fazer a pergunta. —Eu, um homem criado para assumir o vicariato da propriedade Haversham, que passou anos discutindo com o pai, vadiando por Londres com Brock – e praticamente ignorando os muito pedidos da minha mãe para voltar para casa?

—Oh, eu acho que eu posso superar isso, — Lorde Haversham ficou sério. —Passei quase dez anos arriscando a minha vida em batalhas para não ter que lidar com a morte dos meus irmãos e evitar o meu pai distante, que morreu sozinho por eu ser egoísta demais e estar com raiva demais para ficar na Inglaterra.

—Sim, Lorde Haversham está certo, — o Sr. Jakeston confirmou. —Não sabemos nada sobre responsabilidades ou sobre ignorá-las.

Pela primeira vez desde que tinha conversado com a Sra. Dutton na noite anterior, Alex sentiu um pouco da pressão deixando os seus ombros. Se Lorde Haversham e o amigo tinham passado anos fugindo de suas responsabilidades, e ainda assim viviam vidas plenas, talvez Alex também pudesse fazer o mesmo.

—Se vocês pudessem voltar no tempo, aceitariam as suas obrigações imediatamente ou fariam exatamente o que fizeram?

Lorde Haversham coçou a mandíbula enquanto pensava. —É difícil responder isso. Eu tinha muita raiva borbulhando dentro de mim e minha necessidade de vingança era avassaladora. Eu não teria sido capaz de perdoar Vi por sua participação na morte dos meus irmãos – e eu não posso, neste momento, imaginar como seria a minha vida sem ela ao meu lado.

—Algo muito parecido com o que Brock disse, — Jakeston disse depois de terminar a bebida, —se eu tivesse cedido à insistência do meu pai para que eu assumisse o vicariato, eu não estaria em Londres e nem teria encontrado Ruby. Se eu não tivesse me intrometido na busca dela pelo pai, então ela provavelmente não teria se envolvido com um homem como eu.

—Oh, não precisa soar tão triste, Harold. Que mulher resistiria a um homem tão conectado ao seu lado mais sensível? Falando nisso, Lady Haversham perguntou hoje sobre como anda o seu ponto de cruz.

—Estou reconsiderando seriamente as minhas opções de onde morar, — o Sr. Jakeston murmurou. —De qualquer forma, você só pode fugir delas por um tempo – e às vezes evitar suas responsabilidades só faz com que seja mais difícil lidar com elas quando chegar a hora.

—Talvez se soubéssemos um pouco mais sobre o seu problema, poderíamos lhe aconselhar melhor.

Alex sentiu que devia alguma coisa a eles – talvez não toda a gravidade da situação, mas mais do que ofereceu até aqui. —Eu descobri há pouco tempo quem são os meus pais.

—Isso é maravilhoso, — Lorde Haversham disse com uma alegria que Alex não sentia. —Isso deve lhe dar um pouco mais de segurança.

—Desejava que este fosse o caso, meu lorde. Mas com essa informação veio a notícia brutal de que a mulher que tinha me criado manteve a minha identidade em segredo por toda a minha vida. — Alex não sabia se poderia guardar rancor da Sra. Dutton por muito tempo. —Mas em defesa dela, ela estava fazendo exatamente o que a minha mãe tinha pedido.

—A Sra. Dutton não tem um osso ruim em seu corpo, — Lorde Haversham confessou. —Ela é uma das mulheres mais altruístas que eu já conheci. Tenho certeza de que ela fez o que achava melhor.

—Não duvido de que isso seja verdade, — Alex concordou. —Mas as nossas vidas teriam sido menos difíceis se ela tivesse sido honesta comigo.

—E você teria ido contra os desejos de sua mãe? — O Sr. Jakeston perguntou.

Nenhum deles sabia sobre o que ele estava falando – não sobre a morte dos seus pais, seu direito à propriedade Chastain ou ao título de Drake. Tinha mantido mais coisas para si do que tinha compartilhado, mas ainda assim os homens estavam dando bons conselhos.

—Eu não sei o que teria feito com a informação, mas sei que teria valorizado a escolha.

—Às vezes escolhas não são uma opção tão boa quanto as pessoas pensam. — Lorde Haversham se levantou para preencher o copo. —Com o conhecimento vem a inequívoca necessidade de tomar uma decisão – de fazer alguma coisa. É como diz aquele velho ditado: “a ignorância é uma bênção.”

—Isso é muito sábio, meu lorde. — Alex colocou o copo na mesa ao lado dele, o fogo da bebida não era algo que ele gostava já que outras coisas fogosas eram mais do seu gosto. —Acho que foi melhor eu descobrir agora do que quando era mais novo.

—Viu, Harold, — Lorde Haversham disse, batendo no joelho dele com a mão livre. —Nós somos sábios. Alex, há alguma chance de você repetir isso para as nossas esposas? — Os dois riram mais uma vez, achando o pedido de Lorde Haversham muito engraçado.

Alex desejou ter segurança sobre a própria identidade para ser tão despreocupado quanto aqueles dois. Mas não pôde deixar de pensar que se as coisas fossem diferentes, ele teria sido criado como sendo seus iguais – e não como um criado.

Foi Ellie que deu a ele o primeiro vislumbre sobre quem ele realmente era. Vestir aquelas roupas elegantes tinha parecido certo, mais certo do que o traje de cavalariço que usava todos os dias.

—Devo ir procurar a Sra. Dutton antes que ela envie toda a festa atrás de mim. Obrigado por tomarem um tempo para falar comigo. — Precisava sair dessa sala antes que qualquer um deles lhe fizesse uma pergunta que não estava pronto para responder. —Desejo boa noite aos dois. Tenho muito em que pensar – e alguém para ver logo que amanhecer.

Ele estava quase na porta quando Lorde Haversham disse, —Não deixe a mulher ficar muito tempo pensando que você não irá perdoá-la.

Eles não estavam falando da Sra. Dutton, embora Alex não tivesse ideia de como eles sabiam que era outra mulher que o preocupava. Seus pensamentos – e os deles – eram de uma mulher, Ellie. E ela ofuscava cada dúvida que tinha em mente.

—Esse conselho é muito bem-vindo – e não tema, não posso prosseguir sem ela em minha vida.

CAPÍTULO DEZENOVE



ALEX SE SENTOU no mesmo escritório entulhado de poucos dias antes, novas caixas e pilhas de documentos preenchiam cada ponto onde antes ficavam as coisas de Drake. O escritório tinha sido muito bem fechado, não havia luzes passando pelas janelas quando ele chegou uma hora antes, mas Alex não sabia mais onde encontrar respostas.

O Sr. Adams tinha mencionado ter conhecido Lady Chastain, a mãe de Alex. Ainda o chocava saber que tinha uma mãe – tinha crescido acostumado com a ideia de que as outras pessoas tinham mães, mas a Sra. Dutton tinha sido o mais próximo que tivera de uma.

Assim que esse pensamento fincou raízes, Alex tinha que aprender mais, por todos os meios necessários, antes que falasse com Ellie ou com Lorde Haversham.

E por isso, saiu da casa Haversham e bateu na porta do escritório do Sr. Adams até que o homem descesse tropeçando as escadas, ainda trajando as roupas de dormir e esfregando os olhos.

Se o homem ficou surpreso ao ver Alex em uma hora tão ímpia, não mencionou. Fez sinal para que ele entrasse e então desapareceu para poder ficar apresentável.

Isso tinha sido...

Alex olhou para o relógio na parede, buscando por confirmação.

Há quase trinta minutos.

Não havia nada a fazer senão aguardar – e esperar que o homem lhe desse mais informações do que a Sra. Dutton possuía.

—Oh, meu lorde, — o Sr. Adams o cumprimentou enquanto entrava no cômodo. —É um prazer voltar a vê-lo.

Alex ficou de pé, por um minuto esquecendo a sua posição e parou a tempo de não curvar a cabeça em respeito ao homem. —Sr. Adams, — Alex disse, retomando o seu assento. —Obrigado por me receber.

O homem passou a mão pelo cabelo bagunçado, como se perturbado pela ideia de um duque estar feliz por ter uma reunião com *ele*. —Peço desculpas

por não ter conseguido te encontrar na outra manhã, mas sua governanta me assegurou de que você seria notificado sobre a minha visita.

—Ah, sim. — Alex pressionou as mãos nas coxas, buscando mudar o rumo da conversa sem se sentir o abutre que pensava que era. —Agradeço a sua rapidez em enviar os documentos. É só que... eu tenho mais algumas perguntas.

—Certamente, meu lorde. — Adams tateou a mesa enquanto ele falava, os dedos dele finalmente encontraram seus óculos. —Estou à sua disposição. Como você já deve ter notado, todas as contas da propriedade estão em dia, e o problema com o teto da sua propriedade no campo foi resolvido assim que me falaram—

—Hmmm, não, — Alex interrompeu. —Eu não estou preocupado com os assuntos das minhas propriedades.

O homem se ergueu um pouco mais em seu assento, como se estivesse se preparando para receber péssimas notícias.

—Estou aqui por causa da minha mãe – e do meu pai, — ele adicionou como se só tivesse pensado nele depois. Alex sabia que assim que reclamasse a propriedade, a casa do pai lhe daria grande riqueza de conhecimento sobre ele, o falecido duque, mas a Sra. Dutton dissera que a sua mãe não era da Inglaterra e que ela só estava casada há pouco tempo com Lorde Chastain quando eles morreram. —Você disse que a conhecia, estou certo?

—Por que, sim, eu disse isso, eu não, eu, — ele pensou. —Às vezes falo sobre coisas das quais eu não sei nada.

—Mas você a conheceu?

—É claro, mas temo que não tão bem quanto você pensa.

Alex estava desesperado para saber qualquer coisa que o homem pudesse lhe contar, até mesmo a cor do cabelo dela era um mistério para ele.

—Certamente eu não tenho mais informações que as que os criados dos seus pais possam ter compartilhado ao longo dos anos.

Alex precisava se agarrar tanto à verdade quanto fosse possível, pois Adams não sabia que ele não tinha sido criado como o futuro duque. —Meus pais não estavam casados há muito tempo quanto eu nasci – e quando morreram.

Adam inclinou a cabeça como se estivesse fazendo uma breve prece ou se sentindo mortificado por ele ter feito Alex falar sobre a morte dos próprios pais.

Alex começou a sentir uma forte dor no estômago, calando a dor que ainda sentia em suas costas. Doía por alguma coisa – por *alguém* – que nunca tinha conhecido. A mãe tinha roubado isso dele.

—Eu só queria saber mais sobre a minha mãe, isso é tudo, — Alex admitiu. —Os criados não a conheciam muito bem. — Ele manteve a voz uniforme, como se estivesse falando sobre negócios ou sobre o frio e a umidade causada pela aproximação de uma tempestade. Algo sobre permitir que este homem visse o quanto estava vulnerável fazia com que Alex ficasse desencorajado.

—Não há muito a dizer, — Adam fez uma pausa, parecendo como se tentasse lembrar alguma coisa de importante sobre a falecida Lady Chastain. —Houve muito burburinho quando ela chegou em Londres, mas ela se casou com o seu pai, o duque, rapidamente – na propriedade do campo.

Isso já era algo que Alex sabia.

—Deve ter sido um cortejo rápido, pois se casaram e não foi muito depois que voltaram para Londres que sua mãe descobriu estar grávida. — Adams sorriu. —Mas isso com certeza deixou o Marquês de Drake com um humor muito ruim. Acho que ele estava encantado por sua mãe e se sentiu menosprezado quando ela escolheu o seu pai.

Sem perceber, Alex estava sentado na beirada do assento, inclinando-se em direção ao advogado enquanto se pendurava em cada palavra que o homem dizia. Obrigou o corpo a se ajeitar na cadeira. —Sim, ouvi dizer que ela não estava em Londres há muito tempo, mas os criados, eles não sabem exatamente de onde a minha mãe era.

Adams podia não estar longe da verdade com o que pensava sobre o cortejo rápido entre Lorde e Lady Chastain. A Sra. Dutton tinha deixado isso muito claro. O pai, Lorde Chastain, tinha sido um homem muito colérico.

—Sobre isso, temo não poder ser de muita ajuda, eu sei que foi em algum lugar na França, como disse antes. — Adams olhou para ele, e Alex esperava que ele só visse um filho ansiando saber mais sobre seus pais, o que era verdade. —Houve muita fofoca sobre a sua mãe depois que ela morreu – houve rumores e os jornais até mesmo noticiaram que ela e os pais foram enviados pela França para espionar nosso país.

Adams riu em uma tentativa de aliviar o clima, mas as palavras casavam exatamente com o que a Sra. Dutton tinha dito. Era possível que os jornais de escândalo estivessem certos?

—Sim, isso é estranho, — Alex riu junto. —Não posso imaginar o que os levou a publicar algo tão disparatado.

—Oh, teve algo a ver com os pais dela fugindo do país – e um francês ter sido encontrado morto em um dos estábulos da cidade. Penso que eles presumiram que um francês morto deveria estar ligado a todos os franceses da cidade. Era absurdo... e doloroso para a memória dos seus pais.

—Um absurdo, sem sombra de dúvida. — Alex se lamentava por não ter tido a chance de falar com Drake antes de ele morrer, mas não entendia por que o marquês não tinha falado sobre a conexão que tinham. Era uma ligação com a mãe que nunca recuperaria, alguém que a conheceu – que realmente a conheceu – em um nível mais profundo que o que uma criada conhecia a sua senhora. —E quanto aos parentes da minha mãe? Alguém deve tê-la trazido para Londres.

—Oh, sim. — Os olhos do homem se acenderam como se lembrasse de um fato passado bastante obscuro. —O *comte* e a *comtesse*. Sua mãe era da nobreza francesa, embora os ingleses tendam a olhar de cima para a nobreza estrangeira. Eles deixaram Londres logo após a morte de Lady Chastain – desapareceram no ar, foi isso. Acredito que a partida apressada deles também deu uma aura misteriosa para a sua mãe. O marquês gastou muitos anos procurando por eles – e muito dinheiro também. Ele me trouxe carta após carta para ser enviada para a França. Mas se ele recebeu alguma resposta, não foi através do meu escritório.

—Mas eventualmente, ele parou de enviar as cartas? — Alex perguntou. A mãe era filha de um conde francês – e provavelmente mais que uma espiã, isso fez Alex se perguntar, por quê? Por que Londres e por que Lorde Chastain? Faria sentido se ela estivesse indo contra os pais e se casando por amor, mas este não tinha sido o caso, de acordo com a Sra. Dutton.

—Sim, pouco mais de dez anos atrás, se me lembro bem, — o homem disse. —Foi mais ou menos na época que ele trouxe várias caixas com uma miscelânea de papeis e cartas. Ele me instruiu a guardá-los até que você viesse procurá-los – e então nossos encontros começaram a diminuir de frequência, até que um dia ele me disse para lidar com as coisas como eu achasse melhor.

—Isso é comum?

—Nada com o marquês poderia ser classificado como comum. — Adams pigarreou antes de prosseguir. —Perdoe a minha resposta direta, meu lorde. Há algo mais que deseje saber? Não há muito mais que eu possa lhe dizer.

—Minha mãe, como ela era? — Fazia sentido, por alguma razão, Alex precisava saber sobre a mãe pelo ponto de vista de outro homem, não pelo da Sra. Dutton, que a via como uma menina jovem demais para as responsabilidades que estavam sobre ela. —Você poderia me dizer?

O pescoço do homem começou a corar e o rubor foi se espalhando por seu rosto. —Ah, bem, veja bem, — ele gaguejou. —Eu só a vi uma vez e de longe, mas ela tinha o cabelo muito preto e os olhos que quase brilhavam quando olhava para você – não que alguma vez ela os tenha voltado para mim, é claro.

—É claro que não, — Alex concordou com o homem, esperando que ele continuasse a falar.

—Mas eu posso ver com claridade por que cada homem falava dela como se ela fosse um anjo enviado dos céus – eu me lembro de ela ser muito alta e elegante. Ela estava destinada para coisas grandiosas, antes— Ele cortou as palavras antes de dizê-las, mas Alex sabia que o advogado estava prestes a dizer *antes que ela morresse*. —Oh, bem, essas coisas são desagradáveis. Isso é tudo?

Quando Adams ficou de pé, Alex soube que a reunião tinha chegado ao fim e que tinha sabido tudo o que era possível, ou tudo o que o homem estava disposto a compartilhar.

Alex fez o mesmo, agradeceu ao homem pela reunião antes de partir. Ainda era cedo, certamente cedo demais para um visita social, mas Alex precisava falar com Ellie e descobrir que informação, se tivesse alguma, estava naquelas caixas e o que dizia respeito à sua mãe – e sua vida malfadada.



Ellie olhou para o amontoado de papéis e as pilhas de documentos que estavam espalhados pela sala. Não tinha aprendido uma coisa além do que já sabia em suas muitas horas de leitura. Tudo o que a noite tinha lhe dado era dor nas costas e nos olhos.

Queria ir para a cama – mas primeiro, precisava preparar tudo para ser entregue.

—Quero que tudo isso volte para as caixas e os baús, — Ellie instruiu a dois lacaios que estavam parados na porta. —O mais rápido possível, se vocês puderem fazer o favor.

Ela estava além da exaustão, e ainda usava o vestido da noite anterior. Mal tinha saído da carruagem de Lorde Haversham quando pôs mãos à obra.

E o vestido bonito pelo qual tinha pagado uma quantia exorbitante estava arruinado – poeira e tinta manchavam o material delicado, era improvável que ele limpasse.

—Organizei o máximo que eu pude. — Ela apontou para uma pilha bem alta, que estava meio inclinada para a esquerda, e parecia que ia cair a qualquer momento. —Aquela lá deve ir para o baú preto. O resto nas caixas menores.

—Sim, milady, — o lacaio disse. —E vamos *levar elas pra* casa Haversham?

—Isso mesmo. — Ellie andou pela casa enquanto os homens começavam a preencher as caixas, pensando no que decidira. Fez duas descobertas durante a noite. A primeira foi que se desse todos os papéis para Alex, ele não teria outra escolha senão perdoá-la.

A outra foi que não poderia viver sem ele.

E se depois de entregar todas as caixas para ele Alex ainda quisesse ir embora, ao menos isso deixaria a sua mente em paz, pois saberia que teria feito a coisa certa – no final.

Os dois empacotaram tudo rapidamente e então ela foi capaz de descarregar tudo, o que foi bom porque se não fosse o caso, ela teria tempo para mudar de ideia. Se quisesse ser igual ao pai, teria queimado cada um dos papéis que estavam naquela sala – negar a existência deles e continuar bancando a senhora da mansão. Mas se quisesse provar que não era a menina mesquinha e egoísta que Alex pensava que ela era, então precisava entregar tudo a ele, e permitir que ele tivesse a chance de decidir por si mesmo se iria ou não expulsá-la da casa. Não o culparia pelas decisões que ele tomasse, qualquer que fossem.

Ellie tinha tomado muitas decisões ultimamente, e nenhuma delas foi boa. Mas esta – enviar toda a papelada para ele – era a certa.

Se a noite passada não tivesse acontecido, Ellie não sabia se teria compartilhado com ele o que descobriu. E isso só comprovaria que ela era mesmo filha de seu pai.

E esse pensamento a assustou mais que a possibilidade de ter tudo o que lhe era querido arrancado de suas mãos.

Os dias trilhando o mesmo caminho de destruição do pai tinham chegado ao fim.

Um futuro fadada a estar sozinha, bebendo até a inconsciência sem ter ninguém para se importar ou notar. Certamente este seria o seu destino se continuasse assim. Iria lutar com todas as suas forças para que isso não acontecesse.

A única coisa com a qual não poderia sobreviver era com Alex perdendo a fé nela, mesmo se ele escolhesse seguir sem ela – ela não deixaria que ele pensasse que ela era o monstro que se provou ser. Nunca pensou em considerar o que os outros pensavam dela, mas se importava com o que aquele maldito pensava.

Se fosse honesta, ela mais que se importava com o que ele pensava dela.

Tudo o que fizera no último ano tinha sido por ele, apesar de tudo o que o pai impregnou dentro dela. Alex a tinha obrigado a perceber que o que ela era não tinha nada a ver com o seu passado, mas com o futuro que queria ter.

Ellie queria que Alex voltasse para a Drake House – permanentemente, mesmo se isso significasse que ela virasse esposa dele. Que maneira melhor de provar que confiava em outra pessoa que não dando a ele total controle – sobre ela e sobre o seu corpo?

—Está tudo pronto, milady.

—Tudo deverá ser levado para—

—O que está acontecendo aqui?

Ellie olhou para a porta.

—Não toquem em nada. — Alex ficou parado na sala, com as mãos nos quadris, bloqueando a saída dos lacaios, enquanto a olhava da cabeça aos pés. Ellie usava o vestido da noite passada. Ele estava amarrotado e manchado. — Eu perguntei o que está acontecendo aqui? — Ela pensou que ele estivesse com raiva no jardim, mas agora ele fez os dois lacaios vacilarem, colocando as caixas que carregavam no chão. —Vocês dois – fora!

—Alex, eu estava—

—Você estava o quê? — a voz dele ribombou, preenchendo a sala enquanto dava um passo ao lado para que os lacaios saíssem. —Descartando qualquer coisa que comprovasse a minha identidade?

—Não, — Ellie rebateu, sacudindo a cabeça. Ela foi até ele, com as mãos erguidas numa tentativa de acalmá-lo. —Eu estava mandando tudo—

—De volta para o escritório do advogado... para ser jogado no Tâmisa... talvez você tenha localizado uma caverna onde eles jamais fossem encontrados. — Alex olhou para as muitas caixas que agora estavam

arrumadas. —Eu só posso imaginar até onde você iria para esconder as coisas de mim.

As acusações dele acenderam a sua fúria. —Basta! — Ele deu um passo para trás por causa do grito, a incerteza nublou a expressão dele pela primeira vez desde que entrou na sala. —Estava preparando tudo para que fosse entregue a você – na casa Haversham.

—E você espera que eu acredite—

—Eu não me importo com o que você acredita, — Ellie ergueu ainda mais a voz. —Nunca foi a minha intenção esconder nada disso de você. Eu só precisava de tempo para que toda essa bagunça se resolvesse dentro da minha cabeça.

—Por que não poderíamos ter resolvido tudo juntos?

—Porque eu sou a única que sai perdendo nessa situação. — A voz dela se ergueu a cada palavra. —Enquanto você tem tudo a ganhar.

—Eu nunca tiraria nada de você, — ele disse. As palavras deveriam tê-la tranquilizado, mas a sua voz ainda estava carregada de raiva.

—Isso não é escolha sua.

—É claro que é.

—Não é não! — Ellie foi até o baú maior e o abriu, remexeu alguns arquivos que estavam por cima a procura do pedaço de papel que ditava o seu futuro. Encontrando-o, entregou-o para ele. —Isso é o que me condena a um futuro que não é escolha minha – nem sua.

Ele pegou o papel sem sequer olhar para ele. —Ninguém pode te obrigar a viver uma vida que não deseja, minha lady.

—Veremos se isso muda alguma coisa. — Ela cruzou os braços sobre o peito. —Leia.

Um olhar confuso preencheu o rosto dele e os ombros dele se enrijeceram enquanto lia o papel. Ele olhou para ela várias vezes antes de ler e reler o seu destino, como se ele não acreditasse – como se não pudesse acreditar.

—O falecido marquês – seu pai... — ele disse ofegante. —Ele não me conhecia. Por que ele iria—

—O homem era – ainda é – um mistério.

—Mas ele exige que você se case com um homem que você mal conhece.

—Nós nos conhecemos um pouco mais que isso, — ela disse.

—Sim, mas ele não sabia que isso aconteceria. — Alex entregou a carta para ela. —Queime – queime tudo. Liberte-se.

—Isso não faria nenhum bem, — Ellie suspirou, recusando-se a pegar o papel. —É provável que o advogado tenha cópias de tudo em seu escritório.

—Eu nunca tomaria a sua casa se você se recusasse a se casar comigo. — Alex colocou o papel ofensivo em cima de uma mesinha e se sentou. — Como o homem pode ter te colocado nessa posição?

—Ele amava a sua mãe, — Ellie confessou. —Pensava que estava fazendo a coisa certa por ela ao assegurar o seu futuro.

—Às custas da felicidade e do bem-estar da própria filha? — Alex sacudiu a cabeça. —Eu não conheci os meus pais, mas tenho certeza de que a minha mãe não ia querer que ele fizesse isso.

—Eu não posso falar nem pelo meu pai, nem pela minha mãe, já que eu não os conheci assim como você não a conheceu. — Ellie afundou no sofá ao lado dele. —Mas posso confirmar que está tudo ali para você ler. Cada carta e bilhete em que ele declarou amor eterno a ela, e a implacável busca por você.

—Você estava mesmo mandando tudo para a casa Haversham? — Alex se inclinou no sofá, a tensão sendo drenada de seu corpo, apenas para voltar a se enrijecer quando as costas entraram em contato com o material áspero. — Depois de todas as coisas ofensivas que eu disse.

Ellie não tinha querido brigar com ele, nem afastá-lo, mas casamento? Ainda não podia se imaginar casada com nenhum homem, quem dirá com Alex.

—Posso te fazer uma pergunta?

—Certamente, — Ellie respondeu, apoiando-se na almofada, imitando a pose dele. —Acredito que não vá doer.

—Você quer esta casa?

—É tudo o que eu tenho. — Era a única forma de responder a pergunta dele, mas havia muito mais a ponderar. —Não conheci nenhuma outra, embora ela abrigue muitas mágoas.

—Então eu nunca pediria para que você a deixasse. — Ele bateu as mãos nos joelhos, como se todos os seus problemas estivessem resolvidos por causa dessa simples pergunta e sua resposta descomplicada. —Eu deveria ir.

—Mas você deve ficar, — ela disse alarmada.

—Não, isso não é possível. — Ele ficou de pé, esticou os braços e abriu e fechou as mãos. —Esta pode ser a sua casa, mas não é a minha.

—Você pode voltar – eu lhe imploro.

Ele só sacudiu a cabeça, negando o único pedido de Ellie. —Eu tenho uma casa – e um título – e já passou da hora de eu aceitar a responsabilidade que vem com isso.

—Você está me deixando? — Odiou o desespero em sua voz. O pensamento de precisar de alguém assim como precisava dele era assustador. —Eu sinto muito. Foi injusto de minha parte. — Ela olhou para as mãos fechadas em seu colo.

Ele se inclinou para frente, usando dois dedos para inclinar a cabeça dela e então seus olhos voltaram a se encontrar. —Eu não estou te deixando – estou indo me fazer ser digno de você.

—Como você pode ser tão altruísta? — ela perguntou, prendendo o seu olhar. —Eu te magoei repetidas vezes – falei contigo de forma pouco respeitosa. E você ainda não vai me deixar de lado.

Alex ajoelhou na frente dela, ele ainda segurava o seu queixo. —Em primeiro lugar, é o meu dever cuidar de você. Minha lealdade como seu criado – mas também fiz uma promessa à sua irmã. Quanto mais eu ficava de olho em você, mais eu via uma mulher tentando desesperadamente se livrar do molde que o pai tinha escolhido para ela.

—Eu não sabia que estava precisando de mudança, como você pôde perceber?

—Você se importa com os outros.

—Eu tentei bastante não permitir que essa fraqueza destruísse o meu bom senso.

—Eu não vejo isso como fraqueza, mas então por que você passava horas olhando para mim lá do sótão do estábulo? — ele perguntou.

—Eu – bem...

—E Ember? — ele incitou. —Não havia razão para você trazê-la para Londres. Deixei bem claro que cuidariam dela nos estábulos de Foldger’s Hall.

Ellie tentou tirar o queixo da mão dele, mas ele a segurou com firmeza. Era difícil pensar com ele tão perto, tudo o que notava eram seus olhos, os lábios e a mandíbula forte – fazendo com que seus pensamentos inteligentes batessem em retirada.

—Você pode falar com sinceridade, minha lady.

—Ellie, — ela suspirou. —Meu nome é Ellie.

—Ellie, — ele pronunciou o nome lentamente, deixando cada letra rolar por sua língua.

—Eu não quero ter o mesmo destino do meu pai.

—Que foi? — O rosto dele estava a poucos centímetros, o calor do hálito dele cobria a sua bochecha.

—Eu não tenho certeza agora, — ela admitiu. —Eu sabia que não queria ser amaldiçoada a ficar sozinha por toda a eternidade – estando com raiva e vazia.

—E agora?

—Eu tenho certeza que nunca quero ter o coração partido.

—O seu coração está em perigo, Ellie?

Mais do que qualquer um deles sabia. Em vez de dizer isso, Ellie se inclinou e pressionou os lábios contra os dele.

E soube naquele momento que todo o seu futuro estava em perigo, pois amava aquele homem, e ela desistiria de bom grado da sua casa e do seu coração, só para tê-lo.

CAPÍTULO VINTE

ALEX DEVERIA SOLTAR Ellie – dar um passo atrás, dar a ela tempo para pensar, mas em vez disso, envolveu-a em seus braços, puxando-a para perto enquanto seus lábios se encontravam. Os seios dela pressionaram contra o seu peito enquanto as mãos buscavam o seu pescoço e acariciavam o seu cabelo.

O toque dela era prazer puro e visceral.

Algo que nunca percebeu que faltava em sua vida.

Alex passou os dedos pelas costas dela enquanto suas bocas dançavam, a dor nas suas costas tinha desaparecido, seu desejo por ela nublou todos os seus sentidos.

Cada pensamento de sair daquela sala, descobrir o seu lugar na sociedade e voltar para ela quando pudesse sustentá-la com algo mais que uma baia seca no estábulo, fugiu da sua mente.

Ele só precisava dessa mulher – e nada mais.

Ellie se afastou, os olhos procurando os dele.

—Por favor, — Alex gemeu. Foi a sua vez de implorar. —Não... — Ele não tinha ideia do que estava pedindo, só que sabia que queria mais – mais do corpo dela pressionado contra o seu, dos dedos dela correndo por seus cabelos e certamente mais dela.

Qualquer coisa para manter seus problemas afastados e Ellie nos seus braços.

—Você ainda está bravo comigo por eu ter escondido tudo isso de você?

—Eu não posso me recordar de quando estava com raiva de você, Ellie. — Ou como ele poderia ter ficado com raiva dela. Eles eram parceiros em um esquema muito maior – um que tinha sido fadado a acontecer muito antes de qualquer um ter idade o suficiente para falar. Ele a puxou para frente mais uma vez e levou a boca à mandíbula dela, pressionando beijos leves até que seus lábios chegassem à orelha dela. —Eu só quero que você seja feliz, — ele sussurrou.

E se a felicidade dela conduzisse à sua própria felicidade, seria ainda melhor.

Respeitaria a decisão dela, caso não quisesse incluí-lo, mas não desistiria facilmente. Ele sabia como era a felicidade, e isso incluía cabelos vermelhos como o fogo e olhos muito verdes.

—Eu não sei ao certo do que é felicidade. — As palavras o assustaram, e foi ele quem se afastou dessa vez, os olhos buscando os dela. —Alex... — ela fez uma pausa, dando um beijo rápido nos lábios dele. —Minha vida foi cheia de conflitos. Palavras e ações dolorosas... falsas intenções. É isso que família é para mim. Dor e mágoa.

—Eu posso lhe mostrar—

—Você merece mais do que qualquer coisa que eu poderia trazer para a sua vida.

—Como você sabe disso?

—Olhe o que eu fiz com Ruby, — Ellie disse exasperada. —Ela só me tratou com bondade – e tudo o que eu fiz foi dar a ela outra pessoa com quem se preocupar. Eu faço o que quero, quando quero, não importa o que isso cause aos outros. Na maior parte do tempo, eu sequer penso que minhas ações ferirão alguém. Eu não posso ser o tipo de pessoa que você quer ter.

—Estou além de cansado com as pessoas achando o que é melhor para mim ou tendo a pretensão de saberem o que eu quero da vida. — Ele levantou, tentando clarear a mente, foi até a porta e então voltou. —Estou cansado de me esconder. Eu não sabia, mas fui obrigado a me esconder desde que era um bebê, levado de lá para cá quando parecia que alguém tinha descoberto onde eu e a Sra. Dutton estávamos.

—Eu sinto muito— Ela parecia prestes a romper em lágrimas.

—Você não tem nada a ver com o meu passado, — ele assegurou. —E agora eu acho que posso ter fundos o suficiente à minha disposição para que eu não passe todas as noites congelando, embrulhado nos cobertores finos que a Sra. Dutton podia pagar. Teríamos comido mais que pão velho e caldo ralo. — Assim que as palavras começaram a fluir, foi incapaz de pará-las, embora ele provavelmente estivesse deixando Ellie confusa com as suas divagações. Mas ela precisava saber tudo antes que o relacionamento deles fosse mais longe. —Passei anos me culpando – e por ser o fardo que pensava que era para a Sra. Dutton, devido a nossa constante necessidade de estar mudando. Se ao menos eu fosse capaz de ganhar o meu sustento, se ao menos minha perna e o meu braço não estivessem tão danificados, se ao menos os

meus pais não tivessem me abandonado. A Sra. Dutton poderia ter encontrado um emprego de verdade. Ela poderia ter se casado de novo, ter a sua própria família. Ela não teria sido expulsa pelos parentes, ano após ano. Ela poderia ter tido um chalé aquecido se não tivesse preocupada em economizar para comprar sapatos novos e calças maiores – e camisas sem remendos – para um menino que estava sempre crescendo.

—Você nunca foi o culpado, — Ellie disse. —Você era uma criança – e a Sra. Dutton te amava.

Alex sentiu a sua raiva voltar, não por causa de Ellie, mas por causa da situação que as pessoas os forçaram a passar. —Isso não importava para um menino – eu não fui criado em uma casa tradicional, não tive nenhuma figura masculina em minha vida, ainda assim sei a importância de cuidar daqueles ao meu redor. Todas as dificuldades que a Sra. Dutton enfrentou foram por minha causa... e por causa da promessa que ela fez para a minha mãe.

—Ela é uma boa mulher. Tendo ela feito a promessa ou não, a Sra. Dutton nunca te deixaria sem cuidados. — Ellie ficou de pé, indo até ele e pondo um fim ao seu vagar. Ela parecia tão diferente do que estava há poucos meses, como se tivesse amadurecido em mais coisas que a atitude. Ela estava um pouco maior, mais confiante. —Um pessoa não pode evitar querer ser o melhor que puder quando ela está perto de você.

—Eu te fiz ser uma pessoa melhor?

A pergunta pareceu confundi-la mais do que a conversa sobre a felicidade.

—Eu não sei, mas acho que eu *quero* ser melhor – para a minha irmã, *por* você.

Ambos falavam de coisas que não eram familiares para eles. Manteve as inseguranças para si por tanto tempo, nunca falando das responsabilidades que sentia que eram suas, e o sofrimento que sentiu foi causado por sua própria presença. Seus ferimentos tinham acontecido na infância, mas Alex assumiu a responsabilidade pelos efeitos que eles tiveram – se ao menos tivesse trabalhado duro na infância para fortalecer seus membros...

Ocorreu-lhe que ele assumia as dificuldades dos outros como se fossem suas – cuidando daqueles à sua volta – enquanto Ellie parecia ter se desconectado dos outros quando era criança. Os anos que a Sra. Dutton passou amando-o, Ellie viveu o extremo oposto.

O marquês tinha evitado a filha, manteve-a escondida dos outros, mas ao mesmo tempo, privou-a de vivenciar algo fora da casa. Ela recebia o pior dos

rompantes dele – ou foi o que Alex ouviu.

—O pior destino, para mim, era ser nada mais que a filha de uma prostituta. — Ela olhou Alex dentro dos olhos quando disse a palavra. —Era o insulto que ele atirava para mim todos esses anos sem pensar duas vezes. Ele não percebia que eu ficaria feliz em ser a filha de uma mulher de moral duvidosa, apenas para poder ser aceita como a filha de *alguém*? — Ela não esperou por uma resposta. —Ele pensava que era sozinho, que tinha sido abandonado depois que a sua mãe morreu, mas ele não percebia que tínhamos um ao outro. Que isso nos aproximava, mas em vez disso, ele criou um mar de distância que nenhum de nós estava disposto a atravessar. — Ela sacudiu a cabeça, afastando o olhar de Alex pela primeira vez desde que se aproximou dele. —Às vezes eu penso, se ao menos eu tivesse tentando mais... se tivesse segurado a língua e não tivesse rebatido a fúria dele com tanta frequência... se ao menos eu fosse o tipo de filha que ele se orgulharia de chamar de sua. Infelizmente, não importa o que eu fizesse, ele nunca iria me querer – ou à minha mãe.

—Isso não pode ser totalmente verdade. — O coração de Alex se quebrou ao ouvir as coisas que ela disse. Imaginou se preferia passar a infância sendo criado por um pai que não o amava, ou se ele realmente tinha se saído melhor que Ellie mesmo sendo um órfão.

—Você sabe quantas vezes ele se referiu à minha mãe como não sendo outra coisa que uma rameira, uma Jezebel ou uma mulher de pouca moral? Você sabe quantos anos eu tinha quando descobri o nome da minha mãe?

Ele não sabia o que dizer, mas sabia que ela precisava falar – algo ao que ela não tinha cedido no passado. Ele só pegou a mão dela e a conduziu até o sofá.

—Eu tinha sete anos na primeira vez que Marce veio me procurar, — ela suspirou. —Foi pouco depois de a Sra. Bee – a governanta do marquês e a mulher que cuidava de mim – falecer. Eu estava brincado no jardim, fingindo que os gravetos eram bonecas, quando uma mulher – talvez dez anos mais velha que eu – pulou o muro e pousou ao meu lado. Eu teria gritado se eu não tivesse em êxtase por ter alguém para falar comigo – que me via de verdade. — Ela se inclinou contra ele, olhando a sala com o olhar vazio, em direção às cortinas que estavam abertas para permitir a entrada do sol da manhã. —Ela se sentou comigo por horas e ninguém notou. Ela me contou histórias sobre terras distantes. E não demorou muito, me contou sobre a minha mãe, quem ela era e o que aconteceu. Que a mãe dela, Sasha, e a minha mãe eram

amigas. Depois de alguns meses de visita, ela saiu escondida comigo da casa do marquês e me levou até a Craven House para conhecer as irmãs dela. Ela me mostrou o exato caminho a tomar. Um que me manteria afastada das ruas movimentadas e protegida das áreas mais perigosas.

A necessidade de Ellie de manter as pessoas à distância era algo que Alex podia entender, mas não a razão para ela ainda mantê-lo a um braço de distância.

Um sorriso leve preencheu seus lábios enquanto ela parecia estar há milhas de distância – em uma época não tão difícil. —Eu sei que você imagina por que eu continuei indo à Craven House, mesmo com a reputação do local, mas as mulheres – eu posso não ser capaz de chamá-las de família – mas elas são o mais perto que eu cheguei de ter amigos. Até você.

Ela olhou para ele, e seu fôlego ficou preso. —Você é a criatura mais adorável que eu já vi. — O rosto de Ellie se avermelhou por causo do embaraço. —Você não recebeu muitos elogios? Não posso acreditar nisso.

—Não recebi, Alex, — ela confessou. —Além de você – e da minha irmã – ninguém jamais reparou em mim.

—Então eu devo me considerar um sortudo pela sua beleza ter ficado escondida por tanto tempo, — ele prosseguiu. —Depois do baile de Lorde Haversham, eu tenho certeza que os homens virão aos montes só para ganhar a sua atenção.

—Acho difícil. — Ela sacudiu a cabeça em descrença. —Eu mal fiquei no salão de baile.

—Mas você dançou ao menos uma vez? — ele provocou.

—Eu dancei uma única dança maravilhosa nos braços de um homem que é mais que capaz de conduzir uma mulher pela pista de dança. — Ellie o olhou por entre os cílios, a vergonha virando flerte. A mulher pode ter ido ao seu primeiro baile na noite passada, mas ela já tinha há muito dominado o olhar coquete e o rubor das debutantes – só esperava que ela tivesse guardado todos os seus encantos para ele.

Ele ergueu uma sobrancelha.

—Ele foi um perfeito cavalheiro, para a sua informação.

—É ótimo ouvir isso.

—Eu me diverti tanto que nem notei que estava frio. — Ela o provocava agora, trazendo de volta à sua mente o tempo que ela passou em seus braços na noite anterior. —Eu só queria não ter arruinado tudo tão rápido.

—Você não arruinou nada, — Alex assegurou. —Foi só um susto.

—Você ficaria mais tranquilo sabendo que eu só encaixei as peças há dois dias?

Pensou que ela soubesse há mais tempo – foi uma das razões para ele ter agido de forma tão intensa. —Pensei que você tivesse me enviado para o escritório do advogado de brincadeira, sabendo o tempo todo quem eu era – e rindo às minhas custas.

Alex não podia acreditar que tinha admitido o medo mais profundo que sentiu no dia anterior. Se ela tinha sido capaz de enganá-lo, sem remorsos, então não era provável que ele fosse mudar, mas agora ele entendia por que Ellie tinha mantido segredo.

—Eu nunca teria feito isso. — As lágrimas nublaram os olhos dela mais uma vez. —Você precisa acreditar em mim, debati cada momento desde que suspeitei de tudo até quando você me confrontou. Foi a pior coisa que eu poderia ter feito – quando tudo o que eu queria fazer era ir até você para que pudéssemos resolver tudo juntos.

CAPÍTULO VINTE E UM



—AINDA HÁ TEMPO, — ele sussurrou.

Ellington não podia acreditar na compaixão e indulgência que este homem era capaz – já conhecia o seu lado protetor, a parte dele que tentava o seu melhor para guiá-la. Tinha considerado as ações dele como uma necessidade de curvá-la à sua vontade, assim como o pai fazia. Mas ela nunca sonhou que alguém seria capaz de demonstrar este nível de bondade. Era direito dele fazer com que os criados levassem toda a papelada para a casa dos Haversham ou para a residência de Lorde Chastain e nunca mais voltar a falar com ela. Ou, pior ainda, expulsá-la da casa Drake por causa das suas ações. Alex tinha a liberdade de expô-la como a fraude que ela era, atirar suas ações e o seu nome por toda a Londres como um reembolso por suas terríveis decisões.

Mas, ele estava sentado ao lado dela, acariciando sua mão enquanto ela segurava as lágrimas. Todo o tempo tentando resolver tudo – sem se importar com suas próprias circunstâncias.

Como pôde ter estão tão errada quanto a ele?

Como pôde ter duvidado das suas intenções e motivações?

Como pôde pensar que poderia viver sem ele?

Como pôde ter cogitado que haveria algum futuro para si sem ele ao seu lado?

—Isso tudo é tão esmagador. — Ellington tinha pensado em quase nada desde a morte do pai, exceto em como manteria a casa – não que a propriedade tivesse qualquer valor sentimental, mas era a única coisa que contava como sendo dela. Durante o último ano, tinha estado em controle de algo – e ninguém tinha feito coisa alguma para tirar isso dela.

A coisa pela qual orava era que ninguém *pudesse* tirar a Drake House dela. A casa era a sua independência, e sem ela, teria que se curvar à outra pessoa. Um destino que não aceitaria de bom grado. —O que podemos fazer?

—Só preciso falar com Lorde Haversham, — Alex disse. —Tenho certeza que ele saberá por onde começar e também alguma forma de resolver

tudo isso. E o Sr. Adams deve saber que opções teremos.

—E quanto à ordem do marquês para que nos casemos? — Parte de Ellie ansiava para que Alex atendesse às demandas do marquês, pois isso deixaria tudo mais fácil – mas esse seria um ato egoísta que beneficiaria apenas a ela, quando antes, ele era o único que tinha a ganhar.

—Ellie, — ele disse, puxando-a para perto mais uma vez. —Eu nunca te forçarei a nada.

—Mas você tem todo o direito—

—Ninguém tem o direito de te obrigar a um futuro que não deseja, nem mesmo o seu pai – e eu também não. — Ele virou o rosto para ela, prendendo o seu olhar. —Esta é a sua casa. Sempre será a sua casa. Morrerei antes de permitir que alguém a tire de ti. Caso você se recuse a casar comigo, isso não mudará o que eu já tenho em mente – e eu nunca tomarei o que é seu.

Um homem que não queria tudo para si e dizia que não tomaria nada do que lhe tinha sido negado? Estava certa de que não existia outra pessoa como Alex. —Eu não mereço tanta bondade. — Era tudo e nada, tudo em um simples suspiro.

—Você merece muito mais que a minha bondade... — Ele deixou as palavras esvanecerem.

Ellie sentiu que ele tinha muito mais a dizer, e ela queria que ele prosseguisse mais do que precisava respirar, mas temia que ele falasse sobre isso ser uma exceção à sua bondade. Algo como, —...muito mais que a minha bondade, mas eu devo reclamar o que é meu, — ou alguma outra coisa que fosse partir o seu coração, algo que com certeza tomaria toda a esperança que começava a se formar dentro dela.

O momento que tinha começado a realmente acreditar nele seria arrancado – eram promessas que ele nunca poderia fazer.

Seu pai tinha feito isso.

—Como você não pode acreditar no que eu sinto por você? — ele perguntou.

Ficou confusa com aquilo muitas vezes. Não era apenas os sentimentos dele que Ellie não era capaz de conciliar, mas os de Ruby e os de Marce também. —Eu não tive uma vida em que havia carinho, abraços e palavras bondosas. — Ellie precisava fazer com que ele ouvisse tudo, e então, se ele não fosse embora, talvez pudesse ter fé nele. —Eu não duvido de você – sei que você acredita em cada palavra que está dizendo, mas você já imaginou que não estamos no controle do nosso destino? — Ela fez uma pausa, mas

prosseguiu rapidamente antes que ele dispensasse os seus pensamentos, listando todos os motivos pelos quais o futuro parecia depender deles. —Sua mãe fez com que fosse necessário que você passasse a vida se escondendo, meu pai me mantinha como se eu não fosse nada mais que uma criada em minha própria casa... e agora, por uma virada cruel do destino, devemos nos casar, mas que nome listaremos quando os proclamas forem lidos? Terei que te chamar de Peter? Eu não conheço nenhum Peter. E você declarará que sua noiva é filha de um marquês? Como você pode fazer isso e manter o nome da minha mãe – e seu passado escandaloso – longe das páginas de fofoca?

Ellie parou para respirar enquanto outras dez perguntas mordazes imploravam para serem feitas.

Mas ficou calada quando Alex sorriu e não respondeu nenhuma delas.

—Essas perguntas não precisam ser respondidas hoje – ou até mesmo daqui a dez anos.

No minuto que falou tudo, perdeu-o – é claro, não ia precisar respondê-las daqui a dez anos porque ele já teria se esquecido completamente dela a essa altura. Provavelmente teria seguido em frente e amadurecido para se tornar o duque que deveria ser. Ellie não se surpreenderia ao saber que ele tinha assumido seu lugar no Parlamento e passaria o período entre as temporadas viajando entre as suas propriedades, consertando seus imóveis, e cuidando das pessoas que dependiam dele para sobreviverem.

—Porque nada disso importa.

—É claro, nada disso importa, — Ellie repetiu, esperando que ao dizer as palavras em voz alta elas se tornassem verdadeiras. Que daqui a dez anos ela teria esquecido tudo sobre o homem mais bondoso, generoso e corajoso que já tinha conhecido. Que poderia mentir para si mesma e dizer que ele não a tinha feito ser uma pessoa melhor, se não agora, daqui a dez anos. Que ela iria lembrar dele e de seu sorriso.

Quando, na verdade, seu destino estaria muito próximo ao do pai caso Alex saísse da sua vida. E a cada vez que se lembrasse dele, o seu coração se quebraria novamente.

Não podia mais olhar para ele. As lágrimas em seus olhos estavam prestes a serem derramadas – e ela não queria a piedade dele. Ellie não poderia impedir a partida dele usando dessas táticas femininas. Não era justo para nenhuma delas. Alex, em sua extrema necessidade de ser bom e generoso, ficaria ao lado dela, embora ele tenha deixado bem claro que não era o que ele queria. E ela só atrasaria a quebra do seu coração, todo o tempo sabendo

que quanto mais ele ficasse, mais seria difícil deixá-lo partir – deixar ir não apenas a ele, mas a forma como ele a fazia sentir, e o futuro que não conseguia deixar de idealizar.

—Mesmo que o nosso amor resulte em nós sermos evitados pela sociedade e expulsos de nossas casas, — ele sussurrou no ouvido dela, Ellie prendeu o fôlego, —ao menos teremos um ao outro. Faremos o nosso próprio lar. Agora, seria tão horrível assim abraçar o destino que o marquês escolheu para você – para nós?

Uma vez tinha pensado que passar a vida atada a um cavalariço seria o pior destino possível, vivendo em condições terríveis tendo poucas garantias de comida ou calor, mas neste momento, estaria mais do que feliz em sair da casa do marquês e nunca mais voltar. E permitir que o destino conduzisse a sua vida, se ao menos pudesse tê-lo.

—Passei a minha vida fazendo o exato oposto do que o meu pai esperava, — ela admitiu. —Mas, só agora eu vejo que estava me preparando para trilhar o mesmo destino que ele teve, em vez de abrir o meu próprio caminho. — E a realidade seria ainda mais dura para ela. Ellie pensou que todos esses anos estava vivendo – e fazendo tudo – a despeito dele. Ela repassou as palavras que Alex tinha acabado de dizer. —Você disse amor? — Ela ergueu o rosto e olhou dentro dos olhos dele, sabendo que ele não poderia se esconder dela lá.



—Eu tenho amado você – passei toda a vida procurando por você – por tanto tempo que eu nem posso lembrar. — Os olhos dela se umedeceram com as palavras dele. —Não chore. — Ele pegou o queixo dela, levantando o rosto para que ela pudesse olhar para ele, e deu um beijo suave em cada uma de suas pálpebras, o gosto das lágrimas dela umedecia os seus lábios. —Não percebi até recentemente o que esteve faltando na minha vida. Sempre pensei que o vazio que sentia dentro de mim fosse por não ter uma família, mas eu sempre tive a Sra. Dutton e as crianças, e mais recentemente, Lorde e Lady Haversham. Meu coração ainda ansiava por mais. Então eu trabalhei duro, fortaleci não apenas meus membros fracos, mas também a minha mente. Ainda assim o vazio continuava a crescer até que eu temia sumir – desaparecer para sempre.

Afastando-se dela, ele viu os olhos de Ellie se fecharem. Não com força, como se para mantê-lo afastado, mas com os cílios mal se tocando, o queixo

erguido, e os lábios – normalmente franzidos em desgosto – levemente abertos como se esperando por suas palavras. Ou seus beijos.

—Mas você... estar com você está preenchendo este vazio ao poucos, ou talvez seja a sua presença que me complete, fazendo-me mais inteiro do que eu já estive, — ele prosseguiu. —Percebi que o vazio estava desaparecendo quando passamos o natal juntos, e depois quando eu prometi que ficaria de olho em você. Mas isso, nada mais era que a sensação de utilidade e satisfação que eu sentia por te proteger, mas é muito mais que isso.

Ellie continuou com os olhos fechados, escondendo seus sentimentos, mas ela não se afastou.

—Verdade, tudo começou a mudar depois do nosso primeiro encontro no escritório do marquês. Você lembra? — ele perguntou, temendo que ela não fosse responder. A noite provavelmente traria de volta memórias horríveis – já que ela o encontrou depois de ter uma terrível briga com o marquês.

—Você me fez sorrir, — ela disse com um suspiro. —O primeiro sorriso que dei em muito tempo.

—Foi aquilo e sua bondade por guardar o meu segredo que deu início a tudo isso.

—Eu tinha acabado de descobrir que tinha uma irmã. — Os olhos dela não se abriram, mas os cantos de sua boca formaram um leve sorriso. —O marquês e eu tivemos uma discussão particularmente excruciante pouco antes – ele tinha gritado os piores insultos naquele dia. Eu estava pronta para juntar as minhas coisas e fugir no meio da noite, mas então eu te ouvi.

—Lendo o conto favorito do marquês e sentado na cadeira que ele mais gostava.

—Sim. — Ela se inclinou tão levemente para ele que ele não estava certo se só tinha imaginado. —A sua voz acalmou a fúria dentro de mim, mandou a dor embora – mesmo que só por um momento.

Ele ansiava por mais que momentos roubados, queria passar a vida com ela.

—A sua garra e seu jeito direto foram refrescantes. — Ela abriu os olhos e ele se perdeu. —Nunca tive que examinar suas palavras ou suas ações buscando por significados escondidos ou imaginar o que você esperava conseguir de mim – mas eu fiz isso. E eu me arrependerei eternamente por isso. Eu te tratei muito mal no curto período em que nos conhecemos.

—Fomos muito mais que meros conhecidos. — Ele via a relação deles como sendo muito mais que isso – e se Ellie não visse assim, ele estava

condenado a seguir o mesmo caminho de Drake.

Falaram de muitas coisas – seus passados problemáticos, seus pais menos que desejáveis e o que ambos mereciam do futuro. Mas nada disso importava se ela não correspondesse ao seu amor. Seria esta única coisa que ultrapassaria qualquer obstáculo que surgisse no caminho deles.

—Você mudou a forma com que eu via muitas coisas, — ela disse. — Mas, eu sabia que permanecia resguardada. Meu pai era incapaz de demonstrar amor, mas isso não significa que eu sofra do mesmo mal. Ele tinha muito talento em achar as minhas fraquezas e usá-las para me ferir, mas você e Ruby não mereciam que eu fizesse o mesmo com vocês. Poderia ter feito um uso tão melhor desse tempo – muitos relacionamentos teriam a chance de florescer – se eu não tivesse construído essa parede para manter o marquês afastado. E tudo o que consegui foi manter aqueles que realmente se importava comigo à distância.

Alex permitiu que ela processasse todos os pensamentos, colocando o braço em volta dela enquanto ela falava. Assim que tudo estivesse resolvido, eles poderiam trabalhar em conjunto para reunir os pedaços – e ver o que eles revelariam.

—Se ao menos eu pudesse voltar no tempo, sabendo tudo o que sei agora. — Ela relaxou nos seus braços, algo que ele nunca tinha visto. —Eu tentaria consolar o meu pai. Não teria mantido Ruby afastada, talvez até mesmo tivesse aceitado a oferta dela de me dar um lar, mas isso teria tirado você de mim.

—E você não quer ficar longe de mim? — Isso era tudo o que ele queria saber.

—Jamais.

Alex se afastou rapidamente. O cabelo vermelho de Ellie emoldurava o rosto sorridente, a emoção por trás daquele único sorriso viajou até os olhos dela. Era como se um grande peso tivesse sido tirado dela, permitindo que ela mostrasse o seu verdadeiro eu – e com isso veio a felicidade de Alex. Nunca pensou que fosse apropriado – ou sensato – demonstrar sua felicidade ou alegria pelas ações e emoções de outra pessoa, mas sabia que nunca teria conhecido tais sentimentos sem a ajuda dela.

Felicidade genuína.

Paixão irrevogável.

Amor para a vida toda.

Isso tudo graças a Ellie.

Deveria se sentir pouco à vontade, mas isso era diferente. Ela estava mudada – um novo brilho a rodeava. Esse brilho não tinha sido causado pela luz do fogo ou pelo pôr-do-sol, mas vinha de dentro.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



ELLIE RESISTIU AO desejo de beijá-lo por apenas um breve momento, temendo que ele não entendesse tudo o que ela queria. Não ficaria feliz se o momento terminasse em nada menos que um beijo.

Inclinando-se para frente, ela levou os lábios aos dele.

E algo dentro dela ganhou vida. Era quase como se pudesse sentir o sangue se aquecer em suas veias e pulsar por todo o seu corpo a uma velocidade alarmante. O mais próximo que já sentiu disso foi quando a ponta do chicote de Eckles lambeu o seu braço, mas aquilo ali era puro prazer, sem dor.

Ao contrário do beijo anterior, este não foi causado ou induzido pelo desespero. Não foi o pagamento por algum favor ou pedido futuro. Não era nenhum deles tentando dominar o outro ou um mesquinho apelo pelo controle.

Quando moveu os lábios pelos dele, Alex fez o mesmo, criando um ritmo desconhecido, assim como tinha acontecido com a dança na noite anterior. Eles se moviam ao som de uma melodia desconhecida, em completa harmonia.

Nenhum deles hesitou quando ele a puxou para o seu colo, os braços envolvendo-a enquanto Ellie segurava os seus ombros. Não porque ela temesse cair, mas porque, pela primeira vez, não acreditava em si mesma. Ela passou a língua pelo lábio inferior de Alex, entreabrindo suas bocas por um momento. Seus dedos o apertaram ainda mais enquanto ela lutava para manter as mãos fora da frente da camisa dele – e longe da fileira de botões que queria desabotoar até alcançar onde ela desaparecia em suas calças.

Moveu as mãos pelos ombros dele e Alex enrijeceu quando a mão dela foi descendo pela nuca indo em direção às costas.

—Eu sinto muito — Ela não teve tempo de terminar as desculpas antes que ele a puxasse, os seios de Ellie estavam firmemente pressionados contra o peito dele.

Nunca permitiu tais liberdades a outras pessoas – nunca tinha aberto mão do controle. Era incrivelmente assustador e primal. O pensamento de ficar nua na frente dele, colocando sua vulnerabilidade a mostra e confiar que ele não abusaria da sua confiança, era tudo o que queria naquele momento.

Não importa qual fosse a pergunta, ela responderia.

Não importa o pedido, ela o atenderia.

Não importavam as consequências, arriscaria tudo.

Não havia nada a esconder – do mundo ou dele.

Essa coisa – essa conexão que tinham com o outro, especialmente com ele, era algo que nunca conhecera, nem sonhou em ter.

Mas ela queria isso – Ellie queria ele.

E nenhum outro homem serviria.

Se sobrevivessem a este momento, onde se desnudaram perante o outro, com certeza enfrentariam qualquer obstáculo que a vida impusesse a eles.

—Alex.

—Sim...

—Você quis dizer o que disse?

—Sim, — ele respondeu rapidamente, fazendo-a ter certeza de que ele respondia exatamente ao que ela tinha perguntado. —Mas podemos falar sobre isso mais tarde. Por agora, eu ficaria muito feliz em cobrir os seus lábios com os meus novamente.

—Você é muito cavalheiro, Lorde Chastain.

Ele parou de sorrir, e ela suspeitou que tinha cometido um grave erro ao chamá-lo pelo título recém-descoberto. Mas ele não a soltou, nem deixou de olhar para ela, deixando-a refletir se tinha ou não tinha sido um erro magistral.

Finalmente, ele falou, —Eu posso vir a gostar muito disso, mas só se for pronunciado pelos seus lábios. — Para solidificar seu ponto de vista, ele baixou a cabeça e deu um beijo suave em seus lábios entreabertos. —Agora, temos muito o que fazer.

—Nós? — ela chiou, temendo que ele estivesse se referindo à discussão anterior e suas suspeitas de como ela estava mandando as caixas para serem destruídas.

—É claro. — Ele a tirou do colo e a colocou de volta no sofá, criando uma distância que Ellie ansiava diminuir. Mas ele pegou as mãos dela e as beijou. Ainda de mãos dados, ele sorriu —Seu pai – e minha mãe – fizeram um senhora bagunça, e precisamos resolver as coisas.

—Tudo parece estar afundado no mais profundo caos, para dizer o mínimo, as informações estão tão distorcidas que será difícil para compreendermos. Não posso imaginar que alguém vá acreditar nessa história louca. Um cavalariço que na verdade é um duque – e que tem direito a um marquesado – e a filha de uma meretriz que está prometida a ele. *Estamos* de acordo com isso?

—Você sugere que demos as costas e deixemos as coisas se resolverem por si só?

—É claro que não, — ela disse. —Mas tudo isso parece muito assustador.

—E quando você foi o tipo de pessoa que se afasta de um desafio ou que permite que outra pessoa invente alguma coisa que você não é capaz de superar?

Ellie riu. Era uma risada leve e graciosa que a fez se sentir melhor. A gravidade da situação parecia menor agora que ela sabia que não teria que enfrentar tudo sozinha – ou temendo perder a casa. —Não pretendo permitir que o marquês saia ganhando.

—Ellie, — ele suspirou, o rosto voltando a ficar sério. —Isso não tem a ver com ganhar ou perder. Não é uma competição nem a última tentativa do seu pai para arruinar o seu futuro.

—Então o que é? — Ela tirou as mãos das dele e apontou para as muitas caixas que ainda estavam espalhadas pela sala.

—É sobre permitir que tenhamos o futuro que a minha mãe e o seu pai deveriam ter tido – juntos.

Ellie sacudiu a cabeça em negação. Não podia aceitar que o pai tinha feito isso por *ela*. Drake tinha gastado anos diminuindo-a, punindo-a, oprimindo-a – negava tudo o que ela pedia, até mesmo seu tempo e sua atenção. E agora, vinha a saber que ele tinha *planejado* tudo isso? Havia pouca probabilidade de que aquilo fosse verdade.

—Tem tudo a ver com o amor. — Ele soltou as mãos de Ellie e as levou às suas bochechas, fazendo com que ela parasse de sacudir a cabeça. — Possivelmente, ele tinha a intenção de que nos conhecêssemos, que nos conectássemos assim como ele e a minha mãe, e permitir que o sentimento assumisse as rédeas da situação. Ele não me conhecia, e eu não acho que ele realmente conhecesse a própria filha, e a habilidade que ela tem de frustrar qualquer plano que ele tivesse para ela.

Ellie deixou as palavras dele afundarem, incapaz de perceber a grandiosidade de tudo isso.

—O que ele não pensou – ou talvez soube o tempo todo – foi que tivéssemos a conexão genuína e instantânea que ele planejou. Talvez tenha pensado que ao me trazer aqui, que nos conheceríamos e que você desobedeceria todas as suas ordens e se apaixonaria por mim por puro despeito. — Ele fez uma pausa, como se o que disse tenha sido a intenção malvada do marquês desde o início. —De qualquer forma, ele se assegurou de que nos encontraríamos – eventualmente.

—E você não vê as ações dele como se fossem cruéis ou controladoras?

—Não podemos permitir que o passado dite o nosso futuro.

—E qual *é* o nosso futuro? — Ele esperou tanto quanto foi possível antes de responder a pergunta, mas o tempo estava acabando para eles.

—Um grande casamento, certamente. Com todas as pessoas que gostamos presentes.

Um casamento? —Você ainda consideraria se casar com uma bastarda?

—Só se você estiver de acordo em se casar com o filho de uma possível espião francesa.

—Nós somos o casal mais improvável.

—Não é verdade.

—Como não?

—Onde há amor – assim como há entre nós – nada é improvável. Só há mais uma coisa que precisamos fazer.

Ellie não sabia se poderia lidar com qualquer outra coisa – ao menos não antes de conseguir umas poucas horas de descanso, dando uma pausa à sua mente. Não dormira na noite anterior e ainda usava o vestido do baile.

—Devemos pedir que Lorde Haversham venha aqui para discutirmos tudo o que sabemos. Ele saberá o que devemos fazer. — Ele ficou de pé, trazendo Ellie consigo. —Como senhora da casa Drake, por favor, mande chamar Lorde Haversham. — Ele deu um beijo rápido em sua bochecha antes de soltar a sua mão e virar-se para as muitas caixas onde estava o futuro deles. —Acho que vou querer ler algumas das cartas que você falou.



Alex estava no meio do escritório de Drake, havia caixas e baús abertos à sua volta e os papéis estavam espalhados em toda superfície disponível.

Passando a mão pelo rosto, ele olhou a bagunça que tinha feito no pouco tempo que levou para Ellie mandar chamar Brock e trocar o vestido. De início, tinha ficado feliz com a privacidade, mas depois ansiou ter Ellie ao seu

lado enquanto descobria tanto sobre a própria mãe, pelo que foi colocado em papel por um homem que obviamente a amava acima de tudo. O marquês tinha procurado por Alex por décadas, nunca tinha desistido, tinha até mesmo posto em perigo a própria saúde e seus relacionamentos.

Foi um amor muito grande, e ainda assim incompreendido pelos outros.

Alex estava dividido. Queria celebrar a descoberta de seu passado, mas ao regozijar-se com sua boa sorte e com o conhecimento adquirido, de certa forma estaria dizendo a Ellie que a forma cruel como o pai a tratava era perdoável por causa do resultado. Não concordava que o marquês tivesse o direito de ser cruel com a filha só porque ela não tinha sido esperada ou desejada. Toda a existência dela deveria ser vista como uma bênção, já que a linhagem de Drake sobreviveria por ela. Ellie era um bebê indefeso quando foi deixada na porta de Drake, a participante involuntária nas atividades menos que saudáveis do pai. Mas a forma como ele a tratava não era culpa dela.

E ela tinha passado a vida acreditando que era.

Seria uma batalha para Alex conseguir romper com essa crença e libertá-la para que ela possa amá-lo. Será um processo lento, mas um que Alex ganhará com certeza – não há outra escolha. Se ela o deixar, se o esquecer, não haverá razões para que ele lute pelo que é seu por direito – seu nome e seu título.

Nada teria sentido sem ela.

E mais que isso, não desejava assumir tudo isso sem ela ao seu lado.

Sem saber, tinha ficado dependente dela: de suas aparições nos estábulos, do seu comportamento desafiador e da sua perspicácia.

Andando pela sala, pensou em tudo o que lera na última hora: anos de cartas meticulosas, documentações, e bilhetes mantidos por Drake, com alguma correspondência entre Adams e o marquês. Tudo estava esboçado, em detalhes, sobre o ‘suposto’ sequestro de Alex, os esforços de Drake para localizá-lo, o contínuo assédio às autoridades francesas para descobrir o paradeiro dos pais de Lady Chastain – dos avós de Alex. Foi perturbador saber que o casal tinha oferecido a filha para o serviço, e que a deixaram para trás quando souberam que as coisas tinham dado errado. Drake escrevera sobre suas suspeitas de que o casal tinha levado o bebê de Lorelei consigo, mas não houve evidência disso, ou deles, desde então. A verdade era que eles não tinham apenas deixado a filha para trás, mas também o neto.

Durante a leitura, Alex tinha chegado à conclusão de que a mãe tinha, de fato, salvado a sua vida dando-o à mulher que o criara muito bem sem um título e sem arriscar a sua vida.

Ouviu uma batida na porta.

Alex virou-se com um sorriso, pronto para cumprimentar Ellie, mas em vez disso Lorde e Lady Haversham, o Sr. e a Sra. Jakeston, e até mesmo a Sra. Dutton entraram na sala seguidos por Ellie.

Era a repetição do natal em Foldger's Hall, mas dessa vez era ele quem estava sobrecarregado, não Ellie.

Só quem estava faltando era Neill, o bebê de Lorde e Lady Haversham.

Assim que a porta se fechou, todos seguiram caminhos diferentes. As mulheres – Lady Haversham e a irmã de Ellie – flanquearam Ellie enquanto os homens vieram até ele.

—Ouvi dizer que preciso te felicitar, — Lorde Haversham disse com um sorriso amplo. Felizmente, ele tinha resistido ao impulso de dar um tapinha nas costas de Alex.

—Verdade, meu lorde, — Harold disse com uma mesura. —Um duque, hein?

—Como vocês sabem?

—Eu contei tudo, meu filho. — A Sra. Dutton estava de pé perto da porta, a única que não estava inserida em um grupo. Obviamente ainda se afligindo pelos anos de lealdade à Lady Chastain. —Pareceu certo contar *pra* milorde tudo o que eu fiz.

Alex ergueu a mão em resposta, um apelo silencioso para que ela se juntasse a ele – e ao grupo.

A Sra. Dutton franziu o cenho, não vindo até ele e recusando-se a olhá-lo.

De repente, Ellie estava ao lado dela, sussurrando algo em seu ouvido – e a careta se transformou em um sorriso quando Ellie passou o braço pelo dela e a levou até Alex.

Ninguém disse uma única palavra, ou ao menos Alex não ouviu nada, estava concentrado demais nas duas mulheres que amava mais que a própria vida.

A Sra. Dutton – a mulher que o manteve a salvo e o criou para ser um homem humilde e compassivo – e Ellington – a mulher que possuía sua alma e seu coração.

Será que em sua infância saberia que a Sra. Dutton o estava criando para ser o par perfeito para Ellie? Para ser o homem que a mostraria que nem todo

mundo estava tentando manipulá-la ou feri-la?

Alex seria eternamente grato à Sra. Dutton por fazê-lo um homem forte o bastante para superar quaisquer obstáculos para estar com a mulher que amava.

E ele a amava – até o âmago. A emoção não era tão estranha para ele quanto era para ela.

—Filho? — Sem pensar, Alex deu um passo à frente e envolveu os braços ao redor das duas, puxando-as para perto. —Desculpa por ter te deixado escondido tanto tempo.

—Você fez exatamente o que minha mãe pediu, — ele disse. —E eu nunca te culparei por isso.

—Aí está, Sra. Dutton. — Ellie se afastou e olhou para os dois. —Alex é incapaz de pensar o pior sobre as pessoas e sobre as circunstâncias.

—Oh, Ruby, — Lady Haversham suspirou, certificando-se de que fosse alto o bastante para todos ouvirem. —Nós com certeza já sabíamos de tudo muito antes de que esses dois percebessem.

Ellie olhou para irmã. —O que ela quis dizer com isso?

A irmã golpeou o braço da amiga. —Eu não faço ideia. Ouvi dizer que a maternidade pode fazer a mente da pessoa ficar meio nebulosa.

Elas riram e foram para as duas poltronas mais afastadas dos homens e mais próximas à janela. As cabeças inclinadas enquanto sussurravam.

Alex não sabia o que Lady Haversham quis dizer com aquele comentário – e não se importava.

Estava feliz por perceber que as pessoas ao seu redor estavam felizes e satisfeitas.

E ansiava que ele e Ellie tivessem isso. Um dia em que poderia se sentar e conversar sobre coisas cotidianas como o clima, quando iriam ao campo e com quem iriam jantar. Era o pensamento mais mundano – um que provavelmente faria Ellie fugir – mas seria o céu para ele. Uma vida cheia de responsabilidades, sem o medo de passar fome ou frio.

—Vocês são incorrigíveis, e seus maridos deveriam mantê-las à rédeas curtas, — Ellie bufou, ainda segurando a Sra. Dutton. —Não consigo entender por que eles as encorajam.

Alex riu. Sua Ellie nunca permitiria que a sua vida fosse inerte e sem graça. Nunca teve tanta certeza disso do que quando ela se afastou da Sra. Dutton e foi até as duas mulheres risonhas, com as mãos nos quadris. Ela nem percebia que Ruby fazia a mesma coisa quando estava irritada.

—Ellie, — ele chamou. —Temos muito a discutir e meu lorde e o Sr. Jakeston não vieram aqui para desperdiçar tempo.

—Vi ficou chocada ao receber seu bilhete pedindo-nos para vir, — Lorde Haversham disse.

—Correto, — o Sr. Jakeston confirmou. —As duas nos tiraram de casa sem sequer esperarem pela carruagem.

Alex olhou para os dois, novamente sentindo a necessidade de ter uma amizade próxima com eles. —Podemos nos sentar? Há muito a discutir, e não sei bem por onde começar.

—É claro. — Lorde Haversham foi até a mesa enorme, sentando-se em uma das cadeiras vazias, deixando uma para Jakeston e o assento atrás da mesa para Alex. —Estamos à disposição.

Alex rodeou a mesa, desviando-se de uma caixa e olhando para a enorme cadeira. Viu o marquês ali uma vez, quando virou no corredor errado e passou pela porta parcialmente aberta. O homem estava sentado na cadeira, olhando para o nada. Agora, imaginava se não estava sonhando com a mãe de Alex – e não tinha certeza de como se sentia quanto a isso.

—Vamos lá, meu filho, — a Sra. Dutton incitou. Ergueu o olhar e viu que todos olhavam para ele. Ellie fez um gesto de encorajamento, um raro sorriso preenchia os seus lábios. —Essa é a sua cadeira, tenho certeza.

—Eu nunca quis nada disso.

—E é por isso que você é o homem perfeito para reclamar o título, — Ruby disse. Ele e a irmã de Ellie se davam bem, mas nunca deixou de pensar se ela o aprovaria como marido para Ellie – tinha sido pouco mais que um criado durante toda a vida. —Você é impecável para muitos papéis.

—Obrigado, Sra. Jakeston. — Sentou-se na cadeira enquanto todo mundo na sala sorria para ele. —Todos vocês foram muito bondosos ao virem nos ajudar a resolver essa confusão. — A poltrona sempre tinha parecido enorme atrás da mesa, certamente um homem não precisava de algo daquele tamanho, mas percebeu que se encaixava perfeitamente ali. Testando seus ferimentos, Alex se apoiou no encosto macio. Não sentiu nenhuma pontada de dor – talvez esse fosse o seu destino.

A partir de então, o tempo passou bem rápido, o chá foi servido, as mulheres ficaram conversando perto das janelas, e Alex – com Ellie ao seu lado – explicou tudo o que tinha lido na papelada do marquês.

Até mesmo o bebê Neill foi chamado – já que Lady Haversham estava aflita por tê-lo deixado por tanto tempo.

Não demorou muito e o Sr. Adams, o advogado, foi chamado. Lorde Haversham sabia que havia muito a ser feito para que Alex pudesse reclamar o título e a propriedade Chastain, mas ele disse que Adams saberia mais.

Uma batida soou na porta enquanto Alex e o Sr. Jakeston separavam os papéis, colocando de lado as muitas das cartas privadas que o marquês tinha escrito para que Ruby lesse. Ellie também tinha separado os papéis detalhando os planos do marquês para o casamento deles, enfiando-os na gaveta de cima. Ele entendeu que ela ainda não estava pronta para compartilhar aquela descoberta... e talvez ela nunca estaria.

Entretanto, Alex não desistiria de ter fé nos arranjos que Drake tinha feito há tantos anos. Deixaria Ellie saber que os seus sentimentos iam muito além da amizade. Isso era tudo o que poderia fazer por enquanto – e esperar que ela sentisse a mesma paixão que compartilharam naqueles beijos.

Tempo. Ellie precisava de tempo – e talvez de espaço. Ele daria todas as respostas que ela quisesse.

—Meu lorde. — Adams entrou na sala e fez uma mesura profunda para Alex antes de se virar para cumprimentar Lorde Haversham e o Sr. Jakeston. —É ótimo vê-los novamente.

—Fiquei feliz por ter mandado me chamar para esta reunião, meu lorde. — Ele empurrou os óculos redondos sobre o nariz. —Como eu disse, há muitas coisas que o marquês pediu para eu lhe entregar quando chegasse a hora. Só lamento por não ter sido capaz de fazer isso logo após a morte dele.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

AS APRESENTAÇÕES FORAM feitas e uma cadeira foi trazida para o Sr. Adams, enquanto Ellie fazia o melhor para se misturar com a parede. Aconteceu tudo tão rápido e ela não queria nada mais que ficar sozinha com Alex. Havia muito ainda que precisavam discutir – não teve a oportunidade de dizer a ele o que sentia. E então ela foi e fez a pior coisa imaginável ao colocar os papéis que discutiam o noivado na gaveta como se estivesse envergonhada ou que fosse contrária ao arranjo. Embora, alguns dias atrás, ela teria sido veementemente contra qualquer tipo de casamento.

Alex devia pensar que ela era o pior tipo de pessoa que existia.

—Finalmente, — Alex pegou a mão dela e deu a volta na mesa. —Posso apresentar Lady Ellington?

Ela olhou para ele, o nervoso que sentia devia estar estampado em seu rosto, mas ele desapareceu logo. Alex sorriu para Ellie como se apresentá-la fosse a maior honra do mundo.

—Acho que já nos encontramos, mas é realmente uma prazer conhecê-la, Lady Ellington, — Adams fez uma mesura.

Ela sabia que o advogado poderia expor o seu ardil e o de Alex – pois a única vez que encontrou Adams antes disso foi quando ele entregou as caixas com os registros pessoais do seu pai.

—O marquês falava frequentemente de você durante as nossas reuniões, — ele disse com uma piscadinha.

—Ele falava de mim? — Ellie sussurrou, não sabendo se estava aliviada pela confissão ou chocada pelo pai ter falado dela.

—É claro, — Adams prosseguiu. —Eu até mesmo tive um vislumbre dos seus cabelos vermelhos uma vez – acho que você não devia ter mais que seis ou sete anos na época. Seu pai era muito protetor contigo.

Ellie quis bufar e dar uma resposta maliciosa no que dizia respeito às intenções do pai, mas teve o bom senso de ficar em silêncio. Seu engenho não ajudaria nesta situação, nem faria as coisas se resolverem mais rápido. Além disso, já era hora de ser o seu verdadeiro eu, de parar de se esconder

atrás do humor azedo para impedir que as pessoas a ferissem. Não era mais necessário magoar alguém antes de eles serem capazes de magoá-la.

Isso a libertou de muitas formas.

Estava livre para sem quem quer que sonhasse ser.

—É um prazer conhecê-lo, — Ellie disse. —Gostaria de agradecer por você ter guardado tão bem a correspondência do meu pai.

—Eu... bem... — Adams gaguejou como se estivesse envergonhado por ter recebido tal elogio. —Só estou grato pelo marquês ter confiado em minhas habilidades. Eu o vi muito pouco nos últimos anos, mas guardei muito bem os papéis que ele mandava para o meu escritório.

—Estamos muito agradecidos, — Alex disse, permitindo que Ellie se afundasse na cadeira ao seu lado. Isso criou um tipo de barreira e lhe deu uma sensação de proteção de tudo o que estava se passando ao seu redor. Alex também voltou para a poltrona, pegando a mão dela. Seus dedos entrelaçados estavam escondidos pela mesa. Ele os apertava, dando-lhe segurança.

Isso dizia que eles eram um par, em primeiro lugar.

Com ele ao seu lado, Ellie nunca teria nada a temer.

—Estou muito feliz em ver que vocês estão de acordo com os planos do marquês. — O homem sorriu. —Suspeitei que meu lorde, que descanse em paz, tivesse perdido o juízo quando me pediu para preparar a documentação.

—Que documentação? — Harold perguntou.

—Não foi por isso que lhe chamamos— Ellie começou a falar.

—Do noivado de Lady Ellington e de Lorde Chastain, é claro.

—O o quê? — Ruby ficou de pé e em um segundo chegou ao marido. —Do que você está falando?

Adams olhou de Alex para ela, para a irmã e de volta, os olhos arregalados, sabendo que tinha cometido um grave erro. —Eu... ummm... certamente... — ele balbuciava enquanto pegava um lenço amarrotado no bolso e o passava pela testa suada. —Parece que eu estou fazendo um estrago na propriedade Drake. Não vou achar ruim se vocês quiserem contratar um novo advogado.

Ruby e Harold olharam para o homem boquiabertos. Lady Haversham também tinha se juntado ao grupo em volta da mesa e segurava o braço do marido com força, a outra mão cobria a sua boca. A Sra. Dutton parecia ter perdido o juízo enquanto as lágrimas caíam uma atrás da outra em seu rosto, o estado emocional dela tinha atingido um novo nível.

Ellie não tinha ideia de como explicariam tudo para todo mundo, já que não estavam seguros quanto às motivações do seu pai.

De repente, uma risada profunda tomou a sala – levou um segundo para perceber que era Alex.

—Oh, isso é hilário. — Ele riu. —As caras de vocês... — Alex olhou para as caras de choque. —Imagine se a decisão do marquês dependesse deste momento. Um raro momento de verdade, compartilhado por tantas pessoas ao mesmo tempo. — Todo o tempo, ele segurava a mão de Ellie com firmeza.

—O que é tão engraçado? — A Sra. Dutton perguntou. O fluxo das lágrimas não tinha diminuído.

Ellie quis fazer a mesma pergunta.

—Isso é muito chocante, até mesmo para o meu pai. — Ruby olhou para Alex, e por uma vez, Ellie notou o rosto sério. —Não permitirei que ele – ou esses papéis idiotas – forcem você a qualquer casamento.

Quis saltar de seu assento e abraçar a irmã mais velha. Com essa simples declaração, Ellie se convenceu de que Ruby realmente se preocupava com a rebelde irmã bastarda. Ou, possivelmente, ela sempre tivesse se preocupado, mas era Ellie que precisava enxergar isso.

—Ruby. — Ellie apertou a mão de Alex rapidamente antes de soltá-la e ficar de pé. Tinha muito a dizer a ela e lhe devia isso. —Seu apoio significa muito para mim – e eu só posso orar para que eu ainda possa tê-lo depois que Alex e eu nos casarmos. Em algum momento, nosso relacionamento amadureceu, indo da amizade para o afeto, e eu posso lhe assegurar que não quero que outra pessoa seja meu marido. — Ellie manteve os olhos na irmã, com medo de ver a reação que Alex teve à sua declaração. Temia ter visto coisa demais naquele beijo e no que ele falou sobre o amor.

—Eu acho isso maravilhoso. — Ruby foi até a mesa e abraçou Ellie. Pela primeira vez ela relaxou no abraço, buscando conforto que a irmã lhe dava. —Harold e eu ficaremos honrados em receber um homem tão bom em nossa família.

Ellie resolveu se arriscar e olhou para Alex, tentando julgar a reação que ele teve às suas palavras, mas o rosto dele era uma máscara – não mostrava felicidade ou fúria. Ele era ilegível enquanto estava sentado estoicamente ao seu lado, e ela temeu ter cometido um erro terrível.

—Alex... — Ela ergueu a mão para ele quando Ruby a soltou. Havia um quê de pergunta naquela única palavra – um apelo. Ela deixou claro o que

sentia, e só podia esperar que ele a rejeitasse – e isso doeria muita mais se fosse feito na frente de todo mundo que estava ali.

Adams testemunharia a sua desgraça em primeira mão e não precisaria mais de nenhuma informação... Ellie tinha tentado, e agora estava por conta de Alex – ou Peter, qualquer que fosse o nome que ele escolhesse – rejeitá-la. Ficaria confortada por deixá-lo saber que ela não se oporia aos últimos desejos do pai.

Forçou um sorriso, preparando-se para dizer que suas palavras tinham sido disparates ditos por uma mulher perturbada. Com certeza ninguém pensaria que ela estivesse falando a verdade.

O golpe seria duro, mas Ellie era forte. Forte o bastante para viver todos esses anos sendo maltratada e punida pelo marquês. Seu coração sararia mais rápido que seu orgulho, tinha certeza. O que a preocupava era a vergonha pelo seu afeto ser dispensado – o que mais poderia acontecer? Tinha descoberto recentemente a profundidade de seu amor por Alex. Eles não podiam ter se inserido tão rápido em sua realidade. Dentro de quinze dias, seria como se todo esse dia não tivesse acontecido.

Ainda teria a casa, se Adams permitisse, ou teria que ir morar com Ruby e Harold. Seus dias voltariam à normalidade – não haveria mais as visitas aos estábulos nem passaria horas na Craven House, mas ao menos teria um quarto para chamar de seu. Na verdade não seria nada menos do que tinha agora. Talvez Ruby deixasse que ela levasse Daphne – se as despesas não fossem pesadas demais para o casal.

Ellie tinha ficado muito apegada à criada, mas seria muito mais fácil abrir mão dela que de Alex.

Afastou o pensamento asqueroso da cabeça quando ele ameaçou a tirar o sorriso do seu rosto e levá-la às lágrimas.

Ela poderia ser feliz.

Ela *seria* feliz – sem ele.

Era óbvio que ela não tinha escolha.

Seus ombros começaram a tremer de repente e temeu que a angústia tivesse transparecido em seu sorriso e todo o seu corpo estivesse visivelmente trêmulo. Sentiu mãos em seus braços. A pressão era insistente, mas não a ponto de machucar.

—Ellie, — Alex disse, o rosto dele a poucos centímetros do seu. —Você ouviu o que eu disse?

Não, ela não queria ouvi-lo, só queria fugir da sala – da casa – e deixar tudo para trás.

Ela piscou rapidamente e se concentrou no rosto dele – tão maravilhosamente lindo. Como nunca percebera o quão bonito ele era? As pessoas só viam o que estavam perdendo quando eram confrontadas pela realidade.

—Este documento não importa... — As palavras esvaneceram mais uma vez enquanto os pensamentos lutavam para controlar a sua mente. É claro que os papéis não importavam – ele não queria casar com ela. Por que quereria? Ela era uma bastarda. Não tinha mãe.

E ele, Alex, seria um grande duque.

A sociedade – até mesmo cada debutante casadoura – estaria aos seus pés.

Ele não teria nenhuma utilidade para ela. Ela era uma mentirosa covarde que não era digna do amor de um homem leal.

E ela se enganou ao ponto de pensar que era ela quem não precisava dele.

—Você não tem nada a dizer? — Alex perguntou, pegando as mãos dela. —Casar contigo vai fazer tudo o que estar por vir mais suportável – eu quero tudo isso com você ao meu lado, do contrário, não vou querer nada.

Foi a vez dela de encará-lo de boca aberta. —Eu ouvi direito? — ela murmurou.

—Ellington, — Alex recomeçou, e ela ficou grata por ter bloqueado cada palavra. —Você me daria a honra de assumir o título de Lady Chastain – para todo o sempre e ser a minha esposa? Você nunca mais precisará ansiar por uma casa ou por um lar.

—Mas... — Ellie não podia formar frases coerentes. —Por que eu?

—Porque eu te amo, — ele disse de uma só vez. —Porque só posso ser eu mesmo quando estou contigo. Porque eu nunca me cansarei de ficar de olho em você. Porque não quero passar mais um dia sem você ao meu lado. Preciso prosseguir?

—Tire este pobre apaixonado de sua miséria, querida irmã, — Harold disse a alguns metros de distância. —Brock disse que você deve aceitar antes que as bebidas sejam servidas em comemoração.

—E Harold fica rabugento quando lhe negam xerez, — Brock entrou na conversa.

Ellie olhou para todos os rostos expectantes – cada um segurando o fôlego, mas lutando para esconder os sorrisos, se ao menos desse a resposta que todos esperavam.

Felizmente, era a única resposta que tinha a dar.

—É claro, não há necessidade de prosseguir. — Ellie ergueu as mãos, colocando-as no rosto dele. —Você é tudo com o que sonhei em um homem que nunca soube que precisava – nem queria, mas agora, — ela fez uma pausa e respirou fundo, —você se inseriu tão completamente na minha vida que temo que eu vá morrer sem você. Sou eu quem é incapaz de ser eu mesma quando não estou contigo. Sou eu quem guarda com carinho as muitas horas que passamos nas nossas viagens entre Londres e Foldger's Hall. Sou eu quem não se importará com o próximo nascer do sol se você não estiver ao meu lado.

Enquanto cada sílaba deixava os seus lábios, tudo e todos na sala foram se apagando até que restaram apenas ela e Alex.

Tinha sido assim no último ano – desde que o seu pai morrera.

Ela tinha ficado de olho nele, e ele tinha feito o mesmo.

—Eu amo você, Alex. — Ellie levou os lábios aos dele, apenas se afastando um milímetro antes de prosseguir. —Não importa se viveremos em uma casa grandiosa em Londres ou nos estábulos de outra pessoa, estarei ao seu lado. Irei contigo a qualquer lugar que você quiser, porque só estou feliz e contente em seus braços.

Ellie não tinha certeza de quando Alex a envolvera em seus braços, ou quando todo mundo na sala tinha gritado de felicidade, mas a única coisa que sabia era da sua decisão de tomar esse homem para si.

Ninguém mais esconderia quem eles eram – e por isso Ellie estava convencida de que nunca mais se esconderia de ninguém.

Nasceu bastarda.

Não tinha mãe.

Teve o pai mais cruel de toda Londres.

Mas era amada pelo homem mais puro de toda a Inglaterra.

EPÍLOGO



ELLIE OLHOU PARA a miniatura de uma mãe segurando o filho – o único remanescente que Alex tinha do passado e da mãe que nunca conhecera. Ela era linda com seu pescoço esguio e os olhos cheios de luz enquanto segurava o bebê contra o peito. O sorriso dela não era para o artista que pintava a cena, nem para a pessoa que algum dia veria a obra de arte, mas para o bebezinho embrulhado em um cobertor azul e que olhava para ela.

Lady Chastain – ela era uma mulher de muita força e coragem, de acordo com o que tinham aprendido com as muitas cartas do pai e tudo o que a Sra. Dutton tinha compartilhado com eles nas últimas semanas.

E agora, Ellie seria a próxima Lady Chastain, uma duquesa.

Teria um nome verdadeiro – Ellington Davis.

Passou o dedo mais uma vez sobre a imagem. A sensação das pinceladas do artista lhe disseram que não era um sonho. Essa mulher tinha sido feliz, a sua morte tinha salvado a criança e dado um futuro a Ellie – com um homem que merecia o seu amor.

Um homem pelo qual desistiria de tudo.

Um homem que a valorizaria para sempre.

Raramente imaginava se a mãe teria encontrado tal contentamento com Ellie nos braços, caso ela tivesse vivido o bastante.

As duas coisas que mais lhe afligiram não se concretizaram. A casa Drake não era mais responsabilidade sua, mas agora tinha um novo lar, e com ele, o homem que amava.

Tudo o que teve que fazer foi desistir de algo que pensava ser apenas seu, mas com o sacrifício, tinha ganhado mais do que pensava ser possível.

Um lar que seria seu para sempre.

Um nome de verdade.

Um lugar que era seu e somente seu, que compartilharia com Alex. Ninguém poderia lhe tirar isso.

As últimas semanas foram preenchidas com muitas mudanças. Com a ajuda de Lorde Haversham – e as meticulosas anotações do pai – Alex tinha

solicitado a posição de Duque de Chastain. Harold e Ruby tinha se mudado para a casa Drake até que a reforma na casa deles estivesse concluída. Ellie estava feliz pela companhia deles, já que Alex tinha se mudado para a casa Chastain.

Ele insistia que não seria apropriado começarem o noivado afundados em escândalo.

Mas isso não impedia Ellie de escapar da casa e ir escondida até a casa Chastain para surpreender o prometido. Ele poderia estar preocupado com o escândalo e a aceitação da sociedade, mas Ellie nunca tinha sido o tipo de pessoa que seguia as regras.

Colocando o retrato de volta no alto gaveteiro de Alex, Ellie foi até a enorme cama que tomava conta do quarto. Tinha passado muitas horas nesse quarto desde que Alex se instalara naquela casa com a decoração de muito tempo atrás. Muito parecida com a casa Drake.

Era como se as casas tivessem parado no dia da morte de Lady Chastain – o mesmo dia que a Sra. Dutton tinha fugido com Alex.

O duque tinha morrido com a esposa, deixando o marquês sozinho.

Mas ele não tinha ficado sozinho. Tinha a filha, Ellie.

Ellie estava pronta para retomar o tempo – para viver a vida que tinham roubado da mãe de Alex.

—Meu amor. — Alex estava de pé atrás dela, enquanto passava os braços por sua cintura e a puxava para si, como se soubesse o que estava pensando – o que muitas vezes sabia. —Não estava te esperando esta tarde. Não temos planos importantes para daqui a algumas horas?

—Temos, — Ellie suspirou, ainda inclinada contra ele.

—Então por que você não está vestindo seu traje perfeito, penteando seu cabelo em um coque perfeito ou usando roupas de baixo escandalosas?

Ellie riu. Há pouco tempo teria bufado com o pensamento de si mesma dando risadinhas como uma menina por causa de um comentário bobo, mas com Alex podia ser todas as coisas que ansiava ser, mas que não tivera a oportunidade. Ela podia rir quando tinha vontade. Podia dançar em volta do seu quarto de vestir. Na outra manhã, Daphne tinha flagrado a senhora cantando – não um suave murmurar para si mesma, mas cantava a plenos pulmões as notas de uma canção popular que tinha ouvido no teatro.

Imaginava se tinha enlouquecido nas últimas semanas, mas sabia que a causa de toda essa felicidade era o homem atrás dela.

E o mínimo que podia fazer era mostrar a ele o prazer que sentia.

—Pensei que poderia ajudá-lo a se vestir.

—Vestir? — Alex perguntou enquanto franzia o cenho. —Eu ainda tenho que me banhar.

—Oh, tenho certeza que também posso ajudar com isso, — ela provocou enquanto erguia as mãos para desabotoar a camisa dele.

—Ah, bem, meu amor. — Ele abaixou os braços enquanto ela trabalhava nos botões da camisa. —Mas não demore muito, temos um casamento para o qual precisamos nos preparar. E não pense que você vai me ver usando toda a parafernália do casamento – dá azar.

—Eu acho que você está muito bem, meu lorde. — Ellie desfez o último botão e então foi até o fecho das suas calças.

—Ah, corrigindo, — ele disse com um sorriso. —Eu ganhei o amor da mulher mais linda do mundo. Estou me preparando para tomar banho e me vestir para te encontrar diante de todos os nossos amigos e família – para proclamar o meu comprometimento e o meu amor por você. Devo adicionar que não existe criatura mais sortuda neste mundo.

Suas mãos vacilaram e ela olhou para o rosto sorridente, certa que o dela brilhava por causa do calor.

—O que é, meu amor? — ele perguntou, o sorriso esvanecendo, dando lugar à preocupação.

Ellie sacudiu a cabeça, querendo dizer que não era nada, mas a expressão dele implorava para que ela compartilhasse – e Ellie estava determinada a nunca mais se esconder do homem que estava diante dela.

—Não estou acostumada a que se refiram a mim dessa forma. — Insultos do pai, sim. Indiferença dos criados, certamente. Mas essas contínuas declarações de amor? Era demais esperar que elas durassem eternamente?

—Preciso compensar por todos esses anos – provar a você que todo esse tempo tinha que ter sido preenchido com amor e adoração. — Ele falou para o seu maior medo, banindo-o de sua mente.

Este homem, Alex, a amava.

E ela, a mulher que tinha passado a vida escondida, estava pronta para começar a viver – com ele ao seu lado.

—Agora, mulher, apressemo-nos. — A voz dele tinha um quê de carinho. —Não me atrasarei para o momento mais feliz da minha vida.

NOTAS DA AUTORA

Obrigada por ler Nunca Mais Esquecida, Série Uma Dama Abandonada (Livro Cinco).

Se você gostou de Nunca Mais Rejeitada, não deixe de escrever uma breve avaliação no seu site favorito.

Eu adoraria ouvir sobre você!
Você pode me contatar em:
Christina@ChristinaMcKnight.com
Ou escreva para:
P O Box 1017
Patterson, CA 95363
www.ChristinaMcKnight.com
Verifique o meu site para brindes, avaliações de livros e informações sobre futuros projetos ou entre em contato por meio das redes sociais:
Twitter: @CMcKnightWriter
Facebook: www.facebook.com/christinamcknightwriter
Assine a minha newsletter aqui:
http://hyperurl.co/CMNL
Vire a página para saber mais sobre a série Uma Dama Abandonada!

SÉRIE UMA DAMA ABANDONADA

Esta série é o romance de época em seu melhor. Volte no tempo com as damas e os cavalheiros da série “Uma Dama Abandonada” e apaixone-se pelo gênero.



Nunca Mais Rejeitada
Nunca Mais Esquecida
Eternamente Desprezada
Ainda Mais Natal
Nunca Mais Escondida

DISPONÍVEIS EM E-BOOK

Vire a página e leia o conto com o desfecho da série Uma Dama Abandonada!

Um Conto da série
Uma Dama Abandonada
Ainda Mais Amada

A MÃO DE lady Ellington tremia enquanto ela pegava o buquê de flores azuis, que tinha sido amarrado com uma simples fita amarela, e então olhou para a irmã. Nos olhos de Ruby – que eram exatamente iguais os dela – ela viu amor incondicional. Os olhos dela brilhavam com lágrimas de alegria e fascinação – e zero vergonha. Ellie tinha sido uma tola ao pensar que Ruby queria algo mais que amor e proximidade. No último ano, gastara muito tempo e energia tentando afastá-la, temendo que a irmã recém-descoberta quisesse lhe causar algum mal.

Ela ergueu o queixo para impedir que as suas próprias lágrimas caíssem.

—Não chore, querida irmã, — Ruby sussurrou enquanto beijava as bochechas de Ellie rapidamente e a puxava para um abraço, esquecendo completamente o buquê que estava entre elas. —Alex, quer dizer, lorde Chastain será um marido maravilhoso. E eu terei muito orgulho de chamá-lo de irmão.

Como dizer a Ruby que Ellie não temia a capacidade de Alex de ser um bom marido?

Ellie colocou as flores sobre a penteadeira.

Na verdade, Ellie nunca tinha duvidado do noivo – não do seu amor por ela, nem do seu comprometimento para com a sua família, e certamente não quanto aptidão para ser o homem que ela teria a honra de ter ao seu lado por toda a eternidade. Não, ela duvidava era de si mesma.

A saber, se algum dia ela poderia ser digna do amor – do amor dele e dos outros. Ela sempre seria fiel a Alex, disso não tinha um pingo de dúvida, mas ela poderia refrear esse seu desejo de estar sempre no controle? Baixar a guarda o suficiente para permitir que ele se aproximasse? Se tivessem perguntado uns meses antes, Ellie teria dito que tal fato seria impossível. Seu pai, o marquês de Drake, tinha lhe ensinado que vulnerabilidade era algo inaceitável, mas, a ideia da impossibilidade tinha sido apagada, ela foi desaparecendo aos poucos enquanto os dias passavam e Alex continuava a amá-la. A paciência e a compreensão dele pareciam não ter limites. Quando ela se afastava, ele pressentia que ela precisava de espaço. Quando ela o

abraçava forte, ele permitia que ela se agarrasse ao seu corpo forte e lhe dava o apoio que precisava para suportar a vida.

Ele se conhecia tão bem, e isso dava a Ellie um ponto onde se apoiar.

Algo parecido com o que Ruby lhe oferecia naquele exato momento – uma chance de superar todas as dúvidas, medos, preocupações e expectativas, sem pressioná-la para colocar tudo em palavras.

Ellie nunca seria boa em compartilhar seus pensamentos e sentimentos, mas precisaria dominar esta arte nos próximos meses. Ela não precisava mais manter seus medos escondidos ou até mesmo conter a sua felicidade. Não precisaria mais ficar aterrorizada por alguém usar seus sentimentos mais escondidos contra ela – arrancando dela qualquer chance de uma vida plena.

Ela era amada... cada parte dela era amada. O bem que veio de algum lugar lá no fundo, e a maldade herdada do pai. Ela não era exatamente igual a ele, nem tinha sido abençoada com a natureza compassiva da irmã.

Ellie apertou os dedos de Ruby, sinalizando que ela tinha voltado ao presente.

Era onde ela precisava estar, não no passado com seus dias terríveis e suas noites solitárias. O que tinha agora era mais do que podia ter desejado.

—Você vai se casar esta manhã, — Ruby suspirou, inclinando um pouco a cabeça como se estivesse sonhando acordada. —Tudo está perfeito... principalmente você.

A visão de Ellie borrou enquanto as lágrimas voltavam. Piscou rapidamente para impedi-las de cair.

—Acho que já me demorei o suficiente. — Ellie soltou as mãos da irmã e limpou as lágrimas não derramadas antes de pegar as flores. Ela foi até o espelho para se olhar uma última vez. —Por favor, avise a todo mundo que demorarei só mais um pouco.

Ela viu o sorriso contagioso de Ruby se alargar por trás dela no espelho, e Ellie percebeu que também sorria, mas o desconforto impedia que ele alcançasse os seus olhos.

—Você é a noiva — Ruby disse séria. —Assim sendo, você pode levar o tempo que quiser – nenhuma única alma vai falar nada sobre isso, ou eles terão que se ver comigo – e eu acho que com o seu devotado noivo também.

—Passei a vida fazendo as pessoas que gostam de mim esperar. Não vou fazer isso hoje, — Ellie confessou.

Com um sinal de aprovação, Ruby foi até a porta e a fechou sem fazer barulho.

Ellie olhou para a mulher no espelho. Era a menina de quem tinha fugido por muito tempo, mas ao mesmo tempo, não era.

Seu cabelo ruivo naturalmente rebelde e indomável tinha sido penteado e muito bem preso no alto da sua cabeça, ele estava enfeitado com flores que combinavam com o seu buquê.

Com os cachos fora dos seus ombros, o pescoço estava exposto – permitindo que todos vissem a sua pele de porcelana, que não tinha uma única mancha de sol. Dois brincos de safira em forma de gotas pendiam a meros centímetros dos seus ombros e ela usava uma gargantilha que combinava com eles.

Quando Lady Haversham e Ruby sugeriram que o azul era uma cor que combinaria muito bem com a sua pele e o seu cabelo, Ellie tinha pensando que elas estavam erradas, mas só de olhar para o seu reflexo podia dizer que elas escolheram o tom certo.

Não muito longe das safiras da sua gargantilha estava o decote rendado do seu vestido – um vestido branco que abraçava o seu corpo do pescoço até a cintura. O tecido só começava a soltar na altura dos quadris, o que lhe permitia andar. O vestido era outra peça que mostrava quem Ellie era – ou ao menos, quem ela estava se tornando.

Uma duquesa.

Lady Chastain.

Ela não teria mais a mesma liberdade de antes, de quando estava sob a guarda do marquês e longe das vistas da sociedade. A criança que batia carteiras na Bond Street não existia mais. A menina que gostava muito de afastar as pessoas também tinha ido embora. E a mulher que tinha construído uma vida e um futuro de solidão, tinha partido para sempre.

Na frente dela estava uma mulher que não se conhecia, mas que estava ansiosa para descobrir mais sobre si mesma. Uma mulher que agora faz pouco da vida de solidão que levava antes, e que prefere passar a tarde com a irmã ou jantando com o noivo. Ela até mesmo começou a visitar a Craven House com mais frequência – lia com Samantha, jogava cartas com Payton e discutia o gerenciamento da casa com Marce, preparando-se para assumir a casa de Alex – a casa deles.

Ellie queria muito poder dizer que tinha crescido e amadurecido por conta própria – mas isso não seria verdade. E ela já tinha cansado de mentir para si mesma e para as pessoas próximas a ela.

Foi o amor incondicional daqueles que a rodeavam que permitiu que o seu coração se curasse. Foi justamente por que Alex – assim como a sua irmã, os Havershams, e as mulheres da Craven House – não tinha desistido dela. Eles não tinham permitido que ela se escondesse dentro de si depois que o pai morreu. Eles lutaram para lhe mostrar que ela era mais do que o que seu pai dizia. E mesmo que o sangue dele corresse em suas veias, ela não era a pessoa amarga, cruel e raivosa que ele tinha sido.

Ela era diferente, única e inteiramente ela mesma.

Livro do fardo que tinha sido posto em seus ombros por seu próprio pai.

E por causa disso, ela estava livre para amar – com todo o seu coração. Algo que ficou chocada ao descobrir ser capaz, já que sempre sentiu um vazio profundo onde as suas emoções deveriam estar.

E por isso, ela escolheu fazer exatamente aquilo – amar com todo o seu coração.

E enquanto ela via aquele sonho se realizar, o vazio dentro do seu peito – onde o seu coração estava – pareceu ser preenchido até quase explodir.

O que não percebeu naquela época era que permitir que o amor entrasse em seu coração e na sua vida, era a parte fácil. O difícil era tudo o que estava atrelado a isso. Tantas emoções a invadiram desde aquele dia. De uma hora para a outra, não estava mais vivendo para si ou para o seu terrível pai, não, havia pessoas que dependiam dela. Não para apoio financeiro ou qualquer coisa do tipo, eles precisavam que ela fosse feliz. Eles realmente queriam que ela estivesse feliz e contente.

E, pela primeira vez, ela estava vivendo cada dia provando a aqueles ao seu redor que podia encontrar satisfação com a vida.

E isso... isso era muito mais difícil que viver por si mesma, tomando decisões que afetariam apenas o *seu* futuro.

A parte mais esmagadora era que Ellie *estava* aprendendo a ser feliz, a encontrar alegria nas pequenas coisas, a apreciar cada momento que passava com a família e os amigos.

Isso também significava que ela precisava descobrir quem era e qual seria o impacto que aquela percepção causaria nas escolhas que faria de agora em diante. Não se permitiria voltar a ser aquela criança petulante. Bater carteiras no Hyde Park ou no Covent Gardens era perigoso demais. Quem sairia ferido nessa história seriam Ruby e Alex – e ela não podia suportar a ideia de decepcioná-los.

E Marce... a querida e doce Marce, tinha mais problemas do que podia lidar, problemas estes que eram personificados nas figuras dos seus quatro irmãos: Garrett, Judith, Samantha e Payton.

Uma leve batida soou na porta e trouxe Ellie de volta ao presente mais uma vez. Olhando para o relógio que estava sobre a cornija da lareira, viu que se passaram vários minutos desde que Ruby tinha ido terminar os preparativos para o casamento.

—Estou indo. — Ela sorriu para o seu reflexo no espelho, a felicidade alcançou os seus olhos. —Só preciso ajustar um grampo no meu cabelo.

Ellie olhou em volta do quarto – um quarto enorme e escassamente mobiliado. As paredes tinham sido pintadas apenas quinze dias atrás, quando o quarto foi preparado para a chegada da nova senhora. Ela. Tinham lhe dito que o quarto pertencera a Lorelei, a mãe de Alex, mas a mulher não teve a oportunidade de reformá-lo antes de morrer em um acidente de carruagem ao lado do marido, deixando o ducado sem um herdeiro até Alex ser encontrado.

Toda a casa estava em ruínas devido à extrema negligência, mas felizmente, nem o título de Chastain nem o de Drake estavam sem fundos. As reformas em ambas as casas de Londres estariam completas antes do final do ano.

—Minha lady? — Daphne, a sua criada, disse enquanto entrava no quarto e fechava a porta atrás de si. Ellie encontrou os olhos da garota pelo espelho. —Minha lady, você está maravilhosa.

—Isso é muita gentileza da sua parte, — Ellie respondeu. Ela não se sentia maravilhosa – nenhum pouco. Ela se sentia uma impostora. Estava vestindo algo muito mais bonito do que merecia. Estava levando todos os seus pertences para um quarto que pertenceu a uma mulher muito mais digna que ela. E estava prestes a tomar por marido um homem que merecia qualquer mulher que não fosse a que ele estava se preparando para se casar.

—Devo chamar lorde Chastain? — Daphne perguntou. —Ou talvez o Sr. Jakeston?

—Não é necessário. — Ellie pregou um sorriso no rosto. A criada viu além da sua fachada de alegria, mas Daphne tinha bom senso suficiente para agir como se não tivesse visto a incerteza da senhora. —Eu só preciso de alguns minutos. Isso tudo é tão angustiante.

—É de se esperar, minha lady.

—A minha irmã mandou você aqui para se certificar de que eu estou bem? — Não seria a primeira vez – nem a última – que Ruby tinha pedido a

ajuda de outras pessoas para romper as paredes que Ellie construíra em volta de si. Quando Daphne fez que não, Ellie estava pronta para aceitar a negativa como sendo verdade, já que a criada não insistira em chamar Alex ou Ruby.
—Acho que estou pronta.

Daphne fez que sim e abriu a porta para Ellie.

Ela foi em direção à porta. Assim que chegou ao corredor, ela se virou para pedir ajuda a Daphne. Ellie não teve tempo para aprender a disposição da sua nova casa, nem tinha ideia de onde as pessoas estavam reunidas. Isso foi outra coisa em que Ruby e lady Haversham insistiram. Tudo o que sabia era que seria uma cerimônia ao ar livre, seguida por uma refeição no enorme salão de jantar: faisão assado e pato acompanhados por queijo, pães frescos e frutas. A cozinheira também tinha preparado uma variedade de sopas e de sobremesas delicadas.

Tudo para impressionar a nova duquesa.

Por que Ellie não podia sorrir graciosamente e aceitar tudo o que estava sendo oferecido a ela?

A resposta simples: ela se sentia uma completa fraude, uma impostora... a filha bastarda de um marquês e de uma mulher de pouca moral.

Um mulher com o tipo de ascendência que nunca deveria ser uma duquesa.

De alguma forma retorcida, o pai, o marquês de Drake, provavelmente a esteve preparando para o futuro. Um onde uma mulher como ela era relegada às margens da sociedade – ela estava ali, mas nunca seria completamente reconhecida ou aceita.

—Por aqui, minha lady. — Daphne passou a mão pelo braço de Ellie e a guiou pelo corredor, indo em direção às risadas e às conversas. O cheiro das delícias ficou mais forte enquanto o barulho das pessoas aumentava. Ellie suspeitava que elas estivessem quase chegando.

Seu ritmo diminuiu, e cada passo parecia mais difícil que o anterior.

Assim que chegasse lá, tudo aconteceria muito rápido. Ela seria recebida pela irmã e pelos amigos, iria até Alex e se veria de frente para o vigário Jakeston, e antes que Ellie pudesse tomar fôlego, ela estaria passando de uma pessoa a outra – recebendo as felicitações. Depois disso, os festejos começariam e todos brindariam pelo futuro dela e de Alex – um futuro cheio de felicidade, muitos filhos e uma longa vida juntos. Eles comeriam até que seus estômagos estivessem cheios e doloridos, dançariam até voltarem a ter fome e então ela e Alex se retirariam. Daphne a cumprimentaria com um

sorriso de quem sabia o que estava por vir e prepararia a nova duquesa para o seu novo marido – uma camisola branca com o decote baixo tinha sido encomendada especialmente para esta ocasião. Alex iria para o quarto dela, ou talvez a chamasse para o dele, e seus corpos se encontrariam depois de muitas semanas de anseio – mesmo que tivessem compartilhado um momento bastante privado e íntimo naquela manhã.

Dessa vez seria diferente. *Tudo* seria diferente.

Assim que se unissem, tudo seria sobre eles, como um casal, contando um com o outro para assegurar um bom futuro para si e quaisquer filhos que viessem a ter.

Estava tudo muito bem esmiuçado no contrato de casamento que tinha sido negociado por Harold, o marido de Ruby. Isso era, afinal das contas, a coisa certa a ser feita.

Ellie não acreditava muito na capacidade das pessoas – não importa a posição social – de criar e manter algo duradouro pelo resto de suas vidas.

Era só olhar para a sua mãe e para o seu pai – e, o que foi ainda mais desastroso, para os pais de Alex.

Que suas vidas estivessem entrelaçadas muito antes de Ellie e Alex nasceram não significava nada.

Que muitas pessoas – a Sra. Dutton e lady Haversham especificamente – achassem que eles estivessem destinados, também não significava nada.

Principalmente se Ellie não pudesse se comprometer a algo maior que suas próprias necessidades e desejos.

Um marido... filhos... e mais, a irmã e o cunhado.

Era tudo assustador demais.

—Devo pegar algo para você beber, minha lady? — Daphne parou ao lado de Ellie, e se ela não a estivesse segurando, Ellie provavelmente teria caído de joelhos. Parecia que a criada tinha feito a pergunta em meio a uma ventania, as palavras pareciam distantes, mas ainda assim ecoavam na sua cabeça. —Lady Ellington?

Ela queria correr. Queria arrancar aquele belo vestido do corpo e usar um vestido simples que ia até os joelhos e que tinha um avental na frente, o mesmo que usava quando nova. Ela queria se esconder em um dos muitos quarto da casa Drake e ficar completamente invisível.

Não seria doloroso demais explicar para a irmã – e para Alex – que ela tinha cometido um erro enorme.

Ela não estava pronta para ser uma esposa. Uma duquesa. Uma mãe.

Na verdade, ela era tremendamente inadequada para qualquer um desses papéis.

Ruby não a forçaria a se casar, se soubesse que a irmã não estava muito segura com a união.

Embora, se ela pedisse para Ellie responder com honestidade, ela responderia que era a união perfeita.

Alex, o seu noivo, era perfeito... de todas as maneiras.

O que só fazia os defeitos de Ellie serem ainda mais gritantes.

Era Ellie quem estava longe da perfeição.

Só imaginava se as suas falhas eram visíveis para as pessoas em volta dela. A irmã parecia ignorar as suas deficiências. As mulheres da Craven House a conheciam desde menina e tinha se acostumado com o seu humor azedo. Até mesmo lorde e lady Haversham pareciam sorrir e assentir quando Ellie ficava desagradável.

Como eles podiam não ver que o que ela realmente precisava era que alguém – qualquer um – reconhecesse o fogo que queimava dentro dela e que a afastassem dele?

Havia apenas uma pessoa que, não importa o quão desagradável ela fosse, não importa o quão azeda estivesse, nem o quão mordazes fossem os seus comentários, só essa pessoa a puxaria para perto quando tudo o que queria fazer era fugir.

Alex.

Ellie não poderia abandoná-lo no altar, deixando-o esperar por uma noiva que nunca apareceria, e a vergonha de explicar tudo para os convidados que foram até lá para a cerimônia.

Aquele homem – o seu noivo – daria a vida por ela, caso ela pedisse.

E até aquele momento, Ellie tinha sido o tipo de pessoa que pediria exatamente isso, se por nada mais, apenas para mostrar que a lealdade da pessoa desaparecia quando ela se deparava com tal possibilidade. Ver a verdadeira natureza da pessoa, e sua falsidade, ser revelada na frente de todo mundo que estava ali lhe daria um prazer perverso.

—Sra. Dutton. — A preocupação na voz de Daphne afastou Ellie de seus pensamentos.

Ellie piscou rapidamente, concentrando-se nos muitos criados à sua volta – todos congelados enquanto olhavam para a futura duquesa. Eles a encaravam, e então ela percebeu que tinha duas opções: poderia fugir, ou

poderia erguer os ombros e sorrir para as muitas pessoas que trabalharam duro para fazer com que aquele dia fosse especial... para ela.

E todos eles dependiam dela de um jeito ou de outro.

Ela seria a senhora daquela casa enorme, algo que estava faltando há muitos anos, e uma duquesa para todos os que estavam nos domínios do ducado Chastain. Seria responsabilidade de Ellie sair em sociedade e representar a todos eles.

Era um dever para o qual não se sentia digna.

Mas a esperança no rosto de cada uma daquelas pessoas que a olhavam disse a Ellie que *eles* acreditavam nela – eles a tinham avaliado e acharam que ela fosse digna.

Mais que digna, e não só por ser a duquesa deles, mas também por ter o seu duque há muito perdido como parceiro.

Era a mesma coisa a que tinha forçado os criados da casa Drake depois da morte do pai, mas aquelas pessoas... elas estavam dispostas a aceitá-la só porque Alex a aceitara. Eles não o viam desde que ele era um bebê, mas confiavam nele mesmo assim.

O sorriso de boas-vindas deles diziam a Ellie que eles não se importavam com o fato de a mãe dela ter ganhado a vida vendendo o corpo.

Ellie só queria possuir um átimo da confiança que eles tinham nela, pois sentia que precisaria dela nos dias e meses que estavam por vir. Eles não a conheciam. Na verdade, ela só tinha começado a levar as coisas para a casa de Alex no dia anterior. Mas os criados acreditavam que as intenções dela eram genuínas – tanto para com eles *quanto* para o senhor recém-descoberto.

E cada poro de Ellie gritava que suas intenções para com Alex – e seus muitos criados nas quatro propriedades – eram verdadeiras. Se sentia ser comida por dentro só de pensar em ferir o homem que tinha tomado tanto cuidado com ela desde a morte do pai.

Até mesmo esta manhã Alex a tinha procurado, a pegado em seus braços fortes e capazes, e também carinhosos, e não apenas a abraçou, mas *mostrou* a ela que tudo estava como deveria estar.

Então por que toda essa incerteza?

Ellie sorriu, esperando que ninguém notasse a hesitação que havia ali. — Bom dia para todos vocês. Obrigada por todo o trabalho que tiveram para fazer com que esse dia fosse especial para milorde. — Ela abaixou a cabeça, o queixo afundando enquanto ela tentava esconder os olhos úmidos. —Eu sei que isso significa muito para ele – todos vocês significam.

Como se fosse possível, os sorrisos deles ficaram ainda mais largos ao ouvirem as suas palavras. Embora Ellie tivesse dito muito pouco, ela falou com sinceridade. E isso era algo com o que não estava acostumada. Para falar a verdade, ela passou toda a vida protegendo o coração, poupando-o da dor e do sofrimento que se abatiam sobre ela enquanto ainda estava sob a guarda duvidosa do pai.

—A gente vai ficar feliz por ter você aqui, milady, — A Sra. Dutton falou enquanto se movia rapidamente até chegar ao lado de Ellie. —Você era tudo o que o meu menino *percisava pra* perceber que ele é muito mais do que ele achava.

Ellie fechou a boca com força para impedir que o queixo começasse a tremer enquanto olhava dentro dos olhos da mulher cuja a compaixão e a abnegação apenas rivalizavam com a do homem que ela criou desde bebê, o homem que Ellie chamaria de marido. Cada boa característica que Alex possuía era por causa da mulher que estava na sua frente. Ela era baixinha e um pouco roliça, mas para Ellie ela tinha três metros de altura – um verdadeiro pilar, uma mulher com a qual Ellie faria muito bem em aprender alguma coisa.

—Obrigada, Sra. Dutton, — Ellie disse, a voz estremeceu quando disse a última palavra.

Durante toda a vida, ela esteve rodeada por tantas mulheres fortes, valentes e amorosas, e ainda assim não conseguiu notá-las. Teria sido muito melhor se ela tivesse começado a observar estas mulheres e tivesse aprendido tudo o que podia com elas, em vez de tentar – sem sucesso – ganhar o afeto do pai. Viveu a vida de forma errada durante todos esses anos. Mas isso acabaria hoje.

Tinha que acabar hoje, não havia outra escolha para ela.

Ou para o seu futuro.

Ellie encarou os rostos receptivos das pessoas ao seu redor e tudo o que viu foi amor e aceitação.

Talvez já fosse hora de aceitar a si mesma – pelo que ela era e pelo que ela queria ser.

Uma mulher digna de todas aquelas pessoas. Digna do amor, da dedicação e do apoio incondicional deles.

—Milady? — Daphne apertou a mão de Ellie. —Lorde Chastain e os outros estão esperando lá fora.

Estava na hora.

Ainda estava hesitante enquanto atravessava o salão de jantar e ia em direção às portas duplas, abertas de canto a canto, que conduziam até a varanda e aos degraus que levavam aos jardins.

A irmã e lady Haversham tinham-na proibido de ver o local, dizendo que o momento seria muito mais especial se Ellie entrasse lá e visse não apenas as decorações pela primeira vez, mas também Alex.

—Estou pronta, — Ellie sussurrou, apertando a mão de Daphne antes de soltá-la e segurar o buquê na frente do corpo.

A Sra. Dutton a beijou rapidamente na bochecha. —Todos ficaremos muito felizes por este dia finalmente ter chegado. — Sem falar mais nada, a senhora se virou e atravessou as portas, os movimentos incrivelmente ágeis para uma mulher daquela idade.

—Minha querida Daphne. — Ellie se virou para a sua criada de confiança. —Por favor, vá e tome o seu assento. Estarei logo atrás de você.

—Você está linda, milady. Milorde vai ficar tão satisfeito com a noiva. — Daphne seguiu a Sra. Dutton e sumiu de vista, deixando Ellie mais uma vez sozinha com os seus próprios pensamentos.

Era Alex que ela queria. Ser a duquesa dele era mais do que ela já sonhou.

Ellie respirou fundo e foi caminhando lentamente em direção às portas da varanda – e para o seu futuro.

O piso tremia debaixo dos seus pés, e levou um momento para ela descobrir que eram suas pernas que estavam tremendo, não o chão.

Ela podia ouvir os criados passando para lá e para cá, preparando-se para o banquete de casamento e o grande baile daquele noite. Ela pediu que apenas uma meia dúzia de pessoas fossem incluídas na cerimônia, Alex concordou de pronto, principalmente por ambos serem novos em meio à sociedade, mas toda Londres tinha sido convidada para conhecer os novos lorde e lady Chastain.

Não haveria mais como se esconderem, não haveria mais segredos.

E a forma mais adequada para satisfazer o interesse da *ton* neles era se apresentarem para toda a sociedade educada. Permitir que as massas os vissem e avaliassem o duque e a duquesa Chastain, permitir que o escândalo do passado deles fosse exposto, discutido e esquecido. Assim que essa parte acabasse, seria seguro para Alex e ela começarem a vida juntos, irem para onde quisessem ir e ser quem quer que eles quisessem ser. Começar uma família. Possivelmente ir para o campo. Viver uma vida em Londres em meio

ao *beau monde*. Cabia a eles, como um casal, determinar os caminhos para a sua felicidade e o seu futuro.

Eles decidiriam o que fariam com o próprio destino... criariam o próprio felizes para sempre. E com o apoio da família e dos amigos alcançariam tudo o que desejassem.

O brilho do sol do fim da manhã cegou Ellie por alguns segundos no momento que ela atravessou as portas. Eles se adaptaram à luz e ela pôde ver um pequeno grupo de pessoas – todas as que ela amava. Todos aqueles que não tinham desistido dela, não importa o quanto ela os tivesse afastado ao longo dos anos.

Amigos e famílias... novos e antigos.

Todos ali para testemunhar os votos que ela trocaria com Alex.

Embora houvesse apenas umas vinte pessoas, a audiência era intimidante.

O coração de Ellie batia com força em seu peito. Tão alto que ela podia ver as bocas das pessoas se movendo enquanto elas falavam com quem estava ao lado delas, mas as palavras eram engolidas pelo som do seu coração e do seu sangue correndo rápido por suas veias.

De repente, ela ficou com medo – aterrorizada até a raiz dos cabelos – de seguir em frente. De aceitar tudo o que Alex tinha a lhe oferecer.

Suas dúvidas, seus medos, sua hesitação... eles diminuiriam algum dia?

Haveria um dia em que Ellie se veria livre do passado, em que seria capaz de deixar os maus-tratos do pai para trás e viver a vida para a qual estava destinada?

Cada parte dela queria ser livre, ansiava pela oportunidade de deixar tudo isso no passado – esquecer tudo, e abraçar o amor que estava sendo oferecido a ela.

Ellie buscou entre a multidão de rostos sorridentes pela única pessoa que mais significava para ela. O único que importava.

Sentiu um segundo de pânico quando não viu o homem pelo qual procurava de imediato.

O vigário estava de pé na frente da multidão.

Ruby, Jude, Sam e Lady Haversham estavam à esquerda dele, olhando para ela.

Do lado direito, Lorde Haversham segurava o pequeno Neill, quem estava se contorcendo para poder ir para o chão.

Marce, Daphne, Payton e a Sra. Dutton estavam nos assentos da frente, todas pareciam olhar para Ellie com expectativa. Atrás delas estavam os

criados da casa Drake e da casa Chastain, e também vários dos criados da casa de Lady Haversham. Ellie até mesmo teve um vislumbre de Lady Aloria... agora Lady Wolfeton acompanhada pelo marido.

Isso fez estourar um amor tão profundo dentro dela, que os joelhos de Ellie voltaram a tremer... mas ela se recompôs mais uma vez enquanto passava os olhos pela audiência.

Finalmente o viu.

Ele se afastou do vigário, como se estivesse pressentindo o seu desconforto, sua necessidade por ele.

Cada dúvida, medo e incerteza desapareceu enquanto lorde Chastain ia até ela, seus passos eram firmes e seguros enquanto ele subia os três degraus da varanda e parava ao lado dela.

Ellie estava exatamente onde deveria estar.

Era apenas com Alex ao seu lado que ela podia reconhecer qual era o seu lugar.

Era ele quem a fazia completa. E ela fazia o mesmo por ele.

Eles tinham vivido suas vidas como duas metades, nunca sabendo o que estava faltando – ou quem. Ambos tinham um vazio que tentavam preencher – Ellie com o seu comportamento distante, e Alex com a sua natureza supergenerosa.

Juntos, eles eram um.

Foi necessário que Alex mostrasse a Ellie a mulher que ela estava destinada a ser. Que tudo o que ela precisava era dele ao seu lado.

—Meu amor, — Alex sussurrou. —Você está pronta para dar início ao nosso futuro? Está pronta para ser a minha duquesa?

Ellie estava pronta e preparada para ser aquela mulher.

Era ele – e somente ele – que não apenas lhe disse, mas também mostrou, que ela valia a pena.

—Eu não pertenço a nenhum outro lugar que não ao seu lado. Não há um único local em que eu queira estar que não seja aqui, com você. — Aquelas eram as palavras mais sinceras e ousadas que ela já tinha dito para qualquer pessoas.

—Venho ansiando ouvir isso. — O sorriso dele lhe deu uma sensação de que tudo estava em seu devido lugar. —Vamos entreter os nossos convidados? Já passou da hora de você ser apresentada como o meu amor, como a minha vida, e finalmente, como minha duquesa.

Ellie fez que sim, as palavras lhe faltaram quando viu o amor com o qual ele a olhava.

Ela sabia que era um amor incondicional, infinito, indestrutível e que duraria até que eles dessem os seus últimos suspiros.

Era tudo, e era algo que ela nunca soube que queria.

Ainda assim, era tudo o que precisava.

—Jamais estive tão preparada.

Sorrindo uma última vez, Ellie deu o primeiro passo em direção ao resto de sua vida – Alex estava ao seu lado, e todas as pessoas de quem gostava estavam lá dando apoio a eles.

Era assim que as coisas seriam para sempre – um futuro com uma superabundância de amor, família e amigos que a apoiavam em cada decisão, e um marido que a valorizava acima de tudo.

Não havia nada mais que pudesse desejar.

Ellie era amada. Ainda mais.

SOBRE A AUTORA

A Autora Best-Seller do USA TODAY Christina McKnight escreve Romances Regenciais emocionantes e intricados com heroínas fortes e heróis pouco ortodoxos.

Seus livros combinam romance e mistério, explorando temas como perdão e redenção. Quando não está escrevendo ela gosta de conhecer novas cafeterias, visitar adegas, viajar pelo mundo e assistir televisão.

E-mail: Christina@ChristinaMcKnight.com
Siga-a no Twitter: @CMcKnightWriter
Assine a newsletter:
http://hyperurl.co/CMNL

Acompanhe os lançamentos em: www.christinamcknight.com
Curta a página de Christina no Facebook: ChristinaMcKnightWriter

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com

---

[i] É uma carruagem leve e sem cobertura, de duas rodas, puxada por um cavalo. Foi criada em Londres, no início do século XIX pela empresa construtora de carruagens, Mount Street. O condutor

tem assento junto ao passageiro. Foi utilizada como carruagem de aluguel.